

◊ MARGARET GEORGE ◊



# ELIZABETH I

- O anoitecer de um reinado -



  
GERAÇÃO



MARGARET GEORGE

# ELIZABETH I

*- O anoitecer de um reinado -*

TRADUÇÃO  
Lara Freitas

  
GERAÇÃO

Copyright © 2012 by Margaret George

1ª edição – Outubro de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher  
Luiz Fernando Emediato (licenciado)

Diretora Editorial  
Fernanda Emediato

Produtor Editorial  
Paulo Schmidt

Assistente Editorial  
Erika Neves

Preparação de Texto  
Marsely Dantas

Capa e Diagramação  
Megaarte Design

Revisão  
Valquíria Della Pozza

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

George, Margaret  
Elizabeth I / Margaret George ; tradução Lara Freitas. — São Paulo :  
Geração Editorial, 2012.

Título original: Elizabeth I.  
eBook ISBN 978-85-8130-075-7  
Print ISBN 978-85-8130-076-4

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-10613

CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 - Lapa  
CEP: 05075-010 - São Paulo - SP  
Telefax : (+55 11) 3256-4444

E-mail: [geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br](mailto:geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br)  
[www.geracaoeditorial.com.br](http://www.geracaoeditorial.com.br)  
twitter: [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)



*Para Robert,  
meu genro, súdito leal de  
Sua Majestade, a rainha Elizabeth,  
no passado e presente*



# AGRADECIMENTOS



**G**omo sempre, à família. Meu marido, Paul, minha filha, Alison, meu genro, Robert, minha irmã, Rosemary, que me deram apoio e ajudaram-me, também a meu agente, Jacques de Spoelberch, e às editoras Carolyn Carlson e Beena Kamlani, que tornaram o livro ainda mais brilhante depois de passar pelas mãos de todos eles. Quero agradecer ainda ao professor William Aylward, do Departamento Clássico da Universidade de Wisconsin-Madison, pela ajuda com as traduções do latim, à dra. Mary Magray, historiadora e palestrante irlandesa, do Departamento de Estudos Liberais e Artes, da Universidade de Wisconsin-Madison, por seu conhecimento e ajuda com a complexidade da história da Irlanda no período elisabetano e ao meu amigo Miki Knezevic, pelas boas ideias sobre os personagens. À dra. Lyn Courtenay e ao dr. Nathaniel Alcock, que descobriram as palavras exatas que constavam no túmulo da família Dudley em Warwick, uma ajuda inestimável para a história. A meu pai, Scott George, que me contou pela primeira vez sobre o Velho Parr ao ver seu túmulo na Abadia de Westminster. À amizade e ao apoio das minhas companheiras da liga católica: Lola Barrientos, Patsy Evans, Chris Thomas, Beverly Resch, Mary Sams, Diane Hager e Margaret Harrigan, que significaram muito para

mim no decorrer dos anos. E, por fim, meus agradecimentos aos colegas elisabetanos, Jerry e Nancy Mitchell, que apareceram certa noite na Hatfield House e transformaram o banquete em algo mágico.

E ao espírito da própria Elizabeth, que acredito ter viajado pelo livro enquanto este tomava forma, sussurrando o caminho pelo qual deveria ser seguido.



Elizabeth H

ARCEBISPO CRANMER:

Em seu reinado todos vão comer com  
tranquilidade,

Sob as próprias videiras plantadas, entoando

As canções alegres de paz para todos os vizinhos:

Deus será a máxima verdade, e os que se  
sujeitarem a ela

Serão honrados de todas as formas,

E é assim que sua grandeza será reconhecida, não  
por sangue.

...

Ela deverá ser, para a alegria da Inglaterra,

Uma princesa de vida longa, muitos dias ela verá,

E nenhum dia sem um feito a coroar.

Quisera não saber mais nada! Mas ela morrerá,

Ela terá que morrer, os santos precisam dela,  
ainda virgem,

Assim como o lírio intocado

Ao ser sepultada, o mundo lamentará sua partida.

REI HENRIQUE VIII:

Ó lorde arcebispo,

Fizeste de mim agora um homem. Nunca antes

Desta criança feliz, recebi coisa alguma.

Esta profecia de conforto me agradou tal forma

Que, quando eu estiver no céu, desejarei

Ver o que essa criança faz, louvando meu Criador.


William Shakespeare, *Henrique VIII*, iv: 33-38; 56-  
68



# 1

## VATICANO Março de 1588



 elice Peretti, também conhecido como papa Sisto V, observava de perto a pilha de bulas.

Estavam todas bem enroladas e organizadas como lenha para fogueira, algumas maiores, outras menores e todas com os selos pendurados como se fossem caudas de cachorrinhos.

— Ah — disse ele com olhar de satisfação. Elas pareciam irradiar poder, no entanto, faltava-lhes algo: a bênção papal.

Levantou a mão direita e disse em alto e bom latim:

— Ó Deus soberano, ouça a prece de teu servo Sisto. De acordo com a função a mim conferida de vigário de Cristo, teu representante na Terra, com o poder de ligar e desligar/permitir e proibir, de perdoar os pecados ou negar o perdão, condeno a inglesa malévola, a falsa rainha. Ela está, por meio desta bênção, excomungada do mundo cristão até que se arrependa. Os que estão sob seu comando não serão condenados como ela, abençoamos a nau Empreitada da Inglaterra.

“A bordo dos navios da grande Armada vão essas bulas de excomunhão e a sentença de Elizabeth, a rainha impostora

da Inglaterra, pedindo sua deposição, a fim de que seus súditos possam ser salvos de sua impiedade e do seu governo perverso. Eles verão a luz da alegria assim que os vingadores de Cristo puserem os pés em solo inglês. Lá, serão distribuídas aos fiéis. Deus piedoso, pedimos isso em nome do salvador e pela santa Igreja.”

O papa, aos sessenta e oito anos de idade, circundou a pilha lentamente, fazendo o sinal da cruz e aspergindo água benta. Depois, acenou com a cabeça, chamando o mensageiro espanhol que aguardava em silêncio.

— Pode levá-las agora — disse. — A Armada parte de Lisboa, não é?

— Sim, Santidade. No mês que vem.

Sisto fez um gesto de aprovação com a cabeça e falou:

— Elas devem chegar a tempo, então. Você tem tubos à prova d'água para levá-las?

— Tenho certeza de que serão providenciados. O rei Filipe pensa em tudo.



## COSTA SUL, INGLATERRA Abril de 1588



velho ermitão saiu lentamente de dentro de seu abrigo, como fazia todas as manhãs.

Construiu um refúgio sobre as ruínas da Capela de São Miguel, incrustado próximo ao pico da ponta saliente do promontório, estendendo-se até a baía de Plymouth Sound. Ele estava em pé na beira do penhasco, o mar agitava-se longe lá embaixo e ele olhava de um lado para o outro, procurando pelos navios. O sol da manhã, refletindo sobre a água, dificultava a visão. Fechou um pouco os olhos, protegendo-os com a mão, tentando ver algo que parecesse uma vela de navio no horizonte. Nada. Hoje ainda não seria o dia.

Resmungando, voltou a cuidar de sua tarefa: preparar o farol. Havia encontrado um dólmen abandonado no cume do pico, um monumento antigo, e carregava galhos, palha e gravetos para lá há dias. A fogueira que brilharia do alto da montanha em forma de cone tinha que ficar visível a quilômetros de distância, até o próximo farol. E provavelmente aquele seria o primeiro. Se a Armada conseguisse ser avistada de algum lugar, aquele seria o

primeiro. E ele, o ermitão da Capela de São Miguel, ficaria de sentinela enquanto ainda houvesse um raio de luz por lá.

Fez um afago no dólmén. Coisas pagãs. Feitas há muito tempo por pessoas que já haviam partido. Mas quem se importava se fosse ajudar na luta contra o inimigo espanhol?

## TORRE DE LONDRES

### Maio de 1588



uieto! — disse Philip Howard ao padre.

Alguém está vindo. O guarda estava fazendo a ronda. Os passos no chão de pedras do lado de fora eram o som que Philip ouvia até mesmo em seus sonhos. Abaixou a cabeça, apoiando-a nos joelhos, e relaxou os braços. Tinha que fingir que estava dormindo. O padre fez o mesmo, usando seu manto como cobertor. Os outros na sala ficaram em silêncio, petrificados.

Os passos cessaram; a tranca na porta de ferro dos prisioneiros foi aberta. Depois, trancada novamente e os passos continuaram.

Philip permaneceu parado por mais alguns minutos por questão de segurança. Finalmente sussurrou:

— Ele já se foi. Não fará novas rondas por duas ou três horas. Vamos começar. Vamos começar o trabalho de Deus.

Os outros prisioneiros da cela se movimentaram. O padre tirou o manto que cobria a cabeça.

— Em nome da Santa Madre Igreja — disse — celebrarei esta missa.

Philip balançou a cabeça de forma negativa e falou:

— Deve ser dedicada a outra intenção. Eu não era um traidor até que tentaram me transformar em um. Agora, preso por cinco anos aqui na Torre, vi pessoalmente a maldade da rainha e da sua suposta igreja. Devemos destruí-la. Ela deve ser aniquilada. E meu padrinho, o rei Filipe, garantirá isso.

E em meio à penumbra os olhos do padre brilharam.

— E a que devemos dedicar a missa? — perguntou.

— Ao sucesso da Armada! — disse Philip. — Que ela nos vingue desta nação de infiéis!

— Ao sucesso da Armada! — bradaram os demais.

O padre começou a se paramentar, separou uma xícara de cerâmica para usar como cálice, um prato de madeira como base, um lenço como estola.

— Rezemos — disse para iniciar a oração. — Ó Altíssimo, vistes com piedade a blasfêmia e o sacrilégio na Inglaterra, antes uma serva obediente, agora renegada. Como antigamente, quando uma nação se corrompia perante falsos deuses, vós os castigáveis com a vara, agora enviais o vosso filho, o rei Filipe da Espanha, um devoto da verdadeira fé, para puni-los. Assim como não houve misericórdia para os amoritas nem para os filisteus e cananeus, não poderá haver misericórdia para esses desgarrados. Se perecermos junto a eles, mereceremos. Vede o que vosso servo Philip, conde de Arundel, esculpiu na parede de sua miserável prisão. Percebei suas palavras: *Quanto plus afflictionis pro Christo in hoc saeculo, tanto plus gloriae cum Christo in future.* “Quanto mais sofrimentos suportarmos por Cristo neste mundo, maior será a glória que receberemos no próximo.” Sabemos, Senhor, que isso é verdade.

— Verdade... verdade... verdade — murmuraram Philip e seus companheiros prisioneiros. — Ó Armada, venha depressa para libertar a Inglaterra! Abençoe todos os seus filhos exilados que estão a bordo, empunhando armas para salvar sua terra natal!


Os gritos exaltados ecoaram dentro da câmara úmida feita de pedra.



## ELIZABETH

### Maio de 1588



 chicote estalou em busca de vítimas. Pude ver o cavaliço escondido entre os arbustos para depois fugir para bem longe enquanto o chicote rasgava as folhas sobre a cabeça. Um grupo de espanhóis o seguiu, chamando-o de desgraçado sem valor. Então, o rosto do perseguidor se virou para mim, resplandecendo de tanto suor e indagou:

— Majestade, por que seguras meu chicote?

Um rosto que achei que nunca mais veria: o de dom Bernardino de Mendoza, embaixador espanhol que expulsei da Inglaterra há quatro anos por espionagem e que agora vinha em minha direção enquanto sentia o chicote entre os dedos.

Sentei-me na cama. Ainda podia sentir o cheiro do couro do chicote pairando no ar por onde havia estalado. E aquele sorriso irônico no rosto de Mendoza, com os dentes à mostra como marfins amarelados... estremeci.

Foi só um sonho. Balancei a cabeça para ficar consciente. Os espanhóis não saíam da minha cabeça, era só isso. Mas... o Mendoza não tinha me dado um chicote? Ou

havíamos apenas encontrado um em seus aposentos quando ele fugiu às pressas? Estava guardado em algum lugar. Era menor do que o do sonho, útil apenas para incitar cavalos, não para castigar cavaleiros. Era preto, trançado e maleável como a cauda de um gato. O couro espanhol era conhecido pela suavidade e pela força. Talvez por isso eu o tivesse guardado.

O dia ainda não havia amanhecido. Era muito cedo para levantar. Iria deliberar na cama mesmo. Sem dúvida que os católicos devotos, vivendo secretamente aqui na Inglaterra e abertamente na Europa, já estavam na missa da manhã. Alguns protestantes provavelmente estariam acordados estudando a Bíblia. Mas eu, seu líder figurante, comungaria com o Senhor aqui e sozinha.

Eu, Elizabeth Tudor, rainha da Inglaterra há trinta anos, fui escalada ao nascer para desempenhar o papel de defensora da fé protestante. Alguns maldosos disseram: “Henrique VIII rompeu com o papa e fundou sua própria igreja apenas para poder ficar com Ana Bolena”. Meu pai respondeu: “Se o papa me excomungar, declará-lo-ei herege e farei o que quiser”. Assim a memória do rei virou piada. Mas com isso veio a necessidade de abraçar o protestantismo, que havia se transformado na igreja nacional e agora tinha personalidade, mártires e teologia própria. Para a antiga Igreja Católica, eu era uma rainha bastarda e usurpadora; por isso digo que o meu nascimento me impôs o protestantismo.

Por que a Inglaterra, um país pobre, deveria ficar atrelada a outros três, França, Holanda e Escócia, e encarar a Espanha, o Goliás do catolicismo? Meu Deus, já não era suficiente para mim o fato de ter que defender e controlar meu próprio reino? Essa função era uma esponja que havia absorvido nossos recursos e estava nos conduzindo lenta e inexoravelmente à falência. Ser soldado de Deus era uma despesa da qual eu poderia ter-me isentado.

Soldado. Deus deve estar rindo por ter-me dado essa bandeira para carregar, pois todo o mundo sabia, ou achava

que sabia, que uma mulher jamais poderia liderar tropas em uma batalha.

Mendoza... Aquele rosto ainda me perseguia, como se o sonho ainda estivesse preso dentro da minha cabeça. Os olhos negros e ligeiros, o rosto fino e a pele branca, e as entradas salientes, se não era um vilão, parecia-se com um. Ele havia conspirado e espionado aqui na Inglaterra, até que foi descoberto e expulso. Suas últimas palavras antes de embarcar foram:

— Diga a sua soberana que Bernardino de Mendoza nasceu não para desordenar reinos, mas sim para conquistá-los.

Desde então, ele se estabeleceu em Paris como embaixador do rei Filipe, criando uma rede de espionagem e intriga que se espalhou por toda a Europa.

Entretanto, ele não era páreo para o nosso espião, *sir* Francis Walsingham. Se Mendoza tinha uma centena de informantes, Walsingham tinha pelo menos 500, mesmo na distante Constantinopla. Se ele era um católico devotado e até mesmo fanático, Walsingham era tão ou até mais apaixonado pelo protestantismo. Se ele não tinha escrúpulos, o lema de Walsingham era “A informação nunca é cara demais”, e pagaria qualquer coisa para obtê-la. Ambos sentiam que estavam travando uma batalha espiritual e não somente uma guerra política.

E o grande embate, o Armagedom entre Inglaterra e Espanha há muito adiado, era iminente. Fiz tudo ao meu alcance para tentar desviá-lo. Nada fora suficiente: negociações de casamento, subterfúgios, humilhação, mentiras descaradas, como quando garanti a Filipe que eu era protestante apenas por necessidade política, mas não por convicção. Qualquer coisa para ganhar tempo, para nos fortalecermos o bastante para encarar a batalha quando finalmente estourasse. Porém, agora estava sem artifícios e Filipe estava sem paciência. Sim, até ele, o homem que disse: “Se a morte veio da Espanha, viveremos ainda muito tempo”.

Finalmente amanhecia, podia então me levantar.

Meu astrólogo John Dee acredita muito em sonhos e presságios. Neste caso, ele estava certo. Tinha acabado de me vestir quando fui informada de que William Cecil, lorde Burghley, meu primeiro-ministro, tinha assuntos de extrema importância para tratar comigo.

Deve ser urgente. Ele sabia que eu não resolvia nada antes do meio-dia.

Cumprimentei-o mesmo temendo as notícias. Ele era de minha confiança; se alguém tinha que me trazer más notícias, melhor que fosse Burghley.

— Perdoe-me, Majestade — ele disse, curvando-se em reverência até onde a espinha reumática permitia. — Mas é muito importante que veja isto — e entregou-me uma mensagem em papel enrolado. — É de Filipe.

— Endereçada a mim? Quanta gentileza! — apertei o pergaminho em minha mão, sentindo a importância pelo peso.

— Provavelmente não, Majestade.

— Ele usou o melhor papel — comentei sarcasticamente.

Burghley não sorriu.

— Tentei ser irônica — disse. — Perdi o tom?

Ele travou os lábios e disse:

— Não, Majestade, fico impressionado que consiga encontrar um traço de humor até mesmo numa situação como essa — pegou o pergaminho das minhas mãos e continuou falando.

— Há centenas deles, estão todos em posse da Armada. Como sementes do diabo, devem ser distribuídos aqui na Inglaterra.

— Ao contrário do dente-de-leão, que flutua por si só no vento, esses pergaminhos não podem ser plantados, a menos que os espanhóis pisem nesta terra. E eles não pisarão.

— Os agentes do secretário Walsingham conseguiram roubar este pergaminho e também uma cópia da carta enviada por um dos conselheiros do rei Filipe. Parece que não há *quase* nada que ele não consiga procurar ou descobrir.

Peguei a carta. Estava em espanhol, é claro, mas isso não era um problema para mim. Conforme lia, entretanto, quase desejava não conseguir entender. Era um memorando cuidadosamente pensado e uma recomendação dirigida ao rei espanhol sobre o que deveria ser feito assim que tivessem conquistado a Inglaterra. Eu deveria ser capturada viva e levada ao papa.

— Nem preciso adivinhar o que sua santidade decretaria. A bula afirma... — estalei os dedos sinalizando a Burghley que me devolvesse o documento, e então consegui ler o seguinte:

— Que meus feitos e defeitos são tais que, citando a bula, “alguns deles fazem-na incapaz de reinar, outros a declaram indigna de viver”. Ele ainda afirma que me priva de toda autoridade e dignidades da realeza, declarando-me ilegítima e absolvendo meus súditos da obediência a mim. Assim, sua santidade (o antes grande inquisidor de Veneza) prepararia uma bela fogueira para mim.

Estremeci. Não era brincadeira. Veio como ordem a todos para se aliarem ao “exército católico” do duque de Parma e do “rei católico”, isto é, Filipe II da Espanha. Ele concluía prometendo indulgência plena a todos que ajudassem me destronar.

No final, acabei rindo mesmo.

— Indulgências! Por que é exatamente isso o que o mundo ainda quer! Foi o abuso de indulgências que fez com que Martinho Lutero iniciasse sua rebelião contra a Igreja Católica. Eles não são muito criativos em descobrir novas recompensas, são? — comentei, atirando a bula ao chão.

— Ele ainda ofereceu 1 milhão de ducados aos espanhóis como incentivo para invadir a Inglaterra.

Fiquei olhando para Burghley e perguntei:



— Ele está oferecendo uma recompensa por nós?

Burghley fez que sim com a cabeça.

— O papa do povo, como gosta de ser conhecido, é um negociador inteligente. A recompensa não será dada até que os espanhóis realmente ponham os pés aqui. Não há pagamento antecipado.

— Então, de qualquer maneira ele ganha. Urubu maldito. Ele espera transformar a Inglaterra em carniça para que possa arrastá-la por aí? Nunca! Chame o secretário Walsingham e o conde de Leicester para uma reunião. Temos que discutir a situação antes da reunião do Conselho Privado. Você três são os pilares do governo.

Burghley discordou, balançando a cabeça.

— Sem falsa modéstia, você sabe que é verdade. Você é meu espírito. Leicester, meus olhos e Walsingham, meu vigilante mouro. Convoque a reunião para hoje à tarde.

Levantei-me, sinalizando que a nossa conversa estava encerrada. Cuidadosamente coloquei os malditos papéis na minha caixa de correspondência e passei a chave.

Era hora do almoço. Geralmente, faço essa refeição na sala reservada e alguns criados auxiliam-me, embora a mesa principal esteja sempre posta no salão grande. Os cortesãos de baixo escalão e empregados almoçavam lá, mas meu lugar permanecia vazio.

Em determinado momento, perguntei-me se deveria fazer uma aparição pública naquele dia. Fazia quinze dias que não aparecia em público. Mas decidi não aparecer. Não queria me expor num momento como aquele. A bula papal e a convocação de guerra contra mim deixaram-me mais abalada do que queria admitir.

— Devemos todas almoçar aqui — disse às minhas damas de companhia.

Três delas eram mais íntimas: Catherine Carey, minha prima; Marjorie Norris, amiga desde minha juventude; e Blanche Parry, minha ama de muitos anos.

— Abra as janelas — pedi a Catherine. O dia estava bonito e tranquilo, daqueles em que as borboletas dançam pela rua. Alguns meses de maio pareciam apenas invernos floridos, mas o clima daquele mês de maio estava fresco e perfumado. Assim que as janelas se abriram, o mundo lá fora aproximou-se de mim com sua brisa.

A mesinha estava arrumada no centro do quarto e ali não costumávamos usar todos os paramentos cerimoniais, com exceção do provador, que não dispensei. Os criados apresentavam os pratos por ordem e fazíamos nossas escolhas sem delongas.

Estava sem fome. A bula papal tirara-me o apetite. Mas não comia muito em geral e os pratos servidos não me chamaram atenção alguma.

Marjorie, uma camponesa robusta de Oxfordshire, sempre comia bem. Mas naquele dia estava atacando a carne de porco cozida, utilizando a caneca de cerveja para ajudar a comida a descer. Catherine era baixinha e gordinha, mas só petiscava, por isso o rosto rechonchudo era um mistério. Marjorie era uns quinze anos mais velha que eu, Catherine uns quinze anos mais jovem do que eu. A velha Blanche Parry tinha mais de oitenta anos. No entanto, não enxergava mais, havia perdido a visão recentemente e passara a função de cuidar das joias reais para a jovem Catherine. Estava agora à mesa, comendo apenas por hábito e paladar, fitando o nada.

Subitamente, tive o impulso de me aproximar para segurar-lhe a mão. Ela se surpreendeu.

— Não quis assustar você — disse. Mas o toque daquela mão calma reconfortava-me.

— A senhora deveria se envergonhar por ter assustado uma velha! — repreendeu-me.

— Blanche, você não é velha — afirmei.

— Se oitenta anos não é velhice, então quando é que ela começa? — replicou.

— Alguns anos a mais da idade de qualquer outra pessoa — respondi. — Obviamente, noventa.

Há alguém ainda na corte com noventa anos? Não conseguia me lembrar de ninguém. Então, era uma boa idade para ser almejada.

— Bem, alguns dizem que *a senhora* é velha — ela rebateu.

— Absurdo! — respondi. — Desde quando cinquenta e cinco anos é velhice?

— Deixou de ser velhice quando a senhora chegou lá — disse Catherine.

— Eu deveria nomeá-la embaixadora de alguma coisa — comentei. — Que diplomata! Mas, querida prima, não suportaria perdê-la. E você, aguentaria viver com os franceses ou dinamarqueses?

— Os franceses pela moda, os dinamarqueses pelos doces — respondeu Marjorie. — Não é uma má escolha.

Mal a escutei.

— A Armada vai partir — informei. — Atracará por aqui em breve.

Marjorie e Catherine baixaram as colheres e os semblantes ficaram sérios.

— Eu sabia! — disse Blanche. — Percebi que isso ia acontecer há muito tempo e te avisei. O mesmo aconteceu ao rei Artur.

— Do que você está falando? — Marjorie perguntou incisiva. — É mais um de seus resmungos galeses? E não me venha com os absurdos sobre clarividência.

Blanche se levantou e continuou a falar.

— Eu sabia que o legado do rei Artur mudaria. A rainha é descendente dele. Todos sabemos disso. Meu primo, dr. Dee já provou esse fato. Artur deixou um assunto inacabado: a batalha final. Um grande teste de sobrevivência para a Inglaterra.

— Não tem nada a ver com o rei Artur — disse Catherine. — Os astrólogos já previram que 1588 seria o ano de um acontecimento importante. Tudo o que Dee fez foi confirmar.

— A previsão, feita há duzentos anos por Regiomontano, dizia que 1588 seria um ano de completa catástrofe para

todo o mundo — disse Blanche calmamente. — A previsão exata dizia “Os impérios cairão e haverá lamúrias de ambos os lados”.

— Sim, mas quais impérios? — repliquei. — O Oráculo de Delfos não disse ao rei Creso que, se ele invadisse a Pérsia, um grande império seria destruído? Só que o império destruído foi o de Creso e não o persa.

— Deveria haver três eclipses este ano — disse Blanche destemida. — Um do sol e dois da lua. O do sol já foi em fevereiro.

— Que venham! — exclamei. Como se pudesse fazer algo para impedi-los.

Precisava ficar sozinha. Nem mesmo meu trio de confiança me tranquilizava. Após a refeição, fui para o jardim da rainha. O Whitehall era um palácio colossal, construído a partir de uma mansão ribeirinha, com cidade interna própria e até mesmo uma rua e duas portarias. Possuía arenas para combates de cavaleiros, campos de batalha, quadras de tênis e campos de caça a faisões, era difícil encontrar um local isolado. Mas o jardim, localizado entre as muralhas das demais construções, protegia-me dos olhares curiosos.

Gramados delimitados por pequenas grades brancas e verdes formavam padrões geométricos que ziguezagueavam por toda a área verde. Tudo muito bem organizado e dentro dos limites da propriedade. Ah, meu Deus, se o mundo inteiro fosse assim! Se a Espanha ficasse apenas dentro de seus próprios limites.

Nunca *tive* ambições territoriais. Ao contrário de meu pai e suas gloriosas tentativas de guerras externas, vivo muito bem dentro do meu próprio reino. Dizem que isso se deve ao fato de ser mulher. Preferiria que dissessem que é porque sou sensível. A guerra é um ralo por onde escorrem dinheiro e vidas, jamais ficando completo.

Segui o ângulo da curva ao perceber que o caminho sem saída terminava em outro. Um poste pintado marcava o local, com um animal esculpido com o brasão das armas

segurando um estandarte sobre ele. Era o dragão vermelho galês, de boca e asas abertas, segurando a poste com suas garras. A família Tudor era galesa e, supostamente, descendia do rei Cadwalader. Blanche ocupava meus dias de infância com as histórias sobre Gales e até mesmo me ensinava o idioma. Mas nunca estive lá. Observar o dragão esculpido em madeira foi o mais próximo que cheguei. Quem sabe um dia...

Mas esse dia ainda não havia chegado. E, agora, devo garantir que a própria Inglaterra sobreviva, inclusive Gales.

De uma coisa tinha certeza: não poderíamos resistir à armada espanhola. Era uma das forças de combate mais afiadas do mundo. Não tínhamos sequer um exército, apenas milícias de cidadãos armados e algumas comissões particulares reunidas pela população abastada para esse fim.

Portanto, os espanhóis não podiam atracar. Nossos navios teriam de nos proteger e evitar o combate. Os navios, não os soldados, seriam a nossa salvação.

Os três homens mais poderosos do reino estavam à minha frente — William Cecil, lorde Burghley, tesoureiro; *sir* Francis Walsingham, primeiro secretário e chefe do serviço de inteligência; Robert Dudley, conde de Leicester, atual comandante supremo das forças inglesas, enviado para ajudar os rebeldes protestantes nos Países Baixos enquanto lutavam para libertarem-se da Espanha, usando dinheiro inglês, é claro.

Seria uma longa sessão.

— Peço que se sentem — disse a eles. Permaneci em pé. Atrás de mim estava o enorme mural de Holbein que cobria uma parede inteira com os retratos do meu pai e do meu avô. Nele, meu pai, coroado em primeiro plano, fazia seu próprio pai parecer encolhido atrás de sua sombra. E agora eu estava na frente *dele*. Herdei sua força ou estava apenas dizendo a ele que o domínio da monarquia pertencia a mim agora?

Em vez de obedecer, Robert Dudley deu um passo à frente e me entregou um lírio, desabrochando em seu longo caule.

— Um lírio imaculado para uma flor-de-lis imaculada — disse, fazendo uma reverência.

Tanto Burghley quanto Walsingham olharam de forma resignada, balançando a cabeça de forma negativa.

— Obrigada, Robert — disse. E, em vez de pedir um vaso, deixei a flor em cima da mesa, atrás de mim. Um local que a faria murchar rapidamente.

— Agora, sente-se.

Burghley disse:

— Creio que todos já viram o documento chamado “Declaração de Sentença e Deposição de Elizabeth”. Se não viram, tenho aqui algumas cópias.

Cerrei os dentes só de pensar!

— Deus do céu! Os espanhóis me perseguirão até no inferno?

— Vossa Majestade, isso não é novidade — lamentou Walsingham. — Houve pouca mudança depois das duas primeiras bulas, a de 1570, escrita pelo papa Pio V, e a seguinte, em 1580, escrita por Gregório XIII. A cada novo papa, uma nova bula.

— Um navio cheio delas é que é a novidade — disse Burghley — Desprezível!

— Para eles é uma cruzada religiosa — afirmou Walsingham. — Todos os navios têm nome de santo ou ano. O estandarte da bandeira, que traz a Virgem e a Crucificação, foi abençoado pelo arcebispo de Lisboa. Por que não as bulas nos porões? Ah, a senhora vai adorar saber disso. Tenho a lista das senhas deles. Aos domingos é “Jesus”, às segundas-feiras é “Espírito Santo”, às terças-feiras é “Santíssima Trindade”, às quartas-feiras é “são Tiago”, às quintas-feiras é “anjos”, às sextas-feiras é “Todos-os-Santos” e aos sábados é “Nossa Senhora”.

Leicester suspirou e deu uma risada.

— Com nomes como Drake e Hawkins, não gostaria de saber quais seriam as nossas senhas — disse ele.

— Ah, e todos os homens a bordo se confessaram e trazem consigo um certificado de comprovação — completou Walsingham.

Ele continuava a me surpreender. Onde conseguia todas aquelas informações?

— Você deve ter subornado um padre para obter tantos detalhes — disse.

O silêncio dele provava que eu estava certa. Por fim, completou:

— E há pessoas aqui na Inglaterra, sim, mesmo em Londres, que estão rezando pelo sucesso da missão.

— Se você diz isso, deve saber os nomes delas. Diga-me — para qualquer outra pessoa teria sido difícil, mas eu sabia que ele tinha acesso às informações, simplesmente queria estar a par dos fatos também.

— Philip Howard, conde de Arundel — ele respondeu. — Até mesmo na Torre ele conseguiu reunir adeptos e chamar um padre para rezar uma missa para a Armada e para os ingleses que estão a bordo. E, sim, posso fornecer nomes de todos os que estavam presentes.

— Ingleses a bordo! — disse o conde de Leicester. — Que vergonha!

Walsingham deu de ombros.

— Lúcifer e seus legionários recrutam por toda a parte. Arundel é afilhado de Filipe. O que você esperava?

— Quando a Armada partiu? — perguntou Burghley — Ela já partiu?

— Ainda está em Lisboa. Meus informantes disseram que há cerca de cento e cinquenta navios. Nem todos, claro, são navios de guerra. Muitos são mercadores ou navios de suprimentos.

— Será a maior frota que já saiu para o mar — o conde. — Se conseguirem sair, pois perderam seu comandante há dois meses — disse sarcasticamente fazendo o sinal da cruz.

— Mande-os de volta. Santa Cruz sabia o que estava fazendo. Esta substituição, este Medina-Sidonia, não sabe muito. Fica até enjoado no mar. Que almirante!

— Conquistar Portugal há oito anos, com os navios e o porto em Lisboa, foi o melhor golpe de sorte que lhes poderia acontecer, e o pior para nós — disse Burghley.

— Pergunto-me quanto tempo foi preciso para se organizarem. Claro, eles continuam esperando que alguém coloque Maria, rainha dos escoceses, no trono, transformando a Inglaterra num país católico sem que tenham de mover um dedo para isso.

— Temos que agradecer a você por dar um fim nisso — disse a Walsingham.

Ele suavizou um pouco a expressão sombria. Parecia sempre tão sisudo aquele meu mestre da espionagem. Não celebrava nem as vitórias. Ele apenas concordou com a cabeça e declarou:

— Ela acabou com isso. Eu só expus seus planos e mentiras.

— Hoje a Inglaterra ainda é a maior ameaça ao triunfo da contrarreforma. Roma mudou de rumo e passou a reverter as vitórias protestantes, retomando territórios. No entanto, somos o único país em que a oposição à Roma pode ficar segura, construindo uma carreira e uma vida. Por essa razão, eles precisam nos eliminar. Tem cunho religioso, mas também político — disse Burghley.

— E há alguma diferença? — perguntou Leicester.

— Quanto tempo você acha que temos antes de nos atacarem? — perguntei a Walsingham. — Quanto tempo temos para nos preparar?

— Reformamos os faróis e consertamos as fortalezas costeiras durante todo o inverno — respondeu Burghley.

— Mas todos sabemos, e podemos falar com franqueza aqui, que não temos castelos que consigam enfrentar o cerco da artilharia espanhola. Provavelmente, aportarão em Kent, vindos de Flandres. Kent é uma região aberta e de fácil travessia. Não temos armas suficientes, e as que temos




são muito antigas. E há também muita coisa que não sabemos. E os ingleses católicos? Eles lutarão contra os espanhóis? A quem são fiéis? Por essas razões, meus bons conselheiros, nossa única esperança de vitória está em não permitir que os espanhóis ataquem aqui — repeti.

— Convoquem Drake — disse Burghley.

— Onde ele está? — perguntou Leicester.

— Em Plymouth — disse Walsingham. — Mas virá imediatamente.



 Quando se levantaram para ir embora, acenei para Robert Dudley, o lorde Leicester, que colocava o chapéu. Ele parou e aguardou.

— Venha, vamos dar uma volta no jardim — convidei, ou ordenei. — Quase não o vejo desde que voltou dos Países Baixos no inverno passado.

Ele sorriu e disse:

— Claro, eu adoraria — e virou-se para me acompanhar.

Voltamos ao jardim da rainha, três jardineiros trabalhavam muito ocupados, plantando ervas nos canteiros, bem curvados e concentrados em sua tarefa. Será que deveria pedir para eles saírem? Eles poderiam ouvir o conteúdo da nossa conversa e, sem dúvida, repeti-lo. Não, era melhor que ficassem. Não planejava dizer nada que não pudesse ser repetido.

— Você parece bem — disse para começar a conversa.

— Entenderei isso como um elogio, mas estive doente e minha aparência estava lastimável quando retornei. Então, qualquer melhora é visível.

— É verdade — comentei, fitando-o e percebendo que seu rosto voltava a ter as cores e o semblante que os Países Baixos lhe haviam roubado. No entanto, ele ainda não

parecia saudável. E nunca mais seria jovem nem bonito novamente.

O tempo fora cruel com ele, a quem considerava os meus “olhos”, o homem que chegou a ser a criatura mais gloriosa do meu país há trinta anos. O cabelo castanho e espesso havia diminuído e agora estava grisalho; o bigode e a barba antes exuberantes, elegantes e cheios de brilho, agora eram ralos e pálidos.

Os profundos olhos castanhos penetrantes agora pareciam lacrimejantes e suplicantes. Talvez não tenha sido apenas os Países Baixos que acabaram com ele, mas sim os dez anos vividos ao lado da famosa e exigente Lettice Knollys, sua esposa.

— Os Países Baixos foram cruéis com você — eu disse. E comigo também. Pensei no quanto aquilo me custara sem que nada fosse resolvido.

— Tantas mortes, tanto desperdício dos recursos do país.

Ele parou em meio a nosso lento passeio pela grama e disse:

— Sem nosso auxílio, os espanhóis já teriam acabado com os rebeldes protestantes. Por isso, não pense que fora em vão.

— Às vezes penso que tudo o que fizemos foi dar aos espanhóis a oportunidade de treino em batalhas, ajudando-os a se aperfeiçoarem para nos atacar aqui.

Retomamos nossa caminhada, seguindo para o relógio de sol no meio do jardim, a peça central do ambiente.

— Fui o primeiro a ver o exército do duque de Parma e é realmente tudo o que dizem ser — ele disse.

— Você quer dizer, o melhor exército da Europa? Sim, eu sei disso.

— Mas está desfalcado por doenças e deserções como qualquer outro. Começou com 30 mil homens e dizem que hoje conta com apenas 17 mil. Incluindo os mil ingleses exilados que lutam contra seu próprio país.

Os olhos dele se arregalaram lembrando o Robert que fora na juventude.

— Também lhes falta dinheiro e não terão mais nada até que a próxima frota de tesouro venha da América.

Juntei-me a ele num sorriso malicioso.

— E que nossos leais corsários tentarão interceptar. Você estava fora do país, mas sabia que, devido às incursões de Drake na última metade de 1586, os espanhóis não tiveram acesso à prata alguma?

Nós dois demos uma boa gargalhada, assim como já fizéramos tantas vezes juntos, nos mais diferentes lugares. A risada dele ainda era jovial.

— Nenhuma? — ele perguntou.

— Nada mesmo — confirmei. — Nem uma barrinha. E, além disso, o ataque liderado por ele em Cádiz na primavera passada acabou com os navios e os suprimentos deles de tal maneira, que ele sozinho conseguiu atrasar a navegação da Armada em um ano. Isso fez com que houvesse mais mortes e deserções para os homens de Parma.

— Até nós sabemos disso. Navegar em próprias águas, atacando a mais de mil quilômetros da base inglesa, foi um ato insolente e impensado. Pelo menos, os espanhóis não pensavam ser possível. Agora todos têm medo dele. Um capitão espanhol que foi capturado, e que eu mesmo interroguei, acreditava que Drake tinha poderes sobrenaturais e conseguia ver os portos mais distantes. Não tirei a ilusão dele. Certamente, Drake parece ter a misteriosa capacidade de adivinhar onde está o tesouro, quais locais possuem sentinela e quais não. E ele se desloca com a habilidade surpreendente de uma cobra prestes a dar o bote.

— Divertido, não é? Ele parece tão inofensivo, com aquele rosto redondo e as bochechas rosadas.

— Seus navios são suas garras. Ele os usa como um homem comum usa a própria mão ou o próprio pé, parecem fazer parte do próprio corpo — afirmou Robert, balançando a cabeça, admirado.

Chegamos ao relógio de sol, um cubo com várias faces que informava a hora de trinta maneiras conforme o sol refletia em cada superfície. Fora um presente da rainha Catarina de Médici quando seus filhos príncipes, um de cada vez, vieram me cortejar. Acho que ela pensou que, talvez, um presente grandioso, vindo da mãe dos dois, causaria uma impressão maior do que vários pequenos presentes. Era um mecanismo engenhoso.

Uma das faces marcava as horas até durante a noite à luz do luar, caso a lua brilhasse o suficiente.

Marcava 4 da tarde em uma de suas faces. Hoje não iria anoitecer antes das 9 da noite, um daqueles doces crepúsculos prolongados da primavera. Havia até uma face em que se podia ver a hora conforme a última luz diminuía, um indicador de crepúsculo.

Robert se aproximou de uma das faces do relógio de sol e perguntou:

— Não gostou do lírio?

— Gostei — respondi, sentindo-me mal pela forma como recebi a flor. Mas não cabia a ele naquele momento oferecê-la a mim. — Foi um gesto típico de você.

Ele olhou em volta do jardim e perguntou novamente.

— Por que a senhora não tem rosas aqui? Como o jardim de uma Tudor não tem rosas?

— Elas são muito altas para o gradil. Atrapalhariam a ordem do jardim. Mas, perto do pomar, há muitas delas.

— Mostre-me — ele disse. — Nunca as vi.

Saímos do pequeno jardim fechado e seguimos pelo caminho que conduz ao pátio dos torneios medievais e suas arquibancadas. Suportes de ferro cercavam o muro para que tochas fossem encaixadas durante os torneios. Robert já havia participado de muitos, mas agora não lutava mais. Percebi que ele estava sem fôlego em nossa curta caminhada e então lembrei-me de algo.

— Você renunciou ao posto de mestre da cavalaria — eu disse. — Por quê, Robert?

— Todas as coisas são efêmeras — ele respondeu sutilmente.

— Mas Burghley ainda me serve! Vocês dois foram minhas primeiras nomeações, na minha primeira reunião do Conselho!

— Ainda a sirvo, minha Be..., Majestade. Só não mais como mestre de cavalaria. Embora ainda crie cavalos.

— Então... quem é o mestre agora?

— Um jovem que descobri, Christopher Blount. Ele se saiu bem nos Países Baixos. Ficou ferido. Eu o condecorei. A senhora ficará satisfeita com ele, tenho certeza.

— Esse título pertence a você.

— Não mais.

— Na minha cabeça será sempre seu.

— Nossa mente vê coisas que nossos olhos não conseguem ver — ele disse. — Creio que permanecem vivas enquanto a mente que as vê continua existindo.

Sim, o jovem e belo Robert Dudley existia agora apenas na mente de Elizabeth e nos retratos.

— Você está certo.

Chegamos ao jardim das rosas, onde os canteiros eram feitos de acordo com a cor e a variedade. Havia madressilvas-dos-bosques, com pétalas cor-de-rosa abertas como molduras; pequenas rosas marfim almiscaradas, protegidas por seus arbustos espinhosos; vigorosos arbustos com rosas damasco com muitas pétalas vermelhas e brancas, e rosas da província; canteiros de rosas amarelas e vermelhas, exalando canela. Os aromas misturados estavam particularmente doces naquela tarde.

— Enganei-me ao chamá-la de lírio — ele explicou — Vejo agora que as rosas refletem melhor a sua verdadeira natureza. Há tantos tipos diferentes, assim como a senhora tem tantas facetas.

— Mas meu lema pessoal é *Semper eadem*, “Sempre a mesma, nunca mudar”. — Eu tinha escolhido tal lema por considerar que a imprevisibilidade num soberano era um grande fardo para os súditos.

— Não seria assim que seus conselheiros a descreveriam — ele disse. — Nem seus pretendentes.

Ele desviou o olhar e acrescentou:

— Eu deveria saber disso, já que vivi as duas situações.

Ainda bem que não pude ver o rosto dele para interpretar o que quis dizer com aquele, mas acabei explicando.

— Apenas brinco de ser imprevisível, por dentro sou firme como uma rocha. Sou sempre leal e estou sempre presente. Mas um pouco de encenação dá um tempero à vida e mantém meus inimigos em alerta.

— E os amigos também, Majestade — ele disse. — Até mesmo sendo seus olhos há muito tempo, às vezes não sei se devo acreditar no que vejo.

— Você pode sempre perguntar a mim, Robert. Sempre lhe responderei. Prometo-lhe.

Robert Dudley: a única pessoa para a qual poderia revelar minha alma, com quem conseguia ser a pessoa mais honesta possível. Há muito tempo, amei-o desesperadamente, do jeito que uma mulher só consegue amar apenas uma vez na vida. O tempo mudou esse amor, transformando-o em uma coisa mais resistente, espessa, forte e silenciosa, assim como dizem que acontece com casamentos muito longos. Os russos dizem: “O martelo estilhaça vidro, mas forja o aço”.

Certa vez, disse a um embaixador que se eu me casasse algum dia seria como rainha e não como Elizabeth. Se algum dia eu fosse convencida de que um casamento era uma necessidade política, então levaria a situação adiante, apesar da minha relutância pessoal. Mas, em minha coroação, prometi aceitar a própria Inglaterra como meu esposo. Permanecendo virgem, não me doando a ninguém a não ser meu povo, era o sacrifício visível que ele teria como prêmio e honra e nos manteria unidos. E foi isso que aconteceu.

E, apesar de poupá-los dos horrores do enlace estrangeiro e do fantasma da dominação, deixei-os com a mesma coisa

que fez meu pai virar o reino de cabeça para baixo para evitar que acontecesse: nenhum herdeiro para me suceder.

Não posso dizer que isso não me preocupa. Mas tenho outras decisões mais importantes a tomar, de igual ou maior urgência para a sobrevivência do meu país.

Francis Drake levou a maior parte da semana para atravessar os mais de 300 quilômetros que separavam Plymouth de Londres. Mas agora ele estava diante de todo o Conselho Privado, e eu, na sala de reunião no Whitehall. Não quis descansar, e sim vir diretamente a nós.

Vê-lo sempre fazia com que me sentisse mais segura. Ele tinha tal otimismo que conseguia convencer qualquer um a ouvir seus planos e mostrar que todos eram realizáveis e sensatos.

O grupo agora estava maior. Não era composto apenas do trio interno: Burghley, Leicester e Walsingham. Tínhamos também *sir* Francis Knollys; Henry Carey, o lorde Hunsdon; e John Whitgift, o arcebispo de Cantuária; bem como Charles Howard, o novo lorde almirante.

— Seja bem-vindo — disse a Drake. — O que você acha da nossa situação?

Ele olhou ao redor. Era um homem atarracado, parecia um barril. Conveniente para alguém que destruiu as aduelas dos barris da Armada no ano passado. A cabeleira loira ainda era espessa, e, embora o rosto apresentasse marcas de expressão, parecia jovem. Estava avaliando uma possível oposição no Conselho antes de falar. Finalmente disse:

— Sabíamos que isso ia acontecer, mais cedo ou mais tarde. E é chegada a hora.

Não havia como contradizê-lo.

— E a sua recomendação, qual é? — perguntei.

— A senhora sabe a minha recomendação, amável rainha. É sempre melhor atacar o inimigo e desarmá-lo antes que ele alcance a nossa costa. Uma ação ofensiva é mais fácil de ser controlada do que uma ação defensiva. Portanto, proponho que nossa frota zarpe das águas inglesas,



navegando até interceptar a Armada antes que ela chegue aqui.

— Toda a frota? — perguntou Charles Howard. — Isso nos deixaria desprotegidos. Se a Armada conseguir escapar, entrará aqui sem resistência alguma — afirmou, arqueando as sobrancelhas para expressar sua preocupação.

Charles era um homem calmo, diplomático, que conseguia lidar com personalidades difíceis, o que fazia dele um alto comandante ideal. Mas Drake era difícil de ser controlado e acalmado.

— Nós os encontraremos — ele disse. — E, quando encontrarmos, não poderemos ter poucos navios.

Robert Dudley, conde de Leicester naquele ambiente formal, irritou-se com a afirmação e disse:

— Preocupa-me mandar todos os navios de uma só vez.

— Você parece uma velhota falando! — bradou Drake.

— Então somos duas velhotas — disse Knollys. Ele era reconhecidamente cauteloso e tinha muitos escrúpulos. Se fosse um monge, usaria uma camisa de silício com frequência para punir a si mesmo. Sua militância pelo protestantismo foi um bom substituto.

— Somos três — disse Burghley, unindo-se aos demais. William Cecil sempre defendeu uma estratégia defensiva, tentando manter tudo dentro das fronteiras inglesas.

— Tudo depende de recebermos informações precisas sobre quando a Armada sairá de Lisboa — disse o secretário Walsingham. — Caso contrário, será um risco inútil e perigoso.

— Achei que essa fosse a sua função — disse Drake.

Walsingham ficou mais tenso e disse:

— Faço o melhor que posso com o que está ao meu dispor. Mas não há meios para transmissão instantânea de notícias. Os navios são mais rápidos do que meus mensageiros.

— Ah, posso ver portos distantes — disse Drake com uma risada. — Você não sabia disso?

— Sei que os espanhóis creditam a *El Draque*, o dragão, esse feito — disse Walsingham. — Mas eles são ingênuos e

simplórios em geral.

— Concordo! — respondi. — Chega dessa conversa. Quais são as outras opções de defesa?

— Proponho dividirmos a frota em duas: esquadrão oeste para vigiar a entrada do Canal e esquadrão leste para vigiar o estreito de Dover — explicou Charles Howard.

— Sei qual é o plano do inimigo — disse Drake, interrompendo Charles. — A Armada não está vindo para lutar. O exército de Parma de Flandres fará isso, a Armada os escoltará pelo Canal. Vão vigiar os barcos cheios de soldados a fim de encurtar a travessia. São somente trinta e poucos quilômetros. O exército inteiro poderia fazer a travessia entre oito e doze horas. *Esse é o plano deles!*

Drake bradou, olhando ao redor com os olhos claros penetrando nas dúvidas dos conselheiros, e continuou a argumentar:

— Devemos desarmar a frota. Devemos impedi-los de aportar na Costa de Flandres. Nossos aliados holandeses nos ajudarão. Eles já vêm impedindo Parma de conseguir um porto para ancorar há anos e podem atrapalhar quando tentarem usar os canais menores. A imensa frota da Armada, destinada a assegurar uma travessia segura, pode ser também sua ruína.

Ele fez uma pausa e continuou a dizer:

— Claro que um plano alternativo seria conquistar a Ilha de Wight do nosso lado do Canal e construir uma base lá. Mas, se passarem por ela, só avistarão um porto novamente quando chegarem a Calais. Nosso papel é apressá-los. Isto é, obviamente, supondo que consigam chegar lá. Agora, se seguirmos meu plano original para interceptá-los...

Levantei a mão para calá-lo por um instante e disse:

— Mais tarde. Por enquanto temos que decidir a implantação de nossos recursos gerais. Assim, almirante Howard, você recomenda dois esquadrões separados de navios? Não seria melhor posicioná-los todos na entrada do Canal?

— Não. Se eles passarem por nós lá, terão o resto do caminho livre. Tomarão o Canal, a menos que já estejamos esperando por eles mais adiante.

— Não acho — interrompeu Drake.

— Quietos! — silencieei-o. — E as nossas forças de terra? O que você diz, primo? — perguntei para Henry Carey, lorde Hunsdon.

Era um homem grande que me fazia lembrar um urso, e como tal parecia pertencer à natureza. Fora responsável pelas Marchas do Leste, montando sua base próxima à fronteira escocesa.

— Serei responsável pela sua segurança — ele disse. — Terei forças com base em Windsor. Caso as coisas fiquem mais... incertas... posso garantir-lhe um local seguro no interior.

— Nunca me esconderei no interior! — eu respondi.

— Mas Vossa Majestade deve pensar em seu povo — insistiu Walsingham. — Deve designar substitutos para supervisionar a administração de suprimentos e para o controle dos preparativos defensivos, ao mesmo tempo em que cuida de si mesma.

— Pelo amor de Deus! — gritei. — Eu mesma supervisionarei tudo isso!

— Mas isso não é aconselhável — disse Burghley.

— E quem é contra? — indaguei. — Comando este reino e não devo em hipótese alguma delegar seu alto-comando a outros. Ninguém se preocupa mais com a segurança do meu povo do que eu.

— Mas a senhora não é... — Leicester tentou iniciar um contra-argumento.

— Competente? É isso o que você acha? Guarde sua opinião para você mesmo!

Ah, ele me enlouquecia às vezes! E só ele se sentia seguro o suficiente para expressar sua péssima opinião sobre mim como líder de guerra.

— Agora, e o restante das forças? — Virei-me para Hunsdon e perguntei: — Quantos homens conseguiremos

reunir?

— Nos condados do sul e do leste, talvez uns 30 mil. Mas muitos são garotos ou velhos. E muito mal treinados.

— Medidas defensivas? — perguntei.

— Farei com que algumas das pontes antigas sejam demolidas e podemos colocar barreiras no Tâmis para impedir que a Armada navegue até Londres.

— Lamentável — esbravejou Drake. — Se a Armada chegar assim tão longe, será única e exclusivamente porque eu, John Hawkins, Martin Frobisher e o grande almirante aqui presente estaremos mortos.

Aquela era uma observação importante. Fiz um gesto com as mãos para que eles ficassem quietos. Fechei os olhos e tentei organizar meus pensamentos, procurando entender tudo o que havia sido dito.

— Muito bem, *sir* Francis Drake — concordei. — Vou permitir a sua estratégia. Navegue até o sul para enfrentar a Armada. No entanto, deve retornar no mesmo instante em que sentir que estamos em perigo. Quero todos os navios aqui para enfrentar o inimigo se ele vier.

Encarei os olhares dos demais, fixos em mim e continuei a delegar:

— Você, almirante Howard, deve comandar o esquadrão oeste, com base em Plymouth. Além disso, será comandante-geral das forças tanto em terra quanto em mar. Seu navio será o Ark. Drake será seu segundo comandante. Você se importa, Francis? O almirante Howard será seu oficial comandante.

Drake concordou.

— Lorde Henry Seymour, cujo posto habitual é almirante dos mares estreitos, comandará o esquadrão leste em Dover.

Olhei para Hunsdon e disse:

— Lorde Hunsdon, você comandará as forças responsáveis pela minha segurança, com base próxima a Londres. Nomearei a família Norris, *sir* Henry o pai e seu filho *sir* John, vulgo “Black Jack”, como general e subgeneral dos

condados do sudeste. O jovem Robert Cecil será mestre de artilharia do exército principal. E você — falei, olhando diretamente para Robert Dudley —, lorde Leicester, será tenente-general das forças de terra para a defesa do reino.

Sua expressão era de espanto, assim como a dos demais.

— Faça melhor do que fez nos Países Baixos — foi minha resposta ao insulto anterior.

Enquanto saíam, percebi que estavam surpresos, e aliviados, por termos todas as nomeações feitas. Bons guerreiros que eram já estavam com o pensamento no campo de batalha e no trabalho que teriam pela frente.

Finalmente anoitecia, o silêncio da noite caía como uma chuva leve e, enfim, conseguiria descansar. Meus aposentos, de frente para o rio, foram invadidos pelos reflexos da luz do sol por alguns instantes, antes que o brilho dourado desaparecesse. Ainda acariciavam o retrato da minha falecida irmã, a rainha Maria, pendurado na parede na minha frente.

Tinha guardado aquele retrato para me lembrar de seus sofrimentos e também dos seus erros, não para julgar sua alma. Uma lembrança sempre triste com o leve brilho de esperança em seu olhar e a boca retorcida como se guardasse um segredo. Ostentava no peito um broche com uma pérola creme em forma de lágrima, presente de seu esposo, Filipe.

Mas seria uma ilusão da luz agora? O olhar não estava nada melancólico, mas sim dissimulado. A curva da boca expressava ironia. O retrato todo pulsava com um brilho avermelhado, como se demônios o estivessem iluminando. Ela havia trazido o demônio espanhol para nossa costa, ligando-nos àquele país. A comitiva de casamento de Filipe, em sua Armada, chegara em julho, há trinta e quatro anos, e agora retornava para terminar o que havia começado no casamento de Maria em 1554: fazer com que a Inglaterra retornasse ao rebanho papal.

Devia guardar o retrato em outro lugar. E quanto à pérola, por mais cara que fosse, tinha trazido uma maldição consigo. Devia voltar ao dono original. Nem mesmo vendê-la faria com que conseguisse me livrar dela. Quando tudo isso acabar... quando tudo isso acabar, Filipe terá sua maldita pérola de volta. Ela matou minha irmã e agora estava contaminando meu quarto.

O brilho do sol desapareceu, e o quadro voltou ao normal, a tonalidade demoníaca sumira. O rosto de minha irmã voltou a ser daquela jovem orgulhosa e cheia de esperança que havia recebido Filipe como esposo.

Marjorie e Catherine estavam logo atrás de mim, diplomaticamente silenciosas, mas muito provavelmente perguntando-se o que eu estaria fazendo. Virei-me e disse:

— Devemos nos preparar para dormir. Gostaria que ficassem comigo, mas devo enviar as jovens para bem longe até que o perigo tenha passado.

Havia nomeado o marido e o filho de Marjorie, os soldados Norris, chefes das forças em terra do sudeste, e o marido de Catherine comandante-geral tanto das forças em terra como em mar. Além disso, o pai dela, lorde Hunsdon, deveria cuidar de nossa segurança pessoal.

— Temo que estejamos juntas nisso: minha Galha e minha Gata.

Constrangida, voltei a usar os antigos apelidos que um dia lhes dei: Marjorie, com olhos e cabelos escuros e voz rouca, chamei de Galha. Minha gentil, quieta e ronronante Catherine era minha Gata.

Deitei-me na escuridão que no começo do verão nunca é tão escura assim. Os sons habituais de felicidade tinham desaparecido do rio que corre pelo palácio. O reino vivia um momento de tensão. Nada se movia nem por água nem por terra.


Essa era a nossa situação atual. Será que eu poderia ter evitado tudo isso de alguma maneira, tomando um rumo que nos conduziria a um caminho diferente, talvez a um

destino mais seguro? Não se quisesse manter-me fiel a quem era. O meu nascimento sancionara a entrada do protestantismo em meu país. Renunciá-lo ao chegar à idade adulta seria negar meus pais e rejeitar o meu destino.

Sabia em primeira mão o que isso significaria, pois vi minha irmã passar esse dilema. Ao submeter-se a nosso pai e concordar que o casamento de sua mãe era inválido e ela própria filha bastarda, acabou por espezinhar suas mais profundas crenças. Odiando a sua fraqueza por ter cedido, ela tentou acalmar sua consciência e desfazer o dano depois. O resultado foi a tentativa infeliz de voltar a impor o catolicismo à Inglaterra. Isso trouxe muita crueldade, ainda que ela não fosse por natureza uma mulher cruel. A consciência ferida de um governante cobra um preço muito alto de seus súditos.

O destino havia me lançado como símbolo do protestantismo. Portanto, era apenas questão de tempo até que os defensores da antiga crença me confrontassem.



 noite parecia interminável, no entanto a aurora surgiu bem cedo. Iria chamar minhas assistentes e enviá-las de volta a suas casas, sem afligi-las. Estava me preparando pouco a pouco para a batalha.

Normalmente havia cerca de vinte mulheres de todas as idades e postos que me serviam. Algumas mais próximas de mim do que outras. As senhoras de plantão eram as mais cheias de cerimônia, pois vinham de famílias nobres e eram mais decorativas que funcionais. Não estavam presentes regularmente, mas eram chamadas em ocasiões formais, quando autoridades estrangeiras nos visitavam. Mas eu não planejava receber os espanhóis com honras de estado, portanto nenhuma delas estava de plantão hoje.

Cerca de dez mulheres serviam agora como damas em meu quarto privado, e apenas quatro delas, as mais velhas, serviam-me pessoalmente em meus aposentos. Ser uma dama dos aposentos era a maior honra que minhas assistentes poderiam ter. Três dessas quatro, minha Gralha, minha Gata e minha Blanche, ficariam comigo por enquanto. A quarta, Helena van Snakenborg da Suécia, voltaria para casa para ficar com seu marido.

Eu tinha seis damas de honra, jovens solteiras e de boa família, que serviam na sala externa e dormiam juntas em



um quarto, o quarto das donzelas. Todas deviam partir.

Se as damas de plantão eram figuras decorativas da minha comitiva e as damas do quarto privado, um misto de acompanhantes e assistentes, as damas de honra eram jovens joias que brilhavam e cintilavam por uma ou duas temporadas. Conseguiram ser as pessoas mais cativantes e atraentes dentre o pequeno grupo de mulheres na corte. Os olhos de muitos reis se sentiram atraídos por elas. Minha mãe fora uma dama de honra, assim como outras duas esposas de meu pai. Aqui, entretanto, não havia o olhar de rei algum para contemplá-las, só o dos predadores da corte.

Organizaram-se em fila, obedecendo-me apesar de trêmulas. O entusiasmo competia com a apreensão.

— Senhoras, entristece-me que, para sua segurança, tenha de mandá-las para longe. Talvez eu mesma tenha que fugir rapidamente para um local secreto, caso os espanhóis ataquem, portanto não precisarei de seus serviços. Rezo para que essa decisão esteja sendo tomada apenas por excesso de cautela. Mas não posso expor nenhuma de vocês aos perigos dos soldados inimigos.

Uma das damas de honra, Elizabeth Southwell, alta e graciosa, balançou a cabeça de forma negativa.

— Certamente nossa vida não é mais preciosa que a sua. Devíamos ficar com Vossa Majestade quando, quando...

Não conseguiu terminar a frase e seus grandes olhos azuis se encheram de lágrimas.

— Assim como Charmian e Iras ficaram quando Cleópatra enfrentou pela última vez os romanos! — disse Elizabeth Vernon, balançando seus volumosos cachos avermelhados.

— Não planejo me matar com uma cobra — respondi. — Nem mesmo pedirei que sigam o exemplo. Quero que vocês vão para suas casas por enquanto. Entendido?

— O perigo é muito grande? — perguntou Bess Throckmorton, filha de um falecido conselheiro. Mas Bess tinha sempre um ar de insolência e as outras damas de honra pareciam admirá-la.

— Depende do nível de aproximação deles — expliquei.

As senhoras mais idosas do quarto privado falaram pouco, apenas balançaram a cabeça concordando.

— Vocês devem arrumar suas coisas esta tarde para partir pela manhã — eu ordenei.

Fizeram uma reverência e saíram. Todas, exceto Frances Walsingham e Helena.

Frances esperou até que ficássemos sozinhas para então dizer:

— Majestade, gostaria de ficar. Sinto que é meu dever permanecer ao seu lado.

Olhei para ela. Suas feições eram comuns demais, nada condizentes com a viúva do glorioso *sir* Philip Sidney. Desde a morte do marido, ela se apagara para que não fosse notada. Até seu nome a deixava invisível, pois era o mesmo de seu pai: Francis Walsingham. Achava bem estranho pai e filha dividirem o mesmo nome.

— Frances, é seu dever me obedecer.

— Mas meu pai está envolvido no controle da guerra! Não sou uma garotinha para ser mandada para casa. Já passei por muitas coisas e por isso não tenho medo nem preocupação. Ficarei melhor estando no centro da ação. Por favor, imploro, deixe-me ficar!

— Não, Frances, você deve ir para que eu possa ficar tranquila.

Virei-me para Helena e disse:

— E você, também, minha cara amiga. Você deve voltar para seu marido e filhos. As famílias devem ficar unidas neste momento.

E o que afirmei em seguida tornava o pedido de Frances ainda mais entranho.

— Frances, sua filhinha, minha afilhada, não se esqueça, precisa de você. Você deve ficar com ela sempre que houver uma ameaça de guerra e confusão.

E assim elas partiram, Frances melancólica, Helena carinhosamente beijando meu rosto e dizendo:

— Não demorará muito, logo voltarei.

Drake, Hawkins e Frobisher tinham saído para o mar, junto com grande parte da esquadra. De súbito, passei a ter dúvidas sobre os navios e o posicionamento das tropas, mas eram detalhes que somente um marinheiro conheceria. De todos os meus marinheiros fisicamente capazes, somente Walter Raleigh ainda estava em terra para ser consultado.

Ah, e como ele havia protestado contra sua nomeação, pois não queria ser responsável pelas defesas em terra em Devon e na Cornualha. Ficar em terra enquanto os outros saíam para o mar. Ceder seu navio de combate feito sob medida para ele, o Ark Raleigh, ao almirante Howard, agora rebatizado de Ark, para ser seu navio principal não era fácil para ele. Mas ele se submeteu à necessidade e fez um excelente trabalho, não só fortalecendo Devon e Cornualha, como também inspecionando as defesas ao longo da costa até Norfolk. Pediu canhões de grande porte para proteger os portos de águas profundas de Portland e Weymouth, bem como o de Plymouth, o mais próximo da Espanha.

De acordo com Raleigh, era fundamental impedir que a Armada ancorasse em qualquer um desses portos.

Raleigh conseguiu reunir um número expressivo de cidadãos para servir como defesa de terra. Mas todos estavam munidos de armas caseiras, foices, alabardas, arcos longos, lanças e flechas, e isso não era páreo para o mosquete e a armadura de um soldado profissional. Nossa defesa de terra era frágil. Somente nossos marinheiros poderiam nos salvar.

Walter chegou usando seu melhor traje, com o rosto reluzindo de esperança. Imediatamente o deixei frustrado, pois não iria modificar sua atribuição, enviando-o ao mar.

— Majestade — ele disse, tentando esconder a decepção.  
— Estou aqui para servi-la da maneira que sua sabedoria julgar melhor.

— Obrigada, meu caro Walter. Conto com isso.

Sempre gostei da companhia dele. Seus elogios não eram tão exagerados e eu acreditava neles. Ele era atencioso sem ser bajulador, era agradável sem ser insinuante e não era

dado a fofocas. Era também bonito e inteiramente másculo. E foi por isso que o nomeei capitão da Guarda da Rainha, deixando um pelotão de duzentos homens belos e altos com suas fardas douradas e vermelhas sob seu comando. Suas funções eram proteger-me e servir-me. Certamente que os incentivei a cumprir tais deveres.

— Os relatos que tenho recebido sobre seu trabalho na costa têm sido excelentes. Apenas temo que não sejam fortes o suficiente para começarmos — comentei.

— Ataques em nossas terras são tão raros que nos descuidamos com as defesas de terra. Invasões deixaram de ser consideradas relevantes desde que seu pai lhe passou o poder — ele me assegurou.

— Houve invasões bem-sucedidas. Os romanos, por exemplo. Os vikings. Os normandos. É óbvio que não é algo impossível de acontecer.

— Na época não tínhamos marinha para combatê-los — rebateu.

— Ah, sim, a marinha. Foi por isso que chamei você. Já temos os números exatos em relação à Armada?

— Exatos, não, mas acreditamos que haja cerca de cento e trinta navios. Nem todos são navios de guerra; muitos são barcos de suprimentos e navios batedores. Eles têm poucos navios preparados para combate além dos doze que tomaram dos portugueses, que são marinheiros muito melhores. Também têm quatro galeões de Nápoles. Mas ainda não sabemos se uma canhoneira a remo pode ser de fato eficaz fora do Mediterrâneo.

— No papel somos mais fortes — disse, para me tranquilizar. — Desde que Hawkins começou a tomar conta das finanças da marinha e redesenhou nossos navios, passamos a ser a marinha mais moderna do mundo. Temos agora trinta e quatro galeões reformados numa frota de quase duzentos navios. Mas a decisão de substituir soldados por armas...

Balancei a cabeça em sinal de negação. Nunca havíamos tentado essa estratégia antes. E se não funcionasse?

Parecia arriscado usar os próprios navios como armas em vez de usá-los para transportar soldados até a batalha. No entanto, já havíamos nos comprometido. O projeto de Hawkins, que substituía os conveses dos canhões por conveses de tombadilhos, significava que não havia como voltar atrás.

— Não estamos errados, minha doce rainha — ele disse, lendo meus pensamentos. — Nossos navios são muito mais rápidos e manobráveis. Podemos navegar mais próximos do vento e virar rapidamente. Temos artilheiros dedicados para os canhões e duas vezes mais que o número de armas de grande porte do que a Armada tem por navio. Temos quatro vezes mais poder de fogo e quatro vezes mais precisão. As condições do vento nos favorecerão; condições de calmaria favorecerão eles. Mas o Canal nunca é calmo. Tudo nos favorece.

Sorri para ele. Era difícil não sorrir na presença dele.

— Bem, foi isso o que o faraó pensou quando perseguiu Moisés pelo mar Vermelho. Deus adora destruir uma nação cheia de orgulho.

— Então ele deveria destruí-los. Majestade, com base no que ouvi, os oficiais e os navios estão enfeitados como se fossem participar de um banquete. Os nobres usam vestes de acordo com o título, com armaduras decoradas com ouro, joias, insígnias de ouro e mantos de veludo. Os mosqueteiros usam chapéus de plumas também para a batalha, presumo, e frascos de pólvora decorados. Os navios estão pintados de vermelho e dourado, com bandeiras hasteadas em todos os cantos e mastros possíveis. O clima de festa é o mesmo que o dos camponeses em dia de faxina da casa.

Não consegui conter o riso.

— Acho que está mais para uma catedral, com os estandartes das imagens de todos os santos, das Chagas de Cristo e da Virgem Maria balançando ao vento<sup>1</sup>.

Subitamente, ele se ajoelhou e segurou minhas mãos, dizendo:

— Juro, pela minha vida, que estamos preparados. Não tenha medo.

Fiz com que se levantasse, e olhei bem em seus olhos assim que ele se recompôs.

— Nunca tive medo de nenhum homem, mulher ou inimigo estrangeiro. O meu coração não conhece o medo. Sou a rainha de um povo corajoso. Deveria ser menos corajosa que eles?

Ele sorriu e disse:

— A senhora deve ser, e é, a mais corajosa de todos.



Junho se foi, abrindo passagem para julho, e as informações sobre a Armada, uma frota tão grande que era preciso um dia inteiro para passar qualquer ponto em terra, revelaram que, embora tivesse saído de Lisboa na primeira semana de maio, fora danificada por fortes tempestades, forçando-a a se abrigar em Corunha, um porto na Costa Norte da Espanha. Drake, com sua frota de cem navios armados, pretendia atacá-los lá, pois estavam feridos e vulneráveis ancorados no porto.

Entretanto, quando estavam a cerca de cem quilômetros de Corunha, foram traídos pelo vento, que se desviou ao noroeste, em direção à Inglaterra, perfeito para os espanhóis retomarem a jornada quase encerrada. Com medo de que os espanhóis passassem despercebidos por eles e chegassem à Inglaterra o mais rápido que pudessem, eles não tinham outra escolha a não ser virar e voltar para casa. Isso aconteceu no mesmo dia em que os espanhóis deixaram Corunha, assim, chegaram na hora exata a Plymouth. Os ventos que danificaram seriamente os navios espanhóis deixaram um estrago muito menor em nossos navios, um bom sinal.

Já havia colocado todos os meus adornos em malas, ordenado que as joias fossem trancadas na vigiada Torre de

Londres e me isolado em Richmond, ao sul do Tâmis. E lá esperei.

Da janela do meu quarto observava o rio, cuja agitação mostrava a corrente da vazante da maré. A lua crescente, refletida na superfície do rio, formava desenhos brilhantes que se desfaziam e voltavam a se formar de acordo com o fluxo da corrente. Na margem oposta, os juncos e os salgueiros estavam prateados pela luz do luar e os cisnes descansavam entre eles destacando-se pela brancura. Noite ideal para os enamorados.

E então, um brilho vermelho atravessou o luar prateado. Um farol brilhava a quilômetros de distância. Depois outro. A Armada fora avistada. A milícia local fora chamada para se reunir.

— Luz! Luz! — pedi velas. Não dormiríamos naquela noite. Ouvi a movimentação no palácio quando os mensageiros chegaram e um deles foi trazido a mim de súbito. Ele se ajoelhou, tremendo.

— Sim? — disse. — Conte-me tudo — ordenei, fazendo com que ele se levantasse.

Era apenas um menino, devia ter uns quinze anos.

— Eu estava vigiando o farol em Upshaw Hill. Fiz um sinal de luz quando vi o primeiro em Adcock Ridge. Devia fazer vinte e quatro ou trinta e seis horas após a primeira luz ter sido acesa a oeste.

— Entendi — pedi a um dos meus guardas que gratificasse o garoto e disse: — Você fez muito bem.

Mas, na verdade, aquilo não me acrescentava nada. Somente com a chegada de testemunhas bem informadas é que a verdade seria revelada.

— Preparem-se — disse aos meus guardas. Raleigh, o chefe deles, estava longe, nos condados do oeste. Ele deve ter visto a Armada. Qual ponto da costa já havia alcançado?



Passaram-se três dias inteiros antes que as informações chegassem a Londres. A Armada fora avistada pela primeira vez em 29 de julho pelo capitão do *Golden Hind*, que vigiava e patrulhava a entrada do Canal. Ele avistou cerca de cinquenta velas espanholas próximas às Ilhas da Sicília, e logo seguiu para Plymouth, a cerca de cem quilômetros de distância, para avisar Drake.

No dia seguinte, 30 de julho, a Armada entrou no Canal.

Primeiro de agosto.

— Diga-me exatamente o que está acontecendo — ordenei ao mensageiro. Minha voz estava branda, mas meu coração acelerado.

— Não sei. Acho que os espanhóis podem ter tomado nossa esquadra a oeste no porto de Plymouth, que não teve como fugir por ter ficado presa pelo vento. Se foi vista por eles, tornou-se alvo fácil para o ataque espanhol.

— E então?

— Fui despachado antes de saber o que acontecia — ele disse.

Meu coração ficou apertado. Eram apenas notícias parciais. Será que nossa frota havia sido desarmada pelo vento e então destruída pelos espanhóis? Será que a Inglaterra estava completamente desprotegida?



Ninguém sabia. Esperamos em Richmond enquanto os dias se passavam, transformando-se em 2, 3, 4 de agosto. Os guardas nunca me abandonavam e todas as entradas do palácio estavam protegidas. Nossos baús continuavam fechados e dormíamos pouco.

Temíamos pelo pior, pensando que os espanhóis pudessem estar marchando em direção a Londres.

— Mas... — disse a Marjorie: — Podemos nos confortar, pois nem toda a Inglaterra será tomada, não importa se eles nos capturem e invadam Londres. Em Gales e no norte, o terreno é acidentado e as pessoas são mais violentas. O



leste está cheio de pântanos e brejos. Se os espanhóis não conseguiram dominar os Países Baixos em trinta anos, nunca conseguirão nos dominar. Novos líderes surgirão mesmo que eu e todo o meu governo desapareçamos.

— Produzimos guerreiros ferozes — ela concordou. — Transformaremos a vida deles num inferno se nos dominarem.

— E se tentarem nos calar com muitos soldados, terão de deixar os Países Baixos e, portanto perderão tudo — disse Catherine.

Fiquei apenas observando as duas. Elas nem mesmo fingiam estar calmas. Os maridos estavam lá combatendo os invasores e elas não tinham nem notícias deles.

— Senhoras — dirigi-me às duas: — Ficaremos e cairemos juntas.

Mas o que será que estava acontecendo?



Mais tarde, ainda naquela noite, lorde Hunsdon veio a Richmond. Recebi-o com receio de ouvir o que ele tinha a dizer e ao mesmo tempo alívio para saber o pior, caso o pior estivesse acontecendo.

Embora tivesse mais de sessenta anos hoje, ainda era um comandante imponente. Fiz um sinal com a mão indicando que a reverência não era necessária. Ele se levantou e disse:

— Majestade, estou aqui para convencê-la a ir a um lugar mais seguro. A senhora deve deixar Londres.

— Por quê? — indaguei. — Não darei um passo enquanto não souber o que está acontecendo.

Catherine não conseguiu se conter e apressou-se em apressar o pai, murmurando:

— Obrigada, meu Deus, o senhor não está ferido.

Ele deu um tapinha carinhoso no ombro da filha, mas continuou conversando comigo.

— Até mesmo as minhas informações são antigas, apesar de me manter a par de tudo, mas de uma coisa eu sei: a Armada chegou à área de Solent e à Ilha de Wight. Já houve dois confrontos: o primeiro em Plymouth, onde conseguimos escapar de ficarmos presos na ancoragem e tivemos o vento a nosso favor, e o outro foi em Portland Bill. Nenhum foi finalizado. Drake capturou o *Nuestra Señora del Rosario*, cheio de tesouros. Nem houve resistência. Quando o capitão espanhol ouviu quem estava atacando, rendeu-se imediatamente, dizendo que Drake era aquele cuja valentia e felicidade eram tão grandiosas que Marte e Netuno pareciam auxiliá-lo.

Drake. Era isso mesmo que parecia, no mar ao menos, ele era imbatível.

— E depois? — perguntei.

Hunsdon correu a mão pela espessa cabeleira e disse:

— A Armada seguiu avançando e os ingleses continuaram a persegui-la. Até agora o inimigo não havia conseguido aportar. Mas a Ilha de Wight oferecerá condições ideais para que isso ocorra.

— Já reforçamos a área — eu disse. — Há uma enorme trincheira defensiva, e o governador George Carew tem 3 mil homens de prontidão. Temos ainda uma milícia de 9 mil homens protegendo Southampton.

— Nossa marinha trabalhará na potência máxima para impedi-los de entrar nas águas de Solent para ter acesso a Wight. Dependerá apenas de conseguirmos impedir os espanhóis de usarem a maré a seu favor.

— E tudo isso está acontecendo neste momento?

— Meu palpite é que aconteça ao amanhecer. E é por isso que é muito importante que a senhora venha comigo e com meus soldados para um lugar em que o inimigo não possa encontrá-la.

— O que você está tentando dizer? Que tem certeza de que os espanhóis conseguirão desembarcar e que não teremos como impedi-los?

— Estou apenas dizendo que se eles conseguirem desembarcar a estrada para Londres é de fácil acesso.

— Mas eles não desembarcaram. Não ainda.

— Pelo amor de Deus, Majestade, assim que soubermos do desembarque, a senhora olhará pela janela e verá os elmos espanhóis. Imploro que se proteja. Não deixe que seus soldados e marinheiros arrisquem a vida para proteger a sua, se a senhora se importa tão pouco consigo mesma.

Como ele ousa fazer tal acusação?

— Preocupo-me mais com a Inglaterra do que com minha própria vida — retruquei. — Mas deixarei essa preocupação de lado caso desencoraje a resistência do povo.

Não podia ficar à margem, longe de todo o combate, portanto insisti.

— Quero ver o combate naval. Quero ir à Costa Sul para ver o que está acontecendo, em vez de me esconder covardemente no interior!

Sim, iria acompanhar tudo pessoalmente. Aquela espera, aquelas notícias de segunda e terceira mãos, eram insuportáveis.

— Isso não é bravura. É irresponsabilidade.

— Posso chegar lá em um dia.

— Não, não! O Conselho nunca permitirá — disse angustiado. — A senhora não pode, não deve se arriscar. Que prêmio para os espanhóis! Se a matarem, poderão exibir sua cabeça às tropas. Se a capturarem, será enviada ao Vaticano, acorrentada. Como isso poderia ajudar o seu povo?

— A decapitação de William Wallace parece não ter tido nenhum efeito negativo sobre seu legado na Escócia. Foi justamente o oposto — disse, suspirando em sinal de rendição. — Não vou a lugar nenhum hoje à noite, no meio da escuridão. Volte para suas tropas em Windsor, sem mim.

Ele não podia mandar em mim nem me forçar a fazer nada. Ninguém tinha o poder de me comandar. Ele se calou frustrado e fez uma reverência.

— Caro primo, confio em você — disse a ele. — Mantenha-se alerta em Windsor. E chegou o momento do exército do conde de Leicester reunir-se em Tilbury. Darei as ordens para tal.



**L**ogo após a saída dele, Catherine não parava de apertar as mãos quando disse:

— Se ele estava assim nervoso é porque a situação é pior do que a relatada. Meu pai não costuma fazer alarde desnecessário.

— Sei disso — concordei. — Percebi ao ver que ele não começou a praguejar e amaldiçoar tudo como de costume.

Hunsdon gostava de apimentar seu discurso com palavras rudes comuns aos soldados e não se importava com o que o resto da sociedade pensasse sobre isso. Mas, naquele dia, estava muito assustado para falar do seu jeito habitual.

— Não há como saber o que realmente está acontecendo. Esta é a crueldade da situação.

Trinta anos como rainha e, naquele momento de provação suprema, estava na escuridão, sem poder liderar. Olhei pela janela. Os faróis estavam em chamas, cumprindo sua missão.



Na manhã seguinte uma estranha visão veio ao nosso encontro: *sir* Francis Walsingham usando armadura. O quarto privado foi invadido pelo som do ferro batendo e ele

andava com dificuldade. Carregava o elmo debaixo do braço. Aproximou-se e tentou fazer uma reverência, mas conseguiu chegar apenas à metade.

— Majestade — disse. — A senhora deve transferir-se para o castelo de St. James em Londres. Está mais bem protegido do que Richmond. Hunsdon nos contou sobre sua recusa em se refugiar no interior. Mas é muito importante que vá para St. James. O exército de Hunsdon, de 30 mil homens, pode proteger a cidade.

— Meu mouro, por que está vestido assim? — perguntei.

— Estou preparado para a luta — ele disse.

Fiz o possível para abafar o riso ao indagar:

— Alguma vez já lutou com armadura?

— Não. Mas há muitas coisas que nunca fizemos e para as quais devemos estar preparados agora — ele respondeu.

Emocionei-me por ele tentar algo do tipo, logo ele, o típico conselheiro interno.

Atrás dele, Burghley e seu filho Robert Cecil entraram no quarto.

— Então, meus caros, onde estão suas armaduras? — perguntei.

— Minha gota não me permitiria usar armadura — disse Burghley.

— E minha coluna... — hesitou Robert Cecil.

Claro. Que insensibilidade a minha! O jovem Cecil tinha a coluna torta, embora não fosse corcunda, como seus inimigos políticos afirmavam. Dizem que caiu de cabeça no chão quando era bebê. Mas é bem provável que não fosse verdade, pois sua cabeça não tinha problemas e era o abrigo de uma mente brilhante.

De súbito, tive uma ideia e perguntei:

— Seria possível confeccionar rapidamente um peitoral e um elmo para mim?

— Por quê? Creio que sim — disse Robert Cecil. — A fábrica de Greenwich é bem rápida.

— Ótimo! Quero tudo pronto até amanhã à noite. E uma espada, do tamanho certo para mim.

— No que está pensando? — bradou Burghley assustado.

— Quero ir à Costa Sul, animar os recrutas que estão lá e ver pessoalmente o que está acontecendo no mar.

Walsingham suspirou, dizendo:

— Hunsdon já explicou por que isso não é sensato.

— Insisto em me juntar às minhas tropas. Se não puder ver os recrutas do sul, então irei até Tilbury quando o exército principal se reunir.

— Nesse entremeio, senhora, vá para St. James — implorou Burghley. — Por favor!

— Trouxe-lhe um cavalo branco — disse Robert Cecil.

— Tentando me subornar? — indaguei, rindo. O mais estranho é que eu ainda conseguia encontrar motivos para rir.

— Você sabe que não resisto a um cavalo branco. Muito bem. Ele, ou ela, está pronto?

— Certamente. E com rédeas e sela novas, ornamentadas com prata.

— Assim como os que o duque de Parma pediu para sua entrada cerimonial em Londres? — Os agentes de Walsingham haviam descoberto o fato.

— Melhores — disse Cecil.

Por todo o rio em pequenas embarcações e no percurso de mais de quinze quilômetros até Londres, uma multidão espantada e assustada se aglomerava. Cavalguei o mais serenamente possível, acenando e sorrindo para tranquilizá-los. Ah, se conseguisse tranquilizar a mim mesma com tanta facilidade. Não vi outras manifestações além de uns poucos arruaceiros. O céu estava nublado e fazia frio para meados de julho. Quando nos aproximamos de Londres, não vi nenhuma fumaça nem ouvi nenhum fogo de artilharia.

St. James era um palácio de tijolos vermelhos, usado como alojamento de caça por meu pai. Com seu parque florestal, ficava longe o bastante do rio para ser mais seguro do que Whitehall, Greenwich ou Richmond.

Contudo, conforme nos aproximamos, notei que os prados do parque, anteriormente lar de faisões, veados e raposas,

havia se transformando num acampamento militar. Tendas espalhadas pelos campos e soldados em alinhamento exercitavam-se.

Hunsdon nos encontrou nos portões do palácio com uma expressão de alívio no rosto. Ele sabia que eu acabaria fazendo a coisa certa.

— Graças a Deus a senhora chegou em segurança — disse.

Desci e fiz um carinho no cavalo.

— O jovem Cecil sabe como me subornar — disse. — Para uma rainha, melhor um presente do que uma ameaça.



Passei a tarde vendo os homens marchar e escrevendo para meus comandantes, enfatizando meu pedido para estar junto às tropas, confrontando Parma, em vez de me esconder. Hunsdon era teimoso, mas os comandantes do exército principal, Leicester e Norris, podiam pensar de outra forma. Enquanto escrevia as cartas, Walter Raleigh chegou. Nunca um visitante fora tão esperado.

— Diga-me, diga-me! — ordenei antes mesmo que conseguisse passar pela porta de fato.

Sua bela roupa de montaria estava coberta de poeira e as botas cheias de lama. Havia poeira até mesmo na barba. Não consegui decifrar a expressão em seu rosto, mas ele não parecia desesperado.

— Está tudo a salvo nos condados do oeste — disse. — Os espanhóis foram impedidos de desembarcar em Wight. Nossa frota dividiu-se em quatro esquadrões liderados por Frobisher no Triumph, Drake no Revenge, Howard no Ark e Hawkins no Victory, fazendo assim com que passassem direto, conduzindo-os até os bancos de areia e áreas rasas, de onde escaparam por pouco. Agora, estão indo em direção a Calais.

— Obrigada, obrigada, Deus! — quase me ajoelhei em sinal de gratidão. Deus apreciaria um agradecimento como



aquele. Mas me contive e perguntei:

— Mas e quando chegarem a Calais...?

— Provavelmente lá, ou em Dunquerque, na Costa de Flandres, tentarão coordenar algum tipo de ação com Parma. Mas será que ele sabe do paradeiro da Armada e está preparado para embarcar suas tropas imediatamente? Uma estratégia dessas leva semanas de preparação.

— Parma é conhecido por seu preparo — lembrei-o.

— Quando ele está ciente de todos os acontecimentos, sim — disse Raleigh. — Mas será que está?

— Se Deus está do nosso lado, então Parma não sabe de nada — disse.

— As milícias do condado oeste estão se deslocando para o leste a fim de ajudar os demais condados — relatou Raleigh.

— Parece que sua tarefa foi muito bem cumprida — elogiei. — Permito que agora faça o que sempre quis, juntar-se à frota. Se conseguir alcançá-los a essa altura.

Ele sorriu, dizendo:

— Eu os alcançarei, mesmo que tenha que empenhar minha alma ao diabo para isso.

— Cuidado com o que promete, Walter — disse. — Lembre-se do velho ditado: “Quem toma sopa com o demônio precisa usar uma colher comprida”.

Ele fez uma reverência e afirmou.

— Eu sei.



Naquela noite, meu peitoral, elmo e espada foram entregues. Parecia ainda poder sentir o calor do momento em que foram forjados. Passei as mãos por cima das peças confeccionadas com tanto primor, em seguida tentei prová-las. Se alguma peça de metal não se encaixasse, não teria como usá-las. Mas serviram perfeitamente.

— A senhora parece uma amazona — disse Marjorie admirada.

— Essa era minha intenção — respondi. Sentia-me diferente usando aqueles artefatos, não mais corajosa, porém invencível.



Na manhã seguinte, recebi uma correspondência de Leicester em Tilbury. O forte ficava a cerca de trinta quilômetros ao sul do Tâmis, local em que os navios de Parma passariam certamente a caminho da conquista de Londres. Concentrar o exército principal por lá tinha como principal objetivo bloquear o acesso de Parma a Londres e havíamos organizado um bloqueio de barcos pelo rio também.

Abri a carta apressadamente, rasgando o selo e atirando-o longe.

“Minha cara e graciosa senhora, alegro-me ao saber, em sua carta, sua nobre disposição em reunir-se às forças, aventurando-se pessoalmente numa perigosa ação como essa.”

Isso mesmo, ele me entendia bem mais que o velho Hunsdon!

“E como foi do desejo de Vossa Majestade pedir minha opinião em relação ao seu exército, contando-me sobre sua secreta decisão, emitirei minha opinião de forma clara e de acordo com meu conhecimento.”

Sim, sim.

“Sobre sua proposta de juntar-se às tropas estabelecidas em Dover, não posso consentir, minha cara rainha. Mas, em vez disso, convido-a para vir a Tilbury para confortar o seu exército da melhor maneira, agindo da forma mais leal e mais capaz que um soberano sabe ser. Eu mesmo cuidarei de sua segurança, o que para mim é o que há de mais precioso e mais sagrado neste mundo, de modo que ninguém se atreverá a tentar coisa alguma.”

Ah, mas da forma como ele diz... Talvez seja melhor visitar o exército principal mesmo. Minha presença deve ser usada

para fortalecer os demais, em vez de satisfazer minha própria curiosidade de ver a batalha.



O Conselho Privado ficou horrorizado. Burghley praticamente bateu o pé, Cecil desaprovou, coçando a barba, Walsingham revirou os olhos. Os outros, o arcebispo Whitgift e Francis Knollys, resmungaram e balançaram a cabeça em sinal de desaprovação.

— Isso não passa de uma obsessão tola e perigosa de Vossa Majestade — disse Burghley. — E como lorde Leicester pode encorajá-la?!

— É muito próximo do local em que esperamos que ocorra a invasão — exclamou Walsingham. — E, pior que isso, é o perigo de sair no meio do povo. Esqueceu-se de que a bula papal diz que qualquer um que consiga matá-la estará cumprindo uma nobre tarefa? Como saberemos quem se esconde entre as tropas? Basta apenas um!

— Não sou uma imperatriz romana para ter medo de ser assassinada por meus súditos — rebati. — Até agora os católicos têm se mostrado leais. Não quero começar a desconfiar deles.

— Até mesmo bons imperadores e reis são assassinados — ele disse.

— Deus me trouxe até aqui e cabe a ele me proteger. — Virei-me para eles e disse: — Senhores, eu irei. Fico honrada que se importem comigo, mas tenho que ir. Não posso ficar de fora do ápice da crise de meu reinado. Devo estar lá.

Escrevi para Leicester aceitando o convite e ele respondeu: “Muito bem, doce rainha, não modifique seu propósito se Deus lhe dá boa saúde”. Não era minha intenção mudar meu propósito.

Naquela noite, ordenei que o chicote espanhol de equitação, há muito guardado, fosse trazido para mim. Gostaria de usá-lo, pois senti-lo em minhas mãos fortaleceria minha decisão. Não iríamos perder!



Entrei na embarcação real ancorada no cais de Whitehall ao amanhecer para viajar para Tilbury. Dessa vez, as cortinas vermelhas, as almofadas de veludo e o interior dourado da cabine pareciam estar zombando de mim. Estava cercada de pompas reais, só que meu objetivo era ir ao encontro da defesa do meu reino. Passamos pelo cais de Londres, por Greenwich e, por fim, em direção ao mar, abençoei todos esses lugares e as pessoas que lá habitam, mesmo não os avistando.

Logo atrás de mim havia um barco com os trompetistas tocando muito alto, chamando a atenção dos curiosos que estavam nas margens. Atrás de nós, vinham barcos com os oficiais da reserva e a Guarda da Rainha, corajosamente vestindo armaduras e plumas, além de conselheiros e cortesãos.

Chegamos ao meio-dia, parando diretamente na entrada do forte. Nas margens, havia fileiras de soldados elegantemente alinhados, o sol brilhando sobre seus elmos. Quando o barco atracou no cais, o som dos trompetes me recepcionou e então o capitão-geral das forças de terra, conde de Leicester, acompanhado pelo marechal do exército, o lorde “Black Jack” Norris, vieram solenemente até o fim do píer para me receber.

Ver Leicester, meu caro Robert, tão bem indumentado e esperando por mim, fez com que eu prendesse o fôlego. Ele sempre me esperou da mesma forma em todos os momentos cruciais da minha vida. Ele sempre foi meu apoio principal.

— Majestade — disse, curvando-se.

— Nós a saudamos e a acolhemos — disse Norris, abaixando a cabeça.

Observei as belas fileiras de soldados que se estendiam cerimonialmente colina acima.

— Temos quase 20 mil aqui — disse Leicester, apontando para os soldados. — Preparei tudo para que possa

inspecionar o acampamento e o bloqueio do rio. Então, após o jantar, poderá passar as tropas em revista e falar com eles.

— Será um prazer — afirmei. Fiz um gesto indicando o barco atrás do meu, o que trazia meu cavalo. Ele estava sendo puxado para descer a rampa. Leicester arqueou a sobancelha e disse:

— Belo cavalo. É novo? — Leicester orgulhava-se por me fornecer os melhores cavalos.

— Um presente de Robert Cecil — respondi.

Sua resposta sutil foi a seguinte:

— Muito bom gosto. Agora, minha preciosa rainha, poderia me acompanhar até o acampamento? — perguntou, mostrando o caminho por onde deveríamos subir.

Já estava usando o vestido de veludo branco com o qual gostaria de ser vista e colocaria a armadura antes de montar no cavalo. Aquele era um momento significativo, quase uma ocasião sagrada, no qual nenhum traje comum seria digno o bastante. Mas o veludo branco, com todas as implicações de virgindade e majestade, aproximava-se muito da ocasião.

Conforme passávamos, cada soldado fazia uma reverência e os oficiais cruzavam as lanças e os estandartes em sinal de respeito. Olhei no rosto de cada um deles. Eram grandes, queimados de sol e assustados, e vi como eram corajosos em ter deixado suas fazendas e casas para vir ali e tomar posição.

Quando chegamos ao topo da colina, o acampamento estendia-se à nossa frente. Centenas de tendas, algumas feitas com os melhores tecidos, outras de lonas grosseiras, todas enfileiradas. Havia grandes pavilhões para os oficiais e cabines pintadas de verde para os soldados rasos. Flâmulas e bandeiras balançavam ao vento no alto das tendas. Quando nos viram, flautistas e percussionistas iniciaram as marchas de boas-vindas. Depois, os canhões emitiram sua saudação real.

— Eis a sua legião! — disse Leicester, estendendo o braço em direção ao acampamento. — Ingleses vigorosos, prontos para defender nossa costa.

Por um segundo assustador senti que ia chorar. Homens tão corajosos e tão frágeis: o bem mais precioso que meu povo oferecera a mim.

— Sim — murmurei.

Andei por entre as companhias de soldados em posição de sentido, trocando algumas palavras com uns, sorrindo para outros, pensando em como pareciam uma formação de barreira alta ou uma fileira de jovens árvores à margem da estrada.

— Deus abençoe a todos! — gritei e em resposta eles caíram de joelhos e bradaram:

— Deus salve nossa rainha!

Também inspecionei as fileiras da cavalaria, cerca de 2 mil homens. A companhia de farda amarela era liderada pelo jovem enteado de Leicester, Robert Devereux, conde de Essex. Ele sorriu assim que me aproximei e esperou um momento antes de curvar a cabeça.

— Majestade — disse Leicester, acenando com orgulho em direção ao jovem. — O jovem Essex criou uma bela companhia de 200 cavaleiros por conta própria.

Olhei para a companhia suntuosamente paramentada e mentalmente calculei o custo. O jovem Essex não poupou despesas. Mas o efeito geral, em vez de impressionar, deixava claro o desperdício.

— Hum — murmurei, balançando a cabeça de leve, dirigindo-me à próxima companhia.



Voltamos ao pavilhão de Leicester para o almoço. Apenas alguns foram escolhidos para juntarem-se a nós; portanto a mesa não era tão maior do que o local em que estávamos. Marjorie, Catherine e Walsingham foram incluídos como

convidados meus. Leicester sentou-se cheio de floreios e disse:

— Majestade, tudo isso está sob seu comando.

— Estou aqui para recomendar, não para comandar — disse a ele.

Leicester levantou sua taça, dizendo:

— Vinho francês. Podemos beber em segurança, confiando que os franceses manterão sua neutralidade nesta guerra.

Todos bebemos.

— A Armada ancorou perto de Calais — disse Walsingham. Ele ainda usava a parte de baixo da armadura, mas havia tirado a parte superior para ficar mais confortável. — Cerca de 50 quilômetros de Dunquerque, onde Parma estaria esperando. Será que está mesmo?

— Ninguém sabe — admitiu Leicester. — É totalmente possível que ele nem saiba que a Armada zarpou.

— Meus informantes dizem que há muito movimento no porto de Calais — disse Walsingham. — Muitos barcos indo e voltando da Armada, que não pode ancorar lá sem violar as leis de neutralidade francesas. Mas há, sim, muito escambo acontecendo. Eu acho que a Armada está fazendo consertos e reparos com a ajuda francesa.

Ele baixou a taça e colocou-a de lado, ordenando.

— Tragam cerveja inglesa pura para mim, por favor!

Os Norris entraram na conversa, dizendo:

— Nosso trabalho não é nos preocuparmos com os franceses, mas sim estarmos prontos para qualquer desembarque que ocorra aqui.

Foram as palavras de *sir* Henry, marido de Marjorie. Ele tinha um rosto largo e cabelos cor de trigo com ar juvenil, apesar dos mais de sessenta anos. Isso lhe dava a aparência de uma pessoa direta e sincera, mesmo quando não era.

— Pai, um exército só é bom quando suas armas e treinamento são bons — disse “Black Jack”. O apelido era por causa da pele escura, herança de sua mãe. — Você sabe como são feitas as milícias locais.

— Vários meninos, boêmios e sonhadores — disse um homem robusto de olhos escuros à esquerda de Leicester.

— “Vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões” — murmurou Walsingham.

— Esqueça a Bíblia — resmungou “Black Jack”. — Os espanhóis navegam com a bênção papal. Isso não ganhará a guerra por eles, e citar versos das Escrituras também não nos fará vencer.

Virei-me ao homem que havia mencionado os boêmios e indaguei:

— O senhor está dizendo que as milícias locais e os grupos treinados são compostos de incompetentes?

Ele olhou surpreso ao ser apontado, como se estivesse acostumado a ser ignorado.

— Quero dizer apenas, Majestade, que não temos um exército profissional, nada mais do que cidadãos arrancados de seus lares e muito mal treinados. Não são como Parma e seus mercenários alemães, italianos e belgas. Fazemos o melhor que podemos com o material que temos em mãos. Sem desrespeito.

— Já disse que meu mestre de cavalaria é um jovem promissor — Leicester apressou-se em lembrar. — Alguém que vale a pena ser observado em ação. Posso apresentá-lo *sir* Christopher Blount?

Um jovem cativante. Olhos pesados e boca bem torneada. Ombros largos. Braços musculosos que podiam ser vistos pelo volume das costuras do casaco.

— Você é parente de Charles Blount? — perguntei por ser um dos meus preferidos na corte, que agora comandava o *Rainbow* na frota de *sir* Henry Seymour.

— Um primo distante, Majestade.

— Beleza é uma característica da família, então — comentei.

Outros teriam se envergonhado e ruborizado. Ele simplesmente olhou calmamente para mim. Não me pareceu nem lisonjeado nem solícito.



Robert Devereux estava estranhamente calado, fazendo círculos na mesa com o vinho derramado.

— Robert — duas cabeças se moveram, a de Robert Dudley e a de Robert Devereux. — Belo nome, “Robert” — eu disse. — Mas estava chamando pelo mais jovem. Primo — Robert Devereux e eu éramos primos de segundo grau; ele era tetraneto de Thomas Bolena e eu, neta.

— Sim, Majestade?

— Você está quieto hoje.

— Perdoe-me. Tenho muito em que pensar — seu olhar era amplo e claro como o de um anjo. E, de fato, suas características eram como as de uma delicada pintura de anjos italianos, belos olhos azuis e cabelos dourados encaracolados.

— Na verdade, todos temos. Vamos terminar nossa refeição e voltar aos objetivos do dia.

Fizemos a refeição em silêncio, conversando amenidades com as pessoas que estavam ao nosso lado. Perguntei a Marjorie como pai e filho podiam diferir tanto em suas filosofias militares.

— Henry é mais sutil — ela respondeu. — Ele prefere aguardar e ver o que o inimigo faz. Jack acredita em atacar primeiro e perguntar depois.

— É parecido com Drake, então.

— Sim e...

No mesmo instante, houve uma agitação na porta e alguém entrou. Tirando o elmo, George Clifford, conde de Cumberland, caminhou em nossa direção e parou diante de mim. Respeitando o protocolo, curvou-se antes de dizer:

— Acabei de saber, Majestade. Há duas noites a frota de *sir* Henry Seymour atracou em Dover junto com a do almirante Howard, seguindo a Armada. Toda a nossa frota se deparou subitamente com a Armada, confortavelmente ancorada em Calais, e o almirante Howard decidiu que a oportunidade de atacar era tentadora demais para ser ignorada, apesar do perigo. Improvisaram então oito navios incendiários,<sup>2</sup> instrumentos do terror, e lançaram os

malditos navios em chamas, carregados com canhões para explodir no inferno, bem no coração da Armada. Tiveram êxito depois que toda a nossa artilharia de terra falhara. A forte formação defensiva da Armada está destruída. Em meio ao pânico para evitar os navios incendiários, cortaram os cabos, perderam as âncoras e dispersaram-se por todos os lados. Agora, estão tentando desesperadamente reunir-se do outro lado de Gravelines. Nossa frota vai atacá-los nesse estado confuso. Finalmente, terão a chance de destruí-los em vez de meramente atormentá-los.

— Pelo amor de Deus! — gritei. — Joguem-se sobre eles, renda-os! — Mas os homens que poderiam liderar tal ação estavam muito distantes para me ouvir.

Enquanto isso, eu estava ali, em Tilbury, e conseguia falar diretamente apenas com as defesas em terra, e esse era meu único poder capaz de afetar o resultado da guerra naquele momento.

Levantei-me. Quando isso aconteceu, Leicester apontou para os outros oficiais à mesa e disse:

— Majestade, por favor, permita que seus devotados oficiais e soldados mostrem sua dedicação. Eles desejam cumprimentá-la em pessoa.

Uma grande fila de jovens se formou e, um a um, eles seguraram minha mão, beijando-a.



**R**etirei-me para me preparar para a cerimônia. Catherine e Marjorie iriam me ajudar como coroinhas paramentando um padre. Primeiro meu cabelo. Usaria minha melhor e mais longa peruca, ótima para ostentar pérolas e diamantes, símbolos de virgindade, podendo ser vista de longe. O peitoral de prata deveria ser cuidadosamente preso, deixando os laços meio soltos para acomodar o corpete de veludo branco volumoso por baixo dele.

Elas deram um passo para trás e disseram:

— Majestade, a senhora parece Palas Atena, e não uma rainha qualquer — o olhar delas me dizia que eu havia me transformado da mulher, embora rainha, a qual elas serviam todos os dias, em algo muito maior. Naquela ocasião eu era muito maior do que eu mesma. Eu tinha de ser.

Já lá fora, montei no magnífico cavalo branco. Leicester entregou-me meu cetro prateado e dourado e o chicote espanhol preto, e segurou as rédeas do cavalo para me guiar.

Essex vinha logo ao lado e, atrás dele, Jack Norris, seguido por um porta-estandarte com as armas da Inglaterra bordadas em ouro sobre o veludo vermelho. Um nobre

carregava a espada oficial da rainha à minha frente, e um pajem trazia meu elmo de prata sobre uma almofada branca. Um pequeno grupo de homens vinha a pé, mas eu não queria ser engolida por um desfile cerimonial. Queria que todos me vissem, não somente meus acompanhantes.

Todo o acampamento estava reunido, esperando. Conforme eu cavalgava em público, o barulho da multidão e a explosão dos canhões saudavam-me, imitando os estrondos do campo de batalha. Quando me aproximei do topo da colina em que iria proferir meu discurso, um grupo de trompetistas vestidos de cor escarlata passou a tocar, abafando as vozes humanas com o tom agudo e determinado do som metálico. Um silêncio se formou, espalhando-se pelas fileiras, da mais próxima à mais distante.

No topo da colina, fiz a volta com meu cavalo para ficar de frente até mesmo para os homens mais distantes. Meu povo. Meus soldados. Rezei para que o vento pudesse levar minhas palavras a todos.

— Meus amados súditos — bradei. Esperei que as palavras fluíssem. A multidão ficou ainda mais silenciosa. — Temos sido persuadidos por alguns que cuidam de nossa segurança a ficar atentos à forma como confiamos nas multidões armadas, por medo de traição.

Sim, Walsingham e Burghley eram conselheiros prudentes, mas altamente derrotistas para uma situação única como aquela. Esconder-me agora seria admitir a derrota.

— Mas quero dizer a vocês que não desejamos viver desconfiando de nosso povo fiel e amoroso. Que os tiranos tenham medo! Sempre nos portamos de acordo com as leis de Deus depositando a nossa força e segurança nos corações leais e na boa vontade de nossos súditos.

Respirei fundo e as palavras saíram, impulsionadas pela emoção, mudando do “nós”, usado pela realeza, para o pessoal “eu”.

— E, portanto, vim até vós neste momento, não para o meu lazer nem para meu divertimento, mas determinada a no meio e a, no meio do calor e da batalha, viver ou morrer entre vós, a tombar, ainda que seja no pó, pelo meu Deus e pelo meu reino, pelo meu povo, pela minha honra e pelo meu sangue.

Os monarcas ingleses anteriores a mim envolveram-se em batalhas. Ricardo Coração de Leão, Henrique V e meu próprio avô Henrique VII lutaram e arriscaram suas vidas. Respirei fundo, enchendo meus pulmões de força.

— Sei que pareço uma mulher frágil e fraca, mas tenho o coração e o estômago de um rei, e de um rei da Inglaterra, e acho um desrespeito absoluto que Parma, ou qualquer príncipe da Europa, ouse invadir as fronteiras do meu reino.

Um tiro ecoou em seguida, como um trovão. Quando tudo se acalmou, continuei:

— E, além disso, declaro que eu mesma empunharei uma arma; eu mesma serei general, juiz e darei a recompensa por seu heroísmo no campo de batalha.

O barulho da multidão ficou tão alto que minhas próximas palavras, encorajando-os a confiar na recompensa e em Leicester, meu tenente-general, foram abafadas. Apenas as palavras finais da frase “logo teremos notável vitória sobre os inimigos do meu Deus, do meu reino e do meu povo” ficaram audíveis. E, com elas, inexplicavelmente, a multidão ficou totalmente em silêncio.

Desci a colina protegida pela calma e pelo silêncio que pairavam no ar, meu coração batia acelerado, o mar de homens à minha frente tornava-se indistinto.



Continuei com a armadura mesmo após a dispensa dos soldados. No pavilhão dos oficiais, um grupo de líderes resmungava, circulando nervosamente ao meu redor, ajoelhando-se em sinal de obediência. Seu comportamento

usual entusiasta havia sido subjugado e alguns tinham lágrimas nos olhos.

Ninguém conseguiria quebrar tal feitiço? Porque eu sentia que não poderia respirar novamente como uma mortal até que alguém o fizesse.

Jack Norris, orador inato, o fez.

— Três vivas para Vossa Majestade, soberana melhor do que qualquer rei! — ele gritou. Os aplausos ecoavam, os copos tilintavam, e assim voltamos ao que éramos.

Leicester ficou ao meu lado, seus olhos contemplavam-me como um estranho.

— Conheço-a desde a infância — ele disse em voz baixa. — Mas agora parece que nunca a vi antes. O que ouvi hoje jamais poderia ter imaginado — ele segurou minha mão, curvou-se e beijou-a.

— Quem estava lá jamais esquecerá. E farei cópias do discurso para que todos possam saborear intensamente o significado.

— É o seu dia também, meu amigo, meu irmão. Fico muito grata e sem palavras para agradecer este momento supremo que foi nosso.

Deus, que não havia permitido que tivéssemos qualquer outra vida juntos senão em público, havia coroado com glória aquele dia e permitido compartilhá-lo como se fôssemos um só. Entrelhamo-nos e essa troca disse muito mais do que nossas palavras inadequadas jamais poderiam ter dito. Aquele momento único e insubstituível selara nossa ligação.

Refrescos foram espalhados em uma longa mesa, mas eu não tinha apetite. Será que algum dia teria fome novamente? Será que a adoração e toda a confiança de meu povo conseguiam me satisfazer por inteira? O restante da companhia, no entanto, avançou sobre as carnes, bolos e garrações com um prazer desenfreado.

Enquanto os homens estavam ocupados comendo, o conde de Cumberland me procurou. Mas, ao vê-lo, as pessoas tentaram ouvir as novidades.

— Em meio ao seu discurso, Majestade, recebi um despacho. A Armada conseguiu se remontar...

Sussurros ecoavam enquanto ele continuava a falar.

— Mas eles estavam abalados com o que sofreram com os navios incendiários da noite anterior e a mais feroz das batalhas da guerra até agora está sendo travada em Gravelines, na Costa de Flandres. Dizem que estamos dominando e pressionando-os. O principal problema que temos é a possibilidade real de ficarmos sem munição. Alguns dos navios espanhóis já foram explodidos no mar do norte e dentro do Canal. O restante ainda está lutando à deriva próximo aos bancos de areia. Parecem estar desgastados.

— É muito cedo para declarar vitória? — perguntei a Henry Norris.

— Sim. Eles podem se reagrupar e retornar. Depende do vento. Se continuar a soprar para o norte, eles não terão chance alguma.

— E Parma?

Cumberland balançou a cabeça negativamente.

— Disseram-me que, mesmo que a Armada tenha passado por ele, ele planeja embarcar seu exército nos botes salva-vidas que já possui e navegar até a Inglaterra assim que a maré subir. Ele não consegue sair dos estuários na maré baixa, mas a maré alta resolverá esse problema.

Walsingham aproximou-se de mim e disse:

— A senhora deve retornar imediatamente para Londres. Não deve estar aqui quando ele chegar com seus 50 mil homens!

Será que ele não entendeu? Olhei incisivamente para ele.

— Meu caro secretário, como posso ir embora? Não acabei de prometer, há menos de duas horas, que eu daria a minha vida? Não acabei de afirmar que tenho a coragem e a força de um rei da Inglaterra? Como eles reagiriam se eu colocasse o rabo entre as pernas e fugisse ao mero sinal de perigo? Eu desprezo você, meu caro!

Era isso mesmo. Melhor morrer ali, combatendo, do que fugir, do que trair minhas próprias palavras logo após tê-las dito. O mundo respeitou os troianos, os espartanos nas Termópilas, os judeus em Massada, Cleópatra enfrentando os romanos. Mas não respeitava covardes.

Seu rosto pálido ficou ainda mais sombrio e, falando sozinho, voltou à mesa.

— Ficaremos aqui com a senhora — disseram Leicester e Essex, que acabara de chegar.

— Nós também — disseram os Norris, pai e filho.

— Conte conosco — disseram Marjorie e Catherine. — Nós, mulheres, não somos covardes.





**O**bservamos. Esperamos. Vários rumores surgiram por toda a Europa. A Armada havia vencido. Parma tinha desembarcado. Drake estava morto, ou capturado, ou sua perna havia sido arrancada. Hawkins e o *Victory* estavam no fundo do mar. Por toda a Inglaterra os rumores corriam. Mas Parma nunca pegou carona naquela maré de primavera; ela veio e se foi sem ele.

Ninguém sabia o que havia acontecido com a Armada. O almirante Howard e a frota inglesa perseguiram os espanhóis até o norte, no estuário de Forth, na Escócia, perto de Edimburgo. Como a frota continuou seguindo em frente, nossos navios voltaram. Eles sabiam o que esperava pela Armada quando tentassem voltar pela ponta da Escócia e seguir para a Espanha, contornando a Irlanda. As águas ferozes e as rochas perigosas daquele mar inóspito iriam destruí-la. Aquele mar destruíra até mesmo navios cujos comandantes conheciam as águas, quanto mais navios que não o conheciam.

E foi exatamente o que aconteceu. Enquanto os espanhóis estavam organizando missas de ação de graças em suas catedrais para a gloriosa vitória da Armada, ela estava sendo destruída, navio por navio, no oeste rochoso da Costa da Irlanda.

Quase trinta navios encontraram seu fim ali e os poucos marinheiros que conseguiram sobreviver e chegar à costa foram mortos pelos nativos irlandeses ou por agentes ingleses. Todos os ditos setenta navios ou mais não retornaram à Espanha, e, aqueles que conseguiram, voltaram em tão mau estado que não valiam mais nada. Em contrapartida, nós não perdemos um único navio.

Setembro chegou antes que algumas dessas informações chegassem ao rei Filipe, que ficou perplexo:

— Espero que Deus não tenha permitido tal maldição, já que tudo foi feito a seu serviço — foi tudo o que ele disse.

Mas Deus havia mandado seus ventos em prol da Inglaterra.

Celebramos. Os sinos da igreja tocaram por dias. Músicas foram compostas. Medalhas comemorativas foram distribuídas. Festas de ação de graças aconteceram por todo o país.

Em Lisboa, as pessoas cantavam pelas ruas, alegrando-se com a derrota espanhola:

*Quais navios voltaram?  
Aqueles que a Inglaterra não viu.  
E onde estão os outros?  
As ondas dirão  
O que aconteceu com eles?  
Dizem que se perderam  
Sabemos seus nomes?  
Em Londres eles sabem.*

Ah, e sabíamos mesmo. E sabíamos os nomes de todos os nossos navios e de todos os nossos heróis. Tínhamos até um capitão de oitenta e nove anos que havia comandado tão bem seu navio no esquadrão de Howard que foi declarado cavaleiro por bravura no convés do navio pelo próprio almirante. Era disso que eram feitos os *nossos* homens.

No primeiro mês, andei nas nuvens da exaltação. Era um momento incomum, algo extraordinário. Era como se

tivesse acabado de nascer, aprendido a ver, ouvir, degustar, cheirar e sentir. Todos os meus sentidos foram aguçados ao mais alto grau. Há lugares bem ao norte da Noruega e da Suécia onde no verão nunca anoitece. Dizem que durante essas semanas as pessoas não precisam dormir, que elas vivem em um estado de extrema animação. Foi isso que aconteceu comigo nas semanas logo após a ameaça de a Armada sumir.

Estávamos nos preparando para a comemoração de ação de graças na Catedral de São Paulo. Os estandartes que Drake havia capturado do emblemático Nuestra Señora del Rosario seriam consagrados, imitando a missa do papa que abençoou a bandeira da capitânia da Armada. Gostaria de saber se ela teria sobrevivido e, em caso afirmativo, onde iriam escondê-la de vergonha.

O papa, entretanto, atendo-se à sua forte convicção camponesa, parecia deleitar-se com o resultado, como se nunca tivesse se oposto a ele. Em Roma, ele declarou:

— Elizabeth é certamente uma grande rainha e, se fosse católica, seria uma filha querida. Vejam como ela governa bem! É somente uma mulher, dona apenas de metade de uma ilha, mas ela tornou-se temida pela Espanha, pela França, pelo Império,<sup>3</sup> por todos!

Quando seu assistente o repreendeu por ter dado seu endosso, ele gritou:

— Se ao menos eu fosse livre para me casar com ela. Que esposa ela seria! Que filhos teríamos! Eles teriam dominado o mundo inteiro — e suspirou.

O padre assistente disse em oposição:

— Vossa santidade está falando da arqui-inimiga da Igreja!

— Humm — ele resmungou, ainda deixando escapar: — Drake, que capitão!

Creio que era o caso de um pirata respeitando outro.

Quando Robert Dudley contou essa história para mim, rimos muito juntos.

— Ele parecia ter se esquecido de seus princípios, se é que algum dia teve algum — disse Dudley. — Claro,

provavelmente ele está aliviado por não ter que cumprir sua promessa de milhões de ducados a Filipe. Creio que a senhora não esteja tentada a se tornar a sra. Sisto, não é?

— Bem... você sabe que gosto de aventuras — disse, ficando séria em seguida. Havia coisas sem serem ditas. — Robert, a questão do casamento sempre existiu entre nós. Todas as grandes indagações foram respondidas e aprendemos a viver com tais respostas — olhei fundo em seus olhos e concluí: — Nada pode nos separar agora.

Nossa ligação havia sobrevivido ao fantasma de sua primeira esposa, Amy, à forte presença de sua segunda esposa, Lettice, à minha convicção de virgindade. Ele segurou minha mão e confirmou.

— Não. Nada pode.

Apertei sua mão entre as minhas e lhe falei:

— Amigo, irmão, coração do meu coração.

Então, soltamos as mãos e alguém entrou no quarto.

Era Burgley, mancando.

— Ele lhe contou sobre os comentários de Sisto?

Dudley fez que sim e disse:

— É muito engraçado.

— Não tanto assim para Filipe — disse Burghley. — Ele está pensativo e isso fará com que fique ainda mais bravo. Mas esses despachos... — balançou várias folhas no ar. — Eles confirmam o que ouvi. Vossa Majestade agora é uma das governantes mais respeitadas na Europa. O rei da França a louva e diz — ele abriu uma das cartas e apontou com o dedo. — Que sua vitória “poderia ser comparada com os maiores feitos dos mais ilustres homens do passado”. Até mesmo o sultão otomano enviou congratulações.

— Talvez ele mande um eunuco de presente? — comentei, rindo.

— E o embaixador veneziano em Paris — disse, pegando outra carta. — Escreve que a rainha “não perdeu a presença de espírito por um único momento sequer, nem desprezou coisa alguma que fosse necessária para a ocasião. Sua perspicácia na resolução da ação, sua coragem em conduzi-

la, mostraram o desejo intrépido de glória e sua determinação de salvar seu país e a si mesma”.

— Não fiz nada sozinha — expliquei. — Sem meus marinheiros, sem meu exército, sem meus conselheiros, agora estaria presa a Sisto, e não teria nada a ver com a piada infame de casamento.

Minha cabeça ressoava diante de todo o louvor conferido a mim. Tome cuidado, disse a mim mesma, para que a cabeça não fique maior do que a coroa. Era hora de deixar os elogios de lado.

— Meu caro conselheiro — disse a Burghley. — Tenho certeza de que se juntará a nós em Whitehall para a revista militar comemorativa, não é?

Ele hesitou e respondeu:

— Já vi soldados o suficiente nos últimos meses.

— Ah, mas haverá torneios também.

— Poupem-me — retrucou. — É muito entediante.

— Você é esperto, mas nem sempre diplomático. Muito bem, então. Não esperamos por você. Mas Leicester e eu estaremos na tribuna, caso mude de ideia.



A tarde foi tão agradável quanto um verão inglês poderia oferecer. O céu não estava incrivelmente brilhante, mas as nuvens macias de agosto o suavizavam. O ar nos envolvia em um caloroso abraço. Sentados na tribuna, observando o pátio dos torneios, Leicester e eu esperamos para passar a companhia que o conde de Essex havia reunido em Tilbury em revista. Ele havia feito tudo com recursos próprios e agora estava empregando ainda mais recursos ao fazer a apresentação.

Acomodando-se, Leicester sentiu um calafrio violento. Mesmo num dia quente como aquele, pegou uma capa para se cobrir. Vendo que eu o observava, disse:

— Temo que minha antiga febre da malária tenha voltado. Está judiando de mim. Não consegui ir a Buxton para tomar

um banho nas águas relaxantes como normalmente faço, já que o rei Filipe tinha outros planos para mim.

— Assim que tudo isso aqui acabar, você deve ir embora — disse. — A festa de ação de graças não acontecerá até novembro, nem o aniversário de trinta anos de minha coroação. Você deverá estar curado até lá.

— Se isso é uma ordem, então lhe obedecerei. Mas estou relutante em deixar Londres agora, com todo este clima de alegria e celebração.

— É uma ordem — percebi que ele não estava bem, às vezes nem conseguia parar em pé. Fiquei aliviada ao ter uma explicação para isso.

— Ah, veja! Lá está ele! — Leicester apontou para Essex entrando no pátio dos torneios, seguido por seus homens, todos usando a farda branca e amarela de Devereux. Eles marcharam e, passaram em frente à tribuna, todos me cumprimentaram. Essex estava esplendoroso.

Em seguida, os torneios começaram e Essex foi o primeiro, desafiando o Conde de Cumberland. Olhei para Leicester. Há muitos anos ele também entrava nos torneios, e eu me lembrava bem disso. Jovem, forte, com reflexos brilhante-avermelhados em seu cabelo, era isso o que eu via. No entanto, o homem ao meu lado agora tinha cabelos brancos, a respiração ofegante e estava trêmulo. Ele precisava das águas medicinais de Buxton.

— Ele é habilidoso para vinte anos, você não acha? — disse Leicester.

Vinte anos, a doce década da vida.

— Sim — concordei.

— Quando eu for a Buxton, permita que ele utilize meus aposentos em St. James. Ele fará bom uso. Gostaria que o conhecesse melhor.

— Muito bem — disse. — Jogaremos cartas, dançaremos e aguardaremos o seu retorno.

Ele segurou minhas mãos e as beijou prolongadamente.

— Passamos por muita coisa juntos, meu amor — disse com doçura. — Mas essa última foi a melhor de todas.



Ele partiu três dias depois. Tinha, é claro, que levar a esposa, Lettice, com ele. Viajaria até Buxton, a quase cento e cinquenta quilômetros de Londres, em etapas lentas, parando para ver *sir* Henry Norris em Rycote no caminho. Enviei uma lembrancinha a ele lá, um tônico de mel de hortelã, feito por uma das minhas damas de companhia.

Não achei nada demais. Bem ao contrário. Imaginei-o recebendo o presente e seu ânimo crescendo enquanto viajava pelo interior, longe dos deveres, com o corpo restabelecendo-se à medida que fazia o tratamento. A exaltação, o alívio pela vitória da Inglaterra, e seu desempenho como comandante, tudo isso ajudaria na recuperação.



E então Burghley pediu para falar comigo em particular. Ele entrou lentamente na sala e desabou. Sua expressão denunciava a dor que sentia ao se segurar nos braços da cadeira.

— Deveria ter mandado um mensageiro — repreendi-o. — Você tem de se cuidar. Não faça reuniões desnecessárias.

— Essa é necessária.

— Um secretário teria sido suficiente — disse, balançando a cabeça negativamente. — O empenho é uma coisa, mas... — o olhar dele fez com que eu parasse de falar.

— Ah, ninguém poderia ter vindo em meu lugar!

— O que foi? — senti um arrepio percorrer meu corpo.

— Robert Dudley está morto — ele disse.

— Não — foi a primeira coisa que consegui pensar naquele momento. Não podia ser. Isso não pode acontecer.

— Ele morreu oito dias após deixar Londres. Chegou a Rycote e seguiu viagem por mais um dia, indo para o parque Cornbury. Depois disso, piorou muito e não conseguia sequer sair da cama. Seis dias depois, morreu por

causa de uma febre incessante. Estava no alojamento dos guardas do parque. Sinto muito — disse, baixando o olhar como se nem conseguisse olhar nos meus olhos. — Disseram que podia avistar as árvores do parque de sua cama. Sua última noite deve ter sido... bonita.

Bonita. Árvores. As folhas estavam caindo? Ou ainda estavam verdes?

— Árvores... árvores — fiquei repetindo a mim mesma até que comecei a chorar.

Fiquei em silêncio em meus aposentos durante dois dias. Ninguém tinha permissão para entrar, nem Marjorie nem Catherine nem Blanche nem mesmo o mais simples servo para atender às minhas necessidades. Jamais me recusei em mostrar felicidade em público, mas nunca mostraria a face da tristeza. Assim, esperei que passasse, sabendo que somente a dor intensa seria amenizada, sua essência me acompanharia para sempre.

Batidas tímidas na porta indicavam que minha refeição estava do lado de fora da porta. Nunca abri para saber. Mais tarde, vieram mais batidas e uma carta foi passada por debaixo da porta. Reconheci a caligrafia imediatamente: era de Robert Dudley.

Há algo de misterioso e assustador em receber uma carta de alguém que já faleceu, como se ele ou ela estivesse falando com você num tom hesitante vindo da sepultura. Uma profunda tristeza e um mau presságio tomaram conta de mim ao abrir a carta com as mãos trêmulas.

*Rycote, 29 de agosto.*

*Humildemente peço a Vossa Majestade que perdoe vosso pobre e velho servo de ser ousado, enviando-lhe esta carta para saber como está minha graciosa dama e se está recuperada, pois isso é o que mais preciosamente peço no mundo: que tenha uma boa saúde e longa vida. Em meu pobre caso, continuo usando seu remédio e considero-o muito melhor do que qualquer outra coisa que já recebi.*



*Assim, na esperança de encontrar a cura completa no banho medicinal, continuo minha oração de sempre para a conservação da felicidade de Vossa Majestade. Humildemente, beijo seus pés daqui do velho alojamento em Rycote, nesta manhã de quinta-feira, pronto para enfrentar minha jornada. De seu mais fiel e obediente servo, Vossa Majestade,*

*R. Leicester*

*Esta carta foi escrita logo após ter recebido o presente de Vossa Majestade, trazido pela jovem Tracey.*

Não havia um segredo, uma mensagem especial. Era uma carta qualquer, provocativa, carinhosa, com esperança no futuro, preocupada com o presente. Ele nem suspeitava que a morte estivesse tão próxima. *No meio da vida estamos meio mortos*, diz o serviço fúnebre. Mas o oposto também é verdadeiro: no meio da morte estamos muito vivos.

Estávamos enganados. Algo muito cruel, de fato, havia nos separado.

Um dia depois, Burghley ordenou que a porta fosse arrombada. Ele me encontrou tranquilamente sentada. Era o momento de me levantar e seguir em frente.

— Ele será enterrado na Capela de Warwick — disse. — Ao lado do filho.

Seu jovem filho com Lettice, morto aos seis anos de idade apenas.

— Certo — mas eu não iria até lá, não queria ver.

— Há rumores de que... — ele começou a explicar delicadamente.

— Quais rumores? — será que Robert Dudley nunca ficaria livre do maldito falatório? Isso o perseguiria até mesmo na tumba?

— Que a mulher dele, Lettice, o envenenou. E que ela fez isso porque ele planejava envenená-la.

— Mas que mentira! — os inimigos de Leicester chamavam-no de envenenador, atribuindo qualquer morte súbita às suas armações. E por que ele planejava envenená-la?

— Dizem que ele descobriu que ela era infiel e o traía com Christopher Blount, o jovem nomeado por ele para mestre da cavalaria. Cerca de vinte anos mais jovem.

— Absurdo — bradei. Certamente ela não teria coragem de trair Leicester, o homem pelo qual lutou tanto para conseguir.

— O boato é que ela o envenenou com o frasco de veneno que ele havia preparado para ela.

Por fim, Burghley disse num tom apologético:

— É o que as pessoas estão comentando.

— Não vão parar enquanto não sujarem o nome dele para sempre. Nem mesmo na morte ele não consegue escapar da maldade das pessoas.

— Mas isso suja principalmente o nome da viúva Lettice.

— Isso também, isso também — mas claro que nem mesmo Lettice faria uma coisa dessas. Mas... o primeiro marido dela morreu quando sua relação com Robert Dudley fora descoberta. As pessoas diziam que Robert fora o responsável. Mas quem ganharia com isso? Lettice, não Robert. Ela ganharia um marido rico e amoroso, melhor do que o falido atual. Robert perderia até mesmo o brilho de esperança de se casar comigo, bem como a influência na corte. Sim, quem ganharia mais?

Tirei aqueles maus pensamentos da minha cabeça. Não eram dignos de mim.



**E**s três meses seguintes foram de alegria para o meu país e meus súditos. Não houve outro momento em nossa historia de tal regozijo generalizado. A batalha de Agincourt acontecera em outro país e, apesar de ter sido uma bela vitória, não garantiu nossa sobrevivência. Enquanto meu espírito se elevava de gratidão e alívio, meu coração pesava com minha perda pessoal. Eu era o próprio reflexo da vida, um misto de doce e amargo numa mesma bebida.

Mas tudo tem que chegar ao fim, até as celebrações. Em novembro, proibi quaisquer comemorações que rivalizassem com minha coroação.

A procissão começou em Somerset House, a mansão que emprestei a lorde Hunsdon na costa entre Whitehall e o Templo. Sabíamos que ele alojava embaixadores estrangeiros e organizava grandes eventos lá. Naquele dia, ele me recebeu como alguém maior do que uma rainha e prima, acolheu-me como um companheiro de batalha na defesa contra a Armada.

— Como assim, cara prima, nada de armaduras hoje? — ele brincou.

— Não são adequadas para a igreja — respondi.

— Ah, eu não sabia disso. Para mim, inadequadas são as roupas cotidianas — ele estava ansioso, sem dúvida, para voltar para o norte, onde era o guardião.

Naquele dia, optei por usar um vestido que tinha uma longa cauda, carregada por Helena Ulfsdotter van Snakenborg, marquesa de Northampton, nobre do mais alto escalão na Terra. Havia concedido a ela, ou melhor, havia permitido que mantivesse seu título mesmo após ter ficado viúva, casando-se novamente com um homem de menor título de nobreza. Considerava-a minha propriedade, pois a havia persuadido a ficar na Inglaterra bem depois que sua embaixada oficial acompanhou a comitiva da princesa Cecília da Suécia de volta para casa, há vinte anos.

Cecília já havia morrido, sua missão fora quase esquecida, mas sua encantadora compatriota agora era membro da nossa corte e uma de minhas criadas preferidas em meu quarto privado.

— É bem pesado, Helena — avisei.

Ela fez um leve aceno de cabeça.

— Sou forte. Lembra-se que tenho lobo até no nome: *Ulfsdotter*?<sup>4</sup>

— Você não se parece nada com um lobo — disse. — Mas sempre admirei os nomes escandinavos vindo de animais: lobo, urso, águia, *Ulf*, *Bjorn*, *Arne*. São *cheios* de significado.

— Pode ser difícil conviver com eles — ela respondeu, segurando a cauda do vestido para praticar. — Melhor ter nomes como John ou William.

A Somerset House e seu pátio estavam lotados com as 400 pessoas que faziam parte da procissão. Lá dentro, conselheiros, nobres, bispos, o embaixador francês, damas de honra, oficiais da casa, juízes e oficiais da lei tomavam seus devidos lugares; do lado de fora, uma vasta multidão de empregados, capelães, sargentos de armas, oficiais da reserva, arautos, oficiais de diligência e homens a pé esperavam para se alinhar na posição correta.

Minha carruagem, puxada por dois cavalos brancos, estava coberta com um dossel e tinha na parte superior

uma réplica da minha coroa imperial. Entrei e Helena me seguiu, trazendo a cauda do meu vestido. Com um sinal a procissão começou a se mover, com os arautos, os oficiais de diligência e os mensageiros à frente. Quase todo o resto seguia atrás deles.

Nesse momento, sentei-me na carruagem. O conde de Essex caminhava atrás de mim, trazia meu palafrém.<sup>5</sup> Era o lugar que ocuparia Leicester naquela comitiva.

Atrás dele, vinham as damas de honra, depois os oficiais da Guarda da Rainha.

Lentamente, muito lentamente, seguimos em direção à costa, passando pela Arundel House, pela Leicester House, mais lembrança dele, que agora parecia sóbria e deserta. Até a entrada da cidade, onde músicos tocavam no portão e eu fui recebida pelo prefeito e pelos conselheiros vestidos com mantos escarlates.

No caminho para a Capela de São Paulo as ruas estavam repletas das companhias da cidade em uniformes azuis. Os edifícios e balaústres também traziam bandeiras azuis penduradas, balançando suavemente com a brisa. Vivas me saudavam por todos os cantos. Parecia-se muito com o dia da minha coroação; mas de muitas formas era também diferente.

Além do contraste óbvio do clima, na coroação era um dia frio de janeiro, com o sol brilhando por entre a neve, e agora era um caloroso porém nublado dia de novembro; o sentimento era outro. Naquele tempo, eu era uma promessa, uma esperança, uma desconhecida. Agora, já havia cumprido minha promessa, e uma promessa cumprida é melhor do que uma esperança. Juntos, eu e meu povo, celebraríamos tal satisfação.

Chegamos à capela e a carruagem parou em frente à porta oeste, onde o bispo de Londres nos recebeu, cercado pelo diácono e um massivo grupo de outros clérigos. Após uma rápida prece, eles nos conduziram em procissão pela nave central, entoando uma ladainha. Em cada lado da nave havia onze bandeiras capturadas da Armada. Todas

estavam esfarrapadas e manchadas, testemunhas silenciosas do que haviam sofrido. Todas continham emblemas ou símbolos religiosos. Mas o que mais podia se esperar de uma frota que tinha cruzeiros em suas velas?

Pendiam com tristeza e pareciam abandonadas, como se estivessem perguntando onde seus navios poderiam estar.



Sentei-me próxima ao púlpito. O bispo de Salisbury pregava e depois foi a minha vez de proferir algumas palavras ao meu povo. Após tantas palavras, havia poucas, mas básicas, a serem repetidas: gratidão, admiração, humildade e alegria. Fiz um gesto para que os cantores do coral entoassem os versos da música que eu havia escrito sobre a Armada. Poetas muito mais talentosos do que eu já haviam escrito sobre a vitória, mas as palavras de uma rainha devem significar algo. Os garotos e homens ficaram de pé e cantaram, em uníssono:

*Olha e escuta, ó Senhor.  
Do teu reino luminoso verás  
Tua serva e tua obra,  
Entre os teus sacerdotes, oferecerás  
Zelo pelo incenso, alcançando os céus;  
Eu e meu cetro, sacrifício.  
Ele tem feito maravilhas em meus dias  
Ele fez os ventos e as águas se elevarem  
Para dispersar todos os meus inimigos...*

As medalhas da Armada que eu havia preparado traziam a seguinte mensagem: “Deus soprou e eles se dispersaram”. E, de fato, fora o que aconteceu.

Mais tarde, eu e uma pequena comitiva jantamos na casa do bispo, retornando à Somerset House após escurecer, com uma procissão de tochas. Eles nos deixaram em

segurança em casa e encerraram aquela noite extraordinária.



Apenas uma coisa ainda precisava ser feita para honrar o evento. Posei para um retrato que mostrava as duas frotas em segundo plano. A nossa navegava sobre um mar claro, a deles era destruída contra as rochas em águas turbulentas. Usei o colar de 600 pérolas que Leicester havia deixado para mim em seu testamento. Dessa maneira pude incluí-lo na comemoração, e de uma forma que permaneceria para sempre.

## Fevereiro de 1590



**V**enham, meninas! — chamei-as assim que duas caixas grandes foram depositadas na sala da guarda. — Algo para alegrar o nosso dia triste, diretamente da terra em que o sol sempre brilha — estava muito entusiasmada, presentes inesperados do sultão Murad III dos otomanos.

O sultão Murad e eu estamos nos aproximando há anos. Walsingham esperava trazê-lo para uma aliança militar contra a Espanha, e, embora não tenha se comprometido, havia me congratulado pela vitória sobre a Armada. Trocamos algumas cartas de adulação mútua e eu enviara a ele presentes ingleses como buldogues e cães de caça. E agora ele me agradecia também com presentes.

Marjorie observou as caixas com desconfiança e disse:

— Elas são grandes o suficiente para guardar um animal, um animal bem grande.

— Duvido que haja um camelo aí dentro — disse a ela. — Adoraria um cavalo árabe, mas sei que não tem um aí dentro.

As caixas continham sacos de grãos escuros, caixinhas de geleia colorida e pacotes de especiarias. Algumas eu conhecia, cardamomo, cúrcuma, folhas de hibisco e açafrão. Outros não. Havia também uma variedade de tipos passas,



damascos, tâmaras e figos secos. Echarpes com as cores do arco-íris, leves como plumas estavam em um saco bordado, e caixas de madeira guardavam duas reluzentes cimitarras de aço. O mais magnífico de todos, um enorme tapete dobrado no fundo de uma das caixas. Quando foi desdobrado, revelou um intrincado desenho de cores e padrões.

— Dizem que os turcos fazem jardins parecidos com o paraíso — disse Helena. — Aqui, eles imortalizaram em fios um jardim paradisíaco para aqueles que, como nós, não podem ir até lá.

A carta que acompanhava os presentes se dirigia a mim como “a mais sagrada rainha e nobre princesa, nuvem da chuva mais preciosa e fonte mais doce de nobreza e virtude”. Adorei aquilo. Nenhum dos meus cortesãos adutores tinha dirigido a mim frases como aquelas, não ainda.

Os grãos escuros estavam identificados como *kahve*. Um marinheiro mercante, e familiarizado com o alimento, explicou-me que na Turquia os grãos eram moídos, tornando-se um pó fino a ser fervido com uma pequena quantidade de água, sendo bebido com mel ou açúcar. O islã proibia o álcool, portanto era aquilo que usavam. Em vez de entorpecer os sentidos, ele os intensificava, afirmou o marinheiro.

E os quadradinhos pegajosos?

Uma coisa chamada *loukoum*, disse ele. Nada para se temer, era apenas açúcar, amido e aromatizantes de rosas ou jasmim.

Assim que ele saiu, experimentei um doce. Tinha um fraco por coisas doces.

— Isto é o paraíso e combina com o tapete do jardim do paraíso — disse, saboreando-o. — É melhor convidarmos os outros para virem até aqui, ou passarei mal de tanto comer isso.

Emiti um convite formal para cerca de trinta pessoas virem até o quarto privado na tarde seguinte e

“experimentar as delícias do Oriente”, não tinha visto muitas delas ultimamente e aquela seria uma boa desculpa para vê-las novamente. Estenderíamos o tapete e distribuiríamos a comida em uma mesa grande. Os cozinheiros preparariam os grãos *kahve*. Mas, como precaução, teríamos cerveja e vinho de prontidão.



Pai e filho da família Cecil foram os primeiros a chegar. Andaram em torno da mesa, analisando tudo o que havia nela e por fim pegaram um *loukmoun* cada um e o levaram à lareira. Logo atrás deles, meu grande protetor, o secretário Walsingham, apresentou-se.

Não o via fazia semanas. Ele não esteve presente nas comemorações natalinas. Havia rumores de que estava doente, mas sua filha Frances insistia em continuar a me servir, e eu achei que, se ele estivesse mesmo tão mal, ela teria ido para casa para cuidar dele.

— Francis! — cumprimentei-o. Assim que vi o rosto abatido e amarelado, sabia que a doença havia atingido um estágio crítico; não podia mais escondê-la. Ele sempre tinha a pele tão escura, meu mouro, mas nenhum mouro jamais tivera uma aparência como a de Francis naquela noite. Imediatamente, arrependi-me do tom preocupante em minha voz quando indaguei:

— Você não está se cuidando? — indaguei sutilmente. Vou mandar Frances de volta para casa. É egoísmo meu mantê-la aqui para me servir quando o pai precisa dela muito mais do que eu. Tentei fazer soar como apenas uma leve repreensão: — Você deveria ter ficado em casa; não era necessário se arrastar até aqui em meio a este clima louco.

— Clima louco atrai espíritos loucos — ele disse. — E eu estarei descuidando do meu dever de proteger Vossa Majestade de seus inimigos se deixar tal oportunidade passar para tentar identificá-los.

— Você tem agentes para isso — lembrei-lhe.

— Nenhum tão bom quanto eu — ele disse. Foi uma afirmação, não estava se gabando.

— Os seus agentes têm cumprido muito bem o dever até agora. Você tem que aprender a confiar neles como eu confio nos meus. Tais como você! Se não fosse por você, eu ficaria louca de preocupação constantemente com minha segurança, mas, como é você, posso esquecer.

— A senhora não deve se esquecer disso nunca — ele disse. Assim que acabou de falar, vi-o cerrando os dentes. Estava difícil para ele continuar a conversa.

— Vá para casa, *sir* Francis, senhor secretário. Esta é uma ordem.

Deus, eu não podia perdê-lo também! Sem mais mortes, não agora. Minha cara companheira e babá, Blanche Parry, havia morrido logo após a ação de graças na Abadia de Westminster, como se ela tivesse conseguido aguentar somente para ver aquele dia.

Pegara um resfriado e não fora capaz de livrar-se dele. Algo que acontece com os idosos, como se a morte enviasse o frio emissário para anunciar-se. Ela esteve sentada ao meu lado durante as comemorações, com calafrios e tremores. E ainda assim murmurou:

— Não preciso da minha visão para testemunhar um dia como esse. Posso ouvi-lo nos tons de vozes.

Assim que voltamos ao palácio, ela foi levada para a cama e nunca mais saiu de lá. Tentei convencê-la a se levantar, convoquei, mas não era para ser. O corpo que a servira fielmente por mais de oitenta anos fora desgastado.

— Agora permita que sua criada parta em paz — ela murmurou, pedindo permissão com a formal frase bíblica.

— Eu permito — disse, apertando suas mãozinhas. — Permito, mas não o faria, se tivesse poder para isso.

Ela sorriu, e era aquele sorriso fantástico que eu tanto amava.

— Ah, mas a senhora não tem, minha dama. Então, não impeça.

Ela faleceu naquela noite. Para mim, tê-la perdido, logo após perder Leicester, foi como jogar uma nuvem de profunda tristeza pessoal sobre a alegria nacional.

Arrastando-se, Walsingham virou-se para me obedecer e voltar para casa.

Em seguida, lorde Hunsdon chegou. Não era muito mais jovem que Cecil, ainda era forte, apesar de suas pernas rígidas. A única consideração que teve com sua idade e suas articulações foi deixar o norte durante os pungentes e amargos meses de inverno, voltando para Londres.

Logo atrás dele estava mais uma parte da minha família, *sir* Francis Knollys, o típico conselheiro puritano, que havia se casado com a irmã de Hunsdon, o que para mim foi um tapa de luva de pelica. Tolerava seus pontos de vista porque ele era da família, mas nunca permiti que sua religião impedisse seus serviços.

Francis havia tido muitos filhos, uns sete meninos e quatro meninas. Estranho que para um pai tão digno nenhum dos seus filhos merecesse menção, a não ser somente uma das filhas, Lettice. E os motivos pelos quais ela é citada, dissimulação, traição, adultério, dificilmente deixariam um pai orgulhoso. Cumprimentei Francis, tentando não jogar sua filha contra ele.

Sem ter ideia do que se passava em minha mente, Francis sorriu e cumprimentou-me. Em seguida, aproximou-se da mesa, ansioso para experimentar algum dos produtos exóticos.

Sentei-me à ponta da mesa e anunciei:

— Meus bons ingleses! Recebemos presentes do Oriente. Um deles está bem abaixo de seus pés, um belo tapete turco. Os demais devem ser manuseados e admirados. Senhoras, escolham uma echarpe. Senhores, examinem as cimitarras. Mas sem duelar!

Ultimamente, houve várias tentativas de duelos na corte, mesmo sendo estritamente proibidos.

— E, o mais interessante de tudo, há uma bebida nos frascos, uma bebida quente, muito bem-vinda num dia de

gelar os ossos como este, que aquece seu estômago e faz sua cabeça se agitar, mas não como a cerveja faz. Ainda não provei, mas o farei mais tarde, em particular. Há frutas secas supremas e um doce especial que dizem que os eunucos adoram.

Pronto, a afirmação deveria aguçar o interesse de todos.

Estava escurecendo muito cedo nos dias de inverno. Ordenei que lâmpadas e velas fossem acesas, mas a escuridão tomava conta dos cantos e do teto de pé-direito alto. Eu havia mandado construir aquela sala de jantar em Whitehall como estrutura temporária, mas depois não tive mais dinheiro para transformá-la em algo permanente.

A guerra com a Espanha em todas as frentes de batalha estava me levando à falência. A vitória sobre a Armada não havia encerrado o conflito. Aquilo fora apenas um estágio de toda a guerra.

Recentemente, nossa antiga aliada, a França, tinha sido mais uma vez mais dilacerada, dessa vez pela “guerra dos três Henriques”, o Henrique católico, duque de Guise, chefe da liga católica; o herdeiro do trono, Henrique de Navarra, Bourbon e protestante; e rei Henrique III, católico e Valois.

Entretanto, tudo ficou mais simples quando o duque de Guise foi assassinado e a mesma coisa também aconteceu a Henrique III. O rei francês, corajoso em suas fitas, perfume e maquiagem, fora retirado do palco da vida para ser sucedido por seu primo que possuía casa e religião diferentes. A morte de sua mãe intrometida, a rainha Catarina de Médici, ajudou muito do meu ponto de vista.

— Minha mais bela e graciosa soberana — à minha frente estava Robert Devereux, o jovem conde de Essex. Encerrei minhas reflexões sobre as dificuldades financeiras da Inglaterra. Ele se curvou, beijando a minha mão e, em seguida, levantou os olhos para olhar diretamente nos meus, deixando que um sorriso lento gracejasse seus lábios.

— Confesso que, como homem, me sinto muito mais sujeitado à sua beleza natural mais do que ao seu poder de rainha.

Uma beleza como a dele, em palavras e fisicamente, não deveria ter permissão para circular livremente. Era muito perturbadora.

Ao seu lado estava uma mulher adorável.

— Permita-me apresentar-lhe meu amigo Henrique Wriothesley, conde de Southampton.

— Estou vendo o fantasma de Henrique III? — havia acabado de pensar nele e lá estava aquela aparição bem à minha frente: de batom nos lábios, bochechas maquiadas, cabelos compridos e brincos duplos.

Southampton soltou uma risada histérica e apoiou os dedos longos e finos na manga de Essex. Nem teve mesmo a decência de enrubescer, mas mesmo assim a maquiagem teria disfarçado.

— É uma honra servi-lhe, minha soberana senhora — disse, ajoelhando-se. Deixei que ficasse ali por um momento, enquanto examinava a parte de cima de sua cabeça. Não parecia ser peruca. Eu sempre conseguia identificá-las, nunca pareciam naturais.

— Levante-se — ordenei. — Então, você veio a Londres. Quantos anos tem?

— Dezessete, Vossa Mais Gloriosa Majestade.

Dezessete. Talvez ele ainda crescesse.

— Não fique muito tempo em companhia de Essex por aqui. Ele exerce má influência sobre jovens rapazes como você.

— Ah, agora que cheguei aos vinte anos sou má influência aos mais jovens? — brincou Essex. — Então, deveria nos manter longe da corte. Mande-me para outra missão. Tenho a armadura e estou ansioso para partir.

Eu o tinha deixado sob as ordens de Drake em Portugal na conhecida missão Contrarmada, destinada a dar seguimento à nossa vitória defensiva com uma ofensiva. O papel de Essex tinha sido o de um fanfarrão e, no final, ineficaz. Meu investimento fora desperdiçado.

— Então, você paga! — disse, encerrando o assunto.

Logo após, *sir* Francis Drake apareceu, como se o tivéssemos evocado ao falar de operações navais. O ex-herói da Armada não era quem eu queria ver no momento. Mas, com sangue-frio característico, ele abriu caminho, veio até mim e ajoelhou-se.

— Vossa Graciosa Majestade — disse, beijando minha mão.

Não ousou mostrar a cara na corte depois que a empreitada a Portugal havia falhado. A generosidade do sultão estava lhe proporcionando uma oportunidade.

— Não se esqueça tão facilmente de todos os serviços que lhe prestei, todas as joias, o ouro, as passagens secretas no mar e da barba chamuscada do rei da Espanha. Permita-me provar o meu valor novamente.

Porém, tenho que manter minhas reservas financeiras. Não haveria missões para Francis Drake naquele ano.



Minhas damas estavam todas amontoadas em uma das extremidades da mesa, pairando sobre um prato de *loukoum*, bem como uma bandeja artisticamente organizada com pistaches, amêndoas e avelãs. Fiz um gesto para Frances Walsingham vir até mim.

— Frances, falei com seu pai. Ele está muito doente. Você deve deixar a corte e ir até lá para cuidar dele.

Ela fez uma reverência, porém notei que seus olhos desviavam para Essex. Todos os olhares pairavam sobre Essex. Ela tinha uma relação especial com ele, assim como seu finado marido, *sir* Philip Sidney, que tinha deixado sua espada para Essex, como se estivesse passando adiante sua nobre reputação. Até o momento, além da aparência de nobre, Essex tinha feito pouco para merecê-la.

Frances permaneceu um instante ao lado dele, e então, será que meus olhos me enganavam? Ela resvalou na mão dele. Ele tirou a mão imediatamente, evitando olhar para

mim. Southampton vestiu a luva e disse, seu tom agudo estava angustiada:

— Vamos, senhor.

Olhando para trás, Essex disse em tom melancólico:

— Se a senhora puder receber minha mãe...

Rebati com um olhar fulminante e nem mesmo dignei-me a responder ao pedido. Ultimamente, ele vinha me incomodando com isso, como se tal atitude fosse me fazer mudar de ideia. Minha mente não se curvava a defesas. Se fosse a coisa certa, nem precisava de defesa. Mas, se fosse errada, nenhuma adulação faria com que abrandasse. Lettice enquadrava-se na última categoria.

Entre as minhas próprias damas de companhia tentei evitar convocar as falsas e as loucas, mas, muitas vezes, considerações políticas ditavam ser necessário aceitar a filha ou a sobrinha de alguém, e, lamentavelmente, nem sempre temos como saber como serão esses descendentes.

Assim, os solenes conselheiros tinham filhas como Bess Throckmorton. Portanto, até mesmo aqui, havia dois tipos de damas: as verdadeiras, como Helena, Marjorie, Catherine e sua irmã Philadelphia, e as do tipo leviano, como Bess Throckmorton, Mary Fitton, Elizabeth Southwell e Elizabeth Vernon. Como era de esperar, as frívolas eram mais bonitas que as confiáveis.

Mesmo assim, como disse Salomão uma vez: “Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição”.

Bem no momento em que eu imaginava um anel de ouro no nariz elegante de Bess Throckmorton, os ombros largos de *sir* Walter Raleigh esconderam-na de mim.

Ele prolongava sua estada no quarto privado sempre que Bess estava por perto, já havia percebido. Ele, como capitão da Guarda da Rainha, era encarregado de proteger a virtude de minhas damas, e tinha até mesmo a chave do quarto das damas de honra. Até o momento não havia notado nenhum comportamento, mesmo assim continuava desconfiada.



Ultimamente, parecia ter escolhido Bess para dedicar sua atenção. Entendi que era da minha conta interrompê-los.

Bess imediatamente fez uma reverência e deu um passo para trás. Ela sempre era muito educada e subserviente, superficialmente. Raleigh virou-se e, como sempre, sua simples presença maravilhava-me. Mais de um metro e oitenta de altura, musculoso e com trinta e tantos anos. Tudo isso fazia dele um homem completo.

— Majestade — ele disse. — Experimentei o *kahve* e ouço poesias dentro da minha cabeça.

Ele estava prestes a começar a recitar. Seus versos eram muito benfeitos, mas não estava disposta a ouvir nenhum deles. Virei-me, mas ele, sem de fato tocar em meu braço, segurou-me. Quando olhei por cima de seu ombro, vi Edmund Spenser, a quem não via fazia nove anos, desde que partira para a Irlanda. Raleigh praticamente o trouxe até mim.

— Meu vizinho irlandês — disse, sorrindo.

— Vim para Londres para apresentar minha humilde oferta — disse Spenser. — É inteiramente dedicado à Vossa Majestade e apresenta sua brilhante e mágica corte em seus dias de grandeza épica. Poderia deixar uma cópia com a senhora?

— Se assim quiser — falei. — Qual é o nome dessa maravilha?

— *A Rainha das Fadas* — respondeu-me. — São apenas os três primeiros livros num total de nove. Os outros virão em seguida.

Na penumbra que rapidamente tomava conta do ambiente, analisei seu rosto. Era fino e angular. Esperava que não tivesse sido atingido pela disenteria irlandesa que enfraqueceu muitos de nossos homens por lá.

— Enviarei uma cópia de apresentação para a senhora — ele avisou.

Mas ele já estava desaparecendo da minha cabeça quando Raleigh murmurou:

— Preocupo-me muito com a colônia. Imploro vossa permissão para que um navio de socorro vá até lá imediatamente. Já se passaram quase três anos — disse, sorrindo daquela maneira deslumbrante. — Permita que a Rainha das Fadas socorra sua filha, Virginia.

— Minha filha não está prosperando?

— Não estive lá — disse com pesar. — Não posso afirmar.

Ele estava se referindo ao fato de ter permitido que batizasse a colônia no Novo Mundo de Virgínia em minha homenagem, mas, ao mesmo tempo, o proibi de ir lá pessoalmente para supervisionar o local. Ela havia sido criada fazia cinco anos, mas ninguém a tinha visitado nos dois últimos anos. A vinda da Armada espanhola em 1588 impedia o deslocamento de navios até o Novo Mundo e o perigo ainda nos rondava. Havia uma proibição de que os navios deixassem os portos ingleses.

— Não há notícias?

— Nada — ele disse. — Ninguém foi até a colônia desde que os navios voltaram da ilha Roanoke em novembro de 1587 — ele fez uma pausa e continuou: — A garotinha nascida no primeiro verão logo completará três anos. Virginia Dare. A colônia precisa de suprimentos. Já precisava deles fazia dois anos e agora devem estar desesperados.

Ele estava certo. Algo tinha de ser feito.

— Muito bem — disse. — Autorizarei uma pequena frota — nossa base no Novo Mundo era apenas um ponto de apoio em comparação à espanhola, mas, ao demarcarmos território no norte, fora do seu alcance, poderíamos, com o tempo, compensar essa vantagem. Os espanhóis dominavam a parte mais ao sul da costa, um lugar que eles chamavam de Flórida, mas poderíamos contê-los por lá, evitando que se espalhassem.

A América do Sul inteira não era suficiente para eles? As riquezas dos incas e astecas engordando seus tesouros? Assim como a massa continental estreita em direção ao istmo em que os espanhóis saqueavam antes de enviar tudo de volta à Espanha.

Vinte anos atrás, Drake havia percebido que aquele era o ponto fraco deles, e lá poderiam ser surpreendidos e invadidos. Funcionou por um tempo, mas depois o elemento surpresa deixou de existir e os espanhóis aumentaram a guarda. Drake mudou a estratégia-surpresa para a Costa Oeste da América do Sul, atacando-os no Peru antes que pudessem levar os produtos para o istmo. Drake era de uma genialidade inegável.

Mas os espanhóis aprenderam com seus erros e reforçaram-se; estavam reconstruindo a Armada com navios mais modernos, copiados dos nossos projetos. Um navio caindo nas mãos inimigas é um desastre, pois seus segredos serão revelados. Capturamos e destruimos tantos de seus navios, mas, infelizmente, eles não tinham segredos a ser revelados, nada para nos dizer que já não soubéssemos.

LETTICE  
Março de 1590



**V**ocê não conseguiu nada na reunião do sultão? — fiquei olhando para o meu filho. Era um tolo, cheio de talentos, mas incapaz de usá-los, ao que tudo indicava. — Ela viu você lá, não viu? Você falou de mim? Pediu outro mandato? O que *exatamente* você disse?

Minha paciência se esgotava.

— Apresentei Southampton à Sua Majestade.

— Que conquista! Você sabe que ela não respeita almofadinhas. Agora, quando ela pensar em você, vai pensar nele também.

— Pare de me atormentar! — Robert deu uma volta súbita, um giro gracioso que fez com que sua capa voasse. A doçura e o encanto que sempre associara ao meu filho mais velho haviam desaparecido, tudo o que havia restado era o soldado impetuoso e cortesão astuto que outros viam. — Não suportarei isso!

— Você suporta vindo dela, suportará vindo de mim, sua mãe!

— Ela dá ótimas recompensas. As recompensas dela ainda estão por vir, as suas já foram todas gastas.

— Seu bastardo ingrato!

— Não sou bastardo, a menos que os rumores sejam verdadeiros e Robert Dudley tenha sido seu amante muito antes de tornar-se seu marido, e eu sou filho dele.

— Se eu disser que não sei, você acreditaria em mim? — Não podia acreditar que estava dizendo aquilo.

— Prefiro que não. Prefiro pensar que herdei o título de conde de Essex por legítima descendência. Mãe, vamos esquecer tudo isso. Fui precipitado.

Sim, vamos esquecer tais rompantes. Sorri e apalpei as almofadas ao meu lado, no assento perto da janela.

— Estou feliz que esteja aqui — disse.

Ele raramente me visitava ultimamente, ocupado com sua casa em Londres. Ela já tinha sido Durham House, depois se tornou Leicester House e agora fora rebatizada de Essex House. Não importava o nome, era uma das mais grandiosas da costa. Recebera a casa por meio de meu casamento com Robert Dudley, conde de Leicester, seu padraсто. Não aceitava ter o sangue dele, mas ficou muito feliz ao herdar sua casa!

— Você preferiria que estivéssemos na Essex House, creio eu — ele disse.

— Bobagem! Você não acha a Drayton Bassett emocionante? — provoqueei-o. Após meu rápido casamento com Christopher Blount, um homem quase da idade de meu filho, logo em seguida à morte de Leicester, a discrição ensinou-me a viver longe o bastante da corte, no interior de Staffordshire. Se Sua Majestade não havia me esquecido por roubar seu amor de tanto tempo bem debaixo do seu nariz, casando-me com ele, a insinuação de que eu poderia ter me divertido com um jovem amante também me rendera seu ódio implacável. Roubar o homem de alguém era ofensivo; traí-lo e desprezá-lo depois de tudo era um crime. Mas nunca admiti traição alguma.

O que uma pobre e solitária viúva poderia fazer? Eu tinha muitas dívidas. A vingativa rainha tinha me perseguido por causa das dívidas de Leicester, tirando minha casa e todos

os meus bens. Como se isso fosse trazê-lo de volta à vida e devolvê-lo para ela. Não, agora ele jazia na Capela Warwick e seu túmulo monumental acabou por completar minha ruína financeira. Em seu testamento, ele louvou-me como “esposa fiel, muito amorosa e obediente”. Ele também me chamou de “minha querida e pobre inconsolável esposa”. Obviamente, tive que superar minha dor da melhor maneira que pude, com Christopher.

Assim... como diz o lema da Ordem da Jarreteira<sup>6</sup> da rainha, *Honi soit qui mal y pense*, “Envergonhe-se quem nisto vê malícia”. Leicester estava satisfeito com meus serviços como esposa e aqui se encerrava a questão. Em seu túmulo está gravado, em latim, que eu, sua *moestissa uxor* — carinhosa esposa —, a partir do meu amor e fidelidade conjugal, fiz com que aquele monumento fosse levantado para o melhor e o mais querido dos maridos. Obviamente que foi escrito por mim.

Para minha surpresa, meu filho sorriu.

— Uma parte de mim seria feliz aqui — ele disse. — Na verdade, uma parte de mim que gostaria muito de uma vida tranquila no interior.

Eu ri, mas pude ver que era sincero.

— Meu filho, você não sabe o que está dizendo!

— Não faço parte da corte! — ele bradou. — Não sou do tipo deles. Lembrar o que dizer para cada pessoa, como usá-las e esconder meus verdadeiros sentimentos para que não me usem, mãe, acho tudo muito repugnante!

— E é, de fato, um trabalho duro — afirmei com cautela.

— Não sou um cortesão! Eu não sou feito do mesmo material que eles.

— Mas você consegue se passar por um deles — lembrei-o.

— Em alguns momentos. Mas não consigo por muito tempo. Todos os dias, tenho medo de tropeçar, caindo do alto que lutei tanto para chegar. Há cortesãos naturais, como Robert Dudley, alguns dizem que era seu principal ou único talento, e Philip Sidney. Como era fácil para eles!

Virei seu rosto para a janela para que pudesse ver a paisagem.

— Observe com cuidado — disse.

Drayton Manor era cercada por um bosque de carvalhos e, mais adiante, pelos campos. A vila de Drayton Bassett perto dali mal tinha uma cervejaria, um ferreiro, uma igreja e um convento desocupado. Eram quatro dias de viagem de Londres sob um céu apático.

— Depois de caminhar por aí umas quatro ou cinco vezes, andar no meio do campo e rezar na igreja, o que você faria?

— Bem, mãe, o que você faria?

— Eu penso em como voltar para a corte, e é o que você também deveria, meu caro. A solidão e o repouso são apenas desejados por aqueles cuja vida é tão agitada e exigente que clamam por um recesso. Para aqueles como nós, que não têm mais nada, a vida tranquila é uma vida morta. Conheço você e sua natureza inquieta. Você não duraria um mês aqui — não podia permitir que ele jogasse sua vida fora! — Não vamos mais falar sobre isso. Você veio aqui para descansar, não para se aposentar.

Ele encostou a cabeça para trás. Agora estava emburrado. Seu mau humor era um tédio.

— Então, o que você fará agora? Você não acha que já é tempo de escolher uma noiva... a noiva certa? Você tem vinte e dois anos e precisa de um herdeiro.

Ele simplesmente continuou emburrado e disse, batendo os pés:

— Quando eu estiver pronto!

— Você já está pronto. Talvez se já estivesse casado, Sua Majestade o veria como uma pessoa mais estável e apta a um cargo de alto-comando. E, se você fizer o casamento certo, isso poderia estender os benefícios para toda a família.

— Uma das minhas irmãs se casou muito bem, com um barão, e a outra, mais tola, com aquele tal Perrot, o que enfureceu a rainha.

— Mais uma razão pela qual você deveria reparar tais erros.

— Quais erros? O temperamento da rainha?

— A situação da família. Você tem título, mas nenhum tesouro. Conde de Essex! Estou dizendo em alto e bom som! Seu título rendeu-lhe muitas despesas, mas nenhuma renda vem das terras ou casas, minas ou navios que você possui. Case-se e corrija essa falta. Você não pode viver como um conde se não tem os recursos de um conde. E se tiver sucesso na corte...

— Já falei, não pertencço àquele lugar!

O que eu devia fazer com ele, aquele meu garoto rebelde e teimoso? Soltei minha farpa mais afiada:

— Que tipo de soldado reclama, chora e fica emburrado? Será que Philip Sidney fez uma besteira ao deixar a espada para você em seu leito de morte? Sidney, o mais nobre cavalheiro, soldado e cortesão que viveu em nossos tempos? Você envergonha esse presente!

— Não posso ser como *sir* Philip Sidney. Ele foi único!

— Ele se via em você. Confie nele. E... será que preciso lembrá-lo das outras maneiras pelas quais irritamos Sua Majestade...

— Diga! Nenhuma delas pode ser comparada ao que você fez!

— Foi a sua *recusa* em deixá-la usar a nossa mansão em Chartley para receber a rainha da Escócia. Será que você não percebe que um pedido real é uma ordem? E o que você fez? Você disse não, pois teve medo que as árvores do pátio fossem cortadas para acender a lareira que a aqueceria! Depois, você disse que tinha medo que ela danificasse o interior da casa porque ela não gostava do seu pai. Claro, a rainha obviamente passou a rejeitá-la. O grande fosso que há lá significava que eles poderiam monitorar os visitantes de Maria com mais facilidade. E é somente por isso que eles queriam Chartley.

— Ela *realmente* danificou a lareira!



— Ela não ficou lá tempo o suficiente para danificar qualquer coisa. Walsingham e seus espiões fizeram uma armadilha para ela e exatamente um ano depois ela fora executada. Há muitas árvores por lá ainda. E preciso lembrá-la que do insulto que foi para nós, que a herança de Kenilworth para você foi toda para o filho bastardo de Robert Dudley? Aquela gloriosa propriedade, que deveria ser *sua*... Ah, recupere o prestígio que perdemos. E o primeiro passo, o primeiro passo é se casar!

Ele se levantou com tudo, colocou o chapéu na cabeça e foi em direção à porta. Quase esbarrou em Christopher, que estava entrando, passando por ele sem se desculpar. Christopher, boa alma que era, apenas virou-se e olhou para ele perplexo.

— *Ele está* com pressa — disse. — Mas aonde ele vai?

— Era exatamente o que estava perguntando a ele. Daqui, o único caminho encantando é aquele que leva de volta à corte.

— Ah, agora você fala como se não tivesse nascido no interior.

— Aqueles que nascem aqui são os que estão mais ansiosos para ir embora.

— Minha cara, vamos mofar aqui — ele disse. — Mofaremos longe daqui também, juntos — completou, começando a beijar meu pescoço.

Ah, mas sendo quase vinte anos mais jovem, ele poderia deixar aquele exílio no campo depois que eu já estivesse mofando em meu túmulo. Eu não sabia, jamais poderia ter adivinhado, mas iria viver trinta anos mais que ele ainda. Claro que sua expectativa de vida não fora nada natural.

Beijei-o de volta e logo estávamos no quarto, estendendo nosso prazer até o meio-dia. Christopher era um amante vigoroso; o que lhe faltava em sutil habilidade era compensado com entusiasmo. A juventude é algo maravilhoso. Não que eu fosse velha, eu tinha quarenta e seis anos e estava em plena forma.

Nunca havia me sentido mais sensual, mais atraente, mais no comando dos meus encantos. Como poderei comparar meus amantes? Meu primeiro marido, Walter Devereux, conde de Essex, era tímido, sem imaginação. Eu não tinha nem vinte anos e nada sabia. Na verdade, era tão inocente que achava que não gostava de fazer amor! Somente depois descobri que não gostava apenas de fazer amor com Walter. Suportei o vazio de nossas noites juntos e tivemos cinco filhos.

Depois Robert Dudley, conde de Leicester, apareceu e me ensinou sobre paixão, ou será que eu já sabia e não tivera a oportunidade de praticar? Fez-me pensar que eu o amava.

Mais tarde, quando nos casamos, ele estava velho e cansado. O esplendoroso cortesão com seus cabelos castanhos brilhantes, seu guarda-roupa suntuoso, seu porte ereto, transformou-se em um homem de meia-idade com barriga, cabelos ralos e um rosto que estava sempre vermelho, quer estivesse bebendo, quer não. Sua longa lista de conquistas femininas fez com que suas habilidades na cama fossem muitas, e elas nunca o abandonaram. Mas ele não era mais tão impressionante, não era mais a presença surpreendente quando entrava numa sala. Talvez ainda fosse, talvez ela ainda o visse com os olhos do desejo da juventude. Pode ser que ambos se viam da mesma forma, já que nunca consumaram a atração que tinham um pelo outro, ela permaneceu perfeitamente preservada.

Ele não enxergava o afinamento no rosto dela, o nariz pontudo, as perucas artificialmente coloridas; ela não via o rosto inchado dele, a calvice, a postura rígida. Ah, o amor!

Christopher deu um grande suspiro de satisfação e se deitou, olhando para os beirais inclinados do nosso quarto. Lá fora tudo estava quieto, no silêncio do meio-dia entre os intervalos de trabalho. Logo o agricultor voltaria para o seu campo, o ferreiro para sua bigorna. Mas, para nós, nada de refeições apressadas, nenhuma caneca de cerveja, apenas partilhávamos o corpo um do outro.

Christopher, ou simplesmente *sir* Blount, fazia-me feliz. Ele me ajudou a esquecer meu passado turbulento e a suportar o tédio do exílio. Eu poderia mofar com ele. Se é que se pode dizer que as pessoas mofam.

Depois que ele saiu do quarto para voltar a suas tarefas, ainda fiquei um pouco mais. Era um belo dia, com a luz do sol clara e nítida de primavera. Abri meu guarda-roupa, um vestido verde de gola quadrada e brilhante chamou minha atenção. Era março e as folhas estavam desabrochando, a grama brotando verde como esmeralda. Preciso do meu colar de ouro e esmeraldas para combinar com meu vestido.

Por um instante, senti uma dor no peito, parecia uma facada, embora nunca tivesse sido esfaqueada, ao me lembrar que Christopher tinha vendido o colar no ano passado. Ano a ano ele vendia algumas peças das minhas joias para nos manter.

No começo, ele me deixava escolher qual delas seria sacrificada, mas aquilo era uma tortura. Agora, ele já pegava uma joia aleatoriamente sem me dizer nada, não era tão doloroso assim. Eu levava algum tempo também até notar que havia sumido, então parecia que ainda a tinha por mais um tempo, na minha cabeça pelo menos.

Estávamos em situação ainda pior do que a que havia descrito ao meu filho fazia pouco, porque não queria que ele se sentisse desesperado, já que nós estávamos. Leicester havia deixado um monte de dívidas para pagarmos. Sua devotada rainha não fora tão devota em perdoá-lo pelas dívidas que tinha com ela, e cobrou todas de forma implacável.

Ser conde deu ao meu filho suas próprias despesas, mas pouca renda. Minhas joias nos mantiveram por um tempo. Mas Robert tinha que fazer sua fortuna com a rainha e nos salvar.

Não iria terminar meus dias como minha avó Maria Bolena, pobre e longe da corte. Ela também se casou com um homem sem bens e mais novo que ela, sendo banida para o interior, onde morreu ainda jovem. Alguns dizem que

herdei dela a natureza fácil, o fascínio e a aparência, e que sou mais parecida com ela do que qualquer outra pessoa na minha família. Ela morreu poucos meses antes do meu nascimento. Talvez seu triste fantasma tenha se incorporado em mim, dizendo: “Faça o que não consegui, minha neta. Use seus olhos e seu sorriso como fortuna”.

Bem, isso eu não consegui, mas meu filho ainda pode conseguir.

ELIZABETH  
Abril de 1590



**H**oje, tive várias audiências, portanto foi preciso usar trajés adequados. Preferi vestir amarelo. Sim, aquele com as mangas bordadas em ouro. Não o de decote trançado. Quanto às joias: eu tinha uma das mais belas coleções de joias da Europa, o que só tornava a escolha ainda mais difícil. Será que o dia estava mais propício ao verde? Escolhi as peças com esmeraldas ou jades.

Sabendo do meu gosto por esmeraldas, tanto Francis Drake quanto Robert Dudley tinham generosamente me presenteado com algumas pedras. Mas as gemas eram muito grandes para uma audiência matutina. Havia também um colar malfeito que tive o prazer de comprar (por meio de terceiros) do espólio de Lettice, assim que seu novo jovem marido começou a penhorá-lo. Jamais o usaria, pois não era compatível com meus padrões de acabamento. Interessava-me tê-lo, não usá-lo.

Perto dele havia um minúsculo alfinete de ouro e esmeralda com o desenho de um sapo sobre uma vitória-régia. Peguei-o delicadamente para observá-lo. Foi um presente de François de Valois, duque de Alençon, durante

os primeiros dias do nosso namoro. Ele levava na esportiva o apelido de “sapo” e a joia era prova disso. Coloquei-o, tentando me lembrar de quando foi a última vez que o usei.

Alençon... quando passei pela galeria a caminho da audiência, senti que velhos fantasmas vinham gritando subitamente em minha direção, implorando retorno às possibilidades. Já havia estado ali, tinha beijado Alençon e colocado um anel em seu dedo diante de testemunhas, declarando que me casaria com ele. Isso constituía um compromisso legal de noivado.

De fato, a ordem de serviço para a nossa cerimônia de casamento já havia sido aprovada pelos comissários franceses e por meus bispos. A Rainha Virgem quase se tornara uma esposa.

Parei e olhei para baixo. Os balaústres de madeira eram os mesmos, feitos de carvalho escuro intrincadamente talhado. Os rostos que sorriram para nós em nosso anúncio de noivado desapareceram, assim como Alençon também acabou desaparecendo. Fazia muito tempo.

Naquele momento, os médicos me disseram que nos próximos seis anos da minha vida ainda poderia ser mãe. Agora, isso já não era mais uma possibilidade. Se eu tivesse me casado com ele, será que teria uns seis filhos hoje? Três? Um? E a preocupação com a sucessão não me assustaria.

Saí correndo daquele local assombrado.



As audiências eram maçantes, apenas as mesmas súplicas habituais por dinheiro. (Existe, enfim, algum outro tipo?) Os protestantes franceses queriam que nos comprometêssemos com dinheiro e armas para fortalecer Henrique IV, o príncipe de Navarra, em sua luta para manter a coroa; os conselheiros militares queriam mais navios, armas e investimentos em armas de fogo para substituir os antiquados arcos. Eram muito bons no tempo de Henrique V, mas agora estavam antiquados — foi a explicação deles.

— Armas são imprecisas e ridículas — lembrei. — E toda a parafernália, a pólvora e o tiro são despesas permanentes e delicadas de manusear. Um pouco de umidade e a pólvora some, deixando desprotegido o atirador.

— Arcos e flechas têm suas próprias desvantagens — disse um homem. — O encordoamento, as penas nas flechas...

— Pelo amor de Deus! Você acha que não sei nada? Acha que eu nunca manuseei um arco e flecha? É óbvio que há pontos fracos, mas são muito mais baratos do que as armas. Eles me chamam de sovina e mesquinha, mas não tenho escolha. Não, por Deus, se o reino fosse rico, teríamos um navio de guerra para cada cidadão e armaduras brilhantes para cada soldado! Mas não somos, portanto devemos fazer o melhor com o que temos. E até agora estávamos nos saindo muito bem.

Fiquei aliviada ao sair. Era o suficiente para deixar alguém de mau humor por um dia inteiro. Mas, assim que cheguei à porta, um mensageiro me entregou um bilhete que dizia que Walsingham estava muito mal.

Preciso vê-lo. Ele se arrastou até as reuniões do Conselho durante todo o mês de março, apesar das condições físicas. “Nada pode me salvar”, foi o que ele disse. “É melhor que eu trabalhe até o final.” Mas será que o fim já havia chegado?

Troquei de roupa, vestindo algo mais simples, e imediatamente parti no barco real para Barn Elms, onde ele vivia, cercado de árvores em uma curva do Tâmis na saída de Londres. A jornada de Whitehall até o píer de desembarque não foi longa. Cheguei lá no final da tarde.

Minha chegada causou um alvoroço. E eu ignorei todas as objeções.

— Ele não está em condições de recebê-la.

— Ele não quer que a senhora o veja neste estado.

— A senhora não deve se expor ao que o aflige.

— Estou aqui para servir ao meu amigo, sim, para alimentá-lo com minha própria mão se necessário — disse.

Dentro da casa estava muito escuro, o sol do entardecer mal passava pelas janelas. A maioria das janelas ficava de frente para o leste, com vista para o rio. Eu sentia o odor inconfundível da doença, que aumentava conforme subia as escadas que levavam ao quarto do doente.

Frances veio ao meu encontro, dizendo:

— Majestade, não é conveniente que entre. Meu pai está muito mal.

— E quem o ama não deveria ficar ao lado dele? — indaguei. — Quando é que precisamos mais daqueles que amamos?

Ela olhou para mim com surpresa, como se estivesse esperando que fosse recuar.

— Numa hora como esta — ela admitiu, abrindo a porta para mim.

Vi uma cama muito grande no fundo do quarto. Uma janela de frente para o oeste, fazendo com que a luz do sol proporcionasse matizes de rosa. Walsingham estava deitado, imóvel, quase imperceptível debaixo das cobertas. Ele nem acordou quando me aproximei.

Mesmo sob a luz rosada, seu rosto estava amarelo. Todas as feições haviam diminuído e enrugado, como se a própria carne tivesse sumido. A doença avançou rapidamente desde a última reunião do Conselho. A doença foi rápida e impiedosa.

— Francis — sussurrei, segurando sua mão. — Como você está?

Pergunta tola. Como ele poderia responder? Mas foi apenas uma tentativa de sua atenção.

— Nada bem — ele gemeu. — Eles virão me buscar logo.

— Os anjos? Sim, para levá-lo para casa, para o lugar no céu que você ganhou.

— Ninguém ganha coisa alguma — resmungou. Um bom protestante até o final.

— Francis, você deixará uma lacuna que ninguém poderá preencher. Mas agradeço a Deus por tê-lo durante todos esses anos. Você me salvou, salvou o trono em mais de uma



oportunidade — ah, o que eu faria sem ele, sem seu cuidado e sua genialidade?

— Cuide bem dele — disse ele. — E outras forças surgirão. Não confie nos franceses. Ah, se eu estivesse aqui para lutar com eles! — disse, tossindo quase sem força. — Mas não devo questionar a sabedoria de Deus se ele me chama agora — novamente, o bom protestante. Eu ainda questionava, eu questionava o tempo todo.

— Vamos, tente tomar um pouco do caldo.

Havia uma tigela de sopa ao lado da cama, ainda quente, com uma colher dentro. Tentei dar-lhe um pouco. Mas não conseguia passar por entre os lábios cerrados. Seu momento havia chegado.

— Quando eles param de comer é o sinal — disse-me um médico uma vez. — Tudo começa a dar problema e eles não precisam mais de alimentação terrena.

Eu não ia chorar, não na presença dele. Tornaria tudo mais difícil para ele. Outro sábio me disse também.

Acomodei-me ao seu lado. Estava preparada para esperar, para esperar por ele. Frances entrou no quarto e sentou-se do outro lado. Ficamos ali, ao lado dele, como velas no altar.

Walsingham serviu-me por vinte anos, durante o tempo que Alençon me cortejou, na jornada tortuosa feita pela rainha dos escoceses desde a prisão luxuosa até a queda no cadafalso, capturada pela armadilha de Walsingham, e no teste supremo da Armada espanhola. William Cecil, lorde Burghley, serviu-me por muito tempo, mas Walsingham foi o protetor e o guardião do meu reino. Como poderíamos sobreviver sem ele?

É um teste, pensei, já exausta. Outro teste, para ver como posso sobreviver. Já foram tantos.

Frances estava escrevendo em um livro. No silêncio pude ouvir a caneta riscando o papel. O que poderia ser tão importante que ela tinha que escrever naquele momento? Se tivesse a ver com a morte do pai, seria inoportuno e invasivo agora. Se o motivo era outro, era no mínimo um insulto. Quando ela saiu do quarto para pedir que algumas

ervas frescas fossem queimadas para disfarçar o forte odor da morte, peguei o livro.

Falava sobre seus serviços a mim. Virei as páginas rapidamente. Não tinha intenção de saber como ela me via. Sabia que ficaria chocada. Em seguida, havia páginas e páginas sobre o conde de Essex. Ela anotava o que ele usava em dias diferentes!

*Meu lorde de Essex estava hoje com seu gibão cor de cobre.*

*Meu lorde de Essex, trajando azul, que lhe cai muito bem, estava de calça justa num tom diferente, a lã tinha a cor de cordeiro recém-nascido...*

Fechei o livro. Ela estava apaixonada por ele! Estava caidinha como uma jovem do interior. Mas ele estava muito acima dela. Certamente que ficaria desapontada. Ela não era uma donzela atraente, mas sim uma viúva com um filho. Tenho que avisá-la. Que tola fora ao deixar o livro ali. Coloquei-o rapidamente sobre a cadeira novamente.

Fiquei em pé, como se assim pudesse cuidar melhor de Walsingham. A luz difusa penetrava pelas janelas, o sol poente fazia a superfície do Tâmisia brilhar ao leste, envolvendo o oeste numa névoa dourada.

Estávamos muito perto de Mortlake, local em que o dr. Dee, meu astrólogo, morava. A fumaça das ervas fervendo penetrou em minhas narinas, fazendo minha cabeça flutuar. Balancei a cabeça, sentindo-me instável. Então, caminhei lentamente até a janela e abri uma fresta, esperando encontrar ar fresco.

Lá embaixo o rio fluía, deslizando como uma cobra fina e tortuosa. Minha cabeça girava e a luz fraca fazia me sentir envolta num sonho.

Navegando pelo Tâmisia, há muito tempo... indo à Mortlake... sem confiar nos franceses...

Os franceses... lembrei-me de como fui tola, tão tola quanto Frances em relação à Essex, com o francês com quem quase me casei. O príncipezinho francês que recentemente e insistentemente me assombrou na

escadaria em Whitehall, voltando à vida como se tivesse aberto uma janela mágica capaz de me transportar no tempo. Tantas coisas terminaram na época, junto com o francês.

François foi minha última e de muitas formas minha única possibilidade séria de casamento. Fui cortejada por vinte e cinco pretendentes estrangeiros ao longo dos anos. Nunca tive intenção de me casar com nenhum deles, mas foi a minha melhor ferramenta da diplomacia. Nunca me relacionei com nenhum daqueles homens, nunca sequer olhei para eles. Portanto, eram pretendentes apenas no papel, e não pretendentes reais, e eu jamais me casaria com alguém que não vi com meus próprios olhos. (O exemplo do meu pai com Ana de Cleves fora suficiente.)

De qualquer maneira, sabia que o tempo estava acabando para tal empreitada. Estava com mais de quarenta anos e não podia prolongar por muito mais tempo. Assim, quando uma nova rodada começou, dessa vez com François de Valois, duque de Alençon, irmão mais novo do rei Henrique III, pensei, por que não? Mesmo que ele tivesse dezessete anos a menos que eu, e supostamente fosse feio e muito baixo, que diferença fazia? Tudo não passava de uma farsa diplomática. E por isso deveria ter permanecido assim, se o meu povo tivesse sido um pouco mais favorável ao menos à ideia de que finalmente eu poderia vir a me casar.

Mas eles odiavam os franceses e atacaram o emissário de François, dizendo que ele representava uma forma de cortejo “indigna dos homens e dos príncipes”. Alguém até chegou a atirar nele, assustando-o muito. E o disparo mudou meu mundo.

O enviado francês culpou Robert Dudley, dizendo saber que Dudley estava envolvido, e, como ele tinha cometido um assassinato uma vez, por que não o faria de novo?

Fiquei horrorizada. Ele acusou meu querido amigo e companheiro, o homem em quem confiava tanto que, quando tive varíola, o nomeei Protetor do Reino, de ser um assassino! Gritei, afirmando ser aquela uma calúnia vil.

— Minha senhora, também houve tentativas de envenenamento — disse Simier, o enviado. — Que não acho apropriado mencionar. Todos sabem que Leicester é um envenenador. Ele envenenou Walter Devereux, conde de Essex. Ele o envenenou quando estava de licença da Irlanda, e o veneno agiu assim que ele voltou a Dublin.

— Isso não é verdade! O conde morreu de causas naturais! E por que ele desejaria envenenar o conde?

Simier olhou para mim com pena.

— Ordeno que me explique o que você quis dizer sobre o conde de Essex! — bradei.

— O motivo, senhora, foi porque ele o envenenou para que pudesse ficar com sua esposa — ele fez uma pausa para ver se eu tinha ouvido direito. — Lettice. Eles eram amantes e o conde era inconveniente. Assim, Leicester o envenenou, pois ele começaria a investigar.

— Rumores maldosos! — exclamei. Deus sabia que os comentários giravam em torno de qualquer um que tivesse fama.

Ele se levantou, como que se aprontando, de forma relutante, para um golpe de graça:

— Majestade, não é rumor que ele e Lettice se casaram, e já estão juntos há um ano — fez uma pausa e continuou. — Todos sabem disso, exceto a senhora. Enquanto Leicester se opõe ao seu próprio casamento, até mesmo me atacando! Ele desfruta do casamento dele. Ele tem uma esposa, mas reluta em permitir que a senhora tenha um marido.

Ouvi suas palavras, mas primeiramente eram somente isso, palavras. Depois fui forçada a juntá-las, a absorvê-las, sem deixar que Simier percebesse como elas haviam bagunçado meu mundo.

— Entendi — disse. — Quer dizer que o tiro imprevisível trouxe muitas coisas à tona. Sou grata, senhor, que não esteja ferido, embora outras coisas estejam.



Um ano. Durante um ano Dudley mentiu para mim, escondendo a verdade. E sua mulher ainda me servia no quarto, fingindo ser viúva. Era impossível dizer o que doía mais: a traição, a perda ou o sentimento de ser absolutamente enganada.

Como ela deve ter rido de mim, Lettice, minha prima rebelde. A cada passo dado em meus aposentos, ela ria de mim. Então, ela fez tudo como quis, triunfou sobre mim tirando-me Dudley? A viúva alegre, era como a chamava. Não é à toa que andava tão feliz ultimamente. Ávida por homens e com uma postura agressiva, conseguira capturar sua presa.

Dispensei-a dos serviços e disse que ela estava banida da corte. E expliquei a razão. Em vez de chorar ou de até mesmo ficar envergonhada, a vadia disse:

— Agora a senhora já sabe, e fico feliz por isso — a presunçosa satisfação em seu rosto enfureceu-me.

— Era uma tensão guardar esse segredo da senhora.

Quando estou com mais raiva, meus músculos se enrijecem. Fiquei como uma pedra, com os punhos cerrados, ao vê-la sair do meu quarto, local em que ela nunca mais poria os pés novamente.



Assim, quando Simier me contou que seu senhor, o príncipe, conhecido carinhosamente na França como "*Monsieur*", viera em segredo até a Inglaterra e estava esperando num local escondido para me encontrar, soou como um bálsamo à minha vaidade ferida. Nunca fora cortejada pessoalmente antes. Leicester havia me enganado, mas lá estava outro, um *príncipe*, vindo do outro lado do Canal em busca de minha mão.

Estudei cuidadosamente seu retrato na pequena moldura oval. Mostrava uma pessoa com um rosto bem agradável, olhos escuros e inquietos, bigode bem fino, queixo pontudo e pouco acentuado. Gostaria de poder dizer que aquele era

o retrato de um homem, mas tudo o que via era um menino. Claro, havia sido pintado fazia algum tempo. Também não mostrava as marcas de varíola das quais todos falavam, e não retratava a sua altura. As pessoas diziam, também, que o nariz era protuberante, mas ali não parecia ser. Bem, os retratos dizem exatamente o que queremos que digam, ou então não pagamos os pintores.

Ele estava esperando, escondido no pavilhão de veraneio onde eu tinha instalado o contingente francês, bem longe do palácio principal de Greenwich. Brincando com Simier, disse que ele deveria realmente ser um sapo, por ter nadado pelo Canal para vir até mim. Gostaria de saber como François receberia a brincadeira, aquele foi meu primeiro teste para ele.

Aprontei-me para o encontro. Queria muito gostar dele. Queria realmente considerá-lo como opção; precisava fazer isso. Pela primeira vez não havia mais Dudley no meu horizonte, bloqueando minha visão. Será que agora conseguia ver mais claramente ou minha visão era mesmo distorcida?

Entrei na casa de veraneio.

— Ah! — foi o som do suspiro francês com sotaque, enquanto alguém segurou minhas mãos e ajoelhou-se diante de mim. Minhas mãos eram beijadas enquanto o homem murmurava: — Segurar estas mãos, finalmente. Tocá-las já é suficiente para mim, mas são belas como marfim, finas e cheias de graça como a Virgem no céu. A senhora, nossa Virgem na terra!

Eu sabia que não era um elogio desajeitado, pois minhas mãos eram minha mais bela característica. Elas *realmente tinham* a cor do marfim e meus dedos eram longos e lisos. Eu as exibia sempre que podia, especialmente quando usava vestido escuro.

Ele se levantou lentamente, ficando totalmente ereto, e não era muito alto. Meus olhos, agora já se acostumando à luz fraca, avistaram uma cabeça de cabelo escuro e grosso.

A parte de cima da cabeça surgiu enfim diante de meus olhos.

Ah, ele era pequeno! Uma onda de decepção tomou conta de mim. O resto dos boatos devia ser verdade também. Ficou de frente para mim e pude contemplá-lo. O nariz *era* grande, desproporcional ao resto de seu rosto. A barba era irregular, com o queixo recuado, e seu rosto *tinha* as marcas de varíola. Elas não eram círculos como crateras, como diziam as fofocas, mas eram bem evidentes, e aquilo que ele chamava de barba mal conseguia escondê-las. Ele estava sorrindo. Ao menos tinha bons dentes, brancos, e não havia nenhum faltando.

— Vossa Majestade está desapontada — ele disse. — Posso ver em seus olhos. Ah, bem, o pobre François já estava acostumado. Porque meu nome originalmente era Hércules, mas, após ter contraído varíola, não cresci muito, aí então troquei para François. Eu não merecia o glorioso nome Hércules. E, além disso, dessa forma ninguém vai esperar que eu mate leões, limpe estábulos nojentos ou combata a venenosa Hidra, a menos, é claro, que incluam minha mãe!

Soltei uma gargalhada à custa de Catarina de Médici. Uma Hidra de fato, com suas várias cabeças ambiciosas.

François trajava um gibão verde brilhante, com uma calça também verde, e uma capa estampada que dava na cintura.

— Eu só preciso de uma vitória-régia, Majestade — ele disse. — Para ser o seu sapo.

Ele estava vestido assim só para que eu me lembrasse do apelido de sapo? Era tão doce, tão afável. Passou pelo primeiro teste.

— Estou tocada — disse com muita sinceridade. — Hei de valorizar meu querido sapo.

— Hei de nadar em sua graça — ele disse. — Mas espero ser mais do que isso.



E assim seguiu nosso curioso namoro. Houve piqueniques, passeios e jantares em segredo. A dissimulação fazia parte da ilusão. Ele era galante, divertido e humilde. Na madrugada suave daquelas manhãs de verão, esticava-me debaixo das cobertas e sussurrava para mim mesma: “Elizabeth, prometida em casamento a um príncipe francês.” As próprias palavras, “príncipe francês,” tinham uma magia. *Era uma vez, uma rainha inglesa que amava um príncipe francês...*

Eu ainda podia ter filhos, não era tarde. Eu podia ter ainda todas aquelas experiências de maternidade às quais havia me negado. O que havia começado como um cínico gesto político de minha parte — numa negociação prolongada de casamento entre Inglaterra e França para evitar que os franceses assinassem um pacto com a Espanha, e, se Alençon lutasse na Holanda à custa da França, eu acabaria poupando dinheiro e homens — estava se transformando em algo muito mais complicado.

Eu não contava com seu cortejo em pessoa, eu não contava com ele sendo tão agradável e eu não contava em perder meu consorte quase-oficial para outra mulher ao mesmo tempo. Havia muitas coisas que eram verdadeiras sobre ele. Ele era um príncipe, herdeiro de uma casa real. Sua dignidade e qualificações eram iguais às minhas.

Mas o meu Conselho, refletindo a vontade do meu povo, não era a favor disso. Eles não sabiam que ele estava aqui, mas sabiam que vinha, pois haviam lhe concedido entrada. Após todos esses anos me pressionando para casar por causa da sucessão, subitamente perceberam minha sagacidade em esperar e começaram a apreciar as vantagens de se ter uma rainha virgem.

De súbito, não viam vantagem alguma em tal união. Um dos meus súditos até mesmo cometeu a ousadia de espalhar um panfleto que dizia que somente um jovem com motivos nefastos estaria interessado numa mulher da minha idade, e que se eu tivesse um filho era bem provável que eu morresse de parto por causa da minha idade. Ele também



chamou o *monsieur* de “instrumento da impureza francesa, um feiticeiro do vício e da fama”. Do lado de fora das paredes do meu palácio dava para ouvir as vozes zombando e cantando “O casamento mais estranho possível, o do sapo com a ratazana”.

Antes de sua chegada pública, havia somente uma coisa que podia fazer para me tranquilizar. Tinha que levá-lo para ver meu astrólogo, John Dee. Dee via o futuro e fazia o horóscopo, a data da minha coroação foi escolhida por ele, pois a considerou a mais favorável. Confiava totalmente nele.

Sendo assim, convenci Simier e o *monsieur* a irem comigo num passeio pelo rio. Guardas totalmente em silêncio sentaram-se discretamente na parte de trás do barco real, pois, de fato, acompanhavam-me quase em todos os lugares sempre com a mesma atitude. Essa precaução era necessária para uma governante nos dias de hoje.

Seguimos nosso caminho, subindo o rio na saída de Greenwich, passando pela selvagem Ilha dos Cães, por debaixo da ponte de Londres e pelas mansões alinhadas entre a cidade e Westminster.

— E agora saímos da cidade e vamos em direção ao interior — disse, assim que passamos por Westminster e continuamos a subir o rio. Aquele trecho do rio era mais estreito e era fácil de ver ambas as margens com o barco bem ao centro. As estradas à beira do rio estavam repletas do verde das árvores, dos velhos carvalhos com vastas copas bem espalhadas e de pousadas no estilo enxaimel, cisnes nadavam preguiçosamente na parte rasa. Na margem esquerda, Barn Elms, lar de Walsingham, algo que meu visitante real ignorava. Logo em seguida vinha Mortlake, o vilarejo natal de Dee.

— Pararemos aqui — disse de súbito. — Há uma pessoa que quero que você conheça.

— Um pretendente secreto? — perguntou *monsieur*. — Eles estão por toda parte?

Era uma ideia divertida.

— É aqui que vive meu astrólogo e conselheiro — retruquei. — Ele não gosta de ir à corte.

Depois de atracarmos e descermos, *monsieur* e Simier esticaram o pescoço, procurando por uma casa grande, mas não viram nada do tipo.

— Acho que teremos que dar uma longa caminhada — comentaram.

— Não, é logo em frente à igreja — àquela altura já havíamos atraído uma multidão de seguidores, principalmente crianças. — Ele mora na casa da mãe dele.

Naquele momento *monsieur* deu uma gargalhada, até que Simier disse:

— Você também, meu lorde.

Ter Catarina de Médici como minha sogra não era algo atrativo.

Assim que chegamos à casa dele, a porta se abriu repentinamente e John Dee espiou para ver quem estava por lá. Ele não parecia surpreso ou nervoso em me ver, como a maioria sempre ficava.

— Peço que entrem — disse, batendo a porta atrás de nós.

— Permita-me que apresente meus nobres convidados vindos da França, enviados de François, príncipe de Valois — eu me adiantei. Era melhor continuar com o disfarce: — John, você não está nenhum pouco surpreso em me ver aqui? Venho raramente. Normalmente é você quem vai até mim na corte.

— Esperava que viesse — ele respondeu. — Seria um mau astrólogo se não soubesse. — Ele era alto, bonito e gracioso. Seria um perfeito cortesão, exceto pelo fato de não ter nenhum instinto social.

— Eu estava apresentando meus convidados aos prazeres de um passeio pelo rio. Nada mais encantador do que um dia de verão por aqui. Então, por um capricho, decidi que deveríamos parar aqui, permitindo que vislumbrem um pequeno vilarejo ribeirinho.

— Qual dos mistérios do passado você pode resolver? — perguntou Simier. Ele estava estranhamente encantado.

— Não é do passado que os homens têm medo — disse *monsieur*. — Mas sim do que há de vir.

— De fato — disse Dee. Ele nos levou de volta por um corredor apertado e em seguida a um anexo. Vi uma série de caveiras e animais empalhados empilhados nas prateleiras, bem como frascos cheios de líquidos verdes biliosos e vermelhos como o sangue e pilhas de pergaminhos enrolados. Mas não paramos ali, ele continuou em direção a uma câmara escura no fundo. Dee acendeu várias velas e falou: — Assim é melhor para o que desejo ver. Os cristais e os espelhos não gostam da luz brilhante.

Ele desenrolou alguns pergaminhos e começou a falar sobre como seus estudos mostravam que nós, ingleses, tínhamos direitos a um império mundial e que eu poderia ser a rainha de um império britânico, e assim por diante.

Terrivelmente envergonhada por ele ter falado disso na frente dos franceses, simplesmente concordei com um aceno de cabeça. Dee e eu devemos discutir isso em particular. Realmente o homem não tinha senso de lugar nem de pessoas.

— Vamos deixar o reino terreno para as estrelas. Você, que viaja pelas constelações, revele nossos destinos mais *próximos* — bem, ele sabia que era proibido por lei fazer meu horóscopo para prever minha expectativa de vida, mas ali ele estava seguro.

Assim como eu, Dee voltou ao assunto aliviado:

— Sempre tenho seu horóscopo pronto — disse, abrindo um pergaminho. — Faço toda semana. O dessa semana... — Ele o desenrolou bem abaixo de uma vela. — Faço toda semana. O desta semana diz que nos próximos meses a senhora será reprimida por lealdades conflitantes muito fortes.

— Bobagem — rebati. — É assim que as coisas sempre funcionam. Vamos, vamos, conte-nos uma novidade — fiz um sinal em direção ao *monsieur* e disse rapidamente: — Agora faça o horóscopo de meus convidados.

— Nasci em 18 de março de 1555 — disse *monsieur*. — Em Fontainebleau.

Dee abriu mais dois pergaminhos e estudou-os intensamente, então parou e consultou o globo celestial.

— Fui o oitavo de dez filhos — continuou *monsieur*, dando mais informações. — Sou da casa real da França! — deixou escapar.

Dee fitou *monsieur* com seus olhos cor de âmbar:

— Sua data de nascimento me diz exatamente quem você é — afirmou curvando-se novamente sobre os mapas. — Seu nascimento foi favorável e assim também foram seus primeiros anos. Depois, vejo, houve uma infelicidade, um revés. Ele olhou apavorado — Eu... eu vejo que talvez lhe ofereçam um reino antes de um casamento. Posso dizer-lhe que deve aceitá-los, mas não fará diferença no final.

Chega disso. Fiz um sinal para Dee parar. — Você não está num bom dia — reclamei. — Você não está vendo nada importante. Mostre-nos alguns dos seus outros brinquedos — vir até ali fora um erro.

Após um intervalo, agradei Dee por sua hospitalidade em nossa visita improvisada. Na saída, a mãe dele apareceu e *monsieur* e Simier curvaram-se e elogiaram-na, perguntando se ela era a irmã mais nova de Dee em vez de sua mãe.

Enquanto estavam ocupados, Dee sussurrou rapidamente em meu ouvido: — Não lhe disse o pior. Vi no horóscopo do duque seu miserável fim. É *biothanatos*, Majestade.

Era tão terrível que ele não se atrevera a dizê-lo em inglês. Mas eu sabia grego, e o que disse foi “morte violenta por suicídio”.



Com tudo aquilo diante de mim, sabia que não iria dar certo. Parte de mim estava aliviada, a outra parte lamentava. François chegou de forma após alguns alguns dias e depois foi formalmente recebido na corte. Nosso

namoro secreto era algo para ser lembrado e estimado apenas por nós dois, mas diante do escrutínio público era uma questão completamente diferente. Não éramos mais nós mesmos, pertencíamos a outros.

Mesmo assim, estava confusa com a declaração de noivado diante de testemunhas na tribuna de Whitehall. Por que fiz aquilo? Há quem me veja como a mestra de todos os jogos e gestos políticos sutis, mas naquele caso eu era a escrava da minha própria confusão. Talvez tenha desejado experimentar, mesmo que somente por um dia, as emoções de uma futura noiva. Por isso durou apenas um dia. Os gritos de medo e receio daquela noite ainda em minha mente mantiveram-me acordada até dia seguinte.

Quando o sol surgiu naquela manhã, sabia que não podia continuar.

Disse a François que não poderia enfrentar outra noite como aquela, nunca mais. Peguei o anel de volta. E fechei a porta do casamento para sempre.

Dee estava certo sobre François estar amaldiçoado. Ele morreu de uma febre terrível, nada de violência nem suicídio, a menos que seja suicídio aventurar-se no campo de batalha, apenas dois anos após deixar nossa costa, tentando ainda conseguir a glória para si nos horrendos campos holandeses. Vesti luto. Estava de luto pela morte da minha juventude.

E Dudley? Por fim, retomamos nossas relações, mas *ela* sempre estava entre nós. Verdade que estava longe da corte, mas isso era apenas um consolo. Ela ficava ao fundo, maquinando e planejando, como uma aranha. O filho deles morreu cedo e não tiveram outros. Dudley ficou arrasado; além de amar o menino, precisava desesperadamente de um herdeiro. Que adianta ter a concessão do título de conde de Leicester, a vasta propriedade e o castelo de Kenilworth sem um filho que herde tudo isso? E aquela era a realidade dele.

Tanto François quanto Dudley estavam mortos, sem herdeiros para perpetuá-los, enquanto Lettice e eu

permanecíamos, persistíamos.

Um odor forte de queimado agitava-se em minha direção. O sol se pôs a oeste em Mortlake. Walsingham estava gemendo, virando-se. O passado retornara intensamente em apenas um instante, desaparecendo com a mesma velocidade. Eu estava ali novamente. Frances voltou com seus braços cheios de ervas para colocar ao fogo. Foi isso que me fez voltar

Sorri para ela. O diário não estava mais em sua cadeira. Ela mesma percebeu.

Walsingham morreu três dias depois. Foi enterrado durante a noite, por medo de que seus credores viessem cobrar a família durante o funeral. Não era apropriado. Como eu disse, se a Inglaterra tivesse dinheiro, um servo fiel não teria tal fim, e sim iria se aposentar rico e gordo. Aqueles que me serviram pagaram um alto preço. Eu esperava que o céu pudesse recompensá-los da maneira que eu não podia.

Maio de 1590



**E**stava preocupada com Frances. O que vi em seu diário e seus suspiros apaixonados por Essex deixaram-me alarmada. Apaixonar-se por Essex era a receita para o sofrimento para alguém como ela. Ele possuía um alto título e sem dúvida se casaria apenas com alguém que fosse do mesmo nível. E era um conquistador, um homem que apreciava muito a companhia de uma mulher. Assim como outros do seu tipo, era capaz de convencer sua presa de que seu interesse era genuíno e único.

Obviamente, havia herdado tal talento de sua mãe. Não havia espaço para Frances aventurar-se. E, quanto mais rapidamente ela percebesse isso e para sua autopreservação suprimisse os sentimentos por Essex, apagando-os como uma fogueira, seria melhor para ela.

Será que era minha responsabilidade encontrar um marido para aquela órfã sem dote? Será que devia isso ao meu caro Walsingham? E será que era minha responsabilidade chamar Essex e ordenar que não mais provocasse Frances?

Não gostava de me intrometer na vida particular de ninguém. Como rainha, sabia que tinha tal prerrogativa, e

por isso também a evitava. Era algo que acumulava ressentimentos e para quê? Não servia propósito algum.

Estava elucubrando naquela bela manhã de maio, sentada melancolicamente em minha mesa, quando Marjorie veio até mim e disse:

— Majestade, tenho uma notícia importante — ela esperou até que eu olhasse para cima. — Frances Walsingham se casou com o conde de Essex.

— O quê? — foi tudo o que consegui dizer. E depois: — Quando?

— Supostamente, embora eu não saiba ao certo quando, casaram-se logo após, ou até mesmo antes, da morte de Walsingham.

— Secretamente! — ah, ela era uma garota inteligente, mais inteligente do que eu supunha.

Mesmo assim, meus sentimentos não haviam mudado. Ele não a fazia feliz. Ela não combinava com Essex, que precisava de uma mulher forte e impetuosa para manter seu equilíbrio. Tive um pensamento assustador: será que ele havia se casado com ela porque ela era a viúva de *sir* Philip Sidney e Sidney havia legado sua espada para Essex? Certamente que ele não se sentia na obrigação de assumir a esposa também, como mandava o Antigo Testamento.

— Isso é uma tragédia para ambos — disse. — Preciso falar com Essex. Chame-o aqui.

Encontramo-nos na privacidade do meu quarto. Estava sentada quando ele chegou. Não me levantei. Ele fez a reverência. Deixei que ficasse ali curvado por um tempo antes de permitir que ficasse de pé.

— Bem, Essex, o que você tem a dizer? O casamento é algo para a vida inteira. Ouvi dizer que um empregado da corte ficou com a mesma esposa por cinquenta anos. É isso o que você quer, ter Frances Walsingham como sua esposa para sempre? — ele já tinha certa fama entre as mulheres da corte. Seus olhos encantadores deixavam-nas enlouquecidas. Ele superava até mesmo o padrasto. — Você



deve ser fiel a ela, se eu permitir esse casamento. O que você acha?

Sua expressão revelava que ele não esperava aquela pergunta. Ele procurou ser tão cavalheiro, casando-se com a esposa de seu herói morto em vez de buscar uma mulher mais sensual e prestativa.

— Curvo-me diante da sabedoria e do pedido de Vossa Majestade — ele disse, com a cabeça ainda baixa.

— Pense com cuidado — adverti-o. — Sou a Rainha Virgem e, apesar do humor áspero, sei o que afirmo ser. Dessa pureza e dessa virgindade extraio meu poder. Não tolero desvios em minha corte. Você quer continuar prestando serviços a mim? Pois estou ansiosa para que se aposente e vá para o interior, juntamente com sua mãe.

— Sim, quero continuar a servi-lhe! — afirmou. — Por favor, não me tire daqui! Quero ser o cavaleiro de seu reino!

Ele parecia tão sincero, ali parado: olhos firmes e ansiosos.

— Você não é Galahad, o mais puro dos cavaleiros — houve um tempo em que até o via como tal.

— Esse era *sir* Philip Sidney — ele disse.

— Bobagem! — não consegui evitar a exclamação, deixei escapar. — A morte dele foi inútil!

Essex empalideceu. Como se eu tivesse cometido um sacrilégio:

— Foi nobre! “Minha necessidade é maior do que a sua”, quando deu sua água para outro cavaleiro que agonizava.

— Ah, você é um tolo, Essex! — também escapou, antes que pudesse evitar. — Ele não tinha nada o que fazer lá. Toda a campanha para ajudar os holandeses foi mal administrada. Ele nunca deveria ter ficado sem armadura. Nunca deveria ter dado sua água a outra pessoa. Foi tudo exibicionismo!

— A senhora abalou meus valores. Tudo em que acreditava, a senhora acabou de jogar por terra.

— Então, você casou com Frances para se sentir nobre? Muito bem, então sinta-se nobre. Essa será a sua

recompensa. Não espere mais nada.

Ele curvou-se e abaixou a cabeça novamente. Pude perceber que ele estava em choque. Ele esperava aplausos e uma recompensa por seu cavalheirismo.

— Sim, Majestade.

— Deixe a corte por um tempo.

Ele abriu a boca para reclamar, mas calou-se novamente.

Ele se foi. Aquele menino tolo não tinha dúvida de que sua cabeça estava mergulhada em toda a bajulação de ter Frances sob seus lençóis e em seu dever para com a morte de seu amigo. Balancei a cabeça negativamente; o choque certamente tinha me despertado. Mas as persistentes e venenosas lembranças de Leicester agora se entrelaçavam como fumaça em torno de Robert Devereux, seu enteado.

Por que eu me importava com o que ele fazia? Meus próprios motivos tornaram-se suspeitos para mim.

Precisava sair daquele quarto abafado. Um passeio no campo seria o certo a se fazer. Ninguém poderia falar comigo enquanto eu estivesse galopando pelos campos.

Marjorie foi comigo, assim como meus guardas, mas estava basicamente sozinha. Deixamos os arredores de Londres para trás rapidamente, assim que passamos Moorfields, campos abertos que ficam do lado de fora do portão da charneca onde lavadeiras estendiam seus lençóis para secar e meninos travessos praticavam arco e flecha.

Naquele maio os campos arados já mostravam o trigo brotando. Nos prados selvagens os jacintos floresciam, balançando-se com bravura ao ar livre. O ar estava limpo e fresco, perfumado com espinheiros que floresciam nas cercas vivas.

Eu via o rosto de Robert Devereux flutuando ao meu redor enquanto galopava. Os grandes olhos castanhos, a barba ainda rala, a arrogância e a bravura que faziam com que ele parecesse mais jovem do que o homem maduro que afirmava ser.

Ele tinha quantos anos? Vinte e dois depois do outono. Aos vinte e dois anos eu ainda estava sujeita à obediência

de minha tirânica irmã, sujeita à prisão domiciliar e à vigilância constante, pois meu menor gesto poderia ser mal-interpretado. Por Deus! Que luxo o jovem Essex tinha. Ele não precisa se preocupar em perder a vida por uma resposta errada!

Corremos para nos abrigar debaixo do galho de um carvalho, e eu me abaixei. Do outro lado, os campos abertos. Saímos da sombra e cavalgamos sobre o sol que brilhava.

Essex, Essex, qual o problema dele? Era o último de uma antiga espécie de homens: feudal, nobre, buscando a glória por seus próprios meios. Mexia comigo de certa forma, pois também era de outra antiga época. Meu pai tinha procurado o reconhecimento nos campos de batalha da França, mesmo quando ele estava prestes a morrer, tão incapacitado e inchado por causa de uma doença mortal, teve que ser içado para cima de seu cavalo.

Mas a verdade é que os comandos militares, e os heróis, não dominavam a política fazia um século na Inglaterra. Essex havia chegado tarde demais. O momento já tinha passado.

Meu cavalo se cansou e senti que seu passo ficou mais lento. Nunca o forçaria a andar mais rápido do que podia e por isso parei. Já tinha pensado o suficiente também. O que mais deveria considerar? Somente qual lugar daria a Essex. Esperarei suas ações antes de decidir.

Marjorie me alcançou e parou ao meu lado. Ela estava ofegante e seu cavalo, espumando.

— Ninguém consegue acompanhá-la! — ela disse. Então, nossos cavaliários também pararam e todos descansamos.

Os campos abertos estavam bem diante de nós. No silêncio do meio-dia, somente as borboletas brancas voavam, indo de um lado para o outro. Ao longe avistávamos um vilarejo aninhado em um recôncavo, cercado por árvores plantadas há muito tempo. Dava para ver um mastro comemorativo do mês de maio apontando

para cima assim como um dedo para os arredores. Tempos passados, costumes antigos. Senti uma grande tristeza pela velocidade com que desapareciam.

— Venham — disse para Marjorie e meus acompanhantes.  
— Um mastro de maio. Vamos vê-lo.

LETTICE  
Maio de 1590



**C**ontinua chovendo, assim como nos últimos dois dias. Tinha certeza de que os agricultores estavam contentes após o período de seca, mas as suas preocupações estavam longe de me pressionar. Queria peras e cerejas suculentas tanto quanto qualquer outra pessoa, mas, sem dinheiro para pagar por elas, não poderia tê-las decorando minha mesa, pois todas estavam nos pomares. Dinheiro. Dinheiro.

O que meu caro pai dizia mesmo? Era um provérbio: “A fortaleza do rico é a sua fortuna”. Os puritanos sabiam como manter um olho nas questões práticas da vida e o outro nas Escrituras.

Frances entrou no quarto e, quando me viu, recuou rapidamente. Nem conseguia olhar para ela, ela que havia destruído o navio de nossa possível fortuna. Estava tentando administrar meus sentimentos, mas não devo mais escondê-los. Não era culpa dela e não deveria condená-la. Não, a culpa era do meu filho!

Ele foi esperto, escondendo de mim. Desde que voltou sorratamente para cá com sua noiva, evitava ficar a sós

comigo. Hoje fazia uma semana. Estavam aqui havia uma semana e em seguida aquela maldita chuva começou. Afastando-me da porta, de modo que Frances não ia saber que a vi, observei as árvores pingando e os campos cobertos pela névoa. As folhas do carvalho tinham perdido a cor e estavam quase chegando ao tamanho normal que têm durante verão; a água corria pelas bordas e espalhava-se no chão.

Robert deu um passo em falso ao se casar com Frances Walsingham. Elizabeth ficou furiosa e os baniu da corte. Foi terrivelmente parecido com o que acontecera onze anos atrás, quando me casei com Leicester. Pensei que tudo isso ficaria para trás, que Robert poderia trabalhar tranquilamente para recuperar nossa fortuna. E se Elizabeth o banisse para sempre? Mas não, isso não poderia acontecer. Se ele a tivesse traído, casando-se sem seu consentimento, eu, sua mãe, teria sido duplamente traída. Pois ele era nossa libertação.

Uma rajada de vento muito forte atingiu as árvores, fazendo com que balançassem e batessem seus galhos contra a janela. Só então que vi Robert correndo entre elas, esquivando-se para se proteger. No momento seguinte, ele tropeçou no corredor, encharcado. Achando que estava sozinho, tentou tirar um pouco da água e sacudiu o chapéu.

— Não jogue água no baú — gritei.

Assustado, ele deixou o chapéu cair no chão.

— E no tapete também não!

Envergonhado, abaixou-se para pegá-lo de volta, dizendo:

— Peço que me perdoe.

— É bom mesmo — respondi. — Depois que já tiver trocado suas roupas, encontre-me no solar.

Finalmente consegui encurralá-lo.

Lá estava ele, à minha frente, no cômodo mais quente da casa, enquanto a chuva castigava tudo lá fora. Fiquei observando-o por um momento, tentando vê-lo não como mãe, mas como uma estranha olharia para ele. Sua

presença física sobressaía. Ele também era doce por natureza e somente depois de algum tempo em que companhia de outra pessoa isso se tornava perceptível. Na primeira e segunda impressões, ele conquistava corações. Ah, ele havia sido abençoado de tantas maneiras, aquele meu filho. Os deuses devem estar rindo de nós.

— Mãe? — ele chamou enquanto eu pensava em silêncio.

Toda a minha concentração sumiu. Eu não tinha uma espada para feri-lo. Estava completamente coberta de tristeza e decepção por causa da derrota, sim.

— Ah, Robert. Por quê?

— Essa foi a pergunta *dela* — ele disse.

— Não é a primeira vez, então, que pensamos da mesma maneira. E o que você respondeu para Sua Majestade?

— Não pude dizer a verdade. Que agora tive que me casar com ela porque estava grávida.

— A história sempre se repetirá em nossa família?

— Seu pai cuidou de sua honra quando você estava na condição de Frances, e Walsingham, em seu leito de morte, olhou malignamente para mim, o que eu devia fazer? Sua filha, viúva, estava grávida. Seria uma desgraça.

— Sim, nós, viúvas, passamos por um momento difícil quando nossa barriga incha e nosso marido já partiu dessa para melhor há algum tempo — disse, olhando para o meu belo filho novamente. — Tenho certeza de que a aparência dele estava sinistra, já que sua pele estava toda amarelada. Mas sem entrar no mérito da questão, devo perguntar, por quê? Por que você procurou a cama daquela mulher?

— A senhora quer dizer, sem entrar no mérito da questão, que a senhora foi, e ainda é, bonita, e Frances não é? A modéstia sempre foi um dos seus traços mais marcantes, mãe.

— Não interessa a minha aparência, não é disso que estou falando, estou falando sobre as perspectivas, o que ela traz para este casamento.

— O dote, é isso?

— Se você quer dar esse nome, sim. Todos têm um dote, tácito ou não, invisível ou não. E o meu não foi o meu rosto, há garotas aqui em Drayton Bassett muito mais bonitas, mas você nunca verá um conde atrás delas para levá-las ao altar. Em contos de fadas, sim, mas não no mundo da corte dos Tudor.

— Então não foi sua beleza. E a senhora vai me dizer o que foi? Ou seria impróprio descrever os atributos de uma cortesã ao seu filho?

Que ingênuo ele era! Eu ri e disse:

— Primeiro, sua linha de pensamento está na aparência, depois no amor. Nenhum dos dois possui dotes. Procure em outros lugares, de maneira prática, como linhagem e fortuna.

Mas, claro, um nobre cavaleiro não deve fazer isso. Ele deveria apenas pensar em amor e beleza. Acima de tudo, no dever. Robert olhou intrigado.

— Estou falando de linhagens, poder e dinheiro. Que outro tipo de dote existe?

— Não consigo ver como conseguiu essas coisas em seu próprio dote.

— Então a sua educação tem problemas, e culpo-me por isso. Permita-me corrigir isso — disse, respirando fundo. Se houvesse sensatez, não seria necessário explicar nada. — Linhagens: eu sou uma das últimas primas próximas da rainha... alguns dizem que mais que prima; alguns dizem que minha mãe era meio-irmã da rainha. Mas isso era fofoca, impossível de ser provado. Poder: meu pai era um renomado conselheiro, da mais alta estima da rainha e assim o foi por quase todo o seu reinado, mais de trinta anos. Meu primeiro marido, seu pai, foi um conde, e a família dele tinha o respeito dos Tudor. A única coisa que eu não tinha era dinheiro. Mas a entrada na corte ou a posição podem ser usadas como garantia pelo dinheiro.

Será que ele estava entendendo? Será que teria que desenhar para que entendesse? Ele projetava o queixo para



a frente da mesma maneira que fazia quando começava a teimar com alguma coisa. Continuei a explicação.

— Ao passo que Frances, que espero que não esteja ouvindo, não tem uma família conhecida. O pai dela, que descansa em paz, chegou à posição que chegou por seus próprios meios, por seus feitos e pela inteligência notável. Admirável. Mas ele veio do nada e sua família voltou ao nada. Com sua morte, todo o poder na corte foi embora com ele. E o dinheiro! Ele tinha tantas dívidas, você sabe, que teve que ser enterrado durante a noite por medo de que os credores aparecessem no meio do funeral caso acontecesse em plena luz do dia. Ele não conseguiu pagar nem o próprio funeral.

E, então, continuei expondo meus argumentos:

— Ao casar com a filha dele, você conseguiu apenas obrigações e nenhum benefício futuro. Ela é adorável e lhe será sempre fiel. Se você não tivesse preocupações com dinheiro, isso seria o suficiente. Um conde rico poderia sustentá-la. O conde mais pobre da Inglaterra, que é o que você é, não pode. E agora você jogou fora sua chance de aumentar a fortuna pelo método mais consagrado: um casamento vantajoso!

— Parece-me que você está no mínimo tão desapontada com o fato de que a sua própria fortuna não aumentará, por sua mina não ter mais recursos.

— Somos uma família e nossa fortuna é uma só. Mas você está enganado. Estou muito preocupada com você, pois sua vida está apenas começando, e, irritando a rainha logo de início, não nos dará bom prognóstico. Você poderia ter subido muito, mais alto do que qualquer outro na corte. E agora...?

— Então me contentarei com a vida tranquila — ele respondeu. — Muitos homens virtuosos a recomendam. Como escreveu Henry Howard:


*Meu amigo, as coisas que conseguimos  
A vida feliz, é uma delas, tenho em mente:*

*A riqueza deixada, sem dor obtivemos;  
O terreno fértil, pensar calmamente:  
A esposa fiel, sem discussão;  
Que dormem enquanto na noite acontece a sedução  
Contentem-se com sua propriedade  
Sem desejar a morta, mas sem medo de morrer de  
verdade*

— Onde você aprendeu isso? Em Cambridge? Bem, Henry Howard foi executado por traição. Eu não confiaria em sua sabedoria!

ELIZABETH  
Novembro de 1590



 Dia da Ascensão de Vossa Majestade gloriosa sempre estará no mais alto altar da nossa gratidão — disse o arcebispo Whitgift curvando-se de tal forma que a ponta da mitra passou a apontar para mim como um dedo acusador.

— Ah, John — suspirei. — Levante-se.

Ele parecia estar desenrolando-se, uma vértebra de cada vez, até ficar totalmente ereto e olhando para mim com severidade. Suas novas vestes de celebração, encomendadas para a festividade, brilhavam com linhas de ouro bordadas — Majestade, não estou brincando. As palavras no Livro de Oração Comum, celebrando sua ascensão ao trono, não são exageradas. “Nós vos damos graças sinceras, para que sejas feliz neste dia em que define vossa serva, ó Senhor, a nossa soberana, a rainha Elizabeth, para o trono deste reino. Que ela tenha sempre o carinho de seu povo; que o seu reinado seja longo e próspero”.

— Tem sido longo, John, tem sido longo, e quem poderia ter previsto isso? Quanto à prosperidade, não nos saímos

mal considerando que somos uma pequena ilha e não temos ouro. Meu ouro é o meu povo. A oração está certa; Quero ter esse ouro para sempre. E, como não pode ser transportado em navios, os espanhóis não podem roubá-lo como fazem com o outro tipo de ouro.

— Contudo, os espanhóis roubariam esse amor, se pudessem — ele avisou.

— A maneira de manter o amor do meu povo é nunca tê-lo como garantia. Mas amanhã, como ritual e decreto, você presidirá o serviço comemorando meu Dia de Ascensão e recitará essa mesma oração na Catedral de São Paulo. E os sinos dobrarão, como fazem todos os anos, as trombetas e cornetas soarão de cima dos telhados da catedral, canhões explodirão da Torre, e as pessoas em toda a Inglaterra acenderão fogueiras para comemorar o feriado. Você virá para as batalhas aqui em Whitehall, não virá? Elas prometem ser mais espetaculares do que nunca.

— Acho as batalhas muito... pagãs — ele respondeu.

— Ah, não são pagãs. Afinal de contas, o rei Artur organizava torneios de cavaleiros e foi um rei absolutamente cristão.

— Estou me referindo à extravagância, à vaidade, ao exibicionismo... — disse, balançando a cabeça em sinal negativo.

— Por que os pobres...

— Sempre os tendes convosco — completei a frase para ele. — Até mesmo Jesus disse: “Você pode ajudá-los sempre que quiser. Mas não no Dia da Ascensão”.

— Não creio que essas tenham sido exatamente as palavras dele, Majestade. Eu ri e indaguei:

— Como assim? Você acha que Cristo não se importa com o meu dia?

Ele fez uma careta, incapaz de brincar. A rigidez de Whitgift e sua indiferença faziam dele um arcebispo impopular. Sua teologia me agradava, mas a personalidade era muito austera.

— De qualquer forma, sua própria roupa é tão deslumbrante que deixaria até mesmo Essex em segundo plano. Ele ficaria destruído. Pode até ser *acusado* de exibicionismo vão, injustamente, é claro.

Outro ponto sensível. Os paramentos da alta igreja de Whitgift haviam lhe rendido o apelido de “papa” e ele gostava de ser acompanhado por uma comitiva. Porém, eu preferia que meus clérigos se parecessem clérigos, que meus padres se parecessem padres. Se isso fazia de mim uma papista, paciência. Infelizmente, a situação só irritava os simples puritanos e atormentava os católicos em segredo.

Era quase que impossível equilibrar esses opostas. Sem nenhum devoto protestante, a Igreja da Inglaterra passou a existir por decreto real, e não por um movimento popular. Quando meu pai rompeu com Roma, jamais rompeu com seu conservadorismo básico no que se refere a rituais e formalidades, e assim trouxe consigo muitos dos antigos costumes católicos.

Foi um casamento estranho e tenso entre a teologia protestante interna e os paramentos católicos externos. Grande parte do meu reinado foi perturbada por essas correntes turbulentas. Eu, como Governante Suprema da Igreja da Inglaterra, mantinha essas facções juntas, mas não era fácil. O compromisso promulgado no início do meu reinado não satisfazia a todos.

— Eu não participarei disso — disse Whitgift.

— Você perderá uma bela apresentação. Ah, sendo assim, então, toque os sinos bem alto e reze muito por mim. Tenho precisado de orações para me manter todos esses trinta e dois anos que estive no trono e precisarei delas ainda mais a partir de agora.

Assim que ele saiu, lembrei-me dos primeiros momentos logo após ter-me tornado rainha, um dia que acontecera fazia tanto tempo que já estava consagrado e encapsulado, transformando-se num dia sagrado.

As pessoas ficaram aliviadas quando me tornei rainha. Sempre fui popular entre as pessoas, mas principalmente porque não gostavam do reinado de minha irmã. Ela era meio espanhola e havia se casado com um estrangeiro. Eu era vista como “mera inglesa”, como um deles, e minha aparência era similar à de meu pai em seu auge. Pensando em retrospecto, o reinado dele foi visto como uma era dourada, que o povo queria de volta.

O júbilo daquele primeiro Dia de Ascensão foi espontâneo, com o passar dos anos foi ficando cada vez mais ritualístico e organizado. Dois anos depois da Armada, as comemorações tornaram-se uma idolatria um tanto perturbadora. Atualmente, havia o Dia de Santa Elizabeth, que acontecia dois dias depois e era dedicado às celebrações da Armada.

Não instiguei nenhuma dessas coisas, mas também não as proibi. Ainda assim, os excessos das comemorações deixavam-me um pouco desconfortável.

Ao meio-dia do dia 17 de novembro, eu e meus convidados de honra fomos até a tribuna dos torneios, uma ampla sala em um lado da pista, de onde se podia ver todo o pátio, dividido exatamente ao meio por uma barreira tal qual uma lâmina com suas flâmulas tremulando ao forte vento. Além das barricadas havia estandes e cadafalsos em que as pessoas comuns, após o pagamento de uma taxa, poderiam ficar e assistir. Um barulho intenso aconteceu quando as pessoas me viram passando ao ar livre, pouco antes de subirmos as escadas e entrar na tribuna. Fiquei ali em pé e acenei, para que pudessem ver que eram bem-vinda.

Tinha minhas damas preferidas comigo — Marjorie Norris, Catherine Carey e sua irmã Philadelphia, Helena van Snakenvorg. Elas já eram todas senhoras que atingiram a maturidade que eu gostava de dizer que lhes concediam sabedoria e os outros diziam que lhes concediam rugas. Perdi as esperanças com as mais jovens. Parecem não ter caráter, são volúveis, obcecadas por homens. Preciso de

jovens comigo, para que não digam que minha corte não atrai beleza, força e inteligência, mas elas me irritavam. Dessa forma, fiz com que se sentassem bem no fundo, atrás de pessoas importantes. Ao meu lado estava o embaixador francês, e, do outro lado, Robert Cecil.

A banda tocou, anunciando a entrada da primeira dupla de concorrentes. Assim como tudo na corte, não era simples. Primeiro, um carro de desfile abria o torneio, em seguida, os criados dos homens subiam as escadas e apresentavam os escudos decorados dos seus mestres e liam um poema anunciando o tema, geralmente uma alegoria, é claro. Para aquele dia, a primeira dupla foi *sir* Henry Lee, meu campeão de torneios, mestre de cerimônias do torneio anual, contra George Clifford, conde de Cumberland. Henry tem sido meu campeão há vinte anos. Sentei-me assim que entrou no pátio de competições, sendo puxado em uma biga decorada com coroas e videiras secas. Ele então parou e veio até mim, fazendo uma reverência. Seu corpo estava coberto de folhas. Um falatório surgiu das arquibancadas quando ele disse:

— Vossa mais graciosa Majestade. Chegou o momento em que devo me render a minha equipe de batalhas. Sou uma videira seca em idade por serviço real — ele então apontou uma das videiras mortas, provocando risos, dizendo: — Apresento a vós meu sucessor, por quem oro para que a senhora o aceite, o conde de Cumberland. Logo atrás dele surgiu o carro de desfile do conde, representando o castelo de sua família, com o conde usando um traje num tom tão branco que chegava a ofuscar.

*Sir* Henry Lee tinha a minha idade, cinquenta e sete! Havia alguém ali naquela arena que não soubesse disso? Todo o meu corpo se enrijeceu.

— Como a senhora pode ver, estou curvado e vencido pela idade, que agora está cobrando o preço, roubando-me...

Fiz um sinal para que se calasse e disse:

— Vá disputar o torneio. Agora.

Eu estava tremendo de raiva. Que tolo! Se ele estava cansado dos torneios, que era uma função exaustiva, por que não veio até mim em particular? Encenar a questão da idade foi inoportuno. E, se ele era tão velho, como ainda satisfazia suas paixões com as jovens que serviam meu quarto? Sim, eu sabia de suas pequenas incursões, seus encontros amorosos com Anne Vavasour, entre outras. Tenho certeza de que ele não falava a *elas* sobre suas videiras ou qualquer outra coisa caída.

Nem consegui acompanhar bem o torneio. Soube que a lança de Lee se quebrou, mas que ele havia planejado isso.

O embaixador francês... quem iria imaginar que eu iria achar melhor pensar sobre a confusão na França? Virei-me para ele radiante de alegria e comecei a murmurar sobre a virada angustiante dos acontecimentos por lá, a invasão espanhola no norte da França.

— Filipe de Espanha, o inimigo do rei francês e meu inimigo — suspirei. — Será que ele não consegue deixar um só soberano protestante respirar em paz?

— E é por isso que é urgente que a senhora o ajude! — disse o embaixador. — A senhora foi salva da ameaça espanhola. Conceda, em sua misericórdia, a oportunidade para que outros também o sejam.

Robert Cecil inclinou-se e entrou na conversa, como eu esperava que fizesse.

— “Conceder” é sinônimo de “empréstimo” ou “presente”. Dinheiro. A guerra é muito *cara* — ele disse com petulância.

— Um bom investimento nunca é muito caro — retrucou o embaixador. — Geralmente poupa gastos.

— Eu poderia falir poupando dinheiro — repliquei.

— Ajude-nos! — disse o embaixador. — A senhora jamais se arrependerá. Iria me arrepender antes mesmo de liberar o primeiro centavo. — Não estamos livres da ameaça espanhola — lembrei-o. — A humilhação da derrota da Armada atingiu Filipe como um ferrão, e ele está determinado a enviar outra Armada e finalizar a missão. A preparação da nossa defesa custa caro. A defesa é sempre



mais cara do que o ataque, pois o inimigo escolhe onde atacar, portanto devemos estar preparados em todos os fronts.

— Precisamos de suas tropas — ele implorou. — Olho ao meu redor e vejo todos esses homens frustrados em seus anseios militares e somente capazes de entrar nesses torneios e nada mais! — disse, acenando para o último par que iria se exhibir e estava se preparando antes de montar em seus cavalos. Lorde Strange estava realmente estranho com seus quarenta escudeiros e as lanças azuis. Um carro alegórico em forma de navio que ostentava seu emblema de águia retumbava logo atrás. O embaixador tinha certa razão.

— Veremos — disse em meu tom mais altivo, o que significava. — Chega por enquanto.

Logo depois, as notas melancólicas de músicas fúnebres invadiram o pátio de torneios e, em seguida, um cortejo fúnebre surgiu, conduzido pela figura sombria do Tempo, trazida por uma dupla de cavalos de pretos como carvão, com plumas pretas pelo ar. Dentro do carro fúnebre estava sentado um rei vestido de luto, traje de luto completo. A cabeça estava inclinada e ele parecia estar na posição de um penitente.

O carro fúnebre parou. O penitente desceu e veio em direção à tribuna, parando à nossa frente. Era o conde de Essex, que não levantou os olhos para me ver, bateu no peito e gritou: — Perdoe-me essa falta grave — e caiu de joelhos.

Deixei que ficasse ali por bastante tempo até ordenar que se levantasse.

Ainda estávamos distantes após seu casamento apressado e secreto. Minha decepção com ele tinha se aprofundado depois que ele se recusou a pedir desculpas ou a aproximar-se de mim novamente. E, agora, havia escolhido aquela maneira chamativa e pública para pedir desculpas, algo que faria com que ganhasse atenção e admiração. Ele sempre buscava ser o centro das atenções.

Não fiz menção para que subisse os degraus da tribuna e viesse até mim. Ele ficou esperando um bom tempo, aguardando que eu desse o sinal. Era quase possível ouvir todos os espectadores prendendo a respiração. O sol da tarde acariciava seus cabelos ruivos, agora expostos depois que ele havia retirado o elmo no qual estava gravado seu brasão. O resto da armadura o prendia, deixando-o tenso.

— Você e seu oponente devem começar a batalha — eu disse.

Seu acompanhante, *sir* Fulke Greville, surgiu do carro fúnebre e fez um sinal para que seus cavalos fossem trazidos.

Montaram rapidamente e correram para a divisória o mais rápido possível. Greville não vacilou quando foi desmontado e sua lança foi quebrada. Ele rolou na poeira, levantou-se e sumiu, depois de fazer uma reverência em nossa direção. Essex também bateu em retirada.

— Aquele menino é muito corajoso — disse Helena, curvando-se em minha direção, mas sem sair do lugar. Mesmo depois de vinte e cinco anos na Inglaterra, o sotaque sueco ainda era muito forte. Eu achava encantador. — Ele precisa de umas palmadas.

— Mas quem fará isso? — disse Marjorie. — A mãe dele? Ela também precisa de umas palmadas.

— Um castigo. É disso que ele precisa — insistiu Helena.

Mas eu já o *estava* punindo, mantendo-o longe da corte. Só que isso tinha feito com que ele ficasse mais exigente.

— Ele é apenas um brinquedo, Majestade — disse Robert Cecil, do outro lado. — Desprezível. É tudo o que resta a ele, vestir-se e tentar lutar como um cavaleiro num torneio.

Eu sabia que não havia harmonia entre os dois Roberts, Cecil e Essex. Por um período, na infância, eles viveram debaixo do mesmo teto, Essex estava sob a tutela de Burghley. No entanto, o alto, esguio e aristocrático Essex nada tinha em comum com o pequeno, erudito e curvado Cecil. Quando cresceram, a indiferença entre eles havia se transformado em rivalidade. Essex não conseguia

compreender que os talentos secretos de Cecil poderiam ser mais valiosos para mim do que os talentos que ele gostava de exhibir.

Subitamente, outro carro alegórico entrou no pátio, balançando de um lado para o outro. Um retumbar de músicos escondidos próximo das barricadas nos envolveu, e o carro decorado roncou em nossa direção antes de parar. Estava envolto em tafetá branco, e uma placa dizia que era o Templo sagrado das Virgens Vestais.<sup>7</sup> Ele apoiava-se sobre colunas pintadas para parecer pórfiro, com lâmpadas incandescentes por dentro. Três meninas com vestidos leves e soltos surgiram e apresentaram-se a mim como Virgens Vestais, em seguida cantaram:

— A vós, a principal Virgem Vestal do Ocidente, dedicamos nossas vidas a vosso serviço.

Depois disso, *sir* Henry Lee saiu de dentro do templo, tirando um poema de um dos pilares. Ele começou a ler, louvando-me como uma poderosa imperatriz cujo império agora se estendia ao Novo Mundo.

— Ela moveu um dos pilares de Hércules — bradou Lee. — E, quando deixar esta terra, irá para o Paraíso para receber a coroa celestial!

Se eu soubesse daquilo teria proibido. Mas, ao contrário, fui obrigada a aguentar, sabendo que as pessoas achariam que eu havia ordenado uma coisa daquelas.

Houve, é claro, uma festa mais tarde, para apresentar os escudos antes que fossem pendurados no pavilhão ao lado do rio junto aos outros dos antigos torneios. O preço da participação, por assim dizer, era um escudo de papelão de cada cavaleiro, especialmente concebido para o torneio. Havia vários temas de cavaleiros: os cavaleiros encantados, cavaleiros desamparados, cavaleiros abandonados, cavaleiros investigadores e cavaleiros desconhecidos. Às vezes, eles combinavam cavaleiros abandonados com desconhecidos, e assim por diante. Havia também os homens selvagens, os eremitas e os habitantes do Monte

Olimpo. Um homem poderia ser qualquer coisa que desejasse em um dos torneios



**E**s desafiantes dos torneios mantinham seus personagens escolhidos na Long Gallery, local em que a reunião era realizada, de forma que a sala estava repleta de Carlos Magno, Robin Hood e Reis Artur. Eu gostava de andar por entre eles, imaginando-me e em outra era e outro reino.

Do lado de fora, podia-se ver claramente pelas janelas da galeria que fogueiras estavam acesas nos campos e as margens do rio, um rosário do fogo da alegria. Havia apenas dois anos um sinal de fogo em terra anunciava a primeira vez que a Armada tinha sido avistada e agora a lembrança dessa vitória entrava para as comemorações da noite.

Nas montanhas e faróis, as tochas e a madeira haviam sido substituídas, prontas para serem acesas novamente se, ou quando, os espanhóis voltassem, como haviam prometido fazer.

Mas naquela noite, naquela noite, ali dentro ou lá fora, o fogo significava apenas uma brincadeira inofensiva. Em meados do mês novembro a temperatura era branda, assim como foi no dia em que me tornei rainha, ou poderia fazer muito frio, como acontecia hoje. Estava mais do que satisfeita com as lareiras quentinhas da galeria, agradecida por estar ali dentro.

A galeria era tão grande que havia dois conjuntos musicais, um de cada lado. Na ala oeste, tocadores de alaúde e harpistas entoavam melodias suaves e cantavam versos melancólicos; na leste, os tocadores de cítara e tambores, assim como trompetistas entoavam uma música dançante e vibrante. Um gaiteiro de foles juntou-se a eles no fim da noite para um encerramento animado.

Diferentemente dos desafiantes dos torneios, eu já tinha trocado de roupa. Vestia agora um traje formal, adequado ao feriado nacional. Minha gola era tão enorme, tão plissada e engomada que mal podia mover meu queixo.

Meu vestido era tão grande sobre os aros que me obrigavam a mover-me de lado entre as pessoas. Escolhi minha maior peruca e a mais ruiva também, cheia de cachos e joias deslumbrantes espalhadas por todas as tranças.

Sobre meu corpete estavam pendurados vários adornos emblemáticos para agradar a alguns de meus cortesãos. Vesti uma réplica de uma luva de Cumberland, o pingente de madressilva que ganhei de Burghley, os cordões de pérolas brancas deixados por Leicester e, em minhas orelhas, havia brincos de esmeraldas de uma das viagens de Drake. Eu era um verdadeiro troféu de lembranças.

Os jovens estavam dançando em uma das alas do salão; outros se aqueciam próximos às lareiras de pedra. Burghley mantinha-se bravamente em pé, apesar da gota. Tais reuniões eram uma provação física para ele, mas ele não queria ceder às suas fraquezas. Confiava em seu filho Robert para protegê-lo de empurrões ou de ficar muito tempo de pé. Os dois estavam juntos, murmurando, mas interromperam a conversa assim que me juntei a eles.

— Outra bela celebração — disse Burghley. — É muito gratificante estar presente num momento como esse.

— Eu disse, quando o indiquei como secretário de estado, que o considerava um homem que me diria a verdade, independentemente da minha vontade pessoal — lembrei-o. — E você certamente cumpriu essa missão.

— Não sem que houvesse conflitos, Majestade — ele disse.

— Dizer a verdade raramente é agradável, William — eu falei. — Somente os fortes ousam fazê-lo. E por isso você é um dos mais bravos homens do reino.

Um turbilhão de vestidos brilhantes passou por nós, jovens na empolgação do momento, o eterno momento da juventude. Os rostos mudam, as senhoras passam da pista de dança para as cadeiras, sempre substituídas por outras que são rapidamente cercadas por homens jovens, os filhos dos cortesãos e oficiais.

Eu não conhecia alguns deles, logo eu, que me gabava de conhecer todos. Quem era aquele loiro? Quem, de fato, era o baixinho com o sorriso largo? Com quem se parecem? Quem eram seus pais e mães?

Uma jovem cujo nome eu sabia, uma tal de Elizabeth Cavendish, filha de um cortesão secundário, estava ignorando as atenções do garoto loiro, mas não com muita veemência. Ele me parecia vagamente familiar, mas não de forma identificável. Agora ela estava de costas para ele, ele então lhe agarrou a manga, girando-a de forma que ela tivesse que encará-lo novamente. Enquanto eu estava olhando, ele colocou a mão por trás da cabeça dela e a forçou a beijá-lo.

— *Sir!* — eu disse.

Ele espiou por trás da cabeça de Elizabeth e seus olhos se arregalaram quando me viu. Apressadamente, ele a empurrou e inclinou-se diante de mim.

— Venha aqui! — ordenei.

— Sim, sim, Vossa Majestade. — As pernas dele tremiam, ele veio até mim e se ajoelhou, abaixando a cabeça, fazendo com que a testa quase tocasse o chão.

— Levante-se, criatura insolente — eu disse.

Ele ficou em pé, mas não olhou nos meus olhos.

— Qual é o seu nome? — perguntei. — Não permitimos que ninguém manche a reputação de uma dama na corte, não importa qual sua idade. Aqui não é a França!

— Sim, Majestade. Não, Majestade — disse trêmulo. — Meu nome é Robert Dudley.

Robert Dudley! Que coincidência cruel. Mas não, como poderia ser? Ele estava brincando comigo?

— Não achamos isso apropriado — disse. — Diga a verdade.

— Vossa Majestade, senhora soberana, juro a vós, esse é o meu nome.

Havia semelhança? O cabelo loiro havia me enganado. Os olhos, o comportamento, eram familiares.

— Você é o filho de Douglass Sheffield?

— Sim — ele disse.

O filho verdadeiro de Leicester, nascido de um flerte com a já casada Douglass Sheffield! Deus me perdoe, mas uma onda de prazer percorreu meu corpo. Ele era o único descendente vivo de Leicester, e aquela criança ignóbil herdaria todas as propriedades de Dudley quando tivesse idade o suficiente, e, como o título de Leicester tinha passado à casa de seu irmão Ambrose, nada seria deixado para Lettice.

Subitamente, seu atrevimento e aparência passaram a me agradar.

— Entendi — falei. — E onde você está agora? O que você faz?

Ele se posicionou de forma ereta e o tremor sumiu de sua voz — Tenho dezesseis anos e estudo em Oxford.

— Muito bom, muito bom — respondi. Aquele jovem me agradou. No entanto, os padrões devem ser mantidos. — Volte para lá e não retorne à corte até que tenha aprendido boas maneiras.

Por um momento ele pareceu seu pai, a mesma expressão irritada de decepção tomando conta de seu rosto. Depois sorriu. Era um sorriso insinuante.

— Em tudo lhe obedeco, Majestade — disse ele.

As meninas estavam olhando por cima dos ombros para ouvir a nossa conversa. Quando Robert saiu do recinto, voltaram suas atenções para outras pessoas.



Olhei por toda a galeria e vi que todos estavam presentes. Vi Essex, mais alto do que a maioria, ainda usando seu personagem de cavaleiro abandonado. Um homem mais baixo, que não usava fantasia, fazia-lhe companhia. Ele tinha olhos escuros e atentos que podiam ser percebidos mesmo sob a luz fraca.

Ao ver-me, Essex imediatamente deixou seu amigo e veio rapidamente em minha direção, mas eu me virei. Não queria falar com ele naquele momento.

Para deixar claro, chamei Raleigh, a quem Essex odiava, para ficar ao meu lado. Ele estava magnificamente vestido, como de costume, ninguém conseguia usar um gibão de brocado como Walter Raleigh, porém seu sorriso era forçado. Estava taciturno, apesar de ser Essex quem usava vestes escuras.

— O que foi, Walter? — perguntei. — Esta é uma noite alegre, mas vejo a tristeza em seus olhos.

— Como sempre, Vossa Majestade consegue ver mais do que os outros — ele respondeu. — Achei que estava conseguindo esconder bem.

— O que lhe incomoda?

— Há uma outra pessoa mais indicada para lhe contar — ele disse. — O governador John White deveria fazer isso.

John White! Assim que ouvi aquele nome, eu sabia.

— Ah, Walter — eu lamentei. — A colônia!

— *Sir* John...

— Não está aqui no momento. Diga-me, rápido. Os fatos não mudam, independentemente de quem os apresenta.

Ele fechou os olhos, preparando-se.

— Com a graciosa permissão de Vossa Majestade, na última primavera pudemos enviar navios de socorro para a colônia na Virgínia. Mas eles desapareceram.

— Desapareceram?

— Quando White chegou, ele encontrou a ilha da colônia completamente deserta. Os fortes e as cabanas estavam cobertos com trepadeiras. Eles acharam baús arrombados, livros, mapas e fotos todos rasgados e destruídos pelo

tempo, e a armadura cerimonial do governador White completamente corroída pela ferrugem. Não havia sinal de nenhum das centenas de colonos, nenhuma pista a não ser a palavra “*Croatoan*” entalhada em um poste do forte e “*Cro*” em uma árvore.

— Índios? Os índios os mataram?

— Ninguém sabe. Quando White os deixou, há três anos, eles prometeram que, caso se mudassem para outro local, deixariam marcado o nome do local em Roanoke, e que, se tivessem sido atacados ou forçados a fugir, entalhariam uma cruz de Malta também.

— O que significa “*Croatoan*”?

— É outra ilha há cerca de oitenta quilômetros de Roanoke.

— Então eles devem ter ido para lá. O que aconteceu quando White chegou lá?

— Ele não conseguiu desembarcar. Os navios foram levados para o mar, e de lá para cá. Ele acabou de voltar.

— Você que dizer que ninguém sabe se os colonos sobreviveram?

— Sinto em lhe dizer, mas sim, senhora, isto é, ninguém sabe.

— Eles foram abandonados? White abandonou sua própria família lá, sua filha, sua neta?

— Ele não tinha escolha. Não podia vencer a natureza. Os navios são nada mais do que madeira e lona, brinquedos jogados nas correntezas e no vento.

— Meu Deus! — imaginei-os naufragados lá, esperando por navios que nunca vieram. Teriam os índios ajudado, feito amizade com eles ou os massacrado? — Estou triste e envergonhada por saber que a colônia que leva meu nome tenha chegado a isso.

— O Novo Mundo é um lugar perigoso — disse Raleigh. Sedutor, atraente, oferecendo prêmios reluzentes e uma morte terrível. Para cada recompensa, parece haver uma punição. O ouro inca da América do Sul, flechas dos selvagens da Virgínia na América do Norte.

Senti como se as lágrimas estivessem apunhalando meus olhos. Havia um rosto humano por trás de cada vitória e derrota, um preço pessoal a ser dolorosamente pago.

Ao meu redor, a música vibrava e os dançarinos rodopiavam. Vozes altas, fazendo piadas, rindo, felizes com o momento. Lá fora, dava para ver as fogueiras se apagando, algumas labaredas continuavam cortando a noite, outras ainda incandesciam. Os barcos no rio quase sumiam.

Raleigh esperava obter uma resposta ou ser dispensado.

— Mas vocês ainda são atraídos para o Novo Mundo — eu afirmei. — Se você tivesse ido para a colônia, agora estaria perdido também.

— É uma oportunidade que todo explorador deve aproveitar, senhora — ele disse. — Se Deus quiser, e com sua graciosa permissão, me estabelecerei naquele continente, mais cedo ou mais tarde. Oro por isso.

— Sim, e morre por isso — disse, alfinetando-o.

— Prefiro morrer assim a definhar ao lado de uma lareira — olhou discretamente indicando Burghley, agora encolhido em um banquinho, e com a perna com gota esticada.

Virei-me e imediatamente vi Essex esperando sua vez de ter minha atenção. Assim que ele percebeu que eu o vi, ele começou a vir em minha direção, tirando os outros do seu caminho para chegar até mim. Seu companheiro, o homem com penetrantes olhos escuros, o seguia.

Seu traje era magnífico, isso eu tinha que admitir. O veludo negro profundo das mangas de treliça com ouro e faixas de joias brilhavam como se ele tivesse surgido de um poço profundo. E eu disse isso a ele.

— Se isso for verdade, minha gloriosa ama, saí de um poço profundo de melancolia, onde tenho definhado desde que perdi sua preferência — disse ele, ficando sobre um dos joelhos, ostensivamente. — Venho até a superfície para contemplá-la.

— Como parte de seu definhar está a questão das finanças, pois você tem me importunado há meses mesmo

a distância, fico maravilhada de que tenha conseguido juntar meios para pagar por seus equipamentos e trajes aqui no torneio. Levante-se — ordenei.

Ele se levantou.

— Deixe-me servir-lhe novamente! Mande-me para a França para liderar suas forças.

— Você não tem experiência no comando e no momento não há forças inglesas na França — eu disse.

— Mas haverá — ele respondeu. — Precisa haver! A ameaça espanhola, a ousadia de terem desembarcado na Bretanha deve ter uma resposta!

— Por quê? Porque o rei Henrique IV me pediu? Meu caro garoto, se eu tivesse dado atenção a todos os pedidos, implorando exércitos, vindos de cada rei, reizinho e duque que procurou o meu auxílio, não haveria restado um centavo em nosso tesouro hoje. E, ainda assim, a guerra nos Países Baixos me arrancou tudo. E ela é conhecida como uma *pequena* guerra.

— E a guerra é assim, senhora — disse o homem de olhos escuros.

Quem é ele? Antes que eu pudesse perguntar, Essex se adiantou:

— Meu amigo e conselheiro, Francis Bacon.

Bacon. Bacon. Olhei para ele:

— O filho de Nicholas Bacon! Meu pequeno lorde Guardiã, não é? — seu falecido pai tinha sido lorde Guardiã do Grande Selo e eu havia conhecido seu filho formidavelmente inteligente ainda criança.

— Sou eu mesmo. A senhora se lembra — falou, sorrindo.

— Como poderia me esquecer? Você me impressionou quando nos conhecemos, você tinha o quê, quantos anos? — eu o havia conhecido na casa do pai, uma casa tão pequena que nem tinha jardim. Provoquei Nicholas, dizendo que era muito pequena. Mais tarde, ele trouxe Francis e, quando perguntei quantos anos ele tinha, vangloriou-se: “Sou dois anos mais novo do que o feliz reinado de Vossa Majestade”.

— Tenho dez anos, senhora.

— Essex, esqueça essa história de França — eu disse, voltando-me a ele:

— Prefiro deixar o continente sangrando sem nossa ajuda. Agora, voltando às suas finanças, além de conseguir vestir-se de forma extravagante para esta ocasião, ainda conseguiu pagar o empréstimo pendente que lhe fiz há um tempo, entregando-me uma das suas últimas propriedades ainda não hipotecadas. Um belo gesto. Ah, Essex, o que devo fazer com você? Agora você está completamente sem nada, tendo me reembolsado e deixado todas as suas outras dívidas em aberto.

— Estou à vossa mercê — ele disse.

— E eu devo ser misericordiosa — respondi. — O monopólio para o imposto sobre os vinhos doces, de propriedade de seu padraсто, Leicester, expirou com a sua morte. Eu o concedo a você. Isso lhe dá os impostos sobre mercadorias para todos os néctares de vinhos importados do Mediterrâneo, *malvasias*, *moscateis*, *mosquetas* e *vernages*.

Já tinha pensado naquela ideia antes, mas minha pressa repentina na decisão me pegou de surpresa. Mesmo enquanto as palavras saíam da minha boca ao conceder o presente, eu ainda me questionava. Será que deveria incentivar sua falta de limites? Mas ele brilhava tanto... eu deveria deixar que fosse ofuscado? O sopro de Deus, o brilho que a corte havia deixado apagar tão poderosamente nos últimos anos, seria ele o último lampejo? Deveria poli-lo ou encobri-lo?

— Majestade! — dessa vez o suspiro não foi fingido. — Estou sem palavras, além de profundamente agradecido.

Vi que até mesmo os olhinhos atentos de Francis Bacon haviam se arregalado.

Voltei a mim e contive minha generosidade:

— A concessão é de dez anos somente. Expira no ano de 1600.

Ele riu alto. — É quase um século!

— Passará rápido — eu avisei. — Fique atento.

Antes que ele pudesse pensar e começasse com os agradecimentos efusivos, dispensei-o. Logo, ele estaria cobrindo-me com cartas, poemas e presentes. Em breve, ele estaria se exibindo nos corredores da corte.

O adiantado da hora mudou o espírito da noite. Os cortesãos mais velhos voltaram seus olhos suplicantes para mim, como se quisessem ir para a cama, mas tinham que ter a minha permissão. Mandeï para casa Burghley, Knollys, o almirante Howard e Hunsdon.

Agora, o grupo mais jovem estava livre para dançar com mais liberdade, os músicos poderiam tocar algo mais irreverente. Suponho, em nome do bom humor, que devo me retirar. Assim que me preparei para anunciar minha saída, vi várias de minhas damas aglomeradas, curvadas sobre algo, seus traseiros formando um arco-íris de cores, de cetim verde-claro, brocado castanho-avermelhado e veludo escarlate. Elas estavam rindo e isso fez o material de seus vestidos cintilar.

— O que é tão divertido? — espiei sobre os ombros delas.  
— Um livro? Não são as Escrituras Sagradas, eu garanto — eu disse.

Tentaram fechá-lo, mas tirei-o de suas mãos, rindo também. Fiquei meio desnorteada com minha impulsiva concessão a Essex. Folheeï as páginas e li alguns trechos. Ruborizei.

— Que linguajar! — Era completamente pervertido, uma tradução do poema épico italiano *A Loucura de Orlando*, sobre aventuras e desventuras do herói que dava nome à história.

Elas riram ainda mais.

— Onde vocês conseguiram isso?.

Mary Fitton, Frances Vavasour e Bess Throckmorton sorriam e mordiam os lábios. Por fim Mary disse:

— John Harington nos apresentou.

— Meu atrevido afilhado — eu disse. — Então é assim que ele usa sua inteligência — fiquei observando-o do outro lado

da sala, dançando animadamente com Elizabeth Cavendish. A senhorita Cavendish, notei, parecia não perder Robert Dudley de vista. Interrompi a dança frenética deles. O belo rosto de John se iluminou de genuína satisfação.

— Majestade! Minha madrinha! — ele gritou. Sua expressão mudou quando acenei com o livro diante de seus olhos.

— John, isso é muito ousado — eu reclamei. — É um milagre que esse livro não esteja pegando fogo. Não é leitura apropriada para minhas damas de honra.

— Eu somente traduzo, não crio nada — ele disse.

— Muito bem — eu falei. — Você deve então terminar sua tradução. Vejo que este é apenas o vigésimo oitavo canto, a parte que se refere ao conto audacioso de Giacomo. Fique em casa, longe da festa, até que você tenha traduzido o poema *inteiro*, todos os quarenta e seis cantos. Depois, você pode apresentá-lo para mim.

— Vossa Majestade me define uma tarefa hercúlea — disse ele. — Como estudiosa de italiano que sois, sabeis muito bem.

— Como estudiosa de italiano, ficarei orgulhosa que meu afilhado produza a primeira tradução completa em inglês. Afinal, foi publicado na Itália em 1532. Isso foi há muito tempo — um ano antes do meu nascimento, muito tempo de fato.

— Então, irei dedicar-me a essa tarefa — ele concordou.

Sempre foi muito leal esse meu afilhado. Gostava muito disso nele. E ele nunca me pediu nomeações, privilégios nem favores. Gostava ainda mais dele por isso.

## Agosto de 1591



**E**ssex havia vencido. Henrique IV havia vencido. Com profunda desconfiança enviei um para ajudar o outro. Essex implorou de joelhos por duas horas (duas horas!) em meu quarto para mandá-lo à França. Henrique IV mandava seus enviados, um atrás do outro, sempre com o tratado defensivo em mãos.

Os espanhóis invadiram o norte da França em dois frentes, tentando garanti-los como aliados católicos, erradicando o rei herege e seus huguenotes.<sup>8</sup> De lá, eles poderiam canalizar material para os Países Baixos para nos atacar de maneira mais eficaz. Havia até mesmo o perigo de que todo o norte da Europa se aliasse à Espanha. Assim, para a segurança do reino, fui forçada mais uma vez a enviar tropas para o continente. Sempre um negócio triste, uma atitude tomada com o coração pesado.

No último mês de julho inspecionei as tropas de Essex, todos equipados em suas fardas amareladas e brancas. Havia cerca de 4 mil deles e outros 3 mil mais, sob o comando de “Black Jack” Norris, já haviam cruzado o Canal.

Essex tinha apenas vinte e três anos e nunca havia comandado uma expedição. Ele segurava a espada Sidney



como Artur segurava excalibur, mas ela não tinha magia para conferir-lhe valor nem força, era apenas um pedaço de metal. Fui forçada a confiar num menino tão inexperiente que agora era um general. A verdade é que a Inglaterra tinha poucos comandantes de terra experientes. Nossa sorte é que as vitórias inglesas aconteciam no mar.

Ele foi, mas com uma série de instruções. Não devia comandar nenhuma tropa em ação de seu posto em Dieppe até que o rei francês tivesse cumprido as promessas enunciadas no tratado de aliança. Não podia, sob nenhuma circunstância, conferir o título de cavaleiro a ninguém, exceto por ações realizadas com excepcional bravura. Eu detestava a ideia de títulos gratuitos. Nunca os entreguei indiscriminadamente. Para ser um “*sir*” na corte da rainha Elizabeth era preciso *ter feito algo* para merecer.

Ele saiu para navegar, levando com ele minhas preocupações, no fim de julho. Deixei Londres para começar dar início à procissão pelo reino daquele ano. Durante o difícil período vivido nos anos de 1580, as procissões foram suspensas. Sentia muita falta delas, pois sempre me servira como um contrapeso leve e bucólico aos palácios fechados, sem ar e cheios de intrigas no inverno.

Sabia que era uma ilusão. Sabia que qualquer aventura que exigisse 400 carroças e 2.400 cavalos, que exigisse que um indivíduo ampliasse sua casa para acomodar visitantes da realeza, que aproveitasse da imaginação de cada pessoa que vive nas proximidades para ter música, versos e trajes alegóricos, dificilmente seria algo descontraído. Trabalho, o trabalho está por trás de tudo.

Todavia, quando tudo fica pronto, como a máscara que emerge faz com que tudo pareça tão prazeroso. Gosto de pensar que em troca dou a eles algo intangível, algo que poderão guardar na memória. Espero que um pouco de mim ainda fique em cada lugar e cada pessoa que visito durante a procissão.

Naquele ano, iria para o sul, em uma longa procissão. Já havia ansiosamente traçado o meu percurso: saindo de Londres, desceria, passando por Sussex, e faria uma visita às cidades costeiras de Portsmouth e Southampton antes de voltar para Londres. Meus conselheiros, Cecil pai e Cecil filho, e eu nos debruçamos sobre mapas, mandamos cartas para possíveis anfitriões na rota e discutimos benefícios políticos da procissão.

— Quero esperar em Southampton pela visita secreta de Henrique IV — disse. Faria sentido para ele atravessar o Canal até Southampton para que acertássemos os toques finais de nosso tratado. Além disso, estava curiosa para vê-lo, ele era meu próprio reflexo além de um companheiro teológico: um governante protestante de um país controverso.

— Como o povo diz, senhora, eu não esperaria por isso — disse Burghley, ofegante. — Henrique IV é uma criatura astuta.

— Seu protestantismo pode não ser tão seguro quanto o de Vossa Majestade — disse Robert, *sir* Robert Cecil.

Eu o havia tornado cavaleiro no início do verão em reconhecimento à sua excelente política e lealdade. Também o indiquei, aos vinte e oito anos, para o Conselho Privado. O pai dele ficou orgulhoso. Mas Robert fez por merecer, nada havia sido herdado.

E assim começou, durante o último verão, o que mais tarde veio a ser conhecido como a guerra dos dois Robert: Cecil aqui dentro, praticando política, e Essex lá fora, manejando uma espada.

— Não me interessa o grau de firmeza, contanto que ele continue a ostentar o rótulo. A devoção exagerada em um governante pode ser perigosa, pode acabar como Filipe II.

Ah! Como era bom montar e cavalgar, sair da cidade e ir para o campo. Agosto é um mês de trabalho e abundância, o tempo em que as colheitas estão chegando e podemos ver os resultados reais do nosso trabalho. Se ele não tem o

alvoroço e a promessa da primavera, pode apresentar a plenitude da conclusão.

Atrás de mim estavam vagões e mais vagões barulhentos com todas as coisas que seriam necessárias para nossa procissão. Levava todo o meu mobiliário comigo, minha cama e toda a tapeçaria, meu guarda-roupa e uma escrivaninha, cadeiras e armários, assim como coisas de uso pessoal. Várias carroças levavam minhas malas de roupas.

A maior parte da corte viajava comigo, exceto os lordes que precisavam atender às suas propriedades. Estava bem consciente de que nem todos consideravam a minha procissão como algo importante. Na verdade, muitos cortesãos consideravam-na uma dificuldade, andar pelo interior e ficar em acomodações que podiam não estar dentro dos padrões de conforto que desejavam.

Escolhi Cowdray como nosso destino, na casa de *sir* Anthony Bowne. Ele era velho, bem, talvez não tão velho, tinha apenas seis anos mais do que eu. Era católico, porém isso não era um problema.

Ainda em Tilbury, quando Filipe estava contando que meus súditos católicos me traíssem e apoiassem sua invasão, Anthony me trouxe duzentos cavaleiros e declarou “viver e morrer em defesa da rainha do meu país”. Quando a crise veio, ficou ao meu lado em vez de ficar ao lado do papa. Agora, iria visitá-lo em casa e mostraria pessoalmente meu apreço à sua lealdade.

E assim marchávamos, revolvendo colunas de poeira. A caravana estendia-se tanto que até a perdia de vista. A novidade chamava a atenção e trazia as pessoas para as ruas para vê-la. Estava cansada e meu rosto ardia por causa do pó, mas sorria e acenava, sentada bem ereta na sela. Aquela podia ser a única vez que me veriam na vida. E é assim que se lembrariam de sua rainha.

Fizemos uma curva na estrada, descendo, conforme nos aproximávamos de um córrego que só podia ser atravessado por uma ponte de pedra antiga. Ao cavalgar

sobre ela, ouvi um barulho rio acima e em seguida vi um bando de gansos nadando em direção à ponte. Um grupo de rapazes os perseguia, agitando paus e gritando. Um deles pulou na água e nadou atrás dos pássaros, mas rapidamente se distanciaram.

Da ponte gritei, rindo:

— Vocês nunca nadarão mais rápido do que um ganso!

Os garotos pararam e ficaram olhando. Era óbvio para eles que eu não era uma amazona qualquer. Mesmo assim eles não conseguiam entender exatamente quem era aquela mulher, cercada de cavaleiros e seguida por um enorme séquito.

— Eles fugiram! Seremos chicoteados se não pegá-los — um deles disse.

— Escaparam da sua fazenda? — perguntou Cecil adiantando-se.

— Não, da feira de gansos! — disse outro. — Centenas de gansos para venda ou troca e os nossos foram embora!

— Deixe-os ir — eu disse. — Pagarei por eles. Os gansos estavam do outro lado da ponte.

— Mas nossos pais vão nos punir por não termos cuidado deles de forma correta — disse o primeiro garoto, com as mãos na cintura.

— Ah, não após eu explicar o que aconteceu. Vocês podem nos levar até a feira de gansos? E também até seus pais?

O segundo e o terceiro garoto no rio agora tinham aquela expressão que indicava subitamente ter percebido quem eu era. Eles começaram a se cutucar, sussurrando. Finalmente um deles gaguejou:

— A senhora é... a senhora é a nossa rainha?

— Exatamente — garanti a eles.

— Mas, aqui em Branston's Crossing? Aqui, conosco?

— De fato, estou. Estou fazendo uma procissão até Cowdray, com todos os meus amigos. E, depois que me levarem até a feira, descerei do cavalo e vocês poderão ver

com seus próprios olhos. Estou ansiosa para conhecer os *seus* amigos.

O arcebispo Whitgift balançava a cabeça de forma agourenta. Ele olhou para o sol, que já estava a meio céu.

— É a rainha! A rainha! — os garotos gritavam.

— Quietos — avisei. — Não vamos fazer uma surpresa aos seus pais e aos feirantes?

Eles correram para longe, mostrando o caminho, e saímos da estrada principal, dizendo ao comboio de carroças que esperasse, seguimos então o rastro de poeira ao longo das margens do rio. Não tínhamos ido muito longe quando ouvimos o clamor da multidão e nos deparamos com a feira.

O barulho vinha não das pessoas, mas de uma multidão de gansos, que buzinava furiosamente. Um bando deles espalhados por ambas as delicadas e inclinadas margens do rio, seus proprietários negociando com compradores ansiosos. Gaiolas, alimentação, tendas e outras parafernalias relacionadas a gansos marcavam a área de cada proprietário.

Os garotos corriam à nossa frente, abrindo caminho. E, sem guardar segredo, eles gritavam: “A rainha! A rainha!”

Todos ficaram paralisados, exceto os gansos. Centenas de cabeças voltaram-se para mim. Ergui a mão e disse:

— Por favor, meu povo, garanto-lhes que vim apenas para ver como é uma feira de gansos. Creio que vocês poderão me mostrar.

Os garotos correram para buscar seus pais, que rapidamente vieram até mim. Eles olharam, perplexos e gaguejaram:

— Vossa... Vossa Majestade.

— Acalmem-se — eu disse. — Sou sua convidada aqui e espero que me mostrem do que se trata essa feira de gansos — desci do cavalo e meu pajem conduziu meu cavalo. Voltei-me então para os pais das crianças: — Como vocês se chamam?

— Meu nome é Meg — disse a mulher. — Meg Harrigan — respondeu, jogando o cabelo para trás, enquanto ajeitava o

lenço. Era uma mulher robusta e usava um avental manchado.

— Eu sou Bart — disse o marido dela. — Vossa Majestade, eu... nós...

Fiz sinal para que ele ficasse em silêncio.

— Para mim, é uma honra estar aqui — ri despreocupadamente. — Nunca sou convidada para essas coisas, somente para banquetes diplomáticos e discursos maçantes. Não se pode apreciar do que se é poupado. Agora, mostrem-me seus gansos! E, por favor, não castiguem seus filhos, pois tentaram de tudo para conseguir recuperar os gansos perdidos.

Atordoados, andando feito zumbis, Meg e Bart mostraram-me seus gansos. Normalmente reagiam assim e já estava acostumada com isso. Era meu dever fazê-los relaxar e assegurar-lhes que em minha presença precisavam apenas ser eles mesmos.

— Então, todos os anos, nesta mesma época, há uma feira de gansos? — perguntei.

— Sim. Acontece desde os tempos dos normandos. Trazemos nossos melhores gansos e tentamos conseguir outros para aumentar nossos rebanhos. Temos muito orgulho dos nossos gansos. Eles fornecem as melhores penas da região, assim como a carne mais apreciada.

— E eles fazem barulho para avisar sobre invasões — disse Cecil, tentando se entrosar.

Mas Meg e Bart não sabiam sobre os gansos do Capitólio que fizeram barulho e alertaram os antigos romanos sobre os inimigos tentando entrar em Roma. Seus olhares expressavam confusão ao esboçarem um sorriso.

— Deixe isso para lá — eu disse. — Já aconteceu há muito tempo. Agora, fale-me sobre a fazenda de vocês — pedi informações para desviar a atenção deles de Cecil.

— Nós... nós cultivamos trigo e temos um pomar. Nós... fica aqui perto. Não temos muito, mas nossa produção é boa.

De súbito, a multidão perdeu a inibição sobre a misteriosa visita e agora as pessoas se aglomeravam ao meu redor.

— Meus queridos! — bradei, levantando os braços. — Sou hóspede dos caros Meg e Bart e estou honrada de estar aqui com vocês hoje. — Virei-me para Bart e perguntei — Qual é o prêmio principal?

Ao perceber que ele não entendeu, eu disse: — As feiras sempre têm jogos e os jogos sempre tem prêmios, e um deles é sempre o melhor. Qual é o seu?

— É... é... a caça aos ovos dourados de ganso.

— Ah! Existe tal criatura que ponha esses ovos? — provoquei.

— Não. Apenas fingimos. Há um ovo de madeira pintado de ouro que está escondido, a criança que o encontrar será recompensada com um novo par de sapatos.

— Vocês sabem onde o ovo está escondido? — perguntei.

Ele riu. — É claro. Fui eu que escondi!

— E se eu encontrá-lo...?

— Eu teria que levá-la até lá, Majestade — disse solenemente.

— Então, vamos.

Enquanto todo mundo acompanhava, fascinado, segui Bart, passando por uma rocha, depois uma árvore de tronco grosso, até entramos no campo por fim. Uma pequena pedra, facilmente levantada, revelou o ovo de ouro. Peguei-o e ergui.

— Encontrei — eu gritei.

As pessoas respeitosamente aplaudiram. É claro que eu tinha encontrado. Tinha sido levada diretamente a ele por um súdito completamente encantado com a minha presença. Como ele poderia recusar? Agora o jogo estava arruinado. A rainha iria embora e não haveria mais nada para o povo na feira.

— É adorável — eu disse, examinando o ovo de todos os lados. — Muito bem pintado. Tão bonito que vou guardá-lo comigo e cuidar dele para sempre.

Novamente, sorrisos amarelos das crianças. A rainha era muito boa e tudo ia muito bem, mas, com relação ao jogo, estaria tudo arruinado?

— Quanto vocês acham que vale isso? — perguntei. — Um belo ovo de madeira, esculpido por meus estimados súditos. Para mim não tem preço.

Olharam-me novamente, em silêncio, ainda incertos do que dizer.

— Declaro que não é possível avaliar. Mas, mesmo assim, devo pagar por ele. O que vocês dizem de... quinze peças de ouro? Para ser dividido entre vocês?

As pessoas bradavam:

— Abençoada seja a rainha!

— E pela perda dos seus gansos — disse, virando-me para Meg e Bart. — Aqui está... — contei algumas moedas sobre as quais eu estava certa de que valiam mais do que os gansos que haviam fugido. — Agora gostaria de conhecer alguns de vocês. E por favor, ensinem-me alguma coisa sobre gansos, como reconhecer um ganso bom e um ruim. Só sei dizer algo pela aparência que têm quando estão sobre minha mesa de jantar.

Eles me explicaram tudo e eu tive uma tarde muito espontânea, que significou muito mais do que qualquer banquete ou cerimônia formal.

Os campos pardos e eriçados estendiam-se de ambos os lados, era o crepúsculo. Então, subitamente, como uma aparição, um tom de verde resplandeceu. Cowdray Park surgiu à nossa frente, com gramados verdejantes cobertos de castanhas, uma longa ponte cercada por um corredor duplo de árvores que conduziam até o rio Rother que dava para a cidade. Da ponte, dava para ver a grande fachada de pedra da mansão, com o nobre portão. Logo acima, o lema da família "*Suivez raison*" — "Siga a razão" — estava registrado.

*Sir Anthony* estava lá para nos receber, quase me arrancando do cavalo.



— Estou sem palavras — ele disse. — Estou mais que honrado que minha soberana tenha vindo até mim.

— Eu é que estou honrada por ter súditos como você — garanti. — E trago um presente dos seus vizinhos — disse, apontando em direção à gaiola cheia de gansos que os feirantes insistiram que aceitássemos. Não era um presente real exatamente, mas estava curiosa para provar a famosa ave.

Já estava escurecendo. Sentia-me dolorida por causa das muitas horas sobre a sela, queria apenas ir para os meus aposentos. Espero que não haja jantar, nenhuma recepção, não hoje à noite!

Fomos levados pelo pátio em direção ao alojamento principal, e *sir* Anthony e sua esposa já haviam desocupado seus quartos para mim. Eu tinha à minha disposição a sala de visitas, o quarto grande e o salão, que ficava ao lado do salão principal. Mesmo com a claridade quase acabando, pude ver a beleza do grande lustre no teto do salão. Mas as janelas da sacada dos meus aposentos eram ainda mais belas, brilhando com a luz, dizendo-me que ali dentro haveria descanso.

As camas estavam arrumadas, a roupa de cama alinhada e os travesseiros afogados para dissipar a poeira da estrada, e distribuídos para mim e para as senhoras em seus quartos adjacentes. Velas acesas em arandelas colocadas sobre painéis de madeira, trazendo sombra ao painel de madeira atrás delas. Uma caneca de prata com um pouco de bebida quente foi entregue a mim para que eu bebesse um pouco antes de me deitar. A alegria de ir para a minha cama, finalmente, após um longo dia, era primorosa.

Não conseguia dormir. Depois de todo o meu empenho para conseguir me deitar, ainda permanecia bem acordada. Podia também ouvir Marjorie, Helena e Catherine respirando profundamente no quarto ao lado.

Silenciosamente, levantei-me da cama, calcei os chinelos e peguei uma manta. Segurei o candelabro que estava ao lado da minha cama e saí do quarto. Dava para adivinhar a distribuição dos quartos, ela sempre seguiam um padrão semelhante. O menor e mais reservado era ligado a um quarto maior, onde minhas damas agora dormiam, e esse era ligado a uma sala grande e depois a outra maior. Passei pela primeira o mais silenciosamente possível.

Queria encontrar a galeria e andar rapidamente, certamente isso me deixaria com sono. Talvez, eu tivesse ficado sentada por muito tempo na mesma posição na sela no caminho até aqui.

Estava muito escuro nos outros quartos, as enormes janelas de nada serviam quando não havia luar. Tropecei no piso irregular, mas me segurei para não cair.

Encontrei a enorme galeria, um túnel sem fim. Uma tocha flamejante bem ao fundo me mostrava onde ele terminava. A casa grande dormia como se estivesse sob um feitiço.

Havia uma porta entreaberta na metade do caminho cuja soleira era feita de mármore. Entrei, esperando o mesmo cheiro seco da galeria de pedra. Mas senti um inconfundível odor de incenso e de mais alguma coisa... algo familiar.

Não conseguia ver nada. Estava completamente escuro. Tateei o lugar com cuidado, sentindo o chão com meus pés, estendendo os braços. Esbarrei num banco e então percebi que estava numa capela. Aquele cheiro... era o cheiro de velhos paramentos de cetim. Ouvi um som indistinto passar apressadamente e instintivamente estremeci, pulando para trás. Ratos? Mas aconteceu de novo, agora mais alto, parecia ser um animal maior. Era de um homem.

Em seguida, uma luz surgiu, uma vela bem no alto. Um grupo de homens estava reunido no fundo da capela, perto da pia batismal. Dava para ver o brilho dos trajes drapeados nas costas. Um padre celebrava algo. Um murmúrio, o padre fazendo perguntas e vários outros respondendo. Em seguida, o fio de água correu, e então, mais murmúrios. Era

um batismo. Alguém estava sendo batizado à meia-noite numa igreja escura.


Fiquei completamente paralisada, não de medo, mas para não ser vista e poder continuar observando. Precisava ver tudo.

No entanto, a luz era tão fraca. Mal conseguia ver quantas pessoas estavam lá, cinco, e se eram todos homens. Como fantasmas, dissolveram-se e dispersaram-se, saindo sorradeira e silenciosamente por outra porta perto do altar.

Depois de um longo tempo em silêncio absoluto, aproximei-me da fonte. O cheiro de incenso era mais forte ali, a borda da fonte ainda estava molhada com gotas de água. No chão, havia um pedaço quadrado de papel que fora deixado para trás. Vi que tinha o rosto de um santo, peguei-o do chão.

Alguém havia se tornado católico de maneira ultrassecreta.



ol brilhava intensamente sobre a longa mesa colocada no pomar de Anthony Browne, arrumada para um piquenique. Os espectros da noite anterior pareciam apenas a lembrança de um sonho. Se não tivesse guardado o papel com a imagem do santo, não teria nenhuma prova, nem mesmo em minha própria mente, do que tinha ocorrido.

Mas agora, olhando para todos os componentes da mesa, imaginei rosários nas mãos que seguravam apenas colheres, ouvindo latim quando os sotaques eram de Sussex, vendo jesuítas em todos os hóspedes que vestiam capas pretas. Pois todos os empregados da casa usam roupas pretas, como as de uma escola que formava vários jesuítas.

Era sabido que Sussex abrigava católicos e por muito tempo rumores diziam que Cowdray era um centro de conversões. As propriedades dos aristocratas católicos serviam como paraísos religiosos. Mas a lealdade de Anthony Browne era também muito conhecida, e fiz dele exemplo de como religião e lealdade deviam ser mantidas separadamente.

Não era uma deslealdade *ser* católico, mas sim atender ao pedido do papa de me tirar do trono. A questão sempre foi

preocupante, até que a primeira provação veio, a quem um católico escolheria seguir? A execução de Mary, rainha dos escoceses, tirou qualquer alternativa católica para mim como rainha, e o fracasso de fazer católicos ingleses ficarem em oposição durante a crise da Armada parecia ter respondido à pergunta. Mas seus líderes, exilados ingleses, fomentando planos pelo Canal, não desistiam tão facilmente.

Continuavam enviando padres missionários constantemente para converter o país de volta ao catolicismo. Como resultado, o catolicismo tinha se tornado uma fé familiar secreta, e as grandes propriedades mantinham capelas e escondiam padres em suas instalações. Quando os inspetores apareciam, os sacerdotes podiam viver por dias dentro dos quartos secretos chamados de “buracos dos padres”. Tinham que ser pequenos para escapar da detecção nas paredes. Era quase impossível pegá-los, embora centenas tenham sido presos.

Fiquei observando o rosto sorridente de Anthony Browne, perguntando-me se ele sabia mesmo dos acontecimentos da meia-noite em sua capela. Talvez tenham considerado desnecessário contar-lhe, para não colocá-lo em perigo.

A brisa do fim do verão acariciava as folhas no pomar e em todo entorno podíamos ouvir as maçãs maduras caindo no chão. Cowdray era um oásis de fertilidade e de verdes campos em meio à aridez, mas, conforme a comida foi sendo servida em travessas com os gansos especiais da feira, bem como caças, peixes, queijos, tigelas de peras, frituras locais e jarros de bebidas e cerveja, eu me perguntava como Anthony conseguia alimentar todos nós.

A mesa posta tinha quarenta e cinco metros, de acordo com Anthony. Uma toalha de linha foi esticada sobre ela, travessas de madeira e taças faziam com que nos sentíssemos tão descontraídos como uma corte itinerante jamais poderia imaginar. Respirei profundamente, saboreando o cheiro das maçãs caídas.

Num momento como aquele, era fácil sentir que eu estava cercada por pessoas honestas e simples. Mas, ao meu redor, mesmo sem as golas engomadas e as calças acolchoadas, os cortesãos eram tão egoístas quanto lobos.

Ao meu lado estava o anfitrião e ao lado dele John Whitgift, uma interessante distribuição. Os velhos Burghley e Hunsdon tinham ficado em casa, mas seus filhos, Robert e George, respectivamente, estavam sentados, encantados, mais adiante. Minhas damas, como sempre, sentaram-se juntas, usando chapéu de palha para proteger a pele. Sob as árvores, um grupo de músicos tocava canções típicas do interior, alegres melodias que não tinham nada de formais nem clássicas. Uma moça era leal e não “uma escrava de Afrodite” e um homem era corajoso e não “semelhante a Heitor”. As pessoas que conheciam e adoravam essas músicas cantarolavam com eles, sentando-se na ponta da mesa.

— Você tem criados fiéis, *sir* Anthony — disse, cumprimentando-o. Tomei um gole de sidra que havia acabado de ser produzida, ainda estava doce e nada inebriante.

— Como Vossa Majestade sabe — ele disse pausadamente —, a lealdade é a característica mais valiosa daqueles com os quais tratamos.

*Será* que ele sabia sobre a cerimônia secreta em sua capela? Ou alguém estava sendo desleal com *e/e*?

— E a mais difícil de ser obtida — eu disse. Se ele não sabia, estava participando de um jogo perigoso.

— Fui até a capela para rezar hoje de manhã — disse Whitgift repentinamente, inclinando-se para a frente.

— Iria levá-la lá depois disso tudo — disse Anthony. — Creio que estou sendo um anfitrião muito lento. Teria ele ficado apreensivo com o fato de que Whitgift já tinha passado por lá antes?

— Este bom e velho nariz — disse Whitgift, tocando a ponta do longo e fino nariz — já sentiu o odor do incenso

muitas vezes e conhece muito bem o cheiro. *Sir*, sua capela cheirava a incenso pela manhã.

— Talvez seu nariz tenha se confundido. O tempo faz isso. Falo como alguém que vem sentido o fardo do tempo. Ora, sei que o odor das maçãs era muito mais intenso por aqui em minha juventude — respondeu Anthony.

— Eu ainda posso farejar uma doninha e o incenso era quase tão intenso — Whitgift tinha provocado nosso anfitrião, confirmando minhas suspeitas. Agora tenho de puxá-lo pelo colarinho e pedir explicações.

— Não há nada ilegal com relação ao incenso — falei em voz alta. — Nós não queimamos incenso para afastar as traças e encobrir odores do leito dos enfermos? Ora, ora, senhor, está se preocupando à toa. Desfrute do ar puro do campo e pense no prazer de estar aqui fora. Porque apenas um clérigo procuraria uma capela fria e escura num dia como este.

— Minha senhora, eu *sou* um clérigo, o mais importante da terra.

— E tem mostrado isso, John, certamente — fiz um sinal com a mão e disse: — Dançarinos, lá vêm os dançarinos! — entraram marchando no jardim, vestindo saias esvoaçantes e calças artesanais, os garotos e as garotas do vilarejo presentearam-me com um buquê e leram um discurso de boas-vindas, depois bateram palmas sinalizando os músicos para que começassem a tocar.

Ao som da gaita e do tamborim, os dançarinos espalhados sob as árvores, primeiro posicionavam-se de forma imponente, depois faziam movimentos rápidos. Anthony e sua esposa levantaram-se para dançar, em seguida, George Carey, convidando uma das damas de honra.

Depois, os raios de sol sob as árvores formavam um redemoinho em movimento. Olhei ao redor, somente eu, Whitgift e Robert Cecil havíamos ficado ali. E a razão era óbvia: éramos igual e demasiadamente solenes, sagrados ou desengonçados de alguma maneira.

Os dançarinos sob as árvores... ah, em outros tempos Leicester me pegaria pela mão e dançaríamos até cansar.

— Se me permite — uma voz disse. Vi um jovem, logo à minha frente, com a mão estendida. — A cerimônia fica de lado, assim disse meu mestre — ele continuou. — Assim como o mestre da Noite de Reis. Ouso perguntar se a senhora dançaria comigo.

Ele era alto, encorpado, com cabelos castanho-avermelhados. O sotaque era inconfundivelmente de Yorkshire.

Levantei-me e dei-lhe minha mão, ele então me conduziu até um espaço livre, longe dos dançarinos. Sem perder tempo, começou a dançar, uma dança simples do interior, nada parecido com as danças que Leicester conduzia tão bem. Aquela dança requeria velocidade e força, e nada de sutileza.

Seus olhos escuros analisavam-me e eu tentava não demonstrar que estava satisfeita por ter sido resgatada daquele canto previamente determinado.

— Todos sabem que a senhora dança muito bem — disse ele. — Estava esperando para ver com meus próprios olhos.

Ele abaixava e levantava a cabeça, no ritmo do passo da dança. Tinha uma presença altiva.

— Quem é você, senhor? — perguntei.

— Quando as regras não valem, mesmo assim, somos obrigados a dizer nossos verdadeiros nomes?

— Quando a rainha pergunta, sim — eu disse. Ele sabia que eu era a rainha, como eu não poderia conhecê-lo?

— Gostaria de poder dizer que sou Gawain ou Ricardo Coração de Leão, mas sou apenas Guy Fawkes de Farnley, um criado de *sir* Anthony Browne. Nem mesmo sou *sir*.

— Está bem longe de casa, se veio do norte — eu disse.

— E vou mais longe ainda — disse ele. — Acabo de chegar à maioridade e agora não preciso servir a mais ninguém. Quero ir para o continente, aprender a lutar.

O que há com os jovens? Continente, lutas?



— Venha à corte em vez disso — eu disse. Eu poderia usá-lo na Guarda da Rainha.

— Fui chamado para outro lugar — ele respondeu. — Mas agradeço à Vossa Majestade.

Yorkshire... norte, onde os católicos eram muito fortes... servindo na casa de *sir* Anthony...

— De que lado lutará? — perguntei repentinamente.

— Eu... eu... do lado inglês, certamente.

Ah, mas havia ingleses em ambos os lados.

— Tente escolher os ingleses certos para defender. Tenho forças na França neste exato momento sob o comando de *sir* John Norris e do conde de Essex. Posso colocá-lo lá.

— Sua Majestade é muito gentil — ele disse, fazendo uma reverência.

No entanto, não pediu indicações nem recomendações.

— Jantaremos em Easebourne amanhã — eu avisei. — Venha até mim e terei alguns documentos para você.

— Easebourne? — ele disse lentamente. — Eu evitaria ir para lá.

— Por quê? — indaguei surpresa.

— É amaldiçoado. E aqui também, Cowdray. Estou contente por poder sair daqui antes que a maldição se torne realidade. Easebourne já foi convento e chão santo um dia. A dissolução dos mosteiros e a transformação em propriedade de cortesãos não anularam seu poder nem sua santidade. Um monge proferiu uma maldição de fogo e água contra os espoliadores. Esse lugar (ele acenou em direção às pacíficas pedras de Cowdray) perecerá sob o fogo e seus donos sob a água. As construções derreterão e os proprietários se afogarão.

Enquanto ele falava, seu sotaque do norte ficava ainda mais forte.

— Não sabemos quando. Poderá ser amanhã ou daqui a muitas gerações.

— Tudo se acaba depois de muitas gerações — eu disse. — Mesmo as coisas das quais cuidamos tanto para

conservar. Não precisamos recorrer a nenhuma maldição para explicar isso.

— Como quiser, minha senhora.

— Ele fez uma reverência e saiu rapidamente.

Assim que o piquenique acabou, *sir* Anthony e sua esposa quiseram me mostrar os passeios e os jardins da casa. Ele tinha um tradicional jardim inglês, bem elaborado, várias fontes com trilhas de cascalho em torno delas, pesados caramanchões com videiras e um jardim com perfumes de goiveiros-amarelos, alecrim, lavanda e rosas vermelhas e brancas, obviamente.

— Meus jardineiros estão tentando com muito empenho criar uma verdadeira rosa Tudor — ele disse. — Aquela com pétalas vermelhas e brancas. Até agora só conseguimos listradas.

— Nós, Tudor, temos muitas listras — garanti. — Creio que sou a mais listrada de todos, pois tento incorporar todos os pontos de vista possíveis, exceto os traidores. Mas os meus limites para a traição são mais tolerantes do que a maioria — pensei em mencionar a capela e o que tinha testemunhado lá, mas então me lembrei do lema que havia escolhido: “*Video et taceo* — Vejo e não digo nada”.


— Temos grandes tanques de peixes no pátio — disse ele ao nos aproximarmos de um deles. Várias redes foram amarradas em todo o tanque e um pescador estava sentado em uma das extremidades. À medida que nos aproximamos, ele começou a recitar um monólogo, obviamente ensaiado, sobre traição. Depois de enumerar os seus males, ele terminou dizendo:

— Alguns têm o espírito tão enlameado que não podem viver num rio de águas claras, da mesma forma que os camelos não beberão água antes de agitá-la com a pata primeiro, essas pessoas não podem matar a sede até que tenham agitado o estado com suas traições. — Para ter certeza de que eu tinha ouvido tudo, ele quase gritou as

últimas palavras, algo realmente estranho para uma reflexão particular.

— Muito incenso pode também enlamear o ar — alertei *sir Anthony*. — Tenha cuidado, meu caro. *Verbum sapienti sat est*<sup>9</sup> — ele devia apreciar o latim.



 brisa que vinha do Canal era salobre, fazendo meus lábios arderem. Eu estava parada no cais de Portsmouth, após ter saído de Cowdray indo para o sul até onde a terra podia alcançar . Do outro lado, cerca de cento e cinquenta quilômetros ou mais, estava a Costa Norte da França. O rei Henrique IV poderia facilmente atravessar o Canal e me encontrar. Já o tinha convidado. De um soberano para outro, podia apenas convidar e não comandar. Mas seria de seu interesse aceitar. Tinha certeza de que ele aceitaria.

Não tinha recebido notícias ainda do meu exército e de como estava se saindo. Essex e seus homens deveriam esperar em Dieppe e juntar-se ao rei Henrique na tomada de Rouen dos espanhóis. Por Deus, se o rei francês valorizava sua autopreservação, devia vir rapidamente ao meu encontro.

— Minha senhora, vamos recorrer à hospitalidade do prefeito — disse Robert Cecil, ao meu lado.

Concordei com um aceno de cabeça e ele piscou como se tivesse entendido. Nós dois sabíamos o que estava em jogo ali. Robert era tão astuto quanto seu pai, mas mais disposto a guardar segredo, ou, devo dizer, a fazer negócios ocultos. Devíamos fingir que estávamos ali apenas para ouvir a

recitação das glórias da derrota da Armada, para ver a reconstituição da batalha que tinha acontecido exatamente em Portsmouth, pela Ilha de Wight.

O prefeito organizou uma comemoração sobre aquele glorioso dia de verão, a terceira batalha da invasão da Armada. Os espanhóis tentaram desembarcar na Ilha de Wight para montar uma base a apenas três quilômetros do continente.

Enquanto acompanhávamos, barquinhos vigiavam as águas um pouco além do cais, bandeiras tremulavam nos mastros identificando os “espanhóis” ou os “ingleses”. Eles demonstrariam algumas das táticas navais usadas na batalha.

Cadeiras de veludo foram trazidas para os espectadores homenageados e nos deixamos levar pelo espetáculo.

Na água, os barcos da exibição, ostentando grandes estandartes para identificar suas funções, imitavam a ação. A bordo do navio “espanhol” Duquesa Santa Ana, um ator jogava fora montanhas de pergaminhos enrolados, gritando, “A bula! A bula! O santo padre tem um carregamento inteiro de bulas!”.

Ah, bem, o ardiloso papa Sisto já não estava mais entre nós e talvez estivesse encantado com nossa encenação, olhando lá de cima... ou olhando lá de baixo? Bem, não *quero* saber o destino eterno do homem. Que descanse em paz.

Outro navio “espanhol” passou, estava identificado como a nau capitânia do próprio supremo comandante Medina-Sidonia, San Martin. Os homens a bordo davam cambalhotas e exibiam-se, usando penachos enormes, tingidos com cores escandalosas, que flutuavam e balançavam nos chapéu. “Ao desfile em Londres!”, eles gritavam. Todos riram muito. Diziam que o presunçoso duque do Parma teria solicitado, na época, seus ternos de veludo para a entrada triunfal em Londres. Agora, se eles sobreviveram a tudo, os ternos devem estar pendurados em seus aposentos zombando diretamente daquele orgulho

vazio. Deveriam ser rasgados e usados para fazer curativos em suas feridas.

Na batalha real, o vento (o vento inglês como gostávamos de dizer) havia virado a nosso favor. Todos conheciam aquela parte da história de cor. Nossos navios não dependiam mais dos barcos auxiliares para puxá-los e eram capazes de manobrar por conta própria. O Triumph, de Frobisher, o maior navio da nossa frota, havia içado velas de onde estava preso e fora perseguido por San Juan de Portugal, o navio mais rápido deles, mas que mal se movia em comparação ao nosso.

Do outro lado, o almirante Howard e Drake haviam atacado e estavam pressionando-os em direção ao traiçoeiro Owers Bank, um banco de areia rochoso que se estendia da entrada do Canal até a Ilha de Wight, passando por Portsmouth e Southampton. Ah, se eles tivessem sido atraídos para lá! Mas aquilo foi só uma ilusão, os navios “espanhóis” da encenação a que estávamos assistindo afundaram e encalharam, mas na vida real eles viram o perigo a tempo e desviaram para longe.

Entretanto, ao desviar para evitar o banco de areia, perderam a entrada que estavam procurando e foram arrastados para fora e para longe do local de desembarque. Não havia lugar em que pudessem ancorar, foram então forçados a continuar no Canal.

— Ficamos acordados a noite inteira tentando ouvir qualquer barulho na água que pudesse significar que os espanhóis estavam desembarcando. Ah, vê-los navegando para longe, seus traseiros dourados brilhando no sol da tarde, foi a visão mais linda que eu já tive! — disse George Carey.

— Até que eles seguiram em direção a Londres atrás de nós — lembrei-o. As correntes defensivas que tinham sido amarradas em todo o Tâmesa haviam sido varridas na primeira maré da primavera e os fortes que protegiam os arredores da cidade não tinham sido concluídos. Aquilo deixou Londres com a pouquíssima proteção das fogueiras

nos faróis, sinalizando que a Armada estava vindo em nossa direção.

— Nossa única proteção estava em nossas paredes de madeira, como disse o oráculo em Delfos aos atenienses. Em ambos os casos, nossos navios — disse George.

Os barquinhos estavam vindo para a costa, a apresentação havia acabado, os remos levantados em saudação. Fizeram uma bela apresentação. Cumprimentei-os, acenando com um lenço.

O prefeito veio até nós, com um sorriso largo.

— Foi muito interessante — eu disse.

— Ainda não acabou — ele respondeu. — Temos ainda mais duas passagens sobre aquele momento heroico — atrás dele, trombetas soaram. — Primeiro, o homem que nos alertou — ele anunciou um homem curvado e desleixado e trouxe-o até mim.

— Esse é o eremita que vive nas ruínas da Capela de São Miguel em Rame Head, um pouco além de Plymouth, e que se manteve vigilante, sendo o primeiro a acender o fogo do farol.

— É ele mesmo? — inclinei-me para a frente para olhá-lo atentamente, o cabelo emaranhado, a capa esfarrapada, os pés empoeirados. Seria ele um velho monge, dos que restaram dos mosteiros proibidos? Será que ele vagava por aí, rezando com as contas do seu terço pelas ruínas de sua antiga clausura? Ou era apenas um louco?

— De fato sou, sim — ele disse, com uma voz tão fina quanta a geada. — Vigio o ano inteiro. Mas, quando vi aqueles navios, tão negros e robustos na água, velejando rapidamente em nossa direção, sabia por que estavam aqui. O inimigo. Acendi o fogo o mais rápido que pude.

Ele não era louco, a menos que tanta solidão o tenha afetado.

— Você fez bem — garanti a ele. Impulsivamente, peguei minha bolsa e tirei uma lembrança da vitória, um quadrado de pano de um dos estandartes capturados da Armada. Aqueles pedaços de pano eram vistos quase como relíquias

sagradas. — Isto é de um daqueles navios imponentes que agora não são mais imponentes, pois estão afundados!

— Eu, então, orgulhosamente o colocarei sobre o meu ombro — ele disse, sorrindo. Os lábios rachados evidenciaram parte dos dentes amarelados.

— E aqui está outro corajoso sentinela — anunciou o prefeito: — *Sir* George Beeston, bravo comandante do *Dreadnought* e corajoso guerreiro que a senhora viu em ação ainda há pouco.

Ele apontou para um homem alto que estava esperando ao lado dos trompetistas. A capa flutuava elegantemente ao vento e ele se portava como alguém que nunca havia carregado um peso na vida. Quando se aproximou vi que a barba era completamente branca e o rosto estava repleto de rugas, como uma bolsa muito usada.

Ele era velho! Curvou-se sobre um dos joelhos, o que ainda era flexível, percebi, e disse:

— Seu nobre esposo, senhora — olhando para Catherine —, nomeou-me cavaleiro assim que saímos do convés após a batalha. Eu, aos oitenta e nove anos de idade.

Poucas coisas me fazem chorar, mas fiquei com lágrimas nos olhos. Aquele senhor, defendendo o reino, me fez sentir orgulho de ser rainha do povo inglês como nunca antes havia sentido.

— Ouvimos falar de você, senhor — eu disse. — Permita-me dar-lhe algo para condecorá-lo por aquela batalha. Tirei o broche da Armada que estava usando, uma miniatura minha com a frota ao fundo, contornado por pérolas — Sua soberana está grata por ter tal súdito.

Muitos outros homens fariam objeção ou uma cena recusando, mas *sir* Beeston aceitou o presente e disse somente.

— É um tesouro para mim já que veio de vós.

— Ele não se demorou, olhando de maneira bajuladora para mim, como um homem mais jovem faria. Levantou-se rapidamente e saiu, mas gostaria que voltasse. Tudo o que é agradável desaparece muito rápido.



Acordei na manhã seguinte incerta de onde estava, ou, devo dizer, *em que momento* estava. Voltei completamente no tempo e tive a impressão de ainda estar enfrentando a guerra com a Espanha.

Não vim até Portsmouth para me divertir com belas lembranças de uma vitória, mas sim para saber onde estávamos no novo confronto. O rei Henrique IV *tem* que fazer a travessia para me encontrar. *Temos* que conversar pessoalmente. Ele era um homem inteligente e deveria saber disso. Eu o financeiei por tempo suficiente, de maneira que ele não tinha como não saber que era muito importante apresentar-se em minha corte.

Robert Cecil conhecia a urgência disso, e deixou isso claro nas cartas insinuantes que havia mandado ao rei francês. Cada vez mais eu confiava nele, na sua segurança e no seu bom-senso. O pai dele criou um valoroso sucessor.

Já fazia quinze dias que Henrique havia recebido nossa sutil convocação. Ele sabia em quais datas estaríamos em Portsmouth. Certamente, em algum daqueles dias, veríamos seu navio despontar no horizonte. Sentia que seria hoje.

Durante toda a manhã, fui constantemente até a janela espiar e Cecil balançava a cabeça negativamente.

— As mulheres de antigamente diziam “Chaleira vigiada nunca ferve” — ele disse. Eu ri.

— E observar o horizonte faz com que permaneça vazio. É uma verdade. — Mas, de alguma forma, achava que poderia fazê-lo aparecer.

Depois de quatro dias não podíamos mais esperar. Não havia mais nada a ser feito em Portsmouth e se demorássemos mais um dia ficaria óbvio que estávamos esperando por alguma coisa. Fiquei muito grata pela encenação da Armada e esperava que tivesse expressado minha gratidão o suficiente. Mas continuava olhando com tristeza para o mar enquanto o prefeito conduzia as cerimônias de despedida. Sentia como se tivessem

desertado, como se tivesse sido abandonada por um falso amor.

Logo descobri o que estava acontecendo na França. Não é de admirar que o rei não queria me enfrentar. Ele não conseguiu fazer uso das tropas que eu tinha enviado, desperdiçando vidas e meu dinheiro. Dos 4 mil homens que despachei sob o comando de Essex, a melhor e a mais bem equipada força expedicionária que já havia montado, somente 1.500 restaram. Os outros 2.500 perderam suas vidas por doenças enquanto esperavam em vão unir forças com os ilusórios franceses.

Essex, que se confundia com facilidade, levou-os para lá e para cá pelas montanhas e vales da França sem propósito nenhum a não ser o de gostar de usar a farda e comandar tropas. Como recompensa por tal tolice, condecorou vinte e quatro homens por terem feito nada. Fiquei pálida. Chamei-o de volta e publiquei minha declaração em destaque para que assim até o rei francês pudesse ler, ordenando que trouxesse as tropas para casa.

LETTICE  
Março de 1592



**E**stava novamente de luto. E dessa vez sentia profundamente. Uma mulher pode ganhar o apelido cruel de Viúva Alegre se percebe a morte de um marido não tanto como uma perda mas como uma libertação. É um sentimento comum, já que algumas mulheres conseguem disfarçar melhor do que outras. Mas nenhuma mãe recebe bem a morte de um filho, por mais rebelde que seja.

Meu filho mais novo, Walter, estava morto, meu menino. E ele estava morto por causa da irresponsabilidade de seu irmão, Robert, e de sua ambição arrogante. Dos meus quatro filhos, Walter nunca me dera desgosto. Tinha apenas vinte e dois anos, morto naquela guerra estúpida com os espanhóis na França sob o comando de Robert.

Como ficamos orgulhosos com a nomeação de Robert! E o nosso orgulho era definido da seguinte forma: a rainha havia concedido o comando a Robert. Ele estava começando a se destacar militarmente e sobressaindo dentre os outros cortesãos que estavam confinados nos corredores da corte.

Não que ela tivesse muito a escolher. Os homens aptos a comandar as forças de terra eram poucos. Havia “Black

Jack” Norris e depois... mais nada. Os marinheiros combatentes haviam se dispersado, Francis Drake e seu primo John Hawkins haviam caído em desgraça por causa da fracassada empreitada em Portugal, Richard Grenville fora morto depois de uma heroica, porém suicida, batalha de um homem só em seu navio Revenge contra cinquenta e três navios espanhóis, Martin Frobisher havia se retirado para viver no interior em Yorkshire.

Em outros tempos, haveria uma legião de jovens qualificados para ir a campo. Agora, havia somente Robert.

Ah, como havíamos nos alegrado com sua ascensão. Agora sua ascendência sobre o pequeno e escafarunchado Cecil parecia garantida. Em vão, seu amigo Francis Bacon nos lembrou que o comando militar não era o caminho para o poder em uma corte Tudor, assim não como foi no tempo de Henrique VIII.

— E a chance é ainda menor caso a governante seja uma mulher — Francis nos alertou. — Isso servirá apenas para ameaçá-la. Ela pode ser uma mulher formidável, mas nem mesmo ela não consegue liderar tropas em campo e qualquer homem em quem ela confie para fazê-lo terá seu ressentimento e não sua gratidão. Ela não admirará alguém que compensa a sua própria falta.

Odiava a maneira como Francis fazia suas observações presunçosas. Perguntei-me se ele não seria uma má influência para Robert.

— Como ela pode se ressentir com relação a alguém que lhe prestou um bom serviço? — Robert havia perguntado, tentando ajustar várias partes de sua armadura. Curvava seu cotovelo para cima e para baixo, testando a flexibilidade. A dobradiça rangia. — Será que uma dose simples de óleo resolverá isso ou as peças precisam ser substituídas? — ele ponderou.

— Ouça! — ordenei. As palavras de Francis continuavam me perturbando. — O propósito desse comando é promover sua carreira e suas ambições. Não vejo outro meio de fazer

isso a não ser pelo sucesso militar. Como você pode nos contrariar, Francis?

— Ah, ele deveria ir para a guerra. Ele compõe uma bela figura em seus trajes oficiais e isso lhe dará reputação. Mas sempre se lembre de que a rainha pode ter metas diferentes.

— Quais seriam outras metas que ela poderia ter a não ser esmagar os espanhóis? — Robert olhou aturdido.

— Veja a Bíblia — disse Francis. — “Como o céu na sua altura, e como a terra na sua profundidade, assim o coração dos reis é inescrutável”.

— Quando você começou a ler as Escrituras, seu ateu? — perguntou Robert.

— Você não tem que acreditar para reconhecer a sabedoria — disse Francis. — E não me chame de ateu. É perigoso!

— Nenhum coração é inescrutável — eu disse. — As possibilidades é que geralmente são bem poucas.

— Muito bem, então. Prepararei um relatório analisando as possibilidades da rainha. Mas, enquanto isso, amigo Robert, faça como quiser no campo de batalha, mas não tente ser popular aqui na corte ou ela o verá como um rival.

— As pessoas *gostam* de mim — ele observou, com um tom de prazer em sua voz.

— Há muito tempo que não têm um herói popular — disse Francis. — Leicester permanecia sendo odiado, pois era o preferido da rainha. Havia Drake, claro, no seu tempo, e Philip Sidney, que morreu no momento em que poderia concretizar a fama. Eles buscavam outro.

— É a sua vez — garanti. — O lugar está vazio. Aproveite.

Enfim eu poderia seguir por mim mesma. Meu primeiro marido, Walter, havia falido ao buscar a glória naquele pântano de ambição, a Irlanda, e só obteve dívidas e a morte por seus esforços. Meu segundo marido, Leicester, falhara miseravelmente nos Países Baixos, quando o poder e o comando foram dados a ele. Agora, meu filho mais velho recuperaria tudo.

— Walter quer vir — Robert disse.

— Haveria uma oportunidade melhor? — reforcei. — Você pode acompanhá-lo, guiá-lo.

A lembrança daquelas palavras era a tortura de Deus para mim. Eu havia instigado aquilo, encorajando-o.

Walter morreu em setembro, apenas alguns meses depois de chegar àquela missão tola de campanha. Ele caiu em uma emboscada francesa, quando estava fazendo um sinal próximo aos muros de Rouen, atingido na cabeça por um maldito atirador francês. Com dificuldade, seu capitão conseguiu resgatar o corpo e mandar para o acampamento inglês.

Ao falhar no cumprimento de qualquer meta, tendo perdido três quartos dos homens, Elizabeth emitiu sua “Declaração de Causas que forçam Sua Majestade a revogar suas forças na Normandia”. Robert voltou para casa e juntos enterramos Walter. Isso foi há alguns dias e agora passamos um pelo outro como fantasmas, tentando não nos esbarrar pelos corredores.

Fui abatida pela dor de um jeito que nunca tinha sido antes. Deveria estar acostumada com a perda, minha mãe tinha ido embora, assim como meus maridos e meu filho com Leicester. Perder um filho doente não é a mesma coisa, de certa maneira, previ sua morte no momento em que vi o corpo franzino e soube que ele era fraco.

Mas Walter cresceu e chegou à idade adulta, não tinha nenhum dos problemas dos meus outros filhos, nem a ousadia de minhas filhas ou a instabilidade de Robert, ele estava mais próximo do meu coração. O futuro parecia glorioso para ele. Agora, estava protegido pelo mármore.

Disse para mim mesma que deveria buscar conforto em meus outros filhos, planejar os próximos movimentos de Robert agora que ele estava de volta e tinha uma carreira pela frente. Enquanto não esteve aqui, aquela maldita doninha do Cecil havia arranjando um meio de ser nomeado ao Conselho Privado, onde meu velho pai ainda estava. Em

seguida, seria a vez de Robert, se ele conduzisse bem as coisas.

Mas meu coração não estava em meus planos. Eu nem sequer me importava de nunca ter ido a Londres e não sentir nenhuma vontade de deixar Drayton Bassett. Isso começou a soar reconfortante para mim. Não sentia como se fosse um exílio e a corte em Londres parecia um local distante e ameaçador que ninguém sensato gostaria de frequentar. Talvez aquela fosse a pior parte: ter ficado à deriva do meu antigo eu.

Fazia uma semana que havia enterrado Walter e naquele dia voltaríamos para fazer as preces finais e levar flores. Pedi às minhas filhas, Penélope e Dorothy, para virem homenagear seu irmão. E elas vieram se juntar à família: eu, Robert, Frances e seus dois filhos, Elizabeth Sidney, sete anos, e o pequeno Robert, um ano de idade. Assim que as meninas chegaram, senti-me ainda pior. Ver todos os irmãos vivos juntos fazia com que somente me lembrasse de um que não estava ali.

Quando nos reunimos no corredor, olhei firme para Penélope e Dorothy. Ambas eram muito belas. Um dia eu já havia me orgulhado disso. Agora, sentia-me como Niobe, aquela personagem tola que se gabava dos filhos que foram mortos pelos deuses invejosos.

Penélope tentava guardar seus cachos dourados debaixo do chapéu, irritando-se com os fios rebeldes. Os dedos longos e delicados eram pálidos e ornados com anéis finamente forjados. O tecido escuro de seu vestido estava perfeito para a triste ocasião, mas tinha um corte moderno. O marido dela, lorde Rich, mimava-a com muitos bens. Penélope não queria se casar com ele, mas ele oferecia atrativos financeiros e um título, e envergonho-me em dizer que eu e o pai dela insistimos no casamento. Viviam separados agora, ela dizia que ele era um homem violento e havia rumores de que ela o havia traído com um primo

distante do meu marido, Charles Blount. Parecia até incestuoso pensar naquilo.

Dorothy conseguiu se expor à raiva da rainha quando se casou com *sir* Thomas Perrot sem a permissão real. Os anos não fizeram com que a rainha se compadecesse. Dorothy aceitou a situação e parecia feliz com Perrot, o que era bom, depois do preço que teve que pagar para casar-se com ele.

Com um vestido não tão chamativo quanto o de sua irmã, ela era mesmo assim igualmente bela. O cabelo ruivo tinha um tom bem claro e suas características eram mais harmônicas do que as de Penélope, que tinha um nariz longo, apesar de elegante.

Infelizmente, a nova maternidade não havia ajudado na aparência de Frances Walsingham, eu sempre a chamaria assim, nunca de Frances Devereux. Ela era ainda tão simples que é difícil descrevê-la. Como se pode diferenciá-la dos milhares de outras mulheres simples no reino?

Sua filha com Philip Sidney era igualmente sem graça, já que qualquer esperança de melhora na beleza havia sumido. Tal mãe, tal filha. O filho dela com Robert, meu neto Robert, era uma belezinha, mas tinha apenas um ano e, naquela idade, todos os bebês são lindos. Espero que a beleza de meu filho sobressaia à falta de graça de Frances quando meu neto crescer.

— Chegou a hora — o capelão local, um jovem sério, apareceu no corredor. Nós o seguimos e andamos silenciosamente até a capela. O céu estava nublado, as árvores ainda sem folhas. A lama escorria entre as lajotas do caminho, brilhando conforme pisávamos nela.

Ao meu lado, Christopher segurava minha mão. Ele havia sido companheiro durante aquele momento difícil, não sabendo como me confortar pela perda de uma parte da minha vida que existiu antes de nos conhecermos.

Entramos na capela, aquele dia sombrio não permitia que vissemos direito lá dentro. O túmulo era ostensivo, o mármore parecia novo e gritava para todos o seu novo conteúdo. Os escultores haviam acabado de fazer o epitáfio



e por isso ainda havia poeira de mármore por cima de tudo, esquecida pelos varredores.

— Vamos dar graças pela vida de Walter Devereux — o padre entoou.

Após encerrar as preces, Robert deu um passo adiante:

— Eu queria escrever um poema para meu irmão — ele disse. — Quando estive mal, acometido pela febre na França, trouxeram-me a notícia da morte dele, fiquei tão doente que acreditei que me juntaria a ele e que dois caixões seriam enviados para casa. Sobrevivi, mas não consegui encontrar as palavras para montar um poema apropriado. Assim, recitarei um poema escrito por outra pessoa. Ele fechou os olhos como se estivesse lendo as palavras em sua mente.

*Minha história foi ouvida, mas ainda não foi contada,  
Meu fruto já caiu e minhas folhas ainda estão nascendo,  
Minha juventude passou e a velhice não foi notada,  
Vi o mundo e ainda não estão me vendo,  
A linha da minha vida está cortada e ainda não foi tecida,  
Agora eu vivo e agora minha vida é interrompida.*

A voz começou a tremer, ele então se aproximou do túmulo para se segurar.

*Busquei minha morte e a encontrei em meu ventre,  
Procurei a vida e vi que era apenas um vulto,  
Pisei na terra e sabia que era a tumba presente,  
E agora eu morro e isso é um insulto  
Minha taça estava cheia e agora minha taça é esvaziada,  
Agora eu vivo e agora minha vida é ceifada.*

Um a um fomos até o túmulo e colocamos nossas coroas de flores e tributos sobre ele. Aquele terrível momento

então acabou e poderíamos sair daquela capela sem sol.

O anoitecer havia chegado e fomos juntos para a nossa ceia, todos os meus filhos sob o mesmo teto novamente. Conforme olhava para cada um deles, seus rostos adultos se transformavam e eram substituídos pelas faces arredondadas de quando eram pequenos. Repentinamente a paz se instalou ali.

— Aquele poema... — disse Penélope. — De onde você tirou, Robert? — ela cortava cuidadosamente a carne e isso me fez lembrar sua delicadeza quando era criança, recusando-se a comer qualquer coisa que tivesse gordura.

— Chidiok Tichborne — ele respondeu.

— O traidor? — disse Christopher, desdenhando.

Robert olhou consternado.

— Ele era um poeta. Não sei nada sobre traição.

— Não se faça de inocente. Ele foi executado como um dos que conspiraram no complô de Babington — disse Christopher.

— O qual meu pai fez justiça! Robert, como você pode recitar as palavras dele no túmulo de seu próprio irmão? — Frances havia bradado de maneira incisiva. Fiquei chocada.

— Quando ele escreveu sobre o túmulo na noite antes da execução, sabia sobre o que estava falando — insistiu Robert. — Julgo-o apenas como poeta.

— Então você é um tolo. Nunca mais faça isso novamente. E se a rainha ouvir que você citou um homem que queria assassiná-la? — disse Penélope. — Você quer arruinar esta família?

— Não creio que ela tomaria como uma ofensa — insistiu Robert.

— Ela se ofende mais facilmente do que qualquer um que conheço — eu disse. Assim que falei, pensei se algum espião poderia relatar minhas palavras. Mas ainda estava no estágio de não me importar com o que aconteceria comigo. — Ela me baniu da corte e permaneci banida, mesmo a causa da ofensa estando morta, e sou sua prima próxima. Ela continua com raiva de Dorothy. Quanto aos seus outros

rancores e vinganças, a lista é tão longa que não poderia dar nomes a todos.

— Mesmo que você pudesse, não aconselharia — disse Dorothy de maneira discreta.

— “Nem ainda no teu pensamento amaldiçoes o rei; e não amaldiçoes o rico nem ainda em teus aposentos, porque os pássaros levarão a tua voz e tudo aquilo que tem asas declarará as tuas palavras” — disse Frances. — Quando meu pai estava vivo, ele era o pássaro que voava até a rainha. Agora não sabemos que são.

— A perda do seu pai foi muito grande para a rainha assim como para nós — disse Robert, aproximando-se para tocar a mão dela. — Quem quer que seja que preencha essa lacuna terá crédito com a rainha.

Robert, fazendo uma astuta observação política, Frances falando, fiquei surpresa. Teria eu feito um mau julgamento deles ou será que teriam mudado?

Após a refeição, minhas meninas, eu continuava chamando-as assim, mesmo que já tivessem mais de vinte anos, saíram juntas, deixando os homens, Frances e eu sozinhos em frente à fogueira no quarto principal. Agora que a cerimônia familiar havia acabado, Francis Bacon juntou-se a nós trazendo um homem que não reconheci.

— Meu irmão Anthony — disse Francis, empurrando-o.

O homem quase tropeçou quando se aproximou de mim.

— Uma honra, *lady* Leicester. — Permitiram-me manter meu título, condessa de Leicester, em vez de ser rebaixada simplesmente para *lady* Blount, a esposa de um cavaleiro. A voz dele era fina e estridente ao mesmo tempo, como se passasse por um longo trajeto vindo de seu peito côncavo. Ele virou-se para Robert e o cumprimentou:

— Meu senhor.

— Bem-vindo — disse Robert. Ele parecia mais seguro de si, assumindo o papel de anfitrião.

— Anthony acaba de voltar da França, assim como você, caro Robert — disse Francis. Diferentemente de seu irmão, a

voz de Francis era suave, forte e sedutora: — Você serviu à rainha no campo de batalha e ele serviu em locais mais sombrios — ele disse. — Ele teve a sorte de estar... associado... ao trabalho de seu falecido pai, Frances.

— Então ele era um espião? — Frances perguntou. — Ora, diga claramente. Não há pássaros aqui para voar até a corte.

O que havia acontecido com ela? Teria ela assumido o disfarce de seu pai?

— Por favor, não mereço esse título — disse Anthony, titubeando.

Fiz um sinal para que Robert puxasse uma cadeira para o rapaz, ele então se sentou, relaxando. Estava nitidamente cansado.

— Durante dez anos reuni informações para o secretário Walsingham. Não somente da França, mas de todo o continente. A França foi um posto de coleta muito conveniente. Mas quando as condições mudaram por lá e com minha saúde debilitada... Ele deu uma série de tossidas fortes e acabou por limpar a boca com um lenço.

— Meu irmão agora está em posição de transferir seus serviços para cá — disse Francis. — E nós, se formos inteligentes, saberemos como fazer uso deles.

— Minha esposa disse para falarmos claramente — disse Robert. — Peço que assim o faça.

— Você me dá sua palavra de que a madeira que compõe estas paredes — deu uma batidinha na madeira — é o limite dentro do qual minhas respostas não sairão?

— Claro, homem! Fale! — disse Robert.

— Muito bem. É tão simples que estou pasmo como você ainda não me propôs isso. Aqui vai: o grande secretário Walsingham está morto. Ele, que protegeu a rainha por tanto tempo, que descobriu conspiração atrás de conspiração e coroou seus feitos com o desafio de surpreender Maria, rainha dos escoceses, em prova legalmente irrefutável, deixou um grande vazio. A rainha

está despida, assim dizendo, diante de seus inimigos. Não há ninguém que tenha sido capaz de substituir Walsingham.

— O corcunda e desagradável Cecil tentou administrar a rede de informações que Walsingham deixou — disse Christopher, que geralmente permanecia em silêncio em conversas políticas.

— Está tudo desorganizado — afirmou Francis. — É como um cão fiel que apenas obedeceu a um mestre. Devemos montar um novo sistema espião e executar nosso próprio serviço de inteligência. Dessa maneira, obteremos não somente a gratidão de Sua Majestade, mas também poder. O poder para vencer Cecil pai e Cecil filho e fazer nossa própria fortuna — olhou intencionalmente para Robert. — Você permitirá isso? Trabalharemos para você. Você levará tudo o que for descoberto à Sua Majestade.

O rosto de Robert estava branco. Seus olhos percorreram o rosto de cada um, como se estivesse pedindo permissão. Eu concordei com a cabeça, olhando firmemente para os olhos dele. Aquele era o caminho. Era ali que as batalhas seriam travadas. Senti uma emoção em mim com o desafio e junto com ele o alívio por poder sentir qualquer coisa novamente.

— Meu pai teve 500 espiões em cinquenta países dentro de sua rede, lugares tão distantes como Constantinopla — disse Frances. — Você conseguiria reunir um número como esse?

— De fato, sim, já fiz contato com muitos destes informantes — disse Anthony. — Sei como fazer.

— Meu pai morreu com uma grande dívida — disse Frances

— Ele pagou por muitos dos serviços sozinho. A rainha queria proteção, mas não queria pagar por isso. O lema de meu pai era “O conhecimento nunca é caro demais”. Isso foi antes de receber as contas e ver que sua carteira estava vazia — rebateu, erguendo a voz na última frase.

Robert tentou abraçá-la para acalmá-la, mas ela recuou.

— De fato, sim, esse é o ponto fraco em minha proposta — concordou Francis — Como pagar por isso. De certa forma, não temos muitos recursos.

“Muitos recursos” é certamente um eufemismo. Christopher e eu estávamos limitados a penhorar minhas joias e os irmãos Bacon mantinham-se um como jurista na Faculdade de Direito e o outro era um pobre secretário de outro pobre secretário.

— Sim, há esse pequeno empecilho — não consegui me conter e acabei dizendo.

— Mas a rainha certamente me recompensará pelos meus serviços na França — disse Robert.

— Ela concedeu a Cecil um lugar no Conselho Privado enquanto você desfilava diante dos muros de Rouen, criando para o governador um desafio para combate pessoal, alegando que a causa do rei Henrique era mais justa do que a da liga católica e que sua amante era mais bonita que a dele — disse Francis. — Que postura tola. Não consegue ver? Você tem que dar à Sua Majestade alguns dos serviços de que ela precisa, o que *ela* quer, não o que *você* quer — Francis Bacon era um promotor incansável, e assim era conhecido no tribunal.

— Eu era o comandante. Tinha que fazer frente, qualquer outra coisa envergonharia minha rainha — disse Robert.

— Você a envergonhou quando desobedeceu às suas ordens e condecorou homens que não tinham mérito para serem cavaleiros. Não consegue ver que o que parece era que você estava formando uma corporação só sua? — alertou Francis.

Pude ver que Robert estava pensando, avaliando se teria estômago para levar aquilo adiante. Provavelmente ele iria sair da situação com o seu familiar “quero ir embora para o interior e viver lá”. Ele suspirou e então disse:

— Talvez você esteja certo.

— Formaremos nossa rede de inteligência. Isso envolverá algumas figuras sórdidas, mas você não precisa se sujar com eles. Tipos que fugiram do enforcamento como Robin

Observador, Dick Galês e a Garota Louca, mas você nunca terá de encontrá-los. Outros, como Kit Marlowe, ousou dizer que você até mesmo nem se importaria de tomar uma cerveja com ele na taverna, pois ele trabalha de forma clara, inclusive, trabalha para o seu primo Thomas Walsingham, Frances — Francis fez um sinal com a cabeça para ela.

— E os padres católicos? — disse Robert. — Os jesuítas que fogem de casa em casa, escondendo-se da lei. Podemos aproveitá-los? Christopher, você é conhecido nos círculos católicos.

Ele deu uma risada desconfortável.

— Tive, sim, uma criação católica e estive no círculo que conspirou a favor da rainha escocesa — ele disse.

— Veja seus contatos católicos — ordenou Robert. — Eles sabem muito.

— Não sei se é seguro — eu falei. — Não quero pôr minha família em perigo — disse, olhando para meu filho.

— O teatro é outro lugar cheio de homens cujo passado e presente ninguém quer se aprofundar muito — disse Christopher, com uma risada. — Mas podemos desfrutar de suas peças. Ver a vilania no palco e não perguntar como eles sabem tão bem como os vilões pensam.

— Em seguida, precisamos definir um grupo — disse Anthony. Era a primeira vez que ele falava desde o ataque de tosse. — E devemos estabelecer um sistema de comunicação com a Escócia. Que é onde a sucessão está acontecendo. Ele será nosso rei muito em breve e aqueles que se aproximarem dele e prestarem-lhe serviços antes disso certamente farão parte de seu governo.

Apesar de minha promessa de que nada sairia daquela sala, havia outros ouvidos na casa e o barulho deles foi levado até lá. A traição parecia tão próxima que fiz um sinal para que ficassem quietos e atravessei a sala na ponta dos pés para abrir a porta escancaradamente. Nada. O corredor estava vazio, escuro. Fechei a porta novamente.

— Entendemos — eu disse. — Nada mais precisa ser dito.

— Certa pessoa já tem quase sessenta anos — disse Robert. Rapaz teimoso e imprudente. — E podemos contar os dias.


— Chega! — eu disse.

Uma mãe tem sempre o direito de dar ordens aos seus filhos, não importando a idade.



ELIZABETH  
Maio de 1592



 gola do vestido estava me sufocando. Não queria chamar atenção, então tentei alargá-la com os dedos de maneira que ninguém notasse. Meu pescoço estava úmido e escorregadio, senti então meu rosto começar a latejar ao ser invadido pelo calor. Pelo amor de Deus! Aquilo estava voltando, logo quando começava a achar que havia passado. Não me incomodava fazia meses.

Escancarei a janela e inclinei-me para fora, rezando por uma brisa. Mas não havia nada. O brilho do sol de maio refletia sobre o tranquilo jardim lá embaixo, visto dos meus aposentos em Windsor. Fiquei ali após a investidura dos novos Cavaleiros da Jarreteira naquele ano, pensando em aproveitar o palácio que era sempre muito frio no inverno. Mas, naquele momento, seria ótimo sentir uma rajada de vento do inverno.

— Um leque, Majestade? — alguém me ofereceu um de maneira discreta. Porém a discrição não me importava tanto quanto o fato de que alguém havia notado, alguém percebera meu desconforto.

Virei-me e percebi a expressão de autossatisfação de Bess Throckmorton. Envergonhada, peguei o leque.

— Talvez um guardanapo úmido... — ela começou.

— Não, obrigada! — disse, mesmo querendo um. Tentei me conter. Logo passaria. Sempre passa.

Ela fez uma reverência simulando obediência. Não gostava dela e nunca havia gostado, porém ela era filha de meu fiel embaixador *sir* Nicholas Throckmorton. Havia algo de sorrateiro e vil nela. Principalmente ultimamente, quando pediu licença da corte com uma desculpa esfarrapada. Agora tinha retornado, mas havia algo de diferente nela, uma soberba que se destacava.

Ultimamente, tinha que recorrer a escrever notas para me lembrar de coisas nas quais não podia confiar e que devia ter sempre em mente, e ela havia encontrado algumas dessas anotações, trazendo-as até mim com um olhar perplexo. Aquilo era uma vergonha, pois ela sabia muito bem do que se tratava. Será que ela contaria aos outros, suas jovens amigas, que a rainha precisava de anotações para se lembrar das coisas agora? Se eu a proibisse de contar qualquer coisa, chamaria ainda mais atenção, então tentei disfarçar, pegando as anotações de volta e dizendo que eram apenas lembretes para que pudesse decorar. Assim que fiquei sozinha, anotei mais algumas coisas e dessa vez garanti que ficasse tudo dentro da caixa em que as guardava.

Minhas damas de companhia mais velhas entendiam bem. Marjorie, minha gralha, já tinha quase sessenta. As outras, Helena e Catherine, tinham seus quarenta anos e começavam aquela passagem que é tão fácil para uns e tão difícil para outros. É algo preocupante quando a fertilidade de alguém começa a diminuir e a janela que se abriu na juventude começa a se fechar. Só que agora aquela mina estava fechada, portanto os episódios torturantes de calor e suor também tinham quem sumir! Eles não passavam de lembretes cruéis.

Dispensei as senhoras e mandei que fossem se divertir nos jardins. Assim que saíssem, chamaria meu médico e veria se ele tinha algum remédio para aquele desconforto.

Elas aproveitaram o que supunham ser generosidade minha e deixaram os aposentos com a rapidez indicada. Mandei chamar o dr. Lopez em sua casa em Holborn, rezando para que viesse depressa.

Ele era inteligente e confiável. E, com certeza, antes da maré virar ou de as damas voltarem, Roderigo foi anunciado na sala ao lado. Se ele ficou bravo por ter que correr até lá num dia tão agradável, não deixou transparecer. Pelo contrário, seu rosto iluminou-se assim que me viu. — Estou tão aliviado em ver Vossa Majestade de pé aqui em toda a sua glória e não doente numa cama! — exclamou o médico.

Não era a coisa certa a ser dita.

— E por que eu deveria estar assim? — disparei. Senti o terrível calor por todo o meu corpo novamente. Maldição!

Ele sorriu e disse:

— O chamado foi tão repentino — ele tinha um rosto rude que me lembrava o de um marinheiro, um nariz proeminente e uma pele amarelada, assim como o sol do entardecer.

— Vamos nos retirar e eu explico — eu falei.

Finalmente isolada atrás de portas fechadas, contei-lhe o retorno dos meus sintomas perturbadores. Ele balançava a cabeça, concordando, mas não dizia nada. Quando acabei de falar, ele permaneceu em silêncio.

— Não há remédio? — perguntei de uma vez. — Você me conhece, sabe tudo sobre mim — e era verdade, ele havia fugido da Inquisição, vindo de sua terra natal, Portugal, no início do meu reinado e começou a me servir como médico em seguida. Havia tratado a jovem Elizabeth e agora tratava a Elizabeth adulta. Já tinha me visto com varíola, úlcera de perna, dores de cabeça e insônia. Havia estado entre os estimados médicos que me examinaram antes de

determinar quantos anos de fertilidade ainda me restavam. Não havia segredos com Roderigo Lopez.

— O tempo é o principal remédio — disse por fim.

— Tempo! Eu já esperei cinco anos. Sofri com isso, depois desapareceu e agora voltou, assim como... a Armada! — havia informações de que uma nova Armada estava sendo construída e que logo seria despachada para completar o que a primeira não conseguiu fazer. Por Deus, eu conseguia lidar mais facilmente com a Armada.

— Há algumas ervas dos bons campos ingleses — ele lhe explicou. — Elas funcionam quando se tem vontade e imaginação fortes. Há outras ainda, da terra dos turcos, que são mais fortes.

— São essas que eu quero.

— Não são tão fáceis de lidar, mas posso consegui-las — ele disse. — Há o capim-vassoura, os brotos de alcaparra e o *araçá*. O sol forte do sul faz remédios mais fortes.

Algo no tom de voz dele me incomodava.

— Você ainda sente falta de sua terra natal, Roderigo? — questionei. Eu me perguntava como me sentiria se tivesse que deixar a Inglaterra e viver em outro lugar.

— Sempre se sente falta da terra natal — ele respondeu. — Mas a Inglaterra tem sido boa para mim. Consegui cargos de responsabilidade em Londres, médico residente no hospital São Bartolomeu, clinicando entre os homens de grande valor, Walsingham e Leicester, por exemplo.

Ambos estão mortos, não são os melhores exemplos.

Ele era judeu, mas tinha se convertido ao cristianismo, o que não o salvou da Inquisição lá, mas permitiu sua liberdade aqui.

— A perda de Portugal é o ganho da Inglaterra — eu disse. — E agora sobre essas ervas... como posso obtê-las o mais rápido possível?

Ele me garantiu que as conseguiria dentro de um mês.

— Por quanto tempo ainda terei que suportar isso? — perguntei.

— É impossível prever — ele admitiu. — Varia muito de mulher para mulher. E tão poucas chegam a essa idade, tantas morrem no parto e por isso nunca chegam a experimentar o que acontece quando o corpo se recupera da gravidez. Veja nos cemitérios, observe as datas dos túmulos. Pense nos homens que estão na terceira esposa enquanto a primeira e a segunda esposas, as que lhe deram filhos, descansam sob a terra.

Dei de ombros e lhe falei:

— Os homens morrem na guerra e as mulheres no parto. A vida é curta demais de qualquer jeito — será que podia confiar nele? — Tenho cinquenta e nove agora, sinto-me mais forte do que nunca, nada diferente de quando tinha vinte e cinco. Mas estava acontecendo algo, o esquecimento, as coisas trocadas — havia a questão do esquecimento, das coisas guardadas nos lugares errados. Eram tantas outras coisas para guardar, lembrei a mim mesma. Tantas pessoas apresentadas, tantos nomes. E os nomes antigos ainda permaneciam, não me saíam da cabeça. Não havia mais espaço para tantos.

Não, não vou dizer nada. Só vou falar sutilmente:

— Há algum remédio para aquelas velhas caducas que reclamam e não conseguem se lembrar onde estavam seus chapéus?

— Sim — ele disse. — O remédio é um filho ou uma filha vivendo com eles e que possa manter as coisas no lugar — ele então riu.

Eu também ri. Até que ele saísse e eu pudesse parar de fingir.

Havia muitas risadinhas no quarto privado. Aquilo estava me incomodando. Toda vez que eu entrava no quarto, uma risada das meninas, todas juntas, curvadas juntas com seus traseiros empinados, como se mostrassem o fino tecido. Eu mesma havia abandonado os trajes pesados, dizendo que queria ser mais informal naquele verão. Graças ao verão pude dar aquela desculpa. Seria muito mais difícil no

inverno. Mas, até lá, as ervas do dr. Lopez já estariam em minhas mãos.

Elas formavam um grupo de beldades. Elizabeth Cavendish, a moça que o desgraçado do Dudley tinha beijado no torneio, era alta e arisca como um cavalo nervoso. A outra Elizabeth, a Vernon, com cabelos ruivos e olhos lânguidos que prometiam muito. (Ela usava muito perfume).

As outras duas Elizabeth eram diferenciadas pela cor do cabelo, Southwell, loira e gordinha com lábios carnudos, e Bridges, morena e arrogante. Havia uma Frances, Vavasour, pequena e atrevida (que cantava cedo demais pela manhã para o meu gosto). Depois, havia Maria Fitton, com o rosto oval, cabelos pretos e olhos que analisavam finamente cada um, o que muita gente achava atraente. Seu antigo “protetor”, *sir* William Knollys, era evidentemente uma dessas pessoas. Ele era casado, mas parecia determinado a se esquecer disso quando estava na presença dela.

Havia ainda Maria Howard, a quem considerava bastante estúpida e cansativa, mas os cabelos loiros (tingidos?) e os enormes olhos castanhos tornavam-na atraente para pessoas que não tinham diálogo interessante. (Ela gostava de pegar “emprestado” as roupas das outras meninas. Uma vez, tentou pegar “emprestado” algo meu, alegando achar que eu havia descartado aquilo). Por último, havia a voluptuosa e morena Bess Throckmorton, a líder de todas elas. Elas pareciam considerá-la um modelo por ser a mais velha, com vinte e oito anos.

Certamente, elas estavam reunidas em torno de Bess, fofocando sobre alguma coisa. Fiquei parada atrás delas e bati palmas escandalosamente. Elas se viraram para me encarar, ainda risonhas.

— Um faraó disse uma vez que, se você está ocioso, então deve precisar de mais trabalho — eu disse. — Mas não tenham medo, não vou tirar-lhes de seu sossego para que carreguem pedras. No entanto, gostaria que meus vestidos fossem arejados e passados. Os de inverno, mais pesados,

agora, enquanto não preciso deles. Arrumem as pérolas e pedras que estejam faltando, procurem o guardião das joias para obter as que precisar.

Assim, todas se curvaram obedientemente como cordeirinhos. A última a fazer isso foi Bess e somente inclinou a cabeça levemente. Olhei cuidadosamente para ela. Ela havia retornado para a corte de um jeito diferente. Era bem magrela, mas havia ganhado peso durante o inverno. Agora tudo já havia sumido e suas bochechas já não eram mais rechonchudas.

Todas pareciam prender a respiração. Elizabeth Cavendish deu uma risada alta e nervosa e Maria Howard disfarçou o olhar para baixo, fitando os sapatos. Maria Fitton ajustou suas mangas.

— O que foi? — perguntei. — Virei um macaco?

Bess olhou-me nos olhos e disse delicadamente:

— Garanto-lhe, Majestade, não vejo macaco algum aqui.

Todas soltaram uma gargalhada alta.

— Acho que você está tentando me transformar em um macaco — eu respondi. — Mas você não me engana.

De súbito, entendi tudo.

— Embora por algum tempo você tenha conseguido me enganar, e isso é difícil de admitir, escolhi você para servir em meus aposentos, um cargo que muitas meninas no mundo cobiçariam, e não para me enganar. Portanto, onde está ele? Onde está o pai do seu bastardo? — Deixe que saibam, deixe que tremam, a rainha ainda via tudo, observava tudo, mesmo que tivesse que fazer anotações. É uma pena que talvez esse esquecimento afetasse minha raiva contra ela.

— No mar, Majestade — ela olhou para mim quase aliviada em poder admitir.

— Raleigh? — ele havia partido para atacar os navios espanhóis no Panamá.

— Sim, Majestade — ela disse.

— O capitão da Guarda da Rainha, cujo dever é proteger a virtude de minhas damas, que guarda a chave dos

aposentos das criadas, havia usado aquela chave em benefício próprio? — Fiquei quase sem palavras com tal audácia. Não era somente um sedutor, mas também um mentiroso. Antes de sair para sua missão, quando houve rumores sobre ele e Bess, jurou a Robert Cecil em uma carta que “não há ninguém na face da terra a quem eu possa me prender” e descartou os rumores dizendo que eram “uma notícia maliciosa”.

— Sim, Majestade — subitamente, ela me olhou envergonhada. Exatamente como deveria.

— Ele é um conquistador — eu disse. — Mas nunca pensei que seria a raposa no galinheiro, arriscando tanto assim. Coragem, Bess. Você não foi a primeira a ser enganada por esse homem. — Lembrei-me de seus elegantes poemas sobre meus encantos e seu grande amor por mim, chamando-me de sua Cíntia, sua deusa da lua. Estremeci de desgosto.

— Ele é meu marido.

Traição dupla!

— E quando isso aconteceu?

— No último outono — ela respondeu.

Quando ele jurou que não havia ninguém a quem ficasse preso.

— Bem, você deve deixar a corte e ir cuidar de seu filho, onde quer que ele ou ela esteja.

— Ele, Majestade. O nome dele é Damerei.

— Um nome peculiar. Pensando bem, você aguardará seu rebelde marido na Torre. Ordenarei que ele retorne imediatamente. São três os seus crimes: enganar sua soberana, seduzir uma virgem sob sua proteção e se casar sem o consentimento real. Eu ainda acrescentaria a mentira quando perguntado diretamente sobre casamento.

Sua compostura desmoronou e ela disse:

— Como desejar, Majestade. Não realizamos o casamento com más intenções, mas sim por necessidade. É sabido que Vossa Majestade não recebe tais solicitações de bom grado e costuma postergá-las, tínhamos urgência.



— Que nobre da parte de Raleigh! — ri. — Tão ansioso por fazer de você uma esposa honesta.

Assim que ela se curvou e deixou o quarto, virei-me para as meninas que ainda formavam um círculo.

— Parem de olhar e aprendam uma lição com isso tudo.

— E que lição deveria ser essa, Majestade? — perguntou Frances Vavasour. Se tivesse sido outra qualquer, eu teria sido irônica, mas ela era muito sincera.

— Várias lições — eu respondi. — A principal é a de não ser enganada por um conquistador. E, caso seja, Deus queira que não, não tente esconder de mim!

Raleigh. Sentei-me em meus aposentos e analisei um retrato dele, um que captava tão bem seu encanto arrogante. Ele era um espírito vulcânico, inquieto na corte, sempre querendo mais. Mais do que ninguém ele parecia encantado com o mistério e o potencial do Novo Mundo, como se o Velho Mundo tivesse ficado obsoleto para ele, ou fosse muito pequeno para satisfazer seu apetite por aventura.

O seu apetite... seus apetites... o apetite carnal era bem conhecido. Falei a verdade para Bess, ele era bem conhecido como sedutor e se orgulhava disso. Ouviu-se uma história fora da corte (a qual meu astuto afilhado Harington tinha me contado) que ele havia agarrado uma mulher contra uma árvore na floresta. Quando ela protestou, dizendo “Não, com carinho *sir* Walter! Ah, com carinho *sir* Walter!”, ele a ignorou e continuou com o que ambos queriam, alternando os gritos dela por “Com caráter *sir* Warinho! Com caráter, *sir* Warinho!”.

Daria uma boa história e, se não é verdade, como diz o ditado, deveria ser. Há dois tipos de histórias: a precisa, mas que não é verdadeira, e a verdadeira, mas que não é precisa. Caráter Warinho parecia ser a segunda opção.

Mandei chamar Robert Cecil, sabendo que ele estava sempre à disposição. Não para passeios de barco, tardes de jogos de tênis e longos passeios no campo. Um ditado o

descreve como sempre tendo “as mãos cheias de papel e a cabeça ocupada com questões da corte”, e era disso que eu precisava.

Rapidamente ele bateu à porta e eu mandei que entrasse. E, de forma resumida, contei sobre Raleigh. Ele balançou a cabeça negativamente e disse:

— Perguntei a ele exatamente sobre isso. A senhora deve ter visto meu relatório. O homem mentiu o tempo todo. Se me permite falar, Majestade, é por isso que ele é tão desprezado, por causa de sua aparência e inteligência. A desonestidade mancha suas outras virtudes — ele ria tanto que os ombros chegavam a chacoalhar. — Agora algumas das histórias que ouvi fazem sentido. Uma, dizia que ele estivera em contato íntimo constante com uma das empregadas de Vossa Majestade.

— Uma grosseria — eu disse.

— Outra história diz que “em grande parte é só bobagem e confusão sobre a descoberta do descobridor e que, na verdade, não é um novo continente, mas sim um novo incontinente”.

Aí sim eu ri.

— Inteligente — admiti. Ainda me sentia mal, mas estava melhorando. — Caralher Warinho precisa aprender a se controlar na Torre.

Robert assobiou:

— A senhora ouviu isso?

— Tenho olhos e ouvidos nesse vestido — lembrei-o.

Mas eles não ouvem e veem tudo como costumavam. Tinha que me esforçar mais. Isso, afinal de contas, era um problema só meu. Mas quais dos meus próprios problemas teria que ignorar também?

Já era noite. Os jogadores habituais de cartas e os fofoqueiros estavam todos em meus aposentos, podia ouvi-los do meu quarto, mas me recusei em ir até lá. Todos estavam discutindo a repentina partida de Bess, sem dúvida. Muitos deveriam saber do casamento dela e a razão

pela qual se casar, apenas imaginando quanto tempo aquele jogo descarado poderia durar até que eu ficasse sabendo de tudo.

Catherine arrastou um pequeno baú no chão até onde eu estava sentada. As outras já tinham ido para a cama e somente algumas velas ainda estavam acesas no quarto.

— Na pressa, ela esqueceu isso — disse Catherine, passando as mãos sobre a tampa esculpida. As iniciais “E. T.” brilhavam sobre a alça de ouro.

E.T. Minhas iniciais. Que interessante. Dizendo para mim mesma que eu tinha o direito de abri-lo, pois era propriedade abandonada, acima de tudo, levantei a tampa e espiei dentro. Um emaranhado de fitas, pomadas e lenços me recebeu. Não havia nada de valor ali, o que foi um alívio. Puxei um lenço rendado para fora e quase engasguei com o perfume. Era lírio, um perfume do qual não gosto porque me lembra a morte, apesar da associação com a Páscoa.

Catherine retirou o conteúdo do baú e saiu para que eu examinasse tudo com privacidade. Como ela me conhecia bem. Que tesouro ter uma amiga que desviava os olhos de minhas falhas e prestava atenção apenas no que eu tinha de bom.

Mexi naquela pilha amarrotada de coisas e encontrei alguns papéis dobrados. Sabendo que não deveria lê-los, mas não conseguindo evitar, recostei-me e abri o primeiro papel próximo à luz.

Era um poema. Walter, assim como todos na corte, escrevia poesia. Ele já havia me presenteado com muitos poemas, geralmente com pesadas alusões alegóricas e clássicas. Eu era Diana, uma caçadora pura, eu era Cíntia, deusa radiante da lua, que os pastores adoravam. Do que mais ele já havia me chamado? Atena, sábia acima de todos os mortais, forte protetora do meu reino. Aquilo esgotou o estoque de deusas virgens, com exceção de Hestia, mas a imagem de uma deusa amorosa não se adequava a mim.

A tinta era escura o suficiente para ler mesmo com pouca luz.

*Seus olhos são iluminados,  
Sua respiração exala violetas e os doces lábios,  
Seus cabelos nem muito pretos nem muito claros,  
E seu ventre de uma maciez afável.*

O papel tremia em minhas mãos. Eu continuava relendo as palavras, não conseguindo crer no que estava vendo. Respiração que exalava violetas... nunca estive tão próxima dela. Sobre o ventre macio... tive um arrepio. Vulgar.

Ninguém tinha escrito, ou escreveria, tais palavras para mim. Primeiro, porque minha posição não permitiria tal feito e, segundo, porque minha pessoa não invoca tais palavras.

Peguei a última carta de Leicester para mim e reli suas saudações acolhedoras e familiares. “Perdoe seu pobre e velho servo... minha graciosa senhora... aliviando sua dor final... feliz conservação... beijo humildemente seus pés...”

Pés. Nada de doces lábios.

Coloquei os papéis de volta no baú, os dela de volta ao baú entalhado e os meus de volta à minha caixinha de cabeceira.

Olhei para os meus dedos delgados, mas agora, cheios de veias, que ostentavam o anel de coroação da mesma maneira, desde o dia em que o coloquei pela primeira vez. O ouro não havia desbotado, mas o desenho estava um tanto ultrapassado pelos anos. Nunca o havia tirado, esteve comigo em todos os dias de meu reino. Protegia-me, mantendo-me separada de todas as outras mulheres. Sem ele, que versos eu poderia ter recebido, que promessas ousadas durante a noite? Que esposa eu teria sido?

Em vez disso, eu era da Inglaterra. O único marido que não ficaria velho, falho e não me abandonaria.

## Fevereiro de 1593



**P**assei os dedos no crânio em miniatura incrustado de pedra preso à corrente de ouro. Deveria usá-la hoje? Afastaria a peste? Precisava participar do discurso de abertura do Parlamento, a procissão oficial havia sido cancelada devido à peste que assolava Londres e eu iria diretamente à Câmara do Parlamento num barco. Mesmo assim, haveria uma multidão do lado de fora, sem falar na multidão no próprio Parlamento. Não, parecia um acessório papal e cheirava a superstição. Deixei-o para lá.

Essex me presenteou logo após a indicação para o Conselho Privado. Ele estava exuberantemente grato, fazendo promessas mirabolantes sobre seu serviço. Na verdade, havia demonstrado piedade e o nomeado conselheiro apesar de seu desastrado desempenho na França, desde o retorno, ele me impressionara com sua equipe assídua de coletores de informações na Essex House, liderada pelos irmãos Bacon.

Francis, eu já conhecia. Não havia homem mais inteligente na Inglaterra. Seu retratista lamentava dizendo: “Se alguém pudesse retratar sua mente!”, ele escreveu isso em latim em torno do retrato. Dizia-se que Anthony era igualmente inteligente, mas atormentado pela saúde ruim,

gota, cálculos renais além da visão ruim. “Um senhor de pé ruim, mas com uma cabeça ágil”, alguém o descreveu.

Essex, direcionando suas energias dos campos de batalha para a política doméstica, elegeu-se para a Câmara dos Comuns por causa de pelo menos oito de seus seguidores. E, além de Francis Bacon, seu padraсто, *sir* Christopher Blount, representou o condado de Staffordshire. Será que ele estaria montando um partido político?

A superfície do rio estava estranhamente tranquila sob o céu cinzento de fevereiro quando meu barco navegava em direção ao Parlamento. A Quaresma ainda não havia começado. A Páscoa chegou tarde naquele ano. Mas a melancolia e a austeridade do clima lembravam-me o jejum e as roupas pobres. Já que pretendia pedir dinheiro, vesti-me de forma simples, de acordo com o momento.

Uma multidão esperava nas margens. Os rostos comprimidos e rachados e as bochechas manchadas mostravam os estragos do inverno. Todos nós ansiávamos pelo fim do inverno. Sorri e acenei para eles, recebi suas cartas e presentes, depois corri para dentro. A peste se escondia nas multidões.

O orador me acompanhou até a câmara. Eu não vinha ao Parlamento fazia quatro anos. O subsídio que haviam me concedido em 1589 tinha acabado naquele momento. A Coroa precisava desesperadamente de dinheiro. Eles tinham que me dar mais.

Os membros levantaram-se em sinal de respeito e o lorde Guardião do Grande Selo mandou que sentassem enquanto fazia o discurso de abertura. Sentei-me no trono ao lado dele e ouvi.

Ele listou as urgências rapidamente. Podiam ser resumidas em uma palavra: Espanha.

Longe de rastejar de volta para seu canil após a vergonhosa derrota da Armada, Filipe tinha sido encorajado por ela. Ele não tardou a reconstruí-la, modelando seus novos navios como os nossos, de maneira que sua marinha

fosse duas vezes mais forte agora do que em 1588 e com um projeto mais avançado. Ele diretamente atormentava o mundo protestante na França e nos Países Baixos.

Na Escócia, tramou com lordes para desembarcar 25 mil soldados no próximo verão, e a mesma coisa acontecia na Irlanda, tentando ganhar um ponto de apoio nos países vizinhos para poder lançar um ataque contra nós. Além disso, suscitou problemas na Alemanha e na Polônia para tentar cortar nosso comércio com eles. Era imprescindível que tivéssemos meios para combatê-lo em seus planos de conquistar a França, Inglaterra e Irlanda.

— É impressionante que o dinheiro da Inglaterra esteja agora defendendo cinco países! — o lorde Guardião bradou. Ele destacou que tive de vender terras da Coroa para pagar as despesas, apesar de minha contínua frugalidade.

— Na construção, nossa rainha gastou pouco, quase nada — ele disse. — Em benefício próprio, não muito. Quanto ao vestuário, é real e principesco, conforme exigido para um soberano, mas não excessivo. As despesas de sua casa, sendo uma governante solitária, são pequenas, sim, menores do que no tempo de qualquer outro rei. No passado, Sua Majestade, apesar das dificuldades em fazê-lo, sempre pagou suas dívidas.

Era verdade. Não tinha construído palácios nem sequer conseguia me dar ao luxo de transformar o palácio temporário dos banquetes em Whitehall em um pavilhão permanente, algo muito observado por visitantes estrangeiros. Não tinha acomodações para consortes, nem para crianças para sustentar.

— E digo mais — ele continuou: — Quando Sua Majestade subiu ao trono, estava atolada em dívidas. A marinha havia apodrecido. Mas ela resolveu a dívida e agora é capaz de se igualar no mar a qualquer príncipe na Europa, o que os espanhóis descobriram quando vieram nos invadir — um ronronar de orgulho retumbou pela sala. — Seus navios circundaram o mundo, fazendo nossa terra famosa em todos os lugares! — O barulho aumentou:

— Quero crer que cada um dos bons súditos, vendo que se trata de seu próprio bem e da preservação de seu patrimônio, concederá um generoso subsídio. O que é pedido é menos da metade do que foi concedido ao pai dela, o rei Henrique VIII.

Ele reclamou ainda sobre outras questões, e depois concedeu a palavra a qualquer um que desejasse falar. De súbito, um homem mais velho, vestido de preto, levantou-se e disse:

— Sou Peter Wentworth, representante de Barnstable.

Ele não! O puritano impetuoso que tinha fortemente se oposto a mim em questões de religião, tentando forçar a Igreja da Inglaterra a abolir sacerdotes, paramentos e música. No entanto, agora ele não podia ser silenciado. O Guardiã concordou.

— Além dos espanhóis, temos outro inimigo para identificar de uma vez por todas neste Parlamento. Falo sobre o caos que descerá sobre nós se Sua Majestade não definir uma sucessão. Devemos transformar isso em lei e fazer com que ela indique alguém para suceder-lhe.

O assunto inominável, o que eu tinha conseguido silenciar em todos esses anos desde que o Parlamento ordenou que eu me casasse. Como ele se atrevia?

O Guardiã disse:

— *Sir...*

— Abordei essas preocupações no meu livreto “Forte apelo à Sua Majestade para que estabeleça um sucessor à Coroa” — ele acenou com um livro de capa de couro preta na mão direita. — Apresentei tudo o que queria, mas ainda não recebi resposta!

— *Sir*, isso não tem a ver...

— Nosso discurso é livre aqui na Câmara dos Comuns! Posso apresentar...

— Não é o momento apropriado, não estamos criando uma lei.

Fitei-o, crendo que com meu olhar severo conseguiria silenciá-lo. Porém, os puritanos não são silenciados por



olhares, nem mesmo os da rainha. Deixe que aquele homem irritante fale então.

— Faça uso desse discurso livre então, senhor — ordenei.

— Continue.

Ele olhou assustado e depois que o mandaram falar, gaguejou.

— Eu... eu... — folheou o livro rapidamente.

— Não, sem livro — eu disse. — Você deve discursar a partir do que vem de sua mente e do seu coração.

— Muito bem! A senhora sabe que insisto nisso desde 1562, quando Vossa Majestade foi acometida pela varíola e vimos que, se nossa capitã morresse, não haveria ninguém para assumir o leme do navio. Muitos dividem comigo esse medo! No entanto, a senhora não fez nada para amenizar esse medo. Depois que a rainha dos escoceses foi... afastada... escrevi meu “Forte apelo”, pedindo urgência. Agora, o Parlamento deve agir em vosso nome já que a senhora não o fará. O Parlamento deve compor uma lei com relação à sucessão.

Senti uma onda de calor espalhando-se em volta do meu pescoço, como se fosse uma causticante mão. As ervas do dr. Lopez tinham me ajudado a acalmar os episódios, como lampejos de fogo que estalavam e me pegavam de surpresa, mas não haviam conseguido dar um fim naquilo. Meu colarinho ficou todo encharcado de suor e o vestido simples que eu usava repentinamente parecia uma camisa de silício.

— O Parlamento não tem esse poder — falei.

— O Parlamento determinou a sucessão que levou Vossa Majestade ao trono — ele disse.

Agora, sentia como se meu rosto estivesse de frente para a fornalha de um ferreiro. O Parlamento havia aprovado uma lei de sucessão, mas somente de acordo com os desejos de meu pai, desejos que ele mudava quase que constantemente. Era minha vez, depois não era mais e depois lá estava eu na sucessão novamente. Nem me importava de ser lembrada por isso.

— De acordo com a vontade de Henrique VIII — eu disse.

Wentworth virou-se, dirigindo-se a seus companheiros parlamentares, embora não virando exatamente as costas para mim.

— A história nos diz o que acontece em um reino sem herdeiros — bradou. — Cada era é diferente, cada era tem seus próprios temores. Agora, para nós, caso nossa graciosa rainha venha a falecer e nenhum sucessor seja determinado, uma competição feroz vai se irromper pela coroa. O reino se dividirá, fazendo com que sejamos presas fáceis para a Espanha — ele olhou para cima como se contemplasse o Paraíso. — Agricultores serão mortos no campo, crianças assassinadas em todas as cidades, as mulheres serão violentadas, os vilarejos serão queimados e a religião será relegada ao pó!

— Você retrata tudo com muitos detalhes — foi tudo o que eu disse.

— Lembre-se de Roboão, filho de Salomão! Ele perdeu o reino de seu pai, dividindo-o ao meio. Os olhos da Inglaterra estão sobre a senhora! — ele disse em tom alto a mim.

— Sim, eles estão e sempre estiveram, desde que nasci — disse calmamente. Houve uma gargalhada reconfortante ecoando das câmaras.

— Meu amor verdadeiro e incondicional pela senhora força-me, cara e natural soberana, a dizer-lhe que, se Vossa Majestade não estabelecer a sucessão ainda em vida, temo que tenha a alma e a consciência perturbadas, sim, 10 mil infernos em vossa alma, quando morrer, e certamente morrerá, vosso nobre corpo ficará exposto sobre a terra, um triste espetáculo para o mundo...

— O representante Wentworth precisa tomar ar — disse, fazendo um sinal para os guardas. — Levem-no para que possa tomar fôlego novamente.

— A senhora deixará um nome infame... — ele foi empurrado para fora da câmara, deixando um rastro de silêncio.

Cabia a mim quebrar o silêncio, modificar o humor que ali pairava. No entanto, estava banhada em suor e não somente por causa do calor que pinicava meu pescoço. “Ficar exposta... a senhora certamente morrerá...”, pigarreei e me preparei para falar.

— As palavras dele são mais selvagens do que as da peça *Tamerlão*, de Christopher Marlowe, e me pergunto se ele não quer subir ao palco também.

Era disso que precisava. Uma gargalhada soou por toda a câmara e assim evitei a questão da sucessão mais uma vez. Resolverei essa questão da minha maneira, no momento que me convier.

O Parlamento continuou a se reunir durante toda a Quaresma, junto com o clima sombrio do período e das leituras penitenciais rebuscadas dos serviços. O arcebispo Whitgift adorava a Quaresma, pois permitia que concedesse indulgências em suas propensões à Velha Igreja. Alvoradas tardias e entardeceres precoces faziam necessárias velas flamejantes no altar. A busca pela consciência passava pela confissão e pela abstinência, o jejum purificava a alma. O leme consagrado pelo tempo do ano litúrgico virou-se lentamente e as seis semanas da Quaresma poderiam parecer muito longas, dependendo das privações a que se fosse submetido.

Não havia peças, poucas festividades na corte, nada de música e nenhuma cerimônia de casamento. Os cortesãos guardavam suas roupas espalhafatosas e muitos voltavam para suas casas no interior.

Embora os puritanos rejeitassem o ano litúrgico, considerando que o calendário litúrgico fosse papal, eles pareciam manter a Quaresma por todo o ano e desejar que o país fizesse o mesmo. Felizmente, reveses políticos tinham reprimido seu poder ultimamente, assim como sua objeção ao meu governo, dissipando a ameaça de algum tipo de religião reformada calvinista ser imposta sobre nós.

Encontrei consolo nas referências antigas, embora não as exibisse. Tinha, afinal, crescido com elas e eram confortavelmente familiares para mim. Gostava da passagem “Lembre-se, homem, que tu és pó e ao pó retornarás”, seguida das marcas de cinzas feitas com o dedão em minha testa. Não hesitei em analisar a lista de transgressões que poderia ter cometido, falta de caridade, falta de compaixão, vaidades e autoilusão.

Em particular, eu usava o *memento mori*<sup>10</sup> que Essex me dera, às vezes tirando-o do meu peito e olhando fixamente para os buracos em que um dia estiveram olhos. Quando me olhava no espelho, meu rosto branco e marcas escuras em meus olhos formavam a mesma anatomia. O crânio sob minhas bochechas cheias de pó sabia de tudo.

A morte estava enraizada em minha mente, ainda mais com aquela praga nos assolando durante a Quaresma. Muitos já haviam morrido em Londres, o som dos sinos e das lamentações e os chamados de luto como “Tragam seus mortos” não diminuía. Mandei todos os mantimentos que pude aos sobreviventes, mas havia pouco a fazer para evitar os estragos. Mandei que os teatros fossem fechados, bem como suspendi os concertos no Royal Exchange para evitar as multidões e tentar retardar a propagação da doença.

“As rainhas têm morrido jovens”, disse um poeta. Eu não era mais jovem e Wentworth havia acabado de me lembrar em alto e bom som que eu podia morrer. Eu morreria. Alguém sentaria no trono depois de mim. Quem seria esse alguém?

Havia quem considerasse que eu não conseguia nem pensar que pudesse morrer, buscando evitar o simples mencionar desse assunto, como se isso fosse mantê-lo a distância. Mas eles estavam enganados sobre os meus motivos. O que eu queria manter a distância era a atenção ao meu sucessor, fazendo com que todos me ignorassem. Assim que eu dissesse um nome, estaria criando um governo alternativo, alguém a quem as pessoas

descontentes poderiam procurar para pedir reparação. Eu me tornaria obsoleta. Disse claramente uma vez: “Acha que eu vestirei a minha mortalha ainda viva?”. A partir disso, as pessoas pensavam que era a mortalha que eu evitava, não sendo morta politicamente antes do meu tempo.

O próximo teria de ser Jaime VI da Escócia. Todos sabiam disso, mas eu não o nomearia formalmente. Ele era o único reclamante possível que satisfaria as necessidades da Inglaterra. Todos os outros candidatos eram tanto estrangeiros quanto católicos, ou parentes mais distantes. Se era tão óbvio que seria Jaime, por que não paravam de me atormentar?

Eu não estava muito impressionada com Jaime, mas ele era a melhor opção. Como parcimoniosa monarca, tinha, no entanto, decidido que seria um bom investimento dar a Jaime uma mesada, sujeita ao seu bom comportamento. Como resultado, mal levantou suspeitas quando sua mãe foi executada.

Diziam que Jaime era estranho, mas como poderia ser diferente com tal mãe e tal pai? Já era um milagre que não fosse louco. Se ele tivesse uma propensão ao pedantismo, seria um preço baixo a pagar por tudo aquilo que tinha passado. Queria acreditar que meu povo o receberia bem... em algum momento, em um futuro distante.

Robert Cecil trouxe-me as atas dos debates do Parlamento. Ele tinha uma cadeira na Câmara dos Comuns, seu pai tinha uma na dos lordes. Essex também participava da dos lordes, seus retentores nos Comuns. Fiquei chocada ao saber que Francis Bacon, o homem de Essex dentro dos Comuns, havia sido contra o subsídio para enfrentar os espanhóis, falando em voz alta contra a concessão do pedido no período de tempo em que foi solicitado.

*Sir* George Carey respondeu à altura, dizendo que os espanhóis já haviam enviado 140 mil contos de ouro para a Inglaterra para subornar a nobreza, além de corromper os escoceses.

— A rainha está determinada em despachar *sir* Francis Drake para enfrentá-los com uma grande marinha — ele bradou. — Negaremos seu pedido?

Bacon levantou-se e disse que o país não poderia sustentar a subvenção. Os senhores do reino deviam vender a prataria e os agricultores os potes de bronze.

Aquela deslealdade me surpreendeu. Estaria ele apelando para as massas que estavam fora do perigo do país? Será que Essex estaria por trás de sua atitude? Pois Francis Bacon era seu homem de confiança e não teria justificativa para tal ato. Estaria seu mestre tentando me prejudicar, cortejando popularidade diretamente com as pessoas?

No final, ele foi superado e eu consegui meu subsídio. Mas não me esqueceria de sua obstrução e as sementes da minha desconfiança sobre Essex estavam plantadas.

Tenho agora que agradecer ao Parlamento. Pensei muito sobre minhas palavras. Mesmo que a história julgue por fim nossas ações, são nossas palavras que conseguem persuadir as pessoas a permitir essas ações e embelezá-las para torná-las gloriosas. Rezei para que minhas palavras fossem as melhores.

Quando voltei ao Parlamento no dia do fechamento, estava satisfeita com o que iria dizer.

Era abril e a semana santa havia começado. O ar estava mais leve e sabíamos que a primavera havia começado. As folhas ainda se enrolavam sobre os ramos, vistas do rio, estavam levemente verdes e as violetas davam à relva uma sombra roxa. Os remos mergulhados na água turva pareciam nos impulsionar para o calor.

De frente para os lordes, com os Comuns ouvindo do lado de fora da câmara, ao lado de Hunsdon, o lorde chanceler, com Burghley à minha direita, o lorde tesoureiro, e, à minha esquerda, esperei o lorde Guardiã do Grande Selo garantir-lhes que “se os cofres de Sua Majestade não estivessem vazios ou se ela pudesse reabastecê-los com seu próprio sacrifício, não teria pedido aos seus súditos, nem aceito a

oferta, mesmo que a oferecessem de livre e espontânea vontade”.

Levantei-me e me dirigi a ele:

— Garanto-lhes que os que fazem isso prosperarão, nada é para mim. Muitos príncipes mais sábios do que eu mesma vocês já tiveram, inclusive meu pai, de quem estou muito longe, mas vocês não tiveram nenhum cujo amor e carinho pudesse ser maior do que o meu.

Olhando para eles, com seus rostos sinceros fixos mim, senti-me inspirada a continuar e a avisá-los sobre a disseminação do temor:

— De minha parte, juro que meu coração nunca conheceu o medo. Em termos de ambição, de glória, nunca procurei ampliar os territórios de minhas terras. Se tivesse usado minhas forças para manter o inimigo longe de vocês, teria feito por sua segurança e para manter os perigos bem distantes.

Eles estavam quase comemorando, mas eu ainda tinha avisos importantes para eles. Silenciei-os com um olhar e depois continuei:

— Não permitirei que voltem para suas casas no interior e espalhem o medo em meu povo. Até mesmo nossos inimigos mantêm a natureza resoluta e valente. Somente avisem as pessoas para serem cautelosas e não serem pegas dormindo. Elas devem então mostrar o seu valor próprio e frustrar as esperanças do inimigo.

Os rostos sérios diante de mim estavam resolutos.

— Para concluir, garanto que não incluirei nenhuma despesa inútil. Agora devo agradecer-lhes como nenhum outro príncipe jamais agradeceu seus súditos, assegurando-lhes que o meu carinho por vocês é, e deve ser, maior do que qualquer outra preocupação mundana.

Era possível sentir o amor dentro da câmara fluindo entre nós, uma ligação tão forte quanto um abraço. Eu não os decepcionaria, eles não me decepcionariam. Éramos um só.

Julho de 1593



**E**ra um delicioso dia de verão. Fiz um passeio revigorante fora dos limites do meu sufocante aposento em Greenwich. Quando retornei, desfrutei de um piquenique no pátio atrás do palácio. Cerveja, frutinhas, queijo e pães saborosos e doces, ah, a perfeição!

E lá as notícias esperavam por mim. Vinham da França, trazidas por Cecil pai e Cecil filho, pois temiam em contar para mim sem o apoio um do outro.

Henrique IV da França havia abraçado o catolicismo. Para subir ao trono, havia abandonado sua consciência e se curvado a Roma. “Paris bem vale uma missa”, foi o que o ouviram dizer.

— Ele tomou a decisão certa — disse Burghley, com sua voz cansada, quase um sussurro. Ultimamente ele raramente saía, e agora resolveu abrir a boca. — Paris recusava-se veementemente a admiti-lo e ele não pode governar a França sem Paris — ele parecia triste, como um cão velho. — A verdade é essa, Majestade.

— A verdade! A verdade? — bradei. — Pelo amor de Deus! Por São Swithin!<sup>11</sup> Uma pessoa não pode se curvar ou alterar a verdade? Será que ele não conseguiria ter



persuadido Paris? — assim que disse, percebi como a probabilidade daquilo acontecer era pequena.

— Paris é resolutamente católica — disse Robert. — É uma loucura!

Pensei em todo o dinheiro que enviei, sem ter condições, para manter Henrique IV como sucessor protestante ao trono francês. Estava furiosa. Tinha esgotado o reino, meu pobre reino, para sustentar aquele traidor. Tinha sido tudo em vão.

E havia perdido meu maior aliado. Não havia mais nenhum governante protestante na Europa agora, além dos escandinavos. Os Países Baixos ainda estavam em revolta, mas nada estava resolvido. Alguns guardas reais alemães e príncipes. E o restante... Espanha, Polônia, Irlanda, Itália e agora França, todos nos braços do papa.

Ah, malditos parisienses! Malditos franceses! Maldição, Henrique! A derrota da Armada não serviu para nada? Ficaríamos sozinhos para sempre?

— Aquele traidor! — bradei. — Depois de tudo o que me garantiu! — De alguma maneira a morte inútil do irmão de Essex tinha que fazer sentido para mim. Ele havia morrido para nada, nada, nada... Eu queria arrancar os olhos de Henrique e fazê-lo pagar por tudo aquilo.

— Ele fez o que achava que deveria fazer — disse Robert. — Não agiu com o coração.

— Dane-se o coração dele! — gritei. — Não me importo com o coração dele. Que seja cozido no óleo santo!

Burghley riu, mesmo sentindo dor ao fazê-lo.

— Agora você está parecendo seu pai — ele disse.

— Se eu tivesse como, se eu pudesse, lideraria um exército para punir aquele Judas... Ele é pior que Filipe!

— Dificilmente, Majestade — Robert então falou. — Ele não declarou guerra contra a senhora. O catolicismo para ele é uma mera questão de conveniência, não uma questão de consciência. A senhora ainda poderá contar com ele como aliado.

- Não posso contar com um traidor como aliado — rebati.  
— Não tenho respeito por homens assim.  
— O que é melhor, um aliado que não se respeita ou um inimigo absoluto que é firme em seus princípios?  
— Ah! — bradei. — Ambos devem arder no inferno!  
— Mas, enquanto isso, qual dos dois seria o melhor para a senhora? — Robert continuou me pressionando.  
— Ambos são inúteis.

Por fim, é claro, fui forçada a fazer as pazes com Henrique IV, após algumas cartas de repreensão e algumas ordens com o dedo em riste. Eu não tinha poderes para agir de outra forma. Sua cínica conversão política foi mais um marco na minha jornada de sabedoria e desilusão.

Meu aniversário estava chegando. Completaria sessenta anos. E, da mesma forma como aconteceu há sessenta anos, quando minha mãe foi para seus aposentos esperar pelo meu nascimento, retirei-me para os mesmos aposentos em Greenwich. Meus pais casaram-se secretamente em janeiro, minha mãe foi coroada rainha em junho e depois, de agosto em diante, ela ficou confinada aos seus aposentos em Greenwich como era de costume.

Meu pai também nascera em Greenwich e queria homenagear o lugar com o nascimento de seu tão esperado filho. Todos estavam certos de que seria um filho, ou fingiam estarem certos. Certamente que alguns tiveram dúvidas ou presságios. Mas não ousavam contradizê-lo, ou talvez meu pai não quisesse ouvi-los.

Quando, naquele sétimo dia de setembro, vim ao mundo com o sexo feminino e não masculino, meu pai ficou chocado. Mas ele encarou da melhor maneira possível, dizendo: “Se agora veio uma filha, meu amor, os filhos logo virão!”. E beijou minha mãe.

Ele me deu o nome de Elizabeth por causa de sua mãe, acrescentado “ss” para as proclamações de anúncio do

nascimento de um príncipe e organizando um batismo de luxo para mim com todos os dignitários do reino.

Além das fronteiras do seu reino, ninguém me reconheceu como legítima e a elaborada cerimônia que meu pai tinha organizado teve efeito contrário.

Há sessenta anos... Será que o mês de setembro estava tão quente quanto o de agora? Será que minha mãe havia sufocado enquanto mudava de quarto para quarto em seus aposentos? Teria ela rezado por um dia de temperatura amena quando começou o trabalho de parto? Eu também desejava um dia mais fresco. O calor sufocante pouco fez para amenizar os episódios ocasionais de calor. Passei pelos quartos, seguindo os passos de minha mãe, tentando imaginar o que ela tinha sentido, como se, de alguma maneira, isso me permitisse sentir-me como ela.

Não me lembrava dela. Tentei ao máximo, mas não conseguia ver seu rosto, não conseguia me lembrar de sua voz. Eu tinha um anel com seu retrato e o meu, mas olhar para aquele anel era a única maneira de poder vê-la no meu dia. Era uma maneira pobre de substituí-la. Ela passou bem aqui... E bem aqui deve ter feito a volta e descansado os cotovelos no parapeito, observando o grande rio, movimentando seu rosto para apanhar a brisa. Fugindo de mim como uma sombra.

Eu havia proibido qualquer tipo de celebração para o meu aniversário. Não queria lembrar ninguém da minha idade. Sessenta, o próprio *som* já era velho, evocando uma série de outras palavras como “anciã”, “Nestor”,<sup>12</sup> “idosa”, “sábia”, “velhice”, “bengala”, “gota”, “impotente”, “velha” e “senil”. Sabia que seria assim, pois fazia um tempo achava a mesma coisa. Agora, estava muito sensível a tais palavras, provando ser sinônimo delas... Ou tinha medo que os outros pensassem que fosse.

Minha postura estava mais ereta e robusta do que nunca e minha saúde era boa. Sob a peruca, meus cabelos estavam descoloridos como areia com alguns traços de vermelho e cinza. Precisava de óculos para ler, pois as letras

pareciam apenas rabiscos pretos para mim. Cansava-me com mais facilidade e meu temperamento era mais frágil no início do dia. Mas isso não passava de pequenas cobranças do velho Cronos, deus do tempo, e eu estava satisfeita. Os anos haviam sido bons comigo.

Ninguém mais na minha família havia vivido tanto tempo. Poucos reis da Inglaterra viveram tanto. Conhecia o histórico da família e achava que, após a chegada dos normandos, houve apenas cinco reis que chegaram aos sessenta, incluindo o próprio conquistador, que morreu quase com essa idade. Era grata por isso.

Daria a mim mesma um presente de aniversário, fazendo o que mais gostava: traduzir filosofia. E de quem deveria ser? De alguém que ainda não houvesse tentado, alguém difícil, que me desafiasse. Escolhi a “Consolação da Filosofia” de Boécio, composta há mais de dez anos quando o pensador enfrentava a execução pelo imperador Teodorico. Se ele conseguiu encontrar a consolação na filosofia enquanto estava na prisão, aguardando a morte, eu certamente poderia encontrá-la quando enfrentasse nada mais oneroso do que o sexagésimo aniversário.

Boécio escreveu em latim, idioma do qual eu gostava muito de traduzir. A economia de expressão em latim era admirável. Se eu pensasse em seis frases em inglês, elas seriam resumidas a três em latim. É bom que tenhamos a língua dos antigos romanos para nos lembrar da elegância de suas maneiras.

A tarde corria enquanto me debruçava sobre a mesa, folheando papéis em busca de palavras. O pôr do sol entrava diretamente pelas janelas, tornando tudo mais quente. Estava quase deixando os papéis de lado e pedindo uma bebida gelada quando minha cara Helena entrou no quarto.

Ela fez uma breve reverência.

— Meus cumprimentos à...

Levantei-me, colocando um dos dedos sobre meus lábios para que ela silenciasse.

— Não, querida. Hoje é um dia como outro qualquer.

Ela entendeu. Mas não era por isso que ela havia vindo.

— Fui enviada para avisar que a senhora tem uma visita inesperada. Vinda da Irlanda.

Irlanda! Será que William Fitzwilliam, meu representante por lá, havia retornado? Seriam más notícias? Será que os espanhóis teriam desembarcado lá? Só poderia ser uma crise. Éramos soberanos nominais da Irlanda, e éramos fazia séculos, mas nossa dominação estava instável.

— Ela está esperando na sala da guarda.

— Ela?

— A pirata. Aquela mulher pirata, a mãe de todas as rebeliões na Irlanda.

— Grace O'Malley? — trocamos algumas cartas, ela havia pedido minha ajuda em nome de seu filho, que era prisioneiro do meu governador em Connaught, na Irlanda. Eu tinha enviado a ela uma lista com dezoito questões para serem respondidas antes que tomasse qualquer atitude e não recebi resposta. Se as respostas dela me parecessem corretas, estaria mais do que pronta para ajudá-la.

Ela havia me impressionando já em sua primeira carta, na qual me pedia que “concedesse ao dito súdito a aprovação por escrito com o selo de Vossa Majestade completa liberdade durante toda a vida para invadir com espada e armas de fogo maiores inimigos de vossa alteza, onde estivessem e quem quer que fossem, sem interferência de qualquer pessoa ou quaisquer pessoas”.

Ela poderia ser útil a mim e, pelo que eu sabia, o que ela prometia, cumpria. Navegava em seus próprios navios, empunhava mosquetão e espada contra seus inimigos, até mesmo contra os turcos uma vez!

— Sim. Ela está ancorada no Tâmis, nos degraus de desembarque do palácio — disse que é tão boa marinheira quanto o próprio Drake.

Claro que isso era impossível. Ela não tinha velejado pelo mundo, passado pela América do Sul, encontrado novas passagens para o Pacífico. Mas, mesmo assim, uma pessoa podia ser um ótimo marinheiro sem tais feitos heroicos.

— Devo recebê-la juntamente com o resto da corte presente — quem estivesse ali naquela tarde poderia estar presente. — Na sala de audiências.

Helena correu para avisar e eu fiquei me perguntando qual seria o real propósito da irlandesa ao vir até aqui. Ela tinha me proporcionado uma comemoração de aniversário inesperada, garantindo que ficaria na minha memória.

Aguardei em meu trono na sala de audiências, paredes longas cheias de janelas, o que garantia a mim uma boa visão de Grace O'Malley. Os cortesãos, reunidos às pressas, estavam alinhados dos dois lados, como coristas no dia de apresentação, todos curiosos para ver aquela famosa mulher. E o que eu esperava? Alguém com cabelos embaraçados, vestindo uma pele de lobo? Ou em trajes de pirata, calças masculinas e botas de cano alto?

— *Gráinne Ní Mháille!* — o oficial anunciou. — Grace O'Malley. — As portas se abriram e revelaram uma mulher ruiva e alta, num belo vestido. Dois de meus guardas acompanharam-na e o capitão ordenou que fosse revistada. Ela soltou suas armas para facilitar o serviço. Um deles gritou “um punhal!” e arrancou-o da bainha. Os outros guardas empunharam suas espadas, apontando-as para ela.

— Você vem até minha presença com um punhal? — certamente ela não queria me atacar perante várias testemunhas. Ela ficou olhando para mim e não respondeu. Aí então percebi que ela não falava inglês, é claro. Tentei o francês e continuei recebendo aquele olhar perdido. Tentei então galês, pensando ter encontrado alguém para praticar a língua. Nada.

— Alguém aqui fala irlandês? — perguntei. — Você, Francis?

Bacon parecia saber tudo, talvez conhecesse aquela língua. Ele tentou falar com ela em uma ou duas parcas frases. Ela então falou. Sua voz era baixa e forte.

— Alteza, ela fala latim — disse Bacon, aliviado. — Ela pergunta se a senhora fala.

— É claro que sim! — e eu havia passado a tarde pensando em latim. Que sorte. — Francis, você pode traduzir para a corte?

Ele concordou.

— Por quê, senhora O'Malley, a senhora escondeu um punhal consigo? — perguntei.

— Não estava escondido, Majestade. Estava bem à vista. Uso-o para minha própria proteção. Há muitos que me matariam.

— Na Irlanda, talvez, mas não aqui — já tinha ouvido sobre as tentativas de assassinato contra ela, mas todos na Irlanda constantemente tentavam matar seus inimigos. Grace havia enganado e vencido todos os prováveis assassinos.

Ela sorriu para mim, e era um sorriso deslumbrante que revelava todos os dentes.

— Aqui, lá, em qualquer lugar.

Concordei e disse:

— Aproxime-se do trono.

Ela veio em minha direção, mas, quando chegou ao ponto em que deveria fazer a reverência, ela continuou andando. Os guardas seguraram-na pelos braços e a fizeram parar.

— Você se esqueceu da apresentação necessária — eles a lembraram.

— Não me esqueci — ela disse. — Mas não me submeto à senhora como rainha da Irlanda, pois não a reconheço como tal. Submeto-me à sua soberania apenas como rainha da Inglaterra.

— Então, curve-se à rainha da Inglaterra como visitante, não como súdita. — Pelas chagas do Senhor, mas ela estava testando minha paciência!

Ela o fez e agora se encontrava a menos de dez passos de mim.

— Fale o que deseje — eu disse.

— Com a permissão de Vossa Alteza, direi tudo.

Ela definiu seu caso rapidamente, sem nenhuma das histórias pelas quais os irlandeses eram famosos. Talvez soubesse que os duros fatos falariam mais alto do que qualquer disfarce sobre eles. Ela já havia se casado duas vezes e ficado viúva duas vezes. Seu primeiro marido morrera em batalha. Com ele, ela teve dois filhos, com o segundo, um filho. *Sir* Richard Bingham, meu governador na região de Connaught, havia matado um dos filhos dela, Owen, e levado o outro para a prisão, onde já estava o meio-irmão dele também. O terceiro filho, ele havia persuadido a declarar lealdade a ele.

— Ele os mantém preso contra todas as leis — ela disse.

— Ele se recusa a libertá-los. É um mentiroso cruel e bárbaro e um torturador. Antes de roubá-los, roubou meu gado e minha propriedade.

— E a senhora, sempre seguiu as leis? — eu ri. Ela não seguia lei alguma senão a própria e praticava pirataria sempre que podia. Havia liderado muitas rebeliões contra os ingleses antes de finalmente submeter-se e eu sabia que sua submissão era condicional.

— Exceto quando os outros não seguem. Descobri que quando se trata de um transgressor, tentar manter a lei me deixa em desvantagem para reagir.

Seu latim era impressionante. Ela desfiava as frases, com as mudanças de tempo e objeto, tão facilmente como cantar uma cantiga.

— E entendo que você reagiu vigorosamente.

Ela jogou a cabeça para trás, gargalhando.

— Eu saqueei os navios dele, usei os meus para transportar as tropas contra ele e invadi suas cidades portuárias. Ele não podia aproveitar meus navios e eles eram como cavalos para mim.



Talvez ela fosse outro Drake, usando seus navios como um exército.

— Não a quero como inimiga — eu disse.

— Nem eu! — ela concordou. Seu sorriso então desapareceu. — Majestade, ordene que aquele canalha liberte minha família. Ordene-o! Ele terá que obedecer-lhe, mesmo que ele zombe de Deus!

— Você deveria ter esperado o meu chamado — eu disse. — Em vez de vir me pressionar assim.

— Respondi a todas as questões que a senhora me mandou — ela falou. — Esperei muito por sua resposta. Enquanto esperava, meu filho estava sofrendo. A senhora estava a apenas alguns quilômetros, eu tive que vir.

Estava prestes a dizer que nunca recebi a carta, mas antes que pudesse responder ela teve um acesso repentino de violentos espirros, um atrás do outro.

Isso sempre acontece em Greenwich, dizem que os campos ao redor fazem as pessoas tossirem. Marjorie Norris deu um passo à frente e entregou a ela um lenço rendado. Ela assoou o nariz bem alto, virou-se, foi em direção à lareira, jogando-o lá dentro.

— Senhora! — Marjorie gritou. — Aquele lenço era muito caro, feito de linho e renda franceses!

— Mas estava sujo — disse Grace, confusa. — Na Irlanda não guardamos roupas sujas conosco.

— Está dizendo que vocês irlandeses são mais limpos do que nós, ingleses? — perguntei.

— Em questão de lenços, certamente — ela respondeu.

Toda a plateia riu.

— É o momento de continuarmos nossa discussão em particular — eu disse. — Venha comigo ao quarto privado.

Lá dentro, pedi que se sentasse e ofereci uma cerveja.

— A audiência continua, mas agora podemos nos sentar — disse, puxando uma cadeira para ela. Muitas de minhas damas de honra estariam presentes, mas eu acreditava que a conversa seria melhor sem a presença dos conselheiros privados.

Ela permanecia sentada ereta e percebi que era sua postura natural. Era uma mulher muito bonita, agora que a via bem de perto, pude perceber que ela era mais velha do que parecia de longe. Talvez sua atitude e energia conseguissem disfarçar os anos.

— Conte-me sua história — eu falei. — Desde o princípio. Disseram-me que é cheia de pormenores. Com uma riqueza de detalhes que só os irlandeses podem observar.

— A vida de todos os irlandeses é interessante — ela respondeu. — E, se não for, fazemos com que pareça. Mas a minha realmente era interessante. Meu pai era Owen “Black Oak” O’Malley, chefe da baronia de Murrisk. Incomum para os irlandeses, sempre fomos uma família marítima e os navios de meu pai navegaram até a Escócia, Portugal e a Espanha. Fui eu que herdei a visão do comandante de ser capaz de olhar para o mar e prever o tempo, mas meu pai tentou fazer com que meu irmão entendesse, esperando que ele tivesse o mesmo dom.

Sim, eu sabia bem como era aquilo. Um pai que queria que seu filho carregasse certos traços, mas descobriu que quem o faria seria sua filha.

— Seu pai levou você para o mar? — não pude evitar a pergunta.

— Sim, com um pouco de persuasão. Sabe, minha mãe não achava descente, não para uma mulher, e disse que meu cabelo iria emaranhar-se nos cordames. Por isso, cortei tudo! — ela me contou, jogando os longos cabelos por sobre o ombro. — E faria novamente, se necessário — ela olhou para mim e piscou. — Sempre existirão perucas.

— De fato, sempre existirão — ela nem precisava de peruca, evidentemente. O cabelo ainda era grosso e vermelho, embora com indícios de cabelos brancos, como fios de um tecido fino.

— Voltando um pouco no tempo, quando você nasceu?

— Não tenho certeza do ano, mas seu pai ainda estava no trono e lembro-me do seu nascimento. Meu pai falou sobre isso, sobre a bela filha do rei com cabelos vermelhos, e

disse: “Viu, minha formosura, todas as filhas dignas tem cabelos vermelhos”.

Ela era mais velha do que eu, então. Para manter-se tão viva e forte, a vida de pirata era o segredo. Alguns me chamavam de pirata, no entanto, tudo o que podia fazer era financiá-los e autorizá-los, não sair eu mesma a navegar. Assim, eu era apenas uma pirata a distância.

— Acredito nisso. Seu pai era um sábio. — Certa vez alguém havia tentado me assassinar, bloqueando meu caminho no jardim do palácio e apontando uma pistola em linha reta contra meu peito, mas no final ele vacilou e deixou a arma cair. Mais tarde, disse aos guardas que não poderia seguir adiante, pois eu me parecia muito com o rei e tinha os cabelos vermelhos. Meu cabelo vermelho havia salvado minha vida.

— Casei-me aos dezesseis anos com Donal “Of the Battles” O’Flaherty. O nome dele era mais feroz do que o homem em si. Pouco tempo depois, já estava comandando sua frota. A frota de... digamos... navios mercantes.

Navios piratas, ela quis dizer. Mas somente acenei a cabeça, concordando.

— Ele foi morto em uma batalha. Em seguida, casei-me com seu sobrinho, Richard “In Irons” Burke. Ele ganhou esse nome por sempre usar uma malha metálica. Mesmo enquanto jantava. — ela riu complacientemente — Tivemos um filho, Tibbot, Tibbot “Of the Ships”, assim chamado porque nasceu a bordo de um navio — ela suspirou e se recostou, tomando um longo gole de cerveja. — A senhora já deve ter ouvido a história e deve achar que é apenas uma fábula. Mas é verdade.

— Não sei se entendi o que você quer dizer — eu disse.

— A história sobre mim e os turcos.

— Sei que você lutou contra eles, partindo os navios deles com os seus.

— Verdade. Dei à luz um dia antes e estava me recuperando na cabine quando o navio foi atacado pelos piratas turcos. Pude ouvir gritos e o barulho sobre no convés

e então o capitão apareceu na porta dizendo que as coisas estavam indo muito mal para nós. Será que eu não teria descanso? Levantei-me de uma vez, xinguei o capitão incapaz, peguei meu mosquete e corri para o convés. O primeiro homem que encontrei foi um turco, atirei nele, derrubando-o. Nossos navios se reuniram, capturamos o inimigo, matamos a tripulação e anexamos seus navios à nossa frota — ela cruzou os braços exprimindo satisfação.

— Naquele momento, comecei a prestar atenção nos ingleses. Vocês estavam aumentando o controle sobre o oeste irlandês e o confronto seria inevitável. Vocês estavam mudando as leis antigas do nosso povo, a maneira como herdávamos nossas terras, e então tivemos que reagir. A senhora consegue entender, não é?

— Consigo respeitar, embora não concorde.

— Sim, consigo ver a necessidade de seu povo por leis, mas por que a senhora proibiu nossos trovadores poéticos, proibiu nossos cabelos longos, nossas tradicionais vestes?

Antes que eu pudesse responder, ela continuou.

— No entanto, percebi a inutilidade da resistência e me submeti a vós em 1577, há dezesseis anos. Naquele tempo, *sir* Henry Sidney era o representante na Irlanda e eu conheci seu filho, Philip. Um rapaz sensível. Ele ficou muito tocado com a minha história, como apenas um poeta ficaria. Se a senhora quisesse saber mais sobre mim, leia as cartas dele. Ele reconta muitas passagens.

Eu já havia lido.

— A de que mais me lembro é aquela em que você não foi recebida pelo lorde Howth de Dublin, sendo-lhe negada a estada no castelo dele, porque estava ocupado durante a refeição e não queria ser incomodado. Você teve sua vingança, raptando o filho dele e fazendo-o jurar que nunca mais viraria as costas a qualquer um que lhe pedisse abrigo, e que, além disso, ele manteria um lugar reservado e sempre pronto à mesa para convidados inesperados. Disseram-me que ele assim o fez.

— O restante da minha história é mais violento e não tão interessante. Richard morreu e depois foram lutas e mais lutas para manter minhas terras e meu gado. Além disso, seu homem de confiança, Richard Bingham, apareceu e entrou na briga. Ele se tornou meu inimigo e tem se comportado de maneira que não honra sua senhora, a Rainha da Inglaterra. Não é sem razão que o chamamos de “O açoite de Connaught” — ela me estendeu um calhamaço de papéis. — As informações estão todas aqui.

Eu ainda estava surpresa com a história dela.

— O que devemos fazer com tudo isso? — eu disse por fim.

— Eu a servirei lealmente, como prometido, empunhando minha espada contra seus inimigos. Mas, em troca, ordene a Bingham que liberte minha família.

Parecia justo.

Eu quase concordei quando ela acrescentou:

— E tire-o do cargo. Ele não tem qualificação para tanto.

— Eu o farei, se você prometer parar de ajudar os rebeldes contra mim. Pois, até onde sei, não é somente Bingham contra quem você luta, mas também contra outros representantes meus. Você não é chamada de mãe da rebelião irlandesa por nada.

Ela parecia pega de surpresa, mas deu de ombros gentilmente.

— Prometo servir-lhe — ela disse. — A promessa de parar de me opor a vós não está implícita?

— Não, pois você escolhe a quem se opor.

Ela curvou-se e indagou:

— Tenho sua palavra?

— Tenho a sua?

Houve uma longa pausa.

— Sim — ela disse por fim.

— A palavra de uma pirata? — perguntou Marjorie Norris.  
— De que vale isso?

— Quando oferecida a um amigo, é para sempre — ela disse.

— E a um inimigo, não vale nada — eu respondi. — Sou sua amiga?

— Sim — ela disse. — E não escolho meus amigos levemente. Eles têm que passar por certas provações. A senhora passou.

— E como funciona isso?

— Encontrei alguém que se equipara a mim em termos de coragem — ela explicou. — É por isso que vim, para vê-la e obter sua aprovação.

— Você é mais ousada do que Drake — admiti, titubeando ao fazer tal elogio em público a ela.

LETTICE  
Novembro de 1593



**E**la decretou que os casacos seriam mais curtos na próxima estação na corte — disse meu filho. — Nenhum cortesão deve aparecer usando casacos que ultrapassassem os joelhos. E não podemos modificar os casacos antigos. Agora, há mais uma despesa desnecessária para nossa lista! — Ele estava sentado de frente para a lareira, envolto em um grande casaco verde do tipo que agora estava proibido, olhando melancolicamente para as chamas.

— O que a rainha quiser é necessário, por definição — disse com um suspiro. Estava se tornando cansativo. Venha aqui, vá até lá, todos submetidos aos seus caprichos. — Você vai ter que pedir dinheiro emprestado para fazer isso?

— Ainda não — disse Robert. — Os direitos sobre os vinhos durante este período frio do ano serão suficientes. Mas assim que esquentar... — ele abriu os braços.

Sim, o que ele faria o ano seguinte? Não havia comando militar para ele num futuro próximo e, além da presença regular no Conselho Privado, meu filho estava desempregado.

Francis e Anthony Bacon estavam ocupados com o novo grupo de espiões, esforçando-se para trazer informações que Robert poderia apresentar à rainha e ganhar a sua gratidão. Mas descobriram poucas coisas, e a tentativa de Francis de bloquear o projeto de lei de subsídios duplo no Parlamento despertara a ira da rainha. Agora, ela não queria mais nada com ele, assim sua teimosia por princípio tinha ferido a todos nós. Para um homem tão inteligente, Francis parecia determinado a agir estupidamente.

Eu estava de volta à Leicester House, ou, melhor, à Essex House. Não importava como se chamava, contanto que eu estivesse de volta a Londres. Não era bem-vinda à corte, mas podia ver Whitehall de uma das janelas e a margem do rio de outra. Todos se aglomeravam em Londres próximo aos nossos portões e uma grande parte frequentava a casa, onde poderíamos manter nossa própria pequena corte.

Aquela já havia sido a casa dos bispos às margens do rio e alguns diziam que os fantasmas dos antigos religiosos flutuavam pelos corredores da casa agora reconstruída. Se fosse verdade, eles dificilmente reconheceriam aquele labirinto de suítes de quartos, galeria, jardins e cozinhas. Depois da morte de Leicester, foi passada para mim e depois para Robert, que prontamente a renomeou de Essex House. Quando a dei para ele, estava abandonada e vazia. A rainha havia me forçado a leiloar as mobílias para pagar os débitos de Leicester com ela. Diziam que ela havia comprado nossa cama somente por despeito. Remobiliar a casa estava levando muito tempo.

Os preços haviam subido desde que Leicester a mobiliara pela primeira vez. Assim, as paredes que a rainha não poderia ordenar que fossem despidas de seus painéis de carvalho e da pintura dourada acolhiam salas quase nuas.

— Mais quente! — Aqui na Inglaterra ansiávamos por sol e calor, mas seu impacto sobre a renda Devereux obrigou-me a temer a sua chegada. — Sim, o verão é nosso inimigo. A menos que você possa tirar mais vantagem ainda do inverno agora. — Ah, por que os irmãos Bacon não



conseguiam *algo* interessante? Todas as promessas e conversas que tivemos levaram a lugar nenhum.

— O Natal está se aproximando — disse Robert. — A corte estará em alojamentos próximos. A rainha solicitará minha presença e então...

Não consegui me conter e comecei a rir.

— Para outra dança? Mais sussurros juntos durante a dança? É adorável que ela às vezes o chame de Robin e às vezes permita que você chame-a de Bess, mas as palavras não valem de nada. Ela sempre prefere as palavras, pois não custam nada para ela.

— Sinto-me como um boi confinado — murmurou Robert. — Não posso ir para a frente, nem para trás, nem para o lado. Não há nada que eu possa resolver ou resgatar para fazer meu nome — disse, dando um tapa no casaco. — Nada além de me vestir e desfilar, disputar e perseguir mulheres.

— Você é muito rápido nessas duas últimas atividades — avisei-o. — Fique longe dos duelos e não conquiste mulheres onde a rainha possa saber. Dizer que ela não aprova é desnecessário. Veja o que aconteceu com Raleigh. Ela é sensível em relação à fidelidade. E você é um homem casado — tinha medo que Robert tivesse herdado minha natureza ferosa, a pequena Frances não tinha forças para domesticá-lo. Mas a cautela deve ser a palavra de ordem. Transgressores devem estar sempre alertas.

— Não prometi a ela minha lealdade repetidas vezes? — ele suspirou.

— Fique longe das damas de honra dela — eu disse. — Vá para qualquer lugar em Londres. Não há falta de mulheres na cidade — como me arrependi daquele conselho.

Levantei-me, já estava anoitecendo. As velas precisavam ser acesas. As tardes de novembro se encerravam em uma névoa sombria e o pôr do sol era quase invisível. Os empregados acenderam as arandelas da parede e trouxeram vários lampiões de mesa. Estava prestes a pedir o jantar quando os irmãos Bacon foram anunciados, Francis e Anthony entraram na sala, Anthony entrou cambaleando e

se jogou no primeiro banco que alcançou. Ele deu uma tossida ou duas, enquanto os olhos de Francis brilhavam.

— Bem-vindos, amigos — disse Robert. — Vocês alegram o ambiente, pois a tristeza acabava de nos acometer.

— Nossas descobertas farão com que *fiquem* alegres — falou Francis. — Ah, como farão!

Robert puxou cadeiras para perto da mesa e moveu dois dos lampiões para aumentar a luz. Ele afagou a tapeçaria sobre a mesa e perguntou:

— Algo para mim? Aqui ou na Europa?

— Para nossa sorte, bem aqui — disse Anthony. — Nos aposentos da rainha! — Ele esfregou as mãos, aparentemente como um gesto de triunfo, mas realmente queria apenas aquecê-las.

Ah, é maravilhoso. Quanto mais próximo à rainha, maior a ameaça e maior nossa recompensa ao frustrá-la.

— Onde? — perguntou Robert.

— O médico pessoal dela, dr. Lopez! — bradou Francis. — Tenho provas de que ele está tramando com os espanhóis.

— Mas que motivos ele teria? — perguntou Robert. — Ele não é espanhol, os portugueses odeiam os espanhóis por ocuparem seu país.

— Talvez ele não seja leal aos portugueses — disse Francis. — Portugal o tratou de forma correta? Eles tinham a Inquisição e ele teve que fugir.

— Mas os espanhóis também — Robert não estava convencido.

— Quem sabe por que um homem decide entrar para o mundo da espionagem? Talvez por uma simples razão: dinheiro. Os espanhóis não podem fazer nada além de pagar mais do que a rainha.

— Lopez tem uma família grande e não é rico — disse Anthony, limpando a garganta ao falar. — Então ele tem necessidades. Meus agentes na Espanha têm acompanhado os espiões que Filipe está financiando na Inglaterra. Um deles, Ferrera da Gama, está hospedado na casa de Lopez em Holborn. Isso compromete Lopez. Ele tem a confiança da

rainha e fornece os remédios dela. Quem melhor para envenená-la? O assassinato é muito mais barato do que a invasão e alcança o mesmo objetivo.

— Talvez devêssemos deter esse tal de Ferrera — disse Francis.

— Sim e, além disso, alertar os oficiais Rye, Sandwich e Dover para abrir e examinar todas as cartas vindas de Portugal.

— Sim! — Robert respondeu. — E isso pode ser facilmente explicado, pois sou o responsável no Conselho Privado pelas relações com Portugal.

Lopez... Roderigo Lopez...

— Robert, ele não tratou você? — perguntei.

— Sim, consultei-me com ele certa vez — disse Robert.

— É melhor não tomar os remédios dele! — disse Francis com uma risada.

— Ele não tem razão para me envenenar — retrucou Robert.

— Até agora. Se descobrir que você o está seguindo, então... — Francis fez um barulho como se estivesse se asfixiando, segurando a garganta.

Lopez... tinha mais alguma coisa sobre ele. Lopez. Por Deus, é claro! As pessoas o acusavam de ter fornecido o veneno a Leicester, o que supostamente matou meu primeiro marido, Nicholas Throckmorton, e o conde de Sheddield. Como resultado, quando Leicester morreu repentinamente, suspeitaram que eu o tivesse envenenado em autodefesa. Finalmente, agora Lopez seria o suspeito de todas essas calúnias, e eu era grata a ele por isso.

— Londres está repleta de estrangeiros — disse Robert. — Por que são tolerados não consigo compreender. Formam-se verdadeiros esconderijos para que os traidores possam se esconder.

— Há estrangeiros e estrangeiros — disse Anthony, elevando a voz para que fosse ouvido. — Os cortadores de diamante que fugiram da Antuérpia, as engomadeiras que

se dedicam às golas das nossas roupas, certamente não os expulsaremos. Eles pagam impostos dobrados também.

— Os holandeses, os huguenotes, os suíços, também. Mas como esses astutos espanhóis entraram?

— O falso português, dom Antonio, ficou mais tempo do que devia — disse Francis. — Vivendo sob a graça e proteção de Sua Majestade nos últimos quinze anos. Ele sabe que a causa protestante está se apagando, então ele e os que o rodeiam estão tomando medidas desesperadas. Creio que está transferindo sua nacionalidade para a Espanha. Isso significa que os agentes espanhóis estão todos sob sua proteção.

— Lopez não é judeu? — perguntou Robert.

— Ele se converteu, juntamente com uma centena ou mais de seus conterrâneos — respondeu Francis.

— *Marranos* — completou Anthony. — É claro que a conversão não vale na Espanha. O marranos viveram felizes lá durante vários anos, até que os espanhóis resolveram expulsá-los, em 1492.

— Estúpidos, estúpidos espanhóis — disse Francis. — Lá se foram todos os cérebros de sua corte. Eles têm apresentando comportamento estúpido desde então. Não que devamos nos importar.

— A Espanha só é rica porque rouba as Américas, caso contrário seria a nação menos produtiva da Europa. Você pode citar apenas uma coisa que ela produz? Tudo é importado — disse Robert. — Para a Armada, ela não pode nem mesmo produzir barris que não vazem. Digno de pena. Francis está certo. Nenhum cérebro.

— Mas esse Lopez... — Anthony trouxe novamente o assunto. — Será que ele é mesmo cristão? Quer dizer, o próprio Jesus era judeu, o que não significa que não fosse um cristão de verdade, se entendem o que quero dizer.

— Como saberemos? E que diferença isso faz? — perguntou Robert. — Com a peça *O judeu de Malta* encenada continuamente para multidões durante todo o ano, ele será suspeito aos olhos das pessoas, pois há uma

passagem sobre envenenamento. Todos sabem que eles envenenam os poços.

— “Todos sabem” — zombou Francis. — As mentiras que “todos sabem” podem preencher milhares de pergaminhos.

— Se ao menos Kyd pudesse ter visto esse sucesso — disse Anthony. — A peça estava indo bem quando ele morreu, mas não vai tão bem como agora.

— Ele bebia muito — explicou Robert. — Sei que os poetas dizem que isso dá ideias e talvez até seja verdade, mas se ele não tivesse tanto gosto pela bebida...

— Ele não poderia ter sido atraído para a morte — disse Francis. — Um alcoólatra é um alvo fácil. Fácil de atrair e fácil de difamar. “Christopher Marlowe, morto em uma briga de taverna”, uma ótima notícia de capa. Ele foi silenciado por alguém superior a ele, alguém que se sente incomodado por suas atividades de espionagem. Portanto, tenha cuidado, Anthony.

— Não frequento tavernas nem me encontro com pessoas em estalagens em Deptford — disse Anthony. — Eu mal consigo chegar aqui a Essex House.

— Há pedras escorregadias na frente da Essex House, e um homem fraco pode tropeçar e bater a cabeça — avisou Francis.

— Há lugares escorregadios na corte e próximos à rainha, e um homem cheio de orgulho pode tropeçar e acabar na Torre — replicou Anthony. — Portanto, tenha cuidado, Francis.

Parece que todos pisamos em terrenos escorregadios. Nosso serviço de espionagem nos capacitou para servir à rainha, mas nos envolveu com elementos perigosos, ingleses de má reputação e inimigos estrangeiros sem escrúpulos. Devemos estar atentos aos nossos passos, de fato.

ELIZABETH  
Dia de Ano-Novo, 1594



**F**iquei horas em pé, recebendo os habituais presentes de ano-novo. Sorte a minha que não me importava em ficar de pé, na verdade, era conhecida pela minha capacidade de ficar em pé por longos períodos. Todos na corte me davam presentes de ano-novo e em troca eu presenteava muitos deles, embora não fosse eu mesma que entregasse os presentes.. Contudo, aquele que recebesse o bilhete era enviado ao meu Tesouro, obtendo permissão de escolher um prato, uma bandeja ou uma taça de ouro.

Burghley inclinou-se com dificuldade para a frente e presenteou-me com um porta-canetas, já Robert Cecil me ofereceu uma caixa de doces. Do arcebispo Whitgift ganhei um livro de orações com uma capa verde-oliva de madeira, esculpida na Terra Santa, e o conde de Southampton deu-me uma cópia encadernada de um poema.

— Não foi escrito por mim — apressou-se em dizer. — Mas por um poeta do qual me orgulho de ser cliente.

Ele tirou os cabelos finos de um dos ombros. Vi que exibia suas mais finas joias, bem como maquiagem no rosto.

Talvez estivesse ficando mais comedido, agora que tinha vinte anos.

Sacudi e abri o pacote. “Vênus e Adônis”.

— Brincando com os imortais? — perguntei.

— Uma história imortal — ele disse.

Um tal de William Shakespeare era o autor. Conhecia o nome. Ele havia escrito peças sobre Henrique VI.

— Você compõe versos? — perguntei a Southampton.

— Tentei, mas não saíram de meus aposentos — ele disse.

— Há muitos outros que deveriam dizer isso, mas não têm o bom-senso de fazê-lo — eu disse. — Obrigada e um ano abençoado para todos nós — fiz sinal mostrando que estava dispensado.

Poderia ser assim. O ano que passou teve seus problemas, mas 1594 parecia promissor.

— Vossa mais graciosa Majestade — dr. Lopez segurava seu presente, uma caixa dourada de treliça. Abri e olhei dentro, vi duas partes, uma com sementes e uma com pó dourado.

— Anis e açafraão, pois sua generosidade concedeu-me o monopólio dessas ervas — ele me lembrou.

Monopólios, a maneira pela qual eu recompensava os servos leais sem ter que tirar dinheiro do Tesouro.

— Obrigada, Roderigo. Seus remédios têm sido muito úteis — disse.

As ervas turcas que ele me fornecia exerceram uma função refrescante e agora raramente me sentia incomodada com os episódios de calor.

— Tenho uma nova remessa que acaba de chegar — ele disse. — Gostaria de trazê-las para senhora.

— Amanhã, então — respondi. Dispensei-o. Adoraria conversar mais com ele, sempre gostei de falar com Roderigo, mas a fila era muito longa atrás dele.

O jovem Essex deu um passo à frente, resplandecente em um traje de veludo branco com enfeites azul-claros. Uma boa escolha de cores para ele, completando com os cabelos

ruivos ondulados. Ele não tinha barba, fazendo com que seus lábios sensuais fosse sua característica mais marcante.

— Vossa Mais Gloriosa Majestade, é mais do que mereço, mas gostaria de beijar sua mão — ele se curvou e segurou minha mão, levando-a até aqueles lábios carnudos e quentes. Puxei-a rapidamente.

— O que você deseja este ano, Essex? O ano passado foi um bom ano para você, Conselho Privado, moradia em Londres, o que mais lhe falta?

— Desejar e merecer não são a mesma coisa, Majestade — ele disse. — Bem, sei que não mereço, mas desejo... tudo — ele ergueu os olhos para olhar diretamente em meus olhos.

Era um tolo, transparente em seus elogios, a fome voraz por reconhecimento era quase tocante, as ofertas fingindo um interesse amoroso eram embaraçosamente sedutoras. Ele quase conseguia me fazer acreditar.

— O que você trouxe para mim? — perguntei rapidamente. A fila atrás dele era ainda muito longa.

Ele deu um passo mais à frente e baixou a voz:

— Se entregá-lo agora, a senhora colocaria todos os outros de lado — ele olhou para a mesa cheia de presentes que já haviam chegado antes. — A pessoa errada pode vê-lo. Com sua permissão, gostaria de entregá-lo em particular.

Ele conhecia todos os truques. Suspirei.

— Muito bem. Você deve marcar uma audiência com o vice-camarista.

— Amanhã?

Amanhã eu teria que me encontrar com o dr. Lopez e não queria ter pressa.

Não, talvez depois de amanhã. O vice-camarista sabe da minha agenda.

Assim que ele saiu, vi que a fila havia ficado ainda mais longa. O dia de ano-novo era um teste de resistência na corte.



As solas dos meus pés estavam sensíveis, mas, fora isso, não sofri com o ritual do ano-novo. Poderia culpar a dor nos pés por causa dos sapatos que usava, jamais deveria sujeitar sapatos novos a tal provação. Então, aos sessenta anos, ainda conseguia ficar em pé o dia inteiro e não me sentir pior do que me sentia aos trinta. Isso já era um bom presente de ano-novo, saber disso era melhor do que todas as capas de livros decoradas, luvas bordadas e pingentes. Foi um presente que dei a mim mesma.

Aguardava pelo dr. Lopez com um xale de lã fina sobre os ombros. Era sempre muito frio em meus aposentos em Whitehall, mesmo no quarto, que era pequeno em relação à lareira, e não ficava suficientemente aquecido. Devia-se ao fato de estar tão perto do rio, onde a névoa do inverno pairava próxima à margem e penetrava nas casas. Parecia que já havia passado um ano desde que vimos o sol pela última vez.

Estremeci quando um frio tomou conta de mim. Um pouco de calor pessoal naquele momento seria bem-vindo, mas não queria aquilo tudo de volta.

Onde estava Lopez? Não era do feitio dele deixar alguém esperando. Era sempre rápido e atencioso. Andei um pouco na companhia de Catherine e Marjorie. Nós todos lamentávamos a falta de exercícios durante os meses tristes, mas a época de Natal na corte era uma compensação, o marido delas, Charles e Henry, havia chegado. Faltavam ainda quatro dias para o Natal, com peças, máscaras e festas, terminando com as travessuras da Noite de Reis.

— Fico grata por seus maridos virem passar o Natal na corte — disse à Marjorie e à Catherine. Bem, eu sabia que Henry preferiria ficar em Rycote, onde a caça era boa e Charles gostava de passar os meses de inverno inspecionando as instalações portuárias por toda a costa. Nenhum homem gostava das frivolidades da corte. Talvez, por isso, confiasse neles.

— De fato, é um presente para nós também — disse Marjorie. — Se eu não me encontrasse com ele aqui nos feriados, seria muito fácil esquecer que sou casada. Nossos filhos estão sempre longe lutando em alguma ação militar e assim não tenho família aqui para conversar — ela disse isso com leveza, mas sabia que o fato de ter quatro filhos ainda vivos e quase nunca os ver a deixava chateada.

— Minha cara Gralha... — disse, provocando-a com aquele velho apelido, embora seu cabelo preto já estivesse sumindo. — Ao menos eles retornam para casa vez ou outra — os meus familiares já haviam partido e nunca mais retornariam.

O que me restava de família eram os parentes por parte de mãe, sendo os mais próximos os filhos e os netos de Maria Bolena, minha tia.

Catherine era uma dessas, minha prima de primeiro grau por parte de mãe. Ela não tinha nenhuma semelhança nem com a avó Maria nem com minha mãe. O rosto de minha mãe era alongado, com um queixo pontudo, Catherine tinha um rosto redondo como uma lua cheia. Diziam que os olhos de minha mãe eram negros e “um convite à conversa”. Os de Catherine eram plácidos e reconfortantes, nunca exprimindo raiva. Minha mãe era magra e Catherine tinha um sobrepeso.

Lembro-me de minha tia Maria Bolena, que morreu quando eu tinha dez anos. Ela vinha pouco à corte, pois havia se casado com um cavaleiro depois que seu primeiro marido morrera de doença do suor. Dizem que foi um casamento por paixão. Se foi, a paixão ficava restrita à convivência privada.

Lembro-me das poucas vezes em que ela me contou histórias sobre minha mãe, sobre sua predileção por maçãs e peras secas, e sobre como ela gostava de contar a história da tartaruga e da lebre para as sobrinhas, contou-me sobre suas tentativas de trançar seu cabelo à maneira francesa quando era jovem. Eram apenas histórias. Havia tantas

coisas que gostaria de perguntar a ela hoje, e eu não tinha como.

Catherine havia se casado com um homem da família Howard, primos mais distantes meus. Ela e o almirante pareciam ter um bom relacionamento. Eram pais de cinco filhos, já crescidos, vivendo ocasionalmente na corte.

Aquelas mulheres eram o mais próximo de irmãs que tive, mas mesmo assim entre nós havia uma grande lacuna. Como rainha, vivia só, isolada.

Ah, por onde ele andava? Que tédio ter que esperar e esperar, enquanto andava e contava os minutos, lembrei-me que o meus súditos eram vítimas da espera todos os dias. Não tinham mensageiros para abrir o caminho nem prioridade em cerimônias, ou lugar na frente nas filas.

Um grande estrondo aconteceu nas salas externas e em seguida um dos guardas reais entrou:

— Majestade — ele disse. — Uma notícia grave. Traição! A traição está a caminho!

Um segundo guarda entrou, segurando a espada.

— Graças ao conde a senhora está salva!

— Que conde? — perguntei. — Que traição?

Essex apareceu na porta atrás dos guardas.

— A traição contra vós, Vossa Mais Graciosa Majestade! — Ele quase pulou para dentro do quarto, esquivando-se dos guardas, saltando rapidamente. Ajoelhou-se aos meus pés, deixando o cabelo ondulado cair sobre sua testa. — Impedi um perigoso plano de envenenamento contra vós.

Ele estava esperando que eu dissesse “levante-se”. E foi o que fiz.

Ao levantar-se, tomou fôlego:

— Por meio de informações em diligências, vigilância constante e informações secretas, descobri este mal hediondo. Um mal que os outros que protegem Vossa Sagrada Majestade não conseguiram ver.

Seriam os católicos? Alguém teria atendido ao chamado do papa? E se eles tivessem se levantado contra mim? Ou era um sujeito insatisfeito, zangado por algum motivo?

— Peço que seja mais específico — eu disse. — Quem, o que e onde?

— Veja na sua corte, encontre Roderigo Lopez. Ele não está aqui, mas sim preso. Onde ele está, não poderá ferir ninguém.

— Dr. Lopez? O que você quer dizer?

— Você leu os papéis que lhe entreguei? — Ele perguntou.

— Não, ainda não. Vou lê-los quando recebê-los. Você deveria vir amanhã.

— Se a senhora os tivesse lido, encontraria o dossiê do dr. Lopez, provas contra ele especificadas na íntegra! Ele está sendo pago pelos espanhóis e sua missão é envenená-la.

— Tolice! — O dr. Lopez não era desonesto. Conhecia as pessoas, podia sentir as coisas e sabia que ele era honesto. Contudo... Não seria uma armadilha armada pelo diabo, um sinônimo de orgulho, acreditar fortemente que eu tinha uma sensibilidade especial? Já não deveria ter aprendido que a traição poderia se esconder em lugares improváveis? — Fale-me sobre este plano — eu disse. — E onde exatamente está o dr. Lopez?

— Lopez abrigava Ferrera da Gama em sua casa, um exilado português em contato com a Espanha. Fomos capazes de interceptar esta correspondência...

— Nós?

— Os irmãos Bacon e eu, agindo sob minha responsabilidade como conselheiro privado de relações com Portugal, ordenei que todas as correspondências vindas de Portugal que chegassem a Rye, Sandwich e Dover fossem abertas e examinadas. Veja! Rendemos Gomez d'Ávila, um mensageiro levando cartas em código para da Gama. Enquanto isso, interceptamos uma carta de da Gama pedindo a Lopez, pelo amor de Deus, para impedir d'Ávila de vir para a Inglaterra. Dizia, estas são as exatas palavras, "pois se ele fosse pego, o doutor ficaria sem remédios".

— Por favor, continue.

— Conseguimos mostrar a carta interceptada a da Gama e fingimos que Lopez o havia traído. Isso o fez confessar que

ambos faziam parte de um grande plano para envenenar alguém. Mas ele insistiu que a vítima do plano era dom Antonio. Quando d'Ávila foi levado para a Torre e mostramos como seria torturado, ele também confessou.

— Confessou o quê? Qual foi a confissão exata?

— Que eles planejavam subverter o filho do pretense rei português, dom Antonio, à causa espanhola. As cartas eram escritas por um agente espanhol em Bruxelas, Manuel Luis Tinoco.

— E isso foi tudo o que descobriram? Um plano entre exilados portugueses? Como isso pode ser uma traição à minha pessoa?

— Majestade, é óbvio que dom Antonio não passa de um código para se referir à senhora.

A linguagem misteriosa sobre almíscar, pérolas e âmbar significa algo sinistro relativo à toailete feminina.

— É óbvio? Não parece óbvio para mim. O que Cecil sabe sobre esse tal Tinoco? Ele tem agentes em Bruxelas.

— Não incluía Cecil nisso.

— Como você ousa me dizer o que fazer? — indaguei, olhando fixamente para ele. — É de suma importância para a investigação — eu disse. — Agradeço-lhe por essa iniciativa, mas agora precisamos incluir outras fontes.

Ele ruborizou e perguntou:

— Que outras fontes? Meus agentes...

— Não podem estar em todos os lugares — eu falei. — Você e Robert Cecil devem coordenar esforços. Direi para que ele verifique os contatos em Bruxelas. Enquanto isso, liberte o dr. Lopez.

— O quê?

— Nada foi provado contra ele. Estamos todos cansados de dom Antonio. É tão surpreendente assim que seus companheiros de exílio tenham desertado de sua causa?

— Mas... envenenamento!

— Você não trouxe nenhuma prova ou detalhe sobre o dito envenenamento. Digo novamente, liberte o dr. Lopez.

— Vossa corte está em perigo — ele disse. — A senhora não se importa com a segurança?

— Sim, me importo muito. Mas não me escondo nas sombras nem aprisiono homens inocentes.

— Inocente! Veremos se ele é mesmo inocente! — Essex estava quase estremecendo de frustração.

— Você deve aceitar ou sair — eu ordenei. — Darei instruções a Robert Cecil.

— Ah! — ele murmurou, curvando-se. Vi que ele mordia os lábios para não dizer mais nada.

Virei-me para Catherine e Marjorie, que permaneciam mudas no canto, estavam pálidas.

— Besteira! — disse novamente, em voz alta, minha melhor palavra para desconsiderar algo. — Fantasias! Imagine, logo o dr. Lopez, que teve tantas oportunidades de me envenenar, faria isso...?— Minha voz sumiu.

As pessoas mudam. As pessoas podem ser corrompidas. As pessoas podem se converter.

Acreditava-se que o médico que atende a rainha fosse leal, mas...

— Mas, apenas por garantia, deveríamos testar suas ervas? — perguntou Catherine, com sua voz doce e suave.

— Já o fiz. Já testei em mim mesma.

— E as que ele deu à senhora ontem?

Ainda não havia usado o anis nem o açafraão que ele me presenteou com a caixa dourada. Pedi que fossem trazidos e, quando segurei a caixa em minhas mãos, abri e observei o conteúdo. O cheiro doce do anis saía da caixa. Quis colocar as sementes de anis sob minha língua e sentir que o gosto se espalhasse pela boca. Mas não o fiz.

— Não há em quem testar e animais não podem ser convencidos de comer essas coisas — eu disse. Portanto, nunca saberíamos.

— Pelo fracasso com as tentativas de invasão e por ter falhado no levante de seus súditos contra vós o rei da Espanha agora tenta uma alternativa mais barata, assassinato. Não foi o duque de Alba que disse que a

invasão não fazia sentido a menos que a senhora estivesse morta? — disse Marjorie.


— Sim, me disseram isso. Mas você e Essex estão ligando Lopez à Espanha e a um envenenamento sem prova alguma. Vamos ouvir o que Robert Cecil descobre quando interrogar Tinoco.

— A senhora tem razão e calma, como sempre — disse Catherine.

Como sempre, eu parecia calma externamente. Mas internamente estava tremendo. Guardei a caixa cuidadosamente para evitar chacoalhar o conteúdo.

## Junho de 1594



 Algo estava errado. Nosso glorioso junho havia sido corrompido, bombardeado por dilúvios inoportunos de chuva e frio, seguido de explosões cruéis de calor. A natureza não sabia como responder. As flores se abriam, depois se desfaziam e congelavam. O doce Tâmis tinha um odor insuportável.

Para escapar do fedor do rio, fui para o palácio de Saint James, que servia para caça. Ao horizonte estendiam-se campos abertos, ruas e pastagens, normalmente uma bela tapeçaria ondulada de grama e flores silvestres, mas agora tudo estava alagado e sem borboletas. O dia estava claro, diferente dos outros. Isso significava que os cidadãos podiam sair de suas casas para fazer as coisas que haviam postergado, tais como participar ou ver execuções.

Há apenas dois quilômetros de distância, depois dos campos, ficava Tyburn, com acesso fácil pela estrada que ia de Londres a Oxford, local em que os criminosos condenados à morte eram executados.

Havia uma forca lá e uma espécie de mesa em que o condenado era colocado para que o corpo fosse aberto, de acordo com a sentença de enforcamento, sendo em seguida arrastado e esquartejado. A caminho da forca, os



prisioneiros eram puxados por um carrinho com as mãos amarradas para trás, vaiados pelos espectadores. Geralmente, paravam em uma taverna para um último gole de cerveja, e a essa altura os condenados já estavam fazendo piadas. Para eles, não havia os discursos sombrios dos nobres que tentavam manter suas propriedades para suas famílias.

Aquelas pobres almas não tinham nada a perder e por isso iam para a morte alegremente, desdenhando da força.

No momento em que chegavam a Tyburn, uma multidão já estaria reunida. Os pais fingiam que haviam trazido seus filhos para ensinar-lhes a recompensa sombria do crime, mas na verdade iam apenas por entretenimento. Às vezes, se tivessem sorte, as vítimas tentavam lutar (é claro que sempre perdiam) ou até mesmo tentavam sobreviver à primeira sessão de enforcamento.

O ar estava parado, mas dava para ouvir, levemente abafado pela distância, mas ainda muito alto, o rugido de uma multidão em Tyburn. O dr. Lopez e seus companheiros estavam sendo executados. Essex procedeu a seu modo.

Debrucei-me no parapeito da janela do meu quarto, sentindo o cheiro estranho dos tijolos encharcados. O palácio já fora um retiro de leprosos antes que meu pai despejasse os monges e seus pupilos, os leprosos, e o transformado em um palácio de caça. Agora, eu sentia a tristeza daqueles leprosos maltratados levantando-se, acusando, chorando junto com a multidão em Tyburn. Depois do nosso encontro, Essex escreveu um bilhete histórico para Robert Cecil dizendo: “Descobri a traição mais perigosa e desesperada. O objetivo da conspiração era a morte de Sua Majestade. O executante seria o dr. Lopez por meio de envenenamento. Estou investigando e descobrirei até o meio-dia”.

O emaranhado de confissões que se seguiram, extraídas na tortura, tornou impossível poupar o dr. Lopez. Sob tortura ele admitiu espionar para a Espanha, buscando promover rebeliões na Inglaterra e planejando envenenar a rainha.

Mas sob tortura um homem não diria qualquer coisa? Cecil então alegou que não havia utilizado tortura. Ninguém podia confirmar o uso, ou admiti-lo.

A peça *Judeu de Malta* estava sendo encenada em teatros lotados em Londres, e uma das falas era “mas apresentar a tragédia de um judeu, que sorri ao ver como estão cheias suas bagagens” fazia todos chorarem pelo sangue de Lopez. Essex desfilou pelas ruas contando em voz alta sobre o plano diabólico do covarde judeu e assim a multidão logo pedia a morte dele. O ódio antiespanhol e antijudaico transformavam-se em histeria.

A multidão estava devidamente entretida. O dr. Lopez clamava ser inocente no cadafalso, dizendo que amava a rainha mais do que a Jesus e foi recebido com gritos de zombaria. Da Gama seguiu o mesmo destino e depois Tinoco protagonizou uma cena inovadora ao sobreviver ao enforcamento, ficar de pé e atacar seu executor. Ele não tinha chance, pois dois soldados o dominaram e a terrível sentença teve prosseguimento.

Robert Cecil contou todos os detalhes quando veio me presentear com um anel, tirado do dr. Lopez, que fora dado a ele pelo próprio rei Filipe para que cumprisse com o seu dever. Era um delicado rubi envolto em ouro.

— Parece o anel de uma mulher — eu disse. — Tem certeza de que não era da mulher dele?

— Não temos certeza de nada, Majestade — afirmou Cecil, com uma expressão taciturna. — Apenas não quisemos arriscar.

— A grotesca necessidade de segurança — eu concluí. — Ou, como dizem, “melhor prevenir do que remediar”? Contudo, Robert, estamos lidando com a vida de um homem. Com a vida de alguns *homens*.

— Se tiver a ver com a vida de *Vossa* Majestade, não pode haver margem para dúvidas.

As multidões estavam ao redor do lado de fora do palácio, ainda gritando, metade embriagada. Estremeci. Essex usou

aquelas pessoas, tinha criado uma onda de histeria pública a fim de forçar uma questão.

Senti instintivamente que não havia nada por trás do caso contra o dr. Lopez, devia ser algo do interesse de Essex. E ele havia sido capaz de chegar tão longe com isso, provando-me que agora tinha uma arma para usar contra mim tão potente quanto o veneno. Havia provado que podia explorar a opinião popular para seus próprios fins e não hesitaria em fazê-lo.

## Agosto de 1594



**N**ão poderia haver progresso naquele ano. As chuvas geladas caíam dia após dia, muito mais do que as que caíram sobre Noé. A terra só não virou oceano e precisou de uma arca porque a chuva que encheu campos os os rios trataram de escoar para o mar, as lagoas transformaram-se em lagos e os lagos em pequenos mares. A menos que uma planta pudesse crescer sob a água, as colheitas estavam condenadas. As árvores frutíferas começaram a florescer como normalmente fazem na primavera, mas as primeiras frutas estavam podres e caíam do pé.

Nos mitos clássicos, as estações foram interrompidas por causa de alguma perturbação no Monte Olimpo ou uma ação imprudente de um mortal ignorante. Demetra, de luto por sua filha desaparecida Perséfone, mergulhou o mundo num inverno perpétuo impedindo as colheitas.

As Escrituras nos dizem que Deus “se calará no céu, para que não haja chuva e que a terra não produza seus frutos” se virarmos as costas para Ele. Poderia desconsiderar as lendas do Monte Olimpo, mas haveria algum pecado secreto na terra pelo qual Deus nos estava punindo?

Não, não, eu não podia pensar assim. Poderia fazer uma análise de consciência, mas não poderia me responsabilizar por todas as consciências do reino. Dr. Lopez... Girei o anel espanhol no meu dedo. Eu o usava ao lado do anel da coroação para me lembrar de que ser o governante ungido da Inglaterra significava que não poderia crer em lealdade e que deveria estar sempre atenta. Mas a questão de sua inocência continuava a me atormentar.

No fim de junho, os ventos do norte nos fizeram mergulhar num frio tão intenso que as ovelhas tosquiadas morreram. Em julho, pedras de granizo caíram, agora em agosto houve relatos de neve em Yorkshire. E durante todo esse tempo a chuva não cessou.

Decidi me mudar para Nonsuch, o palácio de caça do meu pai a cerca de vinte quilômetros ao sul de Londres. Ainda era uma novidade para mim, pois tinha sido ocupado por outra pessoa e só havia voltado para minhas mãos há dois anos. Na minha idade, adquirir um palácio em que não conhecia cada corredor e cada janela era um raro prazer. E isso me daria uma visão do interior, permitindo-me ver em primeira mão o que estava acontecendo nos campos e nos pomares.

Tive que viajar debaixo de um dossel oscilante, erguido ao redor da minha sela, pois a carruagem real não conseguia passar pelo que restou das estradas. Da mesma forma, os utensílios domésticos tiveram que ser transportados por mulas e cavalos. Levei o mínimo possível.

À medida que nos arrastávamos pelo caminho encharcado, as pessoas ficavam nos olhando, saudando com indiferença, amontoadas debaixo das capas. O céu escuro e os campos marrons pareciam sugar toda a cor das pessoas e suas faces misturavam-se ao tom monótono das folhas caídas. Os poucos animais ainda nos campos nos olhavam melancolicamente, um sofrimento sem palavras.

Eu não esperava tal enfraquecimento e derrota. Era o início do que viria a eclodir em raiva e destruição, como a base de um frágil espelho veneziano. Como rainha, faria o

que pudesse para ajudar, mas meus meios eram limitados. Se soubesse que isso aconteceria, poderíamos ter estocado os frutos da colheita passada. Que utilidade tinham os astrólogos se eles não podiam prever aquilo?

Tremendo, cavalgávamos, passando pelo povo desamparado e pelos pomares parcos. Os rostos me assombravam.



Já estávamos no topo do morro que sempre proporcionava uma visão gloriosa do palácio, começando da planície até o corredor de árvores que em outonos ensolarados dava para ver o brilho dos painéis com molduras douradas nas paredes de estuque do pátio interior, piscando como se dissessem *Nonsuch, Nonsuch*,<sup>13</sup> *há realmente algo de nonsuch na Inglaterra*. Hoje o dia estava envolto em uma névoa cinza, os ventos chicoteavam árvores sobrecarregadas e jogavam duchas frias por todo o caminho.

Meu pai havia construído aquele palácio para abalar os conterrâneos com a extravagância do desenho renascentista e para se igualar ao seu odiado rival, o rei francês François I e seus palácios de caça Chambord e Fontainebleau. Como que para pressionar suas reivindicações para ser rei dos dois países, ele construiu o pátio externo no simples estilo Tudor, chamando-o de “severidade”. O pátio interno tinha um desenho extravagante francês renascentista e era chamado de “exuberância”. Exuberante certamente era, com uma estátua enorme no trono para receber os visitantes. Com os painéis brancos e dourados italianos cobrindo o pátio interno, inteiro fez uma alusão aos deuses e deusas, imperadores romanos e aos trabalhos de Hércules, para instruir seu pequeno filho Eduardo em tudo o que precisasse para ser rei.

Meu pai havia construído aquele palácio em 1538 para celebrar os trinta anos de reinado e o nascimento de seu

príncipe. Bem, era somente uma construção. O príncipe não sobreviver. Celebrei meus trinta anos de reinado ao derrotar a Armada, algo que perduraria muito mais e tinha uma importância que extrapolava a da minha família.

Não que eu estivesse me comparando...



Apesar da opulência, Nonsuch era confortável, desenhado para evocar um retiro, para celebrar as glórias da caça. Apreciava o aconchego do lugar enquanto a chuva caía lá fora.

O teto na sala de audiências tinha goteiras. Obviamente, o telhado precisava de consertos. Se o telhado de um palácio poderoso vazava, o que dizer dos telhados nas casas? Meu coração pesava por aquelas pessoas.



Meus criados se perguntavam por que eu tinha vindo, mas eram de boa-fé. Catherine e Marjorie pensaram em mandar chamar seus maridos “para ver se eles eles estavam dispostos a sofrer por nós”, mas não o fizeram. Os cortesãos seguiriam com suas lamentações, mas no momento tínhamos o palácio somente para nós.

Nos aquecemos em torno do fogo crepitante do quarto privado, atirando feijões ao fogo para contar a nossa sorte, recordando nossos muitos anos juntos. Às vezes, sob a luz do fogo cintilante, conseguia ver os rostos jovens por detrás das faces envelhecidas: Marjorie, em seus dias como esposa do embaixador francês, Catherine quando casou com o futuro almirante Howard, tinha os cabelos escuros, e ele ocupava postos mais baixos. Talvez elas também pudessem ver o meu rosto.



A chuva finalmente cessou, ou seria apenas uma pausa? No entanto, aproveitamos o momento, secando a roupa de cama no sol, abrindo as janelas para deixar o mofo sair, virando nosso rosto para a luz. Os conselheiros privados vinham um por vez para cumprimentar-me e informar-me sobre quaisquer negócios importantes. Então um dia, quando nuvens escuras começaram a passar pelo céu, Francis Bacon foi anunciado.

Francis Bacon, o homem que havia me contrariado no Parlamento e que ousou candidatar-se ao cargo de procurador-geral. Essex, seu cliente, havia me importunado com isso até que ordenei que desistisse e, então, dei o cargo a *sir* Eduardo Coke. Isso enfureceu tanto Essex que ele começou a me pressionar por outro cargo a Bacon. Em parte, servia para demonstrar sua lealdade a um amigo, e em parte para mostrar que, quando decidia algo, nada poderia fazê-lo mudar de ideia.

Essa defesa feroz de Essex me fez suspeitar de Francis Bacon, isso e o fato de que o tio e o primo, Cecil pai e Cecil filho, não pareciam confiar nele. Sim, era possível que o Cecil pai não quisesse dar apoio ao rival de seu próprio filho, mas talvez fosse mais do que isso. De qualquer forma, recebi bem a oportunidade de ver Francis distante da corte, e de Essex, e julgá-los por mim mesma.

Ele se apresentou de forma elegante, curvando-se e varrendo o chão com seu chapéu.

— Sou eternamente grato à Vossa Majestade por me receber hoje — ele disse. Sua cabeça ainda estava baixa e eu não conseguia ver seu rosto para saber se estava zombando.

— A eternidade é um longo período — eu disse. — Considero-me afortunado se a gratidão estender-se por apenas este dia.

Ele se ergueu.

— A senhora é astuta como as serpentes — disse ele.

— Porém gentil como as pombas — encerrei. — Bem, Francis, o que traz à minha apreciação?



— Nada, Majestade — ele respondeu. — Tenho certeza de que Vossa Majestade está cansada de eternamente ter de considerar coisas.

— Ah, esse conceito novamente — eu reclamei. — Você gosta de falar de perpetuidade — disse, olhando fixamente para ele. — Prefiro falar do imediato — ele tinha que parar as bajulações e apresentar seu caso. Inclinei minha cabeça. — Você não tem a mesma aparência de seu pai — o pai dele era gordo, meio sonolento, com olhos entreabertos. Nicholas Bacon serviu-me durante as duas primeiras décadas do meu reinado, porém morreu repentinamente. As pessoas mais mesquinhas diziam que se ele se alimentasse melhor teria vivido mais tempo. Como se fosse uma resposta, seus dois filhos eram muito magros, principalmente o mais velho, Anthony.

— Não, puxamos à nossa mãe — ele disse.

Aguardei que ele continuasse.

— Majestade, recentemente enviei a meu tio Cecil esta carta, humilhando-me ao pedir sua ajuda — ele me entregou um papel dizendo: — Ele nem sequer me respondeu.

— Então você tem um pedido? — Eu o conhecia muito bem.

— Meu único pedido sou eu mesmo — ele sorriu, tentando melhorar o clima, mas devia ser desesperador para ele ter que me procurar daquela maneira. Olhei para a carta, analisando-a rapidamente. As frases me saltavam os olhos: “Já tenho idade: trinta anos é bastante tempo na ampulheta... Escrevo à vossa senhoria pensamentos em vez de palavras, sem arte, disfarces ou reservas...”.

— E você disse que ele nunca respondeu?

— Sim, senhora. Isto é, não, ele nunca respondeu.

Continuei a ler. Era difícil discernir para qual cargo ele estava se candidatando.

— Você é vago — eu disse. — Quando diz “Todo o conhecimento é meu território”, isto é tudo muito bom, mas de qual área você é especialista? Parece que você se ajusta

mais a um cargo acadêmico. — Quando ele era criança, deu-me respostas tão sérias e adultas às perguntas que fiz que o apelidei de “O jovem lorde Guardião”. Ele não havia mudado nada.

— Trabalho como advogado na Faculdade de Direito, mas o trabalho é entediante — ele disse.

— Mas, Francis, qual é a sua especialidade? Você não é um soldado como “Black Jack” Norris, nem um marinheiro como Drake, nem um astrólogo como John Dee, ou alguém nascido para cuidar dos livros como Robert Cecil. Além disso, você acha que as leis são entediantes.

— Eu poderia fazer qualquer uma dessas coisas! — ele disse. — Se me dedicasse, poderia ser um soldado ou um marinheiro ou um astrólogo ou secretário.

— Mas você odiaria. E o que se odeia se faz de maneira pobre.

— Odeio ser... um empregado, acima de tudo! — ele bradou. — Aliei-me a Essex porque Cecil não me ajudaria.

— Você é praticamente um empregado de Essex — eu disse.

— Não completamente, mas sou um servo! Sou forçado a ser — seu rosto estava cheio de autodesprezo.

— Você é menos seu subordinado do que ele é seu dependente, eu arriscaria dizer. Ele precisa de suas anotações, seu conhecimento e suas ideias, ele precisa muito disso — falei, devolvendo a carta. — Então, uma pessoa de trinta anos já tem muito tempo na ampulheta? Se Deus quiser, não. Você terá muitos desafios. Você pode superar Essex e descobrir que os serviços prestados a ele recomendam-lhe um trabalho que se adeque melhor a você.

Sua expressão se abateu.

— Então, a senhora não me oferece nada?

— Francis, não tenho cargo para “consultor”. Tal posição não existe. Você terá de se candidatar a uma tarefa mais bem definida. “Consultor” não significa nada.

— Analiso situações. Fiz relatórios para Essex, estudos aprofundados...

— Os quais, sem dúvida, ele ignora.

— Mas Vossa Majestade nunca os ignoraria. Ou melhor, se o fizesse, seria porque já os teria lido e não concordaria com eles, não que não tivesse entendido.

Senti pena dele.

— Francis, permita-me agora fazer *minha* análise de sua situação. É a seguinte: é difícil para um homem servir a alguém inferior, difícil para alguém tão inteligente como você ser subserviente àqueles que são comparativamente estúpidos. Mas o homem verdadeiramente sábio consegue reduzir suas velas ao vento e esperar a sua chance. A paciência é uma forma de sabedoria. E assim é o triste conhecimento que vem de Eclesiastes, “Vi, ainda, sob o sol que a corrida não pertence aos ágeis, nem aos valentes a peleja, nem aos sábios o pão, nem aos inteligentes a riqueza”.

— Qual é a utilidade, então? — ele disse.

Ele era arrebatadoramente inteligente, talvez o cérebro mais privilegiado do meu reino. Uma pessoa nasce inteligente, mas é preciso tempo para adquirir sabedoria.

— Talvez na feliz surpresa de que um dia um favor inesperado surja em seu caminho, logo quando você tiver desistido. — Tive uma ideia repentina. — Francis, eu poderia nomeá-lo conselheiro extraordinário da Rainha, mas você disse que não gosta das leis.

— Mas se tiver que praticá-las, preferiria, acima de tudo, fazê-lo por vós.

— Não seria um cargo em tempo integral. Somente o convocaria quando precisasse de você, ocasionalmente... Para consultar. Dessa maneira, você seria meu consultor.

— Entendo. Devo continuar com Essex para obter meu sustento. Mas ficar à disposição para quando a senhora precisar.

— Sim, exatamente isso. Você aceitaria?


— Posso me denominar publicamente conselheiro da rainha?

— É claro.

— Vossa Majestade, sou eternamente... Agradeço a vós!  
Assim, eu teria o advogado mais rápido da Terra ao meu  
dispor e tudo pelo preço de conceder-lhe a possibilidade de  
se denominar meu conselheiro. Economia no trabalho.

LETTICE  
Novembro de 1594



s malditos sinos tocam por todos os lados! Coloquei um dos tapetes mais grossos sobre a janela para poder abafar o som.

O glorioso dia da Ascensão de Elizabeth. Trinta e seis anos atrás. O que, pelo amor de Deus, eles fariam para comemorar o quadragésimo ano? O reino inteiro teria de dar presentes? Meu filho estava ocupado com preparativos de última hora para os duelos, alguns trajes ridículos sobre um cavaleiro congelado. As despesas. Os desperdícios. Em vez de tudo isso, poderíamos estar gastando mobiliando a Essex House como convinha à posição dele.

Olhei em volta por toda a sala principal. Já repusera a maior parte do que Elizabeth havia levado, tínhamos novas e pesadas tapeçarias decorativas, grossas velas em castiçais flamejando pelas paredes e a longa mesa de carvalho que resplandecia com uma peça central de ouro italiano, uma decoração intrincada em esculturas e ornamentos. Sim, o imposto de importação dos vinhos doces fora lucrativo.

Consegui até recuperar algumas das joias que penhoramos e minha última compra fora uma carruagem com quatro cavalos brancos. Adorava passear pelas ruas e adorava ainda mais quando as pessoas me confundiam com a rainha. E por que não? Éramos parecidas, tínhamos até mesmo alguns dos mesmos maneirismos. Poderíamos quase ser gêmeas, exceto porque ela adorava o dia e eu adorava a noite.

Christopher não gostava de passear na carruagem comigo. Algumas vezes achei, de certa forma, cansativo estar casada com alguém com um ponto de vista tão plebeu. Ele não se importava com adornos e era tão desinteressado em relação à escalada na corte. Tinha muito mais prazer em ser um soldado, passando seu tempo no campo. Estava no seu sangue. Ao menos, consolava-me o fato de ter o apetite sexual de um soldado.

Fazer amor... Havia muito disso ultimamente em nossa família para nosso próprio bem. Minha filha Penélope tinha cedido aos encantos adúlteros de Charles Blount e agora estava grávida dele. Dorothy, liberta de seu casamento com Perrot graças à morte providencial dele, havia rapidamente se casado com Thomas Percy, um indivíduo estranho conhecido como o conde feiticeiro por sua incursão na ciência e na alquimia. E Robert... Seu caso com a cortesã Elizabeth Southwell chegaria aos ouvidos da rainha logo. O que eu poderia fazer com meus rebentos fogosos?

Ao menos, o meu próprio fogo concedera-me dois títulos. Eu somente não conseguia ver o que o fogo dos meus filhos havia lhes concedido, além de escândalo. A luxúria deve servir a um propósito, a luxúria deve ser usada como isca. Que idiota simplesmente a joga fora?

A rainha... A rainha sabia como usar-se como isca. Fez isso a vida toda. Mas agora a isca estava velha, só que ela parecia não notar e os jovens da corte eram forçados a fingir outra coisa, escrever sonetos sobre o vento que acaricia as bochechas rosadas de Diana, quando as bochechas estavam, na realidade, enrugadas e pálidas.

Robert, assim como os outros, escreveu coisas sem sentido como “Se Vossa Majestade acredita que o paraíso é demais para mim, não cairei como uma estrela, e sim serei consumido como o vapor pelo mesmo sol que me elevou. Enquanto Vossa Majestade me dá permissão para dizer eu te amo, minha sorte é como minha afeição, inigualável”.

Contudo, quando eu ri, ele ficou zangado e defendeu a rainha. Uma parte dele acreditava no que estava escrevendo, outra parte queria acreditar naquilo e a última parte tinha vergonha dele mesmo por ter que fazê-lo. Para amenizar a raiva e a vergonha, ele levava as jovens para a cama. Muitas delas. Eu temia que tivesse trazido algo de ruim para si mesmo e estivesse sofrendo com isso. E não estou falando de reputação.

Logo, ele estaria cambaleando, embriagado, com seus companheiros de taverna. Eles ansiavam em gastar suas energias num campo de batalha, mas estavam confinados à corte, confinados e domados em jogos de guerra ritualísticos como os torneios e não podiam ir além da taverna da cidade, pois *ela* poderia chamá-los de volta a qualquer momento em um de seus caprichos. Nos dias escuros de novembro, o entardecer e a hora de beber começavam mais cedo.

Eu caminhava pela sala. O silêncio era mortal. Não tinha nada a fazer a não ser esperar. Fui até meus aposentos e li. Queria algo que ocupasse minha mente para esquecer o que estava acontecendo ao meu redor. Não queria visitar Frances em seus aposentos, nem mesmo brincar com meus netos. Eles me davam dor de cabeça.



A luz que entrava era fraca, embora já fosse quase meio-dia. Sabia que meu filho havia chegado tarde na noite passada e estava agora trocando os dias pelas noites, dormindo como um bicho-preguiça. Frances e as crianças já tinham se levantado e ido embora, mesmo assim ele havia

saído de fininho no meio de uma das choradeiras dela. Eu não entraria em seus aposentos, mas agora era diferente.

Abri a porta, espiei dentro do quarto escuro. Ouvi uma respiração pesada e, junto dela, o ronco. Havia um cheiro de cerveja azeda e lã encharcada. Já era hora de acordá-lo. Puxei as roupas de cama e fui atingida por uma onda de cheiro de cerveja e de lã muito mais forte por estarem concentrados dentro das cortinas. Ele soltou um resmungo, um choramingo, sentou-se, tentando arrumar o cabelo.

— Então aqui estão a glória da grande Inglaterra e o maior prodígio do mundo — disse, citando Spencer.

Ele resmungou alguma coisa.

— Minha cabeça...

— Está vazia — completei. — Expurgada de qualquer coisa, assim como suas entranhas. Levante-se. E se a rainha precisar de você?

— Ela não vai precisar — ele disse, balançando a cabeça.

— Ela nunca precisa, nunca precisa, nunca...

— Isso não é verdade — disse, segurando sua mão e puxando-o da cama. A vida voltou no tempo e ele agora parecia um garoto, até que se levantou e ficou trinta centímetros mais alto do que eu.

— Ela está ocupada com Drake e Raleigh novamente — ele murmurou. — Ouvindo os grandiosos planos deles, financiando-os, deixando que se gabem.

— Eles estão se gabando? Raleigh talvez, mas até onde me lembro, Drake *realmente* saiu para navegar ao redor do mundo, descobriu uma passagem abaixo da ponta da América do Sul, reivindicou uma linha costeira na América do Norte para a rainha, coisinhas do tipo.

— Ele não fez mais nada em cinco anos. Ele já é história — Robert enfiou os pés em um chinelo para aquecer os pés e foi até a murmurou. — Ele é velho, já tem uns cinquenta e poucos anos. Suas façanhas marítimas aconteceram há quinze, vinte anos.

— Derrotar a Armada não conta?



— Ele não a derrotou sozinho — resmungou. — Ah, mãe, por favor! É muito cedo ainda! — Ele se aqueceu próximo à lareira, esfregando as mãos. — Preciso de cerveja para clarear clarear os pensamentos.

— Primeiro, cerveja para deixar você confuso, depois, cerveja para clarear as ideias. — No entanto, pedi a um empregado para trazer uma jarra de cerveja.

Enquanto esperávamos, puxei mais algumas cortinas, para deixar que o máximo de luz entrasse. Seria minha imaginação ou o rosto dele estava manchado? Ele estava tremendo quando parou de esfregar as mãos e apertou os braços.

— Como conseguiremos competir no torneio amanhã? — pensei em voz alta. — Você mal consegue sentar em um banquinho de três pernas.

— Amanhã estarei bem — ele disse.

Pelo menos ele tinha sido designado para o último dia dos três dias de celebração. Respeitava-se até o Dia de Santa Isabel. Que coincidência de nomes!<sup>14</sup> Ou seria apenas outro exemplo da sorte extraordinária que sempre a favoreceu, tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas?

A cerveja parecia fazer bem a ele. Como uma planta que volta a viver depois de murchar na chuva, ele retomou a cor e sua força e foi logo discorrendo sobre seus diferentes planos e como todos retornariam cem vezes em recompensas. Mandei que se vestisse e viesse até os meus aposentos, tinha algo para lhe mostrar.

Quando ele apareceu, servi o almoço e ele devorou tudo, manchando o guardanapo com queijo e creme.

— Agora que você já se recompôs, meu filho, preciso que veja isso — coloquei a bandeja de lado e deixei um livro no lugar dela, um livro muito grosso que trazia o cheiro da novidade. Ele ficou observando e depois deu de ombros.

— Você conhece?

— Ah, sim — ele disse. — E daí?

Apontei o título com o dedo indicador. *Conferência sobre a próxima sucessão à Coroa de Inglaterra.*

— Poderia ser também *Como ser executado por traição*. Como você pode estar ligado a isso? Por que, por que, está dedicado a você? — pois o autor europeu “R. Doleman, da minha câmara em Amsterdã” havia agradecido a Robert por favores passados a “amigos”, e dito que após a morte de Elizabeth, Robert Devereux, conde de Essex, seria o homem no reino que teria o poder de decidir entre os pretendentes ao trono.

— Não tenho ideia — ele respondeu. — Obviamente é uma propaganda católica, contrabandeada para a Inglaterra por jesuítas. Seu estilo tem todas as marcas de Robert Parsons, inimigo declarado de Elizabeth na sociedade de Roma. A afirmação de que é de Amsterdã é tão transparente que chega a ser ridícula.

Parsons liderou os jesuítas e a missão inglesa na Espanha. Há dez anos, ele desembarcou na Inglaterra, mas, quando seus companheiros foram capturados, ele fugiu para continuar seu trabalho em outro ponto seguro. Panfletos falsificados, rumores e falsas evidências eram alguns de seus métodos favoritos para derrubar líderes protestantes.

— Foi feito para destruí-lo — eu afirmei. — Caso contrário, por que liga somente você a um assunto tão delicado com relação à rainha, à sucessão e a assuntos tão poderosos?

— Não sei — ele respondeu. — Tenho muitos inimigos. As pessoas não querem que eu tenha sucesso, as pessoas que falam contra mim, as pessoas próximas à rainha encherão seus ouvidos com mentiras sobre mim...

— Ah, não comece a falar dos Cecil novamente — ele estava obcecado com a ideia de que eles se dedicavam a sabotá-lo. — Não foram eles que escreveram.

— Não, mas certamente mostrarão à rainha.

— Portanto, você deve mostrar antes. Lamentar a vergonha. Solidarize-se com ela. Roube o momento dos Cecil.

Ele ficou de pé e inclinou a cabeça.

— É isso que eu tinha planejado fazer. Logo após o torneio. Mas primeiro, preciso ajustar meu traje.

Eu deveria ter perguntado sobre os detalhes, mas trajes e máscaras me entediavam. Deixei que a rainha os cobre. Olhei para seu rosto quando se virou para mim e a luz iluminou suas bochechas. Talvez estivesse errada, a pele parecia limpa agora. Mas era tão raro estarmos completamente a sós que eu tinha que falar e não desperdiçar a oportunidade com conversa fiada sobre os trajes a fantasia.

— Robert, parece-me que, as mães notam essas coisas, a sua saúde nos últimos tempos... — Deveria dar ênfase, afirmar ou acusar? — Você está se sentindo bem? — comecei com a ênfase.

— Exceto quando bebo muito na taverna — ele respondeu. — Tentarei evitar isso de agora em diante.

— Quer dizer, não só pela noite passada, mas por todo o ano passado. Parece-me, acho, que você mudou. Seu humor. Suas manchas no rosto. Seu sono. Tenho medo que você tenha contraído sífilis.

— Só porque estive na França, minha cara mãe? — Ele deu um sorriso encantador só para me acalmar.

— Está aqui na Inglaterra também, querido filho. E você já teve muito mais oportunidades de se contaminar com as mulheres daqui do que com as da França.

— Não! Não peguei nada! Sim, houve um momento em que me preocupei... Mas não, não peguei — ele socou o punho fechado na palma da mão e de súbito o rosto se contorceu de raiva. — Fui até *ele* como um paciente. Estava aterrorizado, tremendo de medo. Ah, ele me tratou, sim, e depois ficou tagarelando sobre isso quando estava de porre, rindo de mim com seus amigos, dizendo que eu tinha a *doença*, que era sífilis. Bem, agora já tive minha vingança!

Levei alguns minutos para perceber o que ele estava dizendo. Não, ele não tinha feito isso... Ele não poderia...

— Robert, foi por isso que você inventou aquelas acusações sobre o dr. Lopez, perseguiu-o até a morte, incitou o clamor popular quando parecia que ele conseguiria legalmente escapar de você? Por vingança pessoal?

— Não, claro que não! O que você pensa de mim?

— Não tenho certeza — eu disse lentamente. — Há dias que não reconheço meu filho em você.

— Isso é besteira. Não sei do que você está falando.

— Algum dia, quando seus filhos estiverem grandes, você entenderá. Você sempre achará que eles são parte de você, mas isso não é verdade — deixe-me terminar de falar o resto das coisas relacionadas àquele estranho. — E, falando de crianças, é verdade que você tem dormido com Elizabeth Southwell e que ela está grávida?

— Sim, é verdade.

— Então presumo que ela fugirá da corte quando chegar a hora de a criança nascer, é isso?

— Creio que sim. — Ele agia como se nada o preocupasse.

— E seu amigo Southampton comemorou a maioria abrigando amigos que haviam acabado de cometer um assassinato. Por que, por que você insiste nessas alianças perigosas? Uma das damas da rainha, um homem conhecido por brigas e violência?

— Pessoas corajosas às vezes ultrapassam limites — ele disse. — Não há vida quando um homem ou uma mulher sempre se mantém dentro dos padrões. Southampton tem muitos amigos poetas, bem como bandidos, e a senhorita Southwell conhece todas as zonas de prazer que a mulher pode explorar — ele fez uma pausa. — Agora, meu cauteloso amigo Francis Bacon pode compensar pelos outros. Ele deu jeito de conseguir uma posição como conselheiro extraordinário da rainha. *Nem todos os meus amigos estão em desgraça.*

— Talvez Bacon possa nos beneficiar estando nessa posição. Influenciando a rainha, fazendo com que ela nos ouça, portanto, fale. — O episódio do dr. Lopez, que supostamente servia para ganhar gratidão da rainha por livrá-la da traição, não surtira efeito. O caso sórdido, fonte de vergonha e horror, não era jamais mencionado como uma forma de negação ao que tinha acontecido. Entretanto, as pessoas diziam que a rainha ainda usava o anel.

— Ele e o irmão ainda trabalham em primeiro lugar para *mim* — disse Robert. — A nomeação real acontece caso a caso.

— Tudo ficará bem — eu precisava dizer a mim mesma.



Saí dos aposentos dele. Era início da tarde e a casa estava vazia. Não tinha nada para fazer. Ah, ser barrada na corte era tão entediante. Eu só ouvia e sabia das coisas de segunda mão, totalmente à mercê da memória e do poder descritivo dos outros.

Já que só poderia ter entretenimento de segunda mão, poderia ir ao teatro, disse a mim mesma. A nova temporada estava acontecendo e devia haver algo interessante em cartaz. Mesmo que já estivesse morto, Marlowe ainda era apresentado, mas eu não queria ver *O judeu de Malta*. Aquele amigo do enigmático Southampton, Shakespeare, tinha algumas comédias e uma sangrenta peça romana, mas não estava com ânimo para ver qualquer uma dessas. *A tragédia espanhola* de Kyd seria perfeita para a ocasião. Peguei minha máscara rendada e chamei meu cocheiro.

## ELIZABETH Natal de 1594



**D**ei a mim mesma um presente de Natal. Na verdade, dois: Francis Drake e Walter Raleigh. Trouxe-os de volta à corte, o exílio já havia durado tempo suficiente. Decidi perdoá-los pelos lapsos humanos.

Drake, por causa do ataque preventivo equivocado contra a Espanha, que tinha fracassado tão espetacularmente e me saído tão caro fazia cinco anos, Raleigh por sua transgressão com Bess Throckmorton dois anos antes. Drake havia se casado novamente e se ocupava de deveres cívicos em sua terra natal, Devonshire.

Raleigh certamente já tinha sido punido o suficiente após ter sido enfiado no castelo de Sherborne em Dorset com Bess, para onde tinha fugido após a libertação da Torre. Ambos tinham subvenções parlamentares para novos empreendimentos. Estavam prontos para ir e eu estava pronta para mandá-los.

Nesse meio-tempo, teria o prazer da companhia deles para as festas de Natal em Hampton Court e poder comparar a língua suave de Raleigh com a franqueza de Drake, um deles, um cortesão nascido ali, e o outro, de

origem mais distante da corte. E, durante todo o tempo, o jovem conde de Essex observava, corroendo-se de inveja. Ah, tudo seria delicioso! E eu tinha me divertido, pois já havia sido atormentada por todos os três em vários momentos.

As festividades seguiam sua programação: a corte iria para Hampton antes do Natal e, assim que chegasse lá, os doze dias seriam uma sessão de banquetes, música, máscaras e peças. A companhia de teatro Os Homens do Lorde Camarista, de William Shakespeare, apresentaria as melhores dentre as novas peças da temporada, bem como uma ou duas velhas conhecidas como *A Trágica História do Doutor Fausto*. O mestre da anarquia presidiria a festa de encerramento e entre eles haveria o Dia de Ano-Novo e as trocas de presentes. Meu Tesouro já pesava em prata. Era uma rotina comum, mas sempre havia surpresas, algumas pessoas novas, novos estilos revelados e, por trás de tudo isso, novas alianças formadas.

Hampton apresentou-se bem no Natal, exibindo a vegetação e as decorações, o salão principal parecia conter alegria, liberando-a a cada temporada. Durante dias, barcos iluminados com barqueiros uniformizados entregavam seus senhores e senhoras no píer, de onde subiam e se aproximavam do primeiro portão, rindo com suas capas com capuzes esvoaçantes.

É claro que havia aqueles que preferiam não vir, passando as festas em suas próprias casas, outros ainda queriam muito vir até a corte, mas não eram convidados. Havia, mesmo assim, muitos quartos.



Eles começaram a chegar: primeiro os cortesãos de classes mais baixas, convidados pela primeira vez, com suas esposas curiosas ávidas espiando nos corredores e escadas, em seguida, os personagens mais importantes e finalmente os do mais alto escalão, cada um tentando chegar mais

tarde do que o seu rival. Alguns anunciavam sua eminência enviando um lembrete simbólico de suas propriedades, onde foram passar as férias. A despensa real transbordava com tortas com carne de caça, confeitos de amora, mel das ricas colmeias e até cisnes defumados vindos do interior do país.

Os músicos tinham que praticar com as primeiras plateias não tão exigentes e aprimorar a apresentação para os ouvintes mais críticos que ainda estavam por vir. Eles ensaiavam no salão principal, a companhia Os Homens do Lorde Camarista prometia ótimos dramas escolhidos dentre as novas peças do outono. Houve uma explosão de novos materiais assim que os teatros reabriram as portas em Londres depois da praga, como se os dramaturgos não tivessem feito nada nesse meio-tempo, a não ser ficarem sentados em seus quartos escrevendo enquanto os teatros estavam fechados.

Haveria, é claro, rituais religiosos e Whitgift estava pronto para comandá-los, mas as negociações continuariam até a véspera de Natal. Os embaixadores franceses e escoceses acompanhavam cada passo meu, fingindo impelir certas políticas em mim, mas, na verdade, espionando para seus senhores. Era, pelo que sabia, parte das festividades e eu os levaria a um alegre labirinto. Hampton Court tinha um labirinto do lado do fora. Meu labirinto diplomático era ali dentro mesmo.

Na véspera de Natal, enquanto o arcebispo Whitgift entoava as orações de encerramento do culto, fileiras de velas foram acesas por todo o grande corredor que levava à capela real e cornetas anunciavam a alegre chegada do Natal.



Realizamos o banquete de Natal na salão grande, reservando o salão principal para a apresentação que estava por vir. O palco estava sendo rapidamente erguido



enquanto comíamos, podíamos ouvir as batidas e os demais ruídos da montagem juntamente com as doces melodias dos alaúdes e das harpas. Tinha convidado meus aventureiros perdoados para sentarem-se ao meu lado, ao lado deles sentaram-se o jovem Cecil e o jovem Essex, fazendo um parêntese de rivalidade ao redor de Raleigh e Drake. Mais adiante na mesa estavam o almirante Howard, Catherine, Whitgift, Charles Blount, o velho Cecil e Helena van Snakenborg. Meu afilhado, John Harington, e vários dos irmãos Carey preenchiam o restante da mesa. As outras mesas eram compostas de uma mistura de várias classes.

Não vou descrever a comida ou os procedimentos, pois eles seguem um padrão estabelecido. O mais memorável é o que foge ao padrão. Naquele momento, assim como o Cavaleiro Verde aparecendo nas festividades de inverno do rei Artur, um selvagem entrou na sala, quase nu, exceto por uma tanga, com um colar com muitas voltas e um cocar de penas deslumbrantes. Parecendo um animal que acabara de ser capturado na floresta, ele nos observava, seus olhos percebiam tudo, como se estivesse buscando uma saída. Em seu rastro, um homem branco o seguia, ficando ao seu lado.

Raleigh então se levantou e disse:

— Dou-lhe as boas-vindas, capitão Whiddon e também ao seu convidado da América do Sul — o homem branco o cumprimentou e depois se curvou a mim: — Vossa Majestade e todos os parlamentares que votaram a favor do apoio à minha expedição de exploração, apresento-lhes o primeiro fruto de minha preparação — continuou Raleigh — Jacob Whiddon, um capitão que nunca hesitava em invadir águas espanholas, explorou uma área na costa sul-americana, perto de Trinidad, para a minha viagem proposta até lá. Ele relatou condições favoráveis e trouxe este jovem consigo para que aprendesse inglês e pudesse funcionar como tradutor e guia.

— Fale, Ewaioma — incitou Whiddon.

O homem bronzeado abriu a boca e disse, em uma surpreendente voz suave:

— *Ezrabeta Cassipuna Acarewana!*

— Significa “Elizabeth, a grande princesa” — disse Raleigh. — Expliquei a ele que a senhora é um grande cacique, a chefe do norte, que tem sob seu comando vários outros caciques — ele estendeu a mão para Ewaioma, que se aproximou da mesa. — Esta grande cacique, minha senhora, libertou toda a Costa Norte da Europa da Espanha e é um inimigo constante de sua tirania. Eles têm medo dela, e ela o protegerá das depredações do maldito império. Você deve confiar sua terra e seu povo a ela.

— Eu agradeço — ele disse.

Drake levantou-se.

— Talvez você devesse explicar a Ewaioma que *eu* sou a razão de sermos tão temidos pela Espanha — disse audaciosamente para mim. — Fui eu quem provocou terror neles, na Europa, no Panamá, no Peru, na verdade, por todo o mundo. Fiz isso em minha missão desde os primeiros dias de vingança sobre eles. Prometi que meu último dever seria derrotar os espanhóis! Quero morrer estocando uma espada no ventre de um espanhol!

— Amém! — gritou Essex, de um salto. O selvagem recuou com toda a comoção. — Que sejam mortos aqui, lá e em qualquer lugar!

— Sentem-se! — ordenei aos meus cães de caça rebeldes. — Comportem-se de maneira decente — aquele era o problema com guerreiros e aventureiros, assim como os cães, não conseguiam ficar presos. — Agora, Ewaioma, seja bem-vindo a Hampton Court e às nossas festividades. Você não tem inverno em sua terra, mas aqui fazemos uma pausa no período mais escuro para nos reunirmos e celebrar. Coma, beba e dance como quiser.

Whiddon levou o homem ainda assustado para fora e Raleigh inclinou-se confidencialmente:

— Tenho mais coisas para mostrar-lhe, mas quero fazê-lo apenas para a senhora, se me desse o prazer de vir até

meus aposentos amanhã. São informações particulares sobre ouro que desejo dar-lhe, bem como mapas para que sejam analisados. A senhora me permite?

Minha curiosidade já me levaria até lá, mesmo que não fosse minha política experimentar tudo o que financio.



Dia de santo Estevão, 26 de dezembro. Ao passar pelo pátio exterior em direção aos aposentos de Raleigh, deparei-me com pessoas levando cortinas, roupas e móveis para o salão principal para a apresentação da noite. Ouvia vagamente o martelo furioso dentro do salão. Aguardava com ansiedade o entretenimento noturno, mas agora iria me aventurar em uma apresentação privada. Pois não tinha dúvida de que ele faria toda uma apresentação, meu caro Walter.

Não fiquei desapontada. Ele abriu a porta com vontade, fez uma reverência, espalhando sua capa pela soleira da porta.

— Devemos procurar transformar o que é somente história em verdade — ele disse.

— Então, tinha que haver lama aqui debaixo, como conta a história, aquela da qual você me poupou em Greenwich.

— Pisei cuidadosamente no veludo. Havia uma história de que Raleigh havia espalhado sua melhor capa no chão sobre uma poça de lama para que eu pisasse e assim não sujasse meus delicados chinelos. As pessoas adoravam. Infelizmente, aquilo nunca havia acontecido.

Ele riu. Ele sempre dava uma risada calorosa e convidativa.

— Preciso ser mais sóbrio agora — ele disse. — Não posso sacrificar uma boa capa tão facilmente. Passei por tempos difíceis ultimamente.

— Ah, Walter, quando você vai parar de mendigar? — perguntei. Eu já estava cansada de cada vez mais pedidos de dinheiro, alguns um pouco mais abertos e ousados do

que outros, mas todos constantemente ferinos, vindos de todas as criaturas sobre mim.

— Quando Vossa Majestade deixar de ser uma benfeitora! — ele sorriu, colocando as mãos na cintura, quadris vestidos com calças modernas de cetim vermelho riscado. Conduziu-me então para o interior de seus aposentos.

Os aposentos em torno do pátio foram construídos pelo cardeal Wolsey para seus convidados e, como era de costume com o cardeal, ele não poupou despesas. Mesmo que já tivessem mais de setenta anos, os quartos tinham todo o conforto. O luxo é imortal. As paredes eram recobertas por belos painéis e um friso que corria ao redor de todas elas. O gosto de Wolsey era por cenas bíblicas e o quarto destacava Sansão e Dalila, o que era muito apropriado. Ao menos Bess havia poupado os cabelos de Raleigh.

— Agora posso informar-lhe sobre os segredos. Devo contar-lhe sobre o El Dorado — ele bateu palmas, abrindo uma porta que levava a outro quarto, e fez sinal para que eu entrasse. Dentro daquele pequeno quarto, Ewaioma estava parado em silêncio, quase nu, seu corpo brilhando em óleo. Em um dos cantos estava de pé um dos empregados de Raleigh inclinado sobre um bastão longo e oco, observando-me com cautela. Ele mergulhou a parte inferior do bastão em um jarro a seus pés, levantou-a e soprou uma nuvem de poeira por todo Ewaioma. Ele fez isso repetidas vezes e lentamente o corpo do índio ficou dourado. Quando ele já havia virado uma imagem cintilante, Raleigh, disse:

— É isso que os índios na Guiana fazem com seus chefes. No dia do aniversário, eles o cobrem com pó de ouro. Em algumas cerimônias, todos os nobres faziam o mesmo, até que todos no palácio estejam cobertos de ouro. Depois, mergulham num lago sagrado para se lavar, sem tentar recuperar o precioso pó. Eles têm tanto disso que podem jogar fora — ele arregaçou as mangas, untou os braços com óleo e, em seguida, estendeu o braço para fora para ser

polvilhado com ouro. O braço rapidamente foi transformado, as veias se tornaram linhas bem destacadas, os pelos do braço em lascas de ouro. Ele começou a puxar o gibão.

— Não precisa continuar — eu disse. Fiquei imaginando como ele pareceria todo coberto de ouro, despojado de gibão e da camisa, mas ele não prosseguiu. — Já vi o bastante.

Ele abaixou o braço e indicou aos outros dois que a exibição já havia encerrado.

— Permita-me contar o que o capitão Whiddon relatou — ele disse, arrastando uma mesa e duas cadeiras. Cedeu-me a cadeira mais confortável e pôs um travesseiro sobre ela. Desenrolou um pergaminho que dentro continha um mapa e apontou com seu dedo grosso, dizendo:

— Há uma ilha próxima à Costa da América do Sul, o nome é Trinidad, por causa da Santíssima Trindade. É de propriedade dos espanhóis. Mas as terras mais além não pertencem a eles — apontou novamente. — O lugar se chama Guiana. É uma floresta com muitos rios que a cortam. Em algum lugar nas montanhas, depois da floresta e na origem do rio Orinoco, fica a cidade de El Dorado, cheia de ouro. O nome indígena é “Manoa” e é tão rica que o chefe tem um jardim com réplicas em ouro de todas as plantas de seu domínio. Sabemos disso porque o explorador espanhol, Juan Martínez, o encontrou!

— E por que a Espanha não reclama propriedade?

— Ela está tentando. O comandante no forte de Trinidad é um velho já convencido da verdade dessa história e mandou seus próprios exploradores. Mas os índios odeiam os espanhóis e se recusam a ajudá-los. Como inimigos dos espanhóis, seremos bem recebidos. Majestade, minha boa rainha, dê-me a permissão para explorar e um grupo para procurar El Dorado.

— O Parlamento já garantiu seu financiamento — eu disse.

— Mas, sem vossa graciosa proteção, como poderia reclamar a terra em seu nome? — Ele se inclinou mais perto, a voz baixa, como se a forma com que as palavras

seriam ditas fosse perigosa. — Os espanhóis e os portugueses não têm posse sobre a costa. O que importa se o papa garantiu isso a eles? Ele não tem direito de fazer isso. Reconhecemos a autoridade do papa em nosso próprio reino? Por que, então, reconheceríamos fora dele? Ele não é nada senão um iludido, um velho corrupto, escravizado pelos comerciantes da Itália e Espanha — ele lançou um olhar sagaz sobre mim. — Seu pai jamais teria hesitado.

— Verdade — admiti. — Mas o velho iludido, como você o classificou, tem tido mais sucesso em reunir fiéis católicos e em deter a maré de reforma.

— Sim, com a Inquisição! — Raleigh de repente levantou a voz. Os curiosos que se danem. — É por isso que devemos combatê-lo em costas distantes. Esta costa servirá como base de corsários. E certamente, minha cara rainha, a senhora não quer ver a mão cruel de Roma começando a sufocar os nobres nativos da Guiana. Até agora eles conseguiram escapar do destino dos incas e dos astecas, arruinado pelos espanhóis. Todo aquele ouro indo para a Espanha. Mas os espanhóis nunca encontraram a fonte daquele ouro na América do Sul. Deve estar vindo de algum lugar. Creio que seja perto de El Dorado. Os espanhóis fizeram-se com o produto, mas podemos garantir a própria fonte!

Ele era a personificação da persuasão. Mas eu precisava de pouca persuasão, pois ansiava por saborear a aventura em primeira mão. Contudo, fui forçada a confiar em terceiros para que o fizessem por mim. Meu sangue ferveu só de pensar em explorar aquela terra nova, descobrindo coisas que só poderíamos imaginar aqui dentro desses quartos confortáveis de Hampton Court.

— Muito bem — eu disse. — Indico você para fazer isso e farei a encomenda de todos os documentos. Espero que a cidade dourada de El Dorado seja mais real do que o episódio de você estendendo a capa sobre a lama para mim. Como você disse, vamos tentar fazer desta primeira

história realidade. Mas, de qualquer maneira, estando o ouro lá ou não, não podemos invocá-lo.

Ele ficou sobre um dos joelhos e disse solenemente:

— Se estiver lá, eu o encontrarei — segurou minha mão e beijou-a rapidamente, tão rapidamente que meus dedos arderam. — Juro.



**T**omei meu lugar no salão principal que já estava totalmente transformado. Os carpinteiros e marceneiros tinham trabalhado por dois dias para transformá-lo num teatro, usando a galeria de menestréis como parte superior do conjunto, lâmpadas de óleo fixas nos fios para ficarem penduradas nas vigas e a luz piscar. Fiquei sentada no trono trazido dos aposentos reais, o mesmo que usava para as audiências. Era tão alto que me possibilitava a vista perfeita do palco.

Quando todos os ruídos acabaram e a corte tomou seu lugar, o lorde camarista, lorde Hunsdon, caminhou lentamente até o centro do palco. Ele parecia um urso-branco, os ombros largos projetaram-se para a frente conforme arrastava um pé no outro. Como rastejava o meu velho primo Henry Carey. Faria setenta e cinco anos naquele ano, o querido parente, não havia mesmo outra forma de caminhar naquela idade.

Além de suas tarefas na corte, deveres legais e militares, ele era patrono da melhor companhia de teatro do reino, a qual levava seu nome. Naquela noite, apresentou a nova peça. Era impossível disfarçar o orgulho no forte tom de voz.

— Hoje à noite, Vossa Majestade, Vossa Graça, os senhores do reino, toda a companhia aqui presente, os



Homens do Lorde Camarista têm a honra de apresentar uma nova peça, ainda não vista em nenhum outro local. É um conto sobre uma noite de verão na qual as fadas fazem travessuras para si e para os mortais — fez uma reverência e concluiu: — Hoje no meio do inverno poderemos ter uma prévia de junho.

Uma nova peça! Aquilo era uma surpresa. Hunsdon tomou seu lugar ao meu lado e eu sussurrei:

— Que presente para nós! Ouso dizer que você pode atestar a qualidade? Não seria adequado mostrar aquilo que o povo chama de porcaria.

— Eu ainda não vi — ele admitiu.

— Nem mesmo o ensaio? — fiquei assustada.

— Não... Mas o escritor é conhecido pelas boas obras que escreve, e eu vi *Henrique VI*, que também é dele.

Ah, ele. Qual era o nome dele mesmo? Ah, sim, Shakespeare. Ele também escrevia poesia. Li rapidamente “Vênus e Adônis”, que Southampton tinha me presenteado no Dia de Ano-Novo. Era meio pesado para o meu gosto, embora as analogias fossem boas.

— Espero que a peça seja mais leve do que os versos — comentei.

Dava para ver a cabeça de Southampton na fileira da frente, seus cabelos formavam uma espécie de auréola, tornando-o inconfundível. É claro que ele ficaria bem próximo para ver a peça de seu protegido. Essex também estava bem à frente, ansiosamente inclinando-se para a frente, o corpo magro esticando o veludo do casaco.

Uma cortina transparente escondia o palco como se fosse um véu e foi erguida lentamente, revelando uma fileira de colunas gregas e dois atores de mãos dadas que rapidamente anunciaram ser o duque de Atenas e sua prometida, a rainha do Amazonas. Os amantes pouco tempo tiveram para lamentar os quatro longos dias até suas núpcias antes de os infelizes súditos do duque aparecerem, pedindo a ele que reforçasse o direito de um pai de fazer com que sua filha obedecesse à escolha de marido para ela.

Suspirei. Tudo indicava que seria um tédio. Não gostava de peças e poemas sobre casamentos arranjados e todas as suas variações, já eu mesma fugi de tudo isso. Quem quer ver sua própria vida dramatizada? E, além disso, as artimanhas que as peças usavam para escapar do casamento nunca foram tão complicadas ou inteligentes quanto as minhas.

Tinha que admitir, a iluminação era muito benfeita e as lâmpadas a óleo suspensas iluminavam o palco perfeitamente. Nas partes mais altas dos arcos grandes estava tudo escuro, mas as que ficavam abaixo das esculturas cobertas de folhas de ouro forneciam uma iluminação relaxante.

— Lembro-me de quando todo o salão estava iluminado por velas de sebo para os trabalhadores — sussurrei para Hunsdon ao meu lado. — Eu tinha apenas oito anos quando minha mãe me trouxe aqui para ver. Meu tio, o rei, estava tão ansioso para que terminasse logo que pagou hora extra aos empregados para que trabalhassem a noite toda. Havia pilhas de madeira do lado de fora e todo o salão brilhava por dentro como uma enorme lanterna. Era mágico, assim como seria a peça apresentada agora.

Ele era muito discreto para mencionar que no alto das vigas as iniciais de minha mãe ainda estavam entrelaçadas com as de meu pai. A construção tinha começado no auge do amor deles e meu pai tinha colocado as iniciais da minha mãe em todos os lugares em Hampton Court, para apenas apagá-las e destruí-las mais tarde.

No entanto, havia esquecido algumas no telhado do salão principal ou não quis gastar dinheiro para mandar os empregados até lá, e assim aquela pequena lembrança do amor deles continuou por lá. Havia outras ainda, é claro. Mas, para encontrá-las, era preciso saber onde estavam. Procurei na escuridão, não vi nada.

Nesse meio-tempo, um cenário pintado de uma floresta havia substituído as colunas gregas, e árvores em vasos estavam no palco. Os amantes da peça tinham fugido para

uma floresta e agora havia fadas, bem como uma rainha, um rei e um espírito travesso, Robin Goodfellow.

— Agora vem a magia — disse Hunsdon. — Que só acontece no verão.

Era evidente que a terra das fadas estava com problemas. O rei e rainha haviam ido embora. As vestes brilhavam e cintilavam sob a luz amarela, furta-cor como a pele de uma cobra, e as vozes aumentavam e diminuía enquanto recitavam a poesia. Conseguia entender o sentido, mas, ao mesmo tempo, as palavras precisam ser saboreadas e eles falavam tão rápido um com o outro que era difícil conseguir degustá-las. De súbito, a rainha começou a falar sobre a mistura das estações. Suas palavras foram muito claras.

*... e o milho verde  
Apodreceu sem ver crescida a barba;  
O aprisco sobre as águas,  
E os gaviões comem ovelhas mortas,  
As sementeiras estão cheias de lama ...*

Ela descreveu perfeitamente as catastróficas chuvas de verão que tivemos. Ninguém havia culpado a chuva por causa de uma briga entre as fadas, mas tinha deixado todo o reino ansioso pelo próximo verão, para acertar as coisas.

Suas próximas falas...

*E deste destempero as estações  
Se alteram, e a geada toda branca,  
Pinga o vermelho do botão de rosa,  
Enquanto nos cumes mais gelados  
A ironia coloca uma guirlanda  
De flores perfumadas ...*

...assustaram-me. Pois, como eu tinha caminhado sobre aquele chão gelado de inverno, vi rosas e narcisos brotando e rompendo o solo congelado. Ter uma colheita ruim, tudo bem, mas ter as estações misturadas...

A peça rapidamente apresentou uma poção do amor tão poderosa que, se fosse espirrada nos olhos, a vítima seria condenada a amar qualquer coisa que visse. Houve, em seguida, demonstrações cômicas dos efeitos da poção. Mas o limite nítido do humor era que, na realidade, o amor causava perturbações quase tão extremas quanto aquelas.

Mais uma vez, lá estava a paixão devoradora de meu pai por minha mãe, desafiando o senso comum e as explicações. E aquele triste espetáculo de minha irmã Maria, casada com o indiferente Filipe da Espanha, contra os interesses de seu próprio país e novamente, minha prima, a rainha dos escoceses, que perdeu seu trono por um amor cego.

Dentro do círculo de minha própria família, havia exemplos suficientes, e eu não precisava procurar na história para encontrar Marco Antônio ou Paris para que me servissem de alerta.

Então, o rei das fadas disse, assim que viu o cupido voando pela terra,

*Ele mirou  
Numa vestal que vive no Ocidente,  
E disparou a flecha de seu arco  
Com amor para matar cem corações  
Porém a seta em fogo de Cupido  
Apagou-se nas águas do luar  
E a imperial donzela prosseguiu,  
Meditando com livre fantasia.*

O atores pararam subitamente, Southampton levantou-se e virou-se para mim em respeito. Depois dele, alguém mais também se levantou e fez o mesmo. Em seguida, os atores continuaram.

Rapidamente explicou-se que a flecha que não havia acertado a “imperatriz”, “a vestal”, havia atravessado uma flor, derivando a poderosa droga do amor.

E assim a repassei, descontraidamente? Não foi com facilidade que recebi aqueles apelidos.



Fomos para o salão grande quando a peça acabou. Lá, dançaríamos até que os músicos se cansassem e os jovens pajens tivessem sono.

Ultimamente, vinha sentindo uma fisgada no joelho todas as vezes que me levantava, porém aquilo não seria um impedimento. Queria dançar, talvez a peça tivesse provocado esse efeito sobre mim, todas aquelas fadas saltitantes e Robin Goodfellow rodopiando de lá pra cá como num piscar de olhos.

Enquanto assistíamos à peça, o salão grande foi transformado numa versão do reino de fadas. Galhos de árvores nuas, pela magia do papel e arame, floresciam, as brumas do pleno verão eram reproduzidas por finas sedas drapeadas, penduradas no teto, velas perfumadas, candelabros reluzentes, imitações de estrelas.

— Por que precisamos da natureza? Podemos reproduzi-la perfeitamente! — disse o mestre de cerimônias. — Se quisermos o pleno verão em meados de dezembro, basta solicitar.

— Se tivermos dinheiro, o dinheiro pode transformar tudo, é a única e verdadeira alquimia — disse alguém para mim.

Francis Bacon. Eu já deveria saber. Cumprimentei-o.

— Como vai o senhor? Gostou da peça?

— Muito boa — ele disse. — Embora eu tenha me perguntado se a poção do amor poderia funcionar tão rapidamente. Contudo, serviu apenas para nos divertir, portanto não precisa ser verdade.

— Francis, você é muito sério — eu retruquei. — Espero que queira dançar hoje à noite.

— Meu dedo do pé está machucado — ele respondeu. — Não quero que pisem nele.

— Que pena. Talvez um ritmo mais lento?

Ele sorriu e disse:

— Talvez.

Saudei a todos e em seguida os músicos começaram a tocar na lateral do salão. Começaram com algo bem leve, como se quisessem captar a delicadeza das decorações flutuantes. Mas, quando o barulho da conversa dos convidados aumentou, mudaram para canções mais animadas.

Sentia-me estranhamente corajosa naquela noite, como se alguém tivesse jogado um suco de audácia sobre mim. Aproximei-me de Francis Drake, que estava de pé, resoluto, junto a uma das tapeçarias, com as mãos cruzadas atrás das costas, conversando com o almirante Howard e John Hawkins. Atrás deles estava Catherine, tentando parecer interessada.

— Ahoy!<sup>15</sup> — gritei, assustando-os. Eles se viraram para me olhar e repeti: — Eu disse “Ahoy!”, pois sei que estão falando sobre navios e sobre o mar. Sobre o que mais poderiam discutir o almirante Hawkins e *El Draque*?

Passado o susto, eles se curvaram. Catherine riu e falou:

— Como a senhora os conhece bem! Eu esperava que, ao me juntar a eles, pudesse conduzi-los para outro caminho...

— Conduzi-los, mulher? — indagou o almirante. — Agora você está falando como um timoneiro, o que mais então devemos fazer?

— Boa rainha, o almirante inveja a missão que cabe a mim e a Hawkins, com seu generoso patrocínio — disse Drake. — Gostaríamos que ele pudesse nos acompanhar.

— Drake, alguém deve permanecer aqui para nos proteger enquanto você vagueia pelo Caribe.

Ele arqueou as sobrancelhas e disse:

— Vagueio? Isso é muito sério! É perigoso navegar em limites espanhóis.

— Para você, o perigo é uma brincadeira — comentei. — Se for privado dele por muito tempo, definha de desespero. Mesmo com sua adorável e jovem esposa ao seu lado em

Devon. — No entanto, ela não parecia estar ao seu lado agora. Talvez tivesse ficado em casa.

Ele baixou a cabeça como um garoto envergonhado e deu uma risada sem jeito.

Contudo, ele não era um garoto, seus movimentos eram mais lentos e a postura atarracada. Devia ter seus cinquenta e poucos anos, mas parecia mais velho. Talvez fossem os ares do mar que o tivessem maltratado, deixando-o repleto de marcas de expressão. Ao lado dele estava seu primo John Hawkins, com sessenta e poucos anos, era magro e com melhor postura, mas mesmo assim tinha idade, por mais sutil que o passar dos anos tivesse acontecido.

Seria tolice a minha deixá-los embarcar em uma missão de caça ao tesouro com tanta idade? Eles eram os mais hábeis marinheiros da época e Hawkins tinha projetado os navios que deram à Inglaterra a vitória em 1588, mas eles estavam agora... velhos.

Eles tinham... quase a minha idade. Porém viagens perigosas a climas inóspitos exigiam mais do que a vida na corte. Disso eu tinha certeza.

— Se eu morrer, quero que aconteça durante um disparo contra um espanhol — disse Hawkins. — E, além de todo o ouro que trouxemos para a Inglaterra, deixaremos nossas instituições de caridade: o fundo Chatham Chest para alívio dos marinheiros velhos e doentes e dois hospitais.

— Dois? — perguntei. — Conheço apenas um, ligado ao fundo Chatham Chest.

— Este ano inaugurei o hospital *sir* John Hawkins — ele disse com orgulho.

— Então, terei de abrir o armazém *sir* Francis Drake para guardar o que saquearmos dos espanhóis — disse Drake. — Mas, falando sério, nossos navios estão sendo montados, os suprimentos armazenados e assim que o período de Natal acabar sairemos — ele olhou para mim como se pudesse ler meus pensamentos. — Não fracassaremos. Estamos em

nosso ápice, John e eu, e não há inimigo por terra ou por mar que conheça algo que nós não saibamos.

— Fico feliz que não esteja indo, Charles — disse Catherine ao seu marido, envergonhando-o.

Deixei-os reunidos próximos às tapeçarias e fui procurar Hunsdon, que me aguardava pacientemente.

Ele perguntou radiante:

— A senhora gostou da peça? Gostou?

— De fato, gostei — não precisei fingir. — Foi... ela é... diferente, mas ainda assim chamou minha atenção. Parece explorar os sentidos.

— Ficamos orgulhosos por isso. Deixe-me apresentá-la a William Kemp, o ator principal da peça. — O homem que interpretava o camponês e que ostentara uma cabeça de asno durante a peça curvou-se.

— Sua apresentação me deixou encantada — disse. — Pretendo vê-lo em outras produções.

— Jamais terei outra papel como esse — ele respondeu. — Talvez seja melhor assim. É difícil respirar dentro dessa cabeça. — Para dar ênfase, ele zurrou.

— Vejo que a senhora conheceu nosso asno — disse Southampton, apressando-se. Ele estava, como sempre, muito bem alinhado e o perfume ténue anunciava sua presença.

— Apenas um deles dentre tantos em um salão deste tamanho — disse Hunsdon rispidamente. — A corte está cheia de asnos!

Southampton sorriu indulgentemente como que querendo dizer “como são entediantes os velhos mal-humorados”.

— O asno na peça é um gênio cômico e somente um ator com suas qualidades poderia tê-lo feito ao mesmo tempo simpático e engraçado.

— Eu agradeço, meu senhor — disse Kemp.

— O homem que escreveu a peça deve ser parabenizado. Como sabem, sou o padrinho dele — disse com orgulho. — E hoje estava tão nervoso quanto um pai, esperando que seu talento ressoasse por todo o público.



— Creio, Southampton, que agora você pode relaxar. — Ao lado dele, um homem de cabelos escuros surgiu tão silenciosamente sob a luz fraca que eu não tinha percebido, falou:

— Se não me engano, Vossa Majestade sorriu durante toda a peça.

— Permita-me apresentar William Shakespeare, o homem que nos proporcionou o entretenimento da noite.

O homem curvou-se e o brinco de ouro reluziu quando inclinou a cabeça.

— É um prazer recebê-lo — eu disse. — E eu ainda estou voltando do sonho que você criou no palco com suas palavras. Peço-lhe que continue escrevendo, que nos dê mais de suas fantasias. Qual é a próxima?

— Estou trabalhando em várias coisas — ele disse. Tinha uma voz suave que despertava em mim uma vontade de me aproximar para ouvi-lo melhor em vez de pedir que falasse mais alto. — Outra comédia que se passa na Itália, uma história de amor que também se passa na Itália e uma boa e velha história inglesa.

— Você escreveu Ricardo III e Henrique VI. Está trilhando seu caminho até os nossos tempos?

— Tenho um longo caminho até lá — ele respondeu.

— Ah, mas ele trabalha muito rápido — disse Southampton. — Pode produzir muito em um ano, se não estiver distraído.

Shakespeare lançou um olhar para ele e disse:

— Que homem vivo não se distrai? O truque é escrever em meio às distrações. Ou incorporá-las ao trabalho para que tudo seja uma só coisa.

— Você é jovem — eu falei. — Nesse ritmo você chegará à minha coroação em apenas alguns anos. Trate de me retratar de maneira resplandecente.

— A senhora não precisa de resplandecência adicional, tendo já luz própria.

— Ah, meu Deus, você supera os próprios elogios com palavras tão brilhantes — respondi. Ele certamente era

muito rápido com as palavras. Teria que ler “Vênus e Adônis” com mais cuidado para perceber quais preciosidades havia deixado passar.

Ele e Southampton fizeram uma reverência e saíram.

— Poetas! Dramaturgos! — bufou Hunsdon. — Queria ver qualquer um deles defendendo as marchas ao norte.

— Então, tenho sorte de não ter que confiar somente nas palavras deles — garanti. — Afinal de contas, tenho você para conduzir as defesas do norte. O almirante Howard, após distanciar-se dos outros marinheiros, chegou logo atrás de Hunsdon e falou:

— Devo cumprimentá-lo. Sua companhia de teatro se superou hoje à noite. Entretanto, ainda não foi melhor do que a nossa atuação.

— Ah, você é do tipo de homem que gosta de lutar em dois frentes, no mar e no teatro — eu disse. Howard era padrinho da companhia teatral concorrente, os Homens do Almirante.

— Você deveria se render agora — disse Hunsdon. — Antes que se envergonhe ainda mais com espetáculos como a última remontagem de Marlowe.

— Quanto mais peças apresentadas, maior a probabilidade de ficar abaixo do padrão. Porém, mantém nosso nome na mente do público e permite que eu compre as joias da minha mulher.

Catherine, que seguia seu marido, brincou com o pingente de rubi e disse:

— Ah, que escolha difícil, de um lado Os Homens do Lorde Camarista e do outro os do Almirante, principalmente porque uma companhia é do meu pai e a outra do meu marido — o almirante a abraçou e Hunsdon bufou.

— Almirante, você tem Eduardo Alleyn como seu ator principal, enquanto você, Henry, tem Richard Burbage. — Virei-me para Hunsdon, dizendo: — Seria esclarecedor tê-los representando o mesmo papel para que pudéssemos compará-los.

Hunsdon bufou novamente, descartando a ideia.

— Temos Shakespeare e o seu Marlowe está morto — ele provocou o almirante.

— Mas não as peças dele — disse o almirante. — Podemos continuar apresentando *A Trágica História do Doutor Fausto*, *Tamerlão*, *Dido*, *O Massacre em Paris* e não preciso lembrá-lo que *O Judeu de Malta* foi ressuscitado, com grande sucesso.

— Pena que você não possa ressuscitar o próprio Marlowe, pois o repertório dele é tão limitado que logo as pessoas se cansarão.

— O seu Shakespeare ainda é um desconhecido, veremos o que poderá produzir e por quanto tempo.

— Senhores, senhores, esta é a glória do teatro, o suspense! — Queria dar um fim àquela discussão. Senti profundamente a perda de Marlowe, tanto no palco quanto nas sombras, para o trabalho que Walsingham tinha confiado a ele. Não aceitava a história de que havia morrido durante uma briga, sendo esfaqueado acidentalmente. Seus companheiros, todos envolvidos no trabalho de espionagem para vários anos, não estavam reunidos por acaso em Deptford, local onde ele foi morto. Estava convencida de que tinham a missão de matar Marlowe. Mas quem havia mandado? Walsingham seria capaz de desvendar o mistério.

Mas Walsingham não estava mais aqui e seus substitutos não chegavam aos seus pés. Estremeci ao me lembrar do fiasco do chamado Plano Lopez, revelado por agentes ineptos e tendenciosos.

A música lenta parou e os músicos começaram a tocar um courante, um ritmo rápido que exigia agilidade nos passos. Por todos os deuses, não terminaria a noite sem dançar! Chega de conversa!

Onde estava Essex? Ele ainda não tinha vindo falar comigo. Eu o vi sentado bem à frente na peça, e agora ele estava novamente no canto escuro do salão, de costas para todos, mas sempre reconhecível pela postura, desenhando um grande S com a coluna levemente curvada. A capa curta

ficava pendurada provocativamente na altura dos quadris, esticada.

Ele estava bem concentrado em uma conversa com duas de minhas damas, as duas Elizabeth: Southwell e Vernon. Uma era alta e de cabelos claros, a outra pequena, morena e intensa.

Repentinamente, percebi que eles poderiam perfeitamente ter feito parte da peça daquela noite, Southwell sendo a alta e majestosa Helena e Vernon a emotiva Hermia, “uma raposa nos tempos de escola”, como foi descrita.

— Agora seremos três Elizabeth — eu disse, olhando para Essex, que não me viu chegar. Ele se virou e disse prontamente:

— Haverá para sempre apenas uma Elizabeth — e curvou-se sobre um dos joelhos, segurando minha mão para beijá-la.

— Não, assim você insulta as damas, as jovens e adoráveis Elizabeth — disse, cumprimentando-as.

Ambas curvaram-se, mas, assim que se levantaram, percebi que seus olhos queriam dizer-me algo: Southwell tentou desviar o olhar, mas Vernon foi corajosa e direta, assim como o perfume assertivo que usava. Os olhos grandes, que alguém muito cruel poderia descrever como esbugalhados, eram eróticos, sugerindo que poderia proporcionar o prazer ilícito a quem os procurasse.

— Posso roubá-lo um minuto? — perguntei a elas. — Gostaria de convidar o lorde Essex para uma dança.

Ele ficou ruborizado, do jeito que eu gostava de vê-lo. Deu-me um das mãos e juntos fomos ao centro do salão. Os outros abriram caminho, deixando-nos no centro do círculo.

A música do courante era alta e ritmada. Eu já não dançava fazia muito tempo, mas naquela noite queria muito dançar. Teria a peça despertado em mim a vontade que acreditava já ter passado? Os alegres amantes, passeando pela floresta enluarada, buscando seus parceiros, tinham feito com que me sentisse sozinha. Suas falas ecoavam em

minha cabeça: “Rápido como uma sombra, curto como qualquer sonho, breve como o relâmpago na noite escura... Tão rápido que tudo o que brilha fica confuso”. Devemos arrebatá-lo o que pende diante de nós, antes que suma.

Essex, meu menino bem diante de mim, já era um homem agora. Um garoto transformado em homem, rápido como uma sombra, para ser mais precisa. Eu, antes uma dama tão jovem quanto Southwell ou Vernon, agora “murchando como um espinheiro virgem”, como disse a peça? Não! Eu era virgem, mas não seca, não ainda. Olhei nos olhos dele, em busca de reconhecimento de que eu era ainda uma mulher e não uma rainha freira. Vi essa confirmação, essa garantia, nos olhos dele, num olhar com tanta vontade que não podia ser falsidade.

Rodopiei, vi as luzes piscando, imitando estrelas ao meu redor, alegrava-me com sua adoração e ao saber que ainda podia inspirar a paixão descarada em um homem.

A dança continuou, até que os músicos se cansaram e o céu se iluminou levemente. Estava determinada a não demonstrar fadiga e, de fato, não estava cansada, pois a empolgação me fornecia todo o vigor de que eu precisava.

Nós nos afastamos e fomos aos aposentos reais, eu o levei para salas cada vez mais íntimas, da grande sala de audiências para a sala de presença, depois para quarto privado e assim, finalmente, para a sala mais íntima, onde minha cama e a mesa de jantar privada estavam. Paramos. Ele se inclinou para me beijar, lembrando vagamente os sonhos que eu tinha. Mas, como nos sonhos, eu me esquivei, para que ele não descobrisse a falsa juventude de minha carne. Não queria demonstrar a ele. Que tudo fosse luz do luar e artifícios, como na peça, fantasias e fadas.

Sempre foi assim e assim deve permanecer. Sempre fui Gloriana, a Rainha das Fadas, a Imperatriz.

LETTICE  
Janeiro de 1595



**N**oite de Reis e eu tive que passá-la de forma terrível, fazendo uma triagem em minha correspondência, embora tenha comido o tradicional bolo ou um pedaço dele. Não encontrei o feijão, símbolo de liberdade e boa sorte. Queria acreditar que aquilo não profetizava o que esperava por mim no restante do ano.

Noite de Reis e logo meu filho voltaria de Hampton Court, local em que dançou com a rainha, literalmente a pedido dela. Espero que tenha conseguido algo. Conhecia Southampton, e ele estava muito empolgado.

Deixaram-me sozinha especulando na Essex House. Christopher havia saído para inspecionar os estaleiros de seu comandante, o almirante, que também estava se divertindo em Hampton Court. Sentia-me satisfeita por ele não estar ali. Ultimamente, nós dois juntos e sozinhos não era exatamente tão emocionante quanto costumava ser.

Seria o casamento? Por que, ah, por que, eu estava ansiosa para ficar com ele quando ainda estava casada com Robert Dudley e agora era tão indiferente? Fiz mesmo com Dudley, quando eu ainda estava casada com Walter

Devereux. Corri para a cama de Dudley muito afoita. Tudo esfriou assim como um bolo que acaba de sair do forno e é colocado em cima do balcão. Seria a rotina do dia a dia? Seria por que as mesmas mãos, bocas, lábios, quadris se tornaram velhos, assim como o bolo quando exposto por muito tempo? Eu não sabia o que era, mas preocupava-me o fato de que preferia a ausência de Christopher à sua presença ultimamente.

E ultimamente... ah, aconteceu mesmo? Fui mesmo para a cama com Southampton, o amigo do meu filho? Durante vários dias fingi que nada havia acontecido, ou, melhor, recusava-me a pensar naquilo. Não era a diferença de idade, pois, afinal de contas, Christopher era cerca de dezesseis anos mais novo do que eu, e sim o fato de que era um amigo do meu filho. E se Southampton tivesse contado a ele?

A coisa toda com Southampton tem que acabar. Não posso repetir... Bem, exceto no próximo encontro. Ele estava em Hampton Court e eu não podia cancelar, não sem ao menos escrever para ele e chamando a atenção para mim. Teria que cumprir com o combinado e, depois, nada mais.

Henry Wriothesley, conde de Southampton. Lambi meus lábios apenas lembrando algumas de suas preciosas técnicas. Ele era ousado e isso se traduzia em atos físicos. Ri discretamente para mim mesma pensando que alguns acreditavam que ele era afeminado, ou que preferia homens. Tal equívoco permitia que ele tivesse livre acesso às mulheres. Talvez por isso mantivesse os hábitos.

Ele tinha, nos últimos tempos, se ocupado com uma das criadas da rainha, Elizabeth Vernon, carregando-a para seus aposentos bem debaixo do nariz da Rainha Virgem. Algumas vezes, ele e Robert entretinham as duas damas, a Southwell e a Vernon, juntos. Tentei avisar Robert sobre Southwell, mas foi em vão, embora a gravidez dela a faria se afastar em breve. Quanto a Southampton, seu envolvimento com Vernon servia para mascarar suas outras travessuras.

Tão jovem e tão devasso. Ah, bem, a devassidão de um é a oportunidade do outro e, em nossa última vez juntos, iria aproveitar cada oportunidade de prazer para me lembrar para sempre. Então... À despedida, Southampton.

Nosso encontro estava marcado para a noite seguinte. Robert iria permanecer na corte por alguns dias, depois que a maioria tivesse ido embora, na esperança de ter algum tempo a sós com a rainha. Southampton viria a Essex House no início da tarde com o pretexto de encontrar Robert aqui e mostrar-se surpreso ao ver que ele não estava. Eu já havia avisado aos empregados que eles não seriam necessários na noite seguinte.



Uma batida leve na porta. Deixei que batessem novamente para ter certeza de que nenhum empregado ainda estivesse de serviço. Estava tudo pronto. As velas acesas no corredor e em todos os quartos e o *pot-pourri* de rosas e manjerona doce espalhado em taças de prata. Separei vários tipos de vinhos, incluindo alguns sobre os quais Robert tinha concessão, *mosquetas*, *malvasias* e *vernages*. Os melhores queijos de Staffordshire e frutas secas estavam dispostos em bandejas sobre uma bela mesa na biblioteca.

Havia escolhido um vestido de veludo vermelho com um decote generoso. Quem acha que as ruivas devem evitar vermelho são idiotas. O cabelo tem um brilho alaranjado que é diferente do vermelho. A rainha sabe disso muito bem, há um retrato dela muito famoso de criança usando um vestido vermelho. Bem, somos primas e partilhamos a mesma cor de cabelo e o mesmo estilo. No pescoço, coloquei um colar de rubi, mais vermelho. Estava pronta. Respirei fundo, passei a língua sobre os lábios para umedecê-los, deixando-os entreabertos, e fui abrir a porta.

Um estranho à porta.



Observei-o, momentaneamente sem palavras. Fiquei desapontada e ao mesmo tempo nervosa. E se Southampton chegasse agora e esse estranho o visse?

— Sim — disse finalmente.

Ele ficou intrigado por eu mesma ter aberto a porta. Percebeu que algo estava errado. Os olhos escuros pareciam extremamente inteligentes, do tipo que não perderiam nada. Droga!

— Senhora Leicester? — ele perguntou.

— Sim — eu disse.

— Não poderia ser outra — ele falou. — Sua beleza lendária é singular e reconhecível.

Bem, ele sabia fazer um elogio. Mas o que ele queria? Tinha que me livrar dele.

— Tenho um manuscrito para o conde de Southampton, meu padrinho — ele revelou. — Mas o conde de Essex queria ler primeiro, então prometi trazê-lo até aqui.

Padrinho. Southampton.

— Você deve ser aquele tal de Shakespeare. O que escreveu... que a minha memória não me engane... o longo poema *Vênus e Adonis* ?

— O próprio — ele continuou ali e não entregou o pacote que trazia debaixo do braço.

— Você não quer entrar? — fui forçada a perguntar.

Rapidamente ele entrou, tirando a neve de cima dos ombros. Em seguida, entregou a caixa de couro e disse:

— É apenas um primeiro rascunho. Mas ele insistiu em ler.

Conduzi-o até a primeira sala e coloquei o manuscrito na mesa mais próxima. Quanto tempo teria que educadamente aguardar antes de dispensá-lo? Ah, Southampton, venha devagar!

— Vim diretamente da corte. Tenho que lhe dizer que nem Southampton nem Essex podem sair de lá ainda. Eles têm compromissos que não podem ser adiados. Mas seu filho virá depois de amanhã e Southampton daqui a três dias.

Senti-me como se tivesse acabado de levar um chute no estômago. Na verdade, quase perdi o fôlego. Então era para

não ser mesmo. Se Southampton tinha que seguir Robert, não teríamos oportunidade de ficar a sós novamente.

— Entendo — subitamente, aquele vestido vermelho fez com que me sentisse um macaco de roupas, do tipo que os bobos usam para suas travessuras. Bem, tenho que entreter aquele senhor. Pensando bem... Eu tinha lido trechos de seu poema que dizia respeito à deusa Vênus lançando-se sobre um jovem pastor que não tinha nada com isso.

Teria sido isso que fiz com Southampton? Seria essa a maneira de ele me dizer que eu era indesejada, como Adonis disse à Vênus? E que simbólico mandar justamente o poeta que escreveu a história. Era bem o estilo de Southampton, fazê-lo de forma literária.

— ...bem recebida na corte — Shakespeare estava dizendo. — Pretendo modificá-la antes de apresentar.

— Desculpe, como assim? — Tinha que prestar atenção. E não precisava mais dispensá-lo, ninguém mais viria. Por que desperdiçar o vinho, o queijo e as velas?

— Eu dizia que a minha peça, *Sonho de uma Noite de Verão*, foi bem recebida na corte — enquanto me analisava, notando que eu estava distraída. Ele estava tentando saber o porquê.

— Robert disse que ficou orgulhoso da maneira como foi apresentada. Parabéns. Se conseguiu causar uma boa impressão na corte, está no caminho certo.

Ele parecia se divertir com as minhas palavras, como se quisesse me corrigir, porém era muito educado.

— Divido-me entre poesia pura e peças de teatro — ele disse. — Ultimamente tenho escrito sonetos para Southampton, persuadindo-o a se casar e passar sua beleza a outra geração. Gosto bastante deles. Eles permitem-me refletir sobre o tempo e a eternidade — ele sorriu e disse: — Poetas gostam disso.

— É um tema que nunca envelhece — envelhecer. Eu estava imaginando ou ele estava olhando para mim com conhecimento de causa? Teria Southampton contado a ele? Eu era uma curiosidade para ele, uma Messalina mais

velha? — Você gostaria de ver nossa biblioteca? Pode verificar nossa coleção de poetas e talvez nos dizer o que falta. — Conduzi o rapaz escada acima, pelo limpo e silencioso corredor, chegando finalmente à magnífica biblioteca.

Se ficou surpreso ao ver uma mesa posta com vinho e alimentos, não demonstrou. Era óbvio que estava esperando alguém e mais óbvio ainda que não estava mais.

— Você gostaria de um *malvasia*? Ou talvez um *vernage*? — perguntei.

— Sempre preferi o *vernage* — ele disse.

Enchi duas taças e entreguei a dele lentamente. Toquei a borda da minha taça na dele.

— Saúde — disse, tomando um gole.

O silêncio me deixava nervosa. Ele parecia estar em pleno domínio de si mesmo, não precisando conversar. Virou-se e começou a inspecionar os livros nas prateleiras, balançando a cabeça vez ou outra. Parecia completamente absorto em examinar a coleção. O busto de Augusto observava-o de seu pedestal.

— O que é isso? — disse, subitamente, pegando um pedaço de mármore da prateleira. Passou os dedos por cima.

— É o resto de um rosto — eu disse. — Um amigo trouxe de Roma, onde tais peças de antiguidade estão à disposição. As melhores, é claro, são guardadas pelo papa para sua coleção. Mas prefiro assim, com todos os defeitos.

Ele o virou para a luz da vela para ver todos os contornos, com mais precisão do que se a luz estivesse diretamente sobre a peça.

— Todas as características ainda estão aqui em forma de vestígio, sugerindo delicadamente, deixando-nos perceber o que está faltando em nossa própria imaginação. Dessa maneira, nós nos tornamos parte disso.

— Vestígios! Eu não esperava por essa palavra, mas sim, você está certo. — Ele estava me deixando cada vez mais nervosa. Ele já havia visto demais. Sentia-me nua como Eva

no Paraíso quando Deus foi procurá-la. — Mais vinho? — corri até a mesa para pegar a garrafa.

— Muito antigo — ele disse com carinho, ainda manuseando o entalhe. — Sim, mais vinho.

Enchi sua taça e a minha também. A luminosidade agradável me distraía.

Ele não era exatamente bonito, mas era agradável. Os cabelos pretos eram espessos e naturalmente cacheados, no meio deles reluzia um brinco de ouro. Tinha lábios excepcionalmente vermelhos. Tentei evitar olhar em seus olhos porque me deixavam nervosa. Em vez disso, olhava para sua gola, para suas bochechas, seus lábios, seus cabelos.

— Então, você está satisfeito com seu padrinho? — perguntei. A seguir, vi como pareci uma tola.

— Ah, sim muito — ele disse. — Ele é muito generoso e sensível. O que mais um poeta pode querer?

— Ficar livre de um padrinho — deixei escapar, — Mesmo o melhor deles é um feitor!

— Nenhum poeta pode ficar sem um padrinho, nem mesmo um bem-sucedido como eu após “Vênus e Adônis” — ele disse sem rodeios. — Mas um dramaturgo pode, e essa é minha intenção.

— Não tenho dúvida de que você será bem-sucedido.

— Talvez haja uma chance de sucesso também com sua... amizade, *lady* Leicester? — indagou, olhando-me com ousadia.

Correspondi seu olhar. Ele era tentador, essa era a única palavra para aquela situação. Ele me tentava somente por sua presença e seus olhos que enxergavam através de mim.

— Talvez — me ouvi dizendo. — Estou sempre aberta a novas amizades.

— De fato? — ele baixou a taça cuidadosamente e deixou o pedaço de mármore de lado. — A senhora tem muitos amigos próximos, *lady* Leicester?

— Creio que você conhece muitos dos meus amigos — respondi. — E você pode me chamar de Lettice se quiser.

— Prefiro “*Laetitia*” — ele disse. — Seria esse seu verdadeiro nome? Muito mais elegante e clássico.

— Assim como a escultura de mármore? — não pude evitar e comecei a rir. Que conversa estranha aquela!

— Assim como a escultura de mármore.

Isso nunca havia me acontecido antes, seduzida por um estranho que não se incomodava em seduzir, cheio de referências clássicas. Achei mais interessante do que elogios, versos, música e insinuações, como de costume.

Os sofás espalhados pela biblioteca nos serviram muito bem, passamos de um para outro, como se cada experimento tivesse de ser feito num sofá diferente. Por um momento, olhei para Augusto, ilustre imperador adúltero, severamente nos observando e ri. Talvez aquele velho patife estivesse aprendendo algo. A velha aqui estava.



Mais tarde, já estava quase amanhecendo, e ele me disse que eu devia ler o manuscrito trazido por ele.

— Você provavelmente reconhecerá algo nele — ele disse.

— Trata-se de um homem que vem até a mulher do outro e das boas-vindas que ele recebe.

O desapontamento tomou conta de mim. Que sangue-frio o dele em me dizer aquilo.

— Nada igual ao que tivemos hoje, *Laetitia* — rapidamente me garantiu. — O nosso é diferente — ele fechou o casaco e colocou o chapéu. — Já amanheceu, tenho que ir.

Naquele momento, um ruído anunciou a chegada de um empregado.

— Corra! — eu disse.

Ele voou pelas escadas e saiu pela porta antes que o velho Timothy arrastasse sua vassoura para a sala e começasse a varrer.

ELIZABETH  
Agosto de 1595



**E**verão tem sido frio e chuvoso, assim como o do ano passado, e dava para ver as plantações atrofiadas nos campos sem vida quando Essex e eu cavalgávamos a oeste, atravessando o país em direção a Shrewsbury. Estávamos num tipo de peregrinação, uma visita a um oráculo.

Robert contou-me em uma noite de primavera sobre um homem que vivia próximo a Shrewsbury e que era o homem mais velho da Inglaterra.

— O nome dele é Thomas Parr e nasceu em 1843 — ele disse. — Isso faz com que tenha cento e doze anos.

— Quando você vai parar de mentir, Robert? — Dei uma risada. Estávamos acordados até tarde, jogando cartas e minha mente estava leve.

Ele ficou sisudo, insultado:

— Não estou mentindo! Ouço falar dele desde que era criança. Minhas irmãs visitaram-no uma vez. A senhora não acredita em mim? Vou levá-la até lá!

— Programei uma procissão na direção oposta.

— Mude seus planos. Melhor ainda, esqueça a procissão pelo reino e venha comigo — ele abaixou suas cartas e aproximou-se de mim. — A senhora já não está farta de procissões? São sempre a mesma coisa. Como aguenta outro discurso, outro drama, outro belo coral?

Eu aguentava porque tinha que aguentar e porque era o que esperavam de mim. E ver a ânsia do povo em se apresentar, o desejo de agradar, tudo aquilo era importante para mim.

— Pare de me tentar, não posso desprezar meus deveres — repreendi-o, segurando a mão dele e acariciando-a. Uma mão tão bonita.

— Eu *sou* a tentação — ele sussurrou. — Serei seu guia, mostrarei as terras de meus ancestrais na divisa com Gales. As suas também, seu avô era galês e somos primos — ele me lembrou. — Seu tio Artur está enterrado em Ludlow e meu pai está enterrado em Carmarthen, próximo à caverna de Merlin. Está no nosso sangue, temos que ir!

Soltei a mão dele. Tinha que fazer a procissão pelo reino para dar segurança ao meu povo. Era meu dever. Mas...

— Muito bem — eu disse, levantando os olhos rapidamente, esperando ver sua reação mais honesta.

Ele pareceu maravilhado. Nada mais, nem triunfo ostensivo nem consternação em seu rosto.

— Ah, graças aos deuses! Não achava que meu pobre apelo seria ouvido. Mas eu falo de coração. Viajaremos a uma terra encantada. Juntos.



E lá estávamos nós, o sol finalmente pondo-se a oeste em mais um longo dia de verão, a meio caminho de nosso destino. Atrás de nós, vinham os guardas necessários. Não trouxe nenhuma das minhas damas de honra. As que eram da minha idade teriam resmungado e reclamado de uma longa viagem como aquela e as mais jovens não estavam interessadas.

— Amanhã, seguiremos viagem para Shrewsbury e o Velho Parr — ele disse radiante, embora estivesse ainda bem longe. Seu vigor e sua força encurtariam a distância. E eu fingia que os meus também.

Naquela noite, dormimos numa simples propriedade de Devereux em Evesham, estava tão cansada que poderia dormir sobre pedregulhos. No entanto, acordei com a luz do amanhecer, pronta para outro longo dia.

A paisagem mudou a oeste no interior. Aquela parte da Inglaterra recebia muito mais vento e chuvas vindos do mar e era mais inexplorada e verde do que os condados do leste. Conforme nos aproximávamos de Gales, aquilo se tornava cada mais característico.

Shrewsbury era uma cidade mercante no rio Severn, a quinze quilômetros dos limites de Gales. Grande parte do algodão passava por lá, eu costumava ver aquele nome nos controles dos impostos. Mas o Velho Parr vivia na aldeia vizinha de Wollaston, que foi facilmente encontrada depois de perguntarmos. O Velho Parr era famoso, mais famoso do que qualquer um que já vivera lá antes.

— Ele tem cento e cinquenta anos — um garoto gritou. — Ele é tão velho que parece um pedaço de couro!

— Não, ele tem duzentos anos! — uma garotinha disse. — Minha ta-ta-ta-taravó o conheceu. Ele parece uma cigarra!

Os pais, apoiando-se nos ombros dos filhos, disseram — Ele não é tão velho. Mas... Sabem o que as Escrituras dizem sobre Moisés? Que ele tinha cento e vinte anos e que ainda era... um homem vigoroso? Bem, o Velho Parr teve que fazer penitência pública por adultério quando tinha cem anos! — gargalharam de admiração.

— Temos que ver isso — eu disse. — Muito obrigada pelas informações.

Eles fizeram uma reverência, agradecendo-me por falar com eles. Entreguei-lhes um leque como lembrança. Era tudo o que eu tinha, vinha com apenas poucas coisas.



A morada do Velho Parr acabou por ser uma casa pequena de pedra no cume de uma colina, rodeada por uma cerca. O portão não estava trancado e podíamos entrar livremente.

Era escuro lá dentro e levou alguns instantes para que meus olhos se ajustassem. E então vi uma silhueta pequena, sentada em um banquinho no canto. Ele deu um salto, assustando-nos.

— Quem é? Quem é? — gritou, pegando uma ripa encostada em seu banquinho e batendo com toda força nele.

— É a rainha — eu disse. — Vim de longe para vê-lo.

— Continue, mentirosa — ele cuspiu.

Havia mais alguém na sala e ela correu para ele, abaixando a ripa.

— Pai! Pai! — ela disse. — E se *for* a rainha? — ela virou-se para mim, enxugando as mãos no avental, apertando os olhos ao me ver. — Eu... eu não posso acreditar... mas ninguém ousaria tal representação! — ela ajoelhou-se. — Perdoe-nos, Majestade. Estamos... estou... sem palavras.

— Levante-se, senhorita. Espero que não permaneça sem palavras, pois estou aqui para aprender com este meu raro súdito. Tenho certeza de que ele tem sabedoria para ensinar, pois os anos sussurram em nossos ouvidos, queiramos nós ou não.

Essex estava de pé, todo desajeitado, na porta.

— Este é o conde de Essex, cuja família vem desta região. Na verdade, foi ele que me contou sobre o seu pai.

— O que ela quer? — disse Parr muito rabugento.

— Isso não é jeito de se dirigir à sua soberana! — disse Essex. — Desculpe-se. Os anos não concedem imunidade às boas maneiras.

— Perfeitamente, pai — disse a filha. — Pense em todos os ingleses que teriam uma síncope com tal honra, a rainha em nossa própria casa!

Eu ri.

— Bem, meu súdito mais velho, creio que posso chamá-lo assim, sou a oitava monarca que você já teve. De quantos

você se lembra?

Ele se sentou em seu banquinho, limpando os olhos turvos com as costas da sua mão.

— Perdoe-me, minha rainha. Não quero desrespeitá-la. Minha primeira lembrança é do primeiro Tudor, rei Henrique VII, seu avô. Eu tinha apenas dois anos quando ele reclamou a coroa e reinou até que eu tivesse vinte e seis. Ele era o rei da minha força, como dizem as Escrituras. Depois, o grande rei Harry, seu pai, que ficou dos meus vinte e seis até meus sessenta e quatro, sim. E eu já tinha setenta e cinco quando você, a filha, se tornou rainha. Mas ainda não era tão velho, não! Moisés tinha essa idade quando foi chamado ao Egito. E veja o que *ele* fez!

— E você viveu aqui todo esse tempo? — Olhei em volta da pequena sala. Não havia nada de extraordinário, era uma sala como outras milhares.

— Não o tempo todo — ele disse. — Entrei para o exército quando tinha dezessete anos, juntei-me ao exército do seu avô galês Henrique Tudor. Esse foi o único momento em que saí daqui, e, depois de servir no exército, nunca mais tive desejo de sair, posso garantir-lhe! É um negócio sujo, não importa quem esteja lutando. Não importa qual a causa, seja ela boa ou ruim. Feridas e comida estragada, não, obrigado.

Assim que meus olhos se acostumaram à luz, pude ver melhor a filha dele. Ela era mais jovem do que minhas damas de honra.

— E a sua família? — perguntei. A mulher dele já devia ter morrido há muito tempo. E o resto?

Ele deu uma gargalhada alta.

— Não! Somente minha filha aqui! Nascida do meu pecado — ele parecia muito orgulhoso disso. Ele se benzeu e disse, quase gritando: — E eu fiz penitência por isso!

A filha dele então falou:

— Acalme-se, pai — ela colocou suas mãos sobre os ombros dele e virou-se para mim. — Sou filha de Katherine Milton, a mulher com que ele teve um relacionamento. Creio

que meu pai não seria conhecido fora da vila se não fosse por causa de sua penitência pública, o que revelou sua idade.

— Traí minha esposa! — ele anunciou alegremente. — Com uma mulher bem mais jovem! E aqui por esses lados eles ainda acreditam em penitência pública para adultério. Eu tive que ficar envolto em um lençol branco na igreja por isso.

— É um grande feito para um homem de cem anos — admiti. — E isso aconteceu há doze anos!

— Isso acabou com minha mulher — ele confidenciou. — O choque, o escândalo. Porém, estou pensando em me casar de novo.

Essex deu uma gargalhada e perguntou:

— É mesmo?

— Sim. Um homem precisa de uma esposa — disse, balançando a cabeça com propriedade.

— Sem dúvida que você precisa — eu disse. Olhei para ele. Tinha espessas sobrancelhas brancas que pairavam sobre suas pálpebras, como as de um mago, e olhos marrons brilhantes. Para um homem de sua idade, a pele não era tão enrugada e percebi que ele se sentava ereto em seu banco sem encosto. Na sala, havia retratos de todos os monarcas que já passaram, Eduardo IV, Ricardo III, Henrique VII, Henrique VIII, Eduardo VI, Maria e eu. O meu retrato era da minha coroação. Gostei do que vi.

— Trouxe uma capa de veludo para você — eu disse, ficando em dúvida se era um presente apropriado ou não. — O que você tem para mim? Quero apenas palavras, nada de presentes — como se ele tivesse algum objeto para me dar. — Diga-me a que você dedica sua longa vida?

— É a minha dieta! — ele respondeu. — Creio que comendo principalmente cebolas verdes, queijo, pão integral, nada de guloseimas, cerveja e manteiga.

— Não pode ser só a comida — disse Essex. — Pois todos os seus vizinhos comem o mesmo.

— Não, há mais ainda — ele disse astutamente. — E eu poderia dizer se...

Essex jogou rapidamente algumas moedas na palma da mão dele antes mesmo que pudesse terminar de falar.

— ...você fosse tão gentil como está sendo agora. Não é só o que se passa na barriga, mas o que vem da cabeça. Meu lema foi sempre manter a cabeça fresca pela moderação e os pés quentes pelo exercício.

— Isso é tudo? — perguntei.

— É o suficiente — ele grunhiu. — Se você acha que é fácil, por que então muitos não conseguem?

— Verdade, a maioria das pessoas consegue fazer uma das coisas, mas não as duas.

— Agora, há uma outra coisinha...

Essex colocou outra moeda na palma da mão dele.

— Diga.

— O resto do meu segredo é isso aqui: levante-se cedo, vá para a cama também cedo, e, se você quiser prosperar, mantenha os olhos abertos e a boca fechada — ele fechou a boca, prendendo os lábios. — Isso é tudo o que sei.

— Preservou-o por todos esses anos — disse a filha dele.

— Deus o abençoe — eu disse.

— Você vai me mandar um presente de casamento? — ele perguntou quando estávamos saindo.

— Seu velho desonesto incorrigível! — bradei. — Sim, você merece!



**E**stávamos ainda rindo logo que subimos nos cavalos e saímos para cavalgar, meus guardas, não entendendo nada do que se tinha passado dentro da casa, estavam gargalhando também.

— Esqueci de perguntar qual a idade da pretendente dele — eu disse.

— Dizem que não há homem tão tolo, ou tão velho, que uma mulher não queira — disse Essex. — E ele é famoso também.

— Mas ele não ganha dinheiro com a fama, para compensar a desvantagem de se ter mais de cem anos. — Eu disse, aproximando-me dele para perguntar: — Você concorda? Que um homem deve se casar?

Ele sorriu ponderadamente e respondeu: — Ah, minha rainha, a senhora não vai me apanhar nessa conversar sobre casamento. Eu sei que esse assunto lhe ofende.

— Perguntei sobre os homens — eu falei. — Com relação ao casamento.

— Muito bem. Sim, eu acho que o casamento é necessário para um homem. Por meio dele conseguimos alianças, heranças e legados. Um homem não casado é suspeito. Não consigo evitar em pensar que, se Francis ou Anthony Bacon

fossem casados, a senhora teria muito mais confiança neles. A solteirice deles impede que progridam.

— Francis Bacon novamente — eu disse. — Você está determinado em impulsionar a carreira dele. Quase acredito que você tem interesse nele.

Ele freou seu cavalo.

— Senhora! — olhou-me horrorizado.

Eu ri. — Quanta indignação! Já entendi. Entretanto, há aqueles que dizem...

— Quem? Quem? — ele gritou.

— ...que Francis tem tamanho poder de persuasão. Talvez por ser tão inteligente. Você, por outro lado, persegue mulheres aleatoriamente, um traço de insensatez.

Minha dama de honra, Elizabeth Southwell, deixou a corte para ter o bebê dele. Era a primeira vez que tocava no assunto. Sentia pena por aquela criatura tola, pena pela esposa de Essex e pelos outros filhos. Ele prometeu a mim que honraria o casamento, mas ficou preso num emaranhado de luxúria e mentiras. Não era tão diferente do Velho Parr, eles partilhavam dos mesmos apetites e indiscrições. Homens!

Chegamos ao ponto em que a pequena estrada para Wollaston se juntava à estrada principal.

— Qual caminho? — perguntei, e os guardas chegaram ao nosso lado.

— À direita, vamos por Gales — disse um deles. — À esquerda, voltamos em direção a Londres passando por Wolverhampton.

— Vamos pela direita — disse. — Para Gales.

Conforme avançamos, o caminho tornou-se mais difícil e inclinado, a estrada ruim transformou-se em um caminho tortuoso e irregular. À nossa frente, víamos o início das montanhas nebulosas sobre o sol do oeste. Mais adiante, ficava o mar e depois do mar... a América. Passamos por pessoas no caminho que falavam galês. Consegui entender algumas palavras, o galês que os filhos de Blanche me

ensinaram soava diferente quando falado rapidamente por adultos.

— Temos ainda um longo caminho pela frente — disse Essex. — Mandei uma pessoa na frente para encontrar um lugar em que possamos passar a noite. No vilarejo, do outro lado da próxima colina, dizem que tem uma bela vista das Montanhas de Berwyn.

Ah, era tudo tão diferente das procissões. Tão casual, tão livre, eu ficava pensando em quem seriam nossos anfitriões, mesmo que isso pouco importasse.

Acabaram por ser primos, bem distantes, de Devereux. Eles eram do lado da família que escolhera um caminho diferente de Essex: anonimato e paz. Eles tinham uma pequena casa de campo, ovelhas e campos de pastagem. Pareciam mais empolgados em encontrar seu altivo primo do que a rainha. Agradaram-me. Deixe que outros sejam bajulados, como Essex mesmo dizia, e que recebam os versos ruins e os discursos maçantes.

Depois de uma ceia simples de carneiro cozido e um pão de centeio bem grosseiro, fomos passear lá fora enquanto eles preparavam os nossos quartos. O sol já estava se pondo e a forte luz amarela a oeste iluminou todos os montes e vales, envolvendo-os em um brilho dourado.

— Ao estar aqui não posso acreditar que Merlin tenha saído destas terras — eu disse. — Não me parece real. Digame, Robert, quando realmente chegarmos lá, parecerá mais real?

Ele sorriu.

— Não. A magia está por todo o caminho. — Ele fez uma longa pausa e disse: — *Dwi yu dy garu di*.

Balancei a cabeça negativamente e resmunguei:

— Tenho que admitir, não consigo entender suas palavras.

— Eu disse — ele segurou minhas mãos — que te amo! — Aproximou-se e beijou meu rosto.

Paralisei. Ele disse, de maneira direta, não envolta em palavras de cortejo disfarçadas, ainda que em outra língua. Como eu deveria responder? O sussurro dele dizendo “Eu te

amo” ficou em minha cabeça, doce como uma delicada melodia. Continuei olhando bem para a frente, nem sequer olhando para o rosto dele.

Alguns segundos se passaram. Pareceram uma eternidade. Ouvia meus próprios passos raspando os cascalhos no caminho, ouvi-o pigarrear e então ele disse:

— Já morei próximo ao mar na costa, em Lamphey. Depois que saí de Cambridge. Temos casa de parentes lá...

— Ah, Robert, em que lugar você *não* tem parentes? — minha voz soou estranhamente alta, mas ao menos ele havia me fornecido algo ao que responder de forma educada.

— Meu tio George ainda vive lá — ele respondeu. — É uma antiga casa de religiosos e seu pai deu à nossa família quando os mosteiros foram fechados. Fica em um lugar encantador.

— Olhe lá — ele disse, apontando. — Lá no meio dos vales. É tão verdejante que parece dinheiro. Meu pai descansa lá em sua tumba. É difícil chegar lá — ele disse, levantando a voz: — Quando ele morreu na Irlanda e trouxeram-no de volta até aqui para o funeral, eu quis seguir como representante no velório. Porém, não me deixaram. Disseram que eu era muito fraco. E assim nunca tive a chance de me despedir.

— Quantos anos você tinha?

— Nove. Na verdade, eu não me lembro muito dele. Ele ficava distante tanto tempo, sempre na Irlanda. Mas uma vez ele me escreveu uma carta, dizendo que os homens Devereux não viviam muito e que eu deveria ousar buscar a fama. Como que para provar a maldição da morte prematura, ele morreu aos trinta e sete anos.

— Ah, bem, mas você tem muito pela frente ainda, meu rapaz. Quantos anos você tem agora... Vinte e quanto?

— Logo terei vinte e oito.

— Ah, só faltam oitenta e cinco anos para você chegar à idade do Velho Parr.



Vinte e sete. E eu tinha quase sessenta e dois. Somente um tolo acreditaria... Mas “*Dwi yu dy garu di*” rolava na minha cabeça, fugaz como um coro grego.

— Em algum lugar está o lago Llangorse — eu disse. — Blanche Parry possuía terras na costa. Era famoso pelas enguias, creio eu.

— Era também famosa pelo monstro do lago, *afanc* em galês — ele lembrou. — Quando era criança, me contaram isso. Fiquei lá sentado, olhando por horas, mas não vi nada além dos caniços ao longo da margem e dos homens cuidando das armadilhas das enguias.

— Alguém estava brincando com você sobre isso? — era o tipo de coisa que alguém dizia a uma criança e depois ficava rindo, vendo-a sentar e esperar.

— Ah, não! Um dos velhos poetas tinha um poema sobre isso, que dizia:

*Um monstro eu sou,  
Escondo-me nas margens da água,  
Do pântano de Syfaddon,  
Qualquer homem ou fera  
Que ouse contra mim hoje  
Daqui nunca sairá  
Não destas margens.*

— Nenhuma informação sobre a aparência dele?

— Somente um monstro normal, presumo. Pescoço comprido, escamas, cospe fogo... *Syfaddon* é o nome galês para o lago, a propósito. — Ele parecia muito empolgado ao falar sobre *afanc*.

— Você deseja matar um dragão, assim como um dos cavaleiros de Artur?

— Nasci muito tarde e admito isso — ele disse. — Mas isso não impede meu anseio.

— Ser galês é ansiar, desejar — garanti-lhe. — Sempre por aquilo que está entre a névoa do vale ou até onde perdemos a vista.

— *Hiraeth* — ele falou. — A ânsia por coisas inomináveis. — Ele estendeu a mão e tirou um anel do mindinho. — Galês, para manter Gales sempre perto de você, aonde quer que vá.

O quarto que me deram para dormir era pequeno, com uma única janela de frente para as montanhas. Eles encheram a cama estreita com cobertas, travesseiros e tapeçaria velha. Um belo lampião de ferro sobre a mesa estava aceso e havia um pequeno vaso de flores na soleira da janela. Pelo cheiro doce do junco no caminho eu sabia que eles tinham acabado de mudar e polvilhar com ervas de verão.

— Senhora... Vossa Majestade — uma das filhas disse, abrindo a porta lentamente para espiar. — Há mais alguma coisa que a senhora deseje para seu conforto?

O rosto dela era o puro verão, bronzeado, brilhante, de olhos azuis como as fores-do-campo. Duas longas tranças sobre seus ombros.

— Qual é o seu nome, minha filha? — perguntei.

— Eurwen — ela disse.

— Você sabe o que significa? — perguntei.

— Minha mãe diz que significa “ouro e justo” — a voz dela estava trêmula.

Percebi que podia estar assustando a menina.

*Ouro galês.*

— Ela fez muito bem em dar-lhe esse nome — garanti. Descruzei os braços e falei: — Venha, segure minhas mãos — cautelosamente ela se aproximou, estendeu as palmas das mãos, mas manteve os cotovelos junto ao corpo. Segurei suas mãozinhas com firmeza: — Obrigada por sua hospitalidade — eu disse. — Não tenha medo de mim. Garanto que eu tenho mais medo de você do que você de mim.

Ela baixou a cabeça e riu.

— Ah, é verdade — eu confirmei. — Quando você pensar em mim, lembre-se como é difícil para mim conhecer estranhos o tempo todo. Você faz isso poucas vezes. E

espero que agora sejamos amigas e não estranhas — Soltei as mãozinhas dela. — Você fez com que me sentisse muito bem-vinda. Você mesma colheu essas flores?

Ela confirmou solenemente:

— Tentei encontrar amarelas, mas só tinham brancas e azuis.

— Minhas cores preferidas! — eu disse a ela. — Adorei ficar olhando para elas. — Queria ter algo para dar a ela, mas o pouco que eu tinha já havia sido distribuído pelo caminho. — Você me perguntou se eu precisava de algo. Não, já tenho tudo o que eu quero aqui. Mas, se você quiser me dar um presente e me deixar dar um a você em troca, você me deixaria ser sua madrinha? Tenho muitos afilhados e posso garantir que todos são especiais para mim.

— Ah... sim — ela disse, seus olhos azuis arregalados. Ela não sabia o que fazer. Aquilo me divertiu, já que todos na corte constantemente brigavam para ver se eu consentiria em ser madrinha de seus filhos.

— Muito bem, então — eu falei. — De agora em diante você deve me chamar de madrinha Elizabeth, ou, se você quiser se impor, madrinha Rainha. E vou acrescentar Elizabeth ao seu nome... Ah, mas tem que ser o Elizabeth galês. Como é?

— Bethan — ela disse.

— Então você será Eurwen Bethan para mim — prometi a ela.

Depois que ela saiu, fechando a porta o mais silenciosamente possível, me arrumei para deitar. Eu não precisava de ninguém para me despir ou me arrumar, era tudo muito simples. Quanto tempo da minha vida fiquei enrolada em panos? Queria me livrar deles, como uma mariposa escapando do confinamento no casulo.

Arrastei-me para a cama dura, tão rígida e reta como o estrado de um convento. A luz do dia estava desaparecendo em um azul profundo e a ia noite subindo como uma névoa. Dava para ouvir Essex rindo e conversando com seus parentes na outra sala. Sem dúvida que ele iria além da

meia-noite. Eu fingi que eles precisavam de algum tempo juntos, mas a verdade era que eu precisava dormir.


Deixei que ele deliciasse seus anfitriões com seus feitos e contos até que os rouxinóis cantassem.

Aos poucos o quarto escureceu e pela janela pude ver as primeiras estrelas aparecerem no céu. Suas proezas e contos... onde eles estavam? O tempo estava passando. Ele tinha vinte e sete, logo teria vinte e oito.

Aos vinte e oito eu já era rainha fazia três anos. Meu pai foi rei por dez anos. Claro, havia pessoas que obtinham destaque mais tarde, Burghley tinha trinta e sete quando foi indicado para meu secretário de estado. Meu pai não desfrutou de sua duradoura fama durante os primeiros vinte anos de reinado, antes dos trinta anos de idade. Mas Essex era impaciente, tenso como um cavalo mantido na baia.

Um cavalo. Henrique IV havia descrito Robert como alguém que precisava mais de um freio do que de um estímulo. Ele estava certo. Essex ansiava por galopar para a glória, mas ele não tinha destino certo.



manheceu cedo e o quarto simples não tinha cortinas. Acordei para ver as nuvens separarem seu branco leitoso do céu incolor que surgiu pouco antes do amanhecer. Depois, gradualmente, o céu tornou-se repleto de uma tonalidade azul, anunciando o raiar do dia.

Dormi melhor do que quando dormia na cama do meu palácio, mas isso se deveu ao cansaço extremo. Depois de todos os seus trabalhos, Hércules sem dúvida dormiu profundamente. E agora outro longo porém excitante dia me aguardava. Nos aventuraríamos em Gales propriamente dito, e eu veria a terra que deu origem à família Tudor.

Rastreamos nossa linhagem até um príncipe do século XII, Rhys ap Gruffydd, mas a família entrou na história inglesa quando o meu tataravô, Owen Tudor, casou-se com a viúva do francês Henrique V, Catarina Valois. Owen tinha sido seu criado secretamente e em algum momento eles se tornaram amantes e se casaram secretamente, ou foi ao contrário.

Foi em Gales que meu avô desembarcou para fazer valer seu direito ao trono após ser exilado na Bretanha, arriscando tudo em um lançamento da pedra. Essa era a nossa maneira. E até agora havíamos ganhado todos os lances.

Levantei-me e fui até a janela, olhando para a névoa que envolvia os vales e as montanhas, contornando-os como fumaça. A família Devereux, por outro lado, parecia ter perdido todos os lances. Mais razões para continuarem a lançar os dados. Isso me lembrou de uma coisa que Suetônio tinha escrito sobre César Augusto, que ele continuava perdendo batalhas navais, mas imaginava que um dia fosse ganhar, então continuou apostando em si mesmo. E ele, por fim, acabou derrotando Marco Antônio e Cleópatra em Ácio.

O barulho na casa significava que todos já estavam de pé. Nossos anfitriões graciosamente nos forneceram cerveja inglesa, queijo verde fresco e biscoitos para que pudéssemos seguir nosso caminho.

Agradei efusivamente e abracei a pequena Eurwen, sussurrando:

— Mantenha-me informada sobre como está. Quero que meus afilhados sempre me mandem notícias. — E à mãe dela eu disse: — Tenho o privilégio de partilhar sua filha com você — ao mesmo tempo em que ela tentou dizer que eles não valiam isso tudo e coisas do tipo.

Essex estava impaciente para partir e eles provavelmente também estavam impacientes para que partíssemos. Uma visita real é sempre uma tensão, eu sabia, e também gostaria que fosse de outra forma. Os guardas aprontaram-se atrás de nós e partimos, o sol se levantava atrás de nós, em meio à névoa do vale.

O sol ficaria bem forte mais tarde, mas por enquanto o orvalho fazia o verde ainda mais intenso, quase brilhante. Íamos a passos lentos, mas eu não me importava, pois assim tinha a chance de ver as flores decorando os prados e as borboletas esvoaçantes logo acima delas. Havia poucas pessoas por ali, somente alguns pastores, que podíamos ver de longe.

De súbito, atrás de mim um zurro e um grito:

— Majestade! Majestade! — um dos guardas correu na frente, apressando seu cavalo naquele terreno acidentado.

— Há uma mensagem! — freei e aguardei por ele, logo atrás dele estava outro guarda e um cavaleiro sobre uma zebra.

A rapidez surpreendente fez meu coração disparar. Como me encontraram? De onde o homem vinha correndo?

Ele parou e tirou o chapéu na obediência habitual, em seguida, gritou: — Houve um ataque! Os espanhóis desembarcaram!

Essex fez a volta e parou seu cavalo ao nosso lado.

— O quê? O quê? — indagou.

— Os espanhóis desembarcaram na Cornualha — disse o homem ofegante. — Ao menos quatro navios e muitas tropas. Queimaram Penzance, saquearam algumas outras cidades, vim até aqui o mais rápido possível para encontrá-la. Robert Cecil sabia que vocês iam na direção de Shrewsbury.

Eu havia deixado com ele uma carta lacrada com meu itinerário, apesar de vago. Alguém tinha de saber onde eu estava. Minha liberdade era apenas uma fantasia.

— Você fez bem. — Agradei a Deus por ter deixado o itinerário e que o homem tivesse me seguido. — Há sinal de mais navios? Houve outros desembarques?

— Há mais navios, mas, sobre outros desembarques, não sei. Os faróis estão acesos ao longo da costa e as tropas estão mobilizadas.

— Retornarei a Londres imediatamente. — Por um instante, olhei para as colinas de Gales que me acenavam, sentindo tudo aquilo que o país significava para mim, e que agora não poderia visitar. Mas eu era novamente a rainha, uma guerreira cujas terras estavam sob ataque, não uma peregrina, devia voltar.

Os espanhóis! As botas deles haviam descido sobre solo inglês, algo que não haviam conseguido fazer nem com a dita Armada. Quantos deles havia lá? Quatro navios cheios de soldados, poderiam ser centenas.

Eles atacaram quando virei as costas. Será que sabiam? Não, isso era impossível. Minha viagem tinha sido realizada

por um capricho e os navios haviam deixado a Espanha fazia algum tempo.

— Para Londres! — gritei.

Estávamos muito longe de Londres, muito longe para retornar em um dia ou mesmo em três dias. Após o primeiro galope, tivemos que diminuir o ritmo. Nossa viagem de lazer agora corria para trás, corríamos sobre os mesmos caminhos, sem parar para saborear o que nos cercava.

Passamos por Wollaston e o temível Velho Parr, passamos por Shrewsbury, sem podermos parar onde Henrique “Impetuoso” Percy havia sido derrotado por Henrique IV, rapidamente por Wolverhampton, onde outra batalha decisiva entre os Saxões e os Dinamarqueses ocorrera 500 anos antes do Impetuoso, com uma vitória dos Saxões. Nossa terra era marcada por áreas como aquelas. Que ninguém no futuro fale sobre Penzance!

A certa altura Essex freou e disse:

— Logo estará escuro e estamos viajando em um ritmo extenuante que parece durar para sempre. Precisamos de um bom descanso, melhor do que esse que tivemos na estrada nos últimos dois dias, sem falar que os cavalos também precisam. Vamos parar em Drayton Bassett, algumas milhas à frente. — Ele fez uma pausa e continuou: — A casa está vazia agora.

Primeiro, fiz um sinal de negação. Não queria passar a noite sob o teto de Lettice, por mais longe que ela estivesse de lá.

— Por favor, reconsidere — ele disse. — É o mais sensato a fazer. Há estábulos, comida, cuidado para os cavalos e uma casa inteira à nossa disposição. Prometo que nada vai perturbá-la.

Só de pensar em usar qualquer uma de suas hospitalidades já me fazia sentir repulsa. Mas a casa também era de Essex. E ele estava certo, precisávamos de um bom lugar para parar, um lugar com recursos e sem famílias felizes para fazer perguntas. Não estávamos com



espírito para entreter e sermos entretidos. Por fim, concordei.

— Vou na frente e espero na casa — ele falou. — Vou abri-la e ventilá-la, e mandar a equipe de apoio buscar suprimentos. — Sem esperar minha resposta ele virou e saiu galopando.

A luz já estava indo embora e a parte mais fraca do corpo me agradecia ao saber que haveria um lugar confortável para descansar, a rainha guardava rancor daquele lugar. Meus assistentes e eu descobrimos o caminho até lá, tendo que pedir orientações em um lugar desconhecido.

Quando chegamos, já estava escuro e a longa entrada que conduzia à casa era sinistra com um corredor de árvores densas, o que tornava impossível vislumbrar a própria casa até que estivéssemos quase em cima dela.

Era na maior parte escura, mas algumas janelas mostravam velas acesas. Descemos dos cavalos e, assim como havia prometido, Essex tinha estábulos prontos para receber os cavalos, ele próprio estava de pé na porta da casa para nos receber, com sua presença imponente logo na entrada.

— Bem-vindos à Drayton Bassett — ele disse.

Entramos, passando por um corredor de pedras. Mesmo no meio do verão era fresco. Ele nos levou ao jardim de inverno, passando pelo pórtico de entrada. Apesar dos tapetes turcos, a casa tinha um ar de fortaleza.

— A maior parte dos móveis está guardada — ele disse. — A casa não é muito usada no momento. Mas vou tirar o pano que cobre estas cadeiras e os quartos estão prontos. Vocês — ele acenou para os guardas — ficarão na ala adjacente com o resto do grupo. Aquela parte da casa nunca está fechada. Para a senhora, minha cara Majestade, separei o melhor quarto da casa. É o quarto de meu pai e que foi mantido desde os tempos dele.

Como era diplomático, sabia que eu jamais dormiria no quarto de sua mãe. Concordei.

— Ficarei no meu quarto mesmo.

E onde era? Perguntei-me. Porém não perguntei na frente dos guardas.

O jantar que nos foi servido era simples, porém em grande quantidade, exatamente o que eu precisava. Fatias grossas de pão, pedaços generosos de queijo de Staffordshire, peras e maçãs dos pomares da propriedade, molho de groselha e carne de cervo defumada enchiam nossa barriga faminta e o vinho tinto francês acalmava nossa cabeça conturbada.

Os guardas educadamente saíram, deixando Essex e eu completamente sozinhos naquela mesa grande. O candelabro entre nós na mesa fazia um clarão em meio à escuridão que nos cercava. As velas já tinham queimado até a metade e estavam pingando na mesa.

Pressionada pela ansiedade, eu disse:

— Filipe disse que ele gastaria cada moeda que tivesse, até a última vela de seu candelabro, para me derrotar. Ele é um homem de palavra.

— Sim, infelizmente. Ou “obcecado” seria uma descrição melhor. Ele é obcecado em conquistar a Inglaterra. E ele não admitirá a derrota.

— Ele parece ter recursos infinitos para levá-la à ruína.

— A maior parte dos recursos ele já desperdiçou e se encontra no fundo do mar.

Estremeci. Não era somente o frio da sala. — Espero que consigamos chegar a Londres a tempo de comandar nossa defesa — fiz uma pausa. — Embora haja homens de confiança e competentes já a postos, o almirante Howard, por exemplo. — Eu lamentava profundamente que Drake, Hawkins e Raleigh estivessem tão distantes.

Ele fez um gesto demonstrando que não achava tudo isso. — O homem não tem visão — ele disse.

— Ele tem bom senso, algo de muito valor na batalha.

— Humm — resmungou, limpando a boca com o guardanapo, preocupado. Invejei o reinado de meu pai naquele momento. Ele só teve que se defender de ataques no papel do papa, nenhum estrangeiro ousou realmente

invadir o reino. Mas agora aquele espanhol miserável nos mantinha eternamente em sua mira e, para todo lugar que eu olhava, ele tentava me contrariar. Ele, claro, poderia dizer o mesmo sobre mim.

Levantei-me e disse:

— Estou indo para a cama.

Ele também se levantou:

— Vou em seguida. — Ele contornou a mesa e falou: — Permita-me mostrar-lhe o caminho até seu quarto — ele me conduziu pela escadaria principal até a terceira porta à minha esquerda. Respeitosamente, ele abriu a porta. Lá dentro, várias velas acesas e as cortinas em volta da cama abertas. — Se você precisar de luz, já está acesa. Devo avisá-la que não há mais ninguém nesta ala da casa, mas tenho certeza de que a senhora não terá problemas em acender a luz. Estarei na porta ao lado. — disse, fechando a porta. Ninguém. Ele e apenas uma parede entre nós.

— Obrigada — eu disse. — Você é sempre meu melhor anfitrião.

Ele acenou positivamente com a cabeça e emendou:

— E a senhora é sempre a minha convidada de honra. — Ele segurou minha mão e levou-a até seus lábios.

Depois saiu. Fechei a porta delicadamente atrás dele e fiquei do lado de dentro. Ele tentou me proporcionar todo o conforto, preparando água para o banho, uma bandeja de doces e uma garrafa de vinho doce. Peguei a garrafa e li o rótulo, *vino vernaccia*. Um dos vinhos cujo monopólio concedi a ele. Coloquei um pouco em uma taça e saboreei o gosto apurado e doce. Fiquei bebericando em frente à lareira, algumas lenhas de macieira esperavam para ser jogadas ao fogo.

Peguei uma das velas e andei pelo quarto, observando. Tentando me manter ocupada para não pensar em nada, como se essa ação aniquilasse a forte e perturbadora necessidade que consumia a minha consciência. Ali, na parede, um retrato. Espiei mais de perto. Era Walter Devereux, o finado pai de Essex, observando-me. Deve ter

sido pintado quando era bem jovem. Os olhos eram francos e a testa alta brilhava, como se estivesse olhando para o futuro na esperança de boa sorte. Mas a Irlanda o destruiu, assim como fez com outros bons homens.

Irlanda... O que teria feito Grace O'Malley se ela fosse eu? Como ela lidaria com os espanhóis? Como ela lidaria com o jovem no quarto ao lado?

Ela combateria o primeiro e arrasaria o segundo. Ou será que aquela era a minha vontade?

Irlanda. Voltei ao retrato do pobre e condenado Walter. E logo ao lado vi a marca do furo e mancha de um retrato na parede, o retrato de Lettice que havia sido removido.

Essex estava cuidando do meu conforto, de fato.

Lettice. Eu não me permitia sequer pensar nela. O simples fato de pensar naquela mulher promíscua e suas duas filhas, também promíscuas, me ultrajava. Ela estreitava laços com os homens com uma habilidade única de persuadi-los com sua conversa. Ou eu deveria dizer na cama?

E o filho dela está a duas portas de distância... Um homem trinta e três anos mais jovem. Esperando. Esperando por mim?

Ele pode esperar para sempre. Ele não pode esperar nada mais de mim além do que já lhe concedi. Já o mimei demais. Mas nunca fiz nada inapropriado.

*Ninguém mais aqui, ninguém por perto. Ninguém verá o que você fizer. Mais privacidade do que jamais imaginou. Você nunca terá outra oportunidade como essa. Nunca mais.*

Tenho que agradecer a Deus. Sempre pedimos para que não nos deixe cair em tentação. Sou humana e não conheço minhas próprias fraquezas. Não quero saber quais são os seus limites.

*Ah, mas você já está longe do jogo do casamento, longe de ser acometida por escândalos. Os católicos sempre a chamaram de bastarda incestuosa, filha de uma conhecida cortesã, e seus inimigos diziam que você não era casta. Eles*

*não param de pensar o pior de você e continuarão a inventar mentiras. E quem a apoia vai se recusar a acreditar em qualquer escândalo sobre a Rainha Virgem,*

A Rainha Virgem. A curiosa Rainha Virgem. Será que eu quero mesmo ir para minha sepultura sem nunca conhecer o que recusei a mim mesma? Não me sinto enganada no sentido mais profundo?

*Principalmente se ninguém nunca souber.*

Mas Essex sempre fala. Ele é fofoqueiro.

*Não posso negar. Mas em quem acreditariam?*

Se algo pudesse ser feito e imediatamente apagado, então não existiria. Como se pudéssemos experimentar um pedaço de doce e depois cuspir sem engoli-lo. Mas não é assim. Se acontecer, será para sempre.

Fiquei tremendo em frente ao castiçal, respirando profundamente. O que exigia mais coragem, abrir a porta e procurá-lo, ou manter-me calada? Durante logos minutos fiquei parada. Depois andei lentamente em direção à porta. Cheguei perto ela, toquei o trinco gelado. Era algo simples, levantá-lo e sair pela porta. Levantei meu pulso e, ao sentir o peso do trinco, soltei-o. Era um esforço muito grande.

Dei um passo para trás. A porta permaneceria fechada.

Dormi como se estivesse dopada e talvez de fato estivesse, por medo dos espanhóis, pelos dias difíceis de cavalgada, pela decisão de ontem à noite. Porém, no período mais escuro da noite, acordei.

Levei um momento para me lembrar de onde estava, da cama em que estava deitada. Abri as cortinas do dossel. O ar no quarto era frio e não havia um sinal de luz pelas janelas. O tempo estava parado, o que quer que acontecesse agora, naquele lugar, nas próximas horas, antes de o dia chegar para recriar o mundo real, era como um sonho, irreal e sem fundamento.

Foi então que ouvi um barulho do outro lado da parede. Ele estava se movendo. Ele, também, estava acordado. Comecei a pensar novamente, com mais clareza agora.

Poderia bater sutilmente na parede e ele viria até mim em silêncio. Por consentimento mútuo, não falaríamos. Se falássemos, seria real, e aquela situação não poderia ser real. Não seria mais real do que o monstro no lago Llangorse, do que a caverna de Merlin. Pela manhã, nada mais existiria, evaporaria como a névoa galesa. Robert Devereux, meu Robin, o conde de Essex, era feito de névoa galesa.

Outro barulho sutil do outro lado da parede. Ele estava ouvindo, esperando um sinal meu. Dava para sentir. Fiquei tensa, sabia que se eu fizesse qualquer barulho ele viria. Prendi a respiração, permaneci imóvel, para que não me movesse e mandasse uma mensagem por engano. Mas qual mensagem seria errada? Pensar que o momento estava passando era tão triste que não sei se conseguiria suportar. Certamente, certamente, suspirei. Imediatamente, ouvi que ele estava se mexendo, acordando. Ele sentiu o cheiro, como um animal de caça.

Um cheiro que sem dúvida captara várias vezes em sua vida.

Não, eu não podia agir como uma qualquer. Eu não podia me tornar apenas mais uma de suas mulheres.

Eu era única na vida dele e assim deveria permanecer.

Mergulhei nos travesseiros e fechei uma parte do dossel. Os anéis fizeram um barulho leve e ele deve ter ouvido.

Na manhã seguinte, vestida e pronta, saí do quarto. Ele estava de pé na porta de seu quarto, colocando as luvas. Olhou-me profundamente e disse: — Bom dia. Creio que dormiu bem. Estava confortável?

— Muito — garanti. — Saber que você estava na porta ao lado me deixou segura e permitiu que eu dormisse a noite inteira.

— Fiquei acordado caso precisasse de qualquer coisa — ele disse.

— Muito gentil de sua parte. Mas você previu todas as minhas necessidades com tanto cuidado que não me faltou

nada.

— Bem, nunca se sabe — ele falou. — Não quis correr riscos.

— Nem perder qualquer oportunidade — eu disse.

Eu era sempre a realista, às vezes para minha tristeza. Mas raramente para meu pesar.



**E**sperava que Londres estivesse alvoroçada. Finalmente chegamos, tarde da noite, todos os portões estavam fechados e bem guardados. Os vigias gritaram de felicidade quando me viram, dizendo “Deus seja louvado! A rainha está aqui!”. Passamos por ali rapidamente, eu fui para Whitehall e Robert para a Essex House. As ruas estavam estranhamente silenciosas.

Meu primeiro pensamento furioso foi ordenar a Cecil, pai e filho, que me encontrassem imediatamente. Porém, todo o palácio dormia, já passava da meia-noite. Logo amanheceria e poderia chamá-los. Se conseguisse descansar algumas horas antes disso, minhas ideias ficariam mais claras.

Assim que despertei, mandei chamá-los e também Knollys e Hunsdon. Todos vieram, comparecendo em menos de uma hora. Pedi cerveja e pão para eles, bem como almofadas para que se sentassem. Somente um dos quatro ainda tinha cabelos castanhos, os outros três já tinham cabelos brancos como uma doninha.

— Retornei o mais rápido que pude — eu disse. — Graças à sua rápida atitude, Robert, em enviar um mensageiro que me encontrou.

Robert Cecil sorriu e passou a mão sobre a barba bem aparada. Ele nunca dava a impressão de que buscava



elogios, mas cismou, conforme me disseram, que se sentia preterido. Pensei, não pela primeira vez, como a vida era difícil para ele com aquela baixa estatura.

— Foi prudente de Vossa Majestade nos deixar seu paradeiro — disse o pai dele. — É claro que encontrá-la foi como procurar um perdiz no brejo da Escócia — sua voz era fraca, como se os músculos no peito não tivessem forças. A perna com gota estava apoiada em um banquinho e retraía-se cada vez que ele se movia, a respiração sibilava pela barba rala.

— Vejo que está tudo calmo por aqui — eu disse. — Pensei que estaria tudo agitado, mas agora estou aliviada. Falem-me sobre a ação na Cornualha.

Creio que armas e homens tenham sido despachados e que o Canal esteja patrulhado, certo?

— Sim, tomamos essa liberdade, o Conselho Privado agiu com sua autoridade legal — disse Hunsdon. — Eles relatam que os espanhóis, que navegaram da fortaleza na Bretanha, partiram rapidamente, embora tenham causado grandes danos durante o tempo que pisaram em nossa terra, queimando e saqueando a ponta da Cornualha. Mousehole foi destruída, o povo está desabrigado agora, e Newlyn e Penzance foram saqueadas. Mais nenhum navio foi visto além dos quatro que aportaram. Mas alguns dos chefes de família, revoltados com o ataque, conseguiram capturar um solitário soldado espanhol. Eles amarraram e entregaram-no aos nossos oficiais. Agora, ele está aqui em Londres e com um pouquinho de gentil persuasão o convencemos a nos contar os grandes planos espanhóis.

— A persuasão de Richard Topcliffe? — perguntei. O interrogador-chefe que comandava o maquinário de tortura na Torre era conhecido como uma fonte inesgotável de informação. O Conselho Privado tinha autoridade para aprovar tortura, se necessária.

— Possivelmente — disse Knollys, ruborizado. Como bom puritano, deve ter sido difícil ordenar a utilização de tortura

e continuar com a consciência tranquila.

— Bem, o que ele nos contou? — irrompi. — Não seja tão tímido!

— Ele alega que seu mestre, o rei da Espanha, está montando a nova Armada, aprontando-a para sair no próximo verão. E que essa será muito mais formidável do que a primeira. Disse que agora podem se equiparar a nós em poder de fogo e na habilidade de artilharia.

— Que Deus o amaldiçoe! — bradei. — O dinheiro dele é inesgotável, enquanto o nosso... — Senti uma lágrima de raiva inútil correr. Ele era rico, rico, rico, nadando em ouro e prata, vindos de suas minas saqueadas na América, um poço interminável.

Uma Armada inteira perdida apenas o fez agradecer a Deus para que pudesse construir outra, enquanto aquilo teria falido completamente meu reino. Ele poderia continuar nos atacando, atacando, e nós jamais conseguiríamos fazê-lo parar. Parcimônia, habilidade, bravura, navios modernos e uma melhor formação nos valeram de nada, superar os espanhóis ainda não nos colocou à frente, pois, como sempre, eles poderiam gastar mais do que nós.

Eu já havia começado a vender minhas terras herdadas e até mesmo algumas joias da Coroa, mas isso era apenas uma gota no oceano se comparado ao que era realmente necessário.

A porta se abriu com violência, batendo, e Essex entrou e ficou parado, pernas firmes no chão.

— Por que não fui chamado? — gritou.

— Essex! Comporte-se! Essa não é uma reunião do conselho — eu disse. — Estou apenas recebendo os primeiros relatos sobre o que aconteceu em minha ausência. Sente-se.

— Os espanhóis fizeram um desembarque breve — disse Robert Cecil, sentado o mais alto que conseguia, olhando para Essex, o desgosto estampado em seu rosto. — Breve, porém destruidor. Eles causaram grande destruição na

ponta sul da Cornualha. Um soldado capturado revelou que a nova Armada é muito moderna.

— Eu sabia! — disse Essex, dando um salto e batendo as mãos. — Eu sabia. Eles estão à espreita em Cádiz ou Lisboa como uma aranha, construindo navios, conspirando.

— Os espanhóis estão sempre conspirando, meu rapaz — disse o velho Burghley. — Mas, isoladamente, não significa nada. Temos que observar suas ações.

Essex estreitou o olhar e disse:

— Não me chame de rapaz, seu velho!

Virei-me para ele e indaguei:

— Meu caro lorde Essex, você não dormiu o suficiente depois do retorno? Está tão irritado quanto um urso que acorda da hibernação.

— Dormi muito bem — ele murmurou.

— Raleigh retornou — disse Hunsdon. — Devemos chamá-lo.

— O que ele descobriu? — Ah, se pelo menos fosse o El Dorado. Se pelo menos tivéssemos nossa própria fonte de ouro para encarar os espanhóis.

— Alguns minérios, talvez ouro, ninguém sabe ao certo — disse Hunsdon.

— Porém não era ouro refinado — disse Knollys. — Os índios não contaram onde está a fonte.

— Há alguma notícia de Drake e Hawkins? — perguntei.

— Todos investimos nessa aventura e estamos ansiosos pelo sucesso, mas até agora não há notícias — disse Robert Cecil.

— Os dias em que os postos avançados espanhóis na América foram presas fáceis já se foram. Drake e Hawkins, infelizmente, ensinaram a eles como se proteger e eles aprenderam a lição — disse Hunsdon. — E, mais ainda, disse-nos o espanhol ao ser obrigado a falar. A nova Armada será diferente. Eles usarão os irlandeses contra nós, como nós usamos os holandeses contra eles. Eles dizem que é outra tática que aprenderam conosco.

— Eles desembarcarão lá com tropas e homens, bem como atormentarão nossas costas. A Irlanda é nossa porta dos fundos e eles querem vir por lá — disse Knollys.

— Ah, meu Deus! — Não a Irlanda, onde eu já tinha alguns problemas liderados por um herói nativo local. Será que estava amaldiçoada?

— Então a rebelião de O’Neill está envolvida nisso? — perguntou Essex. — O conde de Tyrone, aquele patife!

Eu o tinha proclamado conde de Tyrone no início do verão, um falso aliado, uma serpente que se infiltrou entre nós, um traidor. Hugh O’Neill, um homem que tinha sido criado em lares ingleses, que havia recebido o título por mim mesma, tinha voltado às suas selvagens raízes irlandesas, foi apontado como chefe do clã O’Neill, levando o título formal proibido de “O O’Neill” em ritos antigos numa cadeira de pedra em campo aberto em Tullaghoge, na Irlanda e juntou forças com outro rebelde e inimigo declarado da Inglaterra, Hugh Roe O’Donnell.

— Nosso representante na Irlanda, *sir* William Russel, parece perdido e não sabe como combater esses líderes traiçoeiros — disse Burghley.

— Irlanda! — gritou Essex. — Aquele ralo de traição, aquela terra de pântanos e rebeldes, que me roubou o meu pai.

— Eles não pediram para ser ingleses — disse Robert Cecil de maneira severa. — Nem querem ser ingleses, então eles se denominam patriotas e não rebeldes. Nós, afinal, lutaremos até o último homem se os espanhóis tentarem a mesma coisa conosco. Na verdade, é sobre isso essa reunião, garantir que não aconteça conosco.

Pensei em Grace O’Malley e em sua lista de queixas contra nós, muitas delas bem fundamentadas. Cecil falou a verdade. Seria Grace uma “traidora”? Francamente eu não podia culpá-la.

— Você fala como se simpatizasse com eles — rosnou Essex. — Qualquer um que fique ao lado deles é um traidor do governo de Sua Majestade!

— Se seu pai não tivesse morrido lá, seria tão inflexível sobre esse assunto? Sua perda pessoal...

— Devo-lhes uma morte! Devo-lhes muitas mortes!

— Que não seja a sua — disse Hunsdon. — Queremos o menor número de mortes possível.

— Voltemos aos espanhóis — disse Knollys impacientemente. — A fonte de nossos problemas. Sem eles, os irlandeses não nos ameaçariam. O'Neill está apelando para a Espanha no campo religioso, pois, entre outras de suas falhas, os irlandeses se apegam à superstição papista.

— Quando não estão praticando suas próprias superstições — disse Hunsdon. — Vários rituais à luz da lua, fadas e coisas do tipo — completou, tremendo.

— Chame Raleigh aqui. Queremos um relatório completo sobre sua expedição e o que ele descobriu. Diga a ele que traga os minérios ou o que quer que sejam — disse Robert Cecil. — Precisamos consultá-lo sobre a nova Armada e como podemos enfrentá-la.

— Por que as ideias dele são melhores que as nossas? — perguntou Essex.

— Porque ele é um aventureiro e tem tido muitas experiências com os espanhóis. Ele acaba de retornar do território deles — disse Robert Cecil.

— E vocês estão deslumbrados por ele — bufou Essex.

— Como você, sem as mercadorias, deseja que estejamos por você — murmurou Hunsdon. E somente eu estava perto o suficiente para poder ouvi-lo.

Minha cabeça estava confusa. Tudo parecia estar indo tão rápido que eu tinha a sensação de estar sobre uma gangorra. Mandei chamar Raleigh rapidamente e me preparei para ouvir suas histórias, depois disso, conversamos sobre nosso próximo passo contra a Espanha. Mais tarde, nós nos encontraríamos em particular em meus aposentos. Enquanto esperava, forcei-me a ler os despachos

e petições que haviam ficado acumulados durante minha breve ausência.

Enquanto mexia nos papéis, uma mensagem de Raleigh chegou. Eu poderia ir até ele? Ele tinha objetos para me mostrar em particular que não poderia levar até Whitehall. Fiquei aliviada por poder sair do palácio.

A residência dele, Durham House, ficava próxima a Whitehall, descendo o rio. Elas eram tão próximas que eu não precisava nem de barco, poderia ir andando, cercada por meus guardas. Era uma boa casa, uma mansão cujas torres quase saíam da água.

O piso térreo era amplo e brilhava, mas estava vazio, fui conduzida até a sala da torre, subindo uma escada helicoidal para finalmente chegar à porta que se abria para o seu gabinete isolado. Lá dentro, ele esperava com um nativo da Guiana ao seu lado.

— Bem-vindo ao lar, *sir* Walter — eu disse, cumprimentado-o. Ele parecia arrasado, o rosto magro e queimado de sol, o corpo esquelético ou, ao menos, assim parecia. As calças volumosas ainda assim não conseguiam esconder a figura encolhida dentro delas — Foi uma viagem difícil? — perguntei, poupando-lhe o trabalho de explicar.

Ele se ajoelhou, seus movimentos ainda era ágeis: — De fato foi, mas foi a viagem da minha vida.

— Levante-se — eu disse. — O que você descobriu? Você foi buscar o El Dorado.

— Descobri um país tão virgem como o Jardim do Éden — ele disse — Totalmente intocado. É algo de um esplendor frágil, cheio de plantas e animais desconhecidos, crescendo de forma pacífica. Esperando por nós.

— Esperando por nós?

— Esperando que cheguemos lá e as arranquemos. Trouxe algumas para mostrar, pois ninguém acreditaria.

— Percebo que lá há pessoas também, é isso? Ele é um deles? — aponte para o homem ali imóvel.

— Sim, ele é o filho de um chefe, um *cassique*. O pai dele queria que retornasse conosco. Ao mesmo tempo, dois de

nossos rapazes quiseram ficar no Novo Mundo.

— Não o filho de Dudley? — o filho de Robert Dudley, que tinha o mesmo nome do pai, estava entre aqueles que haviam se candidatado à viagem. Pensar que ele pudesse ter ficado lá não me agradava.

— Não — Raleigh balançou a cabeça. — Ele se parece muito com o pai, interessado apenas no mundo que já conhece — o tom que ele usou expressou claramente o desprezo por pessoas do tipo.

O mundo que já conhecíamos. Da janela da torre de Raleigh dava para ver o rio brilhando sob o sol, conforme contornava Westminster. Do outro lado, as colinas verdes de Surrey a distância. Nuvens fofas flutuavam pelos campos. O mundo que conhecíamos era muito bom e eu devia preservá-lo.

— Você encontrou ouro? — perguntei. — Nem precisava perguntar, pois se você tivesse encontrado seria a primeira coisa a me apresentar.

Ele tossiu. Certamente estava se recuperando.

— Encontramos um lugar em que o ouro pode ser explorado, usando ferramentas de metal abandonadas — ele disse. — Não quisemos começar a cavar, pois o rio estava se enchendo rápido e nos teria prendido. No entanto, marcamos o local e trouxemos alguns minérios — ele mostrou uma caixa cheia de pedras brutas.

— E aqui, veja essas pedras — ele ergueu outra caixa, dessa vez cheia de pedras achatadas de várias formas e matizes. — Encontramos essas no campo, jogadas, esperando para serem recolhidas. Acreditamos que sejam safiras e diamantes, mas elas e os minérios terão de ser analisados por estudiosos.

Aquelas amostras poderiam valer nada. Certamente, não pagariam o custo da expedição. Os patrocinadores, incluindo Cecil pai e filho, urriariam de raiva por terem sido enganados.

Durante todo o tempo o índio ficou em pé sem se mover.

— Você vai deixá-lo se mexer? — indaguei. — Fale-me sobre essa tribo.

— Permita-me contar como os encontrei — ele foi até uma mesa e desenrolou um mapa.

— Peço que seja breve — eu disse. — Você pode explicar na íntegra aos outros patrocinadores.

Ele pareceu desapontado.

— Primeiro, devo dizer que acho que essas terras virgens deveriam ser reclamadas pela Inglaterra.

— Já tenho uma Virgínia. Convença-me de que preciso de outra.

— A região tem abundância de belezas e recursos. Os campos são cobertos de floresta, atravessados por rios que se cruzam, de uma exuberância indescritível. Permita-me mostrar-lhe uma das aves, a floresta está cheia dessas criaturas, com plumagem vívida como nunca vimos antes — ele pegou uma gaiola do chão e a suspendeu.

Dentro, havia várias aves pequenas com penas de várias cores, turquesa, verde bandeira e amarelo enxofre.

— Há maiores ainda. Imagine as árvores cheias delas! E perto das margens dos rios há frutas como essas — ele me mostrou uma fruta em formato oval, alongada, coberta por formas hexagonais e uma coroa eriçada de folhas pontiagudas. Ao pegá-la, espetei meu dedo. — Tome, experimente a polpa seca — ele insistiu, entregando-me um prato com pedaços amarelos. Mordi um deles e era muito doce. — Melhor que açúcar — ele disse. — E as frutas ainda frescas são suculentas e macias. Infelizmente, só posso apresentar essa amostra seca.

— Você já deu nome?

— Sim, o nome “abacaxi” parece ser perfeito, pois se parece com o nome dado pelos indígenas *iuaka'ti*.

Algo se mexeu no canto, mas era muito lento para um camundongo.

— Permita-me apresentar outro habitante exótico desse país — ele disse, pegando uma criatura cinza que parecia um gafanhoto enorme. Ele o colocou sobre uma mesa e o



animal enrolou-se como uma bola. Orgulhoso, ele deu um tapinha no animal e ele virou um anel metálico. — Em espanhol são chamados de *armadillos*,<sup>16</sup> pequeninos com armaduras.

— Sei o que *armada* e suas derivações significam — disparei. — Suponho que eles sirvam a Filipe?

— Se Vossa Majestade reclamar esta área da Guiana, eles servirão à senhora — ele respondeu. — Talvez possamos treiná-los para atacar.

Eu ri.

— Um exército que se enrola como uma bola? O que eles poderiam fazer?

— Rolar por debaixo dos pés e fazer o inimigo tropeçar?

Não consegui parar de me divertir.

— Muito bem, Walter, você já me divertiu mais do que qualquer peça ou concerto. Mas fale-me mais sobre sua exploração — fiz um sinal indicando a cadeira. — Podemos nos sentar. — Percebi que ele também queria se sentar.

Agradecido, ele sentou-se rapidamente.

— Passamos um mês na costa. O delta do Orinoco é muito grande, mas nenhum dos rios que fluem ali é profundo, assim, tivemos que deixar o navio maior para trás e continuar em barcos e botes. Levei cerca de cem homens. Foi no delta que encontramos os equipamentos abandonados pelos trabalhadores espanhóis surpreendidos por nós.

— Então os espanhóis sabem sobre isso?

— Sim, eles também estão procurando ouro. Os nativos os odeiam — ele acrescentou rapidamente. — Eles nos receberam como inimigos dos espanhóis.

— Os índios foram amigáveis e úteis?

— De fato foram, serviram como guias e nos levaram aos vilarejos para conseguirmos comida. Por mais que a floresta fosse rica, foi difícil nos alimentarmos dela. Os animais são rápidos e ficam bem escondidos em meio às folhagens e sombras e, a menos que se queira comer folhas, há pouco nas árvores para nos sustentar.

Ele fez uma pausa e continuou.

— Por mais adorável que seja, não é um lugar saudável e apodrece com o calor e a umidade. Muitos ficaram doentes e achamos melhor deixar a floresta para trás e subirmos os montes. Seguimos o Orinoco, algumas vezes por mais de cinquenta quilômetros, até chegarmos a Caroní. Lá encontramos a âncora espanhola abandonada que meu informante em Trinidad havia descrito, confirmando a sua história. Estávamos eufóricos.

Ele não se cansava de descrever e dizia:

— Assim que chegamos a Caroní, eles nos disseram que havia minas de prata por perto. Nós nos dividimos em grupos para fazer o reconhecimento do local. Um grupo procurou no rio, outro foi atrás das minas e de minérios e o meu grupo foi em busca da fonte de uma nuvem de fumaça que pairava sobre a terra. Acabou por ser uma série de altas cachoeiras deslumbrantes. E em torno delas, como posso dizer, estava o que parecia ser o paraíso na terra, o Jardim do Éden sobre o qual lhe falei. No total, penetramos cerca de 500 quilômetros no coração do império colonial da Espanha.

— E as minas de prata? — insisti.

— Localizamos o paradeiro — ele disse.

— Mas você não as encontrou de verdade?

— Não — ele admitiu.

— E o El Dorado?

— O chefe da vila, o cacique Topiawari, conhecia. Conteí que ele tem mais de cem anos e já viu muito? Ele disse que fica ao pé das montanhas, vários dias de viagem até lá. Os habitantes são guerreiros ferozes, seria necessário um enorme exército para conquistá-los, certamente mais do que tínhamos. Em nossa próxima viagem, podemos levar forças adequadas até lá, e claro, nossas armas nos darão vantagem, mas...

— Você não encontrou o El Dorado — eu disse sem rodeios. — Você não o viu. Tudo o que você tem é a palavra de um velho chefe — levantei as mãos, silenciando-o

enquanto ele se preparava para argumentar. — Lamento as notícias desapontadoras. Mas você tem mais prática em dar essas notícias aos patrocinadores, que esperam melhores notícias sobre o retorno do investimento.

— Basta tomar conta do país, isso retribuiria cem, mil vezes.

— Com o quê? *Armadillos* ou abacaxis? Curiosidades interessantes, mas não financiam guerras contra a Espanha.

— Permita-me apresentar o filho de Topiawari, que estava aguardando pacientemente. — Ele se virou rapidamente e colocou o braço em torno dos ombros do homem. — Ele está ansioso para encontrar o grande *cacique* do norte, Ezrabeta Cassipuna Acarewana, cujo nome eu representava nessa minha viagem.

O homem deu um passo à frente. Conseguia entender as palavras claramente. Ele fez uma reverência. Tinha o cabelo mais negro que já vi em toda a minha vida, que sob a luz, parecia brilhar como se tivesse sido lustrado. Estava preso com uma bandana, feita com penas brilhantes, como se fossem joias. Ele estava coberto com um casaco também, feito com penas, e parecia tão majestoso quanto um príncipe europeu.

— Bem-vindo, príncipe da Guiana — eu disse. — Não me admira que não busque as pedras preciosas quando pode conseguir tal beleza livremente das aves para adornar-se.

Ele fez uma reverência novamente.

— Eu vim ver grande *cacique* — um belo sorriso surgiu em seu rosto.

— Todos os homens da tribo são assim elegantes? — perguntei a Raleigh.

— Nos vilarejos que visitamos, sim. No delta, eles ficam em casas na árvore quando a água sobe. Em terras mais altas, eles têm barracas e abrigos. É um povo alegre, sempre rindo e parecem contentes. Mas então, como eu disse...

— Sim, eles vivem no Jardim do Éden.

— Outras tribos, no entanto, dizem que são diferentes. Numa ramificação mais distante da tribo Caroní, há uma tribo chamada Ewaipanoma com os olhos nos ombros e bocas nos peitos.

Eu ri e perguntei:

— E você acreditou nisso? — Olhei para o visitante nativo para ver se o nome da tribo havia despertado seu interesse. — Verdade? Ewaipanoma? — revirei os olhos e apontei para meus ombros. Ele balançou a cabeça de forma positiva veementemente. Mas talvez ele tivesse sido treinado para entreter os europeus com tais histórias. E Raleigh, como todo aventureiro, ainda tinha muito do garoto que um dia fora dentro dele para acreditar nessa possibilidade. — E os amazonenses? Eles não deviam supostamente viver ao longo do rio a que deram o nome?

O homem disse:

— Sim. Mulheres. Fortes. Uma vez por ano os guerreiros vão. As mulheres escolhem. Ficam lá até a mudança da lua. Homens dão jade, depois saem. Os bebês homens, as mulheres mandam de volta aos guerreiros. Os bebês mulheres ficam, são fortes. Crescem e viram guerreiras também. Ano que vem, voltam. Mais bebês.

— Você já foi até as Amazonas? — perguntei a ele.

— Não. Nunca vi.

Mais uma vez, uma maravilha que ninguém conseguia provar. Talvez todo aquele lugar fosse daquele jeito, de fato, um Jardim do Éden, desaparecendo após uma inspeção mais próxima.

— Você deveria ter me trazido uma amazona, Walter — provoquei. — Gostaria de ver uma maravilha delas.

— Você é a grande guerreira, nossa amazona — ele disse, diplomaticamente. — Foi você quem destruiu a Armada.

— Fiz isso por meio dos meus almirantes e marinheiros — disse de maneira mordaz. Era uma verdade que doía.

— Seus almirantes e seus marinheiros são você — ele insistiu.

— Infelizmente, Walter, você retornou somente para encontrar a sombra de outra Armada pairando sobre nós. Descanse agora e venha à tarde para Whitehall em nossa reunião de emergência. — Sorri para que parecesse menos triste e premente. — Bem-vindo de volta à Inglaterra.



**H**avíamos convocado uma reunião do conselho para o final da tarde. Olhei para toda a mesa. Os homens dos dois lados da mesa haviam se dividido, não por idade, mas sim de acordo com suas convicções políticas. Os audazes Howard, Raleigh, Essex e Hunsdon sentaram-se à direita. Já os cautelosos, Cecil pai e filho, Knollys e Whitgift, sentaram-se à esquerda.

— O relatório, por favor — disse secamente. Permaneci na cabeceira da mesa.

O almirante Howard leu devidamente o que todos já sabiam sobre o ataque rápido e a fuga espanhola. Sua expressão sóbria fez o rosto comprido parecer ainda mais pesaroso.

O velho Burghley anunciou a confissão do prisioneiro espanhol e os planos específicos de Filipe para outra tentativa contra nós no próximo verão.

— Alguém sabe de mais alguma coisa? — perguntei.

O jovem Cecil levantou-se e desdobrou um mapa. Mesmo em pé, ele parecia menor do que os homens sentados.

— Os estaleiros estão localizados aqui — ele indicou um ponto na costa espanhola. — E aqui também — indicou outro ponto. — Nosso informante nos disse que a construção está dentro do previsto e os navios já estão metade prontos.

— *Meus* informantes me disseram que os espanhóis estão tendo dificuldade em adquirir madeira de boa qualidade — disse Essex.

Os dois Roberts rivais poderiam competir em relação aos serviços de inteligência. Qualquer coisa que um dissesse o outro podia contradizer. A verdade provavelmente estava entre eles.

— Obrigada, senhores — eu falei. — Agora, quanto à nossa estratégia, gostaria da recomendação de todos. — Fiz um sinal para Raleigh: — Você pode começar, *sir* Walter, já que acabou de vir de territórios espanhóis.

Raleigh ficou de pé e o jovem Cecil rapidamente se sentou. Percebi que ele evitava comparações de altura sempre que possível, preferindo que suas contestações ficassem em memorandos e documentos, pois assim poderia igualar-se em tamanho.

— Farei minha apresentação completa em uma reunião em separado, em respeito aos investidores — ele disse. Em outras palavras, ele postergaria as más notícias. Não estávamos ali para julgar a viagem dele, por isso foi poupado.

— Pude ver os aprimoramentos dos espanhóis em primeira mão — ele disse. — Encontrei os navios deles em Trinidad e lutei contra os fortes do porto de Espanha e forte São José. Posso afirmar-lhes que eles estão agora em pé de igualdade conosco em relação a engenharia e força.

Os rostos ao longo da mesa concordaram de maneira desolada. Vários confirmaram.

— Mas isso não significa que devemos sentar e esperar placidamente para sermos atacados — ele continuou. — Quando vemos uma cobra preparando o bote, não esperamos o ataque, matamos com um só golpe. Devemos zarpar e atacar os espanhóis antes que tenham a chance de navegar até aqui.

— Precisamos de Drake e Hawkins para isso — disse Burghley.

— A última vez que Drake liderou uma incursão foi um fracasso — disparou Essex. — Lembra-se de Lisboa em 1589?

— Sim, mas também me lembro de Cádiz em 1587 da Armada em 1588. Ele é o mais experiente nesse tipo de ação.

— Ele não está aqui — gritou Essex. — E é isso! O que você acha? Que devemos sentar e cruzar os braços, esperando por ele? Quando ele saiu para navegar em 1577 ficou longe por quase três anos! Podemos conseguir sem ele!

— O jovem Essex está certo — disse o almirante Howard. — Não podemos nos dar ao luxo de esperar. Sugiro atacarmos o mais rápido possível, surpreendendo Cádiz novamente. É o porto oceânico mais importante deles e destruindo-o vamos prejudicá-los tanto comercial quanto militarmente.

— Teremos que operar em extremo sigilo — disse Hunsdon. — Nenhuma palavra sobre isso pode vazar. Drake foi perfeito ao surpreender o inimigo — disse olhando para Essex. — Os espanhóis não sabiam que ele estava se aproximando até que viu suas naus. Mas se nos anunciarmos... — a voz dele deu o tom do aviso.

— Quanto maior nossa frota, mais difícil será para nos disfarçarmos — disse o almirante. — Mas precisamos da força da quantidade se queremos prejudicar o inimigo. Às vezes Drake não tinha homens suficientes — ele admitiu. — Muitas vezes, a força e a discrição são incompatíveis.

Raleigh ficou de pé.

— Quando estivermos frente a frente lutando, há uma nova arma que podemos usar e que os deixará impressionados.

— Armas com mais precisão? — perguntou Hunsdon. — Nenhuma delas vale de nada. Na metade das vezes elas explodem na sua cara em vez de explodir na cara do inimigo.



— São mortais assim como totalmente silenciosas — ele pegou uma pequena jarra e colocou sobre a mesa, em seguida pegou uma pena de dentro de sua bolsa e mergulhou na jarra. Por fim, pegou um camundongo completamente trêmulo que estava embrulhado dentro da bolsa, segurou-o e prendeu a pena na parte traseira do bicho. O camundongo gritou. — Agora observe — disse Raleigh. Ele colocou o rato no chão.

— *Sir*, não solte um rato aqui, ele vai se esconder e procriar! — eu disse. O homem não tinha noção.

— Ele não irá muito longe — disse Raleigh.

Todos viraram suas cadeiras para acompanhar. O camundongo correu por alguns metros e depois estremeceu. Em seguida, parou e caiu de lado. Raleigh o recolheu. Ainda estava respirando, porém paralisado.

— Os índios chamam de flecha venenosa. Eles obtiveram a partir de sapos e certas plantas. Está muito envenenada e muito rápida, pois leva menos de um minuto para derrubar o inimigo. A paralisia logo se transforma em morte — ele virou o rato que já estava morto. — Trouxe vários barris disso. Podemos dar conta de uma guarnição inteira de espanhóis.

— Mas claro que, como sempre nessas situações, o perigo está em ferir-se com isso. Como podemos ficar totalmente seguros? — perguntou Cecil.

— Armas e canhões explodem também. A guerra está cheia de acidentes. Mas isso traria terror ao inimigo, pois é uma maneira horrível de morrer.

— Podemos acrescentar ao arsenal, mas eu não faria disso nossa primeira linha de defesa — disse o almirante. — Agora, conforme o plano, todos estão de acordo que devemos atacar a Espanha? Há alguém aqui que queira apenas se defender em vez de atacar?

— Se nos reforçarmos aqui, aprimorarmos nossas fortificações e expandirmos nossa frota. Eles têm pequena chance de nos danificar, seja qual for o tamanho da Armada deles — disse Burghley. — Uma Armada precisa encontrar

um lugar para atracar, e nossos pontos ao sul podemos defender, como fizemos em 1588.

— Mas eles já têm um local para desembarcar — disse Hunsdon — A Irlanda.

Irlanda. O uso da Irlanda mudava tudo.

— Verdade e poderia ser a nossa ruína — admitiu Knollys.

— Então... iremos à Espanha? — gritou Essex. — Descemos a Costa do Atlântico, voltamos e atacamos o ponto fraco ao sul do inimigo?

— Sim e transformaremos Filipe novamente no rei dos figos e laranjas, como os antigos reis da Espanha! — bradou Raleigh.

A preparação para a expedição militar e naval combinada, a maior empreitada dos últimos anos, levou muito tempo. A Coroa não podia sustentar todas as despesas e assim teve grande parte financiada por parcerias privadas. Eu forneceria dezoito navios de guerra da marinha real, comida e pagamento aos marinheiros. Mas o custo dos soldados e marinheiros era de responsabilidade do almirante Howard e de Essex. Outros poderiam fornecer navios e abastecê-los, além de homens de guerra. Teríamos cerca de cento e cinquenta navios, sendo cinquenta navios de guerra e 10 mil homens, divididos entre tropas de terra e marinheiros.

Escrevi ao rei da Dinamarca, pedindo emprestado oito navios, pedi ainda que ele proibisse seus súditos de fornecê-los aos espanhóis. Mas ele negou, dizendo que precisava de todos os seus navios para defender sua própria terra. Tive mais sorte com os holandeses, que estavam ansiosos para atacar a Espanha por tudo o que já haviam sofrido. Concordaram em mandar uma frota para juntar-se a nós, juntamente com 2 mil homens de infantaria.

Os quatro esquadrões da frota eram comandados pelo lorde almirante no Ark Royal, o navio que ele havia comandado como Ark contra a Armada, Essex, no Due Repulse, Thomas Howard, no Mere Honour, e Raleigh, no Warspite. Os holandeses, sob o comando de Van

Duyvenvoord, no Neptune. Mere Honour, Warspite e Neptune eram navios novos. Os regimentos de terra seriam comandados por Francis Vere e Conyers Clifford, os dois militares do Conselho Privado, e Christopher Blount, Thomas Gerard e John e Anthony Wingfield.

O objetivo da missão era preciso: primeiro, atacar e destruir os navios e os suprimentos nos portos espanhóis, segundo, tomar e destruir as cidades costeiras e, terceiro, trazer o que fosse saqueado dos vilarejos e pegar navios que retornassem com tesouros. Em nenhum momento dissemos a palavra “Cádiz”. O destino era um segredo.

Embora ele fosse totalmente contrário a guerras em geral, assim como eu, Burghley preparou um anúncio que para todos os efeitos e propósitos declarávamos formalmente guerra contra a Espanha. Parte de mim estremeceu com o anúncio final, depois de quinze anos, mas era necessário.

O título era “Declaração das causas que obrigam Sua Majestade a Rainha a montar e enviar a marinha ao mar para defender seus reinos contra as forças do Rei da Espanha”. Dizia que eu estava agindo apenas em defesa própria. Eu estava em condições pacíficas com todos os outros reinos e não destruiríamos ninguém, exceto se ajudassem os espanhóis. Quem os ajudasse seria tratado como inimigo. Todos os comandantes assinaram e foi impresso em francês, inglês, holandês, italiano e espanhol e distribuído em todos os portos.

Além disso, escrevi também uma oração para a expedição, que também foi impressa e amplamente distribuída. Procurei explicar a Deus que nossos motivos eram puros, quando na verdade eram turvos. Eu lhe disse que ele poderia certamente perceber “como nenhuma malícia ou vingança, nem morte por lesões, nem o desejo de derramamento de sangue, nem a ganância do lucro nos levaram a despachar o nosso novo exército” — clamei por bons ventos. — Implorando de joelhos para que o trabalho prosperasse, que os melhores ventos guiassem a viagem, fazendo com que retornassem com Tua glória, com menor

derramamento de sangue inglês possível — realmente esperava que ele nos concedesse o último pedido.

Burghley ficou muito emocionado com o texto e declarou que “foi divinamente concebido por Sua Majestade do fundo de seu sagrado coração”.

Então, eles deviam partir para montar um ataque a mais de 2 mil quilômetros de distância, usando o poder do mar para chegar lá. Era uma coisa ousada e criativa. Verdade, Drake já havia feito isso uma vez e eles seguiriam seu rastro, mas ele não tinha os recursos dessa expedição.

Eu era abençoada por ser servida por homens tão corajosos. Tinha apenas que lembrar que, quando eles brigavam, ou se envaideciam, começavam a ficar cansativos. Audácia e coragem, as duas características indispensáveis em homens de batalha, estavam reunidas diante de mim em tanta profusão que tomei fôlego e fiz uma oração para o Senhor em ação de graças.

## LETTICE

### Março de 1596



**E**nfim, chegou a hora. Finalmente, o poder estava recaindo sobre meu filho, flutuando gentilmente pelos raios de sol para coroá-lo de glória. Agora, a tão perseguida oportunidade de provar e vencer seus rivais estava em suas mãos. Eu mal podia acreditar que a mesquinha e cautelosa rainha havia autorizado o extravagante ataque de longa distância na Espanha e feito isso abertamente. Ela fez até um anúncio para que a notícia do ataque circulasse pelo continente.

A Essex House havia se tornado uma base militar, com os companheiros de Robert reunindo-se lá diariamente. Ele estava indescritivelmente feliz por estar cercado por seus companheiros enquanto planejava a viagem. O planejamento era a parte mais satisfatória de qualquer aventura, quando as palavras representam as mercadorias e o dinheiro e não as tormentas no mar nem os biscoitos infestados de larvas.

A única coisa que podia abalar tal felicidade era o fato de dividir o comando com o almirante Howard e de seu rival Walter Raleigh ter um novo navio. Raleigh nunca se

recuperar o navio antigo com a rainha, mas com sua habilidade usual de autoengrandecimento transformou a empreitada da América do Sul em um livro imensamente popular *A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana e a relação com a grande e dourada cidade de Manoa*. Mas a operação Cádiz poderá completar a reparação de sua fortuna, além de transformá-lo em herói do povo.

Mas ele já tinha seus quarenta anos, embora (tinha que admitir) ainda fosse o tipo de homem que fazia qualquer mulher querer saber o que tinha debaixo das calças. Seu peito estava sempre à mostra. E era muito bonito. Mas os quinze anos menos de Robert num momento como esse lhe davam uma vantagem.

Ele poderia superá-lo, se o resto não pudesse. E as pessoas sempre preferem os jovens. As coisas eram assim.

Isso supondo que a concorrência e os homens continuariam a exercer suas funções no próximo reinado. Quanto tempo a rainha ainda iria aguentar? Todo mundo que a via comentava sobre sua aparência jovem e saudável, sobre como ela era forte e cheia de propósito, mas a mulher tinha mais de sessenta. Mesmo a poderosa Elizabeth, Gloriana, Rainha das fadas etc., era feita de carne, não era uma múmia. Ela desmoronaria, murcharia e morreria. Esse dia certamente chegaria.

Meu pai já estava desmoronando, abrindo o caminho. Fui a primeira a notar como seu rosto havia mudado após o Natal. A expressão sempre corada havia desbotado e algo dentro dele parecia estar derretendo.

Eu me rebelei contra ele durante toda a minha vida. Era uma fortaleza intransponível. Sua retidão puritana, exigindo nosso exílio na Basileia e em Frankfurt durante o reinado de Maria Tudor, tinha sido difícil de suportar. Os sermões e a aparente imunidade contra a maioria das tentações eram ainda mais difíceis de suportar. (Seria por isso que me rendi às minhas tão facilmente?) Mas a ruína daquela poderosa muralha era indescritivelmente assustadora. Ele sempre

esteve lá. Até mesmo a oposição pode ser confortante por causa da estabilidade. Depois que minha mãe morreu, há tanto tempo, tive ainda mais dificuldade de compaixão ou piedade por ele, pois ele não se permitia. Mas agora meu coração estava com ele.

Ah, Lettice, pensei. Você ficou tão branda e sentimental nos últimos anos.

Não, respondi a mim mesma. Agora me permiti começar a sentir.

E somente nos últimos anos... já estava com cinquenta e poucos anos. Mal podia acreditar nisso e me disseram (e escolhi acreditar) que ninguém acreditaria também. Meu cabelo ainda era ruivo, com poucos fios grisalhos e ainda muito espesso. Meu corpo ainda era magro e flexível. A minha recomendação para qualquer um que procurasse minha receita secreta era: esqueça o óleo de jacinto, o almíscar de Marrocos e certifique-se de que seus amantes sejam pelo menos uma década mais jovens. Ou, melhor ainda, duas décadas. Shakespeare e Southampton encaixavam-se nesse critério.

Não consegui terminar com nenhum dos dois. Ah, cheguei até a tomar uma boa decisão sobre o assunto. Tinha até ensaiado meus discursos. Para um, diria que era impróprio ser amante de um dos amigos do meu filho. Para o outro, diria que era impróprio ser amante do amigo do meu amante. Mas, de alguma forma, não conseguia terminar com nenhum deles. Todas as vezes dizia para mim mesma "Esta tem que ser a última". Mas nunca era. Por muito tempo tentei fazer com que os quatro homens, meu marido, meu filho e os dois amantes, não soubessem um do outro.

Meu marido e meu filho ainda não sabiam, mas Southampton e Shakespeare já sabiam que estavam me dividindo. No início eles fingiram não se importar. Na verdade, eles declararam achar erótico e insistiam que homens sofisticados não eram possessivos. Mas essa ideia não durou muito tempo e agora havia uma animosidade entre eles. Shakespeare começou a escrever sonetos

desagradáveis sobre a minha pessoa, os quais Southampton trouxe para ter certeza que eu visse, fingindo que fora por acidente.

A expedição levaria Christopher, Robert e Southampton para longe, deixando apenas Shakespeare. Ansiei por um momento de prazer com ele antes de deixá-lo partir. Pelo menos uma vez não haveria ninguém por perto para me observar.

A Essex House seria totalmente minha, inteiramente, assim como ele. O fato de que ele me desaprovava, ligeiramente, instigou uma desafiadora excitação súbita para mim.

Enquanto isso, os preparativos para a viagem seguiam, com vários grupos de jovens lotando nossos corredores. Meu filho tinha que fornecer os trajes, a farda amarela, e eles seriam responsáveis pelas próprias armas. Ele também solicitou um distintivo, *Virtutis Comes Invidia*, “A inveja é companheira da virtude”, para adornar as fardas. Eu não achava que o lema combinava com a situação dele, mas guardei isso para mim. Ultimamente, fazia muito disso. Estava quase morrendo para saber o que havia se passado entre ele e a rainha na viagem deles. Porém, não podia perguntar.

Estávamos todos reunidos tranquilamente no salão interno para esperar pelo jantar que ficaria pronto em uma hora.

Aproximei-me e dei um tapinha no braço de Robert. Eu me sentia muito contente, exceto pela doença de meu pai. (Por que sempre tem que existir um “exceto por...”?)

— Os preparativos parecem estar bem encaminhados — eu disse. — Você deu bastante tempo aos alfaiates. Tudo deve estar pronto.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Tenho medo da conta.

A conta. O acerto de contas.

— Se conseguir, postergue o pagamento até a volta — eu disse. — Terá dinheiro suficiente.



— A rainha aguarda os resultados dos saques, além de todos os outros objetivos dessa missão. Espero que um navio de tesouro espanhol apareça no momento certo.

— Isso não está em suas mãos — lembrei-o. — Mas Deus é conhecido por nos cobrir de favores — pensei em todos os homens que iam para a missão. — Todos estão apoiando você. Meu marido, como se sente sendo superior e comandando seu próprio padrasto? E Charles Blount, o amante de sua irmã.

— É algo que eu devo aceitar — ele disse. — A patente que herdei coloca-me no alto-comando. Christopher é um bom soldado e confiarei nele.

— É uma resposta bem diplomática — eu disse.

Eu odiava saber que Christopher havia sido subordinado de Leicester e agora do meu próprio filho. Isso o inferiorizava um pouco sob minha perspectiva, embora nunca fosse demonstrar isso.

— Você sabe que nunca fui conhecido pela diplomacia — ele afirmou. — Era isso a que me referia. Confiarei em Christopher, como confiei por muitos anos. A lealdade é a maior virtude de todas. Qual o valor de todas as outras virtudes sem a lealdade?

Será que ele sabia sobre Southampton e Shakespeare? Olhei rapidamente para o rosto dele, mas parecia ingênuo.

— Verdade — eu disse. — E você tem sido leal com sua esposa nestes últimos dias? Preocupo-me com Frances. — *Mude de assunto, Lettice!*

Ele pareceu surpreso.

— A rainha não fez confusão por causa de Elizabeth Southwell — ele disse. — Estranho. Esperava o temperamento emburrado dela de sempre. Talvez a visão dela esteja distorcida. Ou os sentidos apurados dela estejam falhando. Ela parece não perceber que Southampton tem rastejado ao redor de Elizabeth Vernon, outra das damas dela.

Southampton!

— Ouvi dizer que ela é tão bonita quanto ele — ri descompromissadamente.

— Crianças devem brincar juntas, não acha? — ele disse. — Por que, eles são cerca de seis anos mais jovens do que eu e como todos continuam me lembrando, não tenho nem trinta ainda.

— Você não me respondeu sobre Frances.

— Estamos muito felizes nestes últimos dias. E, mãe, Frances é uma mulher jovem. Sobreviveu à perda de Philip Sidney e sobreviverá ao me perder, assim que acontecer.

— Ah, nem fale disso! — Acho que eu não aguentaria.

Ele deu de ombros. Talvez essa seja a única maneira de ir para a batalha: — Tenho um plano que garantirá minha fama e sucesso por muito tempo depois dessa missão. Quero tomar Cádiz, transformar em um posto militar para que possamos atormentar a Espanha e manter uma base em meio a suas entranhas.

— Substituindo a perda Calais?

— Sim — ele disse.

— Sua visão é arrojada.

— A crise espanhola precisa desse pensamento visionário. Aqueles homens do Conselho Privado da rainha somente correm para tentar garantir o que veem à frente de seus olhos míopes.

— Deus sabe como você tem sido reprimido no conselho e perseguido nos corredores da corte. Talvez você pertença ao campo de batalha, pois houve poucos heróis nas duas últimas gerações. Talvez você faça seu nome lá e volte com algo que perdure. As joias, o outro e as especiarias de um navio saqueado em breve serão gastos, o ataque à Espanha ferirá, mas não os matará. Porém, um posto avançado permanente, sim, esse poderá ser seu presente para a Inglaterra.

— Quero fazer algo que fique como meu legado — ele disse. — Um ato notável, um legado único. Talvez Cádiz possa ser isso para mim.

— Você tem múltiplas personalidades, Robert — ele falou.  
— Que todos elas se transformem numa só.

Enquanto a Essex House estava cheia de alfaiates, sapateiros, armeiros, criadores de brasões, fabricantes de bandeira, engenheiros de instrumentos náuticos e ilustradores de mapas, uma verdadeira cidade operária reunida sob nosso teto, eu fugia, sempre que podia, para visitar meu pai doente.

Nunca usava a carruagem mais bonita, também usava vestidos simples e deixava minhas joias em casa. Os outros oficiais de alta patente na corte tinham belas residências ao longo do Tâmis e da costa, mas meu pai, que serviu à rainha durante todo seu reinado, sendo seu tesoureiro nos últimos vinte anos, escolheu viver perto da catedral de São Paulo, dentro das antigas muralhas da cidade.

Mesmo doente, ele vinha às reuniões do Conselho Privado todos os dias, às vezes usando uma maca. Porém, jamais estava deitado quando eu ia vê-lo. Não, ele sempre estava sentado, geralmente em sua mesa, mexendo em papéis.

Sempre estive muito ocupada, muito envolvida com minhas idas e vindas, para pensar sobre a situação. Agora, sentia-me atraída para aquela casa e para ele. Não me iludia com a ideia de que ele precisava de mim. Eu tinha muitas irmãs e irmãos.

Mas não sabia dizer se davam conforto a eles. Eles, também, estavam ocupados com suas próprias idas e vindas. Repentinamente, de forma bem inesperada, minha vida havia se acalmado. Não havia quase nada pelo que lutar. Meu marido não era um cortesão e não seria promovido.

Meu filho fará seu próprio caminho e não me ouvirá mais. Ele tinha sua própria família agora e parecia à beira do poder. Minhas filhas, belezas que eram, não haviam usado aquela beleza para obter nenhuma posição. Eu tinha meus amantes, mas talvez eles fossem apenas um disfarce para a falta de qualquer propósito em minha vida.

— Olá, pai! — cumprimentei-o. Ele estava, como esperado, sentado em sua escrivaninha e virou-se lentamente para mim.

— Boa tarde, Laetitia — ele disse. Ele sempre me chamava pelo meu nome formal. Como ninguém mais fazia.

— O dia está glorioso — eu disse. — O senhor vai me mostrar como está o seu jardim? — A primavera já estava bem adiantada naquela época do ano.

— Ainda não fui lá fora hoje — ele disse, levantando-se com dificuldade. — Mas ousou dizer que me faria bem.

Juntos, descemos as escadas para o jardim murado, com os tijolos fervendo ao sol. Havia uma velha cerejeira no meio do jardim com um banco debaixo da copa. Vários gatos dormiam sob a sombra e se esticaram e bocejaram quando nos aproximamos.

— Malandros preguiçosos — disse meu pai. — Por que não estão caçando camundongos? Não valem de nada mesmo!

Inclinei-me e acariciei o mais próximo a mim. Ele me respondeu com um ronronar.

— Talvez os dias de caça deles já tenham chegado ao fim — eu disse, depois me arrependi. — Ou talvez eles saibam que é melhor desfrutar deste jardim. Diga-me, pai, o que está acontecendo?

— Não sei ao certo. Sua irmã Anne tomou conta do jardim no último outono.

— Olhe, lírios do campo e violetas brancas — eu disse. — E cravos nascendo logo ali. Haverá muito perfume por aqui.

— Minhas rosas sobreviveram bem ao inverno — ele disse, indo para a cerca em que elas estavam. — Todas vermelhas — observou.

— Não são vermelhas e brancas como as rosas Tudor? — eu provoquei. Tais rosas eram criação de um artista e não cresciam na natureza.

— Não, vermelho em memória da primeira mansão que nos foi concedida, por Jasper Tudor, tio de Henrique VII, pelo aluguel anual de uma rosa vermelha a cada verão — disse, acariciando os botões com carinho.

— Quando foi isso? — as histórias geralmente me entediavam. Mas, agora, queria ouvi-las.

— Em 1514. Eu tinha três anos de idade. Juro que me lembro, pois meus pais colocavam rosas vermelhas por toda a casa para celebrar. De qualquer forma, o inconfundível odor da rosa vermelha sempre me traz à mente belas lembranças. Adoro sentir esse perfume ao abrir as janelas em junho.

Três anos em 1514 e agora ele tinha oitenta e cinco. Ficava maravilhada com ele.

— Não gosto de perfumes, mas, se devem ser usados, que sejam de rosas! — ele sorriu.

Eu preferia os aromas mais pesados almiscarados do leste, mas simplesmente concordei. Minha mãe sempre se absteve de perfumes, de acordo com suas crenças puritanas. Minha mãe... já havia partido fazia quase trinta anos.

Repentinamente, pensei sobre como meu pai esteve solitário todo esse tempo e me senti envergonhada por somente ter percebido isso agora. Brotaram lágrimas em meus olhos. Percebia muito pouco ao meu redor. Agora estava vendo muito mais além e isso estava quase me cegando.

A perda da visão de meu pai significava que ele não perceberia minhas lágrimas, em seguida, enxuguei-as.

— Bem, você consegue o que quer — ele disse de súbito.

Não entendi o que ele quis dizer:

— Como?

— Estou falando sobre o contra-ataque à Espanha. Meu neto terá destaque e será feliz enfim.

— O comando está dividido entre ele e o lorde almirante — lembrei-o. — E há também Raleigh com seu esquadrão, ansioso para mostrar serviço novamente. Não será fácil.

— Nada é fácil — ele disse. — Você não pensa de outra forma?

— Pai, como o senhor viveu todos esses anos sem minha mãe, sozinho? Foi difícil? — Era sobre isso que eu queria

falar, não sobre a expedição a Cádiz.

— Não acabei de dizer que nada é fácil? Não concordo com os católicos, mas Thomas More estava certo quando disse que não devemos esperar chegar ao céu para encontrar camas de penas.

Sim. Claro. Ele tinha a religião para dar suporte. E ele agora me observava, desapontado. Traí a mim mesma ao perguntar aquilo.

— Laetitia, se você pudesse ao menos compreender as consolações da verdadeira fé, encontraria o contentamento pelo qual sempre procurou. Você foi uma criança rebelde, mas sei que foi assim porque sentia falta da coisa mais importante na vida. Criamos você na fé, mas... Deus não tem netos espirituais. A fé não é transmitida, ela deve ser compreendida. Assim como Jacó teve que lutar com o próprio Deus, a fim de conhecê-lo. Não era vantagem nenhuma ser neto de Abraão.

Agora já não conseguia mais prestar atenção nele. Meus ouvidos e minha mente estavam completamente bloqueados. Eu nem me importava com Abraão ou Jacó. Nunca havia me importado e nunca me importaria. Aquelas histórias que o sustentavam não significavam nada para mim. Preferia as peças com histórias populares que mostravam pessoas de verdade em momentos mais recentes tomando decisões e queria saber para onde aquelas decisões as levariam. Isso era imediato, isso descrevia o meu próprio mundo.

— O seu próprio neto, meu filho, parece ter uma ligação muito forte com Deus. — Um de seus muitos lados que vinham à tona de vez em quando era o do devoto religioso, jejuando ou dando mostras extravagantes de arrependimento. Não durava muito tempo.

— Parece ter? “Parece” é uma palavra indiferente. Significa que não se pode perceber — ele balançou a cabeça negativamente e foi em direção ao banco para se sentar e descansar.

— Pai, não podemos ver através da alma de ninguém — eu disse, soando piedosa.

— Verdade, mas podemos ter uma boa noção do reflexo exterior. Ainda assim, isso é o que *ela* diz. Ela não criará nenhuma janela na alma dos homens. Mas teria sido bem melhor se tivesse criado!

— Você não ficou tão satisfeito quando a irmã dela criou — lembrei-o. — Você teve que deixar o país.

Ele suspirou.

— Sim, mas para onde quer que o Senhor te guie, será uma bênção. Conheci Pedro Mártir e falei com o próprio Calvino. Eu, Francis Knollys! — ele virou-se para mim e segurou minhas mãos. — Laetitia, espero que esteja bem. Quero dizer, com seu coração. Sei que você já tem mais de cinquenta agora. Esse momento na vida de uma mulher pode ser difícil, se ela não aceitar sua... sua situação.

Ele queria dizer que eu estava ficando velha e que deveria reconhecer isso e não fazer papel de tola tentando superar o momento. A situação sempre me venceria.

— Como assim, pai, eu tenho a mesma idade que o senhor quando começou a servir à nova rainha. A vida estava começando para o senhor!

— Aquilo foi um acontecimento único — ele disse. — Não pense que poderá ser repetido. Não, você tem que olhar para dentro e estar preparada, assim como todos nós devemos estar...

Eu estava olhando para dentro de mim, muito até. Deu uma tapinha no braço dele e ele se levantou.

— Voltarei em breve. Quero ver esses botões florescendo.

Ele já tinha vivido tanto. Tinha tanta sabedoria. Por que não transmitia, ainda que fosse só um pouco?

Shakespeare era cinquenta anos mais jovem, mas parecia ter uma reflexão profunda sobre as coisas. Tudo o que meu pai podia fazer era elencar seus pensamentos em um modelo rígido religioso. Talvez eu estivesse apenas usando o corpo de Shakespeare como um meio de aprender a pensar. Essa era uma ideia inquietante.

ELIZABETH  
Julho de 1596



**M**orte. Morte. Tantas mortes! Mal havia acabado de chorar à cabeceira de Francis Knollys quando fui convocada à de Henry Carey, lorde Hunsdon. E, antes disso, a pavorosa notícia das mortes de Francis Drake e John Hawkins. Senti que estava levando um golpe atrás do outro. Knollys e Carey não eram somente duas bases fortes do meu conselho, mas também eram muito queridos por mim. Achei não aguentaria, por mais estranho que parecesse, afinal já havia perdido tantos outros.

Mas agora era diferente, eles não eram apenas meus empregados mais confiáveis, eram também queridos irmãos.

Estava quente. Julho havia sido massacrante, parecia que o sol estava determinado a fulminar e secar tudo sob ele, alternando-se com as chuvas torrenciais. Pelo terceiro ano consecutivo, tínhamos uma colheita ruim. O rio cheirava mal, o seu odor fétido impregnava todos os palácios e as casas ribeirinhas. Dentro dos meus aposentos havia um cheiro de peixe podre. Eu andava para lá e para cá, abanava-me, lágrimas forçavam a saída em momentos



inesperados. Na minha mesa havia um coco que Drake havia trazido fazia muito tempo. Ele estava num suporte de ouro.

Desta vez, ele não trouxera nada. Ele nunca mais voltou, morrera de disenteria em seu navio *Defiance* na América Central. Não havia feito nada do que combinamos. Não tomou nenhum tesouro nem cidade espanhola e não havia realizado seu sonho de conquistar a Cidade do Panamá no canal. Ao contrário disso, seu grupo tinha sido vergonhosamente emboscado e teve que bater em retirada. Ele havia perdido o toque mágico e, tragicamente, sabia disso.

Em sua última noite, vestiu-se com sua armadura para que pudesse encontrar-se com Deus como um soldado. Ficou de pé para não morrer na cama, desafiador até o fim, assim como o nome do seu navio.

Ele foi jogado ao mar na costa do Panamá, nas águas quentes e azuis em que construía seu nome. Trouxeram de volta o tambor dele e entregaram a mim. Estava em um armário. Eu entregaria a sua viúva. Era vermelho, totalmente silencioso, nunca retumbaria novamente, embora alguns afirmassem que Drake havia prometido que, se a Inglaterra estivesse em apuros e precisasse dele, alguém deveria bater o tambor para chamá-lo e ele desceria do céu para nos defender.

Lamentamos muito, mas as notícias alegraram os espanhóis, que dançaram e celebraram ao saber que *El Draque* nunca os incomodaria novamente. Ah, rezei pela frota em missão que, de tão infundida com seu espírito, faria o velho lobo do mar sorrir sobre ela e os espanhóis jurariam que ele havia comandado um dos navios de guerra.

O capitão que era seu colega e primo, *sir* John Hawkins, sucumbiu ainda antes de Drake e, assim como ele, também foi jogado ao mar. Um fim triste e fraco para sua expedição, depois de tantas glórias.

E agora Knollys ia também, ali deitado e fraco na cama, murmurando passagens das Escrituras sagradas. Ele estava cercado por seus muitos filhos e netos. No entanto, seu neto mais ilustre, Essex, estava muito longe. Os outros tentavam confortá-lo e eu também me aproximei dele, tentando encorajá-lo a lutar. Mas ele já tinha muita idade e o peso dos anos estava conseguindo dominá-lo e levá-lo embora.

Eu não vi Lettice entre os que velavam por ele. Talvez eles tenham avisado a ela que eu viria. Na verdade, eu nem teria me importado. E eu não poderia impedi-la de estar de luto por seu pai, mesmo que nunca tivesse velado seus maridos. Não pude estar presente no leito de morte de meu pai, nem ficar próxima a ele. Só fiquei sabendo da notícia de muito longe.

Knollys já estava decaindo fazia anos, mas, como foi uma retirada lenta, foi mais difícil de ser notada. Ele era o mais velho dos meus conselheiros ainda em atividade, tendo nascido apenas dois anos depois de meu pai ter assumido o trono. Assim como o Velho Parr, ele havia testemunhado a troca de meus guardas, e a ascensão e queda de tantos outros. Será que eles estavam passando como sombras agora por uma parede enquanto ele estava deitado naquele quarto?

O jovem Henrique VIII, a alegre Ana Bolena com seu lema “a mais feliz”, a plácida Ana de Cleves, que ele conheceu e escoltou até Londres, sua protegida e fatalmente encantadora prisioneira Maria, rainha dos escoceses. Ele também testemunhou um desfile de crenças religiosas. Como fervoroso reformista, nunca foi até a nova Jerusalém, embora estivesse indo agora. Eu persistia em conter a inundação de puritanismo que ele defendia e ele iria morrer com anseio insatisfeito por seu triunfo.

Ao abrir os olhos, ele olhou para mim, levantou os braços e puxou levemente a minha manga. Curvei-me para ouvir o que ele sussurrava.

— O que foi, velho amigo, meu velho primo? — murmurei. Ele deu uma boa e lenta risada.

— Tenho alguns bons conselhos para você — disse, ofegante.

— Você sempre me deu bons conselhos, Francis, e eu admiro sua sabedoria.

— O primeiro é que oitenta e cinco anos passam muito rápido. Porém, nem todos os anos são iguais. Então, se você está planejando algo para os seus oitenta anos, tente realizá-lo agora! — ele riu novamente, levemente, pois não tinha forças. — E o próximo conselho é que você deve ficar atenta a Robert, meu neto. Lembre-se de que ele descende de Richard, conde de Cambridge, que traiu Henrique V. Lembre-se também de que você descende do rei Artur, que foi traído por um jovem e belo rapaz, Mordred. Eu o vi crescer. Chamávamos a rainha dos escoceses de O Abraço da Serpente, mas eu aviso, aquele garoto também é uma serpente e você não deve mantê-lo em seu colo.

Havia perdido o juízo. Nada mais poderia levá-lo a caluniar seu próprio neto.

— Posso cuidar dele — garanti. — Meu pai e eu já controlamos súditos mais difíceis que Robert Duverieux.

— Só é preciso um — ele sussurrou. — Se alguém falhar na vigilância.

— Não se preocupe com isso — eu disse, enxugando sua testa que suava ainda que estivesse frio. — Você já se preocupou por muito tempo.

Uma de suas filhas trouxe um pano molhado para aliviar o seu rosto. Eu sabia que devia deixá-los. Olhei para ele, guardando aquele adeus em minha mente. Os olhos dele já estavam fechados.

Ele morreu alguns dias depois, cercado por todos os seus familiares, tantos que não cambiam no quarto, assim me disseram. Ele foi pai de doze crianças e a maioria delas ainda estava viva. Foi enterrado no túmulo da família em Rotherfield Greys, em Oxfordshire. Então, num dia escaldante de julho, sua carruagem fúnebre retumbou ao longe e ele deixou Londres para sempre.

Mas eu tinha pouco tempo para lamentar, pois Henry Carey também estava em seu leito enfermo. Diferentemente de Knollys, ele foi forte até que, subitamente, foi derrubado. Verdade, o cabelo estava branco e o corpanzil mais desajeitado, mas suas juras e anseios estavam mais robustos do que nunca. Era como se um cavaleiro implacável o tivesse derrotado em um desafio, fazendo-o voar longe pelo ar até cair no chão.

Não havia ninguém para me confortar, pois quem poderia, Catherine, estava arrasada. O marido dela, Charles, encontrava-se em Cádiz em missão. É claro que ela tinha a mãe, os irmãos e irmãs, Carey, também, havia tido muitos filhos, uma dúzia deles, sem contar os filhos ilegítimos. Mas Catherine sentia profundamente sua perda, talvez mais do que seus irmãos. O coração doce e gentil dela estava sempre aberto e assim era facilmente tocado.

Hunsdon não vivia em uma casa simples como Knollys, mas sim na Somerset House, uma enorme mansão entre a Arundel House e a Durham, perto do rio. Seu quarto cheirava pior do que meu, por causa dos odores do leito misturados ao fedor do rio, e seus assistentes tentaram mascarar ambos queimando ervas. O resultado era suficiente para nos fazer passar mesmo estando com plena saúde.

Ele estava encostado em uma luxuosa cama entalhada com cortinas leves de verão, tão finas que flutuavam e deixavam toda a luz possível penetrar. O cabelo estava ainda mais branco do que os travesseiros de linho em que estava recostado e o rosto corado agora era pálido. Respirava com dificuldade, cada entrada de ar em seu peito ressoava.

Ele abriu um dos olhos e olhou para mim.

— Uma rainha ao lado do meu leito — ele disse. — É muita sorte, pena que minha família não possa retratar e mandar emoldurar.

— Tenho algo que eles podem emoldurar — eu disse. Fiz um sinal para o empregado que me acompanhava abrir um

pequeno baú que havia trazido. Dentro estava o manto e a patente que o condecorava como conde, que eu havia mandado fazer às pressas para ele. Coloquei tudo aos pés da cama. — Meu caro primo, condecoro-o conde, o conde de Wiltshire.

Ele resmungou, de uma forma que eu conhecia tão bem. Esperei o juramento em seguida, mas ele balançou levemente a cabeça.

— Senhora, se não considerou tal honra digna em vida, então não a considero digna na morte.

— Como? — eu disse. Não esperava aquilo.

— É isso mesmo. Antes teria sido muito bem-vindo, mas agora é muito tarde.

*Se você planeja algo para os seus oitenta anos, faça agora.* Knollys estava certo. Sabedoria no leito de morte. Estaria ele certo sobre a segunda coisa que disse? — Lamento muito, meu caro primo. Você sempre teve muito valor. Fui eu que não vi.

— Algumas vezes, sim, você ficou cega — ele disse. — Raramente sobre pessoas. Geralmente sobre dinheiro e defesas. E isso, cara rainha, não é assunto para o leito de morte. Eu deveria estar rezando. Traga-me um padre. Ou pelo menos alguém para ler para mim!

— Eu farei isso — falei. — Alguém pode me trazer uma Bíblia?

Catherine, com as mãos trêmulas, entregou-me seu livro de Salmos.

Segurei-o e vi o Salmo 90 já marcado. Comecei a ler, lentamente, aquelas palavras tanto para ele quanto para mim.

*De fato, mil anos são para ti como o dia de ontem  
que passou como as horas da noite.*

*Como uma correnteza, tu arrastas os homens; são  
breves como o sono; são como a relva que brota ao  
amanhecer;*

*Germinaliza e brota pela manhã, mas, à tarde, murcha*

*e seca.*

*Somos consumidos pela tua ira e aterrorizados pelo teu furor.*

*Conheces as nossas iniquidades; não escapam os nossos pecados secretos à luz da tua presença.*

*Todos os nossos dias passam debaixo do teu furor; vão-se como um murmúrio.*

*Os anos de nossa vida chegam a setenta, ou a oitenta para os que têm mais vigor; entretanto, são anos difíceis e cheios de sofrimento, pois a vida passa depressa, e nós voamos!*

Tive um tremor violento e vi que Hunsdon me observava.

— Você é pior do que um padre. Leia-me algo bom ou me deixe em paz.

O próximo Salmo, 91, parecia mais adequado:

*Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta, e na adversidade estarei com ele; vou livrá-lo e cobri-lo de honra.*

*Vida longa eu lhe darei, e lhe mostrarei a minha salvação.*

— Esse é melhor — ele resmungou. — Até mesmo uma longa vida não é longa o suficiente. No entanto, ela continua sua barganha enquanto pode, pois não podemos viver para sempre.

A porta rangeu e a futura viúva entrou na ponta dos pés. Era uma senhora pequena e paradoxal, delicada após ter suportado dar à luz tantos filhos, e celestial em contraste com o materialismo do marido. Ela abraçou Catherine, curvou-se a mim e depois foi sutilmente até o marido. Atrás dela estava o filho mais velho, George, de olhos sonolentos e amorosamente dispostos assim como todos da família Bolena. Logo, ele seria o barão Hunsdon no lugar de seu pai. Ele ficou ao lado de sua mãe, próximo à cama. Naquele momento, devia deixar a família a sós. Curvei-me e toquei a

testa dele, sabendo que seria a última vez que aqueles olhos céticos e espertos olhariam para mim.

— Adeus! — Foi tudo o que consegui dizer. — Servo e amigo fiel.

Adeus ao homem que, quando garoto, viveu com minha mãe, um dos poucos ainda vivos que a havia conhecido, adeus ao homem que protegeu tão bem meu reino.

Proporcionei a ele um funeral completo na Abadia de Westminster. Não participei, mas foi completamente descrito para mim. Havia toda a pompa, um carro fúnebre preto, trompetistas, porta-estandartes, mantos e funcionários de luto, embora as ruas estivessem estranhamente vazias assim que a procissão passou, saindo da Somerset House até a costa.

O calor, a fragilidade e o rio ainda fétido haviam levado muitos para longe em suas propriedades rurais. Os que ainda estavam na cidade participaram, é claro, mas as fileiras na abadia estavam quase vazias, já que muitos estavam na empreitada em Cádiz.

Cecil pai e Cecil filho estavam lá, o mais velho abrindo caminho penosamente até seu lugar, apoiando-se sobre o filho franzino, quase o derrubando de lado.

Era óbvio que logo o velho Cecil estaria ali novamente, mas da próxima vez não estaria andando. Os irmãos Bacon estavam lá e intencionalmente não se sentaram perto dos Cecil. John Dee e o jovem assistente, Earl, seu protegido, também foram. Estivera por lá também meu primo distante, Thomas Sackville, lorde Buckhurst, que tinha o desagradável apelido de “Lorde Ganancioso”, pois o consideravam avaro.

O caixão trazia apenas as armas de um barão, ele poderia ter ido para o túmulo como conde, mas foi teimoso até o fim, o manto e a patente foram retirados para que ele não tivesse sequer que olhar para eles e ficar tentado.

O arcebispo Whitgift conduziu os serviços e o caixão foi enterrado na Capela de São João Batista, onde Hunsdon já

tinha o monumento e o jazigo preparados. Depois do caixão, os atores da companhia Os Homens do Lorde Camarista entraram, levando cópias de suas peças para colocar no túmulo do patrono. Uma cópia de *Sonhos de uma noite de verão* estava entre elas para apodrecer na escuridão do túmulo. Esperava que a peça continuasse viva por suas apresentações, pois ela pertence ao ar livre em que um dia fora vividamente celebrada.

Funeral encerrado, os gabinetes de Knollys e Hunsdon limpos e vazios, sentia-me sozinha tanto no trabalho quanto na vida pessoal. Tentei manter-me firme como Catherine e ser um apoio para ela, a franqueza de Marjorie dava-me o equilíbrio necessário.

Nem tudo estava perdido, nem tudo havia sumido na escuridão, continuava me dizendo a mim mesma. Mais uma razão para valorizá-las enquanto elas ainda estavam ali. O velho William Cecil estava decaindo, mas eu insistia para que ele continuasse trabalhando para mim, como se aquilo fosse milagrosamente preservá-lo. Ou era para me preservar?

Quando minhas damas de companhia não estavam ali e eu ficava sozinha, levantava o espelho para o meu rosto sob a luz suave de uma janela com face para o norte e via o que não era permitido em meus retratos. O rosto despido de sua moldura com todas as suavizações do cabelo, ou de um chapéu, ou das joias, tinha marcas em cada lado do meu nariz e da minha boca. Meus lábios, sempre finos, tinham pequenas constrições nas bordas, como se estivessem esforçando-se para fechar. Meus dentes, esses eu tentava nem mostrar. Aprendi uma maneira de sorrir que os deixava mais encobertos do que à mostra.

Sempre tive a pele clara e ela ainda era, mas agora a cor era muito mais fraca. A cor rosada era obtida a partir de um pote de ruge e não do sangue pulsando por debaixo da pele.

Estava na menopausa, ao sessenta e três anos. Estava supostamente cheia de perigos. Quando chegasse



realmente ao meu aniversário de sessenta e três anos, no outono, e assim começasse meu sexagésimo quarto aniversário, teria sobrevivido a uma perigosa passagem. Não poderia querer que meu rosto não refletisse esse delicado momento. Nem poderia querer ser jovem novamente. Mas ser velha? Não!

Foi um verão horrível, o terceiro em sequência. Sol escaldante, opressivo e contínuo, alternando-se com inundações e chuvas torrenciais. As plantações começavam a florescer e logo eram inundadas. O estoque de alimentos seria importantíssimo naquele outono, pois todas as sobras armazenadas depois de três anos já estavam esgotadas. Devo de alguma maneira garantir provisões extras. Mas como? Os católicos do mundo inteiro adorariam nos ver passar fome. Assim, eu somente poderia comprar grãos de colegas protestantes como os alemães e suecos e diziam que eles tinham pouco para vender. Mandeí pedidos, oferecendo até mesmo para abastecer os navios de transporte, mas até agora não obtivera resposta.

Acordar pela manhã e ouvir a chuva que tamborilava novamente do lado de fora deixava-me desesperada. O rosto de Knollys e o Hunsdon morrendo continuavam em minha mente, pesando-me com uma sensação de desesperança. Leicester, Walsingham, Drake, Hawkins, eles que haviam me ajudado a carregar o reino nas costas, agora haviam partido e eu já estava começando a cambalear com aquele peso todo.

Então, subitamente, as palavras do Livro de Samuel surgiram em minha mente: **“Até quando você irá se entristecer por causa de Saul? Eu o rejeitei como rei de Israel. Encha um chifre com óleo e vá a Belém; eu o enviarei a Jessé. Escolhi um de seus filhos para fazê-lo rei”**.

Por quanto tempo iria me entristecer por aqueles nomes? Estava na hora de parar. Deus sempre escolhe outro dentre seus filhos. Há sempre outro rei, portanto ele bradou “O rei

está morto. Vida longa ao rei”. Daqui para a frente, iria mudar. Já era tempo, muito havia se passado, para substituir o lugar de Walsingham, vazio há seis anos. Era hora de arrumar um novo primeiro-secretário.

Robert Cecil entrou repentinamente na sala; baixinho como era, foram precisos vários passos para chegar até mim. Ele compensava sua falta de estatura sempre estando primorosamente preparado. A barba escura e brilhante, os mantos e gibões cortados para disfarçar o desvio nas costas.

De modo geral, ele era um representante respeitável, se os embaixadores estrangeiros o olhavam de cima, logo depois ficavam impressionados com a inteligência dele. E havia uma vantagem em fazer seu adversário subestimá-lo. Eu entendia isso muito bem, embora já fizesse muitos anos desde minha última experiência. Não havia ninguém que não soubesse com quem lidavam quando tinham que lidar comigo.

— Ah, Robert, obrigada por vir tão rápido. — Ele sempre vinha, mas hábitos que eu desejava que fossem mantidos sempre seriam louvados. — Você sempre responde a meus chamados tão prontamente.

— É uma honra *ser* chamado — ele disse.

— Como está seu caro pai?

— Cansado — ele disse. — A gota o incomoda muito mais no verão e acaba com a paciência dele.

— Que Deus lhe dê alívio. Os negócios urgentes do reino têm abrandado nos últimos tempos durante a pausa de verão, o que já deve ser de algum conforto. — As tratativas estão encerradas (embora eu pudesse tagarelar com ele durante toda a manhã, apreciando sua voz suave e tranquila e sua inteligênciaafiada). — Eu disse: — Essex e seus homens estão no mar, fazendo o que fazem de melhor. Você está aqui, fazendo o que faz melhor do que qualquer outro, salvando seu pai. É chegado o momento de conduzir

seu próprio navio, como Essex e Raleigh conduzem os deles. O nome do seu navio será: primeiro-secretário.

Ele me olhou confuso, depois hesitante. Pelo amor de Deus, será que ele recusaria, como Hunsdon recusou o título de conde? Seriam meus presentes tão desprezíveis?

— Estou honrado — ele finalmente disse. — Porém, não gostaria de ser a causa pela qual alguém quebre um voto, mesmo para o meu próprio benefício.

— Do que você está falando?

— Sei que a senhora prometeu a Essex que, na ausência dele, não faria nomeações importantes e especialmente nenhuma nomeação a mim.

— Isso não é verdade! Não, além de não ser verdade é uma mentira egoísta. Como ele ousa? Você jura que ele afirmou isso?

— Juro, por tudo que é mais sagrado. Ele disse e repetiu, caso eu não estivesse ouvindo com atenção.

— O que ele disse exatamente? — Fiquei espantada com a tomada do poder e a falsidade por parte de Essex.

Cecil colocou a mão no queixo, como faz quando está pensando. Ele então incorporou a postura de Essex. Sabia imitá-lo muito bem:

— “Devo informar-lhe, homenzinho, que não haverá nomeações importantes sem meu conhecimento, portanto, enquanto eu não estiver aqui, não tente nenhum benefício. Tenho a palavra de Sua Majestade. Ela me garantiu que ficasse tranquilo enquanto estivesse ausente em nome dela”.

— Ele disse “sem meu conhecimento”?

— Ou consentimento, talvez. Não lembro exatamente a palavra.

— Por Deus! Então ele acha que pode consentir minhas nomeações? Que eu devo informá-lo de minhas decisões, para que ele possa aprovar ou desaprovar? Ele se acha mais do que o Parlamento?

— Devo confessar que fiquei surpreso ao ouvir isso, pois não soa como algo dito pela senhora.

— Não soa como algo dito por mim, pois eu nunca disse isso, e nunca diria tal coisa! Minhas palavras a Robert Dudley tempos atrás ainda permanecem e se fortaleceram ao longo dos anos: teremos aqui uma senhora e não um senhor.

— Bem, estou ciente disso, Majestade.

— E, como você está ciente disso e aceita, será meu primeiro-secretário e trabalharemos juntos. E, quanto a ele, quando retornar, terá uma surpresa.

— Eu não seria a causa de uma briga entre vocês — ele disse, de forma educada, feliz por sê-lo.

— Ah, nesse caso, devo retirar minha oferta pela nomeação — vi o horror em seu rosto. — Sendo assim, afinal de contas, a única maneira de evitá-la.

— Como Vossa Majestade desejar. Meu único desejo é servir-lhe, aceitando uma posição ou, nesse caso, não aceitando.

Rapidamente ele se corrigiu. Como ele sabia exprimir os sentimentos.

— Chega de brincar, caro Robert. O cargo é seu. Não poderia ser de mais ninguém. Esteve esperando por você até que merecesse. O momento é agora — ele havia acabado de provar.

Eu havia me precipitado quando disse para mim mesma que não havia sobrado ninguém aqui que não soubesse com o que estava lidando quando lidasse comigo. Alguém jovem demais para ter aprendido as lições de seus antecessores não sabia com quem estava lidando. Mas Essex descobriria. Ah, sim, descobriria.



**D**epois de ter visto John Dee no funeral de Hunsdon, pensei cada vez mais em fazer-lhe uma visita. Ele geralmente ficava em Manchester, ocupando o cargo que eu havia concedido a ele, diretor do Christ's College, um antigo colégio de padres convertido numa instituição protestante. Não era o ideal para ele, mas era o melhor que pude conseguir.

Ele se arruinou durante os anos que passou continente, entrando em buscas espirituais bizarras que envolviam o falar com os anjos, a incursão pelo sobrenatural e terminou, como sempre quando se trata dessas coisas, em uma sórdida troca de esposa com seu parceiro, supostamente ordenada pelo anjo Uriel. Desiludido, desanimado e pobre, ele retornou à Inglaterra para encontrar sua reputação mais baixa do que barriga de tartaruga.

Mas ele não foi o primeiro homem a entrar numa busca idiota e não deveria ser tratado como um criminoso. Apenas magoou a si mesmo e à sua família. Ele não tinha esbanjado o erário ou roubado do tesouro público. Certamente, merecia crédito por seu vasto conhecimento e pelos serviços anteriormente prestados a mim. E por isso eu continuaria a apoiá-lo até onde pudesse.

Ordenei que o barco real seguisse para Mortlake, logo após enviar uma mensagem a ele dizendo que estava indo para lá. Eu sabia que visitas reais de surpresa não eram bem-vindas, entretanto muitas pessoas ultimamente tiveram tal honra, guardando a cadeira em que eu havia sentado e a taça em que havia bebido. Nenhum de nós gosta de ser pego desprevenido.

Assim que o barco real começou a subir o rio, removendo a água, vi os detritos e os resíduos no rastro, logo atrás de nós. O cheiro de peixe morto era pior do que nunca e eu tinha que manter minha bolsinha de perfume próxima ao meu nariz. Alguns gansos circulavam pelas margens, as penas brancas já estavam impregnadas com o verde do limo. Havia poucos por ali, menos do que de costume, creio que o resto estava morto ou que já tenha voado para outro lugar.

Havia poucos barcos no rio. Os negócios diminuíram com os contínuos conflitos na Holanda, e diminuíram ainda mais com a turbulência no norte da França e com a tentativa espanhola de conquistar Calais. Os espanhóis não aceitavam a conversão de Henrique IV e continuavam a tentar derrotar a França.

As guerras são a ruína para os negócios. Quando me lembro da Antuérpia, antigo centro bancário e mercantil da Europa, e o mais importante centro de comércio de lã continental, completamente arruinada e destruída por esses conflitos, fico furiosa. Quando isso tudo acabaria e poderíamos voltar à vida normal?

Os criadores de ovelhas que não conseguiam exportar sua lã, os alfaiates que não podiam importar roupas prontas, os mercadores que não podiam fazer empréstimos na Europa, tudo isso enfraquecia a Inglaterra.

A missão Cádiz já estava concluída. Não era certeza, mas, se tiveram sucesso, eu cantaria vitória. Precisamos de uma vitória, algo para celebrar. Já fazia quase dez anos desde a última investida Armada. As lembranças eram curtas e o país não estava de bom humor.

O barco encostou na margem do rio, pois havíamos chegado à Mortlake. Desci sobre o terreno familiar da pequena aldeia, a igreja com seu pequeno aglomerado de casas ao redor, os grandes carvalhos sombreando a estrada. Enquanto eu caminhava, entretanto, vi folhas verdes espalhadas pelo chão e, olhando para cima, percebi como as copas estavam escassas. As árvores estavam deixando suas folhas caírem antes do tempo, prejudicadas pela chuva.

John Dee estava esperando na soleira da porta, com um sorriso gentil no rosto.

— Vejo que você está de volta ao seu lugar — eu disse, percebendo a longa barba, branca como leite, a veste de mago com mangas volumosas e os símbolos celestes bordados. — Aqui, em Mortlake.

Ele fez uma reverência e beijou minha mão.

— Sei onde é meu lugar. Às vezes, as pessoas somente descobrem isso depois de viver longe.

Atrás dele, sua esposa espiava. Diferentemente de Dee, ela havia mudado, parecia velha e rabugenta. Não é de admirar, depois da experiência da prostituição forçada. Ela provavelmente estava mais contente de estar de volta do que o marido.

Entrei na biblioteca e percebi imediatamente que estava diferente. As paredes estavam vazias e as prateleiras de livros também. Elas mantinham-se curvadas pelo peso que um dia carregaram, mas havia apenas a lembrança dos livros perdidos.

— Voltei para Mortlake para encontrar minha biblioteca saqueada e pilhada, com muitos dos meus mais preciosos volumes roubados — ele disse. — Um dia já tive a maior biblioteca da Inglaterra, mais de 4 mil livros. Agora... ele abriu os braços... foi isso o que sobrou.

Ele tinha livros científicos raros, reunidos de mosteiros fechados antes que fossem destruídos.

— E o que ficou em sua cabeça — eu disse.

— Isso é apenas uma fração do conhecimento que estava nessas prateleiras — ele lamentou. — Muitos instrumentos também foram levados.

— Ah, John — eu disse. Ele tinha instrumentos de navegação, globos e mapas, bem como equipamentos de alquimia e cartas astrológicas e astronômicas.

— Tudo se foi — ele me garantiu. — Eles não estavam interessados em minhas cartas, mapas e globos. Queriam mesmo o meu equipamento de alquimia. Disseram que eu havia descoberto como transformar chumbo em ouro, por isso levaram o que achavam que necessário para tal. Como podem ser tão estúpidos? Se eu soubesse como transformar chumbo em ouro estaria no estado em que me encontro?

— As pessoas acreditam no que querem, John — Deus sabe o que eu havia descoberto. Eu sorri, lembrando o dia em que havia trazido François ali. O sapo... como ele riu e se divertiu. Há muito tempo, a leitura de Dee sobre o seu futuro tinha silenciado meu riso.

De súbito, lembrei-me do porquê de ter vindo.

— Você ainda tem sua bola de cristal?

— Minha pedra de previsões? Sim, ainda está aqui — ele levantou uma toalha com franjas, revelando um cristal redondo do tamanho de uma laranja sobre uma base de cera. Ele soprou sobre ela, que ficou obscura e depois completamente limpa. — Você quer saber sobre Cádiz — ele disse, e não foi uma pergunta.

— Sim. Eles já foram para lá há semanas. A missão já foi concluída. Não aguento mais não saber o que aconteceu! E, se forem más notícias, preciso saber antes que retornem, se retornarem.

— Uma expedição complicada é um tanto difícil de ser decifrada nesse vidrinho.

— Tente ver a cidade! Veja se ainda está de pé!

Ele tentou buscar a imagem de Cádiz nas profundezas da bola.

— Vejo fumaça e escuridão — ele disse por fim. — Parece como se... muitas pedras. As defesas da cidade estão no



chão.

A emoção percorreu meu corpo, mas a cautela me conteve.

— E o porto? Que navios você vê?

Ele suspirou.

— Senhora, é quase impossível de discernir.

— Tente! Tente!

— A cidade, como a senhora sabe, é como uma pontinha da unha de um dedo no final de nove quilômetros de terra, fazendo uma curva como se a mão estivesse chamando da terra para o mar. No local em que o dedo se une à palma há uma cidade menor ainda e outro porto. Parece que há um incêndio no porto interno da cidade. Um grande incêndio. Mas não consigo ver o que está queimando.

— Os navios estão fora do porto?

— Creio que sim.

— Navios grandes? Intactos?

— Sim.

— Nossos navios! Tínhamos cinquenta homens de guerra.

— Não tenho certeza se vejo cinquenta. Mas essa é uma bola pequena.

— Quantos homens você vê?

— Terei que pressionar a bola — ele disse, assoprando de novo. Apertando os olhos, ele olhou para ela de vários ângulos. — Agora... — ele olhou atentamente por alguns momentos. — Vejo homens, mas não sei quem são. Faz tempo que não vou à corte.

— Deixe-me ver. — Fui até o lugar dele e sentei-me. As profundezas da bola mostraram cores e algumas linhas onduladas, mas não pude ver nada. — Não tenho as habilidades para conseguir fazer essa leitura — tive que admitir. Fiquei muito frustrada. Ele conseguia ver, mas não conseguia identificar, e eu podia identificar, mas não conseguia ver — Pelo amor de Deus! Que situação!

— Vimos tudo — ele disse. — Então a frota deve estar voltando para casa. Saberemos logo. Ao menos sabemos

que eles tiveram sucesso ao tomar Cádiz e que todos sobreviveram. Não é isso o que você queria saber?

— Eu gostaria de saber sobre o tesouro. Será que há algum? Será que teriam conseguido capturá-lo?

— Não consigo pensar que não tenham conseguido, Majestade. E... se posso humildemente pedir, a senhora poderia se lembrar deste seu velho criado quando receber o tesouro?

— John, já provi um lugar para que você vivesse e um cargo em Manchester, e, não se esqueça, dei a você 2 mil libras logo que ouvi sobre o roubo em sua casa. — Será que o homem achava que eu tinha dinheiro para jogar fora?

— Sim, senhora, sim, não esqueci e sou grato, muito grato. Mas o cargo em Manchester, embora eu esteja grato, tem aspectos desagradáveis. Os outros companheiros não são como eu. Na verdade, eles fazem da minha vida um inferno!

— Pessoas menores sempre fazem isso, John. Você tem que aprender a conviver com eles. Nem todos podem ter sua inteligência, você tem que os perdoar por isso. Talvez, se você perdoá-los por seus equívocos, eles te perdoem por seus talentos. A inveja pode ser apenas perturbada, pois não morre sozinha.

— Sim, sim, é claro — ele se endireitou, envergonhado por implorar. — Parece que suas empreitadas no Novo Mundo, enquanto estive fora, não foram bem-sucedidas, é isso?

— As de Raleigh também não funcionaram — eu disse. — A colônia na Virgínia não sobreviveu. A expedição dele a Orinoco, na América do Sul, não descobriu nada de valor. Ele voltou com as mãos vazias, exceto por algumas lembrancinhas, incluindo um selvagem e alguns minérios que vieram a ter nenhum valor, ouro de tolo — a empreitada a Cádiz deverá ter sido melhor ou, por Deus, nunca mais sairá a navegar sob meu patrocínio.

— Não abandone o Novo Mundo — disse Dee. — É lá que está o futuro, não na Europa. Ao diabo com Cádiz, os espanhóis, os franceses, os holandeses. O seu destino é

controlar o império britânico, expandindo-o por toda a América do Norte. Olhe para lá e não para a velha e cansada Europa.

— Dois fracassos me desencorajam.

— Dois fracassos! E quantos já teve na Europa?

— Meu caro Dee, você acredita em algo muito maior do que a realidade. Ouso dizer que apoiei as duas missões *por causa* de sua visão cativante. Mas não consigo ver isso levando a lugar algum.

— Paciência! Continue mandando exploradores. Deixe que finquem a bandeira inglesa. Drake já o fez na Costa Oeste da América, Raleigh na Costa Leste. Mande mais!

— Não tenho como — disse diretamente. — Se a missão Cádiz não trazer de volta vários tesouros, poderá ser a última.

— Nunca. Nunca! Estou dizendo, vejo o cetro da Grã-Bretanha de costa a costa lá. Vejo o seu selo, como imperatriz!

— Como não consigo ver nada, suspeito que, às vezes, sua visão interior sobrepõe-se ao que você realmente vê na bola — apontei para ela. — Vamos jogar a toalha por cima dela e seja o que tiver que ser, meu velho amigo.

Mudei-me para Windsor para passar o restante do verão e fugir da cidade e do rio fedorento. Lá, o Tâmis, reduzido a um córrego, era de agradável e suave ondulação. De qualquer forma, o castelo de Windsor era bem alto, cerca de cem pés acima do nível do rio, e nos protegeria de quaisquer odores e ruídos desagradáveis. Olhar os campos do alto do castelo fazia com que me sentisse a comandante de um grande navio de batalha.

Lá embaixo estava o leito do rio e, estendendo-se até onde os olhos podiam ver, estavam cercas vivas, campos ondulados e bosques. Não muito longe dali estava a campina de água de Runnymede, onde o rei João tinha sido forçado a assinar a Magna Carta por barões obstinados. Ah, bem, devo evitar ser forçada a abrir mão de qualquer um

dos meus direitos da Coroa. Uma Magna Carta já era suficiente.

Sempre gostei de Windsor no verão, no inverno era muito frio, é claro. Qualquer coisa que data do tempo de Guilherme, o Conquistador, dificilmente seria confortável e moderno. Ele havia escolhido o lugar por sua localização estratégica em um penhasco e à beira de uma floresta saxônica, para guardar a entrada oeste de Londres, pois a Torre guardava a entrada leste.

Assim que disse isso a mim mesma, repentinamente percebi que era estranho o túmulo de minha mãe estar de um lado e de meu pai do outro, como se eles estivessem guardando Londres, protegendo-a. Minha mãe estava na capela de São Pedro ad Vincula, na Torre, e meu pai na capela de São Jorge, aqui.

Estava ansiosa aguardando a confirmação das notícias sobre a expedição a Cádiz. O campo plácido me aliviava, mas não me acalmava. Ah, quando eles voltariam? Quando saberíamos de algo?

O jovem Cecil vinha me ver todos os dias e no silêncio e na privacidade da calmaria conseguimos resolver muitos negócios que ficaram desprezados, coisas que sempre são postas de lado porque não são urgentes, mas deixam pilhas abandonadas e nos sufocam como videiras desorganizadas. Planos para a cidade de Deptford, pois invadiu a esfera de Greenwich. Listas mais específicas para reunir milícias locais. Teste dos pesos e medidas utilizados nos mercados. Reparação de alguns trechos do Muro de Londres. O trabalho inglório de um monarca, que deve ser feito mesmo quando os mantos e as coroas são deixados de lado, e aí daquele monarca que omitir isso.

Será que ele estava se sentindo preterido, sendo um dos poucos jovens que não estavam longe? Ele nunca participou dos duelos nem comandou navios ou liderou tropas. Ele não cantava nem participava das danças. Isso o destruía? Seus grandes olhos verdes não diziam nada, sua maneira cortês e

gentil nunca demonstrou nenhum sentimento de anseio por aquilo que não podia ter.

No entanto, eu não sentia o contentamento verdadeiro, mas sim uma renúncia às limitações e uma determinação a sobressair em tudo que não lhe impusesse dificuldades.

Eu gostava de caminhar ao longo da arejada ala superior, descendo até o caminho sinuoso e pavimentado por onde os Cavaleiros da Jarreteira andaram para a celebração de todos os Dias de São Jorge em sua capela homônima, com seus mantos de veludo azul arrastando-se, a insígnia da ordem da liga resplandecente. Para os recém-eleitos, era o dia mais importante da vida deles. Somente vinte e quatro homens poderiam servir aos Cavaleiros da Jarreteira, e somente eu poderia escolhê-los. Era a mais alta ordem da cavalaria na Inglaterra.

Sempre me inquietou o fato de que eu poderia presidir essa ordem de cavaleiros, mas não poderia ser uma verdadeira guerreira. Como Robert Cecil, eu não podia liderar tropas, entrar nos duelos nem comandar um navio. Nós dois, ambos desqualificados, eu por meu sexo e ele por sua coluna torta. Mas, por Deus, nós podíamos fazê-los dançar conforme nossa música!

Em um dia muito quente, eu estava saindo da capela e vi um ávido jovem correndo ladeira abaixo em direção ao jardim de inverno, agitando os braços como um menino empinando uma pipa. Era John Harington, que veio derrapando e parando bem à minha frente, tentando tomar fôlego.

— Minha querida madrinha! — ele disse, curvando-se e depois ousadamente beijando minha face.

Ali estava outro jovem que não havia ido para o mar e ele já tinha tamanho para isso.

— O que você aprontou agora, John? — perguntei. Naquele dia, estava pronta pra qualquer coisa. Qualquer coisa que me divertisse, e geralmente John tinha esse poder.

— Trouxe-lhe uma invenção, algo maravilhoso, moderno, tão perspicaz que, sendo associada ao seu reinado, deve trazer-lhe mais notoriedade do que a Armada nos anais da história — ele estava sem fôlego de tanta empolgação, os olhos não paravam, um riso contido no canto de seus lábios.

Bem, ele *era* inteligente, eu sabia disso. Certa vez, projetou uma armadilha de toupeira tão engenhosa que os jardineiros de Hampton queriam usá-la. Ele também projetou um tubo condutor que poderia canalizar mais água do que o anterior. Talvez agora ele tivesse inventado uma arma mais precisa que poderia nos dar mais força na guerra, uma arma mais leve e com mais precisão de fogo que levasse menos tempo entre um tiro e outro. O que certamente daria aos nossos exércitos mais vantagem.

— O que poderia ser? — perguntei.

— Venha e veja por si mesma. Preparei tudo. Simples palavras não poderiam descrever! Deve ser visto funcionando — disse, segurando minha mão.

— Seria uma arma de uso militar? — perguntei. — Será útil na guerra?

— Bem... não exatamente.

— É algum tipo de luxo?

— Hoje luxo, amanhã uma necessidade!

— É caro?

— Não muito, quando a pessoa percebe que poderá servir para muitas pessoas.

— Ajuda a melhorar o apetite?

— Qual deles?

— Qualquer um, seu atrevido!

— Certamente. Juro — ele riu. — Já disse, palavras não conseguem transmitir uma imagem verdadeira. A senhora tem que ver! — Ele continuou me puxando pela subida, em direção ao pátio, onde ficavam os aposentos reais.

Quando passamos pelos prédios, os guardas pareciam espiar. Quando eu devolvia o olhar de forma questionadora, eles baixavam o olhar. John me empurrava para que passasse rapidamente.

Contornamos a sala de audiências, então passamos direto pelos apartamentos, indo para salas cada vez menores. Minha curiosidade estava aumentando. Parecia que, se aquela surpresa serviria para muitas pessoas, ela deveria estar em um grande espaço público. Mas estávamos passando por todos. Quando chegamos aos meus aposentos, sentia-me completamente confusa.

Olhei ao redor de todo o quarto e não vi nada fora do lugar. A cadeira em que Elizabeth Southwell costumava se sentar continuava vazia, ela já havia deixado a corte fazia muito tempo, carregando o filho bastardo de Essex no ventre. Tantas relações desagradáveis pareciam estar em volta de Essex, com toda aquela beleza reluzente. Moças grávidas, tios libertinos, mãe e irmãs promíscuas, companheiros devassos e problemáticos.

Então, John inclinou-se e com um floreio de mão indicou que eu devia ir para o meu quarto de dormir. Eu fui. Catherine e Marjorie estavam lá, costurando tranquilamente.

— Bem? — perguntei. Ah, que não seja um bichinho de estimação, um macaco, um ouriço ou um pássaro que grita. A “invenção” era um tipo de gaiola.

Ele passou a gesticular em direção ao meu quarto mais reservado, usado para minhas necessidades mais pessoais. Ninguém entrava lá. Eu já estava irritada, aquela brincadeira já estava demorando muito.

— John, já fomos muito longe — eu disse.

— Lá dentro, aguarde!

Marjorie e Catherine vieram correndo atrás de nós, rindo.

Entrei e me deparei com uma cadeira, grande e quadrada com um assento privado e um barril suspenso por suportes por cima dele. Se alguém se sentasse na cadeira, o barril ficaria como uma cobertura acima da cabeça. Uma corrente ficava pendurada no barril.

A engenhoca era feia e completamente ameaçadora.

— John, o que é isso? Por que você destruiu meu quarto privado com essa monstruosidade?

— Veja, minha cara soberana. Isso responderá a suas perguntas. Observe atentamente e eu farei uma demonstração. Sua aversão vai se transformar em admiração — ele disse, praticamente jogando um livreto em minhas mãos, intitulado *“Um Novo Discurso sobre um Velho Assunto: Chamado de A Metamorfose da Vida Privada”*.

Folhee o livreto e encontrei detalhes de como construir a máquina à minha frente. Por todo o livreto havia alusões a heróis clássicos alternadas com diagramas de engenharia.

— Uma privada! — gritei. — Uma privada! *Vida privada!* — quando ele parou de rir de sua própria sagacidade, olhou melancolicamente para mim:

— A senhora entendeu o trocadilho? As privadas passaram por uma mudança, uma metamorfose!

— De que maneira?

— Ora, não ficarão velhas nem fedorentas, nem forçarão as pessoas a sair de casa quando o mau cheiro tomar conta. Essas privadas ultramodernas são o que há de melhor.

— Chega de trocadilhos! Diga-me o que realmente é isso?

— Ora, é um banheiro — ele disse. — Permita-me demonstrar. — Ele se aproximou do barril e abriu uma torneira conectada a um tubo que ia até a cadeira. Então, ele se inclinou e virou outro parafuso na parte de baixo. — Tudo pronto! — Uma grande quantidade de água borbulhou e, em seguida, ouviu-se um barulho.

O barulho era tão alto que podia ser ouvido na sala de audiências.

— É assim, é... na verdade, não preciso usá-lo para seu verdadeiro propósito. Como a senhora pode ver... é... a pessoa se senta aqui, usa e depois, em vez de deixar os resíduos aqui... é... ali... com a água do barril dará a descarga que levará diretamente para uma câmara coberta. A senhora... é... bem ... A senhora entendeu?

— Sim, John — fiquei um pouco envergonhada. Não sei se porque ele estava falando de coisas pessoais, ou se por causa da imagem em minha cabeça da descarga real sendo



ouvida pelos guardas do lado de fora toda vez que fosse usada.

— A senhora vai querer instalar isso em todos os palácios — ele disse. — Será uma transformação. E tudo o que eu preciso...

— É que isso leve o seu nome? De agora em diante em vez de se chamarem “privadas” chamaremos de “johnvadas”?

— Ah! Seria engraçado! — joguei a cabeça para trás do tanto que rir. — Quantas deveriam ser produzidas para sua satisfação?

— Para minha satisfação... é uma frase inadequada para essa situação.

— Acredito que seja extremamente adequada — ele disse. — E todas as suas damas... certamente acharão muito bom, pois isso permitirá que se sintam mais delicadas.

— Creio que sua invenção mostra ingenuidade, mas não estou certa de que é prática o suficiente para ter um futuro.

Ele pareceu devastado.

— O mecanismo é complicado, caro e diabolicamente barulhento, anunciando o que se está fazendo a quase cem metros de qualquer distância. Não, John, não creio que isso será algo estupendo para o reino. No entanto, como você é meu afilhado preferido, vou encomendar um para os apartamentos em Richmond Palace. Somente esses!

As damas, tanto as jovens quantas as velhas, estavam todas ali, prestando atenção e rindo.

— A senhora está vendo como estão todas ansiosas para testar? Por que comprar apenas para Richmond? — Perguntou John com toda a sua franqueza e ingenuidade.

— Gosto de testar bem antes de tomar qualquer decisão — eu disse.

— Como fez em relação ao casamento? — Ele perguntou, arqueando as sobrancelhas.

Ah, homenzinho! Que ousadia!

— Quase isso — eu disse. — E provou ser a opção mais sábia.

— Seu glorioso pai, o rei, abraçava o novo e descartava o velho com entusiasmo — ele disse. — Tenho certeza de que ele instalaria isso em todos os lugares.

— Ele tinha mais dinheiro que eu — falei sem rodeios. — E por isso ele podia bancar mais erros. Ah, John, só se tem a noção de cada centavo depois que o cobre se esvai completamente. — E agora a dura realidade do dia infiltrava-se na frivolidade que tanto apreciávamos.

O rosto dele ficou com uma expressão sóbria.

— De fato — ele disse. — E apreciamos o valor que a senhora dá a cada centavo. A senhora construiu para nós um reino seguro por causa dessa postura.

— Obrigada. Minha compra extravagante e indulgente deste ano será a privada então. Nada de joias, vestidos, nem luvas de pelica. Será a privada! Henrique IV e Filipe terão inveja de mim, sem dúvida. Pois, mesmo com todo o glamour dos franceses e a riqueza dos espanhóis, ainda assim eles têm que continuar resolvendo suas necessidades pessoais à moda antiga. A única coisa que peço a você, John...

Ele pareceu assustado e eu continuei a falar:

— ...é que mantenha todo o projeto em segredo. Não deixe vazar para o inimigo. — Só me dei conta do que falei depois que já tinha falado. Estava contaminada com seus trocadilhos. — Vá em frente — e dei um tapinha amistoso na cabeça dele.

Na tentativa de deixar o império obscuro da latrina para trás, resolvi caminhar rapidamente para fora dos apartamentos reais e pelo pátio aberto da ala superior. Era o ponto mais alto do castelo e de lá era possível se sentir mais próximo do céu, que hoje estava carregado de chuva. Desci, passando pela velha torre redonda na frente do castelo. Logo adiante estava a pérola do castelo, a Capela de São Jorge, reconstruída para ficar como era cem anos antes. Meu bisavô Eduardo IV devia ter sido enterrado ali. Mas a construção atrasou e ele morreu antes que estivesse

pronto. No entanto, seu magnífico túmulo foi erguido depois, e a construção foi feita em torno dele.

Entrei e esperei alguns minutos até meus olhos se acostumarem. Chamávamos de capela, mas tinha quase o tamanho de uma catedral, com mais de setenta e cinco metros de extensão. Atrás de mim, a enorme janela a oeste, repleta de vitrais, lançava sombras em tons rubis, safiras e esmeraldas no chão de pedra, transformando-o em uma espécie de tapeçaria. O odor da pedra antiga, transportado pela umidade do ar, envolvia-se em mim como um xale.

Andei lentamente pela nave central, passando pelo túmulo de meu pai logo no final. Os altares, totalmente em silêncio, estavam em ambos os lados. Houve uma época em que as famílias ricas tinham capelas particulares, lá suas almas poderiam receber orações dia e noite para facilitar a sua passagem pelo purgatório.

Um pagamento perpétuo era feito a um padre para que ele se dedicasse exclusivamente a esse dever. Mas, após serem consideradas superstições papistas, as capelas foram proibidas e o purgatório declarado nulo. E foi assim que as almas daquelas pessoas ficaram à mercê de si mesmas, deixando para trás magníficos túmulos e abandonando as estátuas nas capelas.

Cheguei ao coral em que ficava a Ordem da Jarreteira. As fileiras de trás dos camarotes eram reservadas aos cavaleiros da ordem e a placa heráldica de cada cavaleiro ficava pendurada sobre os camarotes, bem como as bandeiras e as espadas. Quando um cavaleiro morria, a bandeira e a espada eram abaixadas, mas a placa permanecia como um registro de todos os cavaleiros que ocuparam a banca desde 1390.

Se um cavaleiro provava ser indigno, uma cerimônia inversa era realizada, retirando-lhe a honra da Jarreteira. Durante o meu reinado, somente duas dessas “degradações”, como eles chamavam, aconteceram.

A primeira foi para Thomas Percy, conde de Northumberland, que se uniu à rebelião dos condes do

norte, a única revolta contra mim até agora. A segunda, foi para meu primo Thomas Howard, duque de Norfolk, que tentou casar com Maria, a rainha dos escoceses, quando ela era prisioneira na Inglaterra, para apoiá-la contra mim. O procedimento de degradação era mais solene. O Rei de Armas da Jarreteira, ladeado pelos oficiais de armas e o Bastão Negro, anunciava a degradação do cavaleiro. Depois a heráldica, a bandeira e a espada eram removidas, mas isso não acontecia em silêncio. Elas eram atiradas no chão, arrastadas, chutadas até a porta e depois jogadas pelos pátios do castelo, sendo por fim atiradas no rio.


Sentei-me em uma das bancadas escuras. Havia uma placa no chão, na metade da nave da capela, marcando o túmulo de meu pai. Em seu testamento, ele havia pedido para descansar “no coro, na metade do caminho entre as bancadas e o altar maior” e assim seu sepultamento ocorreu num dia gelado de fevereiro.

Há quase exatos cinquenta anos. Cinquenta anos sem ele, mas mesmo assim ele ainda guiava meus pensamentos todos os dias. Como eu queria poder falar com ele, por apenas cinco minutos, sobre as decisões que tenho que tomar para a Inglaterra. Mas não, eu precisaria de mais tempo. Precisaria de ao menos quinze minutos, os primeiros cinco para contar tudo o que aconteceu desde a morte dele, depois mais cinco para explicar a crise atual e então, somente então, pedir aconselhamento sobre o que fazer.

Tempo! Você é tão cruel. Por que não podemos resgatar quinze minutos no passado e guardar para o momento presente que se faça necessário? Quinze minutos. É tudo o que peço. Tão pouco. Tão impossível.

LETTICE  
Agosto de 1596



 clima era de fofocas. Elas voaram à frente das forças que retornavam e estavam prestes a chegar até nós em linha reta, sem os obstáculos das fronteiras nacionais, seguindo a rota de desfiladeiros e montanhas. As fofocas diziam que a vitória fora deslumbrantemente vitoriosa em Cádiz. A cidade era nossa, havíamos conquistado a cidade e a frota. E meu filho era o herói da ação, o primeiro a ultrapassar os muros em Cádiz. Apenas não sabíamos se os outros objetivos foram atingidos e quanto tesouro teria sido conquistado.

Teria que ter sido um grande negócio. Cádiz era uma cidade rica e oferecia muitas oportunidades de pilhagem, mesmo que nenhum navio de tesouro das Américas estivesse no porto. Havia rumores que cinquenta navios mercantes estavam aguardando o saque.

— Vamos celebrar! — abri duas garrafas de vinho doce. — Vamos beber o melhor vinho deles para comemorar sua derrota! Vindo do porto de Jerez! — entreguei uma taça a Shakespeare, que estava esparramado na cama. Ele se levantou sobre um dos cotovelos e pegou a taça, erguendo-

a por um momento para observá-la, dando um gole em seguida.

— O melhor — ele concordou. — Você é indulgente, condessa.

Odiava quando ele me chamava daquela maneira.

— De muitas formas, como você bem sabe.

Os últimos dois meses, com meus três cães de guarda longe daqui, poderiam ser qualificados até mesmo na Roma de Nero como uma orgia. É claro que não seria possível fazer uma orgia com apenas duas pessoas, mas Shakespeare parecia mais do que uma pessoa. Ele nunca era o mesmo de uma noite para outra, ou de um dia para outro. Perguntava-me se ele não estaria representando papéis diferentes. Afinal de contas, ele era ator.

— Você está me mimando — ele disse. — É difícil voltar a ser o simples Will, como eu costumava ser — ele colocou a taça sobre a mesa de cabeceira e levantou-se. — Agora devo ir — disse, atravessando o quarto e pegando suas roupas. — Viu? Minhas roupas num armário, em vez de amontoadas no chão, é algo muito acima do que mereço.

— Para onde você está indo agora?

— Tenho uma apresentação hoje à tarde. Tenho que correr — ele espiou pela janela para saber que horas eram.

— Não vi você decorando suas falas.

— Não preciso. Fui eu que escrevi o texto.

— A peça é sobre o quê?

— Venha ver.

Queria, mas mantive-me longe do teatro durante o verão propositalmente. Seria muito óbvio se fosse vista lá. Acima de tudo, queria manter em segredo.

— Você sabe que não posso. — Mas queria. Gostaria de vê-lo atuando, transformando-se em outra pessoa. — Fique aqui. Não vá. — Não sei por que disse aquilo. Para testá-lo?

— Não — disse, calçando os sapatos. — Você já devia saber, Laetitia.

— Só estava brincando — disse descontraidamente. — Sei que você gosta mais do teatro do que da minha companhia.

— É a minha vida — ele disse.

— É o seu amor — eu disse.

Ele me deu um beijo no rosto e, em seguida, correu escada abaixo, revelando a ansiedade a cada movimento.

— Volte depois! Quero saber de tudo!

Ele não respondeu e eu me odiei por ter dito aquilo. A porta bateu.

Lutei contra a tentação de me manter longe do teatro durante toda a tarde. Geralmente, não tenho muito sucesso ao lutar contra a tentação, mas consegui desta vez. Simplesmente não poderia ir até lá, não podia ser vista. Eu invejava a outra vida dele, a companhia de seus colegas atores, a liberdade de se tornar alguém completamente diferente, mesmo que apenas por algumas horas, por meio de seus personagens. Ele construía mundos completamente diferentes, não tinha que sair navegando para encontrar esses mundos.

“Minha mente é como um reino para mim...” Shakespeare havia recitado o poema inteiro de *sir* Edward Dyer para mim, mas eu somente me lembrava da primeira frase. E ah, sim, “Creio que as alegrias presentes superam todas as outras”, ele poderia muito bem estar se descrevendo. Mas talvez todos os poetas fossem assim e tais sentimentos fossem comuns entre eles.

O que eu sabia sobre Will Shakespeare? Ele era de Warwickshire, um homem do interior, um ninguém nos círculos aristocráticos. Tinha trinta e dois anos. Casou-se aos dezoito anos e teve três filhos. Sua esposa tinha oito anos menos. Será que talvez ele se sentisse atraído sempre por mulheres mais velhas? Ela ficou em Warwickshire quando ele veio para Londres para atuar e escrever. Conseguira que o jovem conde de Southampton fosse seu patrono e assim publicou o bem-sucedido poema “Vênus e Adônis”, seguido de “O estupro de Lucrecia”, um ano depois.

Ele atuava na companhia Os Homens do Lorde Camarista e escrevia peças para eles. Recusou todos os presentes que tentei lhe dar, como se aceitar qualquer coisa pudesse comprometê-lo. Qualquer coisa material. Palavras, sexo, com essas coisas ele se sentia bem livre. Ele nunca escreveu um bilhete sequer para mim, nunca me dedicou um poema, mas escreveu sobre mim em seus sonetos e em suas peças, embora tivesse tomado todo o cuidado para não me identificar pelo nome. Eu já havia lido muitos deles para ter certeza disso, embora ele nunca admitisse. Era tão reservado quanto um baluarte espanhol.

Um baluarte espanhol... Logo as notícias oficiais sobre Cádiz chegariam até nós. E a chegada de meu filho em pessoa e... Southampton. E meu marido. Tudo estaria acabado para mim, seria meu intervalo de atuação. Mas algo novo seria iniciado para meu filho, eu sabia. A hora dele havia chegado.

O sol cruzou na direção oeste. Os dias de verão eram longos e opressivos, o calor implacável. A peça seria encerrada. Sabia que os atores estavam infelizes com o pesado figurino. O verão tinha sido difícil para eles, se não estavam suando sob o sol, estavam encharcados sob as chuvas intermitentes. Mas Will nunca reclamava.

Naquele momento, ele devia estar na taverna com seus amigos, depois do cálculo da venda de ingressos. Discutiriam sobre a apresentação, como teria sido recebida, como poderia ser melhorada e o que estaria na pauta para o próximo dia. Já teria completamente esquecido de voltar aqui.

O mundo dele era tão mais rico do que o meu! Uma onda de inveja e raiva tomou conta de mim. O que foi que eu disse mais cedo? Ele era um ninguém de Stratford. Mas aqui o ninguém era eu. Eu não tinha um mundo fora dos estreitos confins da Essex House. Já havia perdido minha posição na corte fazia muito tempo e a própria corte me confinava, limitava, e, ainda assim, por ser mulher, não era



livre para vagar por aí à vontade. Ele, por outro lado, era a criatura mais livre do mundo. A mulher dele não o prendia e, de qualquer forma, ela estava muito longe, em Stratford. Ele podia invadir reinos, países, o passado, tudo o que quisesse em sua própria mente extravagante.

Aqui em Londres, ele poderia frequentar qualquer taverna ou qualquer lugar que quisesse. E, acima de tudo, poderia exercitar a mente, aprimorá-la com outros talentos, estendê-la até onde pudesse. Seus dias nunca eram repetições, obrigações ou deveres maçantes.

*Ah, Lettice, disse a mim mesma. Não há ninguém nessa terra que não tenha períodos da vida monótonos. A rotina da vida é dividida entre nós da mesma maneira.*

Mas eu queria poder ir à taverna e falar sobre a minha peça, ou a de alguém. Será que anseio por Will, desejando-o, por causa do portal que ele abriu, mostrando-me um mundo proibido de liberdades? Ele era minha única visão, minha única entrada para tudo aquilo.

*Pare, disse a mim mesma. Você está se afundando em autopiedade.*

Uma batida leve na porta. Ele havia chegado! Ele *tinha* que voltar! Corri até lá, abri a porta com força e vi um estranho parado.

Ele tirou o chapéu e curvou-se.

— Sou *sir* Anthony Ashley, enviado pelo conde de Essex.  
— As roupas dele estavam cinza pela poeira da estrada. — É urgente.

— Por favor, entre.

Ele me seguiu por entre as salas e conduzi-o até a sala mais retirada. A porta que dava para o quarto foi discretamente fechada. Servi um pouco de cerveja a ele e fiz sinal para que se sentasse. — Onde está meu filho? — perguntei.

— Ele ainda está no mar, mas chegará nos próximos dias — ele disse. — Ele queria que essas notícias fossem publicadas antes que ele chegasse aqui — disse, empurrando-me um calhamaço de papéis.

Abri e vi o título “O verdadeiro relato sobre a ação em Cádiz em 21 de Junho, sob o comando do conde de Essex e do lorde almirante, enviado a um cavalheiro da corte por alguém que serviu nessa jornada”.

— Mas por quê? Por que ele mesmo não apresenta?

— Pois há relatórios rivais que tentam minar seus feitos.

— Achei que havíamos vencido e que o conde havia liderado tudo.

Não aguentava mais aquilo.

— Diga-me! O que realmente aconteceu? Não sabemos quase nada.

Ele estalou os lábios, lembrando-me que havia andado muito e ainda estava com sede. Enchi novamente a taça e ele tomou tudo agradecidamente.

— Ah, assim está melhor. Permita-me contar-lhe brevemente, pois não quero afogá-la em detalhes. Sim, o que você ouviu é verdade. Mas há ainda muito mais. Tivemos sucesso ao tomar a cidade de surpresa, embora Medina-Sidonia, o antigo comandante da Armada, que atualmente tem um posto permanente na Andaluzia, viu quando nos aproximamos, a cerca de doze horas de distância, e tentou avisá-los. Saqueamos a cidade, destituindo-os de todas as suas mercadorias. Mas havia tanta rivalidade entre as nossas forças de mar e de terra que acabaram se transformando em inimigos.

“As forças de terra, lideradas por Essex, deveriam ir primeiro e retardar o ataque por mar ao grupo de navios mercantes. As forças de mar se retiraram para a distante cidade de Puerto Real, na base da península, e Sidonia ofereceu um resgate de 2 milhões de ducados por eles. O almirante Howard pediu 4 milhões e, enquanto ele estava discutindo, Sidonia ordenou que todos os trinta e seis navios deles fossem queimados. Calculamos a perda total em 12 milhões de ducados.

“Se Essex e Raleigh não tivessem competido pela glória na campanha, e Essex não tivesse tentado impedir a ação de Raleigh no mar, os 12 milhões seriam nossos. Além

disso, outra pequena frota de galés escapou completamente.”

Senti um calafrio. A rainha ficaria furiosa.

— Houve rumores sobre manter Cádiz como base inglesa permanente. Essex insistia nisso. Sei que ele deixou uma carta para o Conselho Privado sobre isso. Mas ele foi derrotado. Ele queria também parar em Lisboa, no caminho de volta, para ver se conseguiríamos tomá-la, mas foi novamente derrotado e por um exército esgotado. — Ele coçou a cabeça e continuou: — Seu marido, *sir* Christopher, se saiu muito bem, liderando um longo ataque terrestre em Faro antes de chegarmos a Lisboa.

— Bem? O que Faro produz?

— Somente livros — ele admitiu. — Da biblioteca do arcebispo. A cidade estava deserta. Eles já tinham sido avisados.

— Malditos!

— Infelizmente, apenas dois dias após navegarmos por Lisboa, uma frota com tesouro vinda da América chegou lá.

Comecei a passar mal, o calafrio foi substituído por náusea. A rainha ficaria muito mais que furiosa. Eu nem conseguia imaginar como ela ficaria irritada com tal tropeço e a perda de seu investimento, e quais punições iria infligir.

— Por isso é vitalmente importante que Essex proclame sua intenção de atacar Lisboa e enfatize que ele foi impedido de fazê-lo pelos outros. Ele não poderá ser culpado pela perda do tesouro, estimado em 20 milhões de ducados. A decisão dele estava certa, foram os outros que falharam. Raleigh já está tentando fazer circular sua própria versão dos fatos.

E ele continuou, dizendo:

— A senhora sabe como aquele homem é sagaz ao promover-se por meio da escrita. Ele é um escritor diabólico. Primeiro, transformou a luta suicida de seu primo Richard Grenville contra os espanhóis em uma lenda heroica com a publicação de “Relato sobre a verdade da Luta nas Ilhas dos Açores no verão passado” e, depois, transformou a própria

expedição infrutífera à Guiana em uma aventura sem igual em “A Descoberta do Império da Guiana e de Manoa”, local em que nem sequer esteve, e o texto foi traduzido para o holandês, latim e alemão. Não podemos permitir que isso aconteça conosco!

— Não. Não podemos — concordei. — O que você propõe?

— Farei com que isso seja impresso e entre em circulação antes que Essex chegue. Tem que parecer ter sido escrito por um soldado. Conheço um tipógrafo que pode fazer isso.

— Bom — senti que meu corpo todo parecia estar dormente.

— Esta empreitada será igualada a Crécy, Agincourt e a Armada. Foi realmente uma expedição de alcance espetacular e muito bem-sucedida. Devemos fazer com que todos percebam isso. Pois há ainda outro problema.

O que podia ser? O que mais poderia estar errado?

— As pedras preciosas, o ouro e as moedas que foram obtidos, não, ah, vou dizer de uma vez só! Os bens saqueados acabaram sendo roubado! Em vez de guardá-los para a Coroa, os homens ficaram com eles. Tenho uma missão dupla, uma em segredo, que é a de publicar a carta, e uma pública, que é a de rastrear o saque desaparecido.

— Com licença — levantei-me e fui mais do que depressa aos meus aposentos, em seguida, corri para a bacia e vomitei. Todos os bens haviam sido levados. A rainha havia sido enganada, não, melhor, roubada, por seus próprios compatriotas. O que isso tudo significaria para Robert, o líder da expedição? Limpei minha boca e inclinei-me sobre a mesa para me equilibrar. Alguns minutos depois voltei a encarar Ashley.

— Você deve correr — eu disse. — Não se demore aqui. Quando meu filho chega?

— Dentro de uma semana — ele inclinou a cabeça. — A senhora não está curiosa para saber quando seu marido chegará?

— Sim, sim, é claro, mas suponho que virão juntos.

Ele parecia estar se divertindo.

— Ouso dizer que não. Na verdade, *sir* Christopher provavelmente chegará primeiro. Ele estava em um navio diferente.

— Obrigada — disse com o máximo de dignidade que podia expressar. Ele agia como se *soubesse*.

Andei pela sala. Durante uma hora caminhei, muito nervosa, para cima e para baixo, não conseguia ficar sentada. Estava perturbada, pensando que o triunfo do meu filho havia virado uma desgraça. Estariam os Devereux amaldiçoados? Por que aqueles desastres continuavam nos perseguindo, estragando nosso sucesso? Ele teria que montar uma segunda campanha para se redimir por seu desempenho na primeira campanha. A publicação da carta era um bom começo.

Quando chegasse, teria que anunciar nas muralhas as esplêndidas e cavalheirescas aventuras para o público. As pessoas comuns adoravam os feitos ousados e valentes dos cavaleiros. Já que nunca partilhariam o saque, não chorariam a sua perda. Pelo contrário, cantariam os louvores dos homens corajosos com armas, bandeiras voando, superando muralhas em nome da Inglaterra.

Finalmente, consegui me sentar sem tremer. As velas estavam quase acabando, lançando formas oblíquas nas paredes, e os empregados já estavam todos dormindo. Lá fora, alguns poucos boêmios bêbados cantavam enquanto tropeçavam ao longo da costa e, do outro lado, dava para ouvir o som fraco de remos no rio. Abri bem as janelas, para sentir a pouca brisa, mas recebi baforadas de ar tão pesadas quanto um cesto de roupa molhada.

Naquela noite, dormiria em meus lençóis de linho mais leves e, mesmo assim, seria provável que me sentiria sufocada. Coloquei minhas roupas de lado e me preparei para deitar, perguntando-me se conseguiria dormir.

A cama estava como havíamos deixado mais cedo. Eu não havia arrumado nada. Enquanto esticava e desfazia as dobras, não estava contente comigo mesmo. *É essa a sua*

*maneira de guardar uma lembrança, Lettice?*, perguntei-me. *Outras mulheres guardam flores ou versos, você guarda uma cama desarrumada. Tola!* Bati então as cobertas.

— Você está com raiva? — uma voz logo atrás de mim perguntou. Virei-me e vi Will na porta, uma silhueta escura contrastando com a luz das velas da outra sala.

— Como você entrou? — gritei. Ele havia entrado tão silenciosamente.

— Você me deu uma chave. Não se lembra?

— Sim, sim... — A crise de Cádiz fez com que me esquecesse de tudo. — Perdoe-me, minha cabeça está uma confusão. Tive notícias sobre a expedição e não são exatamente notícias bem-vindas.

— Também ouvi. As notícias estão por toda parte, embora os navios ainda não tenham retornado. Foi o assunto na taverna. Ofuscou os críticos da minha peça, e por isso estou grato.

— Bom para você. Eu, entretanto, não tenho muito a que agradecer. Foi por isso que você veio? — Percebi que já era bem tarde.

— Deixei minha bolsa aqui — ele disse.

— Ainda bem quem não deixou a carteira — espero que tenha soado casual.

— O que há dentro da bolsa vale muito mais do que ouro para mim — ele sentasse. — Ali estão os esboços dos enredos da minha próxima peça, assim como vários rascunhos de poemas — ele deu a volta na cama, chegando próximo às cortinas. — Achei! — disse, levantando a sacola de couro de forma triunfante. — Desastre evitado!

— Você poderia, eu suponho, refazê-los — eu disse. Assim como meu filho teria que “reconstruir” sua viagem para o público.

— Provavelmente, não — ele respondeu. — Minhas primeiras ideias são as mais claras. Após isso, elas se perdem e tornam-se comuns, sem originalidade — ele deu um tapinha possessivo na sacola. — Eu também. — Ele olhou para os cômodos ao lado e comentou: — Gostaria de

conversar com você — antes que eu pudesse me mexer, ele entrou em outro quarto e não tive escolha a não ser segui-lo.

Naquele quarto vazio e grande senti-me repentinamente em desvantagem, vestida apenas com uma camisola fina, enquanto ele usava gibão e calças apertadas. Ele manteve distância, observando-me. Depois disse:

— Não devo mais voltar aqui. Isso tem que acabar.

Já esperava que aquilo fosse acontecer, em algum momento, e agora que estava acontecendo tudo o que conseguia fazer era expressar meu desânimo numa única pergunta:

— Por quê?

— Devo listar todas as razões? Certamente você já as conhece — ele não pareceu estar em nenhum momento arrependido. Aquilo me machucou.

— Sim, sei quais são — eu falei. — E concordo. Deve acabar. Não deveria nem mesmo ter começado.

— Não, não deveria.

— Você está arrependido? — Novamente a pergunta que não deveria ter feito.

— Não — ele respondeu. — Se eu disser que não me diverti, estaria mentindo. Gostei muito de tudo isso. Assim como os pobres embriagados que vemos por aí, sempre à procura do que os destrói.

— Isso não é muito lisonjeiro — foi tudo o que consegui dizer, pensando o tempo todo que ele estava descrevendo a mim, e não a ele mesmo.

— Pelo contrário, é um elogio. De qualquer forma, seu marido está voltando e também meu amigo Southampton. Dividir você com todos esses homens fere o meu desejo e, verdade seja dita, se torna uma sordidez podre. Você deve sua fidelidade ao seu marido e eu devo a minha ao meu amigo.

— É verdade.

— Assim, direi adeus. Quando nos encontrarmos novamente, será em público.

Ele ficou ali no meio do quarto, invejavelmente equilibrado.

Nenhum homem jamais me rejeitou. Era eu quem dava um basta, quem dizia todas as velhas e conhecidas frases, justamente por estar cansada.

*Tenho que fazer isso para o seu próprio bem.  
Você encontrará uma mulher que seja o seu tipo.  
O problema sou eu, não você.  
Se o mundo fosse diferente, poderíamos ficar juntos.*

— Há mais alguém — eu disse, a frase mais comum nessas ocasiões.

Ele estremeceu e falou:

— Há sempre um outro alguém, em geral, mas ao mesmo tempo, para mim, nunca há mais ninguém.

— O que você quer dizer com isso?

— Só quero dizer que, para onde quer que meu coração vá, não permito que ninguém entre, mas você conseguiu. Talvez você tenha conseguido porque era proibido. Mas, ao mesmo tempo, é por isso que tem de terminar.

Nunca me senti tão humilhada por um homem antes. Cuidei da ferida, e por fim disse:

— É claro.

Ele olhou para mim com piedade.

— Se eu disser que levarei você comigo sempre, que você inspira a minha escrita, que você vive em minha peças e versos, você acreditaria?

Eu tinha que tirar aquela piedade do rosto dele.

— Por que me importaria com isso? — respondi petulantemente. — Não é na sua escrita que estou interessada. — Era isso. Espero que isso tenha surtido efeito.


E surtiu. Por um instante, uma expressão de dor surgiu no rosto dele, mas foi rapidamente substituída pela indiferença. Melhor do que pena.



Sem dizer nada, ele se virou e foi embora, e eu o perdi para sempre.

ELIZABETH  
Agosto de 1596



 quele homem! Que nervos! — joguei o papel no chão bem à minha frente, uma carta falsa dando-me os primeiros relatos sobre a empreitada em Cádiz, destacando a bravura do conde de Essex, intitulada “O Verdadeiro Relato sobre a Ação em Cádiz”. Os aventureiros estavam de volta. Haviam atracado no início do crepúsculo, como se estivessem envergonhados de encarar os outros à luz honesta do dia.

— Paciência, Majestade — disse Robert Cecil. — Há mais notícias por vir, mas já não recebemos informações dos relatos de sucesso em Cádiz? — Ele tentava transparecer a calma, para me tranquilizar.

— Não posso confiar em nenhum deles — lamentei. — Eles contam o que querem para se glorificar.

— Todos os homens fazem isso, Majestade. Creio que seja a condição humana. Isso não significa que devemos desconsiderar tudo. — Robert Cecil balançava a cabeça enquanto remexia os papéis e dizia:

— O mais imprudente foi o relato de que o conde de Essex tentou imprimir secretamente e distribuir antes de sua

chegada. Porém, o mensageiro dele, *sir* Anthony Ashley, também tinha a missão de rastrear o tesouro que havia desaparecido assim que os navios atracaram. Um homem muito ocupado, *sir* Anthony. Pois, como se viu, estava com boa parte do tesouro que supostamente deveria encontrar. Baús foram enviados para sua casa de Londres e ele tinha vendido a comerciantes da cidade um diamante enorme que era destinado a mim. Nem o diamante nem o pagamento por ele foram recuperados. O homem era um ladrão muito esperto. Mande-o para a Prisão de Fleet e liberei-o da função do dito “O Verdadeiro Relato sobre a Ação em Cádiz” que ele estava tentando imprimir. Proibi então todas as publicações relativas à viagem, sob pena de morte.

— Onde está Essex agora? — perguntei.

— Acabo de receber um pedido dele para falar com Vossa Majestade em particular. Acredito que ele esteja aqui em Londres.

Tamborilei os dedos sobre a mesa. Eles ecoavam a chuva que também tamborilava lá fora. Rajadas de vento sopravam pelas janelas, mas fechá-las seria como estar num túmulo. Ah, era tão difícil pensar dentro daquele forno úmido!

— Não — eu disse. — Devemos recebê-lo aqui, na frente de toda a corte, da maneira mais formal. Cuide disso.

Enquanto isso, debrucei-me sobre outros relatórios incompletos referentes à missão, o que de mais concreto eu tinha até o momento. A frota desceu em um bom ritmo até a Espanha, contornando a ponta do Cabo de São Vicente antes de atacar Cádiz. Os cidadãos foram pegos de surpresa naquela manhã de domingo em junho.

Num minuto, estavam passeando na grande praça, admirando acrobatas e comediantes, e, no minuto seguinte, cento e cinquenta navios de guerra e galeões, velas brancas por todo o mar estavam caindo em cima deles. Em pânico, correram para se proteger na antiga fortaleza, no ponto mais alto da cidade.

Os comandantes ingleses então, principalmente Essex e Raleigh, começaram a lutar entre si para saber quem comandaria a primeira ação. Ir atrás, primeiramente, dos navios mercantes no porto ou atacar a cidade. Essex agiu à sua maneira e o ataque naval foi cancelado.

No momento em que foi articulado, Sidonia tinha conseguido afundar os navios carregados de tesouros, enviando-os para o fundo do mar. Tivemos certa satisfação em capturar dois de seus navios de guerra recém-construídos com nomes de apóstolos, Santo André e São Mateus, porém os outros dois, São Tomé e São Filipe, foram incendiados pelos espanhóis.

São Filipe! O rei Filipe deve ter ficado contente por seu xará conseguiu escapar do nosso alcance, isto é, se ficar contente for de sua natureza.

A batalha durou apenas dois dias. Depois, duas semanas se passaram para a captura e contagem dos bens e o incêndio da cidade. Essex deu um show cavalheiresco na execução de minhas instruções para que não houvesse violência contra ninguém. Foi até lá, desarmado, e conversou com os espanhóis. Acompanhou as senhoras espanholas até barcos seguros para transportá-las para fora da cidade, permitindo-lhes usar suas joias e transportar baús de roupas finas. As mais idosas foram acomodadas em barcos especiais.

Ele deu sua proteção a todas as ordens religiosas e deixou o bispo de Cuzco ir embora. Foi cortês e respeitoso com freiras, virgens e outras damas que mereciam respeito. Estendeu a mão para que a multidão a beijasse.

Continuei relendo as duas últimas frases, sentindo a raiva tomar conta de mim como a brisa da primavera. Então, ele havia sido respeitoso em público, com damas espanholas honradas, mas teria ele feito o seu melhor, em particular, ao deflorá-las como fez com as nossas damas na corte? E dar a mão para que as pessoas de Cádiz a beijassem, que postura descarada e que tentativa de obter popularidade!

Marquei o dia para a recepção dele na corte dali a dez dias e ordenei que todos estivessem presentes, correndo o risco de me desagradar. Enquanto isso, relatos de seu comportamento por cidade chegaram ao meu conhecimento. Ele visitou o arcebispo Whitgift e convenceu-o a anunciar um dia de ação de graças para o reino pelas façanhas da missão.

Tentando contornar as minhas ordens que proibiam a publicação de seu “O Verdadeiro Relato”, fez com que cópias escritas à mão circulassem entre seus amigos e com que cópias fossem traduzidas e impressas em francês, holandês e italiano. Ele encomendou o entalhe de um mapa de Cádiz que incluísse ele e suas ações. Mais uma forma divulgar a si mesmo sem a publicação efetiva do texto. Ele ofereceu um Saltério, tomado no saque de Cádiz, ao King’s College em Cambridge, acrescentando com um poema em seu próprio louvor à folha de rosto. Dizia o seguinte:

*...que homem nunca ouviu falar dessa terrível luta  
com a Espanha,  
Esse famoso ataque peninsular, que, sob o comando  
de um herói,  
Maior do que Hércules — vindo diretamente dos  
Pilares de Hércules!  
Ele (e em provérbios agora, seu nome personifica  
valor)  
Que é amigo e amado pelas pessoas comuns da  
Inglaterra,  
Cabeça e ombros altivos e honrados,  
Que colocou a ameaçadora Espanha em xeque, ao  
saquear Cádiz...*

Quer dizer que ele era maior do que Hércules? Cabeça e ombros altivos e honrados? Qualquer um que duvidasse que ele estivesse construindo sua autoimagem, com o objetivo de tomar o poder, era tão cego como Sansão depois de ter seus olhos vazados. Nossa única salvação é que ele não era

esperto o bastante para fazer isso discretamente, portanto, suas intenções eram simples de se ver. Sua necessidade de apelar ao público fazia com que tudo o que fizesse fosse visível.

Devo controlá-lo, antes que se torne forte o bastante para dominar. Ele era ainda vulnerável, seus rivais eram mais numerosos e mais poderosos do que ele, apesar de dizer que tinha cabeça e ombros altivos e honrados. Altivos sim, honrados não. Sua característica era pensar que os dois estavam intrinsecamente ligados, como se ser alto fosse o mesmo que ser singular. Na ânsia pelo poder, havia se tornado um brinquedo de todos.

A parte mais sinistra do poema era “Que é amigo e amado pelas pessoas comuns da Inglaterra”. *Eu* era amiga e amada pelas pessoas da Inglaterra. Eu era a mãe, a noiva, a protetora do país. Não ele. Nunca permitiria que alguém usurpasse meu lugar no coração das pessoas. Casei-me com a Inglaterra na minha coroação e, como em qualquer outro casamento, nenhum homem pode separá-lo.

Para a recepção, retornei à Whitehall, pois era o lugar mais conveniente para a reunião de todos, embora a cidade fosse um lugar sombrio naquele verão. As chuvas tinham transformado todas as ruas não pavimentadas em pântanos lamacentos, e até mesmo as ruas de cascalho estavam afundando e revertendo-se em lama. O cheiro do rio tinha diminuído um pouco, pois muitos peixes morreram e foram arrastados para longe. Ingleses sendo ingleses, sempre com grandes feitos heroicos.

Os teatros abriram as portas para apresentações, os mercados, mesmo com a produção diminuída e encharcada, permaneceram abertos, as igrejas faziam cerimônias rápidas, os cisnes foram contados e marcados. Meu povo determinado e obstinado. As tavernas tiveram uma melhora nos negócios, pessoas bêbadas vomitando nas ruas perambulavam, lutavam e cantavam durante a noite.

Deitada em minha cama, com uma janelinha aberta para que um pouco de ar entrasse, ouvia-os gritando e cantando lá embaixo, na rua. Às vezes, as músicas eram obscenas, fazendo-me rir, apesar de falarem sobre mim. Às vezes, eram belas canções, com melodias que ficavam na minha cabeça. Mas, cada vez mais o que eu ouvia eram canções louvando o conde de Essex, anunciando o carinho do povo e a esperança que tinham nele.

*Doce orgulho da Inglaterra.  
Ele é, ele é,  
Cujos poderosos feitos,  
Contam tempo,  
Para nos manter seguros,  
Ele sempre tem coragem...*

Ele sempre foi, de fato, corajoso. Lembrei-me de “*Dwi yu dy garu di*”, “Eu amo você”. Foi o que ele disse naquela viagem particular que fizemos, bem longe da corte. Mas o que ele quis dizer com a frase? E por que a dissera? Não havia nada certo sobre ele, nada em que se pudesse confiar, e ele poderia tornar-se um inimigo a qualquer momento.

Toda a corte se preparou para receber o conde de Essex na sala de audiências. Eu usava a corrente de ouro governamental deixada por meu pai. Era muito pesada e repousava sobre meu colo, o peso do ouro forçando meu pescoço. Porém, *ele* a havia usado e nunca curvou o pescoço. E eu também não me curvaria e que a soberania dele estivesse comigo agora, com a corrente para me lembrar de sua presença.

O velho Burghley e o jovem Robert Cecil estavam sentados ao meu lado e o restante do Conselho Privado estava nos bancos ao nosso redor. Um longo tapete se estendia da porta até a base do trono. Do lado oposto surgiu

uma figura alta, longas pernas delineadas contra o azul escuro do tapete.

— O conde de Essex — um arauto anunciou.

— Que se aproxime — eu disse.

Andando lentamente, sua figura elegante requintadamente vestida de azul e branco, com as plumas do chapéu agitando-se a cada passo, ele veio até mim. Por um instante, enquanto ainda estava longe, pareceu o cortesão mais bonito que eu já havia visto. No entanto, quando chegou mais perto, era ele mesmo, o mais ilusório de todos eles. Minha criança, meu galã, meu adversário.

Ele se ajoelhou sobre uma das pernas, tirando o chapéu. As plumas vibraram. A parte de cima da cabeça, com o vasto cabelo, brilhava.

— Pode se levantar — eu disse e ele obedeceu. — Bem-vindo de volta à Inglaterra, milorde. Ouvimos relatos de seus feitos, mas preferimos que nos conte agora.

Ele olhou ao redor da arena cheia de rivais e partidários. O arrogante Raleigh estava em pé, de braços cruzados. O almirante Howard estava sentado na bancada do Conselho Privado com seu irmão Thomas bem próximo a ele. Francis Bacon permaneceu quieto, fitando-o com seus olhos aguçados. George e John Carey aguardaram pacientemente.

— Começarei pelo final, que foi um glorioso sucesso! Permita-me ler uma lista de nossos objetivos cumpridos. — Ele desenrolou um pequeno pergaminho e disse:

— Primeiro, todos os navios de guerra de Filipe foram destruídos, desarmados e mandados para longe. Segundo, tomamos posse de todos os depósitos de materiais navais nos armazéns. Terceiro, a cidade, de fato, foi tomada. Quarto, os cidadãos mais importantes foram mantidos como reféns. Quinto, todos os navios mercantes e suas cargas foram interceptados, e assim nunca chegarão às Índias nem às mãos espanholas. Sexto, pedimos um resgate de cerca de 120 mil ducados pela cidade.

Todos os olhos passaram a recair sobre mim, esperando por minha resposta.



— A perda espanhola não é nosso ganho — destaquei. — Tesouro no fundo do oceano não é bom para nós. A maior parte dos bens saqueados parece ter desaparecido.

— Cumprimos o propósito mais importante da missão, que era causar insulto, danos e dor no rei da Espanha. Isso foi feito. Nós o humilhamos completamente. Mais que isso não foi possível, tomando apenas uma cidade. E, se eu tivesse feito tudo à minha maneira, haveria ainda um sétimo objetivo. Teríamos tomado Cádiz, em vez de incendiá-la, assegurando-a como posto avançado da Inglaterra e um espinho no flanco espanhol, para termos uma base permanente e interferir em suas frotas de tesouro.

— Foi uma ideia tola e corretamente rejeitada — eu disse. — Teria sido extremamente cara em questão de material humano para mantê-la, e vulnerável, estando a mais de 2 mil quilômetros de distância.

— Discordo humildemente, Majestade — ele disse. — E, se minha ideia tivesse sido seguida, e tivéssemos parado em Lisboa, em vez de irmos correndo direto para casa, teríamos ficado 20 milhões de ducados mais ricos. Perdemos a frota do tesouro por causa de quarenta e oito horas, passando direto por lá.

Havia algo diferente nele. Tentei descobrir o que era. Logo percebi, era a barba. Tinha um formato estranho.

— O senhor parece diferente — falei.

Como eu esperava, o comentário pessoal o despistou. Ele tocou a barba e disse:

— Sim, deixei crescer a barba na viagem e decidi usá-la sempre. Chamo de “corte Cádiz”.

— Parece que foi cortada na parte de baixo — eu observei. — Então, você deseja se identificar com Cádiz para o resto de sua vida? Pense melhor nisso. Estou avisando — levantei-me. — Estamos muito descontentes! Investimos 15 mil libras nessa empreitada e o que conseguimos? Nada! Uma barba à lá Cádiz? Seu vil empregado, Anthony Ashley, fez mais dinheiro do que nós! Pois ele ainda está com o dinheiro do diamante roubado, roubado de nós, da sua rainha!

— Juro-lhe, qualquer dinheiro que houver é seu!

— Sabemos muito bem que não sobrou nada! Ouvimos falar sobre as ruas de Cádiz que derramaram vinho e óleo, sobre os saques de açúcar, passas, amêndoas e azeitonas, bem como dos sinos da igreja espanhola, armaduras, couros, sedas, tapetes e tapeçarias que foram carregados para nossos navios. Mas, *sir*, tudo desapareceu.

— Foi uma empreitada de bravura e nobreza. Digna de Drake — ele insistiu.

Ao mencionar Drake, as cabeças se abaixaram, brevemente.

— Drake nunca voltaria de mãos tão vazias. Ele nunca ousaria vir até nós sem *nada*. — Respirei fundo e disse: — Além disso, o senhor procurou, de muitas formas, glorificar-se com a missão e contrariou ordens nossas expressas sobre publicação. Como ousa nos desobedecer? Pois temos autoridade para governar, e portanto, devemos ser obedecidos. Não haverá ação de graças nesta terra. — Lancei um olhar sobre Whitgift e disse:

— E nós mesmos publicaremos uma versão autorizada da missão, baseados em vários relatos. Não deverá haver outro. E, por último, estamos indignados que, mais uma vez desobedecendo às nossas ordens, o senhor tenha nomeado sessenta e sete homens cavaleiros durante a sua aventura. O senhor rebaixa a função muito facilmente, distribuindo-a como cerveja numa feira do interior. Ser um cavaleiro significa bravura por seus serviços e ações, não simplesmente ser seu amigo. Devemos retirar a nomeação deles, por Deus!

Robert Cecil curvou-se, pedindo permissão para falar. Concedi.

— Majestade, devo falar em nome das esposas dos novos cavaleiros. Creio que os homens respeitarão sua decisão, mas as esposas farão da vida deles um inferno por não mais poderem ser chamadas de *lady*.

Uma gargalhada geral tomou conta da sala.

— Você fez uma boa observação, como sempre — eu disse. — Muito bem. As damas não fizeram nada de errado e não deverão sofrer com os maus julgamentos do conde.

A barba em forma de espada de Essex tremulava.

— Ele! Ele! — disse, apontando para Cecil. — Enquanto eu estava longe, ele seduziu Vossa Majestade até que o nomeasse secretário principal, pelas minhas costas.

Ah, sim. Havia aquela questão também.

— Estamos espantados que o acuse de nos enganar, dizendo que ele não é digno do cargo. E, *sir*, ouvimos dizer que você alegou que precisávamos de sua permissão para nomeá-lo. — Estava ficando cada vez mais furiosa. Segurei a corrente de ouro, contendo-me. Meu pai tinha um temperamento forte, mas nunca deixava que ele o cegasse, ele o usava para dominar os outros. — Se isso não for verdade, então fale agora.

— Entendi que a senhora não faria tal nomeação.

— Então foi sua própria fantasia que levou a esse entendimento. Nós entendemos que você não nomearia cavaleiros sem mérito. Sou a rainha aqui e tenho liberdade para escolher quem me servirá. Pelo amor de Deus, não podemos sofrer com alguém tentando nos comandar! E isso é tudo, *sir*. Está dispensado.

Ele ruborizou-se, curvou-se, virou-se e saiu lentamente pelo longo corredor. Atrás dele, a corte estava em silêncio e assustada, depois, rompeu em uma conversação. Os cortesãos cuspiram no tapete por onde ele pisava, fechando o caminho como se fosse a água cobrindo uma vala.

— Era necessário repreendê-lo assim? — disse o velho Burghley inclinando-se para mim. — A vergonha pública pode transformar um homem em um inimigo.

— Ele vai superar — eu disse rapidamente, tentando me convencer. Ele não parecia ser do tipo que se apegava a nada, quer fossem ressentimentos ou planos.

— Eu não teria tanta certeza — ele rebateu. — Não suponha nada, sobre ninguém.

— Agora você está parecendo Walsingham. Não foi ele que disse “há menos perigo em temer muito do que temer pouco”?

— Um sábio ditado. Deus o tenha — disse Burghley ofegante. Ele tirou um lenço e enxugou o suor do rosto. Percebi, olhando por cima de sua gola, como seu pescoço estava fino, enrugado e tenso.

— Farei com que ele renuncie à sua parte nos resgates pelos prisioneiros espanhóis, restituindo-me pela perda do que foi saqueado.

— Eu não a aconselharia, senhora — ele disse.

— Ele me deve isso!

— Eu acho que, com toda a justiça, ele fez o melhor que pôde. Os outros comandantes e ele estavam em desacordo. Muitos comandantes é a receita para o fracasso ou, pelo menos, para confusão.

— Você está questionando meu julgamento ao nomeá-los? Por Deus, meu lorde tesoureiro! Só pode ser por medo ou esperança de favorecimento para considerar o lorde Essex superior a mim mesma! — Essex tinha até conseguido abalar a lealdade de Burghley a mim!

Sem perceber, havia levantado a voz, fazendo com que os conselheiros privados se virassem para me ouvir. Burghley franziu a testa e aquilo me irritou ainda mais.

— Você é um canalha! Você é um covarde! — eu disse, num tom alto o suficiente para que todos ouvissem.


— Não sou covarde — ele disse resoluto. — Mas há os que se encaixam nessa descrição e fazemos de tudo para garantir que eles tenham medo de nós e não nós dele.

Por fim, houve mais duas satisfações sobre a missão Cádiz. A agressiva participação dos holandeses na campanha marcou sua separação completa da Espanha. Senti que o dinheiro e as tropas que tinha empenhado para a luta, motivo que deu início ao esgotamento dos recursos do meu tesouro há mais de uma década, tinham finalmente trazido lucros. Alguma coisa fora conquistada, enfim. Os holandeses

protestantes eram fato. A Espanha os havia perdido para sempre.

A outra satisfação era que, com as perdas de Cádiz, Filipe não poderia pagar seus empréstimos com os bancos florentinos naquele outono. Eles divulgaram "*Il re di Spagna è fallito*", "O rei espanhol está falido", e vários bancos faliram, fazendo com que dissessem que 1596 foi o ano em que Florença e o rei da Espanha foram à falência juntos.



conteceu. A terceira colheita seguida com problemas e agora a desolação tomava conta do país. O sol brilhou tarde demais, trazendo um outubro brilhante, zombando de nós. Brilhou alegremente para os pobres que mendigavam nos portões da cidade, para os agricultores, cujos estoques já haviam acabado, e lutavam nos campos por comida. Vagabundos percorriam as estradas, ameaçando as pessoas. Marinheiros e soldados dispensados da missão em Cádiz perambulavam por todos os lugares, procurando por trabalho e comida.

Com a supervisão de Robert Cecil e George Carey, o governo traçou um plano para fornecer comida para os necessitados, mas não foi suficiente, pois nossas tentativas de comprar grãos de nossos aliados protestantes falharam. Não tínhamos como distribuir amplamente, não o suficiente com o que tínhamos armazenado para aliviar a crise. Declaramos as quartas e sextas-feiras dias de jejum, mas isso afetava apenas os ricos. Os pobres já jejuavam.

Eu estava em Nonsuch. Os dias eram magníficos, o sol brilhava como se passasse por um vidro dourado, banhando a paisagem com um brilho suave e amarelado. Os carvalhos frondosos farfalhavam suas folhas vermelhas escuras cheias de seiva, que ainda não haviam caído, e abaixo deles corria

ocasionalmente uma raposa, cuja pelagem combinava com as folhas. Porém, onde eu estava acostumada a ouvir o barulho das colheitas nos campos, havia apenas o silêncio e a lua cheia de outubro brilhava sobre os campos vazios.

Eu não estava lá nem fazia uma semana quando Robert Cecil solicitou uma audiência urgente. Ele veio rapidamente de Londres e chegou ao final da tarde. Eu estava esperando, sabendo que não poderiam ser boas notícias. E não fiquei desapontada.

— Graças a Deus que Vossa Majestade está bem — ele disse rapidamente, tirando o chapéu, dispensando a formalidade como um sacerdote papista que murmura o rosário mecanicamente.

— O que foi, meu bom homem? — ele se tornava cada vez mais e mais indispensável para mim ao passo que seu pai saía de cena. Só ele, dos jovens substitutos do Conselho Privado, era digno de quem estava substituindo. Os outros... ah... homenzinhos.

— Dois perigos graves! Um aqui em casa, outro no exterior. Aqui, houve um motim por causa da comida em Londres. Mas, mais grave é uma conspiração das multidões famintas de Oxfordshire para atacar os proprietários que fecharam os campos de pastoreio de ovelhas. Nossos relatórios dizem que as reivindicações deles os deixaram ousados, bradando que “em vez de morrer de fome, lutariam”, que “acabariam com os senhores donos das terras em vez de acabar com as cercas” e que “a necessidade não tem lei”.

— Onde em Oxfordshire?

— No centro. Eles planejam se reunir em Enslow Hill, na metade do caminho entre Woodstock e Oxford, e de lá vão marchar contra vários proprietários de terras, roubando e matando, queimando suas casas e depois vão para Rycote, para fazer *sir* Henry Norris prisioneiro antes de decapitá-lo. Depois para Londres, eles dizem.

Então, estava começando, a terrível colheita política por causa das colheitas escassas.

— Enslow Hill, você disse? — Houve uma rebelião lá em 1549. Escolher o mesmo local para a tal reunião significa tentar concluir o que deu errado na primeira vez.

— Sim, e eles escolheram o Dia de São Hugo.

Dia 17 de novembro, o dia de minha Ascensão. O simbolismo não podia ser mais forte.

— Você sabe quantos podem estar envolvidos?

— É impossível dizer quantos se juntarão a isso quando o clamor se levantar. Os líderes da conspiração são cerca de cinquenta ou mais. Bartolomeu Steer, um carpinteiro, é o líder e organizador, ele vem de uma aldeia que já foi uma propriedade monástica e está fechada para o pastoreio de ovelhas. Ele também trabalhou para *sir* Henry Norris, então tem ressentimentos pessoais contra ele também.

— É disso que tínhamos medo e esperávamos que não acontecesse — mas três anos consecutivos de colheita ruim fez com que as pessoas ficassem desesperadas.

— Estamos trabalhando para nos infiltrar entre eles. As reuniões e as comunicações acontecem nas feiras dos vilarejos. Nesse meio-tempo, podemos tranquilamente reunir as tropas. Henry Norris foi alertado e a senhora sabe que ele pode comandar apoio — Cecil falou confidencialmente, tranquilizando-me.

— O que mais? Você disse que havia duas coisas.

— A Armada, Majestade. Filipe lançou prematuramente a Armada que estava preparando para a próxima primavera. Ele ficou tão irritado com o ataque a Cádiz que jurou vingança imediata. Nossos espiões confirmaram que os nobres agradeceram a Deus de joelhos pela vinda de Essex e do almirante Howard, pois impulsionou a ação de Filipe. A segunda Armada, planejada e discutida por tantos anos, por fim zarpou.

— E os detalhes?

— A Armada está sob o comando de dom Martin de Padilla, almirante de Castilha.

— Ah, Deus! — Padilla foi general de galeões a remo com a vitória em Lepanto contra os turcos e havia defendido a



entrada de Lisboa contra o Drake na malfadada invasão de 1589. — Diferentemente de Sidonia, ele é competente.

— Há cerca de cento e cinquenta navios — disse Cecil. — O mesmo tamanho da primeira Armada, como nossa incursão a Portugal em 1589 e como a recente missão a Cádiz. Não conseguimos confirmar quantos soldados estão a bordo.

— Não esperávamos que eles saíssem para navegar tão tarde este ano. Eles deviam estar contando com isso. E, sabendo disso, também podiam contar com a dissolução da nossa frota, o que nos deixaria totalmente desprotegidos. Onde será o alvo? Onde eles pretendem desembarcar?

Ele pareceu frustrado ao dizer:

— Nossa equipe de inteligência não revelou isso. Pode ser tanto na Irlanda ou na Ilha de Wight, no Tâmis, ou na Costa Oeste, se optarem pela Inglaterra.

— Em outras palavras, em qualquer lugar!

Ele puxou sua própria orelha.

— Sim, Majestade.

Apertei os braços da minha cadeira, como se quisesse extrair a força e a firmeza do sólido carvalho inglês. Ataques internos e externos. Nenhum exército a postos e uma frota desmantelada. O que fazer? O que fazer? Devo decidir rapidamente. Cada hora era importante.

Cecil estava ali de pé, esperando que eu dissesse algo, pronto para cumprir qualquer ordem que eu desse.

— Tenho que pensar. Você pode passar a noite em seu quarto de sempre e levar minhas ordens de volta a Londres — eu havia designado aposentos permanentes a Cecil em todos os palácios para que assim ele pudesse estar perto sempre que eu precisasse. Levantei-me e disse: — Você pode usar qualquer um dos cavalos que estiverem prontos no estábulo. O outono nunca foi tão adorável e poderá até servir de calmante. Ouso dizer que você não teve tempo de ver os campos e prados pelo caminho.

Ele sorriu e admitiu:

— Não mesmo. Mas seria um bálsamo fazer isso agora. Passei muitas horas aqui dentro na mesa do conselho.

— Vai relaxá-lo — eu disse. Assim como me relaxou. — Cuidado com as constantes reuniões do conselho e nenhum exercício. Um homem precisa ver o céu pelo menos uma vez ao dia.

Depois que ele saiu, eu devia ter ouvido meu próprio conselho e ido até lá fora. Pensava muito melhor quando estava no ar fresco. Mas eu tinha que contar à Marjorie sobre o perigo em Rycote. Corri até meus aposentos e encontrei-a lendo em silêncio, com a cabeça baixa concentrada no livro.

Os cabelos dela estavam levemente grisalhos, embora as pontas ainda fossem pretas, como convinha à minha Gralha.

— Marjorie — curvei-me e peguei o livro dela com gentileza. — Você gosta de fazer isso?

Ela olhou para cima com uma expressão de quem não havia entendido. — Ah, de fato. Estou aprendendo sobre a queda de Constantinopla.

— Não há consolo na história — eu disse. — Mas agora devemos conversar sobre o presente e seus perigos. — Fiz com que se levantasse e expliquei a ela o que acabara de saber: — Acabei de ouvir que há uma ameaça contra Rycote e *sir* Henry.

— Bartolomeu! — ela gritou. — E pensar que aquela criança queria nos ferir. Ele estava sempre nos seguindo, seu pai também foi carpinteiro e trazia o pequeno Bart para o serviço. Enquanto o pai dele trabalhava, construindo estábulos e escadas, Bart se pendurava em meus joelhos e fazia perguntas. Uma vez, dei-lhe um filhote de cachorro, de uma ninhada que tivemos.

— Marjorie, ele não é mais uma criança, mas sim um homem zangado que ataca com violência. Cecil disse que Henry foi avisado, mas que talvez eu devesse mandar tropas para protegê-lo.

— Ah, não. Isso o envergonharia. Temos ainda quatro filhos vivos, todos são soldados e isso já é proteção

suficiente. Devo ir!

— Seus filhos não estão aqui, eles estão na Irlanda e na Holanda. Você não deve ir a qualquer lugar próximo. Basta dar a Bart um alvo. Se ele capturá-la, terá Henry em suas mãos também.

— Tenho certeza de que ele nunca me machucaria.

— Porque você foi gentil com ele quando era criança? O leão adulto nada se parece com o filhote. Não, você não deve ir!

Marjorie passeou pela sala, seus passos pesados ressoavam nas tábuas do piso desgastado. Ela era uma mulher de ossos grandes, gorda e alta, como devia ser uma mãe de seis filhos, todos militares, sendo um deles o mais hábil soldado da Inglaterra: “Black Jack” Norris. Sempre a considerei um soldado valente e ela já havia me acalmado em muitas crises. Mas hoje ela estava tremendo. Toquei em seu ombro e ela deu um pulo.

— Creio que enviar tropas seria prudente — eu disse. — Ao menos até que Henry consiga se defender sozinho. — Tanto ele quanto Marjorie estavam com setenta e poucos anos. Ele ainda tinha vigor ou gostava de demonstrar tê-lo, montado no cavalo logo cedo, antes de qualquer outro se levantar.

No entanto, eu acreditava que grande parte daquilo tudo não passava de postura. Ele precisaria de ajuda, nunca havia precisado antes, nem quando tinha quarenta anos. Aqueles malditos rebeldes, buscando mutilar e matar, deviam ser abafados rapidamente. Se eles acham que cometer tal crueldade com meus súditos seria um insulto a mim, então teriam uma resposta. Devemos agir com força antes que eles possam nos prejudicar.

Ela estremeceu tentando recuperar o controle.

— Sempre achei que o perigo estivesse nos campos de batalhas estrangeiros — ela disse. — Nosso lar é o lugar para onde vamos em segurança.

— Em minhas terras, essa deve ser a verdade. Isso tudo é uma aberração. — Fomos poupados das guerras religiosas

hediondas que dilaceraram a Europa — Que seja curta, eu espero. — Depois disso, contei-lhe sobre a Armada.

— Ah, minha cara — ela falou. — Problemas internos e externos.

Dei um beliscão carinhoso em suas bochechas e disse:

— Agora cumpra seu dever e me anime em relação aos espanhóis, como você sempre faz.

Ela riu, era a velha Marjorie novamente por um momento. Depois o sorriso desapareceu e ela disse:

— Temos que rezar para que outro vento inglês sopre-os para bem longe.

Sentei-me com tristeza no quarto, escondendo o rosto entre as mãos. Pedi a Catherine que trouxesse minhas joias. Teria que penhorar algumas, a dolorosa escolha tinha de ser feita. Catherine obedientemente dispôs vários cofres à minha frente, todos trancados. Ela, como guardiã das joias da rainha, tinha as chaves.

— Este contém as históricas joias da Coroa — ela disse, apontando para um cofre feito de ébano todo incrustado, com a tampa arredondada. — Este outro contém as joias do dia a dia, se é que se pode chamá-las assim. — Ela tocou no cofre de madeira de nogueira polida com detalhes em ouro. — E este guarda suas joias pessoais — era um cofre de madrepérola.

Jamais venderia as joias pessoais, as pérolas de Leicester, o pingente de esmeralda de Drake, o pingente de rubi Três Irmãos do meu pai e a pesada corrente de ouro, o colar com a inicial B de minha mãe, o broche de sapo de François. Não, nunca. Deixei aquele cofre de lado. Nem pensei em abri-lo.

Também não venderia as joias históricas. Não era possível. Elas pertenciam à Inglaterra e deviam ficar aqui para a próxima pessoa que se sentasse ao trono. Havia a coroa de ouro fino de Ricardo Coração de Leão, feita com pedrinhas azuis da Terra Santa. Havia um rubi em forma de glóbulo escuro usado por Henry V em Agincourt, herdado do

Príncipe Negro, o anel quadrado de safira da coroação de Eduardo, o Confessor, e uma cruz de ouro de Alfredo, o Grande.

Apreciava tirá-las da caixa e contar para mim mesma suas histórias, tais como a tradicional história que falava que, durante um combate pessoal com o duque d'Alençon, Henrique V quase perdeu o rubi quando Alençon o esmagou com um golpe no elmo, quase acertando-o. Nós, monarcas, gostamos de arriscar tudo, expondo nossas preciosidades em batalha.

Batalha. Foi por causa de uma batalha que tinha que vender aqueles tesouros. Batalhas em terra, na Holanda, batalhas no mar, agora batalhas em casa. *Mas Henrique V, conforme prometi, seu rubi não sobreviveu a Agincourt para ser desperdiçado agora com esse lamentável rei da Espanha.*

As joias do dia a dia... Teria de começar a me desfazer delas para continuar flutuando, como um navio afundando que joga fora sua carga preciosa para se salvar. Drake teve que fazer isso uma vez quando voltava para casa, jogando ao mar 3 toneladas de cravo que valiam uma fortuna, mas que não valeriam nada se não pudesse libertar seu navio das rochas em que ficara preso.

As especiarias flutuaram para longe e ele navegou livre. O mesmo devia acontecer conosco, pensei, tirando um delicado colar de pérolas e ouro com gotículas de safiras penduradas, um presente do embaixador da Dinamarca. Presentes diplomáticos deveriam ser os primeiros a ir embora, pois eram os mais fáceis de se desfazer. Havia pingentes com rubis e diamantes brutos maciços, brincos com pérolas de tamanho médio, nada excepcional, tanto em formato quanto em pedras preciosas. Vieram da França, Suécia e Rússia. Havia então os colares de ônix da Espanha, presenteados quando ainda tínhamos embaixadores espanhóis aqui. Os espanhóis gostam de preto, acho. Joias negras, sacerdotes de túnica preta, atos negros.

Havia pulseiras de ouro pesado, que já estavam fora de moda, presenteados por cortesãos que já haviam morrido fazia muito tempo. Elas renderiam um bom dinheiro por causa do ouro e os doadores nunca saberiam do destino delas. Broches que eram tão pesados que estragavam as roupas bordadas, broches que não prendiam adequadamente, anéis que eram muito grandes e rodavam no meu dedo, tudo isso podia ir.

Consegui juntar uma pequena pilha. Mas quantos navios aquilo me renderia? Quantos soldados poderia convocar? Em meio a tudo isso, e causando-me estranheza, estava o ovo de madeira pintado em ouro daquela feira de gansos. Sorri. Era também um tesouro, mas só para mim.

Bem, eu havia começado. Penhoraria aqueles e veria o que me renderiam antes de tomar qualquer atitude mais drástica. Tinha ainda mais terras da Coroa que poderiam ser vendidas, embora só as usaria como um dos últimos recursos.

Catherine não me facilitou nada. Ficou atrás de mim, olhando com tristeza para aquela pilha de joias reluzentes. Ela se aproximou e puxou um colar cor de âmbar:

— Ah, a senhora não vai vender isso, vai? Lembro-me quando Ivã IV mandou isso!

— Nunca gostei dele — eu disse. — A cor é muito feia.

— Mas é muito valorizado na Rússia, lá eles gostam da cor âmbar escura.

— Eles têm direito a ter suas preferências — eu falei.

— É uma pena, por Ivã.

— Que acabou sendo chamado de “o Terrível”?

— Sim, pois ele tinha muita habilidade e grandes ideias — ela disse. — Sem contar, é claro, que cortejava sua amizade.

— Bem, que descanse em paz, onde quer que ele esteja agora. — Ele ficara ainda mais insano em seus últimos dias. Em seu leito de morte, converteu-se a uma ordem monástica rigorosa e foi rebatizado como Jonas. — Acho que

ainda tenho as peles que ele me mandou. Você pode usá-las no inverno. Sei que sente muito mais frio do que eu.

— Os invernos têm ficado cada vez mais rigorosos — ela afirmou. — Todos os anos, quando a primavera chega, quero dizer às árvores para que não se apressem em deixar suas folhas caírem para que o inverno não ataque novamente.

Dei uma risada e falei:

— Assim como os espanhóis. — Levantei-me, sentindo-me enfraquecida. Deve ser por causa de toda a preocupação e inatividade, disse a mim mesma. Afastei-me da mesa. Ainda faltava uma hora ou mais para o pôr do sol. — Precisamos conversar — eu disse. — Por favor, venha comigo. Temos que encontrar Marjorie. Nós três faremos alguns exercícios.

Nonsuch era a residência de caça por excelência, sempre que chegávamos, o guardião dos cães trazia vários dos cães reais de caça. Mas, em vez de sair para caçar, permiti que as pessoas da região saíssem para caçar livremente pela propriedade real durante aquele período de necessidade.

Fomos para o bosque de Diana, uma ode à caça. Um belo bosque, com uma plataforma logo na entrada em que eu normalmente ficava para atirar, mas naquele dia passamos por lá e fomos diretamente para a floresta propriamente dita. Uma grossa camada de folhas caídas preenchia todo o chão, liberando um odor pungente e picante.

— Esse cheiro é tão característico nesta estação, isso representa o outono para mim — disse Catherine, logo atrás de nós. Ela não conseguia acompanhar o ritmo, então diminuímos o passo. O corpo roliço, envolto em luto pela morte do pai, não conseguia andar rápido.

— Alguns dizem que cravo e canela têm o mesmo odor, mas eu não concordo — disse Marjorie.

A avenida dourada brilhava diante de nós, chamando-nos atenção para o destaque central, a caverna com a estátua de Acteão, cercada por rochas e fontes. De braços dados, caminhamos pelo corredor de outono, as três lado a lado, mantendo a fé e o ritmo. Uma grande onda de gratidão tomou conta de mim, enfraquecendo-me.

Aquelas duas mulheres eram as irmãs que eu tinha criado a partir da minha própria solidão. Minha irmã na vida real nunca foi uma irmã de fato para mim, sendo que nossas mães eram inimigas. De qualquer forma, ela já havia morrido. Fiz de alguns amigos, como diz a Bíblia, mais do que irmãos. Será que eu deveria falar sobre meus sentimentos?

Assim chegamos à grande estátua de Diana, que se protegia dos olhos intrusos do infeliz caçador Acteão, com a luz do sol fugaz cobrindo seus ombros brancos, acariciando-os. Tinha olhos estreitos e observava sem piedade Acteão completamente acuado logo abaixo dela, transformando-se em presa fácil para seus cães, que tentavam dilacerá-lo por ter tentado ver a deusa nua enquanto tomava banho.

— Uma obra de arte adorável — disse Marjorie. — Mas a história sempre me deixa indignada. O homem a viu nua. Mas não foi por querer. Por que ele deveria ser morto por isso? — Ela ficou observando a estátua, desafiando-a, seu queixo saltava quando estava irritada.

— Cuidado ou ela ficará brava com você — disse Catherine com sua voz doce, tão doce quanto a luz crepuscular no bosque. — Ela é uma deusa e nunca deve ser insultada.

— As virgens são sensíveis — disse Marjorie, maliciosamente olhando para mim. — Somos mulheres casadas, então, é difícil nos insultar.

— Vocês duas têm maridos que nunca insultariam vocês — eu falei. — Nem *sir* Henry nem o lorde Charles fariam tal coisa. Creio que geralmente vocês é que desafiam a paciência deles — mas falei rindo. Afinal de contas, irmãs provocam.

— Não sou eu que desafio a paciência de Charles — disse Catherine. — O que a senhora achou da carta em que ele cortou a assinatura de Essex?

Marjorie deu uma risada.

— A pergunta é o que Essex achou disso?



Na missão Cádiz, a rivalidade entre os dois explodiu quando Howard ficou farto de Essex, sempre assinando seu nome primeiro nos documentos, de forma tão alta que ninguém poderia mais assinar acima dele, por isso ele pegou uma faca e cortou a assinatura de Essex fora.

— Ele provavelmente o desafiou para um duelo, o qual Charles ignorou — disse Catherine com um suspiro. — Ele é tão cansativo.

Um barulho nos alertou para o fato de que um cervo se aproximava. Paramos de falar e esperamos. Em um momento vi de relance o focinho do cervo e depois os ombros. Ele estava desconfiado, olhando para a caverna. As sombras estavam aumentando rapidamente e ele não conseguia discernir sobre o que o deixava mais assustado. Ele se aventurou, aproximando-se um pouco mais para beber, depois nos viu e disparou, abanando o rabo.

— Este Acteão viverá — eu disse. — A atenção serviu-lhe bem. — Olhei para cada uma das mulheres: — Vocês duas temem por seus maridos, eu sei. Um está em perigo em suas próprias terras e o outro deve defender-nos no mar novamente. Sem tais súditos tão leais, essa Diana não estaria segura. Nunca pensem que não dou valor ou que não entendo os constantes sacrifícios que eles fazem. E os seus, pela preocupação constante em nome deles e por servir-me todos esses anos, mesmo que isso signifique ficar longe deles.

Sem palavras, elas me abraçaram. Ficamos em silêncio por um momento.

Depois, como de costume, Marjorie falou:

— Bem, a senhora não é a imperatriz? Somos suas virgens vestais, embora não sejamos virgens. E ousou dizer que a senhora não teve muito sucesso em tentar manter a virgindade das mais jovens. — Ela deu uma risada tão alta que, se havia alguns cervos por lá, já teriam todos fugido.

— Um rosto bonito geralmente engana — disse Catherine. — Somente Vossa Majestade tinha tanto beleza quanto força

de vontade. Já as jovens do quarto privado... Não quero falar pelas costas delas...

— Ah, por favor, fale! — disse Marjorie. — Isso desvia meu pensamento das coisas pesadas que tenho que ponderar. Você é tão gentil, suave e tranquila que elas baixam a guarda com você.

— Elas são excepcionalmente lindas, mas parecem tão facilmente, digamos, seduzidas, como Bess Throckmorton era e Elizabeth Southwell também.

— Isso já está encerrado — eu disse. — Com ambas.

— Mary Fitton está sendo perseguida por aquele velho tio de mente suja de Essex, William Knollys — disse Catherine. — Ele assombra nossos quartos, com desculpas para poder entrar. O homem é casado, mas mesmo assim finge que não.

— A senhorita Fitton tem aquele olhar — bufou Marjorie. — O olhar que diz sim, mesmo quando está fazendo não com a cabeça.

— E Elizabeth Vernon — lembrou Catherine. — Creio que ela tem um pretendente secreto.

— Outra beleza com olhos e perfume convidativos — disse Marjorie. — Mas, na verdade, elas vêm à corte para fazer fortunas, assim como os homens. As fortunas dos homens estão em cargos e nomeações, a das mulheres em fazer um bom casamento. Não podemos culpá-las pelo que vem naturalmente.

O crepúsculo chegara e o frio estava se instalando na caverna. Tínhamos que sair enquanto ainda podíamos ver lá fora.

— Venham, minhas senhoras — eu disse.

Cuidadosamente voltamos para os jardins do palácio, observando nosso caminho. A escuridão veio tão depressa que no momento em que chegamos ao jardim de plantas “esculpidas”, não conseguia mais ver a feição de ninguém. Bem à nossa frente, tochas já flamejavam no pátio interno. As estrelas surgiam uma a uma no céu, Vênus brilhava

intensamente perto do horizonte, como se estivesse provocando todos os Acteões do mundo.

Jantamos tranquilamente nos aposentos privados, as mais jovens juntaram-se a nós. Observei atentamente a senhorita Fitton e a senhorita Vernon, mas o comportamento delas era perfeitamente adequado. Os galanteadores de sempre da corte tinham ficado para trás, aí então me lembrei do ditado “Todas as mulheres são virgens quando não há homens”. Depois do jantar, fomos entretidas por melodias doces e nos ofereceram vinhos que haviam sido aromatizados com ervas da Itália. Alguns goles seriam suficientes, pois eram muito fortes.

As mais jovens dormiram no quarto externo, Marjorie e Catherine, próximas a mim, nos aposentos privados. Como se tivéssemos mil noites ou mais, nos preparamos para dormir, elas me ajudando, entregando-me minhas roupas de dormir e levando minhas roupas de dia para serem arejadas e, em seguida, dobradas. Fui até o quarto ao lado onde havia um altar e rezei, uma pausa no final do meu dia, uma freira mantendo sua própria religião. O altar estava quase vazio, como convinha a um protestante, mas as velas piscavam em cima dele, acompanhando um pequeno vaso de rosas almiscaradas de florescência tardia e açafão do campo no lugar do crucifixo.

Estava completamente escuro agora. Conseguia até ouvir os sons dos animais noturnos, principalmente o uivo dos lobos. Os campos áridos devem estar cheios de roedores famintos, a caça seria boa para as aves de rapina. As corujas estavam cheias, mesmo que os agricultores não estivessem.

Continuei com os pensamentos que havia comentado com Catherine e Marjorie na caverna. Desde que conversamos, lembrei-me de uma passagem das Escrituras, dos Provérbios: “Há um amigo que é mais próximo que um irmão”. Catherine era minha prima, tinha meu sangue por parte de mãe. O pai do marido de Marjorie tinha, literalmente, derramado seu sangue por minha mãe,

tornando-o mais do que um parente. Ele foi um dos homens acusados de adultério com ela e foi executado.

Foi um amigo próximo e frequentador dos aposentos privados de meu pai, apoiando-o em seu casamento. Mas foi afastado por causa das provas forjadas por Cromwell contra ela. Talvez o que se passou pela cabeça de Cromwell foi algo sobre o torneio do Dia Primeiro de Maio, no qual minha mãe deixou cair um lenço que Henry Norris pegou e enxugou a testa antes de devolvê-lo. Ao prendê-lo, Cromwell prometeu poupar sua vida se ele confessasse o adultério e desse o nome dos outros que haviam participado junto com ele.

Em vez disso, Norris se ofereceu para passar por um julgamento, combatendo para defender a honra de minha mãe. Mais tarde, no cadafalso, enquanto os outros choravam, rezavam e faziam declarações de despedida, Norris estava quieto, falando pouco. Ele sabia que aquilo não valeria de nada e, possivelmente, custaria à sua família a sua herança.


Vinte anos depois, os papéis haviam se invertido, e seu filho, Henry Norris, era meu carcereiro. Durante o reinado de minha irmã, fui mantida refém em Woodstock, próximo às terras da família de Marjorie em Rycote.

Ele e Marjorie eram meus guardiões, porém guardiões gentis e amáveis. Sabíamos que seu pai havia morrido por lealdade à minha mãe e, como eu disse, isso nos tornou mais próximos do que irmãos. Os católicos dizem que há três batismos: o batismo da água, o mais comum, o batismo do desejo, fogo, um desejo feroz e comprometido, e o batismo de sangue, morrendo pela fé do outro. Há, portanto, muitas maneiras de se tornar um parente.

Cercada por essas pessoas leais, fortes e amorosas, como poderia me sentir órfã, já que, tecnicamente, eu era uma?

LETTICE  
Novembro de 1596



céu de novembro estava cinzento como chumbo, tão pesado quanto meu espírito, enquanto a carruagem trepidava ao longo do que restava das antigas estradas pavimentadas que levavam ao norte de Londres. Dirigia-me para a casa de Bacon em St. Albans. Lá iria me reunir com meu filho e seus conselheiros. Não me importava em qual lugar estivesse, contanto que fosse fora de Londres. A Essex House trazia muitas lembranças. Jamais deveria ter permitido que Will ficasse tanto tempo lá, mas foi tudo muito imperceptível.

Havia perdido interesse em Southampton, ele me fazia lembrar muito de Will, embora não fossem parecidos nem fisicamente nem no modo de ser, era como se a ausência de um tivesse feito com que seu fantasma ficasse preso ao outro. Uma ironia, já que foi para preservar seus sentimentos que Will decretara o fim do nosso relacionamento, ou fingido ser essa a razão. Talvez nem fosse.

Southampton poderia agora investir toda a sua jovial energia em Elizabeth Vernon, a quem perseguia com vigor.

Bem, felicidade aos lençóis dos dois, como Will disse em uma de suas peças. Para minha vergonha, eu tinha assistido a uma dessas peças clandestinamente, saindo de fininho antes de acabar por causa do constrangimento e prometendo nunca mais voltar.

Ah, eu sabia a solução. Encontrar outro. Incêndio a incêndio cura. Novamente citando Will. Suas palavras provavam ser permanentes, como dardos fincados em minha mente. Não tomes um veneno só porque sabes qual é o antídoto.

Olhei para Christopher que cochilava, recostado num canto da carruagem. A cada salto, sua cabeça sacudia, mas ele não acordava. Como soldado, estava acostumado a dormir nas piores condições.

Christopher murmurou alguma coisa e acomodou-se novamente, cruzando os braços. Eu sentia um grande afeto por ele, mas não desejo. Estava grata por ele ter voltado em segurança da missão Cádiz, local em que havia se saído muito bem, liderando as forças de terra tanto em Cádiz quanto em Faro. O primo dele, Charles, fora condecorado cavaleiro lá. A aventura toda foi muito boa para toda a nossa família. Mas, ah, o retorno colocara fim ao meu pecado secreto.

Christopher puxou a gola do casaco para cima, tentando proteger-se do frio. Estava com trinta e poucos anos agora, não parecia mais um garoto, e sim um homem. Seu cabelo escuro ainda era espesso e não tinha um cabelo branco sequer, e o rosto estava sempre bronzeado. Um homem atraente, mais atraente do que o garoto que havia servido Leicester nos Países Baixos. Muitas mulheres o achariam tentador. E por que eu não? Se não conseguisse mudar meus sentimentos, ele acabaria com outra.

Quando me aproximei para pegar em sua mão, a carruagem deu um solavanco terrível, fazendo com que ele acordasse. Ele abriu os olhos, viu minha mão sobre a sua e lançou-me aquele sorriso meio sonolento que sempre me

conquistava. Naquele momento, entendi que eu ainda lhe agradava.

Quando chegamos à Gorhambury House, depois de quase quarenta quilômetros, sentia-me mais do que pronta para sair da carruagem. Descemos, agradecidos por finalmente pisarmos em terra firme novamente e caminhamos ainda um pouco cambaleantes pela rua de cascalho até uma casa simples no meio do bosque de carvalhos. Um nevoeiro, dançando sob o vento de outono, encobria a fachada branca. Meu casaco recebeu um golpe de vento, inflando como uma vela ao mar.

Batemos à porta da frente, mas Anthony Bacon apareceu em outra porta, fazendo sinal para que entrássemos por lá. Era uma porta menor, mais distante da entrada principal. Corremos para lá para fugirmos do vento.

— Bem-vindos — ele disse, sua voz cadavérica ecoava pelo peito vestido de preto. Na mesma hora vi que ele não estava bem e aquilo me deixou triste. — Peço desculpas por fazê-los entrar por aqui. A outra porta não pode ser utilizada.

Tirei meu casaco e perguntei:

— Ah, está sendo consertada? É melhor que o faça antes do inverno, apesar do inconveniente.

— Nãoooo — respondeu constrangido. — Meu pai pregou aquela porta depois da visita da rainha há quase vinte anos, para que assim ninguém abaixo dela pudesse jamais passar por ali.

— Seu pai já está morto quase o mesmo tempo. Depois de tantos anos, a casa já é de fato sua. Já é tempo de abrir a porta — disse, sem pensar.

— Meu pai está morto, mas a rainha não, e ela sabe da porta — revelou Anthony. — Ela pode querer nos visitar novamente.

— Bem, é só pregá-la rapidamente de novo — disse Christopher. — Como ela ficaria sabendo?

Sempre um soldado prático. Talvez fosse melhor ficar com um homem assim do que com um poeta. Pelo menos, para a vida cotidiana.

Ele nos conduziu até a área principal da casa. Embora tivesse sido reformada e ampliada no decorrer dos anos para acomodar a rainha, ainda era pequena. O salão principal não tinha nada de grandioso, com apenas uns sessenta metros de largura e uns cem de comprimento. Meus aposentos na Essex House eram bem maiores. Agora, com a nova moda de janelas grandes para que as paredes tivessem mais vidro do que pedra, Gorhambury parecia sombriamente ultrapassada.

— Tenho vinho quente — ele disse. — Deixe-me aquecê-lo para vocês. — Foi lentamente até a lareira e segurou por alguns minutos um atiçador de brasa sobre o carvão. Quando ficou vermelho, colocou-o dentro da jarra, provocando um chiado. Serviu um pouco dentro de cada taça e depois nos entregou. Coloquei minhas mãos em volta da taça e beberiquei aquele líquido escuro, delicioso e doce. Tinha passado muito frio para chegar até ali.

— Francis chegará aqui em breve — disse, sentando-se num banco acolchoado. — E Robert está a caminho.

— Como tem passado, Anthony? — perguntei. O fato de termos chegado primeiro acabou nos permitindo um tempo maior de privacidade.

Ele deu um sorriso amarelo e afirmou:

— Nada bem, mas não piorei. Não posso me afastar de casa, embora a rainha continue me convidando para ir à corte.

Ele era chamado para a corte e não podia ir. Eu podia ir, mas não era desejada por lá: mais uma das brincadeirinhas de Deus.

— É a sua visão? Você está tendo problemas para ler? — Um problema sério para um mestre da espionagem.

— Consigo ler muito bem com bastante luz, mas além de meus olhos, tenho... ataques de nervos. — E, como se provando o que disse, deu uma risada nervosa. — Entro em



colapso em momentos inoportunos. É por isso que não posso ir à corte. Não posso arriscar que isso aconteça em público.

Isso o desmoralizaria.

— Não, você não pode mesmo — disse, dando um tapinha amigável em seu braço. — Nenhum de nós pode ir, então, mas vivemos nossa vida aqui fora. Há um mundo inteiro além da corte. Pelo menos, de acordo com os poetas. — Até mesmo meu filho havia escrito um soneto melancólico sobre ser feliz vivendo longe da corte, dizendo que ele seria “Contente entre plantas e frutas / Passando os dias em contemplação”. Às vezes, era isso mesmo o que ele sentia.

— A corte é um tédio mesmo, Anthony — disse Christopher, esvaziando sua taça. Levantou-se e ele mesmo a encheu novamente.

Uma porta bateu. Logo Francis apareceu, tirando o orvalho que havia caído de cima dos ombros.

— Está gelado lá fora — falou. — Olhou para Christopher e para mim e perguntou: — Não chegou mais ninguém ainda?

Francis pegou com prazer um cálice de vinho, tomando-o rapidamente.

— Vocês vieram pela antiga estrada romana? Vi suja carruagem. É uma tortura naquele veículo.

— Eu dormi — disse Christopher, enchendo outra taça. Quanto ele ainda iria beber?

— Eu devo estar toda machucada — comentei, friccionando a lateral de meu dorso.

— Aquela estrada é a que Boadiceia usou para lutar contra as legiões romanas. Ela deve ter ficado assim por causa dos solavancos naquela carruagem de duas rodas. Ai.

— Uma rainha ruiva lutando contra invasores estrangeiros — disse Anthony. — A história se repete.

— Espero que não — devolveu Francis. — Boadiceia foi derrotada, apesar das vitórias anteriores. Os romanos eram muito disciplinados, muito fortes e eram muitos para ela. — Ele sorriu, mas não era de felicidade. Abriu então um pequeno armário e pegou algumas pedras de funda e

cabeças de machado: — Lembranças da guerra. Coleciono-as. Elas ainda estavam onde caíram, próximas ao local da batalha em Verulamium, flechas e lanças romanas, espadas e foices britânicas. Elas contam as batalhas muito bem para aqueles que conseguem ver. Estudei para conseguir ler os sinais — disse, acariciando uma ponta de lança. — A batalha acabou há 1.500 anos, mas ainda se pode ouvir os sons daquela época.

— Não gostei do que você disse sobre disciplina, força e números — disse Christopher. — Nós, ingleses, não temos disciplina, nossos exércitos são improvisados. Sem disciplina não há força. E, quanto aos números, a Espanha é um país muito maior que o nosso. Se isso for determinante, estamos amaldiçoados.

— É apenas necessário que isso também falte ao inimigo e aí vocês estarão em pé de igualdade. No papel, os espanhóis parecem melhor do que realmente são — disse Francis. — Não se preocupe. Há um ditado que fala o seguinte: “Os franceses são mais inteligentes do que parecem e os espanhóis parecem mais inteligentes do que são”. Vou incorporar isso à coleção de citações que estou escrevendo e planejo publicar no próximo ano.

— Você fala sobre isso há meses — disse Anthony. — Elas não fazem sentido para mim. São apenas uma série de opiniões suas. Por que alguém pagaria por suas opiniões? Elas não significam nada além de sermões seculares!

— Eles pagarão porque sou quem sou — disse com uma expressão de grandeza.

— E quem é você? — perguntou Christopher. — O único título que você tem é o de conselheiro extraordinário da rainha, e não a vejo pedindo seus conselhos com frequência. Agora você está oferecendo conselhos aos outros, esperando que eles mostrem mais interesse? Como é mesmo o nome dessa coleção?

— Ensaios — respondeu. — O nome que dei ao livro foi *Os Ensaios ou Conselhos Civis e Morais, de Francis Bacon*.

— Francis Bacon, presunçoso extraordinário — retrucou Anthony. — Como tive que tolerar sua filosofia e análise a minha vida toda, não daria um centavo por isso!

— Bem, espero que outros deem.

— Eu brindarei a isso! — Christopher encheu outra taça, dizendo: — Que você fique rico e não precise do patrocínio de mais ninguém. Publicar é o caminho! Coloque uma banca de livros dentro da Catedral de São Paulo, e assim como aconteceu com Raleigh e Shakespeare, você terá sucesso.

— Sim, é lá que planejo vendê-lo — disse Francis. — Farei o que for necessário para levantar dinheiro.

— Há um mercado aquecido para as memórias da viagem Cádiz, se ao menos pudéssemos usá-las — disse Christopher. — Todos estão loucos para saber os detalhes, mas a rainha não nos deixará publicar. Pobre Robert — abaixou o olhar, fitando a taça vazia. — Pobre de mim. Eu tinha uma boa história escrita, cheia de aventuras.

Acomodamo-nos em cadeiras acolchoadas na sala revestida de madeira. A riqueza dos painéis esculpidos e do teto decorado fazia tudo ficar muito aconchegante, porém escuro. As muitas velas e a lareira iluminavam pouco, como se a própria madeira absorvesse a luz. Pouco visível na parede estava um grande retrato do pai, *sir* Nicholas Bacon. O lorde Guardião do Grande Selo da Rainha comandava seu pessoal e olhava desconfiadamente para quem o observava.

Era um homem grande e o retrato não disfarçava essa característica. Dizem que uma vez a rainha o visitou e percebeu que a casa era muito pequena para ele. Ele entendeu o recado e ampliou a casa para a próxima visita dela. Somente um homem de pouca inteligência não acataria as dicas da rainha.

Ele foi um homem grande de outra maneira também, teve muitos filhos e dois casamentos. Contudo, não conseguiu sustentar a todos. *Sir* Nicholas tentou vender parte da propriedade para garantir a herança de seu filho mais jovem e mais dotado, Francis, mas morreu inesperadamente, transformando o jovem Francis num miserável em todo o

seu esplendor. Anthony herdou a casa e generosamente dividiu-a com seu irmão, mas isso não diminuiu a tensão que é nunca ter dinheiro suficiente.

Havia, é claro, na outra parede, o retrato obrigatório da rainha. Nele, ela parecia ter vinte e cinco anos. Era o retrato oficial. Atualmente, ela havia ordenado que todos os outros retratos pouco lisonjeiros, que faziam com que parecesse velha, em outras palavras, os mais realistas, fossem confiscados e destruídos. E, assim, uma Perséfone eterna observava a todos pelos retratos em que Demetra deveria estar nos observando. Ou alguém ainda mais velho. Nunca havia percebido antes, mas não havia deuses ou deusas gregos velhos. Bem, a rainha não queria que houvesse monarcas velhos no trono inglês também.

Em frente ao retrato de *sir* Nicholas estava o de sua viúva, *lady* Anne. Ela tinha uma expressão de indiferença, como se desaprovasse a corpulência dele. O antigo termo para viúva, “remanescente”, cabia muito bem a ela.

O restante da sala estava vazio. Refletia o proprietário: um acadêmico. Solteiro. Nenhum dos irmãos jamais se casou. Situação muito sugestiva. Talvez a rainha supusesse que eram... ou que suas naturezas peculiares insinuavam algo além de apenas celibato...?

Francis virou-se e ficou olhando para mim como se conseguisse ler minha mente. Quase fiquei envergonhada. Tinha que dizer algo, então perguntei:

— Você não encontrou a rainha certa vez aqui, quando criança?

— Sim, ela me fez perguntas daquela maneira que todos conhecemos muito bem. Eu tinha mais ou menos oito ou nove anos. Foi quando ela falou sobre a casa ser muito pequena. Ela me perguntou se eu estudava grego e latim, chamou-me de pequeno estudioso e depois me perguntou o que eu considerava a coisa mais importante que um homem poderia aprender. Respondi que seria desaprender tudo o que lhe foi ensinado. Ela riu e provocou meu tutor.

— Bem, conheci-a com a mesma idade e ela não ficou tão satisfeita com o que fiz! — disse Robert parado na soleira da porta da sala após abri-la com violência. Ele tirou o manto, jogou-o sobre uma cadeira e gotas de orvalho voaram sobre nós. — Ela tentou me beijar e eu me afastei. Eu achava que ela era uma bruxa velha e louca. Agora, é claro, uno-me a todos ao louvar sua beleza — disse, tirando o chapéu diante do retrato da rainha, zombando.

Anthony pareceu ficar nervoso com a batida da porta.

— Olá, meu filho — disse. Ele respeitosa e curvou-se e beijou meu rosto — Não foi exatamente como você descreveu. — E se um empregado estiver ouvindo e fosse relatar a ela tal insulto? — Você nunca gostou de chegar perto de estranhos e não sabia ao certo quem ela era.

— Os franceses dizem que sempre há alguém que beija e alguém que permite ser beijado ou beijada, e eu digo que, naquele dia, a rainha era a pessoa que estava beijando — ele deu uma gargalhada e pegou uma das taças de vinho.

— Bem, ela não está fazendo isso agora — disse Francis, sem rodeios. — Agora é que importa, e não quando você tinha nove anos.

Robert deu de ombros, mas não parecia natural.

— Não me importo — ele disse. — As multidões me exaltam e sou aclamado por onde quer que eu vá. E isso não acontece mais com ela. As pessoas a culpam por todos os problemas.

— Existe um Parlamento para resolver os problemas — disse Francis. — Haverá uma reunião em fevereiro. A rainha não é insensível ao seu povo, você sabe.

— Você trouxe Frances? — perguntei a Robert. Ultimamente, ele parecia ter renovado o interesse em sua esposa, ou talvez fosse apenas parte do esforço para fortalecer sua reputação.

— Sim, ela está com *lady* Bacon. Na biblioteca.

Achei que devia pedir licença e juntar-me a elas, mas preferi ficar com os homens. *Lady* Bacon era tão engomada quanto suas golas altas puritanas, e tão estudiosa quanto

seus filhos, e eu via Frances o suficiente todos os dias. Quando Charles Blount chegasse, se tivesse trazido Penélope, aí então eu me juntaria às mulheres.

— Bem, homem, por que nos chamou? — disse Robert, esfregando as mãos geladas. — Pedi a alguns de nossos companheiros de Cádiz que também se juntassem a nós, logo estarão aqui, então diga logo.

A arrogância e a presunção haviam aumentado muito com a adulação que recebera do público desde seu retorno. De alguma maneira, dentro dele devia saber que é rude convidar várias pessoas para a casa de outra pessoa. Mas ele se esquivava das restrições cotidianas.

Francis colocou as mãos na cintura, como se estivesse se preparando para uma corrida.

— Você me pediu para analisar seu cargo e fazer recomendações. Já fiz. Aqui está meu relatório — disse, virando-se para pegar um envelope, entregando-o a Robert.

Com um sorriso largo no rosto, Robert rasgou o lacre e retirou o papel apressadamente. Começou a ler, tentando reconhecer a pequena letra manuscrita, e o sorriso foi gradualmente esvaindo-se de seu rosto. Finalmente, dobrou o papel, recolocou-o no envelope, prendendo-o na cintura.

— Suas recomendações não fazem sentido — ele disse.

— Como assim? — perguntou Francis.

— Para começar, você acredita que eu deveria desistir da minha carreira militar. É a única coisa que até hoje me recompensou com honras e dinheiro. Portanto, isso é como pedir ao papa que desista da missa.

— Se o papa fosse mais flexível nas missas, não teria perdido todo o norte da Europa. Aprenda essa lição. — Francis não iria recuar. — Você não consegue perceber que um súdito poderoso, que persegue glória militar, seria uma ameaça para alguém da natureza da rainha?

Robert ignorou a pergunta.

— Segundo, você diz que devo parar de apelar diretamente para o povo.

— Obviamente, esse é um desafio direto a qualquer governante, homem ou mulher.

— Terceiro, você diz que eu peço altos cargos e honras, mas não tenho o talento necessário para tal!

— Você é muito hábil em escondê-los, se os possui — disse Francis.

— Achei que você fosse meu amigo! — gritou Robert.

— Sou seu amigo, e é por isso que estou sendo honesto com você. Não disse que você não tem habilidades que se equiparam à sua ambição; disse apenas que você precisa prová-las para a rainha. Em vez de demonstrar seu mérito, você tem ataques de raiva e espera que ela o acalme. Esse jogo não funciona mais. A rainha já está farta disso. Vai chegar o dia em que ela o deixará de lado como um brinquedo sem uso. Antes que esse dia chegue, prove que não é um brinquedo. Faça isso agora, enquanto ainda há tempo.

— Você disse que eu devo desistir da carreira militar. Mas, no momento em que me afastei, a rainha promoveu Robert Cecil, dando a ele o melhor cargo. Não consigo nem mesmo obter cargos para os meus amigos. Tentei e tentei o generalato e a tesouraria para você, Francis. Sem meu comando militar, não tenho nada!

— Você tem que ser mais sutil. Se você conseguir, tudo se resolverá.

— Como? Como mais sutil? Você sabe tanto, não é? Dê-me um exemplo!

— Bem, por exemplo, você poderia anunciar que está saindo da corte para visitar suas propriedades e depois cancelar a viagem, se a rainha se opuser. Ou nomear um candidato para um cargo e retirá-lo de bom grado, caso a rainha diga que prefere outra pessoa. Assim está bem especificado?

— Parece uma simulação. Ela suspeitará.

— Se você continuar a se comportar assim, logo ira se tornar a sua marca. Ah, e pare de reclamar e insistir em

injustiças e desfeitas. Isso já passou e a rainha não mudará suas indicações. Então, contente-se com elas.

— Somente um hipócrita muda para agradar a outros — bufou Robert. — Citarei um trecho das Escrituras para você: “Pode o etíope mudar sua pele ou o leopardo suas manchas? Não, e nem eu consigo me transformar em outra criatura por vontade própria”.

— Bobagem. Você não é uma, mas sim várias pessoas. Todos somos. Podemos escolher quais de nossas muitas personalidades serão cultivadas para tal propósito. Não seja tão denso!

— Tenho que ser quem sou.

— Você tem que ser quem precisamos que seja. E tire essa barba idiota que você chamou de estilo Cádiz. Toda vez que você fala, ela abana como uma bandeira, gritando “Ei, olhe para mim, me aplauda”.

— Muito bem, Francis — disse. — Concordo. É horrível. Filho, faz você parecer um bode. — Me arrependi assim que disse. Agora, ele teria que mantê-la para mostrar que não se curvava diante de sua mãe.

— Meu queixo não é problema de vocês — disse tranquilamente. — E acredito que vocês estão todos errados em me pedir que abandone as campanhas militares. Com o fim de nosso envolvimento nos negócios franceses, estamos livres para voltar nossa atenção para a Espanha. Na verdade, farei o que estiver ao meu alcance para liderar outra missão no próximo verão, tão grande e forte quanto a de Cádiz. Além de não seguir seu conselho, planejo tomar o caminho oposto — a barba pontuda tremeu, e depois paralisou quando Robert fechou a boca com firmeza.

— Isso é uma besteira — disse Francis desapontado.

— É o que está em mim — rebateu. — É tudo o que quero, por que eu deveria parar agora?





**E**le deixou a sala da mesma forma dramática com a qual entrou. Quase esbarrou com Southampton e Charles Blount, que acabavam de chegar. Empurrando-os para dentro, murmurou:

— Façam companhia a eles, pois eu não perco meu tempo com idiotas!

Os dois homens olharam em volta como se tivessem entrado no local errado.

— Qual o problema dele? — perguntou Charles, tirando o chapéu.

— Ele acaba de encarar uma verdade desagradável — disse Anthony. — E escolheu atacar em vez de unir forças.

— Ah, foi isso — Southampton tirou o casaco, pendurando-o num cabideiro. Era um casaco de veludo marrom, que sempre realçava o tom delicado da pele. Não havia como negar, era um homem de beleza espetacular, um fauno em uma clareira iluminada pelo sol. Tê-lo em meus braços foi como segurar uma obra de arte clássica. — Ninguém ataca a verdade e sobrevive, logo ele cairá em si — disse, aproximando-se da lareira para aquecer as mãos, esticando os dedos finos e alongados.

— É muito bom nos reunirmos aqui — continuou falando.  
— Foi muita gentileza sua nos convidar para a famosa

Gorhambury, a casa da família Bacon — ele era sempre extremamente educado. A Drury House, que era de propriedade dele, poderia engolir toda Gorhambury de uma vez só.

Christopher o acompanhava com os olhos. Quando Southampton se curvou para arrumar o calçado, Christopher olhou para baixo. Quando ele se levantou, Christopher olhou para cima. Ele não sorria. Será que ele sabia? Fui muito cuidadosa, ou pelo menos achava que tinha sido. Tudo havia acabado há tantos meses e eles haviam sido companheiros de armas em Cádiz.

— Gorhambury é um local tão tranquilo que trouxemos nossas mulheres — disse Charles. — Esconder-se é sempre difícil.

A expressão de Christopher não mudava. Apesar de nós dois termos feito o mesmo antes, ele parecia não se lembrar disso.

— A bela *lady* Vernon — disse Anthony, sem demonstrar inveja. — O que a rainha acha disso?

Southampton deu de ombros e disse:

— Ela não sabe.

— Tem certeza? — perguntou Christopher ríspidamente. — O lema dela não é *Video et taceo*, “vejo tudo e nada digo”?

— Creio que estamos seguros — ele disse.

— Estávamos discutindo outros assuntos antes de Essex sair daqui abruptamente — disse Francis. — No dia da Ascensão deste ano vocês sabem se a Rainha fará as celebrações de costume, com o levante em Oxfordshire marcado para o mesmo dia e o iminente ataque espanhol?

— Ela jamais suspenderia — disse Charles.

— Então deve estar segura de que essas ameaças estão resolvidas — comentou. — Quem foi enviado para resolver a questão de Oxfordshire?

— Um dos soldados Norris — disse Charles. — Ele e o pai, o velho *sir* Henry, se sairão bem graças à rede de espionagem na região central. Um espião inteligente vale

mais do que cem bravos soldados, tornando os soldados desnecessários.

Anthony fez uma reverência zombeteira, dizendo:

— Agradeço-lhe, senhor.

— Foi ruim para você vir até aqui? Havia mendigos na estrada? — perguntou Francis.

— Havia um aglomerado deles no cruzamento do vilarejo — disse Charles. — Não foram agressivos, embora parecessem rudes.

— As cidades estão cheias de vagabundos, nem todos são pacíficos. Teremos trabalho com isso no Parlamento.

— Creio que devemos dar dinheiro a eles — disse Charles. — Não conheço nenhuma outra solução.

— Juntamente com o dinheiro, é preciso criar leis para controlá-los. Não podemos deixar que as pessoas perambularem de cidade em cidade. Cada cidade deveria ser responsável pelos próprios indigentes.

Southampton serviu-se de um pouco de vinho e disse após beber:

— Legislar é fácil, difícil é aplicar. Bem, *sir* — disse, levantando a taça na direção de Charles: — Parabéns: entrou para o grupo dos cavaleiros.

Charles fez uma reverência e disse:

— De fato. O bom conde de Essex nomeou-me em Cádiz. Assim como o bom conde de Leicester o fez no campo de batalha de Zutphen. Senhora — disse, virando-se repentinamente para mim. — Isso faz da senhora a grande dama de todos os cavaleiros desta sala, sendo esposa de um e mãe de outro, e logo toda a prole de seu filho será a terceira geração de cavaleiros.

— Isso me torna venerável — disse. — Se não, sábia.

Um silêncio tomou conta de todos assim que lembramos que nem Francis nem Anthony haviam sido condecorados. Talvez fosse verdadeira a alegação de Robert de que as promoções vinham mais rapidamente no campo de batalha do que nos conselhos de câmara.

— Leicester nomeou a mim também — disse Christopher para mim. — Parece que estamos todos em sua linhagem.

Ele estava irritado, mas eu não conseguia descobrir o motivo. Se não era por causa de Southampton, por que seria?

— Como está a temporada de teatro? — Christopher perguntou repentinamente. — Algum destaque?

— Nada demais — disse Southampton. — Mais uma temporada sem brilho. A peça sobre os jovens italianos que se matam é um sucesso, as pessoas vêm de todos os cantos para vê-la. Eles adoram quando a beleza é condenada à ruína, principalmente quando tudo se deve a um mal-entendido. Mas, além disso, nada de muito empolgante.

— Essa peça não é de Shakespeare?

— Sim, mas ele não teve muitas alegrias com o sucesso. O filho dele acabou de morrer e ele voltou para Stratford. Depois disso, tornou-se um homem diferente.

O filho dele! Eu sabia apenas que ele tinha três filhos, mas não sabia nomes nem idades. Ele se recusava terminantemente a falar sobre eles.

— Quantos anos ele tinha? — Achei que a pergunta tivesse soado casual, mas Christopher disparou um olhar fulminante para mim.

— Onze. O nome dele era Hamnet.

— Que nome estranho — disse Francis.

— As filhas dele são Susanna e Judith. Muito mais comuns.

Hamnet. Susanna. Judith. Agora, eram pessoas reais para mim. E eu não podia fazer nada, nem mesmo mandar-lhe uma carta expressando minhas condolências. Mesmo se não estivesse com medo de que Christopher me flagrasse, Will não aceitaria nada de mim.

— É muito triste — falei. Eu já havia perdido tanto um filho criança, meu filho com Leicester, quanto um filho adulto. As duas situações me machucaram de maneiras diferentes, mas a perda de um filho é quase que insuperável. Não fomos feitos para viver mais que nossos filhos.

— Ah, ele o transformará em poesia ou em um personagem em uma peça — disse Charles levemente. — Ao menos, ele poderá tirar proveito disso.

— Essa é uma observação insensível e só poderia vir de alguém que nunca perdeu um filho — rebati.

— Não quis dizer isso — ele falou. — Creio que um poeta tem sorte em conseguir transformar sua dor em algo perene e que levará uma mensagem aos outros. Só isso.

— As pessoas dão muita atenção aos poetas — disse Christopher, com um tom genuinamente ameaçador. — Algumas pessoas.

— Se você está falando de mim — disse Southampton. — Tenho orgulho em ser patrono dos poetas. Assim como os homens ricos e gordos gostam de patrocinar torneios, eu, que não consigo escrever poesia, gosto de apoiar o que admiro e não posso fazer.

— Ah, um desarmamento inteligente. Obrigada, Southampton. Você pode não ser bem visto na sociedade, mas sabe como fazer para defender a honra de uma dama.

Christopher riu, mas seus olhos não deixaram de me observar.

Pedi licença, dizendo que iria me juntar às outras mulheres. Eu queria não só escapar da vigilância desconcertante de Christopher, mas também ver Penélope, pois era muito raro encontrá-la. Por causa dela, conseguiria suportar a velha *lady* Bacon, que certamente era uma das mulheres mais arrogantes do mundo.

Elas estavam cerimoniosamente sentadas em uma sala retirada, que estava bastante aquecida. A lareira era grande em relação à dimensão da sala e aquecia muito, garantindo que nossos dedos ficassem aquecidos, ideal para cerzir. Todas tinham trazido seus bordados, a cabeça escura de Frances estava inclinada sobre suas costuras, enquanto ela trabalhava com os fios com a língua entre os lábios.

*Lady* Bacon segurava o bordado com os braços estendidos, pois tinha visão ruim e machucava-se com a agulha. Elizabeth Vernon bordava de forma delicada,

deixando a parte ainda inacabada sobre os joelhos. Minha cara Penélope olhava melancolicamente para o seu bordado. Nunca fui boa com a chamada arte feminina: bordados, tocar alaúde e dançar. As genuínas artes femininas, as que os homens preferiam, entretanto, ela dominava muito bem.

*Lady* Bacon virou-se para mim, girando a cabeça sobre aquele pescoço magro como o de um abutre:

— Então, você decidiu juntar-se a nós — disse, fazendo soar como uma condenação. — Já teve o suficiente dos homens, não é?

— Dos homens que estão aqui, neste momento, sim — respondi. — Muita política — a educada objeção feminina, balancei a cabeça como se fosse demais para mim. — Não trouxe nenhum bordado — sorri, fazendo um sinal como se estivesse me desculpando. Odiava cerzir.

— Tome — ela disse. — Você pode trabalhar na minha almofada — e jogou um pedaço rijo de material em minhas mãos, empilhando vários novelos de linha na parte superior. — Preciso de ajuda.

— É claro — murmurei. Escolhi os fios amarelo, verde-escuro e creme. O desenho era de lírios. — Boa tarde, minhas caras — disse, olhando para todo o grupo ali sentado. Lá estavam elas, as principais mulheres da minha vida: minha filha, a esposa de meu filho, minha substituta na cama de um ex-amante.

— Boa tarde, mãe — disse Penélope, abrindo um sorriso em seus lábios carnudos. Ela parecia mais contente do que jamais havia visto. Certamente, poder viver abertamente com Charles Blount fazia bem a ela. Ela havia deixado o insultante lorde Baron Rich, que era tão rico quanto o próprio nome dizia, depois de seis filhos, para viver com um homem que, naquele momento, não era nem cavaleiro. Deve ser amor, acho. Percebi que ela estava grávida. E agora seria um filho concebido pelo desejo e não por obrigação.

— É um privilégio vê-la e ver que está tão bem — disse. Tentei manter um tom de lamento em minha voz. As mães sempre querem ver seus filhos, até os que estão adultos, mas, se expressamos esse sentimento, os afugentamos. — E você, Frances. Nós nos encontramos de passagem na Essex House, mas dificilmente sentamos e conversamos.

— É verdade. Londres é tão movimentada. Esse retiro é restaurador — ela sempre teve uma predileção por Wanstead e até gostava de Drayton Bassett, o aborrecimento em si, então não estava só fingindo ser educada.

— E você, Elizabeth? O que pode nos contar sobre a corte? — Deveria haver um termo específico para a sucessora de uma amante. Talvez “amante anterior”?

— Bem tranquila — respondeu. — A rainha anda tão distraída com os rumores de ataques e pelas revoltas e incidentes no interior que a maioria das atividades habituais foi suspensa — ela olhou para mim, tinha olhos escuros aveludados que me convidavam a falar mais. Foi a primeira vez que verdadeiramente entendi o significado dos olhos de Anna Bolena: diziam que eles “convidavam à conversa”. Com olhos como aqueles, a conversa era apenas o início.

— Você deve estar entediada, então — comentei.

— Nenhum pouco, pois ela me deu permissão para sair e isso significa que posso passar mais tempo com Henry — levei alguns segundos até perceber que ela falava de Southampton. Henry. Nunca pensei nele como um Henry. Ele merecia um nome como “Adonis”, como no poema dedicado a ele. E ali estava sua Vênus. Delicada, sedutora, com o perfume da juventude. Pisquei e curvei-me sobre o bordado. Há um momento em que a experiência não pode substituir a juventude, por mais inexperiente que seja. O mais fino e nítido outono não pode prejudicar a supremacia da primavera. O vermelho-escuro não tem o encanto do delicado rosa.

Deixei os lamentos de lado e agradei aos deuses pela costura que me permitia desviar o olhar sem suspeita.

Quando olhei para cima, estava recomposta novamente.

Nosso quarto ficava na ala oeste da casa, o lado construído para a rainha. Tinha bom gosto, mas não era elegante, todo mobiliado. Era o quarto de uma velha senhora. Uma cama escura, com dois suportes para um dossel pesado, encaixado bem no canto, com uma escrivaninha e duas cadeiras almofadadas debaixo de uma janela. Percebi que os lírios das almofadas eram os mesmos do bordado em que trabalhei, *lady* Bacon devia estar substituindo os forros de todos os quartos. Um espesso tapete, surpreendentemente luxuoso, cobria o chão entre a janela e a cama. Havia muitas velas acesas. Por mais que estivesse sem dinheiro, a família Bacon não queria dar a impressão de falta de dinheiro.

Christopher abriu a janela e uma rajada de vento de chuva invadiu o quarto.

— Você pode fechar, por favor? — Tentei soar simpática. No entanto, queria estar em qualquer lugar, exceto ali com ele naquela noite. A cela de uma freira parecia-me muito mais agradável. *Lettice, não há mais freiras na Inglaterra* — lembrei a mim mesma. *Somente Sua Majestade*.

Ele bateu a janela com toda a força. Bebera a noite toda, durante o jantar, e agora os movimentos atrapalhados e o rosto corado davam-me a certeza de que ele estava bêbado. Bem, que durma logo. Depois de dormir, vai levantar como o velho Christopher que eu conhecia. Não estava gostando nada daquele homem.

— Você se divertiu entre as mulheres? — ele disse.

— Sim — respondi. — É sempre bom ver Penélope.

— A filha mais parecida com a mãe — disse num tom rouco e sarcástico.

— Nunca fui tão bonita.

— Mas seu comportamento era parecido. Quem substituirá Charles, pergunto-me? Meu primo de confiança.

— Ninguém o substituirá. Eles são muito dedicados um ao outro — talvez eu devesse inventar uma desculpa para sair



e, quando voltasse, ele já teria dormido.

— Assim como você é para mim? — em vez de deitar-se na cama, ele veio até mim e segurou meu pescoço com as duas mãos.

Olhei fixamente para ele. Não conseguia ver bem seus olhos com a luz fraca.

— Sim. Assim como sou para você.

— Ou era. — Não me pareceu bravo, apenas cansado.

— Por que você teria dúvidas?

Ele me soltou e foi em direção à cama, abrindo as cortinas do dossel, sentou-se na beirada da cama com as pernas balançando, como um menino — Todos os homens em Cádiz se perguntavam o que suas mulheres estavam fazendo enquanto eles estavam distantes. Quanto mais adorável a mulher, maior o perigo.

O alívio tomou conta de mim. Ele estava falando de forma geral, não com suspeita.

— Como todos os homens estavam distantes lutando, eu diria que havia pouco perigo em casa. Que tipo de homem tinha ficado para trás? Somente os velhos, os enfermos e os incapazes.

Caminhei até ele, quase tonta com a sensação de alívio. Ele não sabia. Ele não tinha como saber. Nunca mais farei aquilo novamente.

— Passei todas as noites com você, em meus sonhos e pensamentos — sua vulnerabilidade fez com que eu quisesse tranquilizá-lo. Curvei-me e beijei-o. Pela primeira vez desde a sua volta, eu realmente desejei seu beijo. Pela primeira vez, os lábios eram realmente os dele e não a lembrança de outra pessoa.

Ele era um homem bom, um homem para ser estimado. E eu o estimaria. *Eu aceito, prometi. Não mereço você, Christopher, mas farei o possível para merecê-lo.*


Minha promessa era sincera. Mas de que valem minhas promessas?

Na manhã seguinte, enquanto nos preparávamos para sair, tivemos que passar por cima de todos os homens espalhados pelo chão, cobertos com suas capas, pernas esparramadas, roncando e murmurando. Eu conhecia alguns deles, os veteranos de campanha *de sir* Charles Danvers, um amigo briguento de Southampton, *sir* John Davies e *sir* Ferdinando Gorges e os nobres como o esbanjador Roger Manners, conde de Rutland, com seu cabelo espetado, e Edward Russell, conde de Bedford, dormindo como um anjo, Thomas Radcliffe, conde de Sussex, William Lord Sandys, o católico William Parker, lorde Monteagle, o secretário de Robert, o erudito grego Henry Cuffe e o galês Gelli Meyrick.

Cuffe não parecia muito erudito e os nobres não pareciam tão nobres.

ELIZABETH  
Dezembro de 1596



 Quanto mais desagradável o tempo, mais eu apreciava estar ao ar livre. Sentia toda a névoa cortante atingindo meus lábios enquanto montava a cavalo em Greenwich Park, do outro lado do rio dava para ver o melancólico tom marrom acinzentado da Ilha dos Cães. Faixas fantasmagóricas de nevoeiro pairavam sobre a água, flutuando em direção ao mar.

Era aquela época do ano em que todo casal se aninhava em suas casas em frente à lareira, e neste ano em particular fariam isso com parques estoques de alimentos para enfrentar os meses de frio que viriam. E lá estava eu observando, como vinha fazendo nas últimas semanas, perguntando-me quando o primeiro farol seria aceso no rio. Em dias enfadonhos como aquele, o brilho do farol seria fácil de ver.

Não havia nenhuma palavra sobre o paradeiro da Armada, embora acreditássemos que seu primeiro destino fosse a Ilha de Wight e depois o Tâmesa, em Londres. Aumentamos a guarnição em Wight e preparamos o material bélico de

todas as defesas costeiras, uma milícia de 24 mil soldados dos condados do sul foi chamada para defender a costa.

A marinha foi equipada e posicionada ao longo do Canal. Próximo a Londres, os navios foram despachados para guardar a entrada do Tâmesa em Tilbury. Outros foram posicionados como navios de observação de Sheerness até Chatham, o Castelo Upnor nas proximidades foi reforçado com um contingente extra de soldados. No caso de uma represália espanhola contra a nossa frota, em vingança ao que houve em Cádiz, o almirante Howard ordenou que Raleigh salvaguardasse a frota no ancoradouro.

Tínhamos ouvido falar na preparação da Armada, sobre as orações feitas nas igrejas espanholas para o seu sucesso, cantando o salmo "*Contra Paganos*" (Contra os pagãos), nas igrejas em todo o país. Olhei para o céu, um turbilhão tempestuoso. Veríamos, literalmente, o caminho para o qual os ventos sopravam. Seriam ventos protestantes ou católicos? Trariam a Armada para nossa costa ou a destruiriam como já haviam feito antes?

Pelo menos, estávamos a salvo da insurreição dentro de casa. O levante em Oxfordshire nunca acontecera. Steer e seus seguidores foram incapazes de convencer pessoas suficientes para se juntar a eles, apesar do grande recrutamento no interior. No Dia de São Hugo, fracassaram ao partir e foram facilmente presos e levados para Londres, onde aguardavam o julgamento.

No final, apesar das reclamações das pessoas, não estavam dispostas a arriscar a vida para atacar latifundiários. Alguns diziam que participariam, contanto que apenas as propriedades fossem destruídas e não as pessoas, mas, quando a conversa mudou para assassinato, não queriam mais fazer parte dela. A maioria dos homens envolvidos era composta de jovens, desempregados e sem família, em outras palavras, sem nada a perder.

No entanto, o dia da minha Ascensão, além da minha decisão corajosa de me expor em público, foi um dia tranquilo para mim. Saber que o dia em que as pessoas

havam se alegrado pela minha chegada ao trono, trinta e oito anos atrás, tornara-se o dia escolhido pelos descontentes para se expressar pesava sobre meu espírito. Para cada pessoa que havia participado da rebelião, devia haver milhares de simpatizantes. Sabia que teria de abordar esses descontentes, então liguei para o Parlamento convocando uma reunião em breve.

O vento, limpo e pungente, era bem-vindo após as manifestações forçadas e conservadoras na corte, e o tempo conturbado me fazia lembrar que nossas tempestades interiores eram pequenas. A mão poderosa de Deus parecia estar correndo os dedos pelo céu.

Minhas mãos estavam dormentes dentro das luvas de pele. Fiquei um bom tempo no topo da colina, observando a grande curva preguiçosa do rio e o horizonte de Londres ao longe, estendendo-se por toda a costa.

Espere um pouco! Aquilo era um feixe de luz? Será que vi uma luz vermelha numa montanha distante? Esperei mais um pouco, mas ela não voltou a brilhar. Deve ter sido um reflexo. Assim que me virei para voltar a Greenwich, vi um cavaleiro se aproximando. Sentado em seu cavalo, sem pressa, de chapéu baixo.

— Francis! — Era meu ardiloso conselheiro.

Ele tirou o chapéu e fez uma reverência, aproximando-se. Tinha um bom cavalo baio. Perguntei-me se era dele, mas provavelmente devia pertencer a Essex.

— Majestade — ele disse.

— Uma companhia inesperada — comentei. Outros teriam me encurralado num banquete ou festa de Natal, mas ele escolheu um local reservado como aquele. Sempre muito inteligente.

— Saí para cavalgar no parque e achei ter visto a senhora. A maneira como monta e ajeita sua sela são inconfundíveis.

Como todos os bons bajuladores, ele sabia que o melhor elogio era exagerar a verdade. Eu era mesmo uma boa amazona e tinha boa postura.

— Obrigada, Francis. Faz tempo que não o vejo na corte.

— Faz tempo que a senhora não solicita meus serviços, mesmo que modestos — disse, recolocando o chapéu, baixando-o para encobrir as orelhas. O vento batia na bainha da sua capa.

— Infelizmente, não tenho necessitado de aconselhamentos relacionados à sua área de conhecimento.

Ele sorriu e indagou:

— Tem certeza? Já não falei que o meu conhecimento abrange todas as áreas?

— Sim, você disse e sei que está conquistando novos territórios todos os dias, você é um verdadeiro Alexandre, o Grande, do conhecimento. Mas as questões sombrias e tristes com as quais tive que lidar, súditos descontentes, outro ataque do meu eterno inimigo Filipe, não exigem análise, e sim uma simples ação — fiquei esperando que ele me recomendasse Essex, seu empregador, para a tarefa. Eu havia chateado Essex desde seu retorno de Cádiz e acabado com a acolhida do herói. As pessoas ainda cantavam suas glórias, mas já estava diminuindo.

— Entendo — ele disse. — Fico grato em saber que o perigo dentro do reino tenha sido superado e espero que o mesmo possa ser dito dos perigos fora dele — afirmou, olhando em direção à cidade. — Que ela fique segura!

— Como você está, Francis? — perguntei. Ele parecia bem, mas certamente tinha algo em mente. — E Anthony? Fico desanimada por nunca ver seu irmão. Às vezes, penso que ele é um fantasma, ou um substituto seu. Existe mesmo um Anthony Bacon?

Francis deu uma risada e afirmou:

— Ele existe, mas está doente. Tudo nele está se esvaindo, exceto a mente. Ele tem que proteger o corpo para assim salvaguardar a mente. É uma joia envolta em carne fraca.

— Como todos nós — uma lembrança desnecessária. — Por que você veio, meu bom homem? Percebo que não foi para ver o rio comigo.

— Confesso que quis encontrá-la a sós e num lugar que não envolvesse lembranças de tempos passados. A senhora diz que valoriza meus conselhos, e por isso apresento-os a vós e os ofereço de forma que possa consultá-los quando lhe for conveniente, pois estarão sempre à mão. — Ele abriu a bolsa no selim e tirou um livro: — Escrevi tudo o que sei.

Peguei o livro e olhei.

— E só deu isso? Não é possível.

— Tentei ser sucinto — respondeu. — Escrevi instruções para pessoas que possam precisar, mas, acima de tudo, foi um exercício para mim mesmo. É difícil captar a essência das crenças e dos conhecimentos de alguém. Tratei de um assunto por vez.

Não consegui abrir o livro por causa do vento forte e das luvas.

— Não vejo a hora de analisá-lo. Você inventou um novo produto: um conselheiro invisível.

— Alguns dizem que as Escrituras agem dessa forma, mas meus conselhos são sobre questões práticas, como costume e educação, juventude e idade, deformidade, construção, jardins e negociação. Ensino seguidores e amigos a discernir sobre a raiva, as facções. Ah, e quanto aos acontecimentos recentes, há um ensaio sobre “insubordinações e problemas”.

— Conte-o para mim. Faça um resumo, preciso disso.

— Citarei um trecho: “O caminho certo para evitar insubordinações consiste em afastar sua causa. Pois, onde há combustível, é difícil distinguir a origem da fagulha que poderá atear fogo. Há dois tipos de insubordinações: muita pobreza e muito descontentamento”.

Ele falou clara e diretamente. Olhei para ele, para aquele homem sombriamente enigmático que era inteligente de tantas maneiras, mas que não tinha um lugar certo para aplicar sua sabedoria.

— Bem observado e dito. Foi por isso que convoquei uma reunião no Parlamento para a próxima semana, para eliminar a causa que quase ateou fogo em Oxfordshire.

Planejo introduzir leis de pobreza para lidar diretamente com isso. Suponho que você estará com os Comuns, certo? Precisarei de sua ajuda.

Ele sorriu e disse:

— Sim, planejo concorrer e espero ser eleito. Percebi, recentemente, que Essex não precisa constantemente dos meus serviços. Posso passar o tempo que for necessário na próxima reunião do Parlamento.

Então era aquele o verdadeiro anúncio. Ele havia cortado laços com Essex. Separaram-se por alguma razão. “Cortar laços” era forte demais, afrouxara-os e estava procurando emprego em outros lugares. Por que teriam discordado? Será que Francis se cansou de dar conselhos e ser sempre ignorado? Será que Essex estava planejando algo que Francis não toleraria?

— Entendo. Posso então contar com você para apoiar minhas medidas? — Não como da última vez, quando votou contra meu pedido de subsídio.

— Se estiver no alcance da minha consciência, é claro que sim, Majestade — ele disse.

— Nunca traí minha consciência e não exigiria isso de outrem — enfatizei. O que teria acontecido entre ele e Essex? Como eu poderia descobrir? Perguntar diretamente a Francis não resolveria. Tenho que encontrar outro meio, outro informante.

O Natal foi particularmente sombrio. Às vezes, dezembro pode ser brilhante e frio, mas, naquele ano, estava escuro e molhado. Combinava com meu humor, igualmente sombrio e úmido. Mantivemos as festividades em Richmond e nada que pudesse diminuir as comemorações da época foi deixado de lado. Os coristas cantaram melhor do que nunca, as serenatas foram mais entoadas que o normal e as peças provocaram mais risadas do que em qualquer outro ano.

No entanto, sentia o tempo todo que estava fingindo em benefício dos outros, como uma mãe que parece alegre



diante de seus filhos, mesmo estando desesperada para colocar comida na mesa.

A trégua genuinamente brilhante veio quando o índio de Raleigh foi batizado, recebendo um nome em inglês, Percival. O arcebispo Whitgift presidiu a cerimônia na Capela Real e Raleigh foi o padrinho. Percival, usando casaco e calças inglesas, repetiu as promessas em palavras claras, mas carregadas de sotaque. Ele estudou o ano inteiro, cada vez mais integrado à corte, e recebê-lo em nossa companhia foi um momento comovente. Depois de tudo, fiz uma recepção para celebrar a ocasião.

Todos se reuniram para parabenizá-lo e fazer perguntas sobre sua terra natal. O parceiro de Raleigh, Lawrence Keymis, tinha acabado de voltar da tribo Orinoco e teve o prazer de fornecer mais detalhes sobre a terra e o ouro indescritível, do qual chegou perto de localizar, ou assim dizia.

— Estou prestes a publicar minhas descobertas em *Relato sobre a Segunda Viagem à Guiana*. Será quase como quase estar lá — ele nos garantiu.

Raleigh ficou ali ao lado, orgulhoso e balançando a cabeça em concordância.

— Espero voltar logo — disse. — Mas, primeiro, há a questão da viagem aos Açores para ser resolvida, finalizando o que começamos em Cádiz.

A empreitada aos Açores era um ponto delicado para mim. Raleigh falava a verdade. Os aventureiros, não contentes com uma missão, clamavam por outra.

— Você sofreu uma lesão e ainda está mancando — falei. — Espere até curar para que possa sair em busca da próxima.

— Se esperarmos todas as feridas se cicatrizarem, nenhum de nós andará novamente — disse ele. — Isso aqui não é nada.

— Percival — ele se juntou a nós e fez uma reverência. — Obrigada por vir — ele disse para mim.

— O prazer é todo meu em receber um novo e bom cristão — disse. Ele permaneceu com uma postura ereta, a pele bronzeada não desapareceu com nossos dias sem sol. Ao lado dele, Raleigh parecia pálido e de meia-idade, apesar do novo e esplêndido gibão de veludo azul. — Espero que se sinta em casa aqui.

— Um dia voltarei — ele disse. — Para ver meu pai. Mostrar a Raleigh o lugar do ouro. Por enquanto, gosto da Inglaterra.

O cabelo dele era preto e brilhante de uma maneira que nunca vimos entre nosso povo, nem dentre os espanhóis, e o nariz era fino como o dos imperadores romanos. Era mais alto que Robert Cecil e tinha a mesma altura de Raleigh. Uma bela raça de homens, os índios de Orinoco. Essex seria o mais alto, mas não estava presente, pois ainda se escondia da corte.

Enquanto estávamos na celebração de Percival a bendita notícia chegou até nós: Deus havia provado uma vez mais ser protestante. Ele havia soprado os ventos da tempestade contra um galeão da Armada assim que contornou o Cabo de Finisterra, “o fim do mundo”, na ponta ocidental da costa espanhola, dispersando a frota, dirigindo-a para a praia e destruindo cerca de quarenta dos melhores navios de guerra. Os poucos que sobraram não eram suficientes para preparar outro ataque naquele momento do ano. Abraçamos e homenageamos o mensageiro e ordenei que mais vinhos da adega do palácio fossem abertos.

Naquela noite, todos poderiam beber quanto quisessem, com a minha bênção.

A frota espanhola estava destruída! Estávamos seguros! Sentia-me tonta de alívio e dancei livremente como não fazia nos últimos meses.

Meus pés doíam. Não dançava com aquela intensidade fazia tanto tempo que acabei fazendo com que meus pés se esquecessem do formato dos meus sapatos. Tirei os sapatos e Marjorie pegou-os para ver.

— Eles parecem pequenos — ela disse diplomaticamente.

— Talvez, quando os usei na chuva, tenham encolhido — eu disse. Eu queria mergulhar meus pés na água morna antes de me deitar, para que pudessem se recuperar antes do amanhecer. Sentada num banquinho com a água em volta das minhas panturrilhas, eu disse a Marjorie uma vez mais quanto estava agradecida pelo levante de Oxfordshire ter desmoronado e por Henry estar seguro. Ele veio para a corte no Natal, deixando Marjorie muito feliz. Dei um quarto a ele próximo aos aposentos reais para que ela pudesse passar algum tempo com ele.

Ele era forte e estava ficando cada vez mais forte. Perguntava-me por que aquilo sempre acontecia, as pessoas de meia-idade engordavam e, quando ficavam bem velhas, diminuía. Talvez fosse um bom sinal quando a pessoa continuava corpulenta ao envelhecer.

— Houve poucos distúrbios durante seu reinado — ela disse. — Isso é único na história inglesa. Significa que você agrada e muito às pessoas.

Sim, de fato. Mas agora, quando eu andava por aí, havia silêncios tristes e nada de aplausos, e às vezes eles ainda louvavam Essex nas ruas.

Catherine trouxe uma toalha grossa:

— Quando estiver pronta — ela disse, segurando a toalha.

— Charles pode se juntar a nós na corte agora — eu falei. — Ele está livre para atracar seu navio de guerra e desembarcar. Sei que você quer recebê-lo — tinha em mente promover Charles, mas não queria contar agora. Estava na hora de conceder-lhe um novo título. Fazia tais concessões moderadamente, pois era certo que atraíam atenção. Simplesmente sorri, mantendo meu segredo.

— Deus foi misericordioso conosco novamente — ela respondeu. — Certamente Filipe desistirá agora. E, sim, estou muito contente por ter meu marido de volta.

Gesticulei em direção ao quarto das damas, onde as meninas mais jovens estavam dormindo debaixo de sete chaves:

— Sem dúvida que elas também ficarão felizes em ter seus pretendentes de volta — eu disse. Eu sabia que elas os tinham. Era o fato de ser sorrateiro e sigiloso que eu abominava, e não os próprios pretendentes. Por que não entendiam isso?

— Vou ler um pouco — eu falei. — Vocês não precisam me esperar. — Não havia necessidade de me esperarem enquanto eu lia tranquilamente. Sentei-me em minha cadeira mais confortável e trouxe duas velas para a mesa ao lado, enquanto Marjorie pedia licença para juntar-se a Henry e Catherine preparava sua cama.


No entanto, antes disso, ela foi pé ante pé até a pequena sala em que a formidável latrina havia sido instalada, e fez bom uso dela. Todos haviam adorado o modo de funcionamento, mas o barulho nos constrangia. John Harington, que estava na corte esta temporada, contava vitória por sua invenção e estava ocupado tentando promovê-la.

Os ensaios de Francis Bacon, como ele os chamava, pareciam uma bandeja de doces, pequenos, do tamanho de uma mordida, tentando o leitor a consumi-lo um após o outro até se transformarem numa confusão. Escolhi um por vez, tentando impor um limite, selecionando-os por título. Havia mais de cinquenta. Hoje, “Das Vicissitudes das Coisas” chamou minha atenção.

— É certo que a matéria está em fluxo perpétuo e nunca está estagnada. As grandes mortalhas que enterram tudo no esquecimento são duas: dilúvios e terremotos. — A Inglaterra era duplamente abençoada então, por não sofrer com nenhum dos dois. Continuei a ler. Ele falava sobre a derrocada de um grande império e dizia que era sempre acompanhada por guerras. Ele mencionou especificamente a Espanha e escreveu que, se ela caísse, outros países saqueariam o cadáver, arrancando-lhe as penas. Depois de muitos exemplos, ele conclui: “É bom que não nos concentremos muito em tais ciclos de vicissitudes, para que não nos tornemos levianos”.

Fechei o livro. Ele estava certo. Os ciclos de vicissitudes poderiam me destruir. E a imagem da mortalha: eu não havia usado esse mesmo exemplo para explicar o porquê de não nomear meu sucessor? “Vocês pensam que estenderia minha mortalha?”, No momento em que nomear meu sucessor, todos os olhos se voltarão para aquela direção. Adoramos o sol que nasce e não o que se põe. É da nossa natureza. Poderia até lamentar o fato, mas jamais o ignoraria.



 dia de Natal havia acabado e depois da ótima notícia sobre o desmonte da Armada, os feriados foram muito mais festivos. Os homens que protegiam o reino haviam voltado a tempo de juntar-se à corte para a Noite de Reis, que provou ser excepcionalmente barulhenta e alegre. Estávamos seguros. Mais uma vez cumprimos nossa meta. Deus sorriu para nós. Era difícil não nos congratularmos e ainda mais difícil lembrar a mim mesma que os gritos de “A Princesa protestante, amada pela Providência” não vinham dos céus, mas sim de homens volúveis.

Havia muito trabalho para ser feito no reino e devia enfrentá-lo. Devíamos nos preparar para o Parlamento e eu devia falar sobre o clamor por mais uma aventura de bravura da facção de Essex. O próprio Essex continuava ausente da corte, cuidando de suas reivindicações para angariar a simpatia por ser incompreendido. Na visão dele, ele era sempre incompreendido. O terror para ele era perceber que eu o entendia muito bem.

Aquela pessoa... aquele garoto... que um dia disse explicitamente que me amava, a tentação encarnada em Drayton Bassett... onde será que estaria? Ele parecia ter sido substituído por um cortesão amuado e mal-humorado, aguardando por reconhecimento e carinho. Deixei que

ficasse emburrado e resmungando, esperando saber o que se passava na mente dele.

A mente dele era inconstante. Ele era violentamente inconsistente, instável. Pensei que poderia domá-lo como fiz com seu padrasto, Leicester, mas estava começando a compreender que a infelicidade de Essex resultava da frustração de sua ambição pessoal, em vez de qualquer coisa que pudesse ser identificada. Não importavam o grau nem as honras que possuísse, ele sempre se sentiria aquém e se consideraria insultado.

A Quaresma havia começado, de forma lenta e arrastada. Nos países católicos, carnavais serpenteavam pelas ruas, palhaços obscenos entretinham as multidões e homens mascarados seduziam mulheres jovens que fingiam não conhecê-los. No entanto, aqui na Inglaterra protestante, nós nos contentávamos em usar manteiga e ovos que eram proibidos durante a Quaresma, assim como carne. Na terça-feira, antes do início da Quaresma, as famílias comeram panquecas durante todo o dia. Em algumas cidades havia corrida de panquecas, donas de casa correndo com frigideiras, virando panquecas no ar.

Em seguida, passaram-se os dias mais lentos e enfadonhos do ano, o frio cintilante do inverno e a neve já tinham desaparecido, mas o verde da primavera ainda não havia chegado. Era um momento de reflexão. Se alguém tendia a ter filhos, a Quaresma era o momento da revelação. Os religiosos diziam que aquela era a temporada ideal.

Burghley havia piorado com o inverno e pediu muitas desculpas por não ter comparecido aos encontros do conselho. Eu me preocupava com ele, como qualquer um que se preocupa com pessoas mais velhas. Ele vinha piorando, pouco a pouco, fazia muito tempo. Mas eu não me permitiria imaginar meu governo sem ele. Eu não era do tipo reflexivo, se fosse, nunca teria sobrevivido tanto.

Precisava de Burghley. Ele tem que lutar, ele tem que continuar. Meu braço direito não podia perder a força.

Depois de cinco semanas de Quaresma, a Semana Santa nos trouxe a Páscoa. Eu já conhecia todos os procedimentos de cor, mas todo ano aprendia algo diferente com eles. Domingo de Ramos: o dia em que Jesus entrou em Jerusalém e foi aclamado por uma multidão em êxtase. Ele era a esperança do povo, o Messias. Na quarta-feira, seu discípulo Judas preparou tudo para traí-lo. Na quinta-feira, ele fez sua refeição de despedida com seus discípulos.

Aqui na Inglaterra, esse dia era chamado de Quinta-feira Santa e havia um costume curioso, uma cerimônia na qual o monarca lavava os pés de muitos pobres, o mesmo número de sua idade, e distribuía vinte xelins a cada um deles, bem como presentes de comida e roupas. Como eu tinha sessenta e quatro anos, haveria sessenta e quatro candidatos. Seria uma longa cerimônia.

Acontecia à tarde, na Capela Real em Whitehall, com o arcebispo Whitgift presidindo a cerimônia. Eu usava um vestido convenientemente escuro, com mangas removíveis para que eu pudesse mergulhar meus braços livremente na profunda bacia de prata com água quente e perfumada.

As sessenta e quatro pobres mulheres estavam sentadas nos bancos que ficavam de frente para os degraus do altar e todas já haviam tirado os sapatos. Olhei para todas de cima a baixo, eram jovens, mulheres de meia-idade e senhoras idosas, para representar todos os estágios da vida. Ser escolhida era uma honra, pois obviamente, havia muito mais do que sessenta e quatro pobres no reino, e aquele ano era especial.

Whitgift leu as Escrituras que descreviam a origem da tradução. Antes da Última Ceia, Jesus lavou os pés de seus discípulos, sob protestos de Pedro, que se recusava a deixar que Jesus cumprisse o ritual. Jesus disse: “Se eu não lavar você, você não será parte de mim”. Naquele momento, o impulsivo Pedro bradou que ele deveria lavar não somente os pés dele, mas sim o de todos ali.



A cerimônia supostamente deveria ensinar humildade para ambos os lados. Eu tinha que me ajoelhar diante de cada mulher, segurar os pés, lavá-los e beijá-los. Era um ato de muita intimidade. Os pés são algo muito pessoal. Apertamos as mãos, mas ninguém toca nossos pés. Segurei entre minhas mãos um por um. Alguns eram finos e calejados, outros ossudos. Alguns pareciam garras. Apenas uma jovem tinha as solas dos pés macias, e eu sabia que sua vida difícil em breve mudaria aquilo. Conforme eu segurava cada pé, podia sentir meu anel de coroação pressionando a carne. Cada toque selava o voto que tinha feito no casamento com meu povo, um de cada vez.

Não havia nenhum som, somente o da água e as palavras que eu falava para cada uma, recomendando-as a Deus e lembrando-as de obedecer ao grande mandamento que Jesus tinha dado na ocasião, amar uns aos outros. Secava cada um dos pés, passando para o próximo. Depois os presentes seriam distribuídos. Eu nunca as esqueceria, mesmo que nunca mais fosse vê-las nem conversar com elas novamente, elas continuariam a fazer parte de mim, como disse Jesus. Era um grande mistério como aquilo acontecia, mas acontecia.

A manhã seguinte, Sexta-Feira da Paixão, a mais solene do ano, estava escura e nublada, combinando com a ocasião. Lembrei os velhos costumes de jejum rigoroso, rastejando até a cruz e as crianças arrastando bonecos de Judas pelas ruas para serem jogadas numa fogueira. Ninguém lavaria roupas, pois o sangue poderia espirrar nelas e os ferreiros não ferrariam cavalos, pois eles se recusavam a trabalhar com pregos naquele dia. Os pescadores consideravam má sorte ir ao mar e os mineiros não iriam trabalhar nas minas. Mas os pregadores tentavam dissipar tudo dizendo que eram superstições papistas, mas não era tão fácil abandonar tudo aquilo.

Quando cheguei ao trono, a Inglaterra tinha acabado de passar por três dolorosas mudanças religiosas em apenas um quarto de século. Primeiro, meu pai havia brutalmente

rompido com milhares de anos de lealdade a Roma e fundado sua própria igreja nacional.

Depois, meu irmão havia imposto um protestantismo radical no país. Em seguida, minha irmã tentou anular todas as mudanças e restaurar o catolicismo romano. Então, quando me tornei rainha, a nação estava atordoada pelo turbilhão religioso. Meu “Acordo Elisabetano”, como era chamado, foi concebido para ser um compromisso e impedir as mudanças violentas. Como todos os compromissos, deixava ambos os lados insatisfeitos.

Os puritanos mais fervorosos tentavam proibir todos os hábitos do calendário da igreja, declarando todo domingo comum. Alguns deles se recusavam até mesmo a celebrar a Páscoa ou o Natal e passavam a Sexta-Feira Santa trabalhando normalmente. Mas fizeram pouca diferença no hábito popular. Se todos os dias fossem comuns, a vida rapidamente ficaria entediante. Até mesmo a natureza variava as estações.

Os irmãos católicos, por outro lado, passavam o dia em oração e meditação, rezando as contas de seus rosários benzidos pelo papa e proibidos, talvez até mesmo sofrendo com uma camisa de silício. Com a chegada da manhã de Páscoa, católicos e puritanos deveriam estar presentes nos serviços da Igreja da Inglaterra ou pagariam uma multa pesada.

Eu não me preocupava com o que um homem ou mulher pessoalmente acreditava, mas a religião nacional deveria ser aparentemente praticada por todos os seus cidadãos. Uma religião era uma declaração política. Ser calvinista, papista, presbiteriano, anglicano rotulava a filosofia de uma pessoa com relação a educação, impostos, assistência aos pobres e outras coisas seculares. A nação precisava de uma posição aceitável em tais preocupações. Daí, portanto, as multas por não praticá-la conforme a igreja nacional.

Algumas das famílias católicas mais ricas, as mais antigas e nobres, eram ricas o suficiente para pagar as multas semana após semana, mas os homens comuns não.

Gradualmente, por meio de atendimento de rotina, começaram aderir à nova fé e a esquecer a velha. Também havia outro fator: a maioria das pessoas não apreciava desperdiçar o dinheiro pagando multas religiosas, por isso todos, exceto os mais teimosos e devotos, se poupavam do gasto desnecessário. As lembranças de práticas religiosas antes de 1558 estavam sumindo e apenas os puritanos e católicos fanáticos mais teimosos continuam a resistir à Igreja da Inglaterra.

Quando eu era criança, a cidade e o interior estavam cheios de mosteiros vazios. Eles haviam sido fechados fazia tão pouco tempo que a nação não havia tido tempo de absorvê-los. Muitos foram rapidamente vendidos para uso particular e transformados em casas, alguns se tornaram em paróquias. Porém, outros permaneciam na paisagem, telhados frouxos, pedras saqueadas e paredes desmoronando. Ainda hoje há alguns cujos arcos em ruínas pareciam costelas viradas para o céu, esqueletos deixados insepultos.

Não havia como negar que, com o desaparecimento dos monges e das freiras, uma fonte de caridade havia desaparecido. Os pobres foram deixados ao relento, tendo que cuidar de si mesmos, os mosteiros hospitaleiros agora estavam tão abandonados quanto eles. As caixas de esmolas tinham ido embora e as esmolas dos peregrinos haviam cessado. A resposta a tudo isso não era trazer novamente os mosteiros, como alguns poderiam sugerir, mas sim que o estado assumisse suas responsabilidades. E era isso o que a próxima reunião do Parlamento tentaria resolver.

A maioria das ruínas monásticas em Londres tinha sido eliminada, mas ainda permanecia, perto de Aldgate, o que restava do mosteiro Santíssima Trindade, outrora uma grandiosa fundação na cidade. Decidi fazer um culto de oração lá, como um lembrete de que as ruínas haviam sido desprezadas por muito tempo. A terra deve ser usada, mesmo que as construções não pudessem ser recuperadas.

Fomos pelas ruas de Londres, subindo a Cornhill e passando pelo prédio do Royal Exchange, depois pela Leadenhall. A cidade estava tranquila e havia poucas pessoas nas ruas, em respeito à lembrança terrível do dia. Não havia multidões reunidas gritando “Deus salve a Rainha!” e “Nossa Rainha abençoada!”. Vi alguns olhos curiosos espiando pelas janelas, algumas mãos tímidas acenando. Então chegamos lá, na grande relíquia cinza da ordem dos cônegos agostinianos.

O telhado já não existia mais e o chão da nave central fora despido de seus mármore e metais. Poças de água, pedras fora do lugar e ervas daninhas germinavam entre as fendas. As janelas eram apenas buracos, pois já não possuíam mais vidros. Aves aninhadas em fendas bem altas, palha e muita bagunça nos cantos mostravam rastros de humanos e animais. Eu tinha trazido meu capelão para conduzir as orações particulares, bem como algumas das minhas damas de companhia. Enquanto caminhávamos entre os tocos de pilares, o cinza do dia e o cinza do piso não produziam sombras e nossos passos ecoavam.

Aquela nave um dia reverberou com cânticos e agora estava em silêncio.

— Por favor, conduza nossas orações — disse ao capelão.  
— Este é um lugar apropriado para se estar na Sexta-Feira Santa. Ele nos lembra que todos os nossos planos humanos podem nos levar a nada.

Podíamos ver traços da base do grande altar, meu capelão estava bem à frente dele, abrindo seu livro de orações. Ele baixou a cabeça e leu: “Deus Todo Poderoso, nós vos pedimos gentilmente para que contemple esta vossa família, pela qual nosso Senhor Jesus Cristo foi traído...”.

O curto porém comumente serviço acabara, saímos de lá para voltar por Londres. A chuva ameaçava cair, as nuvens escuras e agitadas se espremiavam no céu sobre a nave

desprotegida. A escuridão da tarde na Galileia fazia anos estava sendo recomposta.

Deveríamos ter vindo com o barco real, a volta seria muito mais rápida. Mas dei o dia de folga aos barqueiros. Teríamos então que voltar cavalgando pelas ruas tranquilas e torcer para que a chuva esperasse. Saímos do mosteiro da Santíssima Trindade, uma propriedade muito extensa, pois o mosteiro tinha claustros e cozinhas, padarias e cervejarias, oficinas, dormitórios, refeitórios, e seguimos na direção oeste para a Catedral de São Paulo.

Adjacente à propriedade do mosteiro, estava a igreja de St. Katharine Cree, onde meu querido lorde Guardiã, Nicholas Bacon, estava bem como, supostamente, Hans Holbein, que tinha perecido na praga de 1543 e foi enterrado às pressas como tantos outros. Então, ali estava o homem que dera ao mundo a imagem de meu pai com as mãos nos quadris e as pernas abertas, numa cova anônima.

Se tivéssemos seguido o muro a oeste, teríamos encontrado a propriedade de outra antiga abadia, a de Santo Agostinho. Mas ela tinha sido completamente engolida pela cidade e, mantendo apenas o nome “o Papey” como lembrança, era um lugar em que homens comuns faziam suas casas. Walsingham tinha vivido lá, assim como Thomas Heneage, do meu Conselho Privado, e Thomas Gresham, que fundou o Royal Exchange.

Virando à esquerda na rua Cornhill, passamos por mercearias e outros mercados, que estavam fechados. Sacolejando pela vasta propriedade da Catedral de São Paulo, vimos a Cruz de Eleonor em Cheapside, protegendo a encruzilhada. Era tão alta quanto um prédio de dois andares e impossível de não ser vista. Sempre adorei as Cruzes de Eleanor e esperava um dia ver todas as doze.

O rei Eduardo I havia mandado construí-las 300 anos antes para marcar os lugares de descanso durante a noite do cortejo fúnebre de sua rainha de Lincoln para Londres. E, se eu realmente quisesse ver as doze cruzes, era melhor começar logo a jornada, pois apenas duas estavam em

Londres. As cruzes serviam como pontos de referência e locais de reunião onde quer que estivessem. Agricultores traziam sacos de comida, caçadores traziam caça e criadores de cães traziam seus cachorros, vendendo os produtos na base da cruz. Hoje, é claro, estava vazia. Mas avisos rasgados ainda se encontravam colados ao pilar, que servia de local para anúncios. Eles agitavam-se e esvoaçavam como bandeiras. Pedi a um dos meus guardas para desmontar e inspecioná-los. Estava curiosa. Ele leu vários, fez cara feia e voltou, balançando a cabeça de forma negativa.

— Tudo bobagem, Majestade — ele disse.

Isso queria dizer que ele não queria me incomodar com o que havia lido.

— Que tipo de bobagem? — perguntei.

— Do tipo baixa, cruel — ele respondeu.

Estariam as prostitutas vendendo-se abertamente? Naquele adorável memorial do amor? Ou seriam mercenários, assassinos? Contrabandistas?

— Deixe-me ver — ordenei.

Ele arrancou alguns e trouxe para mim. Certamente, havia ali um testemunho da habilidade e da habilidade de uma tal de Jill, que trabalhava na taverna Mãe dos Tolos; um sobre um soldado que havia recentemente voltado de Cádiz e que aceitaria defender qualquer um e um anúncio político, dizendo que o conde de Essex deveria ser elogiado e celebrado. Pedia também que ele fosse exaltado, sendo considerado meu herdeiro. Havia uma caricatura dele com sua nova barba e um poema lamentando que a rainha não o apreciava.

— Retire-os todos — ordenei. Eu os examinaria mais tarde. O movimento Essex estava ganhando terreno, ou pelo menos parecia.

A Catedral de São Paulo era o único lugar cheio de pessoas, mas sempre fora assim. Não somente serviços religiosos eram realizados ali, mas também era um local de encontros de negócios. As pessoas que atacavam os

desafortunados, tais como batedores de carteira e mendigos, se reuniam ali. Lá fora, as livrarias estavam discretamente fechadas, mas os vendedores ambulantes ainda rondavam vendendo coisas ilegais.

As pessoas que me viram viraram-se para saudar-me discretamente, mas sem nenhum daqueles gritos insanos que normalmente aconteciam. Era verdade, a minha popularidade havia caído devido aos problemas econômicos do país. Não era minha culpa que aconteceram três colheitas ruins em sequência, mas, de alguma forma, eu estava ligada a isso. Voltamos a um pronunciamento bíblico, e as pessoas passaram a ler avidamente a Bíblia, outrora proibida em seus próprios idiomas, tinham-na redescoberto, a passagem afirmava que um governante injusto era diretamente responsável pelas chuvas e pelas colheitas. Se o tempo estava ruim, era porque Deus o estava punindo por algum pecado, conhecido ou não. O Levítico diz: “Se nem ainda assim me ouvirdes, castigar-vos-ei sete vezes mais pelos vossos pecados. Tornarei o vosso céu em ferro e a vossa terra em bronze: pois vossa terra não produzirá, nem as árvores da terra darão frutos”.

Fiquei contente em sair da Catedral de São Paulo e ir para Ludgate, que ficava ali perto, no portão mais a oeste da muralha da cidade. Foi reconstruído há somente doze anos, era forte e tinha uma estátua minha do lado de fora e do lendário rei Lud do lado de dentro. O portão também abrigava uma prisão e, assim que passamos por ele, pude ver alguns prisioneiros no telhado tomando ar. Eram criminosos cavalheirescos, isto é, aqueles cujas transgressões foram o da dívida ou da caça furtiva, ou ainda a de imprimir panfletos proibidos.

Depois, seguimos para Ludgate Hill e de lá para a costa, a estrada de cascalho paralela ao Tâmisia passava por grandes mansões ribeirinhas. Elas começavam logo após o Templo das Escolas de Direito.

A primeira pela qual passamos foi a Essex House, onde Robert Devereux fingia estar doente, escondendo-se da

corte. Enquanto passávamos, sem aviso prévio, olhei de perto para ver se havia algum movimento no grande pátio atrás dos portões ornamentais, mas tudo estava quieto. Ele tinha várias trancas, tantas que diziam que “a casa o engolia”, mas hoje estavam invisíveis.

A chuva logo viria. Uma rajada de vento úmido passou por nós e sentimos algumas gotas. Estávamos ainda a dois quilômetros ou mais de Whitehall.

Em seguida, passamos pela Arundel House, um enorme portão com torres altas, atualmente vazias. Seu proprietário, Philip Howard, conde de Arundel, tinha acabado de morrer na Torre, onde fora mantido por muitos anos. Ele e toda a sua família tinham se convertido, ou revertido, ao catolicismo e Philip orava e até mesmo organizou uma missa pelo sucesso da Armada! Ganhou o nome Philip em homenagem a Filipe da Espanha, seu padrinho, e era leal a ele. Virei a cabeça para não ver a casa. Philip fora um garoto cativante e eu não queria vê-lo, pois era alto-astral e alegre.

Agora, os católicos chamavam-no de mártir e pediam a Roma que o declarasse santo. Aquele garoto não era santo. Basta perguntar à mulher dele como ele respeitava o sexto mandamento.

A próxima era a Somerset House, onde Henry Carey havia morrido no último verão. O filho dele, George, o novo lorde Hunsdon, agora morava ali. Não havia voltado lá desde que Henry morreu, não seria a mesma casa para mim. Esperava que George ainda mantivesse os amplos jardins à beira do rio, na lateral da casa, mas suspeitava que ele tinha pouco interesse em flores ou fontes. Do outro lado da rua, ficava um mercado de produção em que antigamente era um convento, agora chamado Convent Garden. Ele poderia valer-se do mercado, caso não quisesse se incomodar com o cultivo das coisas.

Outra rajada de vento. Apressamos os cavalos, passando rapidamente pela Durham House de Raleigh, localizada mais ao fundo, próxima ao rio.



Quase chegando. A rua agora ficava sinuosa passando pelo cruzamento em Charing Cross com a magnífica Cruz de Eleonor sobre a base octogonal. Era mesmo muito alta e esbelta, elevando-se como um antigo poema em oração. Não havia ninguém ali hoje, a não ser dezenas de papéis de anúncios colados nela, balançando contra o vento. Pedi que aqueles também fossem retirados para que eu pudesse vê-los mais tarde. Virando à esquerda chegamos à propriedade de Whitehall, passando pelo portão do pátio da corte que dava para a via pública.

Os sinos da Abadia de Westminster soavam, anunciando a morte de Cristo, tocando as nove badaladas, nove por ser um homem e depois trinta e três pela idade. A última badalada ainda estava reverberando quando entramos. Depois a chuva caiu.

Passei o Sábado de Aleluia dentro do palácio, confinada, como Cristo havia ficado na tumba, e ainda assim não foi o ponto final. Como penitência e preocupação, espalhei todos os folhetos arrancados das duas cruzes de Eleonor e os li com atenção. Os que anunciavam mercadorias legais e aceitáveis ou ilegais e imorais não eram minha preocupação, embora fossem instrutivos.

Apreendi bastante sobre as guerras de taxas entre os acumuladores de grãos ilícitos e sobre a disponibilidade de pedras preciosas “tiradas da última expedição espanhola”, uma boa explicação para o que havia acontecido com a minha cota de saques. Os que eram sobre prostitutas da temporada estavam mitológicos. Havia várias Afrodites, Vênus e Andrômedas, juntamente com a intrigante presença de uma Medusa.

Os anúncios que falavam sobre Essex eram alarmantes. Havia os que louvavam seu heroísmo, poemas recontando suas aventuras, músicas sobre sua coragem e, o mais nefasto de todos, um anúncio que afirmava sua linhagem e sangue reais, outro ainda diziam que “ele merecia, mais do

que qualquer outro homem no mundo, a sucessão ao trono”.

Outro panfleto, enrugado pela exposição ao sol e à chuva, anunciava “Dizem que o conde de Essex é o filho do conde de Cambridge e que deveria terminar seus deveres. Rebelião!”.

Curvei-me sobre o panfleto, olhando cuidadosamente o papel para ter certeza das palavras. Sim, era isso mesmo o que dizia. Eles falavam então sobre Richard, o conde de Cambridge, que foi executado por traição a Henrique V, ancestral direto de Robert Devereux há sete gerações.

Eu sabia a genealogia de quase todo mundo. Um Tudor aprendia isso antes mesmo do ABC, pois era o que iria reger sua vida. Robert Devereux contava Eduardo I e Eduardo III como seus ancestrais. Seu sangue real já era tão diluído que não chegaria a uma colher de chá se pudéssemos medi-lo, mas dava cor ao que quer que ele fizesse. O meu unia as linhagens de York e Lancaster, o dele era basicamente York. Aquelas guerras não foram esquecidas, nem as linhagens anteriores num passado distante.

Durante o reinado de meu pai, muitos, com fortes alegações, clamavam que Robert Devereux havia sido executado até que não sobrou ninguém para desafiar os Tudor. Mas sempre havia outros descendentes, primos para continuar a linhagem. E era isso que tornava Essex ser perigoso.

Agora ele se escondia, desafiando-me a continuar a ignorá-lo, enquanto ele atiçava os comentários e desejos do povo.

Eu não o fazia recuar, tampouco o acompanharia.

— Ele já brincou demais comigo e agora sou eu que vou brincar com ele! — bradei. — Destruirei todo aquele orgulho, como demolimos casas!

Desenrolei outro pedaço de papel e li:


— Lembrem-se de Ricardo II. Vejam o que ele deveria ter feito. Em cartaz no teatro.

Ricardo II. No teatro. Seria uma peça sobre a deposição do rei tolo? Tenho que assistir. Quem estaria representando? E por quê?

Recebi a Páscoa como a tão esperada libertação depois de um longo inverno de opressão do espírito. Ela não me desapontou. Nunca me desapontava, era a reafirmação anual de que tudo ficaria bem. O sol entrava pelas janelas da Capela Real, chegando às vestes brancas e douradas do arcebispo Whitgift, fazendo-as brilhar em um esplendor celestial. Os lírios no altar eram finos e esplendidos, a pureza num mundo imperfeito.

LETTICE  
Maio de 1597



quele fora um longo e sombrio inverno. Pouca luz fazia com que os dias fossem mais longos do que os de verão, pois, quando se está de mau humor, uma hora parecem dez. A ansiedade de meu filho sobre sua situação política me ocupava, pois parece um bebê chorando, exigindo atenção. Não importando qual a idade do filho ou da mãe, a necessidade e a reposta são as mesmas de ambos os lados.

Ele se escondeu durante todo o inverno, ficando ausente da corte. A corte nem sentiu sua falta, pois ele nunca havia sido muito popular por lá. Todos o invejavam. A rainha ainda estava brava, punindo-o pela falha, como ela havia classificado, na missão de Cádiz. As pessoas, por outro lado, apreciavam a simples bravura da missão e certamente o rei Filipe estava enfurecido com isso. O próprio fantasma de Drake deveria estar aplaudindo a audácia. Somente a rainha o mantinha afastado, preocupada única e exclusivamente com o espólio perdido, e não com a glória de acertar em cheio o coração de nosso inimigo.

Como a rainha se recusava a reconhecer a missão como um sucesso, o próximo passo logicamente, o ataque seguinte a outro alvo espanhol, encontrou poucos apoiadores. O conselho estava dividido entre aqueles que achavam que a Inglaterra deveria ter uma política agressiva de guerra e aqueles que defendiam uma estratégia defensiva. Assim como em outras áreas, Robert e os Cecil estavam em lados opostos na argumentação. A rainha preferia a posição de Cecil, mas poderia ser persuadida.

— Mas não se você ficar se escondendo — disse a Robert.  
— Como líder do grupo que vai à guerra, você tem que ficar próximo aos ouvidos dela.

Mas ele se manteve inflexível, não convencido. Sua esposa e filhos, no entanto, pareciam se beneficiar de sua ausência da corte. Frances estava tão desinteressante como sempre, tão fácil de ser esquecida, com seu jeito calmo e acomodado e seus olhares indistintos. Ela me lembrava da descrição de São Paulo sobre o amor: suporta todas as coisas, persevera em todas as coisas. Creio que, para um homem como meu filho, aquelas eram características essenciais para uma esposa.

Ela era uma boa mãe. Melhor do que eu, e eu a admirava por isso. A filha mais velha dela, Elizabeth, tinha onze anos agora, o rosto longo e as mãos delicadas do pai, Philip Sidney, mas não tinha a bela aparência dele. O filho com Robert, o pequeno Rob, tinha seis anos. Ele era uma criança sonhadora, muitas vezes preferindo brincar dentro de casa, mesmo quando o tempo estava ensolarado. Não gostava de montar, mas se forçava a fazê-lo, o que mostrava coragem, não aptidão.

Até agora Robert parecia indiferente a eles, mas, durante esses meses, eles conseguiram cativá-lo e ele passava muito tempo com eles. As crianças aliviaram o orgulho ferido, elas julgavam uma pessoa por um critério diferente do que o mundo o fazia. Sob o olhar adorável delas, Robert foi se acalmando.

Eu também gostava de passar tempo com eles, assim podia dividir algo com Robert que não tinha peso político. Eles eram meus netos, afinal de contas. Sei que deveria dar mais atenção a eles, mas acho que as crianças não são interessantes até que cheguem aos catorze anos.

Atualmente, tinha muitos netos: seis de Penélope e três de Dorothy, além dos filhos de Robert. Sua complacente ex-amante Elizabeth Southwell tinha corajosamente chamado seu filho de Walter Devereux, totalizando onze. Tanto Penélope quanto Dorothy estavam grávidas novamente. Eu ficava impressionada com a fertilidade de nossa família.

Única dentre todas as crianças, Elizabeth Sidney era afilhada da rainha e por isso havia recebido esse nome. Eu esperava que ela ganhasse atenção especial, mas desde a morte de Walsingham e a transição de Frances de viúva de Sidney para esposa de Robert a rainha não tomou conhecimento dela. E Frances, com seu jeito despretensioso, não fez nada para mudar isso.

Suspensa em inatividade, a vida parece eterna. E então, abruptamente, termina. E chegou o dia no qual Cecil e Raleigh vieram a Essex House para se encontrar com Robert e formar um plano de trabalho conjunto.

Foi um choque ter o mundo exterior estourando sobre nós, ao abrir as janelas, depois de um longo inverno, revelando a poeira e as teias de aranha. Eles formavam um par estranho, Cecil diminuto e Raleigh com ombros largos. Porém, onde interesses políticos convergem, os homens começam a ficar parecidos.

Robert estava cauteloso com o que tinha à sua volta, sem saber se confiaria neles. Quando os inimigos o chamam, é melhor manter as costas para a parede. Assim, ele fez muito mais do que acolhê-los, recebeu-os tão efusivamente que cheirava a adulação. Eu teria que esperar até mais tarde para saber o que foi dito, pois eles conversaram em particular.

Mas, ao longo de toda a conversa, Southampton tinha conseguido deixar escapar partes das notícias para nós, e

ouvimos que tanto a frustração como a incapacidade da rainha em abraçar qualquer política definitiva estavam desmantelando os planos de todos. Não foi o próprio Jesus que disse “Que o seu sim seja sim e o seu não seja não”? Sua Majestade não estava seguindo os ensinamentos dele.

Os três homens foram até a sala e fecharam a porta. Permaneceram lá por várias horas. Mandei para lá bandejas de comida e garrafas do melhor vinho, tudo voltava vazio, os pratos empilhados cheios de cascas e garrafas secas.

Finalmente, eles saíram de lá, pareciam contentes e sociáveis. Era uma rara visão de uma convergência planetária de Júpiter, Marte e Vênus, e eu desejava que houvesse uma maneira de captar a imagem. Cecil estava com o gibão aberto, mostrando a camisa amarrotada por baixo, o sorriso de Raleigh não nutria ceticismo. E Robert? Meu filho parecia realmente feliz pela primeira vez em meses.

Eu estava tentando controlar minha curiosidade. Apenas disse:

— Acredito que as bebidas que mandei estavam a seu gosto — já sabendo muito bem que sim.

— Ah, de fato — Raleigh limpou a boca como se estivesse lembrando-se do gosto, lançou-me então um olhar convidativo. Mas eu não correspondi. Perigosas ligações amorosas tinham perdido a emoção para mim.

— Venha, chame Christopher! — disse Robert. — Vamos ao teatro, para celebrar. Uma tarde tão bonita e uma peça tão oportuna!

— Qual peça?

— *Ricardo II* — disse Raleigh. — Muito apropriada!

— Eu não iria tão longe — alertou Cecil. — Mas seria interessante.

— Teve sucesso? — perguntei. Estava longe dos teatros havia meses.

— Muito — disse Raleigh. — Lotou o teatro. Parece que conseguiu cair no gosto popular. É a história de um rei tolo que perde o trono e um súdito inteligente que o destitui.

— Não consigo ver como pode ser oportuno — eu disse. Elizabeth podia ser muitas coisas, mas tola não era uma delas. Ela era exatamente o oposto disso.

— Você entenderá quando ouvir as falas — disse Robert.

— Ah, você leu? — perguntei.

— Sim, tenho uma cópia. Falou diretamente a mim.

— E o que disse?

— Não posso resumir de forma tão simples. — Ele se virou para os outros e disse: — Assim que Christopher vier, vamos sair.

Encontrei Christopher no pátio, inspecionando seu cavalo. Ele não estava interessado em teatro, mas disse a ele que aquela não era uma apresentação comum e que tinha algum significado especial para aqueles homens, o que nos convinha saber do que se tratava. Gentilmente, ele se juntou a mim e fomos então os cinco para o teatro.

Chegamos exatamente na hora. Vi, para meu espanto, o nome do autor da peça nos cartazes lá fora: William Shakespeare. Se Richard Topcliffe, o famoso torturador da Torre, recebesse ordens para me punir, não poderia ter encontrado instrumento melhor. Eu não queria lembranças daquele que me humilhou.

Acomodamo-nos. Christopher aproximou-se e segurou minha mão.

— Fazia bastante tempo que não vínhamos ao teatro — ele disse solicitamente. — Mesmo que eu não goste muito de teatro, se isso a deixa feliz...

A peça começou. Logo nas primeiras falas, ditas pelo rei Ricardo “Velho João de Gante, honrado Lancaster”, a plateia ficou em silêncio. O rei, um ator magro com uma voz melodiosa, foi primeiramente dominante, depois lisonjeiro e então conciliador. Seria por isso que as pessoas viam similaridade entre Elizabeth e Ricardo? “Não nascemos para cortejar, mas sim para comandar”, o rei disse, e Elizabeth também era conhecida por isso. Não muito adiante na peça, ele, por capricho, baniu o filho de Gante, Henry Bolingbroke,



por transgressão e ideias ambiciosas. Depois, caprichosamente alterou a sentença de dez para seis anos.

Elizabeth era conhecida, e se ressentia, por sua hesitação em questões de Estado, especialmente nos assuntos militares. Ela constantemente enviava ordens contrapondo seus comandos e somente quando os homens estavam finalmente no mar é que estavam livres de suas mudanças imperiosas. Em terra, ela não era diferente, sua famosa relutância em assinar decretos necessários ela lendária, geralmente envolvendo milhares de papéis.

Senti-me desconfortável quando vi o ator que representava Bolingbroke. Alto, ruivo e com uma barba em formato de espada. Ricardo ironicamente descreveu como Bolingbroke “costuma bajular o povinho”. Imitando seu andar, ele disse: “Parecendo-lhe humilde no peito com cortesia familiar a humilde”. Ele então se virou e falou: “Como ele prostituía reverências com escravos, ganhando os operários a poder de sorrisos”. Olhou para a plateia com um sorriso falso e continuou a falar. “Pois se o gorro tirou para uma vendedora de ostras”. Aí tirou então o chapéu. “Dois carroceiros lhe gritaram: ‘Possas Deus vos servir de guia!’. Ao que o tributo receberam de seus maleáveis joelhos”. Ele ajoelhou-se com um floreio. “Com ‘Meus compatriotas! Agradeço-vos de todo o coração, caros amigos!’, como se por herança ele tivesse recebido a Inglaterra e da esperança dos meus súditos fosse o degrau próximo”.

A plateia olhou para Robert naquele momento e permaneceu assim enquanto as falas eram ditas. Nunca fui tão apontada. Em vez de ignorá-los, Robert baixou a cabeça. O tolo!

A peça encaminhou-se para o fim. O “depenado Ricardo” fora primeiro deposto, depois assassinado. Bolingbroke lamentou dizendo que “sangue teve de ser derramado para que ele pudesse crescer”. Ele prometeu uma viagem à Terra Santa para limpar-se em arrependimento. Entretanto, manteve a coroa em sua cabeça.

A plateia aplaudiu efusivamente. Depois, o diretor da peça anunciou que as fortunas de Bolingbroke seriam exploradas em peças posteriores sobre o resultado de sua ação: a sangrenta Guerra das Rosas.

Assim, fomos convidados a lamentar o horror dos maus atos, enquanto nos emocionávamos com as decisões irrevogáveis e sangrentas que levaram à condenação. Assim é o teatro.

A similaridade entre Bolingbroke e Essex era indiscutível. Sentia como se Will tivesse nos traído. Sob nosso teto, ele teve oportunidade de observar e captar os trejeitos de Robert. Agora, retratava-os naquele personagem grotesco.

Nunca confie num escritor, ele já havia me avisado. O mundo inteiro é nosso para que possamos raptá-lo e transformá-lo como desejarmos, à nossa própria vontade.



**C**ecil e Raleigh deixaram o teatro e voltaram alegremente para suas casas em Salisbury e Durham House, respectivamente. Definitivamente, o assunto sério da peça não havia afetado o humor deles, sinal de que estavam tão encantados com seus novos e bem elaborados planos que se sentiam imunes à ameaça política. Esperei até estarmos seguros dentro de casa para finalmente perguntar a Robert o que havia acontecido naquela reunião.

Ele jogou seu chapéu sobre o busto de Augusto, o qual se encaixou perfeitamente, com as plumas ainda balançando, e disse:

— A sorte me favoreceu hoje tanto nas pequenas quanto nas grandes coisas — e se sentou numa cadeira acolchoada, satisfeito consigo mesmo. — Meus inimigos políticos vieram até mim — ele disse. — A senhora, alguma vez, já havia pensado que isso poderia acontecer? — Ele estendeu a mão até uma travessa de frutas secas, pegou um figo e jogou na boca. — Temos agora um propósito comum, ou melhor, três propósitos diferentes que se entrelaçam. Ao unir forças, favorecemos os três. Cecil deseja amenizar o mau humor da rainha, causado em parte pela estranha situação entre mim e Raleigh. Raleigh quer voltar ao seu antigo posto de capitão da Guarda da Rainha, eu quero ter poderes para

montar um ataque antiespanhol no estilo Cádiz. Se Cecil persuadi-la, teremos sucesso.

— Mas por que Cecil quer ajudar você? O que ele ganha com isso? Ele não faz nada sem um propósito.

Robert pensou por um momento.

— Ele não pode avançar enquanto o governo estiver paralisado. A rainha quer, depois não quer, depois quer novamente e, nesse meio-tempo, nada acontece. Homens de ação, como eu e Raleigh, que podem acabar com tudo isso, somos indesejados na corte ultimamente.

— E enquanto você estiver nessa missão? Você esquece que cada vez que sai daqui Cecil ganha outro cargo?

— Estou atento a isso. Mas, enquanto sou mantido prisioneiro aqui, não consigo fazer nada. E, mãe, quero sair daqui! Ah, se eu pudesse ir embora para sempre!

— Como Drake? Ele sempre quis ir embora e hoje está sob as ondas azuis da Costa da América do Sul.

— Talvez eu vá até a costa nos trópicos e fique por lá. Dizem que os Açores são um lugar lindo, uma cadeia de ilhas a cerca de 1.500 quilômetros de Portugal. O Paraíso. Um homem pode ser feliz lá...

Ah, ele ia começar com aquele discurso novamente.

— Bobagem. Não é o seu tipo, talvez seja daquele índio que Raleigh trouxe até aqui. Você é inglês e irlandês em suas outras gerações. Esta é a sua terra, é aqui que você deve crescer.

— Crescer em nobreza... — Agora ele estava com aquele olhar sonhador no rosto, o mesmo que tinha quando era criança em Chartley. — Mas o próprio Sol, que deveria nutrir-me, está sumindo. Ou eu deveria dizer a própria estrela Sol?

— O que você quer dizer?

— Ela está fraquejando, eu acho. As meninas dos aposentos dela disseram-me que ela tem confundido coisas, não consegue se lembrar de um rosto ou nome. Ela manca por causa de uma lesão no pé e tenta esconder a imperfeição.

— Quem disse isso?

— Elizabeth Vernon. Ela diz a Southampton tudo o que ela percebe.

— Ou tudo que ela imagina. Ouço esses comentários há anos.

— Mãe, ela é velha.

— Ela tem apenas sessenta e poucos anos. Meu pai viveu muito bem até os oitenta. O velho Burghley ainda está firme e tem quase oitenta.

— Ela está ficando mais rabugenta, indecisa e intrometida.

— Ela sempre foi rabugenta, indecisa e intrometida. Você não é velho o suficiente para se lembrar disso.

— Você não a vê há anos. Se a visse, notaria a diferença.

— Então me consiga uma audiência. Sou a mãe do mais importante súdito dela. Faça com que ela me receba.

— Não posso obrigá-la a nada. Ninguém pode. Essa é a frustração geral.

— Então, jogue seu charme. Ela é suscetível e você é o melhor do mundo nisso.

— Agora você está me *elogiando* — ele disse. — Ultimamente ela parece imune ao meu charme.

— Quando você voltar dessa próxima viagem, terá uma novidade para ela. Mas... — olhei para a barba dele, nunca gostei daquilo. — Você não ficou ofendido com a caricatura que fizeram de você hoje à noite? Acho um crime o que Will fez.

Ele deu de ombros.

— Ele escreve para a plateia dele. Ele sabe o que as pessoas querem, o que está na cabeça delas. Toda aquela conversa sobre pessoas comuns era sobre mim, ele queria falar sobre isso.

Por que ele estava sendo tão obtuso?

— A peça apresenta você como um conspirador que fica tentando agradar às pessoas — eu disse. — Um homem malévolos com motivos perversos. Você não acha que a rainha ouvirá isso? Isso não confirmará as piores suspeitas que ela tem de você?

Ele riu.

— Uma peça é uma peça. Apenas entretenimento. Não significa nada. — Ficou então de pé e disse: — Já que isso lhe incomoda tanto, quer ver a minha cópia?

Naquela noite, sob a pouca luz amarela de três velas, debrucei-me sobre a peça. Era difícil ler, mas estava determinada. Era meu dever como mãe ler cada palavra de uma obra que difamava meu filho.

Havia tanta coisa ali que apontava para ele. Era impossível ignorar. E havia uma cena, que não fora mostrada no teatro, em que Ricardo renunciava a sua coroa, entregando-a a Bolingbroke. Obviamente, fora considerada incendiária para ser mostrada.

Mas por que a rainha pensaria que meu filho queria substituí-la? Na peça, o rei Ricardo havia injustamente banido Bolingbroke, não somente da corte, mas do país, e confiscado suas terras e propriedades, dando-lhe assim vários motivos para levantar armas contra ele. No caso de Robert, acontecera o oposto. A rainha o favoreceu, concedeu-lhe presentes, que, como disse Bacon, “eram desproporcionais aos seus méritos”. Ela era a fonte das fortunas dele. Robert tinha estado sob suas cascatas e se encharcado sob suas gotas brilhantes.

Conforme continuei lendo, fiquei cada vez mais com raiva. Will havia deliberadamente escrito de maneira a semear suspeitas contra Robert na mente da rainha. Deus sabia como bastava pouco para tirá-la do sério. Por que ele dera as costas ao antigo amigo? Será que não percebia que, depois da rainha, Robert era a pior pessoa para se ter como inimiga?

Continuei lendo, incapaz de parar, até que a sombra da janela lateral encobriu a luz fraca das velas. Às vezes, a beleza das palavras faz com que esqueçamos seu veneno, mas me preparei para ler muito mais. O fato de que a poesia conseguia infiltrar-se na mente sem esforço fazia com que tudo o mais fosse impossível de ser combatido,

como uma substância que mancha nossos dedos apenas com um leve toque.

Trepidei como fogo, o fogo da ira que conseguia acabar com a fadiga. Caso contrário, nunca teria decidido confrontar Will na manhã seguinte. Sabia que, melhor do que mandar por escrito, seria ir pessoalmente. Se tivesse descansado e refletido, teria sufocado meus sentimentos e tomado mais cuidado: não teria ido de maneira alguma.

Ele morava na área de Bishopsgate. Ah, eu continuava acompanhando seu paradeiro, incapaz de ignorar sua existência. Sabia até mesmo onde ele se hospedava, em quartos humildes que ficavam na parte de cima de uma alfaiataria. Parabenizei-me pela visão de ter essa informação, que obtive fazendo as perguntas certas sobre Southampton e Robert.

Vestindo um casaco leve de verão com capuz, chamei meu laçao mais discreto e saí apressada pelas ruas de Londres. Uma liteira chamaria muita atenção, então tive que passar pelo meio da multidão, evitando pisar no lixo e nas poças, tentando ir pelo caminho mais curto. Infelizmente, Bishopsgate ficava do outro lado da cidade, o que significava que teria que passar pelas ruas lotadas de aves e pelos mercados movimentados em Cheapside, passando também pela moagem próxima ao Royal Exchange.

Por fim, cheguei à rua Bishopsgate, com suas lojas e tavernas. Agora, teria que encontrar a casa certa. Orgulhava-me de nunca tê-la procurado, mas naquele momento queria muito saber a localização exata. Relutei em perguntar, mas fui obrigada. Rapidamente encontrei a entrada, uma alfaiataria comum como as outras. Lá dentro, um alfaiate e um aprendiz trabalhavam junto a uma caixa de botões. Eles olharam quando entrei e analisaram meu casaco. Quando perguntei onde poderia encontrar o mestre Shakespeare suas expressões feneceram. Eles esperavam uma boa comissão pela execução de um casaco similar ao meu. Lá em cima, disseram-me, no terceiro andar.

Era um espaço escuro e apertado, parecia um caracol. Quase não havia espaço para meus cotovelos não baterem nas laterais da escada enquanto subia, segurando minhas saias. No primeiro andar, havia uma pequena janela e um feixe de luz; no segundo andar, não havia nem mesmo janela. No terceiro andar, uma fenda, por onde passava a luz, me permitiu ver a porta ao lado.

Era uma portinhola, estreita e sem pintura. Será que ele morava ali? Respirei fundo e bati antes de decidir entrar. Nenhuma resposta. Senti um arrepio de alívio. Minha coragem não havia falhado, eu vim, eu bati. Agora, podia ir embora em paz.

A porta se abriu de repente e Will apareceu, olhando para mim. A expressão dele era vazia, mas seus olhos se arregalaram quando me viram e olharam ao redor.

— Estou sozinha — garanti.

Ainda assim, ele ficou olhando e depois silenciosamente convidou-me para entrar. Segui-o até uma antessala sombria e mal iluminada. Ele recuou e, em seguida, sentou-se num banco. Ainda sem falar, indicou a cadeira na qual eu deveria me sentar, uma cadeira acolchoada, a mais confortável, sem dúvida.

— Laetitia — ele finalmente disse. Não era uma saudação, mas sim uma pergunta.

— O seu *Ricardo II*! — bradei. Ele tinha que saber, era importante que percebesse que eu seria direta, que tinha vindo a negócios. Apenas negócios. — Aquilo castiga Robert! Estou muito angustiada. Por que você fez isso?

— Mas não é sobre Robert Devereux — ele disse calmamente. — É sobre um rei que viveu há duzentos anos.

— E por que todos estão pensando outra coisa?

Ele deu de ombros da mesma maneira que um dia achei cativante e agora achava tão irritante.

— Não posso fazer nada com relação ao que as pessoas pensam, o que escolhem entender sobre alguma coisa. Conteí a história como me foi contada, tentando ser o mais leal possível aos fatos. Essas pessoas estão mortas, não



andam mais pelas ruas de Londres, nem se sentam em um trono. Ricardo, eu creio, está enterrado na Abadia de Westminster e Bolingbroke, na Catedral de Cantuária. Você pode visitar suas tumbas, se quiser ter certeza de que realmente já morreram.

— Não, eles estão vivendo diariamente naquele palco! Despejando as suas palavras! Você os trouxe de volta à vida.

— Você viu a peça?

— Sim, e também li, cada palavra.

Ele pareceu gostar de ter ouvido aquilo. Sabia que ele queria me perguntar o que eu achava, como uma peça.

— E?

— E o quê?

— Se você a visse sem preconceito, teria suposto que era sobre Robert?

— Sim! Só a barba já teria me dito tudo.

— Laetitia, não houve nenhum pedido da direção da peça por aquela barba do ator. Foi uma escolha do próprio ator. Se ele tivesse usado um tridente você teria pensado em Poseidon? Se a evidência que você tem é a barba, pode esquecer.

— A descrição dele sobre como cortejar a boa opinião do povo apontava para Robert. Você sabe que ele tem sido aclamado pelas multidões em todos os lugares e como isso irrita a rainha.

— Foi uma articulação literária. Eu tinha que ter uma ação concreta de Bolingbroke para convencer o público de que ele tinha planos de prejudicar o rei Ricardo antes mesmo de ser banido. No palco, temos que demonstrar, e não meramente afirmar.

— Está machucando Robert! Inflamando as piores suspeitas da rainha contra ele. Desde seu retorno de Cádiz, não obtive nada dela, mas sim muitos aplausos das pessoas comuns.

— Sim, eu ouvi. — Ele fez uma pausa e disse: — Isso não significa que o usei para a peça. É apenas uma parte de

todo um conjunto de peças em que estou trabalhando.

— Qual é a próxima?

— Uma sobre Bolingbroke, depois de se tornar rei — ele revelou. — Os problemas dele estão apenas começando. Para um homem que está morto, é claro — ele então sorriu.

A contragosto sorri também. Não queria esquecer que estava brava com ele. Era mais fácil assim.

— Quando você se mudou para cá? — perguntei.

— Há alguns meses — ele disse. Seus olhos seguiram os meus quando olhei em volta para examinar seus aposentos. — Admito que é velho. Não trago condessas aqui, por isso ele é suficiente para mim. Venho raramente, e, quando estou, escrevo. Melhor ter um lugar vazio para escrever. Nada desvia a atenção como belas tapeçarias, pinturas ou quadros. Venha, deixe-me mostrá-lo a você. — Ele se levantou e me levou para uma sala ainda menor. Lá havia uma mesa, uma cadeira, um candelabro e um baú, eram os únicos itens. Amontoados em cima da mesa havia vários papéis e mais outra pilha no chão. Uma janela surpreendentemente grande permitia que a luz entrasse. Dava também vista para os campos abertos e o muro de Bishopgate, além também da grande estrada do norte. — Aqui me sento e vejo apenas o que tenho em minha mente — ele pegou uma das páginas, completamente escrita e olhou — Esta é a continuação da história de Bolingbroke — ele disse. — Depois de se tornar o rei Henrique IV.

O reino de Will era tão pequeno, mas envolvia um grande passado e um rico presente. Aquele quartinho dava origem a trabalhos vistos por milhares de pessoas. Era uma maravilha.

— Estou contente de que esteja feliz, Will — concordei.

— Quem disse que estou feliz? — ele perguntou.

Imediatamente lembrei-me da morte de seu filho e me senti uma tola.

— Com o trabalho — corrigi. — Você é muito bem-sucedido.

— Bem, sobrevivi. Tantos outros dramaturgos morreram, Greene, Marlowe, Kyd. Ou entravam em conflito com as autoridades. Tomo o cuidado de representar todos os pontos de vista no meu trabalho, pois assim não posso ser acusado de nenhum — ele sorriu docemente. — Exceto por você, é claro. E essa é uma prerrogativa de mãe, para proteger seu filho. Perdoo sua confusão.

Então deveríamos fingir que havia sido apenas um mal-entendido. Muito bem.

— Ouvi falar sobre a morte de seu filho mais novo — eu disse. — Lamento muito.

— Obrigado — ele respondeu. — Foi uma grande perda, da qual nunca vou me recuperar. Ele sempre estará aqui, mas nunca presente. — Ele se curvou e abriu uma caixa que continha mais folhas de papel, buscando uma em particular. Encontrou-a e me entregou: — Escrever é um pobre consolo, mas dá forma à dor. Isso é de outra peça na qual estou trabalhando sobre o rei João.

Senti-me estranhamente privilegiada por ler antes de ser apresentada. Ele indicou os trechos que queria que eu visse.

*O luto enche a sala com a ausência do meu filho,  
Está na cama dele, anda por todos os lados comigo,  
Traz sua bela aparência, repete suas palavras,  
Lembra-me de toda a sua graça,  
Preenche suas roupas vazias com suas formas.*

— Ah, Will — foi tudo o que pude dizer. Eu já conhecia aquele sentimento sobre as roupas vazias. As roupas de Walter ainda estavam no baú no seu antigo quarto. — Você consegue transpor uma dor de agora para quase 400 anos atrás.

— Essa é a única maneira de dominá-la — ele disse. Pegando a folha de volta: — Agora você já viu meu ateliê, menor do que o de um ferreiro ou do alfaiate aqui embaixo. Mas esse é todo o espaço que de que preciso. Faz-me bem e acabei de comprar uma grande propriedade em Stratford. É uma pena que foi necessário isso ter acontecido para que eu prestasse atenção no meu lar.

Isso significaria que ele estava se reconciliando com a esposa? Estaria ele visitando-a regularmente? Eu não poderia perguntar.

— Assim, você não precisa sentir pena de mim nestes pequenos quartos. Tenho outros em outro lugar. É claro que isso é o que um devoto cristão sempre dirá — ele suspirou. Parecia mais velho. — E vocês? O que Robert realmente quer?

Não era seguro contar para ele, mesmo que já soubesse. Então eu disse:

— Ele quer preparar outro ataque contra a Espanha, mas está tendo dificuldade em persuadir a rainha em aprovar outra frota. Na verdade, ele ficaria feliz apenas tendo outra missão. A corte é muito complexa para ele — aquilo pareceu desleal. — Quero dizer, é sempre uma tensão na corte.

— Bem, é de lá que tiro a maior parte do meu material dramático, há muitas pedras escorregadias nas calçadas da corte, sobre as quais se pode cair e quebrar o pescoço se der um passo em falso. Há centenas de anos, é claro — ele fez então uma pausa e disse — Isso pode acontecer com Robert. E você?

Dei uma resposta leve:

— Ah, as coisas vão indo. Assim, assado.

— Que tipo de assim, assado?

— Eu... eu...

*Estou vazia, entediada, sem direção. As brincadeiras perderam o poder de me divertir.*

— Fico contente que esteja feliz, Laetitia.

— Quem disse que estou feliz? — rebati.

Rimos muito juntos.

— Peguei você — ele disse.

Repentinamente, senti-me estranha. Queria sair dali. Fiz uma cena de pegar meu casaco e dar um sorriso tão falso quanto o do ator com a barba que causou todo o problema.

— Que as bênçãos o cubram, Will — eu disse, saindo rapidamente pela porta e descendo as escadas. Ele não veio atrás de mim.



**V**oltei para Wanstead depois daquele encontro, pois não queria nem ouvir falar mais nada sobre como meu filho foi representado no palco em *Ricardo II* (apesar dos protestos de Will contrariando meu pensamento), nem ouvir as ideias ingênuas de Robert sobre como sua nova “amizade” com Raleigh e Cecil iria consolidar seu caminho de volta às graças da rainha.

Mas ele me seguiu, aparecendo uma tarde vestido de maneira viva como sempre, para me manter informada do que estava acontecendo em Londres.

— Robert — eu disse. — Por favor, dê uma trégua a esse assunto. É muito triste. Aqui, posso fingir que nada está acontecendo, que estou bem longe, em Moscou... ou qualquer outro lugar. — E então, de repente, fiquei desconfiada: — Há algo de errado em casa com Frances?

Ele pareceu indignado:

— Não, é claro que não. Eu só queria um descanso. Não vou te incomodar mais!

Deus sabia como ele poderia descansar.

— Muito bem — falei.

— Eu trouxe Meyrick comigo para atender às minhas necessidades. Você não precisará fazer nada.

Gelli Meyrick, o mordomo dele! Nunca gostei dele, desde quando havia grudado em Robert ainda em Cambridge. Ele era um tipo humilde, um galês selvagem cujo verdadeiro nome próprio, Gwyllyam, era impronunciável, um dos que Robert tinha tão imprudentemente nomeado cavaleiro em Cádiz e que agora se autodenominava *sir*. Ele havia escolhido um estranho brasão com porcos-espinhos.

— Aprecio muito isso, mas, por favor, não fuja — seria uma mudança bem-vinda vê-lo livre de sua comitiva, com exceção do antipático Meyrick. — Vamos falar apenas de coisas agradáveis. Faz tempo que não nos damos esse luxo.

Era muito fácil, aqui em Wanstead, esquecer dos rumores e problemas do reino, a escassez contínua da terra, a constante preocupação com a Espanha (algum dia nos veríamos livres dela?), a questão do temperamento da rainha e sua longevidade.

Era noite. Eu adorava a noite, quando tudo ficava tranquilo. Quando o sol se punha, eu sempre ficava animada, como se a vida apenas começasse quando escurecia.

Servi uma taça de vinho e coloquei novas velas nas arandelas, preparando-me para ler e pensar, quando, subitamente, ouvi uma batida em uma das janelas na sala ao lado. Era um som afiado, assustador e sinistro. Abaixei meu livro e ouvi atentamente. Talvez fosse apenas um galho batendo no vidro da janela. Mas nem havia vento naquela noite e não havia galhos próximos às janelas.

Uma batida! Outra batida! Não podia fingir que não era real. Levantei-me. Robert estava em outra ala da casa e eu não podia chamá-lo sem passar pela janela. Esgueirei-me até a sala e espiei pela entrada.

Um rosto pálido estava olhando para mim. Parecia um cadáver e eu dei um grito. Ele desapareceu, depois apareceu novamente e fez um movimento limpando o vidro da janela com as mãos inchadas e deformadas.

— Robert! — gritei. — Gelli! — Agora eu agradeceria a presença daquele mordomo corpulento de braços fortes.

Em vez de se abaixar, o homem continuou fazendo gestos lamentosos, como se esperasse que eu o deixasse entrar, com aquelas mãos grotescas. Aí então outro rosto apareceu na janela ao lado. De repente, havia uma confusão lá fora, Robert e Gelli haviam corrido até lá e abordado os dois homens. A briga seguia em alto e bom som, em seguida, silêncio. Corri para a janela e abri, espiando para baixo para ver o que estava acontecendo.

Robert e Gelli haviam dado uma chave de braço em cada um dos dois homens, prendendo-os no chão, puxando os braços deles para trás.

— Pelo amor de Deus! — o primeiro homem gritou. — Ah, solte minhas mãos!

— Quem é você? — perguntou Robert.

— Você não se lembra de mim, Gelli? — o segundo homem disse. — E você, Robert?

— Nunca vi você antes! — disse Robert, segurando cada vez mais forte os braços de seu prisioneiro.

— Cambridge! — o jovem gritou. — Sou Roger Aylward! Por favor!

— Em nome de Jesus — o outro homem disse. — Tenha piedade! Dê-nos abrigo!

— Não até que se identifiquem. Não conheço nenhum Roger Aylward — disse Robert.

— Eu conheço — disse Gelli. — Ele era tutor em Trinity, trabalhava no gabinete do professor.

— Sim! Sim! — disse Aylward. — Eu juro!

— Mas e você? — Robert virou-se para o outro homem.

— Sou John Gerard — ele respondeu.

— Impossível. Está achando que somos tolos? Gerard está na Torre.

— Escapei — ele disse.

Robert riu:

— Não tente me insultar. É impossível escapar.

— Não é impossível. Solte-me e eu lhe contarei tudo.

— O quê? Se o notável jesuíta Gerard algum dia viesse aqui, o que é impossível, eu não poderia abrigá-lo. Isso me

arruinaria se eu fosse pego. Abrigando um jesuíta! Um prisioneiro fugido? Não enquanto eu viver. *Arruinaria* minha vida!

— Peço apenas uma noite. Apenas cinco horas até o amanhecer. Temos um lugar seguro para ir, mas precisamos descansar e despistá-los. Eles pensam que estamos indo para oeste, por isso precisamos ir para o leste.

Pouco a pouco Robert e Gelli foram soltando. Ainda tremendo, os homens foram se recompondo.

— Traga-os aqui — eu falei. — Rápido.

Estava trêmula. Será que aquilo tudo era verdade? Era possível escapar da Torre? E por que eles nos procuraram, uma família sabidamente protestante?

Os dois homens se jogaram para dentro de casa e atiraram-se sobre as cadeiras. Eu não podia chamar nenhum empregado e teria que buscar eu mesma algo na cozinha, queijo, cerveja, qualquer comida.

Enquanto fui buscar as coisas, os homens tiraram seus casacos e agora olhavam-me respeitosamente em silêncio. As mãos do primeiro homem estavam tão machucadas que ele não podia nem segurar a comida, e teve então que ser alimentado por seu companheiro.

— Estas mãos são cortesia de Topcliffe — ele disse. — Fui torturado várias vezes, mas não cedi, embora os ossos da minha mão tenham cedido. Eles me suspendiam pelos pulsos durante horas.

— Acreditem ou não, fomos prisioneiros por três anos — disse Aylward. — Desde as incursões na Páscoa de 1594.

Lembro-me dessas incursões. O governo fez uma varredura nas casas suspeitas de abrigar padres missionários jesuítas e tinha encontrado muitos. Mas a maior prisão de todas foi a do famoso John Gerard, seu líder. Ele conseguiu evitá-los durante anos, capaz de se passar por um cortesão que gostava de caçar, apostar, jogar cartas e de se vestir elegantemente. Quando não estava apenas saindo de circulação, poderia viver por dias em esconderijos incrivelmente pequenos, inclusive sob uma grelha de lareira



como já havia feito uma vez. Em outro momento, ele ficou em um esgoto quando uma casa católica foi invadida às cinco da manhã. Se alguém podia fugir da Torre, seria Gerard. Mas, e se ele fosse um impostor, enviado para nos apanhar?

— Prove que você é quem diz ser — disse Robert.

O homem deu um sorriso triste.

— Perdoe-me, não tenho documentos. Só posso mostrar minhas mãos. — Ele então mostrou as mãos, uma visão macabra.

— Seu companheiro pode ter feito isso — disse Gelli. — A menos que Topcliffe tenha feito marcas em você, não temos como saber se você sofreu nas mãos dele.

— Isso poderia ter acontecido, mas eu não fiquei lá o bastante para esperar por isso — disse o homem. — Já que você não acredita em nós, e completamente entendemos isso, mas ao menos foi caridoso o bastante para nos dar um pouco de comida, seguiremos nosso caminho. — Ele então se levantou.

— Não tão depressa — disse Gelli. — Explique como você conseguiu sair da Torre, se é que conseguiu.

— Simples, porém nada fácil. Fomos aprisionados na Salt Tower, uma das torres externas com vista para o fosso da margem do rio. Com a ajuda do nosso carcereiro, que simpatizava com a nossa causa, conseguimos providenciar que alguns amigos nos esperassem no cais.

— Sim, mas como você saiu da Torre?

— Esticamos uma pequena corda pelo fosso, nossos amigos pegaram-na e amarraram em uma corda maior, para que pudéssemos esticar até o telhado. Depois nos seguramos nela e fomos passando, as mãos de Gerard mal conseguiam segurar. Isso acabou de destruí-las — disse Aylward.

— Agora eles já devem ter notado nossa falta ou certamente notarão pela manhã — anuiu Gerard.

— Deixe que fiquem — eu falei. — Acredito neles.

— Abençoada seja, senhora — disse Gerard. Voltando a se sentar.

— Deixem suas coisas aqui — eu ordenei. — Eles precisam dormir. — Enquanto os homens foram buscar as coisas, eu falei: — Não temos a mesma religião, mas admiro sua coragem, e a dos outros como você que ainda permanecem firmes mesmo que seu país lhes ofereça tão pouco. — Os católicos não podiam se sentar no Parlamento, nem obter cargos na universidade. Não havia nenhum católico nos governos. Persistir no catolicismo significava não obter nenhum cargo no serviço público.

— Essas são as pessoas para as quais viemos ensinar, minha senhora — disse Gerard. — Eles não têm mais ninguém além de nós para sustentá-los. Assim, temos prazer em arriscar nossa própria vida se isso pode preservar a fé deles. As grandes famílias proveem algum abrigo, mas eles ainda precisam de sacerdotes. Houve problemas em Cowdray, um de nossos principais apoios. O novo herdeiro não é mais militante e foi executado em conflito com as autoridades do governo, o que é uma pena. Muitos batismos foram realizados lá ultimamente.

— Eu *realmente* conheci Robert e Gelli em Cambridge — disse Aylward. — E sabia que eles eram protestantes. Mas eu também sabia... perdoe-me... que recentemente Robert brigara com a rainha, por isso achei que seria seguro vir até aqui. Perdoe-me por pressupor isso, mas estávamos desesperados.

Eu sorri.

— Este é um lar protestante — afirmei. — Meu pai, na verdade, era tão ferrenhamente protestante que deixou a Inglaterra quando a rainha Maria se reconciliou com a Igreja. Mas agora... não é tanto uma convicção, e sim mais uma necessidade política — admiti. De repente me senti envergonhada. À luz de uma fé tão pura, assim como a de meu pai, mesmo que na extremidade oposta do espectro, sempre me sentia maculada e comprometida. Mas como

tantos entre nós fervem nessa chama religiosa? — Fico feliz que estejam aqui — eu disse. — Descansem bem.

— Descansaremos — disse Gerard. — E prometemos partir antes da primeira luz do dia! — Na doçura de sua voz, no seu humor calmo, vi o encanto que tinha conquistado tantos.

Cumprindo o que prometeram, antes mesmo que eu me levantasse, os homens já haviam partido. Eles deixaram os lençóis e os cobertores dobrados. Sobre uma das almofadas estava uma medalha de um santo. Peguei-a como se estivesse envenenada, e de certa forma estava. Quando a virei, vi que era santa Lúcia.

Santa Lúcia... santa Lúcia... O que eu sabia sobre ela, sendo a protestante indiferente que eu era? Ela tinha algo a ver com visão e o dia dela era o mais curto do ano. Isso faria dela uma ótima santa padroeira para mim, pois eu adorava a vida noturna. Mas os protestantes não tinham santos padroeiros. Talvez eu pudesse perguntar a Christopher. Ele foi criado como católico. Ele devia saber.

Guardei em minha mão. Era o presente de agradecimento deles, a única prova de que haviam estado aqui, e eu estimava muito.

— Eles já foram? — Atrás de mim, em pé, estava Robert, olhando para as cobertas dobradas. — Quase sem deixar rastros. Graças a Deus!

— Nunca tinha visto um jesuíta — eu disse. — Tinham me dito que eram demônios com cascos fedorentos e caudas. Muito pelo contrário, encontrei um homem humano e inteligente.

Ele riu com desdém.

— Eles dizem que o demônio pode parecer humano e inteligente.

— Ele certamente é inteligente e é muito bom que os puritanos sintam a rivalidade — eu disse. — Apesar de não lhe fazerem muita concorrência no que diz respeito.

— No entanto, estou feliz por já terem ido. Espero que ninguém os relacione conosco, pois isso é tudo o que meus inimigos na corte precisariam para usar contra mim!

ELIZABETH  
Agosto de 1597



**V**ocês têm que assistir a essa peça comigo — disse para Marjorie e Catherine. — Sei que não gostam de peças, mas preciso das suas opiniões. E vocês — virei-me para as jovens damas — podem gostar. Dizem que o ator que interpreta Ricardo é um sonho. Ele tem que ser, para que seu rosto combine com suas poéticas palavras.

Os Homens do Lorde Camarista apresentariam a controversa *Ricardo II* em Windsor naquela tarde. Em Londres quase não se falava de outra coisa e, embora eu tivesse enviado observadores ao teatro para me informar, teria que ver por mim mesma.

Deveria ter sido um verão fácil, com todos os homens mais briguentos e que se vangloriavam longe daqui. Nada de Raleigh, nem Blount, nem Essex.

Mas mais uma vez tivemos mau tempo. Era o quarto verão ruim em sequência, a quarta colheita arruinada. Agora, tudo isso parecia muito pouco natural, as pessoas estavam ficando cada vez mais desesperadas e falava-se mais e mais em violência no interior. O Parlamento se reuniria e tentaríamos encontrar uma solução, ou, se isso

não desse certo, imediatamente ajudaríamos os miseráveis. Havia poucos passeios até o interior, e, sentindo minha impopularidade, e não querendo inflamar o problema ainda mais, não organizei a procissão pelo reino.

O tal *Ricardo II* atçou as coisas. Os puritanos tentaram fechar os teatros novamente, e eu estava determinada a não deixar que o fizessem. Mas que ironia essa de que o meu poder em manter os teatros abertos permitisse que se apresentasse uma peça que incitava ideias questionadoras na mente do meu povo.

Os puritanos, um espinho ao meu lado! Devo combater os puritanos obstinados e hipócritas de um lado e os católicos não conformistas e seus sorrateiros sacerdotes secretos do outro lado. Lamentei as ações do novo herdeiro em Cowdray. Meu caro Anthony Browne havia morrido, passando o título ao seu neto, que desprezou abertamente minha leis religiosas, desafiando-me a investir contra ele. Havia até um mosteiro pequeno e secreto em suas propriedades.

Relutantemente agi, fechando a capela com seus rituais católicos e acabando com o mosteiro, impedindo-os. Alguém tentou incendiá-lo, como que tentando transformar a previsão de Guy Fawkes em verdade.

No interior, os jesuítas fugitivos da Torre ainda trabalhavam em suas maldades.

Os puritanos, em sua parte, sobretudo odiavam o teatro, pois os atores fingiam ser o que não eram. Homens vestidos como mulheres, posando como Júlio César, e assim por diante. Eles citavam as Escrituras... “Uma mulher não usa roupas de homem, nem um homem usa roupas de mulher, pois nosso Senhor Deus detesta todo aquele que faz isso”... para provar que aquelas coisas eram abominações.

A análise que faziam das Escrituras significava que poderiam encontrar um verso para dar suporte a quase qualquer coisa, um dos perigos de permitir que os leigos tivessem livre acesso às Escrituras. Mas, como alguém disse, não sem verdade, os puritanos eram contra o

*bearbaiting*<sup>17</sup> não porque causava dor ao urso, mas sim porque trazia prazer aos espectadores.

Tomando nossos lugares no salão principal, nós nos acomodamos. A chuva caía pesada no telhado. Outro dia de verão que nos foi negado. Era muito bom estar ali dentro.

O belo ator que interpretava Ricardo foi o primeiro a aparecer no palco e o primeiro a falar:

— Velho João de Gante, honrado Lancaster — disse com um floreio.

A peça, em seguida, mergulhou imediatamente na história, uma história que qualquer criança Tudor havia escrito em seu coração. Era a fonte de nossa dinastia, o ato que colocou em movimento a sangrenta guerra civil que durou um século. Começou quando o rei Ricardo II foi forçado a abdicar de sua coroa em favor de seu primo Henrique de Bolingbroke. Aquele ato foi uma grande transgressão. Poderia um soberano ungido em algum momento verdadeiramente renunciar à coroa? A coroação era um sacramento, o direito transmitido pelo sangue, e o ato de ungir e coroar permanente e inviolável. Alguém poderia desfazê-lo?

Supus que era o que a peça tentava explorar e de maneira alguma fiquei desapontada. O rei Ricardo da peça por causa disso, disse:

*Toda a água do mar áspero e selvagem  
O óleo santo não tira o que foi posto na fronte de  
um monarca.  
O curto sopro de homens terrenos é impotente  
Para depor um rei que foi por Deus eleito.*

Mas outros apontaram para o fato que o rei perdeu o direito de ser rei se desprezou seu reino, que o rei poderia pecar, prejudicando sua própria terra. Soava perigosamente próximo à doutrina puritana.

O próprio Ricardo admitiu que “somos obrigados a explorar nosso reino”, enquanto João de Gante falou de

maneira mais bruta, dizendo “esta terra muito querida... é valiosa, morro ao dizê-lo, como um cortiço ou uma fazenda de peles” e “Senhorio da Inglaterra és agora, e um não rei”.

Senti um grande alívio. Ninguém poderia me acusar daquilo. Eu era criticada por ser sovina, mas era muito melhor ser isso do que hipotecar o país.

O rei Ricardo foi para a Irlanda e, enquanto estava lá, seus nobres descontentes desertaram em favor de Bolingbroke. Quando ele voltou, a Coroa já estava perdida. Entretanto, ele se recusou a lutar por ela e até se retirou antes mesmo que Bolingbroke pedisse.

*Que é preciso que o rei agora faça? Submeter-se?*

*Fá-lo-á. Deixar o trono?*

*Ficará satisfeito o rei com isso. Perder o título de rei?*

*Em nome de Deus, que seja assim.*

Que tipo de rei era aquele? Até minha irmã Maria, a qual o povo considerava uma mulher delicada e piedosa, lutou por sua coroa, arrancada das mãos ilegais de *lady* Joana Grey.

Ricardo foi mandado para a Torre, depois transferido para o Castelo Pontefract, onde foi assassinado, seguindo uma sugestão de Bolingbroke de que alguém precisava livrá-lo daquela ameaça viva.

A maneira como Ricardo foi apresentado na peça dava a entender que ele era um tipo lamentável de rei, mas o homem que usurpou seu lugar era um vilão, apesar de ser competente. Eu descendia de ambos. Gostava também de pensar que tinha a sensibilidade artística de Ricardo e o realismo e a praticidade de Blongbroke, em vez de suas fraquezas.

A peça pareceu-me incrivelmente curta. E a ação correu muito rapidamente da crise para o final.

— Algo está faltando — eu disse. Não parecia certo.

O mestre de cerimônias, Edmund Tilney, levantou-se e anunciou:



— Há uma proibição contra a apresentação da cena da abdicação real. Eu a proibi de ser vista.

— Mas foi escrita? — perguntei.

— De fato, sim.

— E os atores sabem como é?

— Sim.

— Ordeno que seja apresentada para mim aqui e agora. Censure-a para as multidões volúveis, mas deixe-me julgá-la por mim mesma.

Os atores rapidamente se organizaram e pediram para ensaiar as falas. Em pouco tempo o ator principal apareceu.

— Estamos prontos, Majestade — ele disse, curvando-se.

Começou a cena subversiva, no Westminster Hall, que serviu de palco tanto para celebrações quanto para julgamentos. Minha mãe havia sido julgada ali, para seu infortúnio, o mesmo acontecera com Tomás More. Se todos aqueles tristes julgamentos que aconteceram ali tivessem peso, as vigas esculpidas que apoiam o telhado cairiam, beijando o chão de pedra.

Bolingbroke estava pronto para assumir a coroa de maneira legal diante de seus cúmplices, quando o bispo de Carlisle se opôs e disse que aquilo não tinha sentido sem a presença de Ricardo. O próprio Ricardo veio até o palco e, após posicionar-se e fazer muitos trocadilhos, foi forçado a entregar sua coroa diretamente a Bolingbroke. Ao ser questionado se estava contente em abdicar da coroa, ele gaguejou e hesitou, dizendo primeiro sim, depois não. Então, concordou, dizendo:

*Vede agora a maneira por que eu próprio vou me destruir:*

*Esta coroa incômoda, retiro-a da cabeça;*

*O cetro inútil, jogo-o longe, varrendo do imo peito todo o real orgulho de comando.*

*Com as lágrimas eu próprio tiro o bálsamo de minha fronte;*

*O diadema entrego com minhas próprias mãos;*

*Com minha língua renego meus sagrados privilégios;*

*Minha palavra anula os juramentos de todos os meus súditos;*

*Abdico da pompa régia e toda majestade.*

O efeito foi chocante. Não há uma fórmula para a abdicação, mas estávamos ouvindo uma acontecer. Uma a uma ele removeu as peças de sua armadura real até que estivesse totalmente desprotegido.

Mas será que poderia fazer aquilo? Ele não disse, no início da peça, que nem toda a água do mar áspero e selvagem, o óleo santo não tira o que foi posto na frente de um monarca? Se nem todo o oceano tinha aquele poder, imagine suas próprias lágrimas.

Eu havia feito um juramento solene em minha coroação e nada poderia desfazê-lo. Um soberano deposto ou assassinado era ainda assim um soberano ungido. Maria, rainha dos escoceses, era ainda a rainha da Escócia durante todos aqueles anos na Inglaterra e permaneceu assim no cadafalso.

Mas e se essa peça convencesse as pessoas de que era possível reverter uma coroação? Era perigoso e aquela cena era extremamente revolucionária, mesmo que os acontecimentos que estavam sendo retratados fossem de duzentos anos atrás.

— Venham, senhoras — eu disse, levantando-me. Girei meu anel de coroação em torno do meu dedo, como se tentando provar que ainda estava lá.

Logo depois, recebi um pedido de audiência do embaixador polonês. As coisas andavam calmas (embora fosse uma calmaria bem-vinda), achei então que a corte, ou o que sobrava dela naqueles dias, apreciaria alguma diversão. Convidei então o embaixador, não para uma audiência particular, mas sim para uma recepção completa na sala de

audiências, com a participação de toda a corte e dos oficiais do reino.

Eu tinha uma queda pelo rei da Polônia, que na verdade era sueco, e uma das minhas melhores lembranças foi o estranho e comovente cortejo do rei Érico XIV da Suécia, isto é, antes que ficasse louco. O irmão dele, o elegante e sofisticado duque João, veio cortejar-me em nome de seu irmão.

De qualquer forma, o filho do duque João, que assumiu o trono polonês como Sigismundo III Vasa, foi eleito. Seu país era agora uma comunidade, o que quer que isso significasse. Os poloneses fizeram essa transição há vinte anos. Mas era óbvio que tal irregularidade não poderia durar. Como um rei poderia ser eleito, por todas as razões de majestade analisadas em *Ricardo II*? Um rei ou uma rainha não era alguém que meramente ocupava um cargo, como um xerife, mas sim alguém indicado pela vontade divina.

Os dias de agosto estavam pesados e sombrios, ameaçando chuva a qualquer momento. Nuvens negras e turbulentas espalhavam-se pelo céu, retumbando ameaçadoramente. Aqui dentro, as luzes piscavam pelas janelas, produzindo reflexos no chão.

Eu estava sentada sob meu dossel, com cortinas ricamente bordadas e enfeitadas, ladeada pelos dois Cecil. Burghley inclinou-se sobre uma bengala, mas se recusou a sentar, o jovem Robert estava vestido com seu traje mais solene de estadista, mesmo usando um chapéu. Mais adiante, ao lado, estavam os outros membros do conselho: Charles Howard, o lorde almirante, George Carey, o novo lorde camarista, Thomas Sackville, conhecido como lorde Buckhurst, William Knollys e o arcebispo Whitgift. Suas esposas juntamente com outros cortesãos subiram em ambos os lados do longo corredor por onde o embaixador entraria.

Vi Francis Bacon e John Harington entre eles e o jovem Robert Dudley, vários irmãos, irmãs e primos da família

Carey e Knollys, minhas damas de honra e as esposas dos conselheiros privados. Seria muito agradável, armaduras completas sem significados profundos.

O embaixador foi anunciado e ele entrou pelo longo corredor. Era um homem robusto e baixinho, todo vestido em veludo preto com uma gola alta abotoada e uma pesada corrente na qual pendia uma insígnia em forma de estrela de alguma ordem polonesa. Enquanto passava pelos rostos sorridentes, dava apenas um cumprimento sereno em resposta.

Ele então se aproximou, segurou minha mão e beijou-a com os lábios secos. Depois, deu um passo para trás e eu me assentei no trono para ouvir seu discurso.

Ele começou a recitar em latim os títulos de seu soberano. *“Sigismundus Tertius Dei gratia rex Poloniae, Magnus dux Lithuaniae Russiae Prussiae Mascoviae Samogitiae Livoniaeque, necnon Suecorum Gothorum Vandalorumque hereditarius rex.”*

Meu secretário de latim gentilmente traduziu: “Sigismundo III Vasa, rei da Polônia pela graça de Deus, grão-duque da Lituânia, Rússia, Prússia, Mazóvia, Samogícia, Livônia e rei herdeiro dos suecos, godos e vênedos”.

Fiz um sinal de aprovação e para que seguisse em frente. Ele continuou em latim, mas não de maneira educada. Em vez disso, foi grosseiro e disse que seu rei estava bravo, pois, após inúmeras tentativas formais, pedindo para que parássemos de impedir seus navios e mercadores de fazer comércio com a Espanha, continuamos nossa conduta ultrajante, contra todas as leis e costumes internacionais. Proibimos o comércio livre e sobrepussemos nossa soberania perante seus reis, o que era intolerável. O rei da Polônia fazia negócios com quem quisesse, com a Espanha e com todo o resto, e avisava agora à rainha da Inglaterra que, se ela não interrompesse tal comportamento, ele a faria parar.

Houve um silêncio atordoante. Aquela violação de costumes e protocolo nunca havia sido testemunhada entre

um embaixador representante e seu soberano anfitrião. Abri a boca para responder, porém percebi que ele não falava inglês. Então, seria em latim, embora já não falasse essa língua fazia anos.

A raiva tomou conta de mim, mas organizei meus pensamentos como se fossem soldados treinados e enfileirados.

— *Expectavi legationem, mihi vero querelam adduxisti.* “Eu esperava uma embaixada, mas você me trouxe a discórdia.”

Ele pareceu surpreso e incomodado ao ver que eu respondia. O que ele esperava, aquele tolo? Ele pensava que não tivesse entendido o latim?

— Ah, fui enganada! — continuei. — Suas cartas garantiam-me que você era um embaixador, mas ao contrário descobri que você era um mensageiro. Nunca, em toda a minha vida, ouvi tal discurso. Admira-me muito tão insolente audácia em presença real em aberto, e também não acredito que, se o rei estivesse presente, ele próprio faria tal discurso.

Aquelas palavras seriam precisamente relatadas ao soberano dele?

— Mas, se você recebeu ordens para proferir tais discursos, o que eu muito duvido, devemos deixar que a culpa recaia sobre o fato de que o seu rei é um jovem e recém-escolhido, não pelo direito de sangue, mas pelo direito da eleição, ele não conhece ainda bem o protocolo da condução de relações diplomáticas com outros príncipes da mesma forma que seus antecessores sabem.

O homem permanecia presunçoso, ou talvez estivesse tendo problemas para acompanhar meu discurso em ritmo acelerado.

— E, com relação a você, que parece ter lido muitos livros, não parece ter prestado atenção aos livros dos príncipes, pois se mostra totalmente ignorante sobre o que é adequado entre os reis — informei àquela lesminha. — Saiba que essa é a lei da natureza e das nações: quando a

hostilidade surge entre os príncipes, é permitido a qualquer uma das partes obstruir as provisões de guerra do outro, não importando de onde se originam, e prever que elas não podem ser convertidas a suas próprias dores.

Chega!

— Para outras questões, que não cabem no momento, você será questionado por alguns de nossos conselheiros. Enquanto isso, despeça-se e vá repousar em silêncio.

Virei-me para minha corte e disse:

— Pelo amor de Deus, meus senhores! Fui forçada neste dia a desenterrar meu latim que fazia muito repousava tranquilo. — uma explosão de aplausos invadiu a sala, o embaixador então desistiu. Ele tinha um longo caminho de volta.

Se aquela apresentação era uma indicação da competência de reis eleitos para ocupar um cargo real, era então uma maldição.

A tarde caiu, convidei todos a se reunirem no quarto privado para um recital de música. A chuva ainda caía, fazendo coro aos alaúdes. Nosso humor já estava mais brando após o incidente com o embaixador polonês, e John Harington desafiou Francis Bacon para uma conversa inteiramente em latim por cinco minutos.

— Assim como nossa graciosa rainha que provou que pode — ele disse, piscando para mim.

— A rainha não tem rivais à altura — disse Bacon. — E tentar igualar-se a ela seria constrangedor. Tentemos outro idioma. Desafio-o em grego.

— Você se desviou da questão. Sabe que não estudei isso.

— Mas eu estudei — disse Robert Cecil.

E então começaram. Eu conseguia acompanhá-los em tudo, e, verdade seja dita, tive que morder minha língua para não corrigir um dos tempos verbais de Cecil.

Fomos todos em seguida para o banquete, e cada um contribuiu com algo para nossa festa. Charles Howard refinou as peras de Reine Claude no vinho tinto doce,

Buckhurst trouxe xerez de Portugal e Marjorie Norris preparou a bebida irlandesa forte chamada *uiscebeatha*, da qual bebemos apenas um pouco, pois era muito forte.

Ao mencionarmos a Irlanda, um sentimento recaiu sobre nós. A Irlanda ainda era uma confusão, nativos irlandeses rebeldes, sob o comando de seu novo líder, O'Neill, ainda eram hostis e aumentavam a cada dia. O filho de Marjorie John, "Black Jack", nosso melhor soldado, não prevaleceu contra eles, por ter tido um problema com Russel, nosso vice-representante, e pediu para ser chamado de volta. Seu direito foi garantido, mas precisávamos de tempo para realocá-lo. Nesse meio-tempo, ele implorou para ir para casa.

— Que esta seja a última coisa que ele tenha enviado daquela terra esquecida por Deus! — bradou Marjorie.

— Logo ele estará em casa — eu garanti. — Enquanto isso, vamos desfrutar de seu presente, como uma despedida da Irlanda.

Cuidadosamente, todos bebemos um gole.

— Precisa ser muito homem para beber isso de uma só vez! — Falei em voz alta enquanto minha boca ainda ardia.

Hora de dormir, enfim, as cartas espalhadas, o virginal coberto, os alaúdes colocados de lado. Taças e frascos vazios e grudentos sobre bandejas e velas queimadas por toda a sala. Já podíamos abrir as janelas e deixar o ar fresco entrar, a chuva havia parado.

Eu estava vestida para dormir e me preparava para ir para a cama quando uma batida nervosa soou na porta do quarto. O guarda abriu e vi a mão esticada, entregando uma carta.

— Para Vossa Majestade — o mensageiro disse. Ele saiu discretamente do quarto para que eu pudesse ler a carta em particular.

Não gostei da aparência da carta, pesada e toda úmida, como se fosse o peso das notícias. Deveria ser algo ruim para ser entregue tão tarde da noite, para que eu soubesse

urgentemente antes de o sol nascer. Claro que também poderiam ser boas notícias e que igualmente não poderiam esperar o amanhecer. Mas eu achava que não.

Abri lentamente, desdobrando-a na mesa onde ainda havia velas. Marjorie e Catherine ficaram uma de cada lado vigiando-me como se fossem anjos. Eu quase podia sentir as penas de suas asas.

— “*Sir John Norris* morreu em meus braços”, escreveu seu irmão Thomas Norris. “Enquanto aguardava permissão para ir embora ele...”

Senti-me como uma intrusa ao ler isso. Lentamente me virei para Marjorie, vi apenas os contornos fortes de seu rosto.

— Minha cara Gralha — eu disse. — Isso para é para você e não para mim. — Levantei-me e entreguei a carta a ela, trocamos então de lugar.

Ela leu e depois se desmanchou em lágrimas:

— Ele se foi — ela disse. — Meu bravo filho!

E nosso melhor soldado, pensei. Uma perda sem tamanho para a Inglaterra assim como para ela. — O que aconteceu? — perguntei.

— Ele morreu de gangrena por causa de um ferimento na coxa — ela disse.

— Assim como *sir Philip Sidney* — lembrou Catherine.

— Maldita Irlanda! — gritou Marjorie. — Já perdi um filho lá! Meu filho mais velho, William, morreu lá, e agora John! Thomas e Henry ainda estão naquele lugar miserável! E Maximilian morreu na guerra da Bretanha!

— Você teve seis filhos, todos eles soldados — eu lhe falei. — É algo muito triste perder três deles. Mas temo que isso aconteça sempre por causa da natureza da profissão. — Aproximei-me para confortá-la, mas ela se virou.

— Eles estavam servindo a você — ela desabafou. — Estavam sob ordens suas para ir à Bretanha e à Irlanda, e ainda serviam lá.

— Ao menos ele tinha o irmão junto com ele — Catherine arriscou timidamente. — Ele não morreu sozinho, como




muitos morrem.

— Podemos agradecer por ter sido rápido — eu disse. Ele não sofreu por quase um mês, como Sidney. E, como disse Catherine, ter o irmão junto dele deve ter sido um conforto. Para ele e agora para você. — Aproximei-me dela novamente e desta vez ela me deixou abraçá-la.

Ao sair do quarto privado para dizer ao mensageiro que não haveria resposta naquela noite e para que retornasse pela manhã, vi a garrafa de *uiscebeatha* vazia. Ainda bem que bebemos. Joguei a garrafa fora. Uma coisa a menos para causar dor a Marjorie quando a visse.

## Outubro de 1597



odas as colheitas tiveram problemas. Tudo o que semeei, ou que parecia ter semeado, havia produzido apenas espinhos, cadáveres e desonra. A colheita verdadeira da terra: escassez e podridão. Na Irlanda: Jack Norris foi um dos muitos mortos por lá, quem não morreu por balas ou flechas morreu de doença cruel, traição ou por causa do clima. E o nosso poderoso ataque marítimo sobre o inimigo espanhol tinha sido um fiasco financeiro e militar.

O legado de Drake estava extinto, deixando-nos vulneráveis aos nossos inimigos. Uma busca sem propósito, não, pior do que sem propósito, absurda e estúpida, por navios de tesouros nos Açores, tinha fracassado de forma tão espetacular quanto fogos de artifício molhados. Os homens e seus navios dispendiosamente equipados voltaram para casa humilhados. O sino da morte dobrou-se para as aventuras da Inglaterra no mar.

Somente Raleigh teve coragem de me enfrentar como se nada tivesse acontecido. O restante dos líderes escapuliu, Essex e Christopher Blount para o interior, Charles Blount para sua casa em Londres. Mas Raleigh, sempre

entusiasmado, chegou a Hamptom Court em um belo dia de outubro para trazer seu presente mais precioso e raro, como ele dizia.

Saí para fazer minha rápida caminhada pela manhã nos jardins, zangada com o tempo claro e dourado. *Agora* o tempo decidia melhorar, só que era tarde demais para fazermos qualquer coisa. O tempo perfeito para colheitas era apenas uma piada, pois não haveria colheitas. Quando eu soube que Raleigh veio me visitar, bradei:

— Ah, o que aquele homem quer agora? — E virei-me para vê-lo, pela fenda na cerca viva de arbustos.

— Saudá-la, minha boa rainha! — ele disse, correndo até mim.

— Ai meu Deus! — Eu falei, virando-me. O simples fato de ele estar ali já me chateava, embora, na verdade, ele tivesse se comportado com mais discernimento e desenvoltura do que o seu amo, Essex. Nunca deveria ter permitido que Essex tivesse o controle total. Ele simplesmente não conseguia trabalhar em conjunto ou coordenar os próprios planos.

— Será que o sol fez com que escondesse seu rosto? — gritou Raleigh, já ao meu lado. — Diga que não!

— Virei-me para procurar algo em meus baús vazios — eu disse. Mas ele conhecia nossos estreitos como ninguém. — O que você me traz, Walter?

— Se dissesse que era uma pirâmide de ouro inca ou o rubi do cetro de um príncipe indiano, não lhe agradaria tanto quanto o que tenho a oferecer!

— Tente — eu disse. — Apresente essas duas coisas primeiro.

Ele deu um sorriso convincente.

— Bem, eu não as tenho. Apenas illustrei o que queria dizer.

— Como pensei. Bem, então, qual é a terceira coisa?

Ele fez um gesto para seu empregado e puxou um carrinho de treliça por sobre a trilha de cascalho do jardim.

Como fez força para empurrá-lo, então era óbvio que o carro continha algo pesado. Talvez fossem barras de ouro.

— Cuidado, cuidado, devagar! — Avisou Walter quando o carrinho chegou próximo e deu uma guinada. Ele ajudou o homem e juntos empurraram até mim.

O carro na verdade era uma gaiola, com a portinhola trancada. Deve ser um animal, talvez outro *armadillo*. Mas isso não seria novidade. Espiei dentro dela, nenhum cheiro. Um animal limpo, então. Bati na gaiola, silêncio. Nem latido nem chiado, um animal mudo. Empurrei um pouco a gaiola, nenhum movimento. Um animal tranquilo.

— Ah, por Deus, o que é? — gritei. — Não faz nada!

— Calma! — ele gritou, levantando a porta da gaiola para que a luz entrasse.

Uma enorme cabeça cinza com olhos grandes que não piscavam ficou olhando para mim. Saiu, com o pescoço enrugado, de dentro do que parecia ser uma concha gigantesca ou uma armadura.

— Saia, saia daí — disse Walter, abrindo a outra extremidade da gaiola e empurrando a criatura por trás. Ele não conseguia movê-la, ela apenas continuava olhando para mim.

— Foi isso que você saqueou? — perguntei.

— Sim, consegui isso de um navio português que voltava de Zanzibar. Parece que o animal era um presente de um dos chefes de lá.

— E por que você não pegou o carregamento de cravos?

— A carga de cravos não estava lá. Não sobrou nada além do delicioso cheiro.

— E dessa criatura — que agora se mexia e levantava sobre patas enormes, fazendo com que a concha batesse no teto da gaiola.

— Aqui, venha aqui minha beleza — disse Raleigh. — Venha aqui fora, venha.

Mas a criatura não conseguia descer dali, então ele e o outro homem tiveram que levantá-la.

— Não aqui! — eu disse. Depois que o colocassem no chão, não conseguiriam mais movê-la. — Isso pertence ao jardim do Novo Mundo. — Mostrei o caminho para a área murada que mandei construir para as plantas que as pessoas me traziam das Américas. Havia canteiros de batatas, tanto doce quanto salgada, canteiros de tabaco (mas eles ocupavam muito espaço com suas folhas muito grandes, eu ainda planejava tirá-los dali), mandiocas e cactos carnudos com enormes espinhos, plantas com folhas como flores de lótus na água e flores vermelhas ou amarelas. Cultivava vinhas que produziam cabaças frisadas de cor alaranjada chamadas de abóboras e plantas altas, esguias, estreitas, com folhas que envolviam grãos dourados em espigas, chamada milho. Havia arbustos nos quais cresciam feijões. E aquelas plantas eram apenas as que cresciam em nosso clima, as demais tinham morrido após o primeiro verão.

— Que todas as diferenças se misturem — eu disse. Fazendo muita força, conseguiram libertar a enorme tartaruga do carrinho e colocaram-na entre dois canteiros de batatas. Ela imediatamente enfiou a cabeça dentro de sua concha, parecendo uma pedra cinza.

— Uma tartaruga gigante? — exclamei.

— Na verdade é um cágado, senhora, pois vive somente na terra — ele explicou solenemente.

— Quanto tempo ficará assim? — perguntei.

— Pode ficar assim por dias — admitiu Walter. — Ela provavelmente é tímida e ficará assim até que se sinta em casa.

— Você tem certeza que é ela?

— Os portugueses disseram que é. De qualquer forma, ela tem um nome feminino. Constância. Significa “constante, estável”.

Olhei para aquele corpo imóvel.

— Sim, vejo que ela faz jus ao nome.

— Toda vez que olhar para ela...

— Irei me lembrar de você, Walter. Agora me diga, o que essa criatura incrível come?

— Os marinheiros disseram-me que ela pode passar muito tempo sem comer nada, mas em Zanzibar ela comia grama e frutas do chão.

— Uma dieta barata. Faremos o melhor para satisfazer o apetite dela. — Constância ainda não tinha se movido, nem mostrado a cabeça. Virei-me e disse: — Talvez se não olharmos para ela... — Conduzi então Raleigh. — Agora, Walter, o que você veio realmente me dizer?

Fomos até o lago do jardim que não ficava muito distante dali.

— A senhora é astuta, como sempre. Nada passa despercebido por vós. — Nós nos sentamos em um banco de pedra, próximo a uma fonte que jorrava água da boca da estátua.

— Não preciso ser muito perspicaz para ver além do que me presenteia. Suponho que você queira me contar sua versão da malfadada expedição.

— A viagem... — ele começou timidamente. Depois disse. — Essex estragou tudo! A senhora nos deixou sob o comando dele e nos deu ordens para que não fizéssemos nada sem o consentimento dele. Ele usou o poder para não nos deixar agir. Ele não obedeceu nem sequer à regra básica de comando para informar aos seus subordinados sobre a mudança de planos. Por causa dele, perdemos São Miguel. Aguardei no local marcado, assim, anunciando a presença inglesa por toda a cidade, dando-lhes ampla oportunidade de retirar seus objetos de valor e armar-se. Sabendo que seria severamente repreendido se fizesse qualquer coisa sem as ordens de Essex, não poderia tomar nenhuma medida. Por fim, depois de aguardar três dias, decidi desembarcar as tropas e tentar capturar o que ainda sobrava.

— E onde esteve o lorde Essex durante esse tempo todo?

— Comendo, bebendo e se divertindo com seus homens do outro lado da ilha. Sim! Em vez de seguir para o forte de

São Miguel como havia prometido, ele permaneceu na cidade, empanturrando-se e descansando.

— Ele não mandou nem uma simples mensagem para você?

— Nada! Quando nos reunimos, ele me puniu por traição por desembarcar “sem permissão” e seus comparsas, Southampton e Christopher Blount, queriam que eu passasse por um julgamento militar e me executar.

— Bem, você está vivo — eu disse, tentando abrandar a situação, embora por dentro estivesse muito agitada. Eu não queria que ele saísse por aí repetindo minhas palavras. — O que aconteceu?

— Esforcei-me para pedir desculpas, embora a culpa fosse toda dele. Eu não daria aos que o apoiam a desculpa que estavam procurando para acabar comigo. — Ele se aproximou e, se eu não fosse rainha, ele teria segurado meus ombros e puxado meu rosto para perto do seu para dar ênfase. Mas ele sabia o seu lugar. — Minha cara Cíntia, minha lua, sinto que Essex está completamente escravizado por esses homens, esses garotos, dos quais se cerca. Eles o incitam, enchem sua cabeça com bobagens ou até mesmo tiram o que presta de dentro dela, deixando-a completamente vazia.

— Ele mantém um enxame deles em Essex House, ouvi dizer. — Eram jovens, violentos e sem nenhum objetivo ou esperança: uma combinação explosiva.

— *Enxame* é uma boa palavra, pois eles são como gafanhotos, devorando à vontade e montando o seu exército. Eles não deixam que ele receba conselhos de outras pessoas. A única pessoa equilibrada naquela casa é a mãe dele, Lettice. E ele dá cada vez menos ouvidos ao que ela diz. A mesma coisa com Francis Bacon. Os outros dizem tudo o que ele quer ouvir e ele está dançando conforme a música.

O que os outros dizem... é o verdadeiro canto da sereia, aquele que nos atrai para as rochas.

— Fico triste em saber disso — falei. A descrição de Raleigh do comportamento de Essex fazia com que ele parecesse desequilibrado e iludido.

— Fico triste em contar, mas é de suma importância que a senhora saiba. Ele, é claro, dirá tudo de forma diferente.

— Nunca hesite em me contar a verdade. Foi o que acertei com Burghley desde o início.

— “A ira de um príncipe é a morte” — ele citou o aviso enviado a Tomás More. — É muito perigoso desafiar a raiva de um governante.

— Esse ditado não cabe a mim — respondi. — Fui forçada a condenar os dois, o duque de Norfolk e a rainha dos escoceses à morte, mas não estava com raiva, e sim com pena. E aqueles dos quais senti raiva, como aconteceu com a presente companhia, mantive-me longe. Se me deixar com raiva significasse a morte, então você, Leicester, o embaixador polonês estariam todos mortos. Até Lettice Knollys ainda vive em paz, aquela loba!

— Entendido, minha Cíntia. Nunca hesitarei em lhe contar a verdade.

Na manhã seguinte descobri que o cágado havia destruído metade das plantas no meu jardim do Novo Mundo, achatando os feijões, comendo as copas das batatas, arrancando as abóboras das vinhas e esmagando as flores. Constância havia passado por cima de tudo como um elefante e agora cochilava inocentemente num canto enquanto o sol aquecia sua casca grossa.

Que criatura perversa. Pensei em fazer Raleigh levá-la para Sherbonee e deixar que Bess tomasse conta dela. Mas ela era cativante, mesmo causando estragos, assim como Essex e Raleigh.

O Parlamento de 1597 foi um caso triste, muito aguardado como uma resposta ao desejo e inquietação que assolava a terra. As mentes mais brilhantes da nação se reuniram para



resolver a crise, como esperado, as mentes mais brilhantes brigaram entre si. Havia um sentimento de desamparo e confusão por toda parte, pois sabíamos que o problema foi causado por duas coisas que fugiam ao nosso controle, o tempo e a história passada, e a solução não poderia esperar até que nossa sabedoria aumentasse.

Por fim, aprovamos uma série de leis fracas, legislando tanto para ajudar quanto para controlar a população de necessitados. Alguns, como Francis Bacon, clamavam que os senhores de terras cercando suas terras para criar ovelhas sem cultivar nada provocaram a escassez de terras cultiváveis e que aquela era a raiz do problema, e que seus apoiadores tentaram fazer confusão tanto para colocar quanto para arrancar as cercas. Mas, como o rei Canuto, que ordenava que a maré parasse, isso era inútil.

Muito já havia se passado para que pudéssemos voltar atrás. No entanto, Bacon fez uma defesa eloquente, retratando o futuro do interior, despojado de suas aldeias e agricultores, sofreriam o destino da abandonada Troia, ou seja, nada além de prados com ervas daninhas.

A questão da terra já estava controlada, Bacon teve duas leis aprovadas, o Parlamento seguiu então para tratar dos falsários e dos pobres honestos, cada um exigindo uma cura diferente. Os falsários foram identificados como acadêmicos pedintes, falsos náufragos, adivinhos, criadores de ursos, falsos coletores de impostos, trabalhadores ilegais, falsos voluntários da caridade e atores, exceto os apadrinhados pelos nobres. Todos os falsários deveriam ser chicoteados e mandados de volta para suas paróquias de origem, para ali permanecerem, sem mais vagabundear pelas estradas.

Se algum desses tipos fosse, além disso, um agitador ou um líder das classes mais baixas, seria exilado para algum lugar distante, para nunca mais voltar, sob pena de morte. Ou, se um lugar adequado ou o exílio permanente não estivesse disponível, ele poderia ser mandado para os galeões para remar pela eternidade.

Para os pobres honestos, uma esmola de sua paróquia local substituiria a mendicância. Eram pessoas incapacitadas para o trabalho, não por culpa própria: o cego, o coxo, o velho, o frágil. Além disso, a paróquia arrecadaria dinheiro para as matérias-primas para construir as casas dos pobres, empregando pobres em condições físicas de construí-las e proporcionando aprendizagem para as crianças.

Tais leis tentavam pôr fim à mendicância e aos vagabundos. Se seriam bem-sucedidas ou não, era pelo menos um nobre esforço. Não tive notícias de outro país que tivesse tentado algo parecido e estava orgulhosa de ser pioneira.

Jesus disse que os pobres estariam sempre entre nós, mas não disse que não havia obrigação de ajudá-los. Até agora, ajudar os pobres significava fazer caridade ao próximo. Agora, na Inglaterra, dizíamos que o próprio governo passava a determinar ajuda aos pobres. Não se tratava de meramente colocar uma moeda na mão de um órfão. Cada vila e vilarejo tinha que ser responsável pelas pobres almas que viviam lá.

Quanto aos vilões que zombavam dos pobres, fingindo pobreza, a fim de reivindicar falsa caridade, esses, sim, deveriam ser expostos e erradicados.

Aquelas eram leis das quais o Parlamento deveria se orgulhar.

Tudo isso acontecia enquanto Essex estava em casa de mau humor, recusando-se a assumir seu lugar na Câmara dos Lordes ou a participar de reuniões do Conselho Privado. Cerca de trinta de seus apoiadores no Parlamento deram prosseguimento às suas propostas, mas ele não deu a graça de sua presença à Câmara. Ficou insultado por eu ter nomeado o lorde almirante Charles Howard conde de Nottingham, e com o fato de Charles presidir o Parlamento como lorde comissário perante todos os outros.

Foi uma surpresa minha, uma merecida recompensa para Charles. Essex também ficou furioso com o discurso que elevou a patente de Charles, dando a ele crédito sobre a ação contra a Armada em 1588 e também na missão em Cádiz. Essex ridicularizou a participação de Howard no caso Cádiz, considerando a si mesmo o único herói.

Por meio de mensagens e mensageiros, ele exigiu que eu reformulasse a patente omitindo o crédito à missão de Cádiz. Ele destacou que “problemas” poderiam acontecer caso ele e Howard fossem obrigados a aparecer em público juntos. Ele desafiou Howard para um duelo, ou um dos parentes de Howard, já que Howard era muito velho para lutar de igual para igual.

O mau comportamento foi revelado no momento mais inoportuno, pois o rei Henrique IV da França havia enviado um embaixador, André Hurault, *sieur* de Maise, para averiguar nossa relação com ele desde sua conversão ao catolicismo e sua incapacidade, ou negação, em pagar a ele os grandes empréstimos que havíamos feito. Henrique gostava de Essex, assim como as pessoas que somente o conheciam de longe. Sua ausência da corte levantaria dúvidas. De alguma forma, teria de acalmar o menino cansativo, atraí-lo de volta para manter as aparências.

Depois que os franceses tivessem ido embora, teria tempo suficiente para decidir o que fazer com ele. Pensava nele agora como um problema a ser resolvido, ele havia conseguido desgastar quase que todo o afeto que sentia por ele. Apenas uma fina camada permanecia, como um anel cujo revestimento se corroe por causa da falta de cuidado e uso contínuo.

Era importante também que eu tivesse uma boa aparência, de modo que quando Maise se comunicasse com seu soberano, contasse como eu parecia estar saudável e jovem. Eu estava muito incomodada com um furúnculo no meu rosto que teimava em não se curar. Tive que recorrer à maquiagem mais espessa do que o habitual, duplicando a quantidade de mármore triturado e casca de

ovo para transmitir a brancura perolada desejada. Catherine me ajudava, ela era especialista em misturar as porções certas de cera de abelha e cinábrio em pó para colocar nos meus lábios e bochechas, e sabia quantidade exata de água a ser usada na composição da pasta para o rosto.

— Tenho que estar com a minha melhor aparência — eu disse. — Pois os franceses notam cada detalhe.

Ela estava bem-humorada, a promoção de seu marido havia agradado imensamente a ela, pois eu concedia poucos títulos e raramente alguém era promovido sem justa causa. Sem dúvida, ela sentiu que meu reconhecimento estava atrasado, mas nunca me importunaria com isso.

— Dizem que os franceses apreciam especialmente mulheres mais velhas — falou ela. Suspirei.

— Eles têm essa reputação, mas a pergunta é quão mais velhas? — Virei o espelho para todos os lados, vendo como meu rosto ficava diante de diferente focos de luz. O furúnculo estava bem disfarçado. Desviaria a atenção do meu rosto de qualquer maneira, com as já esperadas roupas e joias deslumbrantes.

— Acho que vou usar o vestido italiano hoje — falei. — Eles analisarão qualquer vestido francês que eu use com olhos afiados, mas ganharei créditos por escolher algo novo, vindo da Itália. — Ela ajudou a me vestir com um vestido de algodão prata, com faixas de rendas douradas, fazendo-me brilhar. Pedi uma grinalda de rubi e pérola para decorar o colo. Sendo solteira, podia usar corpetes abertos até o pescoço. Claro que sempre preenchia o espaço com joias.

O embaixador era encantador e cortês, mas os franceses nunca mandavam pessoas que não o fossem. Conversamos sobre várias coisas, tentei descobrir o que exatamente Henrique estava pensando, e De Maisse estava fazendo o mesmo comigo. A questão mais urgente era o tratado de paz francês iminente com a Espanha. Eles estavam ansiosos para que nos juntássemos a isso, mas como poderíamos?

O rei Filipe, apesar de ter uma Armada após a outra sendo destruída, não parava de enviá-las. É certo que nossa

recente política de ataque à Espanha devia ser encerrada agora, não por convicção, mas por falta de eficácia. Mas isso não significava que podíamos nos dar ao luxo de deixarmos de nos armar contra uma invasão e passarmos a confiar na Espanha.

De forma irritante, De Maise continuava perguntando sobre Essex. Eu dei uma resposta descontraída após a outra, o tempo todo conversando com Cecil pai e Cecil filho sobre o que fazer para trazer Essex antes que o embaixador partisse.

— Não posso permitir isso — eu disse a eles, depois que o embaixador partiu. — Vocês concordam?

Sabidamente encontrei-me com cada um deles em separado. O jovem Cecil, Robert, estava cada vez mais e mais educado e autoconfiante em relação ao aumento de suas responsabilidades. O velho Cecil, Burghley, estava cada vez mais fraco e só fazia algumas semanas desde a última vez que o vira. Sua mente estava mais alerta do que nunca, mas era evidente que seu pescoço estava cada vez mais fraco para suportar aquela cabeça brilhante. Como equipe, o vigor recaía sobre o filho.

— Sim, o cão deve ser levado na guia — disse Burghley. — Antes que estrague a caça.

— Vejamos, o que faz um cachorro ser obediente? — perguntou Robert. — Há punições. Mas ele já foi punido, repreendido e rebaixado. Então, com que recompensa podemos comprá-lo? — Depois de pensar por um momento, ele respondeu à própria pergunta.

— Oferecendo algo que não custa nada para a senhora e que suaviza a vaidade dele — ele disse friamente.

Fiquei impressionada com seu total desapego e a maneira direta de colocar as coisas.

— Algo militar, uma vez que ele se define assim — disse Burghley.

— Poderíamos oferecer-lhe o almirantado — eu disse. — Howard ficaria contente em poder se aposentar desse cargo.

— Não, seria visto como receber as sobras de Howard — disse Burghley.

— E o lorde Guardião do Selo Privado? — perguntei.

— Não é nobre o suficiente — disse Robert. — Ele gosta de algo que soa muito nobre. Que títulos temos vagos? O que acham de... conde marechal da Inglaterra?

— Péssima associação — eu disse. — Está vago porque o último titular, o duque de Norfolk, foi executado por traição.

— Ele não se importará com isso — previu Burghley.

— Ele não perceberá que, sendo que o posto estava suspenso fazia vinte e cinco anos, dificilmente será vital para o funcionamento do reino? — perguntei.

— Ele é muito vaidoso — disse Robert. — Ele vai olhar apenas para a pompa exterior e, por mais oco que seja, isso não importará a ele.

— Como você é duro sobre o caráter dele — eu disse.

— Ele passou alguns meses vivendo conosco quando tinha nove anos — contou Robert. — Assim acabei conhecendo-o muito bem, e o adulto não mudou nada daquela criança obstinada que já contava com sua aparência e charme para levá-lo aos mais altos escalões do sucesso. — Era impossível disfarçar a amargura em sua voz.

— Meu filho está certo — disse Burghley. — Por que você acha que nunca o incentivamos de ser parte de nossa família?

— Então ele será conde marechal da Inglaterra — eu disse. Eles estavam certos: era uma honra que não me custaria nada. Num certo sentido, ele já era considerado o líder militar do reino, de modo que isso agregava nada mais do que deixá-lo caminhar na procissão à frente de Nottingham, destacando-o em ocasiões formais. Um valor baixo.

Como esperado, Essex não aceitou imediatamente o prêmio com gratidão. Ele fazia questionamentos sobre a exata descrição da patente. Quando o encontrei em particular, ele não se preocupou em me bajular ou me agradar. Pelo

contrário, ele impôs condições, disse como queria que a descrição da patente ocorresse, nomeando o local e a hora em que a cerimônia que iria conferir a patente a ele deveria ser realizada. Ele ainda não tinha certeza se retornaria ao Conselho Privado. A menos que... eu recebesse sua mãe na corte.

Quando ele fez aquele pedido, fiquei olhando para ele por alguns minutos. Seu rosto estava na sombra, os braços cruzados. Eu não conseguia interpretar sua expressão. Seria desafiadora? Esperançosa? Nervosa?

— Receber sua mãe? — repeti.

— Sim. Ela deseja se reconciliar com a senhora. E eu, que odeio ver as duas mulheres que amo em lados opostos, sou torturado por essa situação.

— As duas mulheres que você ama... Sua mãe e sua rainha? E sua esposa? E creio que há certas damas na corte que acreditam que você as ama... Ou você deu razão a elas para acreditar.

— Eu deveria ter dito três mulheres. Minha mulher também fica incomodada por sua dureza com a avó dos filhos dela. Ela é sua prima — ele disse. Agora a voz tinha um tom muito mais adulator. — Sua parente de sangue. Com o passar dos anos, eles vão desaparecendo. Por que se afastar de um dos poucos remanescentes?

Como ele ousa falar sobre a minha idade e o passar das gerações? Era algo que eu não poderia revidar. Ao contrário, fingi refletir sobre suas palavras. *Tudo pela Inglaterra*, lembrei-me.

— Sim, descendente da minha tia — eu disse, ganhando tempo, enquanto pensava. Tinha que fazer aquilo, mas *como* o faria não caberia a ele me dizer. — Muito bem — eu disse.

Ele deu um salto para a frente, inclinou-se sobre o joelho, pegou minha mão e começou a cobri-la de beijo.

— Ah, obrigada! Quando pode ser?

— Após o Ano-Novo — eu disse. Na época mais morta do ano, quando a corte estava vazia.

— Mas... — ele começou, e então pensou melhor. Ele queria que ela viesse enquanto os franceses estavam aqui e a corte estava brilhante de entretenimento. *Nem em mil anos, pensei.*

Chamei sua atenção.

— Quanto ao seu retorno à corte...

Agora, ele já era nosso.



LETTICE  
Novembro de 1597



**V**enci — disse Robert orgulhoso, braços cruzados e queixo projetado para a frente. — Ela se rendeu totalmente. — Um documento pendia em sua mão enunciando os termos da sua nomeação como conde marechal da Inglaterra. Robert Cecil havia informado que a patente final, em um pergaminho apropriado, estaria pronta em alguns dias.

— Em toda a vida ela nunca se rendeu. Por que ela faria isso por você se não fez nem para Filipe da Espanha? — Peguei o papel das mãos dele e desdobrei. Era estranhamente inocente, nomeando Robert Devereux, segundo conde de Essex, como conde marechal, o mais alto comandante militar no reino. Se eu não conhecesse a rainha como eu conhecia, teria aceitado normalmente. Mas aquela não era uma atitude segura com relação a ela.

Ele deixou outra carta em cima da mesa que acabava de ter chegado. Então rompeu o lacre e leu rapidamente.

— Sim, minha vitória está completa! Ela não pode me negar nada. — Ele então me entregou a carta, a alegria fez com que seus lábios se abrissem num largo sorriso.

Não conseguia acreditar no que meus olhos viam. Ela aceitou me receber na corte. Continuei lendo o restante. Depois das festas, que pena. Mas aquilo não era nada.

— Como você conseguiu isso? — Eu havia pedido que ele tentasse, mas era uma esperança vã.

— Ah, tive apenas que pedir — ele disse despreocupadamente.

Duvido. Algo deve ter acontecido. De súbito, toda a excitação que senti desapareceu

— Bem, eu agradeço — falei. — Parece inacreditável. Faz quase vinte anos que fui proibida de ir à corte.

— Agora que ela cedeu, retornarei para o Conselho Privado e para a corte. Sei que o conselho tem sido composto de seis ou sete sem mim. Agora a interrupção dos negócios vai terminar. Minha ausência era muito inconveniente para eles, foi o que ouvi.

Ele andava para cima e para baixo na sala, como um potro ansioso para escapar da baía e sair correndo.

— Um duelo de vontades e eu venci — ele disse maravilhado.

— Talvez seja isso o que ela quer que você pense — eu disse. Conhecendo-a desde a infância, lembrei que ela tinha muitas maneiras de ganhar o jogo, incluindo o truque de perder a primeira jogada.

— É o que o resto da corte pensará também — ele disse.

— Ela está disposta a deixar as pessoas pensarem o que quiserem, se servir ao seu propósito — eu o alertei.

— Bem, o título serve ao *meu* propósito! Serve também para o conselho que Francis Bacon me deu sobre abster-me do papel militar. Mal posso esperar para ver a cara dele quando lhe mostrar isso — ele beijou o papel com carinho. — Sou o soldado com o posto mais alto do país!

Escondi minhas dúvidas. *Por que, Lettice, me perguntei, por que você não consegue receber isso com gratidão?*

Robert retornou à corte como um general romano para o triunfo. Seu desfile pelas ruas com a multidão aplaudindo

provou que ele ainda era o queridinho do povo e que sua ausência tinha apenas aguçado o apetite para o vislumbre de seu herói.

Seria mentirosa se dissesse, até para mim mesma, que ouvir os gritos e vê-lo desfilando, tão lindo e encantador, não fazia meu coração transbordar de orgulho. Quando uma mãe segura seu filho pela primeira vez, ela não o imagina, secretamente para si, como um homem adulto, cavalgando em direção ao esplendor e à aclamação? Poucos chegam lá, mas o meu chegou.

Robert voltou ao turbilhão de festejos da corte para a embaixada francesa, e ele chegava em casa com as histórias sobre a dança, os banquetes, a música. A rainha, ao que parecia, fazia tudo para entretê-los, não poupando nada. Robert disse que ela havia flertado com *monsieur* De Maisse usando seus vestidos mais decotados e muitas pérolas, ganhando elogios sobre sua aparência e inteligência.

— Ela até mesmo disse, uma vez, que não era tão bela, mas que isso era dito em sua juventude. — Robert contou na manhã seguinte à festa. Ele riu. — Ela deu aquele olhar de lado, deixando o pobre homem sem resposta, mas para anunciar que na verdade sua beleza fora reconhecida na juventude e que ainda era deslumbrante.

— Ele nunca deveria ter dito “na juventude” — eu disse.

— Ela não se importou com isso — ele admitiu. — Ela também o provocou sobre sua idade, num dado momento, dizendo que ela estava à beira da sepultura e, em seguida, quando ele manifestou preocupação, repreendeu-o, dizendo: — Não acho que morrerei tão rápido! Não sou tão velha, *monsieur l’Ambassadeur*, como você supõe. — E o deixou reticente.

— Como ela pretendia.

— E ela parecia muito atraente — ele disse.

— Pergunto-me quanto tempo levou para que parecesse? Provavelmente horas!

Por trás da minha risada estava a base da minha própria experiência com a idade. Eu parecia a mesma a distância, mas... de perto exigiam-se um esforço e algum tempo.

Nos dias que se seguiram, e depois do Natal, vi o brilho da corte a distância, pelos olhos de Robert. Fui privada de tudo aquilo por muito tempo, mas agora havia a possibilidade de logo estar lá, vendo tudo aquilo por mim mesma. Ao lado da maravilha de milagrosamente ver alguém que não viveu na mesma época que você, o rei Alfred ou o imperador Constantino, aquela era a maior restauração que eu podia imaginar. Comecei a planejar minhas roupas e qual presente deveria levar para ela. Quase fiquei feliz com o tempo que teria para pensar nisso. Tinha que ser o presente perfeito.

Christopher não estava muito empolgado com isso, mas nunca havíamos tido a experiência de cair em desgraça. E, nos últimos dias, ele parecia mais interessado em passar seu tempo com os companheiros do mar do que ansiando pela corte. Havia também a delicada questão de Southampton e Elizabeth Vernon para preocupá-lo. Eles iriam até a rainha pedir permissão para se casar, mas ainda aguardavam o momento mais oportuno. Elizabeth estava grávida e eles teriam que se casar, sendo permitido ou não. Apenas a preocupação da rainha com a embaixada francesa conseguiu fazer com que os olhos aguçados dela não notassem a condição da menina, que em breve seria óbvia para todos.

Christopher estava nervoso por seu amigo, temendo que ele pudesse até mesmo ser enviado para a Torre. Tudo dependia do humor de Elizabeth, mas Southampton nunca foi um dos preferidos, e assim ele dificilmente seria acusado de “deslealdade”, que era a forma como ela marcava qualquer um de seus admiradores que se atreveram a assumir uma mulher que estava realmente disponível. Então, provavelmente, o pior que teriam de suportar seria uma mostra do temperamento dela e algumas palavras desagradáveis.

O serviço de espionagem de Anthony e Francis Bacon conseguiu interceptar uma cópia dos relatórios do *monsieur* De Maisse ao rei. Eles nos revelaram as impressões do embaixador sobre a rainha.

— Aqui, ela diz, “Aí, você, que já conheceu tantos príncipes, veio até aqui para ver uma velha louca” — leu Francis.

— Espero que ele não caia nessa armadilha — disse Robert. — A resposta apropriada seria cobri-la de elogios.

— Sim, foi isso o que ele fez. E depois ele escreveu: — “Quando alguém fala da beleza dela, ela diz que nunca foi bonita, embora mantivesse essa reputação trinta anos atrás” — Ele fez uma pausa e disse: — Ouça agora esse comentário ao rei dele: “No entanto, ela fala sobre a beleza dela sempre que pode”.

Eu dei uma risada e os homens romperam em gargalhadas.

— A avaliação honesta da aparência dela: “Até onde ela pode, mantém a dignidade, mas seu rosto está muito envelhecido: é longo e fino”.

Eu não a via propriamente fazia muito tempo e estava surpresa em ouvi-la ser descrita dessa forma. Vinte anos é muito tempo, mas, como eu, ela parecia a mesma de longe.

— Ele continua sobre o fato de que os ingleses não concordarão em ficar em paz com a Espanha...

— É claro que não concordaremos! — berrou Robert. — Isso seria insanidade.

Francis suspirou enquanto lia mais da cópia do relatório... Mesmo que ele termine como seu admirador. “Não é possível ver uma mulher com tanto vigor e disposição tanto da mente quanto do corpo. Ela tem um comentário pertinente para qualquer coisa que dissermos a ela. Ela é uma grande princesa e sabe tudo.”

Gloriana, a Rainha das Fadas, ainda sabia lançar seu encanto, então.

Os doze dias do Natal haviam acabado e um janeiro cheio de neve chegou. As distrações dos feriados acabaram, e

agora eu poderia me concentrar em qual presente dar a ela. A coisa mais apropriada seria uma joia. Odiava o fato de que Leicester havia deixado para ela aquele magnífico colar com 600 pérolas, que poderia ser meu. Ela usava o colar orgulhosamente como uma noiva em todos os retratos pintados dela. Por isso, jamais daria pérolas a ela. Ela também tinha pérolas negras recebidas de Maria, rainha dos escoceses. Nada de pérolas para ela.

Esmeraldas? Rubis? Safiras? Ela já tinha tantos. Jade? Era mais incomum, mas provavelmente eu não conseguiria a tempo.

Tenho que dar a ela uma joia que ninguém mais tenha tido. Ou que alguém jamais possa ter. Algo que a deixe sem fôlego, algo que a ligue a mim. Porém, não poderia pagar por tal pedra. E se pudesse, não seria rara o suficiente. Até mesmo o mais profundo rubi, pulsando como uma gota de sangue, já era visto em muitos colares e anéis na corte.

Éramos da mesma família. Haveria algo, qualquer coisa que eu tivesse herdado e que ela poderia dar valor? Maria Bolena... Eu tinha o colar com o *B* de Bolena. Ela deu à minha mãe, depois que minha mãe morreu, guardei como uma lembrança dela, porém nunca usei.

Nunca conheci minha avó Maria Bolena. Ela morreu no verão antes de meu nascimento. Diziam que eu me parecia muito com ela visualmente e no temperamento. Eu sabia que, como eu, ela se casou com um jovem após a morte de seu marido e que isso causou certo escândalo, não porque ele era jovem, mas porque ele não tinha posição. Bem, eu sabia tudo sobre isso: dois condes como maridos, depois um homem simples, que fora transformado em "*sir*" somente porque o marido anterior o nomeou.

Lembro-me do jovem marido dela, William Stafford. Ele foi conosco a Genebra, quando fugimos da Inglaterra durante o reinado da rainha Maria. Lá ele morreu, infelizmente antes que fosse seguro para retornarmos. Que vida infeliz minha família teve. Parecia que estávamos sob algum tipo de acusação. Somente por intermédio do meu filho tivemos a

chance de mudar a história. O restante de nós seria esquecido, descansando em sepulturas esquecidas.

Eu guardava o colar de minha avó em um baú robusto com travas de latão. Não abria a caixinha que estava dentro, guardando o colar, fazia anos. A articulação estava presa e por um momento se recusava a abrir. Não queria quebrá-la, mas continuei forçando a tampa, que lentamente foi se abrindo. Lá dentro estava o pingente *B* com três pérolas penduradas, preso a uma corrente de ouro. Cuidadosamente retirei-o de dentro, colocando sobre a palma da minha mão. O ouro estava intacto, mas as pérolas haviam escurecido um pouco, o brilho estava opaco. Fazia muitos anos que não ficava pendurado no pescoço de uma mulher. Alguém me disse uma vez que as pérolas deviam ser usadas próximas à pele para que continuassem brilhando e que a melhor maneira de fazer isso era deixar que uma empregada da cozinha as usasse quando estivesse trabalhando. Essa parecia uma ótima maneira de perdê-las para os ladrões, por isso nunca tentei. Mas as pérolas precisam de umidade. Passaria um pouco de azeite sobre elas.

Havia todo um mundo naquele colar, as esperanças perdidas da família Bolena. Na verdade, por mais opacas que estivessem, aquelas pérolas tinham grande valor. Eu havia prometido que não seriam pérolas, mas aquelas eram diferentes. Elas traziam um mundo perdido, a partir do qual nós duas surgimos.

Conforme os dias passavam, aguardamos a intimação real. Robert me garantiu que ela expediria a intimação logo, pois planejava seus dias com pouca antecedência.

— Os assassinos — ele disse. — Eles não podem saber o paradeiro dela com antecedência.

Escolhi minhas roupas cuidadosamente para a ocasião que se aproximava. Teria que me vestir de maneira simples, sóbria, e manter meu cabelo vermelho, ainda uma de minhas mais bonitas características, muito bem-arrumado

sob um chapéu. Mas, o mais importante, o que eu diria? E qual seria a maneira certa de dizê-lo? Ela me receberia em uma grande cerimônia pública, como fazia com todos que ela formalmente reconhecia. Isso aconteceria na sala das audiências, em frente a toda a corte. Mas depois disso... Ela me convidaria para o jantar? Ou para me sentar ao lado dela numa apresentação musical para que pudéssemos conversar em particular?

O que eu diria? Eu deveria voltar aos anos difíceis, em nossa juventude, quando éramos protestantes sob ameaça? Já tínhamos sido amigas, eu olhava para ela, minha prima, uma década mais velha, e a admirava, queria ser como ela. Ela sempre pareceu tão segura de si, tão discreta, tão autossuficiente. Nunca a vi cometendo um erro, dando um passo em falso, tanto nos jogos como no discurso.

Mais tarde fiquei ressentida com um padrão que nunca poderia alcançar. Cometi erro após erro, falei quando devia ter ficado em silêncio, confundi a razão, queria as coisas sempre de forma feroz para o meu próprio bem. Levou uma vida inteira para que eu aprendesse o que Elizabeth parecia ter nascido sabendo. Mas agora que eu tinha aprendido, cansada, chegado ao mesmo lugar, estava pronta para fazer as pazes, até mesmo me curvar à sábia, à vencedora.

Eu diria a ela como estava grata por ser recebida novamente... Como fiquei triste pelos anos que se passaram... Como ela parecia bem... Como eu havia esperado para abraçar minha querida prima e voltar à vida dela.

Não pediria seu perdão, pois não havia cometido nenhum crime, além de ferir sua vaidade. Melhor deixar isso guardado. Mas o que eu queria dizer, e nunca pude, é claro, é que Leicester não valia nada. Desde que ele morrera, tornou-se óbvio que ele não havia deixado lembranças nem legado, ele foi muito mais presença do que essência. Até mesmo o suposto amigo dele, Edmund Spenser, escreveu:



*Ele agora está morto e todas as suas glórias se foram.*

*E toda a sua grandeza se pulverizou em nada,  
A utilidade do seu nome já está, de certa forma,  
acabada,  
E nenhum poeta procura reavê-la.*

“Pulverizou-se em nada”... Sim, ele havia completamente desaparecido da lembrança, da história. Não havia nada ali, ou não teria desaparecido assim imediata e completamente. Até mesmo um cão amado permanece mais tempo na memória de seu proprietário do que Leicester tinha permanecido na consciência do país.

Leicester não deveria estar mais entre nós. Que descanse em seu túmulo.

Janeiro deu lugar a fevereiro e ainda nada da convocação. Cada vez mais nervosa, continuei questionando Robert sobre o humor e a saúde dela. Ela estava bem? Continuava em seus aposentos?

Muito bem, ele disse. Assistindo a peças e se divertindo. Tocando seu virginal,<sup>18</sup> dançando com suas damas.

Ele não poderia lembrá-la do convite prometido?

Ele riu e disse:

— Mãe, você parece ter esquecido a natureza dela. Lembrá-la de qualquer coisa é o mesmo que repreendê-la, e ela não recebe isso muito bem. Ultimamente tem sido pior, pois ela realmente esquece as coisas e fica muito sensível com isso. Antes, o “esquecimento” dela era político, de maneira que fizesse as pessoas dançarem conforme sua música. Agora é real.

Mas e se ela realmente tivesse esquecido? Eu não havia contado com isso.

— Você quer dizer que... Ela está ficando senil?

— Apenas de forma seletiva — ele disse. — Sobre ela é difícil dizer.

— Você não pode sugerir?

— Pode ser perigoso — ele respondeu. — Ninguém quer despertar a ira do tirano.

— Suponho que você esteja falando de maneira geral e não que ela *seja* uma tirana, certo?

Ele deu de ombros.

— Qual era a definição de um tirano antigamente? Um governante que se comportava de maneira caprichosa e imprevisível, com poder absoluto. Assim como ela fez esse tempo todo, usando como desculpa sua “fraqueza sexual”, culpando-se por ser mulher. Mas um tirano vestindo anáguas é tão tirano como um tirano vestindo calças.

— Você deveria tentar tirar esses pensamentos da cabeça e se apaixonar por ela novamente — avisei-o. — Pelo bem da política.

Finalmente o convite foi entregue. A condessa de Leicester estava incumbida de ir a Whitehall em 28 de fevereiro, para encontrar-se com Sua Majestade no quarto privado.

Guardei a carta junto ao meu peito. Aquela era a minha libertação, era a minha recompensa por anos de espera paciente e pela dor de reconhecer minha parte em nosso estranhamento. Um trecho bíblico me veio à mente (nunca esquecemos nossos exercícios da infância) que em sua beleza e paz era como uma carícia de Deus: “Restituir-vos-ei as colheitas devoradas pelo gafanhoto”. Deus pode realmente restituir o tempo, disse um pregador de Genebra. Outros podem restituir bens, mas somente Deus pode restituir tempo.

Meu tempo seria restituído, Elizabeth e eu seríamos jovens primas novamente.

Aguardei muito nervosa no quarto privado, junto a um grupo de cortesãos que estava esperando que ela saísse dos seus aposentos a qualquer momento. Eram dez horas da manhã e logo ela faria sua refeição, passando pelo quarto. De súbito, meu vestido pareceu apertado, não

conseguia respirar direito. Murmúrios circulavam pelo grupo. Ela devia estar vindo. Mas os momentos se passavam e nada acontecia. Por fim, um guarda anunciou que Sua Majestade não passaria pelo quarto privado, ela havia usado a porta particular dos seus aposentos.

Ela fez aquilo de propósito! Eu não conseguia compreender sua mesquinhez ao convidar-me para um encontro e então evitá-lo. Senti-me insultada, chocada, desapontada. E o mais importante: o que deveria fazer agora?

Robert tinha uma sugestão: ele poderia garantir um convite para mim num banquete privado em que ela participaria.

Um convite para um grande jantar oferecido por uma nobre rica, *lady* Shandos, foi adquirido e eu fui até lá, novamente usando o que chamava de roupa modesta. *Lady* Shandos fez um espalhafato ao me receber e me deu um lugar bem posicionado.

E quando a rainha chegaria? Disseram que sua carruagem já estava do lado de fora dos aposentos reais, esperando pela partida.

Esperei e esperei, o tom das conversas na mesa do banquete foram diminuindo até silenciar. E então veio a mensagem de *lady* Shandos: Sua Majestade não viria.

Segurei no gibão de Robert, de volta à privacidade da Essex House. Meus dedos fizeram vergões nele, estigma de desespero.

— O que está acontecendo? — gritei. — Por que ela está fazendo isso?

— O nome dela é capricho! — ele falou. — Isso faz parte da mudança repentina do local do jantar para abortar planos militares no último minuto. Você sabe quantas vezes ela já me mandou para uma missão somente para tentar cancelá-la depois que eu já estivesse a caminho? Já perdi as contas. É por isso que eu sempre tento ficar o mais longe da

corte possível e o mais rápido também, antes que ela mude de ideia. Uma vez, ela tentou me fazer voltar de Plymouth enquanto esperávamos para embarcar para um ataque a Lisboa. Ela mandou até um navio me buscar!

— Foi demais para ser coincidência — eu desabafei. — Já aconteceu duas vezes.

— Duas? Duas não é nada para ela!

— Você a odeia? — perguntei repentinamente. — Pois suas palavras são rancorosas.

Ele pensou seriamente sobre minha pergunta, como se nunca tivesse analisado aquela possibilidade.

— Odiá-la? Não ela, mas... o que ela está se tornando. A mente dela está ficando tão torta quanto sua carcaça!

— Robert! — e se alguém ouvisse? — Tenha cuidado!

— Não temos espiões aqui — ele disse. — Tenho certeza disso.

— Você acha realmente que... — sussurrei. — Ela está decaindo?

— Não, não está decaindo, mas ficando cada vez mais traiçoeira e obstrutiva. Ela anda cada vez menos em linha reta para qualquer lugar, é o que eu quis dizer com “torta”.

— Se é sim, então temos que descobrir uma maneira de cruzar o seu caminho enquanto ela se desvia e esquiva. — Ao dizer aquilo, percebi que teria de esquecer a esperança de que poderíamos nos entender. Aquilo me deixou triste.

— Vamos montar campanha do lado de fora de seus aposentos, “esbarrar” nela pelos corredores privados do lado de fora dos aposentos reais. Lembre-se, tenho acesso a eles — ele disse.

— Não gosto dessa ideia — reclamei. Certamente não levaria a um encontro agradável.

— É isso ou nada — ele disse. — Ela não nos deixa outra escolha. Agora faça a sua.

Com muito receio, decidi tentar. Eu não gostava nada do método, mas talvez o elemento surpresa pudesse funcionar a meu favor. Ela seria pega desprevenida e talvez não fosse

hostil. Certamente tinha sentimentos bons por mim em algum lugar de suas lembranças.

O traje simples já estava ficando repetitivo, considerando que nunca tinha sido vista pela rainha. Carregava comigo, lindamente embrulhado, o colar de Bolena, pronto para apresentá-lo e fazer o meu discurso. *Vossa Majestade, quero que fique com isso, que pertenceu à sua tia, minha avó, em sinal dos laços entre nós.* Ou algo assim. Tive o cuidado de não ensaiar demais, temendo perder a espontaneidade e sinceridade.

Já era o meio da tarde e a rainha retornaria aos seus aposentos após a refeição e algumas conferências. Robert sabia o caminho que ela fazia. Vinha do jardim para evitar atravessar as salas públicas e a galeria. Ele parou na soleira da porta e fez um sinal para que eu ficasse exatamente na sua frente. Enquanto esperávamos, no começo me senti trêmula, querendo saber o que ela faria quando nos visse.

Depois, o medo passou e eu comecei a me perguntar se ela poderia estar tentando nos enganar mais uma vez, evitando o corredor particular. Por fim, todos os pensamentos se afastaram, e eu só queria acabar logo com tudo aquilo. Eu não aguentaria outro momento como aquele.

Neste momento, ouvi vozes pelo corredor, várias mulheres desciam juntas. Então a rainha, com duas acompanhantes, dobrou uma das esquinas. Ela parou quando me viu, hesitante. Estava confusa se deveria prosseguir ou virar abruptamente e voltar. Aquilo aconteceu por um instante e a hesitação foi quase que imperceptível. Tomou postura e seguiu (onde estava aquela carcaça torta que Robert havia descrito?), vindo lentamente até nós. O rosto dela não tinha expressão, nem prazer nem desgosto.

Conforme se aproximava, vi que o embaixador francês tinha razão: o rosto já apresentava marcas da idade. Mesmo assim, não diria que estava “muito” velha. A postura dela era perfeita e as roupas que usava, um vestido verde com uma gola amarela, realçavam a cintura fina.

Robert saltou de trás da porta e as surpreendeu. As outras damas eu já conhecia dos tempos dos aposentos reais: Marjorie Norris, agora de cabelos grisalhos, e Catherine Carey Howard, minha prima. Elas me receberam timidamente, aguardando a reação de Elizabeth.

— Ora, lorde Essex, você está aí dentro num dia tão revigorante?

— Antes, meus pés ressoavam por esses corredores em obediência à Vossa Majestade — ele disse, curvando-se e beijando a mão dela. — Basta me chamar novamente e virei voando para nos divertirmos lá dentro.

Ela permitiu que ele se levantasse e olhou para mim, sem me reconhecer.

— E quem você trouxe?

Ela sabia muito bem! O que ela estava fazendo?

— Minha querida mãe, a quem a senhora disse que receberia — ele disse.

Antes que ela hesitasse, dei um passo à frente e me abaixei tanto para a reverência que meu joelho bateu no chão.

— Sou a súdita mais leal de Vossa Majestade.

Silêncio. E então ela disse:

— Você pode se levantar.

Levantei-me e falei:

— E sua prima mais leal — beijei a mão dela e me aproximei para beijar seu peito. Como de hábito, ela devolveu o beijo na minha bochecha. Entreguei-lhe a caixa: — Gostaria que ficasse com isso como lembrança do amor entre nossas famílias. — Achei melhor do que dizer “entre nós”.

Ela pegou a caixa e a entregou para Marjorie, ainda fechada. Robert pegou a caixa novamente e disse:

— Não, a senhora e suas damas têm que ver. É muito raro! — Ele abriu a tampa e mostrou o colar com o *B* sobre uma base aveludada.

— Pertenceu à minha avó, sua tia Maria Bolena — eu falei.

— Esse foi sempre meu maior tesouro e eu quero que

pertença a vós.

Seus olhos aguçados examinaram o colar. Ela teria esboçado um sorriso em seus lábios finos? Ela entregou a caixa de volta a mim e disse:

— Já tenho um desses. Um colar idêntico que pertenceu à minha mãe.

Ela então contornou o caminho, passando por nós, e nos deixou ali, em pé, no corredor.

ELIZABETH  
Maio de 1598



**E**stou tocada — disse a John Whitgift, e realmente estava. O arcebispo meramente acenou a cabeça concordando, mas pude ver em seus olhos negros que estava muito satisfeito.

— Eu esperava que Vossa Majestade viesse aqui antes de as rosas murcharem.

— As minhas ou as deles? — Mas vendo que John havia levado a brincadeira a sério, rapidamente acrescentei: — As suas florescerão de novo a cada ano.

O meu arcebispo de Cantuária havia plantado um jardim de rosas submerso, uma homenagem à minha casa real e ao meu próprio gosto particular por flores, em seu palácio episcopal ribeirinho.

A peça central era uma treliça de arbustos vermelhos e brancos entrelaçados, já que até mesmo os seus jardineiros mais habilidosos não conseguiriam recriar o emblema real Tudor com ambas as pétalas vermelhas e brancas em uma só flor. Nas bordas, ele havia colocado um conjunto de rosas amareladas, minhas preferidas. Rosas almiscaradas preenchiavam os espaços entre elas.



— Você criou um paraíso de rosas — eu disse. O perfume característico das rosas ficava mais nítido com a chuva da manhã nos envolvendo. Ah, se as rosas florescessem durante todo o verão e não de forma tão fugaz! O desaparecimento tão rápido faz com que as vejamos mais intensamente enquanto ainda são visíveis.

— Quando formos para o céu, haverá mais do que apenas rosas para nos receber — ele disse.

O céu. Lá estavam muitas pessoas queridas que me aguardavam, mais lá do que aqui na terra comigo. Talvez a vida seja como uma ampulheta, com as pessoas que nos são caras escorrendo da parte de cima, a terra, para a parte metade de baixo, a eternidade. A parte de baixo nunca fica cheia e a de cima escorre para sempre.

— Ainda assim gosto de pensar no céu como sendo um jardim — eu disse. — Por favor, gostaria de ver o restante do seu jardim.

Tinha sido um inverno difícil, por isso ver as flores era muito bom. Houve momento em que, quando o granizo atingiu e deslizou pelas janelas, achei que o calor nunca mais voltaria. Mas aquele mês de maio estava exuberante, como se pedisse desculpas pelos longos meses de frio. Eu agora passeava lentamente enquanto John me conduzia escada acima para a passarela sobre o grande terraço do jardim que dividia o jardim privado do pomar. Do lado esquerdo, estavam quatro pátios organizados com canteiros de flores, suas plantações formavam um mosaico de cores, à direita, o branco espumoso de um grande pomar em plena floração. Se olhasse mais de perto, poderia ver as variações nas copas das árvores brancas, e até mesmo um pouco de rosa pálido.

— Que árvores há no pomar?

— Ameixeiras, mas a floração já acabou, cerejeiras, pés de peras, macieiras, damasco. Tive muito sucesso com os damascos, sabe como são difíceis.

Meu pai os trouxe primeiramente da Itália. Naquele tempo, achava-se que nunca sobreviveriam, mas, atendendo às suas delicadas necessidades, alguns jardineiros tinham tido sorte com eles.

Avançando pela passarela, vendo as flores suaves balançando, ramos carregados e mais adiante o tortuoso rio, era fácil pensar em meu reino como um jardim ensolarado e bem cuidado. Mas o inverno foi difícil, não somente com relação ao tempo, mas também politicamente. O lorde tenente da Irlanda, lorde Burgh, o comandante odiado por “Black Jack” Norris, morreu de repente, vítima, alguns disseram, de envenenamento. Os rebeldes haviam corrompido o círculo interno de comando inglês, dizia-se, de modo que poderiam acabar com o líder.

Indiquei representantes para o comando temporário, mas, por enquanto, minhas forças estavam lá sem um comando de verdade e essa lacuna já era notada. As forças rebeldes, sob o comando de O’Neill e O’Donnell, estavam avançando constantemente, unindo a tradicionalmente desunida Irlanda, um progresso mortal. Havia relatos ainda de que Grace O’Malley estava se juntando a eles no lado oeste da ilha. Fui omissa ao indicar o repressivo Ricardo de Bingham para a área dela e agora estava sofrendo as consequências. Grace não era uma mulher de tolerar insultos nem omissão, assim como eu.

Irlanda. Lembro-me de quando meu pai se proclamou rei da Irlanda, uma declaração formal de soberania depois de 400 anos de invasão e ocupação inglesa. Eu tinha oito anos e me perguntava por que ele havia mudado o título de “lorde” da Irlanda para “rei”. Até mesmo perguntei e ele me disse, rindo: “É mais claro assim, fazendo-me rei de tudo, Inglaterra, França, Gales e Irlanda, em vez de lorde aqui e rei ali”. É claro que aquela não foi a razão, e não se passaram muitos anos até que eu soubesse que meu pai havia tentado domar os irlandeses ao fazê-los protestantes e que ele só poderia legalmente ditar a religião deles sendo

o rei. O plano não funcionou, é claro, e os irlandeses permaneceram católicos, um perigoso posto avançado ao sul da Europa na minha porta dos fundos.

Durante o meu reinado, tentei meias medidas com a Irlanda para economizar despesas. Mande o mínimo de forças possível e a delegação deles era limitada: manter a paz nas áreas inglesas da ilha e tentar domesticar os irlandeses nativos, subornando-os com títulos ingleses, instituindo as leis inglesas no lugar das leis irlandesas, apresentando-lhes nossos costumes.

Não funcionou. Os chefes estavam dispostos o bastante a assumir os títulos ingleses, mas meramente passaram a acrescentá-los aos seus títulos nativos. Eles se ressentiam pela imposição das leis inglesas e achavam nossos costumes repugnantes. Nossa posse da Irlanda foi garantida somente porque eles brigavam tanto uns com os outros que não conseguiam unir forças para nos enfrentar. Algo que, aparentemente, estava acabando agora, com a cooperação dos dois chefes irlandeses.

Havia outra razão pela qual poderíamos mantê-los sob controle: nossos exércitos eram mais bem treinados e equipados, e obedeciam a uma cadeia de comando. Os irlandeses são guerreiros individuais de muita bravura, mas sem experiência logística e estratégica. Isso também estava acabando. O'Neill tinha aprendido a guerrear no continente, o mesmo campo de treinamento dos jovens ingleses.

O que eu deveria fazer agora? Deveria continuar a mesma política ou aumentar nossa presença lá? Se não fosse pelos espanhóis, o "problema irlandês" não me pressionaria.

— ...os puritanos estão aos berros novamente. Nunca ficarão calados, mas devem perturbar gente honesta...

O que ele estava dizendo? Não ouvi nada. — John, me perdoe, minha mente estava longe daqui.

— Os puritanos estão começando seus ataques pessoais novamente — ele resmungou. — Outro dia, enquanto andava pela capela, um grupo deles, sempre consigo identificá-los pelas roupas sem graça, me abordou,

gritando “Tire essa túnica de mulher!”. Imagine, insultando a batina. Eles acabariam com a cerimônia, fazendo com que o sacerdote usasse calças de agricultores e orasse num curral fedorento!

— Alguns deles não têm nem sacerdotes — eu exclamei.  
— Ideias muito perigosas. Sem sacerdotes hoje, sem rei amanhã. Todos no curral são iguais. — Um pensamento terrível. — Mas você, meu marido negro — meu apelido para ele, por causa de sua bata antiga e por permanecer solteiro —, serve à igreja muito bem ao guardar suas tradições e o credo — Isso fazia dele impopular, mas sua teologia da “alta igreja” me agradava. Na verdade, não era meramente de suas crenças que as pessoas não gostavam, mas sim de suas maneiras soberbas. Talvez os prelados principescos do passado tinham esgotado sua tolerância para esse tipo de comportamento.

— Você tem um belo espaço para banquetes — eu disse, parando para admirar a construção. Ficava no final do pomar, flutuando como um barco em meio a um mar de flores brancas. As palavras “espaço para banquetes” remetiam-me ao verão, pois eram estruturas arejadas e abertas em que somente doces, bebidas e frutas eram servidas enquanto músicas delicadas eram tocadas.

— Cranmer construiu — ele disse. — Junto com outras melhorias.

Cranmer. O homem que fora o capelão de minha mãe e que subiu junto com ela, atingindo o mais alto posto religioso do reino. Ele cuidou dela nas últimas horas, ouvindo sua confissão, dando a comunhão a ela. Depois da morte de meu pai, ele prometeu não se barbear, por luto. Era muito longa realmente quando ele foi para a fogueira por ordem de minha irmã Maria. Ele permanecia em minha memória e em suas belas palavras no Livro de Oração Comum.

— Ele sempre teve um olhar para a beleza — eu disse. Mas, como vítima do raivoso catolicismo, Cranmer era um

lembrete de que os puritanos não eram o único perigo estrangeiro na terra.

— Em palavras e em serviço — disse Whitgift.

— Ele nos deixou há quase quarenta anos, mas ainda há aqueles que me desejam na fogueira também — eu disse. — Os católicos aqui na Inglaterra podem ser tranquilos, fracos como força política, mas ainda são fortes na fé pessoal, e os espanhóis estão fazendo o melhor para restaurá-los ao poder político. Os missionários, quantos conseguimos capturar? Centenas, e ainda assim continuam vindo. — Padre Gerard, que escapou da Torre, ainda era muito importante.

— Creio que capturamos metade dos jesuítas — disse Whitgift.

— Estou cercada de ambos os lados — falei. — A Igreja da Inglaterra é muito cerimonial para os puritanos e muito herege para os católicos.

— Está na natureza da verdade ter inimigos — ele disse rigidamente.

— Permaneça firme, bem firme! — eu falei, dando um tapinha carinhoso em sua bochecha. — Sei que posso confiar em você, meu marido negro.

Descemos do terraço e caminhamos pelo jardim, cuidando para seguir pela trilha. Rosas-do-deserto decoravam cada canteiro, com um anel de cravos-da-índia e prímulas logo atrás. No meio, havia plantas mais altas, narcisos, boca-de-leão, papoulas, dedaleiras e malvas-rosa.

— Como está o lorde Burghley? — perguntou Whitgift, mudando o rumo.

— Mal — eu respondi. — Isso me entristece, mas ele ainda vem às reuniões do conselho por força de vontade. E ainda se mantém firme contra o conde de Essex e a facção que pede guerra. Há alguns dias, quando Essex argumentava sobre a necessidade de atacar a Espanha novamente, Burghley repreendeu-o e citou o Salmo 55: “Os homens sanguinários e fraudulentos não chegarão à metade de seus dias”.

— Que presença de espírito! E o que Essex fez?

— Ficou bravo, dizendo que ele não era fraudulento. O significado geral do alerta foi desperdiçado com ele. De qualquer forma, como não é o meu desejo, não haverá novos ataques à Espanha. É um desperdício de dinheiro que poderia ser mais bem gasto nos defendendo aqui mesmo. — Essex poderia exigir e espernear, mas no final só eu decidia se iríamos ou não à guerra.

As sombras da tarde foram se alongando. Nos tempos dos mosteiros, os monges teriam sido interrompidos pelas orações da nona hora. Era o momento de partir. Aquilo era o mais próximo que eu poderia chegar de um mosteiro, aquele velho palácio episcopal de tijolos vermelhos que datava de 500 anos, quando Lambeth era apenas um pântano e as pedras da Abadia de Westminster eram novas.


Estávamos em Greenwich em maio, o melhor lugar para estar na primavera. Fiquei feliz por deixar o gelado Whitehall para trás. Além disso, havia lembranças desagradáveis dos últimos dias lá e eu queria apagá-las. Ainda tremia de indignação quando me lembrava daquele encontro com Lettice Knollys.

Sim, concordei em vê-la como condição para o retorno de Essex para a corte. Mas, quanto mais pensava naquilo, mais me ressentia. Já havia concedido a ele o título de conde marechal, e isso já deveria ser suficiente. Mas ele continuou a negociação e a adulação como um mercador de mau gosto e barato, ou essa era a minha opinião sobre ele. Tivemos que fazê-lo acreditar que ele havia vencido a guerra das vontades, quando ele devia ter percebido que era uma guerra que nunca devia ter sido batalhada. Um súdito não enfrenta seu soberano.

E, quando um soberano deixa sua posição clara, um súdito deveria respeitar e não continuar insistindo. Mas não! Aquele cara de pau, empurrando sua mãe descaradamente, continuava me perseguindo, finalmente me encurralou em meu próprio corredor privado, como um animal caçado. Se

eles achavam que tinham vencido algo, eram tolos. Agora, eu somente veria aquele suposto presente, o colar Bolena, como uma tentativa barata de fazer valer reivindicações familiares em meu coração.



sol de julho era claro e brilhante e, em minhas janelas, as floreiras floridas estavam cheias de borboletas esvoaçantes. Um dos jardineiros de Greenwich havia, na verdade, criado o que ele chamava de jardim das borboletas, repleto de uma mistura de plantas que as atraía: alecrim, lavanda, verbena, ulmárias e barbichas-de-bode. Adorava me debruçar na janela para ficar olhando para elas, embora ao meio-dia, quando o sol estava a pino, tudo ficava imóvel e até mesmo as borboletas descansavam.

Era um dia muito glorioso para ficar ali dentro, mas uma questão de suprema importância tinha de ser resolvida no conselho: o homem certo para substituir lorde Burgh como lorde representante da Irlanda. Já não era sem tempo e crucial que decidíssemos sobre nossa política de agora em diante. O'Neill estava se tornando rei da Irlanda enquanto nos acovardamos em nossos postos. Ele estava matando de fome nossa fortaleza em Yellow Ford, perto de Ulster.

Havia uma escassez de homens nomeáveis. Por fim, escolhi *sir* William Knollys. Ele não era brilhante, mas era experiente, sensato e leal. Anunciaria minha decisão naquele dia.

Os conselheiros se apresentaram, usando camisas e calças leves, sem capas nem chapéus. Esperava encerrar



tudo rapidamente e liberar todos para que aproveitassem o belo dia. Somente o círculo principal estava presente: o jovem Cecil, Essex, o almirante Howard, o arcebispo Whitgift, o velho lorde Buckhurst, o jovem lorde Hunsdon.

Recebi todos e procedi com a nomeação de *sir* William Knollys para o posto, listando seus cargos anteriores e qualificações. Em torno da mesa do conselho alguns concordavam.

De súbito, Essex ficou em pé e disse:

— Com sua licença, Majestade, devo fazer uma objeção. Meu tio não é o homem certo para o posto. Indico *sir* George Carew. Ele já teve experiência na Irlanda, serviu lá de várias formas e cabe melhor ao posto.

Fiquei surpresa com sua objeção. No entanto, continuei:

— Alguém aqui quer fazer algum comentário?

Robert Cecil ficou de pé.

— Está claro que meu caro lorde de Essex quer mandar Carew para longe da corte para diminuir sua influência. Ele teme a rivalidade e quer acabar com qualquer oposição.

— Que ideia tola! — disse Essex arrogantemente. — Por que eu deveria temer um homem como Carew?

— Pois a influência dele está crescendo, ele acaba de voltar da embaixada do rei Henrique IV comigo. Você está tentando cortá-lo antes que vá mais longe.

— Nossa, o que você está querendo dizer, homem? A tenência da Irlanda é um posto muito mais alto do que ser segundo em uma embaixada na França. Uma embaixada que não conseguia nada, devo dizer. Os franceses decidiram fazer as pazes com a Espanha, deixando-nos sozinhos para lutar com Filipe. Então você também deveria ter ficado em casa.

— Você sabe que a Irlanda é um cemitério de ambições. Já engoliu muitos homens. Ir para lá é como ir para o inferno, o homem nunca retorna, e, se consegue, torna-se apenas uma sombra. Você quer mandar Carew para lá, para o esquecimento, para que ele não se oponha a você.

— Como você ousa insultar meu pai? Ele foi um desses que morreram na Irlanda, como você deve saber.

— Senhores — disse o almirante Howard, levantando para juntar-se a eles. — Peço que se acalmem.

— Cessem esta disputa — eu interrompi. — Nem tem sentido. Decidi que quem vai é *sir* William Knollys.

— A senhora está cometendo um erro. É uma escolha tola — Essex projetou seu queixo.

— Meu senhor... — Whitgift aproximou-se de Essex, fazendo um gesto para que se calasse, apontando o dedo furiosamente.

— Não posso deixar isso acontecer! — disse Essex, olhando para mim. — Estou sendo ridicularizado e prejudicado. Não vou tolerar isso! — Abruptamente ele se virou de costas para mim.

Tal coisa jamais acontecera nem fora vista, em todos esses anos, um súdito censurar sua soberana e depois virar as costas para ela. Fiquei olhando para suas costas largas, os ombros na altura de meus olhos, sua cabeça altiva. Ele era um homem grande e suas costas pareciam tão proibitivas quanto uma porta fechada.

— Vá para o diabo! — gritei, inundada de raiva por causa daquele descaramento. Chamei-lhe a atenção e ordenei: — Faça o que você fez novamente e será enforcado!

Tão rapidamente quanto os olhos podiam acompanhar o gesto, ele se virou e agarrou o punho da espada, ameaçando apontá-la para mim. Mais do que depressa Howard ficou entre nós e segurou a mão dele, baixando o punho para evitar que Essex prosseguisse com o gesto, que teria sido traição imediata.

— Não posso e nem tolerarei tal afronta, nem teria suportado isso vindo de seu pai — ele gritou, dando um passo atrás com os olhos ferozes.

— Se eu fosse meu pai você não sairia desta sala como um homem livre — lembrei-o. Minha voz estava extremamente fria, pois é assim que faço quando estou muito brava. — Você iria diretamente do conselho para a

Torre. E lá você não permaneceria por muito tempo também. Quanto à afronta, não lhe fiz nenhuma, apenas recusei sua sugestão. Dificilmente seria considerado um caso de traição.

— Maldita seja esta sala. Maldito seja o dia em que nasci, que eu lamento e farei com que todos lamentem... — Ele saiu correndo pela porta, ouvia-se somente o barulho de seus pés correndo pelas escadas e fugindo.

Por um momento, fez-se completo silêncio na sala. Então um dos guardas falou:

—Majestade, devemos ir atrás dele e prendê-lo?

Rapidamente pensei sobre isso. Suas ações exigiam que ele ao menos fosse detido, se não acusado de traição. Porém neguei:

— Deixe-o ir.

Provavelmente, ele correria para Wanstead. Se jogaria na cama e ficaria doente. E eu receberia mensagens de que ele estava em seu leito de morte.

O sol do meio-dia enchia a sala, e o ar quente, carregado com o cheiro forte da poeira e das folhas caídas, pairava sobre nós como uma mortalha. Os conselheiros permaneceram em seus lugares, alguns de pé, alguns sentados.

— Senhores, tenho que ir — eu comuniquei. — Não comentem isso fora daqui.

Para mim, a beleza do dia me fora roubada. A serenidade sobre a qual os santos falavam da hora abençoada do meio-dia fora destruída. Andando pelo gramado à beira do rio, mal ouvia os guinchos das gaivotas em torno de mim. À minha frente mastros altos de navios ancorados, agora parados, aguardando ordens.

Um súdito havia me desafiado e me ameaçado em público. Não somente isso, ele disse que eu não era uma princesa de verdade, que eu era inferior por causa do meu sexo. “Eu não teria suportado isso nem das mãos de seu pai”, ele disse. Em outras palavras, ele aguentaria mais

vindo de um rei do que de uma rainha. Uma rainha é inferior a um rei. Ele questionou a base do meu poder.

Na privacidade de meus aposentos, contei à Catherine o que havia acontecido no conselho naquela manhã. Ela saberia pelo marido de qualquer forma. Sem a ação rápida do almirante, as coisas poderiam ter acontecido de forma diferente. Eu ainda tremia quando me lembrava daquilo. Ao recontar, minha voz estremeceu. Quanto mais pensava naquilo, maior parecia, ao contrário das coisas que diminuem em perspectiva.

— Ainda posso ver a mão dele segurando a espada, com a mão de Charles cobrindo-a, interrompendo sua ação — sussurrei. — Creio que era a espada do pai dele. Ou talvez a de Sidney.

O rosto rechonchudo e geralmente sereno de Catherine havia assumido uma rigidez mascarada.

— Que diferença faz de quem era a espada? — ela disse muito sensata. — O que importa é no que ele pensou em fazer. O que a senhora acha que ele faria?

— Não sei. Poderia ter sido apenas um gesto de ameaça, como uma encenação. Ou ele poderia realmente tentar me ferir. Com o temperamento que tem, talvez tivesse feito isso sem pensar. Mas, independentemente disso, fazê-lo no conselho foi um verdadeiro desafio público.

— O que o fez agir assim? Estava sentado e de repente se levantou? Alguém disse alguma coisa?

— Você é uma ótima observadora, Catherine. Sim, vamos aos fatos. Eu puxei a orelha dele por ter virado as costas para mim.

— Como se ele fosse um aluno indisciplinado? Você o insultou, então?

— Ele alegou que eu o havia insultado — admiti.

Ela atravessou a sala e abriu as cortinas. A parte mais quente do dia já havia passado e o ar estava fresco. Ao abrir a janela a sala pareceu menos claustrofóbica. Ela então serviu uma taça de vinho, diluída com um pouco de água

fresca e aromatizada com hortelã, e a entregou a mim. Ela sabia que eu a acharia calmante.

— Minha cara, essa é uma situação muito peculiar. Você me pergunta que súdito ousaria desafiar sua princesa em público? Boa pergunta. Porém, não há resposta que não leve em questão outra pergunta: que outro súdito se sentiria livre para dar um corretivo em público?

— Eu daria uma lição naquela Bess Throckmorton — eu confessei. — Pela insolência e pelas mentiras dela. E eu teria feito o mesmo com Elizabeth Vernon, se a ligação dela com Southampton já não fosse uma punição suficiente. Ele pediu permissão para se casar com ela e eu recusei. Ele então pediu permissão para ir para o exterior. Porém, voltou sorrateiramente para se casar com ela, com a conivência de Essex, devo acrescentar. Essex me desafia o tempo todo.

— Não quero saber sobre as damas dos seus aposentos, mas sim homens do governo em público — ela disse.

— Joguei um chinelo em Walsingham uma vez — eu falei.

— E errou.

— Deliberadamente. Pois tenho boa pontaria.

— Um chinelo é uma coisa, parece comédia, um tapa é outra.

Eu não estava gostando de onde ela queria chegar, parecia doloroso, mas eu não recuaria somente porque me disseram algo.

— Você acha que me comportei de maneira pouco natural com relação a ele?

— Todos acham, embora eu não saiba nada que tenha acontecido entre vocês.

— O que as pessoas dizem?

— Que vocês são amantes — ela disse.

— Eles diziam isso sobre Leicester. Não era verdade.

— Já que a diferença de idade entre você e Essex é tão grande, os boatos ficam ainda mais fortes.

Tive um pensamento terrível.

— Talvez *e/e* acredite nisso de certa maneira. Ele pensa que estou apaixonada por ele e que quero ser sua amante


— sussurrei. Aquela noite em Drayton Bassett... As suposições dele quase foram provadas.

— Talvez — concordou Catherine. — E as desavenças com seu amante, com ele se fazendo de doente e você brincando com ele, confirmam tudo.

Nunca mais. Como pude ser tão cega e tola?

Acabei como tudo, na minha própria cabeça. Gostaria de tirá-lo daquele patamar especial em meus sentimentos onde o havia colocado por engano. Como John Knox arrancando uma estátua idolatrada de um nicho e esmagando-a no chão, eu faria o mesmo com o jovem conde. O rebaixaria muito e o misturaria com os homens comuns. Para que ele visse claramente à luz do dia onde exatamente estava e do que era feito.



 Irlanda continuava inflamada. Por fim, nomeei William Knollys lorde representante da Irlanda, um posto abaixo da tenência. Esse alto posto ainda precisava ser preenchido. Porém, desta vez o homem que o ocupasse deveria ter força e ser resoluto, alguém para fazer os irlandeses tremerem. Não conseguia pensar em tal homem e, até que o encontrássemos, eu não nomearia outro fraco. O problema irlandês precisava de alguém como meu pai, ou, ousa dizer, como o duque de Parma, alguém implacável e perspicaz.

Nesse meio-tempo, aguardamos. O forte no rio Blackwater em Ulster ainda estava em mãos inglesas, mas tinha pouco suprimento, e seria facilmente sitiado e tomado por O'Neill. Embora fosse difícil mantê-lo, não podíamos perdê-lo, portanto, um comboio de ajuda foi expedido para Armagh nas proximidades.

O Conselho Privado continuou a reunião, lamentando muito tudo isso, e sem seus dois extremistas, Burghley e Essex. Até que Essex pedisse perdão (o mínimo que lhe exigiu), ele não poderia colocar os pés na corte. Burghley não conseguia ir até lá, pois estava cada vez mais fraco em sua casa na costa em Londres. A última reunião da qual

participou foi a que ele citou o salmo sobre os homens violentos que morriam cedo.

Assim mesmo, eu ainda não estava preparada para as notícias que Robert Cecil me trouxe no fim de julho. Solicitando um encontro particular, ele me disse que seu pai não conseguia mais nem se sentar na cama.

— Não! — Como ele havia decaído tanto e tão rapidamente? — Da última vez que o vi...

— Perdoe-me, Majestade, mas um mês é tempo demais para ele, que, contra sua vontade, está se esvaindo para longe de nós e, também, se esvaindo da vida. — Ele respirou fundo e disse: — Eu não queria que nada mais acontecesse sem o seu conhecimento — ele desabafou. — A falsa humildade teria feito com que meu pai a mantivesse longe de tudo isso.

— Vou me preparar e vamos juntos até lá — eu disse.

Assim que fiquei pronta, não conseguia não pensar no impensável. Eu iria até ele e conversaríamos. Mandaria meu médico particular especialmente para atendê-lo. O médico poderia fazer algo. Talvez ele tivesse que se aposentar depois disso tudo. Pobre homem, ele havia tentado, mas não lhe dei permissão. Contudo, agora faria tudo o que ele quisesse. Qualquer coisa. Qualquer coisa para mantê-lo conosco, bastava pedir.

Pedir. Ri de mim mesma. A audição dele havia ficado tão ruim, pensei, que eu deveria dizer então “bastava gritar”. Certamente ele merecia um descanso. E, livre de suas obrigações, voltaria a ser forte novamente. Ele renasceria na aposentadoria. Tinha apenas setenta e oito anos. Hunsdon vivera muito mais.

— Venha — eu disse. De súbito, parecia-me urgente que fôssemos até lá.

Assim como muitos na corte, ele mantinha uma residência em Londres. A dele ficava na costa, uma casa modesta sem fachada para o rio. Considerando sua posição e seu posto, era muito singela e humilde. Quando o visitei no passado, sempre foi em suas magníficas casas de campo, Theobalds



e Burghley House. Na verdade, sua única preocupação não política havia sido construir e mobiliar a Burghley House, um projeto que durou anos.

A casa estava escura, as portas haviam sido desenhadas para evitar barulho e poeira. Tinha a sensação peculiar e sufocante de uma casa fechada com clima quente. Os empregados nos indicaram as escadas para o quarto em que nosso conselheiro doente estava.

Eu não estava bem preparada para ver o fantasma encolhido naquela cama. Ele estava muito diferente daquele homem frágil, porém vivaz, do conselho. Tinha sobrado tão pouco dele que ele mal deixava marcas nas cobertas sob as quais estava.

*Ah!* Quase gritei, depois evitei. Vi Robert me olhando, observando como eu reagiria, esperando que eu não dissesse nada sem cautela. Porém, dizer algo sem cautela era um luxo ao qual nunca me havia permitido e não faria isso agora.

— Ah, William, temos que fazê-lo voltar a ser forte! — eu disse de coração, aproximando-me dele. Curvei-me para beijar seu rosto e vi seus olhos brilhantes, prisioneiros de seu rosto enrugado, suplicando-me em silêncio.

No que ele estaria pensando? Será que a minha saúde, os meus movimentos rápidos, o faziam se sentir mais fraco? Ou isso o fazia retomar, mesmo que brevemente, a conexão com o mundo?

— O caldo de caça que você mandou, Robert, até despertou o interesse, mas ele estava muito fraco para se sentar e comer — um dos empregados disse.

— Aqueça-o — eu ordenei. — E eu mesma vou alimentá-lo.

Seus olhos então pareceram assustados. Ele murmurou algo em protesto.

— Que remédios você está tomando? — perguntei. O empregado trouxe uma caixa contendo várias garrafas e frascos. Peguei um a um para ver. — Mandarei outros —

garanti. — Eles farão com que se sinta melhor. Eles têm que fazer.

O caldo de caça foi trazido, quentinho em uma tigela. Senti o cheiro.

— Cheirinho forte e nutritivo — eu disse. Um dos empregados gentilmente o levantou e, colocando travesseiros em suas costas, fez com que ficasse mais alto.

Ele mal conseguia sentar-se ereto, continuava escorregando para o lado, incapaz de se endireitar. Ali eu soube. A força havia se esvaído, fugido completamente. Não havia como trazê-la de volta, havia sumido para sempre.

Tentando não deixar minha mão tremer, peguei uma colher cheia de caldo e fiz com que deslizasse entre os lábios dele. Só um pouquinho. Ele não conseguia engolir muito. Eu não queria tremer, mas num dado momento minha mão balançou e eu derramei um pouco de caldo nas cobertas.

Ele estava comendo para me agradar, como sempre tentou cumprir minhas ordens. Ele era a ponte para o meu passado, a base de meu reino, a estrutura que tornou tudo possível. Não podia se acabar.

— Tente, William — eu pedi. — Não quero viver mais do que o tempo até em que você possa ficar ao meu lado. — Sentia que, quando ele negava, parte de mim também negaria. Como uma grande parte, como uma parte vital, eu não podia saber até que acontecesse.

Lágrimas surgiram em seus olhos.

— Você é, além de tudo para mim, alfa e ômega — chorei, as lágrimas dele me davam permissão para deixar correr as minhas.

A mão dele percorreu as cobertas, ele só tinha forças para se mover assim, e não tinha forças para levantá-las, buscou minha mão e a apertou.

— Obrigado — ele sussurrou.

Na manhã seguinte Robert Cecil trouxe-me uma carta.

— Meu pai ditou essa carta após sua saída. Será sua última carta. Sua visita significou mais para ele do que ele poderia expressar, mas mesmo a senhora não pode evitar o inevitável.

— Mandei novos medicamentos — eu disse imponentemente.

— Saber quem enviou os medicamentos é o melhor remédio para ele — disse Robert.

Abri a carta. Era um conselho para Robert de seu pai.

“Peço que faça tudo para que Vossa Majestade saiba que sua bondade singular supera meu poder de absorvê-la, e ela, que apesar de não ser mãe, mesmo assim se mostra uma ama cuidadosa alimentando-me com sua própria mão principesca, e quando eu não tiver mais os cuidados de mãe para me alimentar e tiver que fazer isso sozinho, estarei mais preparado para servir-lhe na Terra. Se não espero estar no céu, como um servo dela e da igreja de Deus. E por isso agradeço-lhe por este mingau.”

“P.S. Servir a Deus ao servir à rainha, pois todos os outros serviços são de fato escravidão ao Diabo”.

A carta, por mais leve que fosse, parecia tão pesada quanto um pedaço de madeira.

*A última carta dele.* Já havia uma com aquelas palavras horríveis riscadas em cima dela. Agora eu teria duas.

Conforme o crepúsculo caía, sentei-me tranquilamente em meus aposentos. Os raios de sol faziam os últimos contornos e projetavam as últimas sombras na parede anunciando o fim do dia. Mesmo no verão o sol se põe. Eu odiava vê-lo se pôr, sabendo que o último dia de Burghley na terra estava acabando. Contanto que o sol ficasse acima da linha do horizonte, aquele último dia não acabaria. Enquanto eu olhava, os raios de sol foram sumindo das molduras que acariciavam, e o quarto foi escurecendo.

Nunca me senti tão sozinha e tão abandonada. Uma a uma elas foram sumindo, as pessoas da minha juventude.

Havia poucos, muito poucos, cuja morte causava feridas profundas em mim. Burghley era um deles. Minha mãe também, Ana Bolena.

Não foi logo nos primeiros dias que senti mais falta de minha mãe, mas sim mais tarde. A cada ano, conforme ia entendendo mais, a ausência dela parecia aumentar até que ser órfã de mãe tornou-se algo que quase me engolia. Até hoje essa lacuna existe, pois, se ela estivesse viva, seria uma senhora de noventa e um anos. Mas a idade nunca morre, e uma criança órfã de mãe é sempre uma criança, mesmo se ela é uma rainha e tem sessenta e quatro anos.

Tornei-me então uma órfã de verdade quando meu pai morreu, onze anos depois. Bem, seguimos em frente. Continuamos porque temos que continuar e porque a estrada só tem uma direção, e não há como voltar para encontrar essas pessoas, essas pessoas que nos abandonaram, assim como um soldado fugitivo que deserta de seu posto. Sei que não é justo com eles, mas é assim que me sinto.

Burghley, como você pôde me deixar?

Depois da morte dele, ficaram apenas o silêncio e a paz. O palácio parecia estar sob um feitiço, todas as movimentações estavam suspensas. O sol surgiu alto e a natureza inteira estava se mexendo, abelhas zumbindo de flor em flor, gaivotas voando alto sobre o rio largo, jardineiros cortando as cercas vivas, porém, lá dentro, tudo estava fechado e escuro.

Tenho que assumir o comando. Era eu que me sentia sufocada, eu que havia suspendido tudo. Tenho que dar meus primeiros passos sem Burghley. Mas, ao menos, seriam relacionados a ele. E eu tinha que ordenar seu funeral.

Seria tão magnífico quanto fosse possível. Burghley era chamado de pai do país, tanto pelas pessoas comuns quanto por seus companheiros do conselho, e certamente ele merecia tal tributo.

Quinhentos enlutados, vestidos de preto e encapuzados, participaram da cerimônia na Abadia de Westminster. Espero que tenha servido de algum conforto para Robert Cecil. Era um pequeno conforto para mim.



**D**uas semanas se passaram e a sonolência do alto verão combinou-se com o meu cansaço e desânimo pela morte de Burghley. Desde então, comi pouco mais do que o mesmo caldo com o qual o tinha alimentado. Eu não tinha apetite, por isso minhas damas haviam pedido que somente frutas, queijo e pão fossem trazidos à noite para os meus aposentos.

Assim que cheguei, Marjorie estava esperando, não ansiosa, mas calmamente, junto à Catherine. Teríamos outra noite tranquila, lendo e costurando, até que eu encontrasse o esquecimento no sono. Lá fora, os barulhos das criaturas da noite chegavam levemente até nossos ouvidos: grilos, sapos e corujas. Era a vez deles agora, enquanto descansávamos. O calor do dia havia aliviado e o ar que entrava era fresco.

— Um momento mágico — disse Marjorie, ao lado da janela. — O bálsamo de Gileade.

Porém, ouvi passos na galeria, passos que corriam. O som que fazia “tap-tap-tap” parecia um pica-pau. Levantei-me, alerta como um cão de caça.

Em determinado momento, o guarda dos meus aposentos deixou Robert Cecil entrar, todo vestido de preto. Meu primeiro pensamento foi: “Nada mais poderia ter acontecido

hoje, pois o mais terrível já havia acontecido fazia alguns dias”. Isso nos tornava imunes, não é?

— Perdoe-me — ele disse, ajoelhando-se. Sua capa espalhou-se pelo chão em torno dele como uma enorme mancha.

— Não, perdoe-me você — eu disse. — Pois nenhum assunto de estado deveria incomodá-lo neste momento.

— Somente o mais importante assunto de estado poderia fazer isso, e esse é urgente. Urgente! — Ele se levantou e me entregou um despacho, dobrado e amassado. — Ah, leia-o e veja tristeza sobre tristeza.

Era uma notificação de uma derrota militar maciça na Irlanda nas mãos de O’Neill. O marechal do meu exército, *sir* Henry Bagenal, havia levado 4 mil soldados de infantaria e 300 de cavalaria para aliviar o forte da Blackwater, uma fortaleza-chave que guarda a aproximação a Dublin e ao sul que O’Neill estava tentando matar de fome. Eles marcharam para uma sangrenta emboscada em Yellow Ford. Bagenal foi morto, juntamente com 1.300 de seus soldados, outros 700 desertaram. O exército inglês estava destruído e em toda a Irlanda os colonos ingleses fugiam. Nossos oficiais em Dublin imploraram para O’Neill por uma trégua nos termos mais covardes.

— As regras de O’Neill — disse Cecil. — Eles tremeram diante dele. Ele pode ditar seus termos.

— Nunca! — gritei. Como meus representantes podiam ter cedido assim? — Sobre minha honra, esse renegado irlandês não me derrubará!

— Vamos pesar o custo antes de fazer qualquer pronunciamento — ele disse. — Provavelmente será muito alto. Nunca encontramos uma resposta de como controlar com a Irlanda. De nada ajuda que ninguém, soldado ou oficial, queira ser nomeado para lá. É uma tarefa ingrata e fútil.

— Até agora — eu falei. — Mas, confesso, não dei toda a minha atenção antes — Senti meus olhos se estreitando, como se estivesse entrando na arena. — Porém quando fizer

isso, encontrarei uma solução para o “problema irlandês”, como alguns dizem.

Ordenei que ele voltasse com as instruções para fazer cópias do relatório e convocar o conselho na primeira hora da manhã.

Hugh O’Neill. Eu o conheci quando ele esteve na Inglaterra, na casa de Leicester. Incentivamos muitos irlandeses bem-nascidos a passar um tempo aqui, pensando que assim os converteríamos à nossa maneira. Como fomos tolos! O que fizemos na verdade foi dar espaço para que pudessem ver nossas fraquezas.

Hugh nasceu no mesmo ano em que assumi o trono. Quando o conheci, ele era um jovem ainda e voltou para a Irlanda com quinze anos. Era baixo, atarracado e tinha cabelos escuros, uma cabeça grande, mas com atitudes muito além de sua idade. Ele vinha de um dos mais antigos clãs irlandeses, um nobre entre eles, e se impôs de forma a se tornar o próximo chefe dos O’Neill, embora os irlandeses não seguissem uma primogenitura estrita, como nós sempre fizemos. Havia sempre algum tipo de confusão e suspense sobre quem sucederia, geralmente resolvido por um oportuno assassinato ou motim.

Ele dominava nosso idioma e nossos costumes, conseguia falar como alguém de Londres e, quando voltou à Irlanda, ele ajudou a anular, lutando ao lado das tropas inglesas, uma rebelião em Munster que fora fomentada por um dos clãs. Por causa disso, recompensei-o com um condado, tornando-o conde de Tyrone. Mas nunca ficou claro de que lado ele estava. Ele havia entrado em contato com os espanhóis e solicitado a ajuda deles. E agora aquele triunfo em Yellow Ford. Foi a maior derrota militar que os ingleses sofreram desde que perderam Calais há quase exatos quarenta anos. Minha irmã Maria disse: “Se você abrir meu coração, encontrará escrito nele ‘Calais’”. Não posso permitir que “Irlanda” esteja escrito no meu coração!



Lembro-me de Leicester em pé, com o braço em torno dos ombros do garoto, dizendo “É um bom rapaz”, e despenteando seus cabelos. Hugh olhou para cima (sendo tão baixinho, ele olhava para cima para ver a maioria das pessoas) e deu um sorriso sincero. Um sorriso de serpente! E, quando penso nisso, era quase que a mesma pose que Leicester usou com o jovem Essex. Outro rapaz atraente, que cresceu até se tornar perigoso. A sombra desses homens caía sobre Leicester, como se confiar neles fosse confiar em veneno.

O Conselho Privado, reunido às pressas, encontrou-se no meio da manhã e o desastre foi apresentado a eles. Assim como eu, eles ficaram impressionados.

— Mais informações chegaram — disse Cecil, distribuindo papéis. — Trinta oficiais foram assassinados em Yellow Ford, juntamente com a perda de cavalos e canhões. Com ousadia, os irlandeses cresceram nos outros condados, invadindo os assentamentos ingleses. Nosso povo está fugindo para Dublin, mas não há proteção lá, com uma guarnição de apenas 500 homens. Eles estão pegando os primeiros barcos que encontram para voltar, abandonando os acampamentos. Vamos perder toda a Irlanda. E se os espanhóis desembarcarem, agindo contra nós, nunca a recuperaremos.

— Onde eles estão agora? — Perguntou George Carey.

— Os rebeldes vêm queimando e saqueando a cinco quilômetros dos muros de Dublin, podem invadi-la a qualquer momento.

— Diga a eles como nossos bravos governantes estão tentando resolver o problema — eu disse. Como eu havia ficado acordada, pensando nisso, o calor me levava ao inferno.

— Eles fizeram ofertas a O’Neill para uma trégua — disse Cecil.

— É uma ótima maneira de dizer, você quis dizer “imploraram” — olhei para toda a mesa e felei: — Sim,

imploramos para aquele homem! Meus nomeados pela Coroa, meus representantes, meus juízes, imploraram! Digo-lhes, não permitirei que seja dito que a Rainha da Inglaterra, que já enfrentou o poderio da Espanha, tenha algum dia se curvado para aquele irlandês rebelde, nascido no meio do mato! Nunca suportarei tal desonra, nem deixarei a Inglaterra suportá-la.

— O que, então, devemos fazer? — Perguntou lorde Cobham, guardião de Cinque Ports, melancolicamente.

Estava incrédula.

— Devemos dominá-los. Devemos, enfim, mandar homens suficientes e tropas para a Irlanda.

— Mas... Onde conseguiremos dinheiro? O Parlamento já votou o dobro do subsídio. Aquilo paga apenas os débitos passados — disse Buckhurst.

— E para montar o exército? — bradou Cobham. — Ninguém quer ir para lá. Não há um líder disponível. Nossas tropas não podem operar lá, naqueles pântanos e terrenos selvagens. Os irlandeses não lutam de maneira justa ao ar livre como exércitos reais, eles atacam e depois se misturam em meio à névoa. A chuva arruína tudo, a comida, a munição, as armas, até mesmo nossos documentos e nossas roupas. Somos acometidos por malária. Os irlandeses vivem fora da terra, ou talvez até mesmo não comam! Porém, nós temos que levar toda a comida conosco. E onde iremos consegui-la? Quatro colheitas destruídas nos deixaram em situação de fome em nosso próprio país. Temos que até mesmo importar grãos da Dinamarca e de Danzig.

— Você quase ficou sem fôlego agora, hein, Cobham? — eu disse, desapontada. Tudo o que ele falou era verdade. Mas não mudava o fato de que tínhamos que lutar na Irlanda. — Se você fosse Noé, a arca nunca teria sido construída — olhei em volta para aqueles rostos em pânico. — Nós nos reuniremos novamente amanhã. Esbocem uma lista preliminar de despesas, recrutamento e provisões estratégicas. Não quero desculpas — virei-me e saí da sala.

Onde estava o conde de Essex? Chega de simulação e fingimento. Ordenaria sua presença e era melhor que ele se apresentasse sem atrasos. Gostaria de colocar um dos velhos protegidos de Leicester contra o outro.


No mês que se passou depois da sua tentativa de empunhar a espada para mim, esperei por algum tipo de aproximação dele, alguma tentativa de explicação. Ele devia ser grato por tê-lo deixado sair dali livre em vez de tê-lo mandado para a Torre. Ao contrário do que esperava, ele escreveu-me cartas insolentes, como se eu devesse me desculpar com *ele*.

“O erro intolerável cometido entre mim e a senhora não somente acabou com os laços de afeto, mas também agiu contra a honra do seu sexo. Não posso acreditar que sua mente seja tão desonrosa, mas sim que a senhora se pune por isso, por menos que se importe comigo. Desejo, aconteça o que acontecer, que Vossa Majestade saiba, sem desculpas, que foi quem causou isso tudo e que o mundo está aguardando uma resposta sua. Nunca tive orgulho até que Vossa Majestade tentou me fazer parecer vil.”

“E agora o meu desespero deve ser como era meu amor, sem arrependimentos. Desejo à Vossa Majestade todos os confortos e alegrias do mundo e que não haja castigo maior para os seus erros contra mim do que saber que perdeu minha confiança, e a infâmia daqueles que mantém junto a si.”

Ele era uma criança e sua carta seria considerada ridícula se ele não fosse tão perigoso. A habilidade de reformulação dos eventos para construir uma interpretação que nenhuma pessoa sã poderia crer era assustadora. Aquela habilidade combinada com poder real era letal. Ele ainda não tinha o poder. Mas sua habilidade de inventar e renunciar a si mesmo de toda a culpa era admirável. Minha desconfiança em relação a ele só aumentava. E essa desconfiança, colorida com medo, aguçava minha atenção.



 manhã deixou tudo mais claro. A reunião do conselho à tarde seria triste, mas ainda estava longe de acontecer. Fiquei então surpresa quando *sir* Thomas Egerton, o lorde Guardião do Grande Selo, solicitou uma audiência. Eu o encontraria à tarde, ele não poderia esperar?

Era um empregado bom e honesto e, se havia pedido para me ver, não deveria ser algo fútil. Ordenei que entrasse. Ele então veio, e, assim que entrou, um cheiro de feno entrou pela janela. Seu cabelo amarelo como palha parecia combinar com ele. Era um dos poucos adultos que conseguiam manter o mesmo cabelo loiro da infância.

— Você recebeu notícias do conde de Essex? — Ele perguntou, ajoelhando-se.

— Não, nada. Por quê? Convoquei-o para a reunião do conselho. Espero vê-lo lá.

— Era o que eu temia — ele disse. — Recebi este memorando de aviso vindo dele com relação à crise irlandesa. Salientei em termos pouco claros que ele deveria comparecer. E então ele mandou isso — ele me entregou uma folha de papel com uma longa lista de itens.

— Não pedi uma lista, pedi que ele viesse em pessoa. — Joguei a lista sobre a mesa.

— Ele não virá — disse Egerton. — Mandou dizer que a senhora deve digerir as ideias dele aqui listadas e depois ele virá.

— Por Deus! — gritei. — Ele ousa desobedecer a convocações?

— Ele se sente menosprezado — Egerton ergueu as mãos como se fosse se defender de golpes. O que ele achava, que eu bateria nele também?

— Ele perdeu a razão! — gritei.

— Se a senhora o conhece, deve ler isso. Ele escreveu para mim. Não é traição a nossa amizade se eu mostrar para a senhora. Se um homem escreve algo em preto e branco, deve estar preparado para que outros leiam. Seria traição da minha lealdade a vós não lhe mostrar isso — ele entregou outra carta, muito mais longa.

Com um mau pressentimento peguei a carta e comecei a ler.

“Se meu país neste momento precisasse de meus serviços públicos, Sua Majestade não teria me conduzido a uma vida tão particular. Não posso servir-lhe como vilão ou escravo. Quando a mais vil de todas as indignidades é cometida contra mim, a religião me força a aceitar? Não posso nem mesmo me dizer culpado, pois essa acusação já recai sobre mim.

Príncipes não podem errar? Súditos não podem ser mal-interpretados? Perdoe-me, perdoe-me, meu caro lorde, não posso me submeter a esses princípios. Fui mal-interpretado e sei disso.”

Primeiro a espada e agora isso. Ele se recusava a se submeter a mim. Que outra palavra havia para ele além de “traição”?

— Tenho que pensar sobre isso — falei cuidadosamente. — Obrigada por trazê-la a mim.

Andando como se estivesse possuía de volta ao meu quarto, encontrei Marjorie e Catherine olhando para mim. —

Alguém morreu? — Perguntou Catherine, voz suave, mais suave ainda do que de costume.

— Sim — eu disse.

— Ah, quem? — gritou Marjorie, bastante familiarizada com a notícia repentina da morte.

*Minha segurança*, eu quis dizer. *O amor incondicional dos meus súditos*.

— Muitos morreram na Irlanda — murmurei, não querendo abrir o meu coração, mesmo para ela. Se eu esperasse um pouco, talvez os sentimentos se acalmassem. Nunca é bom deixar as coisas escaparem. Ela inclinou a cabeça interrogativamente.

— Mas isso não é novidade — ela disse. — O lorde Guardiã não viria correndo até aqui para contar-lhe algo que a senhora já sabe.

— É Essex — disse Catherine. — O menino perverso se perdeu novamente.

— Por que você acha isso?

— Somente ele parece ter a capacidade de incomodá-la — ela constatou. — Assim como meus filhos fazem comigo.

— Ah, é mais do que isso! — Protestei. — Ele é quase um filho, mais agora do que antes.

— A senhora sempre se comportou de maneira errada com ele — disse Catherine. — Sei, como mãe, que fazendo isso acaba por confundir as crianças. Eles precisam saber o que esperar.

— Ela está certa — disse Marjorie. — É mais como treinar um cão de caça do que gostaríamos de admitir. Um assobio, um bater de palmas, deveria significar apenas uma coisa. Mas você já deu a Essex tantos sinais que não é de admirar que ele gire como um catavento.

— Eu o cobri de reconhecimento e presentes. Se alguém aqui é instável, esse alguém é ele. Ele sempre quis mais e se sentiu menosprezado. — A observação dela não me parecia adequada.

— “Aquilo que é obtido muito facilmente é facilmente desprezado” — disse Marjorie. — A senhora conhece esse

ditado. Ele nunca precisou fazer por merecer as recompensas, então nunca se esforçou nem teve mérito para recebê-las.

Era inacreditável.

— Se você viu isso, por que ficou em silêncio? Encarreguei Burghley com a responsabilidade de me dizer a verdade e ele o fez. Mas você viu isso e não disse nada?

— Questões de estado são diferentes das questões do coração. Além disso, a senhora é a rainha. Somos amigas, amigas próximas, mas há um abismo entre nós. Como diz a parábola de Jesus: “Há um grande abismo”.

— Isso é entre o céu e o inferno! Não é nada parecido entre a rainha e uma amiga, ou um súdito.

— Pode parecer à senhora, que está no patamar superior. Mas para nós, aqui embaixo, às vezes é difícil transpor esse abismo.

Eu sabia disso, é claro, mas pensei que elas duas estivessem quase isentas de restrição. Agora sabia que não era bem assim. Ah, de quantas maneiras eu havia ficado cega?

— O Eclesiastes diz: “Pois a palavra do rei é soberana; e quem ousaria dizer-lhe: ‘que fazes tu?’” — disse Catherine.

— Desculpe, cara amiga, mas a senhora também é minha amiga. Uma amiga sempre falará, um súdito não. Devo ser primeiro súdita e depois amiga. Não é possível inverter essa ordem.

Ela estava certa, mas era uma regra cruel.

— Então me diga agora, e fale como amiga: o que você faria no caso de Essex? É muito tarde para desfazer o que já aconteceu. Quando seus cães não foram propriamente treinados, mas são ainda assim bons cães, o que você faria? Você não pode torná-los filhotes novamente.

— Eles devem ser trazidos para perto imediatamente. Não há nenhuma verdade no ditado comum, e eu estou fazendo várias citações hoje, que um cachorro velho não consegue aprender novos truques. Se ele sentir que tem que mudar,

acredite, um velho cão mudará as maneiras — disse Marjorie.

— Encontre-se com ele. Vá diretamente ao assunto. Trate-o como um estadista e talvez ele possa ficar envergonhado — aconselhou Catherine.

— Pare de tratá-lo como um cãozinho de estimação — disse Marjorie. — Primeiro o afaga e depois o joga no chão. É humilhante.

— Quando ele morde e arranha, eu o empurro do meu colo.

— Não deixe nem que ele suba no colo para começo de conversa — disse Marjorie. — Ele não tem nada que fazer lá.

Olhei para o rosto de Marjorie e o de Catherine, a primeira com a face grande e característica e a segunda, simples e arredondada, quase que características infantis, e fiquei imensamente grata por ter aquelas mulheres comigo.

— Bem — por fim eu disse —, vocês me falaram com coragem e me disseram algumas coisas tardiamente. Vejo agora que o conhecimento vindo do interior sobre cães pode ser muito bem usado na corte. — Deixei a piada de lado e falei: — Caras amigas, não escondam sua sabedoria de mim novamente.

Os conselheiros estavam tão tensos que pareciam estar usando armaduras em volta da mesa. Ordenei que se sentassem, e eles se sentaram, igualmente rígidos. Era quase possível ouvir as dobradiças rangerem. Todos que puderam vir estavam lá, com exceção de Essex. Até o tio dele, *sir* William Knollys, que havia acabado de chegar daquela ilha problemática, conseguiu vir.

— Antes de começarmos a latir como um bando de cães, uivando aqui e ali, gostaria de um resumo da completa situação na Irlanda, em termos simples. *Sir* William, você acaba de chegar de lá. Conte-nos tudo. Sinta-se à vontade para contar os detalhes, queremos um panorama completo. — Não diria nada sobre a ausência de Essex.



Knollys, normalmente tão desenvolvido e alegre, estava branco e abatido. A palidez de rosto deixava sua barba com três cores, branca nas raízes, parda no meio, castanha na parte inferior, dando-lhe ainda mais em evidência.

— Primeiro permita-me dizer, fiz o melhor que pude, mas a situação está fora de controle. Os irlandeses selvagens estão alvoroçados, como uma enxurrada que transborda pelas margens. — Ele deu uma risada nervosa e continuou: — É claro que, na Irlanda chuvosa, os riachos estão sempre transbordando.

— Sabemos que Ulster se rebelou, mas e as outras regiões? — Perguntou Buckhurst, alinhando a postura.

— Tudo está fervendo — disse Knollys. — Nossos representantes em Munster e Leinster não podem proteger os colonos lá, e toda a autoridade entrou em colapso. No oeste, Connaught incomoda como sempre. Os O'Malley e os Burke têm feito tudo, exceto comemorar a nossa queda.

Grace O'Malley. Curiosamente, queria que ela estivesse aqui para que pudéssemos conversar. Gostaria de saber exatamente qual era o papel dela, se é que ela teria um, naquela rebelião. Mas ela diria que não era uma rebelião, e sim meramente uma afirmação de direitos dos nativos.

— Não podemos fazer economia com a Irlanda, mesmo assim será que vale a pena? — disse o jovem lorde Cobham, coçando a cabeça.

— Até agora, muito pouco — disse o almirante Howard. — Ela estava tão longe das principais preocupações da Europa, que poderia muito bem estar localizada na África. Porém, quando os jesuítas se disseminaram nos anos de 1580, tudo mudou. De repente, ela entrou na onda católica e se vendeu para a Espanha.

— É fato, então, que a nossa política por lá, nos assentamentos ingleses, entidade protegida pela autoridade inglesa na cidade de Pale e uma presença militar mínima, é um fracasso — eu disse. — Outro fato é que o catolicismo revigorado da Irlanda significa que agora há uma presença católica no que antes fora um limite sólido de demarcação

protestante no norte, um aliado do nosso maior inimigo, a Espanha. Talvez, por mais terrível que seja essa revolta, ela nos force a tomar uma atitude antes que a Espanha garanta sua vítima.

— Como vamos bancar uma força militar capaz de fazer o que precisa ser feito? — Perguntou Knollys.

— Interromperemos as incursões a territórios estrangeiros — respondi. — Não teremos novamente essas despesas. — A política de Essex tem sido uma falha tão monumental quanto a da Irlanda. — Também não temos obrigações com os Países Baixos por muito mais tempo.

— Temos outros problemas que nos impedem, além dos gastos diretos com a guerra, a péssima qualidade dos inscritos no exército e os oficiais corruptos que supervisionam esses inscritos — disse Egerton, o lorde Guardião. — Eles roubam Vossa Majestade, embolsando o dinheiro alocado para roupas e armas, recrutando homens inaptos para o serviço, metade dos quais nunca foi convocada.

— Se você quiser ver tais homens em ação, assista a Falstaff nos palcos.

— Ao menos Falstaff cumpre sua obrigação — disse Egerton. — Na vida real, os Falstaff nunca nem chegam perto do campo de batalha.

— Tivemos quatro colheitas destruídas em sequência — falou o arcebispo Whitgift. — Obedeci às instruções de Vossa Majestade de fazer com que os padres me informassem quem eram aqueles que guardavam e exploravam grãos, pregassem o jejum voluntário e dessem o dinheiro poupado aos pobres. Recebi relatos de que no norte as pessoas tiveram que viajar trinta quilômetros para comprar pão. De onde virá a comida para alimentar um grande exército? Temos que fornecer tudo. Não há nada na Irlanda.

— Os próprios irlandeses vivem de canas e musgos — disse Cobham. Risadinhas ressoaram em torno da mesa.


— E quem liderará tal exército? — perguntou Carey. — Ninguém teve sucesso. É necessário um grande guerreiro, um nobre que atraia seguidores em vez de um tipo como Falstaff, alguém de quem os irlandeses tenham medo.

— Onde encontraremos tal homem entre nós? — disse Egerton.

A cadeira vazia de Essex nos encarava.

LETTICE  
Setembro de 1598



uvi gargalhadas do quarto de Robert. Ecoavam na galeria, parecendo um bando de papagaios agitados. Durante dias ele ficou na cama, cortinas fechadas, recusando-se a comer. Havia recusado também qualquer atendimento médico, dizendo que era uma febre enviada por Deus e que nada poderia aliviá-la. Sua esposa ficava do lado de fora, porém, apesar de suas batidas tímidas na porta, não ousava entrar.

Mais cedo pela manhã um mensageiro havia trazido um despacho para ele. Ele o colocou debaixo da porta e partido. Agora isso.

O riso era horrível, louco. Precisava ver o que estava acontecendo. Se a porta estivesse trancada, chamaria alguém para arrombá-la.

Mas a porta se abriu sem problemas. A risada era tão alta que doía em meus ouvidos. O sol do meio-dia estava a pino na sala, formando uma cortina de luz tão forte que era difícil ver através dela.

Estaria ele na cama? Tateei meu caminho até lá e abri as cortinas. Não havia nada lá. A risada cessou tão

abruptamente quanto começou, como se um vampiro ou uma criatura do inferno tivesse entrado no quarto e depois fugido. Eu me virei, deixando meus olhos se acostumarem com a diferença entre a luz do sol forte e a escuridão. Vi então os pés dele, brancos e compridos, parecendo raízes arrancadas prematuramente da terra, bem esticados, os dedos à luz do sol. O resto do corpo na escuridão.

— Por que, mãe, você veio me visitar? — seu tom de voz era leve, fraco, talvez por causa das gargalhadas arrancadas de sua garganta.

— Fiquei assustada — disse, apertando os olhos para vê-lo. O camisolão estava aberto, sujo, com os cordões pendurados. Ele estava esparramado, curvado, na cadeira, como se não tivesse coluna vertebral. Curvei-me sobre ele. Não senti cheiro de cerveja nem de vinho em seu hálito.

— Estou sóbrio — ele disse. — Não precisa farejar.

Senti um alívio inundando meu corpo na certeza de que ele não estava nem bêbado, nem histérico, nem mortalmente doente.

— Do que você está rindo? — perguntei, como se fosse um encontro normal, como se ele não estivesse se escondendo há dias, prostrado de raiva e frustração com a rainha.

— Haha... — ele começou gargalhando. Tive medo que aquele uivo de hiena voltasse. Ele então disse: — Ele está morto. Ele está morto. O velho garoto está morto.

— Do que você está falando? Quem está morto?

— Fi... Fi... Filipe! — Ele explodiu em um jato de saliva quando tentou abafar o grito. — Sabe, o rei da Espanha. Ou, como Raleigh o chamava? O rei dos figos e laranjas? — Ele acenou alegremente para a carta no chão. — Depois de todos esses anos nos atormentando, de ser a sombra negra comandando nossas ações, puf!, ele se foi. — Cambaleou para frente para pegar uma taça que estava no parapeito da janela, engolindo de uma só vez o que estava nela. — Não tão rapidamente, é claro, levou cinquenta anos. Ele tinha um caixão em seu quarto, pronto. Era feito da madeira dos

navios da Armada — disse, soluçando de tanto rir. — Cinquenta dias, foi até antes de eu ter caído em desgraça com a rainha. Foi há muito tempo.

— Do que ele morreu? — Parei para pegar o despacho. Li rapidamente, mas não dizia a causa.

— Seja lá o que foi, mas foi terrível. Dizem que ele agonizou. Algo em sua mandíbula o estava devorando. Ah, que azar, ser devorado por uma mandíbula.

— Ele tinha setenta e um anos — falei. — Um a um eles nos deixam, aqueles carvalhos que suportaram o teto do nosso mundo. — Elizabeth era apenas seis anos mais jovem. O momento dela estava chegando. — Lembro-me de quando ele veio à Inglaterra para se casar com Maria Tudor. Vi a comitiva passando, garotos atiraram lixo na carruagem. Já naquela época ele era impopular entre nós, pois era espanhol e católico. Mas ele tinha vinte anos, era um homem atraente que cortejava a velha princesa solteirona. Ela era loucamente apaixonada por ele. Foi tola. — Será que ter visto a irmã passar por isso ensinara Elizabeth a nunca fazer o mesmo? Certamente, ela guardava isso em seu coração. E aprendeu a lição sobre a deslealdade dos homens, quando seu devoto cunhado flertou com ela, tendo em vista manter as mãos na Inglaterra logo depois de sua esposa doente morrer.

— Bem, Elizabeth está sendo tola agora — bufou Robert, mostrando mais vitalidade.

— De que maneira?

— Vestindo-se como uma virgem e usando aqueles vestidos decotados que mostram seu colo enrugado.

— Achei que ela fosse virgem.

— Sim, sim, ela é... Mas apenas porque certo código de vestimenta é indicado para certa época da vida; se já ultrapassamos essa época, deveríamos tomar cuidado. Presume-se que a maioria das virgens seja jovem e, portanto, adulada por cabelos soltos e peitos abertos. Uma velha que se veste dessa maneira parece uma bruxa.

— Robert! — Tais palavras eram perigosas. — Tenha cuidado.

— Não me importo. Não tenho época. Não sou ninguém. Posso dizer o que quiser.

— Você é um tolo — eu disse. — Cale a boca. Vista-se. Aja de acordo com a *sua* época. O nobre mais famoso do país, sentado na escuridão, atolado em seu camisolão, é mais ridículo do que qualquer coisa que a velha rainha já tenha feito. Ela é sempre uma rainha. Neste minuto, você é menos um conde do que qualquer coisa que já vi.

Repreendido, ele saiu de sua câmara escura após uma hora, apropriadamente vestido, aparentemente alerta e engajado. Mandei que fosse se alimentar enquanto ainda estava sentada, abalada por suas palavras imprudentes. Ele quase chegou a dar um passo irreversível, um passo longe demais. A loucura terrível de ter tentado empunhar a espada contra ela, as palavras impetuosas ao compará-la ao pai, e dizer que ela era menos do que ele e que impunha menos respeito, e depois recusar-se em se desculpar, tudo aquilo pôs a carreira dele, se não a vida dele, em risco.

Como ela mesma o lembrou, se ela fosse o pai dela, ele jamais teria saído livre daquela sala. E agora ela esperava algum gesto da parte dele que demonstrasse arrependimento. Mas ele se recusava a dar qualquer passo na direção dela, disparando cartas iradas para os outros (que, sem dúvida, foram mostradas a ela) e, em seguida, se afastando do conselho, até mesmo das sessões de emergência em meio ao desastre na Irlanda. A maior derrota militar que os ingleses haviam sofrido aconteceu por lá e, quando chegou a hora de tomar decisões, ele se ausentou.

A rainha. Eu ainda sofria com sua rejeição insultante a mim e ao meu presente, quando ela me convidou para a corte. Era um drama mesquinho, somente para humilhar a mim. Era indigno até mesmo dela. Bem, eu nunca mais a veria, exceto a distância. Mas meu filho ainda tinha que

fazer sua sorte tentando agradar-lhe. Talvez ele tenha sido tão hostil com ela por minha causa. Mas era muito perigoso. Ela poderia ser rancorosa e poderíamos não suportar. Robert tinha que fazer as pazes com ela.

Os próximos dias se passaram sem novidades, enquanto Robert recuperava seus objetivos e sua saúde. Depois de um daqueles ataques, ele sempre precisava de um período de recuperação. Ele nunca explicou por que riu muito com a morte de Filipe, talvez agora nem lembrasse. Porém, Anthony Bacon trouxe informações sobre os últimos dias de Filipe e tais informações não causavam risos.

Era triste ver um homem com a saúde em declínio descrevendo outra situação semelhante à sua. Anthony havia ficado ainda mais frágil e nervoso, tinha episódios de tremores e palpitações súbitas. Quando aquilo acontecia, ele se debatia e suava, e tinha que se agarrar aos braços da cadeira.

Francis, seu irmão, raramente nos visitava agora, Robert havia desprezado tanto seus conselhos que seu outrora amigo resolvera se afastar.

— Filipe sofreu por algum tempo — disse Anthony. — Ele tinha algum tipo de câncer e seu corpo estava coberto de feridas. Ficou na cama por pelo menos cinquenta dias e só lamentava cada vez mais sobre a perda de sua última Armada. Temia que fosse o fim da sua nau *Enterprise of England*, a única coisa com a qual ele se importava. Ele sentia uma responsabilidade especial pelos ingleses católicos, além do mais, essa era uma das razões pela qual havia se casado com Maria Tudor. E agora fracassara.

— Ele deve ter sentido que Deus o havia abandonado — eu disse.

— Parece que sim — concordou Anthony. — Ele continuava olhando para o caixão que o esperava. Você sabia que ele tinha mais de 7 mil relíquias de santos? Eles o abandonaram também.



— Lamentável. — Pensei no homem velho e acamado, o corpo uma massa putrefata de feridas, com o caixão a encará-lo. Ele não tinha sequer dentes e sobrevivia à base de mingau.

— Antes que você tenha tanta pena dele, permita-me contar o que o maldito fez. — A voz de Anthony se elevou, pois ele reuniu suas forças. — Seu último ato oficial foi ditar uma carta para O'Neill parabenizando-o pela grande vitória em Yellow Ford e oferecendo-lhe apoio. Ao aplaudir um inimigo da rainha, ele estava passando sua espada para a próxima geração.

— Que ele apodreça no inferno! — Não importam meus sentimentos pessoais a favor ou contra Elizabeth como mulher e como prima. Ela é sobretudo a rainha do meu país e insultá-la era como insultar a Inglaterra.

— Com todos os restos mortais dos seus santos prediletos — disse Anthony. — Ouvi dizer que ele tinha um centímetro quadrado da pele de são Bartolomeu e um dos globos oculares de santa Lúcia.

— Lixos papistas que o deixaram apodrecer. Eles provavelmente enterraram-no muito profundamente por causa dessas partes de corpos roubadas.

— Seu herdeiro, Filipe III, tem apenas vinte anos e não parece devoto. Ele provavelmente vai leiloar as relíquias para arrecadar dinheiro.

— Bem, não compre nenhuma! — eu disse. Devia haver um mercado escasso para eles na Inglaterra, de qualquer forma.

— Não sei, eu sempre quis um dos pedaços da verdadeira cruz. Embora tivesse me contentado com um frasco de leite da Virgem. — Ele deu uma forte gargalhada que logo se transformou em uma tosse dolorosa.

— Chame por são Brás — eu disse. — É a cura para dor de garganta.

Robert entrou na sala, parecendo intrigado.

— Do que você está rindo?

— Filipe novamente — eu disse. — Anthony estava falando sobre a coleção de santos dele, ou partes deles.

Robert estremeceu e falou:

— Um passatempo macabro. — Sua própria piedade, que o surpreendia de forma intermitente, era protestante, herdada de meu pai, provavelmente.

— Trouxe informações sobre as últimas horas de Filipe — disse Anthony.

— Sem dúvida, foram impecavelmente católicos e envolveram algum tipo de visão — disse Robert.

— Sim, de fato, uma visão. Ele usava uma capa irlandesa, tinha cabelo comprido e um brado sanguinário. Filipe enviou contra nós.

— Um fantasma? Ele apelou para um fantasma?

— Gostaria que fosse. Esse ainda está bem vivo, O'Neill. Filipe deu-lhe a bênção da morte. Disse que Yellow Ford foi um grande feito e que ele deveria prosseguir e fazer mais, à custa da Espanha.

O rosto de Robert ficou lívido, tão pálido como estava ao ficar trancafiado no quarto e se esconder do sol.

— Ele fez isso? — ele murmurou.

— Se não tínhamos certeza se as linhas de batalha haviam sido traçadas, agora temos prova — disse Anthony.

— A Irlanda é a substituta da Espanha, e conquistou uma grande vitória contra nós.


Robert soltou um suspiro triste, como se todas as mortes por lá, incluindo a de seu pai, tivessem tomado conta dele. Pela primeira vez, ele não tinha palavras.

Na manhã seguinte, bem cedo, uma convocação foi recebida, vinda de Greenwich. Sua Majestade ordenou a presença do conde de Essex na corte, imediatamente, sob pena de punição severa se desobedecida.

## ELIZABETH

### Setembro de 1598



s velas tremulavam em harmonia. Quando alguma se apagava, outra era acesa, como se estivessem competindo para iluminar o rosto de Filipe. Ele teria gostado daquilo, acho, teria se sentido num tributo angelical. Ele estava belo e jovem naquele retrato em miniatura, um retrato que deu à minha irmã no noivado. Eu já o tinha visto, já tinha encarado avidamente aquele retrato antes que ela o visse em pessoa. No retrato, ele estava com um sorriso contido, uma promessa de bom humor, promessa que nunca cumpriu. Depois que ela morreu, guardei o retrato, servia para me lembrar que o inimigo obstinado estava tramando minha morte, um dia fora meu amigo na Inglaterra, e ninguém é inteiramente um monstro.

Agora ele estava morto. Sem dúvida, mais velas foram acesas em toda a Espanha, em igrejinhas e nas grandes fortalezas do Escorial, onde Filipe passou seus últimos dias. Eles ainda não sabiam disso no Peru e no Panamá, mas, no próximo ano, missas fúnebres seriam realizadas para ele lá. Seus funerais continuariam cada vez mais, reverberando em todo o mundo.

Eu deveria me sentir triunfante ou, ao menos, aliviada. Ao contrário, sentia-me nua. Perder um inimigo constante era tão estranho quanto perder um amigo fiel, ambos me definiam. Primeiro Burghley, agora Filipe. Ambos deixaram filhos para continuar o que haviam começado, mas o filho nunca é o pai.

Tinha informações contundentes sobre a mensagem de Filipe para o O'Neill. O que me deixou triste, acabando com a minha teimosa crença de que, quando nossos últimos momentos na Terra chegam, nos tornamos melhores do que fomos em vida, e mesmo o homem mais mesquinho, brevemente, torna-se nobre. Contudo, em seu último suspiro, Filipe havia se concentrado em seu ódio por mim e pela Inglaterra.

*Um dia você foi jovem, pensei, olhando novamente para o retrato. Mas a única coisa que permaneceu foi a intensa capacidade de odiar: a malevolência queimando nitidamente num rosto enrugado pela idade.*

*Nossos duelos continuam, meu irmão. Continuam, porque você os continuaria.*

Estavam todos aqui, por Deus, incluindo Essex. Eu tinha enviado uma convocação para aquele filhotinho de cachorro desobediente que nem mesmo ele ousaria desobedecer. Estavam todos sentados sombriamente em torno da lustrosa mesa do conselho, o Conselho Privado inteiro, desde o velho Whitgift até o jovem lorde Cobham. Os dias desde o ocorrido em Yellow Ford trouxeram uma enxurrada de más notícias, bem como uma torrente de agricultores fugindo. Edmund Spenser havia acabado de escapar com sua esposa com a casa e o celeiro em chamas. Ele tinha voltado para a Inglaterra, contente por estar seguro, e agora compunha versos recriando os horrores, as chamas, as pilhagens, as matanças que tinha testemunhado na Irlanda.

Hoje daríamos um passo adiante, tomando controle do navio. Já não poderíamos mais ficar à deriva ou seríamos jogados contra as rochas da Irlanda, como a Armada foi jogada.

Por toda a longa mesa, digna de um refeitório de mosteiro, eles me olhavam esperando que eu os conduzisse. Essex sentou-se sozinho no final da mesa, encarando-me, como se ele fosse meu polo oposto. Fiz um sinal para que ele se sentasse em seu lugar, entre os outros conselheiros. Carrancudo, ele o fez, sentando-se ao lado da mesa onde estava Carey, evitando o lado em que estavam seus inimigos Cecil, o almirante Howard e Cobham.

— Senhores, ninguém deve confundir isso com um funeral — eu disse. — A única pessoa que morreu foi Filipe, e não espero que haja rostos tristes do nosso lado. Arcebispo, é melhor que você nos conduza em oração antes de abrirmos este importante conselho.

Suas cerradas sobranceiras arquearam-se e ele orou em voz alta.

— Amém — todos responderam em coro.

— Robert Cecil — eu disse —, como secretário principal, por favor, resuma as opções que temos.

Ele se levantou, segurando os papéis que tinha preparado, não porque sabia que teria que apresentá-los, mas para organizar seus pensamentos. Tinha certeza de que no seu guarda-roupas todos os seus sapatos, polidos e devidamente solados, estavam alinhados de acordo com a estação. — Muito bem — ele disse, cumprimentando a todos. — Temos apenas três opções. Primeira, bater em retirada e nos rendermos, deixando a Irlanda para os irlandeses. Segunda, marcar o passo e fazer o mínimo para conter a rebelião. Terceira, lançar nossa maior força contra eles e dominá-los completamente. A primeira opção seria tentadora se não fosse pelos espanhóis. É parcimônia e bom-senso livrarmo-nos de um incômodo, a menos que estejamos esperando para nos juntar a ele, virando contra

nós mesmos. A segunda opção já foi realizada e fracassou. Isso nos deixa apenas a terceira.

— Para minha infelicidade, afirmo que você está certo — eu disse. — Por isso nos reunimos hoje para decidir como implementar essa opção. A sorte está lançada, lançada pela Espanha, não por nós.

— Muito bem, mas como faremos isso? — Perguntou o lorde Guardiã Egerton.

— Dinheiro, dinheiro. É preciso dinheiro que não temos — lamentou Buckhurst.

— Terá de vir do Parlamento — disse lorde Cobham. — E acabamos de convocar o Parlamento. É muito cedo para outra convocação. Não estarão de bom humor.

— Ainda temos os subsídios do último Parlamento para recolher — lembrou o almirante Howard. — E, em tempos de perigo, eles terão de se reunir novamente.

— É sempre “tempo de perigo”. Por quanto tempo ainda poderei jogar esse peso sobre meu povo, tirando dinheiro deles por causa do medo? — Poderei. — Mas é a absoluta verdade e não um truque da minha parte.

— Todo o dinheiro do mundo não ajudará em nada sem alguém para liderar o ataque — disse John Herbert, o segundo-secretário. Ele raramente participava das reuniões do conselho, mas conservava as anotações de todos eles. — Precisamos de um comandante. Um gênio militar.

— Talvez pudéssemos chamar a feiticeira de Endor, e ela traria César, não? — disse Whitgift. — Todos os bons estão mortos.

— Alguém tem que liderá-los. Não podem ser conduzidos por um fantasma.

— A Irlanda transformou dezenas de comandantes em fantasmas — gritou Essex. — Incluindo meu pai!

— Desta vez tem de ser diferente — disse Carey, ao lado dele. — Dessa vez, o comandante terá de ser um homem que não será vencido pela Irlanda, mas que, sim, vencerá a Irlanda. Um homem que atraia outros para se alistarem e

servirem sob seu comando. Alguém cuja própria nomeação seja uma afirmação.

— Mas quem poderia ser? — Perguntou Herbert para todos nós.

Sabíamos que apenas um homem no reino agora se encaixava nessa descrição. Apenas um homem que tivesse nascido nobre e também fosse um comandante militar. Apenas um homem o qual o povo exigiria que fosse nomeado. Não havia escolha.

Essex deu um pulo. Sua voz ficou trêmula, como se ele estivesse falando debaixo d'água:

— “Ouvi também a voz do Senhor, dizendo ‘Quem eu deveria mandar e que iria por nós?’. E então eu disse, ‘aqui estou, envie-me’. Enviem-me!” — Ele correu para mim, atirando-se ao chão, gritando: — Fui chamado! Fui chamado! Pareceram momentos eternos em que ninguém falava nada e nem mesmo se movia.

— Você está certo disso? — Eu disse por fim.

— “Ouvi também a voz do Senhor, dizendo...”

— Você realmente ouviu isso ou está meramente citando a Bíblia?

Ele ergueu a cabeça como uma criança travessa, que espia por entre o cabelo que cai na testa, e disse:

— O Senhor fala através das Escrituras.

— Falou como um bom puritano — disse. — Mas os católicos têm razão em alertar para o fato de que as Escrituras podem ser lidas de muitas maneiras, e o diabo quer usar nossas fraquezas para nos enganar em falsas interpretações. Levante-se. Você não precisa de uma citação do profeta Isaías para justificar suas qualificações. O fato de já ter servido em operações militares no exterior é mais persuasivo.

Ele se levantou, olhando para mim. Seu rosto estava indecifrável, pálido.

— Parece que o cargo é seu — falei. — Que Deus tenha piedade de você e da Inglaterra.

Estava sentada no escuro. Não que eu quisesse, mas o crepúsculo e depois a completa escuridão tomaram conta de mim enquanto me sentava em minha cadeira nos meus aposentos. O jantar havia chegado e fora mandado de volta, estava sem apetite.

Eu tinha que nomeá-lo. Não havia mais ninguém. A Inglaterra tinha sido fraca por terra fazia muito tempo, mas nunca tão ruim quanto agora. Nossa reserva de líderes estava vazia, não havia nenhum. Mas havia uma coisa que Essex tinha que todos os outros comandantes não tinham: uma razão pessoal para querer se vingar da Irlanda. A Irlanda havia lhe roubado o pai, mandando-o para o túmulo. Eu só poderia rezar para que, de alguma forma, nessa necessidade severa, ele convertesse seu potencial em uma ação honrosa.

Eu era tão má quanto os espanhóis, podia apenas contar com a oração. O que foi mesmo que Filipe supostamente disse quando lançou a primeira Armada? “Na esperança confiante de um milagre.” Minha esperança não era nem confiante. De qualquer forma, nenhum milagre o salvou. Seria loucura pensar que nos sairíamos melhor?

No dia seguinte seria meu aniversário, eu faria sessenta e cinco anos. Havia algo para celebrar? Sim, algo pelo qual devia ser grata, mas não para anunciar. Não planejei nenhuma comemoração formal para o dia, sabendo que lembrar qualquer pessoa da minha idade não era algo politicamente inteligente. No entanto, Marjorie e Catherine tinham algumas lembrancinhas para mim, escolhidas com a delicadeza habitual delas. Marjorie me deu um cordial<sup>19</sup> aromatizado com ervas dos prados de Rycote.

Um gole me transportou para os campos de verão daquela adorável parte do país. Catherine tinha secretamente bordado uma almofada de alfinetes mostrando a nossa ligação familiar. Eu e ela éramos duas flores pendendo de um caule muito verde e entrelaçado. A flor dela estava mais baixa do que a minha, um degrau



abaixo na escada genealógica. Mas ela era tão hábil ao desenhar que a assimetria do bordado era muito agradável.

— Estou três gerações abaixo de Thomas e Elizabeth Bolena e você apenas duas — ela disse.

— Tenho idade suficiente para me lembrar deles, vagamente — eu comentei. — Eles morreram quando eu tinha cinco ou seis anos. Não muito depois... depois de minha mãe. Sua avó Maria viveu mais do que eles todos, mas ainda assim não viveu o suficiente para que você a conhecesse.

— Não somos uma família de vida longa — disse Catherine.

— Isso é algo tolo de dizer! Tenho sessenta e cinco agora. E minha mãe não viveu exatamente sua vida natural. Thomas viveu até os sessenta e dois e Elizabeth até cinquenta e oito. — Como eu sabia muito bem daqueles detalhes! — Isso faz de você mais velha do que todos eles.

— Quieta! — eu ri; logo a risada sumiu. — Você está certa. E sou eternamente grata por todos esses dias.

— Tenho que rir com vocês, crianças — disse Marjorie. — Pois eu estou bem com meus setenta. Lembro-me dos Bolena pessoalmente e vi o rei Henrique ainda jovem. Uma visão para nunca ser esquecida. Ele era glorioso, reluzente como o sol... — Ela então parou de devanear e disse: — Não me sinto velha. Mas a cada dia meu corpo me lembra a idade que tenho

Encontrando-a todos os dias, como acontecia comigo, as mudanças era sutis e a jovem que ela fora no passado encobria o que eu via. Mas era impossível negar que ela tivesse envelhecido, mesmo mantendo sua força e vivacidade.

— Você quer se aposentar? — perguntei repentinamente. — Fiz com que meu caro Burghley permanecesse aqui muito tempo e não quero cometer o mesmo erro novamente. Não é amizade, nem respeito, ordenar serviço quando a pessoa não deseja mais servir.

— Quando estiver pronta, eu mesma direi a você — ela falou. — Em breve, Henry e eu queremos ir para Rycote para sempre.

Antes do almoço, presentes e tributos começaram a se acumular na sala de audiências, apesar da minha tentativa de não enfatizar a ocasião. Todos os conselheiros mandaram alguma coisa, todos os presentes curiosamente refletindo sua personalidade. Cecil enviou um pequeno retrato de seu pai, Whitgift enviou um salmo do século XIV, Buckhurst, uma cópia encadernada de seus primeiros poemas, lorde Cobham, um mapa de Cinque Ports, como convinha ao seu guardião. Aquelas lembranças eram mais divertidas que os presentes formais que recebi no Ano-Novo. Então, uma caixa surpresa de Edmund Spenser. Continha uma extensa genealogia do rei Artur explicando minha descendência dele.

“Será que ele teria conseguido salvar aquilo de seu castelo incendiado na Irlanda?”, perguntei-me. Poetas eram criaturas curiosas. Se fossem poetas de verdade, o trabalho deles seria a primeira coisa pela qual correriam para salvar, acima de tudo. Era impossível escrever tudo novamente da mesma maneira exata.

— Ele está próximo — disse o empregado do meu quarto. — Ele se apresentou hoje pela manhã.

Ele deve achar que sua experiência na Irlanda, esteve por lá a maior parte de sua vida adulta, o faria ser intimado para vir testemunhar na corte. Decidi convidá-lo para poder agradecer pelo presente, e questioná-lo antes que o conselho o fizesse.

Essex não mandou presente, nem sua mãe, Lettice. Ela seria louca de mandar alguma coisa depois da recepção do último presente que me oferecera. O presente mais inesperado veio de Gales, uma caixinha de mel e bolo, com uma carta de minha afilhada “Elizabeth”. Ela me desejou boa sorte e perguntou se poderia vir à corte para aprender melhor o inglês. “E para vê-la, minha mais graciosa madrinha”, ela escreveu.

Fiquei mais do que satisfeita. Aqui nesta sala de envelhecimento e de políticas, ela seria um sopro da inocência que havíamos perdido. E fiquei tocada por ela ter se lembrado e por ter coragem o suficiente para me testar e ver se o que começou entre nós em Gales poderia evoluir.

Meu capitão, recém-reintegrado à Guarda da Rainha, Raleigh, orgulhosamente levou seu amigo Edmund Spenser à minha presença. Atrás dele, sem ser convidado, estava Percival, o índio, usando roupas da corte e de cabeça empinada. Entre homens tão altos e robustos, Spenser parecia encolhido e miserável. Mas nada disso me surpreendia após o que tinha passado.

Embora tivesse apenas quarenta anos, ele se movia timidamente, como um cavaleiro idoso.

— Peço que se sentem — disse a eles. Eu não faria esse homem ficar mais tempo que o necessário. Sentei-me próxima e fiz um sinal para que a comida e a bebida fossem trazidas, caso quiséssemos. Eu disse a ele: — Você sofreu muito. E seu país sofre por você.

Os olhos dele percorriam toda a sala, como pequenos animais ariscos que estavam com medo de pousar.

— Obrigado — falou com uma voz fraca.

— Pode me dizer o que viu na Irlanda?

Raleigh balançava a cabeça veementemente, dizendo:

— Se me permitir, eu mesmo posso contar, para poupá-lo da repetição. — Spenser acenou com a cabeça em sinal de gratidão.

— O castelo dele em Kilcolman, no condado de Cork, foi incendiado, seu filho mais novo e sua mulher morreram lá. Ele escapou por pouco, com o cabelo em chamas. Teve que se arrastar pelos campos cheios de rebeldes para encontrar seu cavalo e depois andar às cegas pela noite. Ele somente encontrou o caminho que poderia mantê-lo a salvo quando o sol surgiu e ele pôde, enfim, ver para onde estava indo. O castelo queimava atrás dele.

— Olhei uma vez e depois não consegui mais olhar — ele desabafou. — Mas a imagem não sai da minha cabeça.

— Os rebeldes o viram e perseguiram-no a pé, mas não conseguiram pegá-lo. Enquanto ele andava em direção à nossa guarnição, viu a devastação de toda a região. Tudo destruído. O que levou anos para ser cultivado fora destruído numa só noite.

— Destruído, tudo destruído — disse Spenser.

— Você está seguro agora — Raleigh garantiu a ele. Percival moveu-se para tocar o ombro dele e apoiá-lo e Spenser deu um pulo.

— Não me toque! — gritou.

Eu queria ouvir mais sobre a Irlanda, mas seria muito cruel com ele.

— Obrigada pelo cartão de aniversário — eu disse. — Fiquei muito contente em ter minha descendência do rei Artur confirmada com detalhes tão precisos. — Ele sentou-se petrificado. — E, desde a publicação de todos os seis livros de *A Rainha das Fadas*, tive o prazer de lê-los com calma e cuidado, e estou deslumbrada com a sua genialidade. — Não o estava bajulando, ele havia feito um trabalho de arte minucioso. E o havia dedicado à rainha “que durasse a eternidade de sua fama”.

— Mas, quanto à Irlanda — disse Raleigh gentilmente a Spenser —, acredito que você tenha prescrito um remédio para aquele lugar há alguns anos.

— Ah sim, sim... — Ele fez um sinal para Percival, que mostrou uma caixa do tamanho de um pergaminho. — Aqui está. Sei o que deve ser feito. Estou mais convencido agora do que nunca que essa é a resposta. — Esforçando-se para ficar de pé, ele me entregou a caixa com as mãos trêmulas.

Abri a caixa e li o título: *Panorama do atual estado da Irlanda*.

— Isso deve ser usado imediatamente — falei. No entanto, obviamente, fora escrito muito antes, pois agora aquela pobre criatura, cujas observações recentes seriam mais

pertinentes no momento, mal conseguia segurar uma caneta.

— A única maneira de controlar a Irlanda é destruí-la e reconstruí-la novamente, à nossa própria imagem — ele gritou. — Vamos queimar tudo! Terminar o que eles começaram. Somente refazendo todas as leis, consumindo todos os vestígios de língua, costumes e clãs, poderemos transformá-la num país de verdade!

A face horrível da violência agora se mostrava, gerada pela violência que ele tinha experimentado, aquela era a cor que predominava sobre ele.

A violência desmedida era horrível, não importando quem estava cometendo ou quem havia sofrido. Nenhum de nós poderia dizer que não sentiria o mesmo depois de ver nossas famílias mortas, mas um poeta gentil era um assassino vingativo bem improvável. Se pudesse convertê-lo, mesmo em pensamento, poderia converter qualquer um. Ah, no que o povo da Irlanda se transformara?

— Lerei o seu manuscrito — prometi a ele. — Raleigh, permita-me contar-lhe sobre Constância, a tartaruga, e como ela tem passado — eu disse, mudando de assunto. — Ela permaneceu inerte durante o inverno, nossos homens a levaram para dentro de um celeiro, apesar de ser tão pesada e de seu casco não possuir alças. Mas na primavera ela voltou e agora passeia pelo jardim de Hampton Court. Acho que está solitária. Parece saudosa. Você poderia trazer-lhe um companheiro?


— Somente se eu puder navegar para o local em que sua espécie vive — disse Raleigh. — No momento em que a senhora der o comando, eu partirei. Percival, o que você diz?

— Estou pronto — ele disse.

Todos rimos gentilmente, Percival e Raleigh conduziram Spenser até a porta.

LETTICE  
Outubro de 1598



m redemoinho de folhas douradas dançava do lado de fora da minha janela. O mês de outubro daquele ano era uma sucessão de dias quentes e amarelados como mel. A colheita, novamente, fora magra, fazendo o outono parecido com uma bela mulher infértil. Ainda assim, era possível apreciar a beleza estéril da estação, caminhar nas tardes suaves ao longo dos caminhos do jardim de tijolos e ter prazer ali.

A Essex House era agora o centro de toda a preparação para a empreitada na Irlanda. Tremia só de pensar. A rainha, por motivos que somente ela conhecia, havia entregado o destino da Inglaterra nas mãos do meu filho. Quando ele tinha bradado que “a mente dela está ficando tão torta quanto sua carcaça!” naquele dia em casa, calei-o imediatamente. As próprias aves nos céus podem ser espiões. Mas aquela frase ficou em minha mente.

Não conseguia deixar de pensar que talvez a mente dela estivesse hesitando. Ela tinha sessenta e cinco anos agora e seu comportamento era irregular. Ela havia ignorado a procissão daquele ano, a razão oficial era a morte de

Burghley, mas me perguntei se aquela não era apenas uma desculpa porque exigia muito dela.

Tinha que admitir que ela agiu com uma determinação incomum em sua resposta à derrota em Yellow Ford e com a revolta. Mas um Tudor nunca pode aceitar uma rebelião ou uma derrota, e o sangue dela exigiu uma resposta arrogante. Pode ter sido o insulto “soldado nascido no mato”, como ela o chamava, superando as forças dela. Com uma velocidade surpreendente ela havia determinado a submissão da Irlanda e havia escolhido Robert como marechal do exército.

Ele iria para onde seu pai fora e de onde nunca havia retornado. Para o lugar que era o cemitério de um comandante inglês após o outro. Seu antecessor imediato, lorde Burgh, havia morrido no ano passado, alguns disseram que foi por causa de veneno. Se a malária e a traição na Irlanda não atacarem você, o veneno termina o trabalho.

Desta vez, o exército tinha que ser enorme, a maior força já enviada para a Irlanda. Eles falavam de 16 mil soldados de infantaria e 1.300 de cavalaria. Todos sob o comando de meu filho, cujo entendimento da guerra por terra era muito tênue. O único outro comando que ele havia recebido fora na França fazia sete anos. Nada foi conseguido lá, exceto a morte de seu irmão, meu filho mais novo, Walter. Robert havia se tornado uma figura militar por um desejo feroz, mostrando que, quando se quer algo, se pode fazê-lo, mas o desejo não confere habilidade natural.

Robert poderia fazer os homens segui-lo, mas ele não sabia como liderar. Essa era a verdade. Apenas a sorte poderia garantir-lhe sucesso. Mas não foi o próprio César quem disse que a sorte desempenhava um papel importante em suas batalhas? “A sorte de César” se tornou um provérbio.

*Ah, fantasma de César, conceda um pouco de sorte ao meu filho!*

Assim que proferi estas palavras, virei-me para um dos ambientes e me assustei com um bando de gralhas que

brigavam sobre uma pilha de folhas e compostagem. Tagarelando, levantaram voo, em tumulto de asas. Uma... duas... três... Eram sete.

*Um para a tristeza, dois para a alegria,  
Três para nascimento, quatro para matrimônio,  
Cinco para o paraíso, seis para o Inferno,  
Sete para o próprio demônio.*

Rapidamente fiz um sinal para reverter a má sorte, cruzando meus polegares. O próprio demônio era a Irlanda.

Saí rapidamente do lugar em que vi as gralhas e logo ouvi o falatório de vozes humanas, que me lembravam os pássaros. Era Frances, de braços dados com a grávida Elizabeth Vernon, a esposa desgraçada de Southampton. Ela havia se refugiado sob o nosso teto, outro motivo para a rainha ficar contra nós. Tão enfurecida ela estava por eles terem se casado, desafiando sua proibição, que mandou Southampton para a Prisão Fleet. Lá ele perecia, enquanto Robert lhe trazia notícias da condição de sua esposa. *A rainha*, pensei amargamente. *Ela nos mantém prisioneiros de seus caprichos e preconceitos.*

Cumprimentei a senhora que agora era a condessa de Southampton, com ou sem a aprovação da rainha. Na corte, ela era conhecida por sua beleza, olhos sonolentos e cabelos cacheados, mas agora seu rosto estava inchado por causa das últimas fases da gestação e por causa do choro de preocupação. A barriga inchada à frente de seu vestido parecia as velas de um navio ao vento.

— É um menino — disse Frances. — Acabamos de colocar o anel de casamento em cima da barriga com uma corda, ele balançou para a frente e para trás. Isso significa que é um menino!

Sorri. Fiz a mesma coisa com todos os meus filhos, mas me enganei em três dos cinco.

— Maravilha! — Eu disse.



Ela parecia tão desconfortável que, sem dúvida, ficaria feliz com qualquer que fosse o sexo do bebê. Fiquei feliz por meus dias de fertilidade terem acabado, era uma situação claramente infeliz. Fiquei feliz também por nunca ter revelado a ninguém que Southampton e eu havíamos sido amantes. Robert se orgulhava de saber muito, mas ele desconhecia essa minha incursão. Ele também nunca soube sobre Will.

Southampton foi um bom amante. Gostaria de saber, por acaso, se ele era diferente com Elizabeth. Os homens tendiam a ser, eu achava, com as mulheres que respeitavam. Claro que ela foi amante dele por três anos primeiramente. Ah, bem, é melhor não pensar tanto nisso.

— Está tudo pronto para o nascimento — disse Frances. — A parteira está esperando e o berço está forrado com cobertores e um pequeno colchão.

— Que você tenha uma boa hora — desejei a ela.

Deixei os jardins da Essex House e passei pelo portão das águas. Não estava pronta para voltar para casa, por onde tantos homens estavam sempre perambulando. Robert parecia ter vários parasitas, muitos deles personagens ilusórios e problemáticos, homens que não haviam prosperado na corte nem em qualquer outro lugar e estavam buscando fazer fortuna de alguma forma, sem se sobrecarregar. Eram jovens, filhos de famílias do interior, aventureiros que haviam apostado tudo na pirataria e empobreceram, fanáticos religiosos marginalizados de ambos os lados, estudiosos ambiciosos que não obtiveram nomeações iguais aos seus méritos e soldados desempregados. Náufragos que, agora, rondavam a Essex House.

O Tâmisia brilhava tranquilo ao sol, pedi então ao nosso barqueiro que me levasse pelo rio.

— Para onde, condessa? — O barqueiro perguntou.

— Para qualquer lugar — eu disse. — Rio acima e rio abaixo.

— A maré está vindo e é melhor não passarmos por debaixo da ponte — ele avisou. — Mas podemos ir até lá e voltar.

Londres estava na melhor época do ano. Os barqueiros trabalhavam sempre alegres, acenando quando passavam uns pelos outros. Os cisnes da rainha subiam e desciam, formando manchas brancas que cobriam a água. Havia tantos desta vez. Os criadores de cisnes devem ter ficado ocupados na primavera, marcando um por um dos novos cisnes. Eu tinha perdido o dia em que eles reuniam todos os cisnes para contá-los e marcá-los, foi logo após a minha não recepção pela rainha, por isso não estava com humor para ver outras criaturas sendo incluídas em sua propriedade.

Mas, agora, não estava com inveja dos cisnes dela. Ela acenou com a cabeça mais uma vez à casa de Devereux, trouxe Robert sob sua proteção. Ele recebera mais uma chance.

Viramos antes de sermos pegos pela rajada de água entre os pilares da ponte, voltamos a subir o rio. Vi a cidade ao longe e depois desaparecendo quando passamos por Chelsea, a margem começou a ser delineada por salgueiros e juncos. Em pouco tempo, chegamos próximo à curva na margem sul em Barn Elms, a casa de Frances, o lugar em que o velho Walsingham tinha morrido.

Frances. Será que era feliz? Será que Robert a fazia feliz? Será que ela se importava com isso? Será que ele se importava? Eu não conseguia entendê-la. Ela era uma daquelas criaturas que parecem sempre estar contente, cujo mecanismo interno não é visível. Alguém me disse isso, teria sido Christopher? Que talvez Robert a tivesse escolhido porque ela era o oposto de mim. Que, por ter uma mãe que era tal qual uma tormenta e cheia de drama, ele queria uma esposa tranquila, que não fizesse exigências. Bem, ele conseguiu.

Depois de outra curva do rio, nós nos aproximamos da Syon House, na margem norte. A mansão ficava tão longe que era difícil ver por entre as árvores. Era a casa de minha

querida Dorothy agora, a nova condessa de Northumberland. Ela havia se casado com o estranho conde Henry fazia pouco tempo e se adaptou ao seu estranho modo de vida, suportando um marido que gostava de fazer experiências químicas com homens como John Dee e Thomas Harriot, fumando tabaco e observando as estrelas. Todos os meus filhos pareciam ter feito casamentos peculiares.

O amante de minha filha Penélope não era tão estranho quanto os cônjuges dos meus outros filhos. Charles Blount parecia ser um homem perfeitamente sensato, se esquecêssemos os flagrantes de adultério dele e de Penélope. Eles já tinham um filho, um menino ao qual deram o nome de Mountjoy. Enquanto isso, o marido de Penélope, lorde Rich, parecia não se incomodar com a situação e muitas vezes até jantava com eles.

O sol da tarde estava refletindo na água e incomodando meus olhos. Já estava pronta para voltar e ordenei que o barco voltasse à Essex House. Dei uma última olhada para a Syon House, de pé como uma sentinela, e então suspirei. Se aquela era a vida que Dorothy queria, então eu não questionaria sua escolha.

Naquele momento do dia, mais pessoas já estariam reunidas em nossa casa. O número aumentava conforme a tarde caía e elas esperavam que nós alimentássemos. Robert era considerado um grande homem e um grande homem, tem muitos empregados, os quais deve sustentar. Mas ele não tinha meios para fazer isso, portanto estávamos cada vez mais endividados. Certamente, aqueles homens iriam com ele para a Irlanda e alimentariam as recompensas da rainha, não a nossa!

Depois do jantar, mais uma vez deixando-nos sem nada, como se fossem um bando de corvos, os homens foram se empoleirar nos locais em que costumavam passar suas noites, dando-nos a falsa impressão de que tínhamos privacidade. Recolhidos em nossos aposentos, estávamos

apenas em família e Edmund Spenser, que estava hospedado conosco. Ele estava muito abalado para voltar sozinho para sua casa em Petworth e queríamos protegê-lo aqui. Ele fez um tremendo esforço para ir ver a rainha, e para isso usou todas as suas reservas.

Logo, seria chamado para o Conselho Privado e seria mais uma provação. Ele mal dormia e, quando conseguia, era tomado por pesadelos. Ele tremia e se agitava no quarto porque não suportava que alguma luz fosse acesa. As chamas, o crepitar, o estalar da madeira, tudo lhe causava medo. Para se aquecer ele tentava envolver peles e cobertores em torno de seu corpo, na verdade nem estava frio lá fora, mas seu corpo magro e seu espírito encolhido congelavam.

Tentamos caldo, vinho quente e sopas, qualquer coisa para aquecê-lo por dentro. Os destilados irlandeses, é claro, eram os melhores, mas o aroma fazia com que ele gritasse.

— Temos apenas a boa e velha cidra Somerset — garanti-lhe. Por causa das más colheitas, a sidra estava escassa naquele ano, mas ele receberia tudo o que tínhamos. Se ele gostasse dela, iria me empenhar para conseguir mais.

— Humm... Sim.

Ele respirou fundo, como se para garantir que não houvesse cheiro da Irlanda. Depois degustou avidamente. Quando já tinha esvaziado o copo, recostou-se, passando a língua pelos lábios finos. Somente depois disso foi que olhou ao redor do quarto, observando os baús e pilhas de roupas.

— Você está se preparando — ele comentou.

— Da melhor maneira possível — disse Robert. — Mas qualquer coisa que você possa me dizer para me ajudar a me preparar me deixaria muito grato. Nunca estive lá.

— Deus foi piedoso, então — comentou Spenser. — A primeira coisa é: leve roupas à prova d'água, como se estivesse indo para o mar. A umidade está em toda parte e vai apodrecer a camisa nas suas costas.

Robert concordou, anotando tudo.

— Leve duas vezes mais artilharia do que acha que precisa. Ela desaparece. A maior parte das armas, que agora está nas mãos dos irlandeses, nos foi roubada. E o que não desaparece se torna obsoleto por causa da umidade, a pólvora não acende, a ferrugem toma conta das armas. Leve uma grande quantidade de gatos com você, boas ratoeiras, tudo para proteger o suprimento de grãos. Cobras seriam ainda melhores.

— Pensei que são Patrício tivesse livrado a Irlanda das cobras.

— Então devemos amaldiçoar os irlandeses ao importá-las. Deixá-las soltas para invadir a ilha!

— Esboce as divisões gerais de terra — Robert pediu. — Sei que você esteve em Munster, no interior da ilha.

— Sim, Raleigh e eu e muitos outros recebemos terras confiscadas depois da rebelião em Desmond. Mas o que se deve ter em mente é que a rebelião pode vir de qualquer lugar. Nenhuma área é segura. Se você pensar na Irlanda como um relógio oval, então a parte de cima, entre dez e duas horas, é Ulster. Nunca conseguimos pacificar aquela parte, nunca nem conseguimos pretensamente impor leis inglesas por lá. É onde O'Neill tem origens, e também seu aliado Hugh O'Donnell. Depois, onde seriam três horas, os ingleses têm seu reduto, ou deveria dizer seu ponto de apoio? Em Dublin e Pale. Fica perto de Ulster, mas até agora tem sido o ponto mais seguro.

— Mais adiante, no condado de Leinster, temos várias plantações, todas destruídas agora. Depois, mais ao sul, entre cinco e sete horas, Munster, local em que há mais acampamentos ingleses. No oeste, nove horas, fica o condado de Connaught que nunca foi realmente pacificado, os O'Malley e Burke controlam aquele território.

— A pirata, O'Malley — disse Robert. — Lembro-me de quando ela veio até a corte. Ela prometeu lutar por Elizabeth.

— Uma boa demonstração da confiabilidade dos irlandeses — disse Spenser. — Mas estava sob a condição

de a Inglaterra fazer certas coisas, como tirar Richard Birgham de lá. Elizabeth cumpriu o acordo, mas depois o mandou de volta. Grace O'Malley não se deixou enganar por tais gestos transparentes, de modo que ela repudiou seu juramento de lealdade. Não podemos culpá-la.

— Ela é velha? — gritou Robert. — Mais velha que a rainha? Qual o grau de periculosidade que ela nos oferece?

— A vida de pirata a mantém jovem — explicou Spenser. — Pelo menos foi o que ouvi. Não gostaria de ter que lutar com ela. Ela comanda uma grande frota que anseia nos destruir.

— Não planejo lutar no mar — disse Robert.

— Ela pode ajudar os espanhóis, que necessariamente chegarão pelo mar.

— Se pudesse escolher, preferiria o mar. Mas a rainha ditou os termos da guerra. Deve ser por terra.

— Quem você nomeará como seus comandantes? — perguntou Spenser.

— Quero Southampton para liderar a cavalaria, mestre de cavalaria, se a rainha o libertar — ele disse. — E você, Christopher, sob meu comando, marechal do exército e membro do conselho.

Ele olhou surpreso e feliz.

— Raleigh?

— Não. Ele é chefe da Guarda da Rainha aqui e quer ficar debaixo de suas saias.

— Ou talvez seja esperto o bastante para ficar longe daquele pântano. Afinal, ele já prestou muitos serviços por lá, há vinte anos.

— Ele era cruel, matando aqui e ali sem piedade.

— Não parece ter feito muito — disse Christopher. — Talvez ele, de todas as pessoas, veja em primeira mão como é fútil.

— Desta vez não pode ser aos poucos, como os nossas outras iniciativas. Desta vez, a campanha deve visar nada menos do que conquistar toda a ilha, de uma vez por todas — disse Robert.

— Boa sorte — falou Spenser. — Você se impôs uma tarefa impossível. Ninguém jamais conquistou a Irlanda e ninguém jamais conseguirá.

Robert se impôs:

— Não existe campanha impossível se tivermos homens e dinheiro suficientes. E desta vez teremos. Dezesesseis mil soldados! Mil e trezentos de cavalaria! Os irlandeses temem a cavalaria, eles vão tremer quando a virem.

— Nunca vi os irlandeses tremerem, exceto com uma de suas pestes — disse Spenser. — Você está sozinho no comando? Tem liberdade para tomar as próprias decisões?

— Pelo que sei, sim. Não haverá ninguém acima de mim.

— Exceto a rainha — lembrei-o. — Ela é a comandante suprema.

— Ah! Ela não sabe nada sobre guerras. Como ela poderia? Nunca esteve em um campo de batalha. Vamos torcer para que sua intromissão não interfira no que precisa ser feito.

— Ela está pagando por isso e vai querer dar a última palavra — eu disse.

— Certamente, desta vez, ela se curvará à sabedoria daqueles que conhecem a guerra — disse Robert. — Ela quer vencer.

— Ela tem as próprias ideias — disse Christopher. — Ninguém pode dizer que elas estão sempre erradas.

— Elas são sempre cautelosas e aqui ser cauteloso é perder — disse Robert.

— Você não deve começar por contrariá-la — disse Christopher. Quando ele havia ficado tão analítico? — Por exemplo, ao indicar Southampton. Ela não permitirá isso, ela não gosta e não confia nele. Ela o colocou na prisão! Então não desperdice sua munição, digamos assim. Não comece com o pé esquerdo.

— Você está cheio de clichês hoje, não é?

— Clichês geralmente expressam a verdade — disse Christopher. — Não atravesse o caminho dela. Você perderá.

— Preciso de liberdade para escolher meus oficiais.

— Qualquer um, exceto Southampton, eu diria. É tolice indicar um candidato que está na prisão por ter ofendido a rainha.

— Mas eu o quero — disse Robert.

— Aprenda a querer outro — eu disse.

— Não é tão fácil assim — ele retrucou.

Ah, isso eu sabia. *Aprenda a querer outro*. Tentei seguir meu próprio ditado com algum sucesso. Já fazia algum tempo que tinha deixado de querer qualquer coisa relacionada a Southampton. Podia olhar para ele agora e vê-lo apenas como o marido de Elizabeth Vernon e amigo de meus filhos. Com Will Shakespeare era bem mais difícil. O que eu mais queria era ir até ele e ouvir sua opinião sobre o que seria iminente a Robert. Ele parecia saber tudo o que se passava. Contudo, tive que supor por meio das suas peças.

As peças dele mantinham-no em meus pensamentos. As pessoas falavam sobre ele, até mesmo a rainha o chamou para apresentar seus dramas para ela. Ela havia gostado tanto da peça que falava de *sir* John Falstaff que solicitou que fosse feita uma peça em que ele fosse o personagem principal, então Will escreveu *As Alegres Comadres de Windsor*, que foi devidamente apresentada em Windsor durante as cerimônias da Jarreteira.

À sua maneira, ele era tanto uma figura pública quanto a rainha, mesmo quando se escondendo atrás de seus personagens. Pode-se dizer que *sir* John Falstaff era uma figura pública, que Shylock era uma figura pública, que Romeu era uma figura pública, enquanto seu criador mantinha a privacidade.

A conversa se acalmou. Spenser estava bocejando e precisava descansar. Robert estava inquieto em seus aposentos. Eu queria que ele procurasse a companhia de sua esposa em vez de sair pela noite, mas já não tinha mais nenhum controle sobre ele.

Christopher e eu fomos para nossos aposentos. Preparando-nos para dormir, Christopher estava trocando de roupa.



— Espero que ele não contrarie a rainha antes mesmo de partir — ele disse.

— Obrigada por tentar mostrar o bom-senso a ele.

— É difícil para você. Pois sei que você preferiria que ele ficasse aqui em segurança. Mas o perigo parece cortejá-lo.

— Você me conhece bem, meu marido. — Fiquei comovida que ele conseguisse entender como um pai se sentiria, já que não era um. Fui até ele e o abracei. Era bom abraçá-lo, nunca deixei de apreciar o conforto físico que tinha nele. Conforme o abracei forte, pressionando-o contra mim, senti tanto carinho quanto desejo. Há muito tempo que não sentia isso, por ninguém.

Ele me beijou, lembrando-me do que eu já havia desejado antes. Eu queria aquilo de volta, o desejo e a excitação.

*Lettice, eu disse para mim mesma, ele estava aqui o tempo todo. Foi você que o abandonou. Agora corra atrás e traga-o de volta, traga a alegria do casamento de volta para a cama. É um direito seu, até a igreja prega isso. Os votos de casamento não dizem “Com meu corpo eu vos adoro”? Isso não significa ajoelhar-se e recitar versos!*

— Venha, meu marechal do exército — sussurrei. Era muito excitante chamá-lo assim.

## ELIZABETH Janeiro de 1599



**N**oite de Reis e as tochas flamejavam com chamas altas em Whitehall. Tivemos a temporada mais festiva possível, deixando os pensamentos perturbadores sobre os irlandeses lá fora na escuridão. Convoquei todos os cortesãos a me visitarem em algum momento durante os doze dias, mas principalmente no ápice das comemorações.

Naquela noite haveria de tudo: um banquete com não somente um, mas três cisnes assados, Raleigh servindo como mestre da desordem, vários músicos e cantores e uma nova peça, a continuação de *Henrique IV*, a peça que apresentou Falstaff ao mundo.

Essex, sentado ao meu lado, aproximou-se e murmurou:

— Essa peça não é tão interessante como a primeira parte. Todos os personagens interessantes, como Hotspur, foram assassinados, e o príncipe Hal continua afeminado.

O que eu quis dizer, e não pude, é que a primeira parte da peça parecia vigorosa e cheia de vida, enquanto aquela parte era decadente, com doenças e pessoas velhas, assuntos que eu evitava. Houve, inclusive, um momento em que Falstaff foi censurado por ter uma barba branca, uma

perna menor, uma barriga crescente, uma voz distorcida, queixo duplo e uma inteligência única, parecia que todas as partes dele eram antigas. Em vez disso eu disse:

— É melhor ficar com esses amigos cheios de luxo do que os que você tem. — Southampton permanecia preso e sua esposa proibida havia sido abrigada por Essex. Ela acabara de dar à luz uma filha. Os outros inúteis, o conde de Rutland e de Sussex, eram um pouco melhores do que Falstaff.

O que nenhum de nós gostaria de mencionar, mas estávamos ambos bem conscientes, era a publicação de um livro intitulado *A vida e o reinado de Henrique IV*, de John Hayward. O título era enganoso, pois cobria a abdicação de Ricardo II, e na dedicatória Hayward comparava Bolingbroke a Essex. Hayward seria questionado perante a Câmara Estrelada,<sup>20</sup> mas por que falar disso agora? Era Noite de Reis.

Sentado do meu outro lado estava Eurwen Bethan. A convite meu, ela veio de Gales para passar o Natal comigo e a forma maravilhada como assistiu a tudo era o maior presente daquelas festas para mim. Ver tudo aquilo pela primeira vez deve ser indescritível. Eurwen disse poucas palavras, mas seus olhos brilhavam.

Agora ela tinha onze anos, e estava prestes a transformar uma criança de bochechas rosadas numa bela donzela. Como eu havia lhe pedido, ela me chamava de madrinha Elizabeth e parecia contente em fazê-lo, não se dando conta da honra incrível que era isso para um filho de cortesão. Naquele momento de cuidados extremos com o Estado e de cada vez mais dores pelo corpo, ela era a primavera em minha vida.

Como ela era uma prima distante de Essex, ele tentava ser possessivo com ela, mas rejeitei suas tentativas de se intrometer entre nós. Eu não queria que a única coisa pura em minha vida fosse contaminada pela política e pela ambição da corte.

Eu tinha mais de cem afilhados, por diversão, convidei muitos deles para virem conhecê-la. Eles eram pessoas

desde a meia-idade, como John Harington, até a sobrinha de Howard, Catherine, de doze anos. Eles se divertiram muito com ela, fazendo agrados e deixando-a participar do grupo.

A peça terminou com um ator dizendo “Nosso humilde autor continuará a história, com *sir* John nela, deixando-os felizes com a boa Katherine da França, e lá, pelo que sei, *sir* John morrerá por causa da doença do suor”. Ele fez a reverência.

— Minha língua está cansada assim como minhas pernas, tenham todos boa noite e convido-os agora para, de joelhos, orarem pela rainha. — Ele se ajoelhou e eu fiquei de pé, reconhecendo-o.

— Senhores, vocês me agradaram muito. Quero mais sobre *sir* John, na França. Boa noite.

Agora a dança. O palco já estava vazio, os atores tiraram os cenários e os músicos tomaram seus lugares. As velas já queimadas foram substituídas e os camarotes iluminados.

Essex curvou-se com cortesia exagerada e disse para Eurwen:

— Prima, vamos dançar?

Embora ela nunca tivesse dançado antes, aprendeu rapidamente, os olhos dela brilhavam. Logo, outros se juntaram a eles e o salão se encheu de dançarinos trilhando aquela melodia lenta e majestosa. A esposa de Essex sentou-se desanimadamente ao lado. Ela estava sofrendo na fase inicial da gravidez e mantinha a mão sobre a barriga.

Mais tarde a dança se tornaria mais vivaz, porém, por enquanto os mais velhos e as crianças tomavam conta do salão.

Quando Eurwen, o velho lorde Buckhurst e *sir* Henry Norris deixaram o salão, Essex e eu finalmente dançamos. Era uma galharda, dança em que um dia me destaquei. Tratava-se de muitos saltos e firulas, exigindo pernas fortes e equilíbrio. Eu ainda conseguia dançar, mas senti muito mais calor do que de costume.

— Depois de todo esse tempo, ainda dançamos muito bem juntos — eu disse a ele enquanto passávamos um pelo outro no meio dos passos.

Ele devolveu-me o olhar intrigado.

— Ainda? — ele disse. — Eu diria “sempre”.

— O fato de ser sempre ou não depende apenas de você — eu respondi. — Eu sou sempre constante. Você que é instável.

As festas acabaram, as decorações e apetrechos, máscaras, bastões, sinos, unicórnios de papel machê, cortinas para as peças, reunidos e guardados pelo mestre de cerimônias em Clerkenwell Green, o mundo voltava à rotina. Sem nossos trajes resplandecentes, Essex, vestido de maneira simples, encontrou-se comigo, vestida de maneira sombria, no meu quarto privado. Era o momento de falarmos da Irlanda.

— Em quanto tempo você acha que estará pronto?

— O recrutamento demanda tempo — ele disse. — E a aquisição de alimentos, especialmente agora no inverno, e...

— Não quero desculpas, quero uma programação — odiava ser tão objetiva com ele, mas havia vários aspectos a serem discutidos.

— Março — ele disse. — Estarei pronto em março. Mas as despesas, estou tendo problemas...

— Você tem uma grande dívida com a Coroa, apesar da sua renda do monopólio do vinho e de todas as suas propriedades. Você quer mais emprestado?

— Se me fosse concedido o controle da Tutela Feudal, agora que Burghley se foi... vagão cargo está vago...

— Um posto muito lucrativo. Ainda não decidi o que fazer com ele. Essex, você conhece o versículo da Bíblia sobre ser fiel nas pequenas coisas antes que lhe sejam confiadas coisas maiores? Sua necessidade contínua de mais e mais dinheiro para suprir os gastos evidencia a falta de economia e má gestão, o que dificilmente o qualifica para receber mais.

— Tenho responsabilidades importantes — ele retrucou. — Não podem esperar que eu garanta todas as despesas da guerra. Em algum momento, o próprio Estado terá de ser responsável por isso.

— O Estado é responsável. Tenho vendido propriedades da Coroa. Não diga que não estou financiando a guerra!

— Não quis dizer isso. Só disse que, em algum momento...

— Não exigirei que me pague as 10 mil libras que me deve, ainda não. Isso ajuda?

— Sim, certamente.

— Muito bem então, mas a dívida fica em aberto. Não estou perdendo, apenas adiando.

— Vossa Majestade perdoa bem pouco — ele disse.

— Você percebeu isso? Então guarde bem — era o momento de falar o que eu sabia.

Não, já era mais do que o momento. Levantei-me, sabendo como ele se impunha a mim. Não importava:

— Você tem se comportado de maneira traiçoeira com relação a mim diante do Conselho Privado. Você sabe ao que me refiro. Também ouvi falar sobre os insultos rebeldes que tem dirigido a mim, tanto por escrito como em discursos. Pelas minhas costas, você tem zombado, desafiado e sugerido que sou menos do que sou. Se você pensou que essas palavras nunca chegariam a mim, você é muito ingênuo.

Sua expressão era como uma máscara das antigas folias. Ele me olhava fixamente.

— Portanto, deixe-me dizer de uma vez e tome cuidado. Tenho suportado esses insultos à minha pessoa. Mas vou avisando, não toque em meu cetro. No momento em que fizer isso, utilizarei a lei contra você, independentemente de meus próprios sentimentos sobre o assunto. Você entrará em um terreno perigoso.

— Não sei do que a senhora está falando — ele disse.

— Acho que sabe, sim. Lembre-se, eu não quis executar Maria, rainha dos escoceses. Mas a lei exigiu isso. Ela tentou tocar em meu cetro.

Ele deu uma risada nervosa e falou:

— É culpa minha que as pessoas tolas liguem a minha pessoa a Bolingbroke ou que coloquem cartazes sobre minha linhagem? Devo ser punido pelas ações delas?

— Não, e você não tem sido culpado. Não estou falando do que os outros dizem ou fazem, somente do que você diz ou faz — Por trás de seus olhos apertados eu quase podia sentir sua mente se agitando. — Chega disso. Estamos entendidos. Agora, sobre suas indicações para a Irlanda, quem você tem em mente?

Um largo sorriso se espalhou em seu rosto quando mudamos de assunto. — Proponho meu padraço, *sir* Christopher Blount, como marechal de exército e membro do conselho de Estado Irlandês.

— Por quê, que experiência ele tem? — O marido da meretriz Lettice! A primeira experiência dele deve ter sido cometer adultério contra Leicester, suponho.

— Ele é um bom soldado. Liderou uma coluna das forças terrestres em Cádiz e Faro e teve um bom desempenho na expedição aos Açores. Tem mais de trinta anos, idade suficiente para comandar com respeito os soldados sob suas ordens, e é jovem o bastante para lutar ao lado deles no campo de batalha. E, embora não possa garantir, acho que ele prestou algum serviço para Walsingham. Ele cresceu na fé católica e tinha entrada livre nesses círculos, fazendo dele um informante útil. Mas é claro que ele não pode falar sobre isso.

— Não — eu disse. — Não, ele não serve.

Essex franziu a testa e afirmou:

— Ele parece muito adequado para mim. E *eu* mesmo já o vi no campo de batalha.

— Mas eu não vi, é o que você está dizendo. Não, não estive lá. Mas não é preciso ter estado realmente em algum lugar para entender. Ele pode servir como oficial, não mais que isso. E nada de conselho Irlandês também.

— Como quiser. — As palavras dele eram submissas, mas não o tom. — Proponho Henry Wriothesley, conde de

Southampton, como mestre de cavalaria.

— Não — eu disse. — Não acho que precisamos nem discutir as razões. Nós dois já as conhecemos.

— Você não confia no meu discernimento — ele reclamou.

— Confio mais no meu — respondi. — Tenho que pensar nas necessidades da Inglaterra, não nas suas.

— Vamos então discutir os termos dos meus serviços, já que a senhora deposita tão pouca confiança em mim — ele disse de maneira petulante. — Quais são meus deveres, quais são minhas restrições, além de, claro, não poder escolher meus próprios oficiais?

— Ah, veja, era essa atitude da qual eu estava falando. Você fala de maneira insultante comigo, mas eu, por causa de nossa amizade e parentesco, vou relevar. — Fiz uma pausa para enfatizar minhas palavras: — Estou disposta a dar-lhe grande espaço em sua posição. Você servirá como meu vice-rei enviado à Irlanda. Isso significa que você terá o poder de proclamar e punir traidores, conceder títulos de cavaleiros, recrutar tropas, conceder perdões sob meu Grande Selo e assumir todos os direitos reais, exceto emitir moeda.

Pela primeira vez durante a conversa, um sorriso genuíno surgiu em seu rosto.

— Obrigado, Vossa Majestade.

— Entretanto, você deverá governar através do conselho de Estado Irlandês, e não sozinho. Tudo deverá passar pela aprovação deles. E já aviso, não torne cavaleiro alguém por pouco serviço. É um mau hábito seu, e vou ter que dar um fim nisso. Essa prática denigre o posto e transforma patifes em “sirs”. Conceda a alguém que realmente mereça na Irlanda, por bravura e uso de armas.

— Curvo-me diante de seu discernimento e de suas condições — ele disse. Aquele era o momento em que eu deveria pedir as bebidas, chamar alguém para tocar virginais e celebrar nosso acordo. Mas eu queria acertar tudo:



— Creio que o exército deveria ter 16 mil soldados e a cavalaria deveria ter 1.300. Seria o maior exército que já reuni e enviei em todo o meu reinado. Colocarei você no comando de 6 mil de infantaria. Quanto ao restante, 5 mil deveriam ser usados para fortalecer Dublin e Pale, 2 mil para guardar Connaught e mais 3 mil para guardar o sul, Leinster e Munster.

— Terei apenas 6 mil?

— O suficiente para os seus propósitos. Um exército muito grande terá problemas para marchar até Ulster. O terreno é pantanoso, irregular e cheio de riachos e passagens estreitas. E é para Ulster que você deve ir, e logo. Desembarque, reúna seus suprimentos e marche. Caçar O'Neill, essa é a sua missão.

— Ele estará esperando.

— É claro que estará esperando! A surpresa está fora de questão como tática. Ele sabe que temos de transportar um exército e suprimentos por mar. Mas ele só pode se preparar para um ponto. Pegue-o da forma mais rápida que puder, assim que seus homens e cavalos tiverem acabado de chegar e seus suprimentos ainda estejam em grande quantidade. A Irlanda os enfraquecerá. Ataque rápido.

*Essa mulher acha que é um general, sem dúvida era o que ele devia estar pensando. Mas ela é apenas uma velha que nunca foi à Escócia, muito menos esteve em águas irlandesas. Nunca viu um rebelde nem um campo de batalha. Nunca sequer os navios da Armada!*

— Sim, senhora — ele disse.

Li muito sobre batalhas, tanto modernas quanto antigas, e isso pode ensinar muito sobre guerra. Mas também estava no meu sangue. Eu era filha de Henrique VIII, descendia do Conquistador e, antes disso, do próprio Artur. Pertencia ao campo de batalha e sabia o caminho por instinto.

Agora, sim, era o momento de pedir as bebidas. Ao menos, havíamos acertado tudo e eu havia falado aberta e honestamente com ele.

Ele se recostou, relaxando em sua cadeira. Era um alívio deixar isso para trás. Se os poderes dele fossem menores do que ele desejava, ainda assim provavelmente excederiam suas expectativas.

Antes de as bebidas e petiscos chegarem, um mensageiro pediu licença para entrar e falar com Essex. Pedi a ele que falasse e ele simplesmente disse:

— Edmund Spenser morreu. Seu espírito o deixou assim que o senhor saiu.

Essex ficou tão pálido quanto um fantasma. Depois fez algo muito estranho para um protestante: fez o sinal da cruz.

— A Irlanda o matou! — Ele gritou.

LETTICE  
Janeiro de 1599



**E**le parecia tão bem hoje pela manhã. Eu o vi sentado no banco do quarto, bebendo cerveja quente, debruçado no cobertor. Ele me viu quando passei e me deu um sorriso saudoso.

— Essex foi a Whitehall hoje de manhã para ver a rainha — eu disse a ele. — Quando ele voltar, saberemos qual será seu destino.

— Que o destino dele seja bom e o da Irlanda ruim — disse Spenser.

Estava muito frio, com uma névoa que parecia uma ferroada. Logo depois do Natal, Londres ficou coberta de neve e agora pedaços de gelo cobriam os batentes das janelas, o campo e as raízes expostas. Era 13 de janeiro, Dia de Santo Hilário, por tradição o dia mais frio do ano, que continuava mantendo sua reputação. Queria de todo o meu coração que Spenser conseguisse suportar um pouco de fogo em seu quarto, pois era a única maneira de fornecer calor a ele.

Robert tinha ido enfrentar a rainha e finalmente falar diretamente sobre sua comissão. Implorei para que ele se

mantivesse tranquilo e controlasse sua língua. Eu podia apenas rezar para que ele fizesse isso.

Convidei Frances a se juntar a nós em meus aposentos, assim poderíamos nos sentar e cozer para nos acalmarmos. Odiava bordar, mas era muito reconfortante quando a mente estava nervosa. Eu não via Frances o bastante e me repreendia por isso, mas ela era tão fácil de ser ignorada. Fiquei feliz por ela estar grávida novamente. Depois do pequeno Robert, nascido logo após o casamento deles, não tiveram mais filhos. Talvez ele tivesse se afastado da cama, mas ele lhe devia mais filhos. Ela estava passando por momentos difíceis com a gravidez e garanti a ela que isso significava uma criança sem problemas.

— Uma criança que lhe traz problemas no ventre nunca incomodará depois — eu disse. — Elizabeth Vernon, no entanto, teve nove meses tranquilos, mas a criança agora berra a noite inteira, e, além disso, devo dizer? Parece um macaco.

Apesar de sua situação, Frances riu.

— Ela parece mesmo, não é? — concordou. — E os pais dela são tão bonitos.

Falamos de outras coisas, em geral fofocas da corte, quem estava dormindo com quem, da moda, e assim por diante. Assuntos sem importância para matar o tempo. Frances me surpreendeu com seu interesse sobre essas coisas e sua lembrança quase perfeita de datas, nomes e detalhes. Talvez ela não fosse tão pedante quanto eu achava que fosse ou, como faziam as pessoas que eram ignoradas, ela tivesse deixado de lado seus negócios para se deleitar com os afazeres dos outros. Ela era filha de um espião, acima de tudo.

— Chamarei Spenser para se juntar a nós — eu disse, depois de já estarmos cansadas de falar sobre todas as ligações e divórcios. Era hora de elevar o nível da conversa.

Mas, quando fui até o quarto dele, encontrei-o estirado no chão, caído sobre seu banco. Seu rosto estava pressionado

contra o chão de pedra, o junco seco cobrindo parcialmente sua boca. Eles nem sequer se moviam com a respiração.

Virei a cabeça dele delicadamente e coloquei a minha mão diante das narinas dele, mas não senti nada. O chapéu de plumas estava pendurado na lateral da cadeira, rapidamente tirei uma das penas e coloquei na frente do nariz dele, porém não houve um mínimo movimento. Ele estava morto.

Segurei a mão dele, estava fria, mas estava fria fazia muito tempo. Pobre, pobre infeliz! Como Robert iria sofrer.

A morte dele me chocou, mas não me surpreendeu. Ele já havia chegado quase morto, só passando a aparência exterior de vivo.

— Adeus, meu amigo — sussurrei. — Você nos deixou muito cedo. — Ele tinha apenas quarenta e seis anos.

Em três dias haveria um grande funeral para o homem dito ser o maior poeta vivo da Inglaterra. Ele seria enterrado no transepto sul da Abadia de Westminster para ficar ao lado de nosso maior poeta, vivo ou morto, Chaucer. Robert estava pagando todas as despesas. Em meio aos lamentos e ocupações da preparação do funeral, ele não teve tempo de falar sobre a conversa com a rainha, ele apenas me garantiu que tudo ocorreu muito bem e que ele havia obtido quase tudo o que esperava.

O dia 16 de janeiro foi um dia desagradável, com granizo e nuvens cobrindo Londres que quase tocavam os telhados. Pequenos pedaços de gelo brilhantes ficavam presos nas cercas e nos cataventos. Por sorte, o caixão pôde ser levado para a Abadia de Westminster a pé em vez de termos que usar o barco fúnebre, pois pedaços de gelo estavam à deriva no Tâmis, remanescentes do último congelamento.

Era para ser o funeral de um poeta, como um soldado teria um funeral militar. Em vez de manifestantes, trombetas e tambores, ele seria escoltado até a sepultura pelos colegas escritores. Eles haviam composto elegias e poemas para serem lidos ao lado da sepultura.

As carpideiras tomaram seus lugares na abadia. Meu lugar era perto do túmulo, atrás de mim pude ver que a grande nave estava cheia. Spenser foi reverenciado por muito mais pessoas do que ele jamais saberia.

A rainha não viria, porém ela nunca participava de funerais. Ela não foi ao de *sir* Philip Sidney nem ao de lorde Burghley. Aparentemente nada a faria abrir uma exceção. Talvez pela idade dela já tivesse perdido tantas pessoas que não pudesse suportar a lembrança.

Se isso fosse possível, as pedras cinzentas da abadia pareciam espremer o frio para o ar e concentrá-lo. Era mais frio dentro do que fora e eu podia ouvir um gotejamento sombrio de água de uma coluna atrás do altar. Ao meu redor, efígies de cavaleiros e damas, mortos há muito tempo, dormiam em seus túmulos como se estivessem em grupos.

Debaixo da nave, as longas portas foram abertas e o cortejo entrou. O caixão foi encaminhado até o altar. Até mesmo os carregadores eram escritores. Reconheci o rosto corado e robusto de Ben Jonson e os rostos arrogantes de Francis Beaumont e John Fletcher. George Chapman estava lá e, do outro lado, o último à direita, era Will Shakespeare. Ao passar, ficou olhando diretamente para mim. Não fui capaz de não olhar, mas ele se foi e tudo o que vi foi a parte de trás de seu chapéu preto.

Os carregadores foram seguidos por filas de outros escritores. Reconheci Nicholas Breton e Henry Constable, que havia escrito sonetos para minha neta, mas que, na verdade, eram para a mãe dela, Penélope, vi Michael Drayton, John Donne (o jovem secretário de Egerton, que se interessava por versos), Thomas Dekker e Thomas Campion. Mas havia muitos outros que eu não conhecia. Lentamente, oscilando enquanto os poetas caminhavam, a fila dupla de homens vestidos de preto fazia seu caminho até o local em que o caixão agora repousaria sobre um esquife. O chão de pedra tinha sido aberto para criar um túmulo. Ao lado dele, o túmulo de Chaucer não tinha sido mexido e sua abóbada

não era visível. Assim, Spenser e ele descansariam lado a lado, mas seus caixões não se tocariam. O caixão foi então baixado para a sepultura.

— Aqui entregamos à terra os restos de *sir* Edmund Spenser — entoou o padre. Mas, em vez de prosseguir para o funeral de costume, disse: — Seus companheiros apresentarão seus louvores.

O primeiro disse apenas:

— Aqui jaz o príncipe dos poetas deste tempo, cujo espírito divino não precisa de outra testemunha além da obra que ele deixou para trás.

Outro deu um passo à frente e falou:

— Aqui, próximo a Chaucer, está Spenser, a quem um gênio seguiu, agora jaz em seu túmulo.

Outro, com o rosto indistinto sob o capuz negro:

— Enquanto tu vivias, vivia a poesia inglesa, que teme, agora que tu és morto, morrer também.

Eu ouvi um som de clique, seguido por um baque suave. À medida que cada homem falava, o pergaminho era jogado com seu verso para a sepultura, seguido de sua pena. Foi uma cerimônia paralela à tradicional na qual os empregados da Coroa jogavam e quebravam seus bastões brancos de suas funções quando o soberano morria.

Agora, os famosos poetas se revezavam recitando elegias compostas às pressas. A maioria, como era de esperar, seria esquecida. O que não seria esquecido podia ter sido escrito em algum outro momento, repousando em descanso e aguardando a voz pública.

O jovem John Donne deu um passo à frente e recitou, com voz forte, “Morte, não seja orgulhosa, embora alguns tenham dito que és poderosa e terrível, não és tudo isso...”. O poema se desenvolveu e chegou à conclusão de que a própria morte deveria morrer.

Mas palavras não são fatos. Spenser estava morto, e nada poderia mudar aquilo.

Will deu um passo à frente. Seu louvor seria sem dúvida extravagante e repleto de referências clássicas. Mas não foi

assim. Ele apenas disse: — Na morte, o simples é o melhor. Uma música é suficiente. Um bebê precisa de uma canção de ninar e um homem morto precisa de uma melodia doce, para encobrir o odor da decomposição. — Ele então pigarreou e continuou:

— Ouça-me, Edmund.

*Não temerás mais, do sol, o calor,  
Nem do inverno, as furiosas rajadas,  
Sua tarefa mundana foi cumprida com louvor,  
A arte daqui foi embora e também o que com ela foi conquistado.  
Os bons rapazes e garotas devem só,  
Assim como os limpadores de chaminés, voltar ao pó.*

E ele encerrou com

*A consumação tranquila deve,  
E foi reconhecida em tua sepultura.*

Depois ele jogou o poema na sepultura e sua pena logo em seguida.

Em seguida a ele, Thomas Campion com várias folhas de papel, finalmente, selecionou um para ler.

*O homem de vida reta,  
Cujo coração inocente é livre  
De todos os atos desonestos  
Ou do pensamento de vaidade:  
Os bons pensamentos são seus únicos amigos,  
Sua riqueza é uma idade bem passada,  
A terra, sua pousada à sombra,  
E uma calma peregrinação.*

*A terra, sua pousada à sombra.* Eu não queria uma pousada à sombra, eu queria um banquete. A terra oferecia muitas riquezas para que eu as ignorasse.



A sepultura foi fechada, terra jogada sobre o caixão e sobre a pilha de penas e pergaminhos. Spenser se foi.

Como convinha ao patrono do enterro, Robert proporcionou a festa do funeral na Essex House. Mesas foram dispostas na sala, repletas das indispensáveis carnes servidas em funerais, bolos e bebidas. Tínhamos também tanto cerveja quanto vinho quente para disfarçar o frio que tomou conta dos ossos de todos naquela abadia não aquecida. A enorme lareira de pedra do salão fazia o melhor que podia para eliminar o inverno dali, porém apenas os que estavam em pé logo à sua frente conseguiam aproveitar o calor.

Todos, exceto a rainha estavam ali. Deu-me grande prazer perceber que, embora estivesse impedida de ir à corte, a corte tinha vindo até mim. Mesmo os adversários políticos de Robert no Conselho Privado estiveram presentes: Cecil, Raleigh, o almirante Howard, Cobham. Todos unidos nos tributos a Spenser naquele dia, buscando outras alianças. Egerton estava aqui com seu secretário, Donne, que colhia os elogios pelo seu poema “Morte”, o velho lorde Buckhurst, apoiado em sua bengala, estava ansioso para conversar com os jovens poetas, George Carey, o jovem Hunsdon, circulava, embora com seus sessenta anos fosse considerado jovem somente em comparação com o pai que havia vivido muito.

A sala estava ficando tão cheia que o calor aumentou e não precisamos mais da lareira. Para mim, estava muito barulhenta também. Notei que depois de um funeral as pessoas tendiam a falar mais alto do que o normal, a comer mais e a ficarem bêbadas, como se o espectro da morte pudesse ser enganado, como um cão confuso.

— Eu disse algo melhor — uma voz disse no meu ouvido.  
— Mas era apenas uma fala e não um poema.

Era Will. Ele colocou de lado a capa preta e luto e agora estava usando roupas cotidianas. Olhei para ele, vendo apenas um homem de trinta e poucos anos, um homem com um belo rosto. Como é que pode um amante voltar a

ser apenas um conhecido? Mas isso aconteceu. Aconteceu porque eu não insisti, não evoquei nenhuma lembrança dele em qualquer outro ambiente. Elas estavam enterradas como Spenser.

— Qual foi sua fala? Quero ouvir, pois a morte me assusta muito. — Um conhecido que mais uma vez ocupava um lugar peculiar no qual nenhuma confissão está fora dos limites. A reticência normal está isenta.

— Parece-me que a morte é como um oficial severo da lei — ele disse. — Minha fala é: “Este sargento cruel, a morte, é rigoroso em suas prisões”.

À primeira vista parecia simples, óbvia. Depois, pensei sobre cada uma de suas palavras.

“Sargento”: um oficial da lei, cumprindo ordens de superiores. “Cruel”: diabólico, vil. “Rigoroso”: seguindo ordens sem pestanejar. “Prisão”: significado dúbio. Prender significar “parar”. Significa também ter alguém sob custódia. De súbito, imaginei um lacaio uniformizado e hipócrita, fortemente armado supervisionando outros que não tinham saída.

Sim, era isso que a morte era. Um severo oficial que faz prisões. Mas não havia juiz, nem prisão, nem fiança, nem lei. Ela mesma reunia todos eles.

Levei a mão ao pescoço e disse:

— Você quase fez com que eu sentisse a mão da morte sobre mim.

— A morte está próxima de nós — ele afirmou. — Apenas não a vemos.

— Suas palavras me ajudaram a vê-la — eu respondi. — A morte sempre terá uma face e um uniforme para mim de agora em diante.

— Espero que a reconheça. Ela nem sempre poderá estar vestida assim. Lembre-se, o espadachim francês que matou Ana Bolena enganou-a e a fez olhar na direção errada, e assim ela não viu a espada vindo em sua direção — ele se sacudiu como tentando tirar a morte dali. — Mas falando da

vida: ouvi dizer que meu caro lorde Essex liderará o exército na Irlanda. Que tudo corra bem.

— Obrigada — eu disse. — A sorte dele depende do resultado. Mas diga-me, e o seu teatro? Ouvi dizer que foi desmontado por causa de uma disputa de propriedade.

— É isso mesmo. Pegamos as vigas e remontamos em Southwark, fora dos limites da cidade.

— Próximo às cavernas de ursos e rinhas de galo — eu disse.

— Há outros teatros lá — ele respondeu um pouco irritado. — Dá prazer às pessoas, algo tem que dar. O desejo não desaparece somente porque as autoridades acham mais conveniente assim.

Enquanto conversávamos, vi minhas defesas baixando guarda e as velhas lembranças inundando tudo. O som da voz dele, a naturalidade de ficar ao lado dele e conversar, tudo aquilo mudava o chão debaixo dos meus pés.

— Qual é sua próxima peça? — perguntei formalmente.

— Odeio essa pergunta — ele disse. — Na verdade, eu a desprezo.

— Desculpe — disse, lamentando. — É apenas...

— Uma pergunta educada, feita sem pensar. Todo mundo faz isso. Todos temos perguntas educadas e repetitivas sendo lançadas contra nós. Eu fiz o mesmo, perguntando-lhe sobre Essex e a Irlanda. Nossa função então é desviar essas perguntas. Algum dia, talvez, seremos fortes o bastante para não fazer essas perguntas para começo de conversa e corajosos o suficiente para não responder-lhes.

Senti como se tivesse sido chicoteada por um professor.

— Deixarei de ser educada, então. Se você quiser me contar no que está trabalhando agora, ficaria feliz em ouvir, para que eu possa antever. Caso contrário, esperarei para vê-la quando estiver no teatro e serei surpreendida.

— Não haverá surpresas — ele disse. — Prometi no final de *Henrique IV, Parte II* que continuaria a história sobre o reinado de *Henrique V*.

— Não vi *Henrique IV*.

— Que pena!

— Para você ou para mim?

— Para nós dois. Para mim, que não posso conversar sobre ela com você. E para você, porque acho que teria gostado.

Não quero falar sobre as peças dele. Eu podia falar sobre elas com qualquer um. Eu queria saber o que ele estava fazendo, onde estava morando, se os dois filhos dele haviam sobrevivido, se ele ia frequentemente à Stratford. Ele parecia diferente, mais desiludido, mais focado em seu sustento. A ludicidade o abandonara, deixando um homem cauteloso em seu rastro.

Christopher juntou-se a nós, pondo fim ao que quer que fosse que tenha surgido em nossa pausa, nosso silêncio.

— Acho que Southampton está prestes a ser libertado da Prisão Fleet — ele disse alegremente. — Sei que você será o primeiro a recebê-lo.

— Estarei esperando na porta — disse Will.

— A propósito, no que você está trabalhando agora? — perguntou Christopher.

Era o final de março, mas os dias estavam quentes como se fosse verão. O exército estava pronto e Robert deixaria Londres e seguiria a norte para Chester, onde as tropas cruzariam de barco até a Irlanda. Eu estava imensamente orgulhosa dele e também tão preocupada que eu o teria mantido na Essex House para sempre, equipando-se, reunindo suprimentos e planejando sua campanha.

Christopher estava indo também e eu tinha o mesmo orgulho e medo por ele, com uma diferença: seu destino era apenas pessoal, afetando sua família, ao passo que o destino de Robert era político, afetando não só a família dele, mas também a corte e todo o reino.

Houve uma reunião cerimonial no topo da costa, e, depois, Robert saiu a cavalo pela grande baía, seguido pela nobreza e pela aristocracia servindo sob seu comando. O dia estava claro e o céu azul como verão. Como ele ficava alto e

imponente na sela! Ele acenou com seu chapéu conforme a multidão gritava “Deus salve vossa senhoria!” e “Vá com Deus!” e “Pela honra da Inglaterra!”. A multidão seguiu o exército por seis quilômetros, comemorando o caminho inteiro, fiquei sabendo. Frances e eu havíamos voltado para a Essex House depois que Frances levou seu menino de sete anos para ver o pai dizendo: “Lá vai seu pai, salvar a Irlanda!”.

Havíamos entrado fazia pouco tempo quando o céu escureceu, como se uma bruxa tivesse ordenado que a luz do sol fosse encoberta. Estrondos de trovão rolaram pela cidade. Depois o céu despejou chuva e granizo, mas apenas em Islington, logo depois que Robert, Christopher e o exército haviam chegado lá. É claro, as pessoas imediatamente entenderam aquilo como um presságio, um mau presságio.

— Ele vai começar tudo em meio à escuridão e à chuva — eles murmuravam.

Olhando pela janela e vendo aquela escuridão que não nos trouxe chuva, eu continuava me lembrando, repetidas vezes, das razões pelas quais Robert havia aceitado aquela tarefa. Ele as tinha listado, muito sucintamente, em uma carta para Southampton.

— Vou para a Irlanda. A rainha já decretou de maneira irrevogável. O conselho deseja fervorosamente. E estou comprometido com minha própria reputação.

Agora ele já foi, por bem ou por mal, e Christopher foi com ele. Tendo sido libertado da prisão, Southampton seguiria em breve.

Do quarteto de amigos, somente Will ficaria em Londres. Conforme sua promessa, ele terminaria sua peça sobre Henrique V e, para minha surpresa e deleite, colocado uma referência a Robert na peça, equiparando-o com o grande rei guerreiro. O verso de abertura dizia: “Oh, general de nossa graciosa imperatriz, em boa hora agora seria, sua volta da Irlanda, trazendo a rebelião resolvida em sua espada...”. Todas as plateias que ouvissem tal fala iriam

comemorar. Todas as esperanças da nação estavam ligadas a Robert.

## ELIZABETH

### Março de 1599



**V**i de Whitehall quando Essex e suas tropas passaram desfilando, reluzindo em seus distintos trajes amarelos. Se a aparência pudesse vencer uma guerra, então os irlandeses não teriam chance. Não havia dúvida com relação a isso: ele conseguia reunir seguidores.

Homens que nunca teriam ido para a Irlanda juntaram-se a ele, em parte atraídos pela promessa de recompensas pelas quais ele era conhecido ser (muito) generoso e, em parte para dividir a glória que acreditavam que ele certamente colheria. Fileira após fileira de homens passava pela costa, cabeças altivas acenando com plumas, antes de seguirem ao norte para fora da cidade em direção a Chester. O sol batia em seus adornos prateados nas selas e nos freios, aí então a frase bíblica me veio à mente: “Terrível como um exército em linha de batalha”.

Multidões corriam ao lado dos homens montados, gritando “Deus salve vossa senhoria!” e “Tudo pela glória!”. O mesmo que eles haviam gritado quando cavalguei durante o ataque da Armada. Mas isso havia acontecido fazia mais de uma década e agora era por Essex que clamavam.

Um estrondo de trovão ouviu-se ao longe, mas o sol ainda brilhava por lá. Fiquei em silêncio enquanto o exército passava, sumindo ao longe. Mais tarde, soubemos que o céu despencou em chuva e granizo depois que eles cruzaram os limites de Londres. Mau presságio? Alguns disseram que sim.

E agora tínhamos que esperar. Esperar as tropas saírem navegando, depois desembarcar e seguirem para Dublin. Lá os lordes ministros fariam o juramento de lealdade e apresentariam Essex com a cerimônia da espada do Estado. Só então tudo começaria, a campanha estaria lançada.

Assim que ele pudesse montar suas tropas, Essex deveria marchar para o norte e enfrentar O'Neill. Seria difícil ficar aqui, imóvel à espera de notícias. Nunca me senti tão impotente.

A Páscoa chegou e com ela uma gloriosa primavera inglesa, narcisos, cucos, violetas e lírios-do-vale. Não importava o que me rodeava, era impossível para meu coração não levar com tanta beleza, que retornara depois de uma longa ausência. Ela agia como bálsamo para o meu mau humor.

Mas logo recebi a notícia de que o conde de Rutland, a quem expressamente proibi de se juntar a Essex, havia ido para lá secretamente. Em vez de mandá-lo de volta, Essex o recebeu e fez dele coronel de infantaria, nomeando-o cavaleiro. Além disso, no momento em que a comissão conferiu os poderes de nomeações a Essex, ele nomeou Southampton seu mestre de cavalaria. Imediatamente, enviei ordens contrapondo-me às dele e ordenei que Rutland voltasse para casa. E, quanto a Southampton, exigi seu imediato rebaixamento.

Considereei aquilo um desafio tão perturbador à minha autoridade que meu sono sumiu. Eu havia olhado diretamente nos olhos de Essex e dito a ele que não deveria fazer aquilo, mas ele fez assim mesmo, como se sua



obediência deixasse de existir assim que estivesse fora da minha visão. O que eu deveria fazer? Não podia mandar que ele voltasse, O'Neill tem que ser combatido. Usarei um súdito desobediente para castigar outro. Mas depois que tivesse acabado Essex teria muito com o que se preocupar.

Os que ficaram para trás eram muito mais dóceis. Eram Robert Cecil, Charles Blount, Walter Raleigh e o almirante Howard. Os três últimos haviam saído para combate em seu tempo, mas, ao se recusarem a ir para a Irlanda, tudo o que lhes restava era me proteger, caso Essex fizesse algum movimento ameaçador. Eu odiava pensar dessa maneira, mas nenhum Tudor, cego diante da possibilidade de traição, havia permanecido no trono.

Ordenei que a dedicatória floreada em *A História de Henrique IV* de Hayward para Essex, que dizia "Você é realmente grande, tanto no presente quanto nas expectativas futuras", fosse tirada de todas as cópias do livro restantes. Também concedi a Robert Cecil o controle da Tutela Feudal. Ele merecia e usaria sabiamente. Deixe Essex uivar quando descobrir que está fora de seu alcance.

Há sempre negócios de rotina, mesmo quando grandes questões estão acontecendo. Os homens mais eruditos perceberam como, no momento da morte, a viúva se preocupa com aspectos menores da casa, se a porta do armário está torta ou se o saco de farinha está bem amarrado na ponta, quando ao mesmo tempo seu marido está morto no quarto superior. O mesmo comigo. Enquanto tudo continuava equilibrado na Irlanda, me ocupei tocando virginais, assistindo a concertos, levando a pequena Eurwen em passeios de barco para mostrar Londres pela água e fazer um levantamento do que eu tinha em meu guarda-roupa.

Nunca descartei nenhum vestido, embora geralmente eu os desse às damas que trabalhavam para mim. Sendo que minhas medidas nunca mudaram e eu nunca encolhi nem engordei, permanecendo com a mesma altura e largura que tinha no dia de minha ascensão, tudo ainda cabia. Mas eu

nunca podia usá-los novamente, mesmo que servissem, pois eram para uma pessoa jovem. E eu não queria transformá-los em relíquias sagradas. Dei todos para a surpresa Eurwen.

— A senhora tem mesmo certeza? — perguntou Marjorie.

— Lembro-me exatamente da primeira vez em que usou aquele de veludo verde, aquele dia no rio.

Abracei Eurwen e disse:

— Tenho certeza. Isso pertence a uma garota, e eu já não sou mais uma.

— Madrinha, a senhora é muito generosa — ela agradeceu. — Em Gales, onde os usarei?

— Não tem valor — eu menti. — Use-os quando o sol surgir numa manhã que você se sinta especial, sem razão alguma. Use-os nos campos e no jantar e lembre-se de mim.

Ao todo, havia mais de 3 mil vestidos.

— O suficiente para quase dez anos, se eu mudasse de roupa todos os dias — eu disse. Talvez eu devesse fazer algo sobre isso. Talvez, se o fizesse, poderia garantir minha vida pelos próximos dez anos. Havia contas sobre essas coisas, uma tarefa que tinha de ser completada antes de a morte chegar. Considerei seriamente, não por essa razão, mas porque queria usá-los mais uma vez antes... antes que não pudesse mais.

Olhei para a pilha de vestidos. Meus horizontes mudaram. Nunca pensei em usar ou fazer algo pela última vez. Não! Não vou pensar nisso agora!

As notícias começaram a chegar aos poucos da Irlanda e eram ruins. Chocantes. Vários mensageiros chegavam com mensagens sobre grandes vitórias de Essex. Mas não havia vitórias. Ele havia levado o equivalente a uma procissão ao sul e ao oeste da Irlanda, em vez de seguir para o norte rumo a Ulster. O conselho irlandês o havia convencido de que era muito cedo para ir para o norte, que não haveria grama suficiente para manter os cavalos. O gado, para ser usado como alimento, estava no sul da Irlanda e não

poderia ser levado porque aquela área estava nas mãos dos rebeldes, e, além disso, eles ainda estavam no inverno. Entretanto, antes que pudessem pegar O'Neill, tinham que retomar o sul.

Aquele era o argumento deles. Suspeitei que alguém que havia tomado parte no conselho por algum tempo tinha seus próprios interesses ao dar tal conselho. Todos tinham propriedades lá! Essex deu ouvido a eles, pois servia para ele naquele momento, antes que tivesse que retomar sua tarefa.

Ele então marchou com seus homens, passando por Leinster e depois por Munster, fazendo várias tentativas inúteis de envolver o inimigo, mas principalmente para ser saudado como um herói nas cidades em que tudo que conseguiu foi uma cerimônia vazia.

Sua única vitória, se é que podia ser considerada como tal, foi tomar o castelo de Cahir de alguns rebeldes. Enquanto isso, seu oficial, *sir* Henry Harrington, foi derrotado e assassinado da maneira mais cruel, com a cabeça decepada e enviada para o príncipe de Donegal em Wicklow, e metade das tropas desertando e o governador de Connaught, Conyers Clifford, . Foi uma perda tão grande quanto à de Yellow Ford, 3 mil soldados perdidos.

Já era julho e as forças de Essex haviam se desfeito como bonecos de neve, devido a deserções e doenças. Do número original de infantaria, restavam apenas 350, da cavalaria, 300. E ele teve coragem de solicitar tropas com mais 2 mil.

Posso ter ficado furiosa antes. É possível. Mas acredito que eu estava muito mais furiosa agora do que jamais estive na vida. Aquele tolo, tendo despido o reino de dinheiro para financiar a expedição, estava perdendo a guerra pela Inglaterra antes mesmo de começar.

Ah, como O'Neill deve estar rindo. Como Hugh O'Donnell deve estar encomendando canções sobre o assunto. Como o príncipe de Donegal deve estar propondo brindes à cabeça de Clifford, exposta em seu salão grande. Como a Inglaterra e sua rainha devem estar sendo zombados de Lough Foyle

no norte até Kinsale no sul. E eu, que havia superado Filipe e o poderio da Espanha, era agora o brinquedo dos selvagens irlandeses e do meu próprio súdito rebelde!

Ah! Que fúria impotente eu sentia, quando não podia fazer nada exceto cerrar os punhos e amaldiçoá-los a centenas de quilômetros daqui.

Havia as cartas, é claro. Aquela era a única forma de chegar até eles, e eles eram tão lentos e ineficazes. Mas eu despejei todo o meu desprezo e injúrias sobre elas. Debrucei-me sobre a escrivania, peguei meus óculos (os quais eu precisava agora para ler, mas não gostava de admitir), empinei meu nariz, minha pena marcava o papel com a força da minha mão trêmula.

Sou conhecida por minhas “respostas sem respostas”, minha maneira de usar subterfúgios tanto para me esconder quanto para me expressar. Mas agora não. Eu mal podia encontrar palavras francas e fortes o suficiente para diretamente me expressar.

Nada de saudações e louvores. Muito pelo contrário:

*De Sua Majestade para o lorde tenente.*

*Nós, que temos olhos de príncipes estrangeiros sobre nossas ações e corações do nosso povo para confortar e acalantar, que gemem sob o peso do custo desta guerra, pouco nos agradamos de qualquer coisa que tenha sido conseguida até agora.*

*Pois o que mais pode ser verdade sobre essa sua jornada de dois meses que não trouxe nenhum rebelde importante contra quem valeria aventurar mil homens? Você teria desprezado qualquer outra pessoa que alegasse uma grande vitória ao tomar um castelo como Cahir de uma corja de bandidos irlandeses. E com todos aqueles canhões e equipamentos sob o seu comando!*

*Se você soubesse e pudesse ouvir como O'Neill vangloriou-se para todo o mundo sobre as derrotas*

*dos seus regimentos, as mortes dos seus capitães e a perda de seus oficiais.*

*No entanto, seriam suas perdas tão surpreendentes? Você atribuiu estratégia e regimentos aos jovens inexperientes que querem glória, mas não tem ideia sobre batalhas. Tenha certeza, nossas mãos não estão amarradas e desfaremos essas nomeações e retiraremos essas honras que você indevidamente concedeu, contrariando nossas ordens expressas.*

*Suas cartas nos desagradam. Você se faz de vítima sobre todos os problemas, que foi derrotado, que a pobre Irlanda sofre por sua causa, cego com o fato de que você é a causa de tudo isso.*

*E quando nos lembramos a distância que o sol já percorreu em seu curso, quanto tempo já foi perdido, quanto se depende uma coisa, a derrota de O'Neill, sem a qual qualquer coisa que tenhamos alcançado na Irlanda será como o rastro de um barco na água, rapidamente desaparecendo sem deixar marcas, assim ordenamos a você, simplesmente, de acordo com o que nos deve, que marche a toda velocidade para o norte. Você deve golpear a machado a raiz dessa árvore a partir da qual todas as ações traiçoeiras surgiram no resto do país. Caso contrário, teremos uma causa grave a lamentar ao confiar essa tarefa a você e seremos condenados pelo mundo por embarcarmos nessa empreitada sem cuidado e prudência.*

*Apesar de anteriormente concedermos licença para você voltar para a Inglaterra sem a permissão prévia, supondo que a Irlanda estava tranquila nem que você tinha devidamente nomeado substitutos para cobrir seus deveres, rescindimos agora tal permissão. Em hipótese alguma você deve voltar até que lhe concedamos uma nova licença e não antes que a ação no norte tenha sido realizada.*

*Na Corte de Greenwich, aos dezenove dias de julho de 1599.*

Havia muito mais. Estou recitando de cabeça agora, resumindo. Mas creio que captei o principal. Mande o mais rápido que o meio me permitia.

Estava convencida de que ele não deveria retornar, desculpando-se, posicionando-se diante de multidões até que tivesse cumprido minhas ordens. Ele era um desertor eterno. Não permitiria que ele abandonasse o posto naquele momento.

Enquanto isso, tivemos um verão glorioso na Inglaterra. Toda a chuva deve ter ido cair na Irlanda, pois tínhamos bom tempo e suaves dias ensolarados. Depois de quatro colheitas fracassadas e encharcadas consecutivas, finalmente obtivemos um indulto. Flores surgiram nos jardins reais, malvas-rosa e campânulas mais altas do que eu, árvores de buxo crescendo com troncos fortes e robustos e folhas novas e brilhantes, galhos de lavanda balançando na brisa suave.

Os barcos se amontoavam no Tâmis, as bandeiras tremulavam e as pessoas lotavam os passeios fluviais. Nos campos abertos, arqueiros praticavam nos tocos das árvores e falcoeiros treinavam seus pássaros.

— O último verão do século — disse Marjorie, enquanto passeávamos ao longo das margens do rio em Greenwich, nossos guardas discretamente nos seguindo. Grupos de crianças vieram até mim e eu as recebi. As mais velhas só olhavam, hesitando em se aproximar, contudo, acenei para elas para que viessem até mim e conversei com cada uma. Acima de nós, as nuvens suaves passeavam, sem rumo, como jovens ao saírem da escola.

— Será difícil escrever “16” em vez de “15” — disse Catherine, apressando-se. As pernas curtas faziam com que ela tivesse que dar mais passos para poder nos acompanhar. — Minha pena tem vontade própria.

— Será estranho pensar que são os anos de 1600. Nunca pensei que fosse vê-los — disse Marjorie. — Viver muito tempo significa experimentar a árvore do conhecimento do bem e do mal. Uma bênção dúbia?

Na calma encantadora do crepúsculo voltamos ao palácio, para encontrar a nossa paz despedaçada. Um mensageiro entregou uma carta a Marjorie, diretamente da Irlanda. Com receio, ela aceitou. Notícias da Irlanda nunca são boas. Antes de abrir, ela sentou-se. Então, lentamente, com cautela, rompeu o selo e leu, rapidamente.

A carta caiu no chão e ela olhou silenciosamente para toda a sala, não mais nos vendo. Ficou em silêncio, daquela forma ficamos depois de uma devastação. Os braços soltos, a mão suspensa.

Curvei-me e peguei a carta. Ela nem mesmo protestou. Na verdade, parecia nem mesmo me ver.


Meus olhos percorreram a escrita. Era difícil ler sem meus óculos. Mas consegui notar o que era importante: Thomas Norris, governador de Munster e seu irmão, Henry, estavam mortos. Ambos foram feridos em 16 de agosto. Thomas morreu rapidamente, mas Henry sobreviveu a uma amputação, vivendo cinco dias mais. Thomas morreu nos braços de Henry.

Seis filhos soldados e agora cinco deles já mortos, quatro na Irlanda.

Marjorie desmoronou na cadeira, imóvel. Fiz um sinal para Catherine me ajudar a levá-la para um lugar em que ela pudesse ficar deitada. Juntas a levamos para meus aposentos e a colocamos deitada na minha cama. Lá ela poderia ficar quanto tempo quisesse.

Sobrava-lhe um filho. Eu ordenaria que ele voltasse para casa, deixando seu posto nos Países Baixos. Era tudo o que eu poderia fazer. Mais uma vez não podia fazer nada quando mais precisava. A árvore do conhecimento do bom e do mal. Seus frutos, na verdade, eram amargos.



gora a guerra havia invadido meus próprios aposentos, derrubando Marjorie. Ela acordou do desmaio em minha cama totalmente diferente, hesitante onde antes havia certeza, tímida onde antes havia sinceridade. Até mesmo a voz dela estava diferente. Sua gargalhada alta havia sido substituída por um tom calmo e baixo. Diz-se que o sofrimento pode branquear completamente os cabelos durante uma noite. Claro que isso é impossível, pois as extremidades não podem mudar. Mas, daquela noite em diante, parte do cabelo dela ficou branca como a asa de um cisne e, conforme o cabelo dela crescia, ficava cada vez mais branco.

*Sir* Henry voltou do interior para ficar com ela. Ele, também, estava mudado. Pela primeira vez transparecia o que realmente era, um homem velho. Ele tinha setenta anos, um daqueles homens que mantiveram o vigor e a força, mas que agora estavam se esvaindo. Ele hesitou e depois, quando abraçou sua esposa, apoiaram-se um no outro, sustentados pela tragédia.

— Leve-a para casa, *sir* Henry — eu disse. — Leve-a para casa.

Esperava que ela se recuperasse, mas, ao dizer-lhe adeus, tive a sensação de término, como se fosse o barulho de uma



porta de se fechando. Não fui capaz de dizer adeus à minha querida companheira, pois ela havia desaparecido sem deixar rastro, substituída por uma estranha.

É geralmente difícil exercer funções com o coração pesado, mas o desafio da Câmara do Conselho e a guerra serviram para me salvar, pois, naquelas horas, não precisava pensar em mim ou em minha querida Gralha. Tinha que me concentrar completamente sobre os terríveis problemas no exterior. Dizia-se que Filipe III, o novo rei espanhol, estava ansioso para continuar a luta de seu pai contra a Inglaterra e seguiria com muito mais vigor do que o antigo e doente monarca. Ele estava preparando outra Armada (caro Deus, não haveria fim para a madeira disponível na construção dos navios?). O primeiro objetivo era atacar nossa costa e depois desembarcar na Irlanda. Isso fazia com que fosse ainda mais imprescindível que a Irlanda estivesse dominada o mais rápido possível.

Mas nada era rápido na Irlanda, exceto as desculpas. Disseram que Essex ainda não havia partido para o norte.

— Pelo amor de Deus, se esse homem não obedecer logo, farei com que seja enforcado! — bradei no conselho.

— A Irlanda é um grande pântano, em todos os sentidos — disse Cecil. — Toda reputação, honra e ação são engolidas.

— Recebi uma notícia de que ele nomeou dezoito homens cavaleiros! — esbravejei. — Dezoito, sendo que eu o avisei sobre nomeações sem mérito. Os irlandeses estão fazendo piada, “Ele faz mais cavaleiros do que mata rebeldes”. Não houve lutas, nada justifica a honra da cavalaria. Essex recompensa-os por carregarem uma espada! Até meu afilhado, John Harington, foi nomeado cavaleiro, e ele não fez nada até agora. *Eu* concederia tal honra muito mais pela invenção da privada! Aquela engenhoca é muito mais digna!

— Acalme-se, Majestade — disse o almirante Howard. — A senhora tem o poder de desfazê-los.

— Não tenho o poder de desfazer o golpe que Essex deu em nossa reputação!

Além do almirante, Raleigh e Charles Blount ainda estavam na Inglaterra e eles poderiam servir como comandantes para combater seja lá o que fosse que a Espanha enviara contra nós. Blount era um promissor militar. Era irônico que Essex tivesse vetado a minha ideia de nomeação para liderar a campanha da Irlanda, sob a alegação de que ele era muito inexperiente, de muito baixo escalão e também “muito apegado ao livro de aprendizagem”. Para um homem capaz, a inexperiência era logo corrigida pela ação, uma bala não sabe a diferença entre um conde e um soldado e uma pessoa pode fazer pior do que estudar as táticas de batalha de César.

— Não, Essex terá de fazer isso.

E pensar que o destino da Inglaterra está nas mãos desastradas dele.

Para enfatizar os desafios do nosso futuro, uma multidão de convidados indesejados chegou e não partiria tão cedo. Estou falando de uma série de fraquezas e decrepitudes para as quais não daria reconhecimento diplomático e me esconderia o melhor que pudesse. Eu já havia mencionado que precisava de óculos novos para ler. Sem eles, o texto impresso parecia um monte de minhocas. Ainda assim, guardava os antigos em uma pequena bolsa e só os tirava quando era absolutamente necessário e nunca na frente de enviados estrangeiros.

Pessoas práticas, como minha cara Catherine, me diria para ter ânimo, lembrando-me que os grandes homens que viveram antes da época dos óculos não tinham saída para aquela condição.

— Se Cícero não tivesse sido executado, ele logo teria se matado, pois não conseguiria mais ler — ela disse.

— Então, ele deveria agradecer ter sido condenado a uma morte precoce? — perguntei.

— É um ponto de vista — ela respondeu. — E Marco Antônio quase ficou cego.

Ri, pensando em Antônio tateando como uma toupeira.

— Ele não lia muito mesmo, Catherine — disse. — E, sim, sou grata por essa muleta, assim como qualquer homem aleijado também é, mas fico ressentida por mancar.

— Pelo menos, a senhora não é realmente manca. Monta, caça e dança bem. Muito melhor do que...

— Do que as outras da minha idade? É isso que você quer dizer?

— Bem, é — ela afirmou, olhando para os sapatos.

Ahá! Isso significava que ninguém, nem mesmo Catherine, estava ciente da torção no tornozelo que me incomodara durante semanas e parecia nunca melhorar. Sentia como se estivesse mancando, mas fazia um grande esforço para dar meus passos rapidamente.

E tinha também minha aparência. Ouvi uma história absurda de que eu não permitia espelhos nos meus aposentos e que nunca mais olhei para mim mesma depois de certa idade. Isso deve ter começado pelo fato de eu ter banido retratos que não fossem bonitos (alguns diziam que eram realistas). É sabedoria mascarar as fraquezas de alguém perante os outros, mas somente um tolo mascara as fraquezas de si mesmo. E eu via, claramente, como a cor havia sumido de meu rosto e que as olheiras, que nos jovens significam apenas noites maldormidas, nunca sumiam de debaixo dos meus olhos, por mais descansada que estivesse. Ah, eu vi, e fiz o meu melhor para disfarçar, com as melhores pérolas e talcos, com rosas falsas feitas de cornalina. Meu cabelo, outrora um glorioso tom vermelho-dourado, havia desaparecido assim como minhas bochechas, e era apenas uma lembrança daquela beleza, uma vaga lembrança pálida do que um dia fora. Por isso, eu nunca aparecia em público sem uma peruca e tinha muitas, de vários estilos estilos.

Havia outras coisas, não tão fáceis de disfarçar, e que me incomodavam. Mais e mais eu sentia que tudo estava se

movendo rapidamente, fugindo ao meu controle, e que eu me tornava antiquada, fora de sintonia. O clamor da Câmara dos Comuns, querendo fazer uma legislação que não fora proposta por mim, tentando pisar em minha prerrogativa. A ideia, em alguns países estrangeiros, de que era preciso ter um monarca de sangue real, e que poderiam eleger um plebeu para monarca. (Vejam a Polônia!) Seitas religiosas, que alegavam que sacerdotes não eram necessários, ou tinham ideias estranhas sobre cada pessoa sendo seu próprio sacerdote, e ainda havia outros que até mesmo negavam a Santíssima Trindade. As explorações nos esticavam como se fôssemos um pedaço de couro, pregado nos quatro cantos do mapa, a passagem noroeste no canto superior esquerdo, a passagem de Drake no canto inferior esquerdo, a Moscóvia no superior direito, as Índias orientais no inferior direito. A Inglaterra tem que desempenhar um papel em todos esses lugares, mas como? Não conseguíamos sequer controlar a Irlanda aqui perto de casa.

Estava alerta ao que os outros percebiam como sinais de envelhecimento. Dormir durante o dia. Entrar numa sala e esquecer o que havia ido buscar. Conversas sobre os tempos áureos de outrora e como as coisas haviam se deteriorado desde então, os costumes dos jovens, as obras dos artesãos, a moral das mulheres. Mesmo que concordasse com elas, nem expressava meus sentimentos.

Um dia, me deparei com uma carta que alguém escreveu que “recusar-se a fazer longas viagens é notada como um sinal da idade”, e essa preocupação golpeou meu peito, pois recentemente considerava as procissões pelo reino muito desgastantes e demoradas. E, naquele ano em particular, pensei em ficar no meu posto, apenas vigiando. Mas na mesma hora decidi que faria uma procissão ainda maior. Talvez fosse útil circular entre o povo novamente, aquelas pessoas que continuavam saudando Essex, e lembrá-los de quem e como era a verdadeira soberana deles. Iria para o sul, permanecendo nos condados marítimos ameaçados

pelo mar, de maneira que não perdesse de vista o perigo, pronta para reagir.

A única concessão que eu fazia, e isso não poderia ser atribuído à idade, era ter um pequeno séquito comigo. Tantos homens estavam longe na Irlanda e havia poucas mulheres comigo ultimamente, Marjorie já não estava mais aqui. Logisticamente seria uma procissão fácil, pois poderíamos ficar em casas pequenas e nos movermos mais rapidamente entre elas.

O plano dizia para que eu viajasse para o sul, de Londres para Surrey, depois virasse a leste em Kent. Isso me permitiria inspecionar as defesas em Cinque Ports — Sandwich, Dover, Hastings, Hythe, Romney— ao longo da costa em que o Canal ficava mais estreito, e também os fortes que meu pai havia construído em Deal e Walmer, quando foi ameaçado pelos franceses.

Estávamos prontos, partiríamos num dia útil no fim de agosto. Meu número habitual de carruagens fora reduzido em um quarto e, enquanto passávamos lentamente pela Ponte de Londres, as pessoas aglomeravam-se ao nosso redor, clamando com tanta alegria que eu nem imaginava que elas também sabiam como gritar “Essex!”. Passamos debaixo do Portal Great Stone, o lugar em que as cabeças dos traidores ficavam expostas como porcos-espinhos pendurados. Elas já estavam lá fazia tanto tempo que não eram mais reconhecíveis.

Do portal passamos pela grande estrada que servia de via para Southwark. Canalizava todo o tráfego a pé e de animais que vinha do sul para Londres e estava sempre cheia de carruagens, cavalos, rebanhos de ovelhas e pessoas, embora hoje estivessem todos contidos por nossa passagem.

À medida que andávamos lentamente pela rua principal um menino com um cartaz saiu correndo, segurando-o e gritando “*Júlio César! Júlio César!* Veja hoje mesmo no Globe!”

Parei e fiz um sinal para ele:

— Diga-me, garoto, quem escreveu isso?

— Um membro da companhia, Will Shakespeare — ele disse. — Estreia hoje. A senhora deveria parar para vê-la!

— Talvez na volta — eu disse. Ele deveria saber muito bem que eu não ia a teatros públicos, mas que mal havia em perguntar a alguém se estava interessado em experimentar algo novo? — Ele então desistiu de nossa gloriosa história? — perguntei. Sua última peça foi sobre o rei Henrique V. Talvez ele tenha sentido que fosse perigoso ultrapassar as fronteiras dos tempos modernos. Tenho que pedir uma cópia de *Henrique V*. Queria analisá-lo para referências. Sabia que mencionava tanto o ancestral traidor de Essex, o conde de Cambridge, quanto o próprio Essex.

Deixamos os arredores do Globe para trás, enquanto continuamos a sul passando pelos mercados de Southwark que se estendem dos lados da estrada. Fiquei satisfeita ao ver que as cestas dos vendedores estavam cheias de maçãs, repolhos, alho-poró, cenouras, peras, queijo e ovos. Ao menos, os céus haviam sorrido para minha terra e a abençoado com fartura, depois de quatro anos de vacas magras de proporções bíblicas. Aquilo me aqueceu tanto quanto o sol sobre minha cabeça.

Mais adiante na estrada estava o hospital São Tomé, já administrado por monges e freiras em outras épocas, e agora administrado por médicos. Atendia pobres, desabrigados e doentes. Quando os mosteiros foram dissolvidos houve um grande medo sobre o que aconteceria às instituições de caridade que ficariam para trás. Mas, cinquenta anos depois, a maioria delas já tinha sido adotada por outros.

A proximidade do rio deixava aquela área muito bucólica. Campos abertos, bosques, casas e pastagens faziam com que me sentisse num mundo distante de Londres, embora a Torre ainda fosse visível pela água. Estávamos agora no verdadeiro interior e a sensação de estar em cativo, que tomava conta de mim enquanto estava na cidade,

começava a ficar para trás. Seguiríamos em direção a Croydon, ficaríamos com *sir* Francis Carew em sua mansão em Beddington, depois pararíamos em Nonsuch em nosso caminho para costa.

*Sir* Francis tinha uma mansão de médio porte e fiquei contente que meu pequeno séquito caberia lá. Junto comigo estavam Catherine, é claro, e minha velha amiga Helena, que eu via muito raramente, Eurwen (que eu não queria que voltasse para casa), Raleigh e seu sempre fiel Percival. O marido de Catherine, o almirante, prometeu juntar-se a nós em Nonsuch por alguns dias. Foi o passeio mais alegre que conseguiríamos ter diante da situação em que vivíamos.

*Sir* Francis Carew era uma dessas criaturas curiosas, um solteiro convicto. Não mais curioso do que uma rainha virgem, suponho, mas é tão raro que causa comentários. Como tínhamos quase a mesma idade, havia pouca chance de que mudássemos nossos estados civis. Ele tinha sido um fiel cortesão, mas nada extraordinário na maior parte de sua vida, servindo-me em missões menores e isentando-se de facções e de política, apesar de seus laços familiares com os Throckmorton e, conseqüentemente, com Raleigh, por intermédio de Bess.

À medida que trotávamos pela estrada, o barulho de nossos cavalos alertava nosso anfitrião, e ele então enviou vários empregados, todos vestidos de vermelho e preto, para ficarem ao longo do caminho e nos receberem. Ele mesmo nos aguardava na entrada, braços abertos como um pai acolhedor. Quando nos viu, fez um gesto para o chão, a cabeça branca curvou-se.

— Levante-se, *sir* Francis — eu disse. — É um prazer estar aqui para desfrutar de sua hospitalidade.

— O prazer é meu, Vossa Majestade — ele respondeu, levantando-se e abrindo um largo sorriso em seu rosto bronzeado. — Que esta seja sua casa pelo tempo que desejar passar conosco. — Era uma pergunta feita de maneira bem diplomática.

— Não posso ficar mais do que três dias, infelizmente tenho que dizer. Não era necessário mantê-lo em suspense ou fazê-lo comprar suprimentos desnecessários. — Porém três dias poderão ser muito agradáveis.

— De fato — ele disse.

Ele recebeu Raleigh dizendo “sobrinho!” e dando um tapinha nas costas. Ficou olhando para Percival até que Raleigh o apresentou. Ele então se curvou cerimoniosamente para Catherine e para Helena, depois, com uma cortesia exagerada, curvou-se à Eurwen e disse:

— Então você é a afilhada da rainha. Você se parece muito com ela quando tinha a sua idade. Dá até para pensar que sejam da mesma família. — Eurwen enrubesceu e baixou os olhos.

Vendo a longa fila de carruagens que nos seguia, deu ordens expressas para que pudessem estacionar e descarregar nos celeiros nos limites da propriedade.

— Embora eu acredite que tenha tudo aqui para o seu conforto — ele disse. — Experimente o que temos primeiro, antes de abrir suas bagagens.

Eu sempre queria minha própria cama, mas talvez naquela noite experimentasse dormir sem ela. Além do mais, será que isso não era mais sinal da idade e de hábitos rígidos e fixos? Tenho que combatê-los.

— Muito bem, mas isso pode ser perigoso. Podemos usar suas coisas se elas nos agradarem muito! — avisei-o.

O quarto que foi reservado para mim e minhas damas não era usado. Não vi indícios de ter sido deixado vago. Era espaçoso e com vista para o extenso pomar no lado leste da casa. A cama que nos aguardava era magnífica, as roupas de cama, cobertores e colchas eram bem espessos. O dossel fora esculpido na parte inferior e as cortinas eram de tapeçaria verde e dourada. Não eram tão boas quanto as minhas, mas chegavam perto. E havia camas normais para Helena, Catherine e Eurwen. Elas não teriam que dormir em camas improvisadas.



Ele também providenciou uma escrivaninha bem abastecida com tinta, penas, cera e papel. Outra mesa, incrustada em ébano, estava à espera de jarros ou garrafas de bebida. Um discreto quarto adjacente era usado como espaço para nos lavarmos e fazermos nossas necessidades.

Mais tarde, ele nos convidou para um passeio pelo jardim.

— O crepúsculo é o melhor momento para visitar o jardim e, nesta época do ano, o crepúsculo é maior — ele disse.

— *Sir Francis* — eu falei. — Gostamos muito de nossos aposentos.

Ele sorriu. Ele tinha o sorriso mais encantador que eu já tinha visto, vinha de dentro.

— Separei aquele quarto para a senhora há muito tempo — ele revelou. — Valeu a espera. — Estávamos descendo as escadas quando ele olhou para mim, teria sido para se certificar de que eu não caísse? — Aquele quarto espera pela senhora durante todo o seu reinado, e é chamado de O Quarto da Rainha.

— Ficou vazio esse tempo todo?

— Não, deixei que outros usassem. Mas isso porque eu sabia que quando Vossa Gloriosa Majestade viesse varreria qualquer vestígio de outros assim como o sol faz sumir a névoa. Entretanto, depois disso, ninguém mais poderá usá-lo, para que não seja maculado.

Ele estava tão sério que acho que era verdade.

— Não será maculado tão facilmente, *sir Francis* — garanti a ele. — Seria um desperdício para um quarto tão bom.

— Um santuário é um desperdício? — ele perguntou, intrigado.

Chegamos ao térreo e decidi não levar o assunto adiante. Se ele queria manter um santuário, então que o fizesse. Eu só esperava que ele não fosse ao quarto depois que partíssemos com uma jarra para capturar o ar que respirei, como os papistas faziam com as virgens deles. Olhei para trás, minhas damas não estavam rindo, mas eu sabia como suprimir as risadinhas era difícil para elas.

Saímos do jardim. Os últimos raios de sol ainda se espalhavam pelos caminhos de cascalhos ladeados pelas árvores de buxo, tocando-as com ouro. Eu podia até mesmo ouvir os salpicos de uma fonte em algum lugar ao longe. O cascalho então rangeu, Raleigh e Percival tinha se juntado a nós.

— Quando comecei esses jardins, que ficaram arruinados quando a propriedade estava em disputa, imaginei-os muito convencionalmente. Era meados do século, afinal de contas, e eu não estava exatamente na vanguarda da moda. Assim, este projeto confuso poderá fazê-la bocejar. Havia plantas comuns: buxo-anão, teixo preto e lavanda.

Olhei para as plantas e ele estava certo. Eram tão previsíveis que não era preciso sequer olhar para elas.

— Mas... — ele se virou e cravou os olhos em mim. — Meu sobrinho Walter abriu meus olhos para horizontes mais amplos. Venham!

Ele nos conduziu para fora do jardim cuidadosamente modelado, passando por um corredor de árvores na altura de nossos ombros, alinhadas como soldados. Pareciam ameixeiras e cerejeiras pelo tipo dos galhos, mas as folhas eram de um verde mais brilhante e lustroso.

Raleigh sorriu. — Eu brinquei sobre o rei de Espanha ser o rei das laranjas e figos — ele disse. — Agora ele será o único rei dos figos. Logo, Vossa Majestade será a rainha das laranjas, bem como das maçãs, das peras, das ameixas e dos damascos. — Ele pegou uma das folhas e esfregou bem: — Esta é uma laranjeira e floresceu aqui, com a ajuda de *sir* Francis. Eu trouxe algumas sementes de laranja da missão em Cádiz e convenci-o a plantá-las. Isso foi há três anos e, graças à invenção dele — ele apontou para um corredor móvel abobadado —, elas sobreviveram ao nosso inverno.

— Quando fica frio, eu as cubro com esta cobertura móvel — disse mostrou Francis. — Isso permitiu que criassem raízes aqui e crescessem. Em alguns anos, Deus queira, florescerão e produzirão ótimas laranjas.

— Meus súditos são realmente criativos — eu elogiei. — Mas laranjas na Inglaterra? Quem pensaria que é possível?

— Chamo de *orangerie*.<sup>21</sup> Por motivos óbvios — disse Francis. — Espero que a senhora volte para a primeira colheita. Farei um ensopado de laranjas.

— Seria uma honra — eu afirmei. Mas quantos anos isso levaria? Eu ainda estaria viajando até lá? Depois, o pensamento proibido: eu ainda estaria viva?

— Há ainda outra invenção — disse Raleigh. — Mas depende de nosso anfitrião revelá-la.

— Amanhã, amanhã — ele bradou. — Chega de maravilhas por hoje.

Concordei. O sol já havia sumido do céu, transformando as nuvens em tons rosa e dourado. Eu já estava pronta para o descanso da noite.

Nossos aposentos provaram ser tão confortáveis na prática quando pareciam à primeira vista. Cansada, deixei Helena tirar minhas roupas do dia e me vestir com meu camisolão de dormir e minha touca. O teto baixo e modelado fez com que nos sentíssemos seguras e confortáveis. Várias velas acesas com suas chamas estáveis em meio ao ambiente tranquilo.

— Não estamos tão longe do Castelo de Hever — disse Catherine, de súbito. — A senhora já foi lá?

O Castelo de Hever: sede da família Bolena e a casa de Maria e Ana Bolena.

— Não, não fui — admiti.

— Gostaria de ir lá desta vez? — ela perguntou

— Eu apenas o vi uma vez, do lado de fora, quando era ainda criança. A família já não estava mais lá.

De fato, já não estavam mais. Meus avós haviam morrido logo depois de minha mãe e a propriedade veio para a Coroa. Ana de Cleves viveu ali por um breve momento. Desde então, teve novos proprietários.

— Não sei — eu disse. Não sei se eu suportaria. Mas, ao mesmo tempo, queria ver o lugar em que minha mãe havia

passado a juventude, antes de conhecer o mundo. Fazer uma jornada sentimental, revisitando o passado... Outra marca da idade. Montar o quebra-cabeça do passado, então, era importante apenas para a vida de alguém que já estivesse chegando ao fim — Mas significaria muito para você...

— Sim, significaria. Nunca vi minha avó Maria, ela morreu antes do meu nascimento, longe de sua antiga vida no leste de Essex. Parece que a família estava tão ferida e dispersa que nunca poderíamos nos reunir novamente. Agora, podemos finalmente voltar. Juntas. Daremos as mãos e deixaremos esses fantasmas descansarem.

Se pudéssemos fazer isso. Eles estavam inquietos, aqueles espíritos, sem nenhum destino. Estaria o velho castelo abandonado e adormecido como os castelos encantados nos contos? As videiras teriam crescido desde que a família Bolena as deixara? Teria o fosso secado? O que encontraríamos?

Não havia indícios da sensual Maria Bolena naquela neta, pelo menos nenhum que fosse visível. Talvez o almirante tivesse uma opinião diferente. Para mim, eles diziam que eu tinha os olhos de minha mãe, escuros e desafiadores. Nossos ancestrais vivem em nós, nos chamando de volta ao seu território, desafiando-nos a encontrá-los em suas terras.

— Muito bem — eu falei. — Mudaremos nosso itinerário. Hever está a apenas trinta quilômetros daqui e está mais ou menos em nosso caminho.

Uma sensação de excitação e um pouco de medo e empolgação percorreram meu corpo ao imaginar aquela peregrinação pessoal.



**E**dia estava brilhante com sol e calor radiantes. *Sir Francis* mandou dizer que nada estava planejado até o início da tarde, quando ele iria organizar um banquete no pomar. Até então, estávamos livres para fazer o que quiséssemos.

— Senhoras, as nossas roupas de fazenda! — eu disse. — Nada de golas, formalidades ou cores escuras, e nada que se rasgue nos espinhos, ou que não nos cause problemas se rasgar. — Eu me sentia frívola como uma menina, capaz de fingir que não era uma rainha naquela manhã, mas sim uma exilada como quando criança, vivendo em Hatfield, Hunsdon, Eltham e Woodstock, livre para brincar nos prados.

Naquele dia, nem sequer pretendia caçar, muito organizado, muito formal. Em vez disso, andaríamos a pé ao longo do rio Wandle, seguindo as suas margens, e depois adentraríamos na floresta do parque dos cervos. Calcei botas de camurça robustas e um chapéu de sol de abas largas, peguei um pedaço de pau para me servir de apoio e convidei todos a me seguirem.

No início, Helena e Eurwen estavam ao meu lado, mantendo facilmente o ritmo. Helena tinha agora cinquenta anos, mas sua resistência sueca significava que ela ainda

mantinha a beleza naquele pescoço comprido, na pele clara e no vigor. Cumprimentei-a por sua saúde e ela respondeu:

— Mesmo depois de todos esses anos na Inglaterra, sigo o que minha mãe me ensinou na Suécia: um leve passeio antes do café da manhã dará a você mais dez anos de vida.

— Eu também me obrigo a uma caminhada antes do café da manhã — eu disse. — Deixo os embaixadores esperando, pois não sou eu mesma antes de fazer meus exercícios. E não ousou encará-los sem toda a minha lucidez.

Helena sorriu:

— Duvido que em algum momento a senhora fique longe de seu juízo.

— Você já me viu perdida uma ou duas vezes — lembrei. Ela já me servia fazia muitos anos. Hoje era uma quase parente. Logo depois de ter enviuvado ela havia se casado com um dos meus primos da família Bolena, Thomas Gorges. A primeira filha deles, Elizabeth, era outra de minhas afilhadas.

— Você trouxe Elizabeth? — perguntei a ela. — Faz muito tempo que não vejo sua filha, que leva meu nome.

— Sim, eu a trouxe — disse Helena. — Ela está lá atrás, fazendo companhia aos jovens.

— Assim como a mãe dela — provoquei Helena. — Traga-a aqui. Quero que minhas duas afilhadas se conheçam. — Ao me virar para Eurwen, falei: — Eu disse que eu tinha muitos afilhados e eu procuro todos eles.

Poucos minutos depois, a filha de Helena juntou-se a nós, passando pelo meio dos arbustos no caminho. Ela aproximou-se e fez uma reverência. Seu chapéu caiu para a frente. — Vossa Majestade — disse ofegante. Ela era a antítese de sua refinada e imponente mãe. A única característica que compartilhava com a mãe era o dourado dos cabelos.

— Minha Elizabeth — eu falei. — Não tive o prazer de vê-la nos últimos tempos. Sua madrinha precisa de mais atenção ou vai se sentir esquecida. Aqui, quero que conheça sua irmã em Deus, Eurwen. Ela é de Gales.

Eurwen sorriu e balançou a cabeça. Elizabeth passou o braço em volta dos ombros dela. — Você fala inglês? — ela perguntou.

— Estou aprendendo... — as duas saíram caminhando pela trilha juntas.

— Assim como nós antigamente — disse Helena.

— Cultura saudável — eu disse. — Você tem que vir mais vezes à corte para que eu possa conhecer todos os seus filhos — dei a Helena e seu marido a antiga casa de campo de Sheen, próximo ao Palácio de Richmond. — Você está bem próxima quando estamos em Richmond.

O passeio seguia pelas margens do rio por uma ou duas milhas, fazendo várias curvas, abraçando as áreas rasas em que estavam as aves. Por aquele ângulo, a Beddington Manor brilhava num vermelho radiante, o telhado reluzia, e os cataventos pegavam o sol conforme viravam.

Logo que entramos na floresta do parque dos cervos, carvalhos e amieiros fecharam-se sobre nós, fazendo uma sombra verde. Passamos muito tempo em meio às flores silvestres, e no chão da floresta apenas uma vegetação rasteira verde, algumas frutinhas espalhadas. Criaturas corriam sob nossos pés, desaparecendo com um floreio de suas caudas quando nos ouviam. Instintivamente, baixamos nossas vozes, silenciando-nos como se estivéssemos numa catedral.

De súbito, vi que alguém estava bem atrás de mim, senti uma respiração em meu pescoço. Girando minha cabeça, vi Percival há apenas alguns centímetros do meu rosto. Meu coração disparou e em seguida senti como se ele tivesse parado de bater.

— Ele é silencioso ou não? — Raleigh disse chegando do outro lado, — É algo que os nativos da América aprendem desde pequenos. Eles podem observar um animal tão silenciosamente que ele não tem chance de fugir.

— Laterais. Pés — disse Percival, com um dos pés no ar. Ele se inclinou e mostrou-me como andar com as laterais dos pés, sem fazer barulho.

— Funciona melhor com calçados leves ou de pés descalços — disse Raleigh.

Eu gostaria de ver Percival caçando à maneira dos índios. Perguntava-me como ele perseguia um veado ou um coelho. Eles ficavam tão alertas ao movimento. É por isso que usávamos batedores para assustá-los e persegui-los na nossa direção ou para encurralá-los. Mas fazer isso sozinho e a pé era impressionante.

— Você deseja voltar para lá — eu disse. — Você está um tanto apaixonado pela América. — A expressão dele me confirmava minha suspeita. — Mas não podemos dispensá-lo agora. Não neste momento.

— Eu sei — ele disse.

— Você acha que resta ainda alguma coisa de suas propriedades na Irlanda? — perguntei.

— Não há nada — ele disse. — Estou praticamente certo disso.

— Você viveu lá e viu os irlandeses melhor do que muitas pessoas. Em sua opinião, há algum remédio?

— Somente medidas extremas — ele respondeu. — Aniquilação. Banhos de sangue. Eles não respeitam mais nada.

— Você está dizendo, então, que eles são indomáveis? Invencíveis?

— Qualquer povo pode ser conquistado — ele explicou. — Não existe nada invencível. Depende de quanto você quer matar. Do valor que você quer pagar.

A velha arrogância dele se foi, desapareceu. Seu belo rosto estava marcado agora e algumas faixas grisalhas também permearam seus cabelos. Ele cresceu, meu marinheiro. — Bess. Como ela está? — perguntei.

Seu sorriso pareceu retrair-se um pouco e ele respondeu:

— Ela está bem, Vossa Majestade.

— E o jovem Walter?

— Seis anos e já é um marinheiro. Um dia ele lutará em sua marinha.



— Se ele se sair bem, eu o nomearei cavaleiro para isso — eu afirmei. Era o momento de deixar de lado minha rusga com Bess. Tudo tinha acontecido fazia muitos anos. — Sempre precisarei de bons marinheiros.

À nossa frente, a floresta, os campos abertos em que os cervos, saindo de seus abrigos, poderiam facilmente ser perseguidos. A luz do sol dançava sobre a grama dos prados. Mas os raios já vinham diretamente de cima, significando que era perto de meio-dia, momento de voltar para a mansão.

Quando voltamos, Francis nos recebeu calorosamente. — Apenas uma vez em cada década, não, apenas uma vez em toda a vida, os deuses nos favorecem com um clima tão requintado. Nem Salomão, em toda a sua sabedoria, nem mesmo Augusto, em toda a sua glória, poderiam ter ordenado um dia como hoje! Ah, Vossa Majestade, como me sinto honrado de a senhora estar aqui para compartilhar este dia comigo!

Ele então nos levou para o pomar e longas mesas estavam montadas à sombra, que cobria quase todo o espaço. Havia um lugar de honra para mim, decorado com flores-do-campo, em vez de tapeçaria, e com uma coroa de flores.

— Gostaria que deixasse de lado sua coroa habitual e usasse esta, como se fosse nossa Rainha das Fadas presidindo nossa festa ao ar livre.

Flores silvestres azuis, violetas e colombinas verdes estavam entrelaçadas para fazer uma tiara. Rindo, eu a vesti. Mas eu sabia que ficaria bem melhor nas jovens Eurwen ou Elizabeth Gorges.

Meus assistentes mais próximos estavam sentados ao meu lado, perto de Francis. Raleigh, meu guarda-costas oficial, era o que estava mais próximo de mim. Do outro lado, estava minha parente mais próxima, Catherine. Eu guardava nossa decisão secreta de procurar a sede da família Bolena juntas, como as descendentes das duas

irmãs. Estendi e apertei a mão dela brevemente como se para sinalizar *eu não me esqueci*.

Estávamos sentados na área das maçãs do pomar, as folhas filtravam os raios do sol mais ferozes, mas ainda assim a luz salpicada caía sobre a mesa. Acima de nós, ramos balançavam carregados de maçãs, fazendo o cheiro quente das folhas do outono flutuar até nós.

— Temos uma primeira leva! — disse Francis, agitando uma jarra. — Sidra fora de época. É ainda suco de maçã neste momento do ano, mas saboroso, no entanto. — Ele pediu que seus empregados nos servissem. O líquido espumante e turvo cheirava melhor que a fruta esmagada.

Raleigh levantou-se:

— *Sir* Francis está sendo modesto. Ele vai negar, mas é um jardineiro fervoroso e está experimentando muitos tipos de plantas. As laranjas, por exemplo. Ele tem vários tipos de peras, aquelas que amadurecem cedo durante o verão, as peras-d'água, que espremem suco, e a pera selvagem, com seu suco amargo que dá uma bebida fermentada de pera. Ele enxerta muitos tipos em um único galho para que possa comparar a produção de forma mais precisa. E há ainda muitos outros tesouros em seus jardins. Não consigo me lembrar de todos. Tenho um grande interesse por plantas estrangeiras, e ele gentilmente concordou em cultivar algumas para ver como florescem aqui.

— Nunca é uma obrigação quando se faz o que se ama — disse Francis. — Minhas plantas me dão prazer.

— De fato, o próprio Deus andou por um jardim e considerou o feito reconfortante. Mas isso foi antes dos espinhos, das ervas daninhas e dos espinheiros — eu disse. — *Sir* Walter está correto. Não é preciso gabar-se de si mesmo, mas não é vergonha de se vangloriar pelos feitos de outro. Meu pai também é o pai dos atuais pomares da Inglaterra, pois no mesmo ano em que nasci ele enviou o seu navio de transporte de frutas para o continente para trazer de volta as melhores novas variedades de maçãs, peras e cerejas, uma vez que as guerras tinham devastado

completamente nossos estoques antigos. Ele criou uma fazenda em Teynham para servir de modelo e, de lá, a produção foi mandada para fora. Portanto, se hoje Kent e Surrey são nossos jardins premiados e fonte de grande parte da nossa produção, isso se deve à visão e ao investimento do bom rei Henrique VIII. — Olhei para todos os componentes da mesa e falei: — Todos sabem que ele fundou a Marinha Real, a Igreja da Inglaterra e o Colégio Real de Cirurgiões, mas quantos reconhecem o que ele fez pela agricultura inglesa?

— Ao rei! — Francis bebeu em homenagem a ele e todos imitamos seu gesto.

— Ele adoraria essa ocasião — eu disse. — O bom ar inglês, a boa comida inglesa e o bom povo inglês. Tudo o que ele considerava de mais precioso.

Nosso banquete era uma vitrine da propriedade de Francis. Havia caça e coelhos de sua reserva de caça, cordeiro de seus campos, peixes e aves aquáticas do seu rio e bom pão de seus campos de trigo. Apenas o vinho era importado e ele confessou que havia iniciado um vinhedo para começar a fazer vinho inglês.

— Agora sim, isso seria uma grande vitória sobre os franceses, mais do que Agincourt — disse Helena.

O dia estava perfeito, ou quase. A refeição estava perfeita, ou quase. Eu disse, pensando em voz alta.

— Ora, o que Vossa Majestade mudaria neste dia?

— Voltaria o tempo em seis semanas, para o início de julho. Perdemos a estação das cerejas, minha fruta preferida.

— Não é de surpreender, pois a cereja é o emblema da virgindade — disse Francis. — E aqui em Surrey amadurece no auge do nosso verão fugaz.

— A cereja amadurece tanto na época das feiras e das festas que os poetas usam esse fato para sugerir um breve momento de festividades em nossa vida. Não foi Chaucer que escreveu “Este mundo nada mais é do que uma feira”,

passando rapidamente, perdendo a força em seguida? — disse Raleigh.

— Mas controlar as estações, nem mesmo o mestre *sir* Francis pode fazer fazer isso — disse Catherine. — O que perdemos, perdemos. Teremos que voltar no ano que vem e chegar a tempo.

— Onde Sua Majestade está é sempre o momento certo. Pois, ela própria faz o momento, e o momento tem que se curvar a ela, como um súdito leal — disse Francis. Ele fez um rápido gesto com a cabeça e seus empregados saíram. Logo, retornaram com tigelas de prata e guardanapos brancos. Foram colocando uma a uma à nossa frente. Por fim, quando a última foi colocada, Francis ordenou que a minha fosse descoberta. Um dos empregados tirou a tampa de prata, revelando um monte de enormes e suculentas cerejas maduras.

Ah, que ótimo, eles conseguiam imitá-las em vidro veneziano. Já tinha ouvido falar sobre o trabalho deles, poderia até mesmo enganar a natureza. Então eu ri.

— E esta fruta existirá para sempre. Obrigada, meu bom Francis.

— Não, Vossa Majestade. Logo apodrecerá. É de verdade. Impossível. — Você tem alguma árvore mágica, então, que amadurece mais tarde?

— Não — ele respondeu. — Tenho apenas a já conhecida Kentish Red, que amadurece no início de julho. E foi essa que servi.

Cautelosamente, peguei uma. Não estava nem mesmo gelada. Ela não havia congelado (embora como poderia mantê-la por seis semanas, mesmo no gelo)? Tinha casca suave e a polpa era firme. Mordi e minha boca encheu-se de suco.

— É de verdade! — exclamei maravilhada.

A mesa inteira provou as cerejas.

— Novamente, cada um é livre para se gabar pelo outro — disse Raleigh.

— Meu bom amigo Francis cobriu uma cerejeira com uma tela para impedir que o sol amadurecesse as cerejas no tempo habitual. Ele encharcou a tela com água para mantê-la fresca. Sem o sol direto, as cerejas continuaram a crescer até que ficaram muito maiores do que o normal. Aí então, uma semana antes da visita de Vossa Majestade, ele retirou a tela e deixou o sol levar o fruto à perfeição. Ele é o jardineiro mais inteligente que já existiu.

— Apenas rezei para que Vossa Majestade não mudasse de ideia, já que a cobertura havia sido tirada da árvore — disse Francis.

Eu já havia recebido presentes como joias raras, belos e requintados pingentes de ouro e colares. Já havia recebido plantas e animais exóticos de terras distantes. Já havia recebido tributos literários extravagantes. Mas aquele presente caseiro e simples trouxe lágrimas aos meus olhos.

— Eu acho que é o presente mais extraordinário que já recebi — eu confessei. — Agradeço, *sir* Francis.

Permanecemos sob as árvores durante toda a tarde, com jovens músicos andando em filas, tocando e cantando para nós. Por fim, voltamos para a casa, onde velas já haviam sido acesas, fazendo-as brilhar lá dentro como lanternas. Na longa galeria, continuamos a noite musical.

*Sir* Francis tinha dois virginais e eu me sentei para tocar um deles, sentindo as teclas finas sob meus dedos. Aquele instrumento tinha um tom rico e suave. As janelas abertas convidavam o aroma pesado das flores noturnas a entrar, e eu pude ver uma lua que surgia tardiamente, tentando iluminar o muro do jardim. O tranquilo interior inglês. O silencioso paraíso inglês.

Íríamos caçar na tarde seguinte e *sir* Francis cuidou pela manhã dos cães e dos batedores. Assim, ele não estava em casa quando o almirante Charles chegou de Londres com suas botas esmagando o cascalho do caminho de entrada.

Catherine, que reconheceu seus passos, correu para encontrá-lo. Eu sempre me emocionava ao ver pessoas casadas há tanto tempo ansiosas por se encontrarem. O Charles de cabelos brancos não aceleraria os corações da maioria das mulheres, mas ele só precisava acelerar um.

— Temos sido muito mimados e entretidos pelo amável *sir* Francis — disse Catherine. — Achei que você nunca viria! Ele planejou uma tarde de caça, e a rainha e eu vamos a Hever amanhã. É tão bom aqui — ela segurou as mãos deles e quase o arrastou pelos degraus da casa.

— Bem-vindo, Charles — eu disse. — Agora Catherine pode de fato desfrutar da estada.

Ele curvou-se sobre um dos joelhos e disse:

— Temo que sua estada tenha que terminar e que a minha nunca comece — ele falou desanimadamente. Então se levantou: — Más notícias. Os espanhóis foram vistos a caminho da nossa costa.

O sol ainda brilhava em meu rosto, mas o calor desapareceu.


— Tive medo disso. — Ainda não tinha ido inspecionar as cidades da costa, mas agora já era tarde demais. Teria que levantar acampamento e retornar para Londres.

Virei-me para Catherine e disse:

— Nada de Castelo de Hever desta vez, minha querida — de súbito, lamentei não ter pegado o colar de Maria Bolena que Lettice queria me dar. Agora eu poderia dá-lo à Catherine, a neta dela, como um consolo e uma promessa. — Mas iremos. Prometo com toda a certeza que o destino permitir a uma rainha de planejar o ano seguinte.

Meu idílio havia acabado.



udo corria para trás. Voltar pela estrada para Southwark, ver os mesmos vendedores e os mesmos anúncios de peças de teatro, passar pelos mesmos teatros e tocas de ursos, que não hibernavam agora, e estávamos com muita pressa. Os rostos se voltavam para mim, as mãos acenavam e eu me sentia como um escudo entre eles e o desastre. Eles pareciam confiar em mim, sentiam-se protegidos por mim. A minha figura era a proteção deles, como acontecia fazia quarenta anos. Eu não falharia agora.

O conselho estava esperando, pronto para agir. Olhei para o rosto de cada um: Robert Cecil com o rosto estreito, nem piscava. Henry Brooke, lorde Cobham, cujos cabelos crespos selvagens mal cabiam em seu chapéu. George Carey, com os olhos escuros como um espanhol. Os velhos burros de carga: lorde Buckhurst, William Knollys, arcebispo Whitgift, sentados calmamente, esperando.

— Vim imediatamente — eu disse. — Não vislumbrei nenhuma perturbação ou ação no interior por onde passei, mas estava longe da costa. Que relatórios vocês têm?

O almirante Howard se levantou e perguntou a Cecil:

— O relatório que eu trouxe para Sua Majestade é de um dia atrás. Que notícias você tem desde então?

— Nenhuma, meu senhor — respondeu Cecil. — Desde que a frota foi avistada, duas semanas atrás, na costa norte da Espanha, não tivemos mais notícias. Eles já devem estar longe da costa francesa agora. — Prevendo minha próxima pergunta, ele falou: — Ordenamos as milícias costeiras para se reunirem e prepararem os faróis. Aguardamos sua decisão sobre quais navios despachar.

— Gostaria de mandar alguns para a costa oeste — disse Cecil.

— Sim, a Armada provavelmente pretende desembarcar na Irlanda — disse Carey.

— Penso, na verdade, em alguma força *vindo da Irlanda* — disse Cecil.

William Knollys fez um sinal de negação com a cabeça, fazendo sua barba tricolor tremer.

— Vindo da Irlanda? Você acha que O'Neill nos atacará? Ou Grace O'Malley?

— O homem no qual estou pensando tem o mesmo primeiro nome que eu, mas possui um título superior ao meu.

Ele tem um espírito de insatisfação e um grande exército. Nunca pensei que ele fosse para a Irlanda para subjugar os irlandeses, mas sim para reintegrar-se em favor da rainha. Desde que a campanha irlandesa azedou, ele pode tentar outro caminho para impor sua vontade sobre a rainha.

Essex. Cecil tinha dado voz ao pensamento não dito.

— Proibimos o retorno dele — eu disse. — Retiramos os privilégios dele. Ele não pode voltar até que sua tarefa esteja cumprida.

— Quando foi que ele obedeceu a algo que não lhe agradava? — perguntou Cobham.

Tanto Cobham quanto Cecil eram adversários de Essex, Cobham tornou-se adversário quando concedi o posto de Cinque Ports a ele em vez de concedê-lo ao importuno



Essex. Não podia me esquecer daquilo. Mas as palavras deles não poderiam ser ignoradas.

— Charles Blount, agora lorde Mountjoy, também disse que deveríamos ser cautelosos, tomar precauções — disse Cecil.

Mountjoy era o soldado mais experiente que havia ficado para trás, protegendo a Inglaterra. As palavras dele tinham peso.

— Nós nos consideramos avisados — eu disse.

Meus nervos estavam por um fio. Cada dia agonizante que passava não trazia nenhuma notícia sobre os espanhóis e nenhuma notícia da Irlanda. Eu sabia que o destino do reino estava delicadamente equilibrado.

Por fim, algo aconteceu, mas não o que buscávamos no horizonte. Em vez de confiar numa carta, Essex enviou seu secretário, Henry Cuffe, para nos informar.

Eu já tinha encontrado Cuffe antes. Ele fora um estudioso de grego na Universidade de Oxford e tinha me recebido lá com um poema sobre uma das minhas visitas oficiais. Na época, fiquei impressionada por sua boa aparência e oratória, achei que ele iria longe. Mas em algum lugar, ao longo do caminho, ele deixou a academia e lançou-se na política. Entristeceu-me quando soube disso. Como muitos, eu adornava a vida acadêmica com uma aura que provavelmente não possuía na vida cotidiana.

— Vossa Majestade — ele disse, ajoelhando-se sobre uma das pernas. — Estou honrado em ser o escolhido a apresentar-lhe a correspondência do conde para vós — disse, entregando-me uma caixa.

Peguei-a, fazendo um sinal para que ele ficasse de pé. Dentro, havia um relatório de Essex. Rapidamente li tudo, meus olhos passavam correndo pelas frases formais, devorando o conteúdo. O exército do conde estava muito enfraquecido. Ele havia perdido muitos homens. No entanto, estava indo para o norte para enfrentar O'Neill conforme minhas ordens.

— Estou colando meu pé no estribo agora mesmo — ele escreveu. — E farei tudo o que for possível e o que Deus me permitir.

— Ele se mexeu? — perguntei a Cuffe. — Ele realmente foi?

Cuffe fez um sinal com a cabeça.

— Onde ele pretende atacar O'Neill?

— Nossa inteligência nos disse que eles está nas redondezas de Navan. Marcharemos até lá e o confrontaremos.

— Sua inteligência deu alguma noção sobre o tamanho do exército dele?

— É difícil mensurar. O exército irlandês não é um corpo sólido como o nosso. Assume muitas formas e números, diminuindo e expandindo com a temperatura e o humor. Mas acreditamos que seja algo em torno de seis mil homens.

Duas vezes o tamanho do nosso!

— Entendi.

— Mas um soldado inglês robusto vale por cinco...

— Poupe-me disso, Cuffe. Você sabe que é um disparate, pois é um homem inteligente. Dê-me crédito por ser inteligente também. O conde sai para enfrentar seu inimigo, depois de ter desperdiçado a sua força e vantagem, para encontrá-lo agora a partir de uma posição de fraqueza.

— É uma avaliação muito obscura, Vossa Majestade — ele disse.

— Convença-me do contrário — argumentei.

Ele descarregou uma lista de desculpas, o parecer do conselho irlandês, a insalubridade da terra, a perfídia dos nossos aliados.

— Ahhh! — eu disse.

Ele riu. Depois disse:

— Não são os nossos erros até agora que contarão. É o que acontecerá quando o conde finalmente confrontar O'Neill.

Ele disse uma verdade. Certamente ele não será tão tolo de desafiá-lo para o combate — a oferta preferida e sem sentido de Essex.

— O'Neill tem vinte anos de idade — disse Cuffe. — Pode não ser uma boa estratégia.

— Ahhh! — eu exclamei novamente. — Como se ele fosse jogar fora seu reino por tal coisa. Ele é mais velho e mais esperto do que parece. Mesmo se Essex vencer, O'Neill não o honrará. Ele apenas fingirá, usando isso para ganhar tempo. Não, eu proíbo totalmente tal ação.

— Como quiser, Vossa Majestade — ele parecia infeliz, o dilema do intelectual forçado a servir, e perdoe-me, alguém inferior.

— Escreverei minhas instruções para o seu mestre — como ele deve odiar aquela frase e essa verdade. — Conto com você para transmiti-las com toda a ênfase que eu acabo de passar para você — respirei fundo. — E agora vamos falar de outras questões. Você, *sir*, lembro-me de Oxford. O que o fez abandonar aquele lugar e ir para outro com o conde de Essex?

— Mesmo os eruditos precisam comer, Vossa Majestade — ele disse. — O serviço com o conde oferecia melhores perspectivas mundanas — ele se levantou, resquícios de seu orgulho ainda eram visíveis em sua postura.

— Perspectivas mundanas, sim — eu disse. — E mais. Há outro mundo além deste mundo.

— Você está falando do Paraíso? Esse está muito longe.

— Não, estou falando da terra. Uma reputação. Um organismo vivo. A política, um sopro, logo dissipado, logo esquecido.

— Os níveis mais altos de ambos oferecem imortalidade — ele explicou.

— Não tendo o mérito de atingir nenhum deles, é melhor lançar minha sorte ao que paga mais.

— Maquiavélico.

— Não, um homem prático. Muitos negam suas ambições ou vocações superiores, a fim de colocar um prato na mesa.

*Você não entenderia isso, foi o comentário dele.*

— Um homem tem que fazer o que ele tem que fazer — admiti. — Primeiro devemos sobreviver.

— Infelizmente, sim. Essa é a grande verdade.

Olhei atentamente para ele, para aquele jovem que saiu do caminho que era o mais adequado para ele. Seus olhos verdes alertas, sua altura imponente, sua mente rápida, tudo feito sob medida aos seus dons. Mas eles estavam comprometidos, desvalorizados em seus serviços para o conde, onde trabalharia na obscuridade.

Novamente, a espera. Dia após dia, sempre na ponta dos pés, como se eles também estivessem prendendo a respiração conosco. Essex havia ido para o norte. E naquele exato momento algo estava acontecendo, mas eu não sabia o quê.

O capitão Lawson chegou. Ao contrário de Cuffe, ele estava suado e rude. O que combinava perfeitamente com seu anúncio: em vez de pegar O'Neill ou vencê-lo, depois de ir para o norte e caçar o rebelde evasivo, Essex tinha se encontrado com ele em uma conferência secreta e concluiu um tratado que, essencialmente, entregava os interesses ingleses.

— Resuma — ordenei a Lawson.

— Ele conferenciou com O'Neill no meio do caminho do rio Lagan entre os dois exércitos montados em Bellaclynth. Primeiro, Essex o desafiou para um duelo, mas o irlandês recusou. Então, ele o convidou para uma negociação, em terreno neutro, onde poderiam debater suas posições. O exército irlandês estava estacionado logo atrás das colinas, fora do ângulo de visão, por isso não poderíamos julgar o tamanho. Essex se encontrou com ele, e, depois que se separaram, ele anunciou que eles tinham liquidado tudo com uma trégua, renovável a cada seis semanas, e que aquilo garantia a paz. O irlandês poderia manter a posse de tudo o que havia conquistado até aquele momento e o inglês prometeu não estabelecer novas guarnições.

— Não havia testemunhas disso? Os dois homens conversaram a sós?

— Exatamente, Vossa Majestade.

— Traição! — gritei. — Conferenciar com um traidor, em segredo, sem testemunhas presentes, contra minhas ordens expressas para falar com ele, somente se ele alegasse rendição incondicional ou implorasse por sua vida. E então, ele estabeleceu uma trégua com ele, em condições inteiramente favoráveis à Irlanda? Não é nada menos do que capitulação. Para deixá-los manter todas as suas conquistas. Para deter a tripulação dos novos fortes. Uma trégua, renovável a cada seis semanas, dando-lhes tempo até que os espanhóis desembarquem para juntar forças com eles. — Oh Deus! Eu fui traída. A Inglaterra foi traída. Estávamos destruídos na Irlanda.

A grandiosidade do golpe me tirou o fôlego. Não só o dinheiro e os homens foram sacrificados, mas o futuro. A Irlanda se foi! Um inimigo, um rebelde, em nossa porta dos fundos, livre para acolher os espanhóis.

Pedi licença, fui para meus aposentos e tentei me controlar. *Pare de tremar. Pense.* Fechei os olhos e quis ficar em silêncio. Momentos se passaram e então eu ressurgi.

— Vou escrever ao conde — eu avisei. — E você deve levar a carta diretamente de volta para ele, não parando nem por um momento. — Retirei-me e elaborei uma carta. Datada de 17 de setembro de 1599. Contei-lhe sobre minha raiva e desconfiança. “Confiar nesse traidor sob juramento é confiar no diabo sobre sua religião”, aquele foi o ponto crucial. Ordenei que pressionasse O’Neill. Recusei-me a confirmar qualquer um dos termos que foram estabelecidos com ele. Declarei-os totalmente nulos e sem efeito.

Conforme escrevi, tão furiosa que mal conseguia lembrar o teor da carta, não mais do que uma vítima gritando pode lembrar o que gritou quando foi condenada, não tinha como saber que ele nunca iria vê-la.

Empurrando a carta nas mãos de Lawson, repentinamente uma pergunta me veio.

— Quando essa conferência ilegal aconteceu?

— Em 7 de setembro, Vossa Majestade.

De alguma forma, eu sabia. Meu aniversário de sessenta e seis anos. Algum dia um monarca recebeu um presente tão horrível?

— Há dez dias — eu disse. — Dez dias! Parta hoje à noite, leve minhas ordens a ele. Você deve chegar lá em três ou quatro dias.

— Sou vosso servo — ele confirmou.

Como um animal inquieto, de súbito meu quarto pareceu-me uma gaiola. A relva verde de Greenwich parecia encolher e me prender. A ampla vista sobre o rio Tâmis só me lembrava que os navios espanhóis em breve poderiam surgir e flutuariam sobre ele. Eu queria esperar notícias de forma segura longe de Londres, num lugar mais isolado e protegido. Gostaria de retirar-me para Nonsuch, ao sul da cidade e perto das colinas arborizadas.

Saí às pressas, levando apenas uma pequena guarda comigo. Dos conselheiros do governo, eu trouxe Cecil, Carey e Knollys. O resto ficaria para trás, pronto para receber novidades e nos alertar.

Mais uma vez, ao sul pela Ponte de Londres, passando por Southwark, e em seguida, Surrey. Desta vez, seguimos para o oeste em vez de irmos para o leste, em direção a Beddington. O sol do fim de setembro era benevolente, evocando todas as palavras outonais que os poetas usavam: “dourado”, “frutífero”, “avermelhado”, “não cultivada”, “satisfeito”, “coberto de folhas”, “suave”. Um fulgor de cor amarela brilhante nos cercou com a queda das folhas. O ar parecia espesso e rico, como se estivéssemos olhando para um pedaço de âmbar, folhas, insetos e manchas incorporando-se a ele. A primavera tinha a sua beleza delicada, o verão os seus murmúrios sonolentos, mas o outono sussurrava suas mensagens urgentes para a alma. Corra. Vamos à colheita.

Nonsuch estava cheio de mofo. Eu não o visitava fazia vários meses. Meu pai sempre se alegrava ao abrir as janelas e voltar aos seus aposentos. Teria ele caído na gargalhada de felicidade agora? Ou estaria muito sobrecarregado com os cuidados do estado a demonstrar sua felicidade, como gostava de fazer?

Estar ali me deu uma sensação de distanciamento dos assuntos urgentes da guerra. Nos quartos impecáveis e despojados, poderia analisar a situação nacional em sua essência. Irlanda. Não poderíamos perdê-la. Essex era, em uma interpretação completamente caridosa, um tolo. Ou... Ele havia vendido os interesses da Inglaterra ao inimigo em troca de alguma promessa secreta de recompensa. O que teria sido?

Não queria pensar no pior. Aquele era o modo dos tiranos, precipitando as conclusões, condenando sem provas. Eu teria que aguardar a resposta e a obediência dele à minha carta. Era um teste, o teste supremo, da sua lealdade.

Apenas Catherine e Helena me acompanhavam. Mandei a cara Eurwen para casa, para segurança dela. Naquele momento, ela deveria ficar bem longe dos problemas que me assolavam. As fronteiras galesas não viam turbulências desde os dias do meu avô. Ela chorou ao ir embora e eu por perdê-la. Não soube mais notícias de Marjorie em Oxfordshire, mas fiquei feliz por poupá-la de mais alguns alarmes.

As tardes eram tranquilas: um bálsamo para meu espírito. Recolhemo-nos cedo, depois da bebida de pera fermentada dos pomares.

Dizem que é muito bom recolher-se cedo. Entrei no ritmo dos monges e me deitei cedo, pois, caso ainda estivesse na corte, àquela hora, ainda estaria dançando ou jogando cartas. Deixei as janelas abertas e senti o ar frio entrar no quarto, acalmando-nos e dizendo: *isto é eterno. As estações vêm e vão, mas a Inglaterra permanece.*

No penúltimo dia de setembro acordei lenta e naturalmente. Ninguém me despertou, ninguém me sacudiu

ou sussurrou em meu ouvido. Não, tive o luxo e privilégio, raro para um monarca, de levantar-me quando quisesse e de me mover tão lentamente quanto queria.

Hoje tinha uma sensação de extremo torpor. Tropecei saindo da minha cama e pedi que uma banheira de água quente fosse trazida para que pudesse mergulhar meus pés e acordar. Ela foi colocada em meus aposentos, na área privada, aproximei-me devagar e mergulhei meus pés dentro dela. O calor espalhou-se dos meus pés para minhas pernas. Mas minha mente ainda estava entorpecida, flutuando. Devo aproveitar. Era isso que eu queria. Não havia nada além de problemas para refletir.

Sentei-me, braços cobertos, jogados sobre a banheira de madeira. Minha camisola foi levantada até certa altura, permitindo que as pernas ficassem de molho sem molhar a camisola. Senti-me como uma idiota, não conseguiria nem mesmo somar dois números. Fiquei balançando a cabeça, como se aquilo fosse me despertar.

A porta se abriu com força. De súbito, diante de mim, estava o conde de Essex. Ele entrou correndo, depois se ajoelhou à minha frente. Estava coberto de lodo.

O torpor desapareceu num instante, o medo arrepiava cada fibra do meu corpo.

— Vossa Majestade — ele disse, com voz trêmula.

Sentei-me, minhas pernas continuaram na banheira de água quente, estava de camisola, desprovida de todos os trajes de majestade. Onde estava meu guarda? Como ele conseguiu entrar em meus aposentos?

Por um momento, não consegui falar. Ele estava aqui, quando deveria estar bem longe, na Irlanda. Eu o havia proibido de voltar.

— Devo defender minha situação diante de vós — ele disse. — Meus inimigos na corte envenenaram-na contra mim.

Ali estava eu, quase nua, sem roupas, sem guardas, sem saber o que havia do lado de fora do palácio, à mercê dele. Ele ali, à minha frente, em seu traje militar. Será que ele



teria cercado o palácio com seu exército? Será que teria trazido seu exército de volta da Irlanda, todos os 3 mil homens? Por que não fui avisada por Londres? Será que ele teria dominado completamente todas as forças reais? Tinha que ganhar tempo.

— E que situação seria? — perguntei, de forma tão natural como se estivesse tratando de um caso na sala do conselho. Tirei meus pés da banheira e Catherine os secou.

Minha peruca estava no meu quarto de vestir, assim como minhas roupas. Há aqueles que, em busca de respostas simplistas, dizem que ao me surpreender em meu estado natural Essex ganhou vantagem sobre mim e que eu nunca o perdoei. Bobagem. Tenho orgulho e não quero minhas fraquezas sendo desfiladas diante do mundo, mas meu cabelo ralo e a falta de roupas adequadas não eram no que eu pensava quando Essex invadiu meu quarto. Minha única preocupação era: será que estava cercada? Será que ele estaria no comando?

— Cecil, meus inimigos no conselho. Eles querem me ver destruído e gastarão até a última gota de seus esforços para desacreditar-me. Sei que enquanto estive longe eles têm estado ocupados, garantindo nomeações para si mesmos e pintando minhas ações de forma totalmente negra.

Levantei-me, como se estivesse usando trajes reais em vez de uma toalha e uma camisola.

— Por que você não está no seu posto? — perguntei a ele. — E por que você voltou, contra nossas ordens expressas? Certamente você não abandonou seus deveres para vir aqui discutir questões menores, não é?

Ele olhou para mim, aquele olhar glorioso e convincente que sempre conseguia mexer comigo. Ele tinha os olhos mais bonitos e persuasivos que já vi.

— Dei a você uma missão. Pedi que executasse uma tarefa importante. Proibi sua volta até que a tarefa estivesse cumprida. Por que está aqui? — questionei.

Ele se curvou sobre um dos joelhos e segurou minha mão:

— Para vê-la, minha mais graciosa ama.

— Isso poderia muito bem esperar até que você tivesse completado a tarefa de sua ama — meu tom estava duro. Tinha que me acalmar. Quem estava do lado de fora da porta? Será que suas forças teriam superado meus insignificantes guardas? Será que agora eu estava em seu poder, era sua prisioneira?

*Pare-o, disse a mim mesma. Segure-o. Acalme-o. Você já fez isso antes, com outros. Você deve fazê-lo novamente.* Posicionei-me tão majestosamente quanto fosse possível, já que estava de camisola.

— Tenho que explicar tudo a vós. É impossível escrever tudo em cartas — ele disse.

— Você recebeu minha última carta, datada de 17 de setembro?

— Não, saí de lá antes disso.

— Entendo.

O que quer que eu tenha dito naquela carta agora era irrelevante. Teria servido para alguma coisa somente se ele tivesse lido enquanto ainda estivesse cumprindo seus deveres.

Ele, o comandante supremo das forças inglesas na Irlanda, havia abandonado seu posto. Ele era um desertor. Um traidor.

— O que Vossa Majestade queria me dizer? — ele perguntou cheio de esperanças.

Sorri para ele. Eu esperava que, como uma rainha sem adornos, ainda estivesse no comando. Isso dependia se eu estava à sua mercê ou ele à minha, o que em breve seria revelado. — Podemos conversar mais tarde? Vamos nos encontrar para almoçar em duas horas. Você volta de maneira apresentável e eu me vestirei. Irei recebê-lo na corte, meu lorde.

O tolo se curvou e saiu de meus aposentos.

Assim que ele saiu, corri para a porta e chamei meu guarda.

— Como ele entrou aqui? Você estava dormindo?

Os cinco marcharam até a porta, pendendo a cabeça.

— Ele passou por nós. Não tinha guarda com ele e não parecia perigoso.

— “Ele não parecia perigoso?” — repeti. — Ele é tão perigoso quanto uma víbora. E elas também não têm guardas. Lá fora, há alguém com ele?

Eles voltaram alguns momentos depois, fazendo sinal negativo com a cabeça:

— Nada de exército. Apenas alguns de seus lacaios. Não mais que vinte.

Estávamos seguros. Agora ele estava à minha mercê. Mercê, não haveria nada disso. Ele já havia esgotado minha cota de piedade.



**E**le estaria de volta em apenas duas horas. Eu tinha pouco tempo. — Catherine. Helena. Vocês ouviram tudo. Fiquem comigo, não saiam de perto de mim. E me ajudem a me vestir, rápido.

Elas me entregaram minhas belas roupas de cambraia e minhas saias, deslizaram um dos meus vestidos de dia sobre minha cabeça. Em seguida, escovaram meu cabelo para trás e encaixaram minha peruca sobre ele. Meu rosto estava tão pálido que seria necessário mais do que a moldura acaju de minha peruca para fazer-me parecer viva novamente.

— Meu pote de ruge — pedi. — O colorante de lábios. Esqueçam o pó branco, por Deus, minha pele está mais branca do que qualquer mistura! — Por último as joias, um cordão de ouro e safiras, pérolas para minhas orelhas e diamantes para o meu cabelo. Preciso parecer como todos os dias, nada de anormal. — Rápido, rápido! — apressei-as.

Enfim pronta, nem sequer me preocupei em verificar minha imagem no espelho. Em vez disso, chamei Cecil, Carey e Knollys. Eles chegaram, sorridentes e relaxados. Seus sorrisos desapareceram quando viram minha agitação.

— Essex está aqui — sussurrei.

— Mas isso é impossível — disse William Knollys. — Sabíamos que ele estava na Irlanda há apenas quatro dias.

— Bem, ele está aqui agora!

— Onde? Foi visto próximo a Chester? — disse Robert Cecil. — Sabia que ele tentaria retornar. Foi por isso que posicionamos os navios lá. Por que não o detiveram?

— Ele foi visto e bem aqui nestes aposentos! — Apontei para as pegadas de lodo no chão. — Ele estava aqui, pingando lodo e folhas molhadas!

Houve uma inspiração coletiva de ar, da mesma maneira que atores cômicos suspiram em uníssono no palco. Mas aquela era de choque e não de graça.

— Aqui, em seus aposentos! E os guardas? Estavam completamente desarmados? Sem proteção?

— Nada, exceto eu e minhas damas — eu disse. — E, quanto a meus guardas, eles são mais inúteis do que uma espada de papel. Eu não tinha nada além de palavras para me defender.

— E sua própria majestade — disse George Carey.

— Meu juízo serviu-me melhor — resmunguei. — Ele claramente não teve medo da minha majestade. — Aquele era o aspecto mais assustador de todos. Ele não respeitava nem a pessoa nem minha posição.

— Quem estava com ele? — perguntou Cecil.

— Quando ele invadiu meus aposentos, pensei que tivesse trazido o exército com ele, para me destituir. Mas meus guardas disseram que ele tinha apenas um pequeno grupo de cerca de vinte homens. Talvez o exército esteja vindo e essa seja apenas a comissão de frente.

— Onde ele está agora? Como foi a conversa com ele?

— Ele foi, creio eu, para os aposentos vazios de Nonsuch. E deve retornar para cá à tarde para conversarmos. Eu disse que almoçaríamos juntos depois.

— Convocarei o restante do conselho para vir até aqui o mais rápido possível e para eles trazerem guardas e tropas suficientes para controlar os lacaios dele — disse Carey. — Temos que prendê-lo aqui.

— Falarei suavemente com ele até chegar ajuda. Ele está tão iludido que é fácil convencê-lo de que recebo bem.

— Por que ele está aqui afinal de contas, se não para tomar o trono? — disse Knollys ameaçadoramente.

— Para me salvar de conselheiros do mal, assim ele disse, os quais ele acredita que tem me envenenado contra ele — eu expliquei. — Ele não percebe, ele não consegue entender, que ele é seu próprio conselheiro do mal.

— Vamos nos retirar agora e preparar uma recepção adequada para ele — disse Knollys severamente. — Uma de acordo com sua importância.

— Há alguém relevante com ele? — perguntou Carey.

— Meus guardas reconheceram os condes de Southampton, Rutland e Bedford, lorde Rich e *sir* Christopher Blount, ninguém mais. — Respirei fundo.

— Southampton novamente, para me atormentar! E os ineficazes condes de Rutland e Bedford. E o marido de Lettice. Uma matilha de cães sem valor.

— Ninguém de caráter o seguiria, Vossa Majestade. Ele atrai somente os vagabundos e os descontentes — disse Cecil.

— As pessoas comum o exaltam — eu disse.

— Isso porque somente o conhecem de longe. De perto, ele atrai apenas as sobras da corte.

— Logo, ele estará de volta! Corram e preparem a armadilha, vamos pegá-lo. Eu serei a isca, vou atraí-lo e acalmá-lo.

Apressadamente eles deixaram a sala.

— Catherine, você tem uma memória excepcional — eu disse. — Tente lembrar tudo o que se passar entre mim e Essex, para questionamentos mais tarde.

— Vossa Majestade é renomada por sua própria memória — disse Catherine.

— Para algo tão importante, precisamos de duas memórias. Você, Helena, estude o rosto dele e as expressões dele, você é muito boa em reconhecer caracteres.

— Acho que já conhecemos o caráter dele agora — ela disse.

— Ele tem muitos caracteres — eu disse. — Qual deles, diga-me, ele usará quando voltar?

Passarei o tempo calmamente com ele até o almoço. Depois, o restante se juntará a nós. No momento em que a refeição estiver pronta, a ajuda de Londres já deverá ter chegado. O cerco seria fechado.

Houve uma batida elegante na porta. Desta vez, meu guarda corretamente anunciou:

— O conde de Essex está aqui para ver Vossa Majestade a rainha.

— Que entre o conde.

O guarda deu um passo atrás e Essex entrou. Ele ainda usava as mesmas roupas, mas havia se lavado e tirado o lodo do rosto e das mãos, penteado os cabelos e a barba. Ele se ajoelhou, quase deslizando pelo chão até onde eu estava.

— Perdoe-me pelos meus trajes miseráveis — ele disse. — Mas estava com tanta pressa de chegar até você que não trouxe nada comigo, nem mesmo roupas limpas. Nada mais importava, a não ser chegar aqui.

Fiz um sinal com a mão para que ele se levantasse:

— Você está usando essas roupas há quantos dias?

— Saí da Irlanda em 24 de setembro. Hoje é o vigésimo oitavo dia.

Eu estava louca para dizer *três semanas desde que você conferenciou com O'Neill. O que fez nesse meio-tempo?* Mas, olhando de forma significativa para Helena e Catherine, eu falei:

— Ah, você deve estar cansado, milorde. Somente Mercúrio poderia ter viajado tais distâncias tão rapidamente.

— Se eu me tornasse temporariamente um deus, seria somente para voar até os pés da grande deusa, a Rainha das Fadas, para servir-lhe.

— Temos que refrescá-lo — eu disse. — Tome, aqui, um pouco de boa sidra inglesa, maçãs frescas de Kent e queijo de Devon. Isso vai recebê-lo de volta em sua terra natal, depois de meio ano de comida irlandesa. Peço que prove — um dos empregados dos meus aposentos serviu-lhe um copo e entregou a ele, outro estendeu uma bandeja de maçãs e queijos, cortados e prontos. Ele vorazmente engoliu a bebida e devorou a comida. Era óbvio que estava faminto. Lembrava-me um cachorro se lambendo. Minhas damas e eu nos abstivemos educadamente.

— Agora, diga-me Robert, por que você sentiu que deveria vir agora? Qual o problema? — as palavras viscosas quase presas em minha garganta.

Enxugando a boca com um guardanapo, ele suspirou:

— Quando recebi sua última carta, tão cruel, tão dura, eu sabia que não poderia ser verdadeiramente sua.

— Como você soube disso?

— As repreensões pungentes! Quando disse “Sabemos que você não falharia em juízo assim como não entenderia que o mundo vê quanto o tempo está sendo desperdiçado”. E depois “Devemos fazer com que, portanto, você saiba que, não pode ser ignorância, por isso não pode ser falta de recursos, porque você teria nos pedido. Você teve escolhas, você tinha poder e autoridade mais ampla do que jamais teve ou que jamais terá”.

— Desculpe-me se elas feriram você. Talvez eu não tenha entendido completamente o que você vinha passando. — Mantive o tom de voz docemente solícito.

— Mesmo assim, tal dureza de coração nunca foi da natureza de minha rainha ama. *Eles* ditaram a carta. Tem o tom deles!

— E a que “eles”, meu bom homem, você se refere?

— O Conselho Privado! Cecil em particular! Ele está por trás de todas as manobras para me desacreditar. E desde que saí daqui, em março, ele teve ampla oportunidade de plantar o veneno negro da suspeita em sua mente sobre mim. Enquanto estive arriscando minha vida a serviço da



Inglaterra, ele tem se espreitado aqui, vivendo de forma calorosa e confortável. Ele se posiciona como uma aranha, tecendo suas teias para capturar os inocentes. Ele até mesmo se parece com uma, com sua corcunda.

Era mais do que eu podia aguentar.

— Ele não tem corcunda — eu falei. — E ele nunca capturou um homem inocente, como você fez com o dr. Lopez!

Seu rosto obscureceu e seus olhos se estreitaram por um instante.

— Isso só prova o meu ponto de vista — disse ele — Ele a dominou totalmente. Mas... — ele acenou com a mão de forma nervosa. — Essa é mais uma razão sobre a qual eu precisava vir rapidamente falar diretamente a vós. A última carta dizia “Queremos saber de você sobre como pensa que deveria ser usado o restante do ano, em que tipo de guerra, onde e quais os números, sendo feito isso e mandado para nós, por escrito, trataremos das expedições, e teremos prazer em organizar tudo para nossos serviços”. E concluiu com “E assim, aguardando sua resposta, encerramos, em nossa mansão em Nonsuch no quadragésimo primeiro dia do ano de nosso reinado, 1599”. Aqui está sua resposta, Gloriosa Majestade, em carne e osso.

— E vejo que muito bem.

— É muito difícil explicar por carta. A senhora está certa em esperar saber de tudo, mas, se fosse por escrito, levaria meses. Eu mesmo posso explicar tudo agora.

E ele começou a fazê-lo, lamentando-se e se inocentando de forma entediante. Ele tinha sofrido. Foi enganado. As condições na Irlanda eram desumanas. Ele se sentia desprezado em casa. Além do mais, ele havia alcançado um glorioso acordo com O’Neill. Uma trégua!

— Você não foi mandado para lá para conseguir uma trégua — eu falei. — Mas sim para conseguir vitória. Não financiei aquele enorme exército, o maior exército que já enviei em todo o meu reinado, para fazer uma trégua.

Ele se mostrou indignado. No entanto, concordou com todas as asneiras dele. Eu me certifiquei:

— Bem, o tempo dirá se a trégua permanecerá. Nesse meio-tempo, você tem notícia se é pai de um menino ou menina? — eu sabia que Frances estava grávida.

— Não... não... Ainda não fui em casa. Vim diretamente aqui. A senhora, a senhora está acima de qualquer coisa em minha vida.

— É comovente, mas não diga isso à sua esposa.

— Ela sabe. É impossível não saber!

— Espero que tudo tenha dado certo com o parto dela. A filha dela com *sir* Philip Sidney é minha filhada, você sabe. Ela já é quase uma moça agora.

— Catorze anos, Vossa Majestade.

— Uma idade mágica.

— Depende de quem você é.

Verdade. Fiz catorze anos no ano em que meu pai morreu e para mim, naquele aniversário, havia pouca magia.

— Você está certo. Mas espero que a vida de Elizabeth Sidney seja tocada por coisas boas, incluindo seu novo irmão.

Felizmente, vi que já era quase meio-dia. Aquela tortura estava acabando. O relógio do pátio começou a anunciar a hora. Logo, o mordomo veio anunciar:

— Almoço, Vossa Majestade.

Sorri para Essex.

— Vamos, milorde?

As mesas foram colocadas na sala de audiências. A cerimônia elaborada que preparou meu lugar, que envolvia provadores e varas cerimoniais, já havia sido realizada. Nenhum veneno havia sido encontrado. Eu havia convidado os companheiros de Essex para juntarem-se a nós. Ele achava que era por cortesia. Fiz isso, pois assim teria todos eles sob minha vigilância. Agora, ao longo da mesa, estavam os maiores devedores na Inglaterra: Roger Manners, o conde de Rutland, Edward Russell, o conde de

Bedford, Henry Wriothesley, o conde de Southampton. Todos tinham brincado, se divertido, bem como apostado em toda a Europa e em casa. Depois, estava Christopher Blount.

Eu olhava para ele quanto podia, mas sem ser óbvia. Que tipo de homem ficava contente em receber ordens e seguir o rastro de seu enteado? Ele já havia servido sob as ordens dele em Cádiz, obedecido-lhe cegamente nos Açores e agora trotava atrás dele, primeiro na Irlanda e depois de volta para cá, diretamente no olho do furacão. Ainda nessa questão, que tipo de homem queria se casar com Lettice? A megera deve fazer da vida dele um inferno. Ele era sedutor, se o seu gosto é por uma aparência mais sombria e ombros largos. Como Leicester antes dele, ele poderia ter sido apelidado de “o Cigano”. Obviamente, Lettice gostava desse tipo. Claro que ela gostava de qualquer tipo.

Mais ao longe, ainda na mesa, estava o restante dos leais seguidores de Essex. Vi Henry Cuffe e vários outros que pareciam familiares. Devo tê-los visto de passagem pela corte, mas nenhum deles era talentoso o bastante para merecer uma nomeação.

Os cortesãos que haviam me acompanhado a Nonsuch estavam ansiosos para pressionar Essex e seus companheiros sobre os detalhes da campanha irlandesa, como se estivessem ouvindo as façanhas da Guerra de Troia.

Cecil, Knollys e Hunsdon ficaram de um mesmo lado da mesa, almoçando em silêncio e somente observando os intrusos com o canto dos olhos. O tom da conversa aumentou, meu relativo silêncio não chamou a atenção.

— Ah, que bênção é sentir o gosto da carne inglesa novamente! — disse Southampton. — O que eles chamam de cordeiro na Irlanda parecia mais botas do exército fervidas.

— O que eles chamam de pão era madeira de caixão velho!

— O que eles chamam de cerveja era urina de cavalo!

Eles riram às gargalhadas da própria sagacidade. A todo o tempo eu estava ouvindo o som de cavalos e o barulho dos passos no pátio, marcando a chegada do apoio vindo de Londres.

— Vocês encontraram Hugh O’Neill? — perguntou uma das minhas empregadas. — Como ele era? É bonito? Terrível?

Essex recostou-se, levantando o queixo como se precisasse pensar:

— Ele é como um velho animal de caça ostentando muitas cicatrizes. Peludo como um urso. Mas de fala doce, cheia daquele charme irlandês. Temível? Você não saberia somente de olhar para ele que ele matou tantos.

— Você gostaria que sua filha se casasse com ele? — a mulher perguntou rindo.

— Não, minha filha se casará com Roger, que está aqui — disse Essex, virando-se para Rutland. — Seremos cunhados!

— Sua enteada Elizabeth Sidney? — interrompi. — Ela não tem nem quinze anos. Por que, meu lorde, não me contou isso quando falamos sobre ela?

— É que... Os detalhes ainda não estão acertados, achei então muito cedo para fazer o anúncio.

— Muito cedo, de fato — eu disse. — Ela ainda é uma criança — fixei meu olhar em Rutland. — Se você acha que reparará suas dívidas ao se casar com a filha de um homem rico, você está perseguindo a presa errada. A filha de um devedor casada com um devedor nunca terá recursos necessários para viver.

Essex enrubesceu ao ter suas dificuldades financeiras expostas. Mas segurou a língua. O que mais ele poderia fazer? Tudo o que ele tinha provinha da minha generosidade e, se aquilo não era suficiente, ele tinha apenas a si mesmo para culpar.

— Alegria, alegria — disse Blount. — Qualquer pessoa que se casa por dinheiro, o ganha da maneira mais difícil.

— Qualquer pessoa que se casa por amor muito provavelmente vai querer trocar de lugar depois de um ano

— disse Bedford, rindo.

— O que diriam os poetas? — perguntou uma de minhas damas. — Você os interpreta mal subestimando o amor.

— Os poetas estão à venda assim como o resto de nós. Caso contrário, eles não venderiam seus livros nas livrarias da Catedral de São Paulo.

Depois de mais uma brincadeira fútil, finalmente a refeição terminou. Levantei-me e deixei o salão. Ao passar pela galeria, vi que os dois pátios ainda estavam vazios.

Retirei-me aos meus aposentos, como se fosse descansar depois do meio-dia. Mas lá dentro eu andava. Conforme cada hora se passava, tornava-se claro que Essex não tinha trazido seu exército consigo, nem mesmo parte dele. Ele havia bebido com seus companheiros à mesa e se deleitado com a atenção dos que ficaram em casa, os quais ele acreditava que o invejavam. Ele teve sua recompensa. Agora, eu já podia chamá-lo de volta e puxar sua orelha.

Ele veio logo, todo sorridente. Mas o momento de sorrisos havia acabado. Fiz perguntas difíceis e exigi respostas diretas. Por que ele havia acabado com a missão na Irlanda? Teria ele ido até lá sem a intenção de cumprir minhas ordens? Por que tinha obedecido as persuasões do conselho irlandês em vez das minhas? Por que ele havia desertado de seu posto, desobedecendo às minhas ordens expressas contra retornar e desrespeitado toda a autoridade?

Ele parecia atordoado e balbuciou algo sobre o temperamento doce de minha majestade estar tão mudado em relação a Robert.

— O Robert que conheci não existe mais — eu falei. — O Robert que jurava que me amava, como sua soberana e prima, nunca teria me traído dessa maneira. Agora responda às minhas acusações.

A cor explodiu em seu rosto, o vermelho foi tomando conta do branco.

— Serei sempre seu Robert — disse ele. — Mas não gosto que me trate dessa maneira.

— Goste de mim, não das suas preferências, explique-se ou sofra as consequências. Não é para você gostar ou não gostar do que faço. É privilégio da majestade fazer o que quer e você, de sofrer — eu tinha deixado de lado a doçura falsa e agora falava claramente sobre o desgosto que senti.

— Eu... não pensei em desobedecer, eu... as condições lá mudaram tudo! Tudo o que havíamos planejado, aqui na Inglaterra, foi diferente na realidade.

— Bah, como 16 mil soldados podem ser diferentes em solo irlandês do que quando em solo inglês? Você procura desculpas esfarrapadas, quando a razão para a falha reside em sua própria pessoa. Eu sabia que você não era o homem certo para essa tarefa, por todos os seus títulos, plumas e exibições pomposas. Knollys teria sido melhor. Mountjoy teria sido melhor. Qualquer um teria sido melhor!

— Qualquer um? — ele disse. — Qualquer um? — ele gritou. — Não permitirei tal insulto!

— Eu decido o que você permitirá ou não. Com o colapso do seu comando irlandês, você rendeu todo o poder sobre sua própria pessoa. Eu o dispensei, senhor. Você será chamado mais tarde, para responder a essas perguntas, pois, por Deus, você vai respondê-las!

A mão dele se contraiu, como se ele fosse me atacar. Mas ele se conteve uma vez mais. Em vez de me atacar, ele se aproximou e se inclinou com firmeza:

— Se minha rainha ordena, eu devo obedecer.

— Você aprendeu isso muito tarde para lhe ser útil.

Uma dor como uma bofetada ardente se espalhou do meu peito aos meus ombros e, em seguida, por todo o meu corpo. Em absoluta clareza, eu o vi como era: um homem sem nenhuma das qualidades que eu acreditava que ele tivesse, cujo barulho e beleza haviam sido convincentes por um tempo. Mas não mais. A porta se fechou e ele se foi. Não era só a campanha irlandesa que havia desmoronado.



**N**aquela noite, a pedido meu, três membros do Conselho Privado questionaram Essex por várias horas. Como resposta às perguntas deles, ele repetiu suas desculpas e autojustificativas. Eles não estavam convencidos e ficaram profundamente desconfiados dos seus motivos. Às onze horas daquela noite, eles enviaram uma recomendação a mim de que ele devia ser preso. Dei ordens para que ele fosse confinado em seu quarto. Enquanto isso, guardas e soldados haviam chegado de Londres.

Ao desejar a Catherine e Helena uma noite de descanso, eu sabia que o mesmo não aconteceria comigo. Entre meia-noite e a madrugada, toda a situação da minha corte tinha mudado, e de forma monstruosa. Fiquei com uma guerra inacabada, um exército sem liderança e um lugar vazio na mesa dos conselheiros.

Eu não poderia escapar do pensamento de que eu era em parte responsável pelo que Essex tinha se tornado. Ele era um homem de charme e talento descomunais. Isso me deixou deslumbrada. Como uma mãe boba, eu fazia carinho e olhava para o outro lado toda vez que ele me desobedecia. Qualquer punição que lhe dei foi leve e passageira, logo esquecida. E assim, como um cavalo teimoso, ele agora corria descontrolado.

O restante do Conselho Privado chegou na manhã seguinte, tendo cavalgado quase que a noite inteira. Depois de saber que Essex estava em prisão domiciliar e de analisar as anotações do primeiro interrogatório no dia anterior, eles ordenaram que ele fosse trazido para uma audiência formal.

No salão em que os caçadores estavam acostumados a contar suas façanhas sob as vigas de carvalho do teto alto, o conde de Essex foi trazido, com a cabeça descoberta diante de todos os colegas de outrora no Conselho Privado. Ele foi obrigado a responder a seis acusações:

Primeira, que havia desdenhosamente desobedecido às ordens da rainha que expressamente proibiam seu retorno à Inglaterra.

Segunda, que muitos de seus relatos da Irlanda eram presunçosos.

Terceira, que uma vez ele na Irlanda, ele violou as instruções para a missão e substituiu outros a seu próprio gosto.

Quarta, que sua saída repentina da Irlanda foi irresponsável e perigosa à luz da situação lá.

Quinta, que ele tinha quebrado todos os protocolos ao violar a privacidade de Sua Majestade.

Sexta, que ele havia abusado de seus privilégios de nomeações de cavaleiros na Irlanda, conferindo-as a homens indignos.

A audiência durou cinco horas. Levou apenas quinze minutos para que eles chegassem a uma conclusão, que eles gravaram e enviaram para mim.

O conde de Essex tinha transgredido no total seis acusações. Suas explicações não foram satisfatórias. Todos eles aguardavam meu veredito.

O dia seguinte era domingo. O arcebispo Whitgift realizou a oração da manhã na capela e eu estava contente por estar lá. Após o culto, almocei tranquilamente em meus aposentos e pedi à Catherine e à Helena que viessem caminhar comigo.



Deixamos o palácio e atravessamos o pátio interno, com seus reluzentes painéis de ouro sobre o estuque branco marfim e a enorme estátua de meu pai e meu irmão cuidando de tudo.

*O que vocês fariam?*, perguntei a eles. *Pai, você teria deixado Essex chegar a tal ponto? Eduardo, agradeça por não ter vivido para detectar a traição que o cercava.*

Era um dia perfeito de outono, o tipo de dia para o qual Nonsuch havia sido construído para celebrarmos. Redemoinhos de folhas douradas caíam, nos rodeando. Algumas caíam nos cortes das plantas como medalhas de honra, amarelas contra os uniformes verdes. Depois do jardim, caminhamos em direção ao bosque de Diana, suas trilhas arborizadas se abrindo diante de nós. Lá ficava ela, delicada e branca contra a folhagem, as águas que derramavam de seu banho, molhando seus pés. As mãos cruzadas para se proteger dos olhos do infeliz Acteão. Ele a tinha atacado em sua nudez, e por isso ele devia morrer.

— Uma adorável obra de arte — Marjorie disse uma vez, quando olhamos para ele juntas. — Mas a história sempre me revolta. O homem a viu nua. Ele não queria. Por que ele deveria ser morto por isso? — na época, sua pergunta pareceu sensata. Mas agora eu sabia o motivo.

Por que os mortais não devem observar o divino? Porque um homem invadindo a privacidade do banho de uma mulher é agredi-la mesmo que não seja sua intenção?

Os olhos da estátua de Acteão estavam aterrorizados e desorientados. Ele mal podia compreender a transgressão. Os olhos de Essex, quando irromperam no meu quarto, não tinham essa incerteza. Ele agiu como se pertencesse ao lugar. Aquela era a sua grande culpa e desfaçatez.

Sei que haveria comentários, as pessoas dizendo que eu o puni em um ato de vaidade, que ele me viu sem meus trajes reais, na minha forma humana e frágil, que meu orgulho não poderia permitir aquilo.

Não era verdade. Mas como eles saberiam disso? É preciso ser uma rainha ou uma deusa para entender. *Havia*

diferenças entre nós e as pessoas comuns. Olhei nos olhos de Diana, olhos que pareciam sem coração quando os observei há três anos. Mas agora pareciam abranger tanto a tristeza quanto a raiva, não a crueldade. Eles traíram o conhecimento terrível dos deuses dos quais estão sempre separados.

*Diana, agora eu entendo, pensei. Mas, diferentemente de você, não condenarei um homem nem mesmo por tal quebra chocante de conduta.* Eu disse a Essex que ele poderia insultar minha pessoa, mas não minha posição. Meu cetro e minha coroa permaneciam intocados e inviolados. Deve ser por isso que ele deve ser punido, não por me ver no banho.

No nosso caminho de volta, vi Francis Bacon andando entre as plantas em forma de animais, inspecionando-as. Ele olhou para cima quando nos viu e curvou-se.

— Vim para pedir-lhe permissão para falar com o conde de Essex, mas disseram-me que a senhora havia saído. Enquanto isso, me distraí olhando para esses bonecos.

— Tenho certeza de que você tem uma opinião sobre eles — eu disse. — Pois você tem uma opinião sobre tudo.

— É claro — disse ele. — A senhora a encontrará no meu ensaio sobre jardinagem.

— Isso é uma manobra para vender os seus livros? — brincou Helena.

— De fato, *lady* Northampton, eu ficaria encantado de poder dar-lhe uma cópia.

— Aprecio sua generosidade, senhor — ela disse. — Incomum para um autor.

— Sobre o que você quer permissão para falar com Essex? — perguntei.

— Ouvi a notícia de sua chegada prematura — disse ele. — Embora eu não faça parte do Conselho Privado... — por um instante seus olhos se demoraram e ele hesitou, para dar ênfase. — Caminho juntamente com eles. Costumava

dar conselhos a Essex. Gostaria de fazer o mesmo agora, neste momento de necessidade.

— Não faria muito diferença. Ele não está ouvindo conselhos, se é que algum dia ouviu.

— Permita-me visitá-lo como amigo, então para fazer-lhe uma visita de condolências.

— Insisto que testemunhas devem estar presentes. Se aquele tolo tivesse feito o mesmo quando conversou com O'Neill, metade de seus problemas não existiria.

— É claro. Não estou planejando ajudá-lo a fugir.

— Se ele tentar escapar, sua punição será pior. Seus dias de escapadas felizes acabaram.

— Soa como se tudo já tivesse acabado para ele, Majestade.

— Ainda não decidi nada. O Conselho Privado deliberou e recomendou que ele seja preso. Hoje é um dia de descanso e não vou tomar decisões. Vá até ele. Dê-lhe algum ânimo, se você puder.

Ele se curvou novamente e agradeceu:

— Obrigado.

— É muito bom ter amigos como você — eu disse. — Ele é um homem de sorte.

Depois que ele saiu, Helena falou:

— Ele foi modesto sobre o corte das plantas.

— Pelo que me lembro em seu ensaio, ele não gosta delas — eu disse — Ele diz que são para crianças.

— E deve ser por isso que são tão populares na afirmou — disse Catherine.

Enquanto atravessávamos o pátio, John Harington saiu por uma porta. Ele parou de repente e fez uma cena para nos saudar.

— Não acredito, aquele tolo trouxe você também? — eu gritei. — Direto da Irlanda? — Harington havia seguido Essex até a Irlanda e tinha sido nomeado cavaleiro por ele. Agora, aparentemente, ele o havia seguido até em casa. Ficou de joelhos e baixou a cabeça. Peguei-o pelo cinto e disse:

— Pelo filho de Deus, meu afilhado, não sou nenhuma rainha. Aquele *homem* está acima de mim!

— Não, não, Vossa Majestade. Não é nada disso.

— Pelo filho de Deus novamente, vocês soldados estavam todos ociosos, patifes inúteis, e Essex era o pior de todos por desperdiçar seu tempo e nosso exército de tal forma.

— Havia tantas dificuldades, problemas únicos na Irlanda...

— A mesma balela que todos repetem em uníssono, então?

Ele levantou a cabeça.

— Não, não me julgue por ele. Eu fiz um diário sobre minha parte na campanha e não foi de todo em vão.

— Entregue-me esse diário, então. Deixe-me ler.

— Está em casa, não aqui.

— Então vá até sua casa e espere ser chamado.

Ele se levantou:

— Não precisa dizer duas vezes, Majestade — ele disse. — Acredite.

Ele correu para longe tão rapidamente que Catherine e Helena explodiram em gargalhadas.

— Ele corre como se os irlandeses o estivessem perseguindo — disse Catherine.

Devo dar o meu veredito amanhã de manhã. Tem que ser um veredito sábio, não ditado por vingança pessoal ou desejo de punição. Devo separá-lo do resto do mundo, aquele teatro foi sua ruína. Separar, mas não privá-lo da vida. Talvez o descanso forçado lhe trouxesse a sanidade de volta. Nas profundezas do coração eu não tinha perdido as esperanças de que ele poderia ser recuperado.

Na manhã seguinte, bem cedo, convoquei o Conselho Privado. Eles estavam atentos, parecendo nervosos.

— Chegamos a uma decisão sobre o conde de Essex — eu disse. — Isso os surpreende? Temos sido acusados de

indecisão e de nos recusarmos a tomar decisões, mas questões difíceis requerem reflexão e não gostamos de medidas irrevogáveis. Portanto, é nosso prazer que o conde de Essex seja encaminhado para York House, lá será mantido em prisão domiciliar com a supervisão de Thomas Egerton, o lorde Guardião do Grande Selo. Ele não voltará para a Essex House. A ele serão permitido dois servos. Ele não pode andar na rua, nem mesmo nos jardins, e não serão permitidos visitantes.

Todos se viraram para Egerton. Ele passou as mãos no cabelo, como se aquilo fosse esclarecer suas dúvidas.

— Como Vossa Majestade quiser — ele disse. Os outros olharam com pena para ele.

— Um dos condes da corte, o conde de Worcester, tem uma carruagem pronta. Ele pode emprestá-la para transportarmos Essex para Londres. Queremos que as sombras e que Essex sejam mantidos fora de vista. Vocês — fiz sinal para Buckurst, o almirante e Cecil — cavalgarão logo atrás e, na chegada, escoltarão Essex até seus novos aposentos e o instalarão.

— E a esposa dele, os filhos e a mãe? — perguntou Cobham.

— Nomeamos lorde Hunsdon para contar-lhes sobre a acusação, o que foi descoberto e a nossa decisão.

— Mas eles não podem vê-lo nem ao menos uma vez? Eles não o viram desde que foi para a Irlanda — disse seu tio Knollys.

— Essa foi a decisão dele. Ele tem que aprender que as ações têm consequências. Se o mimarmos agora, ele não aprenderá nenhuma lição com isso.

Qualquer outro homem teria tido certamente o direito de ver sua família, mas Essex interpretaria de forma errada.

— Levem-no, meus senhores. Levem-no para longe.

LETTICE  
Outubro de 1599



**Q**ue batidas são essas? — gritei. Temi como se fosse uma intimação do inferno. Batidas nunca era bem vistas. Sempre significavam uma emergência. — Abram a porta! — gritei escada abaixo. Desde que meu filho estava ausente, os empregados tornaram-se relaxados e impertinentes.

Uma das empregadas de Frances correu para a porta. Onde estavam os empregados homens? Lamentável! Ela puxou a porta e eu vi um homem muito bem-vestido ali parado. Achei melhor descer.

Imediatamente o reconheci. Era George Carey, lorde Hunsdon, primo da rainha e meu primo também. Era assunto de Estado.

— Primo — eu disse. — Seja bem-vindo. Por favor, entre.

Ele passou pelo batente da porta e tirou o chapéu.

— Obrigado — ele disse.

Não consegui me conter e não podia esperar.

— Meu filho! — gritei. — Ele está bem? Ele está vivo? — Não recebia notícias fazia semanas.

Carey sorriu timidamente.

— Ele está seguro. Não precisa ter medo.

— Irlanda... os perigos estão por toda parte. Ah, graças a Deus, ele está seguro!

— Ele não está mais na Irlanda — disse Carey. — Ele já voltou para a Inglaterra.

Levei alguns segundos para absorver aquelas palavras.

— Na Inglaterra? Mas onde? E por quê?

— Quanto a onde, ele desembarcou e correu diretamente para a rainha em Nonsuch. Quanto ao por quê... Essa é a grande questão. Tão grande que o fez preso e neste momento está sendo instalado na York House com a supervisão do lorde Guardião, Thomas Egerton.

— Ah, temos que ir vê-lo!

— Madame, a senhora não pode. É isso que estou encarregado de lhe dizer. A prisão dele é restrita. Ele não pode sair e não pode receber visitantes.

— Nada de visitantes?

— Nada.

— Mas a mulher dele! A filha recém-nascida!

— Ninguém, minha senhora.

Cobri minha boca com a mão.

— Mas por quê?

— Ele abandonou o posto na Irlanda abruptamente, em desobediência direta à ordem de não retornar, e foi até a rainha em pessoa. Ele tinha arquitetado um plano em sua mente no qual a rainha tinha sido iludida por conselheiros falsos, homens como eu, minha senhora, e ele precisava contar isso em pessoa. Ele contou com o seu charme e desespero — ele parou e tossiu discretamente. — Mas Sua Majestade valoriza muito a obediência e ele tinha abandonado seu posto num momento delicado, tornando tudo uma confusão. Devo acrescentar ainda que ele conduziu uma conferência não autorizada com o inimigo e, até mesmo na interpretação mais caridosa, tinha rendido os interesses ingleses a ele.

— Ah, Deus! — foi tudo o que consegui dizer. Estava tudo perdido.

— Ele será bem tratado — disse Hunsdon. — Egerton é um carcereiro muito reservado.

— E meu marido? — foi tudo que consegui perguntar.

— Ele voltou junto com lorde Essex. Não está preso, logo estará em casa. Não há restrições sobre ele ou sua liberdade.

— Sua Majestade é graciosa — falei, tentando não parecer sarcástica.

— Muito mais do que imagina — ele disse. — O pai dela teria mandado prender e executar todos.

Depois que ele saiu, deixei-me jogar na poltrona. Minha cabeça girava. Robert tinha arriscado tudo ao lançar os dados e perdido. Christopher estava a salvo. O que tinha acontecido na Irlanda?

Tenho que contar a Frances. Ela esperava por todas as notícias, ansiosa para ouvir as façanhas de seu marido. O parto foi difícil e até agora não havia se recuperado completamente. Sua filhinha Frances, o mesmo nome, chorava dia e noite, não parava. Ela estava ansiosa para mostrá-la ao pai, como se ele pudesse fazer alguma magia para acalmá-la. “Pobre bebê”, ela dizia, “se seu pai pudesse ao menos segurá-la, você não choraria mais.”

Ela geralmente ficava em seus aposentos, não tendo forças para se aventurar fora dali, mesmo com o clima ameno. Bati de leve e ela disse:

— Por favor, entre.

Entrei em seus aposentos e a vi sentada ali, lindamente vestida. Ela estava balançando o berço aos seus pés, um berço muito bem esculpido que já tinha embalado seus outros dois filhos.

— Mãe Devereux — ela disse, sorrindo. — Veja como ela chuta hoje. Ela não chorava desde a noite passada.

Zelosamente abaixei-me e olhei para o rostinho dela, emoldurado pelos cabelos escuros.

— Ah, que bom — eu disse. Então me endireitei e olhei para ela: — Venho com notícias surpreendentes e



inquietantes. Robert está aqui na Inglaterra. Ele deixou o comando na Irlanda e veio até aqui para ver a rainha. Infelizmente, ela o prendeu e o deixou sob a guarda do lorde Guardiã. Ele está na York House, mas não pode receber visitas. Não podemos vê-lo.

O rosto dela demonstrava uma expressão confusa:

— Por quanto tempo? — ela perguntou.

— Não sei. Por tempo indefinido. Lorde Hunsdon veio até aqui nos contar.

— Mas tenho que vê-lo! — ela gritou.

— A rainha está inflexível. Nada de visitantes. Nem mesmo caminhar lá fora.

— Isso não é saudável! Como pode ser negado ar fresco a ele?

— Suponho que ela dirá que ele pode abrir as janelas.

Frances despençou.

— Não o vejo desde março. Sou a esposa dele!

— A rainha está bem ciente disso — respirei fundo. — Ele mencionou em alguma das cartas que estava pensando em voltar?

— Não! Ele escreve mais cartas para você e para a rainha do que para mim!

— Aparentemente ninguém sabia — ele agiu em um de seus impulsos repentinos, então. Ele era propenso a isso, mas nesse caso, foi muito irresponsável!

— Várias pessoas voltaram com ele — eu disse. — Ela libertou todos eles. Christopher poderá vir para casa.

— Que sorte você tem em ser casada com um homem de posto menor, então — ela falou.

Então, a dócil nora sabia ser pungente também.

— Essa é uma das compensações — eu disse. — Mas, como mãe do nobre homem em desgraça, compartilho com você toda a preocupação.

Deixei-a, tentando organizar meus pensamentos. Logo, Christopher viria e certamente poderia me dizer o que tinha acontecido. Eu tinha ouvido falar pouco dele desde que tinha ido para a Irlanda, ele não era do tipo que escrevia

cartas. Eu sabia que as coisas tinham ido mal, mas, de forma egoísta, estava preocupada apenas com a segurança de Christopher e Robert. A cada vez que um relatório chegava, eu me preparava para más notícias. À medida que as semanas se passaram e os nomes da lista de mortos eram outros, eu agradecia a Deus. Então, pedi que me perdoasse. Tinha medo de que ele fosse me punir por meu egoísmo e os matasse por vingança.

Ao menos, eles estavam fora da Irlanda, pensei. Não importava o que acontecesse aqui, eles estavam seguros. Melhor estar em desgraça e ainda respirar do que perecer honradamente no campo de batalha. Pouco nobre de mim, mas pode uma mãe se dar ao luxo de ser nobre à custa de seu filho?

Estaria ele doente? Ele tinha ficado doente com tanta frequência, derrubado por sua estrutura. Talvez ele tenha se desesperado e pensou que sua única esperança de cura era sair do pântano. Sentei-me diante da lareira, jogando mais lenha no fogo, vendo as faíscas irromperem. Eu estava gelada, não por causa do tempo, mas por causa do medo.

Fiquei sentada ali por volta de uma hora. Ouvi então um barulho na porta, alguém estava chegando. Christopher? Levantei-me e olhei para o corredor para ver aquela cabeça familiar.

— Christopher! — gritei. — Christopher! — Desci as escadas correndo.

Ele parecia diferente. Mais magro e bronzeado. Colocou suas coisas no chão e pareceu cansado.

— Minha esposa, estou de volta em segurança — disse ele. Abracei-o, apoiando meu rosto contra seu casaco sujo e esfarrapado. Estava novo e brilhante, cheio de bordados, quando ele saiu daqui. Ele segurou meu queixo, ergueu meu rosto em direção ao seu e beijou-me. Seus lábios estavam rachados e ásperos.

— E graças a Deus por isso — eu disse. Ele havia escapado da Irlanda, escapado da morte com a qual aquela terra engolia quem ousasse passar algum tempo lá.

— Você sabe sobre Robert? — perguntou.

— Hunsdon veio aqui me contar. Ele está confinado na York House? E não pode receber visitas?

— Isso mesmo.

— Mas por quê?

— Deixe-me sentar. Minha perna está me incomodando. Foi esmagada por um cavalo que caiu sobre ela. Não está quebrada, mas não é mais a mesma. Que tal uma cerveja? Vinho? Na verdade, pode ser qualquer coisa.

— Claro, claro — deixei-o sentado numa cadeira confortável diante do fogo e ordenei que fossem trazidas algumas bebidas, junto com pão, peras e nozes. Ele tomou um longo gole de cerveja e se recostou na cadeira.

— Eu lhe contarei o mais rápido possível — ele disse, tomando outro gole. — Robert não recebeu nada da rainha, além de críticas e repreensão. Não importa o que ele tenha feito, ela fez a pior interpretação sobre ele. Ele estava convencido de que seus inimigos aqui estavam usando todas as oportunidades para colocar a rainha contra ele. O tom severo dela disse a ele que ele tinha conseguido. Ele sentiu que tinha de vir em pessoa, surpreendê-la antes de Cecil e dos demais saberem que ele estava aqui, e contar a ela o seu lado da história — ele encheu novamente a taça. — Achei que era tolice, ele deveria ter levado todo o exército com ele.

— Christopher, não! Pense no que poderia parecer!

— Ele era muito cauteloso para isso. Como você, ele pensou que pareceria ruim. Argumentei que não importava o que pareceria, pelo menos, dessa forma, ele não poderia ser feito prisioneiro. Bem, agora, foi o que aconteceu.

— Mas por quê?

— Porque ele foi imprudente o bastante para vir para a Inglaterra, sem a permissão da rainha, com apenas um pequeno contingente de homens, não suficiente para protegê-lo. A rainha o enganou, o fez pensar que ela o receberia bem, sendo que, no entanto, ela estava apenas se certificando de que ele não tinha o exército com ele. Assim

que ela teve certeza, mandou prendê-lo. Houve até uma tentativa simulada de julgamento perante o Conselho Privado que o condenou por desobediência e algumas outras coisas — disse, limpando a boca. — A rainha é ardilosa. Levou todos nós para jantar e, ao vê-la à mesa, você nunca saberia que ela não estava muito contente com o fato de seu querido Robert ter retornado. E então, pá! Ele estava trancado em seu quarto para esperar a vontade da rainha.

Lembrei-me dos olhos frios dela quando me devolveu o colar Bolena. Um dia ela havia gostado de mim, mas sua mudança era absoluta. Como eu poderia me esquecer do que ela era capaz?

— Por que ela deixou você ir embora?

— Ele era o peixe que ela queria. O restante de nós não contava. Jogou os peixinhos de volta na água. E assim, aqui estou eu, nadei de volta. Ou melhor, cavalguei de volta.

— O que faremos agora?

— Esperaremos, apenas esperamos.

Duas semanas se passaram. Londres não falava de outra coisa senão da prisão de Essex. Enxames de pessoas se reuniam às nossas portas e muitos mais em frente a York House. Músicas celebrando a bravura e cavalaria de Essex eram cantadas em tavernas e do lado de fora de sua prisão. Insultos contra Cecil foram pintados em paredes, chamando-o de toupeira, canalha e camundongo. As pessoas cochichavam contra a rainha, embora não se atrevessem a fazê-lo tão abertamente. Frances se vestia com roupas de luto e pedia à rainha permissão para visitar seu marido. Ela foi mandada embora, por isso, foi então para seu lugar diante do pátio da York House e ficou lá desamparada, atraindo muita atenção, até que a rainha ordenou que fosse tirada dali. Fiquei impressionada com a ousadia dela e a aplaudi muito.

Southampton, livre para perambular, mudou-se para a Essex House a convite de Robert. Ele, sua esposa, Elizabeth

Vernon, Penélope e Rutland iam ao teatro e passavam seus dias na ociosidade, vendo uma peça nova quase todos os dias. Ninguém foi punido, nem cerceado, por aquele retorno imprudente da Irlanda, exceto Robert.

Em raras ocasiões, jantávamos todos juntos, eu não conseguia parar de olhar para Southampton e pensar que já havia me envolvido com ele. Aquilo aconteceu mesmo? Não conseguia nem mesmo imaginar agora. Ele parecia uma criança rindo e brincando enquanto meu filho adoecia na prisão. Rutland não era melhor. Que gente lamentável se arrasta pela corte nos dias de hoje. Não é de admirar que Robert Cecil não tivesse rivais.

— O que faremos hoje à tarde? — minha própria filha Penélope, que os acompanhava na ociosidade, perguntou antes de o almoço ter terminado. Seu amante, lorde Mountjoy, num gesto louvável, estava assistindo aos negócios do Estado e raramente vinha com eles.

— Há algo novo em Swan — disse Southampton. — Mas creio que sairá de lá em duas semanas.

— Ah — disse Rutland. — É uma comédia também. Não suportarei outra comédia com servos inteligentes e patrões gordos. Não!

— *Cada Homem com seu humor*, de Jonson, dizem ser divertida — disse Elizabeth.

— Eu vi. E não me importaria de ver novamente — falou Rutland.

Todos se viraram com olhares acusadores para ele.

— Quando? Você foi sem nós?

— Vocês estavam passeando — disse Rutland.

Crianças: passeios, peças e diversões. Eu estava brava com todos eles, como se fosse culpa deles que Robert estivesse nessa desgraça.

— Essex! Essex! — vozes hesitantes vindas de fora chegaram até aqui dentro. Levantei-me e vi um grupo de pelo menos vinte pessoas, retidas pelos portões de ferro, gritando no pátio. — A bravura o cobre! A inveja o derrubou! Libertem-no! Libertem-no!

— Ele não está aqui! Levem seus gritos para a York House!  
— Frances inclinou-se para fora da janela para responder a eles: — Gritem em Whitehall! — Frances — eu disse. — Sente-se. Não grite tais coisas em público.

Ela virou-se para mim e falou:

— Esta é a minha casa e eu grito o que quiser. E que isso chegue aos ouvidos da rainha!

— Não há nada que não chegue aos ouvidos da rainha — sussurrei. — E você acha que isso — fiz um sinal para a multidão que fazia barulho lá fora — está ajudando a causa de Robert?

— Causa? A causa dele deveria ser a justiça! — ela disse.

— A justiça é uma prostituta — disse Southamphthon. — Se vende para o melhor comprador.

Aí então me lembrei do que gostava nele. Tão jovem e tão experiente.

Outubro virou novembro. As multidões aumentavam em frente aos portões e logo membros da minha família convidavam alguns para o pátio e se misturavam com eles. Christopher raramente perdia a oportunidade de descer e falar com eles. Desde sua volta da Irlanda ele parecia ter mudado, de vez em quando me deparava com ele na capela, sentado imóvel e olhando para o altar.

Eu sabia que ele tinha inclinações católicas, devido à sua educação, mas ele sempre pareceu alegremente indiferente à religião. Teria a exposição ao catolicismo irlandês o convertido? Os santuários à beira do caminho, as cruzes celtas, as lendas sobre santos, cobras e outras coisas eram considerados sedutores. Não há ninguém mais vulnerável à sedução da religião do que uma pessoa descompromissada, supondo que ele não seja completamente hostil a isso. Christopher nunca se importou o suficiente para ser hostil. Eu esperava que minhas suspeitas estivessem erradas. Aquela não era a hora de virar católico. Já tínhamos problemas o suficiente.

Multidões cada vez maiores se reuniam em frente à York House. Egerton, angustiado com seu papel de carcereiro, tentava dispersá-los. Mas todas as suas advertências não tinham efeito. Quando os guardas saíam, a multidão se dispersava, mas poucas horas depois eles voltavam, como formigas a uma fonte de mel.

De repente, Elizabeth Vernon e Penélope anunciaram que não aguentavam mais a comoção em torno da casa e foram para o interior. Depois que elas se foram, os homens se sentiram livres para entrar em todas as tavernas, fazer o que quisessem e beber até cair. Frances, a filha dela, Elizabeth, e eu permanecemos sóbrias e continuamos assistindo a tudo aqui, enquanto Christopher passava mais tempo no pátio com a multidão que clamava.

Logo a notícia veio: a rainha anunciou que o tribunal da Câmara Estrelada emitiria um pronunciamento público sobre os erros de Robert.

— Ela está tentando se defender — disse Christopher. — Se ouvimos os murmúrios e acusações nas ruas, ela também ouve. Ela não pode descansar até que a questão esteja resolvida.

— Isso nunca se resolverá de alguma forma que a prejudique — eu falei. — Robert me disse uma vez que ela joga com dados viciados, então nunca perde.

— É conversa de Robert. Tolice dele não perceber que se você é a rainha não precisa de dados viciados.

Conforme o dia da audiência se aproximava, percebi que, de súbito, Southampton vinha limitando suas orgias e se acotovelando com Christopher e Charles Blount, lorde Mountjoy, em minha casa. Perguntei a Christopher várias vezes com o que estavam se preocupando e ele dava sempre respostas evasivas. Eu não suportava ser excluída de coisas assim.

Que eles estavam tramando alguma coisa era óbvio. O que eles estavam tramando não era tão óbvio. É claro que era do meu próprio interesse ignorar o que quer que fosse,

assim então eu seria inocente de qualquer acusação de conluio. Mas a sensação de inutilidade, de não ser importante o suficiente a ninguém para ser consultada, era dolorosa.

Se eu tivesse planejado isso, não poderia ter vindo às salas vazias de Southampton em melhor hora. Mas eu não tinha planejado, tinha vindo apenas para entregar um convite para um jantar na casa do conde de Bedford ali próxima. Coloquei o convite na escrivaninha, e, assim que deixei o convite ali, o inconfundível selo real de Jaime VI da Escócia brilhou para mim, afixado a uma carta.

Antes mesmo de tocá-lo já sabia que era traição. Queria manter a minha ignorância e minha inocência técnica? Não, eu fui amante daquele agregado e precisava saber o que se passava aqui. Antes que pudesse ler, entretanto, vi debaixo dela um rascunho da carta que deveria ser uma resposta. Rapidamente peguei e li.

Lorde Mountjoy continuava uma correspondência com o rei escocês que Robert tinha aparentemente começado. Ele garantiu a Jaime que Robert apoiava inteiramente a sua sucessão após Elizabeth e não tinha projetos ao trono para si mesmo. Mas ele “sugeriu” que Jaime devia trazer forças escocesas ao sul para resgatar Robert de sua injusta prisão.

Ah, os santos que nos protejam! Se Elizabeth ficasse sabendo disso...! Como ele poderia ser tão audaz e se comprometer escrevendo isso?

Troquei as cartas e vi que Jaime, sabiamente, se recusou a se comprometer e até mesmo a nomear o que recusava.

Havia ainda mais papéis sobre a mesa. Desesperada de apreensão e medo, peguei um por um e li todos. Eles listavam possíveis ações abertas a Robert. A primeira era que ele devia escapar de Egerton e fugir para a França, onde o rei Henrique IV seria forçado a acolhê-lo. A segunda era que ele deveria levantar forças galesas fiéis ao nome Devereux e fomentar uma rebelião. A terceira era que ele deveria engendrar uma tomada da corte e manter a rainha



refém até que ela concordasse em se afastar de maus conselheiros como Cecil, Howard e Cobham.

Mountjoy estava facilitando tudo aquilo! Mountjoy, que tinha a confiança da rainha! Será que Penélope sabe disso? Ela deve saber. Eles estavam todos juntos nisso. As diversões e bebedeiras deles na taverna eram apenas encenações, e eu não tinha conseguido perceber. A minha Essex House era um centro de trama e subversão.

Seríamos todos pegos, na melhor das hipóteses, ou aprisionados e executados na pior das hipóteses. Christopher havia se juntado a eles, meu próprio marido fazia parte da trama.

Outra carta num envelope. Descaradamente, tirei-a de dentro. Se eles tinham o direito de pôr em perigo a minha vida e a minha casa, ler suas cartas privadas era certamente um direito meu. Era de Robert, obviamente trazida sorrateiramente da York House. Ele dizia que rejeitava a ideia de ir para a França, porque ele não podia suportar viver a vida de um fugitivo. Mas não repudiava as outras duas sugestões. No que ele estava pensando? Ele realmente queria tentar uma delas?

Mais cartas. Estas estavam em uma pilha e eram curtas, consistindo de um ou dois parágrafos. Robert lamentava sua saúde ruim. Ele estava sofrendo do que chamava de “ressaca irlandesa”. Estava para morrer. Mas, se não morresse, queria se retirar para o campo. Evidentemente, ele havia escrito à rainha solicitando tal liberação. Ela deve ter ignorado ou recusado.

As outras eram longos apelos para Southampton arrepende-se e levar uma boa vida, abandonando o pecado. Eles teriam deixado John Knox orgulhoso. Ele disse a Southampton que eles deviam honrar o sábado. Que deveriam passar todo o seu tempo em oração. Ele até mesmo escreveu a seu companheiro de oração de outrora “Repita comigo: ‘Não há paz para os maus e ímpios. Farei uma aliança com a minha alma’”.

Estaria ele em seu juízo? A tensão o teria enlouquecido? Ou estaria ele tão doente que já não tinha mais forças para perseverar? Os amigos dele ainda tinham energia e inteligência suficientes, parecia-me, para nos colocar em perigo. Ah, se ao menos eu pudesse ir até ele, vê-lo! Mas eu sabia que era melhor nem perguntar à rainha. Se ela não permitiria nem sua que esposa o visse, ela certamente não permitiria que eu fosse. Apenas lembrá-la da minha existência agora endureceria ainda mais o seu coração contra Robert.

Naquela noite, assim que nos aprontamos para ir para a cama, olhei para Christopher, cansado, tirando as botas. Pelo menos, ele estava em casa naquela noite, num horário decente. Tentei fazer-me o mais sedutora possível, usando uma camisola que era mais bonita do que confortável. Não usei a touca de dormir e escovei meus cabelos. Até usei um pouco de perfume de violeta no meu pescoço, algo que não fazia havia muito tempo. Em vez de ir para a cama da maneira habitual, deslizei para ela. Christopher pareceu não notar, jogou as cobertas para trás e desabou. Isso ia dar trabalho. Já tinha quase esquecido como.

Avancei até ele e apoiei-me sobre os cotovelos, olhando para ele. Seus olhos já estavam fechados, ele não ia olhar para mim. Inclinei-me e beijei-o, ele abriu os olhos, surpreso.

— Senti sua falta, Christopher — eu disse.

— É, fiquei longe quase meio ano — ele admitiu.

— Sinto sua falta desde que *retornou* — eu disse.

— Tenho andado preocupado, eu sei — ele suspirou. — A vida não está normal. Estamos todos preocupados com Robert. Enquanto ele estiver aprisionado, somos prisioneiros com ele.

— Ele não iria querer isso — eu disse, repetindo a frase que as pessoas dizem quando alguém morre.

— Não consigo evitar. É difícil deitar-me aqui, quente e seguro ao seu lado, quando ele não pode nem mesmo

receber o conforto da esposa dele.

Como eu poderia fazê-lo confiar em mim?

— Você acha que algo pode ser feito para mudar essa situação? — perguntei. Passei meu braço em torno dele.

— De que maneira?

— Que alguém, ou alguma coisa, poderia persuadir a rainha a ver as coisas de uma perspectiva diferente? — Eu estava tão próxima dele agora que poderia quase sussurrar em seu ouvido.

— Somente se Cecil parasse de bloquear a atenção dela — ele resmungou. Ainda assim ele não fez nenhum gesto para me beijar.

— Não há nada que você ou eu, ou qualquer um possa fazer com relação a isso — eu disse, incitando-o a seguir esse pensamento.

— Não estou certo.

Esperei que ele desenvolvesse o pensamento, mas nada.

De repente, fiquei zangada com a sua indiferença e resolvi parar com tudo, só para provar algo para mim mesma. Mas não devo mostrar minha raiva, não, devo ser suave e sedutora. Certamente, devo lembrar como! Comecei a acariciar seu rosto e beijar seus lábios em uma torrente de beijinhos rápidos e provocantes. Lentamente, muito lentamente, ele começou a prestar atenção em mim. Era como despertar um urso de seu covil. Tanto trabalho, mas valeu a pena. Eu ainda sabia como fazer, sabia como agir. Mas falhei ao atingir meu objetivo, o de que ele me confidenciasse coisas.



**E**s sinos dobravam novamente, como faziam para marcar cada Dia de Ascensão. A cidade de Londres tocava com eles, repiques estrondosos da Catedral de São Clemente Danes, outros mais estridente da Catedral de Santa Helena, os tranquilos da Catedral Lambeth, os tristes da Abadia de Westminster. Eles se misturavam como um coro de vozes que vai desde os mais agudos graus de pureza da garganta de um menino até os mais baixos e retumbantes do peito de um homem. Elizabeth, Elizabeth, Elizabeth, eles anunciavam. Rainha, rainha, rainha...

— Há quarenta e um anos a megera está no trono — disse Southampton, limpando as unhas enquanto aquele som entrava incansavelmente na sala.

— Psiu! Nada de conversa. Alguém poderá contar — disse Christopher. E, como que para provar seu ponto de vista, houve um ruído nas cortinas e, em seguida, um funcionário entrou com cerveja, curvando-se e fingindo ser surdo.

— Eu nem tinha nascido quando ela subiu ao trono — disse Southampton. — Não me lembro de um momento sequer em que ela não fosse rainha. É algo como Deus. Sempre lá, observando tudo. Recompensando algumas vezes, punindo em outras.

— Christopher pediu para você parasse com isso — eu disse. — Se você não consegue se lembrar, eu me lembro. Posso dizer-lhe que o que ela substituiu era tão terrível que até uma criança estava ciente disso. Preferimos pensar que a Inglaterra passou diretamente das mãos do rei Henrique às de Elizabeth, mas, na verdade, tivemos que suportar o governo de uma criança e depois o governo de uma velha amarga. Nenhuma das duas era capaz de liderar o país. Eu lhe digo que, quando a notícia de que Maria Tudor estava morta chegou e que Elizabeth era rainha, nos alegramos como um homem ao sair da prisão.

— E agora ela *nos* mantém na prisão.

— Se você está na prisão é porque você quer estar lá. Você insulta Robert, que realmente está na prisão.

— Estou na prisão juntamente com ele, em apoio.

Olhei ao redor, ao longo da mesa finamente polida com seus castiçais de prata, e para a tapeçaria sobre a qual meu braço descuidadamente descansava.

— Uma prisão da qual você pode sair a qualquer momento que quiser — eu disse.

Robert, ouvi dizer, está tão doente que não consegue se levantar nem mesmo para que sua roupa de cama seja trocada e tem que ser removido em um apoio dos lençóis. Dizem que é a tal ressaca irlandesa. Mas eu suspeito que foi o orgulho ferido que o deixou debilitado. Ele havia sido convocado a comparecer à audiência na Câmara Estrelada, mas respondeu que estava muito doente para comparecer.

O lorde Guardiã, por tradição, fez um discurso para os membros da Câmara Estrelada no final do prazo legal e o pronunciamento sobre Robert estava atrelado a ele. O fato de a trégua ter expirado na Irlanda e de que O'Neill tinha se rearmado fez o governo ficar ainda mais hostil em relação a Robert. A sessão foi marcada para 29 de novembro. Mas, cinco dias antes, uma convocação real chegou para Charles Blount, lorde Mountjoy.

— O que pode ser? — gritou Southampton. — Não vá! Eles vão te prender!

— Não fiz nada — ele disse.

As cartas. O governo descobriu as correspondências para o rei Jaime. Foi traição o simples fato de discutir a sucessão ou a morte de Elizabeth.

— Você tem certeza? — perguntei a ele.

— Eu não estava nem mesmo na Irlanda — ele respondeu. — Fiquei aqui, manejando as defesas contra a Armada. Que, como se vê, foi destruída mais uma vez no seu caminho até aqui. Deus é verdadeiramente inglês. Ou protestante. Em todo caso, devo ir. É tarde demais para fugir.

— Que Deus o proteja — eu disse, e foi mais que uma frase educada.

Ele retornou ao anoitecer, segurando uma pilha de papéis. Estava quase sorrindo. Entrando e tirando seu manto, ele anunciou:

— Fui nomeado lorde representante da Irlanda no lugar de Robert. — Ele parecia surpreso, mas não tão surpreso quanto o resto de nós.

A rainha não sabia o que havia acontecido aqui? Teria sua capacidade de saber tudo o que se passava em seu reino diminuído? Ou... ela sabia muito bem, e, longe de recompensar Mountjoy com aquele posto, estava oferecendo-o em sacrifício?

Então, Robert fora substituído, nunca seria trazido de volta. O cerco estava se fechando em torno dele.

Na audiência do Conselho Privado na Câmara Estrelada, à qual Robert não compareceu diante dos leigos e juízes do reino, o governo leu as suas queixas. O lorde Guardiã Thomas Egerton começou lamentando a onda de boatos e relatórios falsos que estavam causando agitação no reino. Ele mencionou as difamações contra os membros da corte, as covardes inscrições nas paredes do palácio. Longe de ser espontâneo, aquilo foi orquestrado por um traidor em algum lugar ou por um grupo deles.

Ele não acusou Robert diretamente, mas não era preciso. Todos entenderam sobre quem ele falava. Ele então passou a enfatizar a gravidade da situação da Irlanda e o comportamento chocante do comandante ao deixar seu cargo de forma abrupta e contrária à ordem real.

Lorde Buckhurst, o tesoureiro, seguiu com números específicos sobre as despesas do grande e ricamente suprido exército, que poderia ter dizimado a Espanha se tivesse sido enviado para lá. Em vez disso, dissipou todas as suas vantagens. A trégua, ditada por O'Neill, negando todas as conquistas inglesas ou a esperança delas, zombava da honra da rainha. E Essex havia concordado com ela, e quem sabe o que mais, na privacidade de sua conversa sem testemunhas.

Outros opinaram, acusando Essex de desperdiçar dinheiro público, de desobediência, bruta incompetência na campanha e de fazer um tratado desonroso e não autorizado com o inimigo.

Mas não houve sentença da rainha. Nenhuma indicação do que ela pretendia fazer com ele. Ele devia permanecer na York House. E, quase como uma reflexão tardia, sua família devia se dispersar. Ele não tinha necessidade de lacaios ou empregados, portanto eles deveriam deixar a Essex House imediatamente.

— Estamos despedidos — eu disse, atordoada. Ao meu redor os empregados iam saindo, terminando suas últimas tarefas. Eles não se atreviam a permanecer, descumprindo ordens explícitas da rainha de que deviam desocupar o lugar, seu mestre já não tinha desobedecido a uma ordem direta dela? Ainda assim, eles não queriam deixar as coisas num caos. Cento e sessenta e deveriam ser dispensados. Fomos autorizados a ficar apenas com os que eram absolutamente necessários para manter o funcionamento da casa, alguns cozinheiros, jardineiros, empregados do estábulo, barqueiros e faxineiros dos quartos. Eu nunca tinha pensado em viver daquele jeito.

— Nunca pensei que algum dia trabalharia tirando leite de vaca na minha idade — eu disse a Frances. — No entanto, terei que aprender a ordenhar.

Southampton decidiu levantar acampamento, ele certamente não permaneceria num espaço vazio, como as ruínas da Essex House.

— De volta à Drury House — ele disse alegremente. — Ela fica no campo, mas quem precisa do rio?

— Nós, mulheres, ficaremos até que a rainha nos ordene sair juntamente com o último dos empregados — eu falei. Era o melhor que poderíamos fazer para Robert.

— Obrigado por sua hospitalidade — ele falou, curvando-se e segurando minha mão. Ele virou a palma da minha mão para cima e acariciou-a por um instante, rápido demais para que alguém pudesse ver, e me olhou nos olhos. Seu rosto estava pálido, mas seus olhos fulminavam os meus. Lembrei-me de quando aquelas íris azuis completavam minha visão.

— De nada — eu disse, puxando minha mão de volta.

— E onde será o ensaio? — uma voz familiar e perdida surgiu na sala. Will entrou, olhando em volta na penumbra. Ele parou quando me viu.

— Não aqui, Will — disse Southampton. — Estou me mudando. Os empregados se foram e, como um rato abandonando um navio que afunda, estou indo logo depois deles. — Ele olhou maliciosamente para mim e explicou: — Eu tinha oferecido o salão aqui como espaço de ensaio para sua nova peça. Will queria recitar sua parte em particular para ver como ela fluía no palco, antes de receber a opinião de qualquer outra pessoa.

— Se eu fizer isso como ator é muito mais revelador do que apenas ler rascunhos — disse ele. Ele parecia envergonhado de ter vindo até mim. Sem dúvida, Southampton, ao dizer-lhe que a casa estaria vazia, estava sugerindo que eu estava me mudando. Seria o espaço ideal para um ensaio privado.



— Então, você voltou a atuar? — perguntei. Iniciando uma conversa dura e impessoal, estava estranha.

— Apenas papéis pequenos — ele respondeu. — Nada que faça diferença na apresentação.

— Ele se cansa de ser ele mesmo — disse Southampton. — Ah, e isso não acontece a nós todos?

— Você pode usar esse espaço. Deus sabe como está sendo desperdiçado. Apenas não repare na falta de empregados.

— É melhor sem eles — ele falou.

— Você tem um papel importante na política de hoje — eu reconheci. — Suas peças sobre reis ingleses têm sido associadas a Robert, e não para o benefício dele, como você bem sabe. A menção elogiosa a ele em *Henrique V*, infelizmente, não se tornou realidade.

— Ele quase não voltou para casa com a rebelião irlandesa resolvida em sua espada, como você tão encantadoramente expressou — disse Southampton.

— Ele mesmo se feriu com sua espada — eu afirmei. — Se isso me torna uma mãe desnaturada, então que assim seja. Eu não sou cega para os defeitos dele.

— Tenho deixado de lado a história inglesa como tema — Will declarou. — Estive na Roma antiga mais recentemente, e agora estou ocupado com a Dinamarca. Meu interesse agora está lá, em Elsinore.

— Política novamente! — gritou Southampton. — Ana da Dinamarca, a esposa do rei Jaime, ela é de Elsinore! Esse era um dos castelos de sua família. Jaime passou algum tempo com ela lá em sua lua de mel. Você está insinuando a sucessão? Você sabe que é um tema perigoso.

Will sorriu e disse:

— Não, não tem nada a ver com isso. É a reformulação de uma velha peça sobre um príncipe dinamarquês, Hamlet, cujo pai foi assassinado por seu tio. Há de concordar que não há conexão com a família real atual.

— Que papel você está representando? — perguntei. — Você não parece muito dinamarquês.

— Faço o papel do fantasma do pai de Hamlet. Como tenho que usar um elmo, ninguém consegue dizer se pareço dinamarquês, italiano ou escocês.

— Muito bem — disse Southampton. — Pois você não parece nenhum desses. Você tem o rosto inglês mais comum e entediante já visto.

— Ora, o que há de errado em parecer inglês? — perguntei.

— É a parte “comum e entediante” a que ele se opõe — vaticinou Southampton. — Quem de nós quer ser isso, embora por definição é isso que a maioria de nós é.

— Você está convidado a usar este espaço sempre que quiser — eu falei, mudando o assunto. Robert não queria ser comum e era lá que estava sua perdição. — Prometo não me intrometer.

A triste situação do desmantelamento da pomposa Essex House continuava. Aquela era a segunda vez que eu tinha testemunhado aquilo e ainda partia meu coração. As duas vezes foram por insistência *dela*. Depois que Leicester morreu, ela ordenou que a casa fosse esvaziada para pagar as dívidas dele com ela. (Que tipo de amor era aquele?). Lenta e cuidadosamente, construí tudo de novo, e agora via tudo desaparecer mais uma vez. Pelo menos desta vez eu não tive que entregar as coisas, apenas cobrir ou armazená-las para protegê-las do desprezo. Os quartos ficaram vazios, cada cadeira que era removida ou tapeçaria dobrada era uma lembrança perdida. Nossa vida, reduzida a alguns quartos, enquanto o resto da casa estava fantasmagórico.

Will voltou, para ajudar Southampton a fazer a mudança, ou, melhor, para ajudá-lo com seus papéis para garantir que não seriam misturados com os dele.

— Para alguém tão indiferente à publicação, você é muito possessivo com seus roteiros — disse Southampton.

— Sou possessivo para que não sejam publicados — disse Will. — Por que um editor deveria ganhar um dinheiro que é meu? Se uma cópia perdida pousar em uma das mãos

daqueles homens, eles vão imprimi-la e pegar todo o dinheiro para si. Eles incluirão todos os erros, imprimirão qualquer versão, por pior que esteja. Ou, devo dizer, uma versão tão corrompida quanto eles.

— Ele abraçou seus manuscritos contra o peito e disse: — Então manterei todos perto de mim.

Southampton deu de ombros e resmungou:

— Eu não tenho nenhum. Devolvi todos. Procure tudo o que quiser.

— Essa é uma das razões pela qual eu gosto de ter amigos ricos — disse Will. — Nunca preciso me preocupar que me roubem.

— Pegarei o restante amanhã — falou Southampton. Ele se virou para mim: — Até nosso próximo encontro, *lady Leicester* — fazendo uma reverência elegante.

Que não seja no enforcamento de Robert, eu espero. Mas o fato de apenas dizer tais palavras era transformá-las em verdade, por isso fiquei em silêncio.

Will continuou fuçando na pilha de papéis que sobraram no chão. Ele ajoelhou-se, colocando uma vela ao lado, olhando atentamente para cada peça no chão. Finalmente, ele se levantou e disse:

— Aha! Aqui está um esquecido.

Era apenas uma folha.

— Isso não pode ser uma peça completa — eu observei. — Deve ser apenas uma pequena revisão.

— Não, é um soneto que escrevi quando ele era meu patrono. Nele, insisti para que se casasse e tivesse filhos. Por isso, já que obedeceu, parece ter feito seu trabalho. — Balançou a folha com desdém.

Sem pensar, aproximei-me e segurei seu braço:

— Não destrua! — eu disse.

— Fique com ele, então. Sempre saberei onde encontrá-los, se algum dia precisar publicar os sonetos. E talvez, se a filha dele crescer e vier a ser feia ou, de qualquer forma, não tão deslumbrante quanto ele, ele poderá precisar consultá-los novamente.

Ele se virou para olhar para sua mão, ainda segurando o papel, enquanto o apertava contra a minha mão. Afastou-se rapidamente e parou sobre a pilha de papéis, com as mãos nos quadris:

— Isso é tudo, então — ele falou.

— Deve esperá-lo para um ensaio? — perguntei. — Você pode usar o espaço como quiser.

— Obrigado — foi tudo o que ele disse, virando-se para a porta.

Fiquei olhando ao redor da minha casa abandonada. Ah, a vida voltaria a ela?

ELIZABETH  
Dezembro de 1599



**N**o profundo crepúsculo que é Londres em meados de dezembro, os sinos da igreja começaram a dobrar. O som penetrou na penumbra azul com uma nitidez impossível num clima tão quente, uma badalada sinistra, como o lamento das mulheres de luto.

Isso significava que alguém de grande importância havia morrido. Mas não havia ninguém daquela posição e estatura próximo da morte. Lorde Burghley já tinha ido, *sir* Francis Drake já tinha ido, lorde Leicester já tinha ido e agora homens inferiores povoavam a corte e o reino. Imediatamente, convoquei Raleigh, posicionado com seus guardas na sala de audiências.

— O que é isso? — perguntei. — Todas as igrejas de Londres anunciam uma morte.

— Perguntarei e trarei uma resposta num instante — ele disse, parecendo tão intrigado quanto eu.

Enquanto eu esperava, fiquei com Catherine olhando para as águas escuras do rio Tâmis que corriam, formando ondas. Havia poucos barqueiros naqueles dias tempestuosos, mas ainda assim vi várias embarcações

diligentemente subindo e descendo o rio. Os londrinos eram muito resistentes.

— Espero que as pessoas não pensem que sou eu — eu disse, com um tom leve que não correspondia com o que sentia por dentro. Sabia que as pessoas estavam atentas aos sinos, que em todo o país havia especulação sobre o tempo de vida que ainda me restava. Eles se fazem essa pergunta desde que fiz cinquenta anos.

Catherine sabia que não devia pronunciar uma trivialidade. Ela simplesmente esticou o braço e pegou na minha mão.

— Senhora! — Raleigh entrou. — Eles dizem que é o conde de Essex. Ele caiu doente ontem à noite e agora está morto.

Eu sabia que ele estava doente, mas ele sempre entrava em colapso com doenças quando as coisas iam mal para ele. Era prostração nervosa, não doença de verdade. Mas, daquela vez, tinha sucumbido. Ainda assim, a notícia veio como um choque.

— A ressaca irlandesa, então — eu disse. — Pobre homem. Chame Thomas Egerton. Que coisa triste, o homem sob sua custódia ter morrido. Nunca quis jogar tal fardo sobre um homem de consciência tão boa.

— O conde se foi — disse Catherine, balançando a cabeça. — Parece impossível. Um homem assim, maior do que todos a sua volta, ele não pode simplesmente desaparecer.

— Outros, tão grandes quanto ele, desapareceram antes dele. Não há homem tão grande para as mandíbulas da morte — ainda assim eu também não conseguia acreditar. Aquela criança linda e rebelde se foi, antes mesmo de ter alcançado o que quer que fosse que estava procurando. Agora, conforme ia me lembrando dele, ele parecia voltar no tempo, diminuindo, ficando mais jovem e mais feliz, até que me vi olhando novamente para aquele garoto enigmático ao lado de sua mãe, recusando-se a me beijar.

A escuridão total havia caído antes que Egerton chegasse. Ele tirou a capa, que brilhava com a névoa da noite e se

ajoelhou.

— Thomas, estou triste por você e por ele — eu disse. — Por favor, levante-se. Quando aconteceu?

Ele puxou os cabelos loiros para trás e disse:

— Não aconteceu nada. O conde está vivo. Muito mal, mas vivo.

— Então por que...

— Um empregado da casa deve ter espalhado a notícia e ninguém pensou em conferir. Era sabido que o conde estava mal e as pessoas supuseram que a doença havia seguido seu curso natural.

— E seguirá?

— Não sei. Ele está fraco, mas tem estado fraco há algum tempo. Ele não parece estar piorando.

— Mandarei meus médicos até ele — fiquei momentaneamente exultante por ele não estar morto. Depois, o problema urgente, o que fazer com ele de volta.

— Mande seus médicos para minha esposa também — ele pediu. — Ela está muito doente e não posso cuidar dela como seria necessário. O conde usurpa todos os meus cuidados e minha atenção. Não é ele quem é o prisioneiro, mas eu. Encontre outro carcereiro para ele! Liberte-me! — Egerton explodiu.

— Ora, Thomas, eu não sabia que sua Elizabeth não estava bem — eu falei. — Certamente você não deve esquecê-la para cuidar do conde, que nunca está contente, não importando quanta atenção ele receba. E, quanto a outro carcereiro, se houvesse outro homem tão honesto, forte, confiável e amigável para o prisioneiro, eu o nomearia num instante e libertaria você. Mas não há. Portanto, você deve resistir um pouco mais. Se o conde sobreviver, teremos um julgamento adequado para ele e resolveremos a sua situação.

Depois que ele saiu, virei-me para Catherine:

— Somente mortes reais são anunciadas pelos sinos. Então é isso o que as pessoas pensam dele?

— Um funeral de Estado pode ter tais sinos — ela me lembrou.

— Somente com a minha permissão — eu disse. — E eu não a concedi. Não fui nem mesmo consultada.

Meus médicos confirmaram que Essex estava, de fato, muito doente, mas o final era incerto. Ele não estava exatamente à beira da morte, mas ficaria mais próximo a cada piora.

— O fígado dele parou de funcionar e pereceu — um deles relatou.

— Suas entranhas e vísceras estão ulceradas — disse outro, balançando a cabeça em lamento.

— Vou enviar-lhe um pouco do meu caldo de carne de caça — eu afirmei.

— Ele pode não querer — disse o médico. — Mas sabendo que veio de Vossa Majestade pode realmente curá-lo.

Não salvou Burghley, mas era tudo o que eu poderia oferecer.

O Natal estava chegando e um novo século: o ano da Graça de 1600. Comemorariamos em Richmond naquele ano e, em meados de dezembro, a corte se mudou. Quando entrei no barco real, olhei para a York House, tão próxima a Whitehall. Estava muito escura. Apenas algumas poucas janelas iluminadas, refletidas no escuro, se espelhavam na água.

Richmond foi preparado para nós e o palácio estava confortavelmente aconchegante. A cama em forma de barco com suas cortinas verde-mar cumprimentavam-me como um velho amigo.

— Vocês estavam esperando por mim, não é? — disse. É fácil imaginar que nossas camas, cadeiras, mesas sentem nossa falta. Certamente, saber que ao voltar para um dos meus palácios tudo estaria inalterado, era um conforto para mim.



Catherine estava comigo e o almirante em breve se juntaria a nós. Helena, que vivia tão perto, também viria, trazendo sua família. As jovens damas de honra e as damas dos meus aposentos estavam ansiosas para as festividades da corte, na esperança de uma temporada de flerte que poderia levar a algum lugar. Seus baús estavam cheios de vestidos novos e velhas joias de família.

O salão grande seria o centro de danças, banquetes e novas peças. Eu havia encomendado folhagens verdes, guirlandas e azevinhos.

Embora todos estivessem alegres com a empolgação e o palácio brilhando com decorações, eu não conseguia me livrar da melancolia que se instalara em meus ossos. Naquela época, no ano passado, Essex estava saudável e pronto para embarcar para a Irlanda. Havíamos dançado juntos no Dia de Reis. Mas agora eu suspeitava que mesmo naquele momento ele já mantinha correspondências com O'Neill, talvez organizando o encontro. E eu sabia que ele também havia se aproximado do rei Jaime, secretamente, ele pensava. Se eu queria, de alguma forma, voltar um ano no tempo, ele provavelmente deveria querer muito mais.

E tinha mais uma coisa, uma superstição inquietante sobre a virada do século, deixando para trás aquele no qual eu havia nascido. Senti-me vagamente sem sorte, como se o novo século me lançasse para um lugar ao qual não pertencia.

Enquanto eu estava em meus aposentos refletindo sobre isso, Catherine bateu timidamente à porta.

Quando ordenei que entrasse, vi para minha surpresa que seu marido estava lá com ela.

— Ora, Charles! — eu disse, pronta para fazer uma brincadeira sobre ele estar em meus aposentos. Mas seu rosto sombrio e as lágrimas rolando pelas bochechas de Catherine me impediram.

— Ele trouxe más notícias — disse Catherine. — Parece... parece... — seus soluços impossibilitaram que continuasse.

— Marjorie Norris morreu — ele disse. — Vim assim que soube.

Meu coração parou de bater. Eu juro. Houve uma pausa e nada se movia dentro de mim e me senti caindo, um grande suspiro arrebatador. Em seguida, ele começou a bater novamente. Bata. Bata. Juntei minhas mãos com força e disse:

— Como? — minha voz era apenas um sussurro.

— Foi uma tristeza para seus filhos — disse ele. — *Sir* Henry mandou uma mensagem de Rycote. Ela nunca se recuperou da perda dos três últimos na Irlanda, em uma sucessão tão rápida, ele disse, e acabou definhando. Ele não podia impedir que isso acontecesse, embora, quando eu o vi pela última vez, também estivesse definhando. Ele a seguirá em breve.

— É justo — eu disse. Eles estavam juntos fazia cinquenta e cinco anos, uma raridade para um casamento. Mas ah! Fiquei com eles quase todo esse tempo.

— Ela será enterrada no túmulo da família na Capela de Rycote — disse Charles.

Eu nunca mais a veria. Só agora aquilo parecia claro para mim. Se tínhamos ou não feito despedidas formais, isso não importava. Eu tinha me acostumado com a verdade que raramente se diz às pessoas que se ama. Mas nunca mais ouvir sua risada, nunca mais caminhar junto com ela pelas folhas de outono, nunca mais ouvir seus comentários astutos sobre alguém... Ah, isso seria difícil.

— Rezaremos por ela — eu disse. E rezei, sentando-me em minha cadeira. Mas a oração transformou-se num agradecimento a Deus por ter me dado uma amiga tão fiel e por tanto tempo. — O Senhor dá e o Senhor tira — eu disse em voz alta. — Bendito seja o nome do Senhor. — No final, no que mais podemos acreditar, se quisermos sobreviver?

Para os mais jovens, particularmente aqueles celebrando o Natal na corte pela primeira vez, acho que foi um evento festivo. Certamente, os fogos ardiam brilhantemente, os

músicos tocavam alegremente, a neve voava furiosamente e os banquetes eram tão suntuosos quanto outrora. Se eu tivesse ido vê-lo com novos olhos, teria me deslumbrado. Usei os meus vestidos mais ricos, coloquei meus cordões de pérolas sobre meu peito, preendi meus enfeites de joias nos cabelos e saí para me aventurar: um teste sobre a minha habilidade na criação do faz de conta.

Eu queria que os mais jovens lembrassem de tudo aquilo quando fossem velhos, para que pudessem dizer “Nunca esquecerei o Natal na antiga corte da rainha”. Eu devia isso a eles, e a mim mesma.

No entanto, tive um arrepio de mau agouro quando a meia-noite chegou e todo o século que começou com “quinze” sutilmente mudou para “dezesseis”.

Dividir-se entre dois séculos é algo terrível, não é preciso ser supersticioso para temer os anos velados lá atrás, desaparecendo numa névoa de mistério. Aquele século sobreviverá a mim, quantos anos nele me seriam concedidos?

Raleigh estava ao meu lado quando os últimos momentos de 1599 se esvoaçaram. Sua presença forte fez a ausência de Essex ainda mais perceptível. Que diferença um ano pode fazer em nossas sortes.

— Vossa Majestade parece triste — disse ele. — Isso não é maneira de receber o novo século. Dizem que o que se faz nos primeiros minutos ou horas será durante todo o ano. O que quer que esteja incomodando Vossa Majestade, coloque de lado imediatamente, para que isso não permaneça convosco!

Eu ri. — Você é um bom remédio, *sir* Walter — afirmei. — Eu estava pensando apenas que não gosto do som “dezesseis” tanto quanto gosto do “quinze”. Mas preciso me acostumar com ele.

— Você deve usar nossa cara Constância como modelo — ele disse.

Constância? O que era? Uma senhora portuguesa? Eu não queria que ele percebesse que não sabia o que era, então

sorri.

— A tartaruga, Vossa Majestade — ele disse incisivamente. — Lembra-se?

— Ah! Pensei que estava falando de uma senhora.

— Ela é uma senhora, para uma tartaruga macho. Mas não há nenhuma por perto. Ela deve se sentir sozinha.

— Todas as mulheres solteiras não são sozinhas, *sir* Walter. E por que eu deveria usá-la como modelo?

Ele deu de ombros e disse: — Os séculos vêm e vão, e ela passa por todos eles, nem percebendo.

— Mas pouco participa, também — considere. — Não vejo assim — Deus sabe como mergulhei na vida que me cerca.

Espiando pelo longo corredor do novo século, sabia que quem me substituísse herdaria os problemas que eu não tinha conseguido resolver.

Mas eu já podia sentir, como a vibração delicada de ar numa sala fechada, o desejo de mudança no meu povo.

— O olhar triste novamente — disse Raleigh. — Venha, vamos dançar e deixar essa melancolia de lado.

Consegui passar. Todas as máscaras, os recitais, o mestre da barulhenta e confusa Noite de Reis, até mesmo uma comédia sobre as pessoas da corte escondidas na floresta. Novamente uma produção daquele sujeito ocupado, Shakespeare, que fez o papel de um homem rústico na peça. Ele não deve fazer mais nada além de escrever ou escreve muito rápido. Embora eu tivesse rido muito, prestei pouca atenção, fazendo um teatro melhor do que os próprios atores.

Agora, finalmente, tudo estava acabado. Os carrinhos que transportavam os figurinos e adereços teatrais fizeram barulho ao longe, os cortesãos voltaram para suas casas, os empregados retiraram as decorações verdes e as bandeiras do salão grande e enfrentamos janeiro sem adornos, sem escudos.

Nós nos arrastamos ao longo daquele mês triste e frio, naquele ano, um mês especialmente triste. O tempo, como uma criança rebelde, oscilava entre granizo congelante e rajadas de neve e ventos quentes que derretiam o gelo, fazendo gotejar melancolia de cada chaminé que, ao pingar no fogo ardente, chiava. Visitei a Abadia de Westminster na data da morte de meu pai e fiz um circuito melancólico em torno das capelas, prestando homenagem aos túmulos dos reis e dos nobres, meus guardas seguiam-me a uma distância discreta.

No inverno, o edifício nunca recebia luz, e mesmo no início da tarde já estava escuro e a maior parte da iluminação vinha das velas e tochas. Apesar dos constantes reparos do telhado, dava para ouvir a água escorrendo por toda parte, com poças formando-se nas lajes.

Abadia de Westminster: casa de nossos triunfos nacionais, nossas coroações e nossas celebrações de ação de graças, guardiã do passado. Uma vez por ano eu vinha e atravessava a capela da minha família na ponta da nave. Meu avô, Henrique VII, havia demolido a antiga Capela de Nossa Senhora para construir seu novo mausoléu, uma escultura graciosa e grandiosa em pedra. Ele jazia dentro de um magnífico túmulo cercado, espantosamente moderno para quando foi construído, com desenho italiano. Ele, estranhamente, gastou uma fortuna nele. Agora, sua efígie estava serenamente em cima de seu túmulo, ao lado de sua esposa, satisfeita com o investimento.

Meu irmão e minha irmã estavam ali perto, o túmulo de Eduardo ficava ao pé do de seu avô. A efígie da minha irmã ficava sobre seu ataúde no corredor norte. Seu funeral foi a última vez que o réquiem em latim, que havia tocado na catedral durante séculos, tinha sido ouvido no missa. Caminhei lentamente por ela, olhando para o seu vulto. Era muito semelhante, a boca bem fechada, como quando ela estava ainda viva, tinha sido assim na maior parte do tempo.

A umidade e o gotejamento me faziam tremer. Então, aquilo era o melhor que podíamos oferecer para os seus locais de repouso? Saí da capela e desci pelos corredores passando pelas capelas laterais que estavam cheias de túmulos e marcadores.

Na Capela de São Nicolau, próxima à Capela Real, estava Elizabeth Cecil, em uma tumba de alabastro com um tampo de mármore preto, adornada com poemas escritos por seu viúvo, Robert. Ela morreu pouco antes de seu pai, Burghley. Eu estava tão preocupada com a minha própria dor em perder meus primos Hunsdon e Knollys que não notei a perda de Robert. Repentinamente, compreendi o que meu secretário principal estava sofrendo, uma viuvez precoce, a perda de seu pai, o que não poderia ser compensada por cargos e honrarias. Ele nunca tinha mencionado isso, nunca procurou levar ao meu conhecimento.

Quase em frente, estava a Capela de São João Batista, onde meu caro Hunsdon descansava. Sua família se ocupava em erguer um monumento que parecia ir até o teto.

Conforme continuei pelo corredor, a ala do transepto norte, virei-me para visitar a Capela de Santo André, junto à entrada norte. Para não ser ofuscada pela família Carey, a família Norris estava erguendo um monumento que teria mais de vinte e cinco metros e que seria enfeitado com imagens rezando de joelhos. Marjorie iria se divertir com essas pretensões, sem dúvida. Eu quase podia ouvi-la rindo, se ela pudesse ver.



**E**ra expressamente proibido para qualquer um predizer minha morte ou especular sobre minha sucessão, ou até mesmo discutir tal assunto em público. Mas estava na mente de todos. Somente eu poderia quebrar a regra e me atrever a sondar o meu futuro, e pelo bem de meu povo que devia fazê-lo. Eu mesma preferia não saber. Mas a ignorância é imperdoável e negligente em uma governante.

Meu velho orientador e astrólogo, John Dee, estava de volta a Londres para uma breve visita, vindo de Manchester. Pedi a ele que viesse me ver.

Ele tinha visivelmente envelhecido. Seus olhos escuros e brilhantes eram ainda vivos, mas formavam um conjunto com um rosto cansado e marcado, sua barba era branca como uma nuvem de verão.

Ele me analisou também:

— Vossa Majestade parece bem, me agrada ver. Os anos caíram levemente sobre a senhora.

Eu ri e falei:

— Muito pelo contrário. Os anos pesam sobre mim, especialmente desde que entramos num novo século. — Segurei o braço dele, parecia uma vara fina sob a manga da camisa de cetim. — Tenho medo, John. Esse tempo futuro não é amigável para mim — disse, levantando minhas

mãos. — Eu sei que devo morrer nele. Não vou sobreviver a este século. Não serei Thomas Parr, que viu três séculos, nasceu nos anos de 1400, viveu os anos de 1500 e rezo para que ele ainda esteja vivo para ver os anos de 1600. Mas isso não acontece a ninguém, a não ser a ele. E eu não tenho certeza se poderia suportar o peso de uma coroa por todos esses anos.

— Então... É por isso que estou aqui? Para descortinar o futuro para a senhora?

— Sim. Eu prefiro olhar o que se esconde lá, por mais ameaçador que seja. Portanto, apronte seu equipamento. Vou esperar. Não seremos perturbados.

— Muito bem — ele arrastou um pequeno baú que havia trazido. Como seus movimentos estavam lentos. Quando não vemos alguém por um longo tempo, todas as mudanças parecem exageradas. Ele tirou seu espelho, sua bola de vidência e seus gráficos.

— Preciso de uma mesa — ele disse.

Pedi que fosse trazida.

Ele cuidadosamente espalhou os instrumentos de seu ofício, em seguida, inclinou-se e disse gentilmente:

— Se Vossa Majestade estiver pronta, podemos começar.

Eu estava pronta? Uni minhas mãos e falei:

— Vamos começar então.

Primeiro, ele consultou meticulosamente seu mapa astrológico. Então, pediu que as cortinas fossem abertas de modo que pudesse ver os reflexos no espelho para ver melhor a bola. Murmurando, curvou-se sobre eles, apertando os olhos e movendo o castiçal para mais longe. Houve um longo silêncio e ele parecia ouvir vozes, ver coisas invisíveis. Cheguei a prender o fôlego, mas não aguentei por muito tempo.

Os momentos se passaram, estendendo-se enquanto eu esperava, primeiro entediada, em seguida, nervosa, e, finalmente, agonizante. Por que ele não fala? O que ele estava vendo? Não me atrevi a falar e, literalmente, quebrar o encanto.



Finalmente, ele cobriu a bola de vidência com um pano de veludo preto e colocou seu espelho convexo em um saco de cetim bordado com símbolos. Afundou-se no banco almofadado que tinha trazido. Seus ombros caídos como se um peso intolerável estivesse sobre eles.

— Diga-me! Não me poupe! — gritei, quebrando o silêncio.

Ele ergueu os olhos na minha direção, a expressão de tortura no olhar quase calou meu coração:

— Finalmente chegou — ele disse por fim.

— O quê? O que finalmente chegou?

— A última batalha. A que estive esperando por você.

— A última batalha?

— O teste supremo — ele disse.

— Mas... A Armada? Aquele não foi o teste supremo? Já não foi em 1588, o ano dito *annus mirabilis*, o ano dos prodígios e maravilhas?

— Não foi isso — ele disse, desculpando-se. — Gostaria que tivesse sido.

— A Espanha está invadindo novamente? É isso? O ano de 1588 para a Armada foi apenas um ensaio?

— Não. A Espanha não virá novamente, ao menos não na forma de ameaça,

— A Irlanda? Os irlandeses se unirão a O'Neill e nos invadirão?

— Não. A Irlanda será vencida.

— A França? A França se virará contra nós e será nossa inimiga?

— Não — ele disse.

— O que, então? — gritei. — Citei todos os nossos inimigos. Será uma outra praga? Ou uma agitação religiosa?

— Nada disso, mas a senhora está chegando perto.

— O que você quer dizer?

— A senhora está agora nomeando inimigos que já estão em nosso solo e podem nos prejudicar.

— Ah, John, não me atormente mais! Diga o que é!

— A Guerra Civil — ele disse. — Ingleses, uns contra os outros.

A Guerra das Rosas. A sucessão!

— Após minha morte, haveria uma luta para saber quem herdaria a coroa?

— Não. Não isso. A coroa será repassada pacificamente.

— Chega de enigmas! Fale claramente!

— Não consigo ver muito bem para falar claramente. Haverá uma batalha, ingleses contra ingleses. Uma batalha não sobre quem usará a coroa, mas sim sobre se deveria existir ainda uma coroa. E, antes disso, uma rebelião contra você. Mordred vai se armar e desafiará Vossa Majestade. E, como herdeira de Artur, terá de resistir a ele. *Esse é o teste supremo. Haverá uma grande batalha, e não consigo ver o resultado aqui. O vidro ficou obscuro, o espelho nublado. Era como se dissesse: Ainda não foi decidido.*

— Camelot tem que morrer — eu disse. — Essa é a história. Era perfeita demais para durar. E assim acabou em rebelião, desilusão e perfídia. Artur foi traído e por aqueles que ele amava e em quem confiava mais, Lancelot e Guinevere.

— Não foi Lancelot quem liderou a batalha contra ele, mas sim Mordred.

— Mas foi a traição de Lancelot que definiu o movimento, que arruinou a fraternidade e o código da Távola Redonda.

— Algo sempre define o movimento — ele disse. — No Jardim do Éden foi a serpente. Em Camelot, Lancelot. Aqui...

— ele fez uma pausa. — Vossa Majestade terá que descobrir. Mas, ouse dizer, que reconhecerá quando chegar a hora.

Sim. Eu reconheço.

— Deverá haver uma batalha mesmo ou conseguirei evitar?

— Haverá mesmo uma batalha. O que vejo não é um símbolo, mas um real confronto de armas.

Como isso poderia acontecer? Essex estava preso. Mas e os seus seguidores? Eles se reuniam em seu pátio, agitavam-se e gritavam.

— E você não pode ver quem prevalecerá?

— Não, Majestade.

— Ou você vê e gostaria de poupar-me sabendo que serei derrotada?

— Não, sinceramente não vejo. Apenas o barulho e a fumaça da batalha.

— Quem, então, você vê usando a coroa quando a guerra civil começar? Talvez essa seja uma maneira de descobrir o vencedor.

— Ninguém que eu reconheça. Um homem.

— Não é Jaime?

— Não, não Jaime.

— O filho dele então?

— Infelizmente ele não usa algo que possa identificá-lo, por isso não consigo reconhecê-lo. Ele muito provavelmente ainda não nasceu.

— Meu Deus! Isso não tem fim? — um grito saiu do meu coração.

— O que a senhora quer dizer?

— Quero dizer, a coroa nunca estará segura e ficará em paz?

— Nada está seguro — ele disse. — Mas seu governo será lembrado assim como Camelot, uma era de ouro para a Inglaterra.

— De ouro e perda — lamentei. — Preferiria ferro e permanência.

— É isso que faz de vós uma grande monarca — ele disse. — A senhora não se deslumbra com facilidade, se é que em algum momento se deslumbra.

— Ah, eu aprecio o valor do que brilha e cintila. Eu fiz uso inteligente disso. Mas eu não me engano quanto à sua essência e seu valor. Precisa ser de ferro por baixo.

— Deixei-a aflita — ele disse.

— Como a verdade pode me afligir? A verdade é a verdade.

— A verdade pode ser feia.

— Não tão feia quanto a Górgona. Ela não precisa nos transformar em pedra, nos tornar incapazes de nos movermos. Estarei preparada. Esperarei a chegada de Mordred. Agora sei que ele está vindo.

Depois que ele saiu me afundei em minha cadeira. Será que estava pronta para isso? Não tinha havido nenhuma batalha pela coroa desde que meu avô conheceu Ricardo em Bosworth Field. Isso foi há mais de cem anos. Mas ninguém tinha esquecido. A cerca em torno do túmulo de Henrique, em Westminster, que eu tinha acabado de visitar, mostrava a coroa perdida no mato, esperando por ele para recuperá-la. Correspondências secretas recentes sobre a sucessão, capturadas por Robert Cecil, especulavam sobre quem poderia herdar minha coroa e dizia que não poderia cair numa emboscada por falta de pretendentes.

Ninguém tinha esquecido o que se presumia ser a última batalha. Mas agora Dee viu que não era assim, era apenas a penúltima.

## LETTICE

### Março de 1600



**E** inverno foi implacável, agarrando-nos como dentes de mastim, rasgando nossas bochechas e mãos com vento frio e gelado. Apesar de luvas e cremes, esqueci-me completamente de que minhas mãos não eram ásperas, vermelhas e escamosas no estado natural.

Continuamos nos amontoando na Essex House, conservando nosso combustível, acendendo poucas velas, pois lá dentro era uma noite perpétua. Somente quando Will chegava para ensaiar é que eu realmente acendia todas as luzes, fingindo que vivíamos daquela forma o tempo todo. Mas ele não vinha muito e no resto do tempo vivíamos na escuridão.

Will estava recebendo alta demanda naquela época, apresentando-se para a rainha no Natal, criando várias peças novas e lutando com seu drama *Hamlet*. Talvez fosse assim que ele continuava a avançar. Ele estava ainda envolvido em alguns processos judiciais e disputas com sua companhia de teatro. Eles perderam o ator principal fazia participações como bufão e seu substituto fora chamado para um tipo diferente de roteiro. Uma companhia de teatro

nunca é estável, assim parece. Mais ou menos como a corte.

Robert se recuperou de seu ataque da ressaca, lentamente ganhando força. Assim me disseram. Eu não tinha permissão para vê-lo e nem Frances, apesar de seus apelos. O encontro dele com a morte havia intensificado sua obsessão religiosa e agora ele passava horas em oração e êxtase, assim como já havia passado horas escolhendo roupas e bebendo. Ele não fazia nada com moderação. A rainha, enquanto isso, parecia tê-lo escondido na York House e depois completamente se esquecido dele, dando continuidade aos seus esforços diplomáticos com a visita de enviados holandeses.

Então, de súbito, como era de seu costume, ela emitiu ordens para que *sir* Egerton fosse dispensado de seus deveres como guardião de Robert, mandando Robert de volta para Essex House sob a supervisão de *sir* Richard Berkeley. Ele ainda estava proibido de deixar sua casa e não podia receber visitantes. Devíamos todos sair de lá, imediatamente, e encontrar outras instalações.

— Para onde ela quer que a gente vá? — perguntei a Frances. — Não tenho outras acomodações em Londres.

— Ela nos quer fora de Londres, ousou dizer — disse Frances. — Podemos nos mudar para Barn Elms. Não é tão longe da cidade.

— Ou ir para Wanstead. Mas é mais longe ainda.

— Esqueça Drayton Bassett! Preferia estar em Cádiz a ir pra lá.

— Charles Blount tem uma casa na cidade — disse Christopher. — Não é muito grande, mas pelo menos fica dentro dos limites da cidade. Ele está na Irlanda, além do mais. Sendo que Penélope vivia lá, ela não poderia negar um lugar para sua mãe e sua família, não é?

— Não é tão fácil. Ela pode dizer que não há quartos. E provavelmente não há.

— Melhor uma casa pequena com algumas mobílias do que uma grande vazia — disse Christopher.

— Nossa, isso soa bíblico — eu disse. Eu disse de maneira leve, mas ultimamente Christopher carregava um rosário preso em sua manga. Era apenas uma forma de avisá-lo sobre o que eu tinha visto. — Então, nos convidaremos para morar com Penélope?

— Não temos escolha, se quisermos ficar em Londres. Temos? — perguntou Christopher.

— Não! — disse Frances. — Temos que ficar perto de Robert!

Havia chegado, inevitavelmente, aquele momento no qual são feitos apelos aos próprios filhos. Estava necessitada agora. E meus filhos teriam agora que suportar meu desamparo e minhas súplicas.

Penélope vivia na parte noroeste da cidade, em uma grande casa ao lado da muralha entre Cripplegate e Aldersgate. Era uma área relativamente tranquila, protegida dos barulhos da rua e do tráfego por seu grande jardim murado.

— Penélope! — eu chamei, batendo rapidamente na porta espessa de madeira. Os outros se alinharam atrás de mim, mendigos bem-vestidos que eram.

Ela mesma abriu a porta, sorrindo.

— Meu clã disperso reunido — disse ela. — Uma pena que seja por essa razão que venham para debaixo do meu teto.

Ela quis dizer que era uma pena que sua escandalosa ligação com Charles Blount fazia com que eles recebessem poucos visitantes oficiais ou que era uma pena que nós estivéssemos naquela situação? Talvez fossem as duas coisas.

— Isso é passado — eu disse, entrando e acenando para os outros seguirem. Logo, vieram Frances, sua filha mais velha, Elizabeth, Robert de nove anos, a babá embalando o bebê e Christopher, pouco à vontade em ter que pedir caridade.

— Sejam bem-vindos — disse Penélope. — Tem sido solitário aqui desde que Charles foi para a Irlanda. Elizabeth Vernon foi viver com seu marido na Drury House. Claro, uma

casa cheia de crianças nunca é tranquila, mas dificilmente se pode dizer que eles sejam companhia de verdade.

Como ela tinha nove filhos, com idade variando de treze anos até o berço, ela sabia do que falava. As crianças preencheram um espaço, deixando outros vazios.

— Você é tão fértil quanto os pomares da Normandia — eu disse. — E perpetuamente encantadora. Não importam quantos anos uma macieira dê seus frutos, suas flores a cada primavera competem com as árvores mais novas. E assim é você, minha filha.

Eu estava orgulhosa dela, tão perplexa por sua beleza como os outros.

Ela parecia impaciente, irritada por ter sua característica mais notável comentada mais uma vez.

— Venha, vou mostrar seus quartos.

A casa era maior por dentro do que parecia. Os quartos do andar de baixo eram maiores e se estreitavam em direção ao jardim privado, a luz entrava pelas janelas laterais, no andar de cima havia muitos quartos, alguns deles espaçosos e outros confortáveis com telhados oblíquos. Tinha uma atmosfera contente e ensolarada. A casa de lorde Rich era grandiosa, mas Penélope vivia nela sem nenhuma satisfação. Coloquei minhas coisas em cima da cama com um sentimento nítido de alívio de estar em um lugar simples e ordenado, um lugar sem memórias.

Naquela noite, no jantar, falamos em voz baixa. Todas as crianças tinham finalmente dormido em suas camas.

Penélope suspirou e tomou um gole de seu vinho.

— Ah. Aquele primeiro gosto de vinho, ganho depois de um longo dia cuidando dos pequeninos, é a melhor safra que existe. — Ela olhou para mim e disse, quase piscando: — Você sabe o que quero dizer, mãe.

— Você me deixou para trás nessa competição — falei. — Ainda assim concordo, os primeiros momentos após um trabalho benfeito são sempre os mais doces. Saborei-os.



Uma pessoa ignorante teria invejado os rostos refletidos na madeira escura brilhante da mesa, a mulher mais bonita de Londres, outra mulher que fora duas vezes condessa e prima da rainha, um soldado corajoso, outra mulher, esposa de dois dos homens mais notáveis de seu tempo. Meus brincos longos refletiram a luz das velas e brilharam na superfície espelhada da mesa, os muitos cachos de Penélope quase tocavam na madeira. Ainda assim, parecíamos prisioneiros condenados, com rostos sombrios.

— Você teve notícias de Charles? — perguntou Christopher.

— Somente indiretas, dos homens que estão voltando. Ele mal chegou lá, mas parece uma eternidade para nós. — Penélope tamborilava os dedos sobre a mesa, suas longas unhas faziam barulho.

— Bem, e o que eles dizem? — pressionou Christopher.

— Que a moral estava tão baixa antes de ele chegar lá que ele a levantou só de estar lá.

— Contanto que seja só isso que ele tenha levantado. Não há expectativas.

— Não acho que alguém tenha expectativas sobre a Irlanda agora. Nossas esperanças estão bastante desgastadas — disse Frances.

— E a... rainha? Ela tem esperanças... Expectativas? — questionou Penélope.

— Ninguém sabe o que ela pensa — eu disse. — Nunca ninguém sabe. Nunca ninguém saberá. Mas eu imagino que ela tenha determinação para seguir. Ela nunca admite derrota.

— Até agora, ela nunca teve que admitir. Agora, pode mudar — disse Christopher.

Pode ser. Pode não ser. Eu não me importava. Eu me preocupava apenas que Robert fosse poupado e colocado em liberdade. Deus me perdoe, eu não me importava nem mesmo com o que aconteceria com a Inglaterra, estava além disso.

— Se Charles conseguir reverter a situação na Irlanda, ela será mais passível de perdão a Robert. Se ele não conseguir, então Robert será duplamente responsável pela perda. Portanto, *temos* que ter esperança. *Devemos* ter esperança — disse Penélope.

Um empregado robusto entrou com um prato metálico repleto de fatias de carne de porco, seguido por outro com muitas beterrabas e cenouras com mel. Um terceiro empregado reabasteceu nossas taças de vinho tinto. A conversa cessou naquele momento, mas não nossos pensamentos.

— *Sir* Richard Berkeley se ocupará dele — disse Christopher, depois de os empregados terem retornado para a cozinha. — Ele vai ficar de olho nele — ele então empurrou um pedaço de carne na boca.

— Pelo menos sabemos que ele acha tortura desagradável — disse Penélope. — Ou achava quando era carcereiro da Torre — ela mexia na comida sobre o prato, mas não comia.

— É tortura para Robert estar aprisionado, mantido solitário em nossa casa vazia, preso sem um julgamento! — gritou Frances.

— Não peça um julgamento — alertou Christopher. — Você consegue citar algum acusado de grandes crimes que tenha sido declarado “não culpado” e libertado? É melhor que não haja um julgamento.

— Julgamentos são nada mais do que uma apresentação em que os juízes declaram o que já havia sido decidido — concordou Penélope. — A única esperança para ele conseguir escapar é não havendo um julgamento — disse, tomando um longo gole de vinho.

— O que isso nos diz sobre nosso celebrado sistema legal inglês? — indaguei cruelmente.

— Que é tão falho quanto um polvo de três braços — respondeu Christopher. — Mas três braços é melhor do que nenhum.

Para aqueles que não se importam, teria sido lindo viver naquela casa de pedra com jardim frondoso, naquela rua graciosa de ourives, sapateiros, comerciantes, barbeiros, bordadeiras, vendedores, juntamente com pequenas editoras e cervejarias. Era uma área animada e o comércio refinado não despejava mau cheiro nem lixo.

Mas nós nos importávamos e o local tranquilo não nos acalmava. Apenas emoldurava nosso sofrimento.

Os dias se passaram enquanto Robert era mantido incomunicável na Essex House. Abril veio e depois maio. Frances escreveu mais cartas melancólicas para a rainha, para as quais não recebeu resposta alguma. Ouvimos, finalmente, que Charles Blount tinha tomado o estado em Dublin e imediatamente estabelecido uma campanha feroz no sul, onde O'Neill tinha se aventurado.

Embora Charles tivesse um exército com somente dois terços do tamanho do de Robert, ele conseguiu o que Robert nunca conquistou, o apoio incondicional da rainha e do conselho. Seus pedidos de fundos e suprimentos eram prontamente atendidos e, como resultado, O'Neill rapidamente teve que recuar para o norte, abandonando novas conquistas.

Penélope ficou exultante, mas, ao mesmo tempo, ela não queria esfregar sal em nossas feridas nos fazendo lembrar que Charles teve sucesso onde Robert fracassara. Sua lealdade a seu irmão e a seu amante fez com que se afastasse primeiro de um, depois do outro.

— Talvez isso signifique que a rainha tenha aprendido com os erros que cometeu com Robert — ela disse. — Uma vitória na Irlanda, trazida com esse conhecimento duramente conquistado, certamente suavizará as ações dela com relação a ele.

— Se ela quiser dar crédito a ele — disse Christopher. — Mas ela parecia determinada a não lhe dar crédito algum pelo que ele fez por lá.

— A vitória tem um jeito de mudar a perspectiva das pessoas — disse Penélope.

— É um pouco cedo para falar de vitória — lembrou Christopher. — Uma batalha não é uma guerra.

À medida que os dias se arrastavam, eu vagava pelas ruas de Londres para me distrair e ficar longe de minha própria família. Estávamos tão coletivamente miseráveis que apenas reforçávamos as trevas uns dos outros. Nas ruas, conseguia esquecer, mesmo que apenas por uma hora ou mais, a única coisa que perturbava como um demônio em minha mente.

Dentro do que era possível para alegrar os ânimos, minhas caminhadas pelas ruas me ajudavam a voltar para casa sentindo-me melhor do que quando eu tinha saído. O tumulto da vida estava lá fora e esperava para nos receber de volta. Mas, no terceiro dia de junho, quando entrei no corredor, vi alguém que me fez sentir pior: o nosso velho amigo Francis Bacon. Ele estava numa profunda conversa com Christopher e Frances, parado, daquela forma rígida que era sua marca registrada. Ele virou-se quando eu entrei, forçando um sorriso.

— Minha cara *lady* Leicester — disse, fazendo uma reverência. — É um prazer que tenha retornado a tempo para que pudesse encontrá-la.

Ele parecia mais velho, mas nós todos não parecíamos? Os últimos anos tinham nos envelhecido muito.

— Bem-vindo, Francis — eu disse. — Como está o conselheiro da rainha?

— Eu tenho ouvido Vossa Majestade — ele disse calmamente. — É por isso que estou aqui. Eu estava dizendo a seu marido e Frances que deve haver um inquérito e interrogatório em dois dias no qual Robert será analisado. Quatro advogados especificarão seus delitos diante de uma comissão de dezoito pessoas.

Novamente! Antes de poder evitar, deixei escapar:

— Oito meses depois que foi preso pela primeira vez! Isso é justiça?

— Não é um julgamento — disse Bacon.

— Então, em nome de Deus, o que é? — gritou Christopher. — Quanto tempo se consegue segurar um homem sem julgamento? Já tivemos dois interrogatórios baseados em escárnio, o primeiro em Nonsuch e o segundo no tribunal da Câmara Estrelada. Nada foi resolvido e Robert foi mantido preso.

— É uma... é uma... investigação profunda, conforme as circunstâncias.

— Qual o propósito disso? — disse Frances.

— O propósito — disse Christopher — é calar os comentários contra a rainha por mantê-lo preso sem razão.

Bacon fez sinal negativo com a cabeça.

— Vim amigavelmente, para que soubessem. Se entenderam de outra forma, então me arrependo de ter vindo. Cuidem-se sozinhos — disse, virando-se para a porta.

— Temos cuidado de nós mesmos — falei. — Não precisamos que nos dê advertências.

Christopher tentou impedi-lo de sair.

— Quem são esses advogados que cuidarão do caso?

— *Sir* Thomas Egerton, o lorde Guardiã do Grande Selo, presidirá a reunião. O sargento encarregado e o procurador-geral apresentarão os fatos.

— Você disse quatro advogados, Francis — repeti.

— Quatro, sim, quatro. Eu... eu... falarei por último — ele admitiu, tentando tirar Christopher do seu caminho.

— “O que tens que fazer, faça de uma vez” — rosnou Christopher, afastando-se e quase empurrando-o para fora.

— Não sou Judas — disse Bacon. — Vim para prepará-los. Sou o único que tem coragem de vir aqui abertamente. Você tem seus espiões e informantes se esgueirando, mas nunca se esqueçam de que foi Francis Bacon quem veio aqui à luz do dia.

Depois que a porta se fechou atrás dele, eu disse:

— Embora seja uma cobra, ele falou a verdade. Ninguém quer ser visto conosco — eu estava muito distante da minha infância puritana, mas me lembrei das palavras do profeta Isaías nas Escrituras, que uma vez aprendidas nunca são esquecidas: *“como alguém de quem os homens escondem o rosto, ele era desprezado. Após a prisão e julgamento eles levaram-no”*. Aquelas palavras sussurravam em minha mente.

— Em outro momento eles já nos seguiram, louvando Robert — disse Christopher. — Esperaram horas para vê-lo.

— Sim, eu me lembro. — Aquele dia glorioso no qual ele partiu para a Irlanda liderando suas tropas... somente deixará de existir quando minha mente falhar. — Mas agora temos de identificar o que está por vir. Não tenho certeza se as pessoas se esqueceram dele. Caso contrário, a rainha não iria sentir a necessidade de se justificar publicamente, como está fazendo.


— Agora você falou a verdade. Não é nada mais que um exercício de autojustificativa — disse Frances. — A reputação é o que ela mais valoriza e, acima de tudo, o amor de seu povo, e ela defenderá isso até a morte, pois não pode reinar sem isso.

— Então, essa audiência, ou comissão, ou quase julgamento, nada mais é do que um meio de limpar o próprio nome dela — disse Christopher. — O veredito já está decidido. Se ela está certa, então, Robert tem que estar errado.

## ELIZABETH

### Junho de 1600



 Alguns dos dias de verão mais gloriosos da história se passaram, como que zombando de nós. Maio, comemorado em poemas e canções ingleses como um tempo de alegria, mas muitas vezes, na vida real, frio e chuvoso, naquele ano de 1600 fez jus à sua reputação, como se o novo século quisesse estabelecer um padrão. As árvores do pomar do palácio explodiram em flores, todas as árvores do jardim tinham folhas novas tão brilhantes que pareciam vitrais.

As cercas vivas floresciam em fragrância e as flores silvestres nos campos, fora das muralhas da cidade, forravam o chão em cores e aromas. Os primeiros dias de junho foram tão ou mais bonitos, prometendo-nos um verão que passaria de lenda à perfeição. Mas, como se estivesse zombando da natureza, o que eu tinha que passar aqui dentro era ruim e feio.

A audiência de Essex tinha sido jogada sobre mim e, como tudo que é forçado, eu queria me livrar. Era o meu objetivo primordial sempre evitar estar em tal posição. Mas, mais uma vez, Essex levou-me para onde eu não queria ir.

— Tenho que agradecer-lhe por isso — eu disse a Francis Bacon, que tinha vindo a Whitehall para apresentar seus respeitos antes de ir para a York House. Ele se curvou, mas sabiamente não disse nada.

— Bem, você está preparado? — vociferei para ele. — É melhor que seja a última audiência dessas. Ainda acho que um julgamento teria resolvido melhor as coisas. Mas não, você e Cecil se recusaram, e vocês são as cabeças mais inteligentes próximas a mim, então isso me fez pensar. É melhor que estejam certos!

Ele deu aquele sorriso contido:

— Eu sei que estou, Vossa Majestade. Um julgamento público teria atizado o apoio popular. Essex teria usado isso para mostrar seus pontos fortes e fazer o povo esquecer as suas transgressões. Aí então seria *a senhora* quem estaria em julgamento. Dessa forma, em uma sessão fechada ante os comissários e duzentas pessoas do nosso próprio e seletto público, poderemos controlar a informação.

Resmunguei. Já estava cansada de Essex e de sua dominação em todos os discursos públicos. Mesmo trancado, ele conseguia, como se fosse um vapor, flutuar para fora, pairando sobre ar em geral. As pessoas estavam querendo saber por que o herói de Cádiz (e com que rapidez se esqueceram da Irlanda!) estava sendo detido sem acusação nem julgamento.

O que eles não conseguiam ver, e não conseguiam entender, é que sem a presença irritante dele o governo estava funcionando melhor e a campanha irlandesa estava obtendo sucesso enfim. Em sua ausência da vida pública, ele tinha mostrado apenas como era desnecessário. Então, numa tentativa de pôr fim aos comentários, teve de acontecer uma audiência e uma análise de todos os fatos. O que não haveria era um pronunciamento de “culpado” ou “não culpado”. O que aconteceria a ele dependeria de mim e não de um juiz.

A York House seria o local. Francis, como um dos quatro advogados que presidiriam a audiência, arrumou seu



chapéu e preparou-se para sair.

— Tome conta de tudo — eu disse.

Essex foi trazido para fazer a reverência diante da mesa em que os comissários estavam sentados, depois lhe foi dada uma almofada seguida de uma cadeira. A audiência aconteceu das oito da manhã até as sete da noite. Todo o desastre irlandês foi vasculhado e as falhas de Essex proclamadas.

Tudo já havia sido falado antes, em Nonsuch. Bacon leu trechos da carta que Essex tinha escrito após o episódio no Conselho Privado, quando ele tentou empunhar sua espada contra mim. Nela, ele tentou jogar a culpa em mim, dizendo “Príncipes não podem errar? Súditos não podem ser mal-interpretados? É um poder terreno ou uma autoridade infinita? Perdoe-me, perdoe-me, meu caro lorde, não posso me submeter a esses princípios”. Embora isso possa ter lançado uma luz sobre suas queixas, acrescentou pouco ao assunto em pauta.

No final, quando nenhuma sentença foi declarada, ele já estava sem seus cargos, conde marechal da Inglaterra, conselheiro do Conselho Privado, mestre de armas. Somente o posto de mestre de cavalaria, seu primeiro cargo, permaneceria, por ordem pessoal da rainha. Foi ordenado que ele voltasse sob custódia para casa até quando Sua Majestade quisesse.

Exausto, por causa daqueles procedimentos, e ainda fraco por sua recente doença, voltou para cama para se recuperar.

— Você se saiu muito bem — eu disse a Bacon.

— Odeio ter que fazer isso — disse ele. — Sinto como se estivesse apunhalando uma criança vendada.

— Vendada?

— Ele não sabia o que estava por vir — disse Bacon. — Não tinha saída. Agora ele fez com que me sentisse

envergonhada, o que era sua intenção.

— É verdade, ele estava em uma posição vulnerável — concordei. — Mas uma criança não consegue aprender até que seja humilhada. Seu amigo tem mostrado relutância obstinada em aprender. Agora, talvez, longe de estar de olhos vendados, seus olhos se abram.

— O que a senhora pensa em fazer com ele? — ele perguntou sem rodeios. Era a única questão ainda em aberto e que ainda não podia ser lançada.

— Não posso libertá-lo até que perceba ser seguro fazê-lo. Quando eu puder confiar nele, veremos.

— O que ele tem que fazer para deixá-la tranquila?

— Não estou certa ainda, Francis. Saberei quando sentir.

As coisas se acalmaram. A vida continuou, aparentemente alegre, nos dias de verão. Houve casamentos, passeios de barco e festas no jardim. A audiência na York House serviu para desacreditar Essex com quem importava, então ele não tinha mais espaço na corte, e as disputas e facções que estavam atormentado se dissiparam. Foi um imenso alívio e um merecido descanso para mim.

Em julho, liberei Richard Berkeley de seus deveres de guardião de Essex, mas mesmo assim não permiti que Essex saísse de casa. Iria libertá-lo gradualmente.

No fim de agosto, diminuí suas restrições de circulação. Ele não precisava mais ficar confinado em casa. Poderia ir aonde quisesse, mas não à corte. Ele não poderia colocar os pés lá.

— Ao ser gentil, a senhora está sendo cruel — disse Catherine. — A senhora o libertou, mas o proibiu de vir ao único lugar de onde ele tira forças.

— Exatamente. Ele ficou muito forte e à minha custa. Alimentei um filho que se virou contra mim. Que ele encontre alimento em outro lugar.

Eu estava preocupada com meus próprios gastos. Não podia mais pedir subsídios ao Parlamento. Vendi mais terras e joias da Coroa, e cheguei até mesmo ao ponto de ter que vender itens comercializáveis do Tesouro.

Sentei-me, olhando para o Grande Selo de meu pai, uma das minhas heranças que mais me dava orgulho. O desenho era antiquado para os dias de hoje, mas a prata daria um bom preço. Mas, ah, entregá-lo era como perder parte dele. Suas mãos estavam segurando o Selo, cuidadosamente colocando-o na bolsa de veludo.

— Perdoe-me — murmurei, tirei-o da minha frente para que não perdesse minha determinação. Devo conseguir dinheiro da melhor forma que puder. O direito exclusivo sobre os vinhos doces concedidos a Essex por dez anos deveria expirar no fim de setembro. Iria pegá-lo de volta, pois não podia permitir que um cortesão falido colhesse recompensas por mais tempo enquanto eu penhorava a herança de meu pai.

Essex anunciou que como não era mais bem-vindo à corte iria retirar-se para o campo. Ele começou a me encher de cartas.

“Agora, tendo ouvido a voz da justiça de Vossa Majestade, humildemente imploro para ouvir sua própria voz, ou então que Vossa Majestade em misericórdia mande-me para outro mundo. Se Vossa Majestade me permitir prostrar-me a vossos pés, olhando em vossos olhos justos e piedosos, mesmo que Vossa Majestade me puna depois, aprisione-me ou pronuncie a sentença de morte contra mim. Vossa Majestade será misericordiosa e eu serei mais feliz” — aquilo vinha de um homem que não conseguia compreender que já tinha tido a sua última audiência comigo. Ele ainda pensava que poderia escolher seu caminho em qualquer área que desejasse. Não respondi. Logo, outra carta chegou.

“Vá, carta, e chegue rapidamente à presença dela, de onde, infelizmente, estou banido. Que ela beije a mão justa e correta que derrama novos bálsamos em minhas feridas,

mas que para a maior delas não significa nada. Diga que você vem do envergonhado, lânguido e desesperado Essex.”

A mão justa e correta deixou a carta de lado e não respondeu.

Outras cartas chegaram, cada uma mais humilhante que a outra. Ele sempre foi um excelente escritor de cartas.

“Hoje o contrato de arrendamento que tenho pela beneficência de Vossa Majestade expira, essa concessão especial sobre o consumo de vinhos doces é a minha principal renda e meu único meio de pagar aos comerciantes a quem devo. Se meus credores aceitarem como pagamento os muitos litros pelo meu sangue, Vossa Majestade nunca ouvirá sobre isso novamente.”

Então, depois que a concessão dos vinhos expirou, ele intensificou os apelos.

“Minha alma suplica a Vossa Majestade por graça, por acesso e pelo fim deste exílio. Se Vossa Majestade me conceder esse benefício, será a mais graciosa, mesmo que me negue ou tire outras coisas de mim. Se isso não puder ser obtido, duvido que os meios para preservar a vida e garantir a liberdade, que sejam favores ou punições, pois até que eu possa aparecer em vossa presença graciosa e beijar a mão justa de Vossa Majestade, o próprio tempo será uma noite perpétua, e todo o mundo uma sepultura no humilde navio de Vossa Majestade.”

Ao todo, ele escreveu mais de vinte cartas. Que ele estava sofrendo eu acreditava, e sentia muito por isso. Mas que tipo de dor? Era a dor de constrangimento público ou a dor de ter negadas as coisas que sentia serem dele? Ou o medo da ruína financeira? Ele devia enormes quantias de dinheiro, todas garantidas por sua renda com os vinhos doces. Enquanto estava preso, ele esteve fora do alcance de seus credores, mas agora que era um homem livre, estava à mercê deles. E já tinha tido a oportunidade de desfrutar da licença do vinho e agora o tempo para tal se esgotara. A Inglaterra precisava do dinheiro mais do que ele.

Francis Bacon, talvez se sentindo culpado por sua participação na audiência, pediu por ele e comentou sobre seus apelos eloquentes. Eu apenas disse que fiquei tocada por eles até que percebi que não passavam de manobras para colocar as mãos na concessão do vinho doce novamente.

— Ele gorgeia como um rouxinol, mas sua música tenta apenas me enganar, senhor Francis — eu disse.

— Ele está desamparado — tentou justificar Francis.

— Perdoei-lhe a dívida de 10 mil libras que devia à Coroa quando era óbvio que ele não poderia pagá-la. Ele deveria ser grato por isso — falei. — Eu nunca perdoei a dívida de nenhum outro homem.

— Homens desesperados procuram soluções desesperadas — ele disse.

Olhei para ele. Seus delicados olhos castanhos não me diziam nada.

— Isso é uma ameaça? E vem de você ou dele?

— É apenas uma observação, Vossa Majestade. Há certos animais que não atacam a menos que já todos os outros meios estejam esgotados. Algumas cobras agem dessa maneira, têm que ser provocadas e acuadas antes de atacar. Mas seu veneno é mortal.

— Ele perdeu a oportunidade. Se ele tivesse a intenção de atacar, deveria tê-lo feito quando tinha um exército à sua volta. Agora ele não tem os meios.

— Mas, mesmo tendo certeza disso, eu sabia que assassinato não exigia um exército, apenas alguém próximo. — Sei que ele tem trocado correspondência com Jaime da Escócia — falei.

O rosto de Francis demonstrou surpresa ao indagar:

— Ele tem feito isso?

— Não finja que não sabia. Se eu sei, você sabe. Ele queria que Jaime mandasse um embaixador para cá, juntamente com tropas, e que o libertasse. O próximo passo, suponho, era cair nas graças de Jaime, depois de ter

esgotado minha generosidade e minha boa vontade. É claro que eu teria que ser tirada daqui primeiro.

Agora Francis parecia realmente horrorizado.

— Tenho certeza... Tenho certeza de que ele não tinha isso em mente.

— Então por que ele pediu ao lorde Mountjoy para anunciar seu caso e depois voltar da Irlanda com tropas para apoiá-lo?

— Não sei nada sobre isso — sua expressão me dizia que ele estava falando a verdade. Sua briga com Essex era permanente, então, e ele não tinha mais sua confiança.

— Mountjoy provou seu próprio sucesso agora e não está tentado a desistir para apoiar seu velho amigo. Fora da Inglaterra, longe das sutis adulações de Essex e das estridentes persuasões de sua amante, ele se tornou dono de si. Um homem tão egoísta e ambicioso quanto qualquer outro. Seu caminho para o poder não está em ser subserviente a Essex, mas em trazer a paz, qual era mesmo a frase? Obtida na ponta de sua espada. Mountjoy não é bobo. Sempre gostei dele.

— Isso tudo é muito horrível — disse Francis.

— Assim é a corte, por trás de suas máscaras e sonetos — eu disse. — Creio que você não escreveu um ensaio sobre isso.

— Mesmo porque eu não compreendi a sordidez disso tudo — ele falou. — Mas repararei esse erro em breve.

— Ninguém acreditará em você. Geração após geração de jovens terão que aprender essa lição em primeiro lugar. — Suspirei. — Veja, Francis, ainda não perdi toda a esperança de que Essex se redima. Mas primeiro ele tem que aceitar a sua situação e não tentar fugir dela. Desde o primeiro momento em que a corrupção se instala, em qualquer entidade, se ela for alimentada, cresce. Tem que ser expurgada. Por isso, não vou alimentá-lo com mais renda de corrupção.

— Curvo-me à sabedoria de Vossa Majestade — ele disse.

— Não zombe de mim, Francis.

— Não estou zombando. Talvez a senhora consiga ver o que eu não consigo. Vejo apenas um homem perseguido por seus credores raivosos. A senhora vê perigo. A senhora não pode se dar ao luxo de estar errada; eu posso.

— Você entende minha posição.

— Mas a senhora tem que entender a posição dele. Ele não é diabólico, mas sim um Ícaro, voou de forma imprudente para muito perto do sol, derretendo suas asas de cera e caindo por terra.

— A vida dele se presta a tais interpretações poéticas. Esse deve ser o seu legado permanente.

Para preencher o espaço vazio de Marjorie, a irmã mais nova de Catherine, Philadelphia, veio para a corte. Ela já havia me servido no passado e a recebi de volta. Ela era muito diferente de Catherine, tendo passado cerca de metade de sua vida nas fronteiras escocesas, onde seu pai, e depois seu marido, comandaram as marchas do oeste. Eles eram os barões Scrope de Bolton, cujo castelo havia primeiramente alojado Maria, rainha dos escoceses. Philadelphia tinha absorvido alguns dos maneirismos e asperezas do norte, mas eu sempre os achei interessantes devido às sutilezas forçadas das conversas da corte.

Ela começou a me importunar sobre recuperar Essex ou ao menos garantir-lhe a licença do vinho doce para que ele pudesse pagar suas dívidas.

— Que advogada encantadora ele tem — eu disse. — Ele tem sorte nisso. Mas você não o conhece como eu o conheço. Ele ainda não está vencido. Para domar um cavalo indisciplinado, primeiro tem que privá-lo de sua forragem.

— Mas, e se ele aparecer nos torneios do Dia da Ascensão, a senhora o receberá com gentileza? — ela perguntou.

Houve rumores de que ele estava planejando uma reaparição espetacular nos torneios, uma vez que eles não aconteciam tecnicamente na corte. Ícaro voaria novamente, ou tentaria.

— Eu certamente o receberei. De que maneira eu não posso dizer.

Seria muito peculiar dele aparecer no torneio e agir como se nada tivesse acontecido.

O dia 17 de novembro se aproximava. Tivemos um outono quente e seco, e o clima se manteve, para alívio de todos. Recebi muitas cartas e presentes de congratulações em meu quadragésimo segundo aniversário de ascensão. O rei francês enviou uma carta pública de louvor, juntamente com dois cavalos. Os Países Baixos enviaram um armário escuro, esculpido com inserções em marfim. Tínhamos acabado de vencer em conjunto os espanhóis em Nieupoort, e o fim da guerra aparentemente sem fim estava à vista. Mil e seiscentos havia sido um bom ano, apesar de tudo.

A corte estava cheia de visitantes para a celebração. Eu tinha decidido encomendar um vestido novo para a ocasião, algo que parecesse mais marcial do que o habitual. Queria que o corpete imitasse os peitorais decorados da antiga Roma, com miçangas e pérolas. O tema dos torneios seria *vitória*.

Poucos dias antes, recebi outra carta de Essex. Ele me parabenizava pelo dia e pedia mais uma vez para ser perdoado: “Às vezes penso em ir aos torneios, mas então lembro o que seria estar em sua presença, na qual por sua própria voz me ordenou e por suas próprias mãos fui afastado”, ele sugeria, tentando me fazer responder com um convite. Mas não convidei.

Foi a última carta que ele escreveu para mim.



LETTICE  
Novembro de 1600



**G**aminhei entre os varais de roupas, secando ao vento de novembro. Desde nosso retorno à Essex House, tive que assumir muitas das funções dos antigos empregados. Simplesmente não podíamos manter todos os empregados de volta. Essa tarefa em particular não me importava. Eu gostava de sentir a limpeza pura da roupa e das camisas, lembrava-me do tempo na Holanda, quando fiquei encarregada das tarefas da família. Todos na Holanda pareciam lavar roupas o tempo todo, a roupa esvoaçante em mil varais espelhavam as velas em suas embarcações que constantemente operavam no porto. O cheiro forte e fresco das roupas, assim que eu as tirava do varal, fazia com que me sentisse limpa também.

Tentei não pensar em outras coisas, bastava recolher a roupa e dobrá-la em um grande cesto. Há um bálsamo nas tarefas simples. Assim, desde o amanhecer até a noite eu tentava manter minha mente não pensando sobre nossa situação. Isso, é claro, era impossível.

Elevando a cesta para cima de um dos meus ombros, voltei para dentro de casa. Eu estava na beira do rio, e lá

não ouvia nenhum barulho da rua, apenas o som do rio Tâmisa fluindo. Dentro da casa, fui para a lavanderia para deixar meu cesto. Graças a Deus que não tinha que passá-las. Não tinha habilidades para isso. Mandávamos os colarinhos para serem profissionalmente engomados e passados, porém o resto era feito aqui.

Assim que voltei, passando sala principal, vi Robert sentado em uma cadeira tipo um trono, de braços cruzados e parecendo melancólico. Christopher estava debruçado sobre um banquinho ao lado dele, falando em voz baixa diretamente em seu ouvido.

— Um belo dia — eu disse, tentando parecer alegre.

Entreolharam-se, irritados por terem sido interrompidos.

— Sim, um belo dia — Robert murmurou. Ele ainda estava magro por causa de seu calvário, sua força havia sido sugada. Uma mão fina saía da manga de sua camisa, descascando uma maçã com aflição.

— É 16 de novembro — disse Christopher. — Vamos esperar.

— Ah, Robert! — Meu coração, que eu achava que estava completamente dormente, sentiu dolorosamente por ele. — É muito tarde para você ir, mesmo que fosse convidado por ela. Você não tem trajes, não tem carruagem para concorrer, nenhum escudo de apresentação.

— Se eu fosse convidado, poderia criar algo durante a noite. Se eu fosse convidado...

— Você tem que fechar essa janela e parar de ver isso.

— Ele rastejou, humilhou-se e perdeu o chão. Concorro com você, se ele é um homem, tem que parar com isso — Christopher olhou desgostoso, franzindo a testa para Robert enquanto ele deixou cair a faca. Christopher a pegou e com apenas um golpe cortou a casca fora. — Tome — disse, jogando a maçã de volta para Robert.

— Você está certo — disse Robert, girando a maçã de um lado para o outro como se não soubesse o que fazer com ela. — Eu sempre odiei os torneiros de qualquer maneira. A despesa. O tempo perdido escolhendo um tema. Para o

inferno com eles. Tudo o que eu quero é a renovação da licença de vinhos doces. Agora que ela me insultou, pode mudar de ideia e dá-lo a mim. Talvez seja *por isso* que ela tem sido tão cruel publicamente.

— Você é um sonhador, Robert. Sempre foi. Ela é cruel porque é uma mulher má e adora isso — disse Christopher.

— Ela é mais complicada do que isso — eu disse. — Nosso melhor caminho é ficar em silêncio.

— Não tenho escolha. Não posso escrever para ela novamente.

— Maldição, não pode mesmo! — disse Christopher.

Aí então o mordomo de Robert, Gelli Meyrick, apareceu. Ele estava carrancudo, como de costume. Ele era muito leal, mas de cabeça quente.

— Por que você está encolhido dentro de casa, como uma velha? — ele disse. Logo atrás dele estava Henry Cuffe, o secretário acadêmico para correspondência estrangeira. Ele ajoelhou-se e entregou uma carta para Robert, que pegou com as mãos trêmulas.

— Bem? — perguntaram Christopher e Gelli.

— Devo abri-la em particular — disse Robert, guardando-a contra o peito.

— Você não confia em nós? — eles perguntaram.

— Tenho o direito de ler uma carta particular na minha privacidade! — disse Robert, levantando-se e arrumando o manto ao seu redor. Ele foi de maneira desconfiada para seu quarto.

Virei-me cheia de esperança para Cuffe. Se nenhum convite veio de perto, pelo menos nossos aliados estrangeiros lembravam da nossa existência.

— Você pode me dizer... — comecei.

— Desculpe — ele disse. — Não tenho autorização de falar-lhe sobre a carta.

— Tinha um selo real nela — disse Gelli. — Não somos tolos. Não é da França, nem da Suécia, ou da Rússia. De onde mais, se não da Escócia?

— Aguarde um momento — grunhiu Christopher. — Depois que Robert fizer sua cena de independência, ele nos deixará ler. Talvez... talvez ...

— Não diga isso — avisei-o. Todo o flerte com Jaime VI parecia inútil para mim. Era tão óbvio que Jaime não faria nada para prejudicar sua posição com Elizabeth, e certamente nada por um cortesão caído em desgraça. Sim, Jaime estava ficando cada vez mais impaciente, mas Robert não podia ajudá-lo.

Deixei-os. Cada vez mais eu preferia a companhia de Frances e dos netos à daqueles homens frustrados e petulantes. O cerco de má sorte a havia transformado numa criatura que lançava faíscas de fogo. Ela tinha permitido o casamento de sua filha com Roger Manners, o conde de Rutland, mas só porque a menina teimosa se imaginava apaixonada por ele.

— É muito difícil argumentar com uma jovem de quinze anos — concordei com ela. E não vai ficar mais fácil, pensei, mas não disse nada. Penélope e Dorothy não ficaram mais dóceis e passivas conforme o passar dos anos.

— Talvez eu tenha outra filha para substituí-la — disse Frances, enquanto lamentávamos sobre nossas filhas incontroláveis. Aquela era a sua maneira de anunciar que ela e Robert estavam grávidos novamente. Eles haviam se consolado, assim, na forma antiga depois que ele foi libertado.

Tive o prazer de ouvir isso. Deixei escapar a velha frase:

— Contanto que seja saudável...

— Ah, sim, estou me sentindo muito bem — ela disse. — Deus me perdoe, sei que é egoísta, mas foi um prazer ter Robert em casa e não andando por aí.

O pequeno Rob, homônimo, tinha nove anos agora, mas parecia preferir as buscas interiores às exteriores. Talvez ele se tornasse um estudioso ou um clérigo. Eu não ficaria triste em ver o fim das ambições marciais dos homens Devereux. Rob, com seus cachos dourados, era um menino sonhador que gostava de inventar histórias. Ele tinha a mesma idade

que meu Robert tinha quando seu pai morreu e ele herdou o título de conde. Talvez ele tivesse o privilégio de buscar as coisas que se adaptassem melhor à sua natureza, em vez de ser forçado a traçar seu caminho prematuramente no mundo.

Frances tinha deixado de lado suas roupas pretas quando Robert foi libertado, mas ainda se vestia de forma simples. Uma vez que não éramos convidados para ir a nenhum lugar, a falta de meios para comprar roupas extravagantes não era óbvia. Passávamos a tarde em conversas calmas, bebendo vinho quente e mordiscando bolinhos. Ambas fingíamos ter a vida que havíamos escolhido.

A gente sempre imagina que os dias que mudam a vida devem ser marcados com algo extraordinário na natureza, tempestades e relâmpagos, escuridão ao meio-dia, e assim por diante. Na verdade, eles são indistintos de quaisquer outros dias, razão pela qual nos sentimos ridicularizados, como se o mundo estivesse nos dizendo que somos inconsequentes.

No dia em que recebemos a notícia da decisão da rainha dizendo que a concessão do vinho doce expiraria, era um dia monótono de novembro, frio, mas não muito, garoava, mas não chovia. Ela nem sequer entregou o veredito a nós, mas deixou-a chegar até a Essex House por fofocas em geral. O homem que entrega couves e cebolas para nossa cozinha disse à cozinheira: “Que pena isso dos vinhos doces”. Ela perguntou sobre o que ele estava falando, e ele disse “que a rainha vai ficar com a concessão para ela, ouvi no mercado”.

Mais tarde, um ferreiro confirmou que tinha ouvido aquilo na rua. Então, com a escuridão já caindo, chegou a nós um boletim da corte, do secretário John Herbert. Ele nos informava sobre várias decisões tomadas naquela semana, regulamentações sobre a distribuição de grãos, uma mudança no dia em que os cisnes eram marcados, aumento da taxa de lixo na cidade e então, ah, sim, Sua Majestade

estava reservando receitas dos impostos sobre os vinhos doces para a Coroa, pois ela desejava poupar seus súditos leais e amados de qualquer tributação extra.

Eu continuei olhando para o papel, relendo, vendo as palavras, mas rejeitando seu significado. Não podia ser. Mas era. As palavras continuavam na página, não desapareciam nem mudariam, não importando quantas vezes as lesse.

Estávamos arruinados. Arruinados. Não conseguiríamos sobreviver. Devíamos mais do que poderíamos pagar. Eles nos levariam para a Prisão Marshalsea como devedores e lá morreríamos. Tropecei em meu quarto buscando uma vela, pois, de súbito, senti medo de me sentar no escuro.

Ah, haveria escuridão suficiente naquela cela, minha mente aterrorizada gritou. Mas você vai querer o escuro, pois assim não se pode ver a sujeira nem os ratos na palha. Eu estava tremendo. Até aquele momento, eu não sabia que havia confiado que a rainha poderia demonstrar misericórdia no último minuto, nunca tinha realmente me permitido considerar qualquer outra alternativa.

— Ah, meu Deus — sussurrei. Estava completamente inundada em lágrimas, nenhum remédio aliviaria o choque e o medo.

— Maldita seja, que queime nas labaredas do inferno! — Christopher estava na soleira da porta, com uma garrafa na mão. Ergueu-a e bebeu diretamente do bico em longos goles. — Amaldiçoe os malditos ossos dela! — ele estava bêbado. Arrastou-se para dentro do quarto e se ajoelhou ao meu lado: — Por que você está sentada aqui no escuro? — ele perguntou, com bafo de cerveja. Ele não ajudava em nada, mas haveria ajuda em algum lugar?

— Estou com medo, Christopher — eu falei. — A escuridão pareceu mais gentil do que a luz.

Ele segurou minha manga e disse:

— Sentada aqui como uma covarde lamuriosa, essa não é a minha esposa. Vamos, tome um pouco disso! — Ele empurrou a garrafa em minha boca, mas eu recusei.

— Você devia estar feliz. Agora tudo está declarado. Não precisamos fingir. Ela é nossa inimiga, é isso.

Quem era aquele estranho, bronco e simplista? Quando ele tinha substituído meu Christopher?

— Não, ela não é nossa inimiga — afirmei. — Ela está apenas cuidando de si mesma. — Fiz uma pausa e continuei: — Eu duvido... eu duvido que estejamos tão presentes em sua mente para que ela nos chame de inimigos. Somos insignificantes agora, ninguém que precisa ser considerado. — Eu estava de volta para onde fui quando era uma criança, no exílio, um ninguém. Mas não, nossa família era importante o bastante e tivemos de ir para o exílio. Isso significava algo.

A única resposta dele foi tomar um longo gole de bebida.

— Dinheiro, é apenas o dinheiro que interessa — eu reclamei. — Sangue, serviço, bravura, lealdade, sem dinheiro, não têm importância alguma. — E quanto à nobre linhagem e o sangue real de Robert? Os ratos em Marshalsea não darão importância para isso.

— Só agora você vê isso? Até uma criança já sabe — ele encontrou outra vela para ajudar a vela fraca que eu tinha acendido e de súbito a iluminação ficou mais forte. — Talvez não seja ela — ele disse. — Talvez a mente dela tenha sido envenenada.

— Não se console com essa ilusão. Um rei ou rainha fraco pode ser o peão de maus conselheiros e assessores, mas essa não é um peão de ninguém. Nunca foi. — Ah, ela foi inteligente e senhora de si desde que a conheci, vencendo quem está no poder com facilidade até mesmo quando era uma jovem princesa. Gostaria de ter compartilhado essa característica. Mas só agora percebia que tinha feito um bom planejamento, todavia eu não passava de uma péssima estrategista, incapaz de planejar para contingências. Mas que bem me fazia agora reconhecer tais coisas? Era tarde demais para ajudar e só servia para aprofundar o meu desespero.

— Veremos — ele disse ameaçadoramente. Depois, saiu cambaleando do quarto.

Por quanto tempo fiquei sentada ali não sei. Ouvi os gritos de rua morrendo assim que o toque de recolher foi tocado e a noite avançava. Finalmente, minha tremedeira parou. Eu deveria ir até Robert. Não, eu deveria deixá-lo em sua privacidade. Eu não deveria incomodar ele nem Frances. Jogando-me na cama, fiquei deitada para me esquecer daquele dia e acordar em outro.

Acordei com a luz opaca vindo de um sol abafado entre as nuvens. Eu tinha sonhado com cavalos, cavalgando lentamente ao longo de um penhasco alto com o mar espumando lá embaixo. O ar estava melado de sal, mas eu adorava o aroma salobre, com algas marinhas e ondas. Desci do cavalo e parei à beira do precipício, vendo a água bater contra as rochas negras. Lá embaixo, entre duas pedras irregulares, algo estava preso, balançando. Um corpo? Então, vi o mar repleto de madeiras e restos, soube que era um naufrágio. Seria a Armada? Os espanhóis tinham naufragado acima da costa da Irlanda, disseram. Irlanda...

— Mãe! — alguém estava sacudindo meu ombro. — Ah, ajude!

Fui tirada das ondas do mar de volta para a Essex House. Frances estava de pé ao lado da minha cama. Na penumbra, vi lágrimas em seu rosto.

— O que foi?

— Robert. Ele não se levanta. Acho que ele está... está inconsciente.

Pulei da cama e coloquei um robe, depois corri com ela para o quarto deles. Uma trilha de roupas jogadas no chão levava até a cama de dossel. Abri as cortinas do dossel e vi Robert esparramado, não estava dormindo, mas não respondia.

— Bêbado? — perguntei, esperando que fosse isso. Ah, Oh, deixe-o apenas curar a bebedeira. Christopher tinha



bebido. Era o jeito deles de esquecer das coisas, coisas muito dolorosas que tinham que encarar. Senti o cheiro de seu hálito, mas não senti cheiro de cerveja nem de vinho. Pelo contrário, tinha um odor estranho e doce.

— Robert! — sacudi, mas ele não se mexeu. Virei-me para Frances e perguntei: — O que ele tomou? Você encontrou alguma coisa no quarto? Próximo à cama?

— Não procurei. Quando não consegui acordá-lo, fui direto até você.

— Vamos procurar. Por todos os lados. — Tremendo, tateei os lençóis e as cobertas, procurando por uma garrafa que revelasse a história. Nada. Abaixei e olhei debaixo da cama, na cabeceira e por trás de todos os baús. — O que aconteceu ontem à noite? Ele foi para a cama de maneira normal?

— Ele leu o boletim do secretário Herbert. Leu várias vezes. Depois, ficou em silêncio como uma pedra. Então, Gelli entrou, resmungando. Aí veio Christopher, bêbado. Eles gritaram e falaram sobre vingança, mas Robert ficou ali sentado. Finalmente, eles nos deixaram sozinhos. Só então Robert falou. Ele apenas disse “Estou amaldiçoado”. Tentei dizer-lhe que não era assim. Tínhamos nossos filhos, tínhamos um ao outro, tínhamos nossa juventude e a nossa saúde, ninguém pode nos privar dessas coisas. Ele apenas balançou a cabeça. Eu continuei, lembrando-lhe que aquilo era muito mais apreciado do que o resto. “Sem eles, a riqueza, o valor e a estima públicos são inúteis. Lembre-se de Burghley e sua gota. Cada dia era uma tortura para ele, independentemente do seu alto cargo e da estima da rainha.”

— E o que ele disse?

— Nada. Apenas continuou balançando a cabeça. Então eu fiz o que faço com as crianças. Disse gentilmente “Venha para a cama agora. Descanse”. Ele obedeceu, arrastando-se, e adormeceu em meus braços — ela deu um suspiro

— Ou assim eu pensei. Mas, enquanto eu dormia, ele deve ter saído da cama e tomado alguma coisa, uma bebida, uma

poção, talvez para fazê-lo dormir mais profundamente, mas eu nem sabia que tínhamos tal remédio.

— Chame um médico. Temos que encontrar o frasco! — disse, olhando novamente para Robert, paralisado e pálido.

Sozinha no quarto, sentia-me desesperada. Onde poderia estar? Peguei sua bengala de prata e cutuquei a parte de cima dos armários. Em seguida, vasculhei dentro deles. Procurei no lado de baixo das cordas de colchão, depois parei. Era uma bobagem. Um homem não vai tão longe para esconder uma garrafa vazia, faz isso se ela estiver cheia. Havia uma fresta numa das janelas, dava para sentir o vento. Abri as cortinas grossas e a janela e olhei para baixo. Caído, embaixo da janela, preso a um arbusto, estava um frasco. Corri lá para baixo para recuperá-lo, empurrando os galhos para o lado para pegá-lo. Meus dedos alcançaram-no e consegui arrastar para fora.

Estava vazio e tinha cheiro doce, assim como o hálito de Robert.

Quando voltei ao quarto, nosso médico estava lá, próximo a Robert, ouvindo seu peito.

— Está aqui! — eu disse, segurando o frasco.

O médico, Roger Powell, virou-se e estendeu a mão para pegá-lo. Ele tentou procurar um rótulo e depois chacoalhou, dizendo: — Há algo aqui dentro ainda. Pegue uma taça para que possamos despejá-lo — rapidamente, trouxe uma taça e ele esvaziou o frasco com a pequena quantidade do líquido esverdeado.

— Sei o que é — disse Francis. — Ele trouxe consigo da York House. Foi dado a ele quando teve a ressaca, para parar de vomitar.

— Quem deu a ele? — a voz de Powell era forte. Ele cheirou o líquido.

— Quem o tratou. Eu não podia vê-lo. Em algum momento a rainha mandou os próprios médicos dela.

A acusação pairava no ar. Mas aquilo era tolice. A poção o tinha ajudado quando foi usada como prescrita.

— É feito com a mortal beladona — disse Powell.

— Há algum antídoto? — perguntei.

— Um muito raro, o feijão Calabar. Vem da África.

— Há algum lugar em Londres onde possa ser encontrado?

Ele parecia angustiado.

— É bem popular na bruxaria. Se você conhece alguém disposto a admitir que pratique feitiçaria, então você tem mais informações do que eu.

— Deve ter alguém que forneça. Talvez perto das docas.

— A bruxaria não é praticada abertamente. Teremos que encontrar alguém que seja confiável nesse grupo. — Ele olhou para Robert e disse: — E temos que encontrá-lo rápido.

De súbito, agradei pelas figuras de má reputação que se reuniam em nosso pátio. Eu disse a Robert para mandá-los embora, que eles causavam impressão de deslealdade, mas ele me ignorou.

Levou apenas alguns minutos para encontrar um menino galês maltrapilho ansioso para executar tal tarefa. Ele dizia que precisava para uma poção do amor, pois ele estava doente de amor por alguém que o desprezava.

— Apresse-se e receberá uma recompensa extra — prometi a ele. Podemos ser pobres, mas tínhamos dinheiro para isso.

Voltei para o quarto em que, sob a coordenação de Powell, queimamos cânfora debaixo do nariz de Robert na tentativa de despertá-lo, apoiando-o em travesseiros na esperança de estimulá-lo. Naquele momento, a notícia já corria pela casa, Cuffe, Meyrick e Christopher tentaram entrar no quarto, mas Powell disse-lhes para ficarem de fora e deixar que Robert recebesse ar suficiente.

O garoto voltou em duas horas, segurando um saco de estopa com um feijão marrom liso dentro do tamanho da unha do meu polegar. Parecia completamente inofensivo quando o segurei e olhei de todos os lados.

— Sim, é isso — disse Powell. — Vou moer e depois podemos usar o pó. Tenho que estimar a dosagem exata, e isso vai ser difícil, pois eu não sei quanto de beladona havia naquela poção. Queremos apenas o suficiente para neutralizar a beladona,<sup>22</sup> não para extrapolá-la para que aja como outro veneno.

Ele trabalhou rápido e tudo o que eu podia fazer era rezar. Havia tantas coisas ainda incógnitas. Se tivéssemos errados sobre a poção, se o frasco não estivesse ligado a Robert, ou se tivesse sido jogado fora em outro momento, se ele houvesse tomado uma dose excessiva do antídoto...

A tensão de tudo aquilo fez com que eu caísse em prantos e foi a vez de Frances me consolar. Ela estava calma, mas porque não percebia todas as implicações de nossa ignorância sobre a dosagem.

A poção só ficou pronta ao meio-dia e tivemos que administrá-la em colheradas na boca de Robert, depois segurar sua mandíbula fechada e massagear seu pescoço. O líquido desceu. Então, quando a taça estava vazia, ficamos esperando.

Senti-me envenenada, estava tonta e entorpecida. Talvez manusear o feijão tivesse me contagiado. Mas não, era só o pó que tinha propriedades. Sentei-me numa cadeira no canto, revivendo todas as outras vezes nas quais fiquei aguardando no quarto dele. Aquela foi a pior.

Quando ele começou a se mexer, muito lentamente, já era noite. Ele moveu o braço direito para cima e roçou a testa. Ainda assim, permaneceu em silêncio, com os olhos fechados. De repente, ruborizou, e surgiram bolinhas em suas bochechas. Em seguida, outro movimento e ele passou a língua pelos lábios secos.

Powell apareceu instantaneamente ao seu lado, aproximando-se dele.

— Um pano — ele ordenou. — Água fresca e matricária<sup>23</sup> destilada. — Tudo foi trazido e ele limpou o rosto de Robert, fazendo com que ele revivesse. Por fim, os olhos de Robert se abriram e ele olhou em volta, sem entender.

— Graças a Deus você está salvo! — gritou Frances, jogando-se sobre as pernas cobertas dele. Powell puxou-a de volta.

— Nada de peso sobre ele! — ele gritou. Então, ele flexionou os braços de Robert e massageou-lhe as mãos. — Volte para nós — ele ordenou a ele, como um mago.

Robert deu um leve sorriso. Levantou uma das mãos e apertou os dedos de Powell.

Ele dormiu durante a noite e por toda a manhã seguinte, a voz voltou. As primeiras palavras seriam cruciais. Será que ele tinha a intenção de acabar com sua vida?

Ele levantou uma das mãos e indagou:

— Onde estive? Estou tão fraco.

— Você não se lembra? — perguntei.

— Não me lembro de nada, apenas de ter ido para a cama.

— Você não tomou nada?

— Não conseguia dormir, então levantei e tomei um remédio que eu tinha para a ressaca — disse, balançando a cabeça lentamente.

— E isso ajuda você a dormir? — perguntei.

— Acalma o estômago e faz você se sentir sonolento — ele falou. — Eu estava no extremo do meu juízo, estava bem acordado, estava acordado porque... — ele estava se lembrando. Ah, não permita que ele se lembre! Mas é muito tarde... — ...a rainha...

— Não pense na rainha agora! — disse Frances. — Esqueça tudo o que aconteceu antes. Descanse, meu querido.


Em dois dias ele estava comendo novamente e suas forças haviam voltado. Mas seus olhos pareciam diferentes, como se tivessem visto demais e agora pertencessem a outra pessoa.

E, se ele não quisesse acabar com sua vida, por que ele jogaria o frasco pela janela para que ninguém soubesse que ele havia tomado?

## ELIZABETH

### Dezembro de 1600



ínhamos chegado ao prenúncio do ano de 1600 e tudo estava bem, quer dizer, melhor do que bem. Em novembro, uma vitória retumbante anglo-holandesa contra os espanhóis em Nieupoort significava que nosso envolvimento militar de quinze anos no continente poderia terminar, e de maneira feliz. Na Irlanda, Mountjoy tinha continuado a reverter a maré irlandesa e O'Neill, embora não o tivesse capturado, no entanto, ordenava a diminuição das forças.

Para expandir nosso comércio, concedi uma carta régia à Companhia das Índias Orientais, competindo com os portugueses na Ásia. A primeira viagem seria no próximo mês. Eu também tinha em mente restabelecer uma colônia no Novo Mundo, a nova edição de *As principais navegações, viagens e descobertas da Nação Inglesa*, de Richard Hakluyt, gerava interesse público na aventura. Com o alvorecer do novo século, a previsão de Dee de um império britânico não parecia tão impossível.

Essex tinha vindo e Essex tinha ido. Seu apoio popular, que em dado momento tinha parecido tão ameaçador, já

havia se desfeito. As canções sobre o doce orgulho da Inglaterra morreram nas tavernas. Os insultos pichados para Cecil haviam cessado.

No entanto, mesmo com o povo se esquecendo dele, e ele desaparecendo da mente do público, crescia cada vez mais na minha. Bacon, ao chamá-lo de Ícaro, havia estabelecido uma imagem em minha mente e o transformado em mitologia grega. Havia algo de antigo e sobrenatural nele. As pessoas diziam que ele tinha nascido fora do seu tempo, e talvez fosse isso mesmo. Sua beleza e sua atitude de expectativa sempre estiveram comigo, lembrando-me do potencial no qual um dia eu havia acreditado e, em algum lugar dentro de mim, ainda acreditava.

Havia muito que comemorar naquele Natal, e eu queria que fosse muito alegre. Todos eram bem-vindos à corte, convidei todos os enviados estrangeiros e secretários, e pedi a todas as minhas damas que me acompanhassem. Era bom reunir todos sob o mesmo teto, e eu fazia isso em Whitehall naquele ano. Onze peças foram programadas para serem apresentadas para nós no salão grande. Pedi composições musicais especiais para a ocasião e nomeei John Harington para ser o mestre de cerimônias. Ordenei também que os cozinheiros criassem um novo prato de algum tipo, poderia ser carne, sobremesa ou até mesmo uma bebida. Se tivesse sucesso, daríamos o nome de “1600”, e ele ficaria como uma recordação do primeiro ano do novo século.

O afluxo de mulheres que não mantinham assiduidade nos aposentos privados significava que precisávamos de mais camas e que o chamado quarto das donzelas estaria lotado. Mas isso se devia à estação.

O feriado tinha acabado. Fizemos a adoração adequada na Capela Real, revivendo a noite sagrada em Belém quando os pastores reunidos, os anjos cantando e a humilde manjedoura foram transformados num símbolo do amor de Deus. As doces vozes do coral flutuavam no ar frio, lembrando o coro dos anjos. Com a cabeça curvada, fiz



sinceros agradecimentos pelos benefícios atribuídos à Inglaterra no ano passado, entregando até minhas perdas pessoais e a dor, a morte de Marjorie, o colapso de Essex.

Agora, as festividades começariam.

No dia seguinte, o primeiro e grandioso banquete abriu as comemorações. Todos foram convidados, por isso foi necessário usar o salão grande para recebermos a todos. Fiéis à sua tarefa, os cozinheiros haviam confeccionado um doce elaborado recriando uma cidade murada. Foi trazido um carrinho, montado em “jardins” verdes de papel mâché com árvores de galhos e tecidos verdes. As paredes doces tinham cerca de trinta centímetros e as pequenas construções, aninhadas dentro da cidade, traziam telhados de gelo vermelho, madeira feita de canela em pau, portas de frutas cristalizadas, cravejadas de uvas-passas. A maior estrutura, uma catedral, tinha torres elevadas extremamente benfeitas, arcos e um vitral feito de lascas de açúcar coloridas. Várias tavernas, com pequenas plaquinhas pintadas balançando em suas entradas, com clientes bêbados cambaleando para fora.

— Esplêndido! — declarei, completamente fascinada pela criação. — Mas destruí-la seria como se fôssemos bárbaros, saqueando uma cidade.

— É por isso que inventamos uma bebida para servir junto com ela — o cozinheiro chefe disse. — A senhora pode chamá-la de “1600”, mas nós a chamamos de “Átila” — ele serviu uma taça com o conteúdo de um jarro alto e entregou-a a mim. — Vossa Majestade, peço que prove e nos diga se isso faz com que a senhora se sinta uma destruidora de cidades.

A bebida quente encheu a taça de calor, irradiando para minhas mãos. Tomei um gole e achei diferente de tudo o que já tinha experimentado, era doce, sim, e forte, mas com um toque amargo, insinuando especiarias vindas além da linha do Equador.

Eles aguardavam em expectativa. Fiz um sinal positivo com a cabeça e tomei outro gole.

— Muito bom, senhores. Mas o que dá o gosto amargo?

— A base é a malvasia doce, mas a ela adicionei vinho de palma, que vem de Levant, e depois extrato de tâmaras. Então, moí um pouco de raiz de manacá da Guiana nele.

Experimentei mais uma vez. A base de vinho doce me lembrava Essex e o infeliz episódio do vinho doce. — Sim, entendo. Acho que você pode chamá-lo realmente de Átila. Ele, sem dúvida, bebeu essa mistura — aí então eu ri, tentando apagar a imagem de Essex da minha mente. — *Sir Walter*, temos que lhe agradecer pela raiz de manacá?

Raleigh curvou-se e disse:

— De fato. Os índios dão muito valor a ela, acrescentando-a em suas frutas e carnes. Para nós, entretanto, sua amargura significa que precisamos temperá-la com doçura.

Vi que Bess estava nas sombras de um pilar, enquanto seu marido ficava na luz.

— Bess, você usa a raiz para outra coisa? — chamei-a, para que soubesse que era hora de sair das sombras e tomar seu lugar de direito ao lado de Walter.

Assustada com o reconhecimento, ela gaguejou:

— Às vezes, para cozinhar, Majestade — disse ela.

— Bom, você tem que nos mandar uma amostra qualquer hora.

Os cozinheiros conseguiram cortar a cidade em partes de forma hábil, partindo os muros, a catedral, as lojas e as tavernas em porções exatas. Tão grande que era a montagem e a multidão rapidamente a engoliu. Mesmo o exigente Robert Cecil comeu uma porção sem deixar uma única migalha em seu rosto. Ele disse:

— Vossa Majestade já conhece meus filhos? Permita-me apresentá-los: William, nove anos, e Frances, sete. — Os pequenos membro do clã dos Cecil vieram à frente e fizeram uma reverência. A nova geração. Não demoraria muito até que viessem à corte e fossem para o mundo.

— São adoráveis, Robert. Você é, sem dúvida, um bom pai. — Ele provavelmente conduzia a paternidade do jeito que fazia com todo o resto, de forma prudente e metódica.

— Posso ser apenas pai, não pai e mãe — disse ele. — Faço o melhor que posso.

Não houve nenhum indício de um novo casamento desde que ele tinha perdido a esposa, três anos antes. Ele parecia uma figura bastante solitária.

— Você sobressai melhor que qualquer outra pessoa — garanti. Pelo menos, dentre os que estavam vivos.

George Carey juntou-se a nós com o prato na mão. Estava atacando o último pedaço de bolo com muito gosto, estalando os lábios.

— Um começo superlativo para o feriado — disse ele. — E eu prometo um final também impressionante. Espere até ver o que os Homens do Lorde Camarista apresentarão na Noite de Reis. Chama-se *Noite de Reis*.

— Que óbvio — eu disse.

— O título é a única coisa óbvia na peça. Ah, o enredo é bem confuso.

— Devo supor que envolve troca de identidades? — perguntei.

George acenou com o garfo:

— Como sabe?

— É um recurso tão antigo, será um desafio fazer algo novo. Espero não ficar desapontada. Se ficar, proibirei peças com trocas de identidade nesta temporada.

— Estamos fazendo algumas inovações — ele disse. — Não se trata apenas de trocas de identidades.

— Para o seu bem, espero que seja verdade — falei. Realmente, eu estava cansada delas. Quantas vezes duplas de gêmeos ou irmãos e irmãs foram separados e, em seguida, reunidos?

— Nosso principal dramaturgo está trabalhando numa revisão da história da Guerra de Troia — disse ele. — Nela, Aquiles não é nobre, Troilo é um tolo e Helena não merece que se lute por ela: uma coisa boba, para rir.

Aquilo parecia mais interessante.

— Quando estará pronta?

— Não a tempo desta temporada, infelizmente.

— Bem, diga a ele que se apresse.

Carey curvou-se e saiu.

Vi Southampton à espreita no fundo. Fiquei surpresa por ele ter ousado vir, mas eu disse que era aberto a todos. Chamei para que viesse mais perto. Ele veio, não mostrando nenhum constrangimento ou hesitação, curvando-se com um floreio.

— Então, meu antigo mestre de cavalaria de Essex, como tem passado seu tempo desde o retorno tão abrupto da Irlanda? E como está sua esposa, minha antiga assistente?

Ele estava totalmente vestido de preto.

— Passo meu tempo em tristeza — ele disse.

— Com seu casamento ou com seu mestre? — perguntei.

— Com meu mestre — ele confessou. — Como um amigo leal não poderia estar assim?

— Você deveria canalizar seus esforços para pagar suas dívidas. Sei que deve cerca de 8 mil libras.

Ele olhou para mim com aqueles olhos azuis-claros e disse:

— Estou fazendo de tudo para resolver isso. Mas sou obrigado a dar apoio à minha mãe viúva. Acabo de vender mais partes das minhas terras, um terço de minha herança.

— Uma ótima maneira de resolver isso é parar de apostar — falei. — Aqueles que não têm fundos não deveriam apostar.

Southampton era um apostador aficionado, parecia impossível contê-lo. Ele apenas concordou com a cabeça.

— Como vai o seu amo? — não pude evitar a pergunta. — Vai bem?

Ele pareceu incrédulo.

— Bem? Não, ele não está nada bem.

Queria não ter perguntado. Eu queria saber, mas, como não havia nada que eu pudesse fazer, era melhor não discutir o assunto.

— Fico triste em saber.

Southampton ficou boquiaberto, e, na verdade, eu não devia nem mesmo ter dito nada.

— Direi a ele — foi tudo o que ele disse.

Vi que Southampton não era o único seguidor de Essex desgraçado que tinha conseguido vir até aqui. Roger Manners, o conde de Rutland e seu amigo Edward Russell, o conde de Bedford, estavam bebendo perto dos músicos. Ambos os jovens estavam tão profundamente endividados quanto seu líder e, sem dúvida, tinham vindo pela comida de graça e pela chance de encontrar alguém inocente o bastante para emprestar-lhes dinheiro. Eu esperava que não houvesse alguém com esse perfil no salão naquela noite.

Juventude... ah, a juventude... Chega dela e de suas loucuras. Meus olhos encontraram um homem mais velho que estava colando seu prato sobre a mesa. Ele parecia estar sozinho, então fui até ele.

— Parece perdido — eu disse.

— Nunca perdido, Majestade — ele disse. — Mas sozinho, sim. Meu primo me trouxe, mas não sei onde está. — “A rainha convidou a todos” — ele disse —, “e isso significa *nós*”. Espero que ele não esteja enganado. Sou William Lambarde, Majestade.

— Não, não está enganado. É um prazer conhecer meus súditos. O que você faz? — Ele parecia um estudioso ou algo assim. — Estuda em Cambridge? Oxford, talvez? — Não queria insultá-lo citando a universidade errada. Os professores e alunos eram sabidamente defensores de suas instituições.

— Nenhuma delas. Trabalho por conta própria, mas compilei um livro sobre as leis anglo-saxônicas e escrevi a história do condado de Kent. Teria feito um livro sobre toda a Inglaterra, mas Camden chegou primeiro.

— Seu trabalho deve ser gratificante. Ouvi falar sobre ele.

— Kent, Majestade, tem uma história muito rica. É claro que Hever está na história. Encontrei antigos mapas e atos que datam de muitos séculos.

Hever. Catherine e eu temos que fazer nossa visita histórica este ano.

— É mesmo? — eu disse. — Poderia me enviar o que encontrou?

— Seria uma honra — ele disse.

John Harington aproximou-se e curvou-se de maneira simpática. Notei que seu gibão parecia ter se expandido desde a última vez que o vi, e eu não fiquei surpresa por ele estar comendo uma segunda porção de doce.

— Saudações, John — eu disse. — Estou ansiosa por sua apresentação na Noite de Reis. Sua única restrição é se abster de fazer quaisquer comentários ou brincadeiras sobre o conde de Essex.

— Isso não é restrição — respondeu. — Não há nada de engraçado sobre ele ou a situação dele.

Mesmo que as noites fossem mais longas, no momento em que voltei aos meus aposentos o amanhecer não estava tão longe. Fiquei maravilhada com a rapidez com que a noite tinha voado.

— Creio que foi um sucesso, Catherine — eu disse.

— Você parece surpresa — ela falou enquanto soltava meu colar e gentilmente afrouxava os laços da grande gola ao redor do meu pescoço. Ah, era muito bom tirá-la.

— E estou. Não têm sido os momentos mais felizes da corte, desde o que aconteceu com Essex. Aproveitei a chance para que um convite aberto curasse as feridas e trouxesse os antigos costumes. Logo, a vida na corte voltaria ao normal, o melhor para todos.

Sua irmã Philadelphia veio para retirar minha peruca. Levantou-a com cuidado, com a tiara e os ornamentos ainda agarrados a ela, e colocou-a em sua base.

— Tenho uma visão mais clara do que minha irmã por ter ficando longe daqui durante tanto tempo, mas parece que, por detrás dos sorrisos, havia pensamentos negros. Os vagabundos, Southampton e companhia, irão diretamente a Essex para relatar tudo.

— É claro que irão. Ele acha que, porque não está mais aqui, a vida cessará? — eu disse.

— Não — disse Philadelphia. — Mas espero que isso não o desperte.

— Para o quê?

Ela deu de ombros e disse.

— Uma mente ciumenta e desordenada pode sempre encontrar alguma coisa. Ouvi dizer que a atmosfera mudou na Essex House, do luto para a militância.

— Eu sei que eles abriram o pátio para todo e qualquer tipo de pessoa, e que qualquer um com uma reclamação ou descontentamento está se reunindo lá. Pregadores puritanos, que são muito radicais para qualquer congregação normal, católicos insatisfeitos e, ultimamente, uma mistura de galeses. Uma mistura estranha. Mas temos nossos informantes. Nada passa que não tenhamos conhecimento.

— Isso é bom — disse Catherine. — Caso contrário, seria difícil dormir profundamente.



**O**s doze dias de Natal são o período mais movimentado na corte durante todo o ano. Desde a madrugada, com a oração da manhã na Capela Real, cantada pelos coristas de Westminster, até as mesas repletas de todas as formas imagináveis de peixes, aves, carnes, sobremesas de creme de leite, gengibre e água de rosas, frutas ao vinho tinto, jarros e frascos de bebida para a refeição do meio-dia e à noite com máscaras, danças, peças e entretenimentos, não houve um instante de silêncio. No fim da tarde, as pessoas poderiam tirar uma soneca antes das atividades da noite, pois, caso contrário, o tempo entre o final da peça da noite e o novo dia seria tão curto que não seria possível descansar. Os jovens não precisavam da pausa à tarde, mas os cortesãos mais velhos gostavam muito.

Na terceira noite deveria haver um baile de máscaras e no oitavo dia seria o Ano-Novo, o que implicava no ritual da longa troca de presentes. Em seguida, para o *grand finale*, a própria Noite de Reis. Havia concertos, recitais de poesia, brincadeiras e jogos de cartas. E sempre, claro, o desfile de moda, em que cada cortesão tentava superar seus colegas no esplendor da alfaiataria, aqueles que abdicavam do concurso tinham o prazer de classificar e criticar os outros.



Uma das recompensas da temporada para mim foi ver o rosto daqueles que estiveram ausentes da corte por uma série de razões. Para mim, aquilo foi um presente de Ano-Novo melhor do que qualquer uma das ofertas previsíveis de cofres, luvas, golas, pentes cravejados de joias, pulseiras adornadas, medalhões, poemas e livros de veludo encadernados. Robert Carey, o irmão mais novo de Catherine, sempre me dava prazer em revê-lo, ele era muito diferente de seu corpulento e sensual irmão George. *Sir* Henry Lee, meu campeão aposentado, apareceu para as festividades, trazendo com ele minha ex-dama de honra Anne Vavasour.

Ela ainda era bonita em sua forma sombria e selvagem. Ela se curvou diante de mim quando nos encontramos na biblioteca uma tarde. E eu disse isso a ela.

— Obrigada, Vossa Majestade — ela agradeceu, com seus cílios pretos espetados, que adornavam seus olhos azuis como um céu de outubro. Lee ficou protetoramente ao seu lado.

Mary Fitton, outra ex-dama de honra, muitas vezes perseguida pelos homens, também viera. Por acaso, encontrei-a olhando para as telas dos escudos do Dia da Ascensão na galeria. Mesmo que ela estivesse de costas para mim, reconheci seu cabelo preto, que brilhava com o que pareciam ser reflexos roxos.

— Senhora Fitton — eu disse. Ela se virou para me ver e depois fez uma reverência.

— Levante-se, levante-se — falei. — É um prazer revê-la. — Ela havia sido afastada da corte por causa da persistência do já casado *sir* William Knollys, assim como Daphne tinha sido afastada por medidas extremas pela indesejável perseguição de Apollo.

— Não tanto quanto eu por estar de volta, Vossa Majestade.

— Está tudo seguro — garanti a ela. — Creio que Knollys está agora em outro lugar.

Os dias seguintes foram um turbilhão de cocares, golas, joias, música e festas. Nos curtos dias de inverno, alguns dos homens iam caçar nos campos fora do palácio, voltando com as bochechas vermelhas e os lábios rachados. O Dia de Ano-Novo chegou e nos encontrou todos em ambientes fechados, enquanto a cerimônia de troca de presentes começava.

— Que cor a senhora usará hoje? — perguntou Philadelphia. — Lembre-se, isso determina o tom para o ano inteiro.

Eu ri e disse:

— Isso nada mais é do que superstição, que tudo o que é feito no Ano-Novo deve ser repetido durante todo o ano. Hoje, usarei preto e branco e quero que todas as minhas damas façam o mesmo. Pareceremos a neve e o gelo, com os galhos das árvores negras, apropriado para o inverno.

Como eu tinha feito em todos os Dias de Ano-Novo nos últimos quarenta e dois anos, levantei-me e recebi os presentes, em seguida encaminhei o doador para solicitar seu recibo para a troca com o tesouro pelo presente oferecido a mim.

A fila transcorreu sem dificuldades. Tive a chance de conversar por um momento com cada um dos convidados individualmente, o que significava muito mais do que os presentes que me entregavam. Cumprimentei o lorde Guardiã Egerton calorosamente. No ano passado, seus serviços para mim custaram-lhe caro. Sua mulher morreu pouco depois que ele me pediu para liberá-lo da função de carcereiro, e eu ainda me sentia triste com aquilo. Vê-lo aqui e vê-lo sorrindo era um grande alívio para mim. Seu rosto de menino tinha envelhecido e seu cabelo loiro agora mostrava faixas grisalhas.

— Desejo-lhe um bom ano, de todo o meu coração, Thomas — eu disse a ele.

Ele sorriu melancolicamente, como se quisesse dizer, *impossível, mas obrigado*. Ele então se virou para o jovem logo atrás dele na fila e falou:

— Posso apresentar meu secretário, mestre John Donne? Ele é meu ajudante fiel e aplicado.

Donne tinha a pele soturna, um rosto fino e comprido e os lábios naturais mais vermelhos que eu já vi.

— Vossa Majestade, disse ele.

— Jack escreve poesia para se divertir em suas horas de folga — falou Egerton. — Nada publicado ainda. Mas a senhora pode desfrutar de uma que eu achei excelente.

Ah, Deus. Mais poesia, não. Forcei-me a sorrir.

— Verdade? — eu disse num tom que deveria servir de alerta.

Mas Jack não prestou atenção. Ele me entregou um pergaminho decorado com fitas e disse:

— Meu digno trabalho. Tive de aceitá-lo.

Pouco depois, William Lambarde chegou e apresentou-me um envelope de couro.

— O castelo de Hever, Vossa Majestade — disse ele.

— Você é muito rápido! — falei, pegando o envelope avidamente.

— Esses não são os registros históricos mas o que sei de cor sobre ele. Os registros históricos ficaram em minha casa. Esse é só para começar e logo enviarei mais.

— Agradeço — falei. — Estou curiosa para saber tudo.

Finalmente o dia acabou. Na privacidade dos meus aposentos tirei meus sapatos de cetim e me sentei. Abri o envelope de couro e peguei os papéis sobre Hever. Lambarde tinha incluído desenhos e histórias locais sobre o castelo, bem como uma breve descrição de sua história.

Catherine espiou por cima do meu ombro.

— Talvez este ano possamos fazer aquela jornada juntas — ela disse, retirando um dos papéis para analisá-lo atentamente.

Entreguei-lhe todo o pacote com os papéis.

— Você pode ler tudo isso, para se preparar — desenrolei o poema do mestre Donne. — Tenho que fazer minha lição

de casa — eu disse. — Ler o que os aspirantes a poetas trouxeram. — Aí então eu ri.

O poema era intitulado “A Isca” e começava “Vem viver comigo e ser meu amor”.

— Ah, não — resmunguei. — Não é apenas velho como também é copiado! — Ele havia roubado de Christopher Marlowe e até mesmo da paródia de Walter Raleigh. Será que ele achava que eu não conhecia os outros poemas... ou, mais sinistro ainda, que eu não conseguiria me lembrar deles?

Mas, conforme fui lendo, percebi que cada vez mais se afastava dos outros e que depois de algumas linhas dizia algo completamente diferente.

*Vem viver comigo e ser meu amor,  
E provaremos assim um novo ardor,  
De areias douradas e riachos cristalinos,  
Em lençóis de seda e emaranhados prateados finos.*

*O rio sussurrando então correrá,  
Aquecido por teus olhos, mais que o sol brilhará,  
E lá o peixe enamorado vai permanecer,  
Implorando para que possa desvanecer.*

*Quando nestas águas escolheres te banhar,  
Cada peixe uma corrente vai mergulhar,  
Amorosamente até ti um deles nadará,  
Muito mais alegre em poder alcançar-te, do que tu  
saberás...*

*Deixa que mãos rudes e ousadas, do limoso ninho  
Arranquem os cardumes aninhados bem calminhos,  
Ou que traidores curiosos, como moscas volantes,  
Enfeiticem os olhos perdidos dos pobres peixes  
vagantes,*

*Para ti, tuas necessidades artifícios não são,  
Para ti, sois a tua própria isca, então,*

*Aquele peixe, que pego não foi portanto,  
Infelizmente, é mais sábio do que eu, no entanto.*

— Um imaginário ímpar — disse Philadelphia. — Limosos ninhos, peixe nadando em direção a uma pessoa... — ela balançou a cabeça.

— É envolvente — disse Catherine. — Não são os elogios habituais.

— Nunca fui comparada a alguém vagando pela água e atraindo peixes — admiti. — Não me esquecerei desse.

— Christopher Hatton disse uma vez que você pescou as almas dos homens com uma isca tão doce que ninguém conseguiria escapar de sua rede — lembrou Catherine. — Mas isso foi há tantos anos e foi dito em particular. Como ele podia saber disso?

O sr. Donne de lábios vermelhos provava ser mais intrigante do que seu jeito quieto sugeria.

Mais dias de alegria, que até jurei que meus convidados não gostariam de ver um confeito, uma bebida, um cordial ou dançar uma galharda até o próximo Natal. Pois eu me sentia assim. Por fim, o encerramento estava próximo e nos preparávamos para celebrar o último dia. Havia um serviço de comunhão na parte da manhã, no qual eu apresentava ouro, incenso e mirra no altar e as crianças da capela entoavam canções de Natal. Haveria uma peça de tarde, seguida pelo aguardado banquete do rei Feijão, e, depois, louvado seja Deus, todos iriam para casa.

Durante toda a manhã os empregados estiveram ocupados transformando o salão em um palco, organizando cadeiras e bancos para o público. Conforme iam chegando, certifiquei-me de sentar-me entre nossos ilustres visitantes, dom Virginio Orsino, duque de Bracciano, e Grigori Ivanovitch Mikulin, embaixador do czar Boris Godunov. George Carey, o patrono da companhia de teatro, sentou-se logo atrás de mim. À nossa volta, o burburinho de expectativa aumentava, embora outras peças tenham sido

apresentadas durante os feriados, o melhor sempre era apresentado por último.

George se levantou e tomou seu lugar diante da cortina.

— Meus bons amigos, é um grande prazer apresentar uma nova peça chamada, em honra de sua estreia, *Noite de Reis*. Acredito que trará alegria a todos. — Fez uma reverência e depois voltou a se sentar. — Espero apenas que seja bom mesmo — ele sussurrou para mim. — As fantasias, ao menos, são muito ricas e ainda teremos música e dança.

— George — eu disse —, o humor de todos hoje está tão bom que gostarão de quase tudo. Além disso, Shakespeare alguma vez já o decepcionou?

Ao enviado russo falei:

— Se houver algo que não entenda, por favor me diga e eu traduzirei.

Ele suspirou e comentou:

— Creio que meu inglês seja suficiente.

A peça começou. Como já disse, envolvia gêmeos separados. Mas, como eram um homem e uma mulher, só um cego poderia confundi-los. Não, acho que nem assim. Um cego, na vida real, seria o primeiro a saber que eles não eram a mesma pessoa por causa das vozes. A peça poderia ser bem boba e esse seria um dos momentos.

Havia duas mulheres, Viola e Olivia. Uma fizera votos de castidade por sete anos e a outra era a gêmea mulher disfarçada de homem. Não é preciso ser um gênio para saber que se apaixonariam e problemas aconteceriam. No entanto, o conto previsível foi executado com a habilidade e o tempero da poesia e das músicas que eram encantadoras.

E então, a caminho do palco... *Sir William Knollys*. Não o homem em si, mas um perfeito imitador que foi imediatamente reconhecido, para o deleite e delírio da plateia. Ele usava a mesma barba colorida, usava o gibão verde de madeira que era o preferido de Knollys, e tinha os mesmos maneirismos de estalar o dedo mínimo quando queria mostrar seu ponto de vista. Seu nome era Malvolio, o

mordomo de *lady* Olivia, e ele fez papel de bobo correndo atrás dela.

Vi Mary Fitton morrendo de rir e percebi então que *lady* Olivia se parecia com Mary.

Cada palavra que Malvolio falava era abafada pelo riso do público, tanto que era difícil acompanhar todos os diálogos. Em uma cena, Malvolio foi induzido a vestir uma roupa bizarra com amarrações cruzadas em um cordão amarelo, fazendo-o parecer uma cegonha. Vi Knollys sentado no lado esquerdo da plateia, curvado, as mãos sobre o seu chapéu. Mas percebi também que ele estava rindo junto com todos os outros. O bode velho, pelo menos, levava na esportiva.

Um dos atores que fazia um papel pequeno, o de empregado de Olivia, era sobriamente bonito, com olhos profundos. Eu me repreendia por meus olhos ainda ficarem atraídos por coisas como aquela.

Os atores saíram do palco e um palhaço se dirigiu a nós, cantando uma canção melancólica, fora de sintonia com o restante da peça. O refrão triste em tom grave de “A chuva que caía todo dia” foi muito confuso.

— O que é isso? — perguntou o duque Orsino. — Não estou entendendo, ele é um palhaço, mas não é engraçado.

— Nem eu — garanti a ele. — Talvez seja de uma peça errada.

Enquanto o palco era desmontado e o salão preparado para o banquete daquela noite, discretamente retirei-me para meus aposentos. Estava cansada, doze dias de alegria acabaram comigo. Eu não poderia me deitar durante a longa noite que haveria pela frente, pois isso certamente causaria comentários. Deitei-me em minha cama, olhando para a abóboda esculpida acima. Já estava perdida nas sombras, o dia breve tinha terminado quando estávamos na peça.

Eu esperava que os dois enviados retornassem para seus senhores com bons relatórios. Tinha feito tudo o que podia para fazer o palácio brilhar com opulência para a visita

deles, ordenando que todas as janelas fossem lavadas (nenhuma tarefa difícil com tantos vidros e mau tempo), que as mesas riscadas fossem cobertas com tecido fino e que os quartos fossem abastecidos com velas e lenhas extras, como se o custo fosse irrelevante. Tomei como um sinal favorável que um duque italiano, cuja política familiar estava interligada ao papado, devesse ver com bons olhos visitar a “filha da heresia”. E, quanto aos russos, era melhor manter bons termos com eles mesmo quando concorriamos pelas rotas de comércio.

À noite, usaria branco, intensificado com diamantes e pérolas. Da mesma forma, meus oficiais e o público estariam elegantemente arrumados. Não há nada mais formal do que branco. Reclamei um pouco enquanto me sentei e me preparei por um longo tempo. Era algo semelhante a um cavaleiro vestindo sua armadura. Mas a aparência é fundamental.

Meu vestido era grande, pesado, de cetim branco e brocados com seda branca e coberto com pérolas, tinha sua própria capa que emoldurava minhas costas. Uma gola em forma de coração mais alta na nuca, e as pontas cintilavam com diamantes. Dentro, havia uma gola armada feita da mais pura renda branca. Meu cabelo, ou, devo dizer, minha peruca gigante, estava decorada com pérolas e flores brancas de seda fantásticas. Meus dedos dos pés, aparecendo na parte de baixo da minha saia, brilhavam como cetim branco.

Com uma toalha sobre os meus ombros e pescoço, minhas damas aplicaram pó facial de alabastro, o ruge e o vermelho cinabre dos lábios.

— Você parece a própria Diana — disse Catherine, espalhando a maquiagem com seus delicados dedos.

— De longe — eu disse. — E que a luz seja boa.

Philadelphia trouxe um frasco com violetas esmagadas e aplicou perfume no meu pescoço e pulsos.

— Violetas em pleno inverno — eu disse. — Uma espécie de magia. — A mesma magia que eu estava tentando: ser



alguém fora da própria época. Foi uma escolha apropriada, então.

O salão grande estava todo iluminado com tochas e velas, as longas mesas cobertas com panos de tecidos brilhantes, candelabros colocados em intervalos medidos com velas de cera de abelha já gotejando. A primeira parte da refeição seria ordenada e decente, com empregados trazendo uma quantidade interminável de pratos, a carne ainda fumegante do fogo. Nem mesmo Nero poderia ter fornecido mais opções e quantidades. Amostras seriam trazidas e desfilariam ao redor da sala antes de serem degustadas, lá haveria pavão, cisne e doces elaborados, polvilhados com açúcar e noz-moscada. Para beber, os convidados tinham a opção de cerveja, malvasia, vinho branco e vinho tinto.

Boa música, produzida por alaúdes, violas, harpas e as vozes claras de jovens cantores, enchia a sala com a melodia delicada.

Sentei-me entre os dois enviados. O embaixador Mikulin me disse que na Rússia eles construíram palácios de gelo no inverno, e lá realizavam tais banquetes.

— Todos feitos de gelo — disse ele. — Cada vela lá dentro é refletida mil vezes.

O duque Orsino estremeceu e disse:

— Pouco civilizado. Ninguém deveria viver num lugar em que o inverno dura mais do que um mês.

— Nós, russos, adoramos nosso inverno — disse Mikulin. — Se tivermos um inverno curto, ficamos desanimados.

Lembrei das peles que o czar Ivã mandara para mim. Eles devem usá-las o ano todo.

Por fim, os empregados trouxeram um bolo enorme, na verdade eram vários bolos assados separadamente e depois encaixados, pois não havia um forno no qual coubesse algo tão colossal. Os trombeteiros tocavam seus instrumentos prateados, seguidos por um rufar de tambores e John Harington dava um passo à frente, em pé diante do bolo.

— Como mestre de cerimônias, convido todos a se servirem de um pedaço deste bolo. Em algum lugar dentro dessa metade do bolo há um grão de feijão e dentro da outra metade há um grão de ervilha. Os homens devem pegar pedaços do lado do feijão e as mulheres da ervilha. Vocês todos conhecem a regra: o homem que encontrar o feijão será o rei Feijão e a mulher, a rainha Ervilha. Hoje à noite, vocês terão de fazer tudo o que eles ordenarem. Esqueçam todas as outras regras. Você pode falar com quem quiser, trocar de lugar para que os empregados se tornem mestres, e vice-versa. Para nossos ilustres convidados estrangeiros, por favor, desfrutem desse costume inglês. Agora! — Ele apontou para o bolo, deixando uma faca em cada lado e disse: — Sirvam-se!

Houve uma corrida louca quando as pessoas foram cortar o bolo. John me trouxe um pedaço. Embora eu mordesse com cuidado, sabia que ele tinha feito de tudo para garantir que eu não ficasse com a ervilha. Deixe que outra seja rainha hoje à noite.

Durante alguns momentos havia apenas o som do mastigar. Aí então, Catherine se engasgou e disse:

— Eu encontrei. Encontrei a ervilha! — Levantou-a bem alto para que todos vissem.

— Então, Catherine, tenho que obedecer a você! — eu disse. — Diga o que tenho que fazer! — O salão inteiro ficou em silêncio no momento em que todos se viraram para ver o que aconteceria.

Ela hesitou por um momento. Certamente, não havia pensado em nada, nunca esperou que pudesse acontecer com ela.

— Recite o Pai-Nosso de trás para a frente. Em latim.

— Posso escrever e depois ler de trás para a frente?

Acostumada a me permitir tudo, ela hesitou novamente.

— Não. — Por fim disse: — Assim seria muito fácil.

Todos os olhares se voltaram para mim enquanto eu tentava escrever as palavras em minha mente, desenhando-as e recitando-as:

— *Malo... a... nos libera sed* — comecei. — *Tentationem in inducas nos ne et* — cheguei até a — *nobis da quotidianum...* o pão-nosso de cada dia nos dai hoje... antes de, completamente confusa, parar e começar a rir.

— Isso não é justo! — gritou Harington. — Já faz quase quarenta anos que não temos latim na igreja. Quem se lembraria?

— Eu me sairia melhor com Cícero — admiti.

— Ah, mas hoje à noite a senhora não pode escolher! — disse Catherine, virando-se para dar ordens a outra vítima.

Poucos minutos depois um grito ergueu-se no outro lado do salão. Um jovem estava segurando o feijão, olhando surpreso. Ele se virou como se não pudesse acreditar.

— Então! — disse Harington, correndo até ele. — Esta noite você nos governará! — Fez uma reverência e disse: — Seu servo, senhor.

O jovem disse:

— Qual personagem da peça você seria?

— O palhaço — ele respondeu. — A música dele encerra a peça.

— Então cante para nós — o Rei Feijão ordenou.

Se ele conhecesse Harington, não poderia ter escolhido pior tarefa. Ele era um péssimo cantor, incapaz até mesmo de entoar uma cantiga infantil simples como “Ciranda, cirandinha”. Ainda que envergonhado, ele cantou uma cantiga obscena sobre a filha de um moleiro.

Isso fez com que todos no salão batessem palmas e gritassem e logo todos estavam invertendo os papéis: soldados sendo delicados, mulheres gritando versos obscenos, empregados servindo-se de vinho e recusando-se a servir outras pessoas, crianças ainda acordadas mesmo que já tivesse passado da hora de dormir, correndo feito loucas, virando mesas, completamente soltas.

O Rei Feijão estava se divertindo muito, dando ordens, enquanto as pessoas se entupiam de doces e muitos copos de vinho diferentes.

— Dizem que isso faz mal — ele disse. — Mas hoje à noite todas as regras estão suspensas e isso significa que posso exagerar e misturar tudo o que gosto.

— Não tenha tanta certeza disso — falei. — Não creio que as leis da natureza estejam também suspensas.

Ele olhou para mim e era evidente que o vinho estava fazendo efeito dentro dele e deixou escapar:

— Seu cabelo é vermelho como a crista de um galo. Talvez eu devesse ordenar que cantasse. — Ele soluçou e ordenou: — Cante!

Joguei minha cabeça para trás e fiz a imitação do canto de um galo. As pessoas aplaudiram. Então, alguém veio até o Rei Feijão e lhe perguntou:

— Mas e o seu irmão? Por que ele não está aqui? Será que ele não queria ver a peça?

— Está ocupando escrevendo. Ele tem que terminar algo até a próxima quarta-feira.

Perguntei-me quem seria o irmão. Ele parecia familiar, mas não conseguia identificá-lo. Continuei então olhando. Aí sim, lembrei. Ele era um dos atores da peça, o homem sombrio que chamara minha atenção.

— Quem é seu irmão? — perguntei. — A propósito, quem é você? Vi que você faz parte dos Homens do Lorde Camarista. Você pertence à companhia?

— Não, não pertenço a nenhuma companhia, mas atuo com quem quer que me contrate. É difícil encontrar trabalho.

— Achei que você se encaixaria em muitos papéis diferentes — eu disse. Era verdade. Ele poderia ser o bonito, o simples, o tímido, o careca, o forte ou o fraco. Ele parecia se adaptar a qualquer coisa por causa do seu tipo. — Como é mesmo o seu nome?

— Edmund. Edmund Shakespeare.

Então entendi. O irmão dele era o autor da peça daquele dia.

— Já conheci seu irmão — eu disse. — Ele é um sucesso aqui com o povo bem como na corte.

— Sim, eu sei. Ele tem sido muito generoso comigo, mas tento não ousar. Eu tinha apenas sete anos quando ele saiu de Stratford, por isso somos, de muitas formas, estranhos.

— Isso pode acontecer — assim como aconteceu comigo e com minha irmã mais velha.

— A senhora não sabe como é, ele sendo tão famoso e ainda por cima na mesma área. Eu nunca sairei da sombra dele, mas estou decidido a continuar atuando. Não há mais nada que deseje fazer. Porém, para todos os lados que olho, lá está *e/e*!

— A inveja é uma coisa corrosiva — eu disse. — Tente fazer com que ela não o corroa, ou você se prejudicará.

— Como a senhora sabe? — De fato, aquela era uma noite de conversas sem censuras. Eu ri e disse:

— Você é jovem, pois, se não fosse, nunca faria tal pergunta. Eu certamente sei, muito de perto, como é suceder a alguém cujo sucesso é descomunal, lendário. Eu sou, afinal, filha de Henrique VIII.

— Ah! — ele tampou a boca com uma das mãos. — Ó meu Deus, me perdoe!

— Meu caro Edmund, hoje todos podem falar livremente. E estou fazendo isso ao dizer-lhe que, quando tinha a sua idade, nunca pensei em atingir um décimo da sabedoria de meu pai.

— E hoje dizem que a senhora o superou, que chegou bem mais longe.

— Eles mentem ao dizer isso. Ninguém pode superá-lo nem igualá-lo. Mas é possível esculpir um destino e sucesso diferentes, seja lá quem for seu pai ou irmão. — Estendi a mão e segurei o queixo dele. — Acredite em mim.

LETTICE  
Janeiro de 1601



**E**les estavam por toda parte, espalhados pelo corredor, comendo, queixando-se, o cheiro de lã molhada no ar me deixando nauseada. Minha casa já não era mais minha, mas sim uma área de homens insatisfeitos, descontentes que esperavam que meu filho os liderasse. Mas liderá-los para onde e para o quê?

Ele tinha saído de seu colapso um homem diferente. Percebi no momento em que eu olhei em seus olhos, assim que se abriram depois de quase ter morrido. E o olhar distante nunca mais desapareceu, como se ele tivesse ido para uma terra tão terrível da qual jamais poderia voltar. Ele parecia mais forte, como se tivesse ganhado imunidade, mas indiferente também à sua força recém-descoberta.

Havíamos passado um Natal e um Ano-Novo tristes. Não tivemos nenhuma festa, nenhuma celebração. Nossos únicos convidados, se é que poderíamos chamá-los assim, eram os homens que mendigavam em nosso pátio lamentando seus diversos problemas: os credores que continuavam nos pressionando por pagamento, a falta de oportunidades na corte e o fracasso do mundo em valorizar

os seus serviços. Eram piratas, cortesãos fracassados, aristocratas deserdados, soldados e marinheiros desempregados, empregados de nossas propriedades no País de Gales açoitados por Gelli Meyrick.

Havia, provavelmente, espiões entre eles, relatando tudo para Elizabeth e para o Conselho Privado, mas era impossível detectá-los. O governo tinha que estar ciente de que a multidão era uma massa de descontentes, mas o descontentamento tem que ser moldado de alguma forma, para que fique perigoso. Até agora, eles não tinham direção.

Robert comprou garrafas dos vinhos doces das mesmas que ele costumava receber os direitos. Ele iria se servir do líquido dourado e olhar para ele com um garoto apaixonado, depois então beberia à saúde da rainha:

— Cada gota que eu bebo é uma moeda de um centavo para ela — disse ele, acenando com a taça. — Não estou sendo um súdito leal ao beber no esquecimento, tudo em nome da rainha?

— Brindemos a isso! — disse Meyrick, juntando-se a ele. — Vamos nos matar para enriquecer a rainha.

Christopher, que se ausentou da minha cama e da minha companhia desde o colapso de Robert, bebeu com eles de muito mau humor, mas não disse uma palavra. Outros, os condes de Bedford e Rutland e os lordes Monteagle e Sandys, o capitão Thomas Lee e o tio irresponsável de Robert, George Devereux, verbalizaram mais suas opiniões.

— Vocês ouviram que Raleigh foi indicado como governador de Jersey? — disse lorde Sandys.

— Sabemos por quê — disse Henry Cuffe, enchendo outra taça.

— Por quê? — perguntou tio George.

— É tudo parte do plano de Cecil — disse Cuffe. — Seu plano para deixar os espanhóis entrarem na Inglaterra. É óbvio. Raleigh faz parte de sua facção e agora ele controlará as defesas do lado oeste do reino. Cobham, outro homem de Cecil, comanda os Cinque Ports no sul. E quem controla as fronteiras do norte? O irmão de Cecil Thomas. Não

bastando isso, o lorde Buckhurst e o almirante Howard, apoiadores de Cecil, controlam a tesouraria e a marinha. Todos eles estão prontos para nos entregar nas mãos da Espanha.

— Pelo bom Deus! — gritou Robert. — Isso é possível?

— Pense. Cecil tem sido pressionado para conseguir a paz com a Espanha. Ele não era o líder do grupo que persuadiu a rainha a pôr fim aos nossos ataques estrangeiros à Espanha? Ele será recompensado por isso. — Engoliu o resto da bebida num único gole. — Ele quer que a infanta da Espanha suceda a Elizabeth. Ele disse que a reivindicação dela era tão procedente quanto a de Jaime.

— Ele disse isso publicamente? — perguntou Christopher.

— Sim, é claro, ou eu não saberia disso — ele fez uma pausa. — Tenho que escrever para Jaime. Ele tem que persuadir Elizabeth a declará-lo seu sucessor, antes que seja muito tarde e que Cecil... — Robert deu um grito: — Ela está completamente à mercê dele. Ela ouve tudo o que ele diz. Ah, o dia chegou!

— E ela foi sempre tão independente — disse Cuffe. — Antigamente, quando sua mente era...

— A mente dela já está se esvaindo — gritou Robert. — E o corpo já se foi há muito tempo!

Toquei seu braço e balancei a cabeça negativamente. Ele não devia dizer aquelas coisas, não na frente dos outros. Mas Robert afastou minha mão de forma rabugenta.

— Estou preocupada com ela. Se ela é incompetente, incapaz de governar, então Cecil e seus lacaios tomarão o controle — disse ele. — O comportamento dela em relação a mim prova que ela não está em si, que sua mente está se deteriorando. Ela me trancou, sem julgamento. Em seguida, tomou minha vida por um capricho... — Ele parecia prestes a romper em lágrimas. — Eu, a quem ela amava!

A versão dele dos acontecimentos convenientemente deixava de fora qualquer provocação da parte dele. Tenho que falar com ele em particular. Mas, por enquanto, era suficiente apenas silenciar seus ataques contra ela.



— Ela recentemente pediu mais clemência para os católicos e até mesmo... para os Jesuítas! — sussurrou Thomas Lee. Eu sempre o achei sorrateiro e violento, uma combinação sinistra. — Mais uma prova de que ela está sendo persuadida a oferecer conciliação à Espanha. Isso, vindo da rainha que enfrentou a Armada.

— Cada coisa por si só pode ter uma explicação, mas, todas juntas, só há um padrão: o espanhol. Observe se ela começa a usar uma mantilha. Eu não ficaria surpreso — murmurou Bedford.

— Talvez ela entre até para as touradas! — gritou Sandys, provocando uma gargalhada geral.

— Ela é quase um homem, então por que não lutar contra touros? — disse Meyrick.

Eu tinha que tirá-los da minha casa. Era uma conversa perigosa, então os avisei. No caso de alguém estar espionando, queria que fosse informado que eu tinha defendido a rainha.

— Por favor, ela é a nossa rainha e falar assim dela é não ser inglês.

— Medo de ser delatada? — zombou Meyrick.

Eu olhei para ele. Foi a primeira vez que ele me desafiou abertamente, mas eu tinha percebido um duelo entre nós pela lealdade e atenção de Robert.

— Você é o único que tem medo disso. Muito cuidado com o que diz.

— Falando como covarde — ele disse. — Mas o que mais você seria?

— Sou a dona desta casa — eu respondi. — Saia daqui. Fale sobre sua traição lá fora, com a multidão incógnita.

Robert ficou de pé e bradou:

— Não. Eu sou o dono desta casa. Você fica — ele lançou um olhar para mim que me deixou sem palavras. Nunca pensei em ver aquele dia chegar. Eu havia perdido meu filho.

Deixei-os fulminando, gritando e denegrindo a rainha. Robert tinha motivos para se ressentir dela, mas os outros poderiam apenas culpar sua própria incapacidade em atingir qualquer tipo de posição social na corte. Elizabeth era astuta e, ao longo dos anos, eu havia notado que ela usava os aristocratas como vitrine na corte, para dançar e cumprir cerimoniais, mas o poder real era exercido por plebeus inteligentes como os Cecil e Walsingham. Ela evitava qualquer um que cheirasse a problemas pessoais ou instabilidade, o que descartava a maioria dos homens na sala ao lado. Por isso, fazia sentido que eles a odiassem. Mas, agora, eles procuram reparação usando Robert. Eles o levariam à ruína, se ele permitisse.

Mas em seu presente estado de espírito ele não conseguia sequer pensar claramente. E agora ele tinha se desviado de mim e lançado a sorte com eles.

No entanto, à noite, eles teriam que ir para casa e Robert teria que voltar para seus próprios aposentos para dormir. Fiquei rondando a sala à espera de pegá-lo. Eu o encontrei quando ele ia subir as escadas, correndo para seu quarto.

— Robert — disse, bloqueando o caminho. — Tenho que falar com você. Em particular.

— Agora não, mãe. — Ele tentou me tirar da frente, mas eu me recusei a sair. Ele era um homem forte, mas ainda estava para nascer homem forte o bastante para dissuadir uma mãe determinada.

— Sim, agora. — Abri a porta do quarto dele e o empurrei para dentro. Ele tranquilamente me seguiu. Era um mau sinal que sua resistência poderia ser tão facilmente quebrada.

— Seja breve — ele disse. — Ainda tenho muito trabalho esta noite.

— Que tipo de trabalho?

— Com todo o devido respeito, mãe, não é assunto seu.

— Assuntos seus são assuntos meus.

— Não mais.

— Nossos destinos estão ligados. Nada pode acontecer a você que não me afete e que não afete a toda a família. Pense nos seus filhos antes de embarcar em qualquer aventura.

— As crianças se sairão muito bem. O que eu faço não importa, agora que eu não posso apoiá-los.

— A família ainda tem o seu bom nome. Eu te imploro, não faça nada para manchá-lo. Deixe aos seus filhos um legado sem mácula, mesmo que sejam pobres. Não há vergonha na pobreza honesta.

Ele riu, comentando:

— Estranhas palavras vindas de você. Você tem fugido da pobreza a vida inteira.

— Vejo as coisas mais claramente agora.

— Mãe, por favor, saia. Eu já lhe disse, tenho trabalho a fazer.

— E eu perguntei que tipo de trabalho? Que tipo de trabalho é feito tarde da noite, em segredo?

— Muito bem, então. Vou escrever ao rei Jaime, como Cuffe sugeriu. Ele tem que ser alertado sobre Cecil e os espanhóis.

— Como Cuffe sugeriu. Por que você dá ouvidos a ele?

— Ele fala coisas que fazem sentido. Pela primeira vez, alguém fala com lógica e vendo o meu interesse em primeiro lugar.

— Você tem certeza disso? Quais são os interesses dele nisso?

— Ele não tem nenhum interesse. É por isso que confio nele. E agora, mãe, tenho que voltar aos meus deveres — ele então se sentou na escrivaninha e puxou a pena e a tinta. Pegou uma folha em branco e começou a escrever.

Os próximos dias foram difíceis para mim. Apesar da minha réplica a Meyrick, eu *estava* com medo. As multidões de homens de má reputação cresciam no pátio, alguns deles eram tão desagradáveis que eu me perguntava de que vala haviam saído. Ao mesmo tempo, grupos de puritanos

radicais pregadores, proibidos de falar abertamente nos parques e mercados, se organizavam, subindo em caixas para criar seus próprios púlpitos improvisados.

Os católicos, apoiados por forças internacionais, representavam um perigo externo para o reino. As Armadas eram o exemplo supremo disso. Mas os puritanos radicais criaram uma ameaça muito mais sutil, pois corrompiam e influenciavam o pensamento dos cidadãos comuns. O parlamentar puritano, Peter Wentworth, tinha ido para a Torre por questionar a prerrogativa real. Mas aqueles pregadores iriam mais longe.

Da minha janela, pois eu não me arriscava a aventurar-me no meio daquela multidão incontrolável, dava para ouvir as palavras de um deles. Quando ele falava, os homens ficavam em silêncio, fascinados.

— Pois um governante não é um nomeado pelo Senhor? — gritou. — Assim foi no passado. O profeta Samuel recebeu ordens do Senhor para procurar Saul e ungi-lo rei de Israel. Mas... — ele fez uma pausa provocativa. — Quando Saul deixou de obedecer ao Senhor, o Senhor retirou suas vantagens e sua nomeação real. Ele disse a Samuel: “Estou triste por ter feito de Saul um rei, porque ele se afastou de mim e não executou as minhas instruções”. Samuel então informou Saul: “Você rejeitou a palavra do Senhor e o Senhor rejeitou você como rei de Israel” — ele olhou em volta, avaliando a sua plateia, e disse:

— Para convencê-lo da situação, Samuel rasgou a bainha do manto de Saul e falou: “O Senhor tirou o reino de Israel de você hoje!” — ele ergueu seu próprio manto e o rasgou. — E assim os homens do Senhor devem fazer quando o rei... ou a rainha... se afastam do caminho certo. Calvino nos ensinou que nós, cidadãos, temos o direito e a responsabilidade de coibir e corrigir quaisquer soberanos que abusarem de seus deveres para com Deus e para com seu próprio povo. Sim, e se eles não quiserem se submeter à correção, serão depostos!

A euforia aumentou, crescendo até envolver todo o pátio.

Então uma voz declaradamente perguntou:

— Mas de que maneira poderiam os soberanos abusar de seus deveres?

O pregador olhou assustado, como se não estivesse esperando responder de cima de seu sublime poleiro:

— Você saberá quando vir! — ele disse.

— Homens diferentes veem coisas diferentes na mesma ação. Peço que seja específico.

O pregador afastou-se como uma galinha chocadeira e retrucou:

— Não podemos pedir ao Senhor que seja mais específico!

— Não, mas podemos pedir aos homens que sejam. Deixo o reino dos deveres espirituais a Deus e à consciência de alguém, mas, quando você fala de assuntos políticos, deveria ser específico. De que maneira, precisamente, um soberano falha ao cumprir os juramentos da coroação? Não protegendo o reino? Não promulgando leis justas? Privando os homens de direitos? Estou confuso, senhor.

— Você é um encenqueiro diabólico! — gritou o pregador.  
— Todos sabem o que eu quero dizer!

— Não, nem todos! — outras vozes juntaram-se ao dissidente. — Dê-nos um exemplo. Se você tiver um, será fácil.

— Está bem, então! Trancafiar homens sem justa causa na Torre, por eles terem dito algo que deixa o soberano bravo. Como nosso Peter Wentworth, tirado do Parlamento no meio de seu discurso para ser preso!

— Sim, sim! — os cortesãos gritaram.

— E ele morreu lá! — alguém gritou. — Morreu por dizer o que pensava sobre a intromissão real!

Agora o pátio irrompeu em aplausos e gritos. Era verdade, completamente verdade, sobre Wentworth. Elizabeth não deveria ter feito aquilo. Mas isso não se encaixava na descrição de um tirano. Alguém pode ser considerado um tirano ou um mau governante apenas com base no seu reinado inteiro e não em um incidente isolado.

Mas esse detalhe ficou sutilmente perdido em meio à discussão.

À medida que os dias de janeiro avançavam, Henry Cuffe e Gelli Meyrick encontraram mais “provas” de que Cecil subvertia o governo e planejava destruir Robert e seus seguidores. Southampton estava fora, na costa, quando lorde Grey, seu inimigo, e um dos apoiadores de Cecil, o atacou. Eles estavam em desacordo durante anos, proibidos pelo Conselho Privado de duelar. Então, resolveram-se à sua maneira. Na briga, o escudeiro de Southampton teve a mão decepada.

Pouco depois, Robert começou a frequentar a Drury House de Southampton para reuniões de longa duração. Mais uma vez, tentei enfrentá-lo e fazê-lo confessar o que ele estava fazendo. Mais uma vez, ele tentou me iludir.

— Você está tentando interferir e se intrometer — disse ele. — Por isso não vamos mais nos reunir aqui, onde você pode escutar.

Aquela era a primeira vez que eu tinha tido a oportunidade de realmente olhar para ele após vários dias. Ele parecia saudável, tinha ganhado um pouco de peso e a cor do rosto parecia saudável. Mas os olhos ainda não eram os dele. Eles pertenciam a outra pessoa. Ele carregava uma bolsa de veludo preta presa ao pescoço e nunca se separava dela.

— O que é isso em volta do seu pescoço? — perguntei. Eu temia que ele agora estivesse se metendo com o ocultismo. Estendi a mão para tocá-la, mas ele se esquivou.

— Nada com o que você precise se preocupar — ele disse.

— É bruxaria? Eu tenho que saber!

Ele soltou uma gargalhada genuína.

— Não, mãe. Tais coisas não possuem qualquer encanto para mim. Isso é... eu recebi uma resposta do rei Jaime e devo mantê-la comigo o tempo todo.

— E o que diz?

— Se eu contar não precisarei mantê-la comigo. Fique tranquila, não significa problemas — ele se inclinou e beijou minha cabeça. — Agora, querida mãe, devo ir!

— Mande saudações minhas a Southampton. Diga-lhe que lamento o incidente na costa.

— É prova de que não fazíamos ideia dos planos malignos contra nós.

— Quem? Quem é maligno?

— Grey é uma criatura de Cecil. Claramente pensam que podem nos atacar e ficarem impunes. Eles planejam violência contra nós. Já está muito além de conspiração agora. Estão prontos para agir.

— Mas Grey foi punido. A rainha o mandou para a prisão.

— Foi só uma encenação, para cobrir as reais intenções. Ele será libertado logo, escreva minhas palavras.

Uma semana depois, o filho do lorde Buckhurst, Robert Sackville, veio ao nosso encontro. Eu o recebi, notando que ele era o primeiro visitante que tínhamos do que eu considerava como “o mundo real” desde dezembro. Era uma lembrança pungente do que a nossa vida foi um dia.

— Seja bem-vindo — eu disse.

Ele era um homem magro com um hábito nervoso de passar a mão no cabelo abundante.

— Obrigado — disse ele. — O conde está em casa?

— Sim — ele falou. — Vou chamá-lo.

Robert logo desceu as escadas, afofando os punhos. Ele raramente se vestia formalmente nos dias atuais e já estava sem prática. Ele deu um leve sorriso e o cumprimentou:

— Saudações.

— Meu pai, o lorde tesoureiro, pediu-me que lhe transmitisse votos de amizade e estima.

Em vez de dizer “obrigado”, Robert deu uma gargalhada.

— Como ? — perguntou Sackville.

— Amizade dele — disse Robert, como se fosse uma piada que todos entenderiam.

— Meu senhor, ele é de fato seu amigo, assim como muitos na corte. Mas é difícil para esses amigos o defenderem quando seu comportamento convida a interpretações sinistras.

— Você não quer se sentar? — perguntou Robert. — Vamos até outra sala para conversar em particular.

Eu fui convidada? Seria estranho me excluir, por isso entrei junto com eles. Robert pediu bebidas, como antigamente. Cerveja, bolo de semente de papoula e uvas-passas foram trazidos.

— Então — disse Robert, servindo-se de bolo. — Prossiga com seus desejos de estima.

Sackville estava nervoso com o comportamento de Robert, mas ele tossiu e disse:

— Esses eu já manifestei. Mas seus amigos desejam que você saiba que a rainha está alarmada com o tipo de companhias e esgrimistas que frequentam seus salões, os pregadores subversivos no pátio e os entretenimentos pródigos que estão acontecendo na Drury House em seu nome e de seus partidários. Tudo parece muito estranho para nós.

Robert deu aquela risada nervosa e indagou:

— Estranho? Estranho? Eu lhe asseguro, não é nada estranho.

— Está alarmando Sua Majestade — Sackville repetiu cuidadosamente e distintamente.

— Que aquela cachorra velha fique mesmo preocupada! — disse Robert.

— Por acaso me importo?

Sackville apenas olhou. Lentamente largou a taça e deixou o restante do bolo.

— Entendo — disse finalmente. — Tenha um bom dia, então.

Ele se virou e saiu da sala. Ouvi a porta abrir e fechar, e seus passos se distanciarem.

— Robert! Você está louco? Ah, o que você fez?



— Eu disse a verdade. E afirmo minha posição. E, caso interesse a você saber, eles já soltaram Grey da prisão. Isso prova que nem a lei pode, ou que não vai, nos proteger contra *eles*. As linhas estão traçadas. Vamos combater os ataques deles com igualdade de forças.

Robert foi para a Drury House naquela noite, porém, na noite seguinte, ele ficou em casa, sentado diante da lareira, lendo. Ele se sentou, envolto em peles, e colocou um frasco de cerveja ao lado.

Frances estava sentada do outro lado da sala, bordando. O parto se aproximava e eu esperava que o novo bebê trouxesse alegria em meio a tanta infelicidade.

— Você fica em casa esta noite, Robert — afirmei.

— Com certeza — ele disse, pegando sua taça. Tomou um longo gole.

— É bom vê-lo aqui.

— Tenho que estar aqui — ele disse. — Com todas essas suspeitas, não posso ser visto na Drury House. Tenho que enganá-los! — aí então ele deu uma risada. — Mas meus homens se encontram na Drury House, como sempre, para elaborar uma estratégia para nossa resistência. Pronto, contei. Isso faz de vocês minhas cúmplices!

— Sua resistência? Que resistência? Contra o quê?

— Já falei demais. Saiba apenas que muitos estão comigo nisso. Alguns bem próximos a você, mais próximos do que eu. Ao menos, aos olhos da lei.

— Você está falando de Christopher? — Ah, Deus, que não seja isso.

— Pergunte a ele onde esteve esta noite — disse Robert. — Assim que ele chegar.



**E**iquei fora da sala por uma hora até que Christopher entrou cambaleando. Tinha um bafo horroroso. Eu me afastei, pois quase vomitei. Ele continuou sem equilíbrio, olhando para mim desconfiado.

— Por que, minha esposa, você me analisa? — Virou-se bruscamente em minha direção e eu então recuei.

— Você está bêbado — reclamei. — Nos veremos pela manhã. — Saí da sala. Procuraria outro lugar para dormir naquela noite. Deus sabia como tínhamos muitos quartos naquela casa enorme.

Mas, quando me estabeleci num dos quartos vazios e ordenei que o fogo fosse aceso na lareira fria, ainda estava tremendo. Estava perdida num emaranhado de segredos, tentando encontrar meu caminho cegamente. Robert estava mergulhado profundamente em planos e Christopher era seu cúmplice. Que os planos eram perigosos, ninguém precisava me dizer.

Todos os dias, Meyrick recebia mais galeses, acomodando-os em estábulos e em casas por toda a cidade. Todos os dias mensageiros chegavam, trazendo cartas com selos que Robert ansiosamente rompia e em seguida levava para seu quarto. Eles já estavam sendo inspecionados pelo governo e sua recepção desrespeitosa ao filho do lorde Buckhurst

reverberaria pelo palácio. E, quando a rainha soubesse que foi chamada de “cadela velha”, sua fúria não teria limites.

As reuniões na Drury House eram sobre o quê? Talvez pudesse arrancar isso de Christopher. Em tempos passados, quando ele fora meu voraz admirador, teria contado tudo a mim. Infelizmente, naquela época, não tinha nada para me dizer. Agora, que ele tinha mudado tanto e me deixado, em pensamento, pois ainda morava comigo, ficava em silêncio.

Naquela noite, ele estava tonto com a bebida, amanhã estaria sóbrio e relaxado. Se eu voltasse para nossa cama... se o pegasse assim, embriagado, caindo de sono, então talvez ele deixasse escapar o que sabia. A ideia de abraçá-lo, persuadi-lo, era repugnante, mas tinha que ser executada. Obriguei-me a deixar meu santuário recém-descoberto e voltar ao nosso quarto.

Ele estava deitado na cama, completamente vestido, roncando. O cheiro de cerveja pairava sobre sua cabeça como uma névoa e eu tive que prender a respiração para me aproximar dele. Verifiquei a profundidade do sono, ainda muito profundo para despertar. Pacientemente, deitei-me ao lado dele. Ficaria esperando para pegá-lo num momento vulnerável. Não devo me permitir cochilar nem por um instante.

Foi uma longa noite. Estava atenta a todos os sons enquanto o tempo passava lentamente. Ouvi a corrida dos ratos atrás dos painéis. Aquilo teria me incomodado em outra época, agora os ratos eram a menor das minhas preocupações. Muito mais alarmantes eram os barulhos e as vozes abafadas do pátio em que cerca de duzentos homens mantinham vigília constante. Às vezes, ouvia o barulho dos remos de um barco ancorando na escada do nosso desembarque, trazendo mais conspiradores.

Uma luz fraca apareceu em torno das cortinas da cama antes de Christopher gemer e rolar.

— Oh, Deus... — ele murmurou, com um tom de voz normal, nem arrastada nem fina.

Chegou a hora! Fui sutilmente para perto dele.

— Ah, meu querido — murmurei.

— Ahn — ele pronunciou.

Acariciei sua testa.

— Que noite você deve ter tido — sussurrei. — Toda aquela cerveja...

— Muita cerveja — ele resmungou.

Cada palavra era articulada claramente. Sua mente estava presa à língua.

— Diga-me o que decidiu. Eu preciso saber. Estou em perigo tanto quanto você — eu assegurei a ele. — Mas preciso saber que tipo de perigo.

— Ahmm... — ele estremeceu quando abriu os olhos e a luz fraca os atingiu. Ele colocou seu braço por cima dos olhos para protegê-los.

— O que você decidiu na Drury House? — pressionei.

— Nada ainda. Temos três opções... — a voz dele foi sumindo — ...diga... qual é a melhor.

Ele ia me dizer. Ainda estava zozzo o bastante para não discernir e baixar a guarda.

— Quais são as três opções?

Ele ficou em silêncio por tanto tempo que tive medo que tivesse voltado a dormir e o cutuquei.

— Atacar a corte primeiro... surpreendê-los. Ou marchar até a cidade para conseguir mais homens. Ou, ainda, tomar a Torre e controlar a cidade?

— Quantos homens você... nós... temos?

— Mais de 120 nobres, cavaleiros, e lordes. O xerife de Londres diz que tem mais mil para nós. Outros se juntarão a nós quando marcharmos — a voz dele foi ficando cada vez mais estável e ele acordou. — Temos um plano para tomar Whitehall. Tenho que ficar a postos perto da porta do grande pátio e assumir o controle. Ferdinando Gorges acha que não vai funcionar. Ele é um covarde.

— O que ele acha que deveria ser feito?

Ele balançou a cabeça negativamente e respondeu:

— Não sei.

— Mas ele deve ter uma opinião.

— Há muitas opções, a maioria sem valor algum.

— E o que você decidiu?

— Não decidimos. Não há um plano — de súbito, ele ficou alerta e não trairia mais seus cúmplices, seu discernimento e cautela haviam retornado.

— Não há plano? Mas como vocês procederão se não há plano?

— Não sei. Não sei de nada. Não há um plano.

Por incrível que parecesse, aquilo acabou sendo a verdade. Mas, naquele momento, pensei que ele tivesse voltado a si, tivesse protegido seus pensamentos. Pelo menos, tinha descoberto algumas coisas, muito poucas.

— Se você nos trair, pagará um preço alto — ele disse, de súbito.

— Por que você acha que eu trairia você, meu próprio marido?

— Você traiu o primeiro e o segundo maridos, por que não trairia o terceiro?

Só assim eu soube que ele havia se voltado contra mim. Será que os rebeldes teriam roubado sua inteligência e lealdade completamente? O que teriam oferecido em troca?

As reuniões secretas na Drury House continuaram. Não fiz nenhum esforço para perguntar a Christopher sobre elas, era impossível, continuei também observando Robert de perto, mas não soube de nada. Os dias de fevereiro, tristes, frios e úmidos, cobriram a casa com um manto de escuridão. Somente Frances, com sua gravidez, trazia um pouco de felicidade e de normalidade, enquanto conversávamos sobre o nome que daria ao bebê. Ela estava disposta a escolher algo tradicionalmente familiar, como se quisesse agradar a Robert e alegrá-lo.

Era a noite de 6 de fevereiro. Nada de especial naquela data, nenhum aniversário de acontecimentos. Estava sentada diante da lareira com pouco fogo e pensando em colocar mais lenha, estranho como consigo me lembrar de detalhes como esses, quando um visitante foi anunciado.

Estava tudo em silêncio na casa. Não recebíamos visitantes regularmente na ocasião, os clandestinos esgueiravam-se ao entrar e os desordeiros se reuniam no pátio. Levantei-me, pronta para recebê-lo ou recebê-la. Não fazia ideia de quem poderia ser, pois não estava aguardando ninguém em especial.

Will entrou na pequena sala. Tirou o chapéu e disse: “Laetitia”.

No momento em que ele falou, percebi que estava ali por causa de algo perigoso. A voz dele estava mais alta do que o normal e o sorriso parecia artificial.

— Sim, Will — eu falei. — Qual o problema? — percebi que a visita dele era política, não pessoal.

— Algo muito perigoso aconteceu. Seu marido e um grupo de homens de uma taverna vieram a Southwark esta noite pedir que minha companhia de teatro encenasse *Ricardo II* amanhã à tarde. Eles se propuseram a nos pagar muito bem. Estou desconfiado com o significado dessa apresentação. Eles querem que seja encenada a parte da abdicação, aquela que foi censurada.

— Quem mais pediu isso?

— Gelli Meyrick, lorde Monteagle, Charles Danvers e Christopher. Os outros eu não reconheci. O gerente financeiro da companhia, Agostine Phillips, tentou evitá-los. Ele disse que era pouco provável que uma peça tão antiga atraísse um grande público. Mas, em seguida, eles garantiram que o pagamento seria igual ao de uma casa lotada. Que objeção ele poderia fazer?

— Nenhuma — eu admiti.

Por que será que ele confiou em mim? Eu não podia gritar, “Will, me ajude! Estou perdida!” Tudo o que fiz foi sorrir e dizer:

— Fique mais um pouco. Vou colocar mais lenha na lareira e pedir cerveja. Esperei que ele colocasse de volta o chapéu e dissesse, “Não, tenho que ir. Não posso ser visto,” mas ele acenou, concordando, e falou:

— Seria muito bom.

Sentamo-nos, um de frente para o outro, e de lado para o fogo. Pela primeira vez pude vê-lo além dos meus desejos, um homem com suas próprias preocupações.

— Você correria o risco de desagradar à rainha se fizer isso. Ela ficará assustada. Na sua opinião, qual é o propósito disso?

— Seu marido afirmou sem rodeios que é para que o povo acorde. Evidentemente, ele e seus companheiros estão esperando derrubar a rainha, fazê-la abdicar como *Ricardo II*. Eles querem reunir partidários ao exhibir a peça.

Ah, Deus. Robert estava envolvido em tudo aquilo. Christopher, Meyrick, Southampton e os outros não eram os beneficiários. Era tudo culpa de Robert. Será que ele esperava, ou estava planejando assumir o trono? Quem mais se candidataria? Será que iriam sedar a tanto trabalho e correriam perigo por Jaime da Escócia? O que ele poderia prometer-lhes para que eles o quisessem no lugar de Elizabeth?

— Isso é terrível — disse por fim. A confissão de Christopher sobre seus planos havia confirmado um golpe contra Elizabeth. Tudo o que eu podia fazer era sentar e assistir, estando relegada ao segundo plano.

— É mais do que terrível — disse Will. — É o fim do mundo. Minha carreira estará arruinada, serei visto como o dramaturgo traidor. Seu filho está condenado. Ele não pode ganhar. E Elizabeth está devastada. Ela não se recuperará dessa traição, quero dizer, em termos de lealdade e confiança. Ela vive do amor de seu povo.

— Não encene a peça! — gritei. — Pare com tudo isso agora.

— Phillips já aceitou o dinheiro. No teatro, a bilheteria é o que importa.

— Todos sairemos perdendo — eu disse. Era um assombro afirmar aquilo de forma tão simples.

— Todos — ele confirmou. — É uma recompensa cruel para Elizabeth no fim de seu reinado, ser saudada dessa

forma. E para mim! Eu nunca deveria ter escrito aquela peça!

— Você sobreviverá — garanti. — Não estou certa sobre a casa dos Devereux.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Se Robert tentar esta loucura... sim, isso o condenará, e a sua casa também. Não há apoio para ele. Por que ele e os seguidores não conseguem ver isso?

— Estão cegos de amargura e ilusão. Will... — estendi minha mão para ele. — Eu tentei de tudo para fazê-los enxergar claramente. Mas fui ignorada e deixada de lado. Estou impotente. Tudo o que posso fazer é assistir. Vê-los caminhar para a ruína.

— Salve-se — ele disse. — Distancie-se. É isso que eu faria — ele se levantou, soltando minha mão. — Planejo ficar em casa, escrevendo minha nova peça quando o dia chegar.

— Você sabe o dia exato?

— Não. Acho que ainda estão planejando. Acho que definirão aleatoriamente, sem premeditação. Serão rapidamente destruídos.

— Temos que nos salvar — assim que falei isso, imaginei ele pensando que eu fosse uma mãe desnaturada. Rapidamente acrescentei: — Não somos, afinal, os atores principais. O destaque está nas mãos de outros, o palco é comandado por eles.

Ele sorriu.

— Laetitia, pode-se dizer que você nasceu para o teatro.

— A vida é uma peça — concluí. — Certamente você, acima de qualquer um, já notou isso, certo?

Ele seguiu em direção à porta e aquilo me fez lembrar de tempos felizes, quando nossos momentos eram tão diferentes.

— Sim, assustadoramente sim — ele disse, passando pela soleira da porta.



ELIZABETH  
Fevereiro de 1601



**E**stava tudo calmo. Calmo demais. Em Whitehall, a multidão que geralmente enchia nossos passeios havia sumido, deixando as construções vazias e a grama morta.

— Nunca vi isso tão calmo — disse para Catherine, que estava ao meu lado enquanto olhávamos para o pátio vazio. — Dizem que um silêncio assim acontece logo antes de um terremoto, que os animais sentem e os pássaros voam para longe.

— Ou antes de um eclipse — ela falou. — O céu escurece, o ar fica gelado e tudo se cala.

Por vários dias a cidade esteve agitada, com relatos de pequenos galeses dormindo em sótãos e porões, cavalos novos parados em barracas improvisadas podiam ser vistos, a circulação de mercadorias ao longo das estradas do oeste, vindas do País de Gales, e do norte, vindas da Escócia. No entanto, assim como um tremor fraco e a fumaça antes de um vulcão entrar em erupção, era impossível saber exatamente o que estava por vir.

— Um eclipse é sempre um mau presságio — falei. — Assim como é tudo o que imita um eclipse.

Catherine balançou a cabeça:

— Já passamos por muitos deles e ainda viveremos muitos mais.

— Abençoada seja, prima. Você é meu braço direito.

— Não, sou o esquerdo — ela disse. — Esse aqui é o direito.

Ela viu Robert Cecil entrar antes que eu pudesse perceber, seguido de Raleigh. Virei-me para eles e perguntei:

— O que foi? — era óbvio que estavam aborrecidos.

— Houve uma apresentação especial de *Ricardo II* hoje à tarde no teatro Globe! — exclamou Cecil. — Eles acabaram de sair de lá, vários homens, sorrindo e gritando.

— Foi promovido pelos homens de Essex. Eles garantiram um pagamento para cobrir a apresentação, não importando a quantidade de público. É uma peça antiga e os atores não queriam apresentá-la — acrescentou Raleigh. — Nenhum ator quer encenar algo ultrapassado.

— Eles mostraram a cena? — perguntei. Mas eu já sabia a resposta. Pois qual seria a finalidade de encená-la se não aquela?

— De fato o fizeram — disse Raleigh. — Os homens de Essex insistiram nisso, era parte do acordo.

Eu tinha os melhores espiões do reino e apreciava isso. Mas eles não tinham como saber de tudo, nem como estar em todos os lugares. Havia um que acompanhava Gelli Meyrick e outro que servia a Frances Walsingham em seus aposentos. Não tive tanto sucesso ao tentar colocar alguém nos aposentos de Essex. Seus movimentos e objetivos estavam encobertos por obscuridade.

O crepúsculo se aproximava, chegava cedo nos dias de fevereiro. A peça tinha terminado a tempo de permitir que o público se dispersasse antes que a escuridão o envolvesse. Uma névoa tênue pairava sobre o rio que logo deixaria as margens e envolveria a cidade.

— Isso tem que acabar — eu disse. De súbito, sabia que havia chegado a hora de atacar.

— A senhora tem certeza? — perguntou Cecil. — Talvez devêssemos esperar, deixar que o plano.. ou o que quer que seja isso... chegue ao ápice.

— Essa é sempre a questão — afirmou Raleigh. — Não fazemos nada aos conspiradores e esperamos que eles mesmos acabem se incriminando? Ou os impedimos antes que eles façam algo realmente perigoso?

— No passado, já agimos dessas duas formas. No levante dos lordes do norte, em 1569, os forçamos a agir antes que estivessem prontos. Na situação da rainha dos escoceses, tivemos que permitir o desenrolar da ação até que tivéssemos provas suficientes para prosseguir — eu disse.

— É sempre uma aposta — completou Cecil.

— Creio que devemos seguir a opção dos lordes do norte — decidi. — Se nada for feito, essa rebelião pode nos esmagar. Não podemos nos dar ao luxo de esperar por mais provas.

Minhas palavras expressavam mais certeza que os meus sentimentos. Não havia dúvida de que Essex, com sua popularidade, representava um dilema, assim como foi com a rainha escocesa. Minhas ações em relação a ele deviam ser decisivas e, sem evidências concretas de sua intenção hostil, meus motivos seriam suspeitos. Deus sabia que não podia me dar ao luxo de ofender a opinião pública naquele momento.

— O que devo fazer? Prendê-lo? — perguntou Raleigh.

— Ainda não — eu disse.

— A senhora tem certeza? — ele perguntou. — Não dê chance a ele de fugir.

— Envie um mensageiro e ordene que ele compareça perante o Conselho Privado amanhã. — Ele havia recusado o aviso amigável do filho de Buckhurst, insultando-me no processo. Para meu pai, aquilo teria sido suficiente. Ele já estaria na Torre. Mas, me chamar de cadela velha, mostrava desrespeito grave e chocante para comigo, porém não era

traição. Cuidadosamente raciocinei, mantendo meu cetro e a minha pessoa separados, tentando ver até que ponto ele havia insultado um sem ferir o outro. Agir de outra forma seria macular o brilho do meu reinado por insinuações similares às que seus seguidores faziam, seria arriscar perder a fé que as pessoas tinham em mim.

Meu mensageiro não foi recebido. Ele chegou à Essex House quando o próprio Essex e seu fiéis lacaios, Blount, Southampton, Meyrick, Cuffe, Rutland e Danvers, se preparavam para uma grande refeição, discutindo *Ricardo II* com entusiasmo enquanto mastigavam carne de carneiro e bebiam cerveja. Essex disse ao mensageiro que não falaria com ele e o dispensou.

— Prenda-o! — disse Raleigh. — Isso é como recusar um desafio.

Sentia-me dividida. Quantos insultos poderia suportar daquele homem? Quantos tapas, quantos atrevimentos?

— Não. Vamos tentar mais uma vez. Vamos dar corda para que ele se enforque

— A senhora quer ser deposta? — bradou Cecil.

— É esse o objetivo dele? Eu acho que ninguém sabe na verdade qual é o objetivo daquele homem confuso e iludido — eu disse. — Nem ele mesmo.

— Os objetivos deles podem não ser os mesmos de seus seguidores — disse Raleigh. — A questão é que eles não podem controlar os acontecimentos. Não deve nem mesmo haver acontecimentos.

— É claro, você está certo. E não haverá. Mas eu devo mandar mais um mensageiro, dar-lhe mais uma chance. Enviarei o secretário Herbert.

— Já é tarde — disse Cecil.

— Diga para se apresentar ao Conselho Privado na primeira hora da manhã de domingo.

Mas Essex recusou-se a receber o secretário Herbert. Era quase meia-noite quando Herbert voltou até mim.

— Ele se recusou a falar comigo. Alegou problemas de saúde, embora parecesse bem saudável para mim — relatou Herbert. — Estava cercado por seus companheiros, com muita cerveja, vestido com o melhor gibão azul. Nunca o vi tão esplendoroso.

Levei um instante para responder, até que disse:

— Está bem. Vá para casa, John. Você fez um bom trabalho hoje à noite. Agora vá dormir, deixe o resto comigo.

Havia chegado a hora. A exata hora que Dee havia previsto, quando disse que uma grande batalha final obscureceria os últimos anos de meu reinado. Mordred, ele disse.

Será que Essex era o meu Mordred? Era tentador pensar que sim, mas não existem repetições exatas nem realizações exatas de profecia. Eu era de fato descendente de Artur, mas não tinha Távola Redonda, nem Lancelot, nem Guinevere, nem Morgan Le Fay. Tinha apenas meu próprio poder para sustentar o reino.

A noite estava sombria, sem lua. Olhando para o rio pela janela do meu quarto, não vi nenhum reflexo sobre a água, embora pudesse ouvir o suave marulho. O adiantado da hora protegia a cidade que dormia.

Catherine dormia em sua cama próxima à minha, respirando levemente. Invejei-a por um momento, mas depois passou. *Continuo vigilante para que possas dormir, para que todos em meu reino possam dormir.*

Meu pai havia confiado a mim a sua amada Inglaterra.

*Preservarei meu povo — jurei. Se em algum momento perceber que outra pessoa poderá servir-lhe melhor, deixarei o caminho livre para ele ou ela. Não desejo governar a partir do momento que não seja mais para o benefício do povo, mas deixá-lo antes disso é abandoná-lo. E isso nunca farei.*

De fato, não dormi. Deitei-me, é verdade, mas não fechei as cortinas do dossel, quem as fechou o fez de forma muito discreta, e então vi o azul profundo que anunciava que a madrugada de inverno chegara às minhas janelas.

Era 8 de fevereiro. O décimo quarto aniversário da execução da rainha dos escoceses. Um dia amaldiçoado.

Whitehall estava desprotegido. Tínhamos apenas uma guarda escassa, duzentos fortes soldados da Guarda da Rainha e os cinquenta soldados da reserva. A Essex House ficava a apenas vinte minutos de distância a pé e o pátio da casa estava cheio de soldados ansiosos e serviçais. Era domingo, quando os aprendizes, sempre um grupo volátil, e que se deixava encantar por pessoas como Essex, não estariam trabalhando na cidade. Estávamos totalmente vulneráveis. Enquanto eu estava deitada, assistindo ao profundo azul transformar-se em violeta e, em seguida, em cinza-claro, pensei que talvez Raleigh estivesse certo. Deveríamos tê-los atacado ontem à noite. Agora tínhamos perdido a vantagem.

Levantar, levantar. Pedi minhas roupas e me vesti de maneira a suportar um dia muito longo. Raleigh foi anunciado na sala externa. Eu saí para encontrá-lo e vi que ele estava com o uniforme de soldado, segurando o capacete debaixo do braço. Pude ver em seu rosto que ele também não tinha dormido.

— Vossa Majestade, proponho falarmos com meu parente *sir* Ferdinando Gorges hoje de manhã. Ele está com eles na Essex House, mas talvez fale comigo. Pode ser que ainda seja possível alcançá-los, antes de...

— Cuidado — eu o interrompi. — Não sabemos o que eles podem fazer. Depois que ele saiu, enquanto ainda amanhecia, chamei Cecil e disse-lhe para mandar os conselheiros para a Essex House.

— Desta vez seria uma convocação oficial. Lorde Egerton deve levar o Grande Selo e, se eles não responderem, ordenar a obediência diante de sua autoridade. Enquanto isso, envie avisos ao senhor prefeito e aos vereadores de

Londres, eles estarão na Cruz de São Paulo para o sermão das oito. Esses são os maiores públicos do dia e os rebeldes podem tentar recrutá-los.

Foi então que fiquei paralisada, percebendo que havia acabado formalmente de chamá-los de “rebeldes”.

— Sim, Vossa Majestade — Cecil não contradisse a minha escolha de palavras. — Eu já tomei a liberdade de alertar o prefeito. Também vou ver que forças nossos apoiadores podem comandar na cidade, no caso de precisarmos deles.

Agora, só me restava esperar. Esperaria enquanto o grande e amplo palácio parecia estar prendendo a respiração. Embora fosse impossível fazer qualquer outra coisa, pensar em outra coisa, devia fazer uma encenação. Chamei meu secretário e pedi minha caixa de correspondência. Cartas diplomáticas e petições locais que precisavam de resposta. O secretário de Relações Exteriores do rei Henrique IV perguntava sobre uma disputa de propriedade, perto de Calais... Um pedido de um retrato real dos mercadores aventureiros... Uma proposta para que os ursos em cativeiro fossem mais bem alimentados por seus guardiões...

— Vossa Majestade! — Uma batida estridente na porta seguiu-se da voz de Raleigh.

— Entre! — falei alto. Ah, Deus. O que quer que fosse, seria o primeiro relatório da situação.

Ele entrou, tirando as gotas-d’água das mangas.

— Essex insistiu que Gorges e eu conversássemos somente ao ar livre, próximo aos barcos em frente à Essex House.

— Poupe-me os detalhes, o que Gorges *disse*?

— Ele disse e eu reproduzo: “É provável que você tenha um dia sangrento”. Então, tudo estava claro agora. Era até pior do que imaginávamos.

— Em seguida, ele sinalizou para seus comparsas, que subiam as escadas da saída do rio apontando mosquetes para mim. Não fiquei lá nem por mais um minuto — ele riu, como se a sua simplicidade dissesse o óbvio.

— Desculpe, Walter. É difícil perder um parente que escolhe um caminho diferente — como já tinha acontecido comigo repetidas vezes.

— Christopher Blount gritou da margem que me mataria.

— Então ele é tão imensamente tolo quanto seu primo. É vergonhoso quando um homem se encanta pelo próprio enteado — o que Lettice pensa sobre o filho e o marido liderarem uma rebelião? Será que os encorajava? Ou será que estava horrorizada e indefesa? — Você viu quantos homens eles têm? Havia uma grande multidão?

— Não pude ver o pátio. Mas parecia que alguns deles já haviam saído de lá. A maioria tinha ido para a cidade.

Virei-me e olhei pela janela. Não vi nenhuma multidão se aproximando.

Cada momento que eles aguardavam nos dava mais tempo para reunir forças contrárias.

Eram dez horas. As multidões da Catedral de São Paulo já teriam se dispersado. Os rebeldes tinham perdido a oportunidade. Naquele momento, a delegação de representantes devia ter chegado à Essex House. Tudo dependia disso. Talvez eles fossem respeitosamente recebidos, e Essex educadamente juraria suas intenções pacíficas.

Mas não! Isso seria o pior, pois seria uma mentira e serviria apenas para que ele ganhasse mais tempo. Temos que tirá-lo de lá, não podemos esperar nem mais um minuto.

— Obrigada, Walter. Você deve ir ver seus guardas agora. Eles devem estar prontos, todos os duzentos.

Curvando-se às pressas, ele saiu correndo da câmara. Eu continuava esperando no mesmo lugar, como se pregos fixassem meus pés no chão. Ficaria ali, impotente, enquanto os rebeldes invadiam Whitehall e meus aposentos. Podia ver seus rostos, ver Essex corado e com os olhos brilhantes, ver Christopher Blount, de boca aberta e gritando, ver Southampton com os belos cachos esvoaçantes. Eles me amordaçariam, me colocariam num quartinho, me



obrigariam a abdicar, assim como a rainha dos escoceses foi forçada, assim como Ricardo II foi também. Eles me tratariam com exagerada cortesia, curvando-se e zombando, arrancando o anel de coroação do meu dedo, experimentando em si mesmos. Depois, então, eu seria levada para algum lugar de “descanso”, um lugar bem protegido. Quem eles colocariam no meu lugar? O próprio Essex? Ou será que ele se proclamaria lorde protetor e convocaria Jaime da Escócia para vir reclamar a sua coroa?

Eles capturariam Robert Cecil e os outros conselheiros privados, fariam um julgamento e os executariam. O reino ficaria sem monarca nem conselheiros, pois eles não tinham ninguém de calibre para preencher os cargos do governo. Os líderes daquela traição cruel já haviam tentado de tudo para cargos na corte sem conseguir obtê-los, devido à falta de qualificação.

Meus pés se mexeram. Coloquei primeiro um dos sapatos, depois o outro. O movimento me trouxe alívio, apenas pelo fato de fazer algo já quebrava o feitiço da espera indefesa.

Andei pelas salas ligadas aos aposentos reais, com um guarda em cada porta, segurando sua alabarda, perguntando a mim mesma se estava revendo as salas a fim de me despedir. Será que me lembrarei de cada mesa, cada tapeçaria, da vista de cada janela, em minha cela da prisão?

Whitehall era um palácio enorme, espalhado em vinte e três hectares. Alguns diziam que era o maior da cristandade, mas como alguém poderia saber isso? No entanto, poderia demorar várias horas só para passar por todas as suas salas e seus 2 mil quartos. Até onde eu poderia ir antes de ser presa? Como um fantasma silencioso, Catherine me acompanhava. Continuei olhando pelas janelas enquanto passávamos. Nenhum movimento, nenhuma agitação, nem em terra nem no rio.

A caminhada rápida me acalmou e, no momento em que chegamos à galeria dos escudos, já me sentia forte novamente. Aquela galeria, com vista para o rio, era o lugar

em que os escudos festivos dos torneios do Dia de Ascensão ficavam expostos. Eles cobriam as paredes e emolduravam as janelas, quarenta e um anos de escudos brilhavam para mim. Será que eu havia realizado meu último torneio para celebrar minha subida ao trono? Quem se sentaria nele em novembro, quando o décimo sétimo acontecesse?

— Eu me sentarei — disse em voz alta. — Deus não me conduziu ao trono e me manteve aqui com todos os perigos que já vi para que agora eu seja deposta.

— Creio nisso, cara rainha — disse Catherine.

— Ele me manterá aqui, no local em que me colocou — insisti.

Demos a volta e saímos da galeria. Andei rapidamente pelas salas adjacentes em direção à galeria privada, toda feita de madeira, que ligava o palácio ao andar superior de Holbein Gate. A névoa tinha subido e um raio de sol fino e frio brilhou sobre chão.

— Vamos ao menos dar um passeio no jardim — disse para Catherine. — Certamente que é seguro.

Dois guardas de Raleigh em seus uniformes vermelhos, ornamentados na frente e nas costas com as rosas de ouro Tudor, surgiram atrás de nós. Fiquei contente com aquilo e não tentei enganá-los. Seguravam com firmeza suas alabardas douradas cobertas por veludo e o som pesado de suas botas era tranquilizador. Eram excepcionalmente altos e fortes, na verdade foram selecionados por causa do porte físico. Eu só esperava que suas proezas se equiparassem à estatura deles. O jardim privado era muito grande, com trilhos pintados de verde e branco delimitados por passarelas de cascalho entre praças de plantas ornamentais. Meu pai tinha construído o local e as colunas de madeira com animais heráldicos dourados em cada canto não havia mudado. O meio do jardim contava com uma grande fonte e o elaborado relógio de sol de Catarina de Médici que indicava o tempo de trinta formas diferentes. Olhei para cima, o sol não estava em seu apogeu, o que

ainda seria baixo para o céu de fevereiro, mas estava se aproximando.

— Creio que sejam onze horas — eu disse, virando-me para Catherine e para os guardas.

— Não exatamente, Vossa Majestade — disse um dos guardas.

— Acho que já passam das onze — disse Catherine.

— Agora teremos nossa resposta — falei, fazendo o relógio funcionar.

— Você está certa — disse para Catherine. — Passamos um pouco das onze. Ah, o que teria acontecido com a minha embaixada? Eles já deviam ter voltado, com Essex preso. Algo errado havia acontecido, algo muito errado.

— Não podemos mais esperar — eu disse. — Tenho que tentar saber o que se aconteceu com lorde Egerton e os outros. — O jardim, os animais heráldicos, a fonte, tudo estava invisível para mim. Tudo o que eu podia ver era a Essex House.

De volta aos aposentos reais, bem protegidos com o dobro de guardas, mandei chamar Cecil. Ele estava nas proximidades, em seus aposentos na própria corte, e apareceu quase que instantaneamente.

— Algo deu errado — falei. — Eles já deviam ter voltado. Temos que saber o que aconteceu.

Tudo ainda estava em silêncio. Nenhuma multidão veio atrás de nós.

— Já fiz isso, Vossa Majestade — disse Cecil. — Perdoe-me se me adiantei.

— Não, isso poupa tempo. — Tempo, tempo... parecia que nada se movia. O tempo era meu amigo ou meu inimigo?



**E**s homens de Cecil retornaram rapidamente, abalados e sem fôlego. Eles trouxeram os adeptos do partido original com eles. Recebemos todos eles no quarto privado. Atrás de mim, estava o grande mural do meu pai com sua dinastia Tudor.

— Contem-me o que sabem e falem tudo. Não me escondam nada — ordenei.

Eles olharam uns para os outros, como se tentassem escolher um deles para ser o porta-voz.

— Pelo amor de Deus, homens, um de vocês tem que falar! — gritei.

Um homem pequeno e careca deu um passo adiante, segurando o chapéu.

— Eu estava com lorde Egerton — disse ele. — Quando eles chegaram à Essex House, a delegação foi cercada pela imensidão de baderneiros no pátio. Não dava para ouvir nada do que diziam, mas o próprio Essex acabou aparecendo enfim. Durante o tumulto, consegui apenas ouvir Essex gritando que os traidores planejavam assassiná-lo em sua cama e que agora ele iria se defender. Nesse momento, lorde Egerton pôs seu chapéu e leu um comunicado, exibindo o Grande Selo.

— Ele teve que invocar o cargo, então — eu disse. — O documento mandava que eles se submetessem à minha autoridade, entregassem as armas e declarassem suas intenções sob pena de traição. O que aconteceu depois?

O homem pareceu atordoado.

— Eles... eles gritaram, declarando morte a lorde Egerton e para jogar o Grande Selo no chão.

Fiquei olhando. Por um momento fui incapaz de falar.

— E então?

— Essex os escoltou para dentro da casa. Todos eles! Depois os trancafiou lá e montou guarda sobre eles!

— O quê? Ele está mantendo os representantes da Coroa como reféns?

— Sim, Majestade — disse, abaixando a cabeça.

— Olhe para mim. Erga-se como um homem. Não foi você que fez isso. Onde eles estão agora?

— Foram na direção da cidade, seguidos por toda a ralé que estava no pátio. Os homens gritavam que o xerife Smythe de Londres estava do lado deles e tinha mil homens mobilizados. Creio que eles pretendem convocar os cidadãos de Londres para tentar recrutar-los para a causa.

— Mas qual é a causa deles? — Não, aquela era uma pergunta tola. A mais precisa seria, qual é a falsa causa deles?

— Ouvi Essex gritando “Pela rainha! Pela rainha! A Coroa da Inglaterra foi vendida à Espanha! Um plano foi traçado contra a minha vida!”.

Cecil abafou uma risada.

— Ele ultrapassou todos os limites. O único que está tramando algo é ele mesmo.

— E, quando ele entrou na cidade, passando por Ludgate, gritou “A Inglaterra foi vendida à Espanha! A Infanta da Espanha reinará aqui”!

Virei-me para Cecil e indaguei:

— E os homens que você mandou que os seguissem?

Cecil tranquilamente apontou para um dele.

— Roger, o que você descobriu?

Um jovem, magro e de olhos escuros, deu um passo à frente:

— Eu o segui — ele disse. — Eles correram até a Catedral de São Paulo, evidentemente esperando pegar as grandes multidões, mas era tarde demais. O sermão havia acabado e as pessoas já haviam se dispersado. Foram então cavalgar até a cidade, em direção à rua Fenchurch, onde o xerife Smythe vive. Mas o xerife havia saído pela porta dos fundos. Então, sentaram-se para uma refeição à custa dele!

— Não entendi — eu disse.

— Quando eles descobriram que ele não estava em casa, invadiram-na e se serviram com seus mantimentos, cerveja, queijo e carne. Eles ainda estão lá, devorando tudo.

— Eles estão comendo, no mesmo momento em que estão tentando fazer um levante armado na cidade? — perguntei. Queria ter certeza do que tinha entendido.

— Sim, parece ser isso — admitiu o homem.

— Então, temos tempo para defender a cidade? — perguntei. — E o xerife?

— Ele parece ter desaparecido — disse o homem.

— E os mil homens dele?

— Uma fantasia — disse o homem.

— Já despachei o conde de Cumberland, com um pequeno destacamento de soldados, e ordenei que um cerco fosse traçado por Ludgate para que não possam escapar pelo caminho que vieram. Também elaboramos uma barricada de carruagens para bloquear a costa perto da Charing Cross e trancamos todos os sete portões da cidade — disse Cecil.

Virei-me para ele.

— Muito bem, Robert Cecil, você tem a mente de um soldado! — falei.— Bom trabalho.

— Com a sua permissão, enviarei meu irmão mais velho, lorde Burghley, à cidade para proclamar Essex como traidor e prometer o perdão a qualquer um que deserte de seu grupo agora — disse Cecil.

— Você tem a minha permissão — garanti.

Sentei-me para almoçar. Tentei comer como sempre, mas era difícil. Eu pensava no que as pessoas iriam dizer depois: “Ela não alterou nada, nem mesmo seu comportamento”. Às vezes, o aspecto exterior deve ser o único.

Mais uma vez a espera. As notícias chegavam lentamente.

Lorde Burghley tinha lido a proclamação.... Os homens sentados na casa do xerife zombaram, dizendo que um arauto proclamaria qualquer coisa para o qual fosse pago para... Alguns dos que se diziam seguidores de Essex tinham desertado, incluindo o conde de Bedford e o lorde Cromwell. Essex havia pedido uma camisa limpa, pois a que usava estava embebida em suor.... Christopher Blount tentava garantir mais armas...

Essex correu para a rua, com o guardanapo ainda pendurado no pescoço, clamando estar lutando contra os ateus e a Espanha (uma estranha combinação), pelo bem da Inglaterra. O xerife aproximou-se de Essex e disse a ele que, o prefeito e o Conselho Privado pediam que se rendesse e que fosse para a Mansion House. Essex o ignorou, virou-se e voltou para Ludgate, evidentemente tentando voltar para a Essex House.

Sendo assim, deparou-se com a barreira em seu caminho e com o conde de Cumberland com seus lanceiros. Essex tentou vários artifícios para atravessar, incluindo uma mentira sobre o passe livre do prefeito e do xerife. Mas, que Deus o abençoe, o capitão era um sujeito sem imaginação e ficava repetindo que suas ordens eram para barrar o caminho.

Dessa forma, os seguidores de Essex perderam a paciência e um deles disparou a pistola, gritando: “Atirem! Atirem!”, instigando os soldados armados. Mas eles estavam paralisados e o fogo foi rebatido pelos. Um tiro atravessou o chapéu de Essex, seu escudeiro foi morto a tiros. Christopher Blount atacou os soldados com sua espada, e foi ferido no rosto. Em seguida, levou um golpe na cabeça e caiu inconsciente na rua. Essex fugiu, deixando

seu padrasto para o inimigo. De lá, eles correram de volta para a cidade e conseguiram voltar em barcos para a Essex House, onde os reféns aguardavam. Lorde Monteagle caiu na água, quase se afogou e foi capturado.

Já estava anoitecendo. Indubitavelmente, o relógio de sol no jardim ilustrava a passagem exata de horas. Mas bastava olhar pela janela e ver a escuridão para saber que horas eram.

— Onde eles estão? — gritei. Ainda não havia acabado.

— Ninguém sabe — disse Cecil. — Mas supomos que eles tenham chegado à Essex House neste momento.

— Por Deus! — gritei. — Estou disposta a ir para as ruas agora e ver qual de nós governa! Vamos ver!

Cecil parecia horrorizado:

— Majestade! — gritou.

— Tem medo de que o povo o escolha? Caso isso aconteça, que seja! Vamos duelar aqui e agora, uma escolha limpa! — e eu não estava brincando.

— A senhora não pode confiar nos plebeus — ele disse.

— Se não posso confiar nos plebeus, não posso ser rainha — eu disse. — Traga minha capa. Chame meus guardas! — Iria enfrentá-lo nas ruas.

— Isso é tolice — disse Cecil. — E não porque o povo o escolheria em vez de escolhê-la, pois isso não aconteceria, mas porque, na confusão da batalha, que ainda pode acontecer, Deus proibia que a senhora seja ferida.

— Não vou fugir!

— Mas não pode se arriscar, não se é a mãe do seu povo. A senhora não pode deixá-los desprotegidos.

Ele estava certo, é claro. Eu teria enfrentado Essex, em qualquer campo que ele escolhesse, mas devo pensar no meu povo. Eles ficariam com uma lenda de sua rainha combatente, mas abandonados nas mãos de Essex.

— Por enquanto, vou esperar — foi tudo o que eu disse.

Logo a escuridão viria. E mais estava por vir.

— Querida Catherine, agora é o seu marido que tem que salvar o dia — disse a ela. Eu havia ordenado ao almirante



que coordenasse as forças da Coroa. Eles cercariam a Essex House tanto do lado do rio quanto do lado da costa. Também ordenei que um canhão fosse levado da Torre e que ficasse pronto para demolir a casa se a resistência continuasse.

— Ele já serviu a vós uma vez e será útil novamente — ela assegurou. — Em todas essas crises do seu reinado ele tem sido seu porto seguro.

— Não deverá haver mais crises — falei. — Mas, se elas acontecerem, é uma bênção ter um homem como Charles para desviá-las. — Essex tinha ficado insano. — É uma pena perder uma vida por causa de uma ilusão — murmurei.

— Desculpe, o que a senhora disse? — perguntou Catherine.

— Fico triste por Essex — respondi.

— Então está tão louca quanto ele! — ela gritou.

— Por quê? Perder a cabeça, outrora bela e jovem, é uma tragédia — concluí.

— Peço, por favor, não lamente por ele em público.

— Não fiz e não farei isso — disse resoluta. Mas, ah! Por detrás da minha raiva e agitação estava triste.

A cidade não tinha se levantado. As pessoas não haviam se unido à causa de Essex. Sua recente popularidade acabou não servindo de nada contra a lealdade de longa data do meu povo por mim. Ele não conseguiu roubar de mim o coração do meu povo. Eu estava profundamente grata e por isso orei.

A escuridão total havia chegado. Os empregados vieram para preparar meus aposentos para que eu pudesse dormir, mas eu pedi a eles que fossem embora.

— Não vou dormir até que esses rebeldes tolos estejam trancados a sete chaves na Torre. Podem ir embora!

Uma mensagem de Cecil: os reféns libertados estavam esperando na sala de audiências.

— Venha — eu disse para Catherine, e fomos então correndo até lá. Egerton, Knollys, o lorde chefe de Justiça Popham e o conde de Worcester estavam lá, cercados por

conselheiros tagarelando e questionadores. Eles pararam de falar quando entrei.

— Meus homens leais — eu disse. — Tiveram um dia difícil?

Egerton deu um passo à frente e fez uma reverência.

— Inesperado, mas não difícil. Essex nos levou para dentro para nos proteger do motim, não há outra palavra para definir aquilo, que acontecia no seu pátio. Mas eles continuaram nos seguindo escada acima, clamando por violência. Ele nos escondeu na biblioteca, nos entregou a chave e prometeu voltar rapidamente.

William Knollys lançou um olhar para ele e disse:

— Meu próprio sobrinho! Nunca pensei... Mas fomos bem tratados. Na verdade, mandaram a esposa de Essex, a irmã dele, Penélope, e a mãe, Lettice, para nos entreter.

— As damas fizeram o possível para nos ajudar a passar o tempo, embora estivessem mais ansiosas que nós — disse Popham. — Eu não tinha dúvida de que prevaleceríamos e seríamos resgatados, e que aquelas pobres mulheres eram vítimas. Seus maridos estavam condenados, e elas sabiam disso.

— No entanto, elas foram muito corajosas, falando sobre as últimas peças de teatro, oferecendo-nos iguarias e vinho e nos alegrando — disse o rechonchudo Worcester.

— Foi bizarro.

— Gorges nos deixou sair — disse Knollys. — Ele voltou antes de Essex e fingiu ter ordens para nos libertar. Ele não é bobo. Sabia o que estava acontecendo.

— Então, Essex terá uma surpresa quando voltar? — perguntei.

— O tipo de surpresa que merece — disse Worcester de maneira sombria.

Servimos o jantar para todos os conselheiros e empregados no quarto privado.

— Meus leais amigos! — bradei, levantando-me. — Bebo à sua saúde. — e ergui minha taça — Sem vocês, não seria

quem sou. Jamais pensem que não tenho consciência disso.

Eles se levantaram comigo e beberam solenemente. Então Cecil disse:

—Hoje estamos seguros, todo o perigo já passou.

— Deus seja louvado! — agradeceu Knollys — Deus seja louvado para manter nossa gloriosa princesa em seu trono.

Ouvi todos os detalhes do que aconteceu na Essex House naquela noite. Essex e seus poucos capitães retornaram assim que o entardecer chegou e correram em segurança para dentro da casa. Depois disso, as forças do almirante impediram o acesso ao rio. Do outro lado, lorde Burghley e outros abriram caminho para o pátio.

A casa estava cercada. Eles começaram atirando nas janelas, fazendo com que cacos de vidro voassem por toda parte.

Lá dentro, Essex queimava freneticamente as correspondências que o incriminavam, ele enviou seus tenentes para fora para continuar disparando por tempo suficiente para manter as forças da Coroa na baía até que ele pudesse completar sua tarefa. Então, ele e Southampton foram para o telhado, em resposta à exigência de que se rendessem. Southampton gritou: — Somente se nos derem reféns, para garantir nossa segurança!

— Sim! Sim! — gritou Essex, do telhado, com a capa esvoaçante. Era uma silhueta de um desespero negro.

— Rebeldes não podem barganhar com príncipes — gritou o almirante.

Um cessar-fogo foi acordado para permitir que as mulheres saíssem. Sendo um cavalheiro, o almirante concedeu duas horas. As damas da casa saíram. Quando o tempo acabou, o almirante trouxe o canhão.

— Demoliremos a casa e todos os que estiverem nela — ele avisou. — Rendam-se!

— Mais homens juntaram-se a Essex no telhado.

— É melhor perecer diante do fogo de um canhão do que diante de uma corda ou de um machado — gritou o velho

lorde Sandys.

Mas os mais jovens não tinham um temperamento tão impetuoso. Depois de muita deliberação, Essex caminhou até a borda do telhado e gritou:

— Vamos nos entregar sob três condições!

— Quais são elas? — indagou o almirante. — Sua Majestade não se comprometerá com nada.

— Em primeiro lugar, vocês deverão nos prender e seremos tratados como civis, não como criminosos. Em segundo lugar, que nos seja concedido um julgamento justo e imparcial — disse ele.

— Posso garantir isso — disse o almirante. — E sua terceira condição?

— Que seja permitido que meu capelão pessoal, Abdyias Ashton, me visite na prisão.

— Concedido! — gritou o almirante. — Agora, rendam-se.

Em alguns minutos os homens desceram e se ajoelharam diante do almirante. Essex colocou a espada brilhante nas mãos estendidas do almirante e Southampton fez o mesmo. Lenta e deliberadamente, os outros imitaram o gesto logo depois deles.

Eram dez horas de uma noite fria e com muito vento. A rebelião havia durado apenas doze horas. Mas a maré virou e não havia como descer o rio em direção à Torre. Dessa forma, seriam transportados pelo rio para o Palácio Lambeth. Os remos agitavam-se nas águas do rio, levando-os à sua clausura perpétua. Nunca mais teriam liberdade.

Quando Cecil me contou, sentei-me em minhas almofadas do meu quarto íntimo.

— Então acabou — eu disse.

— Sim, Majestade. Graças a Deus acabou — disse ele.

— Vá para seus aposentos e descanse — falei. — Uma noite longa, porém eles ainda não estão na Torre.

— Logo estarão. Estamos apenas esperando a maré virar. Deve acontecer lá pelas duas horas.

— Até que eu saiba que estão na Torre e trancados, devo continuar vigilante. Você pode descansar, seu trabalho já foi

feito, mas o meu não.

— Creio que Vossa Majestade pode confiar nos seus servos para a conclusão dessa missão — ele disse.

Eu ri e falei:

— Não há diferença alguma para você se dormir agora. *Sua* tarefa está feita, mas eu ainda devo vigiar os portões e entradas do meu reino.

Ele se curvou.

— Como Vossa Majestade desejar.

Eu estava sozinha em meu quarto. Catherine, a meu pedido, foi dormir em outro lugar. Eu queria que fosse assim. Minhas janelas vigiavam o rio, fiquei em uma delas e mantive os olhos atentos nas águas escuras e ondulantes, alerta a qualquer movimento. Mesmo na noite sem lua, era possível identificar as torres e as construções de Lambeth sutilmente rio acima. Não estavam muito longe, talvez um quilômetro ou algo assim.

Dava para ver, pelas ondulações na água, o momento exato da virada da maré. O relóginho sobre a minha mesa tinha acabado de informar que eram duas horas.

Um ligeiro movimento na água no distante cais de Lambeth. Um barco havia saído, seus remadores seguiam em direção à Torre. Era um barco rápido, os outros rebeldes viriam a seguir. Aquele devia estar levando apenas Essex.

O barco passou perto de Whitehall. Senti-me pressionando o vidro da janela, como se tentando ter uma visão melhor do interior do barco. Mas ele passou, envolto na escuridão.



**C**inco horas mais e então o amanhecer trouxe o novo dia. Sentia-me expurgada de todas as emoções, como se tivessem sido levadas cativas junto com Essex. Mas isso era uma vantagem: significava que poderia agir rapidamente, sem ser incomodada por sentimentos nebulosos.

Ordenei que detalhes da traição fossem impressos e distribuídos por toda a cidade. Convoquei advogados para estudar a grande quantidade de evidências e preparar as provas para os julgamentos. Distribuí mais de 2 mil homens recrutados em suas cidades de origem para manter a ordem em Londres, alguns estavam posicionados na Charing Cross, outros patrulhavam a bela área de Southwark, com os teatros, rinhas de galos e de ursos, e ainda outros mais ao redor do Royal Exchange. Não podia arriscar.

Ao todo, oitenta e cinco homens, tirados da Essex House, estavam sob custódia. Na verdade, apenas alguns deles exigiam análise minuciosa ou julgamento. O próprio Essex, é claro, era o principal. Depois dele, Southampton. Em seguida, os não tão importantes: Rutland, Sandys, Monteagle, Bedford e Blount. Os plebeus e empregados de Essex, Danvers, Cuffe e Meyrick, também seriam responsabilizados por suas ações.

Já havia passado quatro dias desde o levante e finalmente consegui de novo, tranquila e relaxada como uma mola que aos poucos vai se descomprimindo. Meu apetite aos poucos voltava e estava ansiosa à espera do jantar pela primeira vez desde que o meu calvário havia começado. Concordei até mesmo em jantar no quarto privado para que mais pessoas pudessem compartilhar comigo. Para espantar a tristeza, escolhi um vestido vermelho. Mas, antes que pudesse sair dos meus aposentos para ir até o quarto privado, três guardas de Raleigh me cercaram. Tentei afastá-los.

— Senhores, o perigo já passou — eu disse. — Estou apenas indo jantar com meus empregados e amigos.

— Ainda há perigo — disse um guarda com voz imponente. — E ia na direção dos seus aposentos.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei. Olhei à minha volta, o corredor estava vazio. — Estou tentando acalmar a corte e não agitá-la.

— Conhece o capitão Thomas Lee? — outro disse.

— Sim, ele serviu na Irlanda e foi mensageiro de Essex para O'Neill. Mas ele não fazia parte da rebelião.

— Agora faz — disse o primeiro homem. — Foi pego do lado de fora da sua porta com uma faca. Já confessou que queria tomá-la como refém e forçá-la a soltar Essex.

— Meu Deus! — como ele conseguiu chegar tão perto? — Onde vocês estavam, então, quando ele se esgueirou até os aposentos? De que adianta seus trajes e rosas de ouro bordadas se não conseguem me proteger de maneira apropriada?

— Ele disse que tinha negócios a tratar com a senhora.

— Ele disse que a senhora o conhecia bem. Nunca teríamos acreditado nele, mas um dos guardas o reconheceu. “Ele serviu na Irlanda”, o guarda disse. “E, além disso, ele é primo do antigo mestre dos torneios da rainha.”

— Um membro questionável daquela família — eu disse, tentando me lembrar de algo desagradável sobre ele. Ah,

sim. Ele me enviou uma vez a cabeça decepada de um chefe irlandês, pensando que fosse me agradar. Estremeci. Tinha provado não só ser rude, como também sabia cortar cabeça.

— Onde ele está?

— Amarrado e esperando pela senhora lá fora — o guarda mais alto disse, apontando para o quarto privado.

— Muito bem, então vamos vê-lo.

Aquele não era o jantar tranquilo que tinha imaginado. As mesas estavam postas e o pessoal reunido, mas o capitão já estava de joelhos. Os cortesãos fizeram um círculo em torno dele e ficaram observando.

Fui até o local em que ele estava ajoelhado, dois guardas enormes de cada lado com as mãos sobre os ombros dele.

— Capitão Lee — eu disse. — Esta é a segunda vez que encontro você. Não haverá uma terceira.

Ele olhou para mim e murmurou:

— Deixe-o ir! Liberte o conde de Essex!

— Por quê? Por que você pediu? Ele é um traidor. E agora você também é. — De súbito, me cansei de tudo aquilo. Nem sequer tinha mais estômago para qualquer outra conversa. — Levem-no — ordenei aos guardas. — Julguem-no antes dos outros. O caso dele é claro. Ele não requer tanta revisão legal.

Enquanto ele era arrastado, convidei todos para tomarem seus lugares à mesa como se nada tivesse acontecido. Mas, agora, sabia que aquilo só teria fim quando Essex estivesse morto. Assim como a rainha dos escoceses, enquanto ele vivesse, haveria planos conduzidos por ele, e eu não poderia respirar em segurança.

— Meus bons amigos, vamos beber à saúde e à paz! — disse, levantando minha taça. Minha mão não tremeu.

As coisas evoluíram rapidamente nos dias seguintes. Convoquei os nobres do reino a virem rapidamente a Londres para atuar como testemunhas no julgamento, nove condes e dezesseis barões. O Conselho Privado selecionou o



conselho da rainha para conduzir o julgamento, sete advogados do reino, incluindo Francis Bacon. O sr. Buckhurst presidiria como alto lorde comissário sobre oito juízes. O julgamento aconteceria em Westminster Hall, onde outros tantos já tinham sido realizados.

Se um julgamento significa uma maneira de determinar culpa ou inocência, aquele não era um julgamento, mas uma audiência para determinar a dimensão da culpa daqueles homens, e não se eram realmente culpados. Eles poderiam falar e se defender, mas a audiência satisfaria a necessidade de ter todos os fatos apresentados e registrados e o castigo imposto. Nos próximos anos alguém poderia rever a audiência e saber o que tinha se passado. Essa era a sua finalidade, organizar os fatos e inseri-los no registro público.

Na preparação para o julgamento, foi necessário também preparar a mente do público. A maneira mais eficiente de fazer isso era ordenar que todos os pregadores no reino apresentassem os fatos do caso em seus sermões. Como a frequência na igreja era obrigatória, a maioria das pessoas ouviria a mensagem. Era domingo, 15 de fevereiro. Como precaução, 500 soldados foram enviados à Cruz de São Paulo, onde o sermão mais importante seria ouvido.

Na segunda-feira, o capitão Thomas Lee foi julgado na Prisão de Newgate, na terça-feira ele foi executado em Tyburn, a morte prevista ao traidor era enforcamento, estripação e esquartejamento. Ao mesmo tempo, o Conselho Privado da Câmara Estrelada publicava acusações sobre os homens na rebelião, que eram o conde de Essex, o conde de Southampton, o conde de Rutland e o lorde Sandys, que haviam conspirado para depor e matar a rainha, derrubando o governo.

Na quarta-feira, os advogados deram os retoques finais ao caso. Instruí Frances Bacon a deixar qualquer coisa relacionada à sucessão, à peça *Ricardo II*, ou à deposição de fora.

— A rebelião fala por si só — eu disse. — Não precisamos entrar nesses assuntos secundários.

— Mas, senhora, mencionamos esses assuntos nos sermões e na acusação — ele comentou.

Olhei para ele. Já não o via fazia vários meses. A tensão podia ser percebida em seu rosto pelas marcas de expressão e pelo olhar.

— Francis, sei que isso é difícil para você. É muito raro que um homem seja chamado para preparar um caso contra um antigo amigo seu. Mesmo que você tenha renegado o caminho político dele, a amizade é um assunto diferente. Pode-se gostar além da política. Acredito que meu pai sempre gostou de Thomas More e tenho certeza de que você sempre gostará de Robert Devereux. Deus sabe quanto é fácil gostar dele, essa foi a sua perdição.

Francis simplesmente se levantou, segurando seu chapéu. Um sorriso lento surgiu no canto da sua boca quando ele falou:

— Vossa Majestade é sábia. Mas a minha lealdade é inteiramente sua, mesmo que lamente por meu amigo.

— Sofro junto com você — eu disse. — Você entende por que eu gostaria de passar a parte da deposição. Por que dar asas à imaginação das pessoas? Uma imagem fica impregnada na mente. Foi o que aconteceu com *Ricardo II*. Aquela peça fornece a visão e o enredo para algo nebuloso. Traição... abdicação... são assuntos abstratos. Mas, depois que os vê pela primeira vez, encenados à sua frente... tornam-se possíveis. De certa maneira, já aconteceu e você se envolveu ao assistir a tudo isso — levantei-me disse:

— De qualquer forma, temos um julgamento para conduzir. Sua tarefa é provar que as ações de Essex foram premeditadas. Se ele está louco... isso o absolve. Ele pode ter pendido para o reino da loucura, mas estava no total comando de seus sentidos quando me desafiou, negociando com O'Neill, voltando para a Inglaterra contra minhas ordens expressas, reunindo seus seguidores na Essex House e encorajando-os... — retomei o fôlego. Dizer aquelas coisas

me enfurecia. — Você sabe — eu disse, colocando um ponto final.

— Sim. Para minha tristeza, eu sei.

— E seu irmão? — perguntei. — Como Anthony está se saindo?

— A doença tem evoluído. Temo por ele. Pode ser que não sobreviva.

— Lamento ouvir isso. A sorte de Essex tocou tantos e também arrastou tantos com ele. — Olhei para Francis: — Você não está entre eles. Nunca se castigue por ter ficado longe daqueles condenados. Não é pecado sobreviver. Ele concordou com a cabeça levemente.

— Agradeço à Vossa Majestade por compreender, pois muitos não entendem.

— Eles querem atribuir o rótulo de Judas a você, não é? É simplista. Acompanhar um traidor em seu caminho não é lealdade, mas traição — eu lhe assegurei.

Pensei em Essex na Torre. Seria mais fácil se, de fato, ele estivesse louco. Os loucos veem as coisas de maneira diferente. Ele se recusava a receber qualquer pessoa da sua família. Ele se recusava a confessar ao diácono de Norwich, que fora enviado para atendê-lo. Ele o havia mandado embora, insistindo ser inocente.

A inocência dele... talvez existisse em sua própria mente. Mas sua mente estava desordenada.

Robert Cecil pediu para me ver e eu o recebi.

— A esposa do conde implora que o poupemos — disse. — Implorou-me de joelhos.

— Frances Walsingham?

— Sim. Sempre pensei que o casamento dela fosse político, depois de Sidney, como poderia ser diferente? Mas ela está aflita.

Como os homens são ingênuos. Philip Sidney!

— Sidney pode não ter sido tão bom na cama como Essex — eu disse.

— Os homens que escrevem sonetos para outras mulheres que não são suas esposas muitas vezes vivem inteiramente em sua própria mente poética. Uma mulher quer mais. — Eu ri. — Você fica envergonhado? Ah, Robert, se você for se casar novamente, é necessário que esconda sua visão sublime sobre as mulheres. Queremos um *homem*.

— Aham... — ele pigarreou. — A senhora a receberia?

Seria difícil. Não podia poupar o marido dela. No entanto, por caridade, deveria ouvi-la.

— Sim, eu a receberei — de súbito, me perguntei sobre Lettice. Ela se mantivera quieta. Sem apelos, sem cartas, pois seu marido e filho estavam presos e logo seriam julgados.

— Você recebeu algum apelo da mãe de Essex? — talvez Cecil tivesse deixado de lado.

— Não — ele respondeu. — Não houve sequer uma palavra vinda da Essex House.

— Ela está lá? — talvez ela tivesse se retirado para Wanstead ou para as propriedades em Drayton Bassett.

— Segundo meus relatórios, ela está lá — ele disse.

Concordei em ver Frances no dia seguinte. Ela veio até o quarto privado e eu a conduzi aos meus aposentos. Meu empregado fechou a porta logo atrás de nós e discretamente desapareceu.

Frances de pé diante de mim, toda vestida de preto. A barriga dela estava enorme. No entanto, ela olhava diretamente para mim, inabalável.

— Quando nascerá seu bebê? — perguntei a ela.

— Ontem — ela disse, depois riu. — Está demorando.

— Você não deveria sair — aconselhei.

— Quando a dor começar, sei que é o momento de ir para casa — ela falou. — Este já é meu quarto filho.

— Permita-me ajudá-la então. Peça rapidamente o que você tem a pedir, depois a mandarei em segurança para casa.

Para minha surpresa, ela se atirou no chão.

— Frances! — gritei — Não faça isso.

Ela ergueu-se.

— Eu farei qualquer coisa. Sacrificarei este bebê, rastejarei diante de vós. Poupe meu marido! Se ele morrer, não posso viver, não conseguirei respirar!

— Ela começou a chorar: — Se a sentença de morte for assinada, não sobreviverei mais do que uma hora depois disso!

— Frances — eu disse, sendo o mais gentil possível. — Você sabe o que ele fez. Foi hediondo. A lei não permite que ele viva.

— Ele foi enganado, ele não sabia!

— Infelizmente, ele sabia — eu disse. — Ele foi avisado, muitas vezes. Ninguém pode negar isso. Se pudessem, negariam.

Ela se sentou, apoiando a cabeça nos braços, soluçando. Abaixei-me e abracei-a.

— Frances, Frances. É uma tragédia para a Inglaterra.

— É uma tragédia para mim — ela respondeu. — A Inglaterra pode suportar. Já sofreu muitas tragédias, mas eu não sobreviverei.

— Você não tem como saber isso. — Nenhum de seus maridos, por mais poderosas que fossem suas reputações, eram dignos de uma mulher tão simples e amorosa. Eles amavam a si mesmos, ou honravam a si mesmos muito mais. — Temos que ter firmeza. Muitas vezes são as mulheres que demonstram mais bravura e resistência. — Ah, talvez o destino mande a ela outro marido, um que seja como ela.

Ela se afastou e pronunciou:

— Como quiser — sua postura era de distanciamento. — Não vai salvá-lo, então? — indagou, levantando-se. — A senhora, diante de quem ele se ajoelhou, a quem ele adorava?

— Exceto quando ele tentou me capturar e me destituir? Pessoalmente, poderia ignorar seus atos, mas como rainha,

não, e eu disse isso a ele. Há muito tempo.

Ela limpou as lágrimas com as costas da mão.

— Então, vou embora.

— Deus esteja com você — foi tudo o que eu pude dizer. Ela precisaria da mão dele para apoiá-la.

— Já que a senhora não estará comigo, devo me contentar com ele — ela rebateu.

— Deus não está em segundo lugar — falei. — Não o insulte. Você precisará dele.

Dia 19 de fevereiro, onze dias depois da revolta, Essex e Southampton enfrentavam o julgamento. Eu não participei, mas recebi um relatório completo sobre todos os envolvidos.

No fundo do salão, perto das escadas que levavam a Capela de Santo Estevão, seria o assento do alto lorde comissário, Buckhurst, que, sob um dossel, presidiria em meu lugar. Na frente dele, estariam os oito juízes e o lorde chefe de Justiça Popham coordenando tudo. Diante deles, estariam os conselheiros da rainha, os advogados que julgariam o caso. O procurador-geral, *sir* Edward Coke, o advogado-geral, Thomas Fleming, o sargento da rainha, Christopher Yelverton, o juiz mais antigo, dois sargentos e Francis Bacon compunham os sete conselheiros.

Do outro lado, estavam os vinte e cinco colegas que agiriam como júri. No outro extremo da sala, uma longa barra de ferro marcava o limite dos espectadores do julgamento.

Buckhurst entrou no salão escoltado por sete sargentos de armas e quarenta guardas de Raleigh, liderados por Raleigh. O tenente da Torre fez os prisioneiros remarem rio acima para o julgamento e às nove horas recebeu ordens para trazê-los. O guardião da Torre entrou marchando, trazendo o machado do carrasco com a lâmina virada para baixo, seguido por Essex, vestido de preto, e Southampton, vestido com um traje volumoso. Eles tomaram seus lugares no

centro do julgamento com seus examinadores, de frente para os juízes.

Os jurados foram chamados e confirmaram presença um a um. Depois, todos se sentaram.

As acusações — conspirar para privar a rainha de sua coroa e da vida, aprisionar conselheiros do reino, incitar o povo à rebelião com inverdades e resistir à prisão — foram lidas e os dois homens declararam-se inocentes. Em seguida, o sargento Yelverton deu prosseguimento, acusando os prisioneiros de traição tão hedionda quanto a conspiração de Catilina na Roma antiga. O procurador-geral Coke prosseguiu, lembrando o júri que a mera resistência à autoridade real com força configurava traição, não sendo necessário provar a premeditação. E, além disso, ele discursou, o plano de Essex para convocar um Parlamento era subversivo e “seria um Parlamento sangrento, em que o meu lorde de Essex, que agora está todo de preto, usaria um manto ensanguentado”!

Em seguida as testemunhas foram chamadas. Primeiro, uma declaração de Henry Widdington, descrevendo os acontecimentos da manhã de 8 de fevereiro na Essex House. Depois, o chefe de Justiça Popham, trocando de lugar com ele, foi arrolado como testemunha e relatou seu tratamento quando seu grupo foi até Essex com o Grande Selo. O conde de Worcester o apoiou em todos os detalhes. Raleigh falou de seu encontro com Gorges e do fato de ter sido advertido, “Você provavelmente terá um dia sangrento”.

O próprio *sir* Gorges testemunhou sobre as conferências na Drury House, planejando o golpe, e depois alegou que tinha pedido a Essex, na tarde do acontecido, a se apresentar à rainha.

Essex pediu o direito de questioná-lo e lhe foi concedido. Essex advertiu-o a responder com sinceridade.

— Você de fato aconselhou-me a me render?

— Meu senhor, eu creio que sim — foi tudo o que Gorges estava preparado para admitir.

Essex quase gritou:

— Este não é o momento para responder “eu creio que”, você não teria esquecido!

Southampton, o outro acusado, levantou-se para se defender. Sua exposição foi lamentável. Primeiro, disse que, apesar de ter conspirado para capturar a corte e a cidade, esses planos deram em nada, portanto não era culpado. Ele também alegou que não tinha ideia, quando foi à Essex House naquela manhã de domingo, das intenções cruéis de Essex. Além disso, ele não tinha ouvido o arauto em Londres proclamando-os traidores, nem sequer havia erguido sua espada durante todo o dia.

— Milorde, o senhor foi visto com uma pistola — disse Coke.

— Ah, isso! — disse Southampton. — Peguei de alguém na rua e de qualquer forma, não funcionava.

— O senhor esteve com Essex o dia inteiro na cidade. Se não concordava com os objetivos dele, teve muitas chances de se separar.

— Deixei-me levar pelo amor que sentia por ele! — disse Southampton de forma triste. — Sou uma vítima.

Como prova adicional, a corte apresentou confissões escritas de Danvers, Rutland, Sandys, Monteagle e Christopher Blount. O último disse o seguinte: “Se falharmos em nossos objetivos, devíamos, em vez de ficar desapontados, ter tirado sangue da própria rainha”.

Finalmente, Francis Bacon levantou-se para testemunhar contra Essex. Ele comparou os gritos falsos de Essex, sobre sua vida estar sendo caçada, a Pisístrato de Atenas, que se cortou e depois entrou na cidade alegando que sua vida estava em perigo.

— Mas isso não a isenta. Como aprisionar os conselheiros da rainha poderá protegê-lo contra essas pessoas, Raleigh, Cobham e Grey, que você afirma terem ameaçado você?

Essex ficou enfurecido:

— Você! Você é falso! E as correspondências falsas entre mim e seu irmão que você armou, somente para



impressionar a rainha?

Bacon apenas sorriu piedosamente.

— É verdade. Eu fiz tudo o que podia para ajudá-lo a conquistar a boa vontade da rainha. Eu me preocupava muito com você e esforcei-me mais por você do que para mim mesmo. Mas isso foi quando você era ainda um servo leal da rainha.

— Eu queria apenas pedir à rainha que impedisse Cecil.

— Você precisava de espadas e violência para fazer isso? Os requerentes estão armados? Que homem seria tão tolo a ponto de acreditar que isso tinha qualquer outro significado além da traição clara?

Essex começou a desmoronar, como sempre fazia quando estava sob pressão. — Cecil! Você e Cecil! Ele está liderando uma conspiração espanhola e você está nisso! Quando eu gritei nas ruas que a Coroa tinha sido vendida aos espanhóis, não era a minha própria imaginação. Um conselheiro confiável me contou que Cecil disse que a reivindicação da infanta era melhor do que qualquer uma.

Seguiu-se um grande silêncio e Essex sorriu. Pronto! Disse o que tinha que dizer. Rostos petrificados de juízes, júri e dos acusadores o encaravam. Em seguida, ouviu-se o som da cortina sendo aberta no alto da escada e Robert Cecil surgiu, pois não estava presente até então.

Ele desceu as escadas mancando e tomou seu lugar à frente de Essex, encarando-o. Essex, alto e vestido de preto, encarou Cecil, muito mais baixo.

Furioso, mas, ao contrário de Essex, capaz de falar com frieza e calma, Cecil começou a falar.

— Meu caro lorde de Essex! A diferença entre mim e você é enorme. Na inteligência, você é absoluto. Na nobreza, você também tem seu lugar. Não sou nobre, apesar de ser um cavalheiro. Não sou esgrimista, lá você também tem seus méritos, mas sou inocente, consciente, verdadeiro e honesto para me defender do escândalo e das agulhadas de línguas ferinas. Nesta corte, eu sou um homem íntegro, e vossa senhoria não passa de um delinquente.

Ele parou para recuperar o fôlego, depois continuou:

— Declaro, diante de Deus, que gostei de sua pessoa e justifico suas virtudes. E que, se eu não tivesse visto sua ambição inclinada à usurpação, teria, de joelhos, pedido à Sua Majestade para ajudá-lo, mas você é um lobo em pele de cordeiro. Graças a Deus, sabemos quem você é agora! — Ele balançou a cabeça negativamente e continuou: — Ah, meu senhor, se a causa fosse somente sua, a perda seria menor. Mas você atraiu vários nobres e senhores de berço e qualidade para sua rede de rebelião e os descendentes deles clamarão por vingança contra você.

Ainda contando com sua altura e nobreza, Essex zombou:

— Ah, mestre secretário, agradeço a Deus por minha humilhação, que permitiu que você, no afã de toda a sua bravura, viesse até aqui para fazer esse discurso contra mim hoje.

Mas Cecil ignorou o insulto e insistiu:

— Qual conselheiro citou a mim sobre a infanta? Diga o nome dele, se ousar. Se não disser o nome, acreditaremos que não passa de uma invenção sua.

— Ahá! — gritou Essex. — Southampton também ouviu.

— Quem foi então? Novamente peço, diga o nome!

— Foi... o comandante, *sir* William Knollys.

— Convoquem-no — ordenou Buckhurst. — Sei que ele se ausentou por causa da lealdade familiar, para não ter que testemunhar contra seu sobrinho, mas agora ele tem que vir. E não lhe diga do que se trata. Ele deve ignorar totalmente o conteúdo do interrogatório.

Os trabalhos foram suspensos enquanto Knollys foi chamado em sua casa e escoltado até a corte. Ele se apresentou diante de Buckhurst, que detalhou a acusação de Essex contra Cecil e perguntou se ele já tinha ouvido o secretário expressar tais pensamentos.

Knollys respirou fundo e pensou em voz alta:

— Sim... ele disse isso. Mas... tinha a ver com outra coisa. Uma outra coisa... o que era mesmo? — ele balançou a cabeça, como se assim pudesse organizar seus

pensamentos. — Ah, sim. Foi quando aquele jesuíta escreveu aquele trato “Conferência sobre a próxima sucessão” — Cecil disse que era imprudência dele alegar que a infanta tinha os mesmos direitos de sucessão que outros.

— Foi isso que ele disse? Que era *um erro* do jesuíta fazer tal afirmação?

— Acredito que as palavras exatas dele foram “uma imprudência estranha” — disse Knollys.

Buckhurst balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Então é isso. Você tem vivido sob uma ilusão, lorde Essex. Uma ilusão de sua própria criação.

A corte foi suspensa enquanto os membros do júri se retiravam para compor o veredito. Quando se reuniram novamente, ficaram de pé e, um por um, posicionando a mão esquerda no lateral direita do corpo, fizeram o pronunciamento: “Culpado, milorde, por alta traição, sobre a minha honra”.

Essex permaneceu em silêncio, pedindo apenas clemência para Southampton. Southampton implorou e pediu misericórdia.

Buckhurst pronunciou a sentença:

— Vocês devem ser levados daqui para o lugar de onde vieram e lá permanecerão ao bel-prazer de Sua Majestade: de lá, serão levados para uma barreira no meio da cidade e depois para o local da execução. Nesse local serão pendurados pelo pescoço. Seus corpos serão retirados com vida para serem abertos e as vísceras retiradas e queimadas diante de seus rostos; seus corpos serão esquartejados, suas cabeças e membros serão descartados conforme a vontade de Sua Majestade, e que Deus tenha misericórdia de suas almas.

Essex olhou ao redor com a cabeça erguida.

— Eu acho adequado que as partes do meu corpo, as quais prestaram serviços à Sua Majestade em diversas partes do mundo, devam agora, em seus últimos momentos, ser sacrificadas e descartadas conforme a

vontade Sua Majestade. — Depois, inclinou a cabeça, sacudindo a capa.

A corte ficou impressionada com a arrogância e a falta de arrependimento dele.

Os prisioneiros foram levados de volta à Torre, com a lâmina do carrasco agora apontando na direção deles.



**E**u estava sentada numa cadeira de encosto alto, rígida como um ícone bizantino, no momento em que o dia chegava ao fim. Não tinha comido durante todo o dia, jejuando a fim de sentir mais profundamente o que estava acontecendo no Westminster Hall. O teto de madeira esculpida do salão já tinha presenciado tanto a alegria quanto a tormenta, e tudo isso apenas dentro da minha própria família. O que será que estava vendo e ouvindo naquele dia?

Uma batida na porta, o mensageiro então entrou.

— Foram declarados culpados — disse. Fiquei em pé.

— Quando?

— Agora mesmo. Corri até aqui diretamente vindo do salão. Era tão perto que ele nem estava sem fôlego.

— Os dois?

— Sim, tanto Essex quanto Southampton. Estão agora voltando para a Torre.

Fui até a janela e espiei. Havia tantos barcos no rio que era difícil saber qual carregava os prisioneiros. Deixei a cortina cair.

— Nunca mais sairão de lá — eu disse. — Subirão o rio pela última vez.

— Como será que nos sentiremos quando sabemos que estamos passando por um lugar pela última vez?

— O lorde secretário Cecil ganhou o dia — ele falou. — Fez uma aparição surpresa por detrás de uma cortina, assim como numa peça. Mas virou o jogo de forma tão completa contra Essex que o conde não teve saída. De pé, ao lado daquele homem imenso, nunca Cecil, com sua baixa estatura, ficou tão grande. Ele providenciará uma transcrição de todos os acontecimentos. Os escrivães estão copiando com todo o empenho neste exato momento. Mas levará muitas horas.

— Mas você me trouxe o que interessava — eu disse. — O resto é mera alegoria decorativa.

Estava decidido, então. Estava decidido. Senti um alívio imenso ao ficar livre da ameaça que havia muito pairava sobre mim, mas não estava satisfeita. Só me senti assim quando Walsingham expôs a rainha escocesa de forma inequívoca e os juízes tinham pronunciado a sentença. Minhas suspeitas haviam se confirmado, mas eu preferia que as provas fossem consideradas infundadas.

Reuni minhas damas. As fiéis companheiras dos meus aposentos mereciam ouvir imediatamente o que tinha acontecido. Depois, retirei-me com Catherine e ficamos sozinhas no quarto privado.

— Mais uma vez agradecerei a Charles por seus oportunos serviços ao reino — disse a ela.

— Ele ainda está com a espada de Essex — falou Catherine. — O que a senhora quer que ele faça com ela?

— Deveria ser devolvida família. Quando tudo estiver... acabado.

— Quando será isso?

— Assim que os documentos forem elaborados e os preparativos forem feitos.

— Preparativos? O carrasco, o local da execução? Já existe um cadafalso na Tower Hill. Ele não irá para Tyburn, presumo?

— Não, não na Tower Hill. Ele terá uma execução privada na Tower Green. Um novo cadafalso deverá ser construído. Faz cinquenta anos que não há execuções lá. *Lady Jane Grey* foi a última.

— Por que mandá-lo para lá?

— Porque ele pediu uma execução privada.

— Ou porque seria muito perigoso permitir que o público presenciasse isso na Tower Hill?

— As duas coisas, Catherine. Se o público fizer um tumulto, aí então nossa vitória será revertida. Ele deve morrer longe de todos.

O julgamento havia acontecido na quinta-feira, no fim de semana Essex sofreu com seu capelão puritano, Abdyias Ashton, a quem pedira que fosse até ele antes de se render. Ele tinha recaído a um estado de religiosidade frenética que totalmente se concentrava em sua alma e excluía sua família enlutada. Não aceitava ver a esposa, a mãe, as irmãs nem mesmo os amigos. Apenas confessava tudo a Ashton, que insistiu em deixar os conselheiros a par de participar do desabafo. Então, no sábado, apenas dois dias após o julgamento, um Essex muito diferente desfigurava-se na frente do almirante e de Cecil, cheio de remorso e depois de escrever quatro páginas de confissões, denúncias e culpa.

— Bem, homens, vocês testemunharam o colapso dele — eu disse a eles, quando me entregaram os documentos originais, não uma cópia. Sua caligrafia miúda, diminuída ao máximo possível nas páginas, tornava difícil a leitura.

— Nunca é algo bonito de se ver.

Diante de mim, Charles e Cecil permaneciam firmes. A confissão começou com a admissão por parte dele, autoproclamando-se “o maior, o mais vil e o traidor mais ingrato que já havia nascido”. Ele estava exagerando, como de costume. Mas ele entregou os nomes de todos os associados à sua trama, envolvendo o lorde Mountjoy e sua

amante, Penélope. Ela o havia insultado e incitado, dizendo-lhe que todo mundo o considerava um covarde, ele disse.

— Observem-na, ela tem um espírito orgulhoso — ele alertou.

— É de família — eu resmunguei.

— No meio de tudo isso, subitamente, ele pediu que seu assistente, Henry Cuffe, fosse trazido para encará-lo — disse Cecil. — E então ele o acusou de tê-lo liderado em tudo.

— Ah, ele é o mesmo homem, apesar de suas alegações de mudança — eu disse. — Ele já havia tentado culpar os outros pelos seus erros. É sempre culpa de outrem aos olhos dele.

— Mas não aos olhos da lei — disse Cecil. — A lei falou mais alto — ele hesitou, depois lançou um olhar para Charles. — Há mais uma coisa...

— Você deve contar — disse Charles.

— Essex admitiu em nossa presença que, citarei em suas palavras, “a rainha nunca estará segura enquanto eu estiver vivo”.

— Essas foram as exatas palavras dele? — eu disse.

— Com certeza — Charles confirmou. — Embora odeie ter que repeti-las.

— Ele apenas admite o que já sabemos — falei, de forma mais leve do que eu realmente sentia.

— Com relação aos outros, Cuffe, Meyrick, Blount e o resto — disse Charles. — Eles serão julgados depois que esses dois forem despachados.

— E Southampton? — perguntou Catherine. — Você não mencionou onde ele está... Nem para onde iria.

— Não irá para Tower Green — eu disse. Na verdade, nem havia pensado bem sobre ele. Ele era tão sem importância.

— Se ele deve juntar-se a Essex ao deixar este mundo, então a decisão é sua — explicou Cecil.

Aquilo me irritou.

— Não dê ordens à princesa — falei. — Decidirei quando quiser. Os documentos já estão prontos?



— Eles estarão prontos amanhã e esperando pela sua assinatura real — ele disse.

— Domingo. Eu nunca assinarei uma sentença de execução num domingo!

— Segunda-feira, então — propôs Cecil.

— Que seja segunda-feira, pois. E a execução pode acontecer na terça. Prepare tudo.

Ele não disse uma palavra sequer sobre mim em sua confissão nem aos conselheiros ou mesmo ao seu capelão. Desta vez, não houve apelos, nenhuma carta lamuriosa, nada de poemas, nem protestos. Por fim, a língua e a caneta de ouro do conde foram silenciadas.

Eu também não diria nada. O que eu poderia dizer? Se dissesse tudo o que sentia, não preencheria apenas quatro páginas, como Essex fez, mas sim cerca de cem. *Para onde você foi? Eu perguntaria. O que o infectou, o que te corrompeu? Eu poderia ter feito algo para mudar isso? Eu tive alguma participação nisso?*

Mas aquelas não eram questões que uma rainha poderia perguntar a um súdito, e aquele súdito nunca teria o autoconhecimento necessário para dar uma resposta honesta. Assim: silêncio de ambos os lados.

Tinha que decidir o que fazer com o corpo dele. Tinha que ir para algum lugar depois que caísse no cadafalso. Dei ordens para que uma sepultura fosse preparada na igreja de São Pedro ad Vincula, que ficava a poucos metros de distância. Ela servia como último lugar de descanso de muitos prisioneiros executados. Aqueles de posição mais elevada ficavam dentro da igreja e aqueles de posição mais baixa eram enterrados no cemitério em torno dela.

Nunca consegui entrar lá, pois havia muitos monumentos de mármore. Minha mãe estava lá, e eu não podia suportar a ideia de pensar na forma que ela fora levada para lá, ainda quente do cadafalso, e não num caixão adequado. Outros faziam companhia a ela, uma série deles: seu irmão George, Thomas More, a rainha Catherine Howard e *lady*

Jane Grey. Mas, se eu fosse até lá para ver, só haveria um túmulo que gostaria de visitar: o dela.

*Não quero desrespeitar nada*, eu lhe disse em minha mente, assim como já havia feito mil vezes. *Mas, mãe, eu fiz as pazes com tudo isso, pois tinha que fazê-lo.*

A Quaresma estava prestes a começar. Uma peça era sempre apresentada na corte na Terça-Feira Gorda. Tinha que pensar na peça, tinha que escolher alguma coisa. A vida devia seguir, fluir suavemente, como sempre aconteceu.

Apesar de não observar os excessos do carnaval dos países católicos, tradicionalmente marcávamos os últimos dias antes da Quarta-Feira de Cinzas à nossa própria maneira. Na corte, tínhamos um banquete de “adeus aos luxos” e assistíamos a uma peça. Em geral, as peças eram leves, mas naquele ano não seria assim. Shakespeare tinha um novo trabalho. E iríamos vê-lo. Era o mínimo que ele poderia fazer por nós, depois de permitir que sua companhia cooperasse com Essex, apresentando *Ricardo II* com a cena proibida.

Segunda-feira, como prometido, o pesado pergaminho da sentença de morte foi colocado reverentemente sobre a minha mesa para ser assinado. Assinei, não querendo que permanecesse em minha posse, e despachei-o para o tenente da Torre. Mais tarde, percebi que não tinha especificado que dia a sentença deveria ser cumprida, então mandei uma mensagem dizendo para que dessem prosseguimento na manhã de quarta-feira. Eu também ordenei que houvesse dois carrascos, caso um deles não conseguisse realizar a tarefa no último momento. Era para ser uma execução privada, mas devia haver testemunhas, a Guarda da Rainha, liderada por Raleigh, nobres, aldeões e conselheiros.

O banquete prosseguiu normalmente. As cerimônias habituais foram realizadas, os pratos, maravilhosamente apresentados, as taças mais delicadas estavam cheias do melhor vinho. A conversa, no entanto, foi subjugada. O único assunto que não deveria ser mencionado agoniava a todos.

Foi um alívio tomar nossos lugares para assistir à peça. Que os atores falem e ajam enquanto ficamos sentados mudos e imóveis. O tema da peça era a Guerra de Troia, nada poderia estar mais longe dos acontecimentos ao nosso redor.

— Shakespeare parece ter abandonado nosso reino e nosso tempo em troca do mundo antigo — disse Catherine, ao meu lado. — Primeiro a peça sobre César, agora isso.

— Uma história de amor, *Troilo e Créssida*? — disse Charles, fazendo careta. Catherine fingiu ficar ofendida e perguntou:

— E o que há de errado com isso?

— Estou muito velho — disse o almirante. — Amores não são mais minha principal preocupação.

— Charles! — ela bateu de forma provocativa nele com o leque.

*Nem a minha, pensei. Os amores deixaram de ter qualquer significado para mim. No entanto, ainda posso tolerá-los no palco ou num poema.*

Recostei-me, esperando por personagens heroicos, cenas de combate e amantes trágicos, todas marcas da Guerra de Troia, contada na linguagem assombrosa de Shakespeare.

Em vez disso, a peça apresentou dois personagens repugnantes, um dos quais tinha o ponto de vista mais indecente sobre a vida e sobre as pessoas que eu já tinha ouvido. Toda vez que ele aparecia no palco, que estava bem longe, eu estremecia. Ele abriu e fechou a peça, desejando doenças para sua plateia em sua despedida. Quanto aos nomes famosos de Homero, eles foram transformados em pessoazinhas irreconhecíveis. Heitor perseguiu Pátroclo por sua armadura, cobiçando-o. Em vez de um duelo entre o

nobre Heitor e o guerreiro Aquiles, Aquiles matou um desarmado Heitor a sangue-frio. Helena era uma prostituta de cabeça vazia, Créssida uma mentirosa, Troilo um tolo, Ajax um boi.

Não havia um personagem que gostaria de convidar para a minha mesa. E o belo uso das palavras de Shakespeare tinha diminuído tanto quanto seus personagens. Paralelos complicados, usos torturados, nem uma única frase ficou em minha mente. Somente uma passagem, dita por Ulisses, me causou arrepios e parecia sussurrar “Foi *isso que acabou de acontecer*”. Dizia: “O poder se transforma em vontade, a vontade em apetite, um lobo universal, tão duplamente apoiado pela vontade e o poder, torna-se forçosamente uma presa universal, que acaba devorando a si mesmo”. O apetite de lobo de Essex o havia devorado. Teria o dramaturgo pensado nele quando escreveu aquilo?

Eu queria pedir desculpas por obrigar todos a assistirem àquela peça. Mas o clima dela, desiludido, vazio, triste, talvez refletisse o sentimento de todos. Despedi-me e encerrei a noite. Fora uma penitência adequada para qualquer papel que eu tivesse desempenhado na queda de Essex.

Alvorada, Essex em breve seria levado para o cadafalso. Fechei as portas dos meus aposentos e não admiti nenhuma companhia, mesmo das minhas damas. O dia arrastou-se, o sol se aproximava de seu ponto mais alto, encerrando a manhã. Não conseguia ler, nem concentrar minha mente em qualquer coisa. Sentei-me no virginal e comecei a tocar a partir de ouvido, o que não exigia esforço nem vontade. As notas doces e redondas flutuavam ao meu redor, acariciando-me como dedos macios. Quando os pensamentos fogem e as palavras são inadequadas, a música pode agir como um bálsamo apropriado.

Uma batida suave. Ninguém bateria, exceto por alguma coisa importante, a única coisa que eu precisava saber.

— Entre — eu disse.

A porta se abriu e Cecil entrou, em seguida, caminhando delicadamente até mim. Parei de tocar.

— Majestade, já acabou — ele disse. — Essex morreu hoje de manhã.

Fiz um sinal com a cabeça. Não conseguia falar. Em seguida, voltei a tocar. Cecil saiu.

No dia seguinte, encerrei meu isolamento e me preparei para ouvir os detalhes. Era necessário ouvi-los, embora fosse a última coisa que desejasse ouvir. Que ele desapareça entre o rastro das nuvens, alçando voo da vida para a morte, uma translação instantânea de um mundo para o outro.

Raleigh, como observador oficial, contou tudo para mim em particular. Essex foi levado às oito horas por três clérigos. Estava totalmente vestido de preto, gibão e calças de cetim, casaco de veludo, com um chapéu largo e gola incrivelmente branca.

— Eu fiquei em pé ao lado do cadafalso, pois era meu dever — ele relatou. — Mas várias pessoas me acusaram de zombar da queda do meu inimigo, por isso, para garantir a paz, subi na White Tower, de onde pude ver tudo, sem ser visto.

— Ah, Walter — falei. — Tais rivalidades mesquinhas não deviam vir à tona.

— Não foi Essex que se opôs, e sim os outros. De qualquer forma, ele tirou o chapéu e curvou-se, em seguida procedeu seu discurso de despedida. Ele reconheceu que merecia morrer, mas falou descontroladamente. Veja — ele procurou em sua capa e extraiu um documento —, lerei as palavras deles. Não quero inventar nada. Ele disse: “Meus pecados são mais numerosos do que os fios de cabelo da minha cabeça. Concedi minha juventude à libertinagem, à luxúria e à impureza, enchi-me de orgulho, vaidade e amor dos prazeres deste mundo perverso. Por tudo isso, peço humildemente ao meu Salvador, Cristo, para que seja um mediador para que a Majestade eterna me perdoe,

especialmente por isso, o meu último pecado, esse pecado grande, sangrento, lamentável e infeccioso, em que tantas pessoas, por amor a mim, foram levadas para longe do propósito de Deus, e ofenderam sua soberana, e ofenderam o mundo. Rogo a Deus para nos perdoar e perdoar a mim, o mais miserável de todos.

— Ele sempre teve o dom das palavras — eu disse. Elas condiziam com seu gênio, não o tinham abandonado. — Que Deus tenha piedade de sua alma.

— Ele encerrou perdoadando seus inimigos e pedindo a Deus para protegê-la. — Encerrou muito bem, então.

— Depois disso, tirou o casaco e a gola. Em seguida, o carrasco se ajoelhou e pediu perdão, a qual ele concedeu. Depois, tirou o gibão que revelou um colete vermelho por baixo.

Isso serviria para que o sangue não fosse notado? Ou ele queria que isso representasse o martírio?

— Ele seguiu de forma obediente. Deitou a cabeça na viga e estendeu os braços para mostrar que estava pronto.

— Espero que tenha sido rápido.

— Foram necessários três golpes de machado, mas creio que o primeiro já foi suficiente.

Graças a Deus.

— E ele está, está...

— Ele foi enterrado discreta e respeitosamente — disse Raleigh. — Mas o carrasco foi atacado nas ruas depois disso e teve de ser resgatado pelo xerife. As pessoas estavam... chateadas.

Ainda bem que eu havia deixado os soldados a postos em Londres por mais um tempo, então.

— Entendo — eu disse.

— Há mais uma coisa — ele falou. — Nem todos lamentaram a morte dele. Recebi esta carta a da esposa de de lorde Sandys. Ele ainda está esperando julgamento. — Entregou-me a carta.


Era breve e as frases mais importantes estavam marcadas. “Ai do dia que meu senhor foi atraído para essa

trama. Ele foi atraído por aquela arte selvagem de Essex, que foi e continua sendo azar para muitos, mas nunca foi bom para ninguém. Se eu fosse ele, nunca teria nascido!”

Um epitáfio apropriado para Robert Devereux, apesar de não estar em seu túmulo. *Que foi e continua sendo azar para muitos.* Acima de tudo, para si mesmo.

LETTICE  
Março de 1601



doce orgulho da Inglaterra se foi, ai de nós! ai de nós! / Ele fez sua fama anteriormente em sua andança pela Irlanda, Espanha e França, / E agora, por um triste acaso, foi de nós tirado...

O som fraco das vozes entrava em mim enquanto eu tentava dormir. Mais cedo, quando Robert ainda estava vivo, eu consideraria um tormento. Agora, elas serviam para mantê-lo vivo para mim. Contanto que as pessoas continuassem cantando sobre ele, ah, isso não era um tipo de vida? Uma sobrevida? Um resquício de vida já era melhor do que nenhum.

“Eles deveriam fazer canções sobre nós depois de nossa morte”, foi o que Helena de Troia disse a Paris. E eles ainda estão vivos.

Levantei-me e fui até as janelas para abri-las. Senti uma rajada do ar frio de fevereiro na minha pele, mas, assim mesmo, me inclinei para fora. Um pequeno grupo de pessoas estava amontoado em nossos portões, agarrando o gradil, espiando o pátio vazio em que centenas de pessoas tinham se aglomerado fazia pouco tempo.



— No exterior assim como em casa, galantemente, galantemente, nunca houve ninguém com o mesmo heroísmo que ele.... — dava para ouvi-los mais claramente agora, e meus ouvidos captavam cada palavra. — Na Irlanda, França e Espanha, eles temiam muito o nome Essex e a Inglaterra e o adorava em todo lugar....

la mandar dinheiro e comida para eles. Eles não sabiam a dimensão do presente que me trouxeram, confirmando que Robert foi amado e que ainda era amado. Fiquei ouvindo a canção inteira, apesar do frio. Chamada de “O doce orgulho da Inglaterra se foi”, criada apenas algumas horas após a execução de Robert, como uma música da vontade do povo.

— No entanto, Sua Majestade principesca, graciosamente! Graciosamente! Havia concedido o perdão gratuito para muitos deles: Ela os libertou e deu a eles o seu direito! Eles podem orar, dia e noite, que Deus a defenda.

Sim, eles podem orar, aqueles oitenta ou mais que foram presos, interrogados e depois soltos. Homens de sorte. Mas Christopher não estava entre eles. Ele enfrentaria o julgamento por volta do dia 5 de março, dali a cinco dias. Não havia esperanças de que fosse poupado.

Havia se passado quatro dias desde a execução de Robert. Mantive a vigília durante toda a noite que antecedeu aquele momento. Sabia a hora marcada para a sua morte. À medida que o tempo se arrastava, eu me perguntava por que não sentia uma grande facada, uma fenda dentro do meu próprio eu. Como eu não sentia? Foi a última surpresa cruel dentro de todas as surpresas cruéis de nossa vida juntos.

E agora estava com a mensagem do almirante Charles Howard, que desejava um momento para devolver a espada de Robert. Ele a entregou quando se rendeu. Fui parte de sua vida naquele dia, minha última oportunidade, pois Penélope, Frances e eu fomos obrigadas a passar algumas horas presas com os conselheiros privados enquanto meu filho saía para levantar uma rebelião. Os conselheiros estavam tão desconfortáveis quanto nós. Eram bons

homens, educados, que haviam sido forçados em suas funções e não desejavam nada de mal a Robert.

Tudo aquilo foi doloroso, errado e o ato final com os conselheiros foi um fim apropriado para a situação toda. O almirante tinha nos permitido passagem livre para fora da casa, segurando o fogo cruzado por duas horas. E agora enfrentaria o último ato daquele drama ilegítimo: a devolução da espada de *sir Philip Sidney*.

Robert recusou-se a ver qualquer um de nós em seus últimos dias. Frances entrou em trabalho de parto e teve uma filha, a quem deu o nome de Dorothy, mas Robert nunca a conheceu.

Robert fora enterrado na Capela São Pedro ad Vincula dentro da Torre. Enterrado com as rainhas e os mártires, eu disse para mim mesma. Ao menos, seu lugar de descanso estaria sempre preservado. E algum dia, algum dia, no futuro, todos os detalhes de seu caso iriam sumir e as pessoas se lembrariam apenas de seus dons e de sua beleza. O tempo apaga os detalhes e apenas destaca o que permanece. Os destaques de Robert eram tão singulares que as pessoas comuns já se sentiam inspiradas a fazer canções sobre ele.

Voltei para a cama. Tentaria dormir. Pensaria em Christopher somente na parte da manhã, quando a luz do sol tornaria tudo mais fácil. Christopher ainda vivo, vestido por um alfaiate em cuja loja fora levado, ferido, naquele fatídico dia da revolta, dois guardas reais agora o vigiavam. Eu não tinha acesso a ele, e ele não me enviou nenhuma mensagem. Se eu pudesse ter apenas vinte e cinco minutos com ele, talvez eu pudesse entender o que tinha acontecido. Eu só sabia que o riso, o homem entusiasmado e jovem com quem tinha casado havia se transformado em outra criatura totalmente diferente, e eu não tinha ideia do porquê. Estava prestes a ficar viúva pela terceira vez. Mas era a primeira vez que tinha perdido o marido antes mesmo que a morte acontecesse.

— O conde de Nottingham, o lorde almirante Charles Howard — meu empregado anunciou nosso nobre visitante. Eu estava pronta, usando todas as insígnias a que tinha direito como condessa: minha coroa de oito raios, meu manto de arminho de comprimento adequado. Um dia aquilo tudo foi de vital importância para mim.

— Recebemos com satisfação — eu disse.

O almirante de cabelos brancos entrou no salão e se aproximou de mim, pisando suavemente. Eu não o via fazia anos e o conhecia apenas da animosidade que Robert sentia em relação a ele. Robert se ressentia em partilhar o comando com ele em empreitadas navais, insistindo em assinar seu nome acima do nome do almirante, até que lorde Howard cortou a assinatura de Robert, já exasperado. Ah, bem, isso já era um dos detalhes que começavam a desaparecer.

— Minha *lady* Leicester — ele disse, curvando-se. — Tenho a honra de devolver a espada do conde de Essex, rendida a mim — ele a apresentou, reluzente.

— É minha honra recebê-la — disse, pegando-a. — Será guardada para o filho do conde. Ele tem apenas dez anos agora. Talvez a use para defender o reino.

Coloquei-a sobre uma almofada. De certa forma, era uma coisa odiosa. Queria que o pequeno Rob ficasse longe de qualquer coisa que tivesse relação com uma espada. Aquilo acabaria tanto em morte quanto em desonra, parecia-me. No mínimo, significava que um homem não podia buscar qualquer coisa de valor, mas sim que devia perseguir os franceses, os espanhóis, os irlandeses ou qualquer inimigo que estivesse na mira no momento.

— Então, meu bom conde, fica conosco um pouco? — pedi algumas bebidas antes que ele recusasse.

Poderíamos falar de qualquer coisa, exceto do meu filho. Ou de meu marido. Muito bem, eu entendi.

— Suponho que *lady* Catherine esteja bem — disse. Depois, a pergunta educada e inofensiva: — Ela ainda está com a rainha?

— Sim, muito bem — ele respondeu. — Com a morte de Marjorie Norris no último outono, ela é a companhia mais próxima da rainha.

— É muito bom quando parentes de sangue podem dividir a vida conosco — falei. Os meus parentes estavam todos distantes ou afastados, começando pela rainha.

— Elas vão visitar o castelo de Hever juntas — ele falou. — Talvez você possa ir com elas.

Difícil, mas ele estava tentando ser educado, pobre homem. E era um bom sinal que Catherine, minha prima, não tivesse abertamente falado mal de mim. *Talvez, talvez... não, Lettice, isso é bobagem.*

— Talvez então. Nunca estive lá antes, mesmo tendo sido a casa de minha avó na infância.

— Recentemente vi um retrato recém-encontrado de seu avô, William Carey — ele contou. — Ele era um belo homem.

Se ele *fosse* meu avô e o rei não fosse... Novamente sorri.

— Gostaria de vê-lo — disse.

Mas não era possível que Maria Bolena achasse que ele era mais agradável do que o exigente rei e tivesse preferido ele, e que toda aquela especulação sobre o rei ser o pai de filhos dela era apenas um desejo simples, porque ter sangue real, mesmo que o nobre a partir do qual o sangue provinha não fosse admirável, seria preferível a ser um plebeu? Novamente, os detalhes somem... O corpanzil de Henrique VIII encobre a figura delgada de William Carey.

— Se elas me convidarem, certamente irei — eu disse. Uma conversa educada.

Ele ficou de pé. Eu deveria ter chamado Frances para receber a espada. Havia pensado em chamá-la mais tarde para receber a visita e assim não cansá-la, mas agora ele já estava indo embora. Tarde demais. E eu não podia perguntar para ele sobre Christopher, nem sobre o iminente julgamento.

— Despeço-me — ele disse. — Digo apenas que meu coração está triste.

— Para que você saiba, minha tristeza vai além das palavras. Acompanhei-o até a porta.

— Ele era um filho do qual se podia ter orgulho — disse, fechando o casaco. — Nunca se esqueça disso.

— É um consolo — eu disse.

A porta abriu e fechou e ele se foi.

Mas e meu marido? Ninguém me consolaria por ele, dizendo palavras doces, escrevendo canções? Christopher não era ninguém, não representava nada para o país. Ele havia vivido e morreria como um desconhecido. E eu, sua esposa, terei de sofrer por ele sozinha.

O julgamento aconteceria na Torre, não em Westminster Hall. Juntamente com ele seriam julgados *sir* John Davies, *sir* Charles Danvers, Gelli Meyrick e Henry Cuffe. Embora eu soubesse que seria afastada, tinha que tentar ver Christopher. As autoridades não revelariam o endereço da alfaiataria, mas eu não precisava das autoridades. Eu sabia onde era Ludgate, eu sabia onde o combate havia acontecido e onde Christopher havia caído inconsciente. Tudo o que eu tinha que fazer era ir lá e qualquer pessoa na rua me apontaria a loja mais próxima. E assim foi.

Era uma loja pequena, desinteressante, um pouco maior que uma sala. Vi os novelos de lã e linho, vi a mesa de trabalho de madeira pela porta da frente. Mas um guarda muito forte me pegou olhando e saiu correndo.

— Vá embora! Não espie aqui! — ele gritou.

— Meu marido está aqui — falei. — Quero falar com ele.

— O traidor Blount?

— Ainda não houve julgamento e até lá ele não pode ser considerado traidor.

— Ele é tão culpado quanto Judas e seguirá o mesmo caminho — disse o homem. — Agora saia. O prisioneiro não pode receber visitas. Essa foi a condição para deixá-lo ficar aqui até se recuperar, em vez de ser trancafiado na Torre.

— Ele está se recuperando, então? — perguntei.

— Ele está indo bem — disse o homem. — Ele estará muito bem para o enforcamento.

— Ah, por favor! — implorei. — Pelo amor de Cristo!

— Se eu deixá-la entrar, seria o próximo a ser julgado. Vá embora. Não valia a pena.

Chegando em casa, passando rapidamente por Ludgate, onde Christopher havia caído, senti-me pior do que se não tivesse ido. Saber que não podia fazer nada para ajudá-lo, nem mesmo para me ajudar, era uma tortura. Resolvi que estaria lá no momento em que o levassem para o julgamento, para ao menos estar perto dele na rua.

Eu esperava que não houvesse segredo acerca da data exata do julgamento e no dia seguinte voltei, no início da manhã, e fiquei observando do outro lado da rua. Nada naquele dia. Nada no próximo. Nem no seguinte. Aí então, em 5 de março, quase dois meses depois do levante, logo cedo pela manhã (pois eu continuei indo cedo todos os dias), vários guardas armados chegaram à casa.

Logo surgiu uma maca, com uma pessoa de braços deitada sobre ela. Tinha que ser Christopher. Os guardas levaram algum tempo ajeitando aquele fardo pesado nos ombros, apoiando-o. *Agora!* Eu saí da esquina correndo e agarrei a beirada da maca antes que os guardas pudessem reagir. Olhei para ele e vi o rosto de Christopher, enfaixado, com um cobertor abafando seu pescoço e o corpo.

Ele não conseguia fixar o olhar e claramente não me reconheceu. Ao sacudir a maca ele se surpreendeu e aí então ele sabia o que estava acontecendo. “Lettice!”, ele murmurou.

— Maldita mulher! — um guarda agarrou meu ombro e empurrou-me para longe. A força do empurrão me fez cair de joelhos. Quando consegui ficar de pé de novo, a maca já estava longe. Corri atrás, mas o cerco dos guardas em torno dela não deixava que eu me aproximasse. Segui em frente, passando pela Catedral de São Paulo, descendo a Cannon com a Eastcheap e, finalmente, fomos para a Torre. As paredes cinzentas, feias, que pareciam frias, mesmo no alto verão, surgiram à minha frente. Parei, sabendo que não

poderia ir adiante. Solenemente, como um cortejo fúnebre, passou pela ponte sobre o fosso e desapareceu.

Parei e recuperei o fôlego. A minha esquerda estava a Tower Hill, onde o cadafalso esperava. Não voltaria lá. Não me juntaria à multidão no momento da execução.

Lancei um último olhar às paredes de pedra que guardavam meu filho morto e que agora guardavam meu marido vivo.

O dia foi interminável. Sabia que o veredito já estava decidido e que o julgamento não passava de um exercício legal. Mas, ainda assim, não conseguia evitar imaginar Christopher tentando responder às acusações. Será que ele responderia de sua maca? Ou eles o levantariam e o colocariam numa cadeira? Que fosse uma cadeira com um encosto e não um banquinho. Certamente eles não o fariam ficar de pé.

Já estava completamente escuro quando um mensageiro oficial do Conselho Privado entregou um envelope para mim com o pronunciamento. Ele olhou em volta furtivamente e ia saindo assim que o envelope tocou minha mão. Mas eu o impedi. O mínimo que ele podia fazer era formalmente me dizer o veredito.

— Sir Christopher foi considerado culpado — ele disse.

— E?

— Sentenciado à morte, minha senhora.

— Quando?

— Daqui a quinze dias.

Eles estavam dando mais tempo a ele do que deram a Robert. Talvez quisessem que se recuperasse completamente.

— E os outros?

— *Sir* Charles Danvers recebeu a mesma sentença. Ele será executado no mesmo dia que *sir* Blount, 18 de março. Gelli Meyrick e Henry Cuffe serão executados já na próxima semana, dia 13 de março.

— E o último, *sir* John Davies?

— Não estou bem certo sobre ele, minha senhora. — Ele pareceu mais furtivo do que nunca, aí então pensei: “Ah, Deus, eles podem conceder o indulto a ele. Por quê? Por quê?”

— Sir Christopher mandou alguma mensagem para mim? Ele fez um sinal de negação com a cabeça.

— Não falei com o prisioneiro. Eles me despacharam diretamente com essa mensagem.

— Agradeço — suponho que eu tivesse que recompensá-lo. Recompensar o mensageiro por notícias horríveis, mas não era culpa dele. — Venha, tome isso — dei um pouco de dinheiro a ele e deixei que fosse embora.

Frances entrou na sala. Ela mal tinha se recuperado do parto difícil e por isso ainda estava se movendo lentamente. Por que será que um não gostei dela? Ela acabou por ser a mais firme de minhas filhas. Ela se sentou numa das cadeiras e esperou, seus olhos grandes e escuros estavam fixos no envelope fatal.

Meus dedos tremiam um pouco, mas abri a carta e comecei a ler. Gentilmente, ela colocou uma vela perto de mim sobre a mesa para que eu pudesse ler aquela notícia odiosa melhor.

— Nós, servos fiéis e conselheiros de Sua Graciosa Majestade a rainha Elizabeth, aqui registramos e testemunhamos os procedimentos do julgamento dos rebeldes da última revolta contra Sua Majestade... — Pelo menos, eles tiveram a decência de não chamá-los de traidores até que o veredito fosse anunciado. E continuou, detalhando o interrogatório e a confissão de Christopher sobre a intenção de tirar sangue da rainha. O objetivo era tomar a torre, manter a rainha refém, convocar um Parlamento para forçar a remoção de todos os “maus conselheiros”, Cecil, Raleigh, Coke, Cobham. Quem governaria nesse ínterim ainda não estava decidido.

Os conselheiros destacaram que, além de querer tomar a Torre, era muito irônico que ele estivesse sendo julgado dentro dela agora.



As confissões dos outros estavam inclusas, mas não me preocupei em lê-las. Isso era entre eles, a rainha e Deus.

Frances e eu nos sentamos tranquilamente na sala, como se estivéssemos numa capela em vigília. Agora, ela era viúva duas vezes e eu seria pela terceira vez. Nossos destinos nos ligavam inexoravelmente. Assim como uma batalha torna homens irmãos, a viuvez forjou uma forte ligação entre nós.



**E**u não tinha vontade de sair de casa e ficava isolada como um monge do deserto. Na verdade, a casa era minha própria cela monástica e dentro dela estava todo o *memento mori* de que eu precisava para contemplar a mortalidade. Estava presa a duas datas, cada dia era um dia mais distante da morte de Robert e mais perto da de Christopher. Cuidadosamente Frances e eu nos reunimos, dobramos as roupas e separamos as posses de Robert. Algumas coisas, ela guardaria para as crianças, outras, daria aos pobres e outras, guardaria para si mesma. Eu pedi apenas um dos retratos e uma pequena e estranha escultura de uma igreja espanhola esculpida em forma de querubim que ele havia trazido de Cádiz.

— Cádiz — eu disse, segurando-a, analisando as asas douradas. — Da última vez ele estava feliz. — Acaricieei a cabeça do anjo.

— Todos nós temos um momento que acaba por ser nosso auge de felicidade — disse ela. — Mas nesse momento achamos que há mais por vir.

— Qual foi o seu momento, Frances?

Ela parou de alisar o manto que estava pronto para ser dobrado. — Acho que foi quando Robert deixou claro pela primeira vez suas intenções. Eu já tivera um nobre cavaleiro

em minha vida. Nunca tinha pensado em ter outro. Eu tinha dezessete anos quando Philip morreu e pensei que minha vida tinha acabado. Na verdade, ela só começou quando me casei com Robert.

— Você disse que não aguentaria nem sequer uma hora depois da morte dele — lembrei a ela. — Mas olhe só, aqui está você, viva.

— Podemos nos surpreender — ela falou. — A cada vez que respiro, faço isso em meio à dor. Mas tenho que continuar respirando para que meus filhos não fiquem órfãos.

Nossa dor foi agravada quando soubemos que os outros tinham conseguido comprar um meio de escapar da execução. O conde de Rutland pagou vinte mil libras, o conde de Bedford pagou 10 mil e os lordes Sandys, Monteagle e Cromwell pagaram 5 mil, 4 mil e 3 mil, respectivamente. O conde de Southampton, embora condenado juntamente com Robert, ainda vivia na Torre. Sua mãe, diziam, implorava fervorosamente por ele, e eu sabia que ela ia acabar pagando um valor enorme e ele ficaria livre. Tecnicamente, aqueles homens ainda estavam presos e assim ficariam até que o último centavo fosse pago, mas a liberdade se aproximava.

Solicitei ao tenente da Torre para ver Christopher ou para escrever para ele, mas ele disse que não era possível. Então, perguntei, ah, pergunta terrível, se o corpo dele seria liberado para a família. A resposta foi não. O corpo de um criminoso condenado pertencia ao Estado, e ele seria enterrado no cemitério da igreja de São Pedro ad Vincula, do lado de fora, como convinha a um homem de posição baixa. Apenas um lampejo de misericórdia brilhou: a rainha havia comutado sua sentença para a decapitação. Ele não sofreria os horrores de ser enforcado, estripado, arrastado e esquartejado, como os infelizes Meyrick e Cuffe em 13 de março.

Na manhã de 18 de março, rompi o silêncio. Eu me forçaria a olhar para a Tower Hill. Eu, que o tinha trazido ao mundo, não havia testemunhado a saída de Robert dele. Talvez, o último dever a cumprir como esposa, fosse acompanhar Christopher nas etapas finais de sua jornada. Era para ser uma execução pública, ao contrário com o que aconteceu com Robert.

Mas, quando me aproximei da área da Tower Hill, a grande multidão fez com que me arrependesse da minha decisão. Eu nunca tinha participado de uma execução pública, mas elas deveriam servir de lição de moral, instaurando o medo nos corações dos espectadores. Na prática, porém, eram tratadas como uma diversão, assim como a rinha de ursos e a briga de galos, só que melhor, já que as vítimas eram pessoas e não animais. Eu tentei tampar meus ouvidos para não ouvir o riso alegre e a vibração da multidão. Todas aquelas pessoas eram livres, livres para desperdiçarem suas vidas e sua essência, livres para abusar de seus dons, enquanto Christopher não tinha liberdade nem sequer para escrever uma carta. Eu os odiava.

Diante de mim surgiu o declive da Torre Hill, com o cadafalso preparado em cima dela. Muitos tinham morrido ali, tantos santificados pelo seu sangue. Thomas More, supostamente, brincou quando o ajudaram a subir os degraus, dizendo que apreciava a ajuda na subida ao cadafalso, mas que, quanto à descida, ele a fazia sozinho. O cardeal John Fisher, a quem Henrique VIII tinha avisado que, se o papa mandasse um chapéu de cardeal, não haveria cabeça para colocá-lo. Henry Howard, o poeta conde de Surrey, Guildford Dudley, Thomas Cromwell. Todos os supostos amantes de Ana Bolena, bem como os amantes verdadeiros de Catherine Howard.

Fui me infiltrando no meio da multidão, que ficava mais densa conforme eu me aproximava do cadafalso. Finalmente, fiquei entre dois homens fortes, mas o tamanho deles impedia que qualquer pessoa me empurrasse. Fiquei o mais próxima que pude e dava até mesmo para sentir o

cheiro do feno espalhado sobre a plataforma, forrada para absorver o sangue.

O carrasco, com seu capuz preto, esperava. Dois clérigos estavam por ali. Por fim, houve um estrondo e vi dois homens sendo trazidos para fora, Christopher e Charles Danvers. Eles iriam passar perto de mim enquanto subiam os degraus e eu fiquei paralisada, vendo se aproximarem. Christopher passaria a um braço de distância, mas eu não podia me mover. Então, de súbito, consegui, estendi a mão e agarrei-o pela manga. Ele virou-se, não me reconhecendo, e o soldado que o guardava afastou meu braço. Em seguida, ele subiu os degraus, arrastando os pés.

A bandagem foi tirada, mas uma cicatriz lívida corria pela lateral direita do rosto. Ele parecia confuso, incapaz de compreender o que estava acontecendo ao seu redor. O representante da Coroa leu seus crimes e sua sentença. Os clérigos deram um passo à frente para falar em voz baixa para os homens. Em seguida, o oficial perguntou se eles queriam fazer uma declaração.

Christopher pareceu despertar subitamente. Ele falou com uma voz clara sobre sua traição e disse que merecia morrer. Disse que perdoava todos os seus inimigos, especialmente *sir* Walter Raleigh. Aí ele então gritou: “Morro católico!”. Olhando ao redor descontroladamente, ele me viu e disse:

— Não, não! Vá embora! — Eu continuava paralisada, e ele falou: — Obedeça meu último desejo!.

Ele me dera permissão. Podia ir embora e não testemunhar seu fim horrível. Obedeci. Virando as costas para Tower Hill, corri, com as palmas das minhas mãos tapando meus ouvidos. Mas, mesmo assim, não consegui abafar os gritos de alegria que aumentavam quando o carrasco o acertou.

ELIZABETH  
Abril de 1601



**M**anhã de Páscoa, 12 de abril. O inverno tinha acabado completa e gloriosamente e a nuvem que havia descido em 25 de fevereiro, Quarta-Feira de Cinzas, o dia da execução de Essex, foi deixada para trás.

A tristeza que havia pairado sobre a Quaresma daquele ano, tanto na natureza, com o frio das brumas e das geadas prolongadas, quanto no meu coração, agora se dissipava. Eu pensava que o som do canto dos pássaros e o amarelo brilhante das flores recém-desabrochadas nunca voltariam e, se o fizessem, teriam perdido o poder de alegrar-me. Mas eles ainda tinham a magia de tornar tudo novo em mim.

Por todo o país pessoas se reuniam para assistir à dança do sol que se levantava na manhã de Páscoa, uma antiga crença. No palácio colocávamos uma bacia de água na janela leste do quarto privado para não perder aquele fenômeno. Catherine, Helena e eu nos inclinamos sobre ela, observando atentamente, mas o sol só dançava por causa das ondulações na água.

— Creio que é preciso realmente acreditar — disse Catherine. — Temos que olhar com os olhos de uma criança.

— Sim, somos muito velhas e já vimos demais — concordou Helena. — Até mesmo a pequena Eurwen já teria olhos de adulto agora. Muito provavelmente esta é a última Páscoa em que verá a dança do sol.

— Muito provavelmente — concordei. — Ela vai completar treze anos agora — a idade que eu tinha quando meu pai morreu. Naquele dia deixei de ser criança. — Vou trazê-la de volta à corte. — Eu precisava, pois ela havia perdido um parente e para sempre iria me associar ao seu ato de morte se não a trouxesse para perto de mim novamente.

Ainda estávamos em Richmond, muito tarde para aquela época do ano. Normalmente já teríamos nos transferido para Greenwich naquele momento. Mas isso tinha permitido que Helena ficasse comigo mais tempo, e gostei disso. Usando nossos vestidos mais suntuosos para homenagear a ocasião, nós, juntamente com toda a família, participamos do culto de Páscoa. A luz pálida de centenas de velas na Capela Real perdeu-se em meio aos fortes raios de luz solar penetrando pelas janelas, apenas o espesso círio pascal, que devia queimar por quarenta dias, permanecia.

O resto do mundo logo veio, representado por emissários franceses e escoceses. Ambos vieram por causa de Essex, os franceses para verificar o que havia acontecido, os escoceses, porque ele os tinha convidado. No momento em que Jaime respondeu ao apelo de Essex, para que ele enviasse tropas para garantir que Cecil não assumiria o governo e daria a sucessão aos espanhóis, Essex já estava morto. Corajosamente, os enviados de Jaime cumpriram sua missão diplomática, procurando se distanciar do cortesão derrotado. Entretive os escoceses e assegurei-lhes de nossa contínua amizade e apoio. Eles quase tremiam de ansiedade para falar sobre a sucessão, mas leram o aviso em meus olhos.

Quanto aos franceses, Henrique IV tinha enviado o marechal Biron para expressar suas condolências e agradecimentos para minha segurança. Foi preciso toda a

minha força de vontade para arranjar entretenimento adequado para homenageá-lo. Mas precisava ter certeza do apoio francês, especialmente nos próximos meses, quando pretendíamos dar um fim àquela guerra arrasadora e sem sentido com a Espanha.

Então, sorri, brinquei e bajulei Biron. Quando ele falou em Essex, assegurei-lhe de que eu o teria poupado se tivesse sido possível. Disse aquilo com um suspiro de melancolia. Se tivesse sido possível... teria feito tantas coisas. Ou não teria feito.

— Senhora — ele disse, aproximando-se de mim em extremo sigilo. — Sabe o que meu soberano disse ao ouvir sobre seu magistral manejo da revolta?

— Tenho certeza de que não conseguirei adivinhar — respondi, aguardando para que ele me contasse.

— Ele disse: “Ela é realmente um rei! Sabe como governar!”.

— Ah, bem — eu respondi, lisonjeada contra meu próprio melhor julgamento. Mas, finalmente, ter atingido a igualdade de um rei, a parte mais competitiva e mais vil de mim dançou e fez uma reverência para o meu pai. Filho ou não, ele tivera o que buscava para a sucessão do seu reino.

Depois que os emissários franceses foram despachados, era hora de resolver alguns assuntos em casa. Os comerciantes da Companhia das Índias Orientais planejavam enviar quatro navios para o Extremo Oriente. No entanto, queriam a minha bênção em sua empreitada e me pediram para escrever cartas aos governantes exóticos com quem esperavam se encontrar e para quem esperavam levar presentes apropriados.

— Pois, se formos em nome de nossa rainha — disse o porta-voz da companhia —, eles provavelmente nos darão mais atenção.

— Mas eles nunca ouviram falar de mim — falei.

— Ah, isso não importa — ele disse. — A mera imagem do selo real já os impressionará.



— Quantos vocês esperam encontrar?

— Talvez meia dúzia. Poderia emitir cartas para essa quantidade, apenas para as termos em garantia?

— Posso escrevê-las, mas deixarei o nome em branco, para que possam preencher — eu expliquei. — E, como presentes, o que seria de interesse desses governantes?

— Algo da Inglaterra — ele falou. — Mas tem que ser à prova d'água, inquebrável e não perecível em uma longa viagem.

— Vocês me deram uma difícil tarefa, senhores. É difícil encontrar algo unicamente inglês e que ainda esteja adequado a todos esses critérios.

— Ah, e também tem de ser pequeno. Não temos muito espaço a bordo.

— Tenho que pensar. Qual o provável destino de vocês?

— Sumatra, Java, as Ilhas Molucas — ele descreveu. — E por onde mais tropeçarmos. Talvez até mesmo na China.

Eu quase podia sentir o cheiro das especiarias flutuando sobre a água quente das ilhas. Os trópicos fazem o tecido apodrecer, por isso não seria um presente adequado. Um relógio delicado enferrujaria com o ar do mar. Cães estavam fora de questão, embora o sultão dos turcos tivesse ficado impressionado com as nossas raças nativas, os cães de caça e os mastins.

— Temos certeza que Vossa Gloriosa Majestade fornecerá o presente correto.

— Eu o farei. Estou orgulhosa de que estejamos enviando navios ingleses e comerciantes tão longe. Criamos muitas estações comerciais em todo o Oriente. Nos próximos anos, teremos retorno — a nossa incapacidade de conseguir estabelecer qualquer colônia permanente ou até mesmo postos comerciais no Novo Mundo foi uma pena, mas poderia ser compensada do outro lado do globo. Pelo menos, sabíamos que eram ricos em especiarias, pérolas e seda. Até agora, o Novo Mundo tinha rendido apenas ouro, infelizmente, nas mãos da Espanha. — Vocês têm alguma

ideia ou esperança de encontrar a *Terra Australis Incognita*? Claro, se ela existir.

— Não estamos tão equipados para podermos ir tão ao sul — ele confessou. — E, de qualquer forma, seria tão frio lá que as especiarias que buscamos não vingariam.

— Mas é provável que seja um mito — disse um dos companheiros. — Até agora ninguém conseguiu avistar qualquer terra tão ao sul.

— Isso ficará para outra geração, então — eu disse. — Temos que deixar algo para que descubram por si só.

Naquela tarde, pensei muito sobre o que poderia enviar para o Extremo Oriente. As restrições eram tão rigorosas que até mesmo uma fada não conseguiria encontrar um espaço em seus navios. Algo pequeno... Algo à prova d'água... Algo inquebrável... Algo impermeável ao sal... Algo inconfundivelmente inglês...

— Já sei! — disse Helena. — É óbvio.

— É? Então por que não é tão óbvio para mim?

— Quando eu vim da Suécia com a embaixada da princesa Cecília, o rei Gustavo enviou retratos dele para todos, a senhora se lembra?

— Sim, eu me lembro. Ainda tenho um, em algum lugar. — Na verdade, não tinha uma lembrança precisa de onde as coisas não utilizadas estavam. — Era encantador.

— Bem, então... A senhora poderia mandar um presente parecido aos governantes estrangeiros. Eles nunca devem ter visto uma rainha inglesa. Seria uma novidade para eles. A senhora poderia solicitar cópias de um retrato já aprovado.

— Sim... eu suponho que é... muito inteligente de sua parte.

— Uma pequena base de vidro permitirá que suporte o ar salgado e o tamanho será perfeito. E imagine o que eles vão pensar quando virem o que um governante da Europa usa. Eles cobiçarão o mesmo!

— Obrigada, Helena. Você me fez um grande favor.

— Ah, só uma coisa. Como recompensa, quero um para mim.

— Certamente terá.

Ao longo dos anos, minhas roupas tornaram-se ainda mais elaboradas. Eu dei ao povo um retrato inalterado de sua rainha, um elemento fixo em suas vidas. Tudo o mais pode mudar, mas a sua rainha não. Essa era a mensagem que eu queria enviar a eles. Mas eu estava ficando velha e notei os sinais reveladores: como cada vez mais impaciente ficava com as repetições, cada vez mais rígida ao realizar alguma coisa. Para os outros, parecia teimosia, mas eu sabia que era porque se não fizesse imediatamente fugiria da minha mente. E havia o esquecimento, com o qual estava convivendo fazia algum tempo. O esforço constante para disfarçar essas coisas, essas falhas, era pior do que as próprias falhas. Mas eu já conhecia os olhares aguçados e os comentários, os lobos prontos para atacar caso farejassem a fraqueza. Eu não daria a eles essa oportunidade.

As cartas de apresentação, destacadas em vermelho e dourado, entregues aos capitães, diziam o seguinte:

Para a mais alta e mais poderosa autoridade  
\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_,  
mais poderoso, único e supremo, e monarca.  
Elizabeth da Inglaterra, França e Irlanda, pela graça  
de Deus rainha, ao príncipe mais rico e poderoso,  
\_\_\_\_\_, saudações.

E em seguida uma carta expondo as nossas intenções e nossos melhores desejos, em inglês, latim, espanhol e italiano. Entreguei as cartas junto com os retratos e mandei que seguissem em seu caminho.

O verão foi agradável. A colheita ainda não estava boa, mas também não era desastrosa. O continente estava tranquilo.

O governo corria bem sem Essex, o chefe irritante que não estava mais aqui. Nomeei o conde de Worcester e o conde de Shrewsbury para preencher as vagas no Conselho Privado e desfrutei dos dias calmos e amenos de julho e agosto.

E então veio setembro, e a notícia que esperava nunca mais ouvir: os espanhóis tinham desembarcado na Irlanda. Trinta e três navios, com 5 mil soldados, armas e munições, haviam ancorado em Kinsale, na parte sul da ilha. Estavam sob o comando de dom Juan de Águila, que havia liderado o ataque a Mousehold em 1595.

Nossas tropas estavam primariamente no norte, combatendo O'Neill e seus adeptos, e aquela Armada estava no sul. Se as forças de O'Neill pudessem chegar ao sul e se unir aos espanhóis, estaríamos em desvantagem.

Rapidamente pedi reforços para a Irlanda e escrevi ao lorde representante Mountjoy: “Diga ao nosso exército que cada cem de nós valerão por mil deles, e cada mil, 10 mil deles. Ouso em pronunciar-me em nome Dele, que já protegeu minha justa causa. Termino, escrevendo às pressas, com carinho de sua soberana, E.T.”.

Ah, se fosse verdade que nossos números contassem daquela forma desproporcional. Mas era tudo uma ilusão. Ganhamos na Irlanda. Agora vinha o teste. Finalmente, os espanhóis tinham diretamente nos encarado em terra.

— O velho Sisto — murmurei. — É muito tarde para oferecer recompensa em ouro aos espanhóis que conseguirem desembarcar em nosso solo.

— Ele não vivera para ver isso. Muito bom.

É gratificante sobreviver aos inimigos e aos planos dos inimigos. Um dos benefícios anônimos da idade.



**O**utono, momento de reuniões. Meu sexagésimo oitavo aniversário veio e se foi, e eu não encorajei ninguém a lembrar-se dele. Não queria lembrar o mundo da minha idade, mas não podia impedir a mim mesma de lembrar.

Fiz uma pequena procissão pelo reino para Reading e Hampshire e fiquei satisfeita ao ver os agricultores vendendo seus produtos ao longo da estrada. As carroças não estavam tão cheias quanto estariam em um bom ano, mas, pelo menos, havia alguma coisa. O cheiro forte das folhas quebrando sob os pés encheu minhas narinas e me fez pensar, pois aquele aroma de outono sempre me fazia pensar em Marjorie. Tinha acabado de saber que Henry Norris havia morrido e se juntado a ela no túmulo da família. Ele não duraria muito tempo sem ela.

Com um suspiro, foquei meus pensamentos em preocupações mais imediatas e prementes. Os subsídios concedidos pelo Parlamento em 1597 tinham acabado na primavera e eu havia convocado outra reunião em outubro.

Desta vez seria difícil. Eles estavam cada vez mais exigentes e cada vez mais abusavam de minha prerrogativa real. Tradicionalmente, o papel do Parlamento era o de aconselhar, apenas aconselhar. Mas eles podiam apresentar projetos para que eu os aprovasse. Eu poderia proibi-los, e

proibi, de apresentar contas sobre a igreja, a sucessão e os monopólios.

Parei meu cavalo e olhei ao redor dos campos, a palha parecia pequenas cercas. Como os agricultores que cultivavam naqueles campos, devo cuidar do Parlamento. Ambos ficam rebeldes se não forem cuidados. Ambos devem produzir para a nossa subsistência.

Conferenciei com Francis Bacon, que se tornou um empregado fixo da Coroa. Sua mente incisiva estava ao meu serviço, como ele havia provado no julgamento de Essex. Depois disso, ele foi difamado como traidor, por isso escreveu um pedido de desculpas para se defender. Não estou certa de que tenha convencido alguém.

Ele estava com um olhar triste quando entrou na minha sala, curvando-se solenemente.

— Vamos lá, senhor, o dia está bonito demais para estar com um olhar tão sombrio — eu disse. — Logo o inverno lhe dará motivos para ficar assim. — Do lado de fora das janelas de Greenwich o outono brilhava no Tâmis.

— Verdade, senhora, porém algumas nuvens já correm sobre mim.

Tinha me esquecido, Anthony havia morrido.

— Perdoe-me, esqueci que você está de luto por seu irmão.

— Já era esperado, é claro. Ele vinha definhando fazia anos. No entanto, o escândalo do caso Essex apressou o seu fim.

— Não houve escândalo para ele e não era vergonha alguma servir fielmente a um mestre. Ninguém o culpou por nada.

— Ele ficou devastado com a virada dos acontecimentos.

*Alguns sobrevivem de forma melhor do que outros,* pensei.

— Francis, o novo Parlamento... — devo me dirigir pela estrada real na qual quero trafegar. Falar de Essex era um beco sem saída, literalmente.

— Estarei lá, como a senhora já sabe — ele disse. — E meu maior desejo é servir aos interesses de Vossa Majestade.

— Tenho muitos interesses, como você bem sabe, mestre Bacon. A maior parte deles, assim como em minha vida, tem a ver com finanças. Até mesmo a Bíblia diz “por tudo o dinheiro responde”.

Ele pareceu surpreso.

— Ela diz? Onde?

— Ah, Francis, você não mergulhou nas Escrituras? — eu ri para que ele soubesse que estava brincando. — O Eclesiastes diz: “Para rir se fazem banquetes, e o vinho produz alegria; e por tudo o dinheiro responde”.

— Ele certamente paga por tudo.

— Apesar da frugalidade, isso traria rivalidade até mesmo a um eremita, vendendo terras da Coroa, de joias e até mesmo do Grande Selo de meu pai, pois o país está afundando rumo à falência — eu confessei. — Temos que dar fim a essa guerra sem sentido com a Espanha. Até lá, convocarei o Parlamento mais uma vez para pedir dinheiro. Odeio ter que fazer isso, e eles odeiam também, mas não há nada que eu possa fazer! — Senti meu pescoço ficando cada vez mais quente por causa da raiva da minha impotência. Esforcei-me tanto, e, ainda assim, a Inglaterra estava tão ruim quanto como quando subi ao trono.

— Tenho certeza de que eles concederão tudo o que a senhora pedir — ele me garantiu. — Quanto às despesas, herdei Gorhambury House do meu irmão. É um lugar adorável, mas o fardo de mantê-la é muito pesado para mim.

— Tenho boas recordações da visita que fiz a seu pai lá — eu disse. — Diga-me, a porta ainda está lacrada? Aquela por onde passei?

— De fato, ainda está — ele confirmou. — A senhora tem que retornar para que possamos reabri-la.

— Quando isso for resolvido, poderei fazer passeios a lazer. Mas a... a recompensa por seus serviços no

juízo de Essex... não foi suficiente para aliviar as despesas de Gorhambury? — eu devia falar de forma mais sutil sobre a compensação de Francis por tão habilmente se opor a Essex no juízo. Dei a ele 1.200 libras da multa aplicada a *sir* Robert Catesby. Muitos dos seguidores de Essex tinham sido multados e liberados. Odiava partilhar um centavo sequer do dinheiro, mas Francis o havia conquistado.

— Fico grato — ele falou. — Mas as despesas em Gorhambury são contínuas. Como destaquei no meu ensaio sobre a riqueza, é melhor uma despesa única do que uma contínua.

— E o que é um reino se não essa segunda opção? Ele tem que ser continuamente alimentado. No entanto, conforme o alimento, ele me alimenta também. Extraímos forças um do outro.

Ele concordou. E depois falou:

— Há algo que o Parlamento deseja abordar e que talvez a senhora se oponha. Eles solicitarão uma reforma dos monopólios. Dizem que tais reformas foram prometidas na última reunião do Parlamento e que não foram realizadas — ele então fez uma pausa, como se esperando que eu explodisse. Acho até que ele deu dois passos para trás.

— Estou bem ciente desse problema, mas os monopólios são necessários.

— Com todo respeito, Vossa Majestade, por que eles são necessários?

— Como poderei recompensar as pessoas, meu bom Deus, não tenho outros meios! Ah, no meio do meu reinado, antes dessas arruinantes despesas da guerra, eu tinha um excedente para distribuir para as pessoas dignas. Títulos, e terras também, cargos e nomeações no governo. Mesmo um homem honesto poderia ter um golpe de sorte na Tutela Feudal, Burghley conseguiu. Mas, na última década, essa fonte secou. Eu não tenho nada mais para dar. Os monopólios preenchem a lacuna. Gostaria dessa renda para a Coroa, mas é mais barato produzir do que não pagar nada



a apoiadores leais. O monopólio do vinho doce, porém, eu mantive. Isso permitiu que Essex vivesse como um rei e agora me ajuda a pagar meus credores — parei um minuto para respirar. Que discurso.

— As pessoas se ressentem com isso — ele argumentou. — Suas razões podem ser válidas, mas tudo o que sabem é que têm que pagar taxas excessivas por itens comuns como amido, baralhos e sal.

— Todos temos coisas irritantes em nossa vida. Deus sabe, as minhas começam por ser uma mulher no papel de um homem!

Ele inclinou a cabeça. Nunca um gesto de submissão pareceu-me tão pouco submissivo.

— Ah, muito bem! — falei. — Sei que esse assunto é antigo. Acho que já superei! Mas há dois tipos de monopólios. Alguns foram muito bem concedidos àqueles que os descobriram, ou àqueles que os aperfeiçoaram, alguém que encontra uma maneira melhor de curtir a pele das luvas, ou definir o tipo. Por que outros deveriam lucrar com o seu trabalho? Se qualquer um pode aparecer e roubar, ou partilhar, ou lucrar, que incentivos as pessoas têm para inventar algo?

— Não creio que a questão a ser discutida seja essa — ele afirmou. — Os que se ressentem são os citados por mim, mercadorias domésticas cotidianas. Há dezenas delas. Raleigh inventou o jogo de cartas? Não. Por que, então, ele deveria cobrar direitos sobre ele? — Seus olhos brilharam com a indagação. — Porque ele é um dos preferidos da realeza? Se é assim então, a Coroa toma dos pobres para dar aos ricos. É uma inversão do que Robin Hood fazia, e ele é celebrado como um herói.

— Isso foi há muito tempo — eu disse.

— Estou apenas avisando. Como um servo leal deveria fazer — e saiu fazendo uma reverência.

Fiquei me debatendo com a nova conversa depois que ele partiu. Tudo o que ele falou era verdade. Mas, além disso, havia a questão da prerrogativa real. Devia estar dentro dos

meus direitos conceder monopólios a súditos merecedores. Em que ponto eu deveria ceder à pressão da opinião pública?

Consultei Cecil sobre a próxima reunião do Parlamento. Seria a primeira reunião do Parlamento sem seu pai para conduzi-lo, e ele faria muita falta. Mesmo no estado de declínio de Burghley, ele havia habilmente conseguido coordenar o Parlamento que se reuniu em 1597.

— Estamos sozinhos agora, Robert — eu disse a ele. — É sempre difícil assumir o lugar de um pai. Principalmente em casos como o nosso, quando o lugar é tão importante.

— Cedo ou tarde chega o momento — ele aquiesceu. — Creio que estamos preparados. Você deu ordens para que o Parlamento não perca tempo com conversas inúteis, propondo medidas vãs, mas alguns caprichos já passaram e rapidamente chegaram ao projeto de lei do subsídio.

— Sim — estava ciente disso. — Quero que o Parlamento esteja encerrado até o Natal, que não passe disso.

Ele concordou.

— E tem mais uma coisa — avisei. — Petições foram jogadas para mim enquanto eu andava entre a capela e o palácio, ou em cerimônias públicas. Elas vêm de cidadãos comuns, irritados com os monopólios. Sei que este Parlamento abordará o assunto.

— E nossa resposta?

— Ouvirei o que eles têm a dizer e verei quanta pressão há sobre o assunto — eu disse.

O Parlamento foi convocado em outubro de 1601, eu fiz a abertura na Câmara dos Lordes. Estava vestida cerimoniosamente com meus trajes de Estado, usando a minha coroa, movendo-me lentamente para permitir que todos pudessem me ver. O globo e o cetro foram carregados à minha frente. As pessoas olhavam, mas poucas diziam o de costume “Deus salve a Vossa Majestade”. Eu senti um

frio no ar que não tinha nada a ver com outubro. O caso de Essex tinha prejudicado a minha popularidade.

Ao entrar na Câmara e subir os degraus para o meu trono subitamente senti o peso das vestes pesadas e balancei. Vários homens correram para me segurar, mas foi assustador. Sentei-me e segurei firme os emblemas do meu posto, determinada a recuperar o equilíbrio. Sessenta rostos ou mais estavam voltados para mim, com mais de uma centena de pessoas comuns na parte de trás, e outros na porta da Câmara.

O lorde Guardião do Grande Selo, *sir* Thomas Egerton, fez o discurso de abertura. Ele anunciou que a razão para o Parlamento era dupla: a guerra com a Irlanda e a Espanha e a necessidade de mantê-las. Ele lhes disse para confiarem num bom resultado, pois “Deus sempre abençoou, e espero que sempre abençoe, a rainha com boa sorte”. Ele então passou a detalhar os planos pérfidos de Filipe II e os perigos que eu havia superado. Virando-se para mim, ele bradou: “Eu vi Sua Majestade usar em seu cinto o preço do seu sangue, estou falando de uma joia dada a seu médico para fazer o que, espero, Deus nunca permite que aconteça”!

Dr. Lopez... guardei o anel dele e muitas vezes o usava, não estava no meu dedo, mas numa corrente. Concordei vigorosamente, para mostrar que havia sobrevivido muito bem e para enfatizar a minha saúde.

Com a cerimônia de abertura encerrada, levantei-me para sair da Câmara. Do lado de fora, os membros da Câmara pressionavam o caminho e eu mal conseguia passar. Levantei minha mão para pedir mais espaço e alguém falou: “Para trás, mestres, deem espaço”! Uma voz forte lá atrás respondeu: “Mesmo que nos pendure na forca não abriremos espaço”!

Fingi não ouvir, mas ah! Eu ouvi. Que humor grosseiro era aquele entre os membros? Eu não merecia aquilo. Jamais havia passado pela Câmara sem que houvesse cumprimentos e era a primeira vez que ouvia uma provocação.

Minhas dúvidas sobre o Parlamento provaram ser verdadeiras. Eles se recusavam a considerar o subsídio até que a questão dos monopólios fosse resolvida. Membro após membro protestava contra eles, apesar das tentativas de Bacon e Cecil de apresentar o caso da Coroa. Promessas não os contentariam. Uma longa lista dos atuais monopólios foi lida: uvas-passas, ferro, tíbias de boi, anis, vinagre, gordura de óleo, sardinhas defumadas, jogo de cartas, sal, amido, copos e muitos outros.

— Onde está o pão? — gritou um membro. — Tenho certeza de que o pão deve estar na lista. Todas as outras necessidades estão! — ele bufou. — Se não tomarmos medidas agora, ele estará lá no próximo Parlamento!

— Sanguessugas da comunidade! — um membro de Hertfordshire disse. — Os preços são ultrajantes e impulsionam os preços de todo o resto. O aumento dos preços dos fardos de pele de bezerro faz com que cada par de sapatos para pobres custe mais!

— Não é possível suportar! — outro gritou.

Era evidente que aquilo era uma crise para mim. Os membros do Parlamento, em seguida, começaram a considerar quais atitudes poderiam ser tomadas. Será que deviam elaborar um projeto de lei, legislando o fim dos monopólios, examinando a legalidade dos já existentes? Ou deviam tomar um caminho mais conciliador e apresentar-me uma petição solicitando que eu os rescindisse?

— Já fiz tudo o que pude — disse Cecil, andando para lá e para cá de maneira nervosa. — Sinto que estamos perdendo o controle. Até agora eles não desafiaram diretamente a sua prerrogativa real, mas é apenas uma questão de semântica... e de tempo.

A minha posição era a de que o meu direito de conceder monopólios estava acima da lei, parte do meu direito real. O Parlamento não tinha o poder de invadir ou limitar a minha liberdade em qualquer prerrogativa. Conceder-lhes tal poder

seria dizer que eles finalmente governavam a Inglaterra, não eu.

E mesmo assim... eu sabia que uma mudança fundamental estava acontecendo e resistir àquilo iria prejudicar a monarquia mais do que a concessão. Conceder... sim, se eu concedesse livremente, como um favor real, em vez de me submeter às suas exigências... nenhum precedente seria definido sobre a Coroa cedendo ao Parlamento, sendo subserviente a ele. Aquele era o caminho, a única maneira.

— Diga-lhes que sou grata por terem trazido esses terríveis abusos ao meu conhecimento e vou saná-los imediatamente.

— Vossa Majestade? — Cecil estava perplexo.

— Vou encerrar o mais notório agora e suspender os outros até que a legalidade possa ser atestada pela corte. Vou elaborar uma proclamação ou algo assim e entregá-la logo nas mãos deles. Depois, receberei os conselheiros privados e alguns membros do Parlamento para agradecer-lhes.

— Eles ficarão perplexos, assim como eu — ele admitiu.

— Se é preciso concordar, que seja feito com toda a generosidade. Não é só o Senhor que ama a quem dá com alegria. Vá agora, vá. Tenho uma proclamação a escrever.

Era necessário recuperar o amor do meu povo, colocado à prova e manchado pelo caso Essex e os problemas de dinheiro. Mas eu não podia hipotecar os antigos privilégios da Coroa para fazê-lo. A proclamação resolveria ambas as necessidades.

Alegremente, Cecil leu ao Parlamento o decreto real, intitulado “Proclamação para a Reforma dos muitos abusos e contravenções cometidas por patenteadores de certos privilégios e licenças, para o bem geral de todos os caros súditos de Sua Majestade”. Os monopólios do sal, vinagre, bebidas alcoólicas, peixe seco, óleo de baleia, fígados de peixes, panelas, escovas, manteiga e amido foram abolidos.

— Qualquer homem pode ter ou fazer sal barato! — anunciou. — Para aqueles cujo estômago precisa, agora podem ter toda a *aqua vitae* que quiserem. O mesmo com o vinagre que cura a indigestão. Àqueles de vocês que amam as golas bufantes, a certeza de que podem engomá-la com amigo mais barato agora. Podem começar a semear corantes novamente, apesar de que Sua Majestade espera que o fedor que isso causa a ponto de impedir que os visite durante a procissão pelo reino. Isso fica proibido em Londres ou perto de qualquer palácio — a cada item anunciado, o povo vibrava. Por fim, ele advertiu, “a rainha não abjura suas antigas prerrogativas”. Então, ele passou a listar os monopólios que seriam analisados na corte: salitre, lã irlandesa, aço e muitos outros. Além disso, cópias da proclamação seriam impressas e distribuídas aos membros imediatamente.

Os Comuns pediram para enviar seu porta-voz e uma dúzia de membros até mim para me agradecer. Respondi que era eu quem deveriam agradecer-lhes e que eles poderiam vir em dois dias. Eles começaram a selecionar os representantes para vir, mas os membros do fundo da Câmara gritavam: “Todos! Todos, todos, todos!”.

Fiquei absurdamente feliz ao ver que todos queriam vir e disse a William Knollys, agora controlador da casa, para convidar todos, assegurando-lhes de que eu tinha inicialmente limitado a uma comitiva só por causa do tamanho da sala de audiências. Mas que encontraríamos uma sala apropriada.

Assim, poderia falar com eles e agradecer-lhes. Comecei a escrever meu discurso, mas num determinado momento parei de escrever e o reformulei. Eu já havia falado muitas vezes ao Parlamento, mas sempre com a certeza de que haveria mais discursos no futuro. Essa certeza não existia mais. O que quer que fosse que eu quisesse lhes dizer, o que quer que fosse que eles precisassem saber, eu devia dizer agora e neste discurso. Tinha pouco, ou nada, a ver com os monopólios.

Pensei nos meus primeiros dias como princesa, os dias em que vivi fora de Londres, longe dos lugares de poder, mas sempre com o contato vital das pessoas. Eles comemoravam quando eu vim para Londres, doente e abatida, em uma maca. A única maneira de mostrar desaprovação de um regime era saudar o sucessor ou a alternativa, e foi isso que eles fizeram. No momento em que subi ao trono, fui tomada por uma onda de amor que me levou direto para a minha coroação. Todas as vezes que me aventurei a sair de Londres, além dos briguentos ministros e cortesãos, senti aquele amor. Tirava forças disso como uma planta tira forças do sol e do solo. Do que se tratavam as procissões, afinal de contas? Uma visita pessoal ao meu povo.

O que eu queria deles? E como poderia contar-lhes como me sentia?

Aquele seria meu último Parlamento. Eu sabia disso. Não sabia como, mas sabia. Mesmo que sobrevivesse até o próximo, minhas palavras não seriam completamente minhas mais.

Será que estava doente? Definhando? Como então poderia saber disso com tanta certeza?

Há um dia de outono, muitas vezes um dia quente, tão quente quanto no verão, quando algo parece mudar. O vento sopra um pouco diferente. A luz tem uma inclinação diferente e brilha de um ângulo diferente pelas janelas, caindo sobre coisas que não atingia fazia meses. Tinha um brilho diferente. Ela, em si, é inofensiva, inócua, mas anuncia uma mudança e nos alerta para que possamos nos preparar. Só então senti essa maré em mim mesma. Devo tratar diretamente com meu povo, quando posso dizer o que quero, com minhas próprias palavras. Mesmo que vivesse mais trinta anos, não seria tão capaz.

Trabalhei a noite toda no meu discurso. Expressei ali todos os meus sentimentos sobre o meu povo, meu reinado, meu reino e sobre mim.

Apenas dez dias após o debate ter começado, no último dia de novembro, o porta-voz e cerca de cento e cinquenta membros do Parlamento vieram a Whitehall. Sentei-me esperando por eles usando meus trajes de Estado na Câmara do Conselho, e eles foram entrando. O porta-voz deles, *sir* Edward Coke, curvou-se três vezes e depois fez um longo discurso sobre a minha majestade e glória, bastante constrangedor em sua bajulação, exaltando minha presença sagrada, meus ouvidos sagrados e minha soberania sagrada. Quando ele terminou, toda a comitiva se ajoelhou para ouvir a minha resposta.

Olhei para todos eles. Eram de todas as idades e vinham de todas as partes da Inglaterra. E era exatamente assim que o Parlamento deveria ser, um reflexo das pessoas sobre as quais eu governava e, por meio delas, cada homem e mulher na Terra.

Primeiro, agradei a todos por virem e por sua apreciação. Depois, disse:

— Senhor porta-voz, garanto-vos que não há príncipe que ame mais seus súditos nem cujo amor possa compensar nosso amor. Não há joia, por maior que seja seu valor, que hoje esteja à frente desta joia, falo do amor de vocês — acenei a cabeça positivamente. — Pois os estimo mais do que qualquer tesouro ou riquezas, é como um prêmio. Mas creio que amor e gratidão são inestimáveis, e, apesar de Deus ter-me elevado, no entanto, é a esse amor que dedico a glória da minha coroa: tenho reinado com o seu amor.

Poucos governantes foram tão abençoados. Observei as expressões em seus rostos e continuei:

— Por favor, levantem-se, pois falarei um pouco mais e não desejo que fiquem desconfortáveis — eles se levantaram, pois ainda estavam de joelhos. — Sr. porta-voz, o senhor me agradece, mas, se eu não tivesse recebido as informações de vocês, poderia ter cometido um erro apenas por pura falta de informação verdadeira. Aquelas subvenções deviam ser dolorosas para o nosso povo, e nossa dignidade real não devia sofrer com essas opressões,



que estavam sendo privilegiadas sob a cor de nossas patentes. Sim, quando soube disso, não dei descanso aos meus pensamentos, até que tivesse reformado tudo. — Passei então a explicar que estive sempre atenta que devia responder a Deus, caso julgasse mal ou falhasse com meu povo.

— Ser rei e usar uma coroa é mais glorioso para os que veem do que agradável para os que a usam. Quanto a mim, nunca fui muito seduzida pelo nome glorioso de um rei nem pela autoridade real como rainha, como fiquei encantada por Deus ter me feito seu instrumento para manter a sua verdade e glória, e para defender este reino do perigo, da desonra, da tirania e da opressão — e de quantas maneiras eu tinha me empenhado para defendê-lo: diplomacia, flertes de casamento, espiões e redes de inteligência, tudo antes do último recurso das armas.

— Nunca se sentará em meu lugar uma rainha com mais zelo por meu país, cuidados com meus súditos e que prontamente terá disposição de arriscar a vida pelo bem e segurança do reino, do que eu. Pois não é o meu desejo viver, nem mais reinar se minha vida e reinado não fizerem bem a vocês. E, apesar de já terem visto e sabendo que ainda verão muitos príncipes mais poderosos e sábios sentados nessa cadeira, mesmo assim nunca tiveram nem terão alguém que os ame mais que eu.

Ah, como era verdade. Toquei meu anel de coroação, acariciando-o suavemente.

— Contentei-me em ser uma vela de cera virgem e pura, de me entregar e passar a minha vida de forma a ser luz e conforto àqueles que vivem sob mim.

Silêncio na sala. Em seguida, concluí: — Assim, sr. portavoz, entrego-me ao seu amor leal e em retorno desejo seus cuidados e aconselhamentos. E peço-vos, sr. controlador e meus conselheiros, que antes dos membros partirem para seus condados de origem, que venham até mim para que beijem minha mão.

Sentei-me e esperei enquanto eles formavam uma fila e vinham, um de cada vez. Estendi minha mão para que eles a beijassem. Todos, um a um, se despediram, até que a Câmara ficou vazia.

LETTICE  
Março de 1602



**H**oje faz um ano que estou viúva, pensei espantada. Deveria supostamente haver alguma magia ao cruzar esse limiar, o equivalente a aplicar uma bandagem calmante em uma ferida. Não estava mais aberta, mas sim lacrada e curada. Pelo menos, era essa a crença. Digo que depende do tamanho e da profundidade da ferida.

Vesti-me de preto desde o dia negro no qual Robert havia subido na plataforma do cadafalso. Gradualmente, cada vez mais parecia estranho usar outra cor.

Não pude, é claro, visitar a sepultura de Christopher. Não tenho nem mesmo certeza de que estava identificada. Ele pode ter sido jogado em uma cova ao lado da igreja. Eu não podia também visitar a sepultura de Robert, mas ouvi dizer que havia uma placa que a identificava. Mas, sendo a Torre propriedade real, eu não podia entrar na igreja.

Meu primeiro marido havia sido enterrado bem longe, em Gales, meu segundo marido em Warwick, juntamente com nosso filho. Assim, eu não podia ser uma dessas viúvas que assombram sepulturas como um fantasma. Sendo três vezes viúva, poderia dizer que é muito mais doloroso perder

alguém para a política do que para a natureza. De certo modo, Christopher atraiu tudo para si mesmo, mas mesmo assim isso não era um conforto. Significava que ele poderia ter evitado tudo aquilo para ainda estar aqui comigo. Nem Walter Devereux nem Robert Dudley também tiveram escolha quanto a isso.

As pessoas ainda cantavam as canções sobre Robert, ainda escreviam calúnias ocasionalmente contra Cecil nas paredes, mas tudo isso já estava sumindo aos poucos. As lembranças são curtas. A rainha contava com isso. Sua popularidade afundou em seguida, mas sua última aparição no Parlamento devolveu a boa vontade do povo. Ela gentilmente cedeu e aboliu os odiados monopólios, e depois proferiu o que está sendo chamado de “discurso de ouro”. Era uma elegia, uma despedida. Ela expressou seu vínculo com o povo, sua versão de voto de casamento, e refletiu sobre o que significava para ela ser rainha. Foi recebido com entusiasmo.

Mas as pessoas se perguntavam: será que ela sabe que está doente? Tinha aquele tom familiar de anúncio de mortalidade. Ela, que parecia eterna, avisava ao povo que já não era mais.

E eles estavam se preparando para a mudança. Os olhares voltavam para a Escócia, do rei Jaime, como Robert tinha feito. Era tudo feito discretamente, mas era o que estava acontecendo. Ouvi falar que até mesmo Cecil o estava sondando. Era preciso garantir seu lugar no reinado seguinte. Se Jaime trouxesse os próprios conselheiros, então Cecil poderia ser demitido. Era preciso ganhar a confiança do futuro rei agora.

A rainha foi inconsistente em relação às pessoas envolvidas no que era chamado de “rebelião de Essex”. Southampton ainda permanecia na Torre, embora tivesse sido declarado culpado ao lado de Robert. Nenhuma data de execução fora definida, nenhuma multa anunciada. Muitos outros foram multados e libertados. Will foi libertado após interrogatório do Conselho Privado sobre a apresentação

especial de *Ricardo II*, mas parece não ter sofrido nenhuma consequência. Suas peças foram ainda apresentadas na corte, e ele era recebido por lá. Charles Blount, lorde Mountjoy, por todas as evidências incriminadoras, provando que tinha conhecimento da trama e que participou contribuindo com suas tropas, saiu completamente livre. O fato de ter se saído tão bem na Irlanda significava que ele era muito valioso para ser sacrificado e assim a rainha o viu de outra forma.

Então ela fez a coisa mais estranha que já tinha feito. Não, não posso dizer isso. Mas foi a coisa mais estranha que já tinha feito em relação à nossa família. Quando Robert retornou sem permissão da Irlanda, Frances tinha escondido cartas e papéis que pensava que o governo poderia confiscar para incriminá-lo. Após a morte dele, as pessoas nas quais ela havia confiado para guardar os papéis chantagearam-na. No começo, ela pagou o preço, mas eles continuavam exigindo mais. De alguma maneira a rainha soube disso e prendeu o chantageador, julgou-o e penalizou-o. Ela deu o dinheiro da pena a Frances e devolveu os papéis, dizendo: “Minha mortalha ficará imaculada”. Elizabeth nunca perde o poder de impressionar e de nos surpreender.

Frances, que gritou diante de Elizabeth que ela não respiraria nem mais uma hora depois de que Robert tivesse sido executado, ainda vivia e respirava. Ela também se vestia de preto e ocupava-se com seus filhos, especialmente o mais novo, que começava a andar. Mas eu tinha a sensação de que, aos trinta e quatro anos, ela o deixaria de lado logo e consideraria um terceiro marido. Era do tipo que deveria estar casada.

Quanto a mim, não. Para mim, isso já havia passado.

Eu havia me retirado para Wanstead, a nove quilômetros de Londres. Iria envelhecer aqui. Era uma casa livre de todas as associações obscuras que a Essex House tinha para mim. Aqui, houve risos e amor, música, prazeres do verão e

ligações felizes. Depois que a vergonha sumisse, estaria pronta para o trabalho de caridade.

Desde que fui renegada, via as infelicidades sob uma nova luz. Olhar para as pessoas do alto de minha riqueza e segurança me afastou delas. Os pobres, leve-os com você sempre, disse Jesus. Se eram pobres, então deviam ser preguiçosos. Ou felizes. Estranho como, para aliviar nossa consciência, supomos que eles deviam ser felizes, e tecemos histórias para nós mesmos sobre sua dança, canto e riso. Nós até mesmo os invejamos! Mergulhados em nossas obrigações e preocupações, passamos apressadamente por eles e imaginamos a vida deles livre de luta e concorrência e suspiramos de saudade.

Mas eu sabia agora que eles não deviam ser invejados pelo peso da pobreza que os tornava despercebidos. Eram as crianças as que eu mais queria salvar, era tarde demais para seus pais. Eu faria delas a minha missão.

Ocasionalmente recebia a visita de minhas respeitáveis filhas. Dorothy parecia muito distante tanto da corte quanto da família, ainda casada com o “sábio” conde de Northumberland e passando a maior parte do seu tempo na Syon House, do outro lado de Londres, subindo o Tâmis. Penélope era a mulher do momento, a consorte, se não a esposa, do herói da Irlanda.

Sim, Charles Blount tinha feito aparentemente o impossível, tinha conseguido o que Robert tão notavelmente fracassou em fazer. Sua campanha árdua na Irlanda trouxe a vitória. A grande virada veio em dezembro. Charles e suas forças estavam no norte do país, perseguindo O’Neill, quando os espanhóis desembarcaram em Kinsale com suas unidades de reforço.

De súbito, sua missão não era mais aniquilar os rebeldes em Ulster, mas impedir que eles unissem forças com os espanhóis no sul. E ele a executou de forma brilhante. Mas, como sempre, o destino agiu. O’Neill cometeu um erro de julgamento e optou por enfrentar os ingleses no campo, numa batalha tradicional, entregando-lhes a vitória. Ele não

estava preparado para isso e foi sonoramente derrotado. Os irlandeses fugiram para o norte mais uma vez, e os espanhóis pegaram seus navios para nunca mais voltar. Então, tudo o que restava era capturar O'Neill e exigir sua rendição. Ele era um homem derrotado e a rebelião irlandesa foi esmagada.

Elizabeth poderia acrescentar a subjugação da Irlanda à sua vitória sobre a Armada aos anais de seu reinado. Uma conquista digna de uma mulher guerreira, por mais relutante que fosse.

Para ser honesta, apesar de toda a vociferação, a armadura com entalhes e as tendas de ouro, seu pai não conseguiu nada em termos militares. Suas excursões na França foram dispendiosas e inúteis, não rendendo nada permanente. Ela, por outro lado, salvou o reino da invasão e lacrou a porta dos fundos da Irlanda contra a interferência estrangeira. E ela sabia o que queria. A fim de avançar na Irlanda, estava disposta a ignorar as transgressões de Charles Blount para que o importante trabalho fosse feito. Seu pai teria se preocupado com a "traição" de Blount. Elizabeth queria usá-lo, traidor ou não. Quem, então, foi o melhor monarca? Elizabeth duvidaria até mesmo da insinuação de uma competição entre ela e seu pai, mas isso deveria ser porque, em seu coração, ela sabia que o tinha superado.

Fiquei chocada ao receber uma carta de Will, dois meses após o aniversário da morte de Christopher. Era breve, dizendo apenas que ele desejava oferecer suas condolências e que, em seu caminho de volta para Stratford, gostaria de fazer uma visita. Será que aquilo era aceitável?

Eu tinha recebido poucas visitas de condolências e bem poucos hóspedes vieram à Wanstead, embora nos dias de glória, vinte anos antes, eles implorassem por convites. Parte de mim queria dizer não, para que pudesse me manter longe de qualquer coisa que remetesse à vida

antiga. Outra parte de mim queria dizer sim, ainda ligada ao mundo fora de Wanstead.

Eu disse sim.

Ele chegou num dia de maio, um daqueles dias tão bonitos que não queríamos estar em outro lugar. Se Roma e a Sicília tinham as flores silvestres e as tardes doces e quentes, a Inglaterra tinha o mês de maio.

— Will — eu disse, pegando o seu chapéu. — Aprecio a sua vinda.

Ele entrou. — Quero vir desde que... Você sabe.

— Sim. Você tem que ser cuidadoso — olhei para ele. Tinha envelhecido pouco e notei um contentamento nele. — Vamos ao jardim? — deixe-me acrescentar mais agradável lembrança ao meu jardim.

Guiei-o até lá fora e ele ficou admirado com a profusão dos cravos, malvasrosas que escalavam e formavam um labirinto bem aparado. Era estranho, mas não me sentia mal perto dele. É como se ele fizesse parte de outra vida, de uma outra versão minha. A Lettice que agora estava na frente dele não tinha nada, não tinha pelo que se desculpar. O golpe do machado na Tower Green havia separado meu passado do meu futuro.

— Quer se sentar? — apontei um banco, envolto em trepadeiras logo acima, como uma tampa de proteção. Ele concordou e se sentou. Eu me sentei ao lado dele.

— Lamento pelo que aconteceu — ele disse.

— Obrigada — respondi. — Ainda não consigo acreditar. Acordei esperando que Robert e Christopher estivessem ali. Depois me lembrei — então sorri. — Mas cada vez há menos tempo entre a expectativa e a lembrança.

— A lacuna sempre estará lá — ele disse.

— A percepção sempre será dolorosa? — perguntei a ele.

— Enquanto você viver — ele disse.

— Você não me conforta — falei. — Mas um amigo não deveria me confortar?

— Um amigo não deve mentir — ele disse.



— Ah, Will. Você sempre foi difícil.

— Sempre fui honesto.

— Sempre?

— Até onde podia ser.

Eu não o desejava mais, mas ainda o amava. Isso me confundia. Longe de perdê-lo para sempre, como uma vez pensei, sabia que agora ele seria parte de mim para sempre.

— Conte-me sobre a sua vida. A minha você já sabe. Lamento que tenha sido pego na rebelião.

— Aquilo foi um acidente. Queria nunca ter escrito aquela peça! Mas, em relação à minha vida, comprei uma propriedade em Stratford, meus pensamentos estão cada vez mais voltados à minha cidade natal.

Assim como eu, que havia me retirado para Wanstead. O passado nos puxa de volta com mãos urgentes.

— Meu pai morreu recentemente — ele disse. — Apenas alguns meses depois do seu filho.

— A vida dele não foi interrompida.

— Não, ele tinha quase setenta anos.

— A mesma idade da rainha.

— Sim, mas...

Não devíamos falar sobre aquele assunto, perguntei:

— E sua mãe? Ainda vive?

— Sim. E eles ficaram casados por quarenta anos.

— E você?

Ele parecia desconfortável, constrangido.

— Estou casado desde que tinha dezoito anos — disse ele.  
— Tenho agora quase quarenta.

E eu quase sessenta. Eu tinha esquecido como ele era mais jovem do que eu. Quando estávamos juntos, ele parecia mais velho.

— E como está sua esposa? — perguntei cerimoniosamente.

— Do mesmo jeito — respondeu, abafando um sorriso..

— Não devemos falar dela?

— Para mim não há problema.

— Por que você volta para Stratford, se não para vê-la?

— Minha mãe, meus filhos... É estranho. Quando eu era criança, só queria escapar. Agora, creio que, se quiser deixar qualquer tipo de legado, ele estará apenas em Stratford. Londres me engole. Não vou sobreviver lá. Em uma geração, desaparecerei. O interior tem mais memórias.

— Mas suas peças...

— Somente por enquanto — ele falou. — Elas divertem multidões, mas peças não são coisas que perduram. Minha companhia é dona dos roteiros e não ousamos publicá-los, pois assim outros as encenariam e nos roubariam ganhos legítimos.

Olhei firmemente para ele, tentando memorizar suas características, o nariz fino e os olhos penetrantes. Gostaria de saber quais mulheres o tinham amado e onde elas estariam agora.

— Meu irmão mais novo está aqui agora — ele disse de súbito. — Edmund. Ele, assim como eu, foi dominado pelo teatro. Ele representou papéis pequenos, mas nada que possa fazer seu nome. Eu deveria escrever algo para ele, mas não posso construir uma peça em torno de tal necessidade. Só posso escrever um personagem que me chame atenção. Edmund não pode representar personagens que estão clamando para que eu lhes dê vida. Eles são velhos demais para ele. Um nobre escocês que é levado a matar para cumprir uma profecia, um velho rei que percebe tarde demais que não pode abandonar seu cargo e manter seus privilégios, um mouro que, com ciúmes, não, não, um jovem de Stratford não pode desempenhar qualquer um desses papéis. — Repentinamente, ele parou e mudou o rumo da conversa: — Mas tudo isso é história. Laetitia, como você está? Meu coração quer saber — ele segurou minhas mãos para que eu não pudesse me afastar.

Como eu poderia responder? Eu estava vazia, era uma criatura diferente agora.

— Eu sobrevivi — disse, ciente de suas mãos, de seu calor, de seu domínio.

— Você pode me perdoar? — ele disse.

— Pelo quê? Por me alertar sobre o que esperar de você e então seguir adiante?

Ele esboçou um sorriso e disse:

— Eu fui covarde.

— Foi melhor para nós que você fosse covarde. Você foi mais esperto do que eu. Você conseguia ver o que estava por vir e o que você não queria.

— Eu não poderia suportar. Posso escrever sobre isso, mas não vivê-lo.


— Melhor, então, para os outros. Você pode deixar algo para eles.

— Eu disse a você, Laetitia. Não deixo nada para ninguém. Meus trabalhos não sobreviverão a mim. Eles são encenados para multidões no teatro Globe, e depois serão esquecidos. Consigo contemplar as emoções tumultuadas, registrá-las, mas não ser vítima delas. Minha fraqueza é essa.

— Não importa, Will. Você está aqui agora e poucos vieram. Você me deu um presente precioso. Agora me beije, em sinal de amizade — aproximei-me dele e fechei os olhos.

ELIZABETH  
Julho de 1602



lhei para o céu ameaçador, nuvens pretas e azuladas passavam correndo e o vento tinha mudado. Segurei meu chapéu para impedir que voasse e firmei a mão na sela.

— Senhoras, parece que teremos uma recepção molhada!  
— disse às minhas companheiras.

— Ainda estamos muito longe de Harefield? — perguntou Catherine.

— Dez ou doze quilômetros, pelo menos — disse meu mestre de cavalaria. — Talvez nos atrasemos um pouco.

Uma rajada de vento levantou minhas saias enquanto eu segurava as rédeas. A crina do cavalo esvoaçava. — Vamos a galope, então — pedi, incentivando o cavalo. Ele empinou e eu fiz o que pude para me manter na sela.

Estávamos em uma breve procissão de verão. Originalmente, eu tinha a intenção de ir para o oeste, saindo de Londres e parando primeiro na Elvetham House, em seguida iríamos para Bath e Bristol. Mas a viagem era muito ambiciosa e tive que desconsiderá-la, substituindo-a por uma procissão a leste. Tínhamos parado primeiro em

Chiswick e agora estávamos seguindo para a casa de Thomas Egerton e sua nova esposa, a viúva condessa de Derby. Há dois anos, ele havia implorado para ser liberado da supervisão de Essex na York House, porque sua esposa estava morrendo. Agora ambos, o prisioneiro e a mulher dele, já haviam morrido e ele havia conseguido uma nova esposa, uma senhora com gosto ou pretensões literárias. Bem, ele merece a felicidade. Bom para ele.

Levei menos coisas comigo para aquela procissão e menos pessoas também. As pessoas se queixavam sobre os inconvenientes, então, disse em tom de brincadeira:

— Que os velhos fiquem para trás, os jovens e capazes venham comigo! — Aquilo dera aos enfermos uma desculpa para ficar em casa.

Havia vários “jovens e capazes” junto comigo. Eu tinha, como queria, convidado Eurwen para voltar à corte, agora ela andava em companhia de algumas das damas de honra mais jovens e havia também alguns jovens bonitos, como Richard de Burgh, o conde de Clanricarde, um dos bons “irlandeses”. Contudo, percebi que não gostava dele, embora, e levei um tempo para perceber que era porque ele parecia Essex. Não era justo com o rapaz, mas as outras senhoras davam bastante atenção a ele, então ele não estava sendo desconsiderado. Havia também o sombrio John Donne, o secretário de Egerton e recentemente membro do Parlamento, que se esquivava e não parecia ansioso para chegar à casa de seu mestre. Ele tinha se divertido muito em Chiswick, mas a cada quilômetro mais próximo de Harefield seu rosto, que já era bem alongado, parecia ainda mais comprido.

O passeio nos fizera mergulhar na glória de um alto verão inglês. As flores de meados do verão eram ricas e tinham substituído os tons delicados da primavera nos prados, filhotes praticavam seus voos, mergulhando habilidosamente de seus ninhos. As portas das casas estavam abertas e as donas de casa estavam esticando lençóis para festivais de aldeia e passamos por vários em

nosso caminho. Era também a época dos casamentos e de longe vi uma festa de casamento acontecendo nos campos, perto de uma pequena igreja de pedra. Os campos mantinham-se altos e a safra prometia acabar com a pobreza.

Meu reino estava se saindo bem. Crescia e prosperava sob o sol.

O tempo começava a virar. Corremos para o abrigo do Harefield Palace, fugindo da chuva. Nossos cavalos foram levados rapidamente para os estábulos e *sir* Thomas e sua nova esposa, Alice, nos receberam na casa. No momento em que Alice estava fazendo suas medidas, o céu se abriu e a chuva chegou ao pátio.

— Até mesmo os céus controlam sua ira por vós — disse *sir* Thomas.

— Ou liberam-na no momento certo, como fizeram com a Armada — disse o almirante Charles.

— Foram os ventos ingleses — concordou Raleigh.

A chuva foi para o mar, e o dia seguinte seria bom. *Sir* Thomas havia planejado uma festa ao ar livre, por isso tudo foi reorganizado às pressas, pois o tempo provava estar inconstante. O tema interiorano continuava, com longas mesas colocadas no pasto e empregados vestidos como pastores e trabalhadores de ordenha, servindo cerveja local e *syllabub*<sup>24</sup> em jarros de louças, trazendo tigelas de *possets*,<sup>25</sup> coalhada e creme de leite com morangos recém-colhidos. Uma enorme torta de pera foi trazida, a massa estava fumegante e todos a partiram rapidamente. Depois, haveria dança para os jovens debaixo das árvores e jogos para os mais velhos.

A principal diversão era uma enorme banheira de vidro trazida por um homem fantasiado de marinheiro, que anunciou:

— Para pescar, é preciso águas calmas. Isso a rainha graciosamente nos providenciou, segurança, calma e generosidade. — Ele colocou a banheira em cima da mesa e

se retirou. Vinte ou mais fitas vermelhas decoravam a lateral, as senhoras tinham que pegar uma das fita e puxar seu “peixe” prêmio do fundo da banheira. Cada prêmio tinha um verso que milagrosamente abordava questões sobre seu pretendente.

Eurwen, sendo a mais jovem, era a mais empolgada com o prêmio, enquanto a novidade sobre o respectivo pretendente pouco interessava às mulheres mais experientes. Ela extraiu um pente de cabelo decorado e um verso que proclamava que sua sorte não incluía um homem de olhos negros.

— Quão negros a senhora acha que os olhos devem ser para que o pretendente seja excluído? — ela perguntou ansiosamente.

— Pelo menos negros como carvão — garanti a ela. — Têm que ser tão negros que nem seja possível ver as pupilas. — Isso excluía a maioria dos homens que ela provavelmente conheceria.

Catherine, Helena e o resto das senhoras puxaram seus prêmios e examinaram-nos devidamente. Eu extraí um par de delicadas luvas cor-de-rosa que se encaixam perfeitamente em mim. O verso preso a elas apenas proclamava que eu era prudente e tinha muitos admiradores.

— Um mundo cheio deles! — disse *sir* Thomas, espiando por cima do meu ombro.

— De fato, Vossa Majestade tornou-se uma espécie de oitava maravilha — disse Raleigh. — Esqueça as pirâmides e os jardins suspensos.

— Você está dizendo que sou tão velha quanto essas coisas?

— Não, mas é tão poderosa quanto elas. Além disso, todas desapareceram, exceto as pirâmides. Onde vive o homem que pode passear pelos jardins suspensos? Pode um marinheiro ainda ser guiado pelo Farol de Alexandria? Não. Mas a senhora sobreviverá por mais tempo do que eles.

Talvez na lembrança. Há muito tempo já tinha afirmado que meu único desejo era “tomar alguma atitude que fizesse a minha fama se espalhar no exterior durante a minha vida, e, depois, causasse lembranças para sempre”. Tinha sido um daqueles comentários improvisados que, mais tarde, percebi ser mais revelador do que desejava que fosse.

— Vou engasgar com o meu creme de leite se essas lisonjas continuarem — eu disse.

— Tenho outro presente para Vossa Majestade. — Virei-me e vi John Donne em pé atrás da minha cadeira. — E fala exatamente sobre isso — ele olhou em volta furtivamente e retirou um papel do seu gibão.

— Obrigada, John — neste momento vi *sir* Thomas fitando-o e, antes que eu pudesse abrir o papel, John correu para longe.

Estava intitulado como “O Outonal” e começava assim: “Nenhuma beleza primaveril nem de verão tem tanta graça como a que vi em uma face outonal”.

Levantei a cabeça. Ele se atreveu a dizer tal coisa...se atreveu a dizer o que todos fingiam não ser verdade. Mas a frase “face outonal”... Que som harmonioso. E será que era tão assustador? Nós não celebramos o outono? Meus olhos correram até o final da página. “Aqui, onde ainda é tarde, nem meio-dia, nem noite”... “Se amamos.... coisas transitórias, que logo se deterioram, a idade deve ser a mais adorável até o último dia. / Mas não nomeie as faces do inverno, cujas peles frouxas e lisas, como uma bolsa inútil...”. Ele não me chamou de face do inverno, e sim de outonal. Ele fazia diferença entre elas, sendo uma desejável e a outra lamentável.

*Sir* Thomas puxou suavemente o papel.

— Não leia nada que ele escreve. Ele provou ser um homem indigno de confiança. Pretendo demiti-lo após esta visita.

— Nossa, Thomas, o que você quer dizer com isso? — ele me parecia diligente e inteligente.



— Um alpinista, um homem que não sabe seu lugar! Ele abusou da minha confiança e fugiu com a sobrinha da minha falecida esposa, uma mulher muito acima da posição dele. Se tentou fazer fortuna dessa forma, provavelmente agora está muito decepcionado. Nossas famílias cortaram relação com ambos e ele perderá sua posição. Que os amantes sofram com isso!

— Você não é muito poético, *sir* Thomas. E sua nova esposa apoia os trabalhos literários. Gostaria de saber se ela não está do lado dos jovens amantes.

— O casamento não é uma questão de amor, mas de necessidade e bom-senso — ele disse. E eram as palavras de um homem que perdera duas esposas, ambas muito amadas, para a morte, e que agora fechava a porta para se proteger de futuras perdas. Não foi só o faraó que endureceu o seu coração. E não era apenas uma face que transformava alguém em outonal.

— Pense antes de puni-lo — eu disse. — Lembre-se de sua própria juventude.

Naquela noite, as chuvas voltaram, criando uma cortina espessa que dificultava a visão pelas janelas. O som constante da chuva, batendo como se caísse no bronze, tamborilava em nossos ouvidos.

— Não é um bom presságio para o restante da procissão — disse para Catherine e Helena, enquanto nos preparávamos para dormir. — Talvez devêssemos desistir. Já é bem difícil receber uma procissão real, mas, com o mau tempo, é uma tensão muito grande.

— É julho — disse Catherine. — E se não chover no décimo quinto dia? No Dia de São Swithin?

— Creio que você esteja certa — disse Helena. Sabia que estávamos com problemas.

— É melhor abreviarmos nossa viagem e voltar para casa — eu disse.

Catherine aproximou-se de mim e falou:

— Minha cara, eu gostaria de sugerir outra procissão mais tarde ainda este ano, uma em particular. Lembra-se que iríamos visitar Hever?

— Sim. Falamos sobre isso. Nunca fomos lá, mesmo sabendo que foi o local de nascimento de nossa mãe e avó. Obrigada por me lembrar disso. Não vamos nos demorar, vamos antes do inverno.

— Há mais alguém que deveria ir conosco, alguém que também pertence àquele lugar. — Seu rosto redondo, geralmente tão plácido, pareceu solene. — Você sabe quem é.

— Sim, Lettice — concordei.

— Ela é tão próxima a Hever e aos Bolena quanto nós.

Fechei meus olhos. A loba. Esposa do meu desespero e mãe da minha tristeza. Mas minha prima. O outono. Já era tempo? Já era tempo de aquilo tudo acabar? Eu disse a *sir* Thomas para “pensar antes de puni-lo. Lembre-se de sua juventude”. Será que era obrigada a obedecer às minhas próprias ordens? Não duraríamos para sempre, Leicester e Essex já não existiam mais, assim como os jardins suspensos. Logo, seguiríamos o mesmo caminho deles.

— Muito bem — finalmente eu disse. — Você pode enviar o convite — eu não podia fazê-lo, mas poderia deixar que nossa prima falasse por mim.

Depois de vários dias de chuva incessante, nós nos despedimos de Harefield. *Sir* Thomas me presenteou com uma capa multicolorida que representava um arco-íris.

— De são Swithin — brincou. — Pois não pode haver arco-íris sem a chuva.



**D**epois de ter dado ordens à Catherine, ou a minha bênção, para que ela desse prosseguimento ao convite para Lettice, não toquei mais no assunto. Voltamos para Greenwich e me ocupei com as funções habituais do reino. Sentindo-me tão vigorosa como fazia muito tempo não sentia, fui caçar após um passeio de quinze quilômetros, causando muitos comentários na corte. Anunciei que me sentia melhor do que quando tinha doze anos. Fui para a cama com a sensação de que nem mesmo precisava descansar.

Mas, quando acordei, ah, que diferença. Minhas pernas doíam e meus joelhos pareciam estar envoltos em uma cinta inflexível. Quanto aos meus braços, devia ter estirado meus ombros, pois sentia uma fisgada quando os levantava. Catherine, que fazia muito tempo já havia desistido das vigorosas caçadas, perguntou-me timidamente se eu me sentia tão bem ao me levantar do que quando fui para a cama na noite anterior.

— Nunca me senti melhor! — eu disse resoluta. — Na verdade, acho que eu deveria sair para uma longa caminhada hoje de manhã. Nunca me canso do ar fresco — então me forcei a caminhar rapidamente pelo meio do pomar, subindo até a colina atrás do palácio, deixando que

os cortesãos que passavam por ali vissem como Sua Majestade estava vigorosa naquela manhã. Parecendo que aquele era o meu objetivo.

O parque, com seus grandes carvalhos emoldurando ambos os lados do passeio, era imenso. Decididamente marchei, não querendo parar, mas minhas pernas estavam queimando. Fiquei intrigada com o tanto que o passeio de ontem havia me afetado, causando dores e dores por todo o corpo.

Chegando ao topo da colina, conseguia ver o rio lá embaixo, ver os palácios amontoados na margem e só podia ver Londres do outro lado, subindo o rio. Oficinas, estabelecimentos e casas, todos funcionando, criando os produtos e o comércio que fizeram daquela uma cidade próspera. E, naquele ano, nossa boa colheita devia acabar com a pobreza no campo, 1602 foi um ano bom. Por que eu temia o novo século?

Revigorada e com a rigidez e dores desaparecendo dos meus membros, voltei para o palácio.

Naquela noite, sentada tranquilamente no quarto privado com minhas damas, aproximei-me de Catherine, cuja cabeça estava inclinada lendo.

— Você escreveu a carta? — perguntei em voz baixa, para não ser ouvida pelas outras.

Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça: — Sim, cara prima.

— Teve resposta?

— Sim, enquanto você estava fora caminhando. Veio de Wanstead, local em que ela escolheu para se isolar.

— Deixe-me ver.

De forma obediente, Catherine levantou-se e foi até seu pequeno baú, tirando lá de dentro um envelope, com o selo já rompido. Sem dizer nada, ela me entregou.

Lettice pediria para ser dispensada. *Lady Essex, lady Leicester*, senhora Blount, alegaria problemas de saúde ou uma conversão à oração perpétua. E eu não teria que vê-la, não teria de agir diante do meu impulso em dirimir todas as

questões não resolvidas da minha vida. A vontade de fazê-lo, provocada por uma combinação de sentimento e medo do tempo que se esgotava, havia se dissipado. Eu não me sentia melhor do que quando tinha doze anos? Isso mudava tudo.

Abri a carta e li: “Lettice Knollys é grata em aceitar o gracioso convite de Vossa Majestade para visitarem juntas o castelo de seus ancestrais. Que Deus a guarde até o dia de nos encontrarmos lá”. Lettice Knollys, o nome de infância pelo qual eu a tinha conhecido. Ela estava deixando o resto de lado, como um vestido velho. Seria uma manobra?

Mas eu estava cansada de sempre tentar interpretar os motivos dos outros, sabendo que os meus próprios motivos já eram difíceis o bastante. Ela disse sim. Ela viria. Encontraríamos-nos no pátio em que nossos antepassados haviam brincado juntos quando crianças. Gostaria de tentar ver com os olhos da juventude, quando o mundo era fresco e imaculado.

Partimos num belo dia de outubro. As chuvas de São Swithin já haviam passado, mas seu legado eram as plantas verdejantes por muito tempo nos prados e na grama. Frutas tinham crescido generosamente e as maçãs daquele ano seriam maiores do que bolas de tênis, as peras seriam do tamanho de uma bolsa burguesa, amoras nas réstias seriam como globos brilhantes e doces. O castelo Hever estava a quarenta e cinco quilômetros ao sul de Londres, em direção a Kent, e a mesma distância da costa sul. Ficava em uma parte bendita e protegida do país.

Havia centenas, não, milhares de pequenos castelos e casas de campo no país. Não havia realmente nada de extraordinário ou incomum sobre o castelo de Hever. Minha mãe nasceu ali, meu pai veio atrás dela aqui no calor do seu ardor. Depois de seu quarto casamento fracassado com Ana de Cleves, ele veio atrás dela, mas ela nunca viveu ali. Ela preferia estar mais perto de Londres. Com a morte dela, foi comprado por uma rica família católica, os Waldegrave.

— Ela nos encontrará aqui? — perguntei a Catherine, pela quinta vez.

— Sim. Ela disse que era mais fácil vir diretamente de Wanstead, pois estava no lado leste de Londres.

Assim como eu, devia certamente estar nervosa por causa do encontro e tinha, sensivelmente, encurtado o tempo conosco ao vir sozinha até aqui.

— E quando ela planeja chegar?

— Ela disse que virá dia dezesseis.

Ainda era dia catorze. Teríamos tempo suficiente para explorar Hever sozinhas. Muito bem.

— Veja! Lá está ele! — Catherine sentou-se ereta e apontou para uma construção ao longe. O sol batia no fosso de modo que só dava para ver um retângulo, brilhando agudamente. O que ele emoldurava não estava visível.

Senti meu coração disparar. Meu pai costumava tocar sua corneta do topo, para que todos soubessem que ele estava quase lá. Senti-me apreensiva ao me aproximar. Eu não sabia o que iria acontecer.

Entramos lentamente no vale, atravessando a pequena ponte sobre o rio Eden e logo depois o reflexo do fosso deslocou-se para revelar as pedras do castelo com um brilho cor de mel, um brilho naquela pequena ilha construída pelo homem. Ele nos chamava, prometendo beleza promissora e segredos.

— Acho que encontramos Astolat — murmurou Catherine.

— Será que a Donzela dos Lírios estará lá dentro?

Era como sempre imaginei que um castelo Arturiano seria: pequeno, contido, requintadamente adorável, com uma torre alta por onde uma donzela poderia olhar para fora e ver seu cavaleiro lá embaixo.

— Não creio que sua avó Maria ou minha mãe se qualifiquem como donzelas dos lírios — disse, rindo, e assim o encanto se desfez. Dentro daquelas paredes viveram duas meninas muito humanas, nenhuma delas morreu por amores perdidos.

Passamos, fazendo barulho, pela pesada ponte levadiça de madeira, nossos empregados vinham logo atrás. À frente, surgiu o grande portão com as grades triplas, que estavam erguidas, mas com as lanças afiadas.

*Sir* Charles Waldegrave, o atual proprietário, estava de pé na porta para nos receber. Era um homem alto e muito sério. Ele se curvou, mais do que o necessário. Levou nossos cavalos, entrando no pátio pelo espesso portão.

Havia pouco espaço no pátio. Ele tinha diminuído quando apartamentos modernos, usando as antigas muralhas defensivas, foram construídos. Estruturas de enxaimel rodeavam o pátio, fazendo com que parecesse uma rua estreita de Londres.

Parei por um momento e fiquei olhando. Será que já estive aqui antes? Parecia familiar. Mas, assim que pensei nisso, a lembrança desapareceu.

— Fico honrado em recebê-la — Charles dizia. — Quanto tempo faz que não visitam este local familiar?

— Uma vez, quando era ainda muito jovem, vi do lado de fora, mas foi só isso — disse Catherine.— Nasci depois que a família já havia saído daqui, mas permaneceu em nossa imaginação.

— Eu posso ter vindo aqui uma vez — disse a ele. — Mas como e quando não sei dizer. — Será que vi Maria Bolena aqui? Será que ela me trouxe aqui para ver meus avós? Eles morreram não muito tempo depois de minha mãe. Seria por isso que era tão vago para mim?

— Se as pedras pudessem recontar suas histórias... — ele sorriu. — Permitam-me mostrar seus aposentos. Já aviso, apesar de Hever ter abrigado uma rainha, isso foi antes de ser rainha, por isso não é tão majestoso...

— Você não precisa se explicar, *sir* Charles — garanti a ele.

Ele nos alojou no segundo andar da ala oeste, com vista para o pomar e para os campos adiante. Era confortável e aconchegante. Nós mesmas nos instalamos. Nossos

empregados seriam alojados depois do fosso, nos prédios adjacentes. Estávamos sozinhas, ou com o máximo de solidão que uma rainha e sua prima podem ter. Os cobertores bem dobrados, uma jarra e uma bacia para nossas necessidades da maneira mais simples. Um castiçal simples sobre uma mesa polida.

Andei pelo quarto para ver o tamanho.

Algo no espírito de minha mãe queria que ela voasse para longe daquele conforto caseiro e daquela segurança, em busca de aventura. Não foram seus pais que a levaram, mas ela mesma.

E Maria, sua irmã, progenitora de Catherine e Lettice? Ela deve ter dançado e dormido com reis, mas havia se contentado mesmo com um soldado desconhecido no final. Ela tinha escapado da ignomínia, mas também com uma fama imortal.

A escolha de Aquiles: vá para Troia, tenha uma vida breve, mas fama eterna, fique em casa, tenha uma vida longa, segura e sem problemas, mas seja esquecido. Minha mãe e Aquiles tinham escolhido a vida breve, mas emocionante. Quando ela nasceu, ninguém percebeu e ninguém tinha certeza da data. Quando ela morreu, todo mundo soube. Eu teria feito a mesma escolha.

— Obrigada, mãe — eu murmurei. — Obrigada por sua coragem.

Passamos uma noite repousante. Havia ainda mais um dia antes de Lettice se juntar a nós. Exploramos a casa e perguntamos a *sir* Charles sobre os registros. E, enquanto as sombras dos antigos donos seguiam nossos passos, outros vinham atrás.

— Lettice chegará amanhã — disse Catherine assim que nos preparamos para dormir.

— Eu sei — eu disse.

— Você está pronta para recebê-la?

Tão pronta quanto meu pai quando cavalgou até Hever, suponho.



— Sim — respondi. Assoprei para apagar as velas e fechei as cortinas do dossel.



**D**ormi mais profundamente do que eu tinha pensado ser possível dentro daquelas paredes velhas. Não fui incomodada por fantasmas nem por sonhos e acordei pouco antes do amanhecer, quando os fantasmas já teriam desaparecido.

Pensei sobre o encontro com Lettice depois de tanto tempo. Um dia já gostei dela, minha prima mais nova? Um dia ela esteve bem próxima a mim. Conheci-a quando criança, seu cabelo vermelho flamejante nos ligava, assim como seu espírito e ousadia. Ela se parecia mais comigo do que a minha meia-irmã Maria, que naquela época eu estava tentando acalmar e tranquilizar. Lettice não teve que fazê-lo, seus pais deixaram a Inglaterra em vez de se submeter ao catolicismo reintroduzido. Como herdeira do trono, não tive esse luxo. Tive que ficar aqui e sobreviver.

Quando foi seguro voltar, a família Knollys voltou. Lettice estava com quinze anos. A menina que veio para a corte, para servir como minha dama de honra, não era mais aquela criança encantadora que tinha ido para a Europa protestante, agora ela era sensual e maliciosa. Passava o tempo na corte tentando conquistar os homens, e logo estava casada com Walter Devereux, o futuro conde de Essex. Se ela fosse como a maioria, teria perecido.

Mas ela não era como todas as outras.

Precisava vê-la, aquela criatura a quem meu Robert Dudley dera tanto carinho, aquela prima renegada que, no entanto, me espelhava de muitas maneiras. E, juntas, precisávamos tocar a base da qual ambas surgiram e que explicaria muita coisa. Foi por isso que vim.

Enquanto esperávamos, Catherine e eu cruzamos a ponte levadiça para passear pelos jardins externos. A água vinha até a base dos muros, fazendo com que o castelo parecesse flutuar. Em terra firme, mais adiante do fosso, havia um pomar e um jardim formal, com canteiros de flores e um relógio de sol no centro.

— O que seu pai lhe contou sobre Hever? — perguntei a ela.

— Ele não era do tipo que descrevia casas — ela disse. — Ele apenas dava um sorriso quando falávamos sobre isso.

Eu queria detalhes, lembranças.

— É um belo cenário — falei. — É difícil imaginar o que levou todos a saírem daqui. Mas a corte é um gaiteiro, tocando melodias que apenas alguns conseguem ouvir. — Essa era a diferença real entre as pessoas que ouviam, que eram suscetíveis às suas promessas brilhantes e aqueles que eram incapazes de ouvir.

— Ela está vindo — *sir* Charles veio nos dizer. — Da torre, vi um cavaleiro na estrada, aproximando-se lentamente. Creio que seja ela.

Era metade da tarde. Catherine e eu ficamos com nosso anfitrião e esperamos. Finalmente, uma nuvem de poeira leve sinalizava a aproximação de alguém e um cavalo pardo surgiu, o cavaleiro acenava, com a mão no chapéu. Estava vestida toda de preto. Atrás dela, vinha um empregado.

Os empregados correram para recebê-la e levar o cavalo. Ela desceu do cavalo e caminhou em nossa direção. Estava tensa. Ela já não era mais jovem, mas ainda não tinha

cruzado a linha que a transformava em idosa. Sua expressão era uma máscara e o sorriso que ela deu quando chegou mais perto parecia tão falso quanto um desenho numa folha de papel.

Ela fez uma reverência, levantando o chapéu. As plumas negras esvoaçavam.

— Majestade —, ela disse, permanecendo curvada.

— Por favor, levante-se, prima — eu respondi.

Ela o fez e ficou ali, parada, olhando para mim, cara a cara. Em seguida, ela deu um sorriso verdadeiro e seu rosto ficou fluido.

— Catherine. Majestade.

— Bem-vinda — disse *sir* Charles. — Estou honrado que tenham vindo se reunir aqui.

— É você que nos dá essa honra — eu disse. — Esta casa tem estado fechada para nós desde que nos espalhamos em várias direções. Agora era hora de voltarmos para casa.

Ficamos ali paradas, sem jeito, até que *sir* Charles falou:

— Terei o prazer de mostrar-lhes cada canto daqui. A casa tem muitos segredos.

Enquanto ele conduzia a empregada de Lettice para seu quarto com a bagagem, virei-me para ela. Decidi não comentar sobre o luto, mas tínhamos um contraste estranho, pois eu estava toda de branco, minha cor “favorita”. Ambas igualmente ostentando os cabelos ruivos. Sua escolha sinalizava luto, a minha virgindade, as duas únicas cores que serviram de rótulos definitivos para que os outros pudessem ler.

— Vamos nos sentar? — Vários bancos estavam espalhados pelo jardim, procuramos um que estivesse sob a sombra de uma figueira. — Você deve estar cansada — eu disse a Lettice. — Prefere descansar no seu quarto?

Ela inclinou a cabeça e falou:

— Não, ainda não estou tão cansada. — Ela andou até o banco com a postura totalmente ereta.

Assim que nos sentamos sob a árvore, vários pássaros saíram em revoada, levantando-se com uma corrida de asas.

— Eu faria um comentário sobre três gralhas velhas assustando pássaros alegres — disse Catherine. — Mas temo que possa parecer rude.

— Tem permissão para dizer o que quiser — eu disse. — Lettice, você concorda?

— Sim — ela falou, mas seu tom de voz era gélido.

— Muito bem, então! — disse Catherine. — É triste que, primas que somos, Lettice, eu não me lembre da última vez que a vi.

— Também não me lembro. — Seguiu-se um silêncio. Um silêncio diplomático, pois ela sabia muito bem quando fora o último encontro.

Aquilo era ainda pior do que tinha imaginado. Por que me deixei influenciar por Catherine? Gostaria de mergulhar, quebrar a barreira, para o melhor ou para o pior.

— Eu me lembro — falei. — Foi quando você me abordou no corredor de Whitehall e tentou me dar um presente.

Como eu sabia que aconteceria, ela mordeu a isca:

— Abordei você? Você tinha me evitado, me insultado, após o seu convite para me encontrar com você. — Os olhos debaixo da aba do seu chapéu se estreitaram.

— O convite que fui forçada a prorrogar por causa de seu filho rebelde, que nunca soube quando parar e desistir. Você já ouviu falar do velho ditado: “Pode-se levar um cavalo à água, mas não se pode fazê-lo beber”? Eu queria ensinar ao seu filho a lição. Infelizmente, ele tinha dificuldades de aprendizagem.

— Não vim até aqui para ouvir o meu filho ser insultado — ela se levantou.

— Sente-se, Lettice — eu disse. Como era bom ser rainha e poder dar ordens. Ela se sentou. — Não quero insultar ninguém. Ele era teimoso, como ambas sabemos. Mas ele era fiel à sua mãe, considerava seus sentimentos, e honro

isso. Tantos filhos desobedecem ao quinto mandamento. Ele não o fez, e ambas apreciamos o significado disso.

— Mas, antes do encontro no corredor, não consigo me lembrar de quando foi a última vez que a vi — disse Catherine, sempre pacificadora.

— Não frequento a corte desde 1578 — ela disse. — Dez anos antes da Armada.

— Então devemos tentar lembrar de nossos encontros na infância — eu disse. — E foi por isso que viemos aqui. Lettice, sua mãe alguma vez falou desse lugar?

Lettice sorriu pela primeira vez. Será que estava aliviada pelo óbvio ter sido declarado e tudo ter finalmente acabado?

— Sim. Em suas lembranças, foi uma época idílica. O interior, as borboletas, os campos, os cavalos, os falcões. Quando o pai dela, William Carey, morreu, ela tinha apenas quatro anos. Ela se lembrava dele brincando de rodopio com ele em meio às flores silvestres e dos pés dela voando. Você foi a única a conhecer Maria Bolena — continuou Lettice. Ela estava falando comigo. — Você era a única de nós que já tinha nascido.

Será que ela estava me fazendo uma pergunta? Enfatizando a minha idade?

— Sim, eu a conheci. Depois que... depois que perdi minha mãe, fui levada de uma casa para outra. Às vezes, era levada para a corte para ver meu pai e sua nova esposa. Passava a maior parte do tempo no interior, longe de onde pudessem me ver. Eu adorava a tia Maria Bolena. Ela era carinhosa e encorajadora e eu queria chamá-la de “mãe”. Ela tinha um jeito de me olhar, prestando atenção, que confundia a minha cabecinha. Ninguém prestava atenção em mim naqueles tempos.

— Bem, tudo foi compensado agora! — disse Lettice.

A observação ousada me fez rir, não me zanguei. Fiquei aliviada por ela se sentir livre para dizê-lo. Estávamos finalmente abrindo espaço.

— Acho que esses primeiros vinte e cinco anos de andanças me prepararam bem para a bajulação que estava por vir — eu falei. — Deveria ser uma exigência para os governantes: ser castigado, ignorado e insultado. Isso nos ensina a pesar a adulação que vem com o cargo, para saber o seu verdadeiro valor.

— Ela era... ela era bonita? — perguntou Lettice. É claro que ela queria saber isso.

— Para mim ela era. Mas ficaria sempre do lado dela por causa de sua bondade comigo. Lembro-me que ela tinha cabelos dourados, incomuns para um adulto. E que sua pele era requintada, pálida, mas de uma matiz sem manchas. — Parei para pensar e disse: — A voz era baixa, confidente — fiz uma pausa. — Lamento muito que você nunca a tenha conhecido. No entanto, vocês duas carregam seus traços. Catherine, sua voz é muito parecida com a dela e tem a sua bondade. Lettice, ela era uma encantadora de homens, e você também é.

Lettice riu.

— Não estou nessa categoria — ela disse. — Ela entregou-se a dois reis e teve dois maridos.

— E que dois reis! — gritou a normalmente calma Catherine. — O jovem Francisco, rei da França, e o rei da Inglaterra!

— Sim, e em pouco tempo — admitiu Lettice. — Isso lhe rendeu má reputação. Você sabe como os franceses são. Mal levam você para a cama e, em seguida, descartam-na e zombam de você.

— Experiência própria? — provoqueei-a. Eu... provocando Lettice! Um milagre, um milagre realizado por Catherine.

— Não, fiquei bem longe dos franceses. Estava satisfeita com os ingleses.

— E eles estavam satisfeitos com você — eu disse. — Um bom negócio — ri. — De qualquer forma, você teve três maridos. Então, você não precisa se desculpar por ficar atrás dela.

— Era uma competição? — ela perguntou.

— Sempre — eu disse. — Sempre tentamos deixar nossos antepassados para trás.

— E você fez isso? — ah, ela era ousada.

— Perguntar-me isso parece ser pouco apropriado — eu falei. — Mas permita-me dizer que, meu pai, que nunca imaginou que eu chegaria ao trono, ou que imaginou que, caso chegasse não conseguiria mantê-lo, ficaria surpreso se pudesse nos visitar agora. E satisfeito.

— Ele ficaria admirado! — disse Catherine.

— Não creio que meu pai ficaria admirado de sua própria filha — eu falei.

— Mas eu queria poder vê-lo, poder mostrar a ele o que eu fiz seguindo seus passos.

— Ele ficaria admirado — insistiu Catherine.

— Nunca saberemos — respondi. Essa era a tristeza, a última barreira da morte. Podemos imaginar, mas nunca saberemos.

— Ela deixou algo para você? — perguntou Lettice.

— Não — disse Catherine. — No momento em que ela morreu, tinha pouco para legar aos netos. Era esposa de um homem pobre. Na verdade, ela herdou as terras e as mansões em Essex dos Bolena, mas isso não é algo que se deixa para uma criança.

— Ela deixou algumas coisas pessoais para minha mãe — observou Lettice. — Vestidos, cartas, um colar, como você bem sabe!

— Lettice, lamento por aquilo — eu disse. — Fui mal-educada e peço desculpas.

— Está tudo bem — ela aceitou. — Fiquei feliz em poder ficar com ele.

— E se eu quisesse agora?

Ela me olhou nos olhos e disse:

— Eu diria que “Quem não quer quando pode, não poderá quando quiser”. A senhora é uma apreciadora de ditados, não é?

— E agora você os usa contra mim — falei. — Assim como você o faria. Um presente pode ser oferecido apenas uma



vez. E, como eu lhe disse, tenho um colar parecido. E eu o trouxe — admiti. Pareceu apropriado, pois eu estaria no lugar de onde ele se originava.

— Eu também — ela disse.

— Vamos usá-los juntas — falei. Estendi a mão e toquei seu braço: — Eu gostaria muito disso.

Leicester, Essex, meu pai, todos os homens que nos separaram pareciam fantasmas, sempre presentes, mas impotentes.

Catherine olhou de lado a lado.

— Somos três categorias de feminilidade — disse ela. — Uma de nós teve três maridos e enviuvou três vezes. A outra é solteira e uma virgem pura. E eu sou casada com o mesmo homem há quarenta anos, que se completarão na próxima primavera. Quais outras variações podem haver?

— Acho que não há mais — disse Lettice. — Vocês duas estão felizes e podem recomendar o caminho que trilharam. Mas, ser viúva três vezes, não. Se ser encantadora de homens leva a isso, eu não desejaria que essa característica fosse passada adiante. Infelizmente, minha filha Penélope herdou-a na íntegra. Parece irreduzível conforme passa de geração para geração.

Catherine ficou em pé.

— Preciso descansar — ela confessou. — Podemos nos encontrar de novo no jantar.

Sua brusquidão me intrigou. Ela parecia não estar bem. Talvez quisesse deixar que Lettice e eu ficássemos sozinhas. Ela seguiu pelo caminho de cascalho do jardim em direção à casa.

Lettice ecoou meus pensamentos.

— Ela quis nos deixar a sós.

— Talvez. Ele não parecia cansada, mas...

Lettice aproximou-se de mim. Olhei para seu rosto. Mais velha, mas ainda adorável. Bem, é assim que a natureza age. Ela recai lentamente.

— Você é uma mulher bonita, Lettice — eu disse. A mais bela de nossa família.

— Muitas coisas boas já me trouxe! — ela concluiu.  
— Eu discutiria o que já lhe fez muito bem — respondi.  
— Como quiser — ela disse.  
— É melhor ser bonita do que ser feia — falei. — Deve haver um versículo da Bíblia sobre isso, mas deixe para lá. Nós todos sabemos que é verdade.  
— Você me inveja — ela afirmou.  
— Invejo seu rosto — eu disse.  
— Bem, agora está sumindo — ela disse.  
— Mas somente depois de ter lhe dado prêmios — eu reconheci.  
— Ah, Elizabeth! — ela falou. — Isso foi há tanto tempo. Tudo isso. Eu tinha meu rosto, você tinha seu cargo. Eu preferia ter sido rainha a ter enfeitado homens ou ter sido mãe de filhos perdidos.  
Sim. Eu também. Minha sorte foi melhor.

Naquela noite, *sir* Charles e sua família nos convidaram para um jantar formal. No salão de jantar, tomamos nossos lugares à mesa, reluzente com velas. *Sir* Charles havia criado uma cadeira estilo trono para mim na cabeceira.

Do outro lado da mesa, e um pouco mais distante, Lettice estava usando o seu colar B, assim como eu. Jeromina, a esposa de Charles, comentou sobre eles, dizendo que ela sentia que os Bolena estavam conosco esta noite.

— Minha esposa vê fantasmas — disse *sir* Charles. — Ela tem propensão a uma imaginação fervorosa. Não liguem para isso, mas muitas vezes sinto a presença deles.

— Amanhã, meu bom *sir* Charles, você tem que nos mostrar algumas lembranças.

— Você está cercada delas agora — ele disse. Ele apontou para as paredes, enfeitadas com chifres e troféus de caça. Eles fazem sombras alongadas à luz das velas, alcançando o teto, como os ramos de inverno.

Caças perdidas, triunfos esquecidos. Meu pai adorava caçar. Mas não foi a caça que o trouxe para Hever. Ele havia perseguido minha mãe, enviando cartas apaixonadas,

secretamente, ele presumia. Minha mãe guardara todas, alguém as havia roubado e as vendido ao Vaticano.

Depois do jantar, voltamos aos nossos quartos, escoltadas pelos corredores escuros por lamparinas.



**Q**uando acordei, fiquei surpresa ao ver Catherine já sentada e costurando à luz da manhã bem cedo. Ela parou várias vezes para esfregar a testa, como se estivesse sentindo alguma coisa debaixo da pele. Assim que ela me viu olhando, levantou-se e veio para minha cama.

— Você não dormiu bem, Catherine? — perguntei. — Os fantasmas incomodaram você?

Ela sorriu.

— Não — ela esfregou a testa novamente. — Só uma dor aqui, atrás dos olhos.

— Então você é uma boba de continuar costurando — eu disse. — Sabe-se que um trabalho tão preciso dá dor de cabeça.

— Deixarei de lado, então — ela concordou. — Nunca gostei de bordar, principalmente porque não era boa naquilo.

— Não tem nada a ver com sua personalidade — garanti a ela. — Além do mais, a rainha dos escoceses era uma costureira fantástica.

No quarto ao lado, podíamos ouvir Lettice se movimentando.

Depois do café da manhã, conduzindo-nos como crianças, com os mais novos a tiracolo também, *sir* Charles mostrou-nos as partes mais antigas do castelo.

— Não tão bonita — disse ele. — Mas os filhos e netos da família Bolena adoravam brincar nos antigos quartos, assim me disseram. A antiga cozinha, ao lado da sala de jantar, tinha um poço profundo. Os cozinheiros tinham de pedir uma capa grossa e forte para cobri-lo, porque Ana, Maria e Jorge gostavam de se pendurar sobre a borda e descer em baldes de brinquedo, eles tinham medo que um deles caísse lá dentro.

Ele nos conduziu pelo pátio em direção ao portão grande com suas grades levadiças.

— Agora, aqui era o preferido deles — disse ele. — Esse antigo forte tem três andares e em cima há duas câmaras. Venham! — ele nos levou até uma escadaria de pedra em espiral, num patamar e, em seguida, uma escada estreita acima até as ameias. Quando saímos, pudemos ver muito além dos campos e colinas. De fato, estar em cima da fortaleza era se sentir invencível.

Agora sim era possível discernir a disposição dos jardins e do pomar lá embaixo. Cercas espessas, paliçadas de madeira e paredes de tijolo cercavam pátios de tamanhos variados. Eles se espalhavam para muito mais longe do que eu tinha percebido.

Lá fora, novamente, *sir* Charles nos contou sobre os pátios, mencionando que havia um jardim murado e desprezado do outro lado do pomar.

— Tenho que lhe dizer, embora isso faça parecer mais emocionante do que provavelmente é, que por muito tempo não conseguíamos encontrar a chave dessa porta. A princesa Ana de Cleves nunca tinha ido lá e um de seus empregados disse a meu pai que uma cláusula de doação régia do rei do castelo dizia que ela não podia visitá-lo nem interferir no jardim. Ela ficou muito feliz em obedecer. Finalmente, localizamos a chave, em uma fenda sob o parapeito da janela no quarto de Ana. A proibição estrita da

entrada para o jardim fazia muito tempo já tinha expirado, juntamente com o rei e com Ana, de modo que nos sentimos livres para ir até ele. Não havia muito por lá depois de quarenta anos. Tudo coberto. Fechamos o jardim e o deixamos lá. Jeromina tinha ambições de replantá-lo, mas... — ele deu de ombros.

— Onze crianças tomam a atenção dela — disse Lettice.

— Pode-se dizer isso também — ele disse.

— Pegue a chave, *sir* Charles. Nós gostaríamos de vê-lo — eu falei. Senti que havia algo lá dentro que eu deveria ver.

— Se a senhora quer — ele disse, suspirando. *Velha tola*, ele estava sem dúvida pensando. Talvez sim, mas uma mulher determinada.

Caminhamos pelas trilhas calçadas e passamos pelos jardins geométricos ordenadamente dispostos e abertos ao sol. Os quatro pomares, de pera, maçã, ameixa e nêspera, sem frutos agora, agitaram-se quando passamos, como se perguntando o que procurávamos lá. Lá, onde terminavam, uma parede de hera surgiu. Era tão alta que não podíamos ver sobre ela, mas baixa o suficiente para que as árvores fossem visíveis lá dentro.

— Mas que coisa, a hera cobriu a porta — *sir* Charles mergulhou suas mãos e tateou a porta sob as folhas. — Ah... — ele tateou ao longo dos tijolos por baixo até que sentiu a madeira: — Aqui está — ele puxou os tentáculos da hera, rasgando-os no local em que cobriam a porta. Por fim, uma porta desaparecida e deformada se revelou. Era bastante baixa.

— Creio que o jardim inicialmente foi construído para as crianças, com tudo sendo projetado para o tamanho delas — ele disse. Ele se atrapalhou com a chave, esforçando-se para fazê-la girar. Finalmente conseguiu, com um chiado e uma chuva de ferrugem caindo do buraco da fechadura. Ele empurrou, a porta estremeceu, mas recusava-se a se mover. Ele apoiou o ombro contra ela e empurrou. Ela se abriu alguns centímetros, uma ostra relutante em abrir.

— Difícil! — eu disse, colocando minhas mãos na porta com ele e empurrando com toda a minha força. Lentamente ela cedeu espaço, com o ângulo de abertura crescendo cada vez mais como se remove-se uma laje do seu limiar.

Finalmente se abriu, revelando um emaranhado de arbustos e árvores em seu interior, um tapete de folhas caídas e velhas, paredes de tijolos vermelhos com a parte de cima coberta de musgo cercado tudo. Raios de luz solar amarela recaíam como cortinas veladas pelo entrelaçamento dos ramos das árvores. Era um lugar silencioso e sagrado.

— Eu quase acredito que posso ver a Corça de Cerineia de Ártemis aqui — sussurrou Catherine. — Atrás daquela moita.

— É um truque da luz dourada do sol — disse Lettice. — Ele doura nossa imaginação, assim como os ramos.

— Irei deixá-las aqui — *sir* Charles falou. — Talvez queiram privacidade. Ah, deixe-me salientar que existe um banco de pedra defronte daquela parede, que agora está escondido atrás das trepadeiras. O lugar tem ainda mais mato do que quando o vi pela primeira vez.

Ele saiu rapidamente.

— Vocês perceberam como ele queria sair logo daqui? — perguntou Catherine.

— Ou ir para longe de nós — disse Lettice.

— Ou as duas coisas — eu observei. — Não importa. Agora que ele nos trouxe aqui, é melhor ficarmos sozinhas — andei por lá, tomando cuidado com o terreno irregular. Vi algumas pedras pavimentando o chão, escondidas sob as folhas caídas, mas elas estavam retorcidas e invertidas por causa dos anos de geadas e degelos. Logo deu para ver os contornos de velhos canteiros, cercados por tijolos. Estranguladas por vinhas, algumas rosas antigas caíram, desgrenhadas e pálidas, as pétalas espalhadas no chão à sua volta.

— Ah, vejam! — Catherine estava em pé na borda do que tinha sido um lago. Tinha evaporado e secado, lama seca

cobrindo a parte inferior. — Um dia devia haver aqui vitórias-régias — disse ela.

— Há ainda alguns lírios da terra — disse Lettice. — Vi alguns aqui, perto da parede.

Aos poucos, a imagem do antigo jardim começou a se revelar. No centro, o lago, sua superfície coberta por vitórias-régias e flores. Contra as paredes, rosas e lírios. Um banco de pedra sob um pavilhão em uma extremidade. Espreitando pelos arbustos, pude ver um toco do pedestal de um relógio de sol.

— Uma estátua! — disse Lettice. — Aqui, coberta por trepadeiras e espinheiros. — Ela os rompeu, cortando as mãos nos espinhos ocultos.

— Ah, minha querida, devíamos ter usado luvas — disse Catherine. — Deixe-me ajudá-la.

Mas Lettice disse:

— Não, não, não é necessário — ela puxou as últimas videiras, revelando uma estátua de pedra, já em ruínas, de uma jovem colhendo flores, mas olhando por cima do ombro em perigo. Uma ou duas das flores estavam caindo de suas mãos. Ela estava na ponta dos pés.

O rosto da menina era diferente, mas muito jovem. Ela estava numa idade entre menina e mulher.

— Há mais alguma coisa ali — perguntei.

— Nada, mas... — ela deu um passo e olhou atrás da estátua. — Há a base de outra estátua aqui.

Catherine e eu nos aproximamos dela, usando ramos para bater nas ervas daninhas e trepadeiras. Em seguida, uma escultura caída se revelou. Estava quebrada em três partes, mas a parte inferior tinha rodas e a parte superior representava a cabeça de um homem.

— É Perséfone — lembrei-me. — Ela estava colhendo flores da primavera e então Plutão em sua carruagem capturou-a. Esse deve ser Plutão, dividido em três partes atrás dela.

— Bem feito para ele — disse Lettice com uma risada.



— Olhe, você pode ver a implacabilidade feroz em seu rosto — disse Catherine. — Ele estava determinado a possuí-la. — O rosto magro de queixo quadrado, abandonado no chão, olhava resolutamente para a sujeira e as pedras na frente dele.

— Talvez os canteiros tenham flores de Perséfone — eu disse. — Hesíodo conta que ela estava apanhando crocus,<sup>26</sup> jacintos, violetas, rosas, narcisos e lírios. Se limparmos os canteiros e esperarmos até a primavera, provavelmente floresceriam. Se alguma delas sobrevivesse. Mas percebemos que as rosas e os lírios conseguiram.

Catherine colocou a mão na garganta como se não conseguisse respirar. Ela empalideceu e depois disse:

— Lembro... e entendo agora. Meu pai me disse uma vez que havia um lugar, um lugar em que cada uma das irmãs havia encontrado o rei secretamente e flertado com ele, e que a mãe dele esteve lá primeiro e depois passou para a irmã dela... e que, como era uma lembrança cruel para os pais, ordenaram que fosse destruído, mas em vez disso foi trancado. E ele e a irmã entraram furtivamente lá uma vez e levaram uma surra terrível. Ele disse: “Era um jardim de Hades, é o que era”. Eu não entendi. Ele não queria que eu entendesse. Era como se ele estivesse falando para si mesmo.

— Hades. Um jardim de Hades, onde Plutão desceu e os levou, primeiro Maria Bolena e, em seguida, Ana — concluiu Lettice. Seu rosto ficou quase tão branco quanto o de Catherine. — Eles não podiam protestar abertamente, de modo que falavam por meio dessas estátuas. O rei estava muito obcecado, ou muito esquecido, para notar algo tão sutil.

Sim, o rei poderia ser assustador. Eu tinha experimentado isso quando criança, quando ele estava velho e doente e lutava contra seus demônios. Mas nunca tinha pensado nele sendo assustador enquanto jovem, eu tinha visto muitos retratos e lido muito sobre as glórias de sua juventude. E, como rainha, talvez eu tivesse esquecido ou quis esquecer,

o terror que o poder de um governante pode induzir. Nunca havia pensado que para as irmãs Bolena ele poderia ter sido como Plutão, voando em sua carruagem, capturando-as e pisoteando-as.

Eles haviam convertido o jardim de seus filhos em um lugar para encontrá-lo, cercado, longe da vida cotidiana. Mas recebê-lo ou não, não era uma escolha. Sua única escolha era o local.

E foi aqui, então, que o coração e o centro do namoro com ele estava enraizado.

— Talvez estivesse — eu disse, sentindo a necessidade de defendê-lo. — Mas era tão impotente em sua necessidade quanto elas eram impotentes para protestar.

— Esta é uma interpretação lisonjeira — disse Lettice, olhando incisivamente para mim. — Talvez você diga isso porque ele fez de sua mãe a rainha.

— Talvez você o devesse perdoar porque sua mãe morreu na cama dela — respondi.

— Primas! — disse Catherine. — Os mortos se foram e nada sentem. Nós não precisamos ficar com raiva em nome deles. Já passou. Sabemos que os deuses, e o amor, podem induzir à loucura. Venham, vamos encontrar o tal banco que *sir* Charles nos falou antes que escureça.

As ervas daninhas eram muito espessas naquela parte do jardim, a parede absorvia a luz solar e aquecia a área. Parecia haver uma treliça ou pérgola contra ele, envolvido por vinhas espessas, suas extremidades se arrastavam como uma cortina frágil.

— Deve estar ali embaixo — eu disse, apontando para ele.

— Tudo o que vejo é um monte de videiras mortas — observou Lettice com o cabelo desganhado por causa de seus esforços para limpar a estátua e com o suor brilhando em seu rosto.

— Vou limpá-lo — falei. — Você já fez a sua parte.

Cautelosamente, escolhi meu caminho até lá, tomando cuidado para não enroscar a bainha do vestido nos

espinheiros. Ou pequenas criaturas correndo para o meio do mato. Esperava que não houvesse cobras.

Algo esperava sob a vegetação morta, senti a pedra debaixo dos caules. Com cuidado, puxei aquilo que recobria, revelando um banco finamente esculpido com pés em forma de patas de leão. O encosto curvado, com uma inscrição, nos chamava.

— Aqui eles se sentavam — eu disse. Eu estava inesperadamente muito confusa naquele lugar retirado, que não figurava nos registros ou nas fofocas do palácio. Era como se eles tivessem enganado a história, mantido algo longe de todos os cronistas e trovadores. Aquele lugar era *deles* e de mais ninguém.

— Você consegue ler? O que diz? — perguntou Catherine.

Limpei as letras cobertas de sujeira com meus dedos.

— Não. Está turvo. Precisamos limpar. — Pegamos galhos e começamos a raspar, tirando a sujeira e esculpindo novamente as letras. Gradualmente se revelou.

— O esconderijo do amor — eu li.

Esperei que Lettice risse ou zombasse. Em vez disso, ela ficou em silêncio.

— Eles acreditavam nisso — falei. — O que quer que tenha acontecido depois, aquele momento em suas vidas ficou intocado.

Aí sim veio o comentário de Lettice:

— Para ele.

— Não, para todos eles. — Minha querida Catherine, a apaziguadora. — Eles eram jovens. Tudo o que vemos, sabendo como terminou, eles não viam. Temos que honrar aquela inocência.

Lettice riu.

— Maria Bolena dificilmente seria considerada inocente — disse.

— Mas ela *era* inocente — insistiu Catherine.

— Acreditarei nisso — disse Lettice. — Estou cansada de ouvir dizer que minha avó era uma vadia. Ou uma tola.

— Ela não era nada disso. Você já suportou isso tempo demais — concluí.

— Vamos nos sentar aqui e ficar com eles um pouco. — Era o mais próximo que poderíamos chegar.

Limpamos o banco e nos sentamos juntas. Acima de nós, as velhas treliças nos protegiam da brisa que surgira, suas videiras mortas balançando, murmurando.

Recostei-me, sentindo aquelas letras contra minha coluna. *O Esconderijo do Amor*. Senti o pequeno anel de ouro no meu dedo mindinho, o que eu usava há sete anos. Tirei-o e ele deslizou sobre meus dedos grossos. Finalmente, eu o segurava entre o polegar e o indicador.

— Lettice, isto é para você. Seu filho me deu quando fomos ao País de Gales — Verdejantes Gales. *Dwi yu dy garu di*. Entreguei a ela.

Ela pegou o anel, esforçando-se para vê-lo na luz fraca.

— Você continuou usando? Mesmo depois...?

— Ele estava próximo do meu coração. Isso nunca mudou.

Ela o colocou em seu dedo. — É raro receber um novo presente de alguém assim tanto tempo depois do fato consumado.

— É de nós duas. Ele gostaria que você ficasse com ele. E quero que você saiba que meu carinho por ele nunca acabou. Foi uma tragédia. Todos devemos seguir nossos caminhos. Até mesmo uma rainha não pode afastar-se do seu. Uma rainha, às vezes, menos do que qualquer pessoa. No fim do caminho, talvez, esteja a compreensão.

— Obrigada — ela disse, não senti nada oculto em sua voz. Em seguida, ela colocou as mãos atrás do pescoço e se atrapalhou com um fecho. Lentamente, ela retirou o colar B, que estava escondido sob o corpete. — Catherine, eu quero que você fique com isso — disse ela. — É hora de eu dá-lo a alguém. Você vai apreciá-lo mais do que minhas filhas ou netos. Tome, fique com ele — ela entregou-lhe o colar.

Antes que Catherine pudesse responder ou dizer não, Lettice virou-se para mim.

— Prometi nunca deixar que você visse isso ou mesmo soubesse disso. Era minha vingança. Mas agora não tem mais sentido. Você deve ficar com isso.

— Ela retirou um envelope dobrado e enrugado de uma bolsa velha que carregava e entregou-o para mim.

Peguei-o, não entendendo do que se tratava. Estava muito escuro para ler. Olhei de todos os lados.

— É uma das cartas particulares do rei para Ana Bolena — ela revelou. — O espião do Vaticano não conseguiu todas. Algumas foram confiadas à Maria Bolena, embora esta seja a única sobrevivente do lote. Eu disse que ela deu à minha mãe algumas coisas pessoais e minha mãe passou-as para mim. Vocês merecem isso.

— Não sei o que você quer dizer — eu disse.

— A esposa do meu filho, amando-o e querendo ajudar, reuniu documentos de família enquanto ele estava prisioneiro na York House. Ela tinha medo que algo pudesse incriminá-lo, então ela confiou tudo a uma empregada, Jane Daniel. Lembra-se agora?

— A chantagista — lembrei. — Essa Jane tinha um marido louco por dinheiro, aí então ele reteve os documentos e pediu pagamento.

— A quem Vossa Majestade graciosamente puniu e devolveu os papéis intocados para Frances, bem como a multa que ele pagou. Dentro daquele maço de papéis estava essa carta. Agora é sua.

— Ah — aquele tesouro de valor inestimável! Uma troca secreta e sem censura entre minha mãe e meu pai, no tempo da esperança de suas vidas. — Agradeço a você. É um presente que vale mais que qualquer outro.

— Sua caridade para com Frances faz por merecer.

A humildade tomou conta de mim. Eu tinha feito aquilo não por política, mas apenas por piedade e justiça para Frances. E ter aquilo, agora... — Talvez todas as recompensas não venham somente quando chegamos ao céu — eu disse. — Mas, Lettice, sua caridade excede muito a minha. Estou chocada.

— Eu odiei você — ela disse sem rodeios. — Mas sei que para ser uma rainha é necessária crueldade, às vezes. Não entendo nem compreendo que alquimia transforma uma pessoa na substância de um governante, mas aceito. Sou grata por podermos nos encontrar e falar dessas coisas. Caso contrário, eu teria ido amarga para a minha sepultura e teria inquietude em meu descanso eterno.

— Eu também odiei você — confessei. — Você tirou Robert Dudley de mim!

— Eu o fiz feliz — ela devolveu. — Quando você não o fez.

— Talvez o amor seja isso — eu falei. — Dar a alguém uma coisa preciosa. Meu amor era incompleto naquele momento. Então, só agora, muito tempo depois da partida dele, posso entregá-lo em suas mãos. Eu não invejo mais você por causa dele.

— Isso tudo aconteceu há muito tempo e o que está feito, está feito — ela concluiu. — Nossa história é tão antiga quanto o que aconteceu aqui neste jardim.

— Você fala como se já tivesse acabado — disse Catherine.

— Para mim, sim — disse Lettice. — Planejo me isolar em Drayton Bassett. — O interior! — exclamei! — Ah, Lettice, você sempre protestou contra isso!

— As coisas mudam — ela falou. — Se formos privilegiados de viver o bastante.

Recostei-me novamente no banco, passando a carta não lida entre meus dedos.

— Na minha coroação, havia um arco no Little Conduit marcando o tempo. Na verdade, eu vim a crer que o tempo é o maior presente de todos. Lettice, que você viva muito tempo em Drayton Bassett. Mais tempo do que o Velho Parr — perguntei-me se ele ainda estava em sua casa.

— Veja — disse Catherine, apontando para uma flor branca e luminosa se abrindo ao pé do banco, uma visão de esperança e alegria. — Uma dama-da-noite. Eles deviam ter a intenção de que o esconderijo fosse visitado à noite.

Eu me inclinei para a frente e toquei o caule, perguntando:

— O que você viu? — murmurei — O que você lembra?

Na penumbra do meu quarto, tarde da noite, Catherine dormia, abri o envelope com os dedos trêmulos. O papel era tão seco que rachou de um lado, mas eu tirei a carta de dentro.

“Minha querida, para mim é uma alegria entender... a companhia dela que é minha maior amiga... Escrito pela mão daquele que almeja ser seu...”

Tudo tinha sido real e gerado a mim, a filha deles. Senti as mãos de meu pai e minha mãe sobre minha cabeça, dizendo: *Nossa querida filha*. Talvez eles não quisessem uma filha, mas eu havia cumprido as suas maiores esperanças. Se ao menos eles pudessem ter vivido para ver.

## Dezembro de 1602



**E**stávamos encolhidas no camarote real, com vista para a capela, Catherine e eu. O frio do inverno consumia nossos ossos, pois Whitehall estava muito próximo do rio.

Era adequado para o Advento, o momento de preparação para o Natal. Frio e escuro. O crepúsculo azul desceu cedo, envolvendo-nos no que parecia uma noite contínua, com apenas um relâmpago no céu no meio do ciclo.

Sempre no Advento, pregadores, geralmente conhecidos por sua oratória, eram convidados à corte. Naquele domingo era Anthony Rudd, bispo da Catedral de São David.

Ele levantou-se no púlpito e começou a pregar sobre o Salmo 82, versículos seis e sete: “Eu disse: Vós sois deuses e todos vós sois filhos do Altíssimo. Todavia, morrereis como homens e caireis como qualquer um dos príncipes”.

— Sim, os príncipes caem. Onde está Nabucodonosor? E até mesmo Salomão? Todos eles desaparecem, murcham como a erva em um forno quente! — Ele olhou para a congregação e continuou: — Se até mesmo Davi encontrou seu fim, como você pode esperar escapar? Analisem suas vidas. E se o anjo da morte aparecesse hoje à noite? — Ele olhou ao redor, movendo lentamente a cabeça da direita



para a esquerda: — Alguns de vocês vão sair daqui, irão para casa, deitarão para dormir hoje à noite e não acordarão mais.

Ao meu lado, Catherine teve um arrepio violento. Puxei-a para perto de mim.

— E um governante tem dupla responsabilidade. Pois as “coisas” que um governante deixa para trás não são como grãos num celeiro ou como o gado, e sim a própria segurança do reino. Ele, ou ela, tem o dever de garantir uma passagem tranquila para as mãos de outros.

Aquilo era demais. Levantei-me, abri o biombo que me separava das pessoas lá embaixo, inclinei-me para fora e gritei:

— Você pregou um bom sermão fúnebre para mim! Já posso morrer quando eu quiser!

Cabeças viraram para me ver e eu gritei:

— Já chega! Prossiga com o serviço, que é seu principal dever.

Depois, em meus aposentos, Catherine se despiu de suas várias camadas de mantos e peles.

— Acho que você não vai convidá-lo novamente — ela disse.

— De fato. Ele pode ir para o País de Gales e ficar por lá. Clérigo imprudente. — Escondi minha inquietação com a minha indignação.

O reino estava esperando por minha morte, a minha transição, a minha passagem. O bispo Rudd tinha me dado um tapa na cara hoje. Eles estavam segurando a respiração, imaginando quando o cetro poderia escapar de minhas mãos e ser aproveitado por outro. Eu estava bem ciente de que Robert Cecil estava clandestinamente se correspondendo com Jaime na Escócia e que uma de suas cláusulas para o monarca escocês tinha sido que ele não me pressionasse sobre a sucessão. Seja paciente, ele alertou. Tudo alcança aquele que espera. Considerava-se tão inteligente, mas era transparente para mim.

Uma vez, um pacote tinha chegado para ele da Escócia e lhe foi entregue na minha presença. Em vez de abri-lo, ele o cheirou e declarou que tinha um “cheiro estranho e maligno” e que podia indicar ter estado em contato com uma pessoa infectada. Assim, ele insistiu em enviá-lo para fora e fazer com que fosse expurgado. Fiz o que pude para não rir e disse, *quando tiver expurgado a mensagem secreta de Jaime, traga-a de volta para ser lida na minha presença.*

Mas eles estavam errados, todos eles. Eu não morreria em breve. Não havia nada de errado comigo. Eu não estava pronta. Jaime teria uma longa espera.

Enquanto isso, Cecil em sua nova casa na costa, Catherine e seu marido, o almirante, na Arundel House e meu primo, George Carey, em sua casa em Londres, todos me entretinham em honra do Natal. Fiquei satisfeita ao ver os herdeiros de Burghley e Hunsdon tão bem acomodados em suas habitações, mas me alegrava muito mais ver o almirante me mostrar as recordações de suas vitórias no mar. Catherine estava sentada ao seu lado, mas parecia pálida e fraca. Minhas insistentes perguntas a respeito de sua saúde foram deixadas de lado.

Pouco antes do Ano-Novo, um velho rosto apareceu. John Dee, vindo de seu posto em Manchester, apresentou-se na corte.

— Meu querido mago — eu disse, surpresa com a sua mudança. Ele parecia abatido, uma versão menor de si mesmo. — Suas funções em Manchester liberaram-no para as festas?

Ele curvou-se com a longa barba branca balançando, quase batendo nos joelhos.

— Eles ficaram aliviados ao me ver ir embora — disse ele. — Tenho certeza disso. Têm sido anos tediosos. Eles me dispensarão no próximo ano, tenho certeza disso.

— Nós todos, ou morreremos no cargo, John, ou seremos dispensados — disse a ele. Eu não tinha certeza qual era

preferível.

Ele olhou ao redor da meu quarto privado, os olhos escuros prestavam atenção em cada objeto.

— Vossa Majestade confia em mim?

Eu ri.

— Já não permiti que você me guiasse em coisas cruciais? Minha data de coroação, meu futuro com o príncipe francês, que Deus tenha sua alma — François, eu ainda sentia falta dele. Sentia falta do que eu era quando estava com ele.

— De fato, sim — ele confirmou. — Vim porque vi perigo para a senhora aqui. Estava consultando os mapas das estrelas e a bola de cristal e ambos me disseram que a senhora deve deixar Whitehall e ir para Richmond. A morte espreita aqui!

Sua certeza me pegou de surpresa. Ele geralmente era sutil em seus alertas.

— É verdade?

— Sim. A senhora deve ir imediatamente. Não demore. Whitehall é uma armadilha mortal para vós.

Ele foi contundente. Na verdade, nunca o vi tão certo de uma premonição.

— Mas temos as celebrações do Ano-Novo planejadas e as peças da Noite de Reis — argumentei.

— Não deixe que as festividades sejam um obstáculo — ele disse. — Geralmente, essas comilanças e festividades se arrastam.

— John, você está parecendo um desses profetas tediosos clamando no deserto. Não perturbarei minha corte deixando-os no meio das celebrações para a qual os convidei. Que falatório isso causaria! Eles já estão comentando sobre esse sermão. Não vou dar-lhes mais assunto para fofoca.

Ele cruzou os braços, olhando para mim.

— Sua teimosia põe em risco sua preciosa vida real.

— Já aconteceu antes e acontecerá novamente. Mas eu não quero causar alarme, e uma saída precipitada fará com que isso aconteça.

— Fiz a minha parte — ele disse. — Não posso fazer mais nada!

Naquela noite disse a Catherine, Helena e às outras damas dos meus aposentos para se prepararem para sairmos.

— Assim que a peça da Noite de Reis terminar partiremos para Richmond.

— Durante a noite? — Catherine gritou assustada.

— Não, mas assim que amanhecer. — Estará frio, mas sou obrigada a fazer isso. Os olhos de Dee me assustaram.

A alvorada de 6 de janeiro revelou uma névoa de chuva envolvendo os edifícios de forma tão densa que não dava para ver a grande guarita no pátio. O rio estava invisível, mascarado por uma neblina que pairava sobre ele como uma nuvem. O frio tomava conta dos quartos conforme passávamos em direção às escadas que levavam até a água. O som de nossos passos parecia retumbar, *Fuja, fuja, pois seu pai morreu aqui com as mesmas condições do tempo.*

Era verdade. Meu pai ficou em seu leito em Whitehall durante três semanas em janeiro e, em seguida, assim que o mês estava prestes a terminar, ele morreu. Talvez Dee tenha sentido aquele mesmo momento reverberando, querendo repetir-se.

— Você tem certeza que quer ir agora? — perguntou Helena.

— Sim — respondi, andando mais rápido. Permita-me encontrar uma razão plausível. — É mais quente lá. O sistema de aquecimento em Richmond é melhor.

— Talvez — disse Catherine, lutando para manter-se de pé. — Mas os vinte e três quilômetros de rio que os separam são mais frios do que qualquer um dos palácios.

— Vamos ficar juntas no barco real — garanti a ela.

Atrás delas, seguiam as outras senhoras do quarto privado, bem como Eurwen. Eu deveria tê-la mandado de volta ao País de Gales antes de o tempo mudar, mas tinha

prometido a ela um Natal festivo na corte. Agora, era tarde demais, ela teria que vir conosco para Richmond e esperar até a primavera para voltar para casa.

Tochas iluminavam nosso caminho pelas escadas cobertas de musgo até o barco, os remadores esperando. Assim que partimos, vi a névoa envolvendo Whitehall, fazendo com que sumisse.

Logo começou o granizo, as partículas de gelo batendo contra as janelas. Estávamos indo no fluxo da maré, mas ainda levaria horas para chegarmos a Richmond. De súbito, as pilhas de peles e tijolos aquecidos pareciam uma defesa inofensiva contra a natureza.

*Ah, John Dee, pensei, você tem certeza de que viu o que viu? Isso é loucura.* Ao meu lado, Catherine começou a tremer violentamente e todas ficamos bem juntas para nos aquecermos.

Passamos por Lambeth, em seguida Barn Elms e Mortlake. Tentei ver o ponto de desembarque de Mortlake, mas havia um forte nevoeiro. Os salgueiros e caniços de Mortlake alinhados nas margens, como se fossem uma renda bordada. E, depois, as torres de Richmond, guardas atrás das paredes, espirais penetrando na neblina, ao menos os cata-ventos brilhavam.

— Senhoras, vocês foram viajantes corajosas — eu disse.  
— Logo estaremos aquecidas.

Não podia adivinhar que não ficaria aquecida novamente.

A parte mais sombria do ano iniciava-se agora, as festas acabaram, as estradas estavam congeladas e perigosas, o mar tempestuoso e quase intransitável, a madeira e os alimentos cuidadosamente poupados. A corte estava caquética. Muitos cortesãos estavam em casa, cuidando dos negócios desprezados. Helena partiu para sua própria família, pois viviam nas proximidades.

O salão grande pedia um entretenimento, era um cenário maravilhoso para peças teatrais. Mas não havia o número suficiente de pessoas na corte agora que justificar aquilo.

Eurwen estava muito solitária, pois muitos dos jovens da corte não estavam aqui.

— Temo ter-lhe feito um desserviço — eu disse. — É chato aqui, exceto para os mais velhos. Assim que o tempo melhorar, você irá para casa.

Ela não pareceu tão feliz com isso quanto eu esperava. Ah, então era assim que o vento soprava.

— Entendi — falei. — E quando este jovem retorna?

Ela enrubesceu e encontrou algo muito interessante para olhar do lado de fora da janela.

— As vésperas de Santa Inês estão quase aí — comentei. — Talvez você tenha a resposta.

— Tenho que ter um quarto para mim, então — ela disse.

— Você conhece então o rito?

— Sou galesa e conhecemos todos os ritos mágicos que existem!

Eu ri.

— Muito bem. Na noite de 20 de janeiro você terá seu próprio quarto. O que mais você precisa?

— Um pequeno bolo feito de farinha, ovos, água e sal. Duas velas brancas que nunca tenham sido acesas. E tenho que fazer jejum o dia inteiro, então, por favor, dispense-me do jantar.

Ela deve ter muito carinho pelo tal jovem, quem quer que ele seja.

— Esses desejos serão facilmente concedidos — eu sorri, examinado seus olhos ansiosos. — Você realmente acredita nisso?

— Ah, sim! — ela respondeu. — No meu vilarejo, uma mulher que praticou esse ritual viu três homens, não um, e o último tenha uma perna de madeira. Tudo se tornou realidade. Ela se casou três vezes e o último tinha uma perna de madeira. Ela estava casada com outro quando sonhou com a visão.

— Conte-me como você faz o ritual em Gales. — Blanche Parry deve ter feito o mesmo.

— Você tem que passar o dia inteiro sem comida. Depois, você faz o bolo e o coloca na lareira. Você marca suas iniciais sobre ele, depois anda de costas até sua cama. É muito importante não dizer uma palavra durante todo o dia. Em seguida, vai dormir. Enquanto estiver dormindo, a aparição de seu futuro marido entrará, marcará suas iniciais em cima do bolo e em seguida aparecerá em seus sonhos. Quando a manhã chegar, você pode ver o que está em cima do bolo. Daí, se o menino é do seu gosto, você come um pedaço do bolo. Isso quebra o feitiço e você pode falar com os outros novamente.

— Ah, meu Deus, você estará faminta quando a manhã chegar. E você pode revelar quem você viu em seus sonhos?

— Somente se não gostar dele. Contar um sonho significa que ele não vai se realizar.

— Então se você não vai me contar quem viu, significa que é de quem você gosta?

— Sim, madrinha.

— Então, espero que você não possa me dizer.

Com aquelas frivolidades, esperava distrair a jovem e bela garota da sensação de peso e término que pairava sobre nós. É o tempo, eu continuava dizendo a mim mesma. Mas a verdade era que o alerta de Dee havia tocado um tom de condenação, mesmo que tivéssemos fugido de Whitehall.

Catherine parecia ficar mais pálida a cada dia e ela me confidenciou que nunca mais tinha se aquecido após a viagem de barco, não importava quanto o fogo estivesse forte ou quantas peles usasse. Fui apunhalada pela culpa por arrastá-la até lá.

Robert Cecil, que nunca sequer insinuou sobre ser necessário em casa, fazia companhia leal em Richmond, assim como o almirante Charles. John Harington e John Carey vieram à corte. Mas Raleigh estava ausente em sua propriedade em Sherborne, com lorde Cobham como seu convidado. Egerton estava em sua casa em Londres, assim como lorde Buckhurst.

Assim, os cortesãos ausentes perderam a notícia mais emocionante dos últimos anos. Mountjoy tinha capturado O'Neill e ele estava à nossa mercê. Desde que os espanhóis se renderam, após a Batalha de Kinsale, e fugiram pelo mar, ele foi caçado, recusando-se a se render. Aos poucos, minhas forças sufocaram a resistência no sul, no oeste e no norte haviam perseguido O'Neill em Ulster, encurralando-o em uma pequena área de floresta perto de Lough Erne. Suas terras estavam destruídas e a antiga cadeira de coroação em Tullaghoge foi feita em pedaços. A fome devastou a terra e histórias sobre pessoas que tiveram que comer ervas daninhas e até mesmo recorrer ao canibalismo reviravam meu estômago. Ao menos O'Neill, o antigo conde de Tyrone, rendeu-se incondicionalmente a Mountjoy, escrevendo: "Sem quaisquer termos ou condições, eu aqui, de maneira simples e absoluta, submeto-me à misericórdia de sua majestade".

Segurei a carta em minhas mãos e continuei relendo várias vezes. Cecil, de pé à minha frente, aguardava de forma obediente.

— Vejo que isso não exigia expurgação — disse. — Eu teria imaginado que federia a morte — antes que ele pudesse balbuciar uma explicação ridícula, acrescentei: — Mas uma boa notícia, mesmo quando vem de um lugar ruim, não precisa de perfume — ele pareceu aliviado.

Minha cabeça girava. Já estava confusa antes, por causa de uma dor de cabeça que me atormentou por dois dias, juntamente com os ossos doloridos por causa do frio. Mas agora girava de exultação. Tínhamos conseguido. Havíamos rompido a rebelião irlandesa. Aquela que todo mundo disse ser impossível de conseguirmos. E apesar da colaboração dos malditos espanhóis!

— Quais seriam nossas condições? O que deveríamos exigir? — ele perguntou.

Eu sabia a resposta.

— Ele deve renunciar ao título de O'Neill, chefe da Irlanda. Ele deve renunciar a toda a lealdade e aderência à Espanha.



Deve pedir a seu filho que retorne de lá. Deve aceitar o que quer que eu conceda em terras a ele, sem argumentar. E deve jurar lealdade a mim, como meu súdito fiel. E assim, só então, irei garantir-lhe a vida. — Fiz uma pausa e acrescentei: — Devemos considerar liberdade e perdão assuntos distintos.

— Dependendo do comportamento dele? — perguntou Cecil.

— É claro. Ele fez muitas promessas políticas em sua trajetória e não manteve quase nenhuma. Vamos ver se desta vez será diferente. Ah, e... pergunte sobre Grace O'Malley. Eu sei que conquistamos a região de Connaught, no outono, mas ficaria feliz em saber sobre o paradeiro dela e seu destino. — Ela lutou por mim, lutou contra mim ou se absteve de lutar por qualquer um?

— Cumprirei suas ordens agora mesmo — ele disse. Ele pegou a bolsa de couro e tirou lá de dentro outra carta: — E aqui tenho mais notícias boas.

Peguei-a, sentindo um selo pesado sobre a costura, o selo de cera vermelha da Sereníssima República de Veneza. Na carta de pergaminho escorregadio que estava dentro, o doge<sup>27</sup> solicitava que abrissemos relações diplomáticas entre os dois países. Ele queria enviar um embaixador o mais breve possível.

— Ah, Cecil! — eu disse. Aquela era uma notícia inesperada e muito melhor, — Um estado católico rompe com Roma!

— O primeiro a fazê-lo — disse ele. — Tem sido uma longa jornada. Claro, os franceses nunca romperam completamente conosco. Mas têm estado muito ocupados lutando entre si nas últimas gerações para se preocupar com diplomacia no exterior. Mas isso é um tapa na cara do papa. Seus aliados o estão abandonando. Eles reconhecem que a senhora é a rainha de um reino intocável.

— Antes que possamos perceber, a Espanha estará pedindo paz e solicitando o envio de um embaixador.— Há muito esperado.

— Espero que sim. Temos trabalhado para isso. E desde que Essex se... foi... a facção de guerra perdeu seu caminho. Agora imagine, se a Espanha fizer as pazes conosco e a França já tiver feito, Veneza seria inteiramente justificada.

— Tem sido uma longa batalha, meu amigo — lembrei. Entreguei a carta de volta a ele e falei: — Diga ao doge que sim, antes que ele mude de ideia.



**E**xultante por aqueles dois golpes, quase ignorei a longa galeria até chegar aos aposentos reais. Poderia ter pedido aos guardas ao fundo de cada quarto para dançar uma valsa comigo.

O'Neill, baixando a cabeça derrotado. O homem que havia zombado, desafiado e instigado-me há anos, sugando o meu tesouro. O homem que fora diretamente responsável por que eu vendesse o Grande Selo de meu pai e as minhas próprias joias. Agora ele era meu. A menos que escapasse novamente. Ele era mestre nisso, como uma cobra, capaz de deslizar por qualquer abertura.

E o papa. Espero que ele esteja espumando de raiva. Eu tinha sobrevivido a sete papas. Clemente VIII foi o oitavo. Com suas transições rápidas, eu poderia dizer, se fosse sarcástica, que a rocha de Pedro parecia estar oscilando na areia. Aquele papa não era melhor do que os outros. Ele havia avidamente feito perseguições com a Inquisição, queimando o filósofo e astrônomo Giordano Bruno na fogueira e nomeando seus parentes ao Vaticano, até mesmo fazendo de seu sobrinho-neto de catorze anos de idade um cardeal.

Lá fora, o pomar do palácio brilhava com ramos congelados. Seria um longo período até a primavera. Mas eu

podia esperar. Não parecia tão frio agora.

Atravessei a sala de audiências, vazia e cheia de ecos, mas, quando cheguei ao quarto privado, um grupo de pessoas estava amontoadado lá dentro. O almirante Charles destacou-se e interrompeu meus passos. Seu rosto era uma mistura de rugas e angústias.

— Catherine, ela está doente — ele disse. — Está em seus últimos momentos.

Ela parecia muito bem hoje de manhã quando me ajudou a me vestir, sem resquícios da fraqueza da qual ela reclamava nas últimas semanas.

— De que maneira? — perguntei.

— Febre, confusão, náusea — ele disse. — O médico está com ela.

— No quarto?

— Não houve tempo para levá-la para qualquer lugar. Ela estava naquele quarto quando entrou em colapso.

— Você não precisa se desculpar, Charles. Depois de todos esses anos, meu quarto é muito mais dela do que meu.

Não perguntei se eu podia entrar. Como rainha, ninguém poderia me negar a entrada. Mas, como amiga, devo dar a ela e ao médico privacidade. O brilho da notícia sobre a Irlanda e Veneza ainda me envolvia. Naquele dia, tudo ficaria bem.

Depois de algum tempo, o médico saiu de lá, fechando a porta com cuidado. Ele veio pé ante pé até nós, curvando-se para mim.

— Diga-me! — disse Charles.

O médico balançou a cabeça.

— Troquei os lençóis e coloquei garrafas extras de água na mesa. Ela tem que beber água, para compensar o suor. Ela sente tanto calor quanto um pão que acabou de sair do forno. Nada de comida. A febre não deve ser alimentada. E, além disso, ela não tem apetite e não consegue engolir nada.

— Ela está sentindo dor? — perguntei.

— Ela geme e diz que sente dor nas articulações, que a cabeça está latejando, mas isso é comum com febre.

— Nenhuma mancha? — perguntou Charles.

— Não, não é varíola nem praga.

— Graças a Deus! — gritei. Qualquer uma das duas seria letal.

O médico olhou para mim, quase que com pena.

— Esta é uma febre mais maligna, mesmo que não possamos dar um nome. Ela vai precisar de força para resistir.

Força. Mas ela andava fraca ultimamente. Ela veio para aquele duelo mal preparada.

— Mantenha as jovens fora do quarto — ele falou.

— Embora as jovens sejam mais resistentes. Ela estava bem na noite passada, não é?

— Sim — disse Charles. — Ela vai levando.

— O que você quer dizer com isso? — ele perguntou.

— Bem, eu diria que ela tem... se arrastado desde o outono. É a única maneira que posso explicar. E, depois, essa mudança repentina, o frio e o inverno rigoroso...

Repreendi-me novamente. Eu havia feito todos aqui se apressarem por causa da preocupação com a minha própria segurança, nunca pensando na deles mesmos. Mas, argumentei comigo, a vida toda fora assim. Por que seria diferente agora?

— Ela estava bem hoje de manhã — eu disse. — Quando eu a deixei para ir encontrar Cecil, ela estava cantando e cuidando de suas costuras.

— Talvez ela estivesse fingindo — disse o médico. — Talvez ela não quisesse que a senhora soubesse.

Fiz um sinal negativo com a cabeça.

— Se estava só começando, talvez ela também estivesse evitando pensar nisso. Além do mais, se formos para cama a cada vez que nos sentimos mal, todas as camas do reino estariam lotadas. Não, ela deve ter sido acometida de repente.

— E está ganhando força.

— O que você quer dizer? — gritou Charles.

— Não tenho como medir a febre a não ser com a minha mão, mas tenho certeza que sua febre aumentou desde o momento em que cheguei aqui.

— Não deveríamos deixá-la sangrar? — disse Charles.

— Não creio que ajudaria nesse caso. Tragam gelo lá de fora e esfreguem nela para controlar o calor. Sorte nossa que é inverno.

Sorte nossa. Se não fosse inverno, ela não teria enfraquecido, para começar. — Faça o que achar melhor. Devo pedir a um colega médico para ajudá-lo?

— Eu apreciaria qualquer assistência — ele respondeu. — Em casos como esse, somente um tolo despreza ajuda. Consultarei meus textos para ver se há algum remédio que possa buscar — ele fez uma reverência e saiu.

Virei-me para Charles e disse:

— Vamos entrar. — As outras damas se reuniram ansiosamente, mas eu disse a elas: — Por favor, esperem.

Catherine estava deitada em seu leito, o cabelo emaranhado com suor. Mas ela estava acordada e sorriu quando nos viu.

— Perdoe-me — ela sussurrou. Tive que me aproximar para ouvi-la. Dava para sentir o calor irradiando de seu rosto.

— Por que os doentes sempre se desculpam? — perguntei. — Você não fez nada.

— A não ser não estar pronta para servir-lhe — ela disse.

— Você já fez isso hoje de manhã — respondi. — E o fará novamente, em alguns dias.

Ela respirou profundamente.

— Talvez não tão em breve.

— Catherine, temos notícias ótimas. A guerra irlandesa acabou.

Ela mal olhou para mim, como se nem mesmo entendesse. Ou como se não fosse importante.

— Ah.

Lancei um olhar para o marido dela, de pé, ao lado da cama.

— Charles e eu estamos exultantes.

— Sim — ela murmurou e fechou os olhos. — Estou feliz por vocês.

— Fique feliz pela Inglaterra — corrigi.

— De fato — os olhos permaneceram fechados.

Charles pegou a mão dela e acariciou seu braço.

— Querida, abra os olhos.

Ela tentou, mas as pálpebras pareciam estar pesadas e acabaram se fechando — Perdoe-me — ela sussurrou. — Eu preciso... devo... dormir.

Aproximei-me e toquei sua testa, que parecia uma panela quente. Puxei minha mão de volta.

— Jesus! — eu gritei. Alguém pode ficar assim tão quente e permanecer vivo? — Água! Água!

Juntos, eu e Charles levantamos sua cabeça e tentamos fazer com que ela bebesse, mas ela não conseguia.

O medo tomava conta de mim. Olhei ao redor do quarto, em seus cantos escuros e subitamente senti a escuridão esperando, esperando para rastejar para fora daquele canto e tomar conta de Catherine.

— Vamos levá-la para dentro do quarto privado. Ela terá mais privacidade lá — eu disse. Como se uma mudança de ambiente fosse capaz de banir o fantasma do quarto maior. Com a ajuda dos empregados, a cama foi levantada e movida para o quarto menor. Ela havia passado uma hora naquele quartinho, rindo e arrumando minhas roupas de cama e as golas dos vestidos.

O médico voltou com um balde de gelo e começou a esfregar os braços e as pernas com os cubos. Um cubo era o ideal, era fino e permitia que ele esfregasse uma perna inteira. Ela gemeu e gritou: “Frio, frio, frio!”, mas, fora isso, não se mexia.

Charles, ao lado da cama, ficou em prantos. Peguei sua mão e levei-o para o quarto maior.

— Ela se foi, ela se foi — ele chorava. — Ela cruzou a linha. Ela se foi. Não há como trazê-la de volta.

— Não, Charles — argumentei veementemente. — Deixe que o gelo faça seu trabalho. Eles me deram como morta quando eu tive varíola. Mas eu voltei.

— Você tinha vinte e nove anos. Ela tem quase sessenta.

— Ela é forte.

Charles continuava negando com a cabeça.

— Não tão forte — ele respondeu. — Ela não conta muitas coisas a vós.

O médico saiu do quarto.

— Ela parece estar enfraquecendo. Não consigo fazer com que ela beba água e, sem isso, ela perderá toda a água do corpo no suor.

— O que é? — gritei. — É a doença do suor?

— Não sei — ele confessou. — Nunca vi um caso como este antes. Não acontece na Inglaterra há vinte e cinco anos.

Ele era tão jovem assim?

— Pelo amor de Deus, será que estou sendo servida por crianças?

— Mas ela não causa colapso repentino e muito suor?

— Assim o dizem — ele disse.

— Alguns se recuperam do suor — eu disse a Charles. — Eu me lembro.

— Não muitos — ele falou. — Vi vários mortos em Londres, Oxford e Cambridge. Metade dos estudantes morreu.

— Talvez não seja a doença do suor. Talvez seja apenas comida contaminada — mas eu havia comido a mesma comida que ela.

Catherine gemeu de dentro do quarto e nós corremos para lá. A cama estava encharcada de suor, a roupa de cama parecia escurecida ao seu redor. Ao tocá-la, senti a umidade.

— Ah, minha querida — acariciei seu rosto liso, com o suor.



Dei de comer a Burghley em seus últimos dias. Vi Walsingham no leito de morte. Mas nunca havia presenciado um colapso tão rápido e completo como aquele. Ela havia se transformado em apenas poucos minutos em que a tinha deixado.

O assistente do jovem médico chegou, mas, juntos, eles ficaram sem ter o que fazer ao pé da cama.

— Deixe-a confortável — disse um deles — Temos que mudar a roupa novamente.

Ajoelhei-me ao lado dela. Se havia pouco tempo, então deveria usá-lo para falar. Mais tarde, não poderia.

— Minha querida companheira, minha prima, não vá embora — eu disse. Peguei a mão dela, quente como um carvão em brasa. — Perdi tantos, mas não posso perdê-la.

Senti um aperto leve em minha mão. Suas pálpebras se abriram.

— Eu sinto meus pés se esvaindo. Estou sendo puxada para um túnel. Eu juro a você, não quero ir. Ajude-me. Segure-me firme. Mantenha-me aqui!

Segurei suas mãos, juntas.

— Estou com você, não a deixarei ir.

— Eles estão me puxando... puxando... estou escorregando...

— Não, não — segurei-a mais firme ainda. — Você está aqui. Na cama. Deitada. Não deslize, não escorregue. É um sonho ruim — olhei em volta. — O quarto é aqui. Você está aqui. Logo ali do lado está a privada da qual rimos muito juntas. Tudo está exatamente como era. Nada mudou.

Charles ajoelhou-se do outro lado e colocou suas mãos enormes nos antebraços dela.

— Vou segurá-la aqui. Eu posso segurar você. Sou mais forte do que o túnel.

Por alguns instantes os olhos dela se fecharam e eu podia sentir a resistência em seus membros, como se ela estivesse empurrando uma tampa que se abria debaixo dela. Ela apertou minha mão e sussurrou:

— Eles me chamam. Tenho que ir. Mas não posso. Eu permaneço aqui. Pegue o travesseiro.

— Não — eu falei. — Isso não.

— Facilitará minha partida — ela disse. — Tenho que ir, mas é difícil. Peço a você, por favor, um último favor, pegue o travesseiro.

Charles olhou intrigado para mim. Mas eu sabia o que ela queria dizer.

Se eu mandasse buscá-lo, estaria concordando com sua morte. Mas era seu último pedido. Levantei-me, meu corpo estava rígido por causa da posição estranha na qual havia ficado. Fui para o quarto privado e disse a um dos guardas:

— Vá buscar o bispo de Ely. Peça o travesseiro de renda preta. Ele saberá o que quero dizer.

O travesseiro preto de Ely: fora tecido por uma freira na aldeia e, quando a morte se aproximava, ele era colocado sob a cabeça do doente e depois delicadamente retirado. Quando a cabeça batia no colchão, a pessoa estava liberta. Dentro de uma hora o travesseiro foi entregue. Virei-o cuidadosamente. O travesseiro da morte. Mas não, ele apenas facilitava a morte. Não a causava. Assim como alguns bebês vêm ao mundo com dificuldade, alguns moribundos têm dificuldade em deixá-lo. Ambas são passagens difíceis.

O travesseiro era pequeno, todo trabalhado em renda. Era preto como uma noite sem luar. Levei-o para o quarto e segurei-o diante de Catherine.

Seus olhos fundos se abriram e ela sorriu, como se reconhecesse o travesseiro, embora nunca o tivesse visto antes.

— Meu amigo — ela murmurou —, há muito tempo espero por você e também o temi. Venha cá. — Ela parecia estar vendo apenas o travesseiro, não havia mais ninguém na sala. Ela olhou para ele em êxtase, como se fosse o Santo Graal.

Cuidadosamente, Charles e eu colocamos o travesseiro sob a cabeça molhada. Então, cada um de nós nos

despedimos dela, beijando-lhe a testa, e juntos puxamos o travesseiro para fora. Sua cabeça caiu para trás na cama.

Ela deu um leve suspiro, um grito abafado. Depois, ficou em silêncio e sua respiração parou.

Agarrei o travesseiro, cravando meus dedos nele. Ela se foi.

No quarto privado, as cartas da Irlanda e de Veneza estavam sobre minha escrivaninha, meu triunfo do dia, da década. Mas assuntos de estado e assuntos do coração correm em direções diferentes. Levaria alguns dias para que eu pudesse pensar em tudo aquilo novamente.

Não poderia ordenar à corte que ficasse de luto, pois Catherine não era da realeza, nem uma figura do Estado, mas o sentimento era de luto, no entanto. Vesti-me toda de preto, mas meus pensamentos estavam ainda mais sombrios.

Cheia de dor, notei Charles, que mostrava a tensão do luto. Ele foi acometido pelo desespero e subitamente parecia muito mais velho do que seus sessenta e sete anos. Ele parecia tão velho quanto o Velho Parr. Charles olhou para o travesseiro preto com ódio e continuou murmurando, “isso deveria ser destruído. Deveria ser destruído”. Ele tentou jogá-lo no fogo, mas eu não deixei, lembrando-o que pertencia ao bispo de Ely e que era venerado naquela região.

— Destruímos relíquias papais e isso aqui é muito pior — ele disse.

— Já ajudou muitas pessoas e Catherine pediu por ele — lembrei-o.

John Harington tentou me divertir, ajoelhando-se diante de mim com alguns dos seus versos satíricos, mas eu o dispensei.

— Quando você sente o tempo rastejando à sua porta, tais frivolidades deixam de lhe agradar. Tenho perdido meu

gosto por essas coisas. — Meu gosto para tudo havia sumido, deixando uma monótona paisagem desprovida de vida como o inverno que nos rodeia. Senti uma pontada de arrependimento por deixar meus afilhados sem cuidados e companhia, então resolvi chamar Eurwen e lhe disse:

— Dou minha última afilhada ao meu primeiro afilhado. John, tome conta de Eurwen e cuide dela. Eurwen, considere-o o seu irmão mais velho na corte.

— Ah, mas isso soa tão bíblico! — disse John. — Certamente não estamos diante da cruz, ouvindo “Mulher, tome conta de seu filho! E Filho, tome conta de sua mãe”.

— Eu lhe disse, não estou no espírito para brincadeiras — avisei-o. — Agora saiam!

As damas restantes dos meus aposentos se moviam como sombras perdidas pelos campos de asfódelos em Hades. Helena tinha retornado. Ela era minha última companheira dos velhos tempos e sabia disso.

— Não posso substituir todas que já nos deixaram — ela me disse. — Mas nunca a deixarei.

— Não vou prendê-la — eu falei, tentando sorrir.

— Depois de quase quarenta anos ao seu lado, aprendi a desconsiderar suas variações de humor — ela respondeu.

Ela não entendia. Não era uma variação de humor, mas um olhar hesitante sobre o que estava por vir.

Já era tempo. Ouvi a convocação, não muito longe, como o estrondo de trovão, quando jantava ao ar livre.

Enquanto ela me ajudou a me preparar para dormir, escovou meu cabelo, ao contrário dos boatos, eu ainda tinha cabelo, poucos, mas ainda tinha e agora eram grisalhos, não mais ruivos, Helena foi solícita. Ela me contou o que seus filhos estavam fazendo e perguntou sobre a próxima temporada na corte.

*Não importa*, pensei, enquanto respondia a ela da melhor maneira que pude.

Deitada na cama, perguntei-me o que havia deixado de fazer. Nada que os outros não pudessem terminar. Havia a

questão da Irlanda, mas faltava apenas assinar o tratado de rendição e com seus termos.

A sucessão. Era óbvio que Jaime iria me suceder. Eu não me arrependo de nunca ter nomeado um herdeiro. Há sempre um herdeiro, do corpo ou não, e o reino continuaria. O problema só acontecia quando havia uma disputa. Mas, minha adversária, a rainha dos escoceses, tinha resolvido isso para mim admiravelmente, dispondo apenas um candidato.

O Parlamento. Estava crescendo em força, exigindo ser elevado a um braço do governo, não se contentando mais em ser apenas consultivo. Isso era um avanço ameaçador, mas eu tinha feito o meu melhor para retardá-lo. Outro desafio para Jaime.

A religião. Apesar das previsões, os católicos tinham sobrevivido. Nem todos tinham seguido meu caminho, o da Igreja da Inglaterra. Os puritanos ainda a achavam muito papista, os católicos, herética. Bem. Não se pode agradar a todos.

As finanças. Havia começado meu reino com uma situação financeira triste, tendo corrigido isso, e só chegamos a situações desesperadoras por causa das guerras. Agora, o reino estava como eu havia encontrado pela primeira vez, em dívida, caminhando para a falência, apesar do meu sacrifício pessoal para conter isso.

Mas com a guerra espanhola essencialmente encerrada e os Países Baixos lançados como uma entidade independente de sucesso, essas despesas deveriam desaparecer. A Irlanda, também, já não nos extraía mais dinheiro. Jaime não deveria ter problemas de tesouraria para restaurar a solvência.

Será que eu agradei ao povo? Certamente, a proteção contra a guerra civil fora uma grande bênção sobre eles. Talvez, esse tenha sido meu maior presente, anos e anos de tranquilidade em casa, para que assim a vida dos ingleses pudesse florescer. Os franceses, dilacerados por guerras religiosas, não gostavam de teatro, feiras regionais ou

tavernas. A vida cotidiana era o que a guerra civil roubava das pessoas.

A derrota da Armada dera às pessoas a convicção de que estavam protegidas por Deus, que a Inglaterra era a terra escolhida, por isso os “ventos ingleses” acabaram nos salvando no final. Nossos marinheiros eram muito habilidosos, mas foi o vento que destruiu a frota espanhola. E isso não aconteceu somente uma vez, mas várias, nas Armadas de 1595, 1596 e 1597, como que para afirmar.

E a pergunta que os outros faziam logo depois que eu me fosse: será que eu errei em não me casar? Errei politicamente? E eu podia dizer em alto e bom som: Não, eu não estava errada. Como a Rainha Virgem uni meu povo muito mais do que jamais poderia ter feito com qualquer consorte. Eles sabiam que tinham minha lealdade indivisível.


Toquei meu anel de coroação. Aquilo me ligava a eles. Ligava desde o início, e eu nunca tinha traído meus votos. Girei-o em meu dedo. Tinha sido, ultimamente, difícil movê-lo, como se estivesse aderindo à minha carne.

Todas as dúvidas, de não ter amado o suficiente, não ter me doado o suficiente, não para o meu país, mas para uma pessoa, uma pessoa amada que poderia ter reinado comigo como meu consorte. Essas dúvidas, era hora de deixá-las irem embora.

O que estava feito, estava feito.

## Março de 1603



insistente tristeza não ia embora e a chegada de março, com a promessa de primavera, não fazia diferença. Obriguei-me a conceder uma audiência ao embaixador veneziano, Giovanni Carlo Scaramelli, um homem charmoso e jovem, como os melhores italianos são. Uma parte de mim se deliciava com o tardio reconhecimento diplomático, a outra parte mal compreendia, como se algo distante me impedisse.

Tive notícias da Irlanda. O'Neill aceitaria meus termos. Havíamos vencido. Junto com o despacho, um pedaço da pedra da cadeira da coroação de Tullaghoge esmagada foi enviado.

Retirei-o da bolsa e senti-o em minhas mãos. Era do tamanho da minha palma, irregular e marrom acinzentado. Dentro dele estava o mistério da constituição de um rei na Irlanda. Tínhamos o direito de destruí-la?

— Parece algo bem simples — disse.

— Assim como o pão da Última Ceia — comparou Cecil.

— Isso é mais fácil de ser destruído — respondi. Jesus fora um visionário ao não deixar para trás relíquias, nenhum santo dos santos, apenas um pedaço de pão que devia ser assado, repetidas vezes, em seu próprio tempo.

Apontei para meu próprio anel de coroação como algo similar. Tentei tirá-lo, mas não consegui.

Cecil tentou me ajudar, mas apenas machucou meu dedo.

— Está grudado na carne — ele disse.

— Assim como está incrustado em minha alma — afirmei.  
— Faz parte de mim.

— Temo que esteja impedindo a passagem do sangue. Veja como o dedo está inchado.

— Já aconteceu antes — garanti. — É o meu sangue que une as pessoas.

— Símbolos não devem disfarçar acontecimentos perigosos — ele disse. — Devo chamar um médico. Precisamos da opinião dele.

Apesar de minhas objeções, ele chamou o médico. Ele olhou para meu dedo vermelho e latejante, balançando negativamente a cabeça.

— Teremos que tirar o anel, Vossa Majestade.

— Nunca! — puxei a mão de volta, sobrepondo a outra mão para protegê-la.

— Seu dedo vai gangrenar — ele disse.

— Estou casada com o meu povo, minha terra e meu reino — respondi. — O anel é o meu compromisso.

— Vai matá-la — ele disse.

— Aceito que isso aconteça. Sempre soube disso. Eu não disse ao meu povo em Tilbury: “Entrego minha vida a vós”?

— Um dedo inchado não é o mesmo que uma invasão espanhola. Seja razoável, Vossa Majestade.

— Não!

— É apenas uma peça de metal. Não arrisque sua vida.

— Por favor, minha cara rainha. A voz de meu pai se une à minha, pois ele não suportaria perdê-la para uma coisa tão insignificante — disse Cecil.

Antes que eu pudesse esconder minha mão, o médico pegou os alicates, puxou meu dedo e cortou o metal. O calor invadiu meu dedo.

— Pronto. A senhora está salva. — Ele me entregou os restos retorcidos do anel.



Peguei-o com muita tristeza. Os detalhes intrincados haviam sido arrancados. Peguei o fragmento da pedra de Tullaghoge.

— Então nós dois fomos despojados de nossa autoridade, O'Neill e eu — disse.

— Bobagem — falou Cecil. — Ele perdeu a dele numa derrota militar. Ninguém a privou da sua.

Mas sentia-me nua, marginalizada, como se o reino tivesse se divorciado de mim, revogado o meu poder.

O lugar no meu dedo em que o anel esteve ficara profundamente marcado. Esfreguei, a marca parecia entalhada, gravada na carne. Talvez permanecesse.

O peso da alma não se afastava de mim e com ela vinha o peso do corpo. Minhas pernas estavam frias, meus ossos doíam e a insônia me incomodava. Em seguida, minha garganta começou a doer, desenvolvendo um abscesso que me torturava. Adiei uma reunião com De Beaumont, o embaixador francês. Não me sentia bem. Em vez disso, escrevi uma carta para meu velho colega governante e amigo Henrique IV, admitindo que, pouco a pouco, o tecido do meu reinado estava começando a se rasgar e desaparecer. De alguma forma, era mais fácil confessar a um outro monarca.

Meu médico tentou medicar-me, mas recusei todos os medicamentos, apesar dos apelos de Helena, de Cecil, de Harington e do primo John Carey.

— Veneno! — disse. — Isso vai acelerar o meu fim. — Vi que eles se entreolhavam de forma piedosa, concordando silenciosamente que a rainha havia perdido o juízo. Mas não queria prolongar a jornada na qual tinha embarcado.

Charles veio me ver. Era difícil saber quem estava pior.

— Disseram-me que Vossa Majestade não estava bem — disse, curvando-se. — Eu... — levei a mão à garganta. Doía para falar. — Parece que enrolaram uma corrente de ferro em meu pescoço — resmunguei. — Estou presa, amarrada. Tudo mudou para mim.

— Mudou para todos nós, cara amiga — ele constatou. — Catherine, sua companheira e prima, minha esposa, se foi. Em vez de me sentir seguro, sinto-me à deriva.

— Ah, Charles — murmurei. — Perdemos tantos. Fica cada vez mais difícil, nunca é fácil.

— Talvez cheguemos ao ponto em que as perdas não mais nos importarão — ele disse. — Não cheguei a essa sabedoria ainda.

— Nem eu — admiti. — Nem eu.

A convicção de que nunca deixaria Richmond aumentava. Olhei à minha volta, registrando tudo em minha mente. O quarto privado, com a escrivaninha embutida. O friso das placas azuis ornamentando o corredor. A ridícula privada no banheiro. Ao mesmo tempo, todas aquelas coisas pareciam estar retrocedendo a um passado que ficava cada vez mais fantasmagórico.

John Dee pediu uma audiência e permiti que ele entrasse. Assim que eu o vi, falei com dificuldade:

— Você me mandou para Richmond para me preservar, mas veja! Não estou bem, estou definhando. Você interpretou mal as cartas. Você nos mandou para cá para morrer! Catherine já sucumbiu e eu não estou muito atrás. Este lugar acabou conosco.

Ele apertou as mãos esqueléticas, contorcendo-as violentamente e falou:

— Talvez eu tenha confundido os sinais. Perdoe-me! O diabo nos engana. Richmond pode ser outra Samarra! A senhora deve sair daqui hoje à noite!

— Você vai me fazer andar por todo o reino? — indaguei, sorrindo. — Estou farta de mudanças repentinas. E o que você quer dizer com Samarra?

— É um antigo conto que ouvi na Europa, de um médico árabe. É mais ou menos assim: um empregado foi ao mercado de Bagdá para seu amo. Lá, viu uma mulher pálida que instantaneamente soube ser a morte. Ele se virou, correu de volta ao seu amo e pediu permissão para fugir

para Samarra. Seu amo o autorizou e o empregado foi em um cavalo veloz. Incomodado, o mestre foi até o mercado e confrontou a mulher pálida. “O que você fez para assustar meu servo assim?” Ela hesitou e disse: “Fiquei surpresa em vê-lo aqui em Bagdá, pois eu tinha um encontro marcado com ele hoje à tarde em Samarra”. Este, minha rainha, é o conto.

— Então aqui é a minha Samarra — concluí. — Ficarei e receberei o anjo negro.

Dee pareceu angustiado. Tentei tranquilizá-lo.

— Cedo ou tarde temos de permanecer firmes ou seremos rotulados como covardes. E esse não pode ser o rótulo de uma rainha.

Será em Richmond, então. A morte daria um passo adiante e eu a cumprimentaria com cortesia. Alguém um dia me disse que a morte é mais impensável, mais hedionda quando estamos no rubor da saúde e da vida. E o arcebispo Whitgift dissera: “Não nos é concedida a graça de morrer até que venha o momento certo. É o último presente de Nosso Senhor. Não podemos reivindicá-lo antes do tempo”.

Teria ele me concedido? Eu estava pronta?

— A senhora não deve ir para a cama — disse Dee. — Enquanto ficar longe da cama, estará segura. Foi o que eu vim lhe dizer.

— Segura? — ri, embora tenha rasgado minha garganta. — Não há segurança para alguém da minha idade.

Mas a advertência ficou em minha mente. *Enquanto ficar longe da cama, estará segura.* Tinha a intenção de assistir a um culto na capela real, mas faltavam forças. Então, colocaram almofadas para mim no chão. Dava para ouvir tudo, podia ouvir a oração cantada pela minha pequena janela da varanda que dava para a capela.

Mais tarde, John Carey e Harington tentaram me levantar. Mas eu não tinha forças. Queria ficar ali.

— Querida amiga — pediu Helena —, por favor, ao menos nos deixe colocá-la na cama.

Virei-me para ela.

— Cama! Não! Ali está meu fim!

— Senhora! A cama é sua amiga — ela disse.

— Não, ela é minha inimiga. Tragam-me velas!

Eu ainda era a rainha e eles tinham que me obedecer. Trouxeram velas e colocaram-nas ao meu redor, uma cerca iluminada por finas velas de cera de abelha.

— Velas de pura cera virgem — disse, tocando a que estava mais próxima de mim. — Assim como eu. Diga-lhes. Diga-lhes. Doei-me ao meu povo e me guardei só para ele. Dediquei toda a minha vida a eles.

— Eu direi, eu direi — respondeu Helena, com o rosto contido e enrugado. Chorando. O tempo causa estragos no rosto de uma mulher. Queria dizer isso a ela, mas, de alguma forma, não conseguia falar.

O dia estava acabando. Vi o sol sumir das janelas por onde o contemplava. E então, como um sussurro, vi o primeiro deles. Meus visitantes.

Espreitando com cautela em torno da tela criada para proteger-me, vi o rosto de William Cecil. Mas ele não era o velho que vira em seu leito de morte, era, sim, o jovem sentado à minha primeira reunião do conselho no dia seguinte à minha coroação. Abriu um sorriso maroto e disse: “Bom trabalho, minha senhora, bom trabalho”.

Educadamente, deu um passo para o lado. Outro rosto espreitou-me pela tela.

— Finalmente os espanhóis comeram poeira! — era Francis Drake, com as bochechas reluzindo de tão vermelhas. — Sabia que era uma questão de tempo — ele se juntou a Cecil, permanecendo respeitosamente ao seu lado.

Vagamente outra figura surgiu em minha frente, uma visão querida. Robert Dudley. Ele veio até mim e segurou minha mão. Juro que senti o toque, senti o calor de seus dedos. Então, ele recuou.

Marjorie Norris foi a próxima, com os cabelos negros novamente, como eram quando recebera o apelido de

“Gralha”. Estava rindo, acenando para mim.

Um rosto jovem e reluzente. Um bigodinho. “*Machérie*”, sussurrou.

François.

Uma figura triste e acusadora, vestida de veludo azul. Balançou a cabeça, sacudindo a barba espessa. Robert Devereux, conde de Essex.

A figura de Grace O’Malley apareceu, com o cabelo vermelho caindo sobre o corpete. Ela sorriu para mim e disse:

— Minha adversária. Você venceu, por enquanto. Mas foi só uma batalha. Veremos. A história da Irlanda nunca terminará.

Então veio Catherine, que partira mais recentemente. Sua imagem era a mais forte de todas. Podia jurar que estava à minha frente. Ela estendeu as mãos em silêncio. Eu podia sentir o seu toque, podia senti-la puxando-me para cima. Levantei-me das almofadas.

— Vossa Majestade se levantou! — gritaram os vivos à minha volta, mais invisíveis que os mortos. — Acompanhem-na até a cama!

A cama não, não a cama. Subitamente, em meu ouvido, Robert Cecil sussurrava.

— Vossa Majestade, para a felicidade de seu povo, deve ir para a cama.

Virei-me e olhei-o fixamente.

— Homenzinho, “deve” não é uma palavra a ser usada com uma princesa — disse, recostando-me.

E assim fiquei. Ali no chão, nas almofadas, e não me submetendo às sombras, não indo para a cama. As pessoas me vigiando com ansiedade. Ainda via os entes queridos que partiram, aglomerando-se ao meu redor, esbarrando nos vivos que se reuniam em meu quarto.

— Eu não disse? Não prometi a vocês? Não quero mais viver se não puder servir ao meu povo! — gritei. Mas ninguém conseguiu ouvir. Tornei-me silenciosa e invisível.

Meu reinado havia terminado. Mantive minha promessa.

# EPÍLOGO

LETTICE

Novembro de 1633



**E**iquei tocada. Dez dos meus netos e cinco dos meus bisnetos vieram até Drayton Bassett em honra do nonagésimo aniversário de sua *grandmère*. Isso prova que o tempo concede o dom supremo da respeitabilidade a todos os canalhas. Se uma pessoa vive tempo suficiente, torna-se venerável. É uma recompensa por tudo o que se perdeu.

Vivi mais que todos os meus filhos e alguns dos meus netos. O tempo passa de forma lenta e ao mesmo tempo rápida no interior, e é difícil acreditar que outro rei sucedeu a Jaime. O suspense sobre como seria o reinado de Jaime foi resolvido rapidamente: maçante. Após o magnífico esplendor de Elizabeth, não seria fácil para ninguém, mas aquele homem desajeitado foi um contraste terrível. Não demorou muito para que as pessoas perdessem o encantamento com ele e ressuscitassem o ídolo de Elizabeth em suas mentes. A fênix realmente ressuscitara, elevando-se cada vez mais alto com o passar dos anos e com a nostalgia das pessoas, ainda mais, ou especialmente, nos que não nasceram durante seu reinado.

*Diga-me, diga-me, como ela era?* Até mesmo meus próprios netos e bisnetos importunavam-me com essas perguntas. Suspeito que não vieram aqui para o meu aniversário, e sim para ouvir uma testemunha de verdade falar sobre Elizabeth.

Houve algumas reviravoltas inesperadas de acontecimentos depois da chegada do rei Jaime. O conde de Southampton foi solto da Torre e nomeado para um cargo na corte, até mesmo, ah, que ironia, o monopólio dos vinhos doces que levaram Robert à falência. Se Robert pudesse ter esperado! Passaram-se apenas dois anos entre a sua rebelião e o fim do reinado de Elizabeth. Ele poderia ter passado aquele curto período de tempo estudando, brincando com seus filhos e, quando Jaime chegasse, tudo teria sido restaurado. Até mesmo a suavidade do tempo não consegue abrandar a ponta afiada do arrependimento quando penso nisso.

Sua viúva, Frances, que jurou a Robert Cecil que, se seu marido morresse, ela não gostaria de respirar nem mesmo por uma hora após a morte, casou-se novamente. O novo marido, *sir* Richard de Burgh, o conde de Clanricarde, tinha uma estranha semelhança com Robert. Assim como a viúva, que se casou com sete irmãos em seguida no questionamento feito a Nosso Senhor pelos saduceus, Frances parecia se casar com versões diferentes do mesmo homem: Sidney deixou sua espada e sua esposa para Robert, o sucessor de Robert parecia ser seu irmão gêmeo. Tiveram três filhos. Frances morreu no ano passado. É bem verdade, eu vivi mais que todos eles.

Alguns dos conspiradores perdoados na rebelião de Robert se envolveram no plano de assassinato mais chocante já descoberto na Inglaterra: a Conspiração da Pólvora. Tentaram acabar não só com o rei, mas com todo o Parlamento. Ninguém se feriu, pois ficaram sabendo em tempo hábil, e desta vez os conspiradores foram executados. Um certo Guy Fawkes responsabilizou-se por todo o plano, mas havia muitos mais envolvidos.

O rei Jaime não era popular e desde que ele morreu, seu filho, rei Charles I, tem se mostrado menos popular ainda, mesmo depois de vinte e dois anos no poder. Tenta governar com a vontade imperiosa de um Tudor, mas não tem o charme, a inteligência e o tato necessários. O problema está aumentando, pois o Parlamento não é a criatura dócil que foi no passado.

Minhas lembranças. O que têm elas? Mal consigo lembrar-me de Walter, meu primeiro marido. Robert Dudley também está sumindo da minha mente. Christopher é a presença mais forte, era a pessoa com quem ansiava poder conversar para que ele me explicasse o que acontecera. Will Shakespeare. Vi-o uma vez mais, na Catedral de Southwark, onde lia a epitáfio de Edmund Shakespeare, nascido em 1580, morto em 1608. Ele veio a Londres, atuou e morreu. Isso me trouxe profunda tristeza. Enquanto lia, percebi que alguém atrás de mim estava silenciosamente lendo também. Virei-me e vi Will.

— É o seu Edmund? — perguntei. Pareceu-me natural vê-lo naquele lugar e conversar com ele novamente depois de oito anos.

Ele fez um sinal positivo com a cabeça.

— Ele não devia ter vindo para Londres.

— Se você tivesse morrido jovem, teriam dito o mesmo de você — eu disse.

— Mas não tinha como não vir, independentemente do que lhe aconteceria de um jeito ou de outro

Ele me respondeu com aquele seu sorriso iluminado e profundo:

— Eu tinha que vir — disse, concordando comigo. — Nós dois tínhamos que vir. — Ele pareceu mais velho, muito mais velho quando disse: — Estou pensando em me aposentar. Mas, como sempre, quando penso em algo, penso primeiro em escrever sobre isso. O que aconteceria se um rei quisesse se aposentar?

— Muitas pessoas gostariam que nosso atual rei pensasse em fazer isso — aticei.



Ele riu e disse:

— Laetitia, permaneça sempre a mesma.

Como eu gostei de ouvir aquilo, não perguntei o que ele quis dizer. Nos anos seguintes, muitas vezes repeti para mim mesma *Laetitia, permaneça sempre a mesma* sempre que me deparava com momentos e pessoas desanimadoras.

Nunca mais voltei a vê-lo. Ele morreu oito anos depois e está sepultado em Stratford. Não visito seu túmulo. Afinal de contas, como não posso visitar o túmulo do meu filho nem o do meu último marido, não posso insultá-los visitando o de Will.

Devaneio. O passado sempre encontra uma forma de ressurgir e prender minha atenção, especialmente com tantas situações vividas.

— Bisa, conte-nos sobre Elizabeth — disse Henry Seymour, de sete anos. Como suspeitei que fosse pedir.

— Ela usava mesmo armadura e liderava tropas? — perguntou Susannah Rich, balançando seus cachinhos.

— Não, sua tola! — contestou o irmão Robert. — Todos sabem que ela conduzia navios e afundou a Armada.

Coloquei meus braços em torno deles.

— Não foi bem assim — comecei a explicar. — Sabe, era uma vez uma princesa de cabelos ruivos...

— Como você? — riu Susannah. — Como eu?

— Parecida conosco — falei. — Afinal de contas, somos primas dela. Essa princesa virou rainha e foi uma rainha notável. Mas não conduzia navios nem usava armadura.

— Ah! — exclamou Robert, expressando decepção.

— Mas ela fez algo melhor que isso. Fez seu povo sentir como se todos estivessem usando armadura e conduzindo navios. Apenas uma rainha muito especial consegue fazer isso. Não é fácil, sabiam? É preciso um pouco de magia. — Olhei para eles e indaguei: — Estão entendendo?

Pareciam confusos. Henry balançou a cabeça negativamente.

— Vocês entenderão, minhas crianças. Vocês entenderão.

# POSFÁCIO



**E**lizabeth Tudor, a Rainha Virgem, é a mulher do mistério supremo. É seguro dizer que ninguém sabia, ninguém sabe e ninguém saberá exatamente o que se passava em sua mente, e ela queria que fosse assim. Isso não impediu as pessoas de tentar, por mais de 400 anos, decifrar esse mistério. “O que Sua Majestade determinará ser feito só Deus sabe”, disse William Cecil, seu primeiro-secretário. Um mestre das manobras da próxima geração, *sir* Dudley Digges, escreveu: “Em relação ao que se passava em sua mente, o que quer que realmente fosse, devo deixar como uma coisa duplamente inescrutável, tanto em relação à mulher quanto à rainha”. Ela disse a famosa frase: “Não abrirei janelas para as almas dos homens”, e isso serve mais como um alerta às pessoas sobre quem ela realmente era do que reflete sua tolerância religiosa, como geralmente se supõe.

A história colabora para que esconda sua verdadeira personalidade. Quase não temos as cartas particulares dela, nenhum diário, nenhuma lembrança. Os poemas atribuídos a ela são de autenticidade duvidosa. Ela também é um mistério por causa das contradições flagrantes em seu comportamento. Ela era a Rainha Virgem que encorajava a sedução (até certo ponto) e todos os sinais externos de

amor arrebatador. Seu lema era “*Semper eadem*”, “Sempre a mesma”, e ainda assim era famosa por mudar de ideias várias vezes sobre a mesma decisão. Era conhecida por chamar de volta seus marinheiros depois de já terem zarpado. Sua imagem é a de liderança e determinação, mas ela gostava de deixar “perguntas sem resposta”. Era exigente, odiava o cheiro do couro perfumado e mau hálito, mas xingava e cuspiam. Era mesquinha, mas adorava joias. Exercia rígido controle sobre sua imagem pública, permitindo apenas que retratos aprovados fossem divulgados ao público, aqueles que apresentaram uma aparência bastante diferente da verdadeira, senão se irritava e fazia uma grande confusão. “Quando ela sorria, era a puro brilho do sol, do qual todos gostavam de desfrutar, se pudessem, mas logo vinha uma tempestade formada por nuvens súbitas e o trovão caía de forma maravilhosa sobre todos” escreveu John Harington.

A única característica consistente durante toda a sua vida fora a excelente capacidade de julgar o caráter e selecionar exatamente as pessoas certas para servir-lhe, obtendo assim o máximo dos variados talentos que a rodeavam. Manteve os mesmos ministros durante seu reinado. E, como ela ouvia os sábios conselheiros, de certa forma, seu reinado foi de colaboração. Mas aqui há novamente uma contradição, pois ela, como todos os membros da casa Tudor, tinha um senso de soberania que não a permitia ser questionada. Ao mesmo tempo, ela foi, de muitas maneiras, a “rainha do povo” e declarou-se casada com a Inglaterra. Parecia não ter ilusões sobre suas próprias limitações como ser humano e tinha herdado a sensibilidade do pai em relação ao povo sem nunca abandonar sua soberania, um equilíbrio difícil.

Embora Gloriana, a Rainha das Fadas, seja eterna, cada era a definiu de acordo com as próprias necessidades. Após a morte de Elizabeth, as pessoas rapidamente se cansaram da família Stuart, lembrando de seu reinado como uma era de ouro, comemorando incisivamente seu Dia de Ascensão

em 17 de novembro no século XVIII. Fervorosamente celebravam-na como uma heroína protestante. No século seguinte, o fervor anticatólico havia esmorecido e estavam mais interessados em Elizabeth a mulher, sua vida privada e suas paixões (reprimidas). Viram a tragédia do amor não vivido, o sofrimento por dentro da mulher que usava belos vestidos adornados com joias. No século XIX, quando a Inglaterra se transformou no Império Britânico, Elizabeth era denominada a Boa Rainha Bess, a personificação da Inglaterra Feliz (junto com seu pai, o Falso Rei Hal).

Os vitorianos viam-na como a fundadora da grandeza da Inglaterra e de sua proeza naval, com empresas comerciais inglesas e explorações de locais exóticos. Ela e seus “lobos do mar” aventureiros forneceram modelos positivos para novos personagens da literatura infantil.

Mais recentemente, Elizabeth tem sido vista como uma ultrabem-sucedida diretora de empresa do sexo feminino (ou heroína de filmes de ação, faça a sua escolha), bem como a maior celebridade inglesa numa era fascinada pelo mística das celebridades, do ser famoso por ser famoso. A forma como é retratada, com saias rodadas, cordões de pérolas, golas altas, é imediatamente reconhecível como um ícone em todos os lugares. De fato, seu reconhecimento comercial é tal que faz qualquer concorrente chorar de inveja. Assim, o retrato que diz *Eliza Triumphans*<sup>28</sup> continua a exercer seu poder sobre nós.

Apesar de minha tentativa de, como sempre, ser fiel aos fatos históricos, algumas coisas vêm da minha imaginação, mas geralmente também têm bases históricas. Quero que algumas sejam destacadas aqui para você. Primeiro, as Armadas espanholas. A história centra-se na primeira e mais importante, a Armada de 1588. Mas houve pelo menos três outras depois dessa. Assim como no livro, por algum motivo (geralmente o tempo), elas não atingiram o seu objetivo. Entretanto, trouxeram muita preocupação à Inglaterra, seu alvo. No momento da morte de Elizabeth, em 1603, os dois lados tinham se cansado da luta e um acordo

de paz ocorreu no ano seguinte, 1604. Assim, a famosa primeira Armada, o confronto que se tornou um mito nacional, marcou o início da guerra, e não o fim.

Em seguida, Lettice Knollys, prima de Elizabeth. A animosidade de Elizabeth em relação a ela começou quando, durante uma das brigas de Elizabeth e Robert Dudley em 1565, muito antes do período que este livro retrata, Lettice começou a flertar com ele. Dudley, que nunca deixava passar uma oportunidade, tornou-se seu amante. A enfurecida Elizabeth cortou relações com Lettice, mas perdoou Dudley. Lettice tinha muito em comum com Elizabeth, e isso fez com que a rivalidade fosse mais acentuada. Ambas imaginavam-se irresistíveis aos homens, ambas eram convencidas e apaixonadas, ambas eram impiedosas. Mas Elizabeth, sendo a rainha, poderia anular Lettice sempre que quisesse. A animosidade entre as duas passou para a geração seguinte, para o filho de Lettice e Robert Devereux, o conde de Essex.

Em sua época, Lettice era tida como conspiradora, alpinista social, compartilhando a reputação de Dudley de envenenador. Seus vários filhos e netos tiveram papéis ativos no reinado seguinte e depois na Guerra Civil, lutando em ambos os lados do conflito. Seu bisneto, Gervase Clifton, compôs o seguinte epitáfio para ela: “Em seus anos de juventude foi páreo para dois grandes ícones ingleses, ela que trouxe trovões às guerras e estrelas à corte”. Ela se isolou em Drayton Bassett e lá a *ex-femme fatale* se redimiou trabalhando em obras de caridade. Morreu aos noventa e um anos de idade, em 1634. Ela tem muitos descendentes famosos, incluindo Diana, princesa de Gales, de quem o fascínio permanece intacto.

Vários dos homens envolvidos na rebelião de Essex foram apanhados mais tarde na Conspiração da Pólvora, de 1605. O líder, Guy Fawkes, realmente serviu na casa de *sir* Anthony Browne em 1590. No entanto, o episódio em que Elizabeth o encontra e dança com ele foi inventado por mim, embora ela possa muito bem ter feito isso.

Realmente existiu um Velho Thomas Parr que viveu perto de Shrewsbury. Ele está enterrado na Abadia de Westminster e sua lápide diz que nasceu em 1483 e viveu ao longo dos reinados de dez monarcas, de Eduardo IV até Carlos I. Ele morreu em 1635, quando foi levado à corte para conhecer Carlos I. A mudança na dieta e no ambiente foi demais para ele aos 152 anos. O episódio em que Elizabeth e o conde de Essex o visitam é fictício, assim como é também fictícia a estada com os parentes de Devereux e da afilhada de Elizabeth Eurwen. No entanto, Elizabeth tinha realmente mais de cem afilhados, e eu quis mostrar sua habilidade especial de se relacionar com eles. Normalmente, eram apresentados a ela e pensei em mostrá-la pessoalmente escolhendo um afilhado.

Shakespeare realmente teve um irmão mais novo, Edmund, que veio a Londres para ser ator e morreu jovem.

Depois da morte de Elizabeth, Francis Bacon recebeu honras na corte Stuart, tornando-se visconde de St. Albans e lorde conselheiro. Mas ele teve o poder destituído ao ser acusado de corrupção e recebimento de propina. Relata-se que morreu por causa de sua própria curiosidade durante um experimento científico em que usava neve para conservar a carne, pegando um resfriado que se transformou em pneumonia e o levou à morte, uma morte estranha para uma personalidade como a dele.

Frances Walsingham teve uma vida inesperada depois da morte de Robert Devereux, o conde de Essex. Ela se casou novamente em dois anos com *sir* Richard de Burgh, o conde de Clanricarde, um homem que se parecia com o conde de Essex. De forma surpreendente, ela se converteu ao catolicismo. Pode-se imaginar seu pai leal e protestante revirando-se no túmulo diante dos acontecimentos.

Houve muita especulação sobre Christopher Marlowe e suas atividades de espionagem. Será que ele teria sido assassinado para que se calasse? Parece que a simples explicação de ter sido “morto em uma briga de taverna” está longe de ser verdade. Mas, mesmo após quatro

séculos, a impressão que se tem é que nunca saberemos a verdade. Aparentemente, Christopher Blount estava envolvido, ao menos parcialmente, em algum tipo de espionagem, especialmente na época da Conspiração de Babington, em 1586, envolvendo Maria, a rainha dos escoceses.

Permiti-me uma manobra em alguns eventos do calendário. A fuga do padre jesuíta John Gerard da Torre (que realmente ocorreu na forma de valentia como é descrito no livro) aconteceu em outubro de 1597, alguns meses mais tarde do que o descrito no livro. A poesia de John Donne não foi publicada em vida. Ninguém sabe o que Shakespeare disse no funeral de Edmund Spenser, então usei uma passagem do funeral de *Cimbelino*. É verdade que os poetas jogaram suas penas e, possivelmente, seus escritos na sepultura. Em 1938, o túmulo foi aberto na esperança de encontrá-los (e, possivelmente, uma obra desconhecida de Shakespeare), mas a tentativa terminou em fracasso. Houve realmente um “travesseiro negro da morte” em Ely, feito por uma freira e transmitido ao longo dos séculos, utilizado para facilitar a passagem entre a vida e a morte. Foi queimado em 1902 pelo filho da última mulher que o possuiu. No livro, dei a entender que estava de posse do bispo de Ely, que tinha uma casa em Londres. Catherine Carey, pedindo por ele em seu leito de morte, foi ideia minha.

Muitos livros foram escritos sobre Elizabeth I e seu reinado, mas só posso listar os que pessoalmente achei útil ao escrever esta obra.

Consultei inúmeras vezes determinadas biografias de Elizabeth. *Queen Elizabeth I*, de J. E. Neale (Grã-Bretanha: Jonathan Cape, 1934), é a avó de todas as biografias básicas, elegantes: concisa e definitiva. Algumas mais modernas são *The life of Elizabeth I*, de Alison Weir (Londres: Jonathan Cape, 1998), *Elizabeth Regina*, de Alison Plowden (Londres: Macmillan, 1980), *Elizabeth: a study of power and intellect*, de Paul Johnson (Londres: Weidenfeld&

Nicolson, 1988), e *Elizabeth Tudor: portrait of a queen*, de Lacey Baldwin Smith (Londres: Hutchinson, 1976). Os editores Leah S. Marcus, Janel Mueller e Mary Beth Rose, em *Elizabeth I: collected works* (Chicago: University of Chicago Press, 2000) permitem que Elizabeth fale com suas próprias palavras.

Dentre os livros com uma abordagem mais ampla, abrangendo a era, estão os muito úteis *A history of England: from the defeat of the Armada to the death of Elizabeth*, volumes 1 e 2 (Londres: Longman, Green, and Company, 1914 e 1926), de Edward P. Cheney. Embora tenha quase cem anos, há detalhes que faltam em narrativas mais recentes que favorecem uma análise mais completa. Outros são *Elizabeth I: war and politics 1588-1603*, de Wallace T. MacCaffrey (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992), e *New worlds, lost worlds: the rule of the Tudors, 1485-1603*, de Susan Brigden (Londres: Penguin Press, 2000). *The reign of Elizabeth I: court and culture in the last decade*, do editor John Guy (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), e *Elizabeth and her Parliaments*, vol. 1, 1559-1581 e vol. 2, 1584-1601, de J. E. Neale (New York: St. Martin's Press, 1958), ilustram bem. Há também *The Elizabethan World*, de Lacey Baldwin Smith (Boston: Houghton Mifflin, 1966), que capta o espírito exuberante da era.

Os *Folger guides to the age of Shakespeare*, uma série de folhetos, possuem muitos assuntos. *The A to Z of elizabethan London*, de Adrian Prockter e Robert Taylor (Londres: Londres Topographical Society, 1979), permitiu-me caminhar pelas ruas da Londres elisabetana como se estivesse lá. Outros livros que levam você a Londres são *Elizabeth's London*, de Liza Picard (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2003), e o adorável *Riverside gardens of Thomas More's London*, de C. Paul Christianson (Londres: Yale University Press, 2005). *The cult of Elizabeth: elizabethan portraiture and pageantry*, de Roy Strong (Londres: Thames and Hudson, 1977), é um estudo pioneiro sobre a evolução do simbolismo no retrato da rainha.



Mais especificamente, os palácios e lugares são descritos nos seguintes livros. Sobre Hampton Court há três: *Hampton Court: the palace and the people*, de Roy Nash (Londres: Macdonald, 1983), *Hampton Court*, de R. J. Minney (New York: Coward, McCann & Geoghegan, 1972), e *Hampton Court*, de Walter Jerrold (Londres: Blackie and Son, sem data). O último é bem antigo e tem aquarelas encantadoras de E. W. Haslehurst. *Palaces and progresses of Elizabeth I*, de Ian Dunlop (Londres: Jonathan Cape, 1962), fornece muitos detalhes de arquitetura e das localizações. *Entertaining Elizabeth I: the progresses and great houses of her time*, de June Osborne (Great Britain: Bishopsgate Press, 1989), traz informações adicionais.

Livros que falam sobre as personalidades marcantes da época incluem *The queen's conjurer*, de Benjamin Woolley (New York: Henry Holt, 2002), uma biografia de John Dee, o astrólogo de Elizabeth; *Robert, earl of Essex: an elizabethan Icarus*, de Robert Lacey (Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1971), e *Sir Walter Raleigh*, de Robert Lacey (Londres: History Book Club, 1973). Os *Complete essays*, de Francis Bacon (New York: Dover Publications, 2008), nos permitem ver em primeira mão sua inteligência fascinante e as observações sobre a vida, tão relevantes hoje como quando foram escritas. *All the queen's men: Elizabeth I and her courtiers*, de Neville Williams (Londres: Weidenfeld & Nicholson, 1972), tem uma boa visão geral e inclui retratos de muitas pessoas, permitindo visualizá-los mais facilmente. *Treason in Tudor England: politics and paranoia*, de Lacey Baldwin Smith (Londres: Jonathan Cape, 1986), traz luz à profunda escuridão, que é estranha para nós, da mente da era Tudor. Por fim, para detalhes sobre a vida pessoal e situações dos homens que faziam parte da Câmara dos Comuns, há *The House of Commons 1558-1603*, 3 volumes, de P. W. Hasler (Londres: Her Majesty's Stationery Office, 1981). Esta série foi encomendada pela History of Parliament Trust.

Lettice Knollys merece uma biografia e, sem dúvida, aparecerá alguma em breve, pois sua história é importante e absorvente. No momento, um romance de Victoria Holt, *My enemy the queen* (New York: Doubleday, 1978), preenche o vazio.

Livros sobre as mulheres que serviram Elizabeth incluem a recém-publicada biografia *Mistress Blanche, queen Elizabeth's confidante*, de Ruth Elizabeth Richardson (Great Britain: Logaston Press, 2007), juntamente com *Ladies in waiting*, de Dulcie M. Ashdown (Londres: Arthur Barker, 1976), e *Ladies in waiting: from the Tudors to the present day*, de Anne Somerset (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1984).

Livros sobre Shakespeare há muitos. Considero *A year in the life of William Shakespeare: 1599*, de James Shapiro (New York: HarperCollins, 2005), *The lodger*, de Charles Nicholl (New York: Viking Penguin, 2008), e *Will in the world*, de Stephen Greenblatt (New York: W. W. Norton, 2004), muito bons por me fazerem lembrar que Shakespeare foi um homem antes de se transformar no Bardo.

Estadistas merecem seus próprios estudos e *Mr. secretary Cecil and queen Elizabeth* (Londres: Jonathan Cape, 1955) e *Lord Burghley and queen Elizabeth* (Londres: Jonathan Cape, 1960), de Conyers Read, descrevem esse grande homem com riqueza de detalhes.

Estudos sobre a Armada foram submetidos à nova popularidade. A análise original do que aconteceu foi do brilhante *The Armada* (Boston: Houghton Mifflin, 1959), de Garrett Mattingly. Mas obras mais recentes trazem ainda mais detalhes, tais como *Armada*, de Patrick Williams (Grã-Bretanha: History Press, 2000), *Armada 1588: the Spanish assault on England*, de John Barratt (Great Britain: Pen & Sword Military, 2005), e *The confident hope of a miracle: the true history of the Spanish Armada*, de Neil Hanson (New York: Knopf, 2003). O último apresenta um ponto de vista negativo dos ingleses, principalmente de Elizabeth.

As pessoas são fascinadas por espionagem no período elisabetano. Creio que *Her Majesty's spymaster: Elizabeth I, sir Francis Walsingham, and the birth of modern espionage*, de Stephen Budiansky (New York: Viking Penguin, 2005), *The elizabethan secret services*, de Alan Haynes (Great Britain: Sutton, 1992), e *The reckoning: the murder of Christopher Marlowe*, de Charles Nicholl (Londres: Jonathan Cape, 1992) foram muito instrutivos.

Por fim, há livros que analisam a percepção de Elizabeth no decorrer dos tempos. Esses livros sociológicos/de cultura popular nos lembram que a história não é algo estático, mas em constante mudança, ou pelo menos a interpretação que se faz da história muda conforme a mentalidade da sociedade também muda. A obra *England's Elizabeth: an afterlife in fame and fantasy*, de Michael Dobson e Nicola J. Watson's (Oxford: Oxford University Press, 2002), é especialmente recomendada.

## LEIA TAMBÉM, DA MESMA AUTORA



### HELENA DE TROIA

A história da mais lendária guerra de todos os tempos, travada entre gregos e troianos cerca de 1.200 a. C., é contada agora pela própria Helena, a mulher cujo rosto teve a reputação de “lançar ao mar mil navios” para os combates. O público feminino vai adorar este “novo olhar” e o masculino vai se arrebatrar com os atos heroicos vividos por Heitor, Aquiles, Ulisses, Príamo, Clitemnestra, Agamêmnon e Páris, entre tantos outros personagens lendários. Impossível não se apaixonar por Helena, entrar em seus sonhos, vivenciar seus desprazeres e imaginar detalhadamente os tempos históricos em que ela viveu.

### MARIA MADALENA

Um romance ambicioso e envolvente: a história de Maria Madalena, a mulher que amou Jesus e tornou-se a mais tocante companheira do Mestre. Mas quem teria sido de fato esta mulher? Uma prostituta?

Uma divindade feminina? Uma liderança da Igreja? Embora as referências bíblicas a Maria Madalena sejam surpreendentemente poucas, ela continua provocando controvérsia e veneração. Sabe-se mais sobre ela que sobre



a maioria dos discípulos de Cristo, e até hoje ela é reverenciada como a “Apóstola dos Apóstolos”.

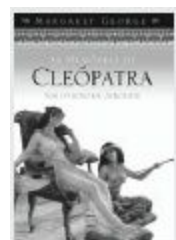
## Coleção As memórias de Cleópatra

### A FILHA DE ÍSIS

**U**ma história de poder, paixão e glória: a tragédia de Cleópatra, rainha do Egito, que se tornou amante de Júlio César e de Marco Antônio e viveu um dos mais apaixonantes dramas da História antiga. Num ritmo alucinante, a escritora revive cenários e personagens em Roma e Alexandria, prendendo o leitor do início ao fim.



### SOB O SIGNO DE AFRODITE



**N**o auge de sua beleza e poder, Cleópatra inicia um dos mais famosos casos de amor da história com o general romano Marco Antônio. Juntos, eles imaginam um novo império, ligando o Ocidente e o Oriente. Mas as forças de Roma, ultrajadas e temerosas, se unem contra os dois. Cleópatra e Marco Antônio precisam então lutar para manter o Egito livre e defender o sonho do novo império.

### O BEIJO DA SERPENTE

**E**m um esforço heroico para manter seu amor e seu império intactos, Marco Antônio e Cleópatra levantam um exército e uma armada de proporções colossais contra o inimigo romano, Otávio. Depois da batalha de Accio e da derrota humilhante, os dois retornam ao Egito, onde vivem seus últimos dias e asseguram a vitória sobre Otávio, roubando-lhe a conquista absoluta com que ele tanto sonhou.



**Disponível também em caixa especial reunindo os 3**

**volumes**



***GERAÇÃO***



***EDITORIAL***

Powered by



- 1 Alusão à Peregrinação da Graça, uma manifestação ocorrida em 1536 na Inglaterra como forma de protestar contra o rompimento com a Igreja Católica e a Dissolução dos Mosteiros. (N. da R.)



2 Navio não tripulado de uma única vela, carregado de explosivos e substâncias inflamáveis, que é levado pelo vento em direção ao adversário, causando sérios danos na estrutura do casco do navio. (N. da R.)

3 Referência ao Sacro Império Romano. (N. da R.)

4 Filha do lobo. (N. da T.)

5 Cavalo de passeio. (N. da T.)

6 Ordem da cavalaria britânica, a mais antiga da Inglaterra e do sistema de honrarias britânico. (N. da R.)

7 Na Roma Antiga, eram designadas por Virgens Vestais as assistentes da deusa romana Vesta. Essas mulheres gozavam de uma situação social respeitável na sociedade e deviam manter-se castas, sob o risco de sofrerem punições (inclusive mortais). (N. da R.)

## 8 Facção francesa do Protestantismo. (N. da R.)

9 Para bom entendedor, meia palavra basta. (N. da R.)



10 Uma pequena caveira para nos lembrarmos que somos mortais. (N. da T.)

11 15 de julho é Dia de São Swithin, santo saxão que previne a seca. (N. da T.)

12 Rei de Pilos, o mais velho dos príncipes gregos que sitiaram Troia. (N. da R.)

13 *Nonsuch*: inigualável. (N. da T.)

14 Isabel e Elizabeth são o mesmo nome. (N. do E.)

15 Saudação entre piratas, significa “olá”. (N. da R.)

16 Em português é chamado de tatu-bola. (N. da R.)

17 *Bearbaiting*: esporte medieval que consistia na colocação de cães mastins contra ursos para que brigassem. (N. da T.)



18 Virginal: é um instrumento musical de cordas, da família do cravo. (N. da T.)

19 Cordial: bebida alcoólica. (N. da T.)

20 Tribunal formado por membros do Conselho Privado. (N. da R.)

21 *Orangerie*: do francês *orange*, laranja. Era uma estrutura de jardim que teve as suas origens no Renascimento italiano. Arcadas sob as quais se plantavam laranjeiras que ficavam protegidas do frio do inverno. (N. da T.)

22 A beladona (*Atropa belladonna*) é uma planta pertencente ao gênero *Atropa*, nativa da Europa, é uma das plantas mais tóxicas encontradas no hemisfério ocidental. A ingestão de apenas uma folha pode ser fatal a um adulto. (N. da T.)

23 Planta medicinal utilizada como antitérmico. (N. da R.).

24 Sobremesa inglesa tipo pudim. (N. da T.)

25 Bebida feita com leite quente coalhado e cerveja ou vinho. (N. da R.)



26 Crocus: a flor que produz o açafrão. (N. da T.).

27 Supremo magistrado das antigas repúblicas de Veneza e Gênova. (N. da R.)

28 William Rogers entalhou a frase no retrato oficial da rainha para celebrar o triunfo sobre a Espanha. (N. da R.)

A verdadeira história de Maria Madalena e Jesus Cristo



# MARIA MADALENA

MARGARET GEORGE



# Maria Madalena

George, Margaret

9788581301433

664 páginas

[Compre agora e leia](#)

Margaret George apresenta-nos agora seu romance mais ambicioso e envolvente: a história de Maria Madalena, a mulher que amou Jesus e tornou-se a mais tocante companheira dos discípulos do mestre. Mas quem teria sido de fato esta mulher? Uma prostituta? Uma divindade feminina? Uma liderança da Igreja? Ou tudo isso? Embora as referências bíblicas a Maria Madalena sejam surpreendentemente poucas, ela continua provocando controvérsia, curiosidade e veneração. Conhece-se mais sobre ela do que sobre a maioria dos discípulos de Cristo e até hoje ela é reverenciada como a "Apóstola dos Apóstolos". Margaret George, notável por suas brilhantes pesquisas históricas e sua criatividade, recria com vigor a história de

Madalena e sua época, nos primeiros anos do primeiro milênio cristão. Ela começa com a infância e adolescência de uma menina comum, seus sonhos, suas visões, seu erotismo, seu encontro com Jesus — um dos maiores personagens do livro, também recriado magistralmente — e termina, de forma dramática, com a descrição de uma impressionante transformação espiritual.

[Compre agora e leia](#)



C. G. SWEETING

# O PILOTO DE HITLER



A VIDA E A ÉPOCA DE HANS BAUR



# O Piloto de Hitler

Sweeting, C.G.

9788581301457

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que faltava sobre as duas guerras mundiais e o inferno do nazismo. C. G. Sweeting resgata nas páginas deste O piloto de Hitler o testemunho privilegiado de um homem fiel ao ditador alemão mesmo depois dos dez anos de sofrimento em masmorras e campos de prisioneiros da União Soviética. Hans Baur era a sombra de Hitler no ar. Amava o Führer e os aviões. Tudo sobre os horrores da guerra está aqui.

[Compre agora e leia](#)





Daniela Arbex



# HOLOCAUSTO BRASILEIRO

GENOCÍDIO: 60 MIL  
MORTOS NO MAIOR  
HOSPÍCIO DO BRASIL

Preço de ELIANE BRUM

70 MIL  
EXEMPLARES  
VENDIDOS



# Holocausto Brasileiro

Arbex, Daniela

9788581301563

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante décadas, milhares de pacientes foram internados à força, sem diagnóstico de doença mental, num enorme hospício na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Ali foram torturados, violentados e mortos sem que ninguém se importasse com seu destino. Eram apenas epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, meninas grávidas pelos patrões, mulheres confinadas pelos maridos, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento. Ninguém ouvia seus gritos. Jornalistas famosos, nos anos 60 e 70, fizeram reportagens denunciando os maus tratos. Nenhum deles — como faz agora Daniela Arbex — conseguiu contar a história completa. O que se praticou no Hospício de Barbacena foi um genocídio, com 60 mil mortes. Um

holocausto praticado pelo Estado, com a conivência de médicos, funcionários e da população.

[Compre agora e leia](#)

SUN  
TZU 知

A ARTE DA  
GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS ORIGINAIS



# A Arte da guerra

Tzu, Sun

9788581301389

160 páginas

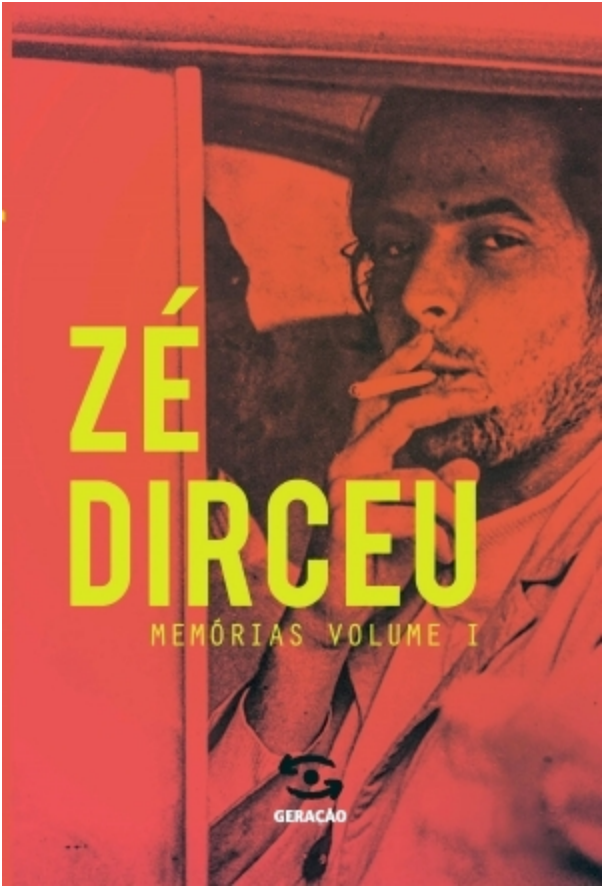
[Compre agora e leia](#)

O maior tratado de guerra de todos os tempos em sua versão completa em português. A Arte da Guerra é sem dúvida a Bíblia da estratégia, sendo hoje utilizada amplamente no mundo dos negócios, conquistando pessoas e mercados. Não nos surpreende vê-la citada em filmes como Wall Street (Oliver Stone, 1990) e constantemente aplicada para solucionar os mais recentes conflitos do nosso dia-a-dia. Conheça um dos maiores ícones da estratégia dos últimos 2500 anos. Sunzi disse: "A guerra se baseia no engano, se faz pelo ganho e se adapta pela divisão e combinação." "Tal como a água procura as profundezas e evita os cumes, um exército ataca o vazio e evita o cheio. A água se move de acordo com a terra; um exército se

movimenta de acordo com o inimigo."

"Quando o general é fraco, sem autoridade junto aos soldados, suas regras são confusas e sua moral é baixa, o exército é confuso."

[Compre agora e leia](#)



# Zé Dirceu

Dirceu, Zé

9788581304113

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitos escreveram sobre José Dirceu, com mais erros do que acertos. Com tempo, na prisão, ele mesmo escreveu a fascinante história de sua vida. Os bastidores inéditos de sua militância estudantil nos anos 1960, o exílio e o treinamento para ser guerrilheiro em Cuba, a cirurgia plástica que mudou seu rosto, a vida clandestina no Brasil nos anos 1970, a volta à legalidade com a anistia, em 1979, e sua ascensão no Partido dos Trabalhadores, onde se tornou presidente e maior responsável pela eleição de Lula à presidência da República. Pela primeira vez ele revela segredos dos bastidores da luta política dentro do PT e do próprio governo, onde foi chefe da Casa Civil e provável sucessor de Lula, até ser abatido pelas denúncias do chamado



"Mensalão". No primeiro volume de suas "Memórias" – outro virá, com novas revelações – ele expõe o que jamais foi dito sobre sua vida e sobre os principais líderes da política brasileira nos últimos 50 anos. Um livro imprescindível para se entender como foi a luta contra a ditadura militar, a redemocratização, a derrubada do presidente Fernando Collor, a oposição aos governos de Fernando Henrique Cardoso, a eleição de Lula e Dilma e o atual momento político do país.

[Compre agora e leia](#)